

José Francisco Preto Meirinhos

Pedro Hispano (século XIII)

Vol. II

... ET MULTA SCRIPSIT

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2002

José Francisco Preto Meirinhos

Pedro Hispano (século XIII)

Vol. II

... ET MULTA SCRIPSIT

Tese de doutoramento em Filosofia
Medieval apresentada à Faculdade
de Letras da Universidade do Porto,
sob a orientação da Prof.^a Doutora
Maria Cândida Pacheco.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Porto 2002

Autor: José Francisco Preto Meirinhos

Título: *Pedro Hispano (século XIII)*. Vol. II: ... *et multa scripsit* Impressão: Oficina Gráfica
da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Última revisão: Agosto-Setembro 2002.

Zildae filiisque nostris

Petrus episcopus Tusculanus, patri Ulixbonensis (...).

In medicinis et philosophia doctissimus erat

et multa scripsit.

IOHANNES TRITHEMIUS (1462-1516)

Chronicon insigne Monasterii Hirsaugiensis

Basileae, s.d. [1559], p. 255.

Tábua geral

Antelóquio. Pedro Hispano e as diversidades rebeldes	5
I. Panorama sobre a atribuição de obras a Pedro Hispano.....	33
Cap. 1. Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano	34
Cap. 2. As lições dos manuscritos.....	87
II. Há um <i>corpus</i> petrínico ?	191
1. Lógica.....	195
2. Filosofia natural	221
3. Zoologia	245
4. Teologia e apologética	253
5. Medicina.....	269
6. Alquimia e astrologia	301
7. Cartas e bulas pontifícias de João XXI	307
8. Outras obras	307
»» 50 obras (e mais algumas) em busca de autor.....	312
III. Metafísica do homem	315
Cap. 1 Ciência da alma, ciência do homem	318
Cap. 2 A natureza humana	355
Cap. 3 O homem microcosmo na <i>Scientia libri de anima</i> : uma antropologia situada.....	518
Conclusões.....	537
Bibliografia	549
Índices.....	641

Nota sobre as citações

Todos os textos são citados na língua original, aparte raras excepções. As obras consultadas em tradução também são citadas na língua em que foram consultadas. Os itálicos nas citações, excepto quando assinalado, correspondem ao original. Os termos gregos ou árabes a usar serão sempre transliterados, sem vocalizações, por razões informáticas.

As obras de autores antigos e medievais são citadas remetendo para as páginas das edições de referência (Platão e Aristóteles), ou para a edição citada, mencionando página e linhas.

Nas notas, em geral, omite-se a colecção, casa editora, ou outros elementos menos relevantes para a identificação das obras, referências essas que se encontram na bibliografia final.

Antelóquio. Pedro Hispano e as diversidades rebeldes

Parecem hoje ultrapassadas as tentativas de reduzir o pensamento medieval a uma pretensa unidade de doutrina e mais ainda a tomar este período como uma espécie de suspensão ou interregno histórico da filosofia. Paul Vignaux, querendo mostrar os limites de fórmulas unificadoras na apresentação do pensamento medieval¹, propõe metodologia mais adequada à evidenciação da polimorfia que atravessa a Idade Média intelectual: «O historiador que recebeu uma formação filosófica deve rezear unificar em demasia, sistematizar, deve permitir que as diversidades rebeldes se revelem. Além disso, durante a sua exposição não deve dar a impressão de que dispõe de uma certeza homogênea².» O conceito que aqui se forja tem um alcance programático, que, como todo o bom programa, sobrepõe o alvo a percutir e o novo rumo a seguir: desalojar um certo tomasianocentrismo, dissolvendo a imagem corrente de uma Idade Média uniforme e dominada por determinadas posições doutrinárias ou para elas tendendo inexoravelmente. De facto, a frequência de um leque mais alargado de autores, a recuperação de textos até aí negligenciados, o agenciamento das práticas intelectuais nos seus contextos institucionais e político, mostram que o pensamento na Idade Média não é monótono e teleológico como a tradição o vinha interpretando. A própria historiografia desde finais do século XIX lentamente recuperara a real diversidade de um período demasiado longo da história para ser subsumido numa fórmula que revelasse “a sua essência”³, período durante o qual, afinal, de tudo acontece. Estas constatações acabam

¹ Paul Vignaux referia-se em concreto à expressão «humanismo medieval» que ele próprio sugerira na primeira edição da obra como podendo, sob certas condições, reflectir o fulcro da sua própria leitura da «Idade Média intelectual», cfr. P. VIGNAUX: *A Filosofia na Idade Média*, Lisboa 1994, p. 53. Sobre a aplicação à Idade Média dos conceitos de renascimento e humanismo, veja-se mais à frente.

² P. VIGNAUX: *A Filosofia na Idade Média*, ed. cit., p. 53.

³ Desde “pensamento escolástico” a “filosofia cristã”, ou “filosofia do período cristão”, com se verá em alguns dos títulos a seguir citados, têm sido várias as tentativas de unificação, que revelam mais das convicções dos seus autores e partidários, que da própria época e pensamento que procuram descrever e rapidamente perdem operatividade quando se constata que deixam sempre de fora algo daquilo que querem descrever.

por minar a visão da filosofia medieval como irresistivelmente orientada desde o seu início para a constituição da uma síntese realizada com o pensamento de Tomás de Aquino⁴. Na sua linearidade este modelo servia também para explicar como esse período sofrera um movimento de decadência durante a escolástica universitária dos séculos XIV-XVI, por acção dos críticos ou dos que propunham teorias que desafiavam aquele pensamento⁵. Diga-se que a superação desta visão teleológica da história, com uma linha ascendente que após atingir o cume deriva numa outra de decadência, contou também com a colaboração de alguns dos seus mais eminentes promotores, como Martin Grabmann⁶, Étienne Gilson⁷ ou Fernand van Steenberghen⁸, cujas histórias da filosofia medieval, apesar da centralidade nelas ocupado por Tomás de Aquino, diversamente interpretado é certo, traziam à consideração um conjunto de autores e problemas descobertos em textos inéditos e géneros de textos antes pouco valorizados, os quais escapavam a essa visão unificadora e revelavam uma riqueza de posições e uma dispersão disciplinar em contraste com aquela visão finalista da história do pensamento.

À fadiga desse modelo interpretativo, que pressupunha a existência de categorias intelectuais trans-históricas cristalizadas numa *philosophia perennis*, contrapõe-se a paciente e revigorada abertura dos estudos sobre filosofia medieval à publicação e ao estudo de fontes impropriamente chamadas menores, mas sobretudo a convicção sobre a historicidade do pensamento durante a Idade Média, que não prescinde de compreender a sua ancoragem numa sociedade, numa cultura, nas práticas materiais e intelectuais e num tempo precisos que o condicionam⁹. Uma metodologia de crivo fino, isto é, que possa detectar o máximo de

⁴ No auge do neotomismo alguns autores menos atentos a impossibilidades cronológicas e a pormenores doutrinários, chegaram a fazer de Pedro Hispano um seguidor de Tomás de Aquino; sobre a questão cfr. J. FERREIRA «Temas de cultura filosófica portuguesa. Sobre a posição doutrinária de Pedro Hispano», *Colectânea de Estudos* 5/1 (1954) 48-56.

⁵ Cfr. a entrada «Scolastique» do *Dictionnaire de théologie catholique*, vol. XV, col. 1691-1728 e a crítica que lhe move L.M. DE RIJK: *La philosophie au Moyen Age*, trad. P. Swieggers, Leiden 1985, pp. 15-16 e 20-21.

⁶ M. GRABMANN: *Die Geschichte der scolastischen Method*, 2 vol., Freiburg i.B. 1909-1911 (trad. ital.: *Storia del metodo scolastico*, Firenze 1970) IDEM: *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, 3 vol., München 1926, 1936, 1956.

⁷ E. GILSON: *La philosophie au Moyen âge, des origines patristiques à la fin du XIV^e siècle*, Paris 1947 (3^a ed.); IDEM: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, New York 1955.

⁸ F. VAN STEENBERGHEN: *La philosophie au XIII^e siècle*. Deuxième édition mise à jour, Louvain la Neuve – Louvain 1991 (cfr. 1^a ed., Paris 1966); IDEM: *Histoire de la philosophie (Période Chrétienne)*, Louvain (trad. port.: *História da Filosofia (Período cristão)*, Lisboa, s/d.).

⁹ Um estimulante quadro geral da historiografia da filosofia medieval mais recente encontra-se em R. IMBACH — A. MAIERÜ (cur.): *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento. Contributo a un bilancio storiografico. Atti del convegno internazionale, Roma, 21-23 settembre 1989*, Roma 1991, obra que contém uma panóplia de contributos que abrangem os mais importantes problemas, categorias historiográficas, historiadores, escolas e empreendimentos editoriais. Veja-se também a obra de J. INGLIS: *Spheres of Philosophical Inquiry and the Historiography of Medieval Philosophy*,

nuanças e modulações, é particularmente indicada para este período em que a filosofia não parece distinguir-se de outras disciplinas, porque subsume em si as ciências da natureza, ao mesmo tempo que mantém com a teologia um intenso diálogo ou mesmo sobreposição de enriquecimento mútuo, sendo mesmo no âmbito da especulação teológica que se estrutura a prática filosófica dos mais importantes pensadores do tempo das universidades¹⁰. Não assistimos a uma captura da *ratio* pela *fides*, nem ao esvaimento da *ratio* no confronto de autoridades, mas verificamos a pervasão mútua entre as ciências, a mística, a metafísica, a teologia, a ética, a arte, a política sob a égide de uma *ratio* discursiva e activa, nesse continuado esforço de compreensão dos mais variados aspectos e problemas da acção humana, da sua inserção no mundo e da sua relação com o transcendente e o ser. Esta dinâmica do pensamento medieval foi sublinhada de modo apropriado por Maria Cândida Pacheco: «Os itinerários do pensamento nos séculos XII e XIII desenham, na sua complexidade, a maturação de uma razão em busca de autonomia, experimentada pela polémica e a controvérsia, dividida entre um processo discursivo e um processo intuitivo, voltada para o Absoluto, ao mesmo tempo que tenta captar o parcial e o relativo nos seus níveis específicos»¹¹. Da autora vejam-se também as páginas entusiastas que escreveu sobre a revalorização da Idade Média filosófica que, sob a égide da continuidade com o pensamento clássico, faz emergir «uma razão acantonada nos limites do humano, presa nos seus conflitos, desejando encontrar, no seu relativismo, fundamentações absolutas.¹²»

Leiden 1998 e os diversos contributos em G. FLØISTAD — R. KLIBANSKY (eds.): *Philosophy and Science in the Middle Ages*, 2 vol., Dordrecht 1990.

¹⁰ Mesmo sem evocar os nomes dos principais pensadores, lembremos o papel central desempenhado aqui pelos comentários sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo, justamente o “mestre das sentenças” para os medievais, obra em torno da qual desde finais do século XII se estrutura o ensino nas faculdades de Teologia, até à sua lenta substituição pela *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino a partir de meados do século XIV, e que deu origem a mais de 1.500 comentários, geralmente ainda só em manuscrito, cfr. F. STEGMÜLLER: *Repertorium Commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, 2 vol., Würzburg 1947 e V. DOUCET: «Commentaires sur les Sentences. Supplément au Répertoire de M. Frédéric Stegmüller», *Archivum Franciscanum Historicum*, 47 (1954) 88-170, 400-427.

¹¹ M.C.M. PACHECO: «A razão escolástica como recusa do círculo», *Mediaevalia. Textos e estudos* 2 (1992) 103-121, cfr. pp. 120-121.

¹² M.C.M. PACHECO: *Ratio e Sapientia. Estudos de Filosofia Medieval*, Porto 1985, p. 35. Neste volume vejam-se em particular os estudos «Repensar a Idade Média» (pp. 7-36) e «Razão e meta-razão no pensamento medieval» (pp. 126-145). Este último estudo começa justamente por pluralizar a Idade Média: «O estudo mais aprofundado da época e do pensamento medievais implica, necessariamente, a recusa do simplismo —ainda hoje dominante na mentalidade comum— que rotula esses dez séculos de imobilismo, sob o signo redutor da exclusiva dominância da Teologia. De facto, a realidade medieval é bem outra, projectando-se como diversidade dinâmica: heterogeneidade de matrizes culturais (greco-helenístico-romanas, cristãs, árabes, judaicas, bizantinas), que nunca se sintetizaram verdadeiramente; busca contínua de novos textos, sentidos e horizontes; pluralidade de motivações que traçam, ao logo dos tempos, o grafismo e a génese do diferente» (p. 126). Sirva também a longa citação para evidenciar quanto esta obra teve uma determinante influência no meu interesse pelo período medieval, mas também sobre o modo como me habituei a encará-lo, conduzindo-me ainda à leitura dos autores que renovaram os quadros da disciplina, como Jacques le

As *diversidades* de que falava Paul Vignaux conjugam-se no plural, nas confluências, nas oposições, nas divergências, nos desencontros ou cumplicidades com que se apresentam os pensadores e as correntes desse longo arco de tempo a que por depreciação se chamou Idade Média¹³. E permanecem *rebeldes* porque representam rupturas, porque na alteridade do passado há sempre algo inapreensível e esquivo, também porque as discussões, pelo menos a partir do século XIII, introduzem prismas teóricos, institucionais e sociais que refractam esse aparente monolitismo que teria caracterizado a Idade Média¹⁴, mas também porque uma parte substancial dos textos dessa época continuam no limbo dos manuscritos sem terem obtido o mérito de edições impressas que mais revelariam a pluralidade intertextual que os atravessa. Como escreveu Tullio Gregory a propósito das aquisições da recente historiografia filosófica medieval: «non si può parlare di una filosofia, ma di filosofie, non di una teologia ma di teologie e che la stessa dicotomia filosofia-teologia non è una costante del pensiero medievale, ma solo il modo determinato secondo il quale, in certi precisi contesti e momento storici, si pone il rapporto fra esperienze di pensiero diverso»¹⁵. É também nesta perspectiva que radicam os mais estimulantes estudos actuais sobre a filosofia medieval¹⁶.

Goff, Paul Vignaux, Jean Jolivet, M.-D. Chenu. A mesma perspectiva de “leitura enriquecedora”, em que se faz dialogar a minúcia na análise do texto e a sua inserção na longa duração própria da história do pensamento, encontra-se também na colectânea de estudos de Maria Cândida PACHECO: *Santo António de Lisboa. Da ciência da Escritura ao livro da natureza*, Lisboa 1997.

¹³ Sobre a génese e o devir ideológico do conceito de “Idade Média”, ver, por exemplo, J. HEERS: *A Idade Média, uma impostura*, trad., Porto 1994 e G. SERGI: *L'idée de Moyen Âge. Entre sens commun et pratique historique*, trad., Paris 2000. Tentativas de fazer substituir a designação “Idade Média” por outras com menor carga semântica (cfr. P. LÓPEZ LÓPEZ: «Revolution and Continuity in Philosophy: “Medievalism” and “Modernity”», *Veritas* 46, 2001, 467-474), parecem pouco menos que votadas ao fracasso.

¹⁴ Philipp Rosemann viu nesta recuperação das diversidade medievais que caracteriza o chamado “neo-medievismo” (designação que envolve obviamente um certo tom depreciativo) não apenas um resultado da interpretação de autores outrora considerados menores, mas sobretudo a incorporação da palavra de ordem que marca o discurso público das sociedades ocidentais actuais que é a “abertura ao outro”, a “tolerância da alteridade e da diferença”, cfr. P.W. ROSEMAN: «Pourquoi et comment étudier la philosophie médiévale?», *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 43 (1996) 19-29, p. 22. Sobre o tom crítico da expressão “neo-medievismo”, J. FOLLON: «Le “néo-médiévisme” d’Alain de Libera», *Revue philosophique de Louvain*, 90 (1992) 75-81.

¹⁵ T. GREGORY: «Conclusion», em R. IMBACH — A. MAIERÜ (cur.): *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento*, cit., Roma 1991, pp. 391-406, cfr. pp. 391-392.

¹⁶ Cada um destes tópicos deveria ser exemplificado; não o podendo fazer aqui, vejam-se os excelentes volumes de K. FLASH: *Introduction à la philosophie médiévale*, trad., ed. ut.: Paris 1998 (sob a perspectiva das condições históricas e do permanente dialogismo dos problemas); A. DE LIBERA: *La philosophie médiévale*, coll. Premier Cycle, Paris 1993 (sob a perspectiva do policentrismo cultural e da *translatio studiorum*); IDEM: *La philosophie médiévale*, col. Que sais-je, Paris 1993 (2ª ed.) (sob a perspectiva do dinamismo interno aos grandes problemas teóricos); IDEM: «Médiévale (Pensée)», em *Encyclopaedia Universalis*, Corpus, vol. 14, Paris 1994, pp. 841-853 [reimpr. em: *Dictionnaire du Moyen Age. Littérature et philosophie*, Paris 1999, pp. 618-652], (sob a perspectiva das estruturas institucionais, sobretudo a universitária, e das correlativas práticas intelectuais, textuais e argumentativas); mas sobretudo na obra que desencadeou as críticas referidas na nota anterior: IDEM: *Penser au Moyen Age*, Paris 1991 (sob a perspectiva do choque dos discursos e da emergência da figura do intelectual nos séculos XIII e XIV). O esboço de um programa alternativo

Esta auto-problematização da natureza da filosofia medieval, tópico obrigatório na introdução das obras que paradoxalmente procuram depois descrevê-la¹⁷, não é um mero artifício retórico, ou um piscar de olho para suscitar a benevolência epistemológica do leitor. Tem a ver simultaneamente com inadequação entre o conceito e o seu objecto, mas também pretende mostrar o quão problemático é um e outro, porque, avisa Jean Jolivet, «le sens de l'expression “philosophie médiévale” est essentiellement problématique, si l'on cherche à l'interpréter dans l'horizon des médiévaux eux-mêmes. En outre, ceux-ci sont des théologiens, dans leur immense majorité. L'historien de la philosophie devra donc chercher à dégager de leurs écrits des concepts, des structures, des méthodes qui, liés étroitement à une intention et à un contenu théologiques, en sont relativement indépendants»¹⁸.

Mas, não nos deixemos enganar pelas modalidades intelectuais de uma Idade Média que seria afinal massivamente feita de contrastes. Como observou François-Xavier Putallaz a propósito dos debates em finais do século XIII na Universidade de Paris sobre a liberdade, há um quadro institucional de referência comum onde as diferentes posições se sobrepõem, ou se confundem mesmo, de tal maneira que são os mesmos temas que continuamente regressam, dando essa aparência de repetição, daí que para compreender o que está em jogo «la diversité doit être chechée dans le détail»¹⁹. Esta é uma máxima que poderíamos aplicar a todos os autores e problemas medievais, também às obras atribuídas a Pedro Hispano. Neste caso, mais que uma atenção a semelhanças que sempre se encontrarão entre as diferentes obras pois também nascem em solos comuns e a partir de sementes da mesma família, não se deve resistir ao apelo dos detalhes que divergem ou que se rebelam na diversidade.

Ao historiador da filosofia medieval oferecem-se todas as *diversidades rebeldes* ou outros *detalhes* que esteja disposto a dissecar. A partilha de um número apreciável de doutrinas pelos pensadores deste período (revelação, dependência causal do homem e do mundo, transcendência da causa do mundo, hierarquia dos seres, etc.) e o comum trabalho assente na leitura de determinadas obras que fazem autoridade, não pode servir para esconder o mais importante, que são os factos. É que, vendo mais de perto, por todo o lado emerge a diversidade, como seria de esperar em 1000 anos de história: multiplicam-se as instituições académicas, proliferam os centros geográficos entre os quais circula o saber, confrontam-se e confluem as tradições culturais linguísticas e religiosas, alarga-se a biblioteca de fontes,

encontra-se em J. FOLLON — J. MCEVOY: *Actualité de la pensée médiévale. Recueil d'articles*, Louvain-la-Neuve — Paris 1994.

¹⁷ Cfr. Mt. FUMAGALLI BEONIO BROCHIERI — M. PARODI: *Storia della filosofia medievale. Da Boezio a Wyclif*, Roma-Bari 1989, pp. XI-XIII (ed. ut.: 1996).

¹⁸ J. JOLIVET: *La philosophie médiévale en Occident*, em B. PARAIN (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. 1 (Encyclopédie de la Pléiade), Paris 1969, p. 1199.

¹⁹ F.-X. PUTALLAZ, *Insolente liberté*, Paris — Fribourg 1995, p. XIII.

organizam-se escolas em torno de pensadores, as correntes doutrinárias não cessam de renascer em torno de problemas sempre movediços, a criatividade conceptual é constante, as ramificações e intersecções das ciências são difíceis de delimitar, os problemas desembocam em disputas de sofisticada tecnicidade, os procedimentos argumentativos não cessam de ser renovados quase até à exaustão de possibilidades, os mesmos textos de autoridade são variamente interpretados sempre em busca de sentidos que parecem inesgotáveis, dentro de cada corrente não há dois autores que coincidam²⁰.

Não é tudo isto que faz o dinamismo, a dialéctica, da reflexão e do pensamento em qualquer época²¹? Sob o empedrado das metáforas da idade das trevas e do férreo feudalismo afinal ferve uma mobilidade sem limites²². De facto, esta Idade Média dinâmica não é a Idade Média obscura dos manuais e da *vox populi*, “tipicamente medieval” como com ironia lhe chamou de Rijk²³. E Alain de Libera leva o jogo de contrastes até ao paradoxo para avisar que «la première chose que doit apprendre un étudiant qui aborde le Moyen Age est que le

²⁰ A arqueologia da pluralidade atravessa a parte mais substancial e criativa da medievística filosófica actual. Uma boa imagem da progressão desta redescoberta e reconstrução plural é-nos dada pelos densos volumes de actas dos dez congressos da Société internationale pour l'étude de la philosophie médiévale, que neste processo tiveram uma papel dinamizador fulcral. O último dos congressos é a esse propósito ilustrativo, as suas Actas estão publicadas em J.A. AERTSEN — A. SPEER (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X: Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt*, Berlin 1998, volume de mais de mil páginas e uma centena de estudos, mas que reúne apenas cerca de um terço das comunicações apresentadas.

²¹ Um exercício de aproximação à diversidade medieval, a que não é alheia a contradição e o conflito, encontra-se, a propósito do século XII (cuja fluidez de limite cronológico também se discute), em J.F. MEIRINHOS: «A filosofia no século XII. (1) Renascimento e resistências, continuidade e renovação», *Mirandum* 9 (2000) 51-74.

²² Mobilidade em todos os seus estados: geográfica, institucional, intelectual. Há um enigmático português de finais do século XIV, *Thomas Portugallensis*, que é uma vívida ilustração desta Idade Média sem fronteiras. Por uma bula de 28 de Setembro do papa Gregório XI sabemos que foi sucessivamente estudante de artes e teologia em Inglaterra, após o que ensinou em Portugal, depois estudou teologia em Paris, de onde foi ensinar para Salamaca, primeiro como bacharel depois como leitor, de onde passou a Paris onde foi canonicamente eleito e onde proferiu sermões e realizou diversas disputas, passando depois a ensinar as *Sentenças* em Cambridge e por fim é eleito em Toulouse para receber o magistério. Eis o excerto da bula que relata este extraordinário, mas não incomum, percurso académico: «(...) pluribus annis in partibus Angliae artes et theologiam audivit, demum in partibus Portugalliae pluribus annis legit, et demum in Studio Parisiensi Theologiae Facultatem annis pluribus audiuit et subsequenter in Studio Salamantino duobus ut baccalarius et tribus ut lector legit, subsequenter Parisius canonice electus rediit ibique sermones et disputationes plures perficit, postea ad legendas Sententias in Studio Cantabrigiae et demum in Studio Tolosano electus fuit ut magisterium recipiat», cit. por H. DENIFLE: *Les universités françaises au Moyen Age*, Paris 1892, cfr. L. de MATOS: *Les portugais à l'Université de Paris, entre 1500-1550*, Coimbra 1950, p. 166. Infelizmente não parecem ter sobrevivido obras deste *Thomas Portugallensis*, como se verifica pela respectiva entrada em M.C. DÍAZ Y DÍAZ et al.: *HISLAMP. Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi. Autores latinos peninsulares da Época dos descobrimentos (1350-1560)*, Lisboa 1993, pp. 125 e 469.

²³ Cfr. L.M. DE RIJK: *La philosophie au Moyen Age*, cit., veja-se o título do cap. 1: «Le Moyen Âge: période “typiquement médiévale?”», p. 1.

Moyen Age n'existe pas»²⁴. Esta diluição, que o mesmo autor se encarrega de ilustrar através das diversas *translationes studiorum* que ritmam a Idade Média (idem, p. 7), é também cronológica porque estes dez séculos não têm limites fixos: «La césure entre le Moyen Age et l'Antiquité tardive ou celle entre le Moyen Age et la Renaissance n'existent pas *en soi*. Elles changent selon les secteurs du savoir, les problèmes, les disciplines et les méthodes»²⁵.

Mesmo assim, e apesar da proximidade cronológica e de civilização, continuamos a sentir mais dificuldade em discernir as diferenças de posição entre autores medievais, do que entre autores da antiguidade²⁶, talvez devido a uma certa inactualidade dos conceitos e das técnicas de discussão²⁷, mesmo das crenças que animam estes homens, de facto superados pelo pensamento crítico moderno que a partir do Renascimento procurou restabelecer os laços com a antiguidade através de um esforço de anamnese do período medieval e os seus procedimentos de discussão e argumentação. Mas, é um truísmo repetir que é a Idade Média que forja a modernidade com a paciente recepção da quase totalidade do legado clássico, lançando o ocidente numa aventura intelectual sem precedentes, assente precisamente no acolhimento crítico e criativo do que recebera das diferentes culturas cujos textos procurou avidamente e leu com assídua penetração e em que se inspirou para produzir um outro mundo de razão. Por vezes, a constatação das tendências modernizadoras da Idade Média é divulgada através de uma antecipação de categorias historiográficas, o que não deixa de suscitar problemas, apesar da sua maior ou menor propriedade. Assim, falou-se de um *renascimento* do século XII²⁸, depois de um *humanismo medieval*²⁹, mas também de descoberta de uma

²⁴ A. DE LIBERA : *La philosophie médiévale*, cit., p. XIII, axioma que o autor prolonga em diversas outras denegações programáticas: «“l’histoire de la philosophie médiévale” n’existe pas» (p. XIII), «le monde médiéval n’a pas de centre» (p. XIV), «l’histoire de la philosophie médiévale n’est pas l’histoire de la philosophie chrétienne» (p. XV). Luca Bianchi levaria mais longe estas posições mostrando que o próprio campo de estudos “idade média” já não existe como um todo: «di fatto, non esistono più “medievisti”, ma esperti di alcuni autori, di determinate tradizioni testuali o intellettuali, di certi generi letterari», o que torna também impraticável a tentativa de escrever histórias da filosofia sobre um período tão extenso e diverso, cfr. L. BIANCHI: «Prefazione» em IDEM (ed.): *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, Firenze 1997, p. XII.

²⁵ IDEM, *ibidem*, pp. 486-487.

²⁶ Cfr. B. PINCHARD: «Une nouvelle génération de philosophes face à la pense médiévale», em *Universalis* 1990, Encyclopaedia Universalis, Paris 1990, pp. 452-454.

²⁷ Cfr. M.A.S. CARVALHO : «Introdução à analética diaporética. Da (in)actualidade das "Quaestiones" como método filosófico», *Cadernos de Filosofias* 6-7 (1994) 39-108, sobre a fecundidade racional e discursiva da *quaestio* nos mais importantes debates filosóficos do séc. XIII, onde do uso de autoridades textuais opera um descentramento e foca a atenção no pensamento do outro, permitindo assim a sua superação («analética diaporética»). Descrição dos modelos de *questio* em O. WEIJERS: *La «disputatio» à la Faculté des arts de Paris (1200-1350 environ)*, Turnhout 1995.

²⁸ Foi esse o rasgo de C.H. HASKINS: *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge (Mass.) 1927, obra depois actualizada a várias vozes em R.L. BENSON — G. CONSTABLE (eds.) — and C.D. LANHAM, *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, Oxford 1982; veja-se também a aplicação da mesma categoria à teologia em J. VERGER: *La Renaissance du XIIe siècle*, Paris 1996.

*nova imagem do mundo*³⁰. Claro que este procedimento não é específico da medievística filosófica³¹, mas sublinha esse esforço de destruição de ideias-feitas e sem fundamento de uma ruptura entre a Idade Média e a modernidade, sem esconder as diferenças que as unem e as continuidade que as distinguem.

O pensamento medieval circula e exprime-se num campo mais vasto que os estritos limites da literatura que hoje consideraríamos filosófica³², desenvolvendo formas de expressão ou instrumentos de trabalho de grande diversidade³³. E a obra atribuída a Pedro Hispano aí está para nos mostrar como a filosofia se faz lógica, psicologia, zoologia, medicina, alquimia, teologia, parenética, através de comentários, sùmulas, questões, compilações, sermões. Apenas se fará justiça ao pensamento medieval abordando-o através de uma metodologia que restitua as suas *diversidades* internas, o que equivale a olhar também para cada período, para cada problema ou conjunto de problemas, para cada autor e, no limite, para cada obra, como lugar dessas mesmas diversidades. Em vez do reducionismo dos modelos simplificadores que através de esquemas pré-estabelecidos limam o inapreensível e o difícil, propõe-se como inevitável o regresso às fontes e a atenção à historicidade do pensamento. A própria evolução científica da disciplina de filosofia medieval nos mostra que

²⁹ “Renascimentos, humanismo” é precisamente o título do primeiro capítulo de P. VIGNAUX: *A Filosofia na Idade Média*, Lisboa 1994, pp. 57-67 (onde se abordam os renascimentos dos séculos VIII-IX e XI-XII), título que, apesar da prevenção introduzida no prefácio da 3ª edição da obra, o autor achou por bem manter, porque a noção de *humanismo*, aplicada à Idade Média, aponta para «a existência de tensões essenciais à vida dos espíritos, para a continuidade com a Antiguidade, para o aspecto clássico da concepção do homem, para o significado humano da filosofia natural dado pelo aristotelismo», mas também porque se prolonga em «humanismo *teológico*, mais precisamente *teocêntrico*» (*idem*, p. 53), como acontece em Duns Escoto para o qual a natureza humana dignifica o ser finito, elevando-o enquanto ser essencialmente voltado para o infinito e revela o destino que essa dignidade permite. Sobre o «humanismo medieval», cfr. também J.C. GONÇALVES: *Humanismo medieval*, Braga 1971, p. 11 e nn. 2-3.

³⁰ Entre a redescoberta de Aristóteles e a subsistência do agostinismo germinam as tentativas de compreensão matemática e natural da realidade e de uma descrição física do cosmo, para a qual contribuiu a exegese bíblica relida numa chave platónica com o apoio do comentário do cristão Calcidio sobre o *Timeu*, cfr. Gian Carlo GARFAGNINI: «La nuova imagine del mondo», em P.B. ROSSI — C.A. VIANO (cur.): *Storia della filosofia*, 2. *Il Medioevo*, Roma-Bari 1994, pp. 235-257.

³¹ Veja-se por exemplo a recente leitura do Renascimento como primeiro Iluminismo, cfr. E. RUDOLPH (ed.): *Die Renaissance und ihre Antike. Die Renaissance als erste Aufklärung I* (Religion und Aufklärung, 1) Mohr Siebeck V., Tübingen 1998.

³² Veja-se o excelente manual de F.A.C. MANTELLO — A.G. RIGG (eds.): *Medieval Latin. An Introduction and Bibliographical Guide*, Washington D.C. 1997, mas há diversas outras obras recentes que ilustram o vasto campo das formas literárias medievais, como G. CAVALLO — C. LEONARDI — E. MENESTÒ (eds.): *Lo spazio letterario del medioevo*, 1. *Il medioevo latino*, 5 vol., Roma 1992-1998.

³³ Cfr. J. HAMESSE (ed.): *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, Louvain-la-Neuve 1994; O. WEIJERS: *Le maniement du savoir. Pratiques intellectuelles à l'époque des premières universités (XIIIe-XIVe siècles)*, Turnhout 1996.

esta é a forma de abordagem que melhor permite compreender a complexidade da história do pensamento, também do medieval.

A antropologia e em particular as questões relacionadas com as múltiplas valências do problema da alma e, *maxime*, do intelecto são um terreno fértil para evidenciar essas *diversidade rebeldes* obrigando a uma metodologia de leitura dos textos que multiplique e cruze as perspectivas de análise: desde a atenção às suas origens, à forma e utilização institucional das fontes que as veiculam, à genealogia dos conceitos, aos silêncios e omissões doutrinários, ao diálogo evidente ou pressuposto entre diferentes autores, à demarcação entre correntes e à coexistência de múltiplas possibilidades de resposta para cada problema. Nesta questão (mas, o panorama não é diferente em outras questões próprias ao pensamento medieval quando olhadas de perto) percebemos como de um autor para outro quase tudo pode mudar e em cada um deles continuamos confrontados com dificuldades que todas as formas de simplificação e uniformização farão empobrecer, uma vez que também não é raro um mesmo autor modificar as suas posições, porque as implicações doutrinárias das teorias defendidas e discutidas em determinada obra obrigam a reformular em cascata outros conceitos ou inteiras áreas de especulação³⁴. É mesmo indispensável observar os mecanismos sociológicos e os constrangimentos culturais que moldam os quadros intelectuais de uma época, como condicionam os pensadores ou os obrigam a modificar as suas posições ou a projectar-se em novos modos de argumentar e mesmo a abrir inteiros campos problemáticos. Como tem sido amplamente discutido nos tempos mais recentes, desses mecanismos são bom exemplo as censuras eclesiásticas e institucionais proferidas em meio universitário, como figura do conflito de faculdades ou do exercício da autoridade³⁵.

Nas histórias da filosofia a figura de Pedro Hispano desempenha precisamente um papel narrativo singular neste múltiplo e variado âmbito porque conjuga na vasta obra que lhe é atribuída a sistematização dos modos de argumentar, os cruzamentos disciplinares, um prolongado diálogo com as fontes clássicas e medievais, um permanente interesse de reflexão sobre o homem e a sua relação com o mundo, e até mesmo certas intenções censórias. Vejam-

³⁴ Para uma apresentação breve do campo antropológico e suas intersecções com a gnoseologia, a que se regressará com mais pormenor mais à frente, ver C. MARMO: «Psicologia e conoscenza», em L. BIANCHI (ed.), *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, Firenze 1997, pp. 163-183. Uma ainda útil história destes problemas encontra-se em E. GILSON: «Les sources greco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 4 (1929/30) 5-149 (reimpr. Paris 1986), mas também no quadro mais circunscrito do século XIII em R.C. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, Leiden-New York-Köln 1995.

³⁵ Cfr. J.M.M.H. THIJSEN: *Censure and Heresy at the University of Paris 1200-1400*, Philadelphia 1998 e L. BIANCHI: *Censure et liberté intellectuelle à l'Université de Paris (XIIIe-XIVe siècles)*, Paris 1999. Em ambos os casos há profusas referências bibliográficas, bem como inovadoras e divergentes perspectivas sobre a natureza e eficácia das censuras; Thijssen (pp. 43-46) também analisa a natureza da (não) intervenção de João XXI na condenação parisiense de 7 Março de 1277.

se, respectivamente a atenção que, em diferentes estudos, é dada a aspectos dessa obra e da sua acção, como sejam: 1) o conteúdo das obras de lógica e sua influência na metodologia discursiva e científica em meio universitário; 2) a sua proficiência e produção literária em diversas ciências, desde as artes à teologia, ou da medicina à alquimia; 3) uma assídua prática de leitura e comentário das obras que fazem autoridade, sejam elas de autores gregos, árabes ou latinos; 4) as diversas abordagens do problema da alma através de diferentes obras; 5) a intervenção, enquanto papa, no desencadear das condenações de 1277³⁶.

A obra deste “autor singular” tem servido muitas vezes para ilustrar uma Idade Média rica e feita de diversidades, para não dizer de contrastes ou contradições. Mas, a compreensão histórica do pensamento de “Pedro Hispano” também é vítima dos esquemas interpretativos prontos a usar. É que habitualmente é citado sem se ter em conta em simultâneo o seu quadro histórico-cronológico, o modo como nos é transmitido pelas fontes, o conteúdo de cada obra, ou os meandros da sua recepção ao longo do tempo. A atenção a estes quatro aspectos obriga a reformular a interpretação tradicional que lhe tem sido imposta.

Optando por conduzir uma investigação sobre um conjunto de textos produzidos num determinado período de tempo, o século XIII³⁷, e no quadro do problema histórico-doutrinal da recepção de Aristóteles e da literatura científica greco-árabe, faz-se aqui esse exercício de discussão com a história, mediada pelas fontes através das quais a ela podemos aceder. Identificar o autor ou autores a que pertencem as obras atribuídas a Pedro Hispano é o problema geral para onde confluem múltiplas questões que já se esboçaram no volume I. Mesmo que não possa antever-se uma solução definitiva, essa é também a questão prévia que urge formular e discutir, sob risco de invalidar qualquer interpretação que continue a amalgamar obras díspares ou a manter a circularidade interpretativa entre obras que de facto são de diferentes autores.

Esta investigação nasce de uma dupla necessidade: conhecer em profundidade o *corpus* escrito atribuível a Pedro Hispano e determinar a sua posição filosófica acerca da

³⁶ Estes são provavelmente os cinco mais importantes planos sobre os quais se têm debruçado os estudiosos de Pedro Hispano, como pode ser constatado na bibliografia do final do volume. De facto, Pedro Hispano é um desses autores habitualmente aduzidos para caracterizar algumas das mais sonantes inovações do século XIII filosófico: codificador da lógica escolar, primeiro comentador do *De anima* de Aristóteles, primeiro comentador do *De animalibus* de Aristóteles, pioneiro no comentário das obras médicas gregas e árabes que integram a *Articella*, um dos expoentes do agostinismo avicenisante e fautor da sonante censura universitária parisiense de 1277.

³⁷ Esta delimitação temporal não pode ser tomada como categoria histórica, porque a qualquer divisão cronológica nada corresponde no plano real, sendo portanto meramente instrumental. Neste caso pode ser usada sem grandes problemas porque é bem dentro dos limites deste século que é escrita a generalidade das obras atribuídas a Pedro Hispano. Sobre a arbitrariedade das periodizações usuais e o modo como os seus pressupostos ideológicos afectam as concepções sobre a natureza da “filosofia medieval”, ou sobre as concepções do que é um “facto histórico”, reflectiu de modo profícuo L.M. DE RIJK: *La philosophie au Moyen Age*, cit., Leiden 1985, cfr. cap. 1, pp. 1-64.

questão do conhecimento e da vontade. De facto as duas questões implicam-se mutuamente porque não é possível conhecer o pensamento de qualquer autor senão através das suas próprias obras, ou de eventuais testemunhos coetâneos e das interpretações que delas é possível fazer, o que obriga a determinar antecipadamente que obras de facto tenha escrito. O desafio é, pois, de dupla face. Em primeiro lugar, tem uma vertente de natureza eminentemente histórica, porque se trata de indagar a natureza e delimitar a extensão da obra atribuível a este autor do século XIII; a segunda é de natureza filosófica, porque se trata de saber como é pensado e explicado nessas obras o que faz do homem humano e o distingue dos outros seres racionais. Interessava aqui analisar a especificidade de uma resposta filosófica a problemas que em boa parte decorriam da interpretação do *De anima* de Aristóteles e de outros textos (por exemplo de Avicena e de Averróis) que em diferentes lances complicavam a sua recepção no mundo latino, devido às ondas de choque, que daí decorriam, com o complexo de compromissos teológicos e antropológicos que fundamentam o cristianismo. “Como conhecemos” e “o que é agir livremente” são problemas para os quais muitos autores conhecidos e outros anónimos do século XIII procuraram uma resposta. É neste contexto doutrinal e literário que encontramos duas obras que sempre estiveram no centro deste interesse por Pedro Hispano, a *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* e o tratado *Scientia libri de anima*. Mas, as divergências doutrinárias entre estas obras induziam inquietantes perplexidades, que levaram a sugerir que podemos estar perante textos de facto escritos não por um, mas por dois diferentes autores. Abria-se assim uma nova perspectiva de investigação que exigia uma abordagem diversa da tradicional³⁸.

Tornava-se necessário dar resposta a um problema complexo, mas uma resposta científica, isto é, baseada em evidências. Constatado que as nossas fontes não são em si mesmas taxativas ou tão fidedignas que as isentem da necessidade de uma justificação crítica, nada inclina também a que se declare que o problema é em si mesmo irresolúvel por estarmos a lidar com o passado ou porque ele é em si mesmo incognoscível. As nossas fontes delimitam aquilo que podemos conhecer do passado e fornecem-nos uma sólida base para análise. Sendo certo que, perante o carácter aberto e fragmentário da documentação, qualquer tentativa de compreensão não pode prescindir de conjecturas que atribuam sentido quer ao texto quer às lacunas detectadas, essas conjecturas precisam ser validadas por alguma forma de evidência³⁹, e por uma leitura rigorosa, isto é, que não exceda aquilo que os próprios documentos dizem.

³⁸ A génese deste problema já foi evocada na «Introdução», vol. I, pp. 14-20, para onde se remete.

³⁹ Sobre a conjectura e a sua validação como passo mediador da dialéctica entre explicação e compreensão, veja-se o que escreveu Paul Ricœur, em *Teoria da interpretação*, trad., Lisboa 1987, pp. 86-91.

Nas questões com que o problema “Pedro Hispano” nos confronta, a ausência de contradições entre conjecturas tenha sido tomada como um bom princípio de validação, mas é bom que se constate que essa ausência de contradições entre conjecturas de modo algum pode ser tomada como fundamento bastante para a respectiva validação⁴⁰. O modelo, a que podemos chamar popperiano, de infirmabilidade de conjecturas através do conflito entre conjecturas-interpretações rivais⁴¹, poderia ser uma solução, mas também aqui não seríamos levados mais longe que a simples contabilidade entre apoiantes de uma ou outra conjectura, ou da discussão sobre os méritos ou superioridade relativa de cada conjectura, o que continuaria a deixar-nos longe da questão central e da referência directa aos documentos e às obras que queremos compreender.

Onde podemos então buscar esse elemento de evidência? A resposta conduz-nos aos textos, aos manuscritos, aos testemunhos mais antigos, ao conteúdo das obras, como sempre aconteceu e como agora é imperativo dos estudos medievais. Como aqui não há documentos verdadeiramente novos que por si aduzam alterações profundas no quadro interpretativo tradicional, e porque este não nos conduziu a uma explicação satisfatória, tona-se necessário modificar a metodologia de trabalho, colocando a ênfase no *como* procurar e, antes disso, na exacta identificação de *o que é que se procura*. Parece estar aqui o cerne da questão, porque nos paradigmas tradicionais da interpretação de Pedro Hispano ou

(1) se acolhem todos os dados sem qualquer coordenação crítica⁴², ou

(2) se integram todos os dados numa biografia pré-estabelecida mas em grande medida conjecturada⁴³, ou

(3) se conjecturam novos factos convalidantes de biografia pré-estabelecida, mesmo que seja necessário forçá-la até acolher dados nunca antes registados pelos biógrafos⁴⁴, ou (4)

⁴⁰ Um exemplo: pode sugerir-se que Pedro Hispano compôs a *Scientia libri de anima* em Portugal por volta de 1265 e de facto a hipótese não é contraditória com o que conhecemos do percurso biográfico conhecido de Pedro Julião, porque ele nos aparece de facto em Portugal por essa altura e não é crível que aquela obra, com as doutrinas que transmite, tivesse sido escrita em qualquer importante centro universitário. Mas, isso não é argumento suficiente, porque simplesmente nada sabemos sobre as actividades de Pedro Julião nessa época, em que de facto circulava entre Portugal e Itália, e seguindo o mesmo juízo poderíamos sugerir também 1253 ou 1260 e por aí fora. É até possível conjecturar que Pedro Hispano privou com Afonsos X de Castela, apenas porque ambos tinham interesses científicos (cfr. L.R. SOARES: «Pedro Hispano na corte do rei sábio?», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, 33 (1993) 67-76), mas entramos assim no campo do total vazio de fundamentos para a conjectura, embora ela de facto também não seja contraditada por qualquer facto conhecido.

⁴¹ Cfr. P. RICŒUR: *Teoria da interpretação*, cit., p. 91.

⁴² É este o procedimento corrente nos biógrafos e bibliógrafos até ao final do século XIX, sobre os quais se pode ver mais à frente o cap. 1 da I parte.

⁴³ É o que verificamos após os estudos de Richard Stapper (em particular *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, Münster i.W. 1898) e cujos expoentes maiores serão Martin Grabmann e Manuel Alonso Alonso.

se ensaia uma abordagem genético-crítica que reordene as obras, ainda dentro e ao longo da tal biografia pré-estabelecida⁴⁵, ou

(5) se tende a rejeitar certas obras por não parecer possível integrá-las na biografia conhecida de Pedro Julião⁴⁶. Em qualquer destes cinco modelos há uma circularidade entre a biografia e a obra, com a desvantagem de a biografia, que é aqui o elemento central, ser tudo menos conhecida com rigor e a obra também não estar identificada de modo aceitável. Ainda menos produtivo, dentro dos paradigmas biografistas, é

(6) a tentativa de encontrar substitutos para Pedro Hispano sem que esteja clarificada nem a questão das obras nem a biografia dos candidatos⁴⁷.

Um último paradigma tem vindo a ser ensaiado através da (7) comparação entre as obras, procurando-se determinar o grau de continuidade ou ruptura entre as posições que nelas se assume a propósito de um dado problema⁴⁸.

⁴⁴ Uma reelaboração biográfica importante ocorreu com a descoberta no final do século XIX de documentos sobre um Pedro Hispano médico e professor em Siena entre 1245 e 1250, logo identificado com o futuro papa João XXI (cfr. os estudos citados em nota mais à frente), o que obrigou a integrar na sua biografia um facto que até aí nunca havia sido mencionado. O mesmo sucedeu em resultado dos estudos de Lambert Marie de Rijk sobre o *Tractatus*, que o conduziram a retrodatar a obra e a data de nascimento de Pedro Julião (agora colocada na primeira década do século XIII, por volta de 1205) e a pressupor um período de ensino na região das Astúrias-Leão, nunca antes referido por qualquer fonte ou historiador, cfr.: «On the life of Peter of Spain, the Author of The *Tractatus*, Called Afterwards *Summule logicales*», *Vivarium* 8 (1970) 123-154, depois em grande parte retomada na introdução de IDEM: *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, Assen 1972, pp. I-XLIII.

⁴⁵ O único estudo genético-crítico, desenvolvido em torno do problema do auto-conhecimento da alma na obra psicológica de Pedro Hispano, deve-se a Alexander SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre. Eine historisch-genetische Untersuchung*, Inaugural dissertation, Pontificium Athenaeum Sancti Anselmi, Roma 1965. Agradeço ao senhor Prof. José Maria da Cruz Pontes a oportunidade que me deu de poder consultar e citar o seu exemplar desta dissertação, cujos principais resultados divulgou no seu livro *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Coimbra 1972, passim.

⁴⁶ Está aqui sobretudo em causa o procedimento que consiste em dizer que tal ou tal obra não pode ser de Pedro Hispano porque com a sua elevada formação intelectual e científica nunca poderia ser autor de obras tão superficiais, cfr. por exemplo a recusa de atribuição do *De phlebotomia* em P. GIL-SOTRES: *Scripta Minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander—Pamplona 1986, pp. 37-44.

⁴⁷ Essa foi a metodologia usada por Angel d'Ors («Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», *Vivarium* 35 (1997) 21-71) que viu os seus seis candidatos a tomar o lugar de Pedro Julião como autor dos *Tractatus*, serem rapidamente postos fora de cena (cfr. S. TUGWELL: «Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications», *Vivarium*, 37 (1999) 103-113), o que levaria d'Ors a abandonar aquela via (cfr. A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254), mesmo mantendo cinco dos seis candidatos, agora já não associados ao convento dominicano de Estella em Navarra.

⁴⁸ E. Gilson foi talvez o primeiro a tentá-lo quando duvidou da atribuição do *Comentário sobre o De anima*, dadas as divergências com a *Scientia libri de anima* (cfr. Étienne GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, New York 1955, p. 681, n. 43), mas os mais importantes trabalhos dentro desta perspectiva são os estudos sobre as obras zoológicas por J.M.C. Pontes (cfr. *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964) e M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth*

Os resultados desta via comparativista são autonomamente fundados, mas como continuam ainda sobretudo prospectivos, parece indicado prosseguir nesta via, testando a possibilidade de a alargar a todo o leque de obras.

Precisamos de uma metodologia que nos permita lidar com este género de materiais documentais, textuais e filosóficos, deles extraindo toda a informação sem elidir as contradições, os erros, as lacunas ou as evidências excêntricas em relação às leituras mais tradicionais. Quando o dossiê de documentação é volumoso, como acontece com Pedro Hispano, é necessário sistematizar sem nada negligenciar, sem homogeneizar, mesmo que o resultado seja mais rugoso que o aceitável. É preciso recuperar os registos possíveis em toda a sua exuberância, para deixar falar as diversidade rebeldes. Em vez de limar arestas e recusar o que possa pôr em causa as hipóteses tradicionais, importa acolher a densidade dos indícios, perguntando pelo sentido de cada obra e da relação que aí se expressa com o seu autor, como via para ensaiarmos a reconstrução do seu pensamento. Certamente chegaremos mais longe que se nos limitarmos a impor-lhes esquemas interpretativos prontos a usar.

A já extensa bibliografia publicada sobre Pedro Hispano mostra em primeiro lugar que se trata de um personagem com assinalável importância histórica e disciplinar. Essa constatação não pode limitar-nos no esforço de compreender uma obra complexa como a que lhe está atribuída, nem deve induzir-nos a pensar que as hipóteses biográficas tradicionais devem ser tomadas como inquestionáveis, por serem tão e por tantos repetidas. Bem pelo contrário, a atenta análise da profusa mas repetitiva bibliografia, só pode convidar a um regresso à interrogação directa dos documentos originais, única forma de sair de uma espécie de sono dogmático a que a opinião publicada conduziu os estudos sobre “Pedro Hispano”. Nesse sentido, os textos e as suas interpretações são genuinamente interpeladoras do leitor e só podem suscitar uma leitura interrogativa como atitude de princípio.

A historiografia tradicional tem apontado para a identificação de um único autor, Pedro Hispano Portugalense, natural de Lisboa, Julião de nascimento, de uma família que continua a ser difícil identificar, e que, após uma fulgurante carreira eclesiástica em Portugal e na cúria papal, viria a ser entronizado papa João XXI em 1276, falecendo em 1277, seis dias depois de um acidente ter feito ruir o tecto dos aposentos do palácio papal de Viterbo onde se encontrava⁴⁹. A reconstrução biográfica enfrenta uma primeira dificuldade com a existência

Century. Peter of Spain, Albert the Great, and the Commentaries on “De animalibus”, Dissert., Notre Dame 1991).

⁴⁹ A melhor reconstituição biográfica assente na tese da existência de um único autor, é a realizada por L. M. de Rijk na introdução da edição crítica dos *Tratados lógicos* (*Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, cit., pp. XXIV-XLII), onde retoma estudo anteriormente publicado («On the life of Peter of Spain, the Author of The *Tractatus*, Called Afterwards *Summule logicales*», *Vivarium* 8, 1970, 123-154).

de diversos Pedros Hispanos de origem portuguesa e activos no século XIII⁵⁰, mas há vários outros elementos problemáticos a propósito da identidade e da carreira académica do autor que solicitam clarificação. Em primeiro lugar, a produção desta obra terá ocorrido num período muito curto de tempo: entre 1235 e 1250; depois deste ano o Pedro Hispano que nos habituámos a ver como lógico e filósofo inicia uma movimentada carreira eclesiástica e política, entre a Itália e Portugal, que terminaria com a referida eleição papal em 1276⁵¹. Por outro lado, nesse apesar de tudo reduzido espaço de tempo, o seu autor teria praticado cada área de estudo em períodos separados: primeiro a lógica, na década de trinta, depois as ciências naturais e a filosofia, enquanto estudava medicina, entre 1240 e 1245, período a meio do qual se deveriam inserir as obras de teologia e a parenética, e por fim a medicina, entre 1245 e 1250. As obras que temos perante nós são na sua maior parte resultado de cursos universitários (nomeadamente as obras de lógica, os comentários a Aristóteles e os comentários médicos), mas os dados sobre o percurso académico do autor são escassos e na sua maioria conjecturais: teria estudado Artes em Paris⁵², depois teria ensinado lógica no

⁵⁰ Cfr. sobretudo o início do estudo de J.M.C. PONTES: «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis, le pape Jean XXI (†1277) est-elle nécessaire?», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 44 (1977) 220-230.

⁵¹ A documentação refere este personagem como Petrus Iuliani (ou, por vezes, Petrus Hispanus quando se trata de documentos redigidos no estrangeiro) e dele sabemos que foi Deão de Lisboa (antes de 1250), arceidiago de Vermoim-Braga (antes de 1250), prior da Igreja colegiada de Santa Maria de Guimarães (proposto em 1257, confirmado em 1263, investido em 1273), candidato derrotado a bispo de Lisboa (1258), mestre das escolas de Lisboa (c. 1263), arcebispo eleito de Braga (1272), cardeal-bispo de Túsculo (1273), papa (eleito a 15 ou 16 de Setembro de 1276, entronizado a 20). Morreu a 20 de Maio de 1277, após seis dias de agonia devido a ferimentos provocados pela ruína de um edifício e foi sepultado na Catedral de S. Lourenço em Viterbo. Cfr. J.F. MEIRINHOS «Giovanni XXI», em *Enciclopedia dei Papi*, Roma 2000, vol. II, pp. 427-436, em particular as pp. 428-429.

⁵² Dependendo da data em que os diferentes autores julgam que teria ocorrido o nascimento de Pedro Hispano, ora é colocado como estudante em Paris na década de 20 ora na década de 30, e os seus mestres são enumerados consoante se defenda uma ou outra hipótese. Não há qualquer evidência para estes estudos em Paris ou sobre a época em que teriam decorrido, por isso é absolutamente conjectural e destituído de qualquer indicio factual afirmar: «he became a student and, briefly, a master at the University of Paris. There he evidently studied Aristotle's physics and metaphysics under Albert the Great, medicine and theology under John of Parma, and logic under William of Sherwood», KRETZMANN, N.: «Peter of Spain», em P. EDWARDS (ed.) *The Encyclopedia of Philosophy*, vol. VI, New York-London 1967 (reprint 1972), pp. 125-126, cfr. p. 125 (autores que já haviam sido aduzidos por outros autores, como A.M. de SÁ: «O papa João XXI, filósofo e político», *Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto*, 3-4, 1949, p. 5). Nem os próprios textos mostram qualquer relação com estes autores e, ao que parece, o comentário de Alberto sobre o *De animalibus* retoma ou cita de forma muda o comentário atribuído a Pedro Hispano e não o contrário, embora esta questão mereça ainda ser melhor estudada (ver mais à frente). L.M. de Rijk refez a cronologia de Pedro Hispano, excluindo desde logo que Tomás de Aquino, Alberto Magno, João de Parma ou Guilherme de Sherwood tivessem sido seus mestres em Paris. Ao antedatar os estudos de Pedro Hispano em Paris para 1220-1230, de Rijk é levado a sugerir a *possibilidade* de terem sido seus mestres: João o Pagem e Herveu Bretão em lógica e Alexandre de Hales e Guilherme de Alvérnia em teologia, cfr. *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, cit., pp. XXXI-XXXIII. Poderiam ser aduzidos exemplos de outras propostas (v.g. J. FERREIRA: «Os estudos de Pedro Hispano», *Colectânea de Estudos* 5/3 (1954) 195-210.,

norte de Espanha ou no sul de França onde escreveu as duas obras sobre essa área; os comentários aristotélicos teriam sido escritos em Toulouse, estudando depois medicina em Paris ou Montpellier (outros sugeriram Salerno), arte que viria a ensinar em Siena entre 1245 e 1250, que é o primeiro período efectivamente documentado para um Pedro Hispano em toda esta biografia. Depois desta data é abundante a documentação sobre Pedro Julião, mas apenas relacionada com diferendos relacionados ora com a pretensão a privilégios e prebendas, ora reclamando da eleição como bispo de Lisboa, ora envolvido no governo da Igreja em Portugal, ora presente na cúria pontifícia, o que parece excluir que se ocupasse de matérias científicas, embora não se deva excluir liminarmente que pudesse ter escrito alguma obra neste período, até porque são conhecidos diversos autores que continuam a escrever mesmo após ascenderem a dignidades eclesiásticas de primeira importância⁵³.

Parece então haver dois limites cronológicos para a composição da obra: entre meados da década de 30, data presumida da composição dos *Tractatus* de lógica e 1250, data a partir da qual há documentação sobre Pedro Julião, que nos permite saber que desempenhava tarefas eclesiástico-administrativas, sem que se lhe conheçam actividades de ensino ou científicas. Trata-se, como se disse, de um período académico relativamente curto para uma tão drástica evolução disciplinar e de pensamento, que, aliás, se teria operado, sem que de uma obra para outra e da passagem de um campo científico para outro não aflorassem ecos e indícios que permitissem restabelecer pontos comunicação entre eles.

Por uma questão de prudência metodológica, devemos questionar-nos sobre as lacunas desta reconstituição e se todas as obras atribuídas pelos manuscritos foram escritas em meados do século XIII. A situação complica-se quando são os próprios copistas e anotadores um pouco posteriores que tomam a iniciativa de escrever o nome e atribuir a Pedro Hispano obras que comprovadamente são de outros autores. A confusão entre o genuíno e o espúrio tende para o paroxismo quando alguns eruditos dão largas às suas convicções pessoais, indo buscar de novo Pedro Hispano para que subscreva obras que até aí nunca tinham sido associadas ao seu nome. Esta tendência agregativa dos Pedros Hispanos num único Petrus Hispanus, alias Petrus Juliani, alias Johannes XXI, nada tem de recente porque começa a

onde também revê a literatura anterior), que também não se baseiam em qualquer evidência documental ou doutrinal, mas apenas na evocação dos nomes de conhecidos mestres em Paris no momento em que se julga que Pedro lá teria estudado.

⁵³ É o caso, por exemplo, de Rolando de Cremona. Guilherme de Alvérnia compõe uma parte importante da sua *Summa* quando já é bispo de Paris e depois de abandonar a Universidade. Roberto Grosseteste traduz a *Ética a Nicómaco* de Aristóteles e o *corpus* de comentários quando já é bispo de Lincoln. É sabido que Guilherme de Moerbeke realiza diversas traduções depois de designado bispo e enquanto penitencial da cúria papal (em especial nos períodos de *sedis vacatio*). Em sentido contrário, é conhecida a renúncia de Alberto Magno ao bispado de Ratisbona (Regensburg), apenas dois anos após a designação.

insinuar-se logo desde finais do século XIII e início do XIV. Mas, há elementos que desafiam esta identificação. De facto, a biografia documentada de Pedro Julião, as contradições e lacunas da historiografia, a difusão manuscrita das obras que lhe estão atribuídas, as diferenças de estilo e de conteúdo que aí se encontram, obrigam a rediscutir a identificação do autor, a datação das obras, a determinação dos contextos de composição. Para tal, nenhuma hipótese pode ser eliminada à partida, desde a admissão da existência de um único Pedro Hispano, filósofo, médico e papa, até à possível distribuição das várias obras por diferentes Pedros de origem hispânica, uns portugueses outros não. Se a tendência tradicional de análise tem sido a acomodação das semelhanças, mesmo que superficiais, deve agora privilegiar-se uma análise das diferenças entre obras, das lacunas biográficas e mesmo dos erros de atribuição de obras, naquilo que podem fornecer de interessante para compreender a composição e difusão das obras, sobretudo o seu pensamento, e mesmo o *modus operandi* dos historiadores.

De facto, a compreensão tem uma história com a qual é preciso dialogar, por vezes discutir. Esse confronto obriga desde logo a recusar a circularidade que se tem estabelecido entre a pretensa biografia de Pedro Hispano e a cronologia das obras que aí vão sendo encaixadas, de onde resulta a validação da biografia antes suposta, na qual se encaixa mais um título que vai sendo descoberto, o que tem por resultado confirmar ou reajustar a hipótese cronológica inicial e assim sucessivamente. Esse é indubitavelmente o modelo em que assentam os paradigmas biografistas 1 a 6, atrás evocados. A questão biográfico-cronológica começa a colocar-se apenas no final do século XIX, enquanto recurso crítico para compreender a estatura intelectual do autor e a sua formação e influência⁵⁴, ou porque se pretende, dentro da ideologia da época, lustrar certa história pátria avocando uma figura tão prestigiada, como aconteceu com os historiadores de Siena⁵⁵, e depois em Portugal⁵⁶. Mas, os

⁵⁴ O estudo de Antoine Daunou é provavelmente o primeiro a tentar uma sistematização das obras e a ensaiar, usando razões quase sempre extrínsecas, uma cronologia de certos conjuntos de obras, mesmo que o autor se veja obrigado a recusar algumas obras referidas pelos bibliógrafos, em que se baseia quase exclusivamente, por não serem conhecidos manuscritos, como acontecia com os sermões, mas sobretudo porque não encaixam no esquema proposto, cfr. A. DAUNOU: «Pierre d’Espagne ou le pape Jean XXI», *Histoire littéraire de la France*, vol. XIX, Paris 1895, pp. 322-334.

⁵⁵ Esta orientação é sobretudo sensível nos estudos publicados em Siena no final do século XIX e início do século XX. L. ZDEKAUER: «A proposito di una recente biografia di Papa Giovanni XXI (Pietro Spano)», *Bolletino Senese di storia Patria*, 5 (1898) 283-287; «Pietro Hispano (papa Giovanni XXI) ed il suo soggiorno a Siena», *Ibidem* 5/3 (1899) 424-431; Gian Battista PETELLA «Sull’identità di Pietro Spano medico in Siena e poi papa col filosofo dantesco», *Ibidem* 6 (1899) 277-329; Domenico BARDUZZI: «Di un maestro dello Studio Senese nel Paradiso Dantesco», *Ibidem*, 28 (1921) 415-429; IDEM: «Di Pietro Spano, lettore di medicina del escolho XIII nello studio senese (Papa Giovanni XXI)», *Rivista di storia delle scienze mediche et naturali*, 14 (1923) 118-121; já não é animado pelo mesmo espírito, chamemos-lhe “nacionalista”, o estudo publicado por Marie-Hyacinthe LAURENT: «Il soggiorno di Pietro Ispano a Siena», *Bolletino Senese di storia Patria*, n.s., 16 (1938) 42-47. Em benefício do rigor refira-se que será num estudo publicado na mesma revista

elementos então ao dispor ainda não eram suficientemente densos para suscitar interrogações e as hipóteses recebidas foram sendo placidamente acolhidas.

Quando não conhecemos com exactidão a biografia de um autor ou os exactos limites da sua obra, tentar conjugar o plano biográfico com a obra é colocar o problema do avesso ou a partir do fim, porque nem conhecemos a biografia, nem identificámos que obras aí podem caber. Pretende-se aqui introduzir uma inflexão nos estudos petrínicos, suspendendo a questão da biografia e aceitando como ponto de partida apenas os textos e os testemunhos transmitidos pela tradição para, apenas a partir deles, averiguar se é possível chegar ao seu ou seus autores. Mais que refazer um amontoado de ruínas, propõe-se que se comece por um reconhecimento do terreno e das fundações da construção. Apenas o questionamento do que está perante nós nos pode servir de guia.

Não se trata apenas de recolher e reunir os diferentes textos para reescrever a sua história a partir do sentido que neles hoje podemos encontrar, ou como se fosse mais uma tentativa ou puro exercício de estilo arbitrariamente escolhido entre muitos outros possíveis. Há balizas que determinam esta inversão no questionamento acerca de Pedro Hispano, desde logo o centramento nos textos e no seu contexto histórico, mas também a consciência da situação histórica a partir da qual a interrogação é lançada. No confronto ou diálogo com o passado enquanto outro no interior da experiência da linguagem, modelo da conversação a que Hans-Georg Gadamer reconduz o fenómeno hermenêutico, joga-se também o nosso presente enquanto experiência histórica e da história, a que não podemos furtar-nos nem devemos hesitar em rescrevê-la⁵⁷. Na sua obra maior mostrou o pensador alemão que não só a linguagem é o meio da experiência hermenêutica, como no interior da consciência que lhe

que se afirmará também que não existe qualquer elemento que permita ligar o Pedro Hispano médico em Siena com o Pedro Julião futuro papa João XXI, cfr. Paolo NARDI: «Comune, Imperio e papato alle origine dell'insegnamento universitario in Siena (1240-1275)», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 90 (1984) 50-94, em especial as pp. 70-76.

⁵⁶ Esta tendência será detectável em Portugal bastante tarde, já em meados do século XX, depois de toda uma reapreciação da obra de Pedro Hispano sobretudo por autores de Itália, Alemanha, França e Espanha. Ver, a título de exemplo e entre muitos outros, os estudos de J. CARVALHO: «Cultura filosófica e científica», em Damião PERES (dir.) *História de Portugal*, vol. IV: *Segunda época (1411-1557) (continuação)*, Portucalense Editora, Barcelos 1932, pp. 475-528, cfr. pp. 493-512. A.M. SÁ: «O papa João XXI, filósofo e político», *Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto*, 3-4 (1949) e «Um grande filósofo europeu, Arcebispo eleito da Sé de Braga, que ocupou a cadeira de S. Pedro», *Bracara Augusta* 6 (1955-6) 5-16; A.M. SOUTO: «As nossas razões: o Papa João XXI e a sua obra científica», *Acção médica* 11, 42 (1946) 131-147; E. BRASÃO: «João XXI, o único papa português (1276-1277)», *Anais da Academia Portuguesa de História*, IIª série, 26,2 (1980) 381-404.

⁵⁷ «Do mesmo modo vale, para a experiência histórica, que o ideal de objectividade da investigação histórica é apenas um lado, justamente o lado secundário da questão, enquanto que o que constitui o distintivo da experiência histórica é que nos encontramos num acontecer, sem saber como nos acontece e só retrospectivamente concebemos o que aconteceu. A isso corresponde que a história deva ser rescrita em cada novo presente», H.-G. GADAMER: «Texto e interpretação», trad. I. Borges-Duarte—R. Furtado, em Irene BORGES-DUARTE — Fernanda HENRIQUES — I.M. DIAS (org.), *Texto, leitura e escrita. Antologia*, Porto 2000, pp. 63-94, cfr. p. 66.

subjaz há uma primazia da pergunta que exhibe e constrói a abertura dessa experiência hermenêutica à história e ao mundo⁵⁸. Se um texto se dá à interpretação é porque coloca uma pergunta ao intérprete, e do percurso através do que está para lá do dito se ganha esse horizonte em que entramos também na pergunta à qual o texto interpretado quer responder⁵⁹. Defende por isso Gadamer que a lógica das ciências do espírito (digamos, das ciências humanas, para usar uma terminologia mais próxima da nossa tradição) é uma lógica da pergunta, como o ilustra o diálogo socrático-platónico, indo assim ao encontro da “lógica de pergunta e resposta” com que Robin George Collingwood argumentava para mostrar que toda a experiência intelectual pressupõe uma inserção na história, porque compreender um facto ou um texto é reconstruir a resposta para a qual cada texto ou cada facto é uma resposta⁶⁰. Gadamer leva mais longe a formulação de Collingwood recusando o historicismo para reafirmar a permanência da abertura do texto interpretado e a impossibilidade de esgotar o seu sentido⁶¹.

A “lógica dos complexos questão-resposta” de Robin Gollingwood foi exposta na sua autobiografia⁶² e merece uma reconsideração, independentemente das críticas e desenvolvimentos a que Gadamer a submeteu, porque é movida pelo interesse de reconstrução do pensamento do passado⁶³, segundo o princípio de que não basta conhecer as respostas

⁵⁸ Cfr. H.-G. Gadamer *Verdad y método. Fundamentos de una hermenéutica filosófica*, trad. cast., Salamanca 1984, sobre esta questão particular ver o cap. 11 “Análise da consciência da história efectual (pp. 421-458). Veja-se o final da p. 451 sobre a integração dos textos num autêntico e renovado acontecer através da sua actualização na compreensão, que é aquilo a que Gadamer chama o momento de história efectual da experiência hermenêutica.

⁵⁹ IDEM: *ibidem*, cit., pp. 447-448.

⁶⁰ Sobre a lógica de pergunta e resposta, cfr. IDEM: *ibidem*, cit., pp. 447-458, devendo sublinhar-se que para Gadamer e ao contrário de Collingwood, no princípio está a pergunta que o texto nos coloca a nós próprios

⁶¹ Cito da edição castelhana: «frente a la experiencia hermeneutica que comprende el sentido de un texto la reconstrucción de lo que el autor pensaba realmente es una tarea reducida. La tentación del historicismo consiste en ver en esta reducción la virtud de la cientificidad y considerar la comprensión como una especie de reconstrucción que reproduciría de algun modo la génesis del texto mismo. El historicismo sigue con esto el conocido ideal conoscitivo del conocimiento de la naturaleza según el cual sólo comprendemos un proceso cuando estamos en condiciones de producirlo artificialmente. (...) Nosotros por nuestra parte hemos destacado en cambio que todo historiador y todo filólogo tienen que contar por principio con la imposibilidad de cerrar el horizonte de sentido en el que se mueven cuando comprenden. La tradición histórica sólo puede entenderse cuando se incluye en el pensamiento el hecho de que el progreso de las cosas continúa determinándole a uno, y el filólogo que trata con textos poéticos y filosóficos sabe muy bien que estos son inagotables», IDEM: *ibidem*, cit., p. 451.

⁶² R.G. COLLINGWOOD: *An Autobiography*, London 1943 (1ª ed.: 1939), ver em particular “V. Question and Answer” (pp. 24-33) e “VII. The History of Philosophy” (pp. 40-54).

⁶³ A lógica dos complexos questões-respostas foi recentemente recuperada num importante estudo de epistemologia de história da filosofia medieval de A. de LIBERA: «Le relativisme historique: théorie des “complexes questions-réponses” et “traçabilité”», *Les études philosophiques* (1999) fasc. 4, pp. 479-494., que a integra mesmo nos fundamentos do seu relativismo histórico contrário à crença realista na existência de “problemas filosóficos permanentes” ou “eternos” (como aliás tinha ficado

dadas a um problema, mas que dessa compreensão também faz parte o conhecimento da pergunta a que esse pensamento responde. Dentro desta lógica, a verdade de uma proposição apenas pode ser conhecida tendo em conta a pergunta a que ela responde e à qual esta resposta é relativa⁶⁴. Enquanto reconsideração do problema do método, a lógica dos “complexos questões-respostas” implica uma solução (relativista) do problema da verdade, porquanto esta é historicamente situada. Perguntar a que pergunta esta ou aquela proposição responde «is an historical question and therefore cannot be settled except by historical methods»⁶⁵. Este aspecto é fundamental para desfazer um equívoco habitual em história da filosofia, onde, por vezes, se tomam como um *continuum* problemático-doutrinal determinadas teorias apenas porque nelas se usam os mesmos conceito, sem que os historiadores se apercebam que de facto o problema a que diferentes autores estão a responder é também diferente, o que torna as doutrinas incomensuráveis entre si⁶⁶. Nem sempre a “pergunta” é evidente, como acontece quando deixou de ser colocada, e nesse caso tem, também, que ser historicamente reconstruída, com a dificuldade acrescida de poucas vezes ela ser claramente formulada por ser evidente no contexto e para aqueles a quem o autor escreve. Há também evidências factuais e intelectuais que deixaram de o ser porque a questão a que respondiam deixou de ser conhecida e precisamos de reformular e de re-situar historicamente essa pergunta para reconquistar a compreensão da resposta que ela própria suscitava⁶⁷. O que obriga também a

claro na conclusão de IDEM: *L’art des generalités. Théories de l’abstraction*, Paris 1999, em particular as pp. 624-636).

⁶⁴ R.G. COLLINGWOOD: *An Autobiography*, ed. cit. p. 27: «If the meaning of a proposition is relative to the question it answers, its truth must be relative to the same thing». O relativismo que esta posição implica tinha sido formulado algumas linhas antes, com uma reformulação do princípio lógico da não contradição: «No two propositions, I saw, can contradict one another unless they are answers to the same question», IDEM, *ibidem*, p. 27.

⁶⁵ IDEM: *ibidem*, p. 31.

⁶⁶ Daí a premência da introdução do conceito de “traçabilidade/traçabilité” (ao qual se encontra uma prévia alusão em Collingwood, quando fala de um «treceable historical process», *ibidem*, final da p. 45) por A. de Libera, que o colheu na terminologia gestão industrial, para descrever a reconstituição do modo de produção *colectiva* do saber, o que não equivale ao simples estudo das fontes e influência, mas desce à arqueologia da rede de conceitos, esquemas, argumentos que formam o horizonte das discussões filosóficas, cfr. A. de LIBERA: «Le relativisme historique: théorie des “complexes questions-réponses” et “traçabilité”», cit., p. 485 e n. 3. Sobre a incomensurabilidade que se esconde sob a aparente semelhança de teorias e conceitos em diferentes autores, ver o exemplo das “teorias do ser” até ao final da Idade Média, *ibidem*, p. 485, ou os estudos do Autor sobre os problema dos universais e das categorias e as teorias da abstracção: A. de LIBERA: *La querelle des universaux de Platon à la fin du Moyen Age*, Paris 1995; IDEM (ed., trad. introd.): *Porphyre, Isagoge*, Paris 1998 (pp. VII-CXL); IDEM: *L’art des generalités. Théories de l’abstraction*, Paris 1999.

⁶⁷ Collingwood afirma que pensar a filosofia de outros autores (e não necessariamente apenas os do passado) segundo a lógica das “questões-resposta” é pensá-la historicamente, cfr. p. 43. Colocando a questão no plano da filosofia: «a philosopher’s doctrines are his answers to certain questions he has asked himself, and no one who does not understand what the questions are can hope to understand the doctrines. The same logic committed me to the view that any one can understand any

constatar que não há problemas filosóficos com formulação perene, porque as próprias questões com que o pensamento se vai confrontando estão em constante mudança⁶⁸.

É nestes princípios metodológicos que devemos assentar qualquer tentativa de compreensão de uma obra, especialmente quando se nos apresenta crivada de lacunas, talvez porque lhe coloquemos as perguntas erradas ou não saibamos situá-la historicamente. É esse o caso das obras atribuídas a Pedro Hispano na qual buscamos respostas para perguntas e segundo pressupostos biográficos e doutrinários que foram sendo formuladas por uma tradição pouco crítica e pouco interessada na reconstituição das perguntas a que cada obra responde. Na formulação das perguntas adequadas podemos ter um princípio de resposta, mas precisamos também de ter indícios adequados à determinação de que perguntas podemos ou devemos formular.

E não são apenas as questões de atribuição que devem ser reformuladas seguindo este método ou semelhante. O mesmo se passa exactamente e sobretudo com o conteúdo das obras. As doutrinas ou o uso de conceitos não se encontram em estado puro e originário. Há uma saturação histórica dos problemas, Pedro Hispano não lida com conceitos novos ou de sua criação, confronta-se com problemas que têm a sua história, tenta resolvê-los com instrumentos intelectuais também colhidos num momento do seu devir histórico, após um longo percurso em que foram catalisando múltiplos sentidos. Um bom exemplo desta situação é, como veremos, a teoria do intelecto. A sua história e o seu percurso através do peripatetismo grego e árabe, das diversas traduções que o transmitem, da difícil simbiose com que é enxertado no pensamento latino tradicional, fazem dele um verdadeiro *complexo doutrinal*. As teorias da alma em geral partilham a mesma *saturação* teórica. O conceito de *complexo doutrinal* é usado por Étienne Gilson, que não o teoriza, para caracterizar precisamente o estado de múltiplos problemas no pensamento do séculos XII-XIII em resultado da acumulação de diversas fontes na sua resolução⁶⁹. Ele é-nos útil se lhe dermos uma função reguladora, fazendo ter presente que em cada discussão está presente o cruzamento de múltiplas fontes e de múltiplos outros problemas. Problemas e discussões que se transmitem em textos.

O horizonte de compreensão da obra atribuída a Pedro Hispano são os próprios textos, num duplo sentido: porque eles nos desafiam a que os compreendamos hoje situando-os no

philosopher's doctrines if he can grasp the questions which they are intended to answer», IDEM: *ibidem*, p. 41.

⁶⁸ E Collingwood exemplifica: «(...) the history of political theory is not the history of different answers given to one and the same question, but the history of a problem more or less constantly changing with it», IDEM, *ibidem*, p. 45.

⁶⁹ E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., pp. 239, 274, 676-671 n. 10 encontra-se um exemplo de complexo doutrinal na teoria do intelecto de Alberto Magno.

seu tempo e situando-nos nós perante eles, mas também porque essas obras são elas próprias resultado de um confronto com outros textos. Relembremos que os textos circulam e constituem um cânone pedagógico dentro de uma dada instituição, neste caso a universidade, que por essa razão, não podemos ignorar nesta reconsideração do problema. A intertextualidade está âmago das obras referidas, que apontam determinados contextos institucionais: as *Summulae logicales* recodificam o *organon* de Aristóteles; as obras de psicologia e sobre pequenas questões naturais umas interpretam e interpelam Aristóteles, outras reconciliam a mundividência cristã com Avicena; as obras médicas comentam o *corpus* de textos clássicos que estruturavam o ensino da medicina; os receituários médicos são elaboradas colectâneas respigadas em autores e na prática pessoal do autor, seguindo um determinado plano; as obras de alquimia reelaboram obras de outros autores; os tratados teológicos são uma experiência de assimilação literal de Dionísio, pseudo areopagita, mediada por um outro comentário latino; por fim, os sermões oferecem uma interpretação moral, embora não sistemática, da *Bíblia*, o livro dos livros. E este aspecto faz-nos reencontrar de novo uma das mais profundas características da Idade Média filosófica, já sublinhada por Jean Jolivet: «Le Moyen âge (...) vit, spirituellement et intellectuellement, de textes. Textes sacrés: le christianisme est une religion révélée. Textes des “saints”, c’est-à-dire des écrivains des premiers siècles dont l’autorité est unanimement acceptée; il s’y joindra des auteurs plus récents, de moindre poids, mais encore vénérables, propres à nourrir une méditation et à fournir des arguments. Textes antiques, progressivement retrouvés, avec leur accompagnement de commentaires (œuvres, le plus souvent, de païens ou d’infidèles). Dans ces divers livres est contenu un savoir qu’il faut s’approprier et transmettre»⁷⁰.

Precisamente: *appropriar* e *transmitir* é essa atitude activa de compreensão do outro que encontramos nas obras atribuídas a Pedro Hispano, e se de facto foram escritas não por um mas por vários autores, então podemos admitir que essa atitude pode ser uma das características vivas deste período do pensamento. Mas, este confronto com os textos compaginava-se, ao contrário do que muitas vezes se supõe, com a interpretação e experiência do mundo e da sociedade. Daí que o texto sirva para ser superado numa sabedoria ou numa outra compreensão do mundo, como bem explicou Jean Jolivet: «On sait que les médiévaux ont un art consommé de faire dire à “l’autorité” moins ce qu’elle signifie objectivement que ce qui leur convient : c’est bien l’inverse d’un respect superstitieux du texte. Celui-ci est invoqué pour servir une vérité qu’il n’épuise pas, mais qu’il peut contribuer à faire atteindre. L’écrit est un chemin vers la sagesse, bien loin que la sagesse se termine à la connaissance de

⁷⁰ J. JOLIVET: *La philosophie médiévale en Occident*, em B. PARAIN (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. 1, cit., p. 1198.

l'écrit. Même si son contenu doit être dépassé, celui-ci reste un préliminaire indispensable, le premier mouvement d'une pédagogie et d'une réflexion»⁷¹.

O caso Pedro Hispano recentra-nos na importância dos textos e mostra-nos que há também uma poética dos imbróglis históricos. Tudo porque a História, no sentido hegeliano e forte do termo em que se admite que é determinada pela ideia que se auto-concretiza, discorre placidamente e sem deixar registo de todos os seus meandros e detalhes, distraíndo-nos com a sua astúcia. Quando chegamos resta-nos problematizá-la, refazendo-a, reconstruindo factos, nem que seja para mostrar como nem tudo tem uma resposta linear ou que nem todas as respostas servem. Este é o jogo de compreensão que faz justiça ao passado construindo o sentido do presente enquanto esforço de conhecimento.

Quanto a Pedro Hispano, não podemos fugir a situá-lo no tempo, melhor, num tempo e num espaço geográfico e cultural precisos. Tendo presente que é um artifício retórico considerar um período como uma entidade ontologicamente delimitada, é possível verificar que o século XIII que se evoca no título, representa uma aceleração do tempo no que diz respeito ao lugar da filosofia na vida intelectual e cultural da Europa latina. “Este” século XIII em que decorre a vida daquela a quem estão atribuídas as obras que nos ocupam, tem de facto limites móveis, começa em meados do século XII⁷² com a germinação de *studia* que evoluíram na sua organização até se instituírem como universidades de estudantes e mestres⁷³, e com a recepção de uma nova biblioteca científica e filosófica⁷⁴ que deslocará inexoravelmente as discussões para o campo aristotélico, ocorre em lugares tão distantes

⁷¹ IDEM: *ibidem*, p. 1200, cfr. também p. 1999 sobre a ancoragem da filosofia medieval numa cultura fundada na autoridade do escrito, sagrado e profano.

⁷² Sobre a importância do séc. XII, os seus difusos limites cronológicos, e demais bibliografia sobre o tema, cfr. J.F. MEIRINHOS: «A filosofia no século XII. (1) ...», cit.

⁷³ Para um tratamento de conjunto da emergência e funcionamento da universidade na Idade Média, cfr. W. RUËG (coord. geral): *Uma História da Universidade na Europa*, vol. I: H. RIDDER-SYMOENS (ed.), *As Universidades na Idade Média*, trad., Lisboa 1996.

⁷⁴ A importância das traduções na renovação do pensamento medieval tem sido objecto de importantes estudos (ver também parte III, cap. 1.1 onde se citam textos e estudos sobre as técnicas e resultados das traduções), por exemplo: G. CONTAMINE (dir.): *Traduction et traducteurs au Moyen Âge. Actes du Colloque international du CNRS organisé à Paris, Institut de recherche et d'histoire des textes, les 26-28 mai 1986*, Paris 1989; M.-T. D'ALVERNY: *La transmission des textes philosophiques et scientifiques au Moyen Âge*, (Collected studies series) Aldershot 1994; EADEM: «Translations and Translators», em R.L. BENSON — G. CONSTABLE (eds.) — and C.D. LANHAM, *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, Oxford 1982, pp. 421-462.; H. DAIBER: «Lateinische Übersetzungen arabischer Texte zur Philosophie und ihre Bedeutung für die Scholastik des Mittelalters. Stand und Aufgaben der Forschung», em J. HAMESSE — M. FATTORI (org.), *Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV^e siècle*, Louvain-la-Neuve — Cassino 1990, pp. 203-250. Também em campo filosófico a sua importância tem sido assinalada, ver P.B. ROSSI: «La nuova biblioteca», in P. ROSSI — C.A. VIANO (org.) *Storia della filosofia*, 2. *Il Medioevo* (Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma-Bari, 1993, pp. 159-179.

como Toledo⁷⁵ e o reino da Sicília, Paris e Oxford, lugares entre os quais a mobilidade de textos e de homens não conhece barreiras. O dinamismo introduzido pelas novas instituições e pelos novos textos não evita conflitos complicados com instituições e posições doutrinárias cuja autoridade era agora desafiada, melhor dito, ganha balanço com estes diferendos e disputas, que aliás nunca tinham estado ausentes da tradição cristã latina. A disputa e a correspondente censura que ela sempre implica são a forma própria deste período do pensamento, chegando-se diversas vezes à publicitação de interditos e censuras sobre obras e teses, que introduziriam inflexões dramáticas no próprio percurso de certos autores ou a emergência de novas discussões do maior alcance epistemológico.

O Pedro Hispano cuja imagem a historiografia reconstruiu, ou quem quer que tenha escrito as obras que lhe estão atribuídas, é alguém totalmente inserido neste mundo científico e filosófico em ebulição. Convém então que não o esqueçamos para podermos admitir que há condições objectivas para estarmos perante vários e não apenas perante um autor. O conhecimento das modalidades de transmissão manuscrita das obras tem que nos fazer aceitar a possibilidade de existência de erros, lacunas e omissões neste processo. Mas, isso não deve impedir-nos de formular esta interrogação instrumental: “que contexto disciplinar ou institucional suscita as questões que Pedro Hispano formula na obra *x* ou *y*?” e “como lhes responde?” Convém então que procuremos os reflexos destes tempos nas diferentes obras e como eles nos podem dizer algo mais sobre a especificidade do pensamento do seu autor. Perguntemos directamente: “quem é o autor de cada texto?” e “que problemas procura resolver em cada um e que conceitos mobiliza para o fazer?” Poderemos depois reconstituir o complexo de problemas aos quais uma obra tão variada procura responder e só estaremos em condições de identificar a coerência ou evolução que atravessa o pensamento do autor quando pudermos determinar que obras de facto escreveu.

As fontes mais antigas são unânimes na avaliação da ciência do papa João XXI. De facto diversos autores contemporâneos ou que com ele privaram se lhe referem, em textos escritos desde pouco após a sua morte em 1277 até algumas depois.

⁷⁵ Ver a recente síntese, embora nem sempre rigorosa, de S. VEGAS GONZÁLEZ: *La escuela de traductores de Toledo en la Historia del pensamiento*, Toledo 1997 e a interpretação de C. Burnett: «The Translating Activity in Medieval Spain», em S.K. Jayyusi (ed.), *The Legacy of Medieval Spain*, Leiden—Boston—Köln 2000 (1ª ed. 1994), vol. II, pp. 1036-1058, onde se assinala como com as traduções de Gundissalino e Gerardo de Cremona ocorre em meados do século XII uma expansão de interesses para os âmbitos da filosofia e da medicina (cfr. p. 1045), dando-se como instrumentos para as próprias pesquisas dos latinos que as acolheram dentro dos seus próprios interesses: «Latin-reading Europeans, however, did not read these texts in order to find more about Islamic Spain. They were interested in the texts for practical purposes or for making progress in mathematics or philosophy» (*ibidem*, p. 1049).

Martinho de Troppau, que foi seu penitenciário na cúria papal, na *Crónica dos pontífices e imperadores*, concluída pouco antes da morte do autor em 1278, escreve um juízo ambivalente: «Qui scientiarum florem et pontificalem dignitatem, morum quadam stoliditate deformabat adeo ut naturali industria pro parte carere videretur»⁷⁶.

Salimbene de Adam (1221-após 1288) é mais enfático: «ipse idem factus papa Iohannes XXI, cum esset magnus sophysta, loycus et disputator atque theologus»⁷⁷. Este é certamente o mais favorável dos perfis deixados sobre Pedro Julião.

Bartolomeu de Fiadonis, conhecido como Ptolomeu de Luca (†1327), que já tinha relações com a cúria papal aquando do papado de João XXI, escreveu três obras distintas que contêm apreciações também diferentes sobre Pedro Julião. Nos *Annales Ecclesiastici*, de 1306, chamou-lhe «Magnus in scriptura, sed modicus in doctrina, in industria naturali; largus in gratiis faciendis»⁷⁸. Na segunda versão destes *Annales*, após 1309, «fuit tamen magnus in philosophia, set in actionibus spiritu Hyspanico plenus»⁷⁹. Na *Historia Ecclesiastica Nova*, concluída entre 1313 e 1316 quando Ptolomeu já era um ancião, escreveu: «Hic generalis clericus fuit et precipue in medicinis, (...), et quamvis magnus fuerit in scientia, modicus fuit in discretione; praeceps enim fuit in verbo, et mitis in moribus»⁸⁰.

Juan Gil de Zamora († c. 1318), usou de uma expressão breve para o descrever: «vir philosophicus in omni scientia eruditus»⁸¹.

Tiago de Varazze (c. 1228-1298), na crónica de Génova dele disse: «licet scientia physicali et naturali multum esset repletus, tamen discretione et sensu naturali multum erat vacuus»⁸², expressão que parece fazer eco dos juízos de Ptolomeu de Luca.

A mesma ambivalência encontramos em Francisco Pipino († c. 1320) que o considera um «vir litteratus apprime», para acrescentar: «Magis oblectabatur quaestionibus scientiarum,

⁷⁶ Martini Oppaviensis *Cronicon pontificum et imperatorum*, ed. L. WEILAND, (Monumenta Germaniae Historica, Scriptores t. XXII, cur. Pertz), Hannoverae 1872, p. 443.

⁷⁷ SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, edidit Giuseppe Scalia, 2 vol. (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 125-125A), Turnholti 1998-1999, vol. I, pp. 465-466.

⁷⁸ Tholomei Lucensis *Annales*, Hrg. Bernhard SCHMEIDLER, *Die Annales des Tholomeus von Lucca in doppelter Fassung nebs teilen der Gesta Florentinorum und Gesta Lucanorum*, (Scriptores rerum germanicarum, Nova series, t. VIII) Monumenta Germaniae Historica, Berolini 1930, 1984 (nova ed.), p. 183.

⁷⁹ IDEM, *ibidem*, cit., pp. 183-184.

⁸⁰ Ptolomaei Lucensis *Historia Ecclesiastica a nativitate Christi usque ad annum circiter MCCCXII*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1727, t. XI, col. 1176.

⁸¹ Fray Juan Gil de Zamora O.F.M.: *De praeconnis Hispaniae*, ed. Manuel de Castro, Madrid 1955, p. 152.

⁸² Iacobus de Varagine: *Chronicon Genuae (ab origine urbe usque ad annum MCCXCVII)*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1726, t. IX, col. 52.

quam negotiis Papatus, et quamquam magnus esset Philosophus, fuit tamen discretione et naturali scientia vacuus»⁸³.

O presbítero Sifrido de Balnhusi, escreveu um compêndio de histórias, que vai até ao ano de 1306, onde descreve a súbita derrocada de que resultaria a morte do papa João XXI associando-a ao momento em que ditava um livro herético e perverso: «Hic dum quendam librum, ut dicebatur, hereticum et perversum dictaret, subito domus in qua sedebat super eum corruit in tantumque concussit»⁸⁴. Mas, sobre este livro nada mais diz e nenhuma outra fonte refere o livro ou o episódio.

João Tritémio (Johann von Heidenberg, ou von Trittenheim, 1462-1516) fará alguns séculos depois a síntese das apreciações positivas. Diz sobre João XXI: «vir in medicinis valde eruditus, et in saeculari philosophia magnifice doctus»⁸⁵, ou na breve notícia incluída na crónica, de póstuma edição, onde foram colhidas as palavras que servem de epígrafe e dão título a este volume: «In medicinis et philosophia doctissimus erat et multa scripsit»⁸⁶.

Eis alguns de entre os juízos de avaliação histórica, que se multiplicam e a partir de certa altura se repetem entre si. A estas apreciações, sem dúvida ricas de significado, vai progressivamente correspondendo uma atribuição de obras que não deixa de causar perplexidade. É isso que se mostra na parte I.1, que percorre primeiro os documentos relativos a Pedro Julião e em seguida a literatura a ele relativa até ao final do século XIX, estranhamente, verifica-se por aí a ausência de algo que de um modo evidente permita ligar os muitos documentos sobre a sua vida com as obras que ao longo do tempo lhe vão sendo atribuídas.

Torna-se então necessário procurar em outra classe de informações. As descrições de manuscritos do volume I (pp. 93-403), apesar das evidentes imprecisões e lacunas que sempre caracterizam qualquer primeiro inventário, as quais se espera venham a ser colmatadas progressivamente, disponibilizam já um imenso manancial de dados que é preciso tratar de modo conveniente, sistematizando-os. Os índices petrínicos que acompanham o inventário (cfr. vol. I, pp. 407-445), mais que uma sistematização, procuram oferecer portas de entrada no conjunto dos manuscritos. Impunha-se uma outra via de abordagem e os estudos hoje

⁸³ *Chronicon Fratris Francisci Pipini Bononiensis Ordinis Praedicatorum ab anno MCLXVI usque ad annum circiter MCCCXIV*, L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores IX*, Mediolani 1726, col. 723.

⁸⁴ Sifridi Prebiteri de Balnhusi *Historia Universalis et Compendium Historiarum*; ed. Oswald Holder-Egger, (*Monumenta Germaniae historica*, vol. XXV), Hannoverae 1880, p. 708.

⁸⁵ IOHANNES TRITHEMIUS: *De scriptoribus ecclesiasticis*, Basilea 1494, f. CVIIr.

⁸⁶ IDEM: *Chronicon insigne Monasterii Hirsaugiensis, ordinis S. Benedicti* per Ioannem Trithehium abbatem Spanheimensem, virum sua aetate doctiss. conscriptum, ac diu hactenus à multis desideratum, nunc uerò primùm in lucem editum, Basileae, apud Iacobum Parcum, s.d. [1559], p. 255.

existentes sobre a literatura antiga e medieval forneciam já exemplos suficientes para tentar um trabalho de estruturação do *corpus* de obras atribuível a Pedro Hispano.

A construção de uma *clavis*, ou repertório da totalidade das obras atribuídas a Pedro Hispano na parte I.2, é, sem dúvida, a melhor forma de conjugar os resultados do inventário de manuscritos com a prolífica literatura secundária. Ela serve também para confinar de um modo mais preciso qual o *corpus* textual sobre o qual deverá incidir uma investigação que visa caracterizar a obra atribuída a “Pedro Hispano” do século XIII ou, sobretudo, distinguir que e quantos Pedros Hispanos e de que épocas, estão aqui presentes e entre os quais podem ou devem ser distribuídas as obras em questão.

Seja qual for o resultado a que se chegue quanto à questão da autoria, há uma evidência que permanece: os textos estão aí, exprimem um pensamento e podemos estudá-los mesmo para lá da consideração da sua autoria (melhor ainda, esse estudo pode trazer também alguma luz sobre essa questão). É sob a dupla consideração dos *complexos questões-resposta* (Collingwood) e dos *complexos doutrinários* (Gilson) que poderemos compreender as *diversidades rebeldes* (Vignaux) que se manifestam nos *detalhes* (Putallaz) de algumas doutrinas e posições mais peculiares de Pedro Hispano. Perguntemos-lhe então, como se fará na parte III, porque é que na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* muda de posição a propósito da questão da unidade da forma? Como podemos compreender a teoria do triplo intelecto agente da *Scientia libri de anima*? O que explica que na mesma obra sejam aceites em simultâneo teorias contraditórias entre si, como a abstracção aristotélica e a emanção das formas a partir de uma inteligência agente? Ou ainda, como pode defender que a intelecção exige sempre conjunção com a inteligência agente exterior ao mesmo tempo que afirma que existe uma memória intelectiva individual que conserva os inteligíveis? Passando a um outro nível que alcance a consideração da generalidade das obras, perguntemos também: como podem os textos sobre a alma ser tão diversos nos seus pressupostos e linguagens? O que explica que não haja continuidade entre os textos, que de facto se ignoram sempre entre si?

A conjugação do recurso directo aos manuscritos com a interpretação dos problemas discutidos em cada obra, coloca este trabalho dentro dos limites do campo da história da filosofia medieval que Alain de Libera caracterizou de modo estimulante e que aqui compartilho: «L’histoire de la philosophie est une discipline scientifique qui, par son type d’activité, relève de l’histoire, et, par la nature de son objet, de la philosophie. L’histoire de la philosophie médiévale est conforme à cette description. Elle a, cependant, sa physionomie propre. Pour deux raisons: premièrement, son objet n’est pas donné, ni même seulement construit, mais, littéralement, “en voie de constitution”, deuxièmement son ancrage dans

l’histoire et les sciences auxiliaires de l’histoire est plus forte qu’en d’autres domaines de l’histoire de la philosophie⁸⁷.»

De facto seria difícil encontrar uma melhor descrição para fundamentar a necessidade de a história da filosofia medieval recorrer às ciências auxiliares dos estudos medievais, em particular de todas aquelas relacionadas com o estudos dos manuscritos, que continuam a ser a fonte privilegiada para a resolução de problemas, como aqui acontece.

Mas, não se trata apenas do recurso a ciências auxiliares dos estudos medievais. A obra atribuída a Pedro Hispano lança um desafio ainda mais vasto porque abrange uma multiplicidade de ciências cuja investigação hoje atingiu um grau de especialização difícil de dominar. Mesmo assim, tentou-se na parte II uma breve caracterização das obras por áreas disciplinares. É necessário deixar falar as obras por si, sem lhes impor um modelo que queira ver nelas acordo e coerência, como geralmente sucede. De facto são disciplinarmente diferentes, possuem estruturas pouco similares entre si, defendem posições pouco conciliáveis. As obras filosóficas, melhor dito de psicologia filosófica, são talvez a melhor exemplificação destas perplexidades (parte III). São, para o dizer numa expressão, lugar de uma *diversidade rebelde* que precisamos de saber se se deve ao génio irrequieto do filósofo-médico, ou, mais prosaicamente, foram simplesmente escritas por diferentes autores. Em qualquer dos casos teremos sempre uma Idade Média exuberante, seja pela genialidade científica de um autor polivalente que se mostra em evolução constante, seja pela proliferação de autores com obras que, cada uma à sua maneira, procura ir mais longe na compreensão do homem e do mundo.

⁸⁷ A. de LIBERA: «Le relativisme historique: théorie des “complexes questions-réponses” et “traçabilité”», cit., p. 479.

I.

Panorama sobre a atribuição de obras a Pedro Hispano

Cap. 1.

Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano

Apresentando documentos sobre João XXI para provar a sua identidade com o filósofo, médico e teólogo, diz M. Alonso «De ellos resulta sin duda que Juan XXI era un hombre extraordinario e instruido en muchas ramas del saber. Tan sólo un escéptico en materia histórica puede intentar la duda. Pero si este Pedro Hispano no fuera el mismo Pedro Hispano de que hablamos al principio y cuyas obras filosóficas hemos publicado, en vez de hacer desaparecer un personaje tan histórico como Juan XXI se multiplicarían en una misma época y años los personajes extraordinarios con idénticos nombres y muy semejantes timbres de gloria»⁸⁸. Infelizmente, estas palavras tão judiciosas e metodologicamente prudentes, pretendem ser de facto uma redução ao absurdo da contestação de identidade de um autor único para as obras do século XIII atribuídas a (algum) Petrus Hispanus, e cuja unidade Alonso pretende manter firmemente: «ninguna razón hay para multiplicar personajes del mismo nombre que habrían vivido en los mismos años y serian escritores de obras escolásticas», acrescentando agora um argumento de autoridade: «es claro que si estudioso tan erudito, como Ms. Grabmann, no tenía conocimiento de otro escolástico de ese nombre, en vano es imaginar otro Pedro Hispano distinto del *Petrus Hispanus Portugalensis* que leemos en la “Scientia libri de anima”»⁸⁹.

De facto, Martin Grabmann foi um entusiasta defensor da identificação num único personagem de todas as obras que ele próprio ia descobrindo com atribuição nos manuscritos a Pedro Hispano, sublinhando o carácter de excepção filosófica que resultava de nessa diversificada obra se reunirem variadas competências científicas, que o tornavam, no seu entender, uma das mais significativas e marcantes personalidades da Faculdade de Artes⁹⁰.

⁸⁸ M. ALONSO ALONSO (ed. e introd.): *Pedro Hispano Portugalense, Expositio Librorum Beati Dionysii*, Lisboa 1957, «Introducción», p. L.

⁸⁹ IDEM: *Ibidem*, p. LVI.

⁹⁰ «Petrus Hispanus zählt ohne Zweifel zu den bedeutendsten und markantesten Persönlichkeiten der Artistenfakultät», palavras com que termina uma elogiosa apresentação das obras ainda inéditas que o próprio Grabmann vinha divulgando desde há alguns anos, cfr. M. GRABMANN, «Kaiser Friederich

Apesar deste juízo do eminente historiador da Escolástica, sublinhe-se que, para além das *Summulae*, dos *Synkategoreumata* e talvez do comentário sobre o *De anima* nenhuma das obras atribuídas a Pedro Hispano parece ter alguma relação de origem com as Faculdades de Artes⁹¹ e menos ainda com a de Paris, a não ser para a sua difusão, mas só a partir do último terço do século XIII ou mesmo apenas do início do século XIV.

Não existindo fontes biográficas que identifiquem de modo claro e inequívoco Pedro Hispano, ou que lhe atribuam as obras de um modo inquestionável, torna-se necessário, como acontece com a generalidade dos autores medievais, recorrer a uma pluralidade de fontes indirectas para clarificar a origem das obras e a sua atribuição a algum personagem histórico.

Os manuscritos, por si sós e devido às contradições ou silêncio que tantas vezes patenteiam, também não podem ser tomados como fonte autónoma e indubitavelmente fidedigna. Há fontes secundárias que, por vezes, oferecem informações que se revelam mais exactas e, por isso, não é despiciendo olhar, mesmo que rapidamente, para o conjunto de textos, diplomáticos ou narrativos, relacionados com Pedro Julião ou Pedro Hispano ou que sobre ele(s) nos tramitam informações úteis para a determinação da composição, cronologia e limites literários do *corpus* escrito.

1. O silêncio dos documentos

Comecemos, então, pelos diplomas.

Cinco documentos atestam a presença de um *Petrus Hispanus medicus* em Siena, entre 1245 e 1250, mas apenas dois deles o relacionam com a função de professor no *Studium* universitário pouco antes fundado na cidade⁹². O primeiro dos documentos, enigmático

II. und sein Verhältnis zur aristotelischen und arabischen Philosophie», *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, ver as pp. 124-128.

⁹¹ Em outro estudo, Martin Grabmann defendeu que as obras de Pedro Hispano foram escritas na Faculdade de Artes de Paris, sem que seja fornecida qualquer prova desse facto: «Est ist schwer, Pariser kommentare zu den libri naturales aus dieser Zeit nachzuweisen. Ob die Psychologie [= Scientia libri de anima] des Petrus Hispanus und seine Kommentare zu De animalibus und De longitudine et brevitae vitae in Paris entstanden sind, läßt sich mit Sicherheit nicht feststellen», M. GRABMANN: «Eine für Examinazwecke abgefasste Quaestionensammlung der Pariser Universität aus der Ersten hälfte des XIII. Jahrhunderts», *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, pp. 182-199, cfr. p. 199.

⁹² Existem vários estudos sobre Pedro Hispano em Siena: R. STAPPER: «Sull'identità di Pietro Spano medico in Siena e poi papa col filosofo dantesco», *Bullettino Senese di Storia Patria* 6 (1899) 277-329; D. BARDUZZI: «Di un maestro dello Studio Senese nel Paradiso Dantesco», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 28 (1921) 415-429.; M.-H. LAURENT: «Il soggiorno di Pietro Ispano a Siena», *Bolletino Senese di Storia Patria*, n.s., 16 (1938) 42-47. Para uma apresentação mais actual e criteriosa da questão, ver P. NARDI: «Comune, Imperio e papato alle origine dell'insegnamento universitario in Siena (1240-1275)», em *Bolletino Senese di Storia Patria*, 90 (1984) 50-94, em especial as pp. 70-76 e IDEM: *L'insegnamento superiore a Siena nei secoli XI-XIV. Tentativi e realizzazioni dalle origini alla fondazione dello Studio generale*, Milano 1996, cfr. pp. 56-63. Sobre estes documentos ver também J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias*

porque é um compromisso de não ofender a viúva Maria de Roberti, evoca fórmulas que lemos em algumas obras médicas:

Ego magister Petrus medicus, qui dicitur Yspanus ...⁹³.

Apenas um documento, exactamente o último, de 10 de Junho de 1250, atesta o pagamento por ensino prestado na Universidade, de 10 libras, sendo aí designado como

Petrus Spanus doctor in physica⁹⁴.

Os documentos de Siena não fornecem qualquer informação quanto à autoria de obras, mas são importantes porque mostram que há um *Petrus Hispanus medicus* prático e académico ligado ao ensino em uma universidade, função de que resulta a quase totalidade dos comentários médicos medievais conhecidos. A partir de 1250 os documentos relativos a este professor em Siena desaparecem⁹⁵. Este facto tem sido explicado pelo facto de Pedro ter regressado a Portugal, onde a partir desta data aparece em abundante número de documentos. Mas, a razão poderá ser outra, é que, como observou Paolo Nardi, após a morte do imperador Frederico II, em 13 de Dezembro de 1250, verifica-se uma autêntica diáspora e desagregação da burocracia imperial e o início do declínio das escolas de Siena, particularmente da de medicina, de tal forma que outros pagamentos a médicos apenas são feitos entre 1267 e 1268 a mestre *Ildibrandinus*, mas a título de actividade profissional e não de ensino⁹⁶. Esta informação mitiga pelo menos a necessidade de conexão entre a súbita ausência de referências à presença em Siena e a entrada em cena de variados locais de Portugal por onde vai passando Pedro Julião.

Antes de deixarmos terras de Itália, assinala-se que doze anos depois do último documento de Siena voltamos a reencontrar um

doutrinais do século XIII. A origem da alma, Coimbra 1964, pp. 8-10. Note-se que o estudo de M. MEDONÇA: «Portugueses na Unversidade de Siena. Contribuição para a sua história», em J.M. Soto Rábanos (dir.), *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, Madrid 1998, vol. I, pp. 831-860 contempla apenas autores posteriores a 1460.

⁹³ Siena, Archivio di Stato, Diplomatico, Archivio generale, 11 gennaio 1244 (o que corresponde a 11 de Janeiro de 1245, porque no calendário de Siena o ano começava em 25 de Março), publicado por M.-H. LAURENT: «Il soggiorno di Pietro Ispano a Siena», cit., cfr. p. 44.

⁹⁴ *Libri della biccherna*, f. 49. editado em *Chartularium studii senensis*, I: 1240-1357, Siena 1942, p. 8, n° 8: «(...) Si pagano X. lib. a Pietro Spano doctori in fisica quas habere debet unus doctor in fisica secundum firmam capituli constituti»; cfr. NARDI, «Comune...», cit., p. 72.

⁹⁵ Merece ser confirmada a veracidade da referência a Pedro Hispano médico em um documento relativo a 1252 nos *Libri della Biccherna*, B, n°5, f. 9, B.I. 124.

⁹⁶ Cfr. P. NARDI: «Comune, Imperio e papato...», cit., p. 77 e n. 111. Não tem por isso fundamento afirmar que «Pietro Spagnuolo insegnò fisica nel 1252. Biccherna, B. n. 5, fogl. 9» (L. MORIANI: *Notizie sulla Università di Siena*, Siena 1873, 16, n. 42; cit. por PETELLA, «Sull'identità...», cit., p. 283), e é ainda com base nesta fonte que D. Barduzzi, («Di un maestro...», cit., pp. 421-422) aceita que Pedro Hispano tenha ensinado em Siena pelo menos até 1452. Mas, após 1250 nos *Libri della Biccherna* não se regista mais qualquer ocorrência do nome de Pedro Hispano, nem mesmo no f. citado por Moriani; cfr. PONTES: *Pedro Hispano Portugallense e as controvérsias doutrinárias...*, cit., p. 10 n. 3.

Magister Petrus medicus Yspanus

mas, agora, num edital de Perugia, de 23 de Março de 1262, contra cidadãos e forasteiros por suspeita de participação consciente em falsificação de moeda e alquimia⁹⁷. No dia seguinte, os mesmos homens eram condenados pelo *podestà* de Perugia, Pietro Parenzi, pelos crimes de que eram acusados no edital da véspera⁹⁸. É ainda pela função de médico que Petrus Hispanus é aqui identificado⁹⁹, mas este caso e lugar também não são próprios para ser mencionada qualquer obra ou actividade literária.

Não se conhecem outros documentos que refiram um Petrus Hispanus médico nesta época, mas há pelo menos uma lição clara a tirar destes documentos: entre 1245 e 1262 encontra-se no centro de Itália um médico Pedro Hispano associado à prática médica e ao ensino. Esta conclusão parece ser corroborada pelas informações dadas por alguns manuscritos em que o autor de certas obras médicas se identifica a si mesmo como Pedro Hispano médico, associando-se mesmo a outros médicos relacionados com Salerno e com Siena, ou mesmo com a corte do imperador Frederico II¹⁰⁰, havendo por isso forte plausibilidade de os documentos e as obras nos darem testemunho do mesmo personagem.

A partir de 11 de Junho de 1250, precisamente um dia após a data do último documento do *Petrus medicus* de Siena¹⁰¹, e até 19 de Novembro de 1261 encontramos 18 documentos que atestam a presença de *Petrus Juliani* em Portugal, ora relacionado com a corte do rei Afonso III, ora envolvido em querelas sobre direitos eclesiásticos, que aliás envolviam o próprio rei¹⁰². No primeiro daqueles documentos surge como procurador do rei

⁹⁷ Perugia, Archivio di Stato, Giudiziario, Podestà [Liber Petri Parenti], an. 1262, f. 196v; publicado por Ugolino NICOLINI: «Documenti su Pietro Ispano (poi Giovanni XXI?) e Taddeo degli Alderotti nei loro rapporti con Perugia», em *Filosofia e cultura in Umbria tra Medioevo e Rinascimento. Atti del V Convegno di Studi Umbri. Gubbio, 22-26 Maggio 1966*, Perugia 1967, pp. 271-284, cfr. pp. 281-282.

⁹⁸ Perugia, Archivio di Stato, Giudiziario, Podestà [Liber Petri Parenti], an. 1262, ff. 261r-262r, publicado por U. NICOLINI: «Documenti su Pietro Ispano...», cit., pp. 279-281.

⁹⁹ Note-se que o editor do documento propõe a identificação deste Pedro Hispano com o futuro papa João XXI, embora confesse que ela não se pode afirmar «con absolute certezza» (cfr. p. 275), mas conclui pela plausibilidade da associação devido à ligação entre as ocorrências condenadas e os interesses do Cardeal Ottobono Fieschi ao qual, como se sabe, estava ligado o português Petrus Juliani (cfr. IDEM, pp. 276-277).

¹⁰⁰ Sobre esta questão ver partes II e III deste volume.

¹⁰¹ Note-se, em abono do rigor histórico, que este último documento de Siena apenas *registra* que foi feito um pagamento a Pedro Hispano (que poderia até já ter sido efectuado em data anterior), e que o pagamento podia na época ser feito através de um procurador, sem a presença física daquele a quem o pagamento se destinava.

¹⁰² Documentos publicados em M. CAETANO: *As cortes de 1254. Memória Comemorativa do VII centenário*, Academia Portuguesa de História, Lisboa 1954 (5 documentos, pp. 63, 71-73, 75); F.G. CAEIRO: «Novos elementos sobre Pedro Hispano. Contribuição para o estudo da sua biografia», *Revista Portuguesa de Filosofia* 22 (1966) 157-174 (8 documentos); A.M. SÁ: *Primórdios da Cultura Portuguesa*, vol. I, Lisboa 1966, pp. 59-93 (28 doc., entre os quais todos os reunidos nos dois estudos anteriores).

(*ex parte ipsius Regis*) respondendo aos quesitos do clero contra o rei Afonso III¹⁰³. Ora, esta função exigia alguma formação jurídica e não é fácil de compreender que alguém acabado de chegar do estrangeiro e que fosse perito em medicina e outrora em lógica, tivesse os requisitos para participar numa querela eminentemente jurídica e política e logo como porta-voz e em defesa de uma das partes.

Estes documentos citam-no pelo nome e pelos cargos que ocupava:

Magister Petrus Iuliani decanus Vlixbonensis et archidiaconus Bracharensis¹⁰⁴

e em todos eles «Iuliani» aparece sempre indeclinado e no genitivo, o que atesta que se trata de um patronímico, ou seja, *de Júlio*, ou *filho de Júlio*. As formas de tratamento variam, podendo omitir um ou outro elemento, mas sem acrescentos de vulto¹⁰⁵.

Nem todos os documentos dizem respeito a interesses pessoais de Pedro Julião¹⁰⁶, porque há alguns em que intervém ou como testemunha em actos reais¹⁰⁷, mas há também alguma intervenção na resolução de querelas jurídicas que envolviam terceiros¹⁰⁸. Interessam-nos agora estes últimos documentos porque podem revelar algo da formação de Pedro Julião. Um documento de 11 de Abril de 1260 estabelece o compromisso do bispo de Coimbra e do Prior de S. Cruz para aceitarem a arbitragem do mestre decretalista João de Deus e do bispo de Évora, no conflito que os opunha e também nele se declara válido o compromisso do Prior e do Mosteiro de Santa Cruz anteriormente tomado perante mestre Pedro Julião¹⁰⁹. Por documento de 17 de Novembro de 1261 sabemos que em casa de Pedro Julião (*in domo*

¹⁰³ Cfr. A.M. SÁ: *Primórdios da Cultura Portuguesa*, vol. I, cit., doc. 39, pp. 59-60, ver nota seguinte.

¹⁰⁴ Cfr. doc. 42 editado por A.M. de SÁ, *Primórdios...*, cit., p. 63; é exactamente com os mesmos atributos que é referido no doc. citado na nota anterior: «ad plurima negocia regni expedienda per magistrum Petrum Iuliani decanum ulixbonensem et archidiaconum bracharenssem ex parte ipsius regis (...) per predictum magistrum Petrum yspanum ulixbonensem decanum et bracharenssem archidiaconum ».

¹⁰⁵ Por uma questão de rigor, ressalve-se que a bula de Urbano VI, de 28 de Outubro de 1263, relacionada com a disputa sobre a titularidade dos benefícios do priorado de Santa Maria de Guimarães, é endereçada «Magistro Petro Iuliani archidiacono Bracharensi, priori secularis ecclesie sancte Marie Vimaransensis, Bracharensis diocesis», cfr. p. 71. Também uma doação de Afonso III em 12 de Maio de 1272 refere como confirmante o «Magister Petrus Iuliani electus Bracarensis», texto editado em J. ANTUNES: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Braga 1990, vol. II/1, pp. 125-184, cfr. p. 181.

¹⁰⁶ Cfr. em A.M. de SÁ, *Primórdios...*, cit., os doc. 49, 53, 54, 56.

¹⁰⁷ Cfr. em A.M. de SÁ, *Primórdios...*, cit., os doc. 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 52.

¹⁰⁸ Cfr. em A.M. de SÁ, *Primórdios...*, cit., os doc. 55, 58, 59. Sobre a questão escreveu A.D. de Sousa COSTA *Um mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus. Vida e obras*, Braga 1957, pp. 35-38, onde publicou pela primeira vez os documentos relativos a este caso, a pp. 167-182 (doc. VIII-XVI).

¹⁰⁹ «per hoc compromissum non renuntiat nec renuntiare intendunt compromisso quod super corrigenda seu reuocanda sententia aut quocumque alio, mediante domino A<lfonso> illustri rege Portugaliae, in magistrum P<etrum> iuliani, decanum ulixbonensem et quosdam alios fuit factum», *ibidem*, pp. 82-83 (doc. 55, pp. 81-85).

venerabilis uiri Magistri Petri, decni eiusdem civitatis) foram lidas, pelos árbitros referidos, ao bispo de Coimbra as letras apostólicas de Celestino III que concediam ao prior de Santa Cruz a faculdade de usar mitra e anel nos dias festivos e solenes¹¹⁰. Por fim, em documento de 19 de Novembro do mesmo ano, é proferida a sentença final desta querela, de novo em casa de Pedro Julião: «Acta sunt hec apud ulixbonem in domo Magistri Petri Iuliani, decani ulixbonensis»¹¹¹. Não é claro a que título participa Pedro Julião nesta contenda e, em rigor, os dois últimos documentos nem o dão como presente. Se essa intervenção se deve ao seu prestígio, ou à sua posição na hierarquia do clero, ou à sua hipotética formação jurídica, é questão que ainda falta averiguar.

Para o que aqui nos interessa, note-se o seguinte quanto ao conjunto de documentos que relacionam Pedro Hispano com Portugal entre 1250 e 1268:

- 1) o nome com que é citado é sempre o mesmo: Petrus Iuliani;
- 2) é absolutamente indiferente a ausência do designativo Hispanus, raramente usado e que, como é óbvio, só adquire significado fora da península,;
- 3) as funções eclesiásticas são de relevo e pressupõem já uma certa carreira eclesiástica;
- 4) persiste a ausência de qualquer referência à área de estudos em que se fizera mestre ou onde exercia actividade;
- 5) em nenhum documento é feita a mais vaga alusão a qualquer passado académico e menos ainda à composição de obras.

Não é aqui o local para se refazer essa história¹¹², mas os conflitos patrimoniais e eclesiásticos em que Pedro Julião se envolveu (em particular a apresentação para prior da rica Igreja de Santa Maria de Guimarães e a perdida eleição para bispo de Lisboa) levam-no a afastar-se do círculo do rei Afonso III e a apelar à arbitragem da cúria pontifícia, onde nos aparece em Anagni desde 21 de Janeiro de 1260 em bula¹¹³ do papa Alexandre IV endereçada precisamente «Magistro Petro decano ... Vlixbonensis»¹¹⁴. É com estes títulos que aí

¹¹⁰ *ibidem*, pp. 88-89 (doc. 58).

¹¹¹ *ibidem*, pp. 90-93 (doc. 59).

¹¹² Vejam-se por exemplo: F.G. CAEIRO: «Novos elementos sobre Pedro Hispano...», cit., pp. 159-163; J. ANTUNES: *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Coimbra 1995, pp. 117-268; ou, para uma apresentação sumária, J.F. MEIRINHOS: «Giovanni XXI», *Enciclopedia dei Papi*, II, pp 428-429.

¹¹³ Por uma questão de brevidade designam-se aqui com este termo os diferentes tipos de actos escritos da cúria pontifícia em que Pedro Julião aparece citado e que de facto incluem pelo menos: privilégios, bulas e cartas apostólicas. Uma tipologia e caracterização dos documentos pontifícios encontra-se em T. FRENZ: *I documenti pontifici nel medioevo e nell'età moderna*, ed. italiana a cura di S. Pagano, Città del Vaticano 1998, em particular as pp. 20-38.

¹¹⁴ Nesta bula Alexandre IV autoriza Pedro Julião e Ricardo, cantor da Sé de Lisboa, a contrair um empréstimo para fazer face às despesas do pleito de contestação da eleição do bispo de Lisboa;

testemunha diversos actos e decisões papais ou da cúria relacionados com Portugal, ou é parte presente nos processos relativos aos apelos que havia feito quanto à perda eleição para bispo de Lisboa e à recusa do beneficiário em lhe entregar os benefícios do priorado da Igreja de Santa Maria de Guimarães. Nestes documentos o seu nome é sempre citado como Petrus Iuliani, associando-o ao deado de Lisboa ou ao arcediagado de Braga¹¹⁵. Note-se que nestes documentos da cúria papal, Pedro Julião nunca é citado pelo nome Hispanus, e nunca é referido como médico. Aliás, como já foi observado, não existe um único registo na numerosa documentação curial que o mencione como médico ou como tendo prestado qualquer serviço de natureza médica na cúria. Este silêncio não é por si uma prova, mas deixa totalmente em suspenso e destituída de fundamento documental a tardia hipótese de ter entrado ao serviço da cúria devido à sua fama de médico.

Há um documento muito ilustrativo a este propósito. Trata-se da carta dos cardeais Tiago, de Santa Maria in Cosmedin, e Jordão, de S. Cosme e S. Damião, inserida numa bula de Urbano IV, de 28 de Outubro de 1263, endereçada «Magistro Petro Juliani archidiacono Bracharensi, priori secularis ecclesie sancte Marie Vimmaranensis, Bracharensis diocesis» e que contém uma primeira decisão favorável à pretensão de Pedro Julião aos rendimentos desta igreja¹¹⁶. Vale a pena citá-la:

(...) discreto viro magistro Petro Juliani, archidiacono Bracharensi, salutem in Domino.

Fame suavis odor ex eminentia scientie dono, merito conversationis et vite ac multiplicis probitatis studioque vestrarum actionum laudabilium resolutus tanquam odor agri pleni, cui Dominus benedexit (...).

(...) tandem sanctissimus pater dominus Urbanus, divina providentia papa IIII, considerans eminentem litterarum scientiam, gravitatem morum, vite munditiam et alia persona vestre merita, quibus in suis et fratrum suorum oculis exhibetis vos multipliciter gratiosos (...)»¹¹⁷.

editado por A. COULON, *Les registres d'Alexandre IV*, vol. III, p. 127, nr. 3182; A.M. de SÁ, *Primórdios...*, cit., p. 78, nr. 53.

¹¹⁵ Cfr.: «Dilectus filius Magister Petrus Juliani, Archidiaconus Bracarensis» em bula de Urbano IV a 31 de Agosto de 1264, em Civitavechia, ed. J. GUIRAUD: *Les Registres d'Urbain IV (1261-1264)*, III, Paris 1901, nr. 2735; CAEIRO, 1966, p. 174, doc. 8

¹¹⁶ O documento já teve várias edições: J. GUIRAUD: *Les Registres d'Urbain IV (1261-1264)*, II, Paris 1901, pp. 430-432, nr. 891; A.M. SÁ, «Pedro Hispano, Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Arcebispo da Sé de Braga», *Biblos* 30 (1954) 1-24, cfr. pp. 10-12 (pp. 13-15 trad. por Pinto de Meneses); IDEM: *Primórdios da Cultura Portuguesa*, cit., I, pp. 71-74, doc. 49; J. ANTUNES: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano ...», cit., pp. 178-180.

¹¹⁷ É esta a citada tradução de M.P. de Meneses: «(...) ao Prudente varão, Mestre Pedro Julião, Arcediago de Braga, saúde no senhor: O suave odor da vossa fama, que se desprende do dom de eminente ciência, dos méritos da vida, da múltipla probidade e do estudo das vossas louváveis acções, enche com fragrância a casa de Deus (...). / (...) o Nosso Santíssimo Padre, D. Urbano, pela divina Providência, o 4º papa deste nome, conhecendo a vossa eminente ciência das letras, a gravidade dos costumes, a pureza da vida e outros méritos, com que vos mostrais multiplamente

Em dois passos da mesma carta é elogiada a «ciência das letras» de Pedro Julião, para além de serem realçados os seus méritos de conduta. Numa passagem tão encomiástica em que os elogios funcionam como verdadeiro fundamento para a decisão jurídica favorável ao requerente, seria a oportunidade, como era costume na época, que aqui se mencionassem outros méritos. Se Pedro Julião era de facto médico eminente, se tinha um passado académico, se era um celebrado autor, estranha-se que nem nesta passagem esforçadamente elogiosa se mencionem essas distinções. É claro que este silêncio também nada prova, mas acentua a constatação já avançada: a numerosa documentação pontifícia a propósito de Pedro Julião nunca menciona se era mestre em artes ou em alguma ciência superior, e, consequentemente, nunca é de facto citado como médico e menos ainda como autor.

Durante o reinado de Afonso III o clero português contesta as medidas que este monarca pusera em prática porque considerava cercearem os seus direitos e privilégios. Um prolongado conflito leva a maior parte do clero superior ao exílio, acolhendo-se sob a força tutelar do papa, que lança diversos diplomas admonitórios e condenatórios da atitude do rei¹¹⁸. Pedro Julião é mencionado três vezes num destes documentos, datável de Março-Junho de 1268 certamente da cúria pontifícia¹¹⁹, elaborado pelos próprios eclesiásticos que apresentam 45 razões de queixa do clero português contra o Rei Afonso III («Haec sunt aliqua de gravaminibus illatis prelati et aliis personis ecclesiasticis regni Portugalie per regem et suos»)¹²⁰. No item 25 é mencionado como «decano Ulixbonensis» (p. 512). O item 36 relata casos em que os oficiais do rei intervêm com parcialidade na esfera eclesiástica, uma das acusações dirigidas ao rei neste documento, pressionando testemunhas a proferir falsos testemunhos perante juizes eclesiásticos (*coram ecclesiastico iudice*) e o primeiro caso relatado é a intervenção de Egeas de Lourenço, pretor de Lisboa,

estimável aos Seus olhos e aos olhos de Seus irmãos (...)» em A.M. de SÁ: «Pedro Hispano, Prior da Igreja ...», cit., pp. 13 e 14. Seria preferível traduzir a expressão “ac multiplicis probitatis *studioque* vestrarum actionum laudabilium” por “da múltipla probidade e do *zelo* das vossas louváveis acções”.

¹¹⁸ Sobre estes acontecimentos, ver em particular Maria Alegria Fernandes MARQUES: *O papado e Portugal no tempo de Afonso III (1245-1279)*, Dissertação de Doutoramento em História, Coimbra 1990, passim, onde também são publicados alguns documentos relevantes sobre Pedro Julião, incluída a bula *Felicis recordationis* de 15 de Outubro de 1276 (pp. 526-529), inserida nas Actas da segunda legacia de frei Nicolau Hispano a Portugal que decorreu entre 7 de Fevereiro de 1277 e 6 de Outubro de 1277, publicadas a pp. 525-573.

¹¹⁹ A datação do documento é inferida pela editora, que toma como um dos seus indícios a referência na cláusula 36 cujo início a seguir se transcreve, ao bispo de Coimbra “que aqui esteve presente até há pouco”, e que se sabe que abandonara a cúria no início de 1268 com destino a Compostela vindo a falecer a 9 de Março de 1268 em Montpellier, sendo que no art. 22 fora já referido com a expressão “bone memorie”, cfr. IDEM: *ibidem*, p. 499.

¹²⁰ IDEM: *ibidem*, pp. 499-521.

in causa quam audiebat venerabilis vir magister P<etrus>, decanus Ulixbonensis qui presens est¹²¹

o que indica claramente uma função jurídica que o deão desempenhava e para a qual era necessária uma formação em direito! Note-se o sentido técnico-jurídico da expressão *in causam quam audiebat* (na causa que auditava, ou escutava em audiência). Esta é provavelmente a única referência documentada para uma função desempenhada por Pedro Hispano, que, aliás, pode confirmar que estivera antes ao serviço do rei Afonso III devido à sua formação jurídica, indispensável para dirimir argumentos no grave conflito de interesses que o opunha ao clero.

Por fim, no item 42 apresenta-se queixa por o rei estar a impor, contra o costume obtido dos seus antecessores, uma nova portagem ou taxa à exportação por mar de moeda ou bens para próprio sustento ou compra de livros pelos eclesiásticos que permaneciam em Paris ou na cúria, e entre os que foram atingidos por esta medida aparece-nos

magistro Petro Juliano, decano Ulixbonensi¹²²

Temos portanto um documento em cuja elaboração parece intervir directamente mestre Pedro Julião, e onde é descrita a sua participação em actos jurídicos, para os quais se exigia uma formação própria, que é nada menos que o direito canónico. Mas, como mais uma vez os documentos não são tão explícitos como nós gostaríamos, é necessário empreender uma investigação na documentação da época em busca de elementos que permitam conhecer melhor a participação de Pedro Julião em actos jurídicos.

Como se disse há algumas linhas atrás, desenvolveu-se uma tradição literária, mais ou menos tardia, que faz de Petrus Iuliani médico de cardeais e papas, embora não se encontre um único documento coetâneo que o associe a estas funções¹²³. Nem junto do seu protector Ottobono Fieschi, cardeal diácono de S. Adriano desde 1251 e papa Adriano V, eleito em 11

¹²¹ Cfr. IDEM: *ibidem*, p. 517. É este o texto completo do início desta cláusula: «XXXVI^{us}. Item, quod frequenter contingebat quod pretores, vel alii officiales domini regis, in favorem alicuius partis, vel odium alterius, impingentes testibus aliquibus quod *in causa matrimoniali seu alia coram ecclesiastico iudice* falsum testimonium proferebant eos circa cause cognitionem et quandoque etiam ante apertas attestationes cauterio consignabant, sicut factum fuit per Egeam Laurentii, pretorem Ulixbonensi, quibusdam testibus qui testimonium tulerunt *in causa quam audiebat venerabilis vir magister P<etrus>, decanus Ulixbonensis qui presens est*. Et sicut factum fuit Colimbrie per Alfonsum Novaes, pretorem ejusdem civitatis, quibusdam testibus in <quadam> *causa matrimoniali quam adiebant vicarii domini episcopi Colimbriensis*, qui nuper presens fuit. Et ex hoc contingit quod non possunt invenire testes *in causas ecclesiasticas* maxime matrimonialibus.» (itálicos meus).

¹²² Cfr. IDEM: *ibidem*, pp. 519-520.

¹²³ Cfr. A. PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi nel duecento*, Spoleto 1991, p. 32 e nn. 126 e 127 (ver também pp. 32 e 33 a referência a documentos do pontificado de Urbano IV, nenhum dos quais o envolve em função médica). Esta obra é uma colectânea de estudos por isso não é de estranhar que a pp. 106 e 242-243 se acolha ainda a antiga hipótese de ter sido arquiátrio de Gregório IX.

de Julho de 1276, que morreria por doença em 16 de Agosto de 1276¹²⁴. Nem mesmo na documentação de Gregório IX (1271-1276) que, segundo alguns, teria tido como arquiatio precisamente Pedro Julião. Aliás, os historiadores dos médicos papais e curialícios sempre foram muito prudentes na aceitação destas tradições não documentadas¹²⁵, prudência que não tem acolhimento nos historiadores de Pedro Hispano e João XXI, que tomam como prova edições antigas do *Thesaurus pauperum* e atribuições da função em certos manuscritos mais tardios¹²⁶.

As próprias bulas e cartas de João XXI não fornecem elementos quanto a obras que tenha escrito ou a funções académicas que tenha desempenhado¹²⁷. Na famosa bula *Relatio nimis implacida*, de 18 de Janeiro de 1277, dirigida ao bispo de Paris Estêvão Tempier pedindo-lhe que indague os erros que “se diz que têm de novo pululado contra a fé” na Universidade¹²⁸, não existe qualquer referência pessoal¹²⁹. Mas, numa outra carta que se

¹²⁴ Aliás, para este papa e apesar das condições da sua morte, não é conhecido registo de qualquer médico pessoal, cfr. A. PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze della natura*, cit., p. 32, onde para o período entre 1271 e o final do pontificado de João XXI em 1277, não é recensado qualquer médico na cúria pontificia.

¹²⁵ Cfr. G. MARINI, *Degli archiatri pontifici*, Roma 1784, vol. I, que não inclui Pedro Hispano entre os arquiatrias pontificios, retomado por MORONI, *Dizionario di erudizione ecclesiastica* (s.v. «Medici palatini») fasc. XLIV, p. 120, cit. por STAPPER, p. 29 (v. nota seg.) e PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze*, cit., p. 32 n. 126 e n. 127 onde matiza as conclusões de Stapper, em particular a infundada interpretação da invocação inicial do *Thesaurus* ao «pater pauperum», como podendo ser uma dedicatória a Gregório IX.

¹²⁶ Ver em particular R. STAPPER: *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, cit., pp. 23-24, 28-29.

¹²⁷ Cfr. manuscrito Città del Vaticano, Archivio Segreto, Reg. Vat., 38 (existe uma edição digital do manuscrito em CD-ROM, pelo próprio Archivio), editado por L. CADIER: *Le Registre de Jean XXI (1276-1277). Recuei des Bulles de ce Pape, publiées ou analysées d'après le manuscrit original des Archives du Vatican*, fasc. 3 de: *Les registres de Grégoire X (1276-1277)*, Paris 1898.

¹²⁸ A bula está publicada em *Chartularium Universitatis Parisiensis*, ed. H. DENIFLE, Paris 1899, t. I, pp. 541-542; em L. CADIER: *Le Registre de Jean XXI*, cit., p. 51, nr. 160; em A.M. de SÁ: «Pedro Hispano e a crise de 1277 da Universidade de Paris», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 22 (1955) 223-241, cfr. p. 235, com trad. de M.P. Meneses nas pp. 235-236.

¹²⁹ A natureza do envolvimento do papa João XXI na condenação de 1277 continua a ser assunto de controvérsia, apesar de relativamente secundário face à importância histórica e doutrinal da própria condenação promulgada pelo bispo e suas consequências históricas. A interpretação do papel de João XXI nestes factos tem evoluído desde que Callebaut viu nela uma intenção condenatória motivada pelo seu alinhamento nas correntes agostinianas (sendo seguido nesta interpretação por Grabmann, Gilson e de Libera, para citar apenas alguns dos mais importantes historiadores da filosofia medieval), até à defesa de um papel incidental na condenação limitado ao pedido de informação que a acção do bispo excedeu (por exemplo R. Hissette, Thijssen), ou mesmo uma intervenção que visava avocar a si a única autoridade sobre a Universidade limitando assim a acção do bispo, o qual preferiu ultrapassar o mandato/aviso do papa ao afixar por sua exclusiva iniciativa uma condenação pública de 219 erros em 7 de Março de 1277 (J.F. MEIRINHOS: «Giovanni XXI», cit. p. 433a). Assim, parece carecer de fundamento afirmar, como recentemente o fez A. de Libera, que não foi pelas suas obras que Pedro Hispano exerceu mais influência, porque «sa véritable contribution à l'histoire de la philosophie reste d'avoir, comme pape, suscité et soutenu l'enquête de l'évêque de Paris, Étienne Tempier, dont l'aboutissement a été la grande condamnation de l'averroïsme en 1277» («Pierre d'Espagne, XIII^e siècle (Petrus Hispanus Portugalensis)», *Dictionnaire des philosophes*, Paris 1984, p. 2065), dando por descontado que o papa tenha escrito alguma obra, nada indica que o mesmo papa tenha suscitado o inquérito, pois à data da bula já ele estava em marcha desde há algum

encontra nos *Dictamina Berardi*, ou *Epistolae notabilis*¹³⁰, recolha de epístolas exemplares do notário papal Berardo de Nápoles (c. 1230-1293)¹³¹, encontra-se uma outra carta ao mesmo bispo de Paris¹³², datada de 28 de Abril (exactamente «IV kalendas maii»¹³³, só podendo, portanto, ser de 1277), onde se lê uma clara alusão aos estudos que o papa havia realizado em Paris quando jovem:

Nos tamen (...) etiam singularis quem ad idem concepimus Studium affectus accendit. In illius namque laribus ab annis teneris diucius observati variis scienciis inibi studiose vacavimus et per annos plurimus secus decursus sedentes ipsarum sapidissima earum libamenta gustavimus (...) ¹³⁴.

A natureza desta carta é problemática, embora tenha sido considerada genuína na múltipla bibliografia sobre as condenções doutrinárias parisienses de 1277. Tudo parece indicar que esta carta nunca foi expedida¹³⁵ e que é uma reelaboração, mais literária e ornada, do lacónico mandato do 18 de Janeiro (15 linhas na ed. de Moreira de Sá). Repare-se que, na sua estrutura, a bula:

1) começa com uma curta arenga com evocação da ideia bíblica da fonte de sabedoria que brota como um rio;

2) informa que aos seus ouvidos (do papa) chegaram notícias sobre a difusão de erros em Paris;

3) ordena ao bispo que realize um inquérito conveniente sobre esses erros e

tempo como mostram as investigações mais recentes, e muito menos parece ter apoiado a condenação, pois ela em si mesmo ultrapassava a letra da bula papal.

¹³⁰ Cfr. em particular: L. DELISLE: «Notice sur cinq manuscrits de la Bibliothèque nationale et sur un manuscrit de la Bibliothèque de Bordeaux, contenant des recueils épistolaires de Bérard de Naples», *Notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque nationale et autres bibliothèques*, t. XXVII, Paris 1879, pp. 87-167 e F. KALTENBRUNNER: «Die Briefsammlung des Berardus de Neapoli» *Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung* 7 (1886) 21-118, 555-635 (com lista numerada de todas as cartas).

¹³¹ Sobre Berardo de Nápoles cfr. D. LOHRMANN: «Caracciolo, Berardo», em *Dizionario biografico degli italiani*, vol. XIX, Istituto della enciclopedia italiana, Roma 1976, pp. 313-317. Agradeço ao Prof. Agostino Paravicini Bagliani o ter-me chamado a atenção para este estudo.

¹³² Esta carta foi pela primeira vez publicada em A. CALLEBAUT: «Jean Pecham, O.F.M. et l'augustinisme. Aperçus Historiques (1263-1285)», *Archivum Franciscanum Historicum*, 18 (1925) 441-472, cfr. pp. 459-460 e depois por A.M. de SÁ: «Pedro Hispano e a crise de 1277 da Universidade de Paris», cit., pp. 236-239, com trad. de M.P. Meneses nas pp. 239-241.

¹³³ Note-se que a data apenas ocorre no manuscrito Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 6735, f. 113v, estando omissa nos outros dois em que se baseia a edição de Callebaut.

¹³⁴ A.M. de SÁ: «Pedro Hispano e a crise de 1277...», cit., p. 238 e a trad. a pp. 240-241: «(...) todavia a Nós (...) prende-nos ao mesmo Estudo um afecto, também especial, que de há muito lhe ganhámos. Com efeito, vivendo em seus lares desde tenros anos, aí nos apicámos ao estudo de várias ciências, e, durante muitos anos, ouvindo suas lições, provámos as saborosíssimas primícias dessas ciências».

¹³⁵ No citado estudo de D. LOHRMANN: «Caracciolo, Berardo» (p. 315a) referem-se cinco cartas contra a união com a Igreja Bizantina que apenas existem nesta recolha, onde também há outras 44 cartas relacionadas com a política unionista oficial da cúria romana.

4) solicita que o informe sobre que pessoas, em que lugares e escritos tais erros são difundidos;

5) [não é mencionado a que se destina nem que fim será dado pelo papa ao relatório pedido];

6) Dado em Viterbo em «XV kalendas februarii, anno primo» (isto é: «em 18 de Janeiro, no primeiro ano de pontificado»).

Em substância, é isto mesmo que repete a dita bula de 28 de Abril, sendo totalmente omissa quanto à condenação entretanto promulgada pelo bispo em 7 de Março¹³⁶. De facto, essa carta de 28 de Abril (*Flumen aque vive*, 88 linhas na ed. de Moreira de Sá), usando agora um estilo ornamentado, metafórico e adjectivante:

1) começa com as mesmas evocações bíblicas do rio de onde brota o saber¹³⁷, ocasião para desenvolver as referências à ameaçadora impiedade dos erros que artistas e teólogos (*tam in artibus quam in theologica ... facultate; ... non solum artiste ... sed et predicti theologi*) agora ensinam em Paris e a obrigação de o papa proteger a pureza da fé;

2) continua dizendo que por pessoas fidedignas lhe chegaram relatos sobre esses erros, ocasião para revelar a sua amargura de antigo estudante do *Studium* parisiense;

3) ordena que sejam investigados todos e cada um dos erros;

4) solicita que os resultados da inquirição sejam enviados com a rapidez possível¹³⁸;

5) afirma que o papa quer proceder em conformidade com a gravidade dos erros e segundo o conselho dos seus irmãos;

6) contém uma datação («Datum Viterbii IIII kalendas maii») que não menciona nem o local, nem o ano do pontificado, elementos indispensáveis das bulas pontificias, para além de nem mencionar o ano corrente.

O facto de esta carta longa ser conhecida apenas através dos *Dictamina*, e devido à homologia de estrutura, de fundamentos e conteúdos com a carta de 8 de Janeiro, indicam que é uma revisão literária da carta genuína e que, certamente, nunca foi expedida¹³⁹, porque faz

¹³⁶ O decreto de condenação e os erros reprovados estão editados e estudados em R. HISSETTE: *Enquête sur les 219 articles condamnés à Paris le 7 mars 1277* Louvain 1977, e em D. PICHÉ: *La condamnation parisienne de 1277, Édition critique, traduction française et commentaire historico-philosophique*, Paris 1999, que inclui tradução e uma bibliografia com os mais importantes estudos sobre o assunto.

¹³⁷ Cfr. Evangelho de S. João: «Flumina de ventre eius fluent aque vive».

¹³⁸ A propósito dos pontos 3 e 4 é elucidativa a rubrica que precede esta bula em dois dos manuscritos usados na edição de Callebaut (art. cit., p. 459, n. 2): «Ut episcopus parisiensis de quibusdam inquirat erroribus contra fidem seminatis et tam ipsos quam eorum actores significet pape».

¹³⁹ A mesma natureza poderão ter outras cartas da recolha de Berardo, mas torna-se necessário testar esta hipótese com outros documentos. Na «Notice sur cinq manuscrits ...», cit., pp. 150-154, Léopold Delisle publica uma carta dos prelados da Igreja Grega onde reconhecem a superioridade do papa, mas acrescenta em n. 1: «manuscrit de Bordeaux fol. 129, n° 371. Une autre version de la même lettre a été insérée dans les éditions des conciles. Les différences sont assez notables pour

parte apenas das cartas em estilo ornado que o notário papal reuniu (e certamente reelaborou) para exemplificar a arte de redigir actos públicos¹⁴⁰.

Embora tudo indique que a “segunda bula” não possa ser considerada um documento genuíno, o facto de ela ser elaborada por alguém que viveu na cúria desde que em 1261-1262 foi nomeado notário pontifício com a responsabilidade da correspondência papal¹⁴¹, tendo sido notário do próprio papa João XXI, dá alguma credibilidade à referência biográfica sobre os estudos que este teria realizado em jovem no *Studium* de Paris. A informação poderá ter sido recolhida entre rumores em circulação na cúria ou mesmo *viva voce*. Se a este documento é reconhecido algum valor informativo, então temos que ir ainda mais longe e reparar que nele não se diz que o papa também tenha ensinado quando esteve em Paris. Os termos são claros no dizer que *se ocupou em estudo das diversas ciências* que degustou por longos anos. Repare-se que o contexto seria até o ideal para referir eventuais actividades de mestre, uma vez que é precisamente da acção dos mestres do *Studium* que se está a falar. Por outro lado, repete-se a referência ao estudo de diversas ciências, que já tínhamos lido no encómio dos cardeais Tiago e Jordão, que referiam entre os seus méritos a «*eminenter litterarum scientiam*». Parece inequívoco que estamos perante um homem de formação em vários ramos do saber (*variis scientiis*), que poderia mesmo feito o percurso universitário que provavelmente o levava da frequência da faculdade de artes (porquanto se diz que começou os estudos *ab teneris annis*) até alguma faculdade superior (o que explica que tenha permanecido em Paris *per annos plurimos*), mas sem que alguma vez tenha chegado a ensinar.

2. Ruído dos historiadores e bibliógrafos

As referências à estatura literária e académica de João XXI são, justamente, habituais nos cronistas dos séculos XIII e XIV que lhe dedicam atenção¹⁴². Depois de meados do séc.

justifier la publication du nouveau texte, qu'il faudrait combiner avec l'autre version pour essayer une restitution de l'original grec», o que evidencia que há cartas de Berardo que divergem das versões transmitidas por outras fontes.

¹⁴⁰ Esta é a opinião que tenho defendido a propósito deste documento (cfr. J.F. MEIRINHOS: «*Petrus Hispanus Portugalensis? ...*», cit., p. 55, n. 11 e «*Giovanni XXI*», cit., p. 433a onde a carta é citada, por gralha, com a data de 24 de Abril), contra a interpretação habitual que faz dele um documento genuíno, desde que foi publicado por A. Callebaut, que o toma mesmo como um testemunho do envolvimento doutrinal do papa na condenação de 1277 que, na sua interpretação hoje bastante contestada, visaria em especial as doutrinas de Tomás de Aquino.

¹⁴¹ Cfr. D. LOHRMANN: «*Caracciolo, Berardo*», cit., pp. 314a e 315a.

¹⁴² Ver um elenco, não exaustivo, das fontes narrativas dos séculos XIII-XVIII na secção I.2 da Bibliografia sobre Pedro Hispano, no final deste volume. Há diversos estudos que se ocupam dos textos que aqui serão aduzidos, cfr. em particular: P. ROSSI: «*Pietro Hispano nel giudizio dei cronisti contemporanei*», in *Estudos Italianos em Portugal*, 14-15 (1955-56) 4-17; J. FERREIRA: «*Importância histórico-filosófica de Pedro Hispano no contexto da Escolástica*», in *Leopoldianum*, 11 (1984) 99-110 (cfr. 99-100 e notas); J.M.C. PONTES, «*A propos d'un centenaire. Une nouvelle*

XIV as fontes repetem-se e não há razões para crer que os possíveis dados novos que contenham sejam fidedignos; pelo contrário, ou resultam de interpretações erradas das fontes que o seu autor está a usar, ou são revisões de copista ou de editor, ou são acrescentos provenientes de alguma tradição oral à qual não temos razões para atribuir qualquer fundamentação histórica ou documental.

Martinho de Troppau (Oppavia em latim) na Morávia, então província dominicana da Polónia, frade dominicano, penitenciário e capelão papal desde 1261, sob Clemente IV, até ser nomeado bispo de Gniezno em 1278, o ano da sua morte, é autor de um *Chronicon pontificum et imperatorum* onde se encontra um dos mais desenvolvidos retratos da personalidade do papa João XXI:

Iohannes XXI. natione Hispanus¹⁴³ anno Domini 1276 sedit mensibus 8, die 1, et cessavit papatus post mortem eius mensibus 6, diebus 7. Hic pontifex Iohannes, Petrus antea dictus¹⁴⁴, in diversis scientiis¹⁴⁵ famosus, primo Tusculanus episcopus, tandem Romanus pontifex efficitur. Qui scientiarum florem et pontificalem dignitatem morum quadam stoliditate deformabat adeo, ut naturali industria pro parte carere videretur. In hoc tamen quam plurimum laudabilis fuit, quod se tam pauperibus quam divitibus communem exhibens, multos egentes studium litterarum amplectentes fovit et in beneficiis ecclesiasticis promovit. Et cum sibi vite spatium in plurimos annos extendi crederet et hoc eciam coram aliis assereret, subito cum camra nova, quam pro se Viterbii circa palatium constuxerat, solus corrui et inter ligna et lapides collisus sexto die post casum, sacramentis omnibus ecclesiasticis perceptis, expiravit et ibidem in ecclesia sancti Laurencii sepultus exstitit¹⁴⁶.

monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis, le pape Jean XXI (†1277) est-elle nécessaire?», in *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 44 (1977) 220-230; J. ANTUNES: *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Coimbra 1995, pp. 122, 123, 263-266; IDEM, «Testemunhos dos historiadores contemporâneos de Pedro Hispano, o Papa João XXI», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 1 (2001) 213-222; A. LOBATO: «El Papa Juan XXI y los dominicos», *Mediaevalia. Textos e estudos* 7-8 (1995) 303-327; J.F. MEIRINHOS: «A atribuição a Petrus Yspanus das *Sententie super libro de physonomia...*», art. cit.; A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», *Vivarium* 35 (1997) 21-71; IDEM: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254.

¹⁴³ O manuscrito Berlin, SB-PK, Lat. qu. 291, de cerca de 1331, acrescenta as palavras «de civitate Ulisbonensi» (cfr. aparato da ed. de L. Weiland, citada a seguir), que aparecerão também em boa parte dos textos subsequentes que utilizam a obra de Martinho de Troppau.

¹⁴⁴ Dada a ausência de pontuação nos manuscritos medievais a expressão veio a gerar alguma confusão entre os biógrafos papais que, não fazendo a pontuação correcta, julgaram que o nome do papa havia sido «Iohannes Petrus», mas entre estes dois nomes deve de facto colocar-se uma vírgula, o que evita o erro, ou seja: «Este papa João, antes chamado Pedro».

¹⁴⁵ No manuscrito Praha, MK, G. 78 (que, curiosamente, não aparece na lista de Kaeppli) Weiland lê «sentiis» em vez de «scientiis», cfr. ed. cit. aparato.

¹⁴⁶ *Martini Oppaviensis Cronicon pontificum et imperatorum*, ed. L. WEILAND, Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum t. XXII, Hannoverae 1872, p. 443. No manuscrito Berlin, SB-PK, Lat. qu. 70 (do séc. XIV), lê-se o acrescento: «Qui papa constitutionem de coercione cardinalium propter summi pontificis electionem in concilio Lugdunensi promulgatam penitus cassavit» (cfr. idem, *ibidem*, n. †). O longo excerto também se pode ler no *Liber Pontificalis*, que, como se sabe,

Está aqui presente a generalidade dos elementos que durante séculos se repetirão no retrato do papa João XXI: o renome pela ciência que o tornava ilustre, uma certa fraqueza de carácter ou ausência de habilidade natural, mesmo estupidez (*quadam stoliditate*), que deformava a flor destas ciências e a dignidade pontifícia, a promoção dos estudos entre os mais desfavorecidos, a esperança de viver longos anos, a morte em consequência de uma derrocada de aposentos que tinha mandado construir. Mas, na literatura subsequente, qualquer destes elementos viria a ser justificado com informações cuja proveniência nem sempre é possível assinalar: a referência à erudição seria completada com a atribuição de obras, a questão do carácter seria ilustrada ou com subserviência a outros ou com as decisões tomadas durante o papado, a derrocada do palácio seria mesmo vista como um castigo divino pela jactância que exibia ou por perversamente se entregar a estudos ocultos. Para o que aqui nos interessa, retenhamos mais uma vez que, neste que é provavelmente o mais antigo perfil de João XXI, não há qualquer referência a obras que tenha escrito, nem a qualquer função médica, nem a qualquer função de ensino. O facto de Martinho ser um alto funcionário da cúria torna plausível que tivesse conhecido e contactado directamente com Pedro Julião antes e depois da sua ascensão ao sólio pontifício, pelo que este retrato tem um valor testemunhal muito forte. A obra teria influência profunda e quase de imediato se torna uma das mais usadas fontes em numerosos outros escritos de tipo cronístico ou de história pontifícia¹⁴⁷. De qualquer modo esta obra encerra os seus próprios problemas editoriais, pois foi terminada em 1268/1269, sofrendo vários acrescentos pela própria mão do autor ou por outros. O texto sobre João XXI só poderia ter sido escrito após Maio de 1277 e Martinho morreu precisamente no ano seguinte, por isso não é improvável que este texto tenha sido escrito por um dos continuadores. Aliás, alguns manuscritos do *Chronicon* ou *Catalogus pontificum* terminam antes de chegar a João XXI, como acontece no manuscrito G. IV. 26, do século XV, da Biblioteca Nazionale de Turim, que adita uma descrição do seu papado substancialmente diferente:

Iohannes XXI, natione Hyspanus, ano Domini MCCLXXVII. sedit mensibus octo, diebus novem et cessavit mensibus VI, diebus quattuor. Iste papa constitutionem de coercione cardinalium propter electionem summi pontificis, quam papa Gregorius X. in concilio

para o período 1130-1281 foi completado com a *Crónica* de Martinho, cfr. *Le Liber Pontificalis*, texte, introd. et comm. par L. DUCHESNE, E. de Brocard Ed., Paris 1955, p. 457.

¹⁴⁷ Foi usado sobretudo, mas não exclusivamente, por escritores dominicanos, por exemplo por Nicolau Trivet: *Annales sex regum Angliae* (c. 1307), ed. Th. HOG, London 1845); por Bernardo Gui: *Flores Chronicorum* (c. 1316, com revisões sucessivas até 1331, ed. N. Wailly, em *Recueil des historiens des Gaules et de la France*, t. XXI); por Riccobaldo de Ferrara: *Historia imperatorum* (ed. MURATORI, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. IX, col. 140); por Francesco- Pipino: *Chronicon* (c. 1321, ed. L.A. MURATORI, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. IX), para citar apenas alguns e sem entrar nas numerosas crónicas anónimas.

Lugduriensi ediderat et papa Adrianus quartus suspenderat, penitus in totum cassavit³. Hic fuit magnus litteratus in omnibus scienciis et propter suam litteraturam a papa Gregorio X. in episcopum Tusculanum cardinalem fuit promotus. Post a cardinalibus in palacio Viterbii in papam electus et mortuus fuit exterminabili casu, quia camera, in qua ad studendum solus de nocte sedebat, fonditus corruit, ita quod lapis supra lapidem nec lignum supra lignum ibidem ordinate remansit, et vix extractus fuit vivus desubtus tantam ruinam; nullus alius lexis fuit; et vixit a nocte diei sabati precedentis habendo memoria et mentem sanam usque ad XX^m diem Maii, et sepultus est in ecclesia sancti Laurentii Viterbio. Huius tempore magna fames et mortalitas hominum fuit in Lombardia¹⁴⁸.

Segundo Holder-Egger este acrescento à *Crónica* de Martinho (a que se segue um mais breve sobre Nicolau III) não parece ser composto pelo copista mas transcrito de um códice mais antigo, devendo ter por autor alguém do século XIII, porque, afirma, não o encontrou em nenhum outro local¹⁴⁹. Sublinhem-se pelo menos dois aspectos novos: (1) Gregório X teria elevado Pedro Julião ao cardinalato «propter suam litteraturam», mas mais tarde dir-se-á que foi por ser seu médico pessoal, e que (2) morreu na sequência da ruína do tecto da sua sala «in qua ad studendum solus de nocte sedebat». Também estas duas novas informações realçam facetas intelectuais e literárias de Pedro Julião.

O franciscano Salimbene de Adam (Parma 1221- Montefalco, após 1288) escreveu uma *Cronica*¹⁵⁰, vívido e pessoalíssimo relato, que sobreviveu em apenas um manuscrito, autógrafo, embora mutilado no início e no fim, restando a parte relativa aos anos 1168 a 1287¹⁵¹. A *Cronica* foi composta de 1283 até 1288, pouco antes da morte do autor. O papa

¹⁴⁸ *Continuatio Pontificum Italica I.*, ed. Oswald HOLDER-EGGER, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, Monumenta Germaniae Historica, Scriptores vol. 30, Hannoverae 1896, p. 711. A *Continuatio Pontificum Italica II.* tem um suplemento muito mais breve: «Iohannes XXI, natione Hyspanus, ano Domini MCCLXXVII. sedit mensibus VIII, Viterbii factus est papa et ibi sepultus est in eclesia maiori, religiosorum non satis amicus», *ibidem*, p. 711.

¹⁴⁹ Cfr. O. HOLDER-EGGER, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, apud Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, Hannoverae 1896, p. 708.

¹⁵⁰ SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, edidit Giuseppe SCALIA, 2 vol. (Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalis, 125-125A), Brepols, Turnhouti 1998, vol. I: a. 1168-1249, vol. II: a. 1250-1287; cfr. a edição: *Cronica* fratris Salimbene de Adam, ordinis minorum, edidit Oswald HOLDER-EGGER, Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum, vol. 32, Impensis Bibliopolii Hahniani, Hannoverae 1905-1913. Uma síntese biográfica lê-se em R. MANSELLI: «Adam Ognibene (Salimbene) de», *Dizionario biografico degli italiani*, Roma 1973, vol. I, pp. 225-231; *Salimbeniana. Atti del Convegno per il VII Centenario di fra' Salimbene*, Parma 1987-1989; M. D'ALATRI: *La Cronaca di Salimbene. Personaggi e tematiche*, Roma 1988; ver também os diversos estudos de Ludovico Gatto citados ao longo de L. GATTO: «Francesco d'Assisi e i francescani nella "Cronaca" di Salimbene de Adam», *Frate Francesco*, 68 (2002) 137-170. Os mecanismos narrativos, fontes e sentido da história da *Cronica* são estudados por O. GUYOTJEANNIN: *Salimbene de Adam, un croniqueur franciscain*, Turnhout 1995, cfr. os cap. I (Enquête et témoignage) e II (forme et sens).

¹⁵¹ O mais recente editor descreve assim a natureza da *Cronica*: «Nel consueto impianto annalistico medievale, concepito, però, in maniera tutt'altro che rigorosa, contiene le notizie più disparete, concernenti fatti di natura politica, sociale, economica, militare, religiosa, giuridica, artistico-letteraria, l'avvenimento di cronaca nell'accezione moderna del termine, il ricordo strettamente

João XXI é referido cinco vezes. A segunda dessas passagens é relativa ao ano 1246 e encerra termos verdadeiramente laudatórios:

Quod frater Iohannes de Parma. licet habuerit inimicos tamen multos habuit magnos amicos, qui ipsum honoraverunt, qui specificantur inferius.

Et notandum quod, quamvis frater Iohannes de Parma habuerit multos mordaces occasione doctrine abbatis Ioachym, habuit tamen multos qui eum dilexerunt. Inter quos fuit magister Petrus Hyspanus; qui factus cardinalis et postea ipse idem factus papa Iohannes XXI, cum esset magnus sophysta, loycus et disputator atque theologus, misit pro fratre Iohanne de Parma, qui similia in se habebat. Nam, ut dicit Ecclesiasticus XIII: Omne animal diligit simile sibi, sic et omnis homo proximum sibi. Omnis caro ad similem sibi coniungitur, et omnis homo simili sui sociabitur. Voluit ergo papa quod semper esset cum eo in curia, et cogitabat eum facere cardinalem, sed morte preventus non potuit facere quod mente conceperat. Nam camera cecidit super papam, et mortuus est. Et impleta est Scriptura que dicit, Eccli. X: Omnis potentatus brevis vita. Papa etiam Innocentius quartus diligebat fratrem Iohannem sicut animam suam, et quando ibat ad eum recipiebat eum ad osculum oris; et cogitavit eum facere cardinalem, sed morte preventus non potuit¹⁵².

Repare-se que, aqui, o ponto central é o elogio do franciscano João de Parma (?-1288), realçando a estima que por ele tinham outros homens de Igreja distintos pela sua ciência, em particular o papa João XXI que teria pretendido elevá-lo a cardeal¹⁵³. Não há uma referência a qualquer obra de João XXI, claramente designado pelo nome secular *Petrus Hyspanus*, mas as palavras «cum esset magnus sophysta, loycus et disputator atque theologus» têm sido valorizadas sobretudo por se afeiçoarem de modo particular a alguém a quem são atribuídos os *Tractatus* ou *Summulae logicales*., embora os qualificativos usados se apliquem mais directamente ao conteúdo dos *Sincategoremas* que ao *Tractatus*, dado que naqueles há de facto a disputa de dezenas de sofismas, que apenas incidentalmente ocorrem no *Tractatus*. Curiosamente, ao atributo «theologus» não tem sido dada qualquer relevância pelos intérpretes que aduzem esta passagem. De qualquer forma, enquanto não for determinado o

personale o autobiografico, la notazione di costume, l'aneddoto, la curiosità: è narrazione cronachistica, e nello stesso tempo libro di memorie, così come partecipata trattazione con metodo scolastico di temi di attualità, di principi comportamentali, di questioni esegetiche e dottrinali, in un fitto reticolo di citazioni biblico-patristiche, inserti profetici, trascrizioni di testi poetici e documentari, *exempla*, proverbi, *sententiae*, riferimenti incrociati di ogni specie.», G. SCALIA, «Introduzione», em SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, cit., vol. I: a. 1168-1249, p. XIII, onde também se refere o manuscrito autógrafo (Vat. lat. 7260) e a data de composição.

¹⁵² SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, cit., vol. I: a. 1168-1249, pp. 465-466; cfr. a edição *Cronica fratris Salimbene de Adam*, cit., p. 210. Sobre a própria adesão de Salimbene ao joaquimismo, cfr. a cit. «Introduzione» de G. SCALIA, pp. IX e n. 13, XV e n. 58 com bibliografia.

¹⁵³ Esta intenção é também referida por A. CHACÓN: *Vitae et gesta summorum pontificum*, Liber I, Romae 1601, p. 597 na notícia da própria elevação de Pedro Julião ao cardinalato, sem citar Salimbene, mas remetendo para «Paulus Corresius».

rigor se pode atribuir ao conteúdo do relato, deverá ser interpretado sobretudo pela afeição que Salimbene tinha a João de Parma¹⁵⁴ e como constituindo em primeiro lugar um elogio a este franciscano com o qual partilhou a adesão ao joaquimismo.

Diga-se que todo o episódio poderia também aplicar-se a Pedro de Tarantásia (c. 1224-1276), mestre parisiense de teologia entre 1257 e 1260 e depois entre 1267 e 1269, foi papa em 1276 sob o nome de Inocêncio V¹⁵⁵, não fosse dar-se a circunstância de se tratar de um dominicano e, por isso, ser árduo explicar as suas simpatias por um franciscano joaquimista a ponto de querer elevá-lo a cardeal. Mas, diga-se que a obra teológica de Pedro de Tarantásia se inspira em Tomás de Aquino, mas também no franciscano Boaventura de Bagnoregio¹⁵⁶. De qualquer forma, Salimbene não é testemunha directa dos factos relatados, e há um caso em que expressamente diz que os ouviu ao mestre e médico Benedito Faventino, esse sim estudante em Paris por longos anos e também admirador de João de Parma¹⁵⁷. A provável relação entre João de Parma e Pedro de Tarantésia enquanto mestres mendicantes na Universidade de Paris (o segundo poderia ter sido discípulo do primeiro em Teologia, para além de ambos terem sido inquiridos por heresia no âmbito das respectivas ordens) permitiria explicar alguma relação pessoal e de afecto entre os dois teólogos, o que levaria a tomar como mais plausível um engano de Salimbene, que estaria a atribuir a João XXI actos e intenções de Inocêncio V.

Há nesta *Cronica* mais quatro breves passagens relativas a João XXI e em outra delas, relativa à eleição papal em 1276, é de novo referido como «Petrus Hyspanus», mas sem outros elementos que interessem à questão da atribuição de obras:

Et eodem anno in papam electus fuit magister Petrus Hyspanus et vocatus fuit papa Iohannes XXI; et electio sua fuit facta a cardinalibus die XVII^a Septembris et supradicto anno; et sedit menses VIII, dies I¹⁵⁸.

¹⁵⁴ João de Parma foi ministro geral dos franciscanos e por diversas vezes é citado na *Cronica*, sempre com veneração. Salimbene atribuiu-lhe excepcionais qualidades humanas e de ciência, por exemplo nas pp. 336-337, 456, 458-460, 468-470, 472-473, cfr. L. GATTO: «Francesco d'Assisi e i francescani nella "Cronaca" di Salimbene de Adam», cit., pp. 157-158, que releva o facto de Salimbene errar ao atribuir a saída de João de Parma de Geral dos franciscanos a uma decisão própria, quando de facto a isso foi pressionado, devido a uma pretensa adesão excessiva a Joaquim de Flora, por Boaventura de Bagnoregio (cfr. p. 158), que lhe viria a suceder como Geral e o submeteria mesmo a um processo, fazendo-o retirar-se para Greccio.

¹⁵⁵ Cfr. P. Vian: «Innocenzo V, beato», em *Enciclopedia dei Papi*, Roma 2000, vol. II, pp. 423-425.

¹⁵⁶ Cfr. L.-J. BATAILLON: «Pietro di Tarantasia (Innocenzo V, papa)», em A. VAUCHEZ (dir.), *Dizionario enciclopédico del Medioevo*, 3 vol., trad., Roma 1999, vol. III, p. 1477.

¹⁵⁷ «Hec omnia supradicta habui a magistro Benedicto Faventino phisico, qui interfuit et audivit. Nam multis annis Parisius studuit et multum diligebat et commendabat fratrem Johannem de Parma», SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, ed. G. Scalia, 1966, p. 438 (o passo foi também citado por R. STAPPER: *Papst Johannes XXI*, cit., p. 13, n. 5)..

¹⁵⁸ SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, cit., vol. II: a. 1250-1287, pp. 752-753; cfr. a edição *Cronica fratris Salimbene de Adam*, cit., p. 496.

É pouco provável que Salimbene tivesse utilizado outras fontes escritas para escrever sobre João XXI e em pelo menos um episódio, o do envio de emissários aos Tártaros por João XXI, refere que ouviu relatos desta viagem pela boca dos próprios emissários, quando se encontrava em alguma localidade da província franciscana de Bolonha em 1276/1277¹⁵⁹. Talvez também provenham da sua memória as restantes referências (por exemplo aquela evocação das qualidades científicas e lógicas de Pedro Hispano), ou de factos bem conhecidos (como os breves relatos das eleições cardinalícia e papal, ou o da morte)¹⁶⁰. Note-se de passagem que Salimbene é provavelmente a única fonte que não refere qualquer causa para a morte do papa, nem toca ao de leve no acidente da queda do tecto dos aposentos do papa. Apesar de o *Chronicon* de Martinho estar entre as fontes escritas usadas por Salimbene¹⁶¹, pelo menos no que diz respeito a João XXI a sua utilização não parece ocorrer.

Estas referências de Salimbene não parecem ter tido influência em escritores posteriores, mas têm o valor de, após a obra de Martinho Opaviense, escrita pouco tempo antes, mas muito mais difundida, constituir talvez a segunda fonte narrativa mais antiga sobre João XXI.

O dominicano Tiago da Varagine (c. 1228—† 14 de Julho de 1298), célebre sobretudo pela *Legenda aurea*, a monumental recolha hagiográfica composta em 1265, escreveu também uma crónica da cidade de Génova, onde se refere a João XXI. Esta obra foi terminada em 1297, portanto exactamente 20 após a morte do papa. As suas informações merecem o crédito devido a alguém que viveu de perto os factos narrados:

(...) Circa haec tempora electi fuerunt tres Cardinales in Summos Pontifices, quorum vita brevis extitit, et intra dies paucissimos finita fuit. Primus fuit Innocentius Quintus de Ordine Praedicatorum, qui sedit mensibus quinque. Iste fuit homo multum famosus, et in Theologia valde summus, qui etiam rexit Parisiis in Theologia multis annis. Iste specialem amorem ad Civitatem Januae habuit, et pacem inter Regem Carolum et ipsam Civitatem fecit. Alius fuit Adrianus de Comitibus Lavaniae, qui sedit mense uno et diebus paucis. Iste licet esset magnae sapientiae et experientiae, tamen propter brevitatem temporaria nihil insigne vel notabile facere potuit. Gaudentibus autem de sua sublimitate parentibus et amicis, dixit eis: *Quare gaudetis? melius erat vobis unum Cardinalem vivum habere, quàm Papam mortuum*. Post modicum vero temporis infirmitatem incurrit, et in pace quievit. Alius fuit Iohannes natione Hispanus, qui sedit

¹⁵⁹ «(...) papa Iohannes XXI iterum misit ad eos [ad Tártaros] sex fratres Minores (...). Reversi sunt itaque fratres Minores a Tártaris valde sospites, et multa dicebant de eis, ut ab eis audivi auribus meis», SALIMBENE DE ADAM, *Cronica*, cit., vol. I: *a. 1168-1249*, p. 317 (cfr. G. SCALIA: «Introduzione», cit., p. XII n. 34); na *Cronica* fratris Salimbene de Adam, cit., cfr. p. 210.

¹⁶⁰ Sobre as fontes escritas de Salimbene cfr. G. SCALIA, «Introduzione», cit., pp. XXI-XXXI.

¹⁶¹ Cfr. G. SCALIA: «Introduzione», cit., p. XI e index de fontes. Salimbene também usa o *Liber de temporibus et aetatibus*, obra outrora erradamente atribuída ao notário Albertus Milioli, e que também tem Martinho entre as suas fontes, cfr. IDEM, pp. XXI-XXXI.

mensibus octo. Cum enim quamdam domum aedificari faceret, subito domo cadente etim occidit, et sic vitam finivit. De cuius morte modicum Ecclesiae damnum fuit, quia licet scientia physicali et naturali multum esset repletus, tamen discretione et sensu naturali multum erat vacuus¹⁶².

De facto, o que Tiago de Varazze diz não se afasta do perfil traçado pelo seu confrade Martinho de Troppau, onde poderá ter colhido inspiração. Estão lá os mesmos três *topoi* sobre João XXI: erudição em saber, ausência de bom senso na acção, morte em consequência de uma derrocada. Mas, o silêncio sobre outros pormenores ganha certo significado se compararmos a referência a João XXI com o que diz sobre Inocêncio V (Pedro de Tarantésia), sobre o qual expressamente diz que foi mestre de Teologia em Paris, embora também omita a referência às suas obras. Se Tiago soubesse que Pedro Hispano tinha sido mestre em alguma universidade não o diria, até para ilustrar a ciência que lhe atribui?

O dominicano Bartolomeu ou Ptolomeu degli Fiadoni de Luca (c. 1236-1327), antigo discípulo, confessor e biógrafo de Tomás de Aquino, teve um privilegiado percurso que lhe permitiu conhecer por dentro a própria cúria pontifícia, onde viveu pelo menos a partir de 1309. Compôs duas obras onde também descreve o papado de João XXI. A primeira obra, os *Annales*, teve duas redacções. Na primeira, elaborada entre 1303 e 1306, escreve o seguinte sobre João XXI:

Eodem anno in Octobri dominus Petrus Yspanus de cardinalatu in papatum transiit et Iohannes XXIus vocatur. Hic natione Portugalensis sedit mensibus IX.

Eodem anno Iohannes papa constitutionem factam in concilio Lugdunensi de inclusionem cardinalium publice revocavit. Magnus in scriptura, sed modicus in doctrina, in industria naturali; largus in gratiis faciendis. Hic etiam multum preceps in responsionibus, religiosos exosus habuit, propter quod percussit eum Deus.

Anno Domini MCCLXXVII. Camera ubi quiescebat cecidit super eum, et mortuus est ac sepultus in ecclesia Maiori Viterbii; cui succedit dominus Iohannes Gaytani vocatus Nicholaus IIIus¹⁶³.

e na segunda redacção, que é posterior a 1309, lemos uma apreciação que no geral se mantém, mas que apresenta algumas alterações de tom:

Eodem anno circa finem factus fuit papa alius cardinalis videlicet magister Petrus Yspanus, qui et Iohannes vocatus. Et tunc civitas Luce fuit in pace.

¹⁶² *Chronicon Genuae (ab origine urbe usque ad annum MCCXCVII)*, Cap. VII, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1726, t. IX, col. 52; cfr. também a edição de G. MONLEONE: *Iacopo da Varagine e la sua Cronaca di Genova dalle origini al MCCXCVI*, Roma 1941, vol. II.

¹⁶³ *Tholomei Lucensis Annales*, ed. B. SCHMEIDLER, *Die Annales des Tholomeus von Lucca*, (Monumenta Germaniae Historica, Scriptores rerum germanicarum, n. ser., t. VIII) Berolini 1930 [reimpr. 1955], p. 183.

Anno Domini MCCLXXVII. Iohannes papa multas actemptavit novitates, et preceps multum in agendis. Nam primo constitutionem Gregorii de cardinalibus includendis, quam Adrianus suspendit, ipse publice revocavit. De facili erat ingressus ad eum et largus in gratiis faciendis, sicut parum considerans, fuit tamen magnus in philosophia, set in actionibus spiritu Hispanico plenus. Hic exosos habuit religiosos, propter quam causam percussit eum Dominus, quia domus sua ruit super eum; ex quo quasi semivivus relictus ad modicum cum tempus moritur Viterbii, ubi creatus fuerat. Vixit autem in papatu mensibus VIII¹⁶⁴.

Vejam-se em particular as variantes relativas ao saber de João XXI, que em 1306 é «magnus in scriptura, sed modicus in doctrina, in industria naturali; largus in gratiis faciendis», mas em 1309 a comparação foi depurada: «magnus in philosophia, set in actionibus spiritu Hispanico plenus». As variações vocabulares não esbatem o que Ptolomeu quer realçar: a contradição entre a eminência do saber e uma certa incapacidade na acção¹⁶⁵, que está na origem de um castigo divino que antecipou a sua morte. A expressão torna-se mais precisa: «magnus in philosophia», mas ainda não é dada qualquer informação sobre obras que tivesse escrito. Essa ausência mudará radicalmente com a *Historia ecclesiastica nova*, obra escrita entre 1312 e 1317, ao longo da qual Ptolomeu de Luca refere por diversas vezes João XXI¹⁶⁶, agora traçando um perfil mais desenvolvido e em que nos surgem, pelo menos na edição impressa de Muratori, preciosas informações, em particular a primeira atribuição de obras:

Cap. XXI.

De Iohanne XXI; CLXXXIV Pontifice; quis fuit et qualis conditionibus; qualiter constitutionem Gregorii de reclusionem Cardinalium simpliciter revocavit.

Anno Domini eodem, hoc est MCCLXXVI, circa finem septembris dominus Petrus Hispanus, dictus Petrus Iuliani, cardinalis Tusculanus natione Portugallensis, de cardinalatu assumitur in papatum et Iohannes XXI est vocatus. Hic generalis clericus fuit et precipue in medicinis, unde et quedam experimenta scripsit ad curas hominum et librum composuit qui Thesaurus pauperum vocatur. Fecit et librum de problematibus iuxta modum et formam libri Aristotelis, et quamvis magnus fuerit in scientia, modicus fuit in discretione; praeceps enim fuit in verbo, et mitis in moribus, et plus apparebat, quia facilis ad eum fuit ingressus, et inde patebat

¹⁶⁴ *Tholomei Lucensis Annales*, ed. B. SCHMEIDLER, cit., pp. 183-184; *Ptolomaei Lucensis Breves Annales ab anno MLXI. ad annum MCCCIII*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1727, t. XI, col. 1291 (na introdução, Muratori cita duas edições anteriores, de 1619 e 1677)

¹⁶⁵ Com rigor etnográfico Ptolomeu atribui esta incapacidade, na segunda redacção, a uma indiossincrasia de geração: o «espírito hispano», interpretado por Abelardo Lobato como tendo «el significado usual de ser capaz de “edificar castillos en el aire”, ser orgulloso y mui suficiente», cfr. A. LOBATO: «Pedro Hispano y los dominicos», cit., p. 318.

¹⁶⁶ Cfr. Ptolomaei Lucensis: *Historia Ecclesiastica nova*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. XI, col. 1153, 1162, 1170.

omnibus suis defectus: quod est contra documentum Philosophicum, quia facta Principum personalia non debet patere conspectibus hominum, sed solum publica, in quibus Princeps habet populo respondere, sicut Maximus descripsit Valerius. Religiosus parum dilexit, et inde eidem, ut creditus, male cessit; unde tradunt historiae, quod eo tempore quod camera cecedit super caput eius, quaedam fulminaverat contra religiosos. Hic statim constitutionem per Gregorium X de reclusionem cardinalium suspensam per Hadrianum, revocavit, consilio, ut fertur, Domini Joannis Gaetani, cuius nutu multa faciebat: eo quod principalis auctor fuerat suae promotionis¹⁶⁷.

Note-se que nesta nova narrativa Ptolomeu continua a explorar o *topos* da contraposição entre o saber e a incapacidade de acção como traço característico da personalidade do papa. Mas, agora não é *magnus in scriptura*, nem *in philosophia*, mas sim *in scientia*, termo mais adequado às obras que pela primeira vez são atribuídas a João XXI, aliás Pedro Julião, aliás Pedro Hispano: «Hic generalis clericus fuit et precipue in medicinis, unde et quedam experimenta scripsit ad curas hominum et librum composuit qui Thesaurus pauperum vocatur. Fecit et librum de problematibus iuxta modum et formam libri Aristotelis».

Esta atribuição de obras por Ptolomeu de Luca (v.g. as que são designadas pelo título: o *Thesaurus pauperum* e um *Liber de problematibus*) é uma absoluta novidade e é difícil determinar qual seja a sua fonte, que tanto poderá ser alguma tradição oral, como algum manuscrito que circulasse com essas atribuições a Pedro Hispano ou João XXI, como poderá ser, simplesmente, uma associação produzida pelo próprio autor em resultado dos seus vastos conhecimentos literários e sobre os personagens seus contemporâneos. Contudo, é sabido que nem sempre são exactos as informações fornecidas por esta obra. Como se sabe Ptolomeu de Luca era já muito idoso quando a escreveu, tinha entre 75 e 80 anos e, por vezes, já é demasiado vago ou aproximativo, apesar da utilidade e aparência de autoridade das suas afirmações. Alguns seus contemporâneos escreveram mesmo sobre a sua senilidade em fim de vida e estão assinalados erros cronológicos e lapsos de memória a propósito precisamente do seu antigo mestre Tomás de Aquino¹⁶⁸. Como mostrou René-Antoine Gauthier, as indicações cronológicas que Ptolomeu dá das obras de Tomás de Aquino, de quem explicitamente diz que foi discípulo e confessor, parecendo seguras encerram de facto contradições e não são confirmadas pelos próprios textos de Tomás. Assim, no que diz respeito ao *Comentário sobre*

¹⁶⁷ Ptolomaei Lucensis: *Historia Ecclesiastica nova*, ed. L.A. Muratori, cit., col. 1176.

¹⁶⁸ Cfr. J.-P. TORRELL: *Initiation à saint Thomas d'Aquin. Sa personne et son œuvre*, Paris - Fribourg 1993, pp. 396-398; sobre esta questão ver também A. DONDAINE: «Les "Opuscula fratris Thomae" chez Ptolomée de Lucques», *Archivum fratrum praedicatorum* 31 (1961) 142-203, cfr. pp. 158-164, que cita, entre outras, a referência do doge de Veneza sobre a senilidade de Ptolomeu (transcrita por Torrell, p. 398 n. 21).

a *Ética*, Gauthier conclui que este é o último dos comentários aristotélicos, tendo sido composto em 1270-1271, portanto no segundo período de ensino parisiense e não cerca de 1261-1264, no *Studium* de Roma, como afirmara Ptolomeu que assim o dava como um dos primeiros comentários aristotélicos¹⁶⁹. A mesma imprecisão pode ocorrer a propósito de João XXI, com alguma claudicação da memória que acolhe novos dados, em particular as atribuições de obras, que não se encontravam nas obras precedentes de Ptolomeu e que foram a fonte principal desta *Historia* nova. De qualquer modo e embora não conheçamos para este particular quais as exactas fontes onde Ptolomeu colhe a atribuição de obras a João XXI ela ficará para a posteridade, orientando a tradição de uma forma poderosa. Por um lado aponta com exactidão para a medicina, dando mesmo o título do *Thesaurus pauperum*, a mais famosa das obras médicas atribuídas a Pedro Hispano, mas também aponta para a filosofia, embora de um modo menos preciso, quando diz «Fecit et librum de problematibus iuxta modum et formam libri Aristotelis», o que viria a ajustar-se à descoberta, já no século XX, de diversos manuscritos com o opúsculo *Problemata* de Pedro Hispano, embora ele nada tenha a ver com a obra homónima de Aristóteles, mas seja um florilégio de quesitos do comentário ao *De animalibus* atribuído também a Pedro Hispano no manuscrito 1877 da Biblioteca Nacional Madrid.

O notário Riccobaldo de Ferrara compilou diversas fontes e crónicas para compor a sua *História universal* ou *Pomerium Ravennatis Ecclesiae*, concluída no Verão de 1297, onde escreve sobre João XXI em duas passagens distintas. Na primeira, integrada na IV parte da obra, ou *Historia Imperatorum*, em passo sobre o Concílio de Lião de 1274, lemos a referência à encardinação de Pedro Julião, juntamente com outros três sábios homens:

Hic Gregorius praestantes quatuor sapientia viros secundum eius opinionem et consilium captum ad cardinalatum ascivit, quorum consilio agebatur, scilicet quendam magistrum in Ordine Praedicatorum [Pedro de Tarantésia OP], qui sibi in papatu successit [Inocêncio V], magistrum Ordinis Minorum fratrem Bonaventuram de Bagnareto [Boaventura OFM], magistrum Petrum Hispanum, qui mox papatu est functus dictus Johannes XXI, et quartum alium virum scientia aequè persimilem¹⁷⁰.

Uma descrição mais desenvolvida encontra-se na parte VI, ou *Historia Pontificum Romanorum*, em parágrafo relativo ao ano 1277, que diz exclusivamente respeito a João XXI:

MCCLXXVII.

¹⁶⁹ R.-A. GAUTHIER: «La date du commentaire de S. Thomas sur l'*Éthique à Nicomaque*», *Recherches de théologie ancienne et médiévale* 18 (1951) 76-94, cfr. pp. 67-71 e 105.

¹⁷⁰ Riccobaldi Ferrariensis *Pomerium Ravennatis Ecclesiae sive Historia universalis ab anno circiter DCC usque ad annum MCCXCVII*, ed. Iohannes Georgius Echardus, apud L.A. MURATORI, *Rerum Italicarum Scriptores*, vol. IX, col. 139-140.

Iohannes XXI, natione Hispanus, sedit menses VIII, dies I, et cessavit menses VII, dies VII. Hic electus fuit Cardinalis a Gregorio X. Hic magnus magister in scientiis plus delectabatur quam omnibus reliquis in negotiis. Cui nomen fuit Magister Petrus Hispanus qui *Tractatus in logica* composuit. Dum in longo vitae spatio gauderet, quod sibi et affuturum jactabat, dumque nova camera legeret, quam sibi circa palatium Viterbii paraverat, eo praesente palatium corruit et solus inter ligna et lapides attritus die quinto supervixit et munitus sacramentis ecclesiasticis migravit e seculo et sepultus est Viterbii, ecclesia Sancti Laurentii¹⁷¹.

Esta segunda passagem tem particular importância porque nela se lê outra atribuição explícita de obras a João XXI. A expressão «Cui nomen fuit Magister Petrus Hispanus qui *Tractatus in logica* composuit» aponta claramente para as *Summulae logicales* e tem sido justamente usada como a mais evidente e antiga prova da autoria desta obra, bem como da identidade entre João XXI e o Pedro Hispano lógico¹⁷². Aqui não temos sinal da medicina referida por Ptolomeu, mas apenas da lógica, estabelecendo assim uma ponte com o que Salimbene havia escrito. Mesmo que se duvidasse da sua genuinidade, esta afirmação de Riccobaldo obrigava a aceitar que era antiga a atribuição do *Tractatus* a João XXI. Contudo, Angel d’Ors contestaria a originalidade do excerto acabado de citar, aduzindo uma passagem da *Chronica Pontificum Romanorum* atribuída a Riccobaldo, que encontrou em um manuscrito e em uma edição de 1474, com redacção muito mais breve¹⁷³:

Iohannes 21 papa sedit mensibus 8. Dei iudicio palacium super eum corruit etiam novum, nec ullum praeter eum lesit. Non statim expiravit, sed potuit confiteri¹⁷⁴.

D’Ors pretende assim mostrar que o testemunho de Riccobaldo de modo algum pode fundamentar a atribuição do *Tractatus* a João XXI¹⁷⁵. A diferença em relação ao texto publicado por Muratori é evidente, contudo, esta edição baseia-se de facto em dois manuscritos, referidos em vários passos¹⁷⁶ como códices Estense e Guelferbytanus. O

¹⁷¹ Riccobaldi Ferrariensis *Historia universalis*, cit., col. 181.

¹⁷² M.-H. LAURENT: «Maître Pierre d’Espagne fût-il Dominicain?», *Divus Thomas* 39 (1936) 35-45, cfr. p. 40; L.M. de RIJK: *PETER OF SPAIN, Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales. First Critical Edition from the Manuscript*, Van Gorcum & Comp. B.V., Assen 1972, cfr. pp. XIII-XIV.

¹⁷³ A. D’ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», cit., p. 59 e n. 102.

¹⁷⁴ D’Ors cita assim a *Chronica Riccobaldi* existente no manuscrito El Escorial, ms. 6-IV-28, f. 87v e em uma edição apenas referida pela data: 1474.

¹⁷⁵ Lê-se em d’Ors: «I do not know the origin of the text edited by Muratori, which bear a strict resemblance to the chronicle of Francesco Pipino. However, considering what we know about the earliest versions of Riccobaldus’ Chronicle, unless earlier manuscripts or editions which attribute the *Tractatus* to John XII are found, any attempt to base the attribution of the *Tractatus* to John XXI on Riccobaldus’ testimony would be futile», A. D’ORS: «Petrus Hispanus O.P., ...», cit., p. 59. Note-se de passagem que a crónica de Pipino é posterior à de Riccobaldo que, aliás é uma das suas fontes.; assim, há de facto uma semelhança, mas a influência é a inversa da sugerida por d’Ors.

¹⁷⁶ A obra é de facto re-editada com base em manuscrito da Biblioteca Estense do duque de Modena, de que o próprio Muratori era bibliotecário, revendo assim o texto editado por Johann Georg Eckhart, como se pode ler na página de rosto («(...) *Historia universalis* (...) nuper edita a clarissimo

primeiro é o códice Modena, Biblioteca Estense, lat. 480 (do século XIV) e o segundo é o códice Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, 18. 5. Aug. (séc. XVI in.)¹⁷⁷. A primeira edição da obra baseara-se neste manuscrito e em aparato da sua edição Muratori assinala as variantes do códice de Modena, pelo que, de facto, a sua edição faz a colação de dois testemunhos independentes e para a passagem da atribuição do *Tractatus* não é assinalada qualquer variante ou omissão em qualquer dos apógrafos.

O segundo texto citado por d'Ors, que sumariamente o tomou como mais fiável, poderá ser apenas algum compêndio da Crónica de Riccobaldo em edições incunábulas¹⁷⁸. Também aqui é necessária uma aprofundada e cuidadosa comparação dos textos manuscritos que clarifique a questão antes de por de lado o texto, por mais incómoda que seja a sua aceitação¹⁷⁹.

De qualquer forma, o texto de Riccobaldo editado por Muratori encerra algumas anomalias que o tornam suspeito de intervenções posteriores. A expressão «Cui nomen fuit Magister Petrus Hispanus qui Tractatus in logica composuit» tem todo o aspecto de um inciso posterior, colocado exactamente a meio de uma descrição da personalidade de João XXI. Já em outro texto sugeri que de facto toda a descrição de Riccobaldo poderia resultar de uma original junção de duas fontes diversas¹⁸⁰: aquela tradicional relativa ao papa e uma outra relativa ao autor de lógica, cujo *Tractatus* começava por essa altura a ser adoptado como

Johanne Georgio Eccardo, nunc vero ope codicis MSti Estensis purgatior & auctior», p. 97), no prefácio de Muratori (p. 99, onde assinala diversos outros manuscritos) e na p. 101: «Contuli enim cum MSto codice Estensi editionem ipsam Eccardi, et haustas inde Variantes Lectiones, nonnullaque additamenta cum nova hac editione composui». A edição de Eckhart, no *Corpus historicum medii aevi, sive scriptores res in orbe universo praecipue in Germania a temporibus maxime Caroli M... usque ad finem seculi post C.n.XV. gestas enarrantes aut illustrantes, e variis codicibus manuscriptis per multos annos collecti et nunc primum editi* a Jo. Georgio Eccardo, 2 vol., J. F. Gleditschius, Lipsiae 1723, vol. I pp. 1150-seg. (reimpr. Francoforti-Lipsiae 1743).

¹⁷⁷ As datações e cotas actuais são seguramente as dadas por G. ZANELLA: «Riccobaldo e Seneca», em C. LEONARDI (cura), *Gli umanesimi medievali. Atti del II Congresso dell' "Internationales Mittellateinerkomitee" (Firenze, Certosa del Galluzzo, 11-15 settembre 1993)*, Firenze 1998, pp. 827-890, cfr. p. 827 o aparato ao pequeno excerto editado, onde se enumeram outros manuscritos da obra.

¹⁷⁸ Uma breve busca na base de dados da Bibliothèque Nationale de France permitiu encontrar estes títulos: Martini Poloni *Chronica summorum pontificum et imperatorum*, ex S. Hieronymo, Eusebio, aliisque, J. P. de Lignamine edidit, Romae 1474 [Hain-Copinger, *10857], obra aliás citada por Muratori na p. 102; *Chronica summorum pontificum imperatorumque Gervasii Riccobaldi*, a J. P. de Lignamine edita et continuata, cum additamentis, per magistrum Schurener de Bopardia, Romae 1476.

¹⁷⁹ A este propósito os trabalhos de Gabriele Zanella sobre Riccobaldo são incontornáveis, enquanto se espera a edição crítica que vem preparando, cfr. G. ZANELLA: «Riccobaldo e Seneca», cit.; cfr. G. ZANELLA: *Riccobaldo e dintorni. Studi di storiografia medievale ferrarese*, Ferrara 1980. Vejam-se também as introduções às edições: RICCOBALDO DE FERRARA, *Chronica parva Ferrariensis*, introd., trad., note G. ZANELLA, Ferrara 1983; RICCOBALDI FERRARIENSIS *Compendium Romanae Historiae*, (FSI, 108) ed. A.T. HANKEY, Roma 1984.

¹⁸⁰ Cfr. J.F. MEIRINHOS «Petrus Hispanus Portugalis? Elementos para uma diferenciação de autores», cit., p. 63 n. 45.

manual em diversas escolas, fontes essas que, num lance que teria importantes consequências, Riccobaldo ou um seu revisor associam numa mesma descrição.

Seja qual for o texto original de Riccobaldo, cuja fixação é indispensável para esclarecer o que aqui se discute, e mesmo que se suspenda a validade da atribuição do *Tractatus*, algo resulta incontroverso no seu testemunho: a reafirmação da fama de homem de ciência de Pedro Julião, a quem de todas as formas é já atribuído o *Tractatus* de lógica antes da imprensa e pelo menos em dois manuscritos do *Pomerium*.

É também a uma certa obsessão da ciência que se referem alguns textos cronísticos quando explicam a morte accidental do papa como resultado de um castigo divino, que assim punia quer a sua muitas vezes referida jactância de homem que se julgava destinado a viver muitos anos, quer a sua pretensa soberba de prelado que se entregava a artes obscuras. Estão neste caso os dois textos germânicos a seguir referidos

O presbítero Sifredo, pároco de Gross-Ballhausen (Balnhusi em latim) na Alemanha, escreveu no início do século XIV um *Compendium historiarum* que vai até ao ano de 1304. Segundo Oswald Holder-Egger a obra, compilada de algumas poucas fontes, revela-o como homem simples, submisso a todo o tipo de superstições, não muito literato e destituído de engenho crítico¹⁸¹. A sua obra tem a particularidade de referir histórias pouco louváveis de papas do seu tempo, o que faz o editor suspeitar que teria passado por Roma por volta de 1300¹⁸². De facto, também o que nos conta de João XXI não é muito lisonjeiro e não o encontramos em outras fontes:

Anno Domini 1276. (...) Eodem anno Iohannes XVIII (!), a sancto Petro 197. papa ordinatur. Hic dum quendam librum, ut dicebatur, hereticum et perversum dictaret, subito domus in qua sedebat super eum corruit in tantumque concussit, ut infra spacium 5 dierum miserabiliter moreretur, replicans sepius hec verba vel similia: “Quid fiet de libello meo? Quis complebit libellum meum?” Obiit et iste primo anno pontificatus sui.

(...)

Anno domini 1277. papa Iohannes ruina cuiusdam domus obrutus et concussus, miserabiliter obiit, ut supra dictum est, successitque ei Nycolaus III (...) ¹⁸³.

Aqui o a ruína do palácio vitima o papa no exacto momento em que ditava um livro perverso e herético (o que obrigava à presença de mais alguém, facto negado pela generalidade das fontes) e, traço obsessivo supremo, mesmo ferido apenas dizia constantemente «*que acontecerá ao meu livro? quem terminará o meu livro?*». Apesar do

¹⁸¹ Cfr. a introdução de *SIFRIDI presbyteri de Balnhusin Historia universalis et Compendium historiarum*, ed. O. Holder-Egger, Monumenta Germaniae Historica, t. XXV, Hannoverae 1880, p. 683; sobre o autor e a data do *Compendium* cfr. pp. 679-680.

¹⁸² Cfr. HOLDER-EGGER, *ibidem*, p. 683 e n. 8.

¹⁸³ *SIFRIDI presbyteri de Balnhusin Compendium historiarum*, ed. cit., p. 708.

fundo depreciativo da anedota, há um aspecto constante que se repete: a inclinação literária do papa e aqui mais uma vez a referência a alguma obra. Passagens como esta viriam a justificar as posteriores atribuições de obras de nigromância, magia e alquimia ao papa.

Há outros textos de origem germânica que atribuem ao papa mais maléficas inclinações:

Hic hereticus et nigromanticus oppressus est in palatio a dyabolo, benedictus Deus! quia impugnavit dicta Thomae et Alberti etc. In cuius collo morientis inventa est cedula cum karacteribus suspectis¹⁸⁴.

Também esta *Crónica*, escrita por volta de 1281 parece recolher alguma tradição oral, mais uma vez reprobatória da acção papa. Aqui é claramente apontada uma razão para o castigo divino, que tem o diabo como instrumento, acusando João XXI de ter condenado as doutrinas de dois autores que parecem ser nada menos que os dominicanos Tomás de Aquino e o seu mestre Alberto Magno. Nada na acção do papa é conhecido quanto a condenações de autores e muito menos de Tomás ou de Alberto. Mas, talvez esta acusação se justifique por uma associação entre o papa e as condenações parisienses de 1277 e a subsequente abertura também em Paris, mas sem que se conheça qualquer intervenção papal nesse sentido, de um processo contra Tomás, processo esse que os cardeais da cúria travaram durante a *sedis vacatio* que se seguiu à morte de João XXI e que depois nunca seria retomado. Aqui não temos um papa escritor, mas censor. Pior ainda, transporta consigo amuletos, *com caracteres suspeitos*, o que só pode reiterar a heresia e nigromância que o cronista referira antes.

Para terminar a deriva por esta pequena selecção dos mais importantes textos escritos por contemporâneos do papa, convém evocar o mais celebrado poeta do século XIV, Dante Alighieri (Dantes Alagherii, 1265-1321). Na *Divina comédia*, obra escrita em toscano entre 1304/7 e 1321, aparece-nos um Pietro Spano precisamente na segunda coroa de sábios do Paraíso, onde pontificam franciscanos e o mais influente dos seus ministros gerais, S. Boaventura de Bagnoregio:

Ugo da San Vittore è qui con lui
E Pietro Mangiadore e Pietro Spano,
lo qual giù luce in dodici libelli¹⁸⁵.

¹⁸⁴ Cfr. *Monumenta Erpferfurtiensia saec. XII-XIV*, ed. O. Holder-Egger, (Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum t. 31/1) Hannoverae 1896, p. 689.

¹⁸⁵ DANTES ALAGHERII: *Comedia* III: Paradiso, c. XII, vv. 133-135. Note-se como curiosidade, que não parece ter qualquer sentido subjacente, que numa representação gráfica dos presentes neste círculo do Paraíso, Pedro Hispano está frente a Sigério de Brabante, cfr. G.B. PETELLA: «Sull'identità di Pietro Spano medico in Siena e poi papa col filosofo dantesco», *Bullettino Senese di Storia Patria* 6 (1899) 277-329.

A referência aos 12 livrinhos torna incontroverso entre os dantólogos que este Pietro Spano é o autor das *Summulae logicales*, precisamente divididas em 12 tratados. Já é menos consensual a identificação deste Pietro. O simples facto de ele estar num dos círculos do Paraíso é, para os conhecedores da ideologia política anti papal de Dante, o suficiente para considerar que não pode ser o papa (ou pelo menos Dante não o identifica como tal), porque esse facto impediria a sua entrada no Paraíso da *Commedia*, onde, como se sabe, não está nenhum papa. Já muito tarde, talvez só no século XIX, se podem ler as primeiras identificações deste *Pietro*, autor de doze livrinhos, com o papa e por iniciativa dos biógrafos papais, que depois alguns comentadores de Dante adoptaram¹⁸⁶. Aparte alguns exageros quanto à importância desta referência de Dante¹⁸⁷, ela permite pelo menos saber que no início do século XIV os doze livros do *Tractatus* eram já célebres e estimados, a ponto de mereceram ao seu autor a entrada no Paraíso de Dante. De qualquer modo, o papa João XXI não é citado enquanto tal em nenhum dos cantos da *Commedia*.

As fontes posteriores ao primeiro terço do século XIV (mas talvez fosse mais acertado recuar mesmo para o início do século XIV) devem ser acolhidas com reservas quanto ao seu valor documental, sobretudo quando apresentem informações que não constem em fontes anteriores. De facto, todas elas de um modo ou de outro resumem ou desenvolvem fontes anteriores e, quando muito, procedem a novas associações de factos, que resultam sobretudo da imaginação ou da especulação dos seus autores¹⁸⁸. De facto, nenhum escritor posterior a cerca de 1330 estaria na posse de elementos vividos relativos a factos ocorridos pelo menos 53 anos antes e também é pouco provável que os pudesse ter colhido ou ouvido de viva voz dos seus protagonistas sem que tivessem tido a possibilidade de resultar de alguma recomposição.

De facto, os biógrafos papais e os bibliógrafos, que são quem se ocupa ao longo dos séculos XV a XVIII em construir um retrato de Pedro Hispano, baseiam-se nos vários relatos

¹⁸⁶ Os mais antigos comentários da *Commedia* dão este Pedro ora como dominicano, ora como mestre em Bolonha, nunca como papa, cfr. A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*» (1997), cit., pp. 26-29; tradição que se mantém no séc. XIX, mas com autores do séc. XX já a considerá-lo como o papa João XXI, cfr. IDEM: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems» (2001), cit., pp. 225-226. Contudo, não tem sido dada a devida atenção ao facto de “Pietro Spano” ser colocado entre homens do século XII e no canto XII, em que se fala dos franciscanos.

¹⁸⁷ Veja-se a dupla hipótese de Domenico Barduzzi quer quanto à importância da breve menção danteana, quer quanto à importância da obra de Pedro: «Il nome di lui [Pietro Spano] sarebbe forse caduto del tutto nell'oblio, se il Divino Poeta non l'avesse affidato all'immortalità, ammonendoci che nelle prime luci del Rinascimento fu uno dei fattori della nuova vita morale, filosofica e scientifica dell'Italia e del mondo», D. BARDUZZI: «Di un maestro dello Studio Senese nel Paradiso Dantesco», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 28 (1921) 415-429, cfr. p. 429.

¹⁸⁸ Esta reserva metodológica é proposta também por M.-H. LAURENT: *Le bienheureux Innocent V (Pierre de Tarantaise) et son temps*, Città del Vaticano 1947, p. 3.

antigos atrás citados. Os historiadores eclesiásticos tenderão a atribuir ao papa as obras atribuídas por Riccobaldo de Ferrara (*Tractatus*) e pela última obra de Ptolomeu de Luca (*Thesaurus pauperum* e *Problemata*), aqui e ali aduzindo novos títulos que iam sendo identificados nos manuscritos como atribuídos a “Petrus Hispanus”.

O cronista e bibliógrafo João Tritémio (1462-1518), já citado na introdução, numa breve menção analística, que serve de epígrafe e subtítulo a este volume, escreve:

Petrus episcopus Tusculanus, patri Ulixbonensis, (...), Ioannes 21. est uocitatus (...). In medicinis et philosophia doctissimus erat et multa scripsit. E quibus summula quaedam extat, quam Thesaurum pauperum appellant, opus profecto iucundum, delectabile, et in medicinis non inutile¹⁸⁹.

Aqui, Tritémio atribui de facto apenas uma obra de medicina a Pedro Hispano, apesar de também a designar como *summula*, termo em geral reservado para o manual de lógica. E à mesma ciência se restringem as obra que cita na entrada relativa a Pedro Hispano da sua famosa obra de 1494 sobre os escritores eclesiásticos:

Petrus Hispanus Portugalensis, episcopus Tusculanus, et sacrosanctae romanae ecclesiae cardinalis, ac postremo summus pontifex post Hadrianum quintum, vir in medicinis valde eruditus, et in saeculari philosophia magnifice doctus, sedit in pontificalia mensibus tantum octo. Scripsit medicis non contemnenda opuscula, de quibus feruntur subiecta:

Thesaurus pauperum lib. I

De problematibus lib. I

Canones Medicinae lib. I

Epistolarum ad diversos lib. I

Et quaedam alia (...)¹⁹⁰.

Esta lista de obras, mais uma vez, não se afasta das atribuídas por Ptolomeu de Luca, acrescentando as *Cartas* (certamente a recolha de bulas papais), e uns *Canones medicinae*, que bem poderiam ser outro nome com que estivesse editado o *Thesaurus pauperum*. A segunda edição da obra, póstuma e que se cita um pouco mais à frente, introduziria a obra de lógica.

¹⁸⁹ IOHANNES TRITHEMIUS: *Chronicon insigne Monasterii Hirsaugiensis, ordinis S. Benedicti* per Ioannem Trithehium abbatem Spanheimensem, virum sua aetate doctiss. conscriptum, ac diu hactenus à multis desideratum, nunc uerò primùm in lucem editum, Basileae, apud Iacobum Parcum, s.d. [1559], p. 255.

¹⁹⁰ IOHANNES TRITHEMIUS: *De scriptoribus ecclesiasticis*, Basileae 1494, f. CVIIr, obra editada também em Paris em 1518. A edição de ed. Balthasarus Werlinus Colmariensis, em Colónia 1546, apresenta uma lista de obras que acrescenta a dialectica, mas esse acréscimo deve-se ao novo editor e de facto não consta nas edições antigas, como o mostrou A. D’ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*» (1997), cit., p. 60 e n. 104.

O humanista Bartolomeu Sacchi, dito Platina (porque de Piadena, 1421-1481), o primeiro bibliotecário da Biblioteca Vaticana fundada por Sisto IV, na sua *Vita Christi ac omnium Pontificum*, uma das primeiras histórias de pontífices a ser impressa, num texto muito severo sobre a acção papal de João XXI, atribui-lhe as obras que Ptolomeu de Luca havia referido na *Nova Historia*, em que aliás se baseia para toda a notícia:

(...) Vir (ut dixi) admodum litteratus, sed parum prudens. Multa enim in vita sua scripsit. Potissimum vero canones quosdam ad medicinam pertinentes. Nam medendi arte admodum peritus habebatur. Scripsit et librum, quem Thesaurum pauperum vocat. Edidit et problemata quaedam, Arestotelem [!] imitatus (...) ¹⁹¹.

Neste texto, que exerceria também forte influência nos escritores posteriores, Platina não mostra qualquer enlevo pela figura de João XXI, em quem vê um único mérito: o ter concedido apoio a jovens carenciados que pretendiam estudar.

Pouco depois, Simão de Phares dedica uma notícia a um Pedro Hispano na sua obra *Recueil des plus Célèbres Astrologues et Hommes Doctes*:

1270 (...) Petrus Hispanus medecin et grand astrologien, fut en ce temps, le quel composa en astrologie aucun traicté singulier et, pour ce, aucuns le allégient, par especial Girard de Blaneto. Cestui fist aussi ung livre intitulé le Trésor de pouvres, qui est chose moult utile en médecine pour simples gens, jaçoit ce qu'il a aucunes choses couchés, qui selon nostre loy ne sont à faire, mais il ne fait que reciter et est de empiricis ¹⁹².

Esta obra, organizada cronologicamente, foi composta entre 1494 e 1498, e, embora esta notícia se encontre no ano 1270, este Pedro Hispano, a quem é atribuído o *Trésor de pouvres* (*Thesaurus pauperum*) de medicina, não é associado ao papa João XXI. Pedro Hispano é apresentado sim como «medecin et grand astrologien» e como tendo composto «en astrologie aucun traicté singulier». É uma das primeiras obras a inserir Pedro Hispano na tradição astrológica e das ciências ocultas («il a aucunes choses couchés») ¹⁹³, o que mais tarde viria a ser posto em relação com as tradições literárias que descreviam o papa como mago ou interessado em astrologia e magia. De qualquer forma, é de reter que parece estarmos perante uma tradição que dissocia o papa e o autor do *Thesaurus pauperum*, embora a data em que

¹⁹¹ PLATINA: *Vitae pontificum...*, Nuremberga 1481, p. 184a; cfr.: *Platynae Historici Liber de Vita Christi ac Omnium Pontificum*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. III/1, p. 248.

¹⁹² Ms. Paris, B.N., fr. 1357, f. 127v, editado em SYMON DE PHARES: *Recueil des plus Célèbres Astrologues et Hommes Doctes fait par Symon de Phares du temps de Charles VIII^e*. Publié d'après le manuscrit unique de la Bibliothèque Nationale par Ernest Wickersheimer, Librairie ancienne Honoré Champion, Paris 1929, p. 204 (o ano 1270 começa na p. 203); existe uma nova edição, não consultada, desta obra: SIMON DE PHARÈS, *Le "recueil des plus célèbres astrologues" de Simon de Phares*, 1, ed. Jean-Patrice Boudet, Honoré Champion, Paris 1997; sobre Simão de Phares pode ver-se, J.-P. BOUDET: «Simon de Phares et les rapports entre astrologie et prophétie à la fin du Moyen-Âge», *Mélanges de l'École Française d'Athènes et de Rome*, 92 (1990) 617-648.

¹⁹³ Simão de Phares evoca uma fonte que não foi possível verificar: «Girard de Blaneto».

este Petrus é situado seja contemporânea do papa. Logo após o parágrafo dedicado a Pedro Hispano começa o ano 1278.

Mais novidades e prenhes consequências trará uma famosa e influente *Bibliotheca Universalis* do bibliógrafo Conrado Gesner, publicada em 1545. De facto é aí que se atribui ao papa a obra de lógica, referindo sobretudo alguns comentários então publicados, para além de incluir os textos médicos mencionados por Ptolomeu de Luca¹⁹⁴.

Claruit 1275. Petrus Hispanus Portugalensis, episcopus Tusculanus et Romanae Ecclesiae Cardinalis, ac postremo Summus Pontifex, vir in medicinis valde eruditus, scripsit medicis non contemnenda opuscula, de quibus feruntur subiecta.

Thesaurus pauperum lib. 1 De problematibus lib. 1

Canones medicinae lib. 1 Epistolarum ad diversos lib. 1

Et quaedam alia. *Eadem Symphorianus Champerius scribit.

Tractatus sex logici, cum copulatis elucidatoriis magistrorum in Bursa Montis Coloniae regentium, impressi Coloniae apud Hen. Quentel, 1503 in 4.

Vide supra in Gerardo Listrio.

Petri Hispani Summulae cum interpretatione Georgii Bruxellensis et Thomae Bricoti quaestionibus textuque suppositionum etc., Iannot de Campis excudit, Lugduni, 1509, in fol. ¹⁹⁵

Como é que Gesner chega à atribuição do *Tractatus* a Pedro Hispano? Seguramente não é por leitura da crónica de Riccobaldo de Ferrara. A resposta encontra-se na própria natureza da *Bibliotheca Universalis*. A atribuição resulta de uma simples transferência por semelhança de nomes. Como se lê na notícia, Conrado inclui nesta obra uma outra entrada sobre Gerardo Listrio, comentador de uns *Tractatus* de Petrus Hispanus e conhecia também os comentários de outros mestres, como Jorge de Bruxelas ou Tomás Bricot, sobre esta obra. A possibilidade de estar perante dois autores medievais com o mesmo nome foi espontaneamente simplificada associando este Pedro Hispano lógico com o que a tradição e a

¹⁹⁴ Conrad GESNER: *Bibliotheca Universalis, sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus, em tribus linguis, Latina, Graeca et Hebraica* ... authore Conrado Gesnero Tigurino doctore medico, Apud Christophorum Froscherum, Tiguri 1545, pp. 549-550: "Petrus Hispaus Portugalensis". Ver também as edições revistas por Conradus Lycosthenus de Rubea (1551, col. 863) e Iosias Simlerus: GESNER, Conrad — Iosias SIMLERUS — Iohannes IACOBUS FRISIUS: *Bibliotheca, instituta et collecta, primum a Conrado Gesnero, deinde in Epitome redacta, et novorum librorum accessione locupletata* (...), Apud Christophorus Froschoversus, Tiguri 1583, p. 673b: "Petrus Hispanus Portugalensis".

¹⁹⁵ *Bibliotheca Universalis, sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus, em tribus linguis, Latina, Graeca et Hebraica* ... authore Conrado Gesnero Tigurino doctore medico, Apud Christophorum Froscherum, Tiguri 1545, pp. 549-550; cfr. também as edições revistas por Conradus Lycosthenus de Rubea (1551, col. 863) e Iosias Simlerus: GESNER, Conrad — Iosias SIMLERUS — Iohannes IACOBUS FRISIUS: *Bibliotheca, instituta et collecta, primum a Conrado Gesnero, deinde in Epitome redacta, et novorum librorum accessione locupletata* (...), Apud Christophorus Froschoversus, Tiguri 1583, p. 673b: "Petrus Hispanus Portugalensis". Segundo A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*» (1997), cit., p. 60, Gesner é o primeiro autor a atribuir o *Tractatus* ao papa João XXI.

obra de Tritémio, onde Gesner claramente bebe os atributos com que descreve Petrus Hispanus, davam como médico e papa. Ademais, a própria notícia de Tritémio considerava Pedro Hispano «in saeculari philosophia magnifice doctus» (expressão que Gesner omite), o que também podia sustentar que tivesse escrito este manual de ensino da lógica, por então ainda muito influente no âmbito das faculdades de artes.

No ano seguinte ao do aparecimento da obra de Gesner é publicada a segunda edição, póstuma, do *De scriptoribus ecclesiasticis* de João Tritémio, revista por Balthazaro Werlino, que lhe acrescentou novos elementos bibliográficos que, como cuidadosamente nos informa na página de rosto, assinalou com o sinal “+”. É esse sinal que vemos anteceder a nova referência ao *Tractatus* de lógica:

Petrus Hispanus Portugalensis, episcopus Tusculanus, et sacrosanctae romanae ecclesiae cardinalis, ac postremo summus pontifex post Hadrianum quintum, vir in medicinis valde eruditus, et in saeculari philosophia magnifice doctus, sedit in pontificatu mensibus tantum octo. Scripsit medicis non contemnenda opuscula, de quibus feruntur subiecta:

Thesaurus pauperum lib. I	De problematibus lib. I
Canones Medicinae lib. I	Epistolarum ad diversos lib. I
Et quaedam alia	+ nempe tractatus in dialecticam aliquot, vulgo iam olim notissimos.

Claruit in pontificatu sub nomine Iohannis XXI, temporibus Rodulphi imperatoris, anno domini 1275¹⁹⁶.

Como já foi notado¹⁹⁷, este acrescento de Werlino acolhe a atribuição antes proposta por Gesner, cuja lista de obras de Pedro Hispano não era senão o retomar da primeira edição de Tritémio, com a adição de edições recentes do *Tractatus*, certamente em razão de um certo mimetismo atrás referido.

O facto das obras de Gesner e de Tritémio terem sido durante séculos dois dos mais difundidos e autorizados repertórios de autores, teria profundas consequências na história da atribuição de obras a Pedro Hispano identificado com João XXI. Mesmo assim, há autores que passam ao lado da questão. Por exemplo, o Eremita de Santo Agostinho, Onofrio Panvinio (1529-1568), na sua história dos pontífices romanos, de 1557, não atribui a João

¹⁹⁶ Dn. Iohannis Tritthemii abbatis Spanheimensis, *De scriptoribus ecclesiasticis, sive scripta illustribus in Ecclesia viris*, cum appendicibus duabus eorum qui vel à Tritthemio animadversi non fuere, vel seculo interim nostro scriptis suis quàm maxime claruerunt, aut clarent adhuc, liber unus: à mendis innumeris quibus hucusque scatuit, sedulo purgatus, multisque passim additiunculis signo + tali notatis, illustratus & auctus. Appendicum istarum prior, nata est nuper in Gallijs: posterior nunc recens additur, auctore Balthazaro Werlino Colmariense, Coloniae, ex officina Petri Quentel, mense Martio anni MDXLVI, p. 201.

¹⁹⁷ A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», *Vivarium* 35 (1997) 21-71, p. 61.

XXI qualquer obra, nem o relaciona com qualquer ciência¹⁹⁸. Podemos tomá-lo como uma excepção em obras do género, mas isso deve-se mais à natureza do catálogo de papas e cardeais, que propriamente a uma tomada de posição recusando que o papa tivesse escrito alguma obra.

O jesuíta João de Mariana (1536-1624), nas histórias dos factos da Hispânia, publicada em 1592, refere a perícia do papa João XXI em dialéctica e medicina, de que dão indício os seus livros publicados, mas limita-se a referir o título do *Thesaurus pauperum*:

1276. (...) In Hadriani locum Ioannes successit eo nomine XXI, civis Olisiponensis, magno vir ingenio, studiis litterarum doctrinaeque praeditus, dialecticae praeertim ac medicinae, ut libri editi indicio sunt Petri Hispani titulo, quod illi nomen in privata fortuna fuit. Extat de re medica liber eius, qui Thesaurus pauperum nuncupatur. Vita haud multo, quam prioribus diuturnior contingit, octo enim mensibus et diebus octo cum pontificatum tenuisset, tecti conclavis ruina Viterbii oppressus est, Nicolao III ex ursinorum gente successore¹⁹⁹.

O dominicano Alfonso Chacón (1540-1599) tem uma extensa notícia sobre João XXI na história de pontífices e cardeais publicada em 1601, onde inclui a referência a obras de um modo que denuncia Bartolomeu Platina como sua provável fonte próxima:

Multa in vita sua scripserat, potissimum vero canones quosdam ad medicinam pertinentes, nam medendi arte nimis peritus habebatur, scripsit et librum, quem Thesaurum pauperum vocant. Edidit et Problemata quaedam, Aristotelem imitatus²⁰⁰.

Rodrigo da Cunha, arcebispo de Braga na segunda parte da *História eclesiástica dos arcebispos de Braga* dedica dois capítulos a «D. Pedro Iuliam, ou Hispano V. do nome, e 75. Arcebispo de Braga», na segunda parte da obra, publicada em 1635. Aí propõe algumas teorias fantasiosas que já na época corriam sobre o percurso de vida de Pedro Julião, citando como suas obras as *Summulas de logica*, os *Problemas philosophicos*, umas *certas regras geraes de Medicina* e o *Thesouro de pobres*:

Acabados os estudos das letras humanas, sayo de sua patria, com animo de estudar outras sciencias mayores. Sua inclinação o leuou a Medicina, assi por ser naquelles tempos, & nos maes atrasados, oscupação de nobres, como por assi lho ordenarem seus pays. Pera a

¹⁹⁸ ONUPHRII PANVINII veronensis fratris eremitae Augustiniani, *Romani Pontifices et Cardinales S.R.E. ...*, Venetiae 1557, pp. 158, 163-164.

¹⁹⁹ IOHANNES MARIANA: *Historiae de rebus Hispaniae Libri XXV*, Typis Petri Roderici, Toleti 1592, Liber XIV, cap. 2 (Iacobi Aragoni Regis obitus), p. 660.

²⁰⁰ *Vitae et gesta Summorum Pontificum a Christo Domino usque ad Clementem VIII necnon S.R.E. cardinalium cum eorundem insignibus, M. Alfonsi Ciaconii Biacensis Ord. Praedicatorum, et Apost. Paenitenciarum*, Expensis haeredum Petri Antonii Lanceae, Romae 1601, cfr. Liber secundus, pp. 597, 605-607, aqui cit. a p. 607. Na edição revista por Augustinus Oldoinus, S.I., que inclui adições de Andreas Victorelli, e publicada em Roma em 1677, citada mais à frente, substitui o breve texto de atribuição de obras aqui transcrito, pelo outro muito mais substancial retomado de Luís de S. Carlos.

estudar, escolheu a Universidade de Mompelher em França. Dali, acabados já seus cursos, se recolheu outra vez a Lisboa, onde naquella Sè lhe foi dado um beneficio, por respeito do qual, & por hum anniuersario lhe doou humas casas suas, que ainda hoje possuiu aquelle Cabido. Escreueo em Lisboa o liuro que chamão *Summulas da Logica*, que em muitas Uniuersidades de Hespanha, & fora della, se leraõ, como hoje nas de Portugal, & outras escholas da Companhia se lê o curso Conimbricense, & nas de S. Domingos as *Summulas de Soto*, & por ventura, que hum, & outras entraraõ em lugar das de Pedro Iuliaõ. Escreueo tambem *varios problemas Philosophicos* a imitação de Aristoteles, & na sua propria faculdade *certas regras geraes de Medicina*, donde depoes tomou muito a eschola salernitana. Compos maes hum livro de varios remedios intitulado *Thesouro de pobres*, pera que nelle tivesse esta sorte de gente medico, que sem despesas a curasse.

Todas estas obras fizeraõ no Reyno, & fora delle, famoso a Pedro Iuliaõ, & lhe trouxeraõ a casa, sem elle as pretender, as mayores dignidades ecclesiasticas da Igreja catholica²⁰¹.

Dez anos depois, outro historiógrafo papal atribui novas obras a Pedro Hispano, mas apenas no campo da medicina, porque, apesar de a filosofia ser citada, dessa nenhum título é referido. O seu autor, André Duchesne, historiógrafo do rei de França, diz expressamente que recolheu a informação em bibliógrafos de escritores antigos e que é um dos primeiroa a incluir os três comentários médicos sobre as obras de Isaac: as *Urinas* e as *Dietas universais* e as *Dietas particulares*, certamente em referência à edição lyonesa de 1515:

Il auoit la reputation d'homme sçavant, principalement en l'intelligence de la philosophie naturelle, & de la Medecine, dont il auoit faict profession durant son ieune âge, & composé mesmes plusieus doctes Liures. Car ceux qui on dressé les catalogues des Autheurs anciens luy attribuent entr'autres des commentaires sur les oeuvres d'Isaac Medecin, un Thresor de remedes pour guerir les maladies du corps humain, des canons de medecine, un traité de la podagre, & plusieus autres escrits tant en philosophie que Medecine²⁰².

Inopinadamente, em 1641 surge uma tese nova. O agostinho eremita português António da Purificação defende algo até aí totalmente ausente das biografias de Pedro Hispano / João XXI. Trata-se nada menos que da vindicação de ter ele sido também um Eremita de Santo Agostinho:

²⁰¹ RODRIGO DA CUNHA: *História ecclesiastica dos arcebispos de Braga, e dos Santos, e dos Varoens illustres, que floreceraõ neste Arcebispado*, Manuel Cardozo impressor, Braga 1635 [reimpr. fac-similada, com apresentação de José Marques, Braga 1989], Segunda parte, capp. 35-36, pp. 152-160, cit. pp. 152a-153a.

²⁰² ANDRÉ DU CHESNE: *Histoire des papes et souverains chefs de l'Eglise*, Chez Jacques Villery, Paris 1645 («cette dernière edition»), p. 681, a menção «plusieurs autres escrits» remete para o «Nomencl. Cardin.».

Ioannes Vigessimus, ab alijs dictus Vigessimusprimus, antea Petrus Hispanus vocatus, natus est Lisbonae in Parochia S. Iulianae. Puer docilitate ingenij aequales longè superans Astrologiae, et medicinae Operam dedit, in quibus facultatibus se se per aliquot annos, non sine magna nominis comparatione, exercuit. Sed cum caepisset saeculi fastidire Religionem elegit Eremitarum S. Augustini, cui inter Donatos adscribi voluit in Coenobio Lisbonensi, inde ad primatiale Sedem Bracharensem eductus est. Quam cùm religiosissimè rexisset, ad Pontificatum Romanum sublimatus est anno Domini 1276. et c. Cùm ergo sedisset menses octo, et dies tres, obiit Viterbij die 20. Maij, sepultusque est in Ecclesia Cathedrali²⁰³.

Esta notícia, com elementos claramente recolhidos na historiografia pontificia, restringe as obras de João XXI às áreas da *astrologia* e da *medicina* (note-se que a *lógica* não é mencionada), mas sem referência a qualquer título. Mas, o que é de facto espantoso e suscitaria reservas aos escritores subsequentes, é esta afirmação da entrada de Pedro Hispano, por fastio do século, na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, no cenóbio de Lisboa²⁰⁴. Não é apresentado qualquer testemunho antigo²⁰⁵, nem qualquer tradição local, nem qualquer argumento que explicasse o silêncio dos autores precedentes sobre esta conversão religiosa. Diga-se que esta verdadeira invenção de António da Purificação²⁰⁶ apenas teria um cauteloso eco em outros bibliógrafos da Ordem, como Domenico Gandolfo (em 1708) e Johannes Ossinger (em obra publicada em 1768), como veremos. Nunca mereceu o crédito de outros autores²⁰⁷.

²⁰³ ANTONIUS A PURIFICATIONE: *De viris illustribus antiquissime provinciae Lusitanae Ordinis Eremitarum...*, Ex. Offic. Dom Lopes Rosa, Ulysippone 1642, Lib. I. cap. 18, cit. textualmente por D.A. GANDOLFUS: *Dissertatio historica de ducentis celeberrimis augustinianis scriptoribus...*, Typis Io. Francisci Buagni, Romae 1704, p. 299. António da Purificação é ainda autor de uma *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho Bispo de Hipponia, & principal Doutor da Igreja*, 2 vol, por Manuel da Sylva, Lisboa 1642 e Oficina de Domingos Lopes Rosa, Lisboa 1656.

²⁰⁴ A ordem mendicante dos Eremitas de S. Agostinho instala-se em Portugal em 1243 aquando da fundação de um cenóbio em Lisboa por frades italianos, cfr. C. ALONSO: «Agostinhos», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I: A-C, Lisboa 2000, pp. 27-32, cfr. p. 27b.

²⁰⁵ A citação de Gandolfo, autor de que se tratará de novo um pouco mais à frente, termina com as palavras: «c. Auctor secundae Partis Examinis Antiquitatem cap. 23; Ludouicus ab Angelis in Chron. S. Augustini M. S. par. 2. cap. 17. Ita Antonius à Purificatione de Viris illustribus antiquissime Provinciae Lusitaniae lib. I. cap. 18. Opus editum est Vlyssipponae ex Officina Dominici Lopez Rosa 1641. 4.», devendo considerar-se que a última referência é a fonte da sua citação.

²⁰⁶ Por contraponto, consulte-se a obra de outro Eremita de Santo Agostinho, Iacopo Filippo Foresti (1434-1520), que não menciona qualquer ligação de João XXI com essa ordem: *Fratri Iacobi Philippi Bergomensis Ordinis Fratrum Eremitarum Divi Augustini in omnimoda historia novissime congesta. Supplementum Chronicarum appellata*, Venetiae 1483, ff. 131r-v, ou mesmo a obra do também eremita de S. Agostinho, Onofrio Panvinio, O., de 1557, atrás referida.

²⁰⁷ Segui esta pista a partir de uma breve referência em J. de CARVALHO: «Cultura filosófica e científica», em D. PERES, *História de Portugal*, vol. V, Barcelos 1932, p. 502 e n. 1, que cita três fontes onde Pedro Hispano é considerado cônego regente: «Gandolphus – *August. I Script* (1704) p. 299-301 e *Dissert. histori...* art. Petrus Hispanus; e Ossinger, *Bibliotheca August.* (1768), p. 690.1». De facto, o que parecem ser duas obras de Gandolfo é apenas uma e a mesma. Por outro lado, António da Purificação não é citado, o que faz supor que Joaquim de Carvalho não terá tido acesso

As páginas dedicadas a João XXI na *Bibliotheca Pontificia* do eminente bibliógrafo Louis Jacob de S. Carlos, O.Carm. (1608-1670), haveriam de fornecer uma exaustiva atribuição de obras, que não mais deixaria de ser glosada e repetida pelos polígrafos posteriores. A mais importante realização deste texto, publicado em 1643, é acolher a totalidade das tradições e um grande número de títulos entre as obras de Pedro Hispano, que ainda mais impressionará os historiadores, contribuindo para, sob o peso da sua autoridade, se irem progressivamente esbatendo os juízos negativos sobre o papa:

«Ioannes XIX (!), aliis XXI, antea Petrus Iulianus, alias Hispanus, Provincia Lusitanus, patria Ulyssiponensis (...). Scripsit tanquam Philosophus & Medicus celeberrimus: Summulas Logicales, quibus artis flexiones & diverticula extricare proclive est. Extant cum expositione (...), Parva Logicalia [sc. *Synkategoreumata*] (nuper in partes ac capita distincta, Venetiis 1593. 4.), Tractatus Logicales sex (cum copulatis elucidariis Magistrorum in Bursa Montis Coloniae regentium. Coloniae 1503. apud Henricum Quentelium), Problemata quaedam (Aristotelem imitatus lib. 1), In Physiognomia Aristotelis (Extat MS. Cantabrigiae in Bibliotheca domus S. Petri vol. 54. num. 3), Dialecticam (Extat MS. Patavii in Bibliotheca S. Ioannis in Viridario in fol. In hanc Dialecticam Christophorus Hegendorphinus [*recte*: Hegendorphinus] edidit Dragmata Basileae apud Cratandrum 1540. 4.), Commentaria in Isaacum de diaetis universalibus et particularibus (Extant cum operibus Isaaci Lugduni apud Bartholomaeum Trost 1515. in fol. Extant MSS. Oxoniae in Bibliotheca Collegii omnium animarum vol. 23), Commentaria in eundem Isaacum de urinis (ibid. apud eundem), Thesaurum pauperum, seu de medendis humani corporis morbis (...), De medenda podagra tractatum?) (- nihil -), De oculis tractatum (Extat MS. Oxoniae in Bibliotheca Collegii omnium animarum vol. 23), De formatione hominis tractatum (Extat MS. Cantabrigiae in Archivii Collegii Caii), Super Tegnīs et Hippocratem Glossas de natura puerorum (Extant MSS. Patavii in fol. apud Canonicos Lateranenses S. Ioannis de Viridario), Canones Medicinae (lib. 1), Consilium de tuenda valetudine ad Blancham matrem S. Ludovici (MS. in Bibl. Cl. V. G. Naudaei), Epistolarum volumen (in Vaticano MS. asservatum), Sermones praedicabiles, et quaedam alia. (MSS. Cremonae in Bibliotheca Augustinianorum)²⁰⁸. »

Louis Jacob reúne aqui imensa informação bibliográfica, colhida em histórias, estudos, catálogos de bibliotecas e mesmo em pesquisas pessoais. Apesar da evidente falta de análise

aos autores que cita (que se apoiam e discutem o autor português) mas os terá colhido em fonte indirecta.

²⁰⁸ LUDOVICUS A SANCTO CAROLO: *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta ... Cui adjungitur catalogus Haereticorum qui adversus Romanos Pontifices aliquid ediderunt ...* auctore R. P. F. Ludovico Jacob à S. Carolo Cabilonensi Burgundo Ordinis Carmelitarum alumno, Sumptib. Haered. Gabr. Boissat & Laurentii Anisson, Lugduni 1643, pp. 137-138, para não alongar a citação, foram eliminadas as diversas referências a edições do *Tractatus* e do *Thesaurus pauperum*; no final da notícia (p. 139) é citado o elenco de fontes. Agradeço a Christian Heitzmann o ter completado a minha transcrição deste texto.

das obras de lógica, que leva a considerar como diferentes o que é apenas uma obra, esta notícia convoca novos títulos, que, a partir de agora, não deixarão de ser repetidos quando se tratar de enumerar as obras de Pedro Hispano ou João XXI, concretamente o *De medenda podagra tractatum*, o *De formatione hominis tractatum*, os *Super Tegnīs et Hippocratem Glossas de natura puerorum* e o *Consilium de tuenda valetudine ad Blancham matrem S. Ludovici*. Dos três primeiros títulos não se conhece nem é mencionado qualquer manuscrito ou edição, mas sobre o *Consilium* indica-nos que existe na biblioteca de “G. Naudaeus”, nome que encontramos na lista de fontes como autor de uma história laudatória da escola médica de Paris²⁰⁹. No tratado de Gabriel Naudé (1600-1653) não se encontra citado este título, embora se refira a obra em causa:

Secutum est postea seculum duo- | decimum, non illud quidem sterile, nec minus foecundum, aut eruditissimorum Medicorum capax, cum statim initio sui decursus, nobis exhibeat Ioannem de Sancto Amando (...), Nicolaum Ferueham (...), Richardum Anglicum (...) Petrum Hispanum virum, et librorum nomine, quos eruditissime conscripsit, et summae dignitatis ratione, summi Vicariatus Christi munere, quod sub nomine Ioannis XXI. sapientissime gessit, ultra sortis humanae metas praetervectum²¹⁰.

E sobre Pedro Hispano acrescenta a nota marginal:

D. A. a Quercu Histor. nostri temporis fidelissimus, et laboriosissim. regimen sanitatis ab hoc Petro ad Blancham, Reginam D. Ludovici matrem scriptum mihi communicavit in quo fatetur se diu Parisiis operam me- | dicinae studiis impendisse, utrum vero lauream inibi consecutus sit probabile relinquitur ex multis, iisque gravissimis coniecturis²¹¹.

De facto não lemos aqui o título dado por Louis Jacob, mas é clara a referência ao *Regimen sanitatis* que outros, antes e depois, designam como *Consilium* (o que pressupõe que Jacob poderá ter usado outra fonte, ou que essa informação se poderá dever ao próprio Gabriel Naudé). De qualquer modo, ficará inscrita na possível biografia de Pedro Hispano esta dupla afirmação que o livro citado parece evidenciar: as suas relações com a corte francesa e os seus estudos de medicina em Paris. Contudo, como se mostrou no vol. I (pp. 40-42) e como se verá também ao tratarmos do *Consilium* (cfr. a seguir, parte II, na secção sobre

²⁰⁹ É esta a referência: «Gabriel Naudeus lib. De Antiquitate et dignitate scholae Medicinae Parisiensis, Parisiis edito in 8. 1628 apud Ioan. Moreau pag. 39», cit. na p. 139.

²¹⁰ *De Antiquitate et dignitate Scholae medicae parisiensis panegyricus, cum orationibus encomiasticis ad novem iatrogenistas laurea medica donandos*. Auctore Gabr. Naudeo, ..., Lutetiae Parisiorum, apud J. Moreau, 1628, p. 39. Agradeço a Chritian Heitzmann a transcrição deste trecho no exemplar da Herzog August Bibliothek de Wolfenbüttel.

²¹¹ IDEM, *Ibidem*, pp. 39-40 na margem. Gabriel Naudé é também autor de uma *Apologie pour tous les grands personnages qui ont été soupçonnez de magie*, chez Adrian Vlac, La Haye 1653, a obra não foi consultada, mas não é improvável que nesta ou em outras obras similares se reencontrem ecos da referência feita por Symon de Phares.

as obras médicas), esta obra não é senão o prefácio dedicatória a uma rainha «.T.» da tradução da parte relativa à conservação da saúde do *Secretum secretorum* do pseudo-Aristóteles por João de Sevilha (séc. XII), existente no manuscrito parisiense lat. 7416.

É de uma forma inesperada, mas com base num manuscrito, que hoje podemos verificar a origem do episódio biográfico repetido durante séculos, segundo o qual Pedro Hispano teria estudado em Paris. Uma vez confirmado que o manuscrito onde nasce esta hipótese contém de facto um erro grosseiro, deixa de haver qualquer fundamento para se manter aquela afirmação. De facto, não é por aqui que poderemos saber onde é que Pedro Hispano estudou.

António de Macedo, da Sociedade de Jesus, escreveu na *Lusitania infulata et purpurata*, de 1663, um documentado capítulo sobre João XXI, com informações colhidas num extenso rol de fontes que ocupa duas páginas. Não admira, por isso, que enumere todas as obras até aí atribuídas ao nosso autor, e que segue sobretudo Louis Jacob:

Multos, eosque praeclaros foecundi ingenii foetus Ioannes in lucem edidit: Medicis praesetim & Philosophis commendatos. Summulas Logicas, quas eruditissimis Commentariis explicarunt Petrus de Bruxellis, Gerardus Listrius, Nicolaus Orbellus, Petrus Tartaretus, Matthaeus de Bononia Carmelitarum Generalis, Mathias ernich, & Thomas Bricorus: extant M.S.S. Patau in Bibliotheca S. Ioannis in Viridario. Parua Logicalia [sc. *Synecategoreumata*] in partes facta, & in capita distincta. Senos Tractatus Logicos. Philosophica item Problemata, Aristotelis imitatione, composuit Dialecticam, in Isaacum Medicum commentaria, eruditione referta. Thezaurum pauperum, seu de medendis humani corporis morbis, typis saepe mandatum. Tractatus varios in Hippocratem, Medicorum principem, Glossas, Canones Medicinae. De tuenda valetudine Consilium, Blancae, reginae Galliae, D. Ludouici Matri nuncupatum; quod asseruatur in Bibliotheca G. Naudei. Epistolae, quas scripsit iusto volumine, continentur in Biblioteca Vaticanâ, quemadmodum & conciones [v.g. *Sermones*] quaedam apud Augustinianos Cremonae. In Anglia vero, Cantabrigiae ad S. Petri Bibliothecam, reperiri dicuntur praeclarae Ioannis Lucubrationes in Physiognomiam Aristotelis²¹².

Macedo transmite de seguida a divergência entre autores quanto à atribuição do *Tractatus*. De qualquer modo, já estão aqui creditadas ao papa não só as obras que lhe vemos associadas desde Ricobaldo e Ptolomeu, mas também os comentários a Isaac e a Hipócrates, o *Consilium de tuenda valetudine*, as *Epistolae* e o comentário à *Physiognomia*, em suma tudo o que já aparecera na *Bibliotheca Pontificia* de Louis Jacob publicada em 1643. É também desta obra que provém textualmente o acrescento de Augustinus Oldoinus (S.I.) sobre as obras de

²¹² ANTONIO DE MACEDO (S.I.) : *Lusitania Infulata et Purpurata seu Pontificibus et Cardinalibus Illustrata*, apud Sebastianum Cramoisi, Parisiis 1663, pp. 36-58: « Ioannes XXI P.P. Max », cfr. cit. nas pp. 53-54 e lista de fontes na margem e nas pp. 56-58.

Pedro Julião, em substituição do correspondente texto original, na nova edição de 1677, da obra de Afonso Chacón citada atrás²¹³. A mesma origem tem a lista de obras apresentada por João Palatio em 1688²¹⁴ e por Jorge José de Eggs em 1718²¹⁵.

O sevilhano Nicolaus Antonius (1617-1684), na *Bibliotheca Hispana Vetus*, obra editada postumamente em 1696, enumera cuidadosamente 11 títulos de obras do Pedro Hispano, papa João XXI:

153. I. *Thesaurum pauperum*, seu de medendis humani corporis morbis per experimenta ex omni genere auctorum et experimenta propria congestum (...).

154. II. *De medenda podagra tractatus?*). Cuius libri Petro Portugalensi, Episcopo Cardinali Tusculano, attributi, Paullus Coritesius meminit lib. I. *De Cardinalatu*. qui idem cum nostro est.

III. *De oculis tractatus* (...).

IV. *De formatione hominis tractatus*. MS. Cantabrigiae in archivo collegii Caii.

V. *Super Tegnīs et Hippocratem Glossae de natura puerorum*. MS. Patavii inter libros S. Ioannis de Viridario canonicorum Lateranensium; & in bibliotheca Veneta S. Antonii, auctore Thomasino *Biblioth. Venetae* pag. 4 & *Patavinae* pag. 35.

VI. *Canones Medicinae*.

VII. *Consilium de tuenda valetudine*. Ad Blancam Franciae Reginam, S. Ludovivi matrem. MS. fuit apud Gabrielem Naudaeum.

VIII. *Commentaria in Isaacum de diaetis universalibus et particularibus* (...).

IX. *Commentaria in eundem Isaacum de urinis*, ibidem apud eundem Trost (...).

X. *Problemata quaedam ad exemplum Aristotelis* (...).

155. XI. *Epistolae*, quarum unus volumen in Vaticanis libris numeratur, certe nostri auctoris sunt. At, ut reliqua eidem Joanni Papae a Ludovico Jacobo, quem fere sequimur, diligentissimum Pontificum scriptorum enarratorem, adscripta his subjungamus, non dum est persuasum, quemadmodum nec *Sermones praedicabiles* (quamquam plura in divinis eum scripsisse, per errorem, ut suspicamur, Sabellicus prodat) aliaque Cremonae, ut ait, in

²¹³ *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum et S.R.E. cardinalium ab initio nascentis Ecclesiae usque ad Clementem IX. P.O.M. Alphonsi Ciaconii (...) Ab Augustino Oldoino societatis Iesu recognitae*, cura et sumptibus Philippi et Antonii de Rubeis, Romae 1677, col. 209-214, cfr. col. 213, dentro das «Nova aditio Augustini Oldoini»; note-se que nas adições de Andreas Victorelli não há referências às obras.

²¹⁴ IOHANNES PALATIUS: *Gesta Pontificum Romanorum*, vol. III: *Ab Innocentio IV, Romano Pontifice CLXXX usque Leonem X. P.O.M. CCXIX.*, apud Ioanem Pare, Venetiis 1688, col. 73-78, cfr. col. 75 onde termina a enumeração de obra com «Vide de his omnibus Ludou. Iacob, S. Carolo, in *biblioth. Pontificia*».

²¹⁵ GEORGIUS JOSEPHUS AB EGGS: *Pontificum doctum seu vitae, res gestae, obitus aliaque scitu ac memoratu digna Summorum Pontificum Romanorum* (...), apud Davidem Ritter, Coloniae 1718, pp. 478-481, cfr. pp. 480-481

Bibliotheca Augustinianorum servata. Tractatum item *De conceptione Deip. Virginis*, quem unus Joanni attribuire non dubitavit Bartholomaeus Gerrero Franciscanus²¹⁶.

Nicolau António segue, no essencial e como o próprio reconhece (*quem fere sequimur*), a lista de Louis Jacob de S. Carlos, restringida aos textos médicos e aos *Problemata* que vinham sendo atribuídos desde Ptolomeu, para além de discutir a atribuição dos *Sermones* e de acrescentar o *De conceptione Deiparae Virginis*, recorrendo a outra fonte que não Louis Jacob.

Nesta lista há uma excepção sonante: os *Tractatus* são excluídos porque Nicolau António considera que serão de um outro Pedro Hispano, mas dominicano (cfr. § 158-162). O seu principal argumento é o silêncio dos cronistas antigos, que cita textualmente (cfr. §§ 156-157), porque nunca incluem esta ou outra obra de lógica nas referências a Pedro Julião/papa João XXI²¹⁷. A este propósito, António encontra aqui ocasião para evocar um Petrus Hispanus *iunior* ou *recentior* (cfr. §§ 163-164), autor de diversas obras de lógica e filosofia²¹⁸, que encontrara referido no prólogo da obra *Summule Petri Hispani, nunc recenter correcte ac bone solidique logice documentis illustrate, septemque libellis distincte cum preclarissimo commenatrio*, Salmanticae 1537, de Pedro Sánchez Ciruelo o Darocense (1470-1548). Mas, Nicolau António não se apercebe que Pedro Sánchez Ciruelo, com algum humor, se está a citar a si mesmo como Petrus Hispanus *recentior*²¹⁹.

Nicolau António regressa depois às atribuições de Louis Jacob para enumerar edições e manuscritos com o texto e comentários das *Summulae* (cfr. §§ 165-183), e entremeia-as com obras filosóficas e de medicina, duas delas citadas pela primeira vez: as lições sobre a Física de Aristóteles e o comentário a Joanício (este identificado entre os manuscritos adquiridos por Fernando Colombo, onde também encontra um comentário que toma como dominicano o autor dos *Tractatus*):

168. *In physiognomicam Aristotelis*²²⁰ (...)

173. *Petri Hispani lectiones in primum lib. physicorum* servantur MSS. in Mediolanensi Ambrosiana.

²¹⁶ NICOLAUS ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus, sive Hispanorum, qui usquamve scripto aliquid consignaverunt, notitia. Complectens scriptores omnes qui ab anno M. usque ad MD. floruerunt tomus secundus* (...) *opus postumum nunc primum prodit iussu et expensis* (...) D. Josephi Saenz, Ex typographia Antonii de Rubeis, Romae 1696, pp. 50-54, cfr. p. 51a-b.

²¹⁷ Cfr.: IDEM, *ibidem*, pp. 51b-52b, nr. 156-162.

²¹⁸ Nicolau António atribui-lhe as obras «I. *In spheram Ioannis de Sacro-bosco*. II. *In arithmetica & geometriam Thomae Bravadini*. III. *In perspectivam Cantuariensis*. IV. *In Aristotelis praedicamenta seu categorias, & posteriora analytica*», *Ibidem*, § 163.

²¹⁹ A questão foi definitivamente clarificada por A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001), a pp. 234-239, na p. 237 é transcrito o referido prólogo de Pedro Ciruelo ao comentário das *Summulae*.

²²⁰ Note-se que, como se disse, que esta obra fazia parte do elenco de Luís Jacob de S. Carlos.

174. Exstant in Hispalensis almae Ecclesiae bibliotheca (...) quaedam Petro Hispano tributa opera, sive MS. sive vagiente adhuc typographica edita, quorum en rationem:

(...)

177. *Glossulae Petri Hispani super Joannitium* MS. nec satis distincto isto titulo, in charta pergamenae in folio.

178. *Summule cum commento Bartholomaei* MS. antiquo satis caractere. In fine habet: *Et in hoc terminatur lectio, & per consequens totus liber Bartholomaei super primam partem meg. Petri Hispani de ordine Praedicatorum. Deo gratias. Amen.* Quod valdè notandum ad constituendum Petrum Hispanum Dominicum²²¹.

Assim, nestas páginas Nicolau António distingue três Pedros Hispanos, o português Pedro Julião, médico e futuro papa, o Pedro Hispano dominicano autor das *Summulae logicae* e um Pedro Hispano *iunior* ou *recentior* citado por Pedro Ciruelo, como claramente se indica pelo próprio título do capítulo V, do livro VIII: «*De PETRO IOANNIS sive IOANNE Pontifice, huius nominis XXI. deque eius doctrina, obituque miserabili. Diversis ab hoc fuit PETRUS HISPANUS Summularum auctor, ordinis Praedicatorum. Censiones de hoc invento. Petri Cirueli Darocensis laus. Eiusdem de PETRO altero HISPANO iuniore Summularum reformatore observatio*»²²². Alguns autores subsequentes não farão esta tripla distinção, cometendo o erro de passar a incluir também como de Pedro Hispano/João XXI, embora de forma vaga, as obras do *Petrus Hispanus recentior*, ou seja, de Pedro Ciruelo.

Mas, a distinção entre o Pedro Hispano papa e o Pedro Hispano autor das *Súmulas* não é uma novidade de Nicolau Antonio, até porque acolhe a posição de diversos autores, por ele próprio citados²²³, que defendiam ter sido dominicano o autor das *Súmulas*. Para além de citar Lucius Marineus Siculus (1460-1533) que no livro VI de *De Hispaniae laudibus* (de c. 1497) incluiu dois distintos capítulos, um *De Petro medico Espiscopo Tusculano et Summo Pontifice*, e outro *De Petro Hispano mathematico et philosopho*²²⁴.

Esta distinção encontramos-la também na *Hispaniae bibliotheca seu de academiis ac bibliothecis*, um *nomenclator* de escritores hispânicos publicado em Francoforte em 1608, sem menção de autor. De facto, no tomo II, classe II, sobre os escritores dominicanos, e com base em António de Sena e João Marietta, encontramos o autor:

²²¹ N. ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus*, 1ª ed., cit., p. 53a-b; 2ª ed. cit., p. 77a-b,

²²² N. ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus*, 1ª ed., cit., p. 50a; 2ª ed. cit., p. 73a.

²²³ Entre esses estão: «Ant. Senensis, Ambrosius Thegius. Alphonsus Fernandez, Seraphinus Razuis» (N. ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus*, 1ª ed., cit., p. 52b n. b; 2ª ed. cit., p. 76a, n. m), para além de Iohannes Marieta, também dominicano, que diz que o corpo do autor das *Súmulas* repousa no convento de S. Domingos em Estella, Navarra (Idem, ibidem, 1ª ed. p. 52a; 2ª ed. p. 76a-b).

²²⁴ Cfr. N. ANTONIUS, ed. citadas, respectivamente, p. 52b n. c; p. 76a n. n. A. D'ORS («Petrus Hispanus...», cit, 1997, p. 57, n. 91) transcreve o primeiro destes capítulos, a saber: MARINEUS Siculus, L.: *De Hispaniae laudibus*, Burgos, c. 1497, f. LXv.

PETRUS HISPANUS

Inter antiquissimos S. Dominici religiosus fuit et Petrus Hispanus, subtili in primis, et Dialecticae, qui tunc ingeniorum captus erat, non imperitus. Hunc sibi magistrum, olim Logicae studiosi delegerunt, docebatur que *Summa eius* a barbarie non aliena. In Praedicatorum Coenobio Stelle Nauarrorum sepultus iacet, floruitque ad annum MCCL. De hoc siue alio Portugalensi legendus Ioan. Mariana Annalium Hisp. lib. XIV. Cap. 2²²⁵.

Este Pedro Hispano, dominicano de Estela, é dado como autor do *Tractatus* de lógica. Apesar da hesitação final desta notícia, o mesmo *nomenclator*, na classe VIII do mesmo tomo, dedicada aos médicos, inclui o Pedro Hispano autor de obras médicas:

PETRUS HISPANUS

Pont. Rom. Medicus, scripsit *Thesaurum pauperum de medendis morbis corporis humanis*. Commentarium in pleraque opera Isaac. Medici librum experimenta particularia et simplicia medicamenta continentem, Francofurti an. 1567²²⁶.

Este *Nomenclator* mostra que há um tradição de bibliógrafos e escritores que, embora colhendo os seus elementos em fontes díspares e sem levar muito longe as suas constatações, sempre foi alimentando a distinção, mais ou menos explícita e nítida, entre pelo menos dois Pedros Hispanos, um lógico, o outro médico e papa (note-se que esta obra não refere a função papal para qualquer dos dois). Entre ambos são distribuídas as obras que em alguns estudiosos apareciam atribuídas a um único Pedro Hispano, no qual se juntavam as facetas científicas que outros separavam.

Entretanto, em 1704 regressara a tese do Pedro Hispano Eremita de Santo Agostinho. Numa compilação sobre os 200 mais célebres escritores agostinianos, Domenico Antonio Gandolfo (1653-1707) retoma textualmente a notícia atrás citada de António da Purificação. Apesar da demorada discussão sobre a validade desta informação factual, silenciada em todos os historiadores pontifícios anteriores, acaba por aceitá-la por António ser da mesma cidade que João XXI e por aqueles historiadores também errarem e silenciarem outros assuntos. Mas, a este Pedro Hispano feito Eremita de S. Agostinho, são agora atribuídos obras concretas e respectivos títulos (ausentes em António da Purificação), obviamente colhidos nos mesmos historiadores de que também suspeitara:

(...) Aliqui eum vocarunt Io. Petrum Iuliani. En ipsius Opera.

Summulae Logicales, seu parua Logica, cum interpretatione variarum &c. Lugduni typis Iaunot de Campis 1509. fol. Venetijs, alibique.

²²⁵ *Hispaniae bibliotheca seu de academiis ac bibliothecis. Item elogia et nomenclator clarorum hispaniae scriptorum, qui latine disciplinas omnes illustrarunt (...)*, apud Claudium Marnium et haeredes Ioanni Aubrii, Francoforti 1608, p. 243.

²²⁶ *Hispaniae bibliotheca...*, cit., p. 333.

Tractatus sex Logici, cum copulatis elucidatorijs &c. Coloniae apud Ioannem Quentel 1503. 4.

Commentarij in Isaacum de Dietis Vniuersalibus, & particularibus, & eiusdem de Vrinis, simul cum operibus Isaaci. Lugduni apud Bartholom. Trot 1515. fol.

Thesaurus Pauperum, seu de medendis humani corporis morbis per experimenta, euporista, simplicia, & particularia; Liber empiricus ex omni genere auctorum, & experientia propria congestus. Lugduni apud Iacobum Myr 1525. Parisijs apud Iacobum Du Rys 1577. 16. cum Thesauro sanitatis Ioannis Liebaultij. Francofurti apud Egenolphum 1578.

Dialectica eiusdem M.S. Patauij in Bibl. S. Ioannis in Viridario.

In Physiognomiam Aristotelis Commentaria Cantabrigiae M.S. in Bibl. S. Petri.

In Hypocratem Glossas de natura Puerorum M. S. Patauij apud Lateranenses.

Epistolarum Volumen in Vaticana.

Sermones praedicabiles M. S. in nostra Augustiniana Cremonae. Aliaque varia, quae videri possunt apud Nicolaum Antonium in Bibliotheca Hispanica veteri, & apud Oldoinum in Athenaeo Romano pag. 429²²⁷.

A saga eremito-agostiniana de João XXI teria a sua continuação ainda em outro bibliógrafo da Ordem. Johann Felix Ossinger († 1767) na *Bibliotheca augustiniana*, publicada no ano posterior à sua morte (1768), volta a incluir João XXI, agora remetendo para António da Purificação e também para Gandolfo. É deste que provém a lista de obras:

Petrus, natione Lusitanus, Patria Olyssipponensis, Alumnus Provinciae Lusitaniae, Filius Coenobii Lisbonensis, vixit Saeculo 13 (...) Interim ad opera, quae praefato Petro adscribuntur, me converto, typis enim submisisse fertur:

Summulas logicales, seu parvam Logicam, cum interpretatione variorum. Lugduni 1509. typis Jaunot de Campis, in fol.

Tractatus sex Logicæ cum copulatis elucitatoriis. Coloniae apud Joannem Quentel, 1503. in 4.

Comment. in Isaacum de Dietis universalibus, & particularibus, & ejusdem de urinis simul cum operibus Isaaci. Lugduni 1515. apud Bartholomæum Tort, in fol.

Thesaurum pauperum, seu de medendis humani corporis morbis per experimenta euporistica simplicia, & particularia, librum empiricum ex omni genere Authorum, & experientia propria congestum. Lugduni 1525. apud Iacobum Myr. [sic, recte: Myt?] Parisiis apud Iacobum du Rys 1577.

²²⁷ DOMINICUS ANTONIUS GANDOLFUS: *Dissertatio historica de ducentis celeberrimis augustinianis scriptoribus ex illis qui obierunt post magnam unionem Ordinis eremitici, usque ad finem Tridentini concilij* ..., Typis Io. Francisci Buagni, Romae 1704, pp. 300-301 (a notícia integral sobre João XXI ocupa as pp. 299-301, em boa parte das quais discute a validade da hipótese lançada por António da Purificação). Agradeço a Marco Toste a transcrição integral deste texto.

Comment. in Physiognomiam Aristotelis M.S. Exstat in Bibliotheca S. Petri Cantabrigiae.

Glossas in Hypocratem de natura puerorum. M.S. Patavii apud Lateronenses [sic].

Dialecticam M.S. Patavii in Bibliotheca S. Joannis in viridario.

Volumen Epistolarum asservatur in Bibliotheca Vaticana.

Sermones prædicabiles. M.S. Cremonæ in nostra Bibliotheca²²⁸.

Apesar das reservas que levanta, na linha do já antes fora argumentado por Gandolfo, agora Ossinger conforma-se e cede à autoridade de António da Purificação. Mas, quanto à atribuição de obras, nada aqui encontramos de novo. Os títulos enumerados nada acrescentam à lista dada por Gandolfo, segundo as suas próprias palavras colhida na obra de Nicolau António, que, certifiquemo-nos, nem ao de leve toca na questão da pertença de Pedro Hispano à Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Esta hipótese, de fato, nunca chegou a sair dos círculos eremitas e aí se finou²²⁹, por não ter qualquer sustentação factual, nem na vida do futuro João XXI, nem na de qualquer Pedro Hispano do século XIII, nem na implantação da Ordem em Portugal.

A *Bibliotheca Hispana Vetus* de Nicolau António terá uma segunda edição em 1788, quase um século após a primeira, agora publicada em Madrid e pelos cuidados de Francisco Pérez Bayer (1711-1794), identificado na página de rosto como prefeito da Biblioteca régia de Madrid, hoje Biblioteca Nacional. É provavelmente este posto que lhe permite colher a informação que incluirá numa nota de pé de página, onde se lê:

In Regia Bibliotheca Matritensi: *Petri Hispani Portugallensis: Scientia de anima*. Codex membranaceus iustae mollis, circa annum MCCC exaratus. Item: *Petri Hispani omnium Medicorum operum*: volumen spissum membranaceum Saeculi, ut videtur XIV. In Regia Escorialensi Lit. g. Plut. II. sub n. 15 Petri Hispani: De ordine iudiciorum. In Galliarum regis Part. IV. pag. 341 cod. 7349. *Petri Hispani, tractatus mirabilis aquarum, sive Secreta*

²²⁸ IOANNES FELIX OSSINGER: *Bibliotheca avgvstiniana historica, critica, et chronologica in qva mille qvadrigenti avgvstiniani ordinis scriptores, eorumque opera tam scripta, quam typis edita invenivntvr, simvlqve reperitvr, qvo saecvlo vixerint, et de plvrimis, qvo anno obierint, nec non cvivs nationis, patriae, provinciae, et coenobii fverint qvos e variis, et plvsqvam dvcentis ac sptvaginta octo scriptoribvs tam exteris, quam hvivs ordinis, e diversis bibliothecis, catalogis, atqve manvs scriptis collegit, et in ordinem alphabeticvm secvndvm cognomen et nomen a religione impositvm*, (...) impensis Joannnis Francisci Xaveri Craetz, Ingolstadii et Avgvstae Vindellicorvm 1768, pp. 690-691. Nas pp. 998-999 Ossinger faz uma extensa discussão sobre a validade da tese lançada por António da Purificação e. Agradeço a Christian Heitzmann a transcrição da extensa notícia sobre João XXI, aqui apenas parcialmente citada.

²²⁹ No mais pormenorizado repertório de escritores italianos da Ordem não é mencionado qualquer Pedro Hispano, ou Pedro Julião, ou mesmo João XXI, cfr. D.A. PERINI: *Bibliographia Augustiniana, cum notis biographicis, Scriptores italici*, 4 vol., Firenze 1929-1937, disponível em: <http://web.tiscali.it/ghirardacci/perini/perini.htm> (URL Abril de 2002).

Medicinae, de oculis: quem supra n. 154. relatum esse existimo. Sunt & alia operum huius Scriptoris exempla bene multa in Bibliothecarum Mss. catalogis²³⁰.

Nesta breve anotação encontramos a primeira referência à *Scientia libri de anima*, que de facto se encontra no manuscrito 3314 da Biblioteca Nacional de Madrid. É também citado o grande conjunto de obras médicas no manuscrito 1877 da mesma biblioteca, para além do *Tractatus mirabilis aquarum* no manuscrito latino parisiense 7349. Note-se de passagem que o manuscrito de El Escorial, contém uma obra do Petrus Hispanus canonista e *glossator*. Esta verdadeira descoberta e primeira divulgação da *Scientia* e do compêndio de obras médicas, não teria qualquer repercussão na bibliografia petrínica imediatamente posterior. Apenas quando Martin Grabmann em 1928 publicar alguns textos em torno destes manuscritos, reivindicando a sua descoberta, essas obras seriam olhadas com mais atenção e passariam a estar mesmo no centro das investigações em torno do pensamento de Pedro Hispano.

Veja-se ainda o que, em 1747, algumas décadas antes da segunda edição de Nicolau António, escreveu o bibliógrafo português Diogo Barbosa Machado no volume II da *Bibliotheca Lusitana*²³¹. De facto, estamos mais uma vez dentro do registo instituído por Louis Jacob de S. Carlos, com as obras de lógica (comentários e edições), filosofia e medicina e mesmo as «*Lectioes in primum librum Physicorum*, M.S. conservase na Biblioteca Ambrosiana de Milão». Mas, há aqui um novo elemento: a propósito da autoria dos *Tractatus*, Barbosa Machado discute a possibilidade, defendida pelos muitos autores que cita, de ser obra de um dominicano. A este propósito acolhe a posição de Quétif e Échard²³² que rejeitavam aquela hipótese, mas já não concorda com esses autores e com Nicolau António quando diziam que os *Tractatus* não poderiam ter sido escritos por João XXI.

A primeira monografia sobre João XXI foi publicada por Johann Tobias Köhler, professor em Göttingen, em 1760²³³. É uma obra que procede à compilação da literatura precedente, com o objectivo de oferecer uma imagem de conjunto sobre Pedro Hispano/João XXI, e trazendo aqui e ali algum dado novo. Quanto às obras e depois de defender que é o autor das *Summulae* (pp. 13-23), classifica as obras em duas secções «Escritos filosóficos», onde inclui as *Summulae* em várias edições e comentários (pp. 23-25), mas também os

²³⁰ *Bibliotheca Hispana Vetus, sive Hispani scriptores qui ab Octaviani Augusti aevo ad annum Christi MD. floruerunt*, auctore D. Nicolao Antonio Hispalensi I.C. (...) curante Francisco Perezio Bayerio, Tomus secundus: *Ab anno M.. ad MD.*, Apud viduam et heredes D. Ioachim Ibarrae, Matriti 1788, pp. 73-79, cfr. p. 75, n. 1.

²³¹ Diogo Barbosa MACHADO: *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica*, t. II, na officina de Ignacio Rodrigues Lisboa 1747, pp. 559-561 [reimpr. Ed. Atlântida, Coimbra 1966]; a fonte explícita de Machado são as obras de António de Macedo e Ludovicus Iacobus a S. Carolo, *Bibliotheca Pontificia* (cfr. o final da entrada na p. 562b), mas também Nicolau António é citado.

²³² Cfr. J. QUÉTIF—J. ECHARD: *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Paris 1719, t. I, p. 495.

²³³ J.T. KÖHLER: *Vollständige Nachricht von Pabst Johann XXI. welcher unter dem Nahmen Petrus Hispanus als ein gelehrter Arzt und Weltweiser berühmt ist*, Göttingen 1760, livro de 68 pp.

«*Problemata quaedam Aristotelem imitantia. Lib I. / In physiognomiam Aristotelis*», obra que remete para o manuscrito de Cambridge e para o da biblioteca Vaticana (p. 25). Menciona ainda uma outra edição da *Dialectica*, para aqui evocar a questão da sua existência em versão grega, que levava alguns a considerar que o texto latino seria uma tradução, mas Köhler cita um manuscrito para mostrar que a versão grega é que foi realizada por Georgios Scholarios a partir do texto latino (pp. 25-26)²³⁴, para além de assinalar outra tradução da mesma obra para hebraico. Estas observações mostram que Köhler não se limita a repetir autores anteriores, mas busca já nos manuscritos alguns complementos informativos. É também o que acontece a propósito das «obras médicas» (pp. 26-29), onde inclui as obras:

Summa Experimentorum sive thesauris [!] pauperum Magistri Petri Yspani (...).

De formatione hominis, in dem Collegio Caji zu Cambridge.

Super Tegnīs et Hippocratem Glossae, de natura puerorum..

*Consilium de tuenda valetudine ad Blanchum [!] matrem S. Ludovici (...)*²³⁵.

Canones Medicinae L. I. (...).

Volumen Epistolarum (...).

Sermones praedicabiles et quaedam alia Mssta (...) und endlich *Tractatus de Conceptione Deiparae*²³⁶.

Para lá metódica distinção entre obras de filosofia e obras de medicina, encontramos aqui de relevo apenas a observação sobre as traduções grega e hebraica do *Tractatus* e a identificação do manuscrito parisiense com o *Consilium*.

Merece ser ainda aqui considerado o estudo de A. Daunou sobre Pedro Hispano, incluído na *Histoire Littéraire de la France* devido à tradição que considera a sua formação e ensino relacionados com a universidade de Paris. Daunou reorganiza e distingue as obras em «trois classes: livres de médecine, livres de philosophie, épitres et sentences pontificales»²³⁷. Entre as 14 obras inéditas de medicina, cuja identificação colhe nos bibliógrafos atrás referidos e no dicionário de Éloy²³⁸, inclui também as do manuscrito lat. 6956 da Biblioteca Nacional de França, que de facto contém obras salernitanas, embora não tardia as atribua a

²³⁴ Sobre a questão da origem bizantina do *Tractatus*, cfr. vol. I, pp. 47-50.

²³⁵ Para além de, mais uma vez repetir a que está na biblioteca de Naudé, acrescenta: «und in der König. Französischen zu Paris, n. 1925», KÖHLER: *Vollständige Nachricht von Pabst Johann XXI*, cit. p. 28.

²³⁶ IDEM: *ibidem*, pp. 26-29.

²³⁷ A. DAUNOU: «Pierre d'Espagne ou le pape Jean XXI», *Histoire Littéraire de la France*, vol. XIX, Paris 1895, pp. 322-334, cfr. p. 327.

²³⁸ Cita sobretudo «Éloy, Dict. histor. de la médec. Ié, pp. 534-536», ou seja, Nicolas-François-Joseph ELOY: *Dictionnaire historique de la médecine, contenant son origine, ses progrès, ses révolutions, ses sectes, et son état chez différents peuples, ce que l'on a dit des dieux ou héros anciens de cette science, l'histoire des plus célèbres médecins... et le catalogue de leurs principaux ouvrages*, en foire chez J.F. Bassompierre, Liège-Francfort 1755 (2 vol.), nova ed. em 4 vol. em Mons 1778, cfr. vol. I, pp. 534-536.

Pedro Hispano. Daunou não foge a fazer o seu juízo sobre a natureza e valor destas obras: «(...) on n'a jamais pris la peine de publier ces opuscules, ni même de les recueillir en un seul corps; ils n'offrent que des notions vulgaires qui se retrouvent dans plusieurs livres composés avant et après le milieu du XIII^e siècle; ils n'ont introduit dans la science aucune doctrine ni aucune méthode nouvelle»²³⁹. Sobre as 3 obras impressas (*Comentários sobre as urinas* e as *Dietas de Isaac* e o *Thesaurus pauperum*) o juízo não é mais favorável, porque o comentário a Isaac «n'ajoute rien à la valeur d'un texte qui depuis plus de deux siècles n'est à plus près d'aucun usage»; do *Thesaurus* dá uma lista de manuscritos e traduções, para concluir sobre a dispensabilidade deste manual outrora com tantos leitores mas que «a depuis perdu peu à peu tout crédit; les recettes qu'il contient sont toutes ou inutiles, ou mieux exposées ailleurs», de tal maneira que os mais recentes tratadistas já nem o referem²⁴⁰. O juízo sobre os «traités élémentaires de philosophie», não é mais favorável, mas aqui inclui apenas as *Summulae*, das quais refere os títulos porque são conhecidas, edições, edições com comentário (cfr. pp. 330-332), e cuja autoria petrínica ratifica²⁴¹ sublinhando o grande sucesso de que gozaram²⁴², mas que o seu interesse é apenas histórico: «Ces prétendus écrits philosophiques ne peuvent plus servir qu'à l'histoire de ce genre d'enseignement» (p. 331). Por fim vem a referência às bulas papais e aos Sermões, mas sobre cuja existência lança dúvidas: «L'existence des sermons qui lui ont été attribués ne semble pas non plus assez attestée», apesar de se lhe referir Oldoino²⁴³.

Um maior recurso aos manuscritos e uma apreciação crítica de estudos anteriores, são as marcas mais salientes da segunda monografia a ser publicada sobre Pedro Hispano. Trata-se da tese em teologia defendida em 1898 por Richard Stapper²⁴⁴, que tem uma estrutura muito semelhante à da obra de Tobias Köhler, com duas partes: uma para estudar a vida e obras, a outra dedicada ao pontificado. Na parte relativa às obras, um parágrafo é dedicado às obras lógicas (pp. 9-20), sobretudo para mostrar o crasso erro da tese de C. Prantl e de outros que haviam defendido que o *Tractatus* não era senão uma tradução, mesmo um plágio, de um original grego de Miguel Psello e com a citação de manuscritos faz a inteira demolição desta

²³⁹ A. DAUNOU: «Pierre d'Espagne ou le pape Jean XXI», cit., p. 328.

²⁴⁰ IDEM: *ibidem*, p. 329.

²⁴¹ A expressão é reveladora do pouco apreço pela obra: «Nous inclinons donc à penser avec Brucker qu'il convient de les laisser à ce pape (...). Ce n'est assurément pas revendiquer pour lui de bien notables titres de gloire scientifique», IDEM: *ibidem*, p. 332.

²⁴² É mesmo curiosa a explicação para este sucesso: «La logique d'Aristote était peu comprise; celle de S. Augustin n'enseignait point assez l'art des disputes: les traités sommaires de Pierre d'Espagne tendaient plus directement à ce but, et y arrivaient plus vite», IDEM: *ibidem*, p. 331.

²⁴³ IDEM: *ibidem*, p. 334.

²⁴⁴ R. STAPPER: *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, (Kirchengeschichtliche Studien, IV/4), Münster i.W. 1898 (com o mesmo título existe uma edição em separata que inclui apenas a primeira parte desta obra: «Das Vorleben des Papstes», pp. 1-38).

tese²⁴⁵, referindo ainda a confusão entre os *Syncategoreumata* e os *Parva logicalia* do *Tractatus* (pp. 19-20). O parágrafo sobre as obras médicas (pp. 20-26), aduz títulos antes nunca referidos: o *Liber naturalis de rebus principalibus naturarum*, em manuscrito de Viena (p. 21, n. 4, onde também refere as assinaladas por N. Antonio); um *Regimen sanitatis*, em manuscrito de Paris mas que considera idêntico ao *Thesaurus pauperum* (ibidem, na página seguinte considerado a sua obra médica cimeira); as *Diete super cyrurgia* (p. 22, nn. 1 e 2); o *Tractatus mirabilis aquarum* (p. 24, n. 2), o *Commentarium in Aphorismos Hyppocratis* e as glosas sobre os *Prognostica* de Hipócrates (p. 24, n. 3; o comentário sobre os *Prognostica* é o texto anónimo do ms. Paris BN 6956, por erro citado com a cota 6957); as *Glose super Tegni Galeni* (p. 25, n. 1); mas também o comentário sobre a *Isagoge* de Joanício atribuído a Pedro Hispano no manuscrito parisiense latino 6956 (p. 25, n. 2, obra que de facto pertence a Mauro de Salerno); o comentário sobre o *Viaticum* de Constantino (p. 25, n. 4); os comentários sobre as *Dietas universais* e as *particulares* e sobre as *Urinas* de Isaac na edição de 1515 (p. 25, n. 5, onde, por erro, também inclui o comentário sobre as *Febres*, que, de facto, não é aí atribuído a Pedro Hispano; a atribuição decorre também do catálogo dos manuscritos de Erfurt); por fim, o comentário sobre o *Antidotario* de Nicolai, obra de facto anónima, no manuscrito Erfurt, WAB, 4º 212, ff. 165r-180v (p. 25, n. 7). Toda esta produção médica é colocada em relação com o ensino em Siena, de que pouco antes se tinha dado conhecimento com a publicação de documentos dos *Libri della Bicherna* da comuna (p. 26). Stapper, ao longo da segunda parte, relativa ao papado (pp. 26-114), usa por diversas vezes o *Bullarium* de João XXI.

Com Stapper começa a aparecer um Pedro Hispano com uma obra ainda mais ampla que a até aí conhecida. É directamente nos manuscritos recém-descobertos que estas informações são exumadas. De facto, a monografia de Stapper é a primeira obra onde são revistas algumas atribuições tradicionais e outras completadas com os títulos fornecidas pelos catálogos de manuscritos que algumas bibliotecas começavam a publicar. Simultaneamente vão crescendo os problemas, por as atribuições se continuarem a fazer sem qualquer verificação crítica, bastando que um manuscrito ou um catalogador atribuísse uma obra a Pedro Hispano para que tal fosse considerado fundamento de autenticidade. O nome de Pedro Hispano havia ganho tal prestígio ente os medievistas que era sempre admissível a atribuição de mais uma obra.

²⁴⁵ Aliás, havia já publicado dois anos antes o estudo definitivo sobre esta questão: R. STAPPER: «Die Summulae logicales des Petrus Hispanus und ihr Verhältniss zu Michael Psellus», em Stephan EHSES (hrg.): *Festschrift zum 11hundertjähigen Jubiläum des Deutschen Campo Santo in Rom, dem derzeitigen Rector monsignore De Waal gewidmet von Mitgliedern und Freunden des Collegiums*, Freiburg i.B. 1897, pp. 130-138. Mais uma vez, sobre esta questão remete-se para o vol. I, pp. 47-50.

Vejamos o quadro seguinte para verificar esta dinâmica das atribuições de obras a Pedro Hispano entre os séculos XIII-XIX. Após os primeiros séculos de hesitações e relativa separação entre as obras de lógica e de medicina, há a assinalar quatro momentos principais de expansão: I) Gesner (1545) marca o verdadeiro arranque da unificação de autor; II) Louis Jacob (1643) alarga de forma significativa os títulos atribuídos; III) em seguida, a segunda edição da *Bibliotheca* de Nicolau António (1788) aduz novos títulos encontrados em bibliotecas de Madrid; IV) por fim, a monografia de R. Stapper (1898), já no declinar do século XIX colherá os primeiros frutos do recente movimento de catalogação de manuscritos.

Sinopse da atribuição de obras a Pedro Hispano / João XXI (séculos XIII – XIX)

Títulos da obras	Ricobaldo (c. 1297)	Ptolomeu (1312/7)	Tritémio (s.d.)	Tritémio (1497)	Platina (1494)	Gesner (1545)	Cunha (1636)	Jacob (1643)	Antonio (1696)	Antonio (1788)	Stapper (1898)
<i>Tractatus</i>	X					X	X	X	0	0	X
<i>Thesaurus pauperum</i>		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>Librum de problematibus</i>		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
<i>Canones Medicinae lib. I</i>				X		X	X	X	X	X	X
<i>Epistolarum ad diversos lib. I [Bullarium]</i>				X	X	X		X	X	X	X
<i>Super Tegnīs et Hipp. Glossas de natura puerorum</i>					X	X		X	X	X	X
<i>Parva logicalia [Syncategoreumata]</i>								X	0	0	0
<i>In Physiognomia Aristotelis [Guilherme Hispano]</i>								X	X	X	X
<i>Commentaria in Isaacum de diaetis universalibus</i>								X	X	X	X
<i>Commentaria in Isaacum de diaetis particularibus</i>								X	X	X	X
<i>Commentaria in Isaacum de urinis</i>								X	X	X	X
<i>De medenda podagra tractatum ?)</i>								X	X	X	
<i>De oculis tractatum</i>								X	X	X	
<i>De formatione hominis tractatus [Egídio Romano?]</i>								X	X	X	
<i>Consilium de tuenda valetudine [pseudo Aristóteles]</i>								X	X	X	0
<i>Sermones praedicabiles</i>								X	X	X	
<i>Tractatus de conceptione deiparae Virginis [J. Sobr.?)</i>									X	X	
<i>Lectiones in primum lib. physicorum</i>									X	X	X
<i>Scientia de anima</i>										X	
<i>Omnium Medicorum operum (a)</i>										X (a)	
<i>De ordine iudiciorum [Pedro Hispano canonista]</i>										X	
<i>Tractatus mirabilis aquarum</i>										X	X
<i>Liber naturalis de rebus principalibus naturarum</i>											X
<i>Regimen sanitatis</i>											X
<i>Diete super cyrurgia</i>											X
<i>Commentarium in Aphorismos Hyppocratis</i>											X
<i>Glose supra Prognostica Hyppocratis [Anónimo]</i>											X
<i>Glose super Tegni Galeni</i>											X
<i>Glose super De febribus Isaac [Anónimo]</i>											X
<i>Expositio in Isagogas Ioannitii [Mauro de Salerno]</i>											X
<i>Expositio in libros De urinis Theophili [Bartolomeu]</i>											X
<i>Questiones de Antidotario [Anónimo]</i>											X

X = obra atribuída; 0 = atribuição rejeitada

Notas: Os títulos são listados na ordem em que vão aparecendo nas obras referidas.

(a) Este título indica o conjunto de comentários médicos e sobre o *De animalibus* incluídos no manuscrito Madrid, BN, 1877.

*

A monografia de Stapper marca o culminar de uma longa série de apreciações biobibliográficas sobre a obra de Pedro Hispano, cuja principal característica é a repetição entre autores e o acolhimento, geralmente benévolo, de todas as conjecturas e atribuições. Mas, inaugura também um juízo mais positivo da obra e do papa (ao contrário vejam-se as apreciações pouco abonatórias feitas algum tempo antes por A. Daunou). Também evidencia já um outro interesse pelo conteúdo das obras e dará início a um mais rigoroso inquérito sobre os testemunhos manuscritos em que as obras se preservam. Por outro lado, cimentava a imagem de Pedro Hispano como um filósofo e cientista de sólida formação e não menos fundamentado prestígio, fornecendo com isso mais razões para lhe serem de imediato associados os documentos e as obras que por essa altura ou poucos anos depois haveriam de ser descobertos com referências a Petrus Hispanus²⁴⁶.

Este breve excuro por alguma da literatura histórica e bibliográfica dos séculos XIII a XIX em torno da figura de Pedro Hispano / João XXI, revela-nos preciosas informações quanto às obras que lhe são atribuídas, e ao crescimento gradual da respectiva lista de títulos. O panorama muda de forma drástica após o aparecimento da imprensa, com um século de múltiplas edições das obras de lógica e de medicina (sobretudo o *Thesaurus*) atribuídas a Pedro Hispano. As obras bibliográficas e históricas, que, como é compreensível, também se multiplicam após o aparecimento da imprensa, colhem as suas informações principalmente naquelas edições, mas sobretudo nos trabalhos similares precedentes acentuando as repetições.

É início do século XIV que, repita-se, certos títulos de obras começam a aparecer associados ao nosso autor. Apresentam-se então duas propostas não coincidentes: Ptolomeu de Luca atribui a Pedro Julião o *Thesaurus pauperum* e uns *Problemata*; Ricobaldo de Ferrara atribui-lhe o *Tractatus* de lógica. Com o tempo estas duas tradições tenderão, segundo os autores, ora a manter-se separadas (com autores dominicanos, sobretudo, a atribuírem os *Tractatus* a um seu confrade²⁴⁷), ora a fundir-se²⁴⁸, com o que começa a ganhar corpo a imagem de um Pedro Julião Hispano de porte abrangente e formação universal nos diversos campos da ciência. É esta a posição que vemos ter acolhimento em grande parte dos

²⁴⁶ Sobre as descobertas de Martin Grabmann ou por ele divulgadas, cfr. vol. I, pp. 21-22.

²⁴⁷ A generalidade desses autores, que na sua maior parte não foram aqui citados, vem transcrita nos já citados estudos de A. d'Ors, alguns encontram-se também na bibliografia sobre Pedro Hispano deste volume.

²⁴⁸ Cfr., por exemplo, a observação de A. HAUCK: «Since the fourteenth century it has been usually believed that he was identical with “Petrus Hispanus”, the author of a number of medical works and a popular compendium of logic», em «John XXI. (Pedro Juliani)», *New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Vol. VI *Innocents – Liudger*, p. 201.

historiadores eclesiásticos e bibliógrafos dos séculos XVI-XVII, apesar de nunca desaparecer a tradição separacionista. Pelos dados disponíveis, foi Louis Jacob, a quem Nicolau António chamará nada menos que «helluo librorum et bibliothecarum diligentissimus inspector»²⁴⁹, o autor de um levantamento das obras que, pela sua completude, fará escola sendo geralmente repetido. Aparecem aí pela primeira vez associados a Pedro Hispano novos títulos, certamente encontrados por via de um mais directo conhecimento dos próprios manuscritos, de que começava a haver catálogos impressos ou em ficheiro.

A partir de agora serão os manuscritos a fornecer novas informações, que, aliás, obrigam a alargar cada vez mais o espectro de títulos e de áreas científicas associadas a Pedro-Hispano-autor-uno. Saliente-se que este fenómeno ocorre depois de as obras mais famosas (o *Thesaurus* e o *Tractatus*) terem deixado de ser editadas, o que vai acontecendo durante o século XVI com o aparecimento de novos cursos de lógica e de outros manuais de medicina prática, que ganham o interesse das escolas e do público leitor. O desinvestimento escolar na autoridade dessas obras, deixava a via aberta para um interesse agora mais erudito e histórico pela própria estatura intelectual, filosófica e científica do autor. Mas, serão os trabalhos de Richard Stapper (no final do século XIX) e de Martin Grabmann (nas primeiras décadas do século XX) a marcar uma viragem nos estudos petrínicos porque, apesar de se manterem dentro do paradigma já bem firmado do “autor único”, operam dentro de uma nova atitude de atenção directa à tradição manuscrita e manifestam um novo interesse pela inserção das obras no seu próprio contexto histórico, quebrando-se assim a anterior dinâmica de aceitação e repetição simples que é a marca metodológica mais saliente que liga entre si os autores acabados de percorrer.

Essa lição também nos deve obrigar a um minucioso escrutínio de todas as atribuições, ocorram elas nos manuscritos, ou nos estudos de historiadores, ou em resultado de intuições dos eruditos. Por outro lado, essa revisão é ainda mais necessária por se constar que o silêncio dos próprios documentos, que não nos autorizam por si sós a atribuir qualquer obra ao Pedro Julião que viria a ser papa, nem nos permitem ligá-lo ao Pedro Hispano médico em Siena.

²⁴⁹ Nicolao Antonio: *Bibliotheca Hispana Vetus*, ed. cit., § nr. 165.

Cap. 2.

As lições dos manuscritos

O inventário de manuscritos publicado no volume I confirma em muitos pontos a história da atribuição de obras que acabamos de percorrer nas suas etapas principais. Ao longo de 7 séculos os historiadores e bibliógrafos encontraram nos manuscritos profusa matéria de atribuição, a que não são estranhas as duas tradições que emergem já no início do século XIV. Essas atribuições, ao serem desde cedo envolvidas num modelo discursivo preferencialmente narrativo, com tendência para formar uma imagem laudatória que tudo compila sob um mesmo nome, constroem, assim, a tese de um Pedro Hispano único. A adesão concordante e continuada a esta interpretação de sucesso não deixava espaço para a emergência de novas hipóteses, tornava despicienda a própria verificação das fontes²⁵⁰ e compelia a justificar ou elidir cada indício que a desafiava. Impõe-se, por isso, refazer esta história, olhando as fontes de um modo crítico, isto é, verificando a cada passo a sua especificidade textual, histórica e filosófica, evitando tomar como coincidente aquilo que não o é expressamente, sobretudo confrontando entre si os diferentes testemunhos. Se olharmos as fontes petrínicas sem lhes impor um prévio molde biográfico e autoral, poderemos colher elementos que nos permitam deslindar alguns dos equívocos e incongruências que pontuam aquela imagem construída pela tradição. Os manuscritos, de facto, convidam-nos a abandonar o caminho trilhado e a deixar aparecer outras sendas, labirínticas talvez, mas também mais sugestivas e provavelmente mais

²⁵⁰ Esta tendência não é exclusiva dos estudos sobre Pedro Hispano, mas é comum à generalidade das tradições interpretativas da história do pensamento. Vale a pena recordar o que Piero Morpurgo escreveu sobre a persistente e pregnante tese da centralidade da escola de Salerno a propósito do renascimento da ciência médica no século XII: «C'è innanzitutto una variegata tendenza che lascia poco spazio alle ipotesi giacché parrebbe che si sia deliberatamente aderito ad una metodologia storica che privilegia la conservazione e la tradizione di quanto fu acquisito nella prima metà di questo secolo. Ciò avviene per il timore che nuove suggestioni incrinino inveterate teorie quali quella della centralità assoluta di Salerno nella rinascita della scienza medica, ma così facendo il gioco storiografico diventa sterile perché esageratamente circospetto», P. MORPURGO: *L'idea di natura nell'Italia Normannosveva*, Bologna 1993, p. XXI, cfr. as pp. XXI-XXV onde o autor se propõe uma reabertura deste problema, com o regresso às fontes e a discussão de novas interpretações, onde, aliás, Pedro Hispano é parte importante.

próximas da realidade histórica, institucional, científica ou filosófica em que cada obra foi composta.

1. Sinopse da atribuição de obras nos manuscritos

Ao olharmos a difusão manuscrita das obras atribuídas a Pedro Hispano, a primeira constatação a fazer é que não existiu na Idade Média uma compilação mais ou menos completa dessas obras, ou, para sermos mais prudentes, se existiu não chegou até nós nem sobre ela se encontra qualquer referência nas diferentes fontes, o que são já indícios suficientemente fortes para se sugerir que uma tal compilação nunca existiu. Outros autores de obra vasta e dispersa mereceram esta atenção editorial, o que pode deixar já antever que nunca na Idade Média se julgou que as diferentes obras que hoje se atribuem a Pedro Hispano tenham sido de facto escritas por um mesmo autor. É certo que essas obras poderiam não favorecer um tal projecto, porque abarcavam uma extensa multiplicidade de ciências e a cópia de livros, pelas suas condicionantes materiais, era sobretudo utilitária, principalmente quando se tratava de obras académicas, com cada volume a ser produzido tendo em vista uma utilização específica, escolar ou profissional, quer se tratasse de um projecto pessoal ou de um produto de *scriptoria* profissionais ou de um *stationarius*. Compreende-se, por isso, que juntar obras de lógica, sermões, comentários zoológicos e receituários médicos numa mesma edição manuscrita poderia não se apresentar como um projecto útil para o público de leitores, justificar-se-ia, isso sim, se houvesse a intenção deliberada de reunir as obras de um mesmo autor, fosse para o celebrar, fosse para recolher a sua obra completa, fosse para resolver problemas editoriais e filológicos com que um leitor mais atento ou erudito se deparasse. No caso das obras atribuídas a Pedro Hispano, apesar da eminência científica e eclesiástica que se lhe atribui, nenhuma destas variáveis se verificou.

Por outro lado, os embriões de elencos de obras que podemos ler nos bibliógrafos, são divergentes no seu início, depois são lacunares e em ambos os casos estão longe de ser exaustivas e, como vimos, resultam apenas do próprio engenho do compilador e das suas leituras secundárias. Estes catálogos de obras são algo variáveis e o seu recheio vai-se diversificando com o tempo, precisamente à custa da compilação de diferentes fontes e não em resultado de novas evidências documentais.

Mais ainda, não só não existe uma compilação das obras, como elas são de facto transmitidas em diferentes famílias de manuscritos consoante a sua tipologia científica ou literária²⁵¹.

Alguns exemplos: os manuscritos com obras de lógica nunca contêm qualquer outra obra atribuída a Pedro Hispano. Para além disso, nesses manuscritos nunca o Pedro Hispano autor de lógica é associado ao Pedro Hispano autor de outras obras; também as obras filosóficas nunca são transmitidas com qualquer outra obra, seja médica, alquímica ou teológica. E assim sucessivamente. Há claramente uma difusão atomizada das obras consoante o seu campo científico. Poderá isso dever-se ao facto de os respectivos serem diferentes, apesar de terem nome semelhante?

Mais revelador ainda é o facto de nunca haver pontes que estabeleçam a ligação do autor de uma obra com o autor de outra obra de um campo diferente, porque se há copistas, anotadores ou comentadores que sabem que o autor do *Tractatus* é o autor dos *Syncategoreumata*, ou que o autor do *Thesaurus pauperum* é o autor do *De phlebotomia*, já não encontramos, pelo menos nas fontes mais antigas, a mais pequena suspeita de que o autor do *Tractatus* seja o autor do *Thesaurus pauperum*, e isto para dar apenas o exemplo das duas obras mais famosas e difundidas.

Nesta situação, como já foi dito várias vezes, torna-se necessário regressar à próprias obras e aos manuscritos que as transmitem, como fonte mais fidedigna para discutir a questão da autoria das obras.

Ora, os manuscritos permitem desde logo mostrar que são absolutamente erradas determinadas atribuições, porque se referem a obras que através de outros manuscritos sabemos serem de outros autores²⁵², tendo sido atribuídas por copistas e anotadores, ou por má leitura dos manuscritos, ou porque os seus autores simplesmente se dissimularam sob o nome de Pedro Hispano; estão nestes casos nada menos que 30 títulos²⁵³. Outras foram-lhe atribuídas provavelmente por confusão com outros autores, porque delas não conhecemos qualquer testemunho manuscrito; caso em que se encontram pelo menos 5 títulos²⁵⁴. Há um grupo importante de obras que os manuscritos ou os seus catalogadores atribuíram a “Petrus Hispanus”, embora o designem sob diversas formas, nem sempre convergentes. Temos aí um grupo de 50 obras²⁵⁵, mas não temos a certeza se foram escritas por um único ou por diversos

²⁵¹ Exceptuem-se aqui os raros casos de códices de composição factícia, em que o acaso da encadernação reuniu manuscritos de diferentes origens num único volume e desta coincidência pode resultar que obras de diferentes áreas estejam agora num mesmo códice.

²⁵² Veja-se, por exemplo, o índice de obras erradamente atribuídas, no vol. I, p. 434.

²⁵³ Ver a secção 5 da *Clavis* no capítulo seguinte.

²⁵⁴ Ver a secção 4 da *Clavis*.

²⁵⁵ Ver a secção 1 da *Clavis*.

autores. Para complicar a discussão, em algumas dessas obras o autor indica ainda outras 6 de que não conhecemos o texto ou outros testemunhos²⁵⁶. Para além de subsistirem 2 outras obras que não está averiguado se pertencem ou não a este Pedro Hispano²⁵⁷, seja ele um ou vários.

Neste âmbito, a questão pode ser discutida, num primeiro nível, a partir das fórmulas de atribuição que se lêem nos próprios manuscritos. Sem tentar estabelecer aqui uma tipologia destas atribuições, deve notar-se que algumas fazem parte do próprio texto, por exemplo dos prólogos, mas a maior parte parecem não ser da mão do próprio autor, como as dos diferentes paratextos: títulos, subscrições, finais, anotações marginais, etc. O grau de evidência destas últimas é muito menor, mas deve, mesmo assim, ser tomada em devida conta, sempre que possa ajudar-nos nesta discussão, não apenas por causa da sua persistência e repetição, mas sobretudo quando apresente indícios de divergência com as que ocorrem em outras obras.

A simples análise das fórmulas de atribuição mostra-nos precisamente a sua variabilidade²⁵⁸ e permite-nos, em alguns casos, verificar que algumas das obras pertencem a autores diferentes e que algumas das obras não são atribuídas a Pedro Hispano nos próprios manuscritos.

Um olhar sinóptico sobre os manuscritos diz-nos já algo sobre a difusão extensa e desigual desta obra vasta²⁵⁹. O quadro que a seguir se apresenta não é uma estatística definitiva porque ainda há certamente manuscritos a inventariar, como ficou claro na Introdução do volume I (pp. 54-57), e sobre muitos dos manuscritos recenseados é ainda necessário verificar com mais rigor qual a natureza do texto transmitido (qual a versão da obra? obra completa ou fragmento? comentário ou texto? etc.). Mesmo assim, vale a pena fazer um quadro que permita atestar as disparidades de difusão entre os vários títulos.

Os paratextos (títulos, subscrições, anotações marginais, etc.), que se teve o cuidado de registar no inventário, transportam-nos de imediato para a questão da autoria das obras e mesmo da identificação do respectivo autor²⁶⁰. O terceiro dos índices petrínicos do volume I (“Índice das fórmulas de atribuição”) sistematiza as informações relativas à identificação do

²⁵⁶ Ver a secção 2 da *Clavis*.

²⁵⁷ Ver a secção 3 da *Clavis*.

²⁵⁸ Para um panorama mais ou menos exaustivo do conteúdo literário das fórmulas e respectivo contexto, vejam-se as descrições de manuscritos no vol. I e em particular as duas primeiras secções do “Índice das fórmulas de atribuição”, pp. 412-433.

²⁵⁹ Quanto à difusão geográfica veja-se o índice de países, no vol. I, pp. 447-448, e o índice de manuscritos, *ibidem*, pp. 491-505. Em alguns casos é meramente accidental que o manuscrito esteja numa ou noutra biblioteca, mas, em boa parte dos casos ela explica-se pela história dos próprios fundos manuscritos, tantas vezes provenientes de bibliotecas de mosteiros ou de universidades medievais.

²⁶⁰ Deixa-se aqui de lado um outro problema colocado pelos paratextos, a saber, os diferentes títulos com que cada obra era identificada.

autor, por obras (pp. 412-421), por designação (422-433) e com erros (p. 434). É certo que estes indícios não podem ser tomados como o argumento definitivo, não só porque alguns deles também contêm erros, mas também porque alguns devem ainda ser submetidos a uma cuidada análise codicológica e paleográfica para averiguar da respectiva genuinidade e data. É um facto que certas fórmulas de atribuição ocorrem apenas em manuscritos tardios, ou foram acrescentadas por mão diferente e posterior à da feitura da cópia do texto mesmo. O que poderá indiciar que algum leitor que a colhera em fonte secundária a tomou como boa e apropriada para melhor identificar o texto que tinha perante si. Este problema é sobretudo delicado naquelas obras que encontramos em diferentes versões, cada uma das quais quase sempre em testemunho único.

A tese da unidade de autor, apesar de não encontrar qualquer fundamento na documentação mais antiga tornou-se familiar e por isso, hoje, não é preciso argumentar para a defender, basta afirmá-la. Pelo contrário, a tese dissociacionista precisa de mobilizar uma imensa quantidade de argumentos a seu favor que a tornem evidente, para além de precisar ainda de desmontar ou clarificar os argumentos da outra tese. Trata-se pois de uma discussão entre teorias rivais, em que o campo de uma (documental e historicamente a mais frágil) tem tudo a seu favor não pela consistência dos argumentos ou a solidez das provas, mas simplesmente por inércia discursiva e por estar muito disseminada e se ter tornado a tese mais partilhada. A unidade de autor tornou-se uma crença difícil de contrariar, mas a elaboração de um catálogo das obras que sistematize todos os elementos de atribuição poderá trazer ainda mais elementos clarificadores. É isso que se propõe na secção seguinte, tomando já como guia os elementos esboçados nestes quadros, porquanto nos permitem distinguir entre as obras de facto atribuídos a um Pedro hispano e aquelas sobre as quais não há qualquer traço nos manuscritos e também aquelas que através de outros manuscritos podemos claramente atribuir a outros autores, ou pelo menos verificar que não podem pertencer ao Pedro Hispano “único” da tradição.

A atribuição de obras a Pedro Hispano e a respectiva difusão manuscrita

Na parte relativa às designações do autor apenas são tidos em consideração os manuscritos que contenham alguma fórmula anotada nas descrições do vol. I. O número absoluto de manuscritos é indicado nas quatro colunas à direita.

Quando nas colunas de atribuição não for mencionado qualquer manuscrito isso quer dizer que foi encontrada qualquer fórmula de atribuição a Pedro Hispano nessa obra.

Quando numa mesma atribuição se encontrar mais do que um descritor, ela é mencionado em ambos (por exemplo: “Petrus Hispanus Portugalensis” é mencionado sob *Hispanus* e sob *Portugalensis*).

Quando num mesmo manuscrito se encontrar mais do que uma fórmula de atribuição (por exemplo no título e no *explicit*) esse manuscrito apenas é mencionado uma vez nas colunas da direita.

Obras	Petrus					Papa	O.P	Outro autor	Manuscritos			
	Iuliani	Hispanus	Portugalensis	Compos-tellanus	Outra forma				Texto	Frag.	Coment	Trad.
<i>Anathomia corporis</i>		1							2 (a)			
<i>Bullarium Iohannis XXI</i>						1			1			
<i>Bullarium Iohannis XXI (apud Dictamina Berardi)</i>						6		6	6			
<i>Consilium de tuenda valetudine</i> (pseudo-Aristóteles)		1						(b)	1			
<i>De apostemate maturando, de morsu canis rabidi ...</i>									1			
<i>De curis oculorum</i>									(b)	(b)		
<i>De his que conferunt et nocent</i>									5			
<i>De partibus corporis humani, de coitu, de honesta et ...</i> (Pispani)								1	1			
<i>De phlebotomia</i>	6								9			2
<i>Diete super cyrurgia</i>		1		1					1			
<i>Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis</i>		1		1					1			
<i>Expositio in Isagogas Ioannitii</i> (Mauro de Salerno)								(b)	1			
<i>Expositio in libros Aforismorum Hyppocratis</i> (Mauro de Salerno)		1						(b)	1			
<i>Expositio in libros De pulsibus Philareti</i> (Anónimo)		1						(b)	1			
<i>Expositio in libros De urinis Theophili</i> (Bartolomeu de Salerno)		1						(b)	1			
<i>Expositio in Pronostica Hippocratis</i> (anónimo)		1						(b)	1			
<i>Expositio libri De anima II-III</i>									1 (+1?)			
<i>Expositio librorum beati Dionysii</i>		2							3	2		
<i>Fallacie minores</i> (Anónimo)		1						(b)	(b)			
<i>Glose et questiones super Viaticum Constantini</i>		3						1	8 (a)	4		
<i>Glose super De pulsibus Philareti</i>		2	1						3			
<i>Glose super libris De febris Ysaac</i> (Anónimo)		1						(b)	1			
<i>Glose super libro tegni Galeni</i> (Bartolomeu de Salerno)		1						(b)	1			
<i>Glose super Tegni Galeni</i>		2							4			
<i>Glose supra Pronostica Hippocratis</i>									1 (2?)			
<i>Liber de famulatu philosophie</i>		1					1		1			
<i>Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite</i>		2							2			
<i>Liber naturalis de rebus principalibus naturarum</i>		1							1 (2?)			
<i>Liber oculorum</i>		19	2		1 (c)	2			> 30 (b)	(b)		1
<i>Notitia super librum de morte et vita</i> (Adão de Buckfeld)								(b)	1			

<i>Notitia super librum de sensu et sensato</i> (Adão de Buckfeld)							(b)	1			
<i>Notitia super librum de sompno et vigilia</i> (Adão de Buckfeld)							(b)	1			
<i>Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni</i>		1						8			
<i>Notule super Regimine acutorum Hippocratis</i>		1						2			
<i>Operatio ad congelandum mercurium in veram lunam</i>		1			1 (d)			1			
<i>Opus puerorum</i> (de Rogério Bacon?)					1 (e)			1			
<i>Problemata</i>		4						11 (-1)	1		
<i>Quaestiones de Metaphysica</i> (João Buridano)							(b)	1			
<i>Questiones de medicinis laxativis</i>		1						1			
<i>Questiones super libro De crisi et super De diebus decretoriis Galeni</i>								1			
<i>Qui vult custodire sanitatem stomachi</i>								4			
<i>Scientia libri de anima</i>		1	1					2			
<i>Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Iudei</i>		3						5 (a)			
<i>Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac</i>		2						6 (a)			
<i>Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac</i>		1						4			
<i>Secretum pro amico suo ad oculos</i>		1						> 30 (b)			
<i>Sententia cum quaestionibus in physonomiam</i> (Guilherme de Aragão)		1					10	1			
<i>Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II</i>		1							2		
<i>Sermones</i>		2					2	5	1		
<i>Summa de conservanda sanitate</i> (f)		11		3	1 (g)			9			
<i>Super libro De animalibus Aristotelis</i>		1						3 (a)			
<i>Super libros aphorismorum Hippocratis</i>								1 (ou 3)			
<i>Syncategoreumata</i>		8						26			1
<i>Synonymia pharmacologica</i>								3			
<i>Tabula phlebotomie secundum Avicenam</i>					1 (h)			1			
<i>Thesaurus pauperum</i>	1	> 40			2	> 23		> 100 (b)	28		46
<i>Tractato dei veleni</i> (Pedro de Abano)							(b)	1			
<i>Tractatus</i>		> 150			4 (i)		9	(b)	(b)		(b)
<i>Tractatus de conceptione deiparae Virginis</i> (Anónimo?)							(b)				
<i>Tractatus de febribus</i>		5				2		(b)	(b)		(b)
<i>Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis</i>	2	2						3			
<i>Tractatus exponibilium</i> (Anónimo)		(b)						(b)			
<i>Tractatus mirabilis aquarum</i>		> 30						> 50 (b)	(b)		4
<i>Veni Mecum</i>		1						1			
<i>Verba secreta in arte Alkimie</i>		1						1			
<i>Versus brevilogi urinarum</i>		1						3			
<i>Versus de pluvia, de nive, de pruine, de rose, de prandine et de terra</i>								1			

Notas: (a) Incluí mais do que uma versão; (b) Número não determinado; (c) “Liber Cardinalis de oculis”; (d) “Petri yspani Cardinalis”; (e) “p.h.”; (f) Incluí-se também a versão elaborada como carta ao imperador Frederico, apesar de estar também descrita à parte; (g) Num manuscrito a obra é dita “Petri Salernitani” e em outro “senensis artis medicine professor”; (h) “Petri Yspanicii”; (i) Cfr.: “hermes supra fallacias”, “Petri Alfonsi Hispani”, “Petri Hyspani gallici”, “magíster Petrus Ispanus, de Stella oriundus”.

2. Clavis operum Petro Hispano adscriptorum (Elenco das obras atribuídas a Pedro Hispano)

A diversidade de obras atribuídas a Pedro Hispano tem suscitado alguns equívocos na sua designação e não é raro encontrar obras diferentes sob um mesmo nome ou a mesma obra sob diferentes nomes. Antes de partir para uma caracterização interna do *corpus* petrínico é imprescindível exaurir as informações que os manuscritos nos dão e que nos permitam identificar de forma sistemática e clara todas e cada uma das obras transmitidas nos manuscritos e eventualmente na literatura secundária antiga como sendo de Pedro Hispano. A melhor forma de o fazer é reunir num instrumento de fácil utilização todos os elementos que permitam caracterizar cada obra de um modo rigoroso, localizando exactamente onde está copiada ou editada e que ao mesmo tempo possa servir para a pesquisa de novos apógrafos. É o que se fará nesta secção a partir da análise da tradição manuscrita das obras atribuídas a Pedro Hispano, recenseada no volume I, sem deixar de ter também em conta a literatura secundária (onde por vezes são referidas obras de que não se conhecem manuscritos) e os precedentes ensaios de sistematização.

O modelo literário deste tipo de instrumento está já bem definido, de tal modo que as *claves operum* são hoje um recurso de investigação imprescindível para qualquer medievista. A mais famosa abrange toda a patrística latina até Rábano Mauro²⁶¹ e está agora a ser prolongada com a publicação de *claves* “regionalizadas” sobre períodos posteriores²⁶², mas existem outros exemplos de repertórios elaborados para regiões geográficas precisas²⁶³. Há também vários exemplos possíveis deste género de sùmulas para autores individuais²⁶⁴. Mais

²⁶¹ *Clavis patrum latinorum*, cur. E. DEKKERS, adiuv. E. GAAR (Corpus Christianorum-Series latina) ed. Brepols – Sint Petersabdij, Turnhout – Steenbrugge 1995 (3ª ed.); esta obra modelo foi entretanto continuada numa *clavis* da patrística grega: *Clavis patrum graecorum*, cura et studio M. GEERARD, 5 vol. + *Supplementum*: cur. J. NORET — M. GEERARD (Corpus Christianorum-Series graeca)ed. Brepols, Turnhout 1983-1998.

²⁶² A primeira a começar a ser publicada é a *Clavis scriptorum latinorum Medii Aevi. Auctores galliae 735-987*, 2 vol., cur. M.-H. JULLIEN — F. PERELMAN, (Corpus Christianorum-Continuatio mediaevalis) ed. Brepols, Turnhout 1995-1999 (em curso de publicação).

²⁶³ Vejam-se, por exemplo, os repertórios relativos à Península Ibérica (M.C. DÍAZ Y DÍAZ : *Index scriptorum latinorum medii aevi hispanorum*, Madrid 1959), às ilhas britânicas (R. SHARP: *A Handlist of the Latin Writers of the Great Britain and Ireland Before 1450*, Brepols, Turnhout 1997), ou aos Países-baixos (R. MACKEN: *Medieval Philosophers of the Former Low Countries. Bio-bibliography and Catalogue*, 2 vol., Leuven 1997), o primeiro dos quais segue de perto o modelo da *Clavis* de E. Dekkers.

²⁶⁴ O segundo volume da obra referida na nota ante-anterior, todo ele dedicado a Alcuíno, é um bom exemplo monográfico de *clavis* de autor singular. Para a definição do modelo adoptado foram também úteis: C. JEUDY: «Remigii autissiodorensis opera (Clavis)», em D. IOGNA-PRAT — C. JEUDY — G. LOBRICHON: *L'école carolingienne d'Auxerre, de Murethach à Remi, 830-908*, Paris

ambicioso é o projecto CALMA²⁶⁵, compêndio de todos os *auctores* da latinidade medieval e renascentista, actualmente em curso de elaboração, no qual, apesar de se incluírem todas as obras de cada autor, dessas apenas são dadas referências bibliográficas e muito raramente o *incipit* e apenas para desfazer equívocos, para além de se negligenciarem as obras apócrifas ou erradamente atribuídas que, ao contrário, aqui não poderão ser esquecidas.

Colhendo nestes vários modelos os critérios que melhor se adaptem ao caso de Pedro Hispano, a estrutura da notícia de cada obra não se afasta das *claves* tradicionais, incluindo:

1) título sob uma forma normalizada (apresentado de modo destacado e precedido do número de ordem na *Clavis*) e variantes do título, colhidos, em ambos os casos, nos testemunhos manuscritos;

2) descrição do texto através de: títulos usados nos manuscritos (*inscriptio*), *incipit*, *desinit* e *explicit* (dos prefácios, questões iniciais ou livros), colofão quando este traga elementos de relevo; no caso de haver variantes significativas sobre cada um dos elementos elas são dadas, indicando-se de modo abreviado os manuscritos onde ocorrem;

3) referência em outros repertórios, para facilitar a identificação de cada obra e de modo a desfazer possíveis erros de identificação. Inclui-se a referência de cada obra nos seguintes repertórios alfanuméricos, citados de modo abreviado: Wickersheimer *Dictionnaire*²⁶⁶, Alonso *Comentario*²⁶⁷; Díaz y Díaz *Index*²⁶⁸; Alonso *Scientia*²⁶⁹; Glorieux *La*

1991, pp. 457-500; B. DISTELBRINK: *Bonaventurae scripta authentica, dubia vel spuria critice recensita*, Roma 1975.

²⁶⁵ C. LEONARDI — M. LAPIDGE (eds.): *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, Firenze 2000-seg. (em curso de publicação).

²⁶⁶ E. WICKERSHEIMER: *Dictionnaire Biographique des Médecins en France au Moyen Age*, 2 vol., Paris 1936 pp. 638-640: «Pierre Hispanus» (ed. ut.: reimpr. Genève 1979). Convém assinalar que nesta notícia não se incluem os textos de medicina do ms. Madrid, BN, 1877, que Grabmann revelara desde 1928, mas no final da notícia refere as obras atribuídas no ms. Paris, BN, 6956, que de facto são de autores salernitanos, e outross comentários médicos.

²⁶⁷ M. ALONSO ALONSO (ed., introd., notas): Pedro Hispano, Obras Filosóficas II: *Comentário al de anima de Aristóteles*, Madrid 1944, pp. 13-25: «Bibliografía. I- Fuentes: Obras de Pedro Hispano».

²⁶⁸ M.C. DÍAZ Y DÍAZ : *Index scriptorum latinorum medii aevi hispanorum*, cit. [também publicado com a mesma paginação em 2 vol. dos *Acta Salmaticensia*, 13 (1959)], pp. 290-295 (nn. 1379-1406): «Petrus Hispanus, postea Iohannes papa XXI».

²⁶⁹ M. ALONSO ALONSO (ed., introd., notas): Pedro Hispano, Obras Filosóficas I: *Scientia libri de anima*, Barcelona 1961 (2ª ed.), pp. XI-XXII: «Bibliografía. I- Fuentes: Principales obras de Pedro Hispano».

*faculté*²⁷⁰; Lohr *Medieval Latin Aristotle*²⁷¹, Lindberg *A Catalogue*²⁷², P. Kibre *Hippocrates latinus*²⁷³. Esporadicamente são ainda citados outros repertórios;

4) indicação dos manuscritos conhecidos; por uma questão de brevidade, para algumas obras mais difundidas ou já criticamente editadas remete-se apenas para eventuais listas de manuscritos já ante publicadas ou para os manuscritos base dessas edições; pela mesma razão de brevidade, no caso dos comentários anônimos e de autor ao *Tractatus* reuniram-se as informações remetendo apenas para as páginas do vol. I;

5) edições (integrais ou parciais); seguindo o mesmo critério, dá-se a referência das edições no repertório Schönberger—Kible²⁷⁴;

6) traduções da obra (integrais ou parciais), dá-se também a eventual referência das edições no mesmo repertório Schönberger—Kible;

7) eventuais notas sobre a atribuição a Pedro Hispano, ou sobre outros assuntos que mereçam destaque.

Uma vez que na parte II se discutirão alguns problemas relacionados com cada obra, aqui apenas esporadicamente afloram questões relacionadas com fontes, estrutura, teorias particulares. Porque aí também se darão indicações bibliográficas mais precisas e porque existe no final do volume uma bibliografia comentada também pareceu redundante dar aqui uma bibliografia específica para cada obra.

O primeiro problema a resolver prendia-se com a organização interna da *clavis* e, naturalmente, a ordem alfabética do título normalizado seria a usada, mas é evidente que não poderiam ser colocadas ao mesmo nível obras que em todos os manuscritos são transmitidas como de Pedro Hispano, ou obras que são de outros autores e lhe foram atribuídas por erro, ou outras que são simples equívocos da literatura secundária.

Por essa razão, e conjugando a lição dos manuscritos com o que foi possível apurar nos capítulos anteriores sobre a história de atribuição de obras a Pedro Hispano, estabeleceram-se critérios de triagem que se transformaram nas diferentes partes da *clavis*, que são as seguintes:

²⁷⁰ P. GLORIEUX: *La faculté des arts et ses maîtres au XIII.e siècle*, (Études de Philosophie Médiévale, 59), Paris 1971, pp. 284-286: «352. Pierre d'Espagne».

²⁷¹ C.H. LOHR: «Medieval Latin Aristotle Commentaries. Authors: Narcissus - Richardus», *Traditio* 28 (1972) 281-396, cfr. pp. 356-361: «Petrus Hispanus (Petrus Juliani; Johannes XXI)».

²⁷² D.C. LINDBERG: *A Catalogue: A Catalogue of Medieval and Renaissance Optical Manuscripts*, Toronto 1975, pp. 111-114 (nr. 206).

²⁷³ P. KIBRE: «Hippocrates Latinus: Repertorium of Hippocratic Writings in the Latin Middle Ages», *Traditio*, I: 31 (1975) 99-126; II: 32 (1976) 258-292; III: 33 (1977) 253-295; IV: 34 (1978) 193-226; V: 35 (1979) 273-302; VI: 36 (1980) 347-372; VII: 37 (1981) 267-289; VIII: 38 (1982) 165-192; ed. revista: EADEM: *Hippocrates latinus. Repertorium of Hippocratic Writings in the Latin Middle Ages, Revised Edition*, New York 1985, 1989².

²⁷⁴ R. SCHÖNBERGER — B. KIBLE: *Repertorium edierter Texte des Mittelalters aus dem Bereich der Philosophie und angrenzender Gebiete*, Berlin 1994, pp. 607-610 (nn. 16628-16655).

1. *Obras transmitidas como de Pedro Hispano*: onde se incluem todas as obras que não são integráveis nas secções seguintes, embora a sua inclusão numa mesma secção não signifique que pertencem a um mesmo autor, mas apenas que são o núcleo de obras (juntamente com as das secções 2, 3 e 4) que importará ter em consideração directa para resolver a questão petrínica. Inclui os títulos 1 a 50;

2. *Obras citadas pelo autor mas desconhecidas*: agrupa as referências que se encontram em duas das obras da secção anterior e que não foram ainda identificadas em manuscrito. Inclui 6 títulos (números 51 a 56);

3. *Obras de autoria não verificada*: 3 títulos mencionados nos manuscritos e que não é possível saber se mesmo aí são atribuídas a Pedro Hispano (números 57 e 59);

4. *Obras não localizadas, citadas por outros autores*: agrupa as referências da literatura secundária a obras de facto ainda desconhecidas e que não é certo que tenham existido. Inclui 5 títulos (números 60 a 64);

5. *Obras atribuídas a (um) Pedro Hispano, mas de outros autores, conhecidos ou anónimos*: reúne aqueles títulos cuja autoria ou história foi possível determinar e que obrigam a excluir qualquer atribuição a um Pedro Hispano. Inclui 29 títulos (números 65 a 93);

6. *Obras não existentes*: são títulos usados de modo defectivo pela literatura secundária e que não correspondem a qualquer obra; apenas se mencionam aqui para desfazer equívocos. Inclui 7 títulos (números 94 a 100).

Fica assim claro que na elaboração deste repertório são tidos em conta todos os *índicios* sobre obras atribuídas a Pedro Hispano, desde os que se apresentam confirmados por vários e múltiplos testemunhos, até aos que resultam de erros grosseiros ou de descuidos mais ou menos graves. Admite-se, de facto, que há sempre algo a aprender e a reter em todos eles. E a detecção de erros nos mecanismos de atribuição de obras pode ser tão ao mais importante sobre esse processo que a mais inquestionável evidência²⁷⁵.

Por outro lado, deve ter-se presente que este primeiro ensaio de elaboração de uma *Clavis das obras atribuídas a Pedro Hispano* é um passo intermédio e introdutório do que se dirá nas partes seguintes, findas as quais poderá haver elementos que permitam introduzir divisões que, por exemplo, venham a permitir distribuir as obras das secções 1 a 4 entre diferentes autores “Pedro Hispano” e a transferir outras para a secção 5.

²⁷⁵ Veja-se a este propósito o estudo dos meandros e consequências da atribuição a Pedro Hispano do comentário de Guilherme de Aragão sobre a *Physiognomia* do pseudo-Aristóteles, em J.F. MEIRINHOS: «A atribuição a Petrus Yspanus das *Sententie super libro de physonomia* de Guillelmus Hispanus, no Manuscrito Vaticano, Urb. lat. 1392», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 329-359.

A. Obras transmitidas como de Pedro Hispano

1. **Anathomia corporis**

Anathomia

inscr. Incipit anathomia magistri petri hyspani medici excellentissimi (*ms. Parma*)

inc. Quoniam ut ait Galienus, integrum (*ms. Bergamo*)

inc. Quum {Cum} corporis cognitio ex partium notitia consurgit et quarumdam cognitio perfecte haberi (*ms. Parma*)

des. septima conintiva. Finis (*ms. Parma*)

expl. domine miserere nobis, amen (*ms. Bergamo*)

coloph. Explicit Anathomia corporis secundum Petrum de Yspania (*ms. Bergamo*)

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, mss. 1; Alonso *Comentario* nr. 6; Alonso 1944, nr. 6; Díaz y Díaz *Index* 1384 («an genuinus?»); Glorieux *La faculté* nr. 352 (af).

Manuscritos (2): Bergamo, BCAM, Ma 300 [s. XV], ff. 65v-69r; Parma, BP, 1065 [s. XV], ff. 147-153.

Atribuição a Pedro Hispano na *inscr.* do manuscrito de Parma e no colofão do de Bergamo.

As diferenças entre os dois manuscritos (não analisados directamente) parece apontar para diferentes recensões da mesma obra.

2. **Bullarium Iohannis XXI**

Regestrum

inscr. Incipit regestrum anni primi licterarum domini pape Iohannis XXI

prot. Epist. I Venerabilibus fratribus archiepiscopo Remensi et episcopis ...

inc. Epist. I Qui eterne legis imperio summa regit, etiam extrema non deserit

Mss. (1): Città del Vaticano, ASV, Reg. Vat. 38, ff. 1r-50v.

— Edição fotográfica digital do ms. em CD-ROM realizada pelo próprio ASV.

Ed.: L. CADIER: *Le Registre de Jean XXI (1276-1277). Recuei des Bulles de ce Pape, publiées ou analysées d'après le manuscrit original des Archives du Vaticain*, fasc. 3 de: *Les registres de Grégoire X (1276-1277)*, Paris 1898, cartas papais: 1 a 159 (nas pp. 1-51) e cartas curiais: 160-165 (nas pp. 51-55); a edição não é integral porque de algumas cartas apenas é dado o início e um resumo.

— Edição electrónica do texto publicado por Cadier prevista para *Ut per litteras apostolicas... Les lettres pontificales. Papal Letters*, CD-ROM, Brepols, Turnhout

(edição gradual dos volumes editados pela; o CD-ROM de João XXI ainda não tem data de publicação anunciada).

2b. *Bullarium Iohannis XXI (apud Dictamina Berardi)*

Collectio Berardi epistolarum summorum Pontificum

Dictamina Berardi

Epistulae notabiles Berardi

inscr. Incipiunt dictamina Magistri Berardi di Napoli dominus ... notarii (*ms. Bordeaux*)

inscr. Epistulae notabiles compositae a magistro Berardo de Neapoli (*Paris, lat. 4311*)

Mss. (6): Bordeaux, BM, 761; Città del Vaticano, ASV, Reg. Vat. 29A; BAV, Vat. lat. 3977; Vat. lat. 6735; Paris, BN, lat. 4311; lat. 14173. A verificar: Firenze, BNC, Conv. soppr. E. 4. 784; Genova, Archivio di Stato, ... (?).

Edições: Os *Dictamina* de Berardo permanecem inéditos, aparte a edição de algumas bulas isoladas em diferentes publicações, nomeadamente duas de João XXI:

— bula *Jucunditatis et exultationis* ao rei de Portugal, não datada, editada em J. ANTUNES: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Braga 1990, vol. II/1: edição (pp. 159-161), tradução (161-163) e estudo (pp. 163-172) da bula, com base no ms. Roma, Bibl. Vallicelliana, Litt. C 49, p. 66 (de que existe uma cópia em Lisboa, Biblioteca da Ajuda, *Rerum Lusitanicarum*, vol. LI - *Symmicta Lusitana*, t. 44, pp. 537-541) ; também publicada em J. Santos ABRANCHES, *Bullario*, pp. 332-333. J. Antunes, art. cit., a pp. 173-174 depois de concluir que a bula foi enviada algum tempo depois da eleição de João, põe ainda em dúvida se terá mesmo sido enviada. — bula *Flumen aquae vivae* de Abril de 1277, ao bispo de Paris, solicitando um relatório sobre as teses heréticas que se difundiam na Universidade de Paris, em A. CALLEBAUT: «Jean Pecham, O.F.M. et l'augustinisme. Aperçus Historiques (1263-1285)», *Archivum Franciscanum Historicum*, 18 (1925) 441-472, cfr. pp. 459-460, depois publicada por A.M. de Sá: «Pedro Hispano e a crise de 1277 da Universidade de Paris», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 22 (1955) 223-241, cfr. pp. 236-239 (edição) e 239-241 (trad. de M.P. Meneses).

Edição digital do ms. Città del Vaticano, ASV, Reg. Vat. 29A em CD-Rom realizada pelo próprio ASV.

Sobre os *Dictamina* e edição de excertos, cfr.: F. KALTENBRUNNER: *Römische Studien*, III/1: *Die Briefsammlung des Berardus de Neapoli*, Innsbruck 1886, pp. 21-118, 555-635 [lista numerada de todas as cartas]; L. DELISLE: «Notice sur cinq manuscrits de la

Bibliothèque nationale et sur un manuscrit de la Bibliothèque de Bordeaux, contenant des recueils épistolaires de Bérard de Naples», *Notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque nationale et autres bibliothèques*, t. XXVII, Paris 1879, pp. 87-167.

Note-se que a ordem e o número de cartas é variável consoante os manuscritos.

3. De curis oculorum

[=De oculo III, Ed. Berger, §§ 43-93]

inscr. Incipit liber theophili de curis oculorum. Apud pollenaricum artis nostre tractatum res pauca quidem et multum. *cap.* De tunicis oculorum (*Firenze, Conv. soppr. J. 14. 17*)

inscr. Incipit alius tractatus de passionibus oculorum (*Wien 96, in marg. alia manu*)

inc. Sciendum est autem quod tunice oculorum sunt septem (*Firenze, Conv. soppr. J. 14. 17 e Ed. Berger, § 56*)

inc. Oculi quandoque patiuntur ex simplici materia quandoque ex composita. Si ex materia composita

des. tres dies cum tribus pilis { acceptis } de pectine matris.

expl. Explicit secretum magistri p. yspani quod fecit pro amico suo ad oculos (*München, BSB, lat. 40: expl. relativo aos 3 opúsculos*)

expl. Explicit secretum magistri Petri Yspani (*Wien, 96*)

Ref.: Díaz y Díaz *Index* 1379.

Ms. (nr. não determinado): Firenze, BNC, Conv. soppr. J. 14. 17 [s. XIV], ff. 9r-16r; London, WLHUM, 618 [c. 1500]; München, BSB, lat. 40 [cfr. ed. Berger].

Ed.: A.M. Berger *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert*, Verlag von J. F. Lehmann, München 1899, §§ 43-93, pp. 48-82.

4. De his que conferunt et nocent

(Opúsculo II do *Liber de conservanda sanitate*)

inc. Habita consideratione sanitatis corporis in genere ad membrorum sanitatem Deo dante procedendum est, in primo ad cerebrum, cum sit radix totius corporis et quod definitio uel descriptio est speculum totius rei

des. et omnibus morbis contagiosis a quibus facies et pedes inficiuntur.

expl. Explicit summa magistri Petri de conservanda sanitate et de his que conferunt et nocent.

Finito libro reddatur gratia Christo. Amen. Rogetis Deum pro anima magistri Petri qui hunc librum composuit, Explicit liber. (ms. *London-Royal*)

Ref.: ver *Summa de conservanda sanitate*.

Mss. (5): Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1251 [s. XV], ff. -98r; London, BL, Royal 13.A.VII [s. XV], ff. -153v; München, BSB, lat. 615 [s. XIV], ff. 41ra-42vb; IDEM, lat. 14574 [s. XV], ff. 117r-; Wien, ÖNB, 3011 [s. XV], ff. 127r-. *Stemma* dos mss. em M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra 1973, p. 500.

Ed.: M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit, pp. 454-473 (texto latino com tradução defronte).

Atribuição a Pedro Hispano no *explicit* transcrito acima, bem como nos manuscritos em que ocorre com a *Summa de conservanda sanitate*. Ao conjunto dos três textos (*Summa de conservanda sanitate*, *De his que conferunt et nocent*, *Qui vult custodire sanitatem stomachi*) foi dado o título editorial comum de *Liber de conservanda sanitate*. Segundo PEREIRA, *Obras médicas*, cit., p. 496, pelo menos a *Summa* e este opúsculo são de Pedro Hispano, como é afirmado pelo *explicit* do ms. London-Royal.

5. De phlebotomia

Notabile bonum de flebotomia

inscr. Nota(bile) bonum de flebotomia secundum magistrum Petrum Juliani

inc. Si necessitas fuerit, in omni tempore flebotomus est adhibendus

inc. Magister Petrus Iulianus dicit quod in omni tempore (*ms. Sloane 405*)

des. sed in quarte die sanguinem minuuntur nunquam febrem habebunt (*ms. Graz, 594*)

des. quasi terreum quod reperitur (*ms. Wien*)

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 8; Glorieux *La faculté* nr. 352 (ai).

Mss. (9): Cambridge, GCC, 413 (630) III [s. XIII], f. 1r-v; Graz, UB, 216 (olim: 33/37), ff. 43v-45; IDEM, 594 [s. XV], f. 83r-v; Kassel, SLB, Quart. Med. 8 [c. 1418], ff. 63r-v; London, BL, Additional 15236 [s. XIII-XIV], f. 25v; IDEM, Sloane 405 [s. XV], ff. 33v-36r (o texto, atribuído P.I., pode terminar no f. 34r, seguem-se outros 3 cap. sem título, porque a respectiva linha ficou em branco, nada indicando que pertencem àquela obra e desde o final do f. 34v até ao fim existe uma lista de conselhos e receitas curtos); Lübeck, BHL, Méd. Quarto 10; Paris, BN, lat. 6988 [s. XIV], f. 87r-v; Wien, ÖNB, 5305 [s. XV], ff. 31r-32v.

Ed.:

— S. DE RENZI: *Collectio Salernitana*, vol. 5, Napoli 1859, pp. 121, 400-401 [ms. Paris 6988];

— P. PANSIER: *Collectio ophtalmologica veterum auctorum*, vol. 6, Paris 1908, pp. 108-109, cfr. p. 62 [ms. Paris 6988];

— W. WILKE: *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für Zahnheilkunde*, Leipzig, pp. 20-21 [ms. Paris 6988];

— P. GIL-SOTRES: *Scripta Minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander-Pamplona 1986, p. 84 [ms. Graz 594].

É obra distinta da *Tabula phlebotomie secundum Avicenam* (ms. London, BL, Sloane 3124 [s. XV-XVI], ff. 220-222r). THORNDIKE & KIBRE, *A Catalogue of incipit...*, col. 1455, no *incipit* “Si necessitas fuerit in omni tempore” descrevem a obra como «De flebotomia: secundum Petrum (Julianum) Hispanum» e no índice geral não a colocam sob Petrus Hispanus mas em Petrus Iulianus (cfr. col. 1883); já a *Tabula*, é atribuída a Pedro Hispano (cfr. col. 736).

Traduções

Tradução francesa: *Aucuns bons notables et vrais*

inscr. Aucuns bons notables et vrais, par maistre Pierre Julien bien aprouvés

Ms. (1): Paris, BN, fra. 1630.

Tradução italiana: *Libro della flebotomia*

inscr. Qui comença el libro della flebotomia, zio que e flebotomia et ad que ziousa

inc. In la flebotomia zio e tor sangue

coloph. Dicembro a di 31. Finito e lo libro della flebotomia sit sit [!] semper laus et gloria Christo. Amen. Qui sono scripti li nomi delli savii docturi e delli philosophi i quali sono affatuzati de insegnare ad invi questa opera.

Ms. (1): London, WLHUM, 617 [1451], ff. 47va-51vb.

A atribuição desta tradução, que se baseia em JACQUART, *Supplément* p. 233, deve ser verificada.

6. Diete super cyrurgia

inscr. Incipiunt diete super cyrurgia secundum magistrum Petrum compostellanum

inv. In nomine domini nostri Ihesu Christi.

inc. Multi veterum medicorum in inermem fallaciam devenerunt propter defectum chirurgice diete (...) Petrus ysphanus parve scientie parvique intellectus videns obtenebrositatem Rogerii salernitani, rogatus a Fantino cirurgico senensis, contemplatus est dietam morborum vulneratorum accidentium

Capitula: Dieta in passionibus oculorum; Dieta cum vulneribus capitis et pectoris; Dieta in duritie spenis; Dieta in vulneribus epatis; Dieta in testiculis; Dieta in tineas; Dieta

scrofularum; Dieta manie et melacolie; Dieta lacrimarum efusionis; Cura pustularum in facie; Cure ... panorum et macularum in oculis; Diete fistule et cancri.

des. pane azimo et sicco caseo et fructibus immaturis.

expl. Consulo ego petrus yspanus quod in morbo desperato *confessio assilora peccatorum*

{ed. Sühoff, de difícil e conjectural leitura}.

<Adenda (f. 28c)>

inv. In nomine domine.

inscr. Cura m<agistri> P<etri> Hispani contra fistulam desperatam.

inc. Primo patiens commedat XX. diebus panem cum ficubus et vitella ovorum, nichil aliud

expl. et fiat unguentum et cessabit dolor.

REF.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 4; Díaz y Díaz *Index* 1380; Glorieux *La faculté* nr. 352 (aj);

Ms. (1): Roma, BC, 1382, ff. 28ra-28vc.

Ed.: SÜDHOFF, Karl: «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», em IDEM, *Beiträge zur Geschichte der Chirurgie im Mittelalter: graphische und textliche Untersuchungen in mittelalterlichen Handschriften*, 2 vol., Leipzig 1918, vol. II, pp. 395-398.

7. Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis

[= *Summa de conservanda sanitate* (ver), com protocolo e escatocolo que lhe dão a forma de carta]

inscr. Epistola magistri Petri Hispani missa ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis

prot. Suo domino pre cunctis mortalibus metuendo Friderico Romanorum Impretori, fontis Pagasei liquore instructo, Magister Petrus Hyspanus eius alumpnus senensis artis Medicine professor seipsum et opus conservande recipere sanitatis

inc. Sanitas est temperamentum custodiens in homine [= *Summa de conservanda sanitate* (ver)]

des. Exiguum munus cum tibi dat pauper amicus accipito placide et plene laudare memento.

Valete et ualeant qui uos ualere desideramini. Corrige correctum mente placebit opus.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 6; Alonso *Comentario* nr. 5 [assinala outros mss., mas que não contêm a forma epistolar]; Díaz y Díaz *Index* 1383; Alonso *Scientia* nr. 5 [assinala outros mss., mas que não contêm a forma epistolar]; Glorieux *La faculté* nr. 352 (t).

Mss. (1): London, BL, Harley 5218 [s. XV], ff. 1r-3r.

Ed. e trad. (port.): M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 447-453 (*inscr.* e *prot.* no *apparatus* da p. 447 e o *expl.* no da p. 453).

Apenas a *inscr.* o *prot.* e o *des.*, que dão ao opúsculo as características de uma carta, divergem do texto da *Summa de conservanda sanitate* em outros manuscritos.

M.H.R. Pereira defendeu que a carta prefacial a Frederico é apócrifa, pressentindo nela «um certo sabor humanista» (idem, p. 438).

8. **Expositio librorum beati Dionysii <Prohemium>**

Expositorium librorum beati Dionysii (ms. Bseançon)

In libros Dionysii expositiones

< **Prohemium** >

inscr. Incipit prohemium in expositionem librorum B. Dyonisii a Petro Hyspano editam {editum} (ms. Dublin, München)

inc. Contemplatiuorum uirorum eximius beatus Dyonisius, illustrissimi Pauli predicatione
des. sub nubilo mentalibus tuis oculis fulgeat aureus radius de occulto. Amen. (ms. Dublin, München)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 32-36; Díaz y Díaz *Index* 1402; Alonso *Scientia* nr. 27-31; Glorieux *La faculté* nr. 352 (v).

Ms. do proémio (2): Dublin, JL, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], f. 4r.

Ed.: *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso Alonso, pref. A.M. de Sá, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957, pp. 9-10.

Trad. do proémio: M.A.F. SANTOS : *As obras filosóficas e teológicas de Pedro Hispano. Estudo histórico-crítico*, Dissertação de Mestrado, Porto 1994, p. 517.

Ver:

— *Expositio in Epistolas Dionysii I-VI*

— *Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii*

— *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii*

— *Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia Dionysii*

— *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*

9. Expositio in Epistolas Dionysii I-VI**Epistola I**

inscr. Incipit expositorium super epistolas (ms. Besançon)

rubr. Tenebre occultantur lumine, usque in finem epistole talis est sensus.

inc. Diuine incomprehensibilitas excellentie a sensibili et intellectuali cognitione absconduntur

des. est dignissima omnium que cadere possunt sub ratione intellectus, cognitio.

Epistola II

rubr. Quomodo quidem, usque in finem epistole talis est sensus

inc. Si deitatis et bonitatis divine habueris intelligentiam solum

des. Deus est qui super omnem inmutationem et imitationem et participationem est.

Epistola III

rubr. Subito est, usque in finem epistole talis est sensus

inc. Subito est quod preter spem expectationis est et non ex apparente

des. Et ineffabile remanet postquam fuerit dictum. Et ignotum, postquam fuerit intellectum

Epistola IV

rubr. Quomodo dicis, usque in finem epistole talis est sensus

inc. Quia ratione Thymothee potes dicere quod Ihesus, qui est super omnia per deitatem

des. quia divina erant pariter et humana, dum eius corporali presentia frueremur

Epistola V

rubr. Divina caligo, usque in finem epistole talis est sensus

inc. Divina incomprehensibilitas nichil aliud est quam inaccessibleis divine visione claritas

des. causa causalissima existens per affectum sue ineffabilis bonitatis

Epistola VI

rubr. Ne opineris, usque in finem epistole talis est sensus

inc. Non putes, o Sosipater, esse victoriam aut tibi ad victoriam prevenisse

des. sicut conscius quod ea que dicis, nullam habent notam reprehensionis

<Epistolae VII-X>

[não se conhece qualquer exemplar destas cartas]

REF.: Alonso *Comentario* nr. 36; Alonso *Scientia* nr. 31; Glorieux *La faculté* nr. 352 (z).

Ms. (3): Besançon, BP, 167 [s. XIII-XIV], ff. 47vb-48rb; Dublin, Jesuits Library, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], ff. 130v-132v.

Ed.: *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. cit., pp. 497-505.

10. **Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii**

inc. Contemplatiuorum uirorum eximius beatus Dyonisius, illustrissimi Pauli predicatione de tenebris philosophice mundane ad lumen sapientie divine relocates

inc. cap. I Talis est sensus: omnis gratia gratis est aut naturalis sive in

des. tandem ut occultum quod nostram superat scientiam per silentium veneremur. Unde in Proverb. dicitur: Gloria Dei est celare verbum etc.

expl. Explicit angelica ierarchia.

Ref.: Alonso *Scientia* nr. 27; Glorieux *La faculté* nr. 352 (v).

Mss. (3): Besançon, BP, 167 [s. XIII-XIV], ff. 52-61; Dublin, Jesuits Library, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], ff. 4r-31v.

Ed.: *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. cit., pp. 9-121.

11. **Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii**

inscr. Expositorium supra librum beati Dionysii areopagite de divinis nominibus (*ms. Besançon*)

inc. Liber iste de divinis Nominibus intitulatur. Propter quod sciendum secundum theologos quod tria sunt nomina que Deo conveniente

des. Sed hec ut Deo placuerit, ita habeantur et dicantur. Et hic sit finis secundum nos intelligibilibus Dei nominationibus. Ad Symbolicam autem Theologiam, duce Deo, transibimus.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 34; Alonso *Scientia* nr. 29; Glorieux *La faculté* nr. 352 (x).

Mss. (3): Besançon, BP, 167 [s. XIII-XIV], ff. 24r-45vb; Dublin, Jesuits Library, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], ff. 71r-126v.

Ed.: *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. cit., Lisboa 1957, pp. 247-469.

Trad. [prólogo de João Sarraceno; prólogo de P.H.; excertos dos cap.: II, IV, VII, (integral), IX e XII (na íntegra)]: M.A.F. SANTOS : *As obras filosóficas e teológicas de Pedro Hispano. Estudo histórico-crítico*, Dissertação de Mestrado, Porto 1994, pp. 517-532.

12. Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia Dionysii

rubr. Quod nostra quidem.

inc. Titulus huius capituli est que ecclesiastice ierarchie traditio et que huius intentio.

des. Confido autem quod per ea que in hoc libro scripsi ego repositas in te divini ignis accendam scintillas.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 33; Alonso *Scientia* nr. 28; Glorieux *La faculté* nr. 352 (w).

Mss.: Besançon, BP, 167 [s. XIII-XIV], ff. 61-69vb; Dublin, Jesuits Library, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], ff. 32r-71r.

Ed.: *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. cit., pp. 126-242.

13. Expositio in librum De mystica theologia Dionysii

inscr. Expositorium Mistice theologis (!) beati Dyonisii ariopagite (*ms. Besançon*)

rubr. Trinitas supersubstantialis etc.

inc. Titulus huius libri est De mistica Theologia. Dicitur autem mistica, idest clausa vel occulta, quia quicquid ibi dicitur, quasi inexplicabile, totum clausum et occultum relinquitur.

des. Quoniam et super omnem positionem est perfecta omnium causa et super omnem ablationem est excessus eius ab omnibus et super omnia absolutus.

expl. Explicit mistica theologia. Amen.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 35; Alonso *Scientia* nr. 30; Glorieux *La faculté* nr. 352 (y).

Mss. (5): Besançon, BP, 167 [s. XIII-XIV], ff. 45vb-47va; Dublin, Jesuits Library, *unnumbered* (olim Philipps 2800) [s. XV]; München, BSB, lat. 7983 [s. XIII-XIV], ff. 126v-130v; Wien, OBN, 574 [s. XIV], ff. 33-39; Zürich, ZB, C. 362 [s. XV] ff. 30r-34v.

Ed.:

— *Patrologia latina*, vol. 122, col. 267-284 (nesta edição a obra é atribuída a João Escoto Eriúgena).

— *Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. cit., pp. 473-494 (com base nos mss. de Besançon e Munique e confronto com a edição da PL).

— (no prelo) James McEvoy (ed., trad.) [volume a ser publicado em 2004, com edição e tradução inglesa do comentário; que também incluirá a ed. e trad. do comentário de Roberto Grosseteste].

14. Glose et questiones super Viaticum Constantini

I. <Versão comum>

Questiones supra Viaticum Constantini

inscr. marg. sup. Questiones Petri Hispani super Viaticum (*ms. Vaticano Pal. lat. 1085*)

inscr. Questiones super Viatico (*ms. Madrid*)

rubr. Capillus est ex fumo *grosso {*adusto} etc.

inc. prol. Circa allopiciam duo *sunt inquirenda* [*querentur*], primum est de generatione capillorum, secundum est in quibus complexionibus magis generantur capilli et in quibus minus

inc. Lib. I Diuiditur iste {ille} liber primo in II partes in quarum prima determinat Ysaac de omnibus membris {morbis} particularibus (*mss. Vaticano Pal. lat. 1166; Erfurt 4° 195 e 4° 221*)

des. dicunt practice et Ysaac et alii auctores et dico quod competit (*ms. Erfurt 4° 221*)

des. et sic a frigido, sicut prius determinatum est (*mss. Karlsruhe, Madrid*)

des. Set hec de quibusdam supra viaticum secundum magistrum petrum hispanum ad presens sufficiant (*ms. Madrid*)

expl. Expliciunt questiones supra viaticum secundum magistrum petrum hispanum. Deo gratias Amen. Omnis homo primum bonum (*ms. Madrid*)

expl. Expliciunt questiones magistri petri hispani supra viaticum (*ms. Vaticano Pal. lat. 1085*)

expl. alia manu Explicit Girardus super Viaticum (*ms. Vaticano, Pal. lat. 1166*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 11; Díaz y Díaz *Index* 1389; Alonso *Scientia* nr. 11.

Mss. (8): Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1085 [s. XIII-XV], ff. 68ra-153vb; IDEM, Pal. lat. 1166 [s. XIII-XIV], ff. 2ra-94ra; IDEM, Pal. lat. 1293 [s. XIV], ff. 59r-76r (excerto); Erfurt, WAB, Amplon. 4° 195 [s. XIII e XIV], ff. 41ra-69rb; Erfurt, WAB, Amplon. 4° 221 [s. XIII-XIV], ff. 26r-67rb; Karlsruhe, BLB, St. Peter perg. 40 [c. 1300], ff. 1ra-66rb; Kraków, BJ, 817 [s. XV], pp. 80-90 (excerto); Madrid, B.N., 1877 [s. XIII-XIV], ff. 142r-205v.

Madrid 1877 (que em Glorieux aparece com os mss. da versão III, dando o *inc.* das duas versões) parece conter uma versão abreviada relativamente aos mss. Città del Vaticano, BAV, Palat. lat. 1166 e Palat. lat. 1085.

Ed.: q. 5, cap. II (ms. Vaticano, BAV, Palat. lat. 1085, f. 83v): G.B. PETELLA: «Les connaissances oculistiques d'un médecin philosophe devenu pape», *Janus. Archives internationales pour l'histoire de la médecine et pour la géographie médicale*, 2 (1897-1898).

Quanto a esta versão, deve notar-se que, pela análise dos *inc. e des.*, o ms. Madrid é idêntico aos mss. Palat. lat. 1085 e Karlsruhe; e o ms Palat. lat. 1166 ao Erfurt 221.

II. <Excerpta>

Ver *Questiones de medicinis laxativis*

III. <Alia versio ? Petri Hispani vel Iohanni de Sancto Amando?>

adscr. (f. IIIr) Commentum Petri Yspani ... Viaticum (*ms. Kraków*)

inc. Quoniam quidem ut ait Tullius in *rethoricam* (*rhetoricis*). Hic queruntur XV, *primum* (*primo*) utrum medicina theorica sit nobilior

expl. Lib. V (f. 192v) Et terminatur quintus Viatici a magistro Iohanne de Sancto Amando disputatus (*ms. Kraków*)

expl. utrum ibi competat coitus (*ms. Erfurt*)

expl. simplicis medicine operetur ergo et cetera (*ms. Kraków*)

Ref.: Glorieux *La faculté* nr. 352 (k) [também menciona o ms. Madrid 1877, dando o *inc.* das duas versões].

Mss. (2): Erfurt, WAB, Amplon. 4º 212 [s. XIV], ff. 1r-107r; Krakow, BJ 781, ff. 158r-204v (mut. in fine).

A obra é atribuída a Iohannes de Sancto Amando no manuscrito Kraków (f. 192v), mas uma nota no f. IIIr no ms. de Erfurt, apenas legível com luz negra, atribui a obra a Pedro Hispano. O título foi descrito por Amplonius Ratinck, proprietário do códice, no século XV: «Item glose et questiones optime Petri Hispani super libro Viatici Constantini», depois retomado por Schum no catálogo de Erfurt.

IV. <Alia versio?>

inc. Quoniam quidem ut in rethoricis Tullius

des. Comixte valent.

expl. Explicit liber Viatici.

Mss. (1): Bernkastel-Kues, BSt. N-H, 307 [s. XIV].

A obra não está atribuída nem no manuscrito, nem por J. Marx, catalogador destes mss. É atribuída a P.H. nos seguintes estudos de H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», em KNEIL, Gundulf — Reiner RUDOLF — Wolfram SCHMITT — Hans J. VERMEER (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 311-318, cfr. p. 313; IDEM: «Handschriftenstudien in spanischen Bibliotheken zum Arabismus der lateinischen Mittelalters», *Archiv für Geschichte der Medizin* 52 (1968-1969) p. 313. Contudo WACK, *Lovesickness* p. 305, n. 1 citando Schipperges: acrescenta sobre o ms. «not remarked by Marx 1905, 296-99). I have not seen this manuscript».

15. **Glose super De pulsibus Philareti**

Glose super Phylaretum

Questiones de pulsibus Filareti

inscr. Incipit tractatus de pulsibus summas sententiarum actorum ac questionum declarationes et certificationes continens voce Petri Hispani Portugalensis editus per executionem discipulorum eius. Compositus prologus (*ms. Città del Vaticano*)

inscr. marg. sup. Questiones de pulsibus Filareti (*ms. Madrid*)

inscr. Incipiunt glose magistri magistri Petri Hispani super Phylaretum (*ms. Madrid*)

inc. Quoniam iam ex virtutis divine auxilio circa positionem scientie a Phylareto denotatam pulsuum tradite sermonis brevitatem complevimus ad maiorem temporum traditionem maiorem temporum intentionem dirigamus {dirigimus: Grabmann, p. 103}.

des. debilis nexus ac debilis coagulatio (*ms. Città del Vaticano*)

des. et illi continuantur arterie matris et ita sit (*ms. Madrid*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 17; Díaz y Díaz *Index* 1394; Alonso *Scientia* nr. 17; Glorieux *La faculté* nr. 352 (r).

Mss. (3): Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1087 [s. XIII ex.-XIV in.], ff. 25ra-38rb; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 251ra-255ra; München, BSB, lat. 8951, ff. 151r-169ra.

A *Expositio in libros Philareti De pulsibus* (ver abaixo, secção 5.) atribuída a Pedro Hispano por mão do s. XV no ms. Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 57ra-62r (*inc.* Ut testatur Galienus in Tegni, quatuor sunt membrorum interiorum cognitiones) é de Pedro ou de Mauro de Salernos.

16. Glose super Tegni Galeni

Glose in Artem parvam Galeni *Notule super Tegni Galeni*

inscr. Notule super Tegni Galeni a magistro Petro Hispano edite (*ms. Bernkastel-Kues*)

inscr marg. sup. Scriptum super libro Tegni Galeni (*ms. Madrid*)

inscr marg. inf. Incipiunt glose super Tegni magistri Petri Hispani (*ms. Madrid*)

inc. Quoniam {Cum} circa introductiones Iohannicii multa necessaria ad ingressum artis medicine plene discussimus, circa introitum scientie Tegni Galeni pauca sub compendium disseramus. Circa Galeni .V. ... intentio nostra. Primum de necessitate artis medicine... (*mss. Madrid, Bernkastel-Kues, Oxford, Venezia*)

inc. q. I Circa primum sic procedimus. Corpus humanum secundo Galeno est variabile et transmutabile (*ms. Madrid*)

rubr. Tres sunt omnis doctrine que ordine (*ms. Madrid*)

inc. glo. Scientia ista recipit divisionem in duas partes in quarum prima que est prohemialis manifestat intentionem suam (*ms. Madrid*)

des. duplex est animalium regnum (*ms. Venezia*)

adscr. Expliciunt glose super tegni Galeni a magistro Petro yspano edite (*ms. Madrid*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 8; Díaz y Díaz *Index* 1386; Alonso *Scientia* nr. 8; Glorieux *La faculté* nr. 352 (j).

Mss. (4): Bernkastel-Kues, BSt.N-H, 306 [s. XIII-XIV], ff. 59r-144v; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 48r-109r; Oxford, BL, Ashmole 1475 [s. XV] pp. 343-428; Venezia, BNM, lat. VII. 11 (2496) [s. XIV], ff. 1-34.

Ms. não localizado: Padova, Biblioteca del Convento dei canonici Lateranenses, ms. este que foi citado por Louis Jacob: «Super Tegnīs et Hippocratem Glossas de natura puerorum (Extant MSS. Patavii in fol. apud Canonicos Lateranenses S. Ioannis de Viridario)», (*Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta...*, Lugduni 1643, p. 138), depois completado por Nicolau Antonio: «*Super Tegnīs et Hippocratem Glossae de natura puerorum*. MS. Patavii inter libros S. Ioannis de Viridario canonicorum Lateranensium; & in bibliotheca Veneta S. Antonii, auctore Thomasino *Biblioth. Venetae* pag. 4 & *Patavinae* pag. 35» (*Bibliotheca Hispana Vetus*, Romae 1696, p. 51a-b, nr. 154.IV; 2ª ed.: Matriti 1788, p. 74b) e a partir daí citado por numerosos bibliógrafos. Seguindo Antonio, a *Bibliografia Geral Portuguesa* cita: «*Super Tegnīs et Hippocratem Glosae de natura puerorum* / B. do Convento dos Cónegos Lateranenses de Pádua» (vol. II, p. 375).

Ed.:

— lista das questões com base no ms. de Madrid em F. SALMÓN: *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, Cambridge 1998, pp. 17-36 (qq. 288-772) e pp. 69-258, passim, com indicação do contexto.

17. Glose supra Pronostica Hippocratis

Scriptum super librum prognosticorum

Prognostica

incr. Questiones et scripta supra librum prognosticorum et supra dietas universales a Gerardo.

(*alia manu s. XV-XVI:*) Opus Girardi Cremonensis (*ms. Paris*)

inscr. Scriptum super librum prognosticorum.

rubr. Omnis qui medicine artis studio et cetera

inc. Iste liber cuius subiectum est signum prognosticorum, dividitur in tres partes

quest. 1 Utrum possibile sit medicum habere notitiam signorum

expl. Expliciunt glose magistri petri yspani supra pronostica (*ms. Madrid*)

expl. Expliciunt glosule supra pronostica (*alia manu s. XV-XVI:*) quas scripsit Gerardus (*ms. Paris*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 10; Díaz y Díaz *Index* 1388; Alonso *Scientia* nr. 10; Glorieux *La faculté* nr. 352 (I); P. KIBRE, *Hippocrates latinus*, 1981, p. 282 nr. 9.

Ms. (1 ou 2): Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 124r-141v; Paris, BN, lat. 6859 [s. XIV], ff. 1-18 (atribuído a Gerardo depois corrigido para Gerardo de Cremona).

Ed.:

— lista das questões com base no ms. de Madrid em F. SALMÓN: *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, Cambridge 1998, pp. 49-62 (qq. 1103-1417) e pp. 69-258, passim, com indicação do contexto.

Liber de conservanda sanitate

Título editorial dado ao conjunto de três opúsculos (ver): *Summa de conservanda sanitate, De his que conferunt et nocent e Qui vult custodire sanitatem stomachi.*

18. Liber de famulatu philosophie

inscr. Incipit liber Petri hyspani de famulatu philosophie et euuangelio domini Ihesu Christi et pauperibus et evangelicis viris predicationibus ordinis predicatorum

inc. Ex sacro textu infallibilitatis tenemus

inscr. Lib. II Incipit Liber secundus qui est de remediis generalibus appellatus

inc. Lib. II Licet primus liber qui est de consideratione quinte essentie, tante virtutis

Ms. (1). Sankt Gallen, Kantonsbibliothek (Vadiana), 390 [s. XV (c. 1420-1430)], ff. 227r-249r [olim 226r-248] (lib. I: ff. 227r-242r; Lib. II: ff. 242r-249r).

Ref.: (a obra não é mencionado em qualquer repertório).

19. Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite

Tractatus bonus de longitudine et brevitae vite

inscr. Incipit tractatus bonus de longitudine et brevitae vite.

inc. Prol. et tab. tract. Quoniam rerum viventium esse et conservatio in continuatione, *des.* ac brevitae vite omnium viventium et causis earum [om. Oxford].

Tract. I: *tab. cap.* Incipit primus tractatus... [om. ms. Oxford]; *cap. I.1* Capitulum primum...
inc. Sicut igitur in negotio nostro de anima expressum est, vite perfectio corporibus convenit solum mixtis.

Tract. II: *tab. cap.* Incipit tractatus [tractatus] secundus. Quoniam autem sermones predicti et sequentes explicatione corruptionis... [om. ms. Oxford]; *cap. II.1* Capitulum primum de causis corruptionis et modis. *inc.* Primo ergo de corruptione et modis eius et causis perscrutandum est. Corruptio est egressus.

Tract. III: *tab. cap.* Incipit tertius [om. ms. Sevilla]. Cum iam completa sit intentio circa sermones premissos, agendum est de causis...; *cap. III.1* Capitulum primum de causis longitudinis et brevitatis vite essentialibus. *inc.* Vita igitur ab anime presentia corpori attributa per eius presentiam conservatur et per eius absentiam deficit. Anima.

des. Generales igitur ac speciales cause longitudinis ac brevitatis vite hee sunt. Et ideo ad huius operis complementum pervenit sermo cum Dei auxilio. Cui sit gloria et gratiarum actio per secula infinita. Amen.

expl. [om. Sevilla] Explicit liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitae vite magistri Petri Hispani.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 23-24; Díaz y Díaz *Index* 1399; Alonso *Scientia* nr. 25-26; Glorieux *La faculté* nr. 352 (h); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 360 nr. 6.

Mss. (2): Oxford, CCC, 243 [s. XV, terminado em 1423], ff. 15v- 28v; Sevilla, BC, 5.6.14. ff. 4r-.

Ed.: Manuel Alonso, *Expositio libri de anima - De morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vitae - Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Madrid 1953, pp. 403-490.

20. Liber naturalis de rebus principalibus naturarum

(ver *Veni mecum*)

inscr. De rebus principalibus naturarum.

prol. Hic est liber naturalis de rebus principalibus naturarum, compositus per magistrum Petrum Yspanum, qui in tres dividitur partes et quelibet pars dividitur in plures. **Sed primum quod in eo explicatur est de natura animalis prudentie, secundo de mineralibus, tercio de vegetabilibus secundum naturam.** Cfr. Edição

inc. pars I In nomine summi et altissimi protectoris qui est altitudo et profunditas, omnium factorum fons et origo omnium bonorum, planta et arbor

des. ex abrupto et cum iudicabuntur manifestum petatur occultum optime iudicare. Dictum est de bonitate et mali...

Ref.: Díaz y Díaz *Index* 1401; Alonso *Scientia* nr. 6; Glorieux *La faculté* nr. 352 (ah).

Mss. (1 ou 2). Wien, ÖNB, 4751 [datado: 1423], ff. 274r-280v; London, WLHUM, 513 [s. XV med.], ff. 41r-47r (parece ser um excerto).

O ms. de Wien apenas contém o início da obra, e que não chega a concluir a parte I, faltando portanto as partes II (sobre os minerais) e III (sobre os vegetais) que compunham a obra, como é dito no prólogo.

Ed.: M. Alonso Alonso, *Expositio libri de anima - De morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vitae - Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Madrid 1953, pp. 491-502 (com base no ms. de Wien).

Liber de oculo

Liber de oculo foi o título dado por A. M. Bergerà edição dos três opúsculos ou receituários de Pedro Hispano sobre as doenças oftalmológicas. Ver *Liber oculorum*, *Tactatus mirabilis aquarum*, *De curis oculorum*.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, impr. 3 [«Titre collectif donné à trois ouvrages d'oculistique» na ed. Berger] ; Alonso *Comentario* nr. 2; Díaz y Díaz *Index* 1379; Alonso *Scientia* nr. 2; Glorieux *La faculté* nr. 352 (s).

Ed.: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer*

lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert,
München 1899.

21. Liber oculorum

Breviarium de egritudinibus oculorum et curis

De egritudinibus oculorum et curis

De morbis oculorum

ver: *Liber de oculo, Tactatus mirabilis aquarum, De curis oculorum*

inscr. Incipit Breviarium de egritudinibus oculorum et curis. Capitulum primum in quo enumerat et distinguit quot sint egritudines oculorum et quid sint (*ms. München, lat. 40*)

inscr. Incipit libellus magistri p. hispani de egritudinibus oculorum (*ms. München, lat. 161*)

inscr. Sequitur alius tractatulus de oculis magistri Petri Hyspani (*ms. Kraków*)

inscr. Liber oculorum. Cura de morbis oculorum per petri hyspani (!) (*ms. London, Sloane*)

inscr. alia manu et in marg. Petri hyspani liber oculorum fuit author Portugalensis et ex Episcopo Tusculano factus est papa Iohannes 21 (*ms. London, Sloane*)

inc. Prol.: In nomine summi pontificis vel opificis a quo omnes cause procedunt casualiter {causaliter} suum esse et originem extraxerunt. ... *expl. prol.* Ego magister petrus yspanus artis medicine {medicine} professor nec non {minimus} medicorum veritatis indagator hunc librum ex multis libris collegi {colligi} et ad preces fidelissimi discipuli Fabiani salernitani qui liber oculorum a me est intitulatus.

inc. Oculus autem est membrum rotundum nobile radiosum septem tunicis et tribus humoribus constitutum (*ms. München, lat. 40*)

des. quandoque mica panis cum aqua ro. ponatur. Experimentum probatum contra omnem cancrum. acc. Suc (*ms. München, lat. 40*)

Ref.: (ver *Liber de oculo*) Díaz y Díaz *Index* 1379; Glorieux *La faculté* nr. 352 (s); Lindberg *A Catalogue*, 206¹⁻⁴.

Mss. (nr. não determinado, cfr. Vol. I, sub indicem, p. 408; alguns exemplos): Basel, UB, D. III. 10 [s. XV], ff. 22v-40v; Firenze, BML, Gaddianus reliq. 14 [s. XIII ex.], ff. 123ra-125v; Kraków, BJ, 825 [1407], ff. 103v-109v; London, BL, Sloane 2218; München, BSB, germ. 317 [s. XV] ff. 61r-62v; München, BSB, lat. 40 [s. XIV], ff. 111-114; IDEM, lat. 161 [s. XIII], ff. 55va-57vb; etc.

Listas de manuscritos com os opúsculos oftalmológicos: BERGER *Die ophtalmologie...*, cit. a seguir, pp. XXX-XXXVI (26 mss.); Lindberg *A Catalogue*, pp. 112-113 (34 mss.).

Ed.: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer*

lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert, München 1899, §§1-41: pp. 1-43 (= ms München, BSB, lat. 40).

Trad.: alemão: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie...*, ibidem.

Atribuição a Pedro Hispano no *explicit* do prólogo: «Ego magister petrus yspanus artis medice professor nec non medicorum veritatis indagator».

Corresponde à parte I do *Liber de oculo* editado por Berger, que publica a obra dividindo-a por parágrafos temáticos.

Versão com outro incipit (*inc.* In nomine summi opificis acceptis de pectine matris) no ms. Cambridge, Gonville and Caius College, 379 / 599 [s. XIII], ff. 142ra-149rb, que THORNDIKE & KIBRE, *A Catalogue of incipit...*, col. 698 indexam como o «Liber Cardinalis de oculis».

Tradução italiana: *Libro degli occhi*

ver também *Trattato maraviglioso di certe acque*, trad. italiana do *Tractatus mirabilis aquarum*

inscr. In nomine de dio. Amen. Comincia il trattato di Maestro Piero di Spagna, dottore de' Medici in arte di medicina il quale è intorno a la cura degli occhi, et è intitolato Libro degli occhi.

inc. Occhio é un membro nobili, rotondo, raggioso

expl. Explicit il trattato di Maestro Pietro Spagnuolo intorno ali mali che avengnono agli occhi e a altre luoghi

Ref.: Lindberg *A Catalogue*, nr. 206B.

Mss. (1): Firenze, BML, Redi 88 (186) [s. XV], ff. 195r-206v.

Ed.: F. ZAMBRINI: *Volgarizzamento del trattato della cura degli occhi di Pietro Spano (Codice Laurenziano citato degli accademici della crusca)*, (Scelta di curiosità letterarie inedite o rare dal secolo XIII al secolo XVII, 130), Presso Gaetano Romagnoli, Bolonha 1873 [reimpr: (col. Documenta historica medicinae, 1) Ferro, Milano 1966].

22. Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni

Glosule super Iohannicium

inscr. Glose super Iohannicium compilate a magistro Stephano de Chaveto (Claveto?) (*ms. Cambridge*)

inc. Sicut dicit Calcidius {Chalcidius} in Thimeo, quod etiam auctoritate aliorum philosophorum probatur, omne compositum est resolubile in ea, ex quibus componitur. Set corpus humanum ... Titulis talis est: Incipiunt Iohannicii ad Tegni...

inc. quest. Circa partem instam .V. possunt queri. Prima potest dubitari quomodo insit nobis
 medicina utrum naturaliter vel ab acquisitione (*ms. Madrid*)
des. propter expulsionem superfluentem carnalem (*ms. Erfurt*)
des. et sic non transtulit {*intellexit} Galienus (*ms. Sevilla; *Bernkastel-Kues*)
expl. Expliciunt notule magistri Petri Hispani super Iohannicium (*ms. Madrid*)
expl. Hic expliciunt glosule magistri Petri Hispani (*ms. Sevilla*)
inscr. corr. r-v Scripta magistri Petri Hispani supra Iohannitium (*ms. München, frag.*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 7 [dá-o como comentário a Isaac]; Díaz y Díaz *Index* 1385; Alonso *Scientia* nr. 7; Glorieux *La faculté* nr. 352 (i); P. Kibre *Hippocrates latinus* (1975-1982: p. 276-277; 1989²: p. 89) III.B.97.

Mss. (8): Bernkastel-Kues, B.St.N.-H, 306 [s. XIV-XV], ff. 1r-58r; Cambridge, GCC, 86 [s. XIII], pp. 1-92r; Erfurt, WAB, Amplon. 4° 221 [s. XIII-XIV], ff. 67ra-106vb; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 24r-47v; München, Universitätsbibliothek, frag. CXXIII [s. XIII ex.] 1 bif.; Oxford, BL, Ashmole 1435 [s. XV], ff. 105r-272r; Oxford, BL, Ashmole 1475 [s. XV], ff. 207(?) - 336; Sevilla, BCC, 7-4-30 [s. XV], ff. 3-64; Soissons, BM, 48 [s. XIII], ff. 1-61. (lista de 8 mss. em JACQUART, *Supplément*, p. 234).

Ed.:

— 8 questões de “controvérsia entre médicos e filósofos” (com base no ms. de Madrid): M.J.C. de ASÚA: «El comentario de Pedro Hispano sobre la *Isagoge* de Iohannitius. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 17 (1996) 59-66, cfr. pp. 61-66.

— lista das questões com base no ms. de Madrid em F. SALMÓN: *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, Cambridge 1998, pp. 7-17 (qq. 1-287) e pp. 69-258, passim, com indicação do contexto.

Atribuição no *explicit* dos mss. de Madrid e de Sevilha, aparentemente os restantes mss. estão anónimos.

23. Notule super Regimine acutorum Hippocratis

Scriptum super libro Regiminis acutorum Hippocratis

inscr. Scriptum super libro regiminis acutorum (*ms. Madrid*)

inc. Quoniam, ut ait Philosophus in libro Analecticorum, omnis doctrina et disciplina
 intelectiva supra precognitionem aliquam in eodem genere eligitur et fundatur, ideo circa

huius libri introitum quatuor premitimus prelibanda: quorum primum est de necessitate huius scientie

des. Et in hoc terminatur hoc negotium (*ms. Madrid*)

expl. Expliciunt notule magistri Petri Hispani super regimine acutorum (*ms. Madrid*)

expl. Expliciunt notule Petri Hispani super regimine acutorum (*ms. München*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 9; Díaz y Díaz, *Index* 1387; Alonso *Scientia* nr. 9; Glorieux *La faculté* nr. 352 (k).

Mss. (2): Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 110ra-123va; München, BSB, 8951, f. 169ra-.

Ed.:

— lista das questões com base no ms. de Madrid em F. SALMÓN: *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, Cambridge 1998, pp. 36-49 (qq. 773-1102) e pp. 69-258, passim, com indicação do contexto.

24. Operatio ad congelandum mercurium in veram lunam

inscr. Operacio magistri Petri Yspani cardinalis ad congelandum Mercurium in veram lunam

inc. Sulfuris bini L. .i. et fiat pulvis subtilissimus

des. ad omnem examinacionem

expl. Deo gratias. Amen.

Ref.: (Não mencionado em qualquer repertório).

Mss. (1): Firenze, BNC, Palat. 1072 [s. XIV-XV], ff. 74v-75v.

Atribuição a Pedro Hispano na *inscriptio* do único manuscrito conhecido.

25. Problemata

Probleumata

inscr. Problematum centum magistri Petri (*ms. Pistoia*)

inscr. Incipiunt quedam problemata fratris Petri Yspani ordinis fratrum predicatorum exposita et sunt C.XXVII (*ms. Napoli*)

quest. 1. Queritur quare omne animale volatile sit gressibile et non e contrario

inc. Dicendum quod quicquid potest virtus inferior potest et superior sed non e contrario

des. ex arboribus annuncians quod tale volatile in quadragesima comedatur

expl. Expliciunt centum problemata magistri Petri (*ms. Brescia*)

expl. Expliciunt problemata magistri petri yspani que sunt numero centum vigintiseptem (*ms. Firenze*)

expl. 128 questiones secundum Magistrum de Yspania (*ms. Paris*)

Ref.: Glorieux *La faculté* nr. 352 (ak); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 361 nr. 9.

Mss. (13): Brescia, BQ, B. II. 12 [datado: 1415], ff. 1r-17r; Firenze, BNC, Conv. Soppr. J.IX.26 [c. 1500], ff. 1-12; Metz, BM, 296 [datado: 1458] (destruído na IIª Grande Guerra), nº 9; Milano, BA, N.9.sup. [s. XIV], ff. 115-128; Mühlhausen Thomas-Müntzer-Stadt, Kreisarchiv, 60/19 [c. 1425-1431], ff. 232-246v; Napoli, BNVE, VII. F. 7 [s. XV] f. 63ra-b (frag.); Oxford, BL, Ashm. 1472 [s. XIV], ff. 169-173; Paris, BN, lat. 7798 [s. XIV], ff. 83-89r; Pistoia, ACG, I.G.6 (Cod. 19) [s. XV in.], ff. 44va-47vb; Toulouse, BM, 220 [s. XIV], ff. 237-245; Venezia, BM, lat. F. a 534 [s. XIV], ff. 26-31; Wroclaw, IV.Q.158 [datado: 1414], ff. 254-285; Würzburg, UB, M.p.med.f. 2 [s. XIII ?], f. 2 (frag. de apenas 1 f.). A primeira identificação de 9 mss. em: B. LAWN, *The Salernitan Questions. An introduction to the History of Medieval and Renaissance Probleme Literature*, Oxford 1963, p. 77 n. 3 (cfr. trad. ital. com mais 1 ms.: p. 98, n. 27).

Ed.:

— M.J.C de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great, and the Commentaries on “De animalibus”* (Phi. Diss.), University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana) 1991, pp. 359-403 (edição do ms. de Florença, com confronto com os mss. de Oxford, Milão e Paris; a q. 44 é suprida com base no ms. de Oxford).

— M.J.C de ASÚA: «Los *Problemata* o *Quaestiones de animalibus* de Pedro Hispano. Transcripción del texto», *Stromata* 54 (1998) 267-302 (edição do ms. de Florença, corrigido pelos mss. de Veneza (até à q. 91) e de Milão (após a q. 92), ou pelo texto de onde as qq. provêm, a saber o comentário ao *De animalibus* do ms. de Madrid, BN, 1877, ff. 256r-290v; as qq. 43 e 44 estão em ordem inversa às da ed. anterior e a q. 43 é dada segundo a versão do manuscrito de Veneza, porque não existe no de Florença).

Esta obra é uma selecção de 128 problemas zoológicos extraídos das *Questiones super libro de animalibus Aristotelis* (mss. de Città del Vaticano e de Madrid).

Atribuição a Pedro Hispano no *incipit* ou *explicit* de vários manuscritos (cfr. acima descrição de conteúdo). No manuscrito de Nápoles, incompleto (apenas com os quesitos 1-11) e escrito no espaço em branco entre duas obras, tem o título e a atribuição a um Pedro Hispano dominicano: «Incipiunt quedam problemata fratris Petri Yspani ordinis fratrum

predicatorum exposita et sunt C.XXVII», o que pode resultar do conhecimento pelo copista de obras atribuídas a autor com o mesmo nome.

26. **Questiones de medicinis laxativis**

Questiones medicinales de materia hemorrhoidis, suffocacione matricis et de aliis multis

Ver: *Questiones super Viaticum Constantini*

inscr. Incipiunt questiones magistri Petri Hispani de medicinis laxativis

inc. <Q>ueritur de distinctione intrancium corpus nostrum. Et dicit Avicena quod quedam immutatur a corpore et ipsum non immutant, quedam mutant et immutantur

des. divertit fluxum et eciam causam antecedentem pro parte abscindit. Et sic patet solutio quesitorum.

expl. [Manu Matthiae de Miechów] Expliciunt questiones medicinales de materia hemorrhoidis, suffocacione matricis et de aliis multis. Et sunt tracte ab Hispano supra Viaticum.

REF.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 10; Glorieux *La faculté* nr. 352 (ao).

Mss.: Kraków, BUJ, 817 [s. XV, c. 1483-1493], pp. 80-90.

Nota: seria importante verificar de que versão do comentário ao Viaticum foram extraídas estas questões, porque consituiria um elemento adicional de identificação e atribuição.

27. **Questiones super libro De crisi et super libro De diebus decretoriis <Galení>**

inscr. marg. sup. Questiones super libro de crisis et super libro de diebus decretoriis

inc. Cum cuiuslibet scientie tria sunt principia: subiectum scilicet, passio, dignitas, que locum medii tenet, quamvis de subjecto oporteat primo cognoscere.

q. 1 Questio prima de crisi

q. 2 Questio de dolore

des. multiplices alterius figure et luci et magis figure quam luci.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 15-16; Díaz y Díaz *Index* 1393; Alonso *Scientia* nr. 15-16; Glorieux *La faculté* nr. 352 (q).

Mss. (1): Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 248ra-250vb.

O único manuscrito conhecido não atribui a obra a Pedro Hispano, mas ela tem sido deduzida do facto de os restantes textos que aí se encontram lhe serem atribuídos. Na margem de corte inferior do f. 248ra, existe uma anotação não visível no microfilme e que parece danificada no próprio pergaminho. Poderia estar aí a indicação do autor, como acontece no início de diversas obras, por exemplo no f. 251ra.

28. Qui vult custodire sanitatem stomachi*De regimine sanitatis bene utilis*

inc. Qui vult continuam custodire sanitatem stomachi, custodiat ut cibum necessarium diligenter suscipiat neque plus sibi det quam digerere possit

inc. Scribitur ab Ysaac in quarto Viatici quod quicumque vult continuam custodire sanitatem stomachi, custodiat ut cibum necessarium diligenter suscipiat neque plus sibi det quam digerere possit (*ms. München, BSB, lat. 14574*)

des. quia cerebrum et membra principalia confortat et speciem in eis regenerat et calorem naturalem. Unde ex calido magis ualet.

Ref.: ver *Summa de conservanda sanitate*.

Mss. (4): Erfurt, WAB, Amplon. 4^o 193 [s. XIII fin.], 49v-54v; München, BSB, lat. 615 [s. XIV], ff. 41ra-42vb; München, BSB, lat. 14574 [s. XV], ff. -136v; Wien, ÖNB, 3011 [s. XV], ff. 127r-. *Stemma dos ms em M.H.R. PEREIRA: Obras médicas de Pedro Hispano, cit., p. 500.*

Ed. e trad. port.: M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra 1973, pp. 474-491.

O título *Qui vult custodire sanitatem* retoma as primeiras palavras do texto. É um dos textos que acompanham a *Summa de conservanda sanitate*, conjunto a que foi dado o título editorial comum de *Liber de conservanda sanitate*.

A autoria e atribuição a Pedro Hispano é deixada em suspenso por M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 496, porque em nenhum manuscrito o opúsculo é explicitamente atribuído a Pedro Hispano, atribuição que ocorre em mss. que contêm os outros opúsculos.

29. Scientia libri de anima*Liber de anima*

Inv.: In honore summe, sancte ac individue trinitatis patris ac filii et spiritus sancti (*ms. Madrid*)

inscr. Incipit scientia libri de anima a petro hispano portugalensi edita (*ms. Madrid*)

inc. prol.: Philosophice speculationis sublimis intuitus perspicatis investigationis ductu mundane machine universum ambitum comprehendens, omnium rerum essentias, proprietates, virtutes, opera, ordinem, pondus, mensuram, effectus, horumque causas nititur indigare.

Tab. Tractatum In primo tractatu agitur de anime essentia. In secundo...

Tract. I: *inc. Tab. cap.* In tractatus autem primo septem capitula; *inc.* Perfecte cognitione integritas quamvis a causis originem contrahat, tamen notitia, que a sensibili.

Tract. II *inscr.* Incipit tractatus secundus de distinctione differentiarum anime et virtutum. *inc. prol.* Expleto negotio circa substantiam anime circa distinctionem, *inc. cap. I* Capitulum primum. Omnes anime singulares differentie ad tres capitales differentias reducuntur. Prima est.

Tract. III: *inscr.* Incipit tractatus tertius de anima vegetabili. *inc. prol.* Determinato processu variationis circa substantiam anime et differentiarum, *inc. cap. I* Ratio naturalis anime vegetative propter operationes vitam concomitantes est necessaria; ipsa ;

Tract. IV: *inscr.* Incipit quartus de virtute corporis regitiva. *inc. prol.* Regitiva virtus cum corpori viventi ministret, *inc. cap. I* Totius maioris corporalis mundi machina in regiminis stabilitate.

Tract. V: *inscr.* Incipit quintus: De virtute vitali. *inc. prol.* Vite vero conservatio in animali ex virtutis, *inc. cap. I* Vite regiminis perfectio in caloris naturalis et spiritus integra conservatione.

Tract. VI: *inscr.* Incipit sextus De anima sensibili et principaliter de virtutibus exterioribus apprehensivis, *inc. prol.* Sensibilis vero anime virtutes et operationes et obiecta, *inc. cap. I* Genera vite et operationum ipsam consequentium ab anime diversis procedunt.

Tract. VII: *inscr.* Incipit septimus tractatus de virtutibus interioribus. *inc. prol.* A virtutum sensibilibus interiorum investigatione magnus notie profectus, *inc. cap. I* Capitulum primum de sensu communi. Omnium sensuum exteriorum multitudinem ab una prima origine.

Tract. VIII: *inscr.* Incipit octavus de virtutibus sensibilibus motivis. *inc. prol.* Virtutum quidem sensibilibus apprehensivarum axpleto negotio, *inc. cap. I* Lex nature virtutem motivam ab anima sensibili emanantem.

Tract. IX: *inscr.* Incipit liber nonus de anima intellectiva et de eius separatione et immortalitate. *inc. prol.* In mundanarum rerum animeque specierum ordine intellectiva, *inc. cap. I* Capitulum primum de assertionem... Notia anime intellective a via sensibili elevata naturali perceptione vicina ex quatuor. (*ms. Madrid*)

Tract. X: *inscr.* Incipit decimus de virtutibus intellectivis apprehensivis. *inc. prol.* Intellective quidem anime virtutes infime et supreme eius essentiam, *inc. cap. I* Naturalium perfectionum ac proprietatum opifex vitam creaturis distribuit secundum. (*ms. Madrid*)

Tract. XI: *inscr.* Incipit undecimus de virtutibus motivis intellectivis. *inc. prol.* Ad anime intellectualis perfectionem concurrunt apprehensio et motus, *inc. cap. I* Capitulum primum de distinctione generali virtutum... Sicut vitam spiritualis substantie cognitio comitatur sic et motus intellectualis. (*ms. Madrid*)

Tract. XII: *inscr.* Incipit duodecimus de organis et eorum distinctione. *inc. prol.* Notitia quidem virtutum anime absque scientia organorum, *inc. cap. I* In omnium regimine ordinato a primis ad ultima per media virtutes et opera devolvuntur. Virtutibus igitur (*ms. Madrid*)

Tract. XIII: *inscr.* Incipit tractatus tertius decimus de antiquorum opinionibus circa animam. *inc. prol.* In antiquorum sermonibus circa animam, licet non ad, *inc. cap. I* Sequentes antiqui anime effectus Democritus, Leucippus, Plato...; *des.* Tractatorum igitur animatarum rerum peritia ab anime notitia, que earum et ipsarum operum est causa, initium sumat. (*ms. Madrid*)

coloph. Ego igitur petrus hispanus portugalensis, liberalium artium doctor, philosophice sublimitatis gubernator, medicinalis facultatis decor[e], ac proficue rector, in scientia de anima decrevi hoc opus precipuum componendum, pro cuius complemento divine bonitatis largitas gratiarum actionibus exaltetur. [subscr.:] Completus est liber de anima a petro hispano portugalensi editus (*ms. Madrid*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 22; Díaz y Díaz *Index* 1397; Alonso *Scientia* nr. 22; Glorieux *La faculté* nr. 352 (e); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 360 nr. 4.

Mss. (2): Madrid, BN, 3314 [s. XIII-XIV], ff. 3ra-67va [único completo e com atribuição de autor]; Paris, BN, 6433 [s. XV], ff. 77ra-123vb [anónimo e incompleto, termina no Tract. IX, cap. V do qual só tem o primeiro terço, cfr. 2ª ed. de M. Alonso, p. 319, l. 32-33].

Ed.:

— Tract. X, Cap. 5 (ff. 50r-52r), Proemium (ff. 3r-4r), Tract. XIII, Cap. 8 (f. 67v), Tabula capitularum (f. 3v; 8v; 12r; etc.) em: M. GRABMANN: «Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 11 (1937-38) 167-208, cfr. pp. 182-208.

— Pedro Hispano, Obras Filosóficas I: *Scientia libri de anima*, ed., introd. notas Manuel Alonso Alonso, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1941.

— Pedro Hispano, Obras Filosóficas I: *Scientia libri de anima*, ed., introd. notas Manuel Alonso Alonso, Juan Flors editor, Barcelona 1961 (2ª ed.), pp. 3-498; para correcções pontuais ver a rec. de H. POUILLON, *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale* 5 (1946) 70-

71, nº 205, e as anotações de J.M.C. PONTES: «In memoriam P. Manuel Alonso S.J. A propósito da 2ª ed. da *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 22 (1966) 78-80.

Trad.:

— [Pologus auctoris, Tr. XIII cap. VIII] J.F. Meirinhos *A Fundamentação do conhecimento na Scientia libri de anima de Pedro Hispano Portugalense*, Porto 1989, “Anexo” final.

— [Prologus auctoris, Tr. XIII cap. VIII] M.A.F. SANTOS : *As obras filosóficas e teológicas de Pedro Hispano. Estudo histórico-crítico*, Dissertação de Mestrado, Porto 1994, pp. 514-516.

Atribuição a Pedro Hispano apenas no ms. de Madrid, nos ff. 3ra e 67va.

30. **Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Iudei**

I. <Versão de Madrid>

Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus

inscr. Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus (*ms. Madrid*)

inc. prol. Circa ingressum scientie dietarum particularium septem sunt determinata: primum est de duplici detrimento, cui subiacet corpus humanum.

inc. Dividitur autem tractatus secundum divisionem auctoris in tres distinctiones

des. ea que circa partem istam et librum queruntur.

expl. Explicit tractatus a magistro Petro Hispano editus supra dietas particulares. Laus Deo Patri. (*ms. Madrid*).

expl. . Explicit tractatus a magistro petro hispano editus supra dietas particulares. Deo gracias. (*ms. Cambridge*).

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 12; Díaz y Díaz *Index* 1390; Alonso *Scientia* nr. 12; Glorieux *La faculté* nr. 352 (n) [inc. com o da versão III].

Ms. (2): Oxford, All Souls College, 68 [s. XIII fin.], ff. 225ra-294rb; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 206ra-237vb.

Atribuição a Pedro Hispano no explicit de ambos os mss.

Grabmann (*Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen...*, 1928, p. 5), DIAZ Y DIAZ, cit. e n. 31, cit. infra na Versão IV) notam a diferença com a edição de Lyon, o e o mais recente catalogador do ms. de Cambridge refere que o texto copiado «differs greatly» do impresso. Sobre as diferenças entre a versão do ms. de Madrid e a versão impressa em Lyon,

cfr. H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», em G. KNEIL et al. (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 311-318, nas pp. 316-317.

II. <Versão com glosas de outro autor>

Scriptum super dietis particularibus Ysaac editum a magistro Petro Yspano

inc. Corpus humanum duplici subiacet.

des. et sic inducit egritudines frigidas

expl. (alia manu) Explicit scriptum super dietis particularibus Ysaac editum a magistro Petro Yspano, cui sunt aliqua cuiusdam alterius doctoris dicta interposta, que quoque sunt signata per hoc in quolibet capitulo ante interpositionem dictorum alterius quam Petri predicti semper premittitur “alius”.

Ms. (1): Erfurt, WAB, Amplon. Folio 172 [s. XIV in.], ff. 108ra-149.

Atribuição a Pedro Hispano no *explicit*.

III. <Versão Vaticana>

Scriptum petri yspani super dietis Isaac

inscr. marg. super. alia manu Scriptum petri yspani super dietis Isaac

rubr. Convenerunt in hoc antiqui quod cognitio nature ciborum

inc. Terminata parte proemiale in qua assignaverit necessitatem investigationis nature diete

des. undique a circumstantia {circumferentia} ad centrum equaliter concurrentibus sit figura rotunda.

Ms. (1): Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 4455 [s. XIV], ff. 65ra-96ra.

IV. <Versão impressa (ed. Lugduni)>

Commentaria super dietas particulares Ysaac

inscr. Apolinee artis monarche Ysaac filii adoptivi Salomonis regis Arabum diete particulares, cum uberrimis excellentissimi viri Petri Hispani comentariis.

rubr. Complevimus in libro primo universalem significationem generis cibarii

inc. comm. Sicut testatur Plato in Timeo, omnia composita resolubilia sunt in ex ex quibus

des. comm. a calore excedente temperamentum et sic obiicit.

expl. Finiuntur diete particulares Ysaac cum commentariis doctissimi viri Petri Hispani.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, impr. 2; Díaz y Díaz *Index* 1390 [«cuius textus multum ab editio differt»; n. 31: «ed. *Omnia opera Isaac*, Lyon, J. Platea, 1515, pp. ciii-clvj.

eo quod ut dixi ab editio cod. textus differt, hoc opus nostri genuinum pro editio adhuc non habeo, quod etiam sequentibus operibus facio.»]; Glorieux *La faculté* nr. 352 (n) [*inc.* com o da versão I].

Ed.: *Omnia opera Ysaac*, vol. I, Lugduni 1515, ff. CIIIrb-CLVIra.

Cfr. acima a versão I.

V. <Versão não identificada>

Não foi possível identificar a qual das versões atrás referidas pertence o ms.; Gerona, BC, 76, ff. 40-seg. (incompl.).

31. Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac

I. <Versão de Madrid-Erfurt (Folio 172)>

Scriptum super libro De dietis universalibus

inscr. Scriptum super libro De dietis universalibus (*ms. Madrid*)

rubr. Quod coegit inprimis antiquos disputare de natura ciborum etc.

inc. lect. I Hic quinque queruntur, primo de resolutione facta in corpore humano a calore interiori (*mss. Madrid, Erfurt*)

des. deputant sicut ... est ratio (*ms. Madrid*)

des. et propter hoc talia animalia carent dentibus in superiori maxilla... (*ms. Erfurt*)

expl. (alia manu) Explicit scriptum cum questionibus super dietis universalibus Ysac editum per magistrum Petrum Hyspanum (*ms. Erfurt*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 13; Díaz y Díaz *Index* 1391; Alonso *Scientia* nr. 13.

Mss. (2): Erfurt, WAB, Amplon. Folio 172 [s. XIV in.], ff. 44ra-107vb; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 238-244.

O ms. de Madrid não contém o prólogo e o início da Lição I, começando com o equivalente à lista de questões impressa no f. XIIvb da edição de Lyon 1515.

II. <Versão de Vaticano>

Scriptum petri yspani super dietis Isaac

inscr. marg. super. alia manu Scriptum petri yspani super dietis Isaac

inc. Convenerunt in hoc antiqui

des. undique a circumstantia {circumferentia} ad centrum equaliter concurrentibus sit figura rotunda

Ms. (1): Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 4455 [s. XIV], ff. 65ra-96ra.

III. <Versão impressa (ed. Lugduni) e ms. Erfurt 4° 195>

Commentarium super librum dietarum universalium Isaac

Glosa super libro Ysaac de dietis universalibus

inscr. Incipit glosa super libro Ysaac de dietis universalibus unam bona. *inscr. col. a.*

Expositio sciencie dietarum universalium continens distinctiones parcium et summas intentionum singularum. Introitus (*ms. Erfurt*)

inscr. Commentarium singulare doctissimi viri Petri Hispani pontificis maximi Johannis vicesimi primi super librum dietarum universalium Isaac. Incipit. (*Ed. Lugduni*)

inc. prol. Quoniam circa conservationem corporis humani tota medicina versatur (*ms. Erfurt, Ed. Lugduni*)

rubr. Quod in primis coegit antiquos medicos disputare de natura ciborum (*Ed. Lugduni*)

inc. lect. I Sufficenter patuit predictis circa quid est intentio in hac scientia (*Ed. Lugduni*)

des. lect. LIV nocumento magno cum non sit calor sufficiens interius ad digerendum (*Ed. Lugduni*)

expl. Explicit glosa super libro Ysaac de dietis universalibus (*ms. Erfurt*)

expl. Finiuntur diete universales Ysaac cum uberrimis commentariis prestantissimi viri Petri Hispani (*Ed. Lugduni*)

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, impr. 2; Alonso *Comentario* nr. 13; Díaz y Díaz *Index* 1391 [remete para o nr. 1390 (dietas particulares), onde se lê: «cuius textus multum ab editio differt»; n. 31: «ed. *Omnia opera Isaac*, Lyon, J. Platea, 1515, pp. ciii-clvj. eo quod ut dixi ab editio cod. textus differt, hoc opus nostri genuinum pro editio adhuc non habeo, quod etiam sequentibus operibus facio»]; Alonso *Scientia* nr. 13; Glorieux *La faculté* nr. 352 (o).

Ms. (1): Erfurt, WAB, Amplon. 4° 195 [s. XIII e XIV], ff. 41ra-69rb.

Ed.: *Omnia opera Ysaac*, vol. I, Lugduni 1515, ff. XIra-CIIra.

— M. Alonso Alonso: *Scientia libri de anima*, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas I), Barcelona 1961, pp. XXXVIII-XLIV edita um excerto sobre questões de método, correspondente ao fôlio XIXvb da edição de Lyon, que segundo o ed. corresponderia ao f. 239r do ms. Madrid, BN, 1877, mas com redacção mais desenvolvida.

— 3 questões, provenientes da ed. de 1515: em *Arnaldi de Villanova Aphorismi de Gradibus*, Ed. praef. et comm. M.R. McVAUGH, (Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia

II) Seminarium Historiae Medicae Granatensis, Granada - Barcelona 1975, pp. 34, 54-55, 100-101.

Trad.: fim da *Lectio prima* (f. 14v): L. THORNDIKE : *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, pp. 502-503.

Nota: Não é certo que o ms. e a edição impressa coincidam totalmente.

IV. <Versão não identificada>

Não foi possível identificar a qual das versões atrás referidas pertencem os mss.: Gerona, BC, 76, ff. 1-40; Toledo, ABC, 97-8 [s. XV], ff. 1v-seg.

*** Sobre as diferenças entre as versões do ms. de Madrid e a impressa em Lyon, cfr. H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», em G. KNEIL et al. (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 311-318, nas pp. 315-316.

32. **Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac**

I. <Versão de Madrid-Vaticano>

Questiones super libro De urinis Ysaac

Summa pauperum

inscr. Questiones super libro de urinis (*ms. Madrid*)

inscr. (marg. sup. mut.) ... ysaac ... petrum... yspanum (*ms. Madrid*)

inscr. Incipit liber pauperum (*ms. Vaticano*)

rubr. Sicut dicit Galienus in libro interiorum... (*ms. Madrid*)

inc. Sicut uult Galienus in libro de interioribus circa curacionem egritudinis (*ms. Vaticano*)

inc. Signorum quedam sana, quedam aegra, quedam neutra... (*ms. Madrid*)

des. per vapores et fumos insensibiles et cetera (*ms. Madrid*)

des. regimine curator huiusmodi spasmus quo curatur (*ms. Vaticano*)

expl. Explicit Summa pauperum. Qui scripsit sit benedictus in secula seculorum. Amen. (*ms. Vaticano*)

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, impr. 2; Alonso *Comentario* nr. 14; Díaz y Díaz *Index* 1392 [remete para o nr. 1390 (dietas particulares), onde se lê: «cuius textus multum ab editio differt»; n. 31: «ed. *Omnia opera Isaac*, Lyon, J. Platea, 1515, pp. ciii-clvj. eo quod ut dixi ab editio cod. textus differt, hoc opus nostri genuinum pro editio adhuc non habeo, quod etiam sequentibus operibus facio»]; Alonso *Scientia* nr. 14; Glorieux *La faculté* nr. 352 (p).

Mss. (2?): Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1253 [s. XIII fin., Anónimo], ff. 30ra-68rb; Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 244-247.

Notas: Não é certo que os 2 mss. contenham a mesma versão e texto.

O catalogador do ms. Vaticano assinala semelhanças com a *Summa medicinalis* de Gualterius Agilur no ms. Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1192, ff. 14va-seg.

II. <Versão de Bernkastel-Cues>

rubr. Urina est colamentum sanguinis

inc. Completo prohemio in quo manifesta est intentio translatoris... Dividitur autem ista scientia in duas partes quantum ad tractatum in quarum prima determinat Ysaac de urina et de dispositionibus eius in colore...

Mss. (1): Bernkastel-Kues, Bibliothek des St. Nikolaus-Hospitals, 306 [s. XIII-XIV], ff. ff. 145r-171v.

Tem a forma de comentário ao texto (e não de questões, como no ms. de Madrid); cfr. H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», em G. KNEIL et al. (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 313-314, 317.

III. <Versão de Wolfenbüttel>

inscr. Magister Hispanus phisicus egregius

inc. Ille omnium infirmitatum urinas

des. a deo et sua genitrice sunt conversi.

Mss. (1): Wolfenbüttel, HAB, 295 Extravagantes, ff. 33v-37v.

IV. <Versão impressa (ed. Lugduni 1515)>

Commentaria super libro De urinis Ysaac

inscr. Sequitur liber Urinarum eiusdem, cum non modice frugis doctissimi viri Petri hispani commentariis

rubr. Prol. Constantini In latinis quidem libris nullum auctorem qui de urinis certam et autenticam cognitionem dedeira

inc. comment. Prol. Sicut dicit Galenus in libro interiorum particularia .V. dicimus cor esse fundamentum et quasi fontem naturalis calor

rubr. De urinis Vrina est colamentum sanguinis ceterorumque humorum de nature quidem actionibus

inc. Finito prohemio hic incipit tractatus et dividitur in duas partes. In prima determinat de urina quantum ad eius generationem, colorem, liquorem, significationem et contenta.

des. autem molestatio sit propter choleram que est materia et propter vicinitatem cordis.

expl. Expliciunt febres Ysaac.

Ref.: Alonso *Scientia* nr. 14.

Ed.: *Omnia opera Ysaac*, vol. I, Lugduni 1515, ff. CLVIr-CCIIIr.

*** Sobre as diferenças entre as versões I, II e IV, cfr. H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», cit., em especial as pp. 313-314.

33. Secretum pro amico suo ad oculos

[cfr. ed. Berger 1899 (= ms. München, BSB, lat. 40)]

inc. Oculi quandoque patiuntur ex simplici materia quandoque ex composita. Si ex materia composita debent componi medicine si ex simplici simplices.

des. Item si macula nova est tange ipsam per tres dies cum tribus pilis de pectine matris.

Expl. Explicit secretum magistri p. ysani quod fecit pro amico suo ad oculos.

Ref.: Díaz y Díaz *Index* n. 1381; Lindberg *A Catalogue*, 206A¹⁴⁻¹⁵.

Mss. (nº não determinado): listas de manuscritos com os opúsculos oftalmológicos em A. M. Berger, cit. a seguir, pp. XXX-XXXVI (26 mss.) e Lindberg *A Catalogue*, pp. 112-113 (34 mss.); edição crítica baseada em München, BSB, lat. 40, manuscrito colacionado com outros descritos nas pp. referidas.

Ed.: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert*, München 1899, §§43-93: pp. 48-82.

Trad.: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie...*, ibidem.. [trad. alemã].

Atribuição a Pedro Hispano encontra-se nos manuscritos em que o opúsculo está a seguir aos outros dois sobre cura dos olhos, sendo que o *explicit* engloba o conjunto, cfr. ms. de München usado na ed. Berger.

Notas: Lindberg *A Catalogue* distingue as 3 partes do *De oculo*, onde este é o terceiro dos opúsculos, o qual não aparece em todos os manuscritos que transmitem os restantes dois.

34. Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis

<Tabula questionum> (ms. Kraków, ff. 45ra-va)

inscr. Primum probleuma.

inc. <Utrum> sit scientia de anima et que sit eius necessitas

adscr. Expliciunt questiones primi libri de anima secundum magistrum petrum hyspanum

(Tab. questionum, ms. Kraków, f. 45rb)

expl. <Utrum> substantia anime que est futura perfectio fetus sit in semine deciso a patre.

<Questiones preamble> (ms. Kraków, ff. 46r-60r)

inscr. Circa ea que determinantur in scientia de anima dubitantur principaliter tria, primum est de stabilitate

inc. Circa primum queruntur XVI^m questiones. Prima autem questio est utrum sit scientia de anima et que est necessitas scientia de anima. Et videtur quod (ms. Kraków)

des. [Probl. III] set simul in eadem scientia determinatur, scilicet in scientia physicorum.

<Lib. I>

rubr.: Bonorum honorabilium noticiam opinantes

inc. lectio 1 Ex predeterminatis patuit noticia subiecti istius scientie et intensionis ipsius.

Nunc autem insistendum,

des. lectio 15 est reflectio substantie supra es et non in alis.

expl. EXPLICIT PRIMUS DE ANIMA MAGISTRI PETRI HYSPANI (ms. Kraków)

<Lib. II>

inscr. Incipit expositio secundi tractatus continentes duodecim capitula. In primo autem capitulo agitur de essentia

rubr. Hec quidem a prioribus tradita de anima dicta sunt

inc. lectio 1 Ut declaratum est in principio huius scientie due distinguuntur partes in hac scientia: prima est

expl. ex abrupto [Lib. II, lectio 11]:

— Ergo cum semen secundum Aristotelem non habet potentiam ad vitam ... [*deveria continuar*: ... que potentia datur ab unione substantie anime, patet quod anima secundum sui substantiam ...] (ms. Kraków)

— a virtutibus fluentibus cum semine ad productionem fetus operationibus et non ab ipsa anima; sed potentailiter sunt ab illa ... (ms. Venezia)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 25; Díaz y Díaz *Index* 1400; Alonso *Scientia* nr. 23; Glorieux *La faculté* nr. 352 (f); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 359 nr. 3 [é aqui assinalado pela primeira vez o ms. de Veneza].

Mss. (2): Kraków, BJ, 726 [s. XIV], ff. 45r-138v [41r-134v]; Venezia, BNM, lat. Z. 253 (1826) [s. XIV], ff. 54r-99v.

Ed.:

— [integral] Manuel Alonso Alonso, *Comentário al de anima de Aristóteles*, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas II) Madrid 1944, 784 pp., ed. do ms. de Cracóvia, o único conhecido àquela data. [Schönberger—Kible Schönberger—Kible, nr. 16628].

— J.M.C. PONTES: «Les *Questiones libri de Anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Mediaevalia Philosophica Polonorum*, 19 (1974) 127-139, compara os dois manuscritos e edita as variantes mais significativas do manuscrito de Veneza. [Schönberger—Kible, nr. 16634].

Trad.:

— [Probl. I, qq. 1-15] M.M. BERGADÁ: «Un comentário de Pedro Hispano al "Tratado del alma" de Aristóteles», *Ciencia y Fé* 11-12 (1947) 86-107 [inclui o texto latino da ed. de M. Alonso]. [Schönberger—Kible, nr. 16631].

— [Lib. I, lect. 1, qq. 1-5 (apenas as questões, sem o resto da lição)] A.S. PINHEIRO: «Pedro Hispano. Primado da psiconoética», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 569-584 [reed. com uma nota preliminar em PINHEIRO, António Soares (trad.): Tertuliano, s. Agostinho, s. Anselmo, s. Tomás de Aquino e Pedro Hispano, *Opúsculos selectos da Filosofia Medieval*, pref. José Gama, Faculdade de Filosofia, Braga 1991³, pp. 243-278].

— [Lib. I, lect. 3, qq. 1-4 (apenas questões, sem o resto da lição)] IDEM: «Pedro Hispano. A vida no Homem», trad. A[ntónio] S[oares] P[inheiro], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 137-144. [Schönberger—Kible Schönberger—Kible, nr. 16630].

— [Lib. I, lect. 6, qq. 1-3 et II, lect. 6, qq. 1-5; apenas as questões] IDEM: «Pedro Hispano. A inteligência e a tríplice vitalidade», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990) 513-536.

— [Lib. I, lect. 10, qq. 1-9; I, lect. 13, q. 1; I, lect. 14, q. 5 (apenas questões, sem o resto das lições)] IDEM: «Pedro Hispano. Questões de teonoética», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 469-485.

— [Lib. II, lect. 1, q. 1 e II, lect. 4, qq. 7-8 (apenas as questões, sem o resto das lições)] IDEM: «Pedro Hispano. A vitalidade e a existência da Alma», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 179-184.

— [Lib. II, lect. 5, qq. 1-5 (apenas as questões, sem o resto da lição)] IDEM: «Pedro Hispano. Vitalidade e discrimines», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990) 391-399.

— [Lib. II, lect. 8, qq. 1-4 (apenas as questões, sem o resto da lição)] IDEM: «Pedro Hispano. Pluralidade de dinâmias», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 48 (1992) 349-357.

Atribuição a Pedro Hispano no final do Livro II, mas apenas no manuscrito de Cracóvia.

O comentário inclui questões preambulares e lições, cada uma das quais com a divisão do texto do *De anima*, a explicação literal do texto, a determinação das *sententiae Aristotelis* e questões. Por essa razão se preferiu atribuir à obra o título proposto por René-Antoine GAUTHIER: «Préface», in: *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, (Opera Omnia t. XLI*1) Paris 1984, pp. 239a*-241b*, cfr. p. 239b*. Note-se que o título que aparece a meio da Tabula questionum (sc. *Expliciunt questiones primi libri de anima secundum magistrum petrum hispanum*, f. 45rb) se aplica às questões, que são apenas uma das partes do dispositivo comentarístico. Já a referência que se lê no f. 95ra (sc. *Explicit primus de anima magistri petri hispani*) não dá qualquer título útil para a obra.

35. Sermones

I. Sermones dominicales

inscr. Incipiunt sermones dominicales fratris petri yspani de ordine predicatorum

rubr. Domenica prima in adventu. Benedictus qui venit in nomine domini. Mt. XXI [Matth. 2,19]

inc. Evangelium hodiernum bis cantatur in anno scilicet die ramorum et in prima dominica adventus Domini. Illo itaque die in rei tunc geste celebrem memoriam

inc. serm. I Illo itaque die in rei tunc geste celebrem memoriam cui tota ystoria utpote illius diei propria congruit. In hac autem ad excitandum caritatis fragrantiam et spiritus legitima

coloph. Expliciunt sermones petri de y... [ilegível] ordinis fratrum predicatorum. *alia manu* Conventus Sanctae Mariae Novellae de Flora ordinis praedicatorum. *alia manu* Sanctus Thomas de Aquino frater predicatorum arduus ingenio doctur predicatorum

Mss. (2): Firenze, BNC, Conv. soppr. E. 1. 589 [s. XIV], ff. 1ra-101ra; Firenze, BNC, Conv. soppr. G. 7. 1464 [s. XIII ex.], ff. 63va-?.

Lista e *incipit* dos sermões atribuídos a Petrus Hispanus (Johannes XXI) a pp. 652-663 de J.B. SCHNEYER: *Repertorium der Lateinischen Sermones des Mittelalters, für die Zeit von*

1150-1350, Münster i. Westfalen 1969-1990; cfr. Band 4 : *Autoren L-P*, 1972, pp. 652-663: «Petrus Juliani Hispanus (Johannes XXI)».

II. *Sermones dominicales (variantes)*

rubr. Benedictus qui venit [Matth. 2,19]

inc. Evangelium hodiernum bis cantatur in anno, scilicet die ramorum in rei

expl. dicit ergo: Unde emmemus pane...

Mss. (2): Avignon, BM, 597 [s. ?], ff. ?; Barcelona, ACA, Ripoll 120 [s.], ff. ?; München, Universitätsbibliothek, 4^o Cod. 802 [s. XIV in.] sermo 67 = sermo 144 P.H. na lista de Schneyer.

III. *Sermones predicabilis (vel de sanctis?)*

inscr. Sermones predicabilis et quedam alia Magistri Petri hyspani.

rubr. De sancto Andrea. Simili pena servus cum domino afflicus est de popularis homo regi similia passus. Sapientia 18.

inc. In quibus verbis secundum misterium quatuor considerare possumus de beato Andrea. Primo condicionis sue preconium quia est servus domini. Secundo prelacionis officium quia apostolus, id est, homo. Tertio paupertatis statum quem habuit quia popularis. Quarto passionis martirium quod sustinit, quia simil pena cum domino afflicus et rei similia passus est.

Ms. (1): Cremona, BS, cod. 13 [s. ?], ff. ?.

36. **Summa de conservanda sanitate**

De regimine sanitatis bene utilis

(=Liber de conservanda sanitate I)

(ver *Epistula ad Imperatorem Fridericum super regimen sanitatis*)

inscr. Incipit libro de Conservanda sanitate Magistri Petri (*ms. München lat. 14574*)

inscr. Incipit liber magistri petri Yspani de regimine sanitatis bene utilis (*ms. München lat. 615*)

prol. I, inc. Ego Petrus Yspanus, considerans diversas egritudinum passiones per negligentiam in corporibus homini generari, quedam utilia et experta ad salutem humane uite sanitatis conseruanda inquine, *expl. prol.* Unde cum sit melius custodire sanitatem quam morbum repugnare, tractandum est de sanitate (*mss. München lat. 615 e Wien*)

prol. II, inc. Suo domino pre cunctis mortalibus metuendo Friderico Romanorum Imperatori. Fontis Pegasei liquore instructo, Magister Petrus Hyspanus eius alumpnus senensis [*ed.*

senex] artis Medicine professor seipsum et opus conservande recipere sanitatis (*mss. London, Harley 5218*)

prol. III, inc. Erubescant Iudei, confundantur Sarraceni, supersedeantur uagipulantes medici, otumescant uetule incantationes et quiescant empirici et emoptoici medici ... Ego expertus in Ytalia, in Burgundia, Viennia, Prouincia, Vasconia, *expl. prol.* Sed magister Petrus Hispanus qui domini sui diligens sanitatem ipse est qui asserit melius esse custodire sanitatem quam morbum repugnare (*mss. Vaticano; Colmar; Leipzig; München lat. 14574, Paris*)

prol. IV, inc. Ego Magister Petrus Hispanus natione Compostellanus est expertus in tota Ytalia..., *expl. prol.* Sed ego qui domino mei diligo sanitatem dico melius est custodire sanitatem quam morbis repugnare (*ms. London, Royal 12.A.VII*)

inc. Sanitas est temperamentum custodiens in homine res naturales secundum cursum nature *des.* rectificant casum naturalem et calorem uite optime confortant (*todos os mss. excepto Colmar, London, Mainz*)

des. et omni custodia seruare calorem naturalem. Secreta nature et exempla bonorum debemus memorie commendare scientia uita mores et experientia cum ratione rectificat hominem naturalem.

expl. Explicit secretum (*ms. Munique lat. 14574*).

expl. Explicit summa magistri Petri de conservanda sanitate et de his quae conferunt et nocent. Finito libro reddatur gratia Christo. Amen. Rogetis Deum pro anima magistri Petri qui hunc librum composuit, Explicit liber (*ms. London-Royal*).

expl. Liber magistri Petri Salernitani medici qui Compostella nuncupatur (*ms. Leipzig 1226*).

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 3; Alonso *Comentario* nr. 3; Díaz y Díaz *Index* 1405; Alonso *Scientia* nr. 3; Glorieux *La faculté* nr. 352 (aa); CALMA, vol. II, fasc. I, s.v. Bartholomaeus de Varignana (nr. 22).

Mss. (9): Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1251 [1463-1464], ff. 92r-98r; Colmar, BM, 1339 [s. XIV-XV], ff. 184r-187v; Leipzig, UB, 1226 [s. XV], ff. 108r-115v; Kraków, BJ, 796 [c. 1349 e 1362], ff. 4v-6v (*Petrus Hispanus vel Bartholomaeus de Varignana ?*); Leipzig, UB, 1226 [s. XV], ff. 108r-115v (*Liber magistri Petri Salernitani medici qui Compostella nuncupatur*); München, BSB, lat. 14574 [s. XV], ff. 117r; London, BL, Harley 5218 [s. XV], ff. 1r-3r (*Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis*, ver sob este título); idem, Royal 13.A.VII [s. XV], ff. 149r-; Vörlau, CSB, 190 (CXLIII) [s. XIII] ff. 74v-. *Stemma* dos mss. em M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 500.

Outro ms.: Leipzig, UB, 1183, ff. 208v-209: atribuído a Theodeus Parisiensis (cfr. Wickersheimer, cit.).

Ed. e trad. (port.): M.H.R. Pereira, «Pedro Hispano. Livro sobre a conservação da Saúde. Texto latino, com prefácio, tradução e notas», *Studium Generale* 6 (1962) 147-223; reimpr. Ead. *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra 1973, pp. 427-491 (texto pp. 444-453: tradução e texto latino defronte; no aparato, p. 447, encontram-se os diversos prólogos descritos acima).

Ed. e trad. (ital.): *Petri Hispani Liber de conservanda sanitate. Libro sobre a conservação da saúde. Compendio sulla conservazione della salute*, a cura di Ugo Carcassi [ed. latina e trad. in portoghese a cura di Maria Helena da Rocha Pereira], trad. italiana a cura di Giovanni Varsi, C. Delfino, Sassari 1997.

O título *Summa de conservanda sanitate* encontra-se no explicit do ms. London-Royal.

Este opúsculo surge isolado em três manuscritos (Colmar, London-Harley, Mainz), em dois é seguido do *De his que conferunt et nocent* (London- Royal, Paris) e nos restantes três (München 615 e 14574, Wien) é seguido do *De his que conferunt et nocent* e do *Qui vult custodire sanitatem stomachi*. Segundo Pereira (idem, p. 496) pelo menos os dois primeiros são de Pedro Hispano, como se depreende do *explicit* do ms. London-Royal. Ao conjunto dos três textos foi dado o título editorial comum *Liber de conservanda sanitate*.

Uma *Summa de conservanda sanitate* com o Prólogo III («Erubescant iudei») é atribuída a Bartolomeu de Varignana no ms. München, BSB, lat. 363 [séc. XV] ff. 75r-77r. Wickersheimer assinala: «Paraît identique à un ouvrage qui dans le ms. 1183 de Leipzig, f. 208v^o-209, est attribué à Thedeus Parisiensis et qui est anonyme dans le ms. 25, f. 184-185v de Colmar» (Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 3; também em Glorieux, *La Faculté*, cit.

37. Super libro De animalibus Aristotelis

I. <Versão de Madrid-Vaticano>

Questiones super libro de animalibus Aristotelis

inscr. Questiones super libro de animalibus Aristotelis.

inc. prol. Sicut dicit Ysaac in libro suo de diffinitionibus philosophia est cognitio

inc. lib. I quest. 1 Questio prima libri primi super prologum de Animalibus Aristotelis: Utrum sit possibilis esse scientiam de omnibus animalibus. Videtur quod non, quoniam sicut dixit Philosophus, omnis scientia est de universali

q. 2 Utrum unus homo in elemento calido et humido plus generantur animalia quam in alo huiusmodi

des. ergo in elemento calido et humido plus generantur animalia quam in alio huiusmodi (ms. Madrid)

des. Et etiam forte non erit homo, etc. (ms. Vaticano)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 18; Díaz y Díaz *Index* 1395; Glorieux *La faculté* nr. 352 (g) ; Alonso *Scientia* nr. 18; Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 361 nr. 7.

Mss. (2): Madrid, BN, 1877 [s. XIII-XIV], ff. 256r-299r; Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 6758, ff. 149ra-177rb.

Ed.: edição proposta no *Bulletin de la Société de Philosophie médiévale* [nunc *Bulletin de Philosophie médiévale*] 4 (1962) p. 76, C.70.

Ed. de excertos:

— q. *De diversis modis cognoscendi* (f. 274r [excerto]): em M. GRABMANN, *Mittelalterliche lateinische ...*, 1928, pp. 112-113.

— q. do f. 258rb-va : B. LAWN: *The Salernitan Questions. An Introduction to the History of Medieval and Renaissance Problem Literature*, Clarendon Press, Oxford 1963, pp. 207-208.

— Questões sobre o *medium vitalis* VII, 30-33, em T.M. GOLDSTEIN: *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélécienne au XIII.e siècle*, Paris 1969, pp.149-152).

— Questões sobre o alimento VII, 39, 41 (EADEM, *Ibidem*, pp. 158-161).

— Questões sobre o esperma XVI, 36 e XVI, 40 e XVI, 38 (EADEM, *Ibidem*, pp. 164-167, 170-172, 176-179).

— Questões sobre a origem da alma, ff. 286ra-288ra (J.M.C. Pontes: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, pp. 255-278).

— 22 questões da disputa entre médicos e filósofos, passim (M.J.C. de ASÚA: «El comentario de Pedro Hispano sobre el *De animalibus*. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 16 (1995) 45-66, cfr. pp. 53-66).

Ed. do elenco das questões:

— T.M. GOLDSTEIN, *Gérard du Breuil...*, 1969, pp. 213-262 (lista das questões extraída do índice do início do manuscrito).

— M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, Notre Dame 1991, pp. 244-290 (lista integral, com base no próprio texto, daí incluir mais questões que a lista Goldstein).

Atribuição a Pedro Hispano não existe em nenhum dos dois manuscritos, mas tem sido fundamentada: 1) no facto de os outros comentários existentes no manuscrito de Madrid estarem atribuídos a Petrus Hispanus; 2) nos *Problemata* (ver sob este título), florilégio de

127 quesitos zoológicos extraídos deste comentário e que em alguns manuscritos estão atribuídos a Petrus Hispanus.

II. <Versão de Veneza>

Scriptum super libro de animalibus Aristotelis

inc. Omnis perscrutatio anime aut est de natura sui et in se aut in relatione ad id cuius est actus quod dividitur in vegetabile, rationale, sensibile sive animale, de quo praesens est intentio...

rubr. Et modi animalium diversantur, etc.

inc. expos. lib. I Hoc est sequens capitulum in quo prosequitur de divertiste animalium

des. et hoc est de secretis dei sicut determinat et eius auxilio [auxiliis] operatur, formatur, cuius nomen sit benedictum.

<Tabula questionum>

inc. Queritur prostre quid substantie a quibus procedente operationes

des. Utrum a virtute intellective create producat in esse.

adscr. (f. 192v) Scriptum petri his.

Ref.: Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 361 nr. 11 ("Doubtful").

Mss. (1): Firenze BNC, Fondo C S, G. 4.853. Os mss. Firenze, BML, Plut. LXXXIII. 24 e Venezia, BMarc., Cl VI. 234 poderão conter versões modificadas ou parciais desta obra.

Ed. excertos:

— Questões sobre o *medium vitalis* VII, 1 (T.M. GOLDSTEIN : *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélécienne au XIII.e siècle*, Paris 1969, pp. 152-155).

— Questões sobre o alimento VII, 34, 57 (EADEM, *Ibidem*, pp. 160-162).

— Questões sobre o esperma XV, 43 e XV, 24 e XV, 17 (EADEM, *Ibidem*, pp. 167-168, 172-174, 180-182).

— Questões sobre a origem da alma (ff. 161vb-162ra): J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, pp. 279-282.

— Questão sobre a voz e a significação (f.101ra45): J.M.C. PONTES: «Quelques problèmes sur la voix et la signification dans le commentaire inédit de Petrus Hispanus Portugalensis sur le *de Animalibus*», em J.P. BECKMANN et al. (Hrg.), *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter. Acten des VI. Internationalen Kongresses für Mittelalterliche Philosophie der Société*

Internationale pour l'étude de la Philosophie Médiévale. 29. Auguste bis 3. September 1977 in Bonn, Berlin -New York 1981, vol. I, pp. 398-402, cfr. pp. 400-401.

— Outros excertos publicados em M. GRABMANN 1928; J.M.C. PONTES: 1972, pp.83-84: excerto de 4 linhas do f. 130ra; T.W. KÖHLER: 1996, 1999, 2000 (passim).

Lista dos títulos das questões em:

— T.M. GOLDSTEIN: *Gérard du Breuil ...*, pp. 263-340 (lista da tabula do manuscrito de Madrid).

— M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, Notre Dame 1991, pp. 292-358 (lista com base no próprio texto, por isso contém mais questões que a lista Goldstein).

Atribuição a Pedro Hispano no f. 192v onde se lê «Scriptum petri his.», escrito a lápis de chumbo, como outras anotações ao longo do códice, e.g. nos ff. 97rb, 120rb, 121 rb, 148va, 168vb, 172rb.

38. Super libros aphorismorum Hippocratis

rubr. Vita brevis ars longa etc.

inc. De afforismis paucula hic notantur. Cum medicinalis artis summa ... reducitur. Titulus talis est incipit liber aphorismorum Yppocratis. Yppocrates autem artis sustentator *des.* interrenanem significant et ideo sanum fetum (*ms. Erfurt*)

Ref.: Glorieux *La faculté* nr. 352 (ag); P. Kibre *Hippocrates latinus*, 1977, p. 253 nr. 18.

Mss. (1): Erfurt, WAB, Amplon. 8º 62 [s. XIV] ff. 1-136.

Mss. a verificar (2): London, LPL, 444 [*inc.* Cum mens artis summam (vel *inc.* Cum medicinalis artis summa) P.O. KRISTELLER «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori *dell'Articella...*», em IDEM, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, pp. 149-150: «credo che il commento anonimo indicato coll'incipit "Cum mens artis summum" in ms. Lambeth 44, *Traditio* 33, p. 253, no. 18 (=P. Kibre, *Hippocrates latinus*, 1977) sia identico a quello di Petrus Hispanus»]; Paris, BN, lat. 6957, ms. que contém o *Tractatus mirabilis aquarum* nos ff. 18v-22r [segundo STAPPER *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, Münster, p. 24 n. 3 aqui também existe o *Coment.* ou *Super librum aphorismorum Yppocratis*, informação também transmitida por W. WILKE, *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde, Auszug*, Quedlinburg 1924, p. 5].

No manuscrito de Erfurt não existe atribuição a Pedro Hispano (e não é certo que os outros dois possuam a mesma obra). A atribuição parece dever-se a Amplonius Ratink antigo proprietário do códice que no seu catálogo descreveu este ms. na secção «De medicina. Isti

sunt libri quos ego Amplonius habeo in arte medicine» com as palavras: «78. Item commentum Petri Hispani super libris amphorismorum Ypocratis» (SCHUM, *Amplonianischen Handschriften* p. 829). Esta atribuição é depois retomada por todos os autores, nomeadamente R. Stapper e W. Wilke, que, como se viu atrás, referiram outros mss.

39. Syncategoreumata

Sincategoremata

Opus parvorum logicalium

inscr. Hic incipiunt syncategoreumata magistri Petri Hispani

<Introd.> *inc.* Ab eo quod res est vel non est oratio vera vel falsa dicitur. Sed a dictionibus syncategorematicis...

Tract. I: De compositione. *inc.* Sciendum est quod compositio ad aliquid est, quia compositio

Tract. II: De Negatione. *inc.* *Cum [*Autem] secundum diversitatem compositionum diversificetur

Tract. III: De De dictionibus exclusivis. *inc.* Dicto *de negatione et affirmatione* [*de affirmatione et negatione*] consequenter dicendum est de dictionibus exclusivis

Tract. IV: De dictionibus exceptivis. *inc.* [*Dicto de dictionibus exclusivis sequitur autem*]
Sequitur de dictionibus exceptivis, ut preter, preterquam et nisi

Tract. V: De dictionibus consecutivis. *inc.* Dicto de dictionibus exceptivis dicendum est de dictionibus consecutivis

Tract. VI: De hiis verbis 'incipit' et 'desinit'. *inc.* *A [*Ea a] quibus dependet cognitio rei priora sunt re

Tract. VII: De hiis dictionibus 'necessario' et 'contingenter'. *inc.* Finito tractatu horum verborum 'incipit' et 'desinit', dicendum est de

Tract. VIII: De coniunctionibus. *inc.* Genera coniunctionum sunt *plura [*tria]. Quia quedam sunt dubitative et

Tract. IX: De 'quanto', 'quam' et 'quicquid'. *inc.* Obmissis dubitationibus que *incidunt [*incurrunt] circa hanc distinctionem 'quanto' videnda est eius multiplicitas

Tract. X: De responsionibus. *inc.* Responsio sequitur interrogationem, quia interrogatio est petitio responsionis

des. oportet eum frequenter *exercitari [*exerceri] in huiusmodi sillogismis.

expl. Expliciunt sinchathegoreumata magistri petri hispani (*ms. Vaticano*)

expl. Expliciunt Sinca^{ta} magistri Petri Hispani (*ms. Cordoba*)

expl. Expliciunt sincathegoreumata (!) Petri Hispani (*ms. Milano*)

expl. Expliciunt Syncathegoreumata magistri Petri Hispani (*ms. Reims*)

expl. Expliciunt summule logicales venerabilis magistri Petri Alfaonsi Hyspani (*ms. Wroclaw, que inclui as Summulae nos ff. 1-67*)

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 21; Díaz y Díaz *Index* 1404; Alonso *Scientia* nr. 21; Glorieux *La faculté* nr. 352.

Mss. (26): Angers, BM, 1582 (37) [s. XV], ff. 30v-69v; Avignon, BM, 311 [s. XIV], ff. 62ra-63vb; Bamberg, SB, H. J. IV 2 (Class. 59) [s. XV], ff. 282r-305v; Basel, UB, F. III. 12 [1457], ff. 152r-157v (frag.); Berlin, SBB-PKB, Lat. fol. 623 [s. XIII], ff. 36r-67v; Berlin, SBB-PKB, Theol. lat. qu. 26 (380) [1464], ff. 187-239; Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1731 [s. XIII], ff. 29va-55rb (*é o ms. R da edição crítica*); Cordoba, BC, 158 [s. XIII], 73ra-110vb (*é o ms. C da edição crítica*); Firenze, BML, Fiesolano 145 [s. XIV], 47ra-108ra; Halberstadt, D-G, 84 [s. XV], ff. 1-100; Ivrea, BC, cod. 79 [s. XIII fin.], ff. 99r-189r aceph. (*é o ms. E da edição crítica*); Kraków, BJ, 2093 [s. XIII vel XIV], 8r-72v; Metz, BM, 642 [s. XV], ff. 132-170; Milano, BH, H.64 inf [s. XIII], ff. 50-96v ff. 50-96v (*é o ms. H da edição crítica*); Montecassino, ABA, 791 lit. TT, [s. XIII fin.], ff. 92v-162r; Napoli, BN «Vittorio Emanuele III», VIII.E.17 [s. XIV], ff. 109r-214v; IDEM, VIII.F.29 [s. XIV in.], ff. 41vb-84vb; Praha, APH, M.XXVII (cod. 1380) [c. 1300, s. XIV in.], ff. 51ra-90vb (*é o ms. P da edição crítica*); Praha, NKCR, XIX.E.33 [s. XIV], ff. 63r-99r; Reims, BM, 897 [s. XV], ff. 168r-212v; Roma, BC, 806 [s. XIII-XIV], ff. 34va-66ra; IDEM, 4226 [s. XIII ?], ff. 81ra-82vb (frag.); Sankt Florian, BA-C, XI.587 [s. XIV], ff. 1r-28r; Tarragona, AHD, 2 [perdido microfilme] [s. XIII], ff. 25rb-51ra (*é o ms. T da edição crítica*); Wroclaw, BU, IV. Q. 7 [datado: 1450], ff. 67-127; Zwettl, BZS, 257 [c. 1300], ff. 54ra-77va.

Ed.:

— [em grande parte das antigas edições impressas, por exemplo:] Martiano Rota, Venetiis 1572 (sob o título *Parva logicalia*, nos ff. 264r-311v da obra *Petri Hispani Summulae Logicales cum Versorii parisiensis clarissima expositione. Parvorum item logicalium eidem Petro Hispano opus, nuper in partes ac capita distinctum. Quae omnia a Martiano Rota infinitis fere erroribus maxima sunt castigata. Duos demum Indices nunc primum excogitados, quorum alter singulorum textuum ac capitum, alter uero, eorum, quae in toto opere scitu digna habentur, imprimi curauimus* [Reimpr.: G. Olms Verlag, Hildesheim-New York 1981, 311 pp.]).

— [Introd., Tract. I-II] Joke SPRUYT: *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Ingenium Publisher, Nijmegen 1989, pp. 13-51.

— *PETER OF SPAIN (PETRUS HISPANUS PORTUGALENSIS) Syncategoreumata. First Critical Edition with an Introduction and Indexes* by L.M. De Rijk, with an English Translation by

Joke Spruyt, (Studien und Texte zur geistesgeschichte des Mittelalters, 30) E. J. Brill, Leiden-New York-Köln 1992.

Trad.:

— (ingl.) Peter of Spain *"Tractatus Syncategorematus" and Selected Anonymous Treatises*, trad. Joseph P. Mullally, Introd. Joseph P. Mullally and Roland Houde, (Mediaeval Philosophical Texts in Translation, 13) Marquette University Press, Milwaukee (Wis.) 1964, pp. 17-116.

— (ingl.) [Introd., Tract. I-II] Joke SPRUYT: *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Ingenium Publisher, Nijmegen 1989, pp. 65-93.

— (ingl.) *PETER OF SPAIN (PETRUS HISPANUS PORTUGALENSIS) Syncategoremata. First Critical Edition with an Introduction and Indexes* by L.M. De Rijk, with an English Translation by Joke Spruyt, ed. cit. (trad. em face do texto latino).

Comentários

Alguns dos comentários ao *Tractatus*, embora raros, também se devem prolongar pelo comentário sobre os sincategoremas como parte dos *Parva logicalia*, mas a sua completa identificação apenas poderá ser realizada com uma análise minuciosa dos comentários.

Um desses comentários (anónimo, ou de Weyschenfelt?), incompleto porque termina no cap. *De exceptivis*, encontra-se no ms. München, BSB, lat. 14647 [s. XV], f. 172ra-189va: *Commentarius in De syncategorematis Petri Hispani*.

Também o comentário de Guillelmus de Curis (mestre no colégio de Navarra da Universidade de Paris, c. 1474), em um dos apógrafos parece terminar com o comentário aos *Syncategoremata*, designado como *octavus tractatus* (mas pderá também tratar-se de uma confusão com o *De exponibilibus*): ms. Basel, UB, A. X. 58 [s. XV fin.], ff. 1r-248r.

40. Synonima pharmacologica

in marg. sup. In Christi nomine ... incipiunt synomie (!) magistri Petri Yspani (*ms. Wien, 2300*)

inscr. Incipiunt synonyma magistri Petri Yspani (*ms. Wien, 2300*)

inc. Artemisia vel canaparia id est **matriscaria** maior. Amarella id est **matriscaria** minor sive **matriscalis** (*ms. Wien, 2300*)

inc. Artemesia vel canaparia id est **matriscaria** maior. Almicti id est muscus (*ms. Wien, 5370*)

des. Zurunzen id est hermodactilus. Zizania id est lolium (*ms. Wien, 2300*)

des. Zehem idem. Zipule cuspele fructele id est (*ms. Wien, 5370*)

expl. Expliciunt sinonima (*ms. Wien, 5370*)

Mss. (3): Wien, ÖNB, 2300 [s. XV], ff. 71r-73v; Wien, ÖNB, 5370 [s. XV (datado: 1417)], ff. 106-116v; Sevilla, BCC, 7-4-25 [s. XIV: datado: 1380], ff. 121-127v.

Trata-se de um dicionário de drogas com fins terapêuticos que poderá ter sido, compilado a partir do *Thesaurus pauperum* e por isso atribuído a Pedro Hispano. No ms. de Sevilla lê-se «Sinonima per G. de A.», o que poderá indicar que foi copiado por Graciadeus de Asillo, que foi estudante em Paris, proprietário do ms. Ecorial f III 6 (cf. f. 198v), do qual escreveu nomeadamente as questões cirúrgicas dos ff. 185-187 (Beaujouan, 1968, p. 185, cfr. IDEM, *Science médiévale d'Espagne et d'alentour*, Aldershot 1992).

O ms. 5370 de Viena é usado por W.F. DAEMS no seu dicionário de drogas simples coligido de fontes antigas e medievais (*Nomina simplicium medicinarum ex synonymariis medii aevi collecta. Semantische untersuchungen zum Fachwortschatz hoch- und spätmittelalterlicher Drogenkunde*, E.J. Brill, Leiden u.a. 1993, cfr. p. 63, nr. 64 da lista de fontes manuscritas), mas o ms. 2300 nem é referido, apesar de ser o único dos dois que está atribuído a PH.

O texto dos mss. de Viena não coincide excepto na primeira entrada. Sendo ambos dicionários tudo indica serem de facto obras distintas, apesar das naturais coincidências de entradas que entre elas possa haver.

41. Tabula phlebotomie secundum Avicenam

inscr. Incipit tabula phlebotomie secundum Avicenam.

inc. Incipit tabula phlebotomie secundum Avicenam ut dicit quod multitudinem humorum euacuat flebotomia

des. febrem habebit.

coloph. Explicit phlebotomia magistri Petri Yspanicii. Deo gratias. Tradita et compilata de libris uetrum specialiter gloriosissimi Galieni et Avicennae. [notar que esta última frase poderá referir-se já ao texto que se segue no ms.].

Curto prólogo de cinco linhas e duas partes, sobre a flebotomia “a dextra parte” e “a parte sinistra”.

MANUSCRITOS (1): London, BL, Sloane 3124 [s. XV-XVI], ff. 220v-222r.

Ref.: Glorieux, *La faculté ???*; JACQUART, *Supplément* p. 233.

Cfr. THORNDIKE & KIBRE, *A Catalogue of incipit...*, col. 736, onde a obra é atribuída a Petrus Hispanus, ao contrário do *De phlebotomia*, atribuído a Petrum (Julianum) Hispanum.

Obra distinta do opúsculo *De phlebotomia*, cujo *incipit* “Si necessitas fuerit in omni tempore” THORNDIKE & KIBRE (*A Catalogue of incipit...*, col. 1455) identificam como «De flebotomia: secundum Petrum (Julianum) Hispanum», obra que no índice geral não aparece em Petrus Hispanus mas em Petrus Iulianus (cfr. col. 1883); já a *Tabula*, é atribuída a Pedro Hispano (cfr. col. 736).

Dado que se trata de uma manuscrito tardio, impõe-se uma verificação cuidadosa do texto e a eventual existência do mesmo opúsculo em outros manuscritos.

42. Thesaurus pauperum

Summa experimentorum medicinalium

inscr. Incipit libellus magistri Petri Hispani quondam pape dictus thesaurus pauperum (*ms. Vaticano, Pal. lat. 1259*)

inscr. Incipit Summa experimentorum medicinalium magistri Petri Hispani, qui dicitur thesaurus pauperum (*ms. Paris, BSG, 2235*)

inc. prol. In nomine sancte et indiuidue trinitatis, que omnia creauit et que singula dotauit

inscr. Cap. I De casu capillorum

inc. Cap. I Si capilli cadunt fac lexiuium de cinere stercoreis columbini et lava caput

des. [cap. XLVIII: *De gutta arthetica et podagra*] inunctus mirabiliter prodest podagre calide. Galenus in Dinamidis.

des. [cap. XLIX: *De crepatura*] comedatur sive bibatur; omnia interiora consolidat. Item.

des. [cap. L: *De antrace*] quod vitella ovorum cruda pistata cum cuntantumdem salis et superposita valent.

Nota: Texto muito variável e de transmissão muito contaminada. Os 2 últimos capítulos nem sempre aparecem nos mss. É geralmente seguido do *De febribus* (ver) que em muitos mss. é mesmo considerado a última parte do *Thesaurus*.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, impr. 1, ver também p. 639 mss. 9 (sob o título *experimenta*); Alonso *Comentario* nr. 1; Díaz y Díaz *Index* 1382; Alonso *Scientia* nr. 1; Glorieux *La faculté* nr. 352 (u), ver também (an), sob o título *Experimenta*.

Mss. (nr. não determinado, cfr. Vol. I, sub indicem, p. 409; principais mss. usados na edição crítica de M.H.R. Pereira:) Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1259 [s. XIV], f. 47ra-60r; IDEM, Vat. lat. 4425 [s. XIV], ff. 280-298; Oxford, BL, Laud misc. 676 [s. XIII ex.], ff. 1r-24r (*incerto auctore*); Paris, BSG, 2235 [s. XIV], ff. 1-55).

Listas de mss. em L. THORNDIKE: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, vol. II, pp. 490, n. 2, 514-516; *Bibliografia Geral Portuguesa*, II, 1944, pp. 348-358 (24 mss); M.H.R. PEREIRA: *Obras*

médicas de Pedro Hispano, cit., pp. 11 n. 1 (mss. ingleses), 15 n. 1 (indica apenas os países para uma lista de 70 mss.) p. 75 (4 mss., base da edição).

Ed. antigas (várias dezenas, exemplos): Antuérpia 1476 (é de facto uma edição de 1497, cfr. M.H.R. Pereira, 1971, p. 3); Lyon: 1525; Francoforte: 1567; 1575; 1576; 1578; Paris: 1577, etc. Listas de edições em: *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, pp. 295-346 (81 Edições); estudo de algumas edições em M.H.R. Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, pp. 58-63.

Ed. crítica e trad. portuguesa:

— M.H.R. PEREIRA (ed., trad.): «Petri Hispani Thesaurus Pauperum. Edição crítica com tradução e notas», *Studium Generale* 1, 3/4 (1954) 161-299 [com «Prefácio» de Luís de Pina, pp. I-XXX]; 2, 1/2 (1955) 182-247; 3, 1 (1956) 68-173; 3, 2 (1956) 310-349; 4 (1957) 54-139; 5 (1958) 255-283 (texto latino e tradução defronte).

— M.H.R. PEREIRA (ed., trad.): *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Prefácio, introduções, traduções e notas, pp. 79-301 (texto latino e tradução defronte).

Traduções

Não existe um estudo de conjunto sobre as traduções do *Thesaurus pauperum*, algumas das quais se encontram publicadas devido ao seu interesse filológico.

Tradução catalã

Mss.: Barcelona, BC, 864, ff. 6-50v; Valencia, BU, 216 (Gutiérrez 902), ff. 16-22; Vic, BC, 191, ff. 1-148.

Ed.: primeiros capítulos publicados pela *Biblioteca de la Revista Catalana*, 1892-seg. (cfr. M.H.R. Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 49).

Traduções alemãs

Bibl.: J. TELLE: *Petrus Hispanus in der altdeutschen Medizinliteratur*, 1972, p. 30.

a) *Arzneibuch*: Augsburg, UB, fol. cod. 42. III.1 [s. XV], ff. 44vb-102vb; Gießen, UB, 610 [c. 1450]; Göttingen, NS-UB, Hist. nat. 42 [c. 1500];

b) *Speyrer Arzneibuch*: Heidelberg, UB, cpg 214 [1321], ff. 6v-43v;

c) *Nürnberg Arzneibuch*: Nürnberg, SB, Amb. 55. Quart [1465], ff. 108r-182r;

d) *Excerpta*: Memmingen, SB, 2. 40. quart., ff. 37r-64; ms. München, BSB, germ. 407; IDEM, germ. 591; IDEM, germ. 592 [s. XIV], ff. 33ra-40rb; IDEM, germ. 720; IDEM, germ. 725; IDEM, germ. 822; IDEM, germ. 3896; IDEM, germ. 4543; IDEM, germ. 4667; IDEM, germ. 5146; Solothurn, ZB, S 386; Wien, ÖNB, 2967 [s. XV], ff. 38r-50v.

Tradução em castelhano-aljamiado

Ms. (1): Porto, BPM, Azevedo 14, ff. 1r-79r [em caracteres hebraicos].

Ed.: M.A.S.C. MENDES: *Pedro Hispano, Tesoro de proves. Versão em judeu-castelhano aljamiado (s. XV)*, in *Mediaevalia, Textos e estudos* 15-16 (1999).

Tradução dinamarquesa

Cfr. J. TELLE: *Petrus Hispanus in der altdeutschen Medizinliteratur*, 1972, p. 30.

Tradução escocesa por Jhon ap Ifan (John Evans)

Ms. (1): London, BL, Add. 15078.

Tradução da tradução inglesa por Humfrey Lloyds, editada em 1505.

Tradução francesa de Jean Pitard

Mss. (2, nenhum inserido no Inventário do vol. I): Paris, BN, 12323; IDEM, École de Pharmacie, I.

Ed. (parcial): K. SÜDHOFF: «Ein chirurgisches Manual des Jean Pitard», *Archiv für Geschichte der Medizin*, 2 (1909) 190-278.

Bibl.: C. de TOVAR: «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage» [1ère partie], *Revue d'histoire des textes*, 3 (1973) 115-191, cfr. p. 124.

Tradução francesa de Jean Sauvage

Tradução em versos octossílabos.

Mss. (3, apenas um inserido no Inventário do vol. I): Berlin, SB, Hamilton 407; Paris, BA, 3174, ff. 1-60; Paris, BN, fr. 1319, ff. 5-75.

Ed. excertos: C. de TOVAR: «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage» [1ère partie], *Revue d'histoire des textes*, 3 (1973) 115-191, [2ème partie], *Revue d'histoire des textes*, 4 (1974) 239-288.

Traduções hebraicas

Três versões, segundo M. STEINSCHNEIDER: *Die Hebraeischen Uebersetzungen des Mittelalters und die Juden als dolmetscher*, Berlin 1893 [reimpr. Graz 1956], p. 817.

a) Mss. (2): Parma, BP, R. 624 (não incluído no inventário do vol. I); Günzburg 165 (Steinschneider interroga-se se este ms. tem a trad. *a* ou *b*).

Título em hebraico [= «verfasst von Magister Petrus Julianus, dem Spanier, später Papst»]. Talvez traduzido em Estrasburgo, cfr. a longa nota 301.

b) Mss. (1): Steinschneider 30, ff. 264-291.

Compêndio sem numeração de capítulos que começa com o prefácio [em hebraico] idêntico ao original latino (In nomine sanctae et individuae trinitatis). Inúmeras passagens e

frases em língua portuguesa ou espanhola (mas em caracteres hebraicos). O ms. oferece algumas variantes, v.g. nos nomes de autores, de títulos ou de nomes.

c) Mss. (1): Parma, BP, R. 339 (não incluído no inventário do vol. I); Città del Vaticano, BAV, Val. lat. 366 (?).

Compêndio, em mau estado (in schlechtem Zustande). O ms. Vat 366 ff. 181-184 conterá apenas os capítulos finais do *Thesaurus*, que dizem respeito às Febres. Tradução hebraica de Maestro Todros Moses Bondoa, em Tammus, início a 30 Maio 1394. Mas, noutra local da mesma obra, Steinschenider (p. 714, § 464.2, sobre o *Livro das febres*) refere o «ms. Vat. 366 mit einem Commentar von Petrus Hispanus, aus dem Lateinischen übersetzt von Theodoros b. Moses Jomtob».

BIBL.: STEINSCHNEIDER: *Die Hebraeischen Uebersetzungen des Mittelalters und die Juden als dolmetscher*, Berlin 1893, pp. 714, 817.

Tradução inglesa

The Treasure of Poor Men.

Ms. (1): Cambridge, Magdalene College, Pepys Library, 1661, pp. 1-34.

Existe uma tradução inglesa, provavelmente diferente, por Humfrey Lloyds, editada em 1505.

Traduções italianas

Cfr. M.H.R. Pereira: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 49 (assinala dois grupos distintos e uma série de versões interpoladas, difíceis de relacionar entre si). Ed.: Firenze c. 1480, Venezia 1494 e 1500.

a) *Il Tesoro de' poveri*: versão condensada, incompleta e interpolada.

Ms: Siena, BCdI, L.VI.11 [s. XV], ff. 52r-60v.

Ed.: Pier-Carlo CARACCI: «*Il Tesoro de' poveri* di Pietro Ispano in un codice miscellaneo del secolo XV in volgare», *Pagine di storia della medicina* 15 (1971) 59-79, cfr. pp. 63-76.

b) versões não identificadas: Capparoni [s. XIV]; Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 5334 [s. XIV], ff. 1r-11r; Firenze, BML, Antinori 14 / 237 [s. XIV-XV], ff. 1(3)-30; Firenze, BNC, Magl. XV 92 [1515]; IDEM, Palat. 543 [s. XV], ff. 1r-83v; Firenze, BR, 2359 [s. XV], ff. 1r-53r; London, BL, Harley 5139 [s. XV], ff. 1-53; London, WLHUM, 533 [s. XIV-XV], ff. 1-10 (*Tesoro de pouueres*); Milano, BT, 708 [s. XIV], ff. 1ra-30vb (*Texauro de poveri infermi*); Montpellier, BIU, 474 [s. XV], ff. 1r-68r; Padova, BU, 1026 [s. XV]; Roma, BC, 1798 [s. XIV], ff. 1-34; Siena, BCI, L.VI.3 [s. XV], ff. 58v-66r; IDEM, I.VII.11 [s. XVI], ff. 1r-42v. Não localizado: Firenze, BNC, (...) II.VI.62 [s. XIV]; Wien, ÖNB, 3405 [1459], ff. 44-227r (*Texoro de li poveri*).

c) tradução de Zuhane di Luza

Mss. (3?): London, WLHUM, 617 [1451] , ff. 1ra-47va; verificar: Napoli, Biblioteca Governativa dei Girolami, MCF, CF. 1. 9. e Venezia, Biblioteca di San Marco, It. III. 173.

A tradução, que é atribuída no estudo de C. Liguori («Il tesoro dei poveri di Zuhane di Luza», *Medicina nei secoli*, 16, 1979, 339-345), parece existir em outros dois manuscritos, cfr. P.R. ROBINSON, *Catalogue of Dated and Datable Manuscripts, c. 888-1600, in London Libraries*, The British Library, London, 2003, p. 92 (nr. 268).

Tradução em língua d'Oc: *Thesaur de pauvres*

inc prol. En nom de la Sancta Trinita, la qual crea totas causas e cascuna d'aq^{ue}las dota de proprias virtus (...) la qual obra vuelh que sia apelada Thesaur de pauvres, yeu assignan aquesta obra az aquel qui est appellat Payre dels pauvres, en la qual obra

inscr cap. I. Remedi que lo pels non tombem del cap

inc. Si les pels del cap chaen, fai lisieu del pel dou colonp

des. Item polvera d'ossas de voutor, gitada sus nafras, tost o sana.

Ms. (1): Chantilly, MC, 330 [s. XV], ff. 1r-22r.

Cfr. os mss.: Paris, BA, 2889; Paris, BN, fr. 19994; Paris, BN, nouv. acq. fr. 11649.

Ed.: Maria Sofia CORRADINI BOZZI: *Ricettari medico-farmaceutici medievali nella Francia meridionale*, (Accademia Toscana di Scienze Lettere “La Colombaria”. Studi 159) L.S. Olschki, Firenze 1997, pp. 253-310.

Tradução em língua d'oit

(*verificar as diferenças com a língua d'oc*)

Ver os mss.: Paris, BA, 2889; Paris, BN, fr. 19994; Paris, BN, nouv. acq. fr. 11649.

43. Tractatus

Summule logicales

[descrição segundo a ed. de Rijk 1972, cfr. abaixo]

Tract. I: De introductionibus. *inc.* Dialectica est ars ad omnium methodorum principia viam habens. Et ideo in acquisitione

inc. [versão interpolada] Dialectica est ars artium et scientia scientiarum ad omnium methodorum principia viam habens sola enim dialectica probabiliter disputat de principiis omnium artium. Et ideo

Tract. II: De predicabilibus. *inc.* Predicabile quandoque summitur proprie, et sic solum dicitur predicabile quod de pluribus predicatur. Quandoque

Tract. III: De predicamentis. *inc.* Ad cognitionem predicamentorum quedam necessaria premitens primo distinguemus cum Aristotile triplicem

Tract. IV: De sillogismis. *inc.* Propositio est oratio affirmativa vel negativa alicuius de aliquo vel alicuius ab aliquo. terminus est

Tract. V: De locis. *inc.* Ratio multipliciter dicitur. Uno enim modo idem est quod diffinitio vel descriptio, ut hic: univoca sunt quorum

Tract. VI: De suppositionibus. *inc.* Eorum que dicuntur quedam dicuntur cum complexione, quedam sine complexione. Cum complexione ut

Tract. VII: De fallaciis. *inc.* Disputatio est actus sillogisticus unius ad alterum as propositum ostendendum. Cum autem ad disputationem

Tract. VIII: De relativis. *inc.* Relativum est duplex. Uno enim modo est relativum cuius esse est ad aliud quodammodo se habere, et sic relativum

Tract. IX: De ampliacionibus. *inc.* Personalis suppositio est acceptio termini communis pro suis inferioribus. Cuius alia est determinata, alia confusa

Tract. X: De appellationibus. *inc.* Appellatio est acceptio termini communis pro re existente. Dico autem pro re existente quia terminus significans

Tract. XI: De restrictionibus. *inc.* Dicto de ampliacionibus et appellationibus dicendum est de restrictionibus. Restrictio est coarctatio termini

Tract. XII: De distributionibus. *inc.* Distributio est multiplicatio termini communis per signum universale facta. Ut cum dicitur omnis homo iste

expl. ... et ideo non potest ex eis inferre infinitum simpliciter. Et ita cum ex infinito secundum quid concludat infinitum simpliciter, peccat secundum quid et simpliciter. Et hec de distributionibus dicta sufficiant.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 19; Díaz y Díaz *Index* 1396; Alonso *Scientia* nr. 19; Glorieux *La faculté* nr. 352 (c); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 359 nr. 1; Hans WALTER, *Initia carminum versuum Medii Aevi posterioris latinorum. Alphabetisches Verzeichnis der Versanfänge mittelalterlicher Dichtungen*, Vandenhoeck & Ruprecht, Gottingen 1959, vol. I, nr. 2068 (versos mnemónicos *Barbara, Celarent...*, Tract. IV, 13).

Mss. (nr. não determinado, cfr. Vol. I, sub indicem, pp. 409-410);

Mss. usados na ed crítica de de Rijk (cfr. *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, pp. CXVI-CXX): Avignon, BM, 311 [s. XIV in.], ff. 2ra-52vb; Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1205 [s. XIV in.], ff. 1r-29rb; Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1731 [s. XIV in.], ff. 1ra- 29va; Cordoba, BC, 158 [s. XIII fin.], ff. 30ra-72vb; Ivrea, BC, cod. 79 [s. XIV in.], ff. 99r-189r; Milano, BA, H.64 inf [s. XIV in.], ff. 1r-49v. *Codices minus allati*: Barcelona, ACA, Ripoll 216 [s. XIV in.], ff. 1ra-54ra; Berlin,

SB-PK, Lat. fol. 623 [s. XIV], ff. 1-35; Berlin, SB-PK, Lat. qu. 520 [s. XIV]; Firenze, BMC, Plut. LXXI 34 [s. XIV in.], ff. 1-72; Padova, BU, 647 [s. XIV], pp. 1-98. O ms. Tarragona, AHA, 2 [s. XIII], ff. 1ra-25rb, destruído/perdido e não usado na edição crítica (cfr. p. CX), foi entretanto recuperado em microfilme, cfr. ed. crítica dos *Syncategoreumata*, ed. de Rijk, p. 11-14.

— outras listas de mss. em *Bibliografia Geral Portuguesa*, II 1944, pp. 291-294.

Ed. antigas: Listas de edições em: *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, pp. 167-290; J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, cit., pp. 133-158 (edições); S. CORSTEN : «Universities and Early Printing», em L. HELLINGA — John GOLDFINCH (ed.), *Bibliography and the study of 15th-Century Civilization. Papers Presented at Colloquium at British Library, 26-28 Sept. 1984*, London 1987, pp. 83-123.

Ed. do séc. XX:

— [Tract. VI, VIII-XII] *The Summulae logicales of Peter of Spain* by Joseph P. MULLALLY, (Publications in Mediaeval Studies, 8) The University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana) 1945, reprint: 1960.

— *Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scripto Reg. Lat. 1205 edidit I.M. Bochenski* (O.P.), Marietti, Torino 1947.

— *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction, by L.M. de Rijk, (Philosophical Texts and Studies, 22) Van Gorcum & Comp. B.V., Assen 1972, pp. 1-232 (índices nas pp. 233-303).

— Petrus Hispanus: *Summulae logicales, cum Versorii Parisiensis clarissima expositione*, Venedig 1572 [reprint G. Olms, Hildesheim].

— MARSILIUS DE INGHEN, *Commentum in primum et quartum tractatum Petri Hispani*, Haguenau 1495 [reimpr. Minerva, Frankfurt a.M., 1967]

Trad.:

— (trad. cast.) *Tractatus (llamado después «Summulae logicales»)*, trad. Mauricio BEUCHOT, Universidad Nacional Autónoma de Mexico, Ciudad de México 1986, 206 pp.

— (trad. ing.) [Tract. VI, VIII-XII] *The Summulae logicales of Peter of Spain* by Joseph P. MULLALLY, cit.

— (trad. ingl.) [Tract. VI e XII] «Suppositions and Distributions», transl. H.E. WEDECK, *Classics in Logic. Readings in Epistemology, Theory of Knowledge and Dialectics*, Peter Owen, London 1963, pp. 378-392.

— (trad. ingl.) [Tract. II, III, IV, V, VII §§ 57-76, 150-163] N. KRETZMANN — E. STUMP (eds.): *The Cambridge Translations of Medieval Logical Texts*, vol. I: *Logic and the*

Philosophy of Language, Cambridge University Press, Cambridge 1988, pp. 79-101 [Tr. II-III], 216-261 [Tr. IV, V, VII §§ 57-76, 150-163].

— (trad. ingl.) Peter of Spain, *Language in Dispute. An English Translation of Peter of Spain's Tractatus Called Afterwards Summulae Logicales on the basis of the Critical Edition Established by L.M. De Rijk*, trad. Francis P. Dinneen, Amsterdam-Philadelphia 1990.

— (trad. ital.) Pietro Ispano, *Tractatus. Summule logicales*, trad. italiana a cura di Augusto Ponzio, Introd. Lucia Miccoli, Bari 1986.

— (trad. pol.) Piotr Hiszpan, *Traktaty logiczne*, przeł. i wstępem opatrzył Tadeusz Włodarczyk, (Biblioteka Klasyków Filozofii) Państw. Wydaw. Naukowe, Warszawa 1969, XXV+210 pp.

43b. *Tractatus maiorum fallaciarum*

Tractatus, Tractatus VII

Summulae logicales VII

inscr. Dialectica vel de arte disputandi (*ms. Wolfenbüttel*)

inc. Disputatio est actus syllogisticus unius ad alterum ad propositum ostendendum.

expl. Alia autem reducantur secundum sillogismi differentiam et hec de fallaciis dicta sufficient.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 20; Díaz y Díaz *Index* 1403; Alonso *Scientia* nr. 20; Glorieux *La faculté* nr. 352 (a); Risse IV n° 805.

Ms.: há manuscritos onde este tratado ocorre isoladamente (Wolfenbüttel, HAB, 1054 Helmst. [s. XIV], ff. 1-41), ou onde a obra começa com este tratado (München, BSB, lat. 14458 [s. XIII] ff. 1r-28r), em outros ela está integrada no lugar próprio do *Tractatus* (exemplo: Berlin, SB-PK, Lat. fol. 623 [s. XIII], ff. 15-30). Em alguns mss. e edições é substituído pelo pseudo-petrínico *Tractatus minorum fallaciarum* ou *Fallaciae minores*, como acontece no ms. Baltimore, EL (Johns Hopkins University), MSB 22 [s. XV, de origem alemã], que pertenceu Charles S. Peirce e que no lugar do *Tractatus maiorum fallaciarum* contém as *Fallaciae minores*.

Ed.:

— [Tract. VII, §§ 1-20] M. Grabmann: *Handschriftliche Forschungen und Funde zu den philosophischen Schriften des Petrus Hispanus, des späteren Papstes Johannes XXI. († 1277)*, München 1936, pp. 93-97 (repr.: Martin Grabmann, *Gesamelte Akademieabhandlungen*, Paderborn 1979, II pp. 1215-1219): edita o ms. München, BSB, lat. 14458, ff. 1r-2r.

— [ed. crítica] *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction, by L.M. de Rijk, (Philosophical Texts and Studies, 22) Van Gorcum & Comp. B.V., Assen 1972, pp. 89-184.

(ver edições do *Tractatus*, excepto a ed. Bochenski que contém as *Fallaciae minores*, de autor anónimo).

I. As traduções medievais do *Tractatus*

I. 1. Traduções hebraicas

Sobre o *Tractatus* em hebraico ver sobretudo os estudos de M. STEINSCHNEIDER: *Die Hebräischen Übersetzungen des Mittelalters und die Juden als dolmetscher*, Berlin 1893 [reimpr. Graz 1956], pp. 470-474; Sh. ROSENBERG: *Logiqah we-ontologiyah ba-filosofiyah ha-yehudit ba-me'ah ha-Y"D*, Dissert. Ha-Universitah ha-ivrit b-Yerusalayim 5737 [A.D. 1974], pp. 40-43, 102-104 [em hebraico]; ROSENBERG: «“Barbara Celarent” be-libbus ‘ivri», *Tarbiz* 48 (1978-1979) 74-98 [em hebraico]; C.H. MANEKIN: «When the Jews Learned Logic from the Pope. Three Medieval Translations of the *Tractatus* of Peter of Spain», *Science in Context* 10 (1997) 395-430; Mauro Zonta: «Fonti antiche e medievali della logica ebraica nella Provenza del trecento», *Medioevo*, 23 (1997) 515-594, cfr. pp. 529-531, 577-594; C.H. MANEKIN: «Scholastic Logic and the Jews», *Bulletin de philosophie médiévale*, 41 (1999) 123-147.

A) Tradução de Shemaryah b. Elia ha-Ikriti

Mss. (1): Leiden, BRU, Or. 4780.

Shemaryah b. Elia ha-Ikriti (de Creta), apresenta-se a si mesmo como autor da obra, o que pode explicar as divergências relativamente ao original em extensas passagens (MANEKIN, *When the Jews*, p. 405). Na descrição do ms., Steinschneider, seguindo as palavras de Shemaryah, atribui-lha como obra genuína, mas recorda outras obras lógicas da época, nomeadamente os “parva logicalia” de Pedro Hisapno traduzidos para hebraico.

É a mais completa das traduções hebraicas do *Tractatus*, mas também a menos difundida, sendo conhecida apenas em um manuscrito (MANEKIN, *Scholastic logic*, p. 134).

Sobre o tradutor e a tradução cfr. MANEKIN, *When the Jews*, pp. 400-406; MANEKIN, *Scholastic logic*, p. 149.

B) Tradução de Abraham b. Meshullam Abigdor

Mss. (22): Città del Vaticano, BAV, Hebr. 507; Firenze, BML, Plut. LXXXIX sup. 118; Jerusalem, JNUL, 8°3607; Livorno, BTT, 6; London, BDBHL, 38; London, BL, Additional 18227; IDEM, Additional 27087 (Almanzi 193); IDEM, Additional 27153 (Almanzi 263);

London, ML, 305 (Halb. 361); München, BSB, hebr. 307; New York, JTSAL, 2304 (*olim* Halb. 486); IDEM, 2314 (*olim* Stein. 22); IDEM, 2399 (*olim* ENA 355); Oxford, BL, Mich. 280; IDEM, Rawl. 34 (Uri 406); Paris, BN, hebr. 926; IDEM, hebr. 929; Parma, BP, Parm. 2100; IDEM, Parm. 2264; IDEM, Parm. 2906; Roma, BC, 3082 (*olim* 105a); Wien, ÖNB, Hebr. 43.

É a mais difundida das traduções hebraicas. A tradução não tem título e o nome do autor apenas está presente em dois mss.: London, BM, Additional 27087 (Almanzi 193): "Maestro Piero Sefaradi" (Sefardita: judeu Hispânico. Ao chamar-lhe assim, estaria o autor dessa nota a considerar o A. como um judeu?), e no Mich. 766(que não está na lista anterior!): "Maestro Petro".

Sobre o tradutor e a tradução cfr. MANEKIN, *Scholastic logic*, pp. 127, 134-136; IDEM, *When the Jews*; *Encyclopedia Judaica*, vol. III, col. 962, vol. XV, coll. 1324, 1328.

C) Tradução de Judah b. Samuel Shalom

Mss. (4): New York, JTSAL, 2471; Oxford, BL, Opp. 579 (*olim* 116); Paris, BN, hebr. 928; Sankt Peterburg, RNB, Evr. I.411.

Das traduções hebraicas a de Samuel Shalom é a mais próxima do original latino (MANEKIN, *Scholastic*, pp. 136-137), estudo mais completo em IDEM, *When the Jews*. No prefácio o tradutor explica porque traduziu esta obra: «escolhi esta obra, intitulada na sua língua tractati, bom tratado de lógica mais curto que os livros de Aristóteles, onde por outro lado se encontram certas novidades devidas aos sábios cristãos, que delas se glorificam» (ms. Paris BN hebr. 928, f. 147r, cit. por J.-P. ROTSCCHILD: «Motivations et méthodes des traductions en hébreu ...», cit., p. 290 n. 4.).

D) Tradução anónima (versão A)

Mss. (1): Moscovo, RGB, Günsberg 1061 (*olim* Fischl 52).

Segundo Steinschneider esta seria a mais antiga das traduções hebraicas, da qual se conhece um único manuscrito. MANEKIN (*Scholastic logic*, p. 142) sugere que devido à sua fidelidade ao original, ao uso dos termos latinos e exemplos e ao seu conhecimento do vocabulário de Tibbonide, a tradução deverá ter sido realizada em Itália não antes do s. XV.

Sobre a tradução cfr. MANEKIN: *When the Jews*.

E) Tradução anónima (versão B)

Mss (1): New York, JTSAL, 2308.

Tradução abreviada do Tract. I, precedida por um prefácio pelo autor da trad., onde explica que recorreu à lógica dos gentios para ajudar os judeus nas discussões polémicas, cfr. MANEKIN: *When the Jews*, p. 142.

F) Tradução anónima (versão C)

Ms. (1): Oxford, Bodleian Library, Mich. 195.

Sobre a tradução cfr. MANEKIN: *When the Jews*.

G) Adbreviatio anonyma

Mss. (12): Budapest, MTAK, A. 279; Cambridge, UL, Mn.VI.24; Firenze, BML, Plut. LXXXIII 55; Hamburg, S-UB, 265; London, BL, Or. 10617 (*olim* Gaster Coll. 127); London, ML, 305; München, BSB, hebr. 45; Oxford, BL, Laud. 98 (*olim* Uri 396); IDEM, Mich. 335; IDEM, Reggio 42; Paris, BN, hebr. 767; IDEM, hebr. 971.

Resumo anónimo, em hebraico, do *Tractatus* de Pedro Hispano. Sobre o rsumo, cfr. MANEKIN: *When the Jews*.

I.2. A tradução grega de Georgios Scolarios

Tractatus I-VI, trad. para grego por Georgios Gennadios II - Scolarios (1400-post 1470), também chamado Gennadios Scolarios, patriarca de Constantinopla.

inscr. Petrou tou Ispanou logike synoptike methermetheisa eis ten Ellada phonon tou sophon

Georgiou tou Scolariou Byzantio tou Scolariou (*Madrid gr. 109*)

inscr. Ek tes dialektikes tou maistrou Petrou tou Ispanou ermeneia tou Scolariou (*ms. El Escorial, Firenze, Madrid gr. 76, etc.*)

inc. Dialektike esti techne technon, kai episteme, pros tai apason ton methodos
des. kai tou tropon.

Mss. (12): Città del Vaticano, BAV, Pal. graec. 235; El Escorial, RBSLEE, gr. 76; Firenze, BML, Plut. LXXI 33 [s. XV] ff. 1-; Madrid, BN, olim gr. 76; IDEM, gr. 109; Milano, BA, D.27 sup. [s. XV], ff. 1-; IDEM, N.158 sup [s. XV], ff. 62-87; Modena, BE, graec. 50 (2 B 13) [s. XV], ff. 194r-223r; Moskva, GIM, Sinodal. 324 (Vladimir 444) [s. XVII]; München, BSB, graec. 548, ff. 33-68; Oxford, BL, Barocc. gr. 76; Wien, ÖNB, olim gr. V 128.

Mss. não localizados (3): Napoli, Monumento Nazionale dei Girolami, Biblioteca Oratoriana; Oxford, Bodleian Library, (...) Miscel. 275; Wien, Österreichische Nationalbibliothek, (...?).

Mss. a verificar (2): Città del Vaticano, BAV, Vat. gr. 2223; Paris, BN, gr. 1941.

Ed.:

— Elias Ehinger: *Synopsis organi Aristotelis Michaelis Psello auctore, EIS TEN ARISTOTELOUS LOGIKEN SYNOPSIS graeco-latina nunc primum edita* Augustae Vindelicorum 1579 [edição baseada no ms. München, BSB, graec. 548, ff. 33-68, onde o texto está anónimo, mas que Ehinger julgou ser obra original de Miguel Psello].

— *Oeuvres complètes de Gennade Scholarius*, publiés par L. Petit, X.A. Sideridès, M. Jugie, 8 vol., Paris 1928-1936, vol. VIII *Fin des oeuvres et des traductions*

philosophiques. Grammaire. Varia. Appendices divers, pp. 283-337 (o ed., M. Jugie, dá o Tr. VI, como sendo o VII, de acordo com as edições então conhecidas da obra em latim).

Trad.: ver parágrafo seguinte sobre a tradução para latim da tradução de Georgios Scolarios.

I.3. A tradução greco-latina de Iohannes Cono

incr. Dialectica Pe(tri) His(pani) nuper a me ex greco emendata Patavii 1499.

coloph Finit Pe. Hisp. translatus a novo e greco per me fratrem Jo. Cuno 1509 Patavii.

Mss. (1): Sélestat, BHM, 102 [s. XVI in.], ff. 111r-132v.

II. Os comentários

Não existe um estudo de conjunto sobre os comentários dos *Tractatus*. As listas que a seguir se fornecem têm um carácter meramente indicativo e, para não alongar a *Clavis*, prescindiu-se de dar a cota de cada ms., remetendo-se apenas para a página do vol. I onde cada comentário está descrito.

1. Comentários latinos de autores anónimos

(Assinalam-se 138 comentários, mas alguns deles podem ser diferentes apógrafos de um mesmo texto. Apenas uma análise detalhada de cada comentário permitirá uma aproximação mais concisa a esta questão).

Annotamenta in quartum tractatum Petri Hispani, p. 366; *Annotamenta in quintum tractatum Petri Hispani*, p. 366; *Argumenta graphica tractatuum Petri Hispani*, p. 233; *Collatio prooemialis in tractatus Petri Hispani*, p. 110, p. 111; *Collectanea in tractatum secundum tertiumque secundum Petrum Hispanum*, p. 366; *Comentarii in logicam veterem secundum expositionem Petri Hispani I-III*, p. 142; *Commentaria in Petri Hispani Summulas hoc est totius Logicae Aristotelis compendium*, p. 237; *Commentaria in Tractatus Petri Hispani*, p. 258; *Commentarium figuratum tractatuum V, VII, IV, III, IV Petri Hispani*, p. 196; *Commentarium in De locis dialecticis Petri Hispani*, p. 170; *Commentarium in eius Tractatum sive Summulas logicales*, p. 158; *Commentarium in Petri Hispani summula*, p. 145; *Commentarium in Summulas logicales I-IV*, p. 167; *Commentarium in Summulas Petri Hispani*, p. 362; *Commentarium in Tractatus I-IV Petri Hispani*, p. 261; *Commentarium in VII Summularum magistri Petri Hispani*, p. 93; *Commentarium super Summulas logicales Petri Hispani*, p. 98, p. 364; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 310; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 195; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 232; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 261; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 363; *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, p. 304;

Commentarium supra Summulas Petri Hispani, p. 158; *Commentarius emendatum et correctum in primum et quartum tractatus Petri Hispani et super tractatibus Marsilii*, p. 367; *Commentarius in De syncategoreumatibus Petri Hispani* (?), p. 268; *Commentarius in Petri Hispani dialecticam*, p. 167; *Commentarius in Petri Hispani logicam*, p. 170; *Commentarius in Petri Hispani Summulas logicales* Tr. V, p. 240; *Commentarius in Petri Hispani Summulas logicales*, p. Tractatus III, p. 131; *Commentarius in Petri Hispani tractatum parvorum logicalium*, p. 335; *Commentarius in Summulam Petri Hispani*, p. 155; *Commentarius in Summulas logicales I-V Petri Hispani*, p. 95; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, p. 205; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, p. 250; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, p. 274; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus I, p. 130; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus III-IV, p. 130; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus V, p. 130; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus VI, p. 131; *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus VII, p. 131; *Commentarius in Summulas Petri Hispani*, p. 101; *Commentarius in Summulas Petri Hispani*, p. 334; *Commentarius in Tractatus Petri Hispani*, p. 211; *Commentarius in VI Summulam logicalem Petri Hispani*, p. 96; *Commentarius in VII Summularum magistri Petri Hispani*, p. 314; *Commentarius in VII tractatus summularum logicarum Petri Hispani*, p. 268; *Commentarius super de locis dialecticis Petri Hispani*, p. 208; *Commentarius super II Summularum Petri Hispani*, p. 130; *Commentarius super I-V tractatus Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 210; *Commentarius super quartum et quintum Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 210; *Commentarius super quartum tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 209; *Commentarius super Summulas logicales I-III*, p. 246; *Commentarius super Summulas Petri Hispani*, p. 266; *Commentarius super Suppositiones Petri Hispani*, p. 167; *Commentarius super Tractatibus I et IV*, p. 269; *Commentarius super Tractatus I-IV*, p. 196; *Commentarius super tractatus Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 210; *Commentarius super VI primos tractatus Petri Hispani et super suppositiones et consequentias et fallacias vel Compilationes*, p. 107; *Commentarius Tractatum Petri Hispani*, p. 264, p. 265; *Compendium Tractatum Petri Hispani*, p. 343; *Compilationes "Omnes homines" super Summulas logicales Petri Hispani*, p. 107, p. 159, p. 260, p. 261, p. 271; *Copulata tractatum Summularum Petri Hispani et Parvorum logicalium secundum doctrinam Sancti Thomae*, p. 100; *De numero Tractatum Petri Hispani*, p. 101; *De propositionibus Petri Hispani*, p. 156; *De quattuor causis huius operis* [sc. *Tractatus Petri Hispani*], p. 153; *Disputata super primum et quartum tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 209; *Excerpta ex Buridani aliorumque scholis de Petri Hispani tractatibus philosophicis habitis*, p. 166; *Expositio Antidotarii*

Nicolai, p. 135; *Expositio in Petri Hispani Summularum logicalium tractatus*, p. 112; *Expositio in Summulas Petri Hispani*, p. 272; *Expositio primi tractatus Petri Hispani*, p. 200; *Expositio Summularum magistri Petri Hispani*, p. 372; *Expositio tractatus I Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 204; *Expositiones cum dubiis in Petri Hispani libros parvorum logicalium*, p. 187; *Glosa super Summulas logicales Petri Hispani*, p. 320; *Glosa super Summulas logicales*, p. 270; *Glosa super Tractatum*, p. 318; *Glosas super Summulas Petri Hispani I- XI*, p. 168; *Glossa antiqua super totam logicam Petri Hispani secundum duodecim tractatus eiusdem seu libros*, p. 107; *Glossae in Summulas Petri Hispani I-V*, p. 347; *In Petri Hispani logicam quaestiones*, p. 141; *In Petri Hispani Summulas logicales*, p. 325; *In Summulas logicales Petri Hispani*, p. 141; *In Summulas Petri Hispani (fragm.)*, p. 107; *In Summulas Petri Hispani (tract. II-V)*, p. 108; *In Summulas Petri Hispani*, p. 100; *In Summulas Petri Hispani*, p. 121; *In Summulas Petri Hispani*, p. 156; *In Summulas Petri Hispani*, p. 158; *In Summulas Petri Hispani*, p. 364; *In Tractatum I Petri Hispani*, p. 108; *In Tractatus Petri Hispani*, p. 120; *Introductio ad summulas logicales Petri Hispani*, p. 150; *Lectura domini Alberthi Magni super dictis Petri Hispani*, p. 349; *Lectura Petri Hispani abbreviata et punctata*, p. 110, p. 111; *Materia circa Petrum Hispanum*, p. 379; *Notabilia super Parvulum antiquorum ex variis auctoribus collecta*, p. 366; *Notabilia super tractatus magistri Petri Hispani ex variis auctoribus collecta*, p. 365; *Praefatio in Petri Hispani Summulas logicales*, p. 312; *Principium super summulas logicales Petri Hispani*, p. 208; *Quaestio secundum Petrum Hispanum*, p. 376; *Quaestiones in tractatus Summularum Petri Hispani*, p. 272; *Quaestiones in Summulas logicales Petri Hispani*, p. 133; *Quaestiones Petri Hispani?*, p. 381; *Quaestiones super Summulas Petri Hispani (tract. I-III)*, p. 108; *Quaestiones super tractatibus I-III Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 203; *Questio de Petri Hispani arte logica instituta*, p. 162; *Questiones de libris paruorum logicalium Petri Hispani*, p. 165; *Questiones de libris parvis logicis Petri Hispani*, p. 167; *Questiones de prioribus duobus Petri Hispani tractatibus logicis*, p. 166; *Questiones de Summulis logicalibus Petri Hispani*, p. 250; *Questiones de tractatibus Petri Hispani I-IV*, p. 168; *Questiones super Petri Hispani primum Summularum*, p. 112; *Questiones super Petri Hispani Summulas logicales*, p. 232; *Questiones super primum tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 211; *Questiones super quartum tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 211; *Questiones supra Summulas magistri Petri Hispani*, p. 160; *Reportata supra Summulas magistri Petri Hispani*, p. 160; *Scripta super summulas Petri Hispani*, p. 155; *Summa logices vel Super Summulas Petri Hispani*, p. 100; *Summa Philosophica vel In Summulas Petri Hispani*, p. 121; *Summa totius logicae Petri Hispani*, p. 260; *Super Summulas logicales Petri Hispani I-III*, p. 116; *Super Summulas logicales Petri Hispani I-III*, p. 352; *Super Summulas*

logicales Petri Hispani, p. 103; *Super Summulas logicales Petri Hispani*, p. 161; *Super Summulas logicales Petri Hispani*, p. 341; *Super Summulas Petri Hispani*, p. 100; *Super Summulas Petri Hispani*, p. 277; *Super Summulas Petri Hispani*, p. 357; *Super Summulas Petri Hispani*, p. 362; *Super Tractatus Petri Hispani* (?), p. 247; *Super Tractatus Petri Hispani*, p. 326; *Systema VII Tractatum eius (sc. Petri Hispani)*, p. 324; *Tabula quaestionum librorum Petri Hispani in hoc volumen*, p. 235; *Tractatus logicus, maxima parte excerptus ex tractatibus 1-7 Summularum logicalium Petri Hispani*, p. 150.

Aditamento ao Inventário do vol. I: *Rapiarius super Tractatus Petri Hispani* (Bremen, Staats und Universitätsbibliothek, 47, ff. 47v-279r).

2. Comentários latinos de autor conhecido

(Assinalam-se 56 comentários, em cerca de 90 manuscritos. Também aqui se remete para as páginas do vol. I, para não alongar a *Clavis* com a cota de cada manuscrito).

Aegidius de Sancto Severino Iunior, *Rationes super Tractatus magistri Petri Hispani*, 309; Antonius de Scarperia, *Recollecciones super Tractatus loyce I-IV*, 287; Antonius Franciscus Saluthius, *Summulae ad logicam*, 294; Bartholomaeus Coloniensis, *Libellus ysagogicus seu introductorius in primum secundum et tertium tractatus Petri Hispani*, 243; Blasius Pelacanus de Parma, *Quaestiones dialecticae in Petri Hispani Summulas logicales I-V*, 288, 344; Caspar Brantstetter de Ratisbona, *De variis tractatus Petri Hispani*, 272; Chellinus de Bononia, *Commentarius in logicam Petri Hispani I-V*, 172; Christophorus Hegendorffius, *Dialectica (Petri Hispani)*, 275; Dominicus de Flandria, *Commentarium in Summulas Petri Hispani*, 370; Erhardus Knab de Zwifalten, *Glosae in Petri Hispani Summulas logicales*, 129 (corr.: Pal. lat. 995, ff. 1r-29r); Fridericus Sulzbach, *Obiectationes in tractatus I-III Summularum logicalium Petri Hispani*, 203; Gabriel Biel, *Commentarius in tractatum primum et quartum abbreviatum Summularum logicalium Petri Hispani*, 186; Georgius Bruxellensis, *Commentarius in Summulas Petri Hispani*, 327; Gerhardus Harderwick *Questiones super tractatum I et IV Summularum logicalium Petri Hispani*, 269; Guillelmus Arnaldi, *Lectura Tractatum Petri Hispani*, 99, 122, 143, 234, 336; Guillelmus de Curis, *In Summulas Petri Hispani*, 105, 106, 108, 111, 313; Guillelmus de Tortona (Cortona), *In Summulas logicales Petri Hispani*, 94; Guillelmus Iordani, *Textus Petri Hispani logicae expositio*, 112; Henricus de Coesfeldia, *Super Tractatus Petri Hispani*, 165; Hizqiyyah bar Halafta [Comentário hebraico], 290; Iacobus de Placentia, *Commentarium in Summulas logicales Petri Hispani*, 293; Iacobus de Udine, *Recollecciones super Tractatus Petri Yspani I-V*, 287; Iacobus magister OCist., *Parvulus antiquorum vel Super Summulas Petri Hispani*, 101; Iodocus Gartner, *Disputata primi et quarti Tractatus Petri Hispani*, 104; Iodocus Gartner, *Disputata Summularum*, 271; Iohannes Buridanus, *Expositio IX tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, 128,

301, 313, 358, 359; Iohannes Clepfinger, *Commentarium Parvorum logicalium Petri Hispani*, 192; Iohannes de Attra, *Summule (In Summulas logicales Petri Hispani ?)*, 151; Iohannes de Glogovia, *Quaestiones in I et IV Tractatum Summularum logicalium Petri Hispani*, 201; Iohannes de Hoclem, *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, 95; Iohannes de Persico, *In Summulas logicales Petri Hispani I-V*, 155; Iohannes de Vesalia, *Questiones super Summulas Petri Hispani*, 144; Iohannes de Werdea, *Commentarius in Petri Hispani Summulas logicales*, 193; Iohannes Dorp, *Expositio tractatum Petri Hispani iuxta processum magistri Buridani*, 161, 163, 188, 209, 213, 332; Iohannes Durre (?), *In Summulas Petri Hispani*, 100; Iohannes Hockelim, *Scripta super tractatibus Petris Hispani*, 169; Iohannes Magistri, *Glosulae Summularum Petri Hispani*, 185; Iohannes Paierrent, *Disputata super primum tractatum Petri Hispani et super suppositiones*, 271; Iohannes Versorius, *Commentarium in III Summularum Petri Hispani*, 97; Iohannes Versorius, *Commentarium in Summulas logicales Petri Hispani*, 104, 111, 113, 120, 158, 184, 195, 237, 240, 266, 268, 272, 275, 283, 284, 316, 319, 347; Iohannes Wenck, *Commentarium super Summulas Petri Hispani*, 140; Laurentius Brager de Rotenburga (?), *In Summulas Petri Hispani*, 100; Ludovicus Ber, *Dictata et Lectiones Summularum Petri Hispani*, 109; Ludovicus de Berca, *Lectiones super Petrum Hispanum*, 115; Marsilius de Inghen (ver aditamento no parágrafo seguinte); Nicolaus Bezak, *Glosas super De distributionibus et De locis Petri Hispani*, 208; Nicolaus de Orbellis, *Super Tractatus magistri Petri Hispani*, 277, 278, 315; P. Hieronymi, *Lectiones 30 super Petri Hispani Summulae logicales*, 331; Petrus de Pulka, *Exercitia super Tractatum I Petri Hispani*, 227; Petrus de Pulka, *Lectura circa Summulas I-IV Petri Hispani*, 200, 227; Petrus Mantuanus, *Tractatus suppositionum sive tractatus Petri Yspani*, 345; Petrus Tartaretus, *Commentarii in magistrum Petrum Hispanum*, 93; Philippus Ferrariensis O.P., *Super dialecticam Petri Hispani*, 143; Robertus Anglicus, *Compilatio super Tractatus magistri Petri Hispani*, 144, 337; Simon de Faversham, *Commentarium super Tractatus I-V Petri Hispani*, 243, 269, 293, 302; Stephanus Plzthpt mag., *Glossa super Tractatus*, 298, 342; Thomas de Cremona, *Expositiones Tractatum I-V*, 120; Udalricus de Tubinga, *Commentarius in Summulas logicales Petri Hispani*, Tractatus I, IV, VI, VIII-IX, X, 131.

Aditamento ao Inventário do vol. I: Marsilius de Inghen, *Tractatus VI de Summule Petri Hispani* (München, Bayerische Staatsbibliothek, lat. 7709, ff. 1r-70v?; Wien, Österreichische Nationalbibliothek, 5162, ff. 72r-124 [cfr. vol. I, p. 356]).

Edições recentes de comentários:

JOHANNES VERSOR: *Petri Hispani Summulae logicales cum Versorii Parisiensis clarissima expositione. Parvorum logicalium eidem Petro Hispano ascriptum opus nuper in partes et capita distinctum, quae omnia Martiano Rota infinitis fere erroribus maxima sunt diligentie*

castigata..., Apud F. Sansovinum, Venetiis 1572, ff. 2v-263v [reimpr. Georg Olms, Hildesheim 1981].

MARSILIUS DE INGHEN: *Commentum in primum et quartum tractatum Petri Hispani*, Haguenau 1495 [reimpr. Minerva, Frankfurt a.M., 1967].

TOMÁS DE MERCADO: *Comentarios lucidísimos al texto de Pedro Hispano*, Universidad Nacional Autónoma, México 1986.

3. O comentário hebraico de Hezekiah / Hizqiyyah bar Halafta (Bonenfant de Millau)

Comentário de Hezekiah ou Hizqiyyah bar Halafta (Bonenfant de Millau), datado de 1320, que chega apenas ao § 97 do *Tractatus VII (De falaciis)*. Trata-se provavelmente do primeiro comentário hebraico sobre este texto escolar de lógica latina medieval, podendo ter contribuído assim para a posterior difusão e traduções hebraicas do *Tractatus* (Zonta: «Fonti antiche e medievali della logica ebraica ...», *cit.*, p. 531).

Mss. (1): Oxford, Bodleian Library, Mich. 314 (*olim* 80), copiado em Nardò em 1469.

Edição do cap. 37 (= *Tractatus VII*, 13-25) em Sh. ROSENBERG, 'Sefer ha-hat'a'ah', pp. 292-295 (sobre a tradução de excertos por M. Zonta, ver a seguir).

Segundo V. Muñoz Delgado trata-se da tradução de um comentário latino das *Summulae* a que Hezekiah «acrescenta um importante prefácio» (V. Muñoz Delgado, «Logica Hispano-Portuguesa hasta 1600 (Notas bibliográficas-doctrinales)», *Repertorio de história de las ciencias eclesiasticas en España*, 4 (1972) 9-130, cfr. p. 41, nº 15, que acrescenta outra bibliografia: Sarton III 1, 450; A. Hyman, «The Liberal arts and the Jewish Philosophy», em *Actes du IV.e Congrès International de Philosophie Médiévale*, Paris-Montréal 1969, pp. 102-103). De facto Hizqiyyah funda-se na glossa *Cum a facilioribus*, atribuída a Guillelmus Arnaldi, ou um texto muito próximo, mas integra também o recurso a diversos outros textos de filósofos latinos, hebraicos e árabes como Ibn Bagga (cfr. ZONTA: «Fonti antiche e medievali della logica ebraica ...», *cit.*, pp. 531 e 577-583, onde se encontra a tradução das 11 citações deste filósofo árabe). Sobre o comentário de Hizqiyyah, Zonta faz ainda a identificação de fontes (pp. 593-594) e a comparação de excertos com a *Glossa* referida (pp. 585-592), para além de traduzir o curto excerto onde Hizqiyyah explica a sua intenção ao compor a obra (cfr. p. 584), concluindo: «la glossa *Cum a facilioribus* non rappresenta la fonte esclusiva del commento di Hizqiyyah bar Halafta. In linea con l'impostazione originale data alla sua opera, infatti, Hizqiyyah si sforza di realizzare un'armonica fusione di elementi del pensiero hebraico, arabo islamico e latino cristiano, sicché in sostanza il suo commento ai *Tractatus*, pur rappresentando senz'altro un'eccezione nel panorama dell'epoca, riassume idealmente in sé tutte le diverse linee attive nel pensiero ebraico della Provenza del Trecento.» (p. 594).

Sobre o comentador e o comentário, cfr.: M. ZONTA, *op. cit.*, p. 162, 193, 244; Ch. H. MANEKIN, *Scholastic logic*, pp. 126-127; IDEM, *When the Jews*; ZONTA: «Fonti antiche e medievali della logica ebraica ...», *cit.*, pp. 529-531, 577-594.

44. Tractatus de febribus

De febribus

inscr. Nunc sequitur de febribus eiusdem Petri Hispani. Incipit tractatus de febribus magistri

Petri Hispani et primo de effimera (*ms. Vaticano*)

inc. Contra febrem effimeram, in principio fiat sirupus decoctionis sandali et floris nenupharis et similium; et uitet omnia que cor inflammant et omnia calida et grossa

des. Item cor leonis comestum quartanarius medetur

expl. Explicit thesaurus pauperum (*ms. Erfurt*)

Mss. (nº não determinado), alguns exemplos: Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1139 [datado: 1532 e 1544], ff. 180r-189v; Erfurt, WAB, Amplon. Folio 271 [s. XIII^{lex.}-XIV^{in.}], ff. 59v-76ra (*a seguir ao Thesaurus e com explicit comum*).

Ed. crítica e trad. portuguesa:

— M.H.R. PEREIRA (ed., trad.): «Petri Hispani Thesaurus Pauperum. Edição crítica com tradução e notas», *Studium Generale* 1, 3/4 (1954) 161-299 [com «Prefácio» de Luís de Pina, pp. I-XXX]; 2, 1/2 (1955) 182-247; 3, 1 (1956) 68-173; 3, 2 (1956) 310-349; 4 (1957) 54-139; 5 (1958) 255-283 (texto latino e tradução defronte, cfr. os dois últimos números fasc. cit.).

— M.H.R. PEREIRA (ed., trad.): *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Prefácio, introduções, traduções e notas, Coimbra 1973, pp. 303-323 (texto latino e tradução defronte).

Tradução em língua d'Oc: *Contra febres*

inscr De febre efimrea

inc. Contra febre efimrea, en lo comancemen sia fait ysarop tantost de sandels

des. portas al cor del malaut, sana la q^{ua}rtana.

Mss. (1): Chantilly, Musée Condé, 330 [s. XV], ff. 22v-26v.

Ed.: Maria Sofia CORRADINI BOZZI: *Ricettari medico-farmaceutici medievali nella Francia meridionale*, (Accademia Toscana di Scienze Lettere “La Colombaria”. Studi 159) L.S. Olschki, Firenze 1997, pp. 311-322.

45. Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis*De regimine sanitatis* (título da edição de M.H.R. Pereira)*Dieta totius anni**inv.* In nomine Domini nostri Ihesu Christi. Amen.*inc. prol.* Ego Petrus Iuliani parue scientie paruique intellectus Hyspanus compendiosum tractatum dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis scribere non formido (*ms. Paris*)*rubr.* Iani prima dies et septima fine timetur.*inc.* Mense ianuarii zinzibre bonum est. Reuponticum bibere*des.* distemperantiam purgo. Sol in capricornio die 18.*expl.* Deo Gratias. Aleluia.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 7 [*Regimen salutis per omnes menses*, com o nr. 2, e citando cota errada].

Mss. (3): London, BL, Harley 2558 [s. XIV], ff. 224va-225va; Nürnberg, GNM, 34389 [s. XV, med.], ff. 104r-105v; Paris, BN, lat. 11420 [s. XV], ff. 1r-5v (único usado na edição).

Ed.: M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 414-419 (ed., com base no ms. de Paris, com o título *De regimen sanitatis*) cfr. introd. pp. 409-413 e estudo pp. 420-425.

46. Tractatus mirabilis aquarum*Aqua mirabilis ad visum conservandum et contra omnem maculam et defectus visus per vespervas**De aquis oculorum**De duodecim aquis**ver: Liber oculorum, De curis oculorum*

[cfr. ed. Berger 1899 (= ms München, BSB, lat. 40), § 42]

inscr. Aqua mirabilis ad visum conservandum et contra omnem maculam et defectus visus per vespervas. Tractatus mirabilis aquarum quem composuit Pe. Yspanus cum naturali industria et intellectu. Aqua mirabilis ad visum conservandum et contra omnem maculam.*inc.* Recipe fenicule rute verbene eufrasie endivie bectonice sileris montani*aqua de seminitibus* ... secunda die ponantur in campana ad lentum ignem et quod destillaverit reserva et lauda dominum magistrum p. yspanum*des.* Taceo vero de secretis his quia timeo ne habentes eam superbia tollerentur.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 4; Díaz y Díaz *Index* 1381; Alonso *Scientia* nr. 4; Glorieux *La faculté* nr. 352 (ab); Lindberg *A Catalogue*, 206A⁵⁻¹³.

Mss. (nr. não determinado, cerca de 50, cfr. Vol. I, sub indicem, p. 410; alguns exemplos): Basel, UB, D. III. 10 [s. XV], ff. 47r-50v; Erfurt, WAB, Amplon. Folio 236 [s. XIV: 1368, 1387, 1399] f. 11ra; London, BL, Sloane 2268 [s. XIV] ff. 56-59; München, BSB, lat. 40 [s. XIV], f. 114. Listas de manuscritos com os opúsculos oftalmológicos: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus*, cit. infra, pp. XXX-XXXVI (26 mss.); Lindberg *A Catalogue*, pp. 112-113 (34 mss., onde se incluem todos os de Berger).

Ed.: A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert*, München 1899, § 42: pp. 44-47.

Trad. (alemão): A.M. BERGER: *Die ophtalmologie...*, ibidem.

Breve opúsculo com difusão muito contaminada. A atribuição a Pedro Hispano encontra-se, em geral, no título ou no final e mesmo no interior do texto, na receita da *aqua de seminibus*.

Traduções

Tradução alemã: *Experiment fur alle mayl der augen*

inscr. Ein experiment magistri Petri Hispani fur alle mayl der augen und zu scherffen das gesich.

inc. Item nim feniculi, verben, rathe rosarum, eufrasia, sileris montem

des. fur golt und silber geben.

Ms. (1): München, BSB, germ. 3724, f. 19v.

Tradução francesa: *De aquis*

Ms. (1): Chantilly, Musée Condé, 331.

Tradução inglesa: *The 9 marvelous waters*

inc. Here bygynnys the makynge of the 9 marvelous waters the whiche Petere of Spayne made and founde hem by his owne kyndely witte of the whiche the First is clepid the precious water of herbis ... Item pro oculis bona aqua que vocatur lumen oculorum, Teke rwe fenell

des. for hit Brennythe as ewe ardent as moche for to saye as water Brenynge and it is good for the colde gowte.

Ms. (1): San Marino (California), Henry E. Huntington Library and Art Gallery, HM 64 [s. XV], ff. 103-104.

Tradução italiana: *Trattato meraviglioso di certe acque*

ver *Libro degli occhi*, trad. do *Liber oculorum*

inscr. Di certe acque utili agli occhi. Trattato meraviglioso di certe acque, il quale compusse maestro Pietro Spagnuolo per sottiglieza di suo entendimento.

inc. Acqua meravigliosa a conservare lo vedere contro ogni macchia e maglia

expl. Explicit il trattato di Maestro Pietro Spagnuolo intorno ali mali che avengono agli occhi e a altre luoghi

Ref.: Lindberg *A Catalogue*, nr. 206B.

Mss. (1): Firenze, BML, Redi 88 (186) [s. XV], ff. 195r-206v.

Ed.: F. ZAMBRINI: *Volgarizzamento del trattato della cura degli occhi di Pietro Spano (Codice Laurenziano citato degli accademici della crusca)*, (Scelta di curiosità letterarie inedite o rare dal secolo XIII al secolo XVII, 130), Presso Gaetano Romagnoli, Bolonha 1873 [reimpr: (col. Documenta historica medicinae, 1) Ferro, Milano 1966].

47. Veni Mecum

De rebus naturalibus et de rebus principalibus naturorum et de mineralibus

inscr. INCIPIT TRACTATUS PETRI ISPANI QUI DICITUR VENI MECUM

inc. Materia lapidis est una res uilis pretii ubique reperibilis, que est aqua uiscosa quod argentum uiuum dicitur quod trahitur de Terra, solet comuniter dici.

des. Ideo non pono.

expl. Deo gratias. Amen.

expl. (f. 13) Explicit Tractatus magistri Petri Ispani de rebus naturalibus et de rebus principalibus naturorum et de mineralibus, qui dicitur ueni mecum.

Mss. (1): Firenze, BNC, F.c.s. H. 91521, ff. 1r-12v.

A atribuição a Pedro Hispano também se lê no índice do f. Ivr (*Thesaurus*): «In hoc volumine hec habentur / Petri hyspani Veni mecum 1», seguindo-se os outros títulos ; a atribuição é reptida na inscriptio (f. 1r) e no explicit do (após uma outra obra não atribuída a Pedro o «De uirtutibus e proprietatibus burisse»).

48. Verba secreta in arte Alkimie

inv. In nomine Domine. Amen.

inscr. Verba secreta magistri Petri yspani in arte Alkimie incipiunt feliciter

inc. Petrus yspanus concordat cum philosophis antiquis

Ref.: Não é mencionado em qualquer repertório.

Mss. (1): Manchester, JRL, Western 65 [s. XV].

49. **Versus brevilogi urinarum**

Carmen de urinis

inc. Quisquis naturas urine noscere curas / Ut feras carmina nostra legas

des. suplitium febris sublatum signat ab egris

expl. Expliciunt versus brevilogi urinarum magistri Petri Yspani doctoris Parisibus cathedrati

(*ms. Vaticano*). Mss. (3): Auxerre, BM, 22, f. 116; London, BL, Sloane 1124 [s. XV], f. 1v;

Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 2661 [s. XIV], f. 26v.

25 versos leoninos atribuídos a Pedro no ms. Vaticano, mas, segundo C. Pontes «estamos perante um texto do *Corpus Salernitanum* e não de Pedro Hispano» (1990, p. 121). Hans WALTER, *Initia carminum versuum Medii Aevi posterioris latinorum. Alphabetisches Verzeichnis der Versanfänge mittelalterlicher Dichtungen*, Vandenhoeck & Ruprecht, Göttingen 1959, vol. I, nr. 16194, asinala o ms. de Auxerre e remete para «Renzi, 2261 ff.» (mas esta indicação não tem correspondência com a *Collectio Salernitana*, 5 vol., Napoli 1852-1859).

50. **Versus de pluvia, de niue, de pruina, de rore, de grandine, de tremor (sc. de terrae moto)**

inscr. De pluuiā secundum Magistrum P. yspanum. *inc.* Ad pluuię causas reserendas illico clausas

des. (*De pluvia* v. 7) de tibi notum.

des. (*De prandine* v. 11) vere sit hoc tibi pando.

des. (*De tremor* v. 9) ignis succensus aduxit.

Ms. (1): London, British Library, Sloane 568 [s. XIV], f. 15v-16r (versos do f. 15v de difícil leitura devido a dispersão da tinta de escrita); Oxford, Balliol College 285 [s. XIII] f. 232v.

No ms. apenas os versos de pluvia têm o nome de P.H., mas as cinco estrofes seguintes têm a mesma disposição e há um tracejado a vermelho que as separa da obra seguinte, após o final dos versos sobre o “tremor” (também o catalogador dos mss. Sloane tende a atribuir-lhos).

Seis estrofes, em 35 versos: *de pluvia* (7 versos), *de nive* (5), *de pruine* (2), *de rose* (1), *de prandine* (11), *de tremor* (9).

«Perhaps the shortest work ascribed to him is one of seven verses on rain» (L. THORNDIKE: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, p. 501). *Bibliografia Geral Portuguesa*, II, p. 375 [citado com a cota F. 56].

O primeiro verso está recenseado em Walter (*Initia carminum versuum Medii Aevici*, cit. na obra anterior) com o número 419, que indica «(Meteorol. V.) Oxford, Balliol College 285, (s. XIII) f. 232v». O título que lhe atribui indica que a versão de Oxford não terá os 9 versos sobre terremotos. De facto, Mynors no catálogo dos mss. do Balliol College refere apenas «sixty verses on natural phenomena» (p. 306).

2. Obras citadas pelo autor mas desconhecidas

51. De mathematicis

In mathematicis

Opera mathematica

Obra desconhecida.

Auto-citação na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*: «Et de hiis [scilicet: utrum amor sit principium omnium] in mathematicis latius disputavimus» (Lib. I, lect. 14, q. 5, sol., ed. Alonso, p. 461, 6). Estas são as palavras finais do livro I e no resto da obra não há outra remissão para este título, nem mesmo na questão sobre se a matemática é mais digna que a ciência da alma (cfr. pp. 130-132).

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 29: «*Opera mathematica*. De esta obra habla Pedro Hispano quando en el Comentario al De anima dice *Et de hiis in mathematicis latius disputavimus* (fol. 91rb)». Mas, em Alonso *Scientia* esta obra já não é mencionada.

52. De motu celorum

De motu celorum Obra desconhecida (e inexistente).

Na solução da questão «utrum anima sit motor corporis celestis ut possit dici quod corpus celeste habeat animam et quod ab anima moveatur» da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, escreve:

«Utrum autem sit intellectus increatus an creatus *in aliis discussimus*. Nunc autem sufficiat quod movetur ab intellectu» (Lib. II, lect. 1, q. 8, sol., ed. Alonso, p. 530, 32-531, 1).

Daqui, Manuel Alonso (*Comentario* p. 24, nr. 30) deduziu a existência de uma outra obra: «*De motu caelorum?* A una tal obra parece aludir quando dice: *Utrum autem...* [cfr. atrás]». (Note-se que na lista de obra em Alonso *Scientia*, este título já não vem mencionada.

A citação poderá indicar quer uma obra independente sobre o intelecto, quer algum comentário ao *De anima*. Mas deve notar-se que a segunda questão da lição 10 do livro I responde precisamente a «utrum intellectus sit creatus an increatus» (Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 1, q. 2, ed. Alonso, pp. 370-373) e todas as 6 questões desta lição se relacionam com este problema (cfr. pp. 366-382). Trata-se certamente de uma remissão para estas questões.

Sobre a origem da alma e do intelecto, sobretudo nos dois comentários zoológicos atribuídos a Pedro Hispano, ver J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugallense e as controvérsias doutrinais do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, com edição de textos nas pp. 255-282, mas onde esta questão não é abordada, nem ao longo da obra este passo parece ser discutido.

53. Questiones Physice

Obra desconhecida mas à qual se refere o autor na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* na questão «propter quid quelibet scientia utitur prima abstractione que est universalis a particulari»:

«Et per hoc solvuntur rationes. Horum autem verificatio et cum supra questiones physice negotii dicte sunt» (Quest. Preamb. III, q. 2, ad rat., ed. Alonso, p. 113, 32-33).

Também poderá apontar para um comentário sobre a Física o que se lê na questão «cui proprie competat diffinitio utrum, scilicet, substantie an accidenti aut utrique», da mesma obra:

«Utrum autem accidentium sunt propria principia per que diffiniantur, determinatum est in aliis» (Quest. Preamb. III, , q. 6.2.4, ad rat., ed. Alonso, p. 161, 8-10).

No *Tractatus (Summulae logicales)* II, 14-19 (pp. 22-25 da ed. De Rijk), onde se trata a definição e a questão do acidente, não é discutido directamente o lugar ou propriedade dos acidentes na definição.

Manuel Alonso quis ver nas duas autocitações um testemunho da autenticidade do *Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (cfr. Alonso *Comentario* nr. 28), onde estas questões também não são tratadas.

Ver, entre as obras desconhecidas e citadas por outros autores, o título: *Lectiones in primum librum Physicorum* , das quais não se conhece nenhum exemplar.

54. **Supra librum De sensu et sensato**

Esta obra é apenas conhecida por autocitação nas *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni*, no final da glosa sobre o lema «Virtus itaque sensibilis constat», lição onde trata os cinco sentidos, sem propor qualquer questão, que substitui pelas palavras:

«Circa partem istam [sc. de quinque sensibus] possunt queri multa vel quasi infinita dubitari; sed quia alibi sunt disputata et determinata sicut supra librum *De sensu et sensato* et supra secundum librum *De anima*, ad presens omittantur et in partibus illis requirantur» (Madrid, BN, 1877, f. 32va-b; cfr. M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, p. 104; M. Alonso: *Pedro Hispano, Obras filosoficas III*, 1952, pp. 28-29).

Ref.: Díaz y Díaz *Index* 1406 («traduntur in cod. Madrid BN 3314»); Glorieux *La faculté* nr. 352 (d), (só dá a cota e o título, acrescentando que o livro é mencionado na obra i) de PH [= *Notulae super Johannicium* (Madrid, BN, 1877, ff. 24-46 e Paris N.L. 6956], indicando o ms. Madrid, BN, 3314. Bataillon na sua recensão sobre esta obra e quanto a este ms dirá que «d) n'est pas de Pierre d'Espagne mais d'Adam de Bocfeld» (L.-J. BATAILLON: «Bulletin de philosophie médiévale», *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 1973, p. 161); Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 360 nr. 5.

A *Bibliografia Geral Portuguesa*, II, 1944, p. 379 dá o título *De sensu et sensato, De morte et vita e De somno et vigilia*, acrescentando «Comentários aos parva naturalia. / Na mesma miscelânea [i.e., Madrid, BN, 1877]», o que é errado, mas parece referir-se às obras do ms. Madrid, BN, 3314, ff. 113r-117r, que Grabmann admitiu serem de Pedro Hispano por o ms. ter no seu início a *Scientia libri de anima* (M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, p. 65), mas que de facto são de Adão de Bockfeld (Adam de Bocfeldius).

Note-se, e ao contrário do que tem sido admitido pelos diferentes autores, que a citação não indica que o seu autor também escreveu aqueles comentários, pode simplesmente estar a citar obras de outros.

55. **Supra secundum librum De anima**

Esta obra é apenas conhecida por autocitação nas *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni* no final da glosa sobre o lema «Virtus itaque sensibilis constat», lição onde trata os cinco sentidos, sem propor qualquer questão, que substitui pelas palavras:

«Circa partem istam [sc. de quinque sensibus] possunt queri multa vel quasi infinita dubitari; sed quia alibi sunt disputata et determinata sicut supra librum *De sensu et sensato* et supra secundum librum *De anima*, ad presens omittantur et in partibus illis requirantur» (Madrid, BN, 1877, f. 32va-b; cfr. M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, p. 104; M. Alonso: *Pedro Hispano, Obras filosóficas III*, 1952, pp. 28-29).

Alonso quis tomar esta referência ao *De anima II* como argumento para atribuição a Pedro Hispano da *Expositio libri De anima II-III*, porque o tema dos sensíveis próprios e dos 5 sentidos não chega a ser tratado nem na *Scientia libri de anima*, nem na *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* (Alonso 1952, pp. 29-30). Mas a referência também tem sido usada para concluir que a *Sentia* deveria ser um comentário completo onde estas questões etariam tratadas.

Ref.: (não é mencionada em qualquer repertório).

Note-se que a citação não indica que o seu autor também escreveu aqueles comentários, pode simplesmente estar a citar obras de outros.

56. Tractatus de embrione

Obra desconhecida.

Auto-citação no final da enumeração das 6 questões a tratar na lição 10 do livro II da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* escreve:

«Questiones vero que incidunt circa modos omnes generationis et circa embrionem in tractatu quem sufficienter apponemus determinabuntur et in ipso requirantur et si placet determinantur hic». (*Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 10, p. 738, 27-30).

Contudo, o comentário não chega a este ponto porque os apógrafos conhecidos terminam na questão 4 desta lição, nem conhecemos se o tal tratado terá chegado a ser composto.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 30: «*Tractatus de embrione*. De esta obra se afirma autor el proprio Pedro Hispano cuando dice *Questiones vero que incidunt circa modos ...* [ver atrás]. Quizá este tratado aparezca en ms. de Cracovia». Mas, em Alonso *Scientia* esta obra já não é mencionada.

3. Obras de autoria não determinada

57. De apostemate maturando, de morsu canis rabidi, de naturis quarundam herbarum

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire*, p. 639a, ms. 11-13; Glorieux *La faculté* 352 (ap).

Ms. (1): Basel, UB, D. II. 21 [s. XIII], ff. 12ra-23vb.

O manuscrito não foi analisado directamente, diversas fontes incluem a obra entre as de Pedro Hispano. Poderá tratar-se de um florilégio do *Thesaurus pauperum*, obra que também existe nos ff. 80va-95vb do mesmo manuscrito. Nunca é referida a existência de qualquer outro manuscrito. O último dos 19 capítulos adicionados ao *Thesaurus pauperum* do ms. London, Royal College of Physicians, 352 (ff. 120v-129v) tem justamente por título: “Contra morsum canis rabidi”. Por exemplo, também o penúltimo cap. das Flores do *Thesaurus pauperum* do ms. ff. 81r-v contem um cap. “Contra morsum canis rabidi”, inc. Dicit Galienus in libro interiorum, capitulo de suffocatione matricis.

“De morsu canis rabidi” é o último capítulo do *De conservanda sanitate* de IOHANNES DE TOLETO (no ms. London, British Library, Sloane 405, ff. 25v-33r), inc. Sequitur de facta a canis rabido. Primo consilio ... ut aperiatur (f. 33r)

58. Experimenta

adscr. Incipiunt quedam experimenta parata per magistrum P. hispanum.

inc. Vidi hominem xlv habentem os distortum

expl. dolorem mitigat et soluit tenorem pulvis mellius mixtus emoroydas exsiccat.

Ref.: THORNDIKE & KIBRE, col. 1696; GLORIEUX, *La faculté des arts* p. 288 (nr. “an”, sob o título *Experimenta*).

Ms. (1): Oxford, All Souls College, 76 [séc. XV], ff. 197r-207v.

O catalogador escreve: «Not known as a work of Petrus Hispanus» (Watson, *A descriptive catalogue...*, p. 158a). No cap. do *Thesaurus* sobre as hemorróidas (cap. XV) não se encontra a receita citada no explicit, mas poderá tratar-se de uma colectânea de receitas inspiradas naquela obra.

59. Opus puerorum (de Rogério Bacon?)

inc. Quoniam ignoratis communibus necesse est artem ignorare

des. Et de hac dictione si ad presens hec sufficiant.

expl. Explicit.

Mss. (1): Amiens, BM, 406 [s. XIII e XIV], ff. 130ra-154va.

Atribuição a «P.H.» no início de cada *pecia*, com a anotação «prima [secunda, etc.] pecia magistri p.h.».

O único autor que discutiu a autoria do texto, interrogando-se sobre o modo de desdobrar o acrónimo «p.h.», tanto mais problemático quanto a obra se encontra entre outras de Rogério Bacon, mas sem chegar a uma decisão e menos ainda sem a atribuir a «Petrus Hispanus», foi Alain de LIBERA, «Les Summulae dialectices de Roger Bacon. I-II. De termino. De enuntiatione», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age* 53 (1986) 139-288, cfr. pp. 156-157.

60. Summule antiquorum

inc. Terminus autem aut significat uniuersale. Significationis alia rei substantive
des. quam illa in qua idem de se ipso predicatur.

Mss. (1): London, British Library, Royal, 8. A. VI [s. XIII fin.] ff. 47ra-48vb, 51ra-52rb.

Ed.: L.M. de Rijk «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — I. General Problems Concerning Possible Interpolations in the Manuscripts », *Vivarium* 6 (1968) 1-34, cfr. pp. 9-24.

Segundo L. M. de Rijk este texto «looks like an older, less extensive redaction or a source of the corresponding tracts in the Peter's work» (*Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, Assen 1972, p. LXXI).

Estudos posteriores inclinam-se a afirmar que os *Tractatus* dependem das *Summule antiquorum* e não o contrário (cfr. N. KRETZMANN — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DIJK: «L. M. de Rijk on Peter of Spain», *Journal of the History of the Philosophy*, 16 (1978) 325-333), mas não é possível determinar se são uma primeira redacção da obra realizada pelo mesmo autor.

4. Obras não localizadas, citadas por outros autores

61. De formatione hominis tractatus (de Egídio Romano?)

Obra desconhecida.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 14.

Referida pelos bibliógrafos antigos. Cfr.: Louis Jacob: *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta* ..., Lugduni 1643, p. 138; N. Antonio, *Bibliotheca Hispana Vetus*..., Romae 1696, p. 51 (nr. 154.IV) [2ª edição, Matriti 1788, p. 74b (nr. 154.IV)]; D.B. Machado, *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica* ..., Lisboa 1747, t. II, p. 562a; A. Daunou, na

Histoire Littéraire de la France, vol. XIX, Paris 1838, p. 328. Mas, E. Wickersheimer (*Dictionnaire*, cit.) nota: «Introuvable dans le catalogue de Peterhouse, Cambridge, où il existerait d'après Daunou». Volta a ser referido na *Bibliografia Geral Portuguesa* (vol. II, p. 373).

Existe uma obra de Egídio Romano com o título *Tractatus de formatione corporis homini in utero* (cfr. *Compendium auctorum latinorum medii aevi (500-1500)*, Firenze 2000, fasc. 1, p. 70, nr. 58). Não é improvável que a atribuição a Pedro Hispano tenha origem nalguma confusão com esta obra de Egídio Romano.

62. De medenda podraga tractatus (do Thesaurus pauperum?)

Obra desconhecida

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 15

Poderá tratar-se do Cap. XLVIII do *Thesaurus pauperum*.

A atribuição provém dos bibliógrafos antigos, e poderá ter origem em algum manuscrito em que o cap. XLVIII do *Thesaurus pauperum* (“De gutta arthetica et podraga”, ed. M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 278-298), que em diversos mss. é mesmo o final da obra, estivesse como tratado isolado.

63. Glose super Hippocratem De natura puerorum

Obra desconhecida

Citada pela primeira vez por Louis Jacob: «Super Tegnīs et Hippocratem Glossas de natura puerorum (Extant MSS. Patavii in fol. apud Canonicos Lateranenses S. Ioannis de Viridario)», (*Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta...*, Lugduni 1643, p. 138), depois completado por Nicolau Antonio: «*Super Tegnīs et Hippocratem Glossae de natura puerorum*. MS. Patavii inter libros S. Ioannis de Viridario canonicorum Lateranensium; & in bibliotheca Veneta S. Antonii, auctore Thomasino *Biblioth. Venetae* pag. 4 & *Patavinae* pag. 35» (*Bibliotheca Hispana Vetus*, Romae 1696, p. 51a-b, nr. 154.IV; 2ª ed.: Matriti 1788, p. 74b) e a partir daí citado por numerosos bibliógrafos. Seguindo Antonio, a *Bibliografia Geral Portuguesa* cita: «*Super Tegnīs et Hippocratem Glosae de natura puerorum* / B. do Convento dos Cónegos Lateranenses de Pádua» (vol. II, p. 375).

O manuscrito citado não foi ainda identificado, e não se conhece qualquer outro apógrafo das *Glosas super Hippocratem De natura puerorum* a que estes autores se referem. Mas, são conhecidos 4 ms. das *Glose super Tegni Galeni*.

64. Lectiones in primum librum Physicorum

Obra e manuscrito desconhecidos, aos quais se referem os bibliógrafos antigos:

Obra assinalada por Nicolau Antonio: «173. *Petri Hispani lectiones in primum lib. physicorum* servantur MSS. in Mediolanensi Ambrosiana» (*Bibliotheca Hispana Vetus*, II, Romae 1696, p. 53a; 2ª ed.: Matriti 1788, p. 77a), depois retomado por Barbosa Machado: «*Lectiones in primum librum Physicorum*. M.S. Conservase na Bibliotheca Ambrosiana de Milaõ» (*Bibliotheca lusitana*, vol. II, Lisboa 1747, p 561b).

Ver, entre as obras desconhecidas e citadas pelo autor, o título: *Questiones Physice*.

65. Secretum

inc. Accipe lapidem qui reperietur in calce

Ref.: Glorieux *La faculté* nr. 352 (ae).

Não é referido qualquer manuscrito ou edição, nem é obra referida em outras fontes.

5. Obras atribuídas a (um) Pedro Hispano mas de outros autores conhecidos ou anónimos**66. Carta à Câmara de Braga (papa João XXII ?)**

Carta Que Pedro Julião teria escrito de Perugia, enquanto cardeal, aos oficiais da Câmara de Braga e que estaria no Mosteiro de Pedroso. Referida por Severim de Faria, *Notícias de Portugal*, 2ª ed., p. 251.

Fonte: *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, p. 381, que rejeita a autoria da carta.

67. Carta ao infante D. Afonso (papa João XXII)

Carta de João XXII (ms. Porto, BPM, 505, ter 37).

68. Carta ao infante D. Pedro (papa João XXII ?)

É uma carta de João XXII, datada de Avinhão em 12 de Maio do nono ano do seu pontificado, que foi reproduzida na *Chronica de D. Pedro*, ed. da Colecção de livros inéditos da História Portuguesa, vol. I, p. 75.

Fonte: *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, p. 381, que rejeita a autoria da carta.

69. Consilium de tuenda valetudine (pseudo-Aristóteles, pref. e trad. de João de Sevilha)
De regimine principum Epistola Aristotelis ad Alexandrum de observatione humani corporis
Secretum secretorum

(trata-se da tradução por João de Sevilha da primeira parte do *Secretum secretorum* do pseudo Aristóteles)

inscr. Petri Hispani regimen sanitatis

inc. prol. Cum utilitate corporis olim tractaremus et a me quasi essem medicus

expl. Explicit de conservanda sanitate p. hispani.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 639, mss. 5; Glorieux *La faculté* nr. 352 (ac) [que ainda aduz os mss. München 615 e Wien 3011].

Ms. (1): Paris, BN, 7416 [s. XV], ff. 55r-56v.

Ed. trad. do pref.: C. BURNETT: «“Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis” and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 221-267, cfr. pp. 255-257.

Erro de atribuição pelo copista do manuscrito de Paris, certamente por dificuldade no desdobramento de «I.H.» que interpretou como «p. hispani». A obra também foi erradamente atribuída a Pedro Hispano no catálogo do fundo Sloane da British Library, por má leitura de "Johannes Ispaniensis" (ms. Sloane 420); cfr. M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 432-433; JACQUART, *Supplément* p. 233. Esta atribuição serviu aos historiadores para associar Pedro Hispano e a rainha de França, D. Branca de Castela.

Os restantes e diversos manuscritos onde a obra se encontra são claros na atribuição da autoria da tradução (*inscr.* Epistola Aristotelis Regi magno Alexandro de observatione humani corporis directa quam Iohannes Ispaniensis ... Yspaniarum regine transmisit; *prot.* Domine gratia dei Hispaniarum regine, Iohannes Yspalensis salutem). Bibliografia sobre a obra e a sua difusão: W.F. RYAN — C.B. SCHMIDT, *The Secret of Secrets. Sources and Influences*, Warbourg Institut, London 1982; Mario GRIGNASCHI: «La diffusion du *Secretum secretorum* (Sirr-al’-asrâr) dans l’Europe occidentale», *Archives d’Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 47 (1980) 1-69; Steven J. WILLIAMS «The Early Circulation of the Pseudo-Aristotelian *Secret of Secrets* in the West: the Papal and Imperial courts», *Micrologus*, 2 (1994) 127-144.

70. De lingua arabica libri duo (PEDRO DE ALCALÁ)

Ed.: Petri Hispani *De lingua arabica libri duo*, Pauli de Lagarde studio et sumptibus repetiti, Gotingae 1883 [reimpr. Zeller, Osnabrück 1971].

Esta obra é «a reimpressão do Vocabulista arabigo em lengua castelhana, Granada, 1505, escrito por Pedro de Alcalá, que nada tem a ver com Pedro Julião» (*Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, 1944, p. 382). Apesar disso a obra surge ainda por vezes em bibliografias de Pedro Hispano do século XIII. Por exemplo em U. CHEVALIER: *Répertoire des sources historiques du moyen âge. Bio-bibliographie*, Paris 1905-1907, vol. II, p. 3713 («Pierre d’Espagne»)

71. De partibus corporis humani, de coitu, de honesta et mala muliere (mestre PISPANI)

inscr. Tractatus magistri Pispani.

inc. Consideratio elementorum ab elementis habet ortum et ideo considerat qualitatibus

inc. cap. I Omnia animalia habentia pulmonem anhelant

des. (cap. Meretrix) probatio veritate deposito.

Ref.: Wickersheimer *Dictionnaire* p. 638, mss. 2; Glorieux *La faculté* nr. 352 (am).

Mss.: München, BSB, germ. 4214 [s. XV], ff. 1r-4v.

Obra intitulada e atribuída no ms.: «Tractatus magistri Pispani», mas incluída entre as obras de Pedro Hispano por Wickersheimer 1936, pp. 638-639 e depois acolhida no repertório de P. Glorieux.

72. Expositio libri De anima II-III (ANÓNIMO)

inc. (ex abrupto na explicação de II,1, 412a23) ... ergo anima est actus ut scientia. Et intelligendum quod dixit scientiam esse priorem natura ipsa consideratione in eodem

des. alia autem est eius operatio scilicet in ipso alimento discernere delectabile a tristabili et quo ad hanc eius operationem est necessarius propter bene esse solum.

expl. Explicit liber de anima.

Ref.: Alonso *Comentario* nr. 27; Díaz y Díaz *Index* 1398; Alonso *Scientia* nr. 23; Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 359 nr. 2.

Mss.: Madrid, BN, 3314, ff. 68r-89r.

Ed.: M. Alonso, *Pedro Hispano Obras Filosóficas* III, CSIC, Madrid 1952, pp. 120-401.

Texto anónimo no ms., que Alonso atribuiu a P.H. e nessa qualidade o editou, por se encontrar após a *Scientia libri de anima*. A autoria petrínica foi infirmada por A. SCHLÖGEL : *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre. Eine historisch-genetische Untersuchung*, Dissert., Roma 1965, retomado por J.M.C. Pontes: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*.

Ultimamente este texto tem sido atribuído a “pseudo-Petrus Hispanus”, o que é incorrecto pois o autor não se esconde sob o nome de Petrus; seria mais correcto designar a obra “anónimo de Madrid” ou com “anónimo de Alonso”.

A recente descoberta de um novo apógrafo, completo e em vias de estudo e edição, permitirá identificar definitivamente o autor deste comentário. Aparentemente é esta a obra que Rega Wood atribui a Ricardo Rufo da Cornualha em estudo em preparação sobre “o mais antigo comentário latino conhecido sobre o *De anima*” (cfr. *Bulletin de philosophie médiévale*, 43, 2001, p. 28).

73. Expositio in Isagogas Ioannitii (MAURO DE SALERNO)

inscr. (saec. XV) Expositio Petri Ispani in Isagogas Ioannitii

inc. Cum quelibet doctrinalis scientia humane utilitati deserviat

Ms. (1): Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 3r-40r.

Obra de Mauro de Salerno, atribuída a Pedro Hispano por mãos tardia neste manuscrito («Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori *dell'Articella*, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, pp. 126-127 [d.: I.d]; D. JACQUART, *Supplément*, p. 233).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p. 312 nrs. 6655-6666.

74. Expositio in libros Aforismorum Hyppocratis (MAURO DE SALERNO)

inscr. (saec. XV) Petri Hispani clarissimi medici expositio in libros affo(rismorum) Hyppocratis

inc. Cum omne corpus animatum vel inanimatum

Ms. (1): Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 74ra-105vb.

Obra de Mauro de Salerno, atribuída a Pedro Hispano por mão tardia neste manuscrito (cfr. «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori *dell'Articella*, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori *dell'Articella...*», em IDEM, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, pp. 125-126 [d.: IId]; D. JACQUART, *Supplément*, p. 233).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p.

75. Expositio in libros De pulsibus Philareti (ANÓNIMO)

inscr. (s. XV) Petri Hispani clarissimi medici expositio in libros Philareti de pulsibus

inc. Ut testatur Galienus in Tegni quatuor sunt membrorum interiorum cognitiones

Ms. (1): Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 57ra-62r.

Comentário anónimo, atribuído a Pedro Hispano por mão tardia neste manuscrito (cfr. P.O. KRISTELLER «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella...», em IDEM, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, p. 127 [e.: V.e]; D. JACQUART, *Supplément*, p. 233).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p. 312 nrs. 6655-6666.

76. Expositio in libros De urinis Theophili (BARTOLOMEU DE SALERNO, recensio II)

inscr. (saec. XV) Petri Hispani clarissimi medici expositio in libros Theophili de urinis

inc. Quadripartita est secundum Galienum membrorum non apparentium cognitio

Ms. (1): Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 63ra-73r).

Obra de Bartolomeu de Salerno, atribuída a Pedro Hispano por mão tardia neste manuscrito («Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, pp. 125-126 [c.: IVc2]; D. JACQUART, *Supplément*, p. 233).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p. 312 nrs. 6655-6666.

77. Expositio in Pronostica Hippocratis (ANÓNIMO)

inscr. (saec. XV) Expositio Petri Hispani medici clarissimi in Pronostica Hippocratis

inc. Inter omnia volumina Ypocrates librum pronosticorum edidit qui a nostris auctoribus

Ms. (1): Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 41ra-55va.

Comentário anónimo, atribuído a Pedro Hispano por mão tardia neste manuscrito (cfr. «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, p. 127 [e.: III.e]; D. JACQUART, *Supplément*, p. 233).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por G. DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p. 312 nrs. 6655-6666 e G. DELL'ANNA: *Dies critici: La teoria della ciclicità delle patologie nel XIV secolo*, Congedo Ed., Galatina 1999, vol. I, p. 37 n. 2.

78. Fallacie minores (ANÓNIMO)

inc. Syllogismorum alius est demonstrativus, alius dialecticus alius sophisticus sivi litigiosus
des. in eo, quod peccant contra definitionem syllogismi.

Mss. (nr. não determinado): Avignon, BM, 311 [s. XIV], ff. 53ra-62ra; Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1205 [s. XIII], ff. 15-seg.

Ed.: I.M. BOCHENSKI: *Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scripto Reg. Lat. 1205* edidit I.M.B. (O.P.), Torino 1947, pp. 65-91.

Em alguns mss. e edições do *Tractatus / Summulae logicales* substitui o genuíno e mais longo Tractus VII (também conhecido como *Tractatus maiorum fallaciaram*), como acontece no ms. Baltimore, EL (Johns Hopkins University), MSB 22 [s. XV, de origem alemã], que pertenceu Charles S. Peirce.

É um acrescento não anterior a 1280 (cfr. L.M. de Rijk *Peter of Spain, Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, First Critical Edition ..., Assen 1972, p. XCIV), que em outros mss., sobretudo italianos, também pode ser substituído pelo *De fallaciis*, ou *Fallaciae*, do pseudo Tomás de Aquino (*inc.* Quia logica est rationalis scientia).

79. Glose et questiones super Viaticum Constantini (ANÓNIMO)

(Ver secção 1 da Clavis: *Questiones super Viaticum Constantini*, versio III).

80. Glose super libris De febris Ysaac (ANÓNIMO)

inc. Secundum philosophum secundo de anima anima unitur corpori
des. inflammat febrilem effective et hec ad presens sufficient.
expl. Expliciunt notule super libris febrium.

Ref.: Glorieux *La faculté* nr. 352 (al).

Ms. (1): Erfurt, WAB, Amplon. 4° 212 [s. XIV], ff. 109r-164v.

Amplonius Ratinck, proprietário do códice, século XV, atribui a obra a Pedro Hispano com a anotação «Glose eiusdem super libris de febris Ysaac», que remetiam para a obra anterior que atribuíra assim: «Item glose et questiones optime Petri Hispani super libro Viatici Constantini» [cfr. secção I da Clavis: *Questiones super Viaticum Constantini*, versio III].

81. Glose super libro tegni Galeni (BARTOLOMEU DE SALERNO)

(Atribuídas a Pedro Hispano, certamente por isso de confusão com Pedro de Musanda, cfr. P.O. Kristeller, cit. abaixo).

inscr. alia manu Super tegni Petrus Hyspanus (ms. Erfurt)

inscr. (saec. XV) Petri Hispani celeberrimi medici expositio in librum microtegni Galieni (*ms. Paris*)

inc. Duplex est *animalium regnum* {animalium regimen (*ms. Leipzig*) || alicuius causa regitiva (*ms. Paris*)}, anima scilicet et natura

des. numeri huiusmodi tractatum

coloph. Hic finis glosarum {glosularum} in Tegni quas ad lectionem Bartholomei summi theorici in arte physica magister Petrus Hyspanus composuit.

Ms. (3): Erfurt, WAB, Amplon. 4° 294 [s. XIIIex.-XIVin.), ff. 1ra-98ra; Leipzig, UB, 1156 [s. XII-XIII], ff. 21-69v; Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 106ra-159v.

Trata-se de uma variante ou *reportatio* do comentário de Bartolomeu de Salerno, escrita por Pedro de Musanda (cfr. P.O. KRISTELLER «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella...», em IDEM, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Napoli 1986, pp. 102-103, 126 [c.: VIc1], 132-133).

Este comentário ainda é incluído entre as obras de P.H. por DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos*, p. 312 nrs. 6655-6666.

82. In arithmetica et geometriam Thomae Bravadini (PEDRO CIRUELO)

Obra de Pedro Sánchez Ciruelo, o Darocense (1470-1548): *Arithmetica speculativa Thomae Bravardini bene revisa et correcta*, várias Ed.: Parisiis 1495, 1502, 1508, 1511 (cfr. HISLAMPÁ, Lisboa 1993, p. 429). Ver também: *Thomae Bravardini Arithmetica speculativa ex libris Euclidis, Boethii et aliorum reuisa et correcta*, com edições em Parisiis 1496, 1503, 1505 (cfr. HISLAMPÁ, cit., p. 431) e *Thomae Bravardini Geometria speculativa recolligens omnes conclusiones geometricas...*, com diversas edições: Parisiis 1495, 1502, 1512 (cfr. HISLAMPÁ, cit., p. 431).

A *Bibliografia Geral Portuguesa* (vol. II, p. 384a) cita as três obras *In Arithmetica*, *In Perspectivam* e *In sphaeram Iohannis de Sacrobosco*, entre as atribuídas a Pedro Hispano, acrescentando: «Nicolau António incluiu estas três obras na bibliografia de Pedro Julião, *Bibliotheca Hispana Vetus*, t. II, simplesmente porque Pedro Ciruelo o tinha feito. É de notar que a Matemática foi a única ciência sobre a qual aquele autor nunca se manifestou.». Também Manuel Alonso julgou que N. António atribuíra estas obras a Pedro Hispano (cfr. *Scientia libri de anima*, ed., introd. notas Manuel Alonso Alonso, 2ª ed., Barcelona 1961, pp. XXIX-XXX, na n. 1 sob os números 12-14). Mas, de facto, estas são as únicas obras a incluir estes títulos entre as obras de Pedro Hispano. De facto, Nicolau Antonio (*Bibliotheca Hispana Vetus*, Romae 1696, pp. 52-53; 2ª ed.: Matriti 1787, t. II, p. 76, nnr. 162-163), citando Pedro Ciruelo, distingue o Petrus Hispanus autor das *Summulae*, de um Petrus Hispanus iunior ou

recentior: «Alterum nempe is PETRUM HISPANUM, praeter priorem hunc *Summularum* inventorem, cognitum habuit, quem iuniorem appellat, cum tempore, tum professione vitae diversum» e seguindo o testemunho de Pedro Ciruelo atribui-lhe: «I. *In spheram Ioannis de Sacro-bosco*. II. *In arithmetica & geometriam Thomae Bravadini*. III. *In perspectivam Cantuariensis*. IV. *In Aristotelis praedicamenta seu categorias, & posteriora analytica*».

De facto, como Angel d'Ors definitivamente esclareceu, Pedro Ciruelo no prefácio às suas *Summule Petri Hispani, nunc recenter correcte ac bone solidique logice documentis illustrate, septemque libellis distincte cum preclarissimo commenatrio*, Salmanticae 1537 (obra que tem o esclarecedor colofão: «Absolutam est hoc Petri Hispani recentioris *Summularum* Opusculum, in alma Salmanticensium Academia, anno a partu Virginis MDXXXVII, die XVII decembris»), usa de algum humor que Nicolau António não percebeu, dizendo que um Petrus Hispanus «recentior atque posterior», para recuperar o ensino da lógica para um nível de rigor como o do tempo do outro Pedro, decidiu corrigir esse opúsculo das Súmulas do seu predecessor, «hoc est quedam addere, nonnulla demere, atque alia in meliorem ordinem redigere et commutare», para as tornar mais fáceis ao uso nas escolas dos lógicos. Este Pedro tem méritos para o fazer: é Hispano, quase conterrâneo do outro Pedro, também douto em muitas disciplinas e em toda a filosofia, como o ilustram muitos dos seus livros: «ut *Spheram Iohannis de Sacrobustro, Arithmetica et geometriam Thome Bravadini, Perpectivam Cantuariensis et nonnullus alios*. Adhuc et duos libros difficillimos magne logice Aristotelis, *Predicamenta scilicet et Posteriora analítica*, suis comentariis effecerat caloir. Quare citra alterius Petri inuiriā, hoc *Summularum* opusculum suum dicere potuit in hoc titulo.» (cfr. Angel d'Ors: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254, cfr. pp. 234-239, onde se cita *in extensu* a introdução de Pedro Ciruelo ao comentário das *Summulae* na p. 237).

Nicolau Antonio (que cita a obra de onde extrai as informações pelo título: *Petri Hispani recentioris opusculum Summularum ad magnam logicam Aristotelis introductorium*) não percebeu que Pedro Ciruelo se referia a si mesmo como *Petrus Hispanus recentior* e, assim, criou mais um Pedro Hispano distinto daquele que escreveu as *Summulae* originais, o qual depois foi introduzido na discussão sobre a identidade do Petrus Hispanus identificado com o futuro papa João XXI.

Lista das obras de Pedro Ciruelo em *HISLAMP*, cit., pp. 428-431, com bibliografia na p. 113.

83. In perspectivam Canturiensis (PEDRO CIRUELO)

(Sobre a inclusão desta obra entre as de Pedro Hispano, ver acima sob o título: *In Arithmetica et Geometria Thomae Bravadini*).

Obra de Pedro Sánchez Ciruelo, o Darocense (1470-1548). Este título não consta na lista de obras do autor, o que mais dele se aproxima é: *Brevia duo compendia de quantitate continua alterum Geometria Euclidis et alterum Perspective Alazen, quasi praegustamenta istarum* (cfr. *HISLAMP*, cit. p. 429, sem mencionar qualquer edição).

84. In spheram Iohannis de Sacrobosco (PEDRO CIRUELO)

(Sobre a inclusão desta obra entre as de Pedro Hispano, ver acima sob o título: *In Arithmetica et Geometria Thomae Bravadini*).

Obra de Pedro Sánchez Ciruelo, o Darocense (1470-1548): *Commentarius in Spheram Ioannis de Sacro Busto cum Petro de Alliaco in eundem quaestionibus*, várias Ed.: Parisiis 1498, 1499, 1505, 1508, 1526 (Cfr. *HISLAMP*, p. 429), com adições em Compluti 1526: *Opusculum de Sphaera mundi Iohannis de Sacro Busto cum additionibus...* (cfr. *HISLAMP*, p. 431).

85. Notitia super librum de morte et vita (Adam de Buckfield)

inc. In precedentis libris subalternatis libro De anima determinat auctor de quibusdam

Ms. através do qual a obra é associada a P.H.: Madrid, BN, 3314 [s. XIII], ff. 110va-113ra (anónimo).

Ref. (com a correcta atribuição a Adão ou Adam de Buckfield): Lohr *Medieval Latin Aristotle* I Traditio 1967), p. 323, nr. 20; Glorieux *La faculté* p. 66, nr. (s); R. SHARP, R.: *A Handlist of the Latin Writers of the Great Britain and Ireland Before 1450*, Turnhout 1997; *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, fasc. I, Firenze 2000, p. 22, nr. 10.

Obra erradamente atribuída a Pedro Hispano pelos historiadores, seguindo M. Grabmann, que não pelo manuscrito onde se encontra.

Esta obra e as duas seguintes são de Adão de Buckfield (Bouchermfort ou Boccfeld), mas por se encontrarem anónimas num manuscrito que contém no seu início a *Scientia libri de Anima* (ff. 3-67), seguida desta anónima *Expositio libri de anima* (ff. 68ra-89rb), M. Grabmann, não conseguindo identificar o autor dos comentários sobre os *parva naturalia* e da *Expositio*, admitiu provisoriamente que pudessem ser de Pedro Hispano (cfr. M. Grabmann, *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen...*, p. 65). Esta atribuição hipotética foi adoptada como definitiva por T. y J. Carreras y Artau (*Historia de la filosofía espanhola*, vol.

I, p. 120) e pela *Bibliografia Geral Portuguesa*, II, p. 379 (esta, por duplo erro, indica o ms. Madrid, BN, 1877). Ainda referida como de Pedro Hispano por G. DÍAZ DÍAZ (*Hombres y documentos ...*, p. 311 nr. 6616).

A autoria de Adam de Buckfield foi restituída por M. Alonso, na introdução da edição da *Expositio libri De anima* (Pedro Hispano, *Obras Filosóficas* III, Madrid 1952, pp. 22-23), a única das obras que entravam na hipótese de Grabmann que Alonso manteve atribuída a Pedro Hispano, mas que hoje sabemos também pertencer a autor anglo-saxónico.

Sobre Adão e os seus comentários, cfr. as obras de referência citadas acima.

(ver as duas obras seguintes).

86. Notitia super librum de sensu et sensato (Adam de Buckfield, recensio I)

(Sobre a atribuição a Pedro Hispano, ver a obra anterior).

inc. Cum intentio physici secundum quod physicus sit determinare de anima secundum

Ms. através do qual a obra é associada a P.H.: Madrid, BN, 3314 [s. XIII], ff. 110ra-110vb (anónimo).

Ref. (com a correcta atribuição a Adão de Buckfeld): Lohr *Medieval Latin Aristotle I* (Traditio 1967), p. 320, nr. 13 (recensio I) ; Glorieux *La faculté* p. 65, nr. (I); *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, fasc. I, Firenze 2000, p. 22, nr. 11 (recensio I).

Diversos repertórios incluem ainda a obra entre as de Pedro Hispano, cfr.: Díaz y Díaz n. 1406 («traduntur in cod. Madrid BN 3314»). Glorieux *La faculté* p. 285 (d) só dá o título e a cota do ms Madrid 3314, acrescentando que o livro é mencionado na obra (i) de Pedro Hispano [= *Notulae super Johannicium* (Madrid, BN, 1877, ff. 24-46 e Paris, BN, lat. 6956)]; Bataillon na recensão da obra, em 1973, corrige esta informação dizendo que «d) n'est pas de Pierre d'Espagne mais d'Adam de Bocfeld» (p. 161). Ainda referido por G. DÍAZ DÍAZ: *Hombres y documentos ...*, p. 311 nr. 6615.

Obra erradamente atribuída a Pedro Hispano pelos historiadores, seguindo M. Grabmann, que não pelo manuscrito onde se encontra.

A autoria foi restituída a Adam de Buckfield por M. Alonso, na introdução da edição da *Expositio libri De anima* (Pedro Hispano, *Obras Filosóficas* III, Madrid 1952, pp. 22-23).

87. Notitia super librum de sompno et vigilia (Adam de Buckfield, Recensio I)

(Sobre a atribuição a Pedro Hispano, ver as obras anterior e ante-anterior).

inc. In precedenti libri determinavit auctor de quibusdam proprietatibus consequentibus

Ms. através do qual a obra é associada a P.H.: Madrid, BN, 3314 [s. XIII], ff. 113ra-117rb (anónimo).

Ref. (com a correcta atribuição a Adam de Buckfield): Lohr *Medieval Latin Aristotle I* Traditio 1967), p. 322, nr. 17 (recensio I); Glorieux *La faculté* p. 65, nr. (p); *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, fasc. I, Firenze 2000, p. 22, nr. 13 (recensio I).

Obra erradamente atribuída a Pedro Hispano pelos historiadores, seguindo M. Grabmann, que não pelo manuscrito onde se encontra.

A autoria de Adão de Buckfeld foi restituída por M. Alonso, na introdução da edição da *Expositio libri De anima* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III, Madrid 1952, pp. 22-23).

Ainda referido entre as obras de PH: por G. DÍAZ DÍAZ: *Hombres y documentos ...*, p. 311 nr. 6618.

88. Quaestiones de Metaphysica (João Buridano)

(Atribuição indevida. Obra de Iohannes Buridanus).

inc. Aristoteles in prohemio {principio} Metaphysice recommendat metaphysicam super omnes scientias

Mss.: Paris, BN, lat. 14716, ff. 117-193.

Ref.: Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 361 nr. 10 ("Doubtful").

As *Questiones de metaphysica* são assinaladas entre as obras "Doubtful" de Pedro Hispano por Charles Lohr (cit.), que é, aliás, o único autor a referir a obra, certamente com base em L. Delisle, *Inventaire des manuscrits de l'Abbaye de Saint-Victor conservés à la Bibliothèque impériale, sous les numéros 14232-15175 du fonds latin* (Durand et Pedone-Lauriel, Paris 1869, p. 43), que as dá a seguir ao Comentário de João Buridano sobre o *Tractatus* de Pedro Hispano (cfr. ff. 3ra-111va) como «Eiusdem questiones de metaphysica», mas o *eiusdem* refere-se a João Buridano e não a Pedro Hispano. Nestes fôlios o comentário contém de facto as *Questiones super librum Metaphysicae* de João Buridano.

A obra é correctamente atribuída a Buridano em: Lohr *Medieval Aristotle Commentaries* III, *Traditio* 1970, p. 166, nº 9 (onde este ms. não é mencionado); Glorieux *La faculté* p. 204, nr. (q2) (onde este ms. não é mencionado).

89. Questiones de Antidotario Nicolai (ANÓNIMO)

inc. Primo queritur de diffinitione digestionis, cum enim iste liber Antidotarius sit *des.* coartacio ideo exhibetur.

Mss. (1): Erfurt, WAB, Amplon. 4º 212 [s. XIV], ff. 165r-180v.

R. Stapper (*Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, (Kirchengeschichtliche Studien, IV/4), Münster i.W. 1898, p. 25, n. 7) inclui a obra entre as de Pedro Hispano, mas nem no

manuscrito, nem no respectivo catálogo (que aduz em nota), se lê qualquer elemento que justifique a atribuição. Note-se que as duas obras que se encontram nos ff. anteriores foram atribuídas a Pedro Hispano por Amplonius Rathink, antigo proprietário do códice, embora também sejam de facto anónimas.

90. Sententia cum quaestionibus in <Pseudo> Aristotelis physonomiam (Guilherme de Aragão)

Erro de atribuição, o comentário é de Guillelmus de Aragonia.

(é o comentário de Guilherme de Aragão, Hispanus, sobre o pseudo aristotélico *De physiognomia*).

inc. prol. Sicut dicit Philosophus primo theoricæ: Nobilitas est genti et civitati sui iuris

inc. qu. Quoniam autem et anime liber iste dividitur in duas partes

expl. vel ut breviter dicam semper hic ex aliquo casu oculos inaequales

coloph. Hec sunt dicta pergustationis gratia, qui vero in istis profundius considerare voluerit suam ad astrorum sceintiam transferat mentem. Explicit sententie magistri Petri Yspani super libro Phisonomie Aristotelis. Completa die secunda Ianuarij 1441. Papie.

Mss. que relacionam a obra com P.H. (1): Città del Vaticano, BAV, Urb. lat. 1392 [1441], ff. 46r-65v.

Ref.: Lohr *Medieval Latin Aristotle* p. 361 nr. 8.

Sobre o lugar desta atribuição na bibliografia sobre Pedro Hispano cfr. J.F. MEIRINHOS: «A atribuição a Petrus Yspanus das *Sententie super libro de physonomia* de Guillelmus Hispanus, no Manuscrito Vaticano, Urb. lat. 1392», em *Quodlibetaria. Miscellanea studiorum in honorem Prof. J.M. da Cruz Pontes anno iubilationis suae, Conimbrigae MXMXCV*, cura M.A.S. Carvalho, adiuv. J.F. Meirinhos, *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 329-359.

91. Tractatus exponibilium (ANÓNIMO)

De exponibilibus

inscr. P. Hispanus Summulae usque ad finem tractatus septimi sive Exponibilium (*ms. München*)

inc. Propositio exponibilis est propositio habens obscurum sensum expositione indigentem propter aliquod syncategoreuma in ea implicate vel explicite posite vel aliqua dictione, ut in hac: Tantum

des. Et sic dicuntur mentaliter complexa, quorum propositiones fiunt per compositionem. Et haec de exponibilibus dicta sufficiant.

Mss. (nr. não determinado), exemplos: Baltimore, EL (Johns Hopkins University), MSB 22 [s. XV, de origem alemã, pertenceu Charles S. Peirce] ff. 85r-90r; Basel, UB, F. III. 12 [1457], ff. 213r; München, BSB, lat. 12304 [s. XV], ff. - 219v (e comentário nos ff. 150rb-159rb).

Ed.: J.P.MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, (Publications in Mediaeval Studies, 8) The University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana) 1945 (reimpr.: 1960), pp. 104-128.

Há múltiplas edições antigas, onde estava geralmente como a última parte do chamado *Tractatus VII* ou *Parva logicalia* (que reunia os Tract. VI, VIII-XII e, por vezes, também os *Syncategoreumata*).

Trad. (ingl.): J.P.MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales*, cit. idem.

Obra de autor anónimo que passou a circular como o último dos capítulos sobre os *Parva logicalia*.

O comentário de Guillemus de Curis e outros, abrangem este tratado.

92. Tractato dei veleni (PEDRO DE ABANO)

É a tradução italiana do *Tractatus de venenis* de Pedro de Abano, obra dedicada a um pontífice, cujo nome é omitido (mas que poderá ser Bonifácio VIII, cfr. Paravicini-Bagliani citado abaixo).

Ms. que relacionam a obra com P.H. (1): Siena, Biblioteca Comumale L.VI.11 [s. XV], ff. 1r-51v.

Na lombada do manuscrito lê-se: «Piero | Spano | trattato | de' veleni e | Tesoro | de' poveri». A obra, que no texto mesmo está anónima, foi erradamente atribuída a Pedro Hispano por F. Zambrini (: *Volgarizzamento del trattato della cura degli occhi di Pietro Spano*, Bolonha 1873, pp. XXIII-XXIV, julgando o ms. do s. XIII). Contudo, A. Nannizzi (restitui a obra a Pietro d'Abano, notando que é dedicada a João XXII: «Il *Thesaurus Pauperum* di Pietro Spano nei codici della comunale di Siena», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 31 (1924) 107-120, pp. 118-119). A *Bibliografia Geral Portuguesa* (vol. II, pp. 383-384) já refere que a obra não é de Pedro Hispano, mas não dá qualquer indicação de biblioteca ou cota, limita-se a rejeitar a hipótese de autoria petrínica, juntamente com a do *Libellus editus a magister Pietro Ispano qui flores Thesauri nuncupatur* e o *Commentarium super Aristotelem in Libros IX distributum*, remetendo para Vitale, sem indicar que obra, e referindo ainda o *Catalogo dei testi a penna di lingua italiana che si conservano nella pubblica Biblioteca di Siena*).

Sobre Pedro de Abano e esta obra ver A. Paravicini Bagliani: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi nel duecento*, Spoleto, 1991, pp. 38-39.

Há várias edições da obra (a mais antiga parece ser Mantova 1472, mas há outras datadas de 1476, 1521, 1548), uma delas com outra obra de Petrus de Abano (Venezia 1476).

93. Tractatus de conceptione deiparae Virginis (ANÓNIMO? OU JOÃO SOBRINHO HISPANO?)

Erro de atribuição, certamente por confusão de nomes de autores.

Jorge Cardoso (*Agiolégio Lusitano*, vol. III, Lisboa 1666, p. 322 b) depois de citar numerosas fontes: «Se bem nenhum deles aponta o Trattado da Conceição, que allega Fr. Bartholomeo Guerrero, en sua Informacion, por la Limpia Concepcion fol. 12». Nicolau Antonio (*Bibliotheca Hispana Vetus*, t. II, Romae 1696, p. 51b, nr. 155; 2ª ed.: Matriti 1787, p. 75a) referindo as obras atribuídas ao papa João XXI, isto é as *Epistolae* e os *Sermones praedicabilis*, acrescenta: «Tractatum item De conceptione Deip. Virginis, quem unus Ioanni attribuire non dubitavit Bartholomaeus Gerrero Franciscanus (em nota g indica a fonte: *De controvers. immaculat. concept.* fol. 12)».

O título aparece entre as obras de Pedro Hispano na *Bibliografia Geral Portuguesa* (vol. II, p 374) que apenas acrescenta: «Actualmente não se conhece nenhum exemplar».

Em HISLAMPA (p. 394) é registada uma obra de “Iohannes Sobrinho Ocarm” com o título *Tractatus de conceptione deiparae*. Por isso, poderá ter havido confusão entre “Iohannes <Sobrinus> Hispanus” e “Iohannes <XXI papa> Hispanus”, daí advindo o erro de Bartolomeu e Cardoso.

94. Tractatus syncategorematum (ANÓNIMO)

Obra inserida em duas edições, em 1489 e 1496, das obras lógicas de Pedro Hispano pelos tomistas de Colónia e de um modo equívoco que leva a considerá-lo também autor deste tratado sobre os sincategoremas, de autor ou autores anónimos.

Mss.: não são conhecidos.

Ed.:

— *Copulata omnium tractatum Petri hispani etiam sincathegreumatum et parvorum logicalium cum textu secundum doctrinam divi Thome Aquinatis iuxta processum magistrorum Coloniae in bursa Montis regentium*, Coloniae, Henricus Quentell, 1489. (ref.: Hain: 8702; J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, Notre Dame (Indiana) 1945, p. 140, nr. 58).

— *Copulata commentaria textut [!] omnium tractatuum Petri hyspani etiam parvorum logicalium et trium modernorum perquam solert inserta. Iterum atque iterum emendata et diligentissime correcta secundum irrefragabilem et fundatissimam doctrinam divi Thome Aquinatis peripateticorum interpretis veracissimi. Ac iuxta frequens exercitium magistrorum Coloniensis gymnasii in Bursa Montis regentium qui tanti doctoris sancti sectatores existunt sincerissimi propagatoresque fidelissime*, Coloniae, Henricus Quentell, 1496. (ref.: Hain: 8706; J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, cit., p. 141, nr. 65).

— [verificar as outra ed. da Bursa Montis de Colónia, em J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, cit., pp. 139-143, em especial os nrs. 59, 60, 62, 63, 66, 67, 69, 70, etc.].

Referido em N. KRETZMANN et al.: *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the desintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, p. 878: «Pseudo Petrus», cfr. também a importante n. 48 da p. 223.

6. Obras não existentes

95. Canones medicinae

Os bibliógrafos antigos, a partir de J. Tritémio (*De scriptoribus ecclesiasticis*, Basileae 1494, f. CVIIr) incluem o título «Canones Medicinae lib. I» entre as obras de P.H., sem ser mencionado qualquer manuscrito ou edição.

Tudo indica que se poderá tratar de uma confusão com o *Thesaurus pauperum*.

96. De universalibus

Parece tratar-se de uma citação errada dos *Syncategoreumata*. Referido por Gonzalo DÍAZ DÍAZ: *Hombres y documentos ...*, p. 311 «6601. *De universalibus* Ms. (En el Archivo Archidiocesano de Tarragona, en las bibliotecas capitulares de Toledo, Córdoba y Sevilla, en el Museo Episcopal de Vich)» e nos números 6602-6607 refere 6 Ed.: Barcelona 1484, Colonia 1480, 1489, 1490, Venecia 1488, Leipzig 1499.

97. Tractatus theologicus

Trata-se de de uma designação dos comentários a Dionísio pseudo areopagita, por G. DÍAZ DÍAZ, *Hombres y documentos...*, t. VI, p. 310 nr. 6564.

98. Parva naturalia

Referido por DÍAZ DÍAZ, Gonzalo: *Hombres y documentos ...*, p. 311 nr. 6614, remetendo para o ms. Madrid, BN, 3314, que na segunda parte contém comentários sobre os *Parva naturalia*, mas de outros autores (entre outras obras, cfr. os três títulos anteriores).

99. Scripta magistri Petri Juliani Yspani

Parece indicar um conjunto de obras. Sob este título *Scripta magistri Petri Juliani Yspani* lê-se na *Bibliografia Geral Portuguesa*: «Miscelânea de manuscritos que Johannes de Florença, médico de Clemente VI, tinha na sua biblioteca. Depois do seu falecimento, cêrca de 1348, foi incorporada na do Sumo Pontífice» (vol. II, Lisboa 1944, p. 377). Sobre esta obra ou manuscrito não é dada qualquer outra informação, mas nas pp. 362-363 da mesma *Bibliografia* diz-se que pertenceu a «Johannes de Florença» o manuscrito «B. do Vaticano, misc.» que continha o *De diaetis universalibus* (ff. 238-244v), o *De diaetis particularibus* (ff. 206-238) e o *De urinis* (ff. 244-247). Ora, este tipo de cota não existe na Biblioteca Vaticana, e é nestes fólhos que as mesmas obras estão no manuscrito 1877 da BN de Madrid, manuscrito que a propósito de outras obras é citado nas pp. 376-378 com a cota «B.N. de Madride, misc.». Por outro lado, interessaria determinar qual é de facto o ms. que pertenceu ao médico de Clemente VI (Avinhão, 1342-1352) e que conteria obras de Pedro Hispano. Também não foi possível identificar a fonte da *Bibliografia Geral Portuguesa*.

100. Summa medicinae

Silvia Cantelli («Bibliografia della letteratura mediolatina», em Guillelmo Cavallo,— C. Leonardi — E. Menestò (dir.): *Lo spazio letterario del medioevo*, 1. *Il medioevo latino*, vol. V: *Cronologia e bibliografia della letteratura mediolatina*, Roma 1998, p. 677) considerou que se tratava de uma obra o que no título de um estudo de H. Schipperges («Eine noch nicht veröffentlichte "Summa Medicinae" des Petrus Hispanus in der Biblioteca Nacional zu Madrid», *Südoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Natur Wissenschaften*, 51, 1967, 187-189) se propusera como designação para o conjunto de comentários médicos incluídos no manuscrito Madrid, BN, 1877. Mas, o título, de facto, não corresponde a qualquer obra.

101. Tratado de Astrologia

Erro de atribuição, confundindo João XXI com João XXII ?

Obra vagamente indicada como de Pedro Hispano / João XXI por Simon de Pharès:

A *Bibliografia Geral Portuguesa*, II, p 384-85, sugere uma explicação para o erro de atribuição: «Também Simon de Phares, seguindo Girard e Blaneto, afirmou ter êle escrito um tratado de Astrologia (E. WICKERSHEIMER, *Recueil de Célèbres Astrologues et quelques Hommes doctes faict par Simon de Phares du temps de Charles VIII*, p. 20). Brunet traz a notícia desta obra em nome de Jean XXII, sob o título L'elixir des Philosophes, autrement l'art transmutatoire des metaux, translaté du latin — Lyon, chez Macé-Bonhomme, 1557-1558. Foi reimpresso em Mons em 1778, in 4º, juntamente com a Arte transmutatória. Acrescenta que só viu citado êste livro nos Catalogues des Foires de Francfort (*Dict. Supl.* vol. I, p. 694).»

A atribuição poderá, assim, resultar de alguma confusão com uma obra por alguns autores atribuída a João XXII.

II.

Há um *corpus* petrínico ?

A inventariação dos manuscritos com obras atribuídas a Pedro Hispano e a análise da literatura secundária sobre essas obras e o autor (identificado com o papa João XXI), permitiram elaborar um elenco de 100 títulos que lhe estão associados de modo desigual. Algumas das atribuições são absolutamente infundadas ou não correspondem a qualquer obra existente e por isso podem ser eliminadas (secções 5 e 6 da Clavis). Outros títulos mencionados na literatura secundária não foram identificados em qualquer manuscrito ou edição (secção 4), ou não é possível saber se são de facto aí atribuídas a Pedro Hispano (secção 3). Resta um considerável grupo de obras de facto atribuídas a “Petrus Hispanus” (secção 1), e outras desconhecidas mas auto-citadas nessas obras (secção 2). Ao todo são 56 títulos, que pelas informações que apresentam nos manuscritos onde estão atribuídas, ou pela literatura secundária, não podem ser atribuídas a um autor que não se chame “Petrus Hispanus”.

O modo de atribuição das obras, apesar de ter sido tradicionalmente interpretando como indicando apenas um único autor, não é incompatível com a possibilidade de se tratar de facto de vários “Petri Hispani” diferentes. Por isso não é possível fugir à questão: podem estas obras ser atribuídas a um mesmo autor? Constituem um *corpus* escrito homogéneo? A resposta tradicional às duas questões tem sido “sim”. Mas, as disparidades temáticas, de difusão e de conteúdo que têm sido relevadas, apontariam no sentido da dissociação de autores, que seria depois necessário identificar. Aqui, uma solução mais imediatista consistiria em distribuir as diferentes obras por diferentes autores consoante a sua área temática, o que seria um erro crasso por ignorar a característica enciclopédica de alguns autores medievais, e os interesses de facto vastos da generalidade dos autores de primeiro plano.

Não é a diversidade temática das obras atribuídas a Pedro Hispano que nos deve espantar, embora hoje pareça digno de admiração que um mesmo autor se tenha debruçado com proficiência sobre campos tão especializados como a lógica, a filosofia natural (psicologia, zoologia, alquimia, astrologia), a teologia (mística e apologética pastoral), a medicina (teórica e prática). De facto, e mesmo não tendo em conta as enciclopédias propriamente ditas, são numerosos os autores medievais de primeiro plano que se exercitaram nesses campos e afins e com notável produção, desde Rogério Bacon (c. 1214-1292/4)²⁷⁶ a Alberto Magno (c. 1200-1280)²⁷⁷, ou de Raimundo Lúlio (c. 1232-1315/6)²⁷⁸ a Arnaldo de Vilanova (c. 1240-1311)²⁷⁹, apenas para dar exemplos de autores coetâneos com obras vastas, aos quais a tradição associou também um extenso *corpus* apócrifo. Há apenas uma importante diferença a assinalar: qualquer destes autores teve uma longa carreira académica, enquanto que a vida académica de Pedro Hispano, segundo as reconstituições biográficas mais documentadas, foi relativamente curta e teria terminado em 1250. Os mais de 755 manuscritos (de facto 798 entradas no inventário, mas algumas podem não corresponder a manuscritos existentes) que conservam as obras atribuídas a Pedro Hispano são, por isso, um entusiasmante manancial de informação, que se transforma em perplexidade se quisermos explicar a sua produção dentro da vida conhecida do Pedro Hispano do século XIII a quem as obras são tradicionalmente atribuídas²⁸⁰. A *clavis* acabada de propor permitiu já crivar muitas das atribuições manuscritas ou aduzidas na bibliografia secundária e mesmo comparar os manuscritos e verificar a existência de várias versões de algumas obras.

²⁷⁶ Cfr., por exemplo, J. HACKETT (ed.): *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*, Leiden 1997, que abrange estudos sobre a classificação das ciências, a gramática, a lógica, a retórica e a poética, as matemáticas, a astronomia-astrologia, a geografia e a cartografia, a música, a luz e a visão, a *scientia experimentalis*, a alquimia, a ciência moral, a que haveria ainda a acrescentar a teologia e a filosofia natural.

²⁷⁷ Cfr. J.A. WEISHEPL: *Albertus Magnus and the Sciences: Commemorative Essays 1980*, Toronto 1980, com estudos sobre a concepção de *scientia*, as ciências naturais (diversos estudos ao longo do volume), a física, a astronomia e a astrologia, a alquimia, a mineralogia, a tecnologia química, a psicologia, a fisiologia, a botânica, a medicina, a embriologia, a falcoaria, a matemática, a geometria. A estas haveria ainda a acrescentar as ciências de outros domínios do saber, como a ética, a política e a teologia.

²⁷⁸ Cfr. T. CARRERAS Y ARTAU — J. CARRERAS Y ARTAU: *Historia de la Filosofía Española*, vol. I *Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Madrid 1939, pp. 233-640, com um elenco das obras ainda útil, mas a rever.

²⁷⁹ Cfr. J.A. PANIAGUA: *Estudios y notas sobre Arnau de Villanova*, Madrid 1963; IDEM: *El maestro Arnaldo de Vilanova médico*, Valencia 1969, completando e corrigindo com a entrada sobre Arnaldo no *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, cur. C. LEONARDI—M. LAPIDGE, Firenze 2001, fasc. 4. Arnaldo tem uma obra extensa como médico e teólogo, mas não tão diversificada como as dos outros autores citados.

²⁸⁰ Ver o que sobre o assunto se encontra no estudo aqui parcialmente retomado, J.F. MEIRINHOS: «Pedro Hispano e as *Summulae logicales*», em *História do Pensamento Português*, vol. 1, dir. Pedro Calafate, Lisboa 1999, sobretudo a parte III «Obras atribuídas a Pedro Hispano», pp. 362-376.

Os manuscritos atestam que a generalidade destas obras incluídas nas primeiras secções da *Clavis* foram compostas por algum “Petrus Hispanus”, mas falta determinar se se trata de um só autor, ou de vários personagens, de épocas mais ou menos próximas e com o mesmo nome. O certo é que não temos elementos que permitam seriá-las numa cronologia e, na maior parte dos casos, é absolutamente conjectural a determinação dos respectivos contextos académicos de composição, para além de não haver para nenhuma delas pistas que permitam localizá-las no percurso biográfico do futuro papa ou de algum distinto Pedro Hispano. Resta-nos, por isso, tentar uma aproximação temática que permita constatar a deslocação de posições ou as razões para a deriva entre disciplinas.

Contudo, há um problema metodológico para o qual não possuímos uma solução previamente dada: obras com posições diferentes terão que pertencer a autores diferentes? De facto, a evolução entre posições (por vezes opostas) é uma constante da história do pensamento que torna sedutor e árduo o estudo do pensamento de grandes autores. Alguns filósofos, raros até ao advento da modernidade, vão dando conta da sua própria progressão, e tendem a fazê-lo apenas quando ela se integra num plano de realização demorada mas antevista quase desde o seu início²⁸¹. Normalmente não temos este anúncio que permite seguir as próprias linhas de força de pensamento em desenvolvimento ao longo do tempo, daí que a hermenêutica tenha recorrido aos mais variados instrumentos explicativos para compreender aquilo que não se oferece como evidente, mas que se confunde com a história pessoal do pensamento de um autor e cuja genealogia não pode deixar de ser restabelecida se queremos restituir a sua razão interna e penetrar no sentido e compreensão do texto como outro que nos coloca perante a irrepetibilidade das perguntas e respostas que enformam o pensamento filosófico.

A que poderemos recorrer quando estamos, como é o caso, perante textos sobre os quais nos falta todo o tipo de informações históricas a propósito da sua origem e composição?

As referências internas dos textos têm a primazia, porque funcionam como verdadeiros espias colocados pelo próprio autor. A identificação das fontes, sobretudo aquelas que são seguidas como autoridade ou as que são criticadas, podem denunciar linhas de continuidade literária e intelectual no pensamento de um autor. Particularmente importantes são as auto-citações ou as referências faça para outras obras suas.

A reconstrução genético-crítica do pensamento de Pedro Hispano poderia ser também metodologia uma útil, contudo pressupõe que se conheça qual é o ponto de partida do autor e qual é o seu ponto de chegada, tendendo o método a comprovar estas duas balizas, mas não

²⁸¹ Esse é o caso do projecto de uma filosofia transcendental desenvolvido por Kant, que englobava uma crítica da razão pura teórica, uma crítica da razão pura prática e uma crítica da faculdade de julgar.

serve para as questionarmos. Acresce que no caso de Pedro Hispano não temos qualquer certeza quanto às obras, embora por tradição se julgue que as primeiras a ser escritas foram as obras de lógicas, depois as obras psico-filosóficas, depois os textos místicos, seguidamente os comentários de medicina e depois os receituários, ficando ainda de fora desta hipotética sequência os sermonários e as obras de alquimia.

*

Neste capítulo procurar-se-á evidenciar os elementos internos e externos que permitem associar os dissociar as diferentes obras inseridas na *Clavis* anterior. Como não faria qualquer sentido repetir uma abordagem pela ordem alfabética dos títulos e por não possuímos marcos que nos orientassem desde já numa abordagem cronológica, restava agrupar as obras segundo a sua afinidade disciplinar e de conteúdo, segundo os padrão disciplinar medieval. É esta opção que justifica que aqui se apresentem as ciências na ordem lógica, filosofia, alquimia, teologia, medicina. Seguindo a ordem de progressão das faculdades, primeiro as artes e depois as ciências maiores: teologia e medicina. De modo algum se pretende antecipar já que esta seja a ordem de produção das obras, nem se pretende encontrar um modelo biográfico ou filosófico onde se encaixe esta progressão.

1. Lógica

Há duas obras de lógica que podem ser atribuídas com segurança a um Petrus Hispanus do século XIII: os *Tractatus* também conhecidos como *Summulae logicales* e os *Syncategoreumata*. Outros opúsculos circularam sob o seu nome, mas são efectivamente posteriores, como é o caso de um *Tractatus exponibilium*, colocado habitualmente no final do *Tractatus*, e de umas *Fallacie minores*, breve tratado que por vezes substitui a parte correspondente, genuína, do *Tractatus*. Há ainda dois outros textos de lógica que, por razões diferentes, podemos associar ao nome de Pedro Hispano: umas *Summule antiquorum* e o *Opus puerorum*, apenas conhecido em um manuscrito com obras de Rogério Bacon. Se tivermos em atenção os indícios fornecidos pelos manuscritos não é menos delicada a datação destas obras e mesmo a identificação do Petrus Hispanus que as escreveu. Desta forma, o que se apresentava como uma banal e pacífica questão em torno de dois títulos famosos acaba por envolver mais quatro opúsculos²⁸² e algumas questões de carácter histórico.

O *Tractatus*, o *Tractatus maiorum fallaciarum* e as *Summule antiquorum*

O *Tractatus* (Clavis, nº 43) é certamente o mais difundido e comentado dos manuais de lógica de toda a Idade Média, senão mesmo de toda a história do pensamento, no entanto tudo o que sabemos sobre a data de sua composição ou mesmo sobre o seu autor é conjectural e colhido de modo indirecto, apesar da taxativa atribuição a Petrus Hispanus, que nada autoriza a colocar em dúvida. Ao longo dos séculos a atribuição da obra oscilou entre hipóteses divergentes, cada uma das quais nunca deixou de ter os seus partidários, para uns ele era o Pedro Hispano português e futuro papa João XXI, para outros era um Pedro Hispano dominicano de Castela ou Navarra, outros fizeram dele mero tradutor de uma obra grega.

²⁸² Pela razão já explicadas vol. I, pp. 32-33, deixa-se aqui de fora a *Summa "Absoluta cuiuslibet"* sobre a sintaxe atribuída a um Petrus Hispanus, grammaticus, do final do século XII e início do século XIII, que está publicada em C.H. KNEEPKENS: *Het "Iudicium Constructionis". Het Leerstuk van de constructio in de 2de Helft van de 12de Eeuw. Een Verkennende en Inleide Studie gevold door kritische uitgaven van Robertus van Parijs, Summa 'Breve sit' en Robert Blund, Summa in arte grammatica en door een werkuitgave van Petrus Hispanus (non-papa), Summa 'Absoluta cuiuslibet', 4 vol., Ingenium Publisher, Nijmegen 1987 (Dissert. Leiden 1987), vol. IV. Mas, se se admitir que os *Tractatus* e os *Syncategoreumata* foram escritos por volta de 1230, como defendeu o seu editor (embora tudo aponte para que sejam posteriores), então não é de excluir liminarmente uma investigação que indague a possibilidade de se tratar de um mesmo autor. Diga-se que esta hipótese é descartada e considerada simplesmente ociosa por C.H. KNEEPKENS: «The *Absoluta cuiuslibet* Attributed to P.H. Some Notes on its Transmission and the Use Made of it by Robert Kilwardby and Roger Bacon», em I. ANGELELLI — P. PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 373-403, cfr. pp 376-377.*

Obviamente a provável data de composição varia consoante uma ou outra hipótese. Também faltam as certezas quanto à data de composição da obra e, apesar da maior massa de informações hoje disponíveis, não estamos mais perto de uma solução definitiva para estas questões.

Em 1972 foi publicada a primeira edição crítica do *Tractatus* de Pedro Hispano, que se tornou o texto standard e que nos anos seguintes seria integral ou parcialmente traduzido pelo menos para inglês, castelhano e italiano²⁸³. Esta edição, realizada por Lambert Maria de Rijk, erudito historiador da lógica e filosofia medievais holandês²⁸⁴, foi antecedida por profundo e exaustivo trabalho de colação e estudo de muitas dezenas de manuscritos e daqueles que o autor considerou serem os mais antigos comentários, que revelou o quão complexa e contaminada foi a sua transmissão. De facto, ao longo de seis artigos²⁸⁵, de Rijk havia previamente lançado as bases da edição, com o estudo da primeira difusão da obra, clarificando assim uma interminável série de imprecisões e equívocos em que esta obra e o seu autor estavam envoltos. Os resultados mais importantes desta investigação viriam a ser reunidos na longa introdução da edição crítica do *Tractatus* (pp. IX-CXXIX). Apesar de recentes críticas a alguns argumentos de ordem histórico-biográfica é ainda aí que se encontram as mais consistentes informações sobre a história do texto, sua data e local de composição, fontes, contexto de primeira difusão, título e ordem dos tratados, etc. Um interessante resultado desta investigação foi a restituição do título com que primeiro teria circulado, precisamente *Tractatus* e não *Summulae logicales*. Segundo uma observação de Hezekiah bar Halafata, glosador provençal em hebraico na terceira década do século XIV, que

²⁸³ *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*. First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction by L.M. de Rijk, Assen 1972; doravante esta obra será citada por esta edição do seguinte modo: Pedro Hispano: *Tractatus* I, 1, ed. de Rijk, p. 1. Esta edição supera todas as precedentes, nomeadamente as outras duas realizadas neste século: J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, Notre Dame 1945 (reimpr.: 1960) e I.M. BOCHENSKI: *Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scripto Reg. Lat. 1205*, Torino 1947. Estas edições e as traduções referidas estão assinaladas e brevemente descritas na bibliografia final.

²⁸⁴ Lambert Marie de Rijk é autor de uma notável série de estudos e edições de textos que trouxeram nova luz sobre os desenvolvimentos da lógica durante a Idade Média, destacando-se aí a monumental *Logica modernorum* (3 vol., Van Gorcum, Assen 1967-1972) onde se editam e são estudadas ignoradas obras lógicas dos séculos XII-XIII que estão na origem da lógica dos termos; para além de numerosos estudos são também de relevo as edições críticas da *Dialectica* de Pedro Abelardo (Van Gorcum, Assen 1956), e a *Dialectica* de Garlando Compotista (Van Gorcum, Assen 1959), para além de outras notáveis edições de filósofos e lógicos dos séculos XII-XV, entres as mais recentes assinalem-se, por exemplo, Giraldu Odonis: *Logica*, critical edition from the manuscripts by L.-M. de Rijk, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 60) E.J. Brill, Leiden 1997; Johannes Venator Anglicus, *Logica*, 2 vol., ed. by L. M. de Rijk, (Grammatica speculativa, 6, 1-2) Frommann-Holzboog, Stuttgart 1999; veja-se também a sua *La philosophie au Moyen Âge*, Trad. Pierre Swiggers, Leiden 1985, bem como o volume de recolha de estudos *Through language to reality: studies in Medieval Semantics and Metaphysics*, Northampton 1989.

²⁸⁵ Cfr. Vol. I, p. 52, n. 6.

cito na tradução inglesa de Charles Manekin, aquele título revela a própria natureza da obra: «It is called *Traktat* in their language, by which is meant “taken out and brought in from another place”»²⁸⁶. Carácter compósito que foi também realçado por diversos comentadores latinos, nomeadamente pelo autor anónimo da glossa *Cum a facilioribus* de que Hezekiah depende, ou por Guilherme de Curis, nas palavras de abertura do seu comentário: «Iste est primus tractatus magistri Petri Hispani, in quo ipse compendiose determinat de hiis, que in libris loyce Aristotelis, Porphirii, Boecii prolixè tractantur»²⁸⁷.

A obra divide-se em 12 *Tractatus* que compendiam os temas da lógica dos antigos ou *logica antiquorum* e da nova lógica ou *logica modernorum*, com pendor para um modelo depurado de implicações doutrinárias, esquemático e de fácil assimilação mnemónica²⁸⁸.

Os tratados I-V e VII contêm o essencial da lógica das proposições de tradição aristotélico-boeciana²⁸⁹, isto é, a *logica vetus* e a *logica nova*, de acordo com as designações com que eram conhecidas as obras lógicas de Aristóteles, devido à percepção que os próprios medievais tinham da sua ordem de entrada nas escolas latinas.

— I: *De introductionibus*, sobre os conceitos introdutórios da dialéctica enquanto arte da disputa, de acordo com o *De interpretatione* de Aristóteles mediado por Boécio, em especial as proposições categóricas;

— II: *De predicabilibus*, sobre os predicáveis ou universais, a partir da *Isagoge* de Porfírio: «o predicável é o que é naturalmente apto a ser dito de (*dici de*) muitos; o universal é o que é naturalmente apto a ser em (*esse in*) muitos. O predicável ou universal divide-se em: género, diferença, espécie, próprio e acidente» (*Tr.* II 1). Cada um dos cinco predicáveis é exposto separadamente, com as diferenças e semelhanças relativamente a cada um dos outros;

— III: *De predicamentis*, exposição das dez categorias aristotélicas e suas propriedades ou aspectos gerais: substância (*substantia*), quantidade (*quantitas*), relação (*ad aliquid, relatio*), qualidade (*qualitas*), acção (*actio*), paixão (*passio*), antes (*prius*), idêntico (*simul*), movimento (*motus*), ter (*habere*). Pedro Hispano retoma sobretudo comentário das *Categorias* de Boécio

²⁸⁶ C.H. MANEKIN: «Scholastic Logic and the Jews», *Bulletin de philosophie médiévale*, 41 (1999) 123-147, p. 126.

²⁸⁷ Sobre os 5 manuscritos deste comentário, cfr. vol. I, sub indicem, p. 437.

²⁸⁸ Para uma apresentação do conteúdo de cada um destes tratados, remete-se para J.F. MEIRINHOS: «Pedro Hispano e as *Summulae logicales*», em P. CALAFATE (org.), *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Ed. Caminho, Lisboa 1999, pp. 331-376 (versão corrigida, sob o título «Pedro Hispano e a lógica», Círculo de Leitores, Lisboa 2002, no prelo).

²⁸⁹ O *apparatus fontium* da edição crítica do *Tractatus* apenas identifica as fontes citadas explicitamente, faltando referências a outras fontes que o autor usa e modifica. Na introdução (op. cit., pp. LXXXVIII-XCV) L.M. de Rijk apresenta um panorama das fontes usadas ou reelaboradas por Pedro Hispano, corrigindo algumas das análises de J. Mullaly a propósito dos tratados I-VI (Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. cit., pp. XXI-XXXVIII). A principal conclusão de de Rijk é que Pedro não utiliza directamente os textos de Aristóteles, Porfírio ou Boécio, bebendo indirectamente as respectivas teorias, sobretudo em textos lógico-gramaticais do século XII e início do século XIII.

(*In categorias Aristotelis libri quatuor*). A inclusão de um capítulo sobre as categorias é uma das características do *Tractatus*, pois não se encontra em outras obras similares;

— IV: *De sillogismis*, sobre o silogismo, que «é uma oração na qual, afirmadas certas coisas, é necessário que outra decorra das que foram afirmadas» (*Tr.* IV, 2), em especial o silogismo categórico, apenas os 19 modos das três primeiras figuras e os modos e suas figuras. O tratado inclui a famosa mnemónica “Barbara, Celarent, Darii, Ferio, Baralippton...”, com quatro versos compostos de palavras artificiais para ilustrar os dezanove modos das três figuras do silogismo, servindo as vogais A, E, I, O para indicar o género das proposições e as consoantes B, C, D e F indicam como reduzir os modos ilegítimos do silogismo categórico aos quatro modos legítimos, ou seja aqueles que a conclusão decorre das premissas. A fonte principal, embora indirectamente, é o *De syllogismis categoricis* II de Boécio, sobre a doutrina do silogismo categórico dos *Analíticos primeiros* de Aristóteles;

— V: *De locis*, sobre os quatro modos da argumentação (silogismo, indução, entimema, exemplo) e os seus “tópoi” ou “lugares”, ou seja uma regra que permite garantir a validade de certas conclusões de acordo com os termos que estão presentes nas premissas do argumento; são apresentadas diversas regras, mostrando-se particular interesse pelos entimemas, silogismos incompletos aos quais falta uma proposição e de onde se infere uma conclusão de modo apressado, que é necessário restituir através de um “lugar” e das suas máximas;

— VII: *De fallaciis*, sobre as falácias, tratado que, tal como o anterior, se reveste de particular interesse para a arte da disputa, e nessa, pelo seu fim, a disputa sofística merece maior destaque, daí a exposição dos correspondentes 13 tipos de falácias, ou raciocínios que contêm um vício de forma que leva a um engano ou erro na proposição.

Entre os tratados VI e VIII-XII distribuem-se as matérias da nova lógica, a *logica modernorum*, sobre as propriedades de significação e referência dos termos categoremáticos:

— VI: *De suppositionibus*, sobre a suposição, propriedade dos termos que é definida por contraponto com a significação: «a suposição é a acepção do termo substantivo no lugar de algo. De facto, a suposição e a significação são diferentes, porque a significação é a imposição de um signo verbal à coisa significanda, a suposição é a acepção do próprio termo que já significa, por alguma coisa própria mente dita» (*Tr.* VI, 1); o tratado propõe uma classificação dos diferentes tipos de suposição. A lógica das propriedades dos termos articula-se, pois, em torno da *suppositio*, uma propriedade intraproposicional do termo. Mas, Pedro também admite, ao contrário da generalidade dos autores de *summae*, uma suposição ou referência extra-proposicional e omnitemporal do termo (*suppositio naturalis*).

A suposição organiza e determina as restantes propriedades dos termos, explicadas em breves tratados, onde se dão regras e discutem sofismas, o que revela um pouco do contexto de utilização da nova lógica:

— VIII: *De relativis*, relativos em sentido gramatical (e não no sentido categorial), ou seja em que um termo indica algo anteposto, como em “Sócrates, *que* discute, corre” o relativo *que* refere ou está por *Sócrates*;

— IX: *De ampliacionibus*, a ampliação, tal como a restrição, são uma subdivisão da suposição pessoal (que é a acepção de um termo comum por um dos seus submúltiplos). A ampliação é a extensão do termo comum de uma suposição menor para uma maior, como em “O homem podem ser Anticristo”, o termo “homem” está não só por aqueles que existem, mas também por aqueles que virão a existir;

— X: *De appellationibus*, apelação ou acepção de um termo comum por uma coisa existente. Por exemplo, “Anticristo” *significa* o “Anticristo” mas *não apela* ou está por qualquer ser existente;

— XI: *De restrictionibus*, restrição ou constrição de um termo comum de uma suposição maior para uma menor, como na proposição “homem branco”, o termo “branco” restringe a suposição do termo “homem”;

— XII: *De distributionibus*, distribuição ou «multiplicação de um termo comum através de um signo universal», como “todo” que na expressão “todo o homem” distribui ou multiplica o termo comum “homem”, e que dá oportunidade para a discussão de diversos sofismas.

A principal fonte da lógica das propriedades dos termos parecem ser umas *Summulae antiquorum* (Clavis, nº 59), com as quais tem extensas partes comuns, de que se falará mais abaixo.

A ordem dos 12 tratados²⁹⁰ tem alguma importância doutrinal porque permite reconstituir um pouco da génese do *corpus* textual da lógica medieval e mesmo das teorias das propriedades dos termos. De facto, esta ordenação varia consoante as famílias de manuscritos, o que não deixa de ter um certo sentido. De Rijk estudou este aspecto de modo a restituir a ordenação original, detectando algumas divergências entre os manuscritos mais antigos e as tradições mais tardias, nomeadamente nos tratados sobre as *proprietates terminorum* que nestas estão agrupados como um único tratado VII, enquanto nas versões mais antigas o tratado sobre a *suppositio* (Tr. VI) é colocado antes do tratado sobre as falácias (Tr. VII), a que se seguem os restantes tratados sobre as propriedades dos termos (Tr. VIII-

²⁹⁰ Por essa razão Dante fala de “dodice libelli” quando coloca o seu autor no paraíso, cfr. atrás, I, cap. 1, § 2.

XII), facto que parece revelar que as teorias sobre as propriedades dos termos emergem e se integram na lógica em torno de uma discussão sobre as falácias de Arsitóteles²⁹¹.

O *Tractatus* é a mais bem sucedida das sùmulas de lógica compostas no século XIII²⁹², emergindo a partir do início do século XIV como o livro de texto por excelência para ensino da lógica nas escolas e universidades europeias continentais, permanecendo em uso quase indisputado até meados do séc. XVI. Contam-se por centenas os manuscritos que chegaram até nós, a maioria com comentários, que com o tempo se sobreporiam ao próprio texto comentado, bem como cerca de duas centenas de edições impressas até ao século XVII, para além de uma tradução parcial para grego e diversas outras para hebraico ainda durante a Idade Média.

A estrutura compendiadora da obra e a sua linearidade doutrinal parecem estar na base de um prolongado sucesso, cuja permanente utilização durante séculos faria dela simultaneamente origem e produto da escolástica porquanto contribui para a fixação dos conteúdos de ensino da lógica e da sua transformação em instrumento de discussão e prova científica, fornecendo esquemas, regras, resumos e outros elementos úteis para a arte da discussão, ou dialéctica, que afinal são o que caracteriza a própria escolástica²⁹³. De facto, a obra de Pedro Hispano reorganiza o *corpus* lógico conjugando a lógica boeciano-aristotélica centrada na proposição, com a da semântica dos termos, articulada na distinção entre *significatio*, ou representação convencional de algo através de um som articulado, e *suppositio*, ou uso de um termo substantivo *pro aliquo*, no lugar de algo.

Ao contrário do que se julgou durante muito tempo, sobretudo enquanto foi pouco conhecida a literatura lógico-gramatical de finais do século XII e início do século XIII, esta obra de Pedro Hispano é de reduzida originalidade por ser intensamente tributária de textos anteriores. Mesmo assim há alguns aspectos a salientar, como por exemplo a inclusão do tratamento das categorias numa sùmula lógica, a combinação entre lógica dos antigos e lógica dos modernos (mas, sem que uma seja fundida na outra nem se estabeleçam pontes entre os dois planos, mantidos separados pela própria estrutura da obra), e sobretudo a recodificação

²⁹¹ Cfr. Pedro Hispano: *Tractatus*, «Introduction» de Rijk, p. XCV. Sobre a origem da lógica das propriedades dos termos, cfr. L.M. DE RIJK: «The Origins of the Theory of the Property of Terms», em N. KRETZMANN et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy...*, Cambridge 1982, pp. 161-173.

²⁹² Os outros dois manuais são as sùmulas de Lamberto de Auxerre e de Guilherme de Sherwood, estando hoje apurado que estas obras se desenvolvem de modo independente entre si. Há outros textos de menores dimensões que também abordam um conjunto vasto de temas da lógica dos antigos e dos modernos e que se contam certamente entre as fontes das três sùmulas mais famosas.

²⁹³ A “escolástica” enquanto método de discussão sobretudo em filosofia e teologia (e não como conteúdo doutrinal, como outrora se defendeu), foi bem caracterizada por L.M. de RIJK: *La philosophie au Moyen Age*, cit., pp. 20-21 e 82-105, método onde a lógica e Pedro Hispano têm o seu lugar, cfr. p. 92.

numa obra única das vertentes proposicional e sintático-semântica da lógica, de onde resulta uma evidente e importante reelaboração narrativa e estrutural do *corpus* textual da lógica²⁹⁴.

Como se disse, a obra teve uma extraordinária difusão: conhecem-se cerca de 300 manuscritos²⁹⁵ e mais de 200 edições impressas²⁹⁶, a maioria com comentários, realizados em contexto universitário por autores das mais diversas tendências metafísicas e epistemológicas. A maioria dos manuscritos e das edições impressas não contém o texto puro, mas comentários, reelaborações, sínteses. Tendo servido de base para o ensino da lógica na maioria das universidades europeias entre os séculos XIV e XVI, a autoridade de Pedro era tal que inúmeros autores a recompõem a seu gosto, ou integram partes substanciais do *Tractatus* em obras suas.

A prolífica difusão do *Tractatus* submeteu o próprio texto a uma forte tendência de inclusão de interpolações, a mais difundida das quais é a das linhas iniciais da obra, embora nem sempre seja advertida como tal. De facto, no texto original restituído por de Rijk lê-se:

Dialectica est ars artium ad omnium methodorum principia viam habens. Et ideo in acquisitione scientiarum dialectica debet esse prior²⁹⁷.

mas uma parte significativa dos manuscritos contém um *incipit* parece acolher uma dupla interpolação:

Dialectica est ars artium *et scientia scientiarum* ad omnium methodorum principia viam habens *sola enim dialectica probabiliter disputat de principiis omnium artium*²⁹⁸.

De facto, as palavras *scientia scientiarum* fazem parte da definição de dialéctica no *De dialectica* atribuído a S. Agostinho (cfr. II, 13, 18), e a referência à dialéctica como ciência de disputa dos princípios de todas as ciências parece provir da *Summula* de Lamberto de Auxerre, no que se afigura como um interessante mas isolado testemunho de contaminação filológica.

Também a passagem “ycos”, de cerca de 20 linhas, em *De locis* (V, 3) é uma interpolação:

²⁹⁴ Sobre o estilo sumulista, cfr. A. de LIBERA: «Textualité logique et forme summuliste», em Brind’Amour, Lucie - Eugene Vance (org.), *Archéologie du signe. Colloque du 2 au 12 août 1977 au Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle*, Toronto 1983, pp. 213-234.

²⁹⁵ Cfr. vol. I, em particular os índices, pp. 409-410 e 417-420 (sub *Tractatus*) e pp. 435-439 (“Índice dos comentadores e dos comentários anónimos”), ver também a entrada correspondente na *Clavis* inserida neste volume.

²⁹⁶ Para uma apresentação não exaustiva das edições cfr. J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicae of Peter of Spain*, cit., pp. 132-158; J. FERREIRA: «As *Súmulas Lógicas* de Pedro Hispano e os seus comentadores», *Colectânea de Estudos*, IIª série, 3 (1952) 360-394.

²⁹⁷ Pedro Hispano: *Tractatus* I, 1, ed. De Rijk, p. 1, 4-6.

²⁹⁸ Pedro Hispano: *Tractatus* I, 1, ed. De Rijk, p. 1, *apparatus* l. 4-5. Os extremos inicial e final da interpolação são aqui dados em itálico..

... perfectus esset sillogismus. *Aristotiles sic diffinit entimema. Entimema est ex ycotibus et signis, ycos autem idem est quod propositio probabilis. Signum autem (...) quod ex ycotibus et non ex ycote est similiter ex signis et non ex signo.* / Sciendum autem quod omne entimema debet...²⁹⁹

Por fim, a glosa “Caliditas”, de cerca de 15 linhas, em *De predicamentis* (III, 29) denuncia interpolação presente numa família de difusão:

... ut albedo nivis et caliditas igni. *Caliditas autem non est in cigne ut accidens in subiecto immo ut substantiale est in eo cui est substantiale sicut (...) ut in subiecto in igne vero non ut in subiecto sed ut in eo cui est substantiale.* Privative opposita sunt que circa...³⁰⁰

Estes três textos, bem como outras importantes variantes assinaladas no aparato crítico da edição de de Rijk, devem ser tidos em atenção para determinar as famílias textuais de difusão do *Tractatus*, mas uma vez que a edição crítica apenas assentou na colação de 6 manuscritos e outros 5 *minus allati*, deve ser admitida a hipótese de manuscritos mais tardios conterem um número ainda mais extenso de interpolações. Diga-se a propósito que a tentativa de depuração das contaminações, glosas e acrescentos levou L.M. de Rijk a editar um texto compósito que de facto não corresponde a qualquer das tradições a que os medievais ou renascentistas tiveram acesso, e nesse aspecto a edição de Bochenski, apesar de se basear num manuscrito que em alguns aspectos parece distantes do que terá sido o texto original, pelo menos representa uma variante de facto usada desde finais do século XIII.

Para além de glosas, por vezes extensas, introduzidas no próprio corpo do texto, chegam a ocorrer mutilações ou acrescentos mais profundos no tratado VII, sobre as falácias, que em Itália é por vezes substituído por outro sobre o mesmo assunto atribuído a Tomás de Aquino³⁰¹. Foi recentemente demonstrado que estas *Fallaciae*³⁰², não são Tomás de Aquino, mas que apenas entraram nas compilações dos seus opúsculos por volta de 1310-1320 em Avinhão³⁰³, e que têm como fonte principal precisamente o tratado sobre as falácias do *Tractatus* de Pedro Hispano³⁰⁴. O seu autor poderá ter sido mesmo um dos mestres que nesta

²⁹⁹ Pedro Hispano: *Tractatus* III, 3, ed. De Rijk, p. 57, apparatus l. 2. Os extremos inicial e final da interpolação estão em itálico.

³⁰⁰ Pedro Hispano: *Tractatus* III, 29, ed. De Rijk, p. 39, apparatus l. 19. Extremos inicial e final da interpolação estão em itálico.

³⁰¹ Ver abaixo.

³⁰² Apesar de editado com o título *De fallaciis* [ed. Leonina, t. XLIII, praef. pp. 385-400, text. pp. 403-418], é este o título do opúsculo em 40 a 45 manuscritos, embora também surja com os títulos *Tractatus fallaciarum* (3 a 8 mss.), ou *De fallaciis* (4 a 9 mss.), cfr. R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, editio altera retractata (Opera Omnia t. I*1), Roma — Paris 1989, p. 56*, n. 2.

³⁰³ R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, cit., p. 64*.

³⁰⁴ R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, cit., p. 58a*: «il n'est donc pas impossible d'identifier la source principale du Ps.-Thomas: c'est le traité VII, *De fallaciis*, des *Tractatus* de Pierre d'Espagne», dando nas pp. 58*-62* diversos exemplos dessa

região liam e explicavam esta obra aos seus jovens alunos e que pretendeu com a sua elaboração simplificar e encurtar o tratado de Pedro Hispano³⁰⁵. Em alguns manuscritos este opúsculo substitui o *Tractatus* VII e Antonius de Scarperia, comentador do século XIV, prefere-o «quia est brevior, clarior e magis ordinatus quam tractatus de fallaciis auctoris»³⁰⁶.

Em outras famílias de manuscritos o longo tratado sobre as falácias é substituído por um tratado mais curto, conhecido como *Fallaciae minores*³⁰⁷. É L.M. de Rijk quem definitivamente estabelece que o genuíno tratado VII é o texto que em alguns manuscritos é designado como *Tractatus maiorum fallaciarum* (Clavis, nº 43b), considerando que a versão menor é apócrifa e que teria começado a circular na obra genuína por volta de 1280³⁰⁸. Há mesmo manuscritos onde o grande e genuíno tratado ocorre isoladamente, ou onde os *Tractatus* começam com este tratado³⁰⁹. Em estudo recente J.M. Gamba³¹⁰ compara de novo as duas versões e reitera a conclusão de de Rijk. Fica assim estabelecido que o *Tractatus maiorum fallaciarum* (*inc.* Disputatio est actus syllogisticus unius ad alterum ad propositum ostendendum) é o genuíno tratado sobre as falácias do *Tractatus*, e que as *Fallaciae minores* (*inc.* Syllogismorum alius est demonstrativus, alius dialecticus alius sophisticus) são um texto apócrifo, se bem que quase contemporâneo da primeira difusão da obra. Por sua vez o pseudo-Tomás de Aquino depende do tratado longo e não do breve.

Tem sido tentada com insistência a identificação de fontes directas dos *Tractatus* de Pedro Hispano. Tendo em conta os seus conteúdos, tudo indica que a obra foi composta fora de Paris, mas por alguém formado e influenciado pelas orientações gerais que aí detectamos em outros autores conhecidos. É essa constatação que tem levado a procurar identificar os possíveis mestres parisienses que Pedro Hispano poderia ter frequentado. Embora nos textos

dependência textual e doutrinal. Na introdução à edição do *Tractatus*, de Rijk havia sugerido que as semelhanças entre as duas obras se poderiam dever a uma fonte comum, cfr. *Tractatus*, «Introduction» de Rijk, p. XCIV.

³⁰⁵ R.-A. GAUTHIER: «Préface», cit., p. 64b*.

³⁰⁶ Cit. em Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», p. LII.

³⁰⁷ O texto está editado em *Summulae logicales*, ed. Bochenski, 1947, pp. 65-91.

³⁰⁸ Cfr. Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. L-LII, XCIV. O mais antigo manuscrito onde aparecem parece ser o Città del Vaticano, BAV, 1205, do último quarto do séc. XIII, (usado na ed. Bochenski, cit. na nota anterior), onde no f. 15ra é anunciado pelo título: «Incipiunt fallaciae minores», o que indica que já na época se fazia distinção de uma versão maior sobre as falácias.

³⁰⁹ Cfr. München, BSB, lat. 14458 [s. XIII] ff. 1r-28r.

³¹⁰ Cfr. J.M. GAMBRA: «The Fallacy of the Accident in Peter of Spain's *Tractatus* and in other Thirteenth-Century Works», em ANGELELLI, Ignacio — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 26-28. Ainda no mesmo estudo é afirmado que as *Fallaciae maiores* (Tr. VII) e as *Fallaciae minores* não foram escritas por um mesmo autor. O Autor, aparentemente desconhecendo o estudo de Gauthier, sugere que Tomás de Aquino conheceria o texto de Pedro Hispano quando escreveu o *De fallaciis* (que Gamba considera genuíno), obra que por sua vez viria a ser usada por Raimundo Lúlio quando escrevia a sua *Logica nova*.

não haja citações directas ou indirectas de autores coetâneos, nem mesmo doutrinas que sejam directamente retomadas, tem-se apontado para mestres de artes que se sabe terem ensinado em Paris no período anterior à suposta data de composição dos *Tractatus*. É essa razão que tem justificado a referência a mestres como o cónego de Notre Dame, Herveu Bretão (Hervaeus Brito)³¹¹, ou João o Pagem, mestre parisiense de artes entre 1225 e 1231-1235, antes de iniciar estudos de teologia, e cujas *Appellationes* Alain de Libera considera terem influenciado o *Tractatus* de Pedro Hispano³¹².

Note-se que a outra grande sùmula lógica de âmbito parisiense, a *Summa Lamberti*, por Lamberto de Lagny, poderá ter sido composta entre 1253 e 1257, com revisão cerca de 1259, não apresenta traços de qualquer relação com a obra de Pedro Hispano, seja como fonte, seja como sua receptora³¹³, o que não deixa de causar perplexidade se se admitir com de Rijk que o *Tractatus* foi escrito pelo menos 20 anos antes e por esta altura já seria comentado pelo menos nas universidades do sul de França. Numa investigação comparativa recente sobre a falácia do acidente, em Pedro Hispano, Lamberto de Auxerre e Guilherme de Sherwood, José Miguel Gamba³¹⁴ concluiu que as respectivas obras são independentes entre si, embora os dois primeiros possuam parentesco com textos anteriores da chamada tradição parisiense, sendo Guilherme associável à tradição lógica de Oxford³¹⁵.

Ainda não está clarificada a questão das fontes directas do *Tractatus* e dos instrumentos de trabalho usados pelo seu autor (ver o que se disse atrás a propósito do conteúdo da obra). Em um dos estudos preparatórios da edição crítica do *Tractatus*, L.M. de Rijk editou em 1968 umas *Summulae antiquorum* (Clavis, nº 59), subsistentes em um único manuscrito³¹⁶, obra que, segundo o mesmo historiador da lógica, «looks like an older, less extensive redaction or a source of the corresponding tracts in the Peter's work»³¹⁷, sendo os tratados *De ampliacionibus* e *De appellationibus* idênticos quase palavra a palavra e em que o tratado *De suppositionibus* é substancialmente o retomar do outro texto, a que Pedro acrescenta dois parágrafos finais (11-12) para rejeitar a distinção entre a suposição *confusa necessitate*

³¹¹ Cfr. A. de LIBERA: «Les Abstractiones d'Hervé le Sophiste (Hervaeus sophista)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 52 (1985) 163-230.

³¹² A. de LIBERA: «Les 'Appellationes' de Jean le Page», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 51 (1984) 193-255.

³¹³ Cfr. A. de LIBERA: «Le traité 'De appellatione' de Lambert de Lagny (Lambert d'Auxerre)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 48 (1981) 227-285.

³¹⁴ J.M. GAMBRA: «The Fallacy of the Accident in Peter of Spain's *Tractatus* and in other Thirteenth-Century Works», cit., pp. 21-60.

³¹⁵ Uma comparação entre os dois autores fora já proposta por de Rijk, que assim lançava a ideia de uma separação entre a lógica de Oxford e a lógica de Paris desde o século XIII, cfr. *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. LXVIII-LXXX.

³¹⁶ London, British Library, Royal 8. A. VI, ff. 47ra-48vb, 51ra-52rb, da primeira metade do século XIII; cfr. L.M. DE RIJK «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — I. General Problems Concerning Possible Interpolations in the Manuscripts», *Vivarium* 6 (1968) 1-34, pp. 9-24.

³¹⁷ IDEM: *ibidem*, p. 6 e Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», p. LXXI.

signi vel modi e a suposição *confusa necessitate rei*³¹⁸. Num estudo sobre a edição do *Tractatus* por De Rijk, foi realizada uma comparação ainda não definitiva entre as duas obras, inclinando-se os seus autores a concluir que é Pedro que usa as *Summulae antiquorum* e não o contrário³¹⁹. Da mesma opinião é o padre Gauthier, que contudo as vê como uma primeira versão, mais que como uma fonte: «les *Summule antiquorum*: incomplètes, elles nous donnent dans leur partie conservée un texte si proche du *Tractatus* de Pierre d’Espagne que l’originalité du maître portugais est remise en question, si elles sont sa source. Mais peut-être n’en sont-elles qu’une première rédaction (plutôt qu’un remaniement)»³²⁰. De qualquer forma não está clarificada a relação entre as duas obras e não é certa qual anteceda a outra. A questão reveste-se de algum interesse para aquilatar da originalidade dos *Tractatus*, que sai verdadeiramente diminuída se se confirmar que as *Summule antiquorum* são anteriores, ou então para conhecer melhor a sua primeira difusão, porque se as *Summulae* são posteriores devem ter sido uma das suas primeiras cópias com reformulações.

A determinação, pelo menos aproximada, do contexto escolar e data de composição dos *Tractatus* constituiria certamente um elemento positivo a partir do qual se poderiam resolver alguns dos problemas aflorados. Um dos méritos da edição crítica por L. M. de Rijk foi ter usado argumentos internos para esta discussão. De facto de Rijk reparou em um texto de nula importância doutrinal que nos manuscritos possui múltiplas variantes, muitas delas absurdas por incompreensão dos respectivos copistas, e aduzindo-o como um poderoso documento na discussão sobre o local e data de composição da obra. Trata-se do exemplo de *exemplum* em *De locis* (V 3), cuja versão original foi assim restituída:

Legionenses pugnare contra Astoricenses est malum;
ergo astoricenses pugnare contra Zamorenses est malum³²¹.

Este *exemplum*, que para muitos leitores inclui nomes de impossível identificação, é transformado pelos copistas de acordo com a realidade local, ou de acordo com a sua falta de senso para compreenderem as referências locais, escrevendo nesses casos os termos mais absurdos³²², o que *a contrario* indica que a versão original deveria ter algum sentido precisamente entre aqueles para quem a obra foi escrita. A conclusão de de Rijk foi que a obra terá sido composta no contexto onde este exemplo faria sentido para os seus ouvintes ou leitores, ou seja: em algum dos locais ou regiões envolventes mencionados no *exemplum*: Léon, Astorga, Zamora.

³¹⁸ Cfr. Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. LXXI-LXXII.

³¹⁹ Cfr. N. KRETZMANN — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DYCK, «L.M. de Rijk on Peter of Spain», *Journal of the History of Philosophy*, 16 (1978) 325-333, em especial nas pp. 329-332.

³²⁰ R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, cit., p. 52a*.

³²¹ Pedro Hispano: *Tractatus* I, 1, ed. De Rijk, p. 58, 6-7.

³²² Cfr. *apparatus*, loc. cit.

Depois de uma longa tradição que julgava terem os *Tractatus* sido compostos em Paris³²³, Lambert de Rijk mostrou que, embora o seu conteúdo possa ser associado a doutrinas ensinadas em Paris, não foram aí compostos, mas sim no norte de Espanha ou no sul de França, região onde tiveram a sua primeira difusão³²⁴. A tese, também outrora defendida, segundo a qual a obra foi composta em Lisboa³²⁵, não tem qualquer argumento que a fundamente, o mesmo se passando com a hipótese de Stapper quanto à possível composição no período de ensino em Siena³²⁶. Ora, a nova hipótese de de Rijk tinha as mais graves consequências, porquanto obrigava a admitir que o autor da obra (e de Rijk nunca duvida que seja o mesmo Pedro Hispano que viria a ser papa João XXI) teria tido uma permanência enquanto mestre de lógica em alguma daquelas cidades ou regiões, preferindo mesmo Léon³²⁷. Já a datação era sugerida também de modo indirecto, com base na datação daqueles que de Rijk julgava serem os dois primeiros comentários dos *Tractatus*, que teriam sido expostos logo nos anos 40, o que obrigava a antecipar a datação tradicional da obra. Ficava assim totalmente modificado o quadro tradicional, que obrigava a “mexer” na própria biografia de Pedro Hispano: fazendo-o viver numa cidade a que nenhum documento o associa e que nunca alguma das suas biografias referira e colocando a composição da obra muito mais cedo do que se julgava.

Ora um dos mais fortes argumentos para a antecipação da data de composição dos *Tractatus* para a década de 30 do século XIII, a saber, a datação na década de 40 de dois comentários realizados por Guillelmus Arnaldi em Toulouse e Robertus Anglicus em Montpellier, foi infirmada pela investigação posterior. Ao rever o dossier de de Rijk, René-Antoine Gauthier fará uma completa revisão desta datação, concluindo que este Guillelmus Arnaldi é precisamente o assinalado no estudo de Rijk como comentador de obras lógicas e autor de outros textos³²⁸, mas do final do século XIII e que no comentário ao *Peri Hermeneias*

³²³ Cfr. p. exemplo: M. GRABMANN *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, München 1936, vol. II, p. 125; J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, cit., p. XV.

³²⁴ Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. LVII-LXI.

³²⁵ R. da CUNHA: *História ecclesiastica dos arcebispos de Braga, e dos Santos, e dos Varoens illustres, que florecerao neste Arcebispado*, Braga 1635 [reimpr. fac-similada, Braga 1989], p. 152; A.M. SÁ (introd., notas): André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, Lisboa 1956, p. 81: a obra teria sido redigida em Lisboa antes de 1253.

³²⁶ R. STAPPER *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, (Kirchengeschichtliche Studien, IV/4), Münster i.W. 1898, pp. 9-10.

³²⁷ «I feel most inclined to consider Léon the city where the *Tractatus* originated from», *Tractatus*, ed. De Rijk, «Introduction», p. LIX, cfr. p. LX.

³²⁸ Cfr. L.M. DE RIJK: «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — IV. The *Lectura Tractatum* by Guillelmus Arnaldi, Master of Arts at Toulouse (1235-44). With a Note on the Date of Lambert of Auxerres's *Summule*», *Vivarium* 7 (1969) 120-162, sobre a identificação e outras obras deste mestre, cfr. pp. 125-130. Esta datação seria um importante argumento usado por de Rijk na datação dos *Tractatus*, cfr. *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», p. XXVII.

cita mesmo Tomás de Aquino e Gil de Roma³²⁹. Já quanto a Roberto Ânglico, e ao contrário do que fez de Rijk³³⁰, havia todas as razões para ser identificado com o mestre com este nome que ensinava em Montpellier em 1270-1271 e não com o homónimo citado num documento de 1240, que de Rijk acabou por tomar como autor do comentário³³¹. Ficavam assim anulados os dois mais fortes argumentos de de Rijk para datar os *Tractatus* de antes de 1240. Em conclusão, segundo R.A- Gauthier «il est vraisemblable que Pierre d’Espagne a écrit ses *Tractatus* dans le midi de la France avant 1245; toute autre précision est illusoire³³²». Deve notar-se que apesar desta revisão de datas, Gauthier se mantém fiel aos principais elementos que tinham orientado a reelaboração cronológica de de Rijk: (1) identificação entre o autor do *Tractatus* e o futuro papa, (2) aceitação de que teria realizado estudos em Paris antes de 1229, data em que teria abandonado esta universidade na sequência da greve de estudantes e que teria ido continuar os seus estudos ou mesmo ensinar para Montpellier³³³, (3) colocação do *Tractatus* antes da passagem para Siena, onde Pedro Hispano surge já em 1245.

A hipótese de de Rijk sobre a composição dos *Tractatus* em Léon entre 1230 e 1245 (com preferência para o início do intervalo, devido aos posteriores estudos de medicina em Montpellier ou Salerno que o mesmo Pedro Hispano deveria ter realizado antes de ir ensinar medicina em Siena em 1245) foi formulada de um modo hipotético e prudente: «I must agree, there is no conclusive evidence for absolute certainty about neither the date of composition of the *Tractatus* nor its place of origin. What has been put forward here, is only meant as a

³²⁹ R.-A. GAUTHIER : «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, editio altera retractata, cit., p. 52b*, sobre a citação de Tomás como *expositor* cfr. aparato a I, 5, linhas 183-4, p. 28 e também *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Posteriorum*, editio altera retractata (Opera Omnia t. I*2), Commissio Leonina — Librairie Philosophique J.Vrin, Roma — Paris 1989, p. 66*.

³³⁰ L.M. DE RIJK : «On the Genuine Text of Peter of Spain’s *Summule logicales* — III. Two Redactions of a Commentary upon the *Summule* by Robertus Anglicus», *Vivarium* 7 (1969) 8-61. De Rijk chega a admitir que o comentário foi realizado em Montpellier «While Peter himself possibly studied (or taught?) medicine at the same University», *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. XXXVII-XXXVIII. Refira-se que as “duas redacções” do comentário de Roberto assinaladas por De Rijk viriam a ser consideradas dois distintos comentários, por diferentes autores, ambos proferidos em Montpellier no final do século XIII, cfr. I. ROSIER-CATACH — S. EBBESEN: «Two Roberts and Peter of Spain. Exerpts from the Vatican and Todi Commentaries», *Cahiers de l’Institut du Moyen Age Grec et Latin*, 67 (1997) 200-288; S. EBBESEN — I. ROSIER-CATACH: «Robertus Anglicus on Peter of Spain», em I. ANGELELLI — P. PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 61-95.

³³¹ R.-A. GAUTHIER : «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, editio altera retractata, cit., p. 52b*, n. 14.

³³² R.-A. GAUTHIER : «Préface», cit., p. 53b*, mas note-se que o título do parágrafo dedicado a Pedro Hispano proõe uma datação mais ampla: «*Les Tractatus de Pierre d’Espagne (c. 1230-1245)*».

³³³ Sobre a hipotética relação de Pedro Hispano com a greve de 1229 e o seu provável abandono da cidade, deslocando-se para o norte de Espanha onde teria escrito os *Tractatus*, passando depois por Toulouse ou Montpellier, factos sobre os quais não há qualquer evidência documental ou testemunhal, cfr. *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», pp. XXXIV-XXXVIII. O autor anota mesmo que não encontrou qualquer referência ao nome de Petrus Hispanus nos documentos da universidade de Toulouse, cfr. *ibidem*, p. XXXVII, n. 1.

hypothesis which fits in as well as possible with the other data³³⁴». Contudo, apesar dos termos cautelosos em que a hipótese era proferida, e apesar de o autor referir expressamente que se tratava de uma hipótese para a qual não havia provas definitivas, mas que procurava conciliar outros dados conhecidos sobre o autor (presumivelmente a carreira eclesiástica de Pedro Hispano), foi tomada como definitiva, diga-se que com o contributo do próprio autor, que em outros locais não restringe a hipótese com as mesmas cautelas.

O estudo da primeira difusão do *Tractatus* parece ser o mais importante elemento através do qual poderemos tentar uma datação aproximada da obra³³⁵. Não é por acaso que, à falta de outros indícios documentais, foi com base na datação de dois comentários por volta de 1240 que de Rijk se vê compelido a datar a obra da década de 1230, causando assim uma verdadeira inversão nas datações anteriores. Contudo, mesmo havendo boas razões para considerar que devem ser os mais antigos comentários ao *Tractatus* de Pedro Hispano verificou-se, são muito mais tardios do que o sugerido por de Rijk, e não devem ser anteriores anteriores a 1270. Ora, segundo de Rijk, depois de três décadas de circulação em outros meios, os mesmos de onde parecem provir todos os manuscritos da glosa *Omnes homines*, é por estes anos que se dá também a entrada da obra nos círculos parisienses³³⁶. O testamento de Adenulfo de Anagni, que foi mestre em Paris por volta de 1250 e de teologia por volta de 1270, parece constituir o verdadeiro limite *ante quem* da introdução da obra em Paris. Este mestre parisiense deixou ao Colégio da Sorbonne após a sua morte uma cópia dos *Tratados* e dos *Sincategoremas*: «In uno volumine tractatus et sincategoremata magistri Petri Hyspani ex legato magistri Adenulfi, prepositi Sancti Odomari³³⁷». De Rijk conclui daqui que o *Tractatus* havia sido introduzido na Universidade de Paris por volta de 1270. Mas, em rigor não é possível deduzir deste legado que a obra já estivesse em uso em Paris. Por outro lado, Adenulfo morre de facto em 1289 e é apenas nessa altura que lega as cerca de quatro dezenas de manuscritos à Sorbonne³³⁸. Por outro lado, a existência do legado apenas é registado num

³³⁴ Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», p. LXI

³³⁵ Sobre esta questão e para além do estudo Introdutório da ed. de Rijk, cfr. MICCOLI, Lucia: «La prima diffusione del *Tractatus*», em PIETRO HISPANO, *Tractatus. Summule logicales*, trad. Augusto Ponzio, Bari 1986, pp. 11-18 e J.F. MEIRINHOS: «Pedro Hispano e as *Summulae logicales*», em Pedro CALAFATE (dir.), *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Lisboa 1999, pp. 331-376, em especial as pp. 358-361: «Difusão e influência».

³³⁶ «To my mind its intrusion into de Parisian circles did not occur before de 1260's», 1972, p. XCVI.

³³⁷ Catálogo da Sorbonne de 1338, em L. Deslile: *Le cabinet des manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, III, Paris 1881: 57; cit. em de Rijk 1970, p. 38, cfr. *Tractatus*, ed. de Rijk, «Introduction», p. XCVI.

³³⁸ Sobre as datas e mestrado em Paris, cfr. C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): «Le prologue “*Triplex est principium*” du commentaire d’Adénulfe d’Anagni sur les topiques d’Aristote (extrait)», em C. LAFLEUR (ed.) — J. CARRIER (collab.): *L’enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du “Guide de l’étudiant” du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d’études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 421-446, p. 421. Sobre Adenulfo vejá-se também O.

catálogo muito posterior, de 1338. Sten Ebbesen e Irène Rosier também esbatem a conclusão de De Rijk e a pretensão de a obra ter sido introduzida em Paris por volta de 1270, notando que não se conhecem referências explícitas à obra em meios parisienses no século XIII, a qual que só surgirá no ensino da lógica com a reformulação-comentário de João Buridano³³⁹, já no século XIV: «Les références à Pierre d’Espagne son rares, si ce n’est inexistantes, dans les ouvrages dont on sait avec certitude qu’ils ont été produits à la Faculté des arts de Paris au XIIIe siècle. L’indication la plus claire de son utilisation est le commentaire de Simon de Faversham, qui semble avoir été composé pour les étudiants de niveau universitaire. Mais il ne semble pas exister des preuves absolument claires du fait que l’on utilisait et lisait des manuels de logique à l’Université avant que Buridan introduise sa propre révision de Pierre d’Espagne, accompagnée d’un commentaire³⁴⁰.» Se a entrada da obra de Pedro Hispano na Universidade de Paris ocorre de facto com a obra de João Buridano, então ela nunca deverá ser anterior a 1320!

Por outro lado, a difusão desta obra é nula em Inglaterra³⁴¹, onde a lógica assume uma orientação diversa da tradição lógica de Paris. Simão de Faversham, que foi chanceler de Oxford em 1304 a 1306, comentou os *Tractatus*, quando ainda era mestre em Paris³⁴².

WEIJERS, Olga: *Le travail intellectuel à la Faculté des Arts de Paris: textes et maîtres (c. 1200-1500)*, fac. 1: A-B, Turnhout 1994, pp. 32-33. e L. LANZA: «Adenulphus Anagninus», em C. LEONARDI — M. LAPIDGE (eds.): *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, Firenze 2000, fasc. 1, pp. 45-46.

³³⁹ Sobre a personalidade e obra de João Buridano (antes de 1300-†1358), cfr. a introd. de B. PATAR: *Le traité de l’Âme de Jean Buridan [De prima lectura]*, éd., étude critique et doctrinale, Louvain-la-Neuve — Longueil (Québec) 1991, pp. 14*-23*. Buridano foi pela primeira vez nomeado reitor de Paris em 1328, e ensinava no colégio de Navarra desde c. 1320, e dos anos imediatamente sucessivos datarão as suas *Summulae de dialectica*, reformulação da obra de Pedro Hispano que teria um grande sucesso no tempo da imprensa (8 edições).

³⁴⁰ S. EBBESEN — I. ROSIER-CATACH: «Le trivium à la Faculté des arts», em O. WEIJERS — L. HOLTZ (ed.): *L’enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIIIe siècle (Paris et Oxford, XIIIe - XVe siècles)*, Turnhout 1997, pp. 97-128, cfr. pp. 124-125.

³⁴¹ Referindo os manuais para ensino da lógica, diz E.J. Ashworth: «Le plus célèbre de ces manuels est celui de Pierre d’Espagne, les *Tractatus*, mais apparamment les Anglais ne l’on jamais utilisé», E.J. ASHWORTH: «Les manuels de logique à l’Université d’Oxford aux XIVe et XVe siècles», em J. HAMESSE, *Manuels, programmes de cours et techniques d’enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, Louvain-la-Neuve 1994, p. 367; cfr. L.M. de RIJK: *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*, Assen 1972, pp. XCVII-XCVIII. A excepção é a universidade de Glasgow, na Escócia, onde o *Tractatus* estava nos estatutos de Artes de 1482 como livro de texto, cfr. H. RASHDALL: *The Universities of Europe in the Middle Ages*, 3 vol., New rev. edition by F.M. POWICKE — A.B. EMDEN (eds.), Oxford 1936, vol. II, p. 305, n. 7 (a propósito de uma votação dos estudantes de St. Andrews em 1438 contra as *Summulae Petri Hispani*), mas nas pp. 311-318, sobre a Universidade de Glasgow, nada mais é referido sobre o assunto.

³⁴² Cfr. L.M. DE RIJK: «On the Genuine Text of Peter of Spain’s *Summule logicales* — II. Simon of Faversham (d. 1306) as a Commentator of the Tracts I-V of the *Summule*», *Vivarium* 6 (1968) 69-101, cfr. as pp. 72-74 sobre o autor, e as pp. 74-76 sobre a data e local: «about the middle of the 1270’s or about 1280 at the least», Simão teria conhecido os *Tractatus* em Paris e podeá ter sido seu introdutor em Oxford, introdução de que, aliás, se desconhece qualquer consequência. Sobre Simão

A fortuna do *Tractatus* fica traçada com a sua adopção como livro de texto para a aprendizagem da lógica pelos noviços em diversas ordens religiosas. Alfonso Maierù assinalou as mais antigas referências ao uso dos *Tractatus* nessas ordens³⁴³. Esse uso é prescrito para o ensino da lógica, em geral após a *logica nova* e a *logica vetus*, citando a obra apenas pelo seu título *Tractatus* (nunca é usado o título *Summulae logicales*) e em apenas um caso, já tardio, é citado o nome do autor. A mais antiga referência encontra-se nas decisões do capítulo provincial dominicano da Lombardia em 1279 que determinam que os *Tractatus* devem ser lidos em cada ano. Decisão idêntica será tomada pelos capítulos provinciais de Roma em 1291 e em 1305, que determinam o uso dos *Tractatus* após o estudo da *logica nova* e *vetus*. Em 1299 haviam sido adoptados no capítulo provincial de Espanha, que dedicava um mestre «qui legat (...) de logica nova et Tractatibus». A província dominicana de Toulouse prescreve o uso dos *Tractatus* nos capítulos de 1320 e 1321, para o ensino da lógica aos jovens: «Assignamus studia arcium (...) pro principali lectione legant libro Posteriorum, pro scunda vero de Tractatibus usque ad Fallacias»³⁴⁴. O Capítulo provincial de Pisa da ordem dominicana de 1340, obrigava os mestres da ordem a usar o *Tractatus* para completar o estudo da lógica aristotélica: «Magistri vero in loycaibus artem parvam totam et duos libros adminus de arte nova perficiant diligenter et, postquam compleverint artem veterem, de Tractatibus magistri Petri pro rudibus suas assumant sollicite lecciones...»³⁴⁵. Decisão similar, e com o mesmo texto, é tomada pelo Capítulo provincial de Roma no mesmo ano. E este é o único caso em que o nome do autor é citado junto ao título da obra: de *Tractatibus magistri Petri*. Sublinhe-se que o autor não é citado como *frater*, o que pode indicar que não era identificado como um membro da Ordem dominicana. O facto de a obra ter sido adoptada pela Ordem dos Pregadores para o ensino da lógica aos jovens principiantes (*pro rudibus*) tem grande importância histórica, porque em inúmeros manuscritos se identifica o seu autor como «Petrus Hispanus ordinis predicatorum»³⁴⁶, mas falta determinar se a obra foi adoptada por o autor ser dominicano ou se é por a obra ter sido adoptada que em alguns manuscritos, e posteriormente em algumas edições impressas, o autor é designado como dominicano. É importante notar que nunca nas mais antigas disposições dominicanas relativas ao uso dos

cfr. R. SHARP: *A Handlist of the Latin Writers of the Great Britain and Ireland Before 1450*, Turnhout 1997, pp. 612-614 (nr. 1634).

³⁴³ A. MAIERÙ: *University Training in Medieval Europe*, Leiden-New York-Köln 1994, p. 12, n. 58.

³⁴⁴ A. MAIERÙ, cit., *ibidem*; cfr. C. Douais, *Essai*, p. 63, cit por M. Mulchahey: «The Dominican Studium System and the Universities of Europe in the Thirteenth Century. A Relationship Redefined», em J. HAMESSE, *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales*, Louvain-la-Neuve 1994, p. 322, n. 137. Mulchahey segue a interpretação geral de identificação dos *Tractatus* da citação com as *Summulae*.

³⁴⁵ *Acta provinciae Romane*, p. 318, cit. por EADEM, *ibidem*, p. 322, n. 138.

³⁴⁶ Cfr. vol. I, índice das atribuições, pp. 429-430, na p. 430 devem ser eliminadas as linhas 1-2, 5-26 (restando, portanto, 15 mss.).

Tractatus o seu autor é citado como membro da Ordem, e no único caso em que se cita o seu nome esse pertença é rejeitada pela simples como *magister*.

Outras ordens adoptam a obra. Referem-se-lhe os capítulos gerais dos Carmelitas em 1324 e 1345 e o Capítulo geral dos Eremitas de S. Agostinho em 1338³⁴⁷.

A obra seria depois adoptada em grande parte das universidades continentais como livro de estudo para cursos de introdução à lógica como arte da disputa. A título de exemplo refira-se a entrada dos *Tractatus* no *curriculum* da Universidade de Leipzig, para ensino dos parva logicalia³⁴⁸, e na Universidade de Erfurt para ensino da lógica, completada pelos sofismas de Alberto de Saxónia³⁴⁹. Um pouco por toda a Europa continental difunde-se o estudo do *Tractatus* como matéria introdutória ao estudo de artes. Seguindo o modelo escolar da época, a obra é estudada por leitura e comentário do mestre. Muitos desses comentários ou postilhas sobrevivem, ultrapassando em muito o número de manuscritos que apenas contêm o texto puro do *Tractatus*, sem comentário ou glosas³⁵⁰. Os próprios modelos de comentário sobre os *Tractatus* sofreram uma evolução entre os séculos XIII e XV, com os mais tardios a constituírem adaptações mais ou menos livres e extensas do texto original em que o autor insere amplas exposições das suas próprias posições sobre os temas em voga no seu tempo³⁵¹. A partir de finais do século XV a obra começará a ser substituída por novos manuais de humanistas, como o *De inventione dialectica* de Rudolfo Agrícola, como acontece em três universidades alemãs: Tübingen, Ingolstadt e Fribourg-en-Brisgau³⁵². O seu sucesso

³⁴⁷ A. MAIERÙ, cit., ibidem.

³⁴⁸ «...pro exercitio parvorum logicalium Magistri libere disputare possunt septimum Tractatum Petri Hispani, cum tractatu quoddam aut Maufelt vel alterius», F. EHRLE: *Der Sentenzer Kommentar Peters von Candia*, Münster i. W., 1925, p. 206, citado por A. MUÑOZ GARCÍA: «Albert of Saxony, bibliography», *Bulletin de Philosophie Médiévale* 32 (1990) 161-190, p. 164, n. 3.

³⁴⁹ «Item, in exercitiis vespertinis debent disputari Tractatus Petri Hispani, sine additione materialium impertinentium, cum sophismatibus Alberti [de Saxonia], quae debent diligenter declarare» F. EHRLE: *Der Sentenzer Kommentar Peters von Candia*, cit., p. 206, citado por A. MUÑOZ GARCÍA: «Albert of Saxony, bibliography», cit., p. 172, n. 34.

³⁵⁰ Estes comentários têm merecido recentemente estudos detalhados. Exemplos de estudos que abrangem mais do que um comentador, ou mesmo uma escola inteira: A. MAIERÙ: «I commenti bolognesi ai *Tractatus* di Pietro Ispano», em D. BUZZETTI — M. FERRIANI — A. TABARRONI (ed.): *L'insegnamento della Logica a Bologna nel XIV secolo*, Bologna 1992, pp. 497-543; BRAAKHUIS, Henk A.G.: «School Philosophy and Philosophical Schools. The Semantic-Ontological View in the Cologne Commentaries on Peter of Spain and the "Wegstreit"», in: A. ZIMMERMANN (Hrg.), *Die Kölner Universität im Mittelalter. Geistige Wurzeln und Soziale Wirklichkeit*, (Miscellanea Mediaevalia, 20) W. de Gruyter, Berlin-New York, 1989, pp. 1-18; A.L. GODDU: «Consequences and Conditional Propositions in John of Glogovia's and Michael of Biertrzykowa's Commentaries on Peter of Spain, and their Possible Influence on Nicholas Copernicus», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age*, 62 (1995) pp. 137-188.

³⁵¹ Cfr. L.M. DE RIJK: «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — II. Simon of Faversham (d. 1306) as a Commentator of the Tracts I-V of the *Summule*», *Vivarium* 6 (1968) 69-101, p. 76, n. 4.

³⁵² T. HEATH: «Logical Grammar, Gramatical Logic and Humanismus in Three German Universities», *Studies in the Renaissance*, 17 (1971) 9-64,

fulgurante terá também um declínio irreversível, depois de centenas de edições, a partir de finais do século XVI até meados do século XX a obra não voltará a ser publicada.

Como vimos no vol. I (pp. 47-51), uma importante página da difusão dos *Tractatus* e da sua história moderna está relacionada com a tradução para grego realizada por Georgios Gennadios II - Sclarios (1400-post 1470), patriarca de Constantinopla sob o nome Gennadios II, ou Gennadios Sclarios que traduziu outras obras para latim³⁵³. O manuscrito hoje na Biblioteca de Munique BSB, graec. 548) contém uma versão desta tradução onde o texto é atribuído ao filósofo bizantino do séc. XI Miguel Psello. O manuscrito foi publicado por Elias Ehinger no final do século XVI³⁵⁴, começando a lenda do Pedro Hispano como plagiador ou tradutor da pretensa obra do filósofo bizantino e que teve em Carl Prantl. Como se mostrou nas páginas referidas, a questão está hoje definitivamente resolvida, porque a versão grega, que teve alguma difusão, pelo menos em bibliotecas ocidentais, é que é uma tradução do texto de Pedro Hispano.

Moritz Steinschneider chamou a atenção para a difusão do *Tractatus* em língua hebraica, apontando para a existência de 4 ou 5 traduções ou resumos e de 1 comentário, não deixando de se espantar com o facto de os judeus recorrerem à obra de um papa, facto que reputou de estranho e merecedor do interesse dos historiadores³⁵⁵. Mas, como Charles Manekin viria a constatar após a análise de todos os manuscritos destas versões, resumos e comentário, em nenhum caso o autor é identificado com o papa, sendo o nome de Petrus Hispanus de facto elidido na maioria dos apógrafos³⁵⁶.

O consenso dos manuscritos torna inquestionável que o autor do *Tractatus* se chamava Pedro Hispano, mas persistem as maiores dúvidas, e têm sido abundantes, sobre quem é exactamente este *Petrus Hispanus*. Apesar de haver inúmeros manuscritos onde a obra está anónima, não há qualquer manuscrito com atribuição divergente, facto raríssimo em obras medievais de tão prolixa e ramificada transmissão. Há três grandes correntes quanto à identificação deste Petrus Hispanus: (1) é o mesmo Petrus Hispanus português que veio a ser papa João XXI; (2) é um Petrus Hispanus dominicano, que nada tem a ver com o papa, porque

³⁵³ Cfr. M. Bonis, *Georgios Scholarios*, Atenas 1953. Ver as *Oeuvres complètes de Gennade Scholarius*, publiées par L. Petit, X.A. Sideridès, M. Jugie, 8 vol., Paris 1928-1936.

³⁵⁴ *Synopsis organi Aristotelis Michaelis Psello auctore, EIS TEN ARISTOTELOUS LOGIKEN SYNOPSIS graeco-latina nunc primum edita*, Augustae Vindelicorum 1579.

³⁵⁵ M. STEINSCHNEIDER, *Die Hebraeischen Uebersetzungen des Mittelalters und die Juden als dolmetscher*, Berlin 1893, pp. 470-474, cfr.: «Dieses Compendium wurde auch bei Juden am beliebtesten; den es giebt wenigstens 4 oder 5 Uebersetzungen oder Auszüge deselben und einen Commentar darüber, ausser den, etwa danach, oder mit benutzung desselben, verfassten hebr. Compendien der Logik. Die Juden als Schüler eines Papstes in der Logik! eine seltsame Thatsache, welche die Beachtung der Historiker verdient», p. 471.

³⁵⁶ Ch.H. MANEKIN: «When the Jews Learned Logic from the Pope. Three Medieval Translations of the *Tractatus* of Peter of Spain», *Science in Context* 10 (1997) 395-430.

sabemos que este não foi dominicano; (2b) segundo uma antiga tradição castelhana, este Petrus Hispanus era um dominicano do mosteiro de Estella em Navarra.

Qualquer uma das hipóteses tem uma longa tradição a sustentá-la.

Vimos no capítulo I.1 que os documentos antigos nada nos dizem quanto à possibilidade de o papa ter escrito qualquer obra, mas os historiógrafos papais começam no início do século XIV a atribuir-lhe determinadas obras e Ricobaldo de Ferrara parece ser o primeiro a associá-lo aos *Tractatus*, enquanto outros preferem associá-lo a obras médicas. Só alguns séculos depois reaparece a lógica na bibliografia papal. Também não foi assinalado qualquer manuscrito que identifique o autor com o papa, mas existem algumas edições impressas, tardias portanto e influenciadas pelos historiadores, que o fazem. Por esta via a tese (1) não sai muito reforçada, apesar de ser a preferida da generalidade dos medievistas, sobretudo depois da polémica desencadeada por Henri Simonin³⁵⁷, defensor da tese (2), e dos estudos de de Rijk, em particular a introdução à edição crítica do *Tractatus*.

É longa a tradição (2) que considera que este Petrus Hispanus foi um dominicano³⁵⁸. Como se sugeriu atrás, esta hipótese pode ter origem no facto de os *Tractatus* terem sido adoptados como livro de texto nas escolas dominicanas e por alguma razão (nomeadamente por haver alguns outros conhecidos Petrus Hispanus na ordem) em momento que não está determinado com exactidão, mas que é seguramente já do século XIV, o autor é claramente identificado como dominicano. Ao contrário da hipótese (1), esta hipótese já encontra algum suporte nos manuscritos, pois há 9 que atribuem a obra a um Petrus Hispanus *ordinis predicatorum*³⁵⁹. Contudo, estes manuscritos ou são do século XIV e posteriores, ou a atribuição foi acrescentada por mão tardia. Por outro lado, representam uma parte muito reduzida dos manuscritos do *Tractatus* e comentários (menos de 6%). Já a bibliografia secundária, em especial historiadores castelhanos dos primeiros séculos da imprensa, é abundante³⁶⁰. Mas em boa parte fundamenta-se numa ideologia de engrandecimento localista. Neste aspecto, essa tese confunde-se com a sua variante (2b) em que Pedro Hispano é

³⁵⁷ Cfr. volume I, pp. 17-18.

³⁵⁸ Hipótese que defendi em «Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores», *Revista Española de Filosofía Medieval*, 3 (1996) 51-76, cfr. pp. 63 e 75, por constar que não há continuidade desta obra com as sucessivas atribuídas ao autor, porque não é possível identificar o autor com o papa, segui a tese que consdiere que este petrus Hispanus é um dominicano.

³⁵⁹ Como se disse atrás, o índice de atribuições do vol. I, p. 430 deve ser corrigido, eliminando as linhas 1-2, 13-29.

³⁶⁰ Ver em particular A. D'ORS: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», *Vivarium* 35 (1997) 21-71; Idem: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254. Uma crítica das hipóteses de identificação de Petrus Hispanus com dominicanos espanhóis sugeridas no primeiro artigo, encontra em S. TUGWELL: «Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications», *Vivarium*, 37 (1999) 103-113.

identificado com um dominicano sepultado em Navarra (cfr. também os estudos de A. d'Ors que se tem feito o principal apoiante desta tese).

Seja qual for este Petrus Hispanus, continuam a faltar elementos suficientes que permitam identificar a sua nação e, sobretudo, a época em que viveu e a obra foi escrita. A investigação deverá ser reorientada para conhecer melhor a primeira difusão da obra. Aí sim poderão surgir elementos com maior grau de plausibilidade e o que nos diz a primeira difusão das obras lógicas, através dos mais antigos apógrafos e das primeiras referências e comentários é que estas obras não deverão ser anteriores a 1250.

Os *Syncategoremata* e o *Opus puerorum*

Os *Syncategoremata* (Clavis, nº 39) tiveram uma difusão e influência muito menores que as dos *Tractatus*. Mesmo assim essa difusão não é despreciable em manuscritos e edições impressas, a última das quais realizada há apenas uma década³⁶¹. Nesta obra, que de facto é um complemento do *Tractatus*, discutem-se problemas de semântica lógica, as propriedades dos termos sincategoremáticos ou expressões consignificantes que embora não tenham um significado próprio afectam a extensão da referência dos termos categoremáticos e, como tal, o valor de verdade da proposição onde ocorrem. A obra é composta por uma introdução e dez tratados. Nos nove primeiros são determinadas regras de uso dos sincategoremata, testadas pela discussão de mais de 50 paradoxos lógicos, designados como sofismas; o último tratado teoriza a arte de responder na disputa lógica, a cujo benefício concorrem a explicação dos sofismas e a definição das regras de uso dos sincategoremata.

Os primeiros parágrafos da obra são fulcrais para compreender a concepção petrínica das relações entre linguagem, real e verdade e a função que aí desempenham os sincategoremata. O tratado abre exactamente com a definição aristotélica de verdade.

Ab eo quod res est vel non est oratio vera vel falsa dicitur³⁶². Sed a dictionibus sincategorematicis (ut ‘tantum’, ‘solus’, ‘nisi’, ‘preter’, et consimilibus) causatur veritas vel falsitas in oratione. Ergo dictiones sincategorematicae significant res aliquas. Sed non significant res subicibiles vel predicabiles. Ergo significant res que sunt dispositiones subicibilium vel

³⁶¹ Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis) *Syncategoremata*. First Critical Edition with an Introduction and Indexes by L.M. de Rijk, Ph.D., with an English Translation by Joke Spruyt, E. J. Brill, Leiden - New York - Köln 1992 (620 pp.): após a introdução (pp. 9-28), o índice da obra e as siglas dos manuscritos utilizados (30-35) antecedem a edição crítica do texto latino com tradução inglesa defronte (38-433), seguida do aparato crítico de variantes e conjecturas (434-571), do índice de autores citados (572-3), do índice de assuntos (574-612) e do índice de sofismas (613-619).

³⁶² Esta definição de verdade na proposição é, de facto, retomada de ARISTÓTELES, *Categorias* 4b8-10: «Ab eo quod res est vel non est oratio vera vel falsa dicitur». A tradução de *res* por “coisa” é algo problemática, porque, como vemos na sequência do texto de Pedro, significa também o estado ou disposição de coisas (*Syncategoremata*, 2).

predicabilium, quia nichil est in oratione vera vel falsa nisi subiectum et predicatum et eorum dispositiones³⁶³.

Os categoremas significam coisas, os sincategoremas consignificam estados ou disposições de coisas, por isso estas expressões têm alguma relação com as coisas que determinam ou afectam as condições de verdade ou falsidade de uma proposição. Pedro ocupa-se nos tratados I-IX das propriedades sintáctico-semântica dos sincategoremas, classificados segundo a composição (Tratado I: “est”), a negação (II: “non”)³⁶⁴, a exclusão (III: “tantum”, “solus”), a excepção (IV: “preter”, “preterquam”, “nisi”), o condicional (V: “si”); a mudança (VI, sobre “incipit” e “desinit”), a contingência e necessidade (VII: “necessario”, “contingenter”), as conjunções (VIII: “-ne”, “an”, “utrum”), a quantidade e intensidade (IX: “quanto”, “quam”, “quicquid”). A introdução e o último tratado distinguem-se dos restantes nove tratados onde são concretamente discutidos os sincategoremas. O último tratado (*Sync. X: De responsionibus*), embora não trate de qualquer sincategorema, encerra uma doutrina dos fins do seu estudo, na tradição dos tratados *De modo opponendi et respondendi*, sobremaneira útil para a arte da resposta na disputa dialéctica.

O volume contendo a edição crítica dos *Sincategoremas* termina a publicação dos *Opera logicalia* de Pedro Hispano Portugalense por Lambert de Rijk. De facto, desde os estudos preparatórios da edição do *Tractatus*, de Rijk demonstrou que Pedro Hispano apenas escreveu duas obras de Lógica: o *Tractatus* ou *Summulae logicales* e os *Syncategoreumata*. Na introdução da edição crítica encontra-se a descrição dos manuscritos utilizados e a sucinta explicação dos critérios de edição, nomeadamente a fundamentação da escolha dos manuscritos, do método de colação das diferentes versões textuais e dos critérios de selecção entre as várias lições (colocadas no texto ou transcritas no aparato de variantes). Uma comparação entre o profuso aparato do *Tractatus* e o depurado aparato dos *Syncategoreumata*, para além de testemunhar que estes últimos têm uma história de transmissão muito menos intensa e corrompida, pode também constituir um excelente

³⁶³ Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, I, 1, ed. L.M. de Rijk, p. 38: «Uma proposição é considerada verdadeira ou falsa consoante a coisa [envolvida] existe ou não. Ora, a verdade ou falsidade de uma proposição é causada por expressões sincategoremáticas, como “apenas”, “só”, “senão”, “excepto”, etc. Portanto, as expressões sincategoremáticas significam alguma coisa, mas não significam coisas que podem ser sujeito ou predicado [na proposição]. Portanto, [os sincategoremas] significam coisas que são disposições de coisas que podem funcionar como sujeitos ou como predicados, uma vez que na proposição verdadeira ou falsa não existem senão o sujeito e o predicado e as suas disposições.»

³⁶⁴ Um estudo aprofundado dos dois primeiros sincategoremas é apresentado por SPRUYT, Joke, *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Ingenium Publisher, Nijmegen, 1989. O volume contém a edição e tradução da introdução e dos dois primeiros tratados dos *Sincategoremas* (que viriam a ser superadas pela edição crítica, em que a autora colaborou). O estudo das posições de Pedro é completado por uma comparação com as de diversos autores seus contemporâneos.

exemplo da evolução recente das metodologias de edição crítica de textos medievais. Dos 7 manuscritos utilizados, 4 estão quase só presentes no aparato crítico, enquanto que o texto se baseia nos três manuscritos: Tarragona, Biblioteca Capitular ms 2³⁶⁵; Praga, Knihovna Metropolitní Kapituli 1380 (=M27); Napoli, Biblioteca Nazinale F. VIII 29, datáveis do fim do século XIII ou início do XIV³⁶⁶. Nenhum destes, havia sido utilizado para a edição do *Tractatus*. No final da introdução o autor fornece ainda ilustrativos exemplos do seu método de colação entre os manuscritos utilizados, que advertem para a natureza dos erros ou correcções de copista neles existentes, através dos quais é possível pressentir as suas inter-relações, bem como a necessidade de corrigir ou suprir por conjectura as suas falhas, uma vez que «none of the MSS is perfect» (p. 29). Em termos breves o editor propõe a edição do texto do manuscrito de Tarragona anotando as outras lições ou acolhendo-as quando a crítica interna o justifica, não é, portanto apresentado um texto "compósito" como em grande medida acontecia com o *Tractatus*. Talvez por exiguidade de informações codicológicas, o editor abdica da elaboração de um *stemma codicum*, que em alguns casos seria de útil auxílio para uma possível reconstituição da história do texto, ou para a justificação de certas opções na colação das várias lições oferecidas pelos manuscritos.

Estranhamente na “Introduction” (pp. 9-28), para além da explicação da natureza das conjecturas de correcção textual, nada é dito quanto à intervenção do editor no próprio texto, que é profunda pelo menos ao nível da divisão do texto, numeração de parágrafos e atribuição dos títulos de capítulos e subcapítulos, que no texto original não existem. A divisão do texto, os títulos, a numeração dos parágrafos ordenam e hierarquizam o texto de uma forma que em muito facilita a leitura da obra. Também a utilização de itálicos e aspas ou o realce gráfico das regras e dos sofismas clarifica o texto proporcionando uma imediata identificação da linguagem-objecto. Grande parte destes títulos e divisões baseiam-se na obra mesma pois Pedro Hispano inicia o tratamento de cada sincategorema enumerando as questões em que o dilucidará, é o título destas questões que depois o editor insere no lugar oportuno.

Quanto à identificação de fontes, o editor poderia ter ido mais longe, porque aí reside uma das chaves para o estudo, compreensão e contextualização desta obra. Apenas é proposta em notas de rodapé da tradução a identificação das obras de autoridades explicitamente

³⁶⁵ O manuscrito de Tarragona tem a particularidade de apenas ter sobrevivido em microfilme, que era propriedade do Prof. Artur Moreira de Sá, que em 1981 ofereceu uma cópia a De Rijk (p. 12). Este manuscrito, que terá desaparecido durante a guerra civil espanhola, era apenas conhecido por uma descrição catalográfica que levou De Rijk a escrever em 1972 (*Tractatus*, p. CX) : «I am sure that this manuscript contains an interesting copy of the Peter's logical works which seems to belong to the same circle as one of the earliest commentaries extant on the *Tractatus*», juízo este que viria a confirmar-se em tal grau que é ele o usado como base da presente edição.

³⁶⁶ As variantes dos três manuscritos referidos e os casos mais significativos dos outros quatro são todas transcritas no *apparatus criticus* que ocupa cerca de 140 pp. e se encontra após o final do texto.

citadas³⁶⁷. Infelizmente o editor não procedeu à identificação de outros autores a que claramente Pedro recorreu, o que daria uma mais vasta e precisa imagem das suas fontes, dos instrumentos de trabalho que utilizou e das escolas lógicas em que se filia. Deste modo De Rijk teria feito beneficiar o público leitor da sua erudição e dos seus inigualáveis conhecimentos da lógica dos séculos XII e XIII, esperemos que o eminente historiador holandês venha ainda a fazer este trabalho. Não menos importante e útil para penetrar na doutrina lógica de Pedro Hispano é a tradução que acompanha a edição do texto. A tradutora, Joke Spruyt, havia já realizado uma dissertação sobre os dois primeiros tratados dos *Sincategoremas*, aí editados criticamente com a respectiva tradução inglesa³⁶⁸; a segunda parte da obra é um aprofundado estudo das doutrinas petrínicas da composição (*est/é*) e da negação (*non/não*), complementado com a minuciosa comparação (empreendida na continuação de anteriores estudos de H.A.G. Braakhuis) com autores seus contemporâneos, a saber: João Pagem, Tomás de Aquino, Henrique de Gand que textualmente reelabora a obra do Hispano. Diga-se de passagem que até ao momento este trabalho é o mais aprofundado e extenso sobre a doutrina dos sincategoremas de Pedro Hispano e a ele é necessário recorrer para a sua compreensão e contextualização.

Como já vimos a propósito do *Tractatus*, Adenulfo de Anagni deixou ao Colégio da Sorbonne após a sua morte em 1289 uma cópia do *Tractatus* e dos sincategoremas, mencionados no Catálogo da Sorbonne de 1338: «In uno volumine tractatus et sincategoremata magistri Petri Hyspani ex legato magistri Adenulfi, prepositi Sancti Odomari». Este é o primeiro testemunho parisiense sobre a obra..

Não existe qualquer evidência documental que ateste a autoria e data de composição das obras ou refira o contexto e finalidades académicos da sua composição. Na sua ausência, todas as hipóteses ou juízos assentam em conjecturas e deduções com maior ou menor plausibilidade e apoio na tradição ou em testemunhos tardios. A própria obra fornece preciosos elementos quanto a esta questão. A identificação do autor das obras lógicas entre os vários Petrus Hispanus do século XIII, e apesar das minuciosas investigações anteriores de De Rijk, ainda parece longe de estar definitivamente encerrada. De Rijk propõe a identificação deste Petrus Hispanus lógico com o Petrus Hispanus Portugalensis (depois papa João XXI) no próprio título das edições do *Tractatus* e dos *Synathegoreumata*. Uma vez que na introdução ao *Tractatus* havia dedicado largo espaço à “questão petrínica”, na «Introdução» aos *Synathegoreumata* apenas uma página é dedicada ao autor (p. 9) e nela condensa as suas conclusões anteriores, com uma ou outra discreta revisão: seguindo o testemunho dos

³⁶⁷ Cfr. o respectivo índice nas pp. 572-573

³⁶⁸ J. SPRUYT: *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Nijmegen 1989.

manuscritos mais fidedignos, Pedro Hispano é sem dúvida o autor dos *Syncategoreumata*; esta obra, como o comprovam algumas passagens da mesma, foi escrita depois do *Tractatus*; e ambas as obras foram compostas fora do contexto universitário parisiense, que segundo de Rijk Pedro Hispano havia abandonado em 1229 pelo sul de França ou norte de Espanha, onde ambas teriam sido escritas. Remetendo para a Introdução ao *Tractatus*, de Rijk precisa: «The work's most likely date is between 1235-1245», mas convém dizer que este largo intervalo de tempo representa uma revisão da datação anterior, em que o autor situava a redacção das obras no início da década de 30, e aproxima-se de novo das datações tradicionalmente propostas. De qualquer modo, estas serão as primeiras da longa lista de obras atribuídas a um mesmo Pedro Hispano, o Portugalense, que incluem também tratados e comentários de psicognoseologia, ciências naturais e zoologia, medicina, talvez alquimia.

Da utilização da expressão «in precedenti lectioni»³⁶⁹ conclui-se também que os *Syncategoreumata* seriam um instrumento de ensino, desconhecendo-se contudo qual o respectivo local de prelecção.

Particularmente importante para a datação relativa das obras de lógica é o facto de os *Syncategoreumata* conterem sete citações directas que remetem para o *Tractatus*³⁷⁰. Algumas delas têm especial interesse:

Et sic modi facientes propositionem modalem erunt plures quam illi sex quos determinat Aristotiles in secundo *Perihermeneias* et quos habent pueri in *Modalibus* suis³⁷¹.

Esta possível auto-referência, que tem a curiosidade de já o seu próprio autor considerar o *Tractatus* como livro dirigido a jovens. Embora não seja uma atribuição taxativa da obra a si mesmo, tal como em nenhuma das restantes seis, pode ser entendida como uma referência à sua própria obra onde se encontra aquele tema.

consecutionis alia est simplex, alia composita, sive secundum oppositiones, ut dictum fuit in tractatu *Fallaciarum*, in fallacia consequentis³⁷².

Aqui é referido o *Tractatus* de um modo que não deixa dúvidas quanto ao facto de o autor se estar a citar a si mesmo (ut dictum fuit in tractatu *Fallaciarum*). Em outros casos cita explicitamente o texto do *Tractatus*³⁷³, ou remete para o *De distributionibus*³⁷⁴.

³⁶⁹ Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, X, 8, ed. L.M. de Rijkp. 430

³⁷⁰ Cfr. «Index locorum», p. 573, a que haveria a acrescentar a citação do *Tractatus* XII em IX 17 dos *Syncategoreumata*.

³⁷¹ Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, V, 10, ed. L.M. de Rijk, p. 288, é uma citação do *Tractatus* VII, cap. 150.

³⁷² Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, III, 74, ed. L.M. de Rijkp. 161.

³⁷³ Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, V, 5, ed. L.M. de Rijk, p. 204, é uma citação do *Tractatus* e pp. 275.

³⁷⁴ Pedro Hispano: *Syncategoreumata*, V, 5, ed. L.M. de Rijk, cit., p. 352, cfr. *Tractatus* VIII, 50; também remete para este tratado em outro local.

Estas autocitações são da máxima importância porque revelam um estilo e a inquestionável identidade de autor entre as duas obras; e porque mostram que os *Syncategoreumata* são posteriores ao *Tractatus*, que não contém qualquer referências aos *Syncategoreumata*. Dado este precedente, apesar de tudo importante com sete autocitações, esperar-se-ia que o autor em obras posteriores venha a usar o mesmo recurso remetendo para as suas próprias obras. Mas, de facto tal não acontece e nunca nas restantes obras atribuídas a Pedro Hispano se encontra qualquer remissão para as obras lógicas. Poderá isto dever-se a que o autor das obras lógicas não é o autor das restantes obras?

Há uma outra obra também sobre os sincategoremas que convém aqui evocar pois pode ter alguma relação com Pedro Hispano, embora essa não esteja clarificada.

No manuscrito 406 da Bibliothèque Municipale de Amiens³⁷⁵, do séc. XIII e XIV e organizado pelo sistema universitário de *peciae*, existe nos fólios 130ra-154va uma obra sobre os sincategoremas intitulada *Opus puerorum* (Clavis nº 58) que começa com as palavras «Quoniam ignoratis communibus necesse est artem ignorare»³⁷⁶ e que no início de cada *pecia* tem uma atribuição do género «prima pecia magistri p.h.» ou similar. Alain de Libera, em estudo sobre Rogério Bacon³⁷⁷, chamou a atenção sobre este texto e manifestou a sua perplexidade quanto à atribuição, pois num manuscrito com as questões parisienses do franciscano inglês sobre obras de filosofia natural de Aristóteles, as quais estão claramente atribuídas: «a magistro dicto Bacuun» ou outras expressões similares, este texto, que ocupa várias *peciae*, é atribuído a «p.h.». Daí que o erudito francês tenha escrito: «On peut évidemment spéculer à l'infini sur ce «p.h.». Faut-il lire avec certains «patri baccun», ou plus simplement «petri heliae», voire «petri hispani», ou encore «petri <de> hibernia»? Nous ne pouvons répondre. (...) mais quelle que soit ici la part éventuelle du copiste, il faudrait expliquer paléographiquement comment l'on passe de «magistri r.b.» à «magistri p.h.», ce que nous ne savons faire»³⁷⁸. Em estudo posterior esta perplexidade é reiterada e Alain de Libera acrescenta mesmo que apesar da tentativa de também se atribuir o *Opus* a Rogério, «rien dans le texte ni dans le manuscrit n'incite à le faire». Em outro estudo, ainda Alain de Libera considera que é improvável que a referência de Rogério nas suas *Summulae dialectices* a um

³⁷⁵ Manuscrito descrito por V. COUSIN: «Description d'un manuscrit inédit de Roger Bacon qui se trouve dans la Bibliothèque d'Amiens», *Journal des Savants* (1848) 459-472 e no *Catalogue Général des Manuscrits des Bibliothèques Publiques de France- Départements*, vol. XIX: Amiens, Paris 1893, pp. 196-198; cfr. a descrição deste manuscrito no vol. I.

³⁷⁶ Nos manuscritos Barcelona, Ripoll 109, ff. 278r-309vb e Paris, BN, lat. 1668, ff. 109ra-135vb existe um opúsculo que também começa com as palavras «Quoniam ignoratis communibus» mas que não parece coincidir com esta obra, cfr. Cfr. A. de LIBERA: «Les Abstractiones d'Hervé le Sophiste (Hervaeus sophista)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 52 (1985) 163-230.

³⁷⁷ A. de LIBERA: «Les Summulae dialectices de Roger Bacon. I-II. De termino. De enuntiatione», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 53 (1986) 139-288, cfr. pp. 156-157.

³⁷⁸ A. de LIBERA, «Les Summulae dialectices ...», cit., p. 157 n. 74.

seu tratado sobre os sincategoremas se refira a este *Opus puerorum*. Apesar da importância do manuscrito 406 de Amiens para o conhecimento das obras do período parisiense de Rogério Bacon³⁷⁹, os próprios bibliógrafos do franciscano inglês parecem excluir o *Opus puerorum* de entre as obras genuínas³⁸⁰, mas não será possível avançar mais nesta questão sem um estudo comparativo entre as obras lógicas de Pedro Hispano (*Tractatus* e *Syncategoreumata*) e o conteúdo do *Opus puerorum*, que, como é habitual nos tratados da época sobre os sincategoremas, inclui regras lógicas e distinções, com questões e a discussão de sofismas, sendo construída sobre uma classificação dos sincategoremas³⁸¹. É já de si significativo que a obra possa ser integrada no âmbito da “lógica parisiense”³⁸², de onde emanam também as obras lógicas atribuídas a Pedro Hispano.

Obras espúrias de lógica

Uma obra que em manuscritos ou edições antigas circula sob o nome de Pedro Hispano é espúria e de autor incerto, a saber: o *Tractatus exponibilium* (Clavis nº 89), que é uma interpolação ao *Tractatus*. Manuel Alonso mostrou que a obra é apócrifa, citando uma passagem do comentário de Lamberto do Monte (*Copulata super omnes tractatus parvorum logicalium Petri hispani*, Colonia 1494) onde este diz que «a multis tractatus exponibilium negatur esse Petri hispani», sugerindo Alonso que o seu autor possa Pedro Afonso O.P., a quem em algumas edições é atribuída a totalidade das *Summulae*³⁸³. Passou a ser incluída como último tratado do *Tractatus* por volta de 1350, formando com os tratados sobre as propriedades dos termos o *Tractatus VII*³⁸⁴. Pode ser encontrado na edição de Joseph

³⁷⁹ Ver a propósito F. VAN STEENBERGHEN *La philosophie au XIII.e siècle*, deuxième édition mise à jour, Louvain la Neuve 1991, nas pp. 131-132 considera que a obra contém *reportationes* do ensino parisiense de Bacon por volta de 1245, mas não menciona o *Opus puerorum*. Van Steenberghen interroga-se como poderia Bacon ter comentado a *Física* e a *Metafísica* de Aristóteles num período em que recaía um interdito sobre a leitura pública destas obras na Universidade de Paris; segundo o autor tal só poderia ter acontecido se as interdições tivessem caído em desuso (cfr. p. 133).

³⁸⁰ De facto, esta obra não é incluída na mais recente lista de obras de Rogério Bacon, em R. SHARP: *A Handlist of the Latin Writers of the Great Britain and Ireland Before 1450*, Turnhout 1997, pp. 580-583 (nr. 1545), mas aí são apenas mencionadas obras de que existe edição impressa, o que também acontece em J. HACKETT: «The published works of Roger Bacon», *Vivarium* 35 (1997) 315-320. Uma mais completa lista de obras e manuscritos de Rogério Bacon encontra-se em A.G. LITTLE (ed.): *Roger Bacon. Essays: Contributed by Various Writers on the Occasion of the Commemoration of the Seventh Centenary of his Birth*, Oxford 1914, pp. 375-425 e talvez aí ela seja mencionada, o que ainda não foi verificado dada a dificuldade em encontrar esta obra.

³⁸¹ Sobre a estrutura e conteúdo da obra cfr. A. de LIBERA: «Les Summulae dialectices de Roger Bacon. I-II. De termino. De enuntiatione», cit., p. 141.

³⁸² Cfr. A. de LIBERA: «Les Abstractiones d'Hervé le Sophiste (Hervaeus sophista)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 52 (1985) 163-230.

³⁸³ M. ALONSO ALONSO: «Una edición de Pedro Hispano poco conocida», *Razón y fe*, 122 (1941) 357-370 cfr. pp. 365, 369-370

³⁸⁴ Pedro Hispano: *Tractatus*, ed. de Rijk, p. XCIX.

Mullaly³⁸⁵. É obra de autor anónimo que passou a circular como o último dos capítulos sobre os *Parva logicalia* (em muitas versões designado como *Tractatus VII*) e há alguns comentários, por exemplo o de Guillelmus de Curis, que também abrangem este tratado.

O *Tractatus syncategorematus* (Clavis nº 93) das edições tomistas de Colónia de 1489 e 1496 não correspondem ao tratado genuíno de Pedro Hispano. O modo equívoco como estão atribuídas naquela edição pode causar confusão, mas são de facto obras do final do século XV³⁸⁶.

Apenas a título de registo mencione-se mais uma vez a *Summa “Absoluta cuiuslibet”*, recentemente atribuída a um Petrus Hispanus mestre de gramática do início do século XIII.

2. Filosofia natural

Há três obras de filosofia natural sobre o homem atribuídas a Pedro Hispano (por uma questão de método distinguem-se aqui das obras de zoologia, que por critérios medievais deveriam ser também incluídas neste grupo). Duas dessas obras são sobre a alma e apesar de tudo o que as distingue são demasiadas vezes confundidas na literatura secundária³⁸⁷. Mas, estas duas obras são claramente distintas. Uma é um comentário a outra é um manual. O comentário sobre o *De anima* cita diversas outras escritas pelo autor, as quais não estão hoje ainda identificadas. O manual sobre a alma tem como continuação outro manual sobre um dos *parva naturalia* aristotélicos.

A Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis e as outras obras alegadas pelo autor

A *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* (Clavis nº 34) é um comentário sobre o *De anima* de Aristóteles, editada em 1944 por Manuel Alonso com base no manuscrito

³⁸⁵ J.P. MULLALLY (introd., ed., trad.): *The Summulae logicae of Peter of Spain*, cit., pp. 104-129.

³⁸⁶ Cfr. N. KRETZMANN et al. (eds.): *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, cit., p. 878: «Pseudo Petrus» e a n. 48 da p. 223.

³⁸⁷ Por exemplo, Alain de Libera escreve: «Psychologue, P. d’Espagne a laissé au moins un commentaire au *De anima* d’Aristote (plusieurs autres lectures lui ayant été attribués, mais sans raison valable): il s’y montre un partisan résolu de ce qu’E. Gilson a appelé l’“augustinisme avicennisant”» (A. de LIBERA: «Pierre d’Espagne (Petrus Hispanus Portugalensis)», em G. HASENOHR — M. ZINK (dir.): *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age*, Paris 1992 (2e éd.), p. 1171), contudo, o augustinismo avicenizante tem sido associado apenas à *Scientia libri de anima* e não ao Comentário referido; por outro lado, diga-se que na sua obra *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, de 1955, E. Gilson aceita a atribuição da *Scientia*, mas duvida de genuinidade do comentário sobre o *De anima* (cfr. p. 681, n. 43).

de Cracóvia, único então conhecido³⁸⁸. A obra é geralmente citada pelos títulos *Questiones libri De anima* ou *Comentário sobre o De anima*, títulos que não descrevem de modo adequado o seu conteúdo. De facto o comentário inclui questões preambulares e distinctiones ou lições, cada uma das quais com a divisão do texto do *De anima*, a explicação literal do texto, a determinação das *sententiae Aristotelis* e questões, por isso é mais adequado o título descritivo atribuído por Gauthier e aqui adoptado³⁸⁹.

Em qualquer dos manuscritos o texto é incompleto e de facto não abrange senão cerca de um terço do texto de Aristóteles. A análise comparativa dos dois apógrafos conduziu Cruz Pontes a concluir que o texto original usado pelos copistas era mais extenso que o transmitido por qualquer um dos manuscritos existentes, os quais não dependem um do outro e que terminam em pontos diferentes embora próximos e exactamente na mesma *distinctio* ou lição³⁹⁰.

A obra está organizada em lições, designadas *distinctiones*, o que testemunha a sua relação com um curso proferido, onde o autor combina a interpretação literal com a determinação sentencial da doutrina do estagirita e a discussão de questões relacionadas com temas que, no texto comentado, apenas são a floradas, mas que eram centrais na filosofia da época. Esses temas vão desde a organização dos saberes e o estatuto especulativo e natural de uma ciência da alma, até aos problemas mais específicos de âmbito antropológico filosófico como a natureza da alma e do corpo, sua relação, abstracção e conhecimento, etc.

O texto editado começa com três problemas preambulares sobre o objecto, a natureza e o método da ciência da alma, antecedem o comentário que está organizado em lições, cada uma composta por: a) explicação da *intenção do autor*, b) breve *divisão* e articulação do correspondente texto aristotélico, c) exposição das sentenças ou proposições defendidas por Aristóteles, d) e por fim as *questões* (cada questão, que pode ser subdividida em várias sub-questões, tem a seguintes partes: *questio*, *rationes*, *ad oppositum*, *solutio*, *ad rationes*).

³⁸⁸ M. ALONSO ALONSO, *Comentário al de anima de Aristóteles*, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas II) Madrid 1944; ver os aditamentos e correcções a esta edição em J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 119-158; IDEM: «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 43 (1976) 167-201, este estudo contém uma minuciosa descrição do manuscrito de Veneza e nele se editam diversas variantes e passagens que não existem no manuscrito de Cracóvia editado por M. Alonso.

³⁸⁹ Cfr. R.-A. GAUTHIER: «Préface», in: *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, (Opera Omnia t. XLI*1) Paris 1984, pp. 239a*-241b*, cfr. p. 239b*.

³⁹⁰ Cfr. J.M.C. PONTES: «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* ...», cit., pp. 199-200, onde se defende que as divergências de redacção entre os dois manuscritos existentes «viennent expliquer les vicissitudes par lesquelles a passé ce texte qui provient du magistère de Petrus Juliani.» (p. 186); «A elle seule l'existence de ces deux copies de la Scientia libri de anima et des Quaestiones libri de anima permet la conclusion que ces deux oeuvres ont connu une divulgation plus large que celle qu'on aurait pu supposer quand on ne connaissait de chacune d'elles qu'un seul manuscrit.» (p. 200 – fim do estudo).

Corresponde pois ao estilo das *Sententiae cum questionibus*, como foi aliás assinalado por Gauthier³⁹¹. Da obra conhecem-se hoje dois manuscritos que terminam em pontos diferentes mas em ambos os casos *ex abrupto* mais ou menos a meio do livro II da obra de Aristóteles (ficam incompletas as questões da lição relativa a 414b19-415a12), por isso não se sabe se o longo comentário também incluía o livro III. O método de leitura escolar e o desdobramento de mecanismos de abordagem do texto, as fontes aduzidas e os problemas discutidos indiciam, também segundo Gauthier, uma obra composta por volta de 1240, talvez em Toulouse³⁹². É improvável que esta obra tenha sido escrita na Península Ibérica, dado o carácter incipiente das suas instituições escolares onde se ensinava filosofia e porque a penetração de Aristóteles é muito ténue na primeira metade do século XIII, mesmo apesar de ter sido um dos principais contextos de traduções do árabe para latim³⁹³.

Em resposta a uma observação de Gilson sobre as diferenças entre este comentário sobre o *De anima* (cuja atribuição a Pedro Hispano, como já se disse, o autor francês colocou em causa³⁹⁴) e a *Scientia libri de anima*, Cruz Pontes considera que a reduzida presença de conhecimentos médicos nas *Quaestiones*, ao contrário do que acontece com a *Scientia* se poderá ser explicada pelo momento da carreira de Pedro Hispano em que foram escritas: «La date précoce où elles furent rédigées explique pourquoi les Quaestiones révèlent très peu de connaissances médicales. A cette époque, Pierre d’Espagne en fréquentait probablement encore la Faculté³⁹⁵.»

A hipótese de Toulouse como local de composição do *Comentário* é uma novidade e infelizmente Gauthier não a fundamenta. Parece apenas basear-se na exclusão de partes: não foi composta em Paris, devido à proibição de leitura pública de algumas obras de Aristóteles que nessa universidade as excluía do curriculum; só poderia ter sido composta por Pedro em outra universidade onde o interdito não estivesse em vigor e antes de se deslocar em 1245 para Siena onde está atestada documentalmente a presença de um *Petrus Hispanus medicus* (ou seja, Gauthier procede a uma acomodação cronológica, dando como definitiva a identificação do autor com o que conhecia da vida de Pedro Julião-papa João XXI). Porquê então Toulouse? Infelizmente não existe um trabalho sobre a técnica do comentário e da

³⁹¹ GAUTHIER, R.-A.: «Introduction», in Sancti Thomae de Aquino, *Sententia libri de anima*, op. cit. p. 239*.

³⁹² IDEM, *ibidem*, pp. 191* e 240*.

³⁹³ Sobre a penetração do aristotelismo em Espanha no século XIII, cfr. A. MARTINEZ CASADO: «Aristotelismo hispano en la primera mitad del siglo XIII», *Estudios filosóficos* 33 (1984) 59-84; A. ESCOBAR CHICO: «Sobre la fortuna de Aristóteles en España», *Revista Española de Filosofía Medieval* 1 (1994) 141-148.

³⁹⁴ Cfr. E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 681, n. 43.

³⁹⁵ J.M.C. PONTES: «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* ...», cit., p. 178 dando em nota um longo texto de A. Schlögel (p. 503) onde fundamentam estes juízos.

quaestio nesta universidade para podermos ajuizar se a estrutura da obra se enquadra nos modelos usados em Toulouse³⁹⁶. Que outros mestres e comentários sobre Aristóteles são conhecidos nesta Universidade em meados no século XIII³⁹⁷? De qualquer modo, esta hipótese (tal como a associação de Pedro a Léon em Castela, antes aventada por de Rijk) trazia à biografia do nosso personagem algo de completamente novo, que apenas não era improvável porque sobre ele neste período não se conhece rigorosamente nada.

O comentário propriamente dito é antecedido por três grupos questões preambulares, existentes apenas no manuscrito de Cracóvia editado por Alonso (pp. 59-179). Cruz Pontes notou mesmo as profundas divergências entre os dois manuscritos a propósito destas questões preambulares³⁹⁸. O primeiro grupo de questões inclui 15 questões (pp. 59-85 ed. Alonso) das quais 8 reaparecem nas (pp. 163-179 da ed. Alonso); o manuscrito de Veneza começa exactamente com estas 8 questões e na mesma sequência (f. 54r-55r); Pontes nota que entre as questões 2 a 9 da primeira redacção do manuscrito de Cracóvia aparecem sete questões que não surgem nem na segunda redacção nem no manuscrito de Veneza. A segunda série de questões (pp. 123-150 da ed. Alonso) repete-se na *lectio prima* (pp. 184-207); no manuscrito de Veneza estas também são as questões de abertura do comentário. Nas *questiones* do terceiro problema existe uma anomalia. O autor começa por anunciar que é composto por 15 questões (p. 111, l. 2), mas ao chegar à sexta desdobra-a em seis sub-questões (6.1.1. a 6.1.6,

³⁹⁶ Os estudos sobre a *quaestio* centram-se geralmente nas universidades de Paris e Oxford, onde a literatura existente é mais abundante, cfr. B.C. BAZÁN: «Les questions disputées, principalement dans les Facultés de Théologie», em *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les Facultés de théologie, de droit et de médecine*, Turnhout 1985, pp. 13-149, em particular as pp. 25-40 sobre a origem do género e a relação da *lectio* com a *questio* e desta com a *disputatio*; O. WEIJERS: «L'enseignement du trivium à la Faculté des arts de Paris: la "questio"», em J. HAMESSE, *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, (Textes, Études, Congrès, 16) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve 1994, pp. 56-76, chama a atenção para a variabilidade dos modelos de "questio", de tal modo que o termo deve ser usado no plural, embora não assinala um modelo de *questio* e de comentário como o aqui usado; EADEM: *La «disputatio» à la Faculté des arts de Paris (1200-1350 environ)*, Turnhout 1995.

³⁹⁷ Sobre a Universidade de Toulouse ver: R. GADAVE, *Les documents de l'histoire de l'université de Toulouse (1229-1789)*, Toulouse 1910; H. Denifle, *Die Universitäten des Mittelalters bis 1400. I Die Entstehung der Universitäten*, Berlin 1885; *Les Universités du languedoc au XIIIe siècle* (Cahiers de Fanjeux, 5), Toulouse 1970, em especial as pp. 294-303: «Documents inédits pour servir à l'histoire de l'Université de Toulouse au XIIIe s.», os dois estudos de Marie-Humbert Vicaire (pp. 43-57 e 147-78), que abrangem o período de fundação do *studium* sob o impulso dos dominicanos (c. 1216-c. 1233), foram reeditados em M.-H. Vicaire OP, *Dominique et ses prêcheurs*, préf. M.-D. Chenu (Studia firburgensia, 5) Ed. Universitaires de Fribourg – Ed. du Cerf, Fribourg – Paris 1971 pp. 58-100, no entanto não fornecem elementos para discutir o problema da possível presença de Pedro em Toulouse.

³⁹⁸ Para uma comparação entre os dois manuscritos a este propósito, cfr. J.M.C. PONTES: «Un nouveau manuscrit des Questiones...», cit., pp. 185-186, onde conclui que «le texte vénétien s'accorde tantôt avec la première tantôt avec la deuxième rédaction des problèmes que le manuscrit de Cracovie répète en deux endroits différents.»

pp. 122, l. 3-20), das quais apenas as duas iniciais serão discutidas, a primeira com seis sub-sub-questões retiradas da lição 1 do livro I (pp. 122-150 e 184-207). Para a questão seguinte (6.2.) anuncia-se uma subdivisão em 10 questões (6.2.1 a 6.2.10.), mas só há o texto das cinco primeiras, que coincidem com as questões da lição 2 do livro I, que tem precisamente 10 questões.. Seguem-se a estas questões outras retiradas do primeiro problema preambular (pp. 163-179). Mas, note-se que nestes textos repetidos as duas versões nem sempre coincidem exactamente. Esta falha poderá ter origem no próprio copista que desta forma terá tentado suprir lacunas existentes no original, ou dispunha de dois exemplares diferentes. Perante uma provável lacuna no seu exemplar o copista terá repetido no final do terceiro problema preambular algumas questões que já faziam parte das questões do Comentário. Note-se que no manuscrito de Veneza estas repetições não se verificam, visto que nesta versão o problema 3 é apenas composto pelas cinco primeiras questões editadas por Alonso (pp. 109-122).

Segundo Alonso estas repetições do manuscrito de Cracóvia mostram que era um texto em elaboração e assim ficou (Alonso, ed., pp. 42-43 e 47), contudo esta hipótese não explica a inexistência das repetições no manuscrito de Veneza, aliás desconhecido de Alonso.

Os manuscritos de Veneza e de Cracóvia concordam entre si a partir do início do comentário propriamente dito (Cracóvia, f. 56ra 21 = Veneza f. 55ra 47)³⁹⁹.

As lacunas do próprio texto e as diferenças entre as questões que o autor anuncia em cada lição e o que depois efectivamente escreve, levaram o autor da *Tabula questionum* que antecede o texto no manuscrito de Cracóvia (publicada por Alonso a pp. 771-778), a optar por seguir o texto mesmo, como se pode verificar pela última questão da lição 2, do II livro. Pedro Hispano anuncia assim essa questão: «Nona est de diffinitione anime et de eius explanationis» (p. 498, 20-21), mas depois discute uma questão completamente diferente, a saber: «utrum <celum> habeat animam tanquam sui perfectionem, sicut habent animalia ut possit dicere animal vel corpus animatum» (pp. 531,33- 532, 2; a discussão encontra-se nas pp. 532-535). Ora, o autor da tabula remete precisamente para esta formulação e não para a anunciada após a *sententia*: «utrum <corpus celeste> possit dici animal vel animatum» (f. 41rc, ed. Alonso, p. 775, nr. 140).

O texto de Aristóteles está dividido em “distinctiones”, “capitula” e “paragraphi” (e não em *lectiones*)⁴⁰⁰, cada uma das quais é composta pela citação abreviada do *De anima* juntamente com a sua contextualização no plano da obra, seguida da “divisão do texto” (*divisio textus*), resumo da divisão (*divisionis recollectio*), afirmações conclusivas que correspondem à identificação das posições de Aristóteles (*sententiae* ou *intensio philosophi*)

³⁹⁹ IDEM: ibidem, p. 186, havendo a notar diferenças de redação.

⁴⁰⁰ É opção do editor dividir o texto em *lectiones*, mas o autor mesmo chama-lhe *Distinctiones*, (cfr. p. 209, 2; 237, 2; 253, 2, etc.

e, por fim, a lista de questões e a respectiva discussão. Algumas expressões e referências no texto parecem indicar que se trata de material efectivamente leccionado e que as questões poderão ter sido debatidas no âmbito de lições universitárias⁴⁰¹, mas são as remissões constantes para outros pontos do comentário ou a evocação de temas já tratados que evocam recapitulações ou chamadas de atenção ao auditório. Particularmente ilustrativa do que pode ser o contexto escolar do comentário é a mudança de posição do autor a propósito da questão da pluralidade das formas (estudada em III.1.2.) porque primeiro defende uma posição apenas *gratia disputationis* que mais à frente alterará, embora deixe a cada um a possibilidade de escolher entre as diferentes soluções do problema. Um dos aspectos interessantes da obra é a divisão do *De anima* quer em secções sobre as quais se ocupa cada “distinctio/lectio”, cada uma das quais cuidadosamente integrada na parte de que faz parte e depois decomposta em membros cada um dos quais indica uma posição de Aristóteles. Se cada lição dispõe da divisão do texto que se lhe refere há lições onde é feita a divisão global do texto. Antes de mais Pedro refere a divisão em parte proemial e em parte executiva, esta dividida em três *Tractatus* (491, 30-492, 1), mas também refere a divisão destes em capítulos (p. 733, 1 e 10, etc.).

Assim, a *pars prohemialis* que corresponde a I, 1 é desenvolvida nas primeiras sete lições.

A *pars executiva* tem ela própria duas partes uma sobre as opiniões dos antigos (I, 2-4: «in qua philosophus aliorum opiniones narrat et rationes ipsarum et ipsas improbat», p. 490, 13-14) e outra sobre a doutrina da alma (livros II e III: «determinat philosophus de anima secundum viam veritatis», p. 490, 14-15). O *Tractatus* I começa em 403b20 (I, 2) e divide-se em dois capítulos, um sobre as opiniões dos antigos, o segundo sobre a sua refutação (cfr. I, 8, p. 317, 2-7), dedicando-lhe oito lições. Mas, geralmente os estudiosos não notam que de facto falta no comentário uma longa porção do livro I do *De anima* (final do cap. 3 e capp. 4 e 5 na íntegra: 406a30-412a2), embora as suas principais divisões sejam indicadas no início da última lição do livro I, pp. 463, 8-465, 13. O autor não dá qualquer explicação para a inexistência de comentário a esta parte do *De anima*. O comentário do livro II também é incompleto, terminando na lição 11 relativa ao texto de *De anima* 417b7-415b26.

O que quer dizer que o comentário subsistente apenas abrange cerca de um terço da obra de Aristóteles: de 402a1 a 406a29 e de 412a3a 415b26.

⁴⁰¹ Um exemplo entre muitos: «Ante quam aggrediamus disputare de anima secundum sui substantiam...» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso 1944, p. 122, l. 3-4.

O autor pretendia comentar a parte que falta nos manuscritos, como o próprio anuncia na *divisio textus* da lição 1 do livro II, onde refere a última divisão da obra que englobava o final do livro II e todo o livro III:

Illa autem secunda continet partem secundi tractatus et totum tercium et in prima eius parte determinatur de differentia anime que est vegetabilis et de illa que est sensibilis. In secunda que continet tercium tractatum, determinatur de anima intellectiva. Et processus huiusmodi distinctionis in suis patebit locis⁴⁰².

Ou quando algumas linhas mais à frente faz a divisão da primeira parte do mesmo conjunto dos livros II-III, a qual divide também em duas partes, sobre a segunda, que começa em *Quoniam autem ex incertis*, e trata da definição da alma e sua existência no corpo, diz:

Ordo autem manifestus est cum secunda pars se habeat ex additione ad primam. Illius autem partis intensio in sequentibus evidentius declarabitur.⁴⁰³

Esta parte encontra-se efectivamente na lição II, 4, mas a outra não subsistiu em nenhum dos dois manuscritos.

A divisão de cada parte do texto é minuciosa e com ela o autor pretende destacar e aclarar cada uma das afirmações de Aristóteles. Vejamos um esquema onde a título exemplificativo se anotaram todas as divisões do primeiro livro, e da primeira lição do segundo, mas das restantes apenas se indicam as divisões gerais:

A divisão do *De anima* de Aristóteles no comentário de Pedro Hispano

De anima	Divisio Petri	Parte, parte da parte, partícula e lema
I, 1	Pars	
	Prohemialis	
	Proh., Lect.	(partes quatuor)
402a1	1	<i>Bonorum honorabilium noticiam opinantes</i> [determinatur excellentia nobilitatis huius scientie]
		I.1 <i>Bonorum honorabilium</i>
		I.2 <i>Propter utraque hec</i>
		II.1 <i>Videtur autem et ad omnem veritatem cognitio ipsius maxime proficere</i>
		II.2 <i>Maxime autem ad naturam</i>
	Proh., Lect.	(partes quinque)
	2	<i>Inquirimus autem cognoscere naturam ipsius et substantiam</i> [determinatur manifestatio eorum circa que est intensio in hac scientia et modus procedendi circa ipsam]
402a7		I.1.1 <i>Inquirimus autem</i>
402a8		I.1.2 <i>postea que<cumque> accidunt circa ipsam</i>
402a10		I.2.1 <i>omnino autem et penitus difficillimorum est habere aliquam fidem de ipsa</i>
		I.2.2.1 <i>cum enim sit communis questio multis aliis</i>
402a12		I.2.2.2 <i>si autem non est una et communis scientia</i>
402a16		
	Proh., Lect.	(partes septem)
	3	II.A <i>Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo genere sit et quod sit</i> [in hac parte tanguntur ea que n circa animam et substantiam et naturam ipsius]

⁴⁰² Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* II, lect. 1, ed. Alonso 1944, pp. 491, 30-492, 2.

⁴⁰³ Idem, *ibidem*, p. 492, 14-17.

		et eius proprietates primo sunt inquirenda et queritur modus procedendi circa investigationem ipsorum]
402a22		II.A.1.1 <i>Primum autem fortassis</i>
		II.A.1.2 <i>Adhuc autem utrum eorum que sunt potentia</i>
402b1		II.A.2.1 <i>Considerandum autem est et si partibilis est</i>
		II.A.2.2 <i>et utrum sit similis speciei omnis anima</i>
		II.A.2.3 <i>Si autem non est similis speciei</i>
		II.A.2.4 <i>nunc quidem enim querentes et dicentes de anima</i>
		II.A.2.5 <i>Querendum est autem quo modo non lateat</i>
	Proh., Lect. 4	(tres partes) II.A.a <i>Amplius si non multe sint anime set plures partes utrum oporteat querere</i> [Intendit autem philosophus in hac parte tangere questiones incidentes circa comparisonem potenciarum anime ad substantiam ipsius et operationum ad potencias et obiectorum ad operationes a parte modi proedendi in hac scientia]
402b9		II.A.a.1 <i>Amplius si non multe sint</i>
402b11		II.A.a.2 <i>et utrum oportet partes querere prius</i>
402b13		II.A.a.3 <i>si autem opera prius dubitabile est utique</i>
	Proh., Lect. 5	(tres partes) II.A.b <i>Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium in subiectis</i>
402b16		II.A.b.1 <i>Videtur autem non solum</i>
		II.A.b.2 <i>Quum enim habeamus tradere phantasiam de accidentibus</i>
		II.A.b.3 <i>Omnis enim demonstrationis principium est quod quid est</i>
402b16	Proh., Lect. 6	(sex partes) II.B.a <i>Dubitationes autem habent et passiones anime utrum sint communes et habentis [inquit philosophus (...) utrum passiones anime sint proprie ipsius, an sint communes anime et corpori]</i>
		II.B.a.1.1 <i>Dubitationes autem habent</i>
		II.B.a.1.2 <i>videtur autem pluribus nec sine corpore pati</i>
		II.B.a.1.3 <i>set sicut recto in quantum rectum multa accidunt</i>
		II.B.a.2.1 <i>videntur autem et anime passiones</i>
		II.B.a.2.2 <i>si autem sic se habent manifestum est quod intentiones passionum</i>
		II.B.a.2.3 <i>et propter hoc physici est considerare aut de omni aut huiusmodi</i>
403a29	Proh., Lect. 7	(falta a parte final da <i>divisio</i> , 11 linhas do ms. em branco) II.B.b <i>Differenter autem diffiniat quidem physicus et dyalecticus unumquodque ipsorum</i>
		II.B.b.1 <i>Differenter autem diffiniat</i>
		II.B.b.2 <i>set redeundum est. Unde ratio</i>
I, 2-III,13 I, 2-5	Executio Pars prima	(Tr. I, 2-5:
	I, Lect. 8	(quinque partes) I. <i>Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet</i> I.A. [pars I, prohemium]
		I.A.1 <i>Intendentes de anima necesse est</i>
403b20		I.A.2 <i>attendentes priorum opiniones comprehendere</i>
403b21		I.A.3 <i>principium autem questionis est apponere que maxime videntur ibi inesse</i>
403b24		<i>secundum naturam</i>
		I.B.a.1.1 <i>Animatum igitur ab inanimate duobus modis differre videtur</i>
403b25		I.B.a.1.2 <i>accepimus autem et que a genitoribus fere duo hec de anima</i>
403b27		
403b31	I, Lect. 9	I.B.a.1.2.1 <i>Unde Democritus ignem quendam aut calorem dicit earn esse</i>
403a25	I, Lect. 10	I.B.a.1.2.2 <i>Similiter autem et Anaxagoras animam dicit moventem</i>
404b8	I, Lect. 11	I.B.a.2 <i>Quicumque autem in sentiendo et cognoscendo eq que sunt</i>
404b27	I, Lect. 12	<i>Quoniam autem et motum visa est anima esse et cognoscitivum</i>
405a13	I, Lect. 13	<i>Anaxagoras autem videtur quidem alterum dicere animam et intellectum sicut diximus prius</i>
405b10	I, Lect. 14	<i>Diffiniunt autem <animam> omnes tribus ut est dicere motu, sensu et incorporeo</i>
405b31- 406a30	I, Lect. 15	(partes quinque)
405b31		I.B.b.1.1.1.1.1 <i>Considerandum autem est hic primum quidem de motu: improbat opiniones ipsorum diffinientium animam per motum</i>
405b31		I.B.b.1.1.1.1.2 <i>fortassis autem non solum falsus</i>

406a4		I.B.b.1.1.1.2.1.1 <i>dupliciter autem commoveatur</i> [cum moveatur, corr. ms. A] <i>omne aut enim secundum se ipsum aut secundum alterum</i>
406a10		I.B.b.1.1.1.2.1.2 <i>dupliciter autem dicto quod movetur nunc intendamus de</i>
406a30		<i>anima</i>
		I.B.b.1.1.1.2.2 <i>quoniam autem anima videtur movere corpus</i>
406a30- 412a2	Texto não comentado	(divisão na lectio I, 15)
		I.B.b.1.1.2 <i>animam autem maxima dicet aliquis et a sensibili moveri</i> : inquit quomodo veritatem habeat primo ponens ipsam secundum predictum modum moveri
406b15		I.B.b.1.1.2 <i>Quidam autem et movere dicunt animam corpus in quo est</i> : improbat
409b18		ipsorum opiniones in speciali
		I.B.b.1.2 <i>Tribus autem modis traditis secundum quos diffiniunt animam</i> : improbat
411a26		opiniones diffinientium animam per cognitionem
		I.B.b.2 <i>Quoniam autem cognoscere est anime et sentire et opinari, adhuc</i> <i>concupiscere</i> : inquit de numero actionum et virtutum anime et partibilitatem et impartibilitatem ipsius et virtutum eius <u>cuius partis continuatio in fine huius</u> <u>tractatus patebit</u>
II-III	Pars II	(de anima secundum viam veritatis)
	pars I ^a , Ilae	
	pars	
	II, Lect. 1	(sex partes)
412a3		II.A.1.1 Hec quidem a prioribus tradita de anima dicta sunt
412a6		II.A.1.2.1.1 <i>dicamus igitur genus unum quod erit eorum que sunt substantia</i>
?		II.A.1.2.1.2.1 <i>Hec autem maxime is videntur corpora</i>
412a19		II.A.1.2.2.1 <i>Necesse est ergo animam substantiam esse sicut speciem corporis</i>
		II.A.1.2.2.2 ... (vacat)
		II.A.1.2.2.3 ... (vacat)
412b4	II, Lect. 2	II.A.2 Si autem aliquod commune in omni anima oportet dicere, erit utique actus primus ⁴⁰⁴
412b25	II, Lect. 3	Est autem non abiciens animam <quod: <i>om. F</i> > cum potencia sit sicque vivere, set [set: <i>ms. A</i> ; <i>cett.</i> : secundum] quod est habens
413a11	II, Lect. 4	II.B Quum ⁴⁰⁵ autem ex incertis <quidem>, certioribus certior fit et secundum rationem notius
413a20	II, Lect. 5	Dicamus igitur principium accipientes intensionis
413b13	II, Lect. 6	Utrum autem horum unumquodque anima aut pars anime
414a4	II, Lect. 7	Quoniam autem quo vivimus et sentimus
414a29	II, Lect. 8	Potentiarum autem anime que dicte sunt
414b19	II, Lect. 9	Manifestum est autem quoniam eodem modo una est ratio anime et figure
II, 4-III, 13	pars II ^a , Ilae	
	pars	
II, 4-12	Sub parte I	«determinat de differentia anime que est vegetabilis et de illa que est sensibilis» (491, 31-32)
415a14	II, Lect. 10	Necessarium autem est debentem de hiis intensionem facere accipere unumquodque ipsorum quid est ⁴⁰⁶
		[«de singulis anime differentiis et potenciis specialiter determinat», 694, 11-12]
415b7	II, Lect. 11	Est autem anima viventis corporis causa et principium
415b28- 435b25	falta	Empedocles autem non bene dixit, hoc adden augmentum aceder plantis
(II, 4-III, 13)		
III	Sub parte II	Determinat de anima intellectiva (492, 1-2)
429a10 (III, 4)	(cfr. II, 10, p. 732, 10-	De parte autem anime qua anima intelligit ⁴⁰⁷ et sapit, etc., determinatur de illa que nullius partis corporis est actus et hec est intellectiva.

⁴⁰⁴ O lema é mais longo na p. 492 que no início da lição.

⁴⁰⁵ Quum] Quoniam, cfr. p. 492, 8

⁴⁰⁶ Lema em II, 1, p. 491, 23-25 é mais longo.

⁴⁰⁷ O termo *intelligit* não corre em nenhum dos manuscritos usados nas ed. da *translatio vetus* por Alonso, Gauthier, White, é uma contaminação da tradução de Miguel Escoto.

13)

Com que versão do *De anima* trabalha Pedro Hispano? A comparação que se propõe no quadro da página 230 permite verificar que é usada a *translatio vetus* de Tiago de Veneza, embora o lema do início do livro III patenteie uma contaminação da tradução de Miguel Escoto, que foi certamente usada pelo comentador pelo menos na organização da divisão do texto mas também no seu comentário literal do texto de Aristóteles poder detectar-se a influência do grande comentário de Averróis que aquela tradução acompanhava, para além de o próprio comentário ser citado nas *questiones*.

Assim, a decisão de M. Alonso em editar com a *Sententia cum questionibus* de Pedro Hispano a tradução de Guilherme de Moerbeke é desajustada e induz em erro os leitores.

A título de curiosidade note-se que Pedro menciona que o *De motu animalium*, que conhece por uma referência em Averróis não está traduzido e latim⁴⁰⁸. Essa tradução seria realizada por Guilherme de Moerbeke em 1260 e rapidamente difundida⁴⁰⁹.

Um dos aspectos interessantes desta obra e que ajudam a determinar a posição doutrinal do seu autor, e que pode dar um contributo precioso para a sua identificação, são as autocitações que nela encontramos:

I. *De mathematicis* (Clavis nº 51): obra desconhecida

As palavras finais do livro I, que termina com uma questão sobre se o amor é o princípio de tudo, remetem a discussão para outro local em que o tema havia sido tratado pelo autor de modo mais amplo

Et de hiis [scilicet: utrum amor sit principium omnium] in mathematicis latius disputavimus⁴¹⁰.

Não é certo que haja aqui referência a uma obra ou a parte de uma obra, mas nos textos atribuídos a Pedro Hispano não há qualquer longa disputa sobre a matemática e no resto da obra não há outra remissão para este título, nem mesmo na questão sobre se a matemática é mais digna que a ciência da alma (cfr. pp. 130-132). Esta possível obra *De mathematicis* ou *In mathematicis*, ou *Opera mathematica* (Clavis nº 51) nunca foi referida pelos bibliógrafos,

⁴⁰⁸ «(...) et sic determinatur in libro quem narrat Averrois supra librum physicorum quem facit Aristoteles de motibus animalium qui non est in latino.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* ..., lect. ..., q., ed. Alonso 1944, p. 103, 33-104, 3.

⁴⁰⁹ Cfr. B.G. Dod: «Aristoteles latinus» e Ch. Lohr: «The Medieval Interpretation of Aristotle», in N. Kretzmann et al. (ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge 1982, pp. 63, 79.

⁴¹⁰ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, I, lect. 14, q. 5, sol., ed. Alonso, p. 461, 6.

nem na literatura secundária de Pedro Hispano, excepção feita à Introdução de Alonso à edição da *Sententia cum questionibus*⁴¹¹. Na *Bibliografia Geral Portuguesa* diz-se mesmo que «a Matemática foi a única ciência sobre a qual aquele autor nunca se manifestou⁴¹²».

Algumas questões se colocam e que é necessário aprofundar: a) a questão não é tratada na parte onde se disputa se a matemática é mais digna que a ciência da alma (pp. 130-132); b) é necessário verificar se nos dois manuscritos é *mathematicis* que está escrito (poderá ser *animalibus?* ou *methaphysicis?*); c) em que obras medievais sobre a matemática a questão é discutida?

II. *De motu celorum* (Clavis nº 52): obra inexistente

De uma referência que se lê na solução a uma outra questão da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* (utrum anima sit motor corporis celestis ut possit dici quod corpus celeste habeat animam et quod ab anima moveatur), e onde Pedro remete para outras questões, Manuel Alonso conclui que se referiria a uma outra obra a que deu o título *De motu caelorum*⁴¹³. São estas as palavras de Pedro:

Utrum autem sit intellectus increatus an creatus *in aliis discussimus*. Nunc autem sufficiat quod movetur ab intellectu⁴¹⁴.

De facto a auto-citação, mais que indicar uma obra sobre o movimentos dos céus, poderia indicar melhor alguma obra independente sobre o intelecto, ou algum comentário ao *De anima*. Contudo, na segunda questão da lição 10 do livro I Pedro responde precisamente à questão «utrum intellectus sit creatus an increatus⁴¹⁵» e todas as 6 questões desta lição se relacionam com este problema⁴¹⁶. Assim, parece evidente que o autor se está a referir a estas mesmas questões e não parece necessário supor a existência de outra obra sobre a criação do

⁴¹¹ Alonso 1941, p. 24, nr. 29: «*Opera mathematica*. De esta obra habla Pedro Hispano cuando en el Comentario al *De anima* dice Et de hiis in mathematicis latius disputavimus (fol. 91rb)». Note-se que no elenco de obras incluído na 2ª edição da *Scientia libri de anima*, esta obra não é incluída.

⁴¹² *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, p. 384; os autores referem-se aqui às obras referindo-se às obras *In Perspectivam*, *In Sphaeram* Io. Sacrobosco e ao *In Arithmetica* que Nicolau António atribui a Pedro Julião seguindo a Pedro Ciruelo e o juízo citado pretende certamente exprimir uma dúvida quanto à atribuição das três obras.

⁴¹³ Alonso, *Comentario* 1944, p. 24, nr. 30: «*De motu caelorum?* A una tal obra parece aludir cuando dice: *Utrum autem...* ».

⁴¹⁴ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 1, q. 8, sol., ed. Alonso, p. 530, 32-531, 1

⁴¹⁵ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 1, q. 2, ed. Alonso, pp. 370-373

⁴¹⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso, pp. 366-382

intelecto⁴¹⁷, ou que a questão tivesse que ser discutida numa obra sobre o movimento dos céus.

III. *Questiones Physice* (Clavis nº 53): obra desconhecida

Uma terceira obra é citada na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* na questão «propter quid quelibet scientia utitur prima abstractione que est universalis a particulari», quando afirma:

Et per hoc solvuntur rationes. Horum autem verificatio et cum supra questiones physice negocii dicte sunt⁴¹⁸.

A citação parece apontar para uma obra do próprio autor, a qual também parece ser indicada pelas palavras incluídas na questão «cui proprie competat diffinitio utrum, scilicet, substantie an accidenti aut utrique», da mesma obra e onde afirma:

Utrum autem accidentium sunt propria principia per que diffiniantur, determinatum est in aliis⁴¹⁹.

Note-se que no *Tractatus*, onde se trata a definição e a questão do acidente, não é discutido directamente o lugar ou propriedade dos acidentes na definição⁴²⁰.

Manuel Alonso quis ver nas duas autocitações um testemunho da autenticidade do *Liber naturalis de rebus principalibus naturarum*⁴²¹, onde estas questões também não são tratadas e que é seguramente uma obra posterior, século XIV, por isso deve ser eliminada desta discussão.

Tenha-se presente que umas *Lectiones in primum librum Physicorum* (Clavis nº 63) são atribuídas a Pedro Hispano por bibliógrafos antigos, nomeadamente Nicolao Antonio, que indicava um manuscrito existente da Biblioteca Ambrosiana de Milão, mas não foi ainda localizado qualquer manuscrito. A aparecerem devem ser directamente associadas a este comentário sobre o *De anima* e a esta questão em concreto, para averiguar da sua autenticidade.

IV. *Tractatus de embrione* (Clavis nº 56). Obra desconhecida.

⁴¹⁷ O problema da origem da alma e do intelecto, sobretudo nos dois comentários zoológicos atribuídos a Pedro Hispano, foi estudada em J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinais do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, com edição de textos nas pp. 255-282, mas onde esta questão não é abordada, nem ao longo da obra este passo parece ser discutido.

⁴¹⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 2, ad rat., ed. Alonso, p. 113, 32-33

⁴¹⁹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 6.2.4, ad rat., ed. Alonso, p. 161, 8-10.

⁴²⁰ Pedro Hispano: *Tractatus*, II, 14-19, ed. de Rijk, pp. 22-25.

⁴²¹ Cfr. Alonso, Comentario, p. 24, nr. 28

No final da enumeração das 6 questões a tratar na lição 10 do livro II da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* lê-se:

Questiones vero que incidunt circa modos omnes generationis et circa embrionem in tractatu quem sufficienter apponemus determinabuntur et in ipso requirantur et si placet determinantur hic⁴²².

Como o comentário termina antes de chegar a este ponto, ficando-se pela questão 4, nem conhecemos se o tal tratado terá sido apresentado. De qualquer modo Manuel Alonso viu aqui a referência a uma obra do próprio autor «Tractatus de embrione. De esta obra se afirma autor el proprio Pedro Hispano quando dice Questiones vero que incidunt circa modos ... [ver atrás]. Quizá este tratado aparezca en ms. de Cracovia» (cfr. Clavis nº 56). Até hoje não foi localizada alguma obra sobre este tema com atribuição a Pedro Hispano.

Em conclusão, para além do interesse filosófico do comentário (alguns dos seus aspectos doutrinais são estudados na parte III), o seu autor revela-se um verdadeiro mestre de artes, que escreveu sobre diversos outros assuntos, que teve o cuidado de citar. Deve perguntar-se porque é que um autor que se cita a si mesmo por quatro ou cinco vezes não mencionaria as obras de lógica, que é suposto ter escrito antes, nem mesmo quando se refere à lógica e às ciências da linguagem. Curiosamente apenas uma dessas possíveis obras, os comentários sobre a física, aparece referida, e uma só vez (de facto B. Machado repete N. Antonio), por bibliógrafos antigos. A localização destes textos poderia dar um contributo definitivo para a identificação do seu autor. Com estes títulos aduzidos e com o conteúdo da obra, que se distingue das restantes e não manifesta qualquer continuidade nem com as de lógica nem com as outras obras de filosofia natural, temos indício fortes para duvidar da atribuição a Pedro Hispano que se lê no final do livro I no manuscrito de Cracóvia: «EXPLICIT PRIMUS DE ANIMA MAGISTRI PETRI HISPANI» (a cópia no manuscrito de Veneza é anónima). Poderá ser esta atribuição resultado de algum equívoco do copista, ou a obra é mesmo de um Pedro Hispano que é preciso identificar?

⁴²² Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 10, ed. Alonso 1944, p. 738, 27-30.

A tradução do *De anima* usada na *Sententia cum questionibus* de Pedro Hispano

De anima	Divisio Petri	Lemma	Translatio Scoti	Translatio Iacobi	Translatio Guillelmi
I, 1	Pars Prohemialis				
402a1	I, Lect. 1	Bonorum honorabilium noticiam opinantes	Quoniam de rebus honorabilibus est scire	Bonorum honorabilium noticiam opinantes	Bonorum et honorabilium notitiam opinantes
402a7	I, Lect. 2	Inquirimus autem cognoscere naturam ipsius et substantiam	Et quesitum est scire naturam substantiam eius; postea autem omnia que accidunt ei	Inquirimus autem considerare et cognoscere naturam ipsius et substantiam	Inquirimus autem considerare et cognoscere naturamque ipsius et substantiam
402a22	I, Lect. 3	Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo genere sit et quod sit	Et dignum est et rectum ut primo determinemus in quo genere existit	Primum autem fortassis necessarium est [<i>cett. mss.</i>] dividere in quo generum et quid sit	Primum autem fortassis necessarium est dividere in quo generum, et quid sit
402b9	I, Lect. 4	Amplius si non multe sint anime set plures partes utrum oporteat querere	Et etiam si anime non fuerint multe, sed secundum partes	Amplius autem si non multe sint [<i>mss. A, FV</i>] anime, set partes, utrum oportet querere	Amplius autem si non multe anime, set partes, utrum oportet querere
402b16	I, Lect. 5	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium in subiectis ⁴²³	Ed videtur quod hoc non solum est utile, scilicet quid sit aliquid, in sciendo causas accidentium substanciarum	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium substantiis	Videtur autem non solum quod quid est cognoscere utile esse ad cognoscendum causas accidentium substantiis
I, 2-III, 13 I, 2-5	Executio Pars prima				
403b20	I, Lect. 8	Intendentes de anima necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Et necesse est nobis in querendo de anima predicere opiniones antiquorum	Intendentes de anima, necesse est simul dubitare de quibus bene dubitare oportet	Intendentes autem de anima, necesse est simul dubitantes de quibus habundare oportet
403b31	I, Lect. 9	Unde Democritus quendam ignem aut calorem dicit eam esse	Unde Democritus dixit ipsam esse ignem et calidum	Unde Democritus quidem ignem quendam aut calorem dicit ipsam esse	Unde Democritus quidem ignem quendam aut calorem dicit esse ipsam
429a10 (III, 4)	(cfr. II, 10, p. 732, 10-13)	<i>De parte autem anime qua anima intelligit⁴²⁷ et sapit, etc., determinatur de illa que nullius partis corporis est actus et hec est intellectiva.</i>	<i>De parte autem anime per quam anima cognoscit et intelligit sapit</i>	<i>De parte autem anime qua cognoscit et sapit</i>	<i>De parte autem anime qua cognoscit anima et sapit</i>

⁴²³ *in subiectis* por *substanciis* é variante assinalada nos mss. M, O, D, da edição de Alonso, da *translatio vetus*, p. 91, app. I. 10.

⁴²⁷ O termo *intelligit* não ocorre em nenhum dos manuscritos usados nas ed. da *translatio vetus* por Alonso, Gauthier, White, é uma contaminação da tradução de Miguel Escoto, que Pedro também estaria a usar.

A Scientia libri de anima e o Liber de morte et vita

A *Scientia libri de anima* (Clavis nº 29) teve duas edições, com base no manuscrito de Madrid⁴²⁸, único conhecido à época⁴²⁹. Dos dois manuscritos conhecidos apenas o que contém o texto na íntegra atribui a obra a Pedro Hispano (Madrid, BN, 3314), primeiro no título inicial:

Incipit scientia libri de anima a Petro Hyspano Portugalensi edita (f. 3ra)

depois no colofão onde o autor se identifica de uma forma exuberante, dando diversas informações sobre a sua carreira académica:

Ego igitur Petrus Pisanus Portugalensis, liberalium artium doctor, philosophice sublimitatis gubernator, medicinalis facultatis decor[e], ac proficue rector, in scientia de anima decrevi hoc opus precipuum componendum, pro cuius complemento divine bonitatis largitas gratiarum actionibus exaltetur. (f. 67va)

e pela terceira vez logo na linha seguinte, no *explicit* com que se termina a cópia da obra:

Completus est liber de anima a Petro Hispano Portugalensi editus. (f. 67va)

O manuscrito parisiense que não contém a parte final, não dá também a identificação do título inicial, mas o manuscrito de Madrid é inequívoco na atribuição com a particularidade de nas três ocorrências Pedro ser mencionado como *português*, designação que nas centenas de manuscritos apenas ocorre em mais um do *De pulsibus* e em outro do *De oculo*, que é atribuído ao papa João XXI. O facto de apenas um manuscrito atribuir a obra a Pedro não é suficiente para excluir a hipótese de essa não atribuição mais que a convicção de um copista sobre a autoria da obra. Mas, tenha-se desde já presente que essa atribuição tem uma valiosa confirmação externa e independente pois um dos dois manuscritos do *Liber de morte et vita et*

⁴²⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, ed., introd. notas Manuel Alonso Alonso (Pedro Hispano, Obras Filosóficas I), Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1941; 2ª ed.: Juan Flors editor, Barcelona 1961.

⁴²⁹ Sobre esta obra ver em particular: M. GRABMANN: «Ein ungedrucktes Lehrbuch der Psychologie des Petrus Hispanus (Papst Johannes XXI. † 1277) im Cod. 3314 der Biblioteca nacional zu Madrid», *Spanische Forschungen der Görresgesellschaft*, 1 (1928) 166-173; IDEM: «Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 11 (1937-38) 167-208; S.ª A. DIONÍSIO «Pedro Hispano e o seu tratado *De Anima*. Rectificação do conceito de “psicologia escolástica” feita à luz dessa obra recentemente descoberta», *Seara Nova*, 32 [n.os 1264-1265] (1952) 168a-171b; J. FERREIRA: «Introdução ao estudo do *Liber de Anima* de Pedro Hispano», *Revista Filosófica* 9 (1953) 178-198; J.M.C. PONTES : *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 105-115; J.F. MEIRINHOS *A fundamentação do conhecimento na Scientia libri de anima de Pedro Hispano Portugalense*, Dissert., Porto 1989; R.-A. GAUTHIER: «Préface», in: *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, cit., pp. 241*-242*; sobre esta obra veja-se ainda a bibliografia citada ao longo da parte III.

de causis longitudinis ac brevitatis vite (Clavis nº 19), que é indubitavelmente a continuação da *Scientia*, está atribuído a Pedro Hispano, mas sem o designar como português.

Um outro registo medieval parece apontar para esta obra confirmando a sua atribuição a Pedro Hispano. Jacopo Coluccini da Bonavida, médico natural de Lucca, escreveu um *Giornale* ou *Libro di ricordi* sobre os anos 1364-1402, onde anotava factos pessoais, familiares, profissionais e mesmo alguma correspondência que trocou com colegas⁴³⁰. Numa dessas anotações refere os 6 livros de teologia e filosofia que lhe foram emprestados pelo frade servita Gregorio de Pistoia⁴³¹. Após referir esses seis livros, Jacopo acrescenta: «Et un altro me n'aveva dato inanzi squadernato di quaderni sei del libro de anima secondo Petro Hispano che non aveva principio⁴³²». A designação *libro de anima* indica mais esta obra que o comentário. Nada se encontrou sobre este manuscrito e o facto de explicitamente se dizer que não tinha principio, indica que não é nenhum dos dois manuscritos conhecidos, ambos com o prólogo inicial. Não se conhecem outras menções a esta obra, que apenas voltaria a ser citada na segunda edição da *Bibliotheca Hispana Vetus* de Nicolao Antonio em 1788 e depois divulgada em 1928 pelos trabalhos de Martin Grabmann.

Martin Grabmann começou por chamar a atenção para esta obra afirmando no artigo onde divulgou a sua descoberta: «a obra de Pedro Hispano “De anima”, que até hoje não fora mencionada na literatura histórico-filosófica, oferece uma exposição sistematizada e substancial da psicologia. Simultaneamente, constitui o produto mais significativo da actividade literária do nosso escolástico e uma das mais importantes, senão a mais importante de todas as monografias escolásticas sobre a teoria da alma no século XIII⁴³³», considerando-a mesmo um importante documento da influência da filosofia árabe no pensamento filosófico da escolástica pré-tomista⁴³⁴ e a mais pormenorizada psicologia sistemática da alta

⁴³⁰ Manuscrito Lucca, Archiio di Stato, Ospedale di S. Luca 180 assinalado e parcialmente publicado por L. Chiappeli num artigo na *Rivista delle scienze mediche e naturali*, 12 (1921) 121-133. Todas as informações sobre este registo foram recolhidas em D. NEBBIAI-DALLA GUARDA: *I documenti per la storia delle biblioteche medievali (secoli IX-XV)*, Roma 1992, pp. 57-59, 63.

⁴³¹ Frade da ordem dos Servos de Maria, estudou em Paris, regressando depois a Pistoia onde foi prior do convento dos Servos. Antes de 1376 figura como leitor no *Studium* de Florença, e depois da Universidade de Bolonha. Em 1396 é nomeado procurador da cúria romana, pelo capítulo geral da Ordem (cfr. D. NEBBIAI-DALLA GUARDA: *I documenti*, cit. p. 63). O percurso universitário de Gregorio é sugestivo e pode explicar o seu interesse por livros de filosofia.

⁴³² Cit. em D. NEBBIAI-DALLA GUARDA: *I documenti*, cit. p. 63.

⁴³³ M. GRABMANN: «Ein ungedrucktes...», cit., p. 167; trad. em L. THOMAS, *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*, Lisboa 1944, p. 101.

⁴³⁴ Em «Kaiser Friederich II. und sein Verhältnis zur aristotelischen und arabischen Philosophie», M. GRABMANN: *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, p. 114, onde refere a obra como «das ungedruckte Lehrbuch des Psychologie des Petrus Hispanus im Cod. 3314 der Biblioteca nacional zu Madrid», cfr. também p. 127.

escolástica⁴³⁵. Obra que mais tarde elogiaria nestes termos: «este manual de psicologia, rigorosamente sistematizado, onde as matérias se desdobram por treze tratados, coloca em plena luz os fundamentos filosóficos da vida anímica do homem e não tenho dúvida em o considerar o mais completo exemplar de psicologia sistemática que nos foi legado pela época do esplendor da escolástica. Apesar do seu autor, contrariando ainda neste ponto hábito sempre respeitado naquele tempo, não fazer citações algumas e nos dar grande quantidade de bom trabalho original, mostra a análise das fontes do texto o predominante influxo da Filosofia aristotélico-árabe. A suia exposição da teoria do intelecto agente, por exemplo, denuncia uma franca influência de Avicena. Comparar este trabalho de Petrus Hispanus, que é o mais significativo manual de psicologia saído das Faculdade de Artes, com os trabalhos do mesmo género de S. Tomás, que nos deixou a melhor exposição da teoria da alma vista do lado da Teologia escolástica, teria altíssimo interesse histórico e filosófico⁴³⁶.» A *Scientia libri de anima* também foi considerada por van Steenberghen como a mais importante das obras de Pedro Hispano, «véritable somme de psychologie, le plus ancien exposé systématique de la psychologie aristotélicienne»⁴³⁷. Um dos problemas que envolve a obra tem sido justamente a sua classificação dentro de uma das correntes então dominantes no pensamento da época, mas, como se verá, a obra pelo seu eclectismo parece fugir a todas as classificações (cfr. parte III, 2.3.2.2.).

O estudo comparativo sugerido por Grabmann ainda não foi realizado e apesar da novidade com que a obra se apresentava, e da forma elogiosa como costuma ser referida, tem merecido pouca atenção fora do círculo de estudiosos dedicado a Pedro Hispano.

Completo e sistemático manual, em 13 tratados, sobre todas as faculdades, objectos e funções da alma, que no seu esquema segue o *De anima* de Avicena, mas onde estão presentes doutrinas de outras proveniências, como algum neoplatonismo e sobretudo conhecimentos fisiológicos, que sublinham os consistentes conhecimentos médicos ou biológicos do autor que no colofão se vangloriai de ser reitor da faculdade de medicina. O que marca a obra é a sua intensa visão espiritualista do homem e uma particular teoria do intelecto que será melhor analisada na parte III

O pensamento de fundo e a terminologia patentes na *Scientia* são muito diferentes dos usados no comentário ao *De anima* de Aristóteles, de tal forma que, como afirmou Gilson, a obra «faz recordar a psicologia pia e retórica do século XII», com uma perspetivação da

⁴³⁵ «die ich für ausführlichste systematische Psychologie der Hochscholastik halte», Idem, p. 126-127.

⁴³⁶ M. Grabmann: *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, pp. 126-127, trad. em L. THOMAS, *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*, cit., pp. 101-102.

⁴³⁷ F. VAN STEENBERGHEN: *La philosophie au XIII.e siècle*. Deuxième édition mise à jour, Louvain la Neuve – Louvain 1991, pp. 130-140.

alma que evoca «a sua origem Cisterciense».⁴³⁸ A terminologia usada e as doutrinas centrais, como o microcosmismo, as teorias da matéria e da substância, a inserção cósmica do intelecto, aproximam de facto a *Scientia* da filosofia do século XII.

A obra estrutura-se sobre uma pormenorizada classificação das faculdades da alma, com destaque para as funções vitais, gnosiológicas e activas, e uma teoria dos intelectos encimada pela defesa, aparentemente contraditória, de um intelecto agente humano, de uma inteligência agente separada como fonte universal das verdades inteligíveis, que legitimou a associação do autor com um tipo particular de agostinismo avicenizante, mas também aceita a iluminação directa do criador segundo o modelo agostiniano.

Organizado em 13 tratados, o livro é um autêntico compêndio do estado e dos debates da ciência da alma em meados do século XIII. A estrutura da *Scientia* segue o *De anima* de Avicena, mas tratando com mais equilíbrio cada tema e acrescentando outros novos, segundo um plano claramente apresentado pelo autor logo no prefácio da obra:

In hac igitur sciencia tradetur perfecta notitia substantie anime, differentiarum, virtutum, operum, proprietatum et omnium dispositionum, que ei insunt ex natura propria et corporis subiecti, et procedet hystoria circa animam intellectivam separatam et circa eius perpetuam et inmortalem existenciam et organorum distinctiones assignabuntur. Antiquorum vero opiniones in fine operis proferentur⁴³⁹.

O tratado I contém uma metafísica da alma: existência, essência, imortalidade, relação alma-corpo.

O tratado II oferece uma súmula de todas as faculdades e actividades da alma, que nos tratados seguintes serão desenvolvidas (tem-se dito que nesta obra é difícil identificar do pensamento o autor, que se expressa de modo equívoco, mas neste tratado ele está todo sistematizado e resumido).

Na parte central da obra dedicam-se três tratados a cada divisão maior da alma

Tratados III-V: alma vegetativa/ função vital;

Tratados VI-VIII: alma sensitiva;

Tratados IX-XI: alma intelectiva e inteligência agente.

Tratado XII: relação da alma com os órgãos corporais.

Tratado XIII: sinopse das teorias que Aristóteles expôs no *Acerca da alma* livro I.

⁴³⁸ E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 320, nas pp. 319-322 pode ler-se um resumo da *Scientia* realizado com a mestria habitual em Gilson.

⁴³⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, Prol., ed. Alonso, p. 5, 14-20.

Esta estrutura mimetiza o *Liber de anima* de Avicena, mas em alguns tópicos recorre directamente a Aristóteles e não a Avicena⁴⁴⁰. Vejamos um quadro recapitulativo⁴⁴¹:

Estrutura da *Scientia libri de anima* comparada com as obras de Aristóteles e Avicena

	ARISTÓTELES <i>Pery psyches</i>	AVICENA <i>Liber de anima</i>	PEDRO HISPANO <i>Scientia libri de anima</i>
Alma (exposição metafísica)	(I,1) II,1-3	I, 1-4	I
Alma (exposição sintética)	-	I,5	II
Alma vegetativa	II,4	II,1	III, IV e V
Alma sensitiva (sentidos externos)	II,5-12	II, 2-5; III	VI
Alma sensitiva (sentidos internos)	III,1-3	IV, 1-3	VII
Alma sensitiva (potências motoras)	III,9-10	IV,4	VIII
Alma intelectiva (problemas gerais)	III,4-8	V, 1-4	IX
Alma intelectiva (apreensiva)	»	V, 5-6	X
Alma intelectiva (motiva)	III,9-10	»	XI
Órgãos da alma	II,12-13	V,8	XII
Opiniões dos antigos	I,2-5	V,7	XIII

A *Scientia libri de anima* é uma obra de notável engenho sistemático, onde se «ordena uma exposição compendiosa e perfeita (compendiosam ac perfectam traditionem⁴⁴²) sobre a natureza da alma e suas faculdades (...e são...) reunidas as verdades de todas as investigações em sentenças muito claras e breves.»⁴⁴³ Daí que lhe chame um *Scientia*, que definiu assim: «(...) scientia que est rerum per certas causas cognitio et certa perfectio intellectus⁴⁴⁴.» Como o autor pretende expressamente acolher as teorias pela sua verdade, e baseando-se nas suas próprias obras anteriores⁴⁴⁵, nunca menciona as suas fontes nem cita o nome de qualquer autoridade ao longo da obra, possuindo antes um peculiar método de

⁴⁴⁰ Por exemplo, o tratado sobre as opiniões dos antigos é colocado no final, como o fez Avicena, mas Pedro quanto ao conteúdo apresenta uma síntese do tratado I do *De anima* de Aristóteles, ignorando os temas discutidos por Avicena.

⁴⁴¹ Este quadro foi pela primeira vez incluído em J.F. MEIRINHOS *A fundamentação do conhecimento na Scientia libri de anima*, cit., cap. I.3.

⁴⁴² Segundo Dag Hasse estas palavras indicam que «Petrus is intending to write his final book on the soul», D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West: The Formation of a Peripatetic Philosophy of the Soul 1160-1300*, London—Torino 2000, p. 58.

⁴⁴³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, Prol., ed. Alonso, p. 5, 8-13.

⁴⁴⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, p. 408, 34-36

⁴⁴⁵ Propósitos semelhantes encontram-se no prólogo da *as-Shifā* de Avicena (não traduzido para latim) e no prólogo do *De anima* de Gundissalino, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., p. 232 n. 29, p. 59.

exposição que lhe permite disfarçar as terias que rejeita contrapondo-as às suas⁴⁴⁶. Mesmo assim é possível ir detectando algumas das suas fontes.

Dentro da teoria do Pedro Hispano autor único, a composição da *Scientia* é habitualmente situada após as obras médicas devido em primeiro lugar à afirmação do autor no colofão que se identifica como reitor da faculdade de medicina, mas também devido ao relevo de certas doutrinas médico-biológicas ao longo do tratado, embora a extensão do uso da medicina nunca tenha sido de facto analisada e esla está presente em certas descrições de órgão e faculdades que também faziam parte dos conhecimentos dos mestres de artes. A mais recente proposta de datação é de René-Antoine Gauthier: «Pierre d’Espagne l’a sûrement écrite après avoir enseigné la médecine, sans doute au cours des séjours qu’il fit au Portugal entre 1250 et 1260⁴⁴⁷». Esta sugestão pretende harmonizar-se apenas com a biografia reconstruída de Pedro Julião, mas desconhecemos em absoluto que este tenha desempenhado qualquer função académica nestes anos, apesar de ter obtido o benefício de mestre-escola da catedral de Lisboa. Se repararmos bem se esta obra fosse escrita nesta altura apresentaria um avicenisismo já abandonado, partilhando posições defendidas algumas décadas antes, defendendo teorias já criticadas nos meios filosóficos e representaria uma curiosa involução histórica relativamente ao pensamento da sua época. Ou seja, enquanto a tendência dos meios académicos vai nessa época no sentido de abandono do avicenisismo e de um maior centramento no texto de Aristóteles, por efeito da sua adopção como parte do *curriculum* universitário, Pedro estaria a fazer o percurso inverso, ou seja: na década de 40 mostra-se pioneiro ao comentar, talvez pela primeira vez, o *De anima* de Aristóteles e 10 ou 20 anos mais tarde, depois de ter passado por uma formação e pela prática e ensino de medicina, adoptaria posições espiritualistas e marcadas pelo avicenisismo mais “extremo” pois afirma a existência de uma inteligência separada, mais ou menos assimilada com as funções de um intelecto iluminador da alma humana (sobre esta questão ver a parte III).

Assim, não é de descartar a hipótese de a *Scientia* ter sido escrita entre 1233 (porque usa o *Tractatus* de João de Rochela, escrito por esta época) e meados da década de 40. O seu autor seria portanto de distinguir do autor do comentário sobre o *De anima*, pois não se encontram ecos recíprocos entre estas obras.

O estudo da alma prolonga-se em Aristóteles nos *Parva naturalia*, um conjunto de opúsculos que inclui o *De morte et vita*, o *De longitudine et brevidade vite*. Também a obra de Pedro Hispano Portugalense tem uma sequela similar: O *Liber de morte et vita et de causis*

⁴⁴⁶ Sobre este método, cfr. J. FERREIRA: «Introdução ao estudo do *Liber de Anima* de Pedro Hispano», cit.

⁴⁴⁷ R.-A. GAUTHIER: «Préface», em Sancti Thomae de Aquino, *Sententia libri de anima*, cit. p. 241*.

longitudinis ac brevitatis vite de Pedro Hispano⁴⁴⁸, obra também editada por Manuel Alonso Alonso, aborda temas dos *parva naturalia*, mas não sob a forma de comentário⁴⁴⁹. Esta obra é um tratado sistemático, cuja estrutura, terminologia, referências internas e conteúdo o relacionam com a *Scientia libri de anima*⁴⁵⁰, que é mesmo citado deste forma nas palavras iniciais do capítulo 1 do livro I:

Sicut igitur in negotio nostro de anima expressum est, vite perfectio corporibus convenit solum mixti propter distantiam a contrarietate⁴⁵¹.

O pequeno tratado aprofunda o tema específico da vida e da morte e suas causas, dentro do quadro geral da relação alma/corpo, tendo como objectivo último a conservação da vida. Assim, são analisadas as causas da morte e da vida, da corrupção nos seres geráveis, da longevidade e da brevidade da vida. Esta obra é um tratado que sistematiza o conteúdo de dois dos *Parva naturalia* de Aristóteles: o *De longitudine* (no tratado I) e o *De morte et vita* (no tratado III), no tratado II abordam-se as causas da corrupção dos seres geráveis. Note-se de passagem que outro dos *parva naturalia* de Aristóteles foi integrado na *Scientia libri de anima*, nos capítulos 11 e 12 do Tratado X, onde parece evidente um recurso à paráfrase de Averróis (embora ao contrário deste, Pedro defenda que há uma memória intelectiva). E Michael Dunne mostrou também que o *De morte et vita* de Pedro Hispano depende extensamente do *De longitudine* de Averróis⁴⁵² e que por essa razão poderá ser um dos primeiros textos a ter sido escritos no ocidente latino sobre o tema⁴⁵³, seguramente anterior a 1250 como se depreende pela continuação. Ora, tendo esta obra uma unidade de projecto, de estilo e de intenção com a *Scientia* podemos ter aqui mais argumento para mostrar que estas obras foram escritas próximo desta data ou até mesmo antes de 1240.

⁴⁴⁸ Pedro Hispano: *Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite*, ed. M. ALONSO, (Pedro Hispano Obras filosóficas t. III), Madrid 1952, pp. 413-490.

⁴⁴⁹ Sobre esta obra ver: L. de PINA: «Os portugueses na História da ginecologia (Pedro Hispano — Francisco Sanches)», *Studium Generale* 5, 1-2 (1958) 163-202; M. DUNNE (ed. and introd.): *Magistri Petri de Ybernica: Expositio et quaestiones in Aristotelis librum de longitudine et brevitate vitae (ex cod. Vat. lat. 825, ff. 92r-102r)*, Louvain-la-Neuve — Paris 1993, pp. 28-31.

⁴⁵⁰ Esta proximidade foi também notada pelos irmãos Carreras y Artau: «Por la índole del asunto, que se ciñe estrictamente a las manifestaciones de la vida somática, el Liber de morte et vita señala la transición a las obras médicas» e consideram-na obra similar à *Scientia libri de anima*, cfr. T. CARRERAS Y ARTAU — J. CARRERAS Y ARTAU: *Historia de la Filosofía Española*, vol. I *Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Madrid 1939, p. 122.

⁴⁵¹ Pedro Hispano: *Liber de morte et vita*, ed. Alonso, I, 1, p. 415, 6-8.

⁴⁵² Averróis: *Compendium libri Aristotelis de causis longitudinis et brevitatis vite*, em Averrois Cordubensis: *Compendia librorum Aristotelis qui parva naturalia vocantur*, ed. A.L. Shields, adiuv. H. Blumberg, Cambridge (Mss.) 1949, pp. 129-149.

⁴⁵³ «Still it is clear that the work has been inspired by the *De longitudine* [of Averroes], there are many unacknowledged quotations drawn from it and also at the beginning of Book II chapter 4, p. 475 ff., there are extensive passages drawn from Averroes' commentary on the *De longitudine*. Can we see in this, perhaps, evidence of it being one of the earliest Latin texts on the subject, written or begun when the prohibitions of Aristotle still held sway or were only recently relaxed?»

Outras obras, inexistentes ou erradamente atribuídas

I. A *Expositio libri De anima II-III* (Clavis nº 71)

Está hoje definitivamente excluído que Pedro Hispano seja o autor da *Expositio libri de anima II-III*, obra que sobreviveu sem qualquer atribuição e sem o respectivo início nos ff. 68 a 89 do manuscrito 3314, da Biblioteca Nacional de Madrid, antecédida da *Scientia libri de anima*, essa sim a atribuída a Petrus Hispanus Portugalensis. Quando a editou em 1952, Manuel Alonso escreveu uma introdução onde defende a atribuição da *Expositio* a Pedro Hispano⁴⁵⁴, outrora já sugerida a título de hipótese por Martin Grabmann⁴⁵⁵ e que os irmãos Carreras y Artau seguiram dando-a por adquirida⁴⁵⁶. Alonso baseia-se em razões externas (porque o códice onde a obra se encontra, onde é precedida pela *Scientia libri de anima*, teria sido realizado em parte pelo mesmo copista que também reunira o *corpus* médico de Pedro Hispano no manuscrito 1877 de Madrid⁴⁵⁷), razões internas (alegando a semelhança de certas doutrinas⁴⁵⁸) e razões cronológico-biográficas (a suposta infracção às interdições parisienses que este comentário representa teriam levado o autor a abandonar a cidade em 1245, indo ensinar medicina para Siena⁴⁵⁹). É certo que Alonso não é absolutamente taxativo e a sua atribuição é quase condicional e provisória: «mientras no aprezca una obiección seria, debemos decir que es de Pedro Hispano la “Expositio libri de anima”»⁴⁶⁰. De facto, as objecções não deixaram de aparecer e nenhum daqueles argumentos tem sustentação, como

⁴⁵⁴ PEDRO HISPANO: *Expositio libri de anima*, ed. Manuel Alonso em Pedro Hispano, Obras Filosóficas III, Madrid 1953, pp. 120-401, ver a «Introducción» nas pp. 21-81; note-se que o comentário é acompanhado pela edição da *translatio vetus* do *De anima*.

⁴⁵⁵ «Diese Aristoteleskommentare [v.g. *Notitia super librum De sompno et vigilia*] und vol auch der Kommentar zu *De anima* [v.g. *Expositio libri de anima*] haben den gleichen Verfasser, den ich nicht fstdstellen konnte. Daß petrus Hispanus, dessen großes Werk *De anima* [v.g. *Scientia libri de anima*] der wertvollste Bestandteil der Handschrift ist, auch diese Aristoteleskommenatre vervaßt habe, läßt sich nur als enstweilige Vermutung aussprechen», M. GRABMANN *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, p. 65.

⁴⁵⁶ Sobre as descobertas de M. Grabmann nos manuscritos 3314 e 1877 de Madrid, escrevem: «En el primero se encuentran, además de otras obras de Pedro Hispano que mencionaremos luego, los comentarios al *De anima* (incompletos por faltarles un fragmento inicial) y a los *Parva naturalia*, de los que son comentados el *De sensu et sensato*, el *De morte et vita* y el *De somno et vigilia*. En el otro una porción importante está ocupada por el comentario a la *Historia de los animales*, al que le falta el fragmento final. Aunque por deficiencias en la conservación de los manuscritos falta la atribución taxativa de tales obras a Pedro Hsipano, es indudable que le pertenecen, por hallarse incluídas en códices donde constan, escritas en la misma mano, otras obras suyas con las que guarda conexión», T. CARRERAS Y ARTAU — J. CARRERAS Y ARTAU: *Historia de la Filosofía Española*, vol. I *Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Madrid 1939, p. 120.

⁴⁵⁷ Cfr. M. ALONSO: «Introducción», cit., pp. 24-25.

⁴⁵⁸ Cfr. M. ALONSO: «Introducción», cit., pp. 30-36.

⁴⁵⁹ Cfr. M. ALONSO: «Introducción», cit., pp. 80-81.

⁴⁶⁰ Cfr. M. ALONSO: «Introducción», cit., p. 35.

bem mostrou René-Antoine Gauthier⁴⁶¹, que também analisou com rigor as citações de Averróis que se encontram neste comentário literal, cuja estrutura e fórmulas literárias em nenhum ponto denunciam que seja o resultado de algum curso universitário. Quanto às razões externas e codicológicas, ao contrário do que pensava Alonso, esta obra e os textos sobre os *parva naturalia* que se lhe seguem pertencem a manuscritos de datas e proveniências diferentes, pois a segunda parte do códice é de origem inglesa e a parte que contém a *Scientia* é de origem francesa⁴⁶²; apenas o acaso da encadernação moderna as juntou num mesmo volume. Quanto ao conteúdo, a autoria petrínica foi infirmada por Alexander Schlögel⁴⁶³, retomado por Cruz Pontes⁴⁶⁴, rebatendo as interpretações de Manuel Alonso que pretendia aproximar certas posições das que se podem ler no outro comentário sobre o *De anima* e na *Scientia libri de anima* atribuídos a Pedro Hispano. Quanto à sugestão biográfica relativa ao abandono de Paris em 1245 é o próprio Manuel Alonso a pressentir a sua debilidade quando escreve: «La conjectura se ofrece muy espontaneamente, pero hoy no está basada en documento ninguno histórico. Esto he dicho aquí tan sólo para despertar la atención, por si alguien tuviese la suerte de fijar la fecha con más exactitud»⁴⁶⁵.

Apesar dos estudos de Schlögel, Pontes e Gauthier atrás referidos, continua a haver diversos autores que persistem em incluir esta obra entre as de Pedro Hispano. Se em alguns casos tal referência não tem consequências⁴⁶⁶, outros há em que a interpretação filosófica das obras fica seriamente afectada por compaginar obras que de facto pertencem a autores seguramente diferentes⁴⁶⁷.

Os autores que aceitam que a obra não é de Pedro Hispano tendem a citá-la como de “pseudo-Pedro Hispano” (por exemplo Gauthier), mas também esta designação é enganosa, porque em lugar algum lhe é atribuída pelo copista e não há qualquer razão para associar a *Expositio* ao nome deste autor, por isso seria mais correcto designar o autor simplesmente

⁴⁶¹ R.-A. GAUTHIER: «Préface», em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima* (Opera Omnia t. XLI*1) Paris 1984, pp. 236b*-238b*.

⁴⁶² Cfr. vol. I, pp. 238-239.

⁴⁶³ A. SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre*, cit., Roma 1965, pp. 62-328.

⁴⁶⁴ J.M.C.PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 159-173.

⁴⁶⁵ M. ALONSO: «Introducción», cit., p. 81.

⁴⁶⁶ Cfr. G. DÍAZ DÍAZ: *Hombres y documentos ...*, cit., p. 311 nr. 6627, onde aduz outros manuscritos que não parecem ter qualquer relação com este texto.

⁴⁶⁷ A título de exemplo vejamos R.C. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, Leiden-New York-Köln 1995, pp. 65-74, ou J. FERREIRA «Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano», em CALAFATE, Pedro (org.): *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Lisboa 1999, pp. 299-329.

como anónimo de Madrid, pelo menos enquanto não ficar estabelecido quem foi o seu verdadeiro autor.

Correm actualmente informações, ainda não publicadas e que não consegui confirmar, sobre a descoberta de um apógrafo desta obra que conterà também o livro I e a parte inicial do livro II, que faltam no de Madrid, tornando-se assim possível o conhecimento integral da obra e a identificação do autor da *Expositio*, seguramente de âmbito anglo-saxónico, como muitos autores têm sugerido, em razão do seu próprio conteúdo.

II. *Supra librum De sensu et sensato* (Clavis nº 54): Obra inexistente

A obra é citada no comentário médico *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni* «Virtus itaque sensibilis constat», lição onde trata os cinco sentidos, sem propor qualquer questão, que substituí pelas palavras:

Circa partem istam [sc. de quinque sensibus] possunt queri multa vel quasi infinita dubitari; sed quia alibi sunt disputata et determinata sicut supra librum *De sensu et sensato* et supra secundum librum *De anima*, ad presens omittantur et in partibus illis requirantur⁴⁶⁸.

Não é certo que seja uma citação de uma obra própria, podendo tratar-se de uma simples citação de obras de outros autores ou mesmo das próprias obras de Aristóteles. De qualquer modo não se conhece qualquer manuscrito onde estas obras sejam atribuídas a algum Pedro Hispano.

Em geral esta passagem é usada na bibliografia secundária sobre Pedro Hispano para fundamentar que ele escreveu comentários sobre obras de Aristóteles.

III. *Supra secundum librum De anima*

A obra também é citada na passagem transcrita título anterior e sobre ela se poderá dizer o mesmo, não sendo certo que constitua uma autocotação, nem se conhece qualquer manuscrito com esta obra atribuída a Pedro Hispano.

Na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* atribuída a Pedro Hispano não chega a discutir os cinco sentidos e os sensíveis próprios, razão pela qual Alonso usou esta passagem para fundamentar a atribuição a Pedro Hispano da efectivamente anónima *Expositio libri De anima II-III*, onde o tema é tratado. Ainda desta passagem Cruz Pontes inferiu que os os dois manuscritos do comentário sobre o *De anima* existentes não incluem todo o

⁴⁶⁸ Madrid, BN, 1877, f. 32va-b; cit. por M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, p. 104; M. Alonso: *Pedro Hispano, Obras filosoficas III*, 1952, pp. 28-29)

comentário escrito por Pedro e que ele pelo menos seria mais extenso, até alcançar estas questões⁴⁶⁹.

3. Zoologia

Há duas obras de matéria zoológica atribuídas a Pedro Hispano: os *Super libro De animalibus Aristotelis* e os *Problemata*. Para complicar um pouco: há duas versões completamente diferentes dos comentários sobre o *De animalibus*, que divergem na forma e no conteúdo: uma versão anónima encontra-se em dois manuscritos (Clavis nº 37 — I. Versão de Madrid-Vaticano)⁴⁷⁰ e a versão do manuscrito de Florença atribuído numa ténue anotação no f. 192v) «Scriptum petri his.» (Clavis nº 37 — II. Versão de Florença)⁴⁷¹. A ironia da situação, depois de uma sequência de revisões e inversões de soluções do problema, é que o comentário anónimo é hoje atribuído a Pedro Hispano e o que tem atribuição no manuscrito (mas por mão posterior) é dado como anónimo ou de um pseudo-Pedro Hispano. Estas duas obras, em particular a versão de Madrid encontram-se entre as obras mais estudadas de entre as atribuídas a Pedro Hispano⁴⁷², à exclusão apenas dos *Tractatus*.

⁴⁶⁹ J.M.C. PONTES: «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima ...*», cit., p. 199 n. 53.

⁴⁷⁰ Madrid, BN, 1877, ff. 256r-299r. M. Grabmann foi o primeiro a chamar a atenção para a singularidade e antiguidade deste comentário, por exemplo: «Ohne Zweifel ist dies der früheste Kommentar zu *De animalibus*» M. GRABMANN: «Kaiser Friederich II. und sein Verhältnis zur aristotelischen und arabischen Philosophie», *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, pp. 103-137, cfr. p. 127. Entretanto, Christoph Flüeler descobriu um outro apógrafo em Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 6758, ff. 149ra-177rb, agradeço-lhe o ter-me fornecido esta informação, agradecimento que estendo a Silvia Nagel que me fez chegar uma primeira descrição do códice, realizada por Barbara Faes de Mottoni.

⁴⁷¹ Firenze, BNC, Conv. soppr. G.4.853, ff. 79-191. Atribuição a Pedro Hispano no f. 192v onde a anotação «*Scriptum petri his.*», está escrita a lápis de chumbo, como outras anotações ao longo do códice, e.g. nos ff. 97rb, 120rb, 121 rb, 148va, 168vb, 172rb, sendo por isso de atribuir ao revisor do trabalho do copista e não a uma mão posterior ou a uma inscrição posteriormente lavada (cfr. Pontes, 1972, p. 68-69 que assim corrige S. Wingate 1933, p. 80 e Pontes, 1964, p. 81). Pode tratar-se de um curso lectivo: f. 267r: «circa lectionem istam». Por o comentário se encontrar no manuscrito G. 4.853 após um outro sobre a *Ética a Nicómaco* foi já atribuído a João Peckham, o comentário sobre o *De animalibus* ainda chegou a ser incluído entre as suas obras (cfr. J. Peckham, *De humanae cognition rationis*, Quaracchi 1883, p. XVI), possibilidade de atribuição que foi rejeitada por S. Wingate, cfr. P. Glorieux: *Répertoire des maîtres en théologie à l'Université de Paris au XIIIe siècle*, Paris 1934, p. 88

⁴⁷² Sobre os dois comentários, sua descoberta, respectivos manuscritos e conteúdo, ver: J.M. da Cruz PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano...*, op. cit., pp. 53-102, obra que não dispensa os estudos anteriores do autor citados na bibliografia; . Ver também os trabalhos de S. NAGEL: «*Artes, scientiae e medicina nel commento al De animalibus di Pietro Ispano*», *Bulletin de philosophie médiévale*, 38 (1996) 53-65; IDEM: «*La vox come medium fra anima e corpo: annotazioni in margine ai commenti al De animalibus attribuiti a Pietro Ispano*», em C. Casagrande e S. Vecchio (cura), *Anima e corpo nella cultura medievale. Atti del V convegno di studi della Società italiana per lo studio del Pensiero Medievale (Venezia, 25-28 settembre 1995)*, Firenze 1999, pp. 191-206; IDEM: «*Testi con due redazioni attribuite ad un medesimo autore: il caso del De animalibus di Pietro Ispano*», em C. Steel

Um dos argumentos para a atribuição do comentário madrileno a Pedro Hispano é exterior mas poderoso: os *Problemata*, um centão de quesitos salernitanos, são extraídos desse comentário e estão atribuídos em vários manuscritos a Pedro Hispano.

Os comentários sobre o *De animalibus*

De animalibus é o título com que os latinos designavam a tradução em 19 livros, realizada por Miguel Escoto por volta de 1220, de três obras biológicas de Aristóteles: a *Historia animalium* (livros I-X do *De animalibus*), o *De partibus animalium* (livros XI-XIV) e o *De generatione animalium* (livros XV-XIX)⁴⁷³.

Martin Grabmann revelava em 1928 a sua descoberta de vários códices com obras de medicina e filosofia atribuídas a Pedro Hispano⁴⁷⁴. Uma dessas obras são as *Questiones super libro De animalibus Aristotelis* do manuscrito de Madrid, mutiladas no final. O facto de estarem num manuscrito onde as restantes 10 obras médicas estavam ou mutiladas no final ou atribuídas a Pedro Hispano, e estando o conjunto precedido por um índice comum, tornava-se plausível a atribuição das *Questiones* ao mesmo autor⁴⁷⁵, como Grabmann efectivamente defendeu, considerando, aliás, que se trataria do mais antigo comentário latino sobre esta obra. Na sua argumentação e para efeitos comparativos Grabmann evocara outro comentário, mas anónimo, no manuscrito Firenze, BNC, Conv. soppr. G. 4853.

Alguns anos depois Sybil Wingate, no seu estudo pioneiro sobre as obras científicas de Aristóteles em versões latinas, onde considera o comentário de Madrid «the earliest

— G. Guldentops — P. Beullens (eds.): *Aristotle's Animals in the Middle Ages and Renaissance*, Leuven 1999, pp. 212-237. E ainda a monografia de M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great, and the Commentaries on "De animalibus"*, Phi. Diss. University of Notre Dame (Indiana) 1991, bem como os estudos do mesmo autor: «El comentario de Pedro Hispano sobre el *De animalibus*. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 16 (1995) 45-66; IDEM: «Medicine and Philosophy in Peter of Spain's Commentary on *De animalibus*», em C. Steel — G. Guldentops — P. Beullens (eds.) *Aristotle's Animals ...*, cit., pp. 189-211; T.W. KÖHLER: *Der philosophisch-antropologische Diskurs im dreizehnten Jahrhundert. Die Erkenntnisbemühungen um den Menschen im zeitgenössischen Verständnis*, Leiden 2000 (passim).

Ver também as observações de Brian Lawn a propósito dos *Problemata*, citadas a seguir.

⁴⁷³ Completo dossier sobre a recepção latina da obra em B. VAN DEN ABEELE: «Le "De animalibus" d'Aristote dans le monde latin: modalités de sa réception médiévale», *Frühmittelalterliche Studien. Jahrbuch des Instituts für Frühmittelaltersforschung der Universität Münster*, 33 (1999) 287-318, os comentários atribuídos a Pedro Hispano são revistos a pp. 300-301.

⁴⁷⁴ M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, cfr. pp. 98-113: § «11. Medizinische Traktate und der Kommentar des Petrus Hispanus zur aristotelischen Tiergeschichte im Cod. 1877 der Biblioteca nacional zu Madrid»; IDEM: «Reciente descubrimiento de obras de Petrus Hispanus (Papa Juan XXI † 1277)», *Investigación y Progreso*, 2 (1928) 85-86.

⁴⁷⁵ Note-se que o manuscrito Vaticano Vat lat. 6758 [s. XIV ou XV] também é anónimo e acompanha outras obras de filosofia natural, nomeadamente de Alberto Magno e de Tomás de Aquino, o que mostra que circulava também independentemente das obras de medicina com que aparece no manuscrito de Madrid.

surviving commentary on the *De animalibus*», recuperou o manuscrito de Florença e com informações adicionais que lhe foram transmitidas pelo padre F. Delorme, verificou que estavam atribuídas no f. 192v: «Scriptum Petri his.». Como divergiam do texto dado pelo manuscrito de Madrid conclui que seriam notas das lições de Pedro Hispano em Siena⁴⁷⁶.

Cruz Pontes, ao estudar a questão da origem da alma, retoma a hipótese de Wingate, corrigindo a sua breve descrição do manuscrito e comparando entre si o comentário de Madrid e o de Florença e ambos com a *Scientia libri de anima*, concluiu que, dadas as divergências encontradas, os dois comentários pertencem a autores diferentes. As divergências levam-no mesmo a suspeitar que o comentário de Madrid não pertence a Pedro Hispano, ou então este teria mudado de forma profunda as suas posições acerca da origem da alma quando escreveu a *Scientia*. É apenas o comentário de Florença que se mostra coincidente com as posições da *Scientia*, mas acrescentando prudentemente: «não basta isto, porém para que lho atribuamos, antes de mais detido exame»⁴⁷⁷.

Pouco anos volvidos Tamara Goldstein retoma a comparação, encontrando pontos de semelhança entre os dois comentários no questionário, na argumentação e nas fontes, daí concluindo com Wingate que pertencem ao mesmo autor. As divergências de questionário, argumentação e fontes, que também encontrou, foram explicadas como resultado dos diferentes momentos de composição dos comentários: o comentário madrileno teria sido realizado quando Pedro Hispano ensinava Artes em Paris e o de Florença quando iniciou o

⁴⁷⁶ S.D. WINGATE: *The Medieval Latin Versions of the Aristotelian Scientific Corpus with Special Reference to the Biological Works*, London 1931, cfr. pp. 79-80. Sybil Wingate considera que o comentário madrileno sobre o *De animalibus* foi composto «during the earlier part of his career, and perhaps before he took up his professional duties at Siena» (p. 80.). Mas, após aduzir o outro comentário também atribuídos a Pedro no manuscrito de Florença propõe que este «may be previous to that in the Madrid manuscript, and perhaps embodies notes of his lectures at Siena» (Idem, ibidem). As duas conclusões são contraditórias, porque se o comentário de Madrid foi escrito antes de Siena, o de Florença não lhe pode ser anterior e ao mesmo tempo conter notas dos cursos em Siena.

⁴⁷⁷ Sobre tudo isto cfr. «Conclusões» de J.M.C. Pontes: *Pedro Hispano Portuguese e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, cit., pp. 59-84, 248; ver também os estudos IDEM: «L'intérêt philosophique de deux commentaires inédits sur le *De animalibus* et le problème de leur attribution à Petrus Hispanus Portugalisensis», *La filosofia della natura nel medioevo - Atti del III Congresso internazionale di filosofia medioevale*, Milano 1966, pp. 493-501; IDEM: «La division du texte des *Quaestiones super libro de animalibus* de Petrus Hispanus Portugalisensis», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 4 (1962) 118-126; IDEM: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portuguese. Novos problemas textuais*, cit., em especial as pp. 56-58. O anota a sua mudança de posição: «Deux commentaires sur les traités aristotéliens *De animalibus*, attribués à Pierre d'Espagne, dont nous avons utilisé quelques passages relatifs au problème de l'origine de l'âme, ne nous ont pas paru alors susceptibles d'être considérés comme appartenant tous deux à un même auteur. Des recherches plus récentes et approfondies ont conduit à conclure qu'il doit s'agir de deux rédactions effectuées par Pierre d'Espagne à des époques différentes, étant admis qu'il a modifié ses positions au sujet de quelques problèmes, tel que celui que nous avons examiné [referência ao probl da origem da alma, analisado na tese de 1964]». M.C. PONTES: «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie ...», cit., p. 229.

seus estudos em medicina⁴⁷⁸. Esta conclusão foi depois admitida como plausível por Cruz Pontes⁴⁷⁹.

Miguel de Asúa volta ao problema em 1991 e propõe uma revisão da questão de atribuição: não há razões para atribuir a Pedro Hispano o comentário sobre o *De animalibus* do manuscrito de Florença. Apenas o comentário do manuscrito de Madrid lhe poderá ser atribuído, avançando que, este sim, poderia ter sido escrito durante a sua permanência em Siena, admitindo contudo que o comentário de Florença poderia ter sido escrito por um discípulo de Pedro Hispano⁴⁸⁰.

A questão parece longe de ser resolvida⁴⁸¹. Mas está hoje assente a intuição inicial de Cruz Pontes: as diferenças entre os dois comentários impedem que sejam atribuídos a um mesmo autor.

Na sua estrutura os dois comentários possuem notórias divergências, apesar de ambos integrarem questões⁴⁸². O texto do manuscrito de Madrid não é propriamente um comentário mas mais uma colecção de questões (uma grande parte das quais são quesitos de tipo salernitano), e foi uma mão posterior à do copista que inseriu os lemas do texto de Aristóteles e numerou a sucessão dos livros, cujo conteúdo por vezes não corresponde às questões discutidas, o que atesta uma certa artificialidade de ligação entre as “questiones” e a obra comentada. A versão de Florença contém uma *Sententia cum quaestionibus*, por lições, em que a própria análise do texto aristotélico ocupa uma parte importante da exposição, completada com questões onde a matéria médica está mais presente que na versão de Madrid. Esta divergência de redacções tem sido explicada por duas formas: ou se trata de obras de autores diferentes, ou foram escritas em momentos diferentes da carreira de Pedro. Neste caso o comentário madrileno proviria do período em que Pedro ensinava numa faculdade de Artes e o comentário florentino seria do período em que ensinava medicina. As conclusões a que os

⁴⁷⁸ Sobre tudo isto cfr. T.M. GOLDSTEIN: *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélicienne au XIII.e siècle*, Paris 1969, p. 104 e o resumo em: «Gérard du Breuil et la zoologie aristotélicienne au XIII.e siècle», *Position des thèses soutenues par les élèves de la promotion de 1969 pour obtenir le diplôme d’archiviste paleographe*, Paris 1969, pp. 61-68, cfr. p. 66 para a conclusão. T. Goldstein introduz ainda um outro foco de perturbação na questão dos comentários ao *De animalibus*, ao defender que nos manuscritos Firenze, BL, LXXXIII 24 e Venezia, BM, Cl. VI 234 existem versões modificadas do comentário do Gaddianus 4853, cfr. *Gérard du Breuil et la zoologia...*, cit., pp. 10-11, 92-93.

⁴⁷⁹ Cfr. J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugallense*, cit., pp. 99-100.

⁴⁸⁰ M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great, and the Commentaries on “De animalibus”*, cit., pp. 229-233.

⁴⁸¹ Ver também: S. NAGEL: «Testi con due redazioni attribuite ad un medesimo autore: il caso del *De animalibus* di Pietro Hispano», cit.

⁴⁸² Para uma comparação das questões ver as respectivas listas de questões em M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, Notre Dame 1991, pp. 244-290 (Madrid-Vaticano), 292-358 (Florença).

diversos estudos têm conduzido sugerem que a recensão de Florença⁴⁸³ parece ser posterior à versão de Madrid⁴⁸⁴,

Há alguns testemunhos medievais da difusão do comentário sobre o *De animalibus*.

Uma nota à margem do início das *Questiones super Aristotelis libris Physicorum secundum lecturam habitam in studio Papiensi anno 1397, recollectae a Bernardo a Campanea de Verona* encontra-se a seguinte anotação que refere Pedro Hispano como autor de uma *Glosa super libris de animalibus aristotelis*

Nota quod habeo questiones super libris phisicorum secundum plures doctores alios / habeo enim eas secundum albertum magnum in libro uno paruo coperto albo in quo sunt in principio eius *glose Magistri petri hispani super libris de animalibus aristotilis* et multa opera sancti tome de aquino postea et cetera / Item habeo eas secundum [etc.]...»⁴⁸⁵.

Uma anotação com um redacção coincidente existe em manuscrito de Cesena onde se lê:

«Habeo etiam questiones super 17 libros de animalibus Aristotelis secundum Commentatorem Petrum Hispanum in alio libro corio cooperto albo, in quo etiam sunt multa opera secundum sanctum Thomam Aquino»⁴⁸⁶.

Esta anotação, no que à obra de Pedro Hispano diz respeito, é idêntica à que se encontra em outro manuscrito da mesma biblioteca:

«Nota quod etiam habeo alias questiones super libris phisicorum secundum alios doctores. Habeo eos secundum Albertum Magnum in uno libro parvo cooperto corio albo, in

⁴⁸³ Firenze, BNC, F.c.s., G.4.853, ff. 79-191.

⁴⁸⁴ Cfr. M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, op. cit. pp. 47-86. De Asúa atribui a Pedro Hispano somente o comentário de Madrid, que teria sido composto durante o período de ensino da medicina em Siena (1245-1250), o comentário de Florença seria no máximo obra de um discípulo. Cruz Pontes começou por atribuir a Pedro Hispano apenas o comentário de Florença, por exemplo na sua tese *Pedro Hispano Portugallense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*. Univ. de Coimbra 1964, com argumentação que resumiu em «L'interêt philosophique de deux commentaires inédits sur le "De animalibus" et le problème de leur attribution à Petrus Hispanus Portugalensis», in *La filosofia della natura nel medioevo—Atti del terzo Congresso Internazionale di Filosofia Medioevale* (pp. 493-501) Milano 1966. Mas, sob a influência de uma tese de M. Golsdtein-Préaud viria a aceitar a autoria petrínica de ambos os comentários em IDEM: *A obra filosófica de Pedro Hispano...*, pp. cit.

⁴⁸⁵ Manuscrito Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 2159, f. 60v. Cfr. A. MEIER: *Codices Vaticani latini, codices 2118-2192*, Vaticano 1961: descrição do manuscrito nas pp. 105-111, transcrição da referência a Pedro Hispano na p. 110. O manuscrito Vat. lat. 2159 é um cartáceo datado de 1397, com 1+230 fólhos. Sobre estas notas à margem ver A. MAIER, «Verschollene Aristoteleskommentare des 14. Jharhunderts» in *Autour d'Aristote, Recueil d'études... offerts à M. A. Mansion*, Louvain, 1955, pp. 515-541, sobretudo pp. 526 e sgg.

⁴⁸⁶ Manuscrito Cesena, Biblioteca Malatestina, Plut. sin. VII 5 no lado interior da segunda folha de guarda, cit. por M. Grabmann 1928, p. 105, também cit. em Pontes 1964, p. 62.

quo sunt glose magistri Petri Hispani super libros de animalibus Aristotelis et multa opera secundum sanctum Thomam de Aquino. Item habeo eos secundum Egidium in uno libro...»⁴⁸⁷.

descrição que se alonga na referência a outras obras.

No inventário dos livros doados por frei Giovanni, dominicano de S. Eustorgio de Milão ao convento Dominicano de Turim encontra-se outra interessante referência à obra de Pedro Hispano⁴⁸⁸. O documento é de 17 de Junho de 1287 e contém na primeira parte a transcrição de um documento de 1262 em que o “frater Iohannis” do convento de S. Eustorgio de Milão é autorizado a conservar os seus livros até ao fim da sua vida. A segunda parte constitui o inventário de cerca de 7 dezenas de obras, onde os livros estão agrupados em 5 categorias. Na 5ª lê-se este rol de obras:

«De philosophia, metaphysica et ethica simul, libri naturales: Liber Aristotelis de anima lib. Libri domini Alberti de animalibus (...) de generatione et corruptione. Thimeus Platonis. Loyca vetus. Loyca nova. Arismetica. Rethorica (...) Petri Hispani super libro de animalibus. Boetius de consolatione. Tres libri Tullii in eodem volumine seu de senectute, de amicitia, de paradoxis. Seneca de beneficiis et tribus aliis libellis.»

O acto de 1287 foi testemunhado, entre outros, por nada menos que Tiago de Varazze que morreu em 1288. Tudo indica que o inventário de livros é elaborado em 1288 e não em 1262, mas é improvável que frei João tivesse adquirido para si próprio livros desde aquela data, porque tal era proibido pelas regras da ordem. Deveria tê-los em seu poder desde que para tal obteve autorização em 1262 pelo ministro geral da ordem, autorização cuidadosamente inserida na doação. De facto, as obras do século XIII que entram no inventário são todas anteriores a esta data: no grupo de *Questiones et rationes*: o comentário de Alberto sobre as *Sentenças* (c. 1246-1249), as postilhas de Ricardo sobre as *Sentenças*, as *Questiones* de frei Alexandre e as *Questiones* dos frades de Quarici, a *Summa* de Filipe chanceler, a *Summa* de Alberto (Paris 1246) e as suas *Postilhas e divisões sobre os livros de Salomão*. No grupo de *iure canonico*: as *Decretais* com aparato de Bernardo, a *Summa* sobre os títulos das decretais de Godofredo (de Trano) e a *Summa* de Raimundo (de Peñaforte). Nos *libri naturales*, para além do de Pedro Hispano há apenas um outro do séc. XIII: o *Liber de*

⁴⁸⁷ Manuscrito Cesena, BM, Plut. sin. VIII 2, f. 2v, cit. em M. Grabmann 1928, p. 106, também cit. em Pontes 1964, pp. 62-63.

⁴⁸⁸ Este documento, de que se perdeu o original, sobrevive em cópia por S. Nasi, sobre o original no século XIX, com erros de transcrição no manuscrito Torino, Bibl. reale, Misti 59, int. 185. O documento foi editado por L. MANNO: «Alcuni cataloghi di antiche librerie piemontesi», *Miscellanea di storia italiana*, 19 (1880) 364-369. O documento está de novo publicado com correcções por Donatella NEBBIAI-DALLA GUARDA: *I documenti per la storia delle biblioteche medievali (secoli IX-XV)*, Roma 1992, pp. 110-113, referência. a Pedro Hispano na p. 112.

animalibus de Alberto (c. 1258) e o *De generatione et corruptione* (?)⁴⁸⁹. Alberto é sempre referido como *dominus*, talvez por deferência pela sua nomeação como bispo de Regensburg em 1260, cargo de que abdicou precisamente em 1262. É também notável que este frei João tenha em simultâneo o *Petri Hispani super libro de animalibus* e o *Liber domini Alberti de animalibus* que, como sabemos, depende daquele.

Merece também ser examinado com cuidado o manuscrito de Barcelona (Archivo de la Corona de Aragon, Ripoll 128) que no f. 113 ostenta a nota: «fratris P. Yspani pro tribus libris». O manuscrito, do século XIII, contém o *De animalibus* na versão de Miguel Escoto e compilações e índices sobre os livros naturais de Aristóteles⁴⁹⁰. Poderá tratar-se de simples coincidência, mas seria importante determinar se poderá existir alguma relação com o Pedro Hispano autor do comentário, o que traz a informação adicional por este P. Hispanus ser designado como «frater».

Alberto Magno seguramente conhecia e utilizou por volta de 1258 nas suas *Questões sobre o de animalibus*⁴⁹¹. T. Goldstein nota que no comentário de Florença é já usado o *De causis elementorum* de Alberto Magno, que P. Glorieux atribui a data posterior a 1248⁴⁹², mas que agora é datado após 1250⁴⁹³.

Estas referências (embora três delas pareçam indicar um mesmo manuscrito) mostram que o comentário teve uma certa difusão e influência na Idade Média. A última delas dá-nos mesmo algumas indicações quanto à data. Mas nem aqui nem nos manuscritos encontramos elementos para uma datação exacta da obra, as datações habitualmente adaptam-se ao que se supõe ter sido a vida de Pedro Hispano, não partem de elementos internos. Menos elementos temos ainda para identificar o autor. Mesmo os diversos estudos realizados não têm encontrado elementos que permitam associar esta obra com as outras de filosofia da natureza, pelo contrário, tendem a concluir que o comentador não é nem o autor da *Sententia* sobre o De anima, nem o autor da *Scientia libri de anima*.

⁴⁸⁹ Cronologia das obras de Alberto, cfr. A. de LIBERA: *Albert le Grand et la Philosophie*, Paris 1990, p. 21.

⁴⁹⁰ Cfr. *Aristoteles latinus* II, p. 824 nr. 1172.

⁴⁹¹ ALBERTUS MAGNUS, *Quaestiones super de animalibus, quas reportavit frater Conradus de Austria*, ed. E. FILTHAUT (Alberti Magni opera omnia, t. XII) Aschendorf 1955, pp. 77-309. Cfr. M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great, and ...*, cit.; B. VAN DEN ABEELE: «Le “De animalibus” d’Aristote dans le monde latin...», cit., p. 301.

⁴⁹² Cfr. T.M. GOLDSTEIN: *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélécienne*, cit., p. 105.

⁴⁹³ Cfr. A. de LIBERA: *Albert le Grand et la Philosophie*, Paris 1990, p. 21.

Nem mesmo a associação do comentário de Madrid às tendências científicas das faculdades de Artes permitiu assinalar elementos conducentes à datação a obra ou a uma exacta identificação do autor⁴⁹⁴.

Importante é a determinar de relações internas com os comentário da Articella, uma vez que o autor do *De animalibus* patenteia profundo conhecimento da tradição médica escolástica. As 24 questões de controvérsia entre médicos e filósofos, editadas por Miguel de Asúa, podem fornecer um primeiro contexto de comparação⁴⁹⁵. Seis delas são sobre temas coincidentes. McVaugh notou uma divergência de argumento ao responder que há quatro órgãos principais do corpo e não apenas um⁴⁹⁶.

Problemata

Os *Problemata* (Clavis nº 25) são um centão de questões zoológicas (126 ou 127, consoante os manuscritos)⁴⁹⁷, extraídas do comentário ao *De animalibus* dos manuscritos de Madrid-Vaticano, que contém 822 questões de resposta directa. Brian Lawn lendo as palavras de Ptolomeu de Luca: «Fecit et librum de problematibus iuxta modum et formam libri Aristotelis» e a citação dos *Problemata* na lista de obras por Nicolao Antonio não hesitou em associá-las a este texto⁴⁹⁸. Segundo Miguel de Asúa todas as questões provêm dos livros I-IX do comentário, que correspondem portanto à *Historia animalium*, de onde algumas foram copiadas literalmente, mas a maioria são versões abreviadas, já as qq. 8-10 foram extraídas e

⁴⁹⁴ Cfr. J. AGRIMI: «La ricezione della Fisiognomica pseudoaristotelica nella Facoltà delle arti», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge* 64 (1997) 127-188, cfr. pp. 143-146.

⁴⁹⁵ M.J.C. de ASÚA: «El comentario de Pedro Hispano sobre el *De animalibus*. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 16 (1995) 45-66; IDEM: «El comentario de Pedro Hispano sobre la *Isagoge* de Johannitius. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 17 (1996) 59-66.

⁴⁹⁶ M.R. MCVAUGH: «Introduction», Arnaldi de Villanova Opera medica Omnia, V.1: *Tractatus de intentione medicorum*, Barcelona 2000, p. 152.

⁴⁹⁷ A colecção foi duas vezes editada por M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, ...*, cit., pp. 359-403; IDEM: «Los *Problemata* o *Quaestiones de animalibus* de Pedro Hispano. Transcripción del texto», *Stromata* 54 (1998) 267-302.

⁴⁹⁸ «There is no doubt, I think, that these are the hitherto unidentified *Problemata* listed among Peter's writings by Nicolas Antonio and Ptolemy of Luca, since literal transcriptions of most of the questions and answers are found incorporated in Peter's commentary on Aristotle's *De animalibus*. This commentary, as far as is known, was the first to be written on this text, which had been translated by Michael Scot several years before, and to a certain extent it was scholastic in character, like Peter's other commentaries. (...) It is a selection of these comparatively short *questiones et responsiones* which forms the 128 *Questiones secundum Magistrum de Yspania*. Whether this text is a summary prepared by a pupil or the work of Peter himself are questions which have to be decided later. Perhaps the former alternative is the more likely one, since the answers are sometimes abbreviated, and the terminology not always quite so exact.», B. LAWN: *The Salernitan Questions*, cit., 77-78 de B. LAWN: *The Salernitan Questions. An Introduction to the History of Medieval and Renaissance Problem Literature*, Oxford 1963, pp. 76-78, 207-208; S. NAGEL: «Antropologia e medicina nei *Problemata* di Pietro Hispano», *Medioevo*, 17 (1991) 231-248.

resumidas de partes das questões tipo escolástico, outras 22 questões são «um mosaico» de várias perguntas do comentário⁴⁹⁹. A compilação poderá não provir de Pedro Hispano, mas teria sido realizada por um estudante⁵⁰⁰. Estes problemas tratam as características de partes do corpo e as formas de vida específicas dos animais, onde se resolvem dúvidas explicadas baseadas numa ingénua experiência da natureza e não sem alguma superstição popular, no quadro de uma física dos elementos e dos princípios activos contrários, húmido e seco, quente e frio, líquido e sólido, apetite e repulsão, própria da ciência médica da época.

Os *Problemas* tiveram um certo sucesso e foram mesmo utilizados e citados por enciclopedistas dos séculos XV e XVI⁵⁰¹.

4. Teologia e apologética

Um lugar à parte no *corpus* atribuído a Pedro Hispano é ocupado pelos comentários a Dionísio Areopagita e pelas séries de *Sermões* atribuídos em diferentes manuscritos. A verdade é que são poucos os elementos que nos permitem inserir estas obras no conjunto das restantes obras e no percurso biográfico tradicionalmente associado a Pedro Hispano ou a Pedro Julião.

Os comentários a Dionísio pseudo Areopagita

Conhecem-se 4 manuscritos com a totalidade dos comentários a Dionísio (Clavis nº 8-13), mais um que apenas contém o comentário à *Teologia mística*, o qual está no centro de uma longa discussão sobre a sua autoria. Estas obras, publicadas na íntegra por Manuel Alonso⁵⁰², são um comentário literal (talvez demasiado literal) ao *corpus areopagiticum*⁵⁰³, na

⁴⁹⁹ M.J.C. de ASÚA : «Los *Problemata*...» cit., pp. 268-9, mas no aparato da edição não se estabelecem as correspondências das questões com o grande comentário.

⁵⁰⁰ B. LAWN: *The Salernitan Questions*, cit., p. 78, opinião seguida por outros autores, «In the majority of cases a passage from the Aristotelian text suggests to Peter, or perhaps to one of his pupils, a series of questions, which are answered, one after the other, simply and without argument – the whole work being based on lectures, perhaps those given by the master whilst he was at Siena»

⁵⁰¹ Cfr. B. LAWN: *The Salernitan Questions*, cit., pp. 77, 105 n. 1, 108 n. 5, 109 e n. 3, 136.

⁵⁰² PEDRO HISPANO: *Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita (Expositio Librorum Beati Dionysii)*, fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso, Lisboa 1957.

⁵⁰³ Sobre o conjunto de problemas históricos, literários e doutrinais suscitados por estas obras, cfr. S. LILLA: «Denis l'Aréopagite (Pseudo-)», em Richard GOULET (dir.): *Dictionnaire des philosophes antiques*; vol. II de *Babélyca d'Argos à Discolius*, Paris 1994, pp. 727-747 (onde não há qualquer referência aos comentários de Pedro Hispano); o texto grego e as diferentes traduções medievais do *corpus* encontram-se editados por P. CHEVALLIER: *Dionysiaca. Recueil donnant l'ensemble des traductions latines des ouvrages attribués à Denys de l'Aréopage, et synopse marquant la valeur des*

tradução de João Sarraceno⁵⁰⁴, a que falta apenas o comentário às 4 últimas das 10 cartas de Dionísio⁵⁰⁵.

A atribuição a Pedro Hispano ocorre no título do proémio do manuscrito de Munique:

Incipit prohemium in expositionem librorum beati Dionisii a Petro Yspano editum⁵⁰⁶

Estas palavras referem-se de facto apenas à autoria do proémio: «Começa o proémio da Exposição dos livros de São Dionísio composto/editado por Pedro Hispano», mas que, segundo a forma medieval de titular as obras podem ser interpretadas como englobando também os textos subsequentes, como é aliás legítimo de acordo com as palavras finais do proémio em que o autor anuncia o seu projecto. Com base nesta atribuição foram editadas pelo Padre Manuel Alonso, precedidas por uma longa introdução onde se justifica a atribuição ao mesmo Pedro Hispano autor das restantes obras filosóficas já antes editadas pelo jesuíta espanhol. O manuscrito de Dublin, que é uma cópia do manuscrito de Berlin, atribui todos os comentários (e não apenas o prólogo a Pedro Hispano):

Incipit prohemium in expositionem librorum B. Dyonisii a Petro Hyspano editam⁵⁰⁷

citations presque innombrables allant seules depuis longtemps remises enfin au moyen d'une nomenclature rendue d'un usage très facile, Paris 1938 e 1950 (reimpr. Stuttgart 1989); uma apresentação da difusão universitária do *corpus* encontra-se em Hyacinthe F. DONDAINE: *Le corpus dionysien de l'Université de Paris*, Roma 1953; uma pormenorizada apresentação do *status quaestionis* e minuciosas análises de toda a bibliografia até 1972 sobre a história do *corpus* encontra-se em Barbara FAES DE MOTTONI: *Il "corpus dionysiacum" nel Medioevo. Rassegna di studi: 1900-1972*, Bologna 1977. Em PSEUDO DIONÍSO AREOPAGITA, *Teologia mística*, versão do grego, e estudo complementar de M.A.S. CARVALHO, em *Mediaevalia. Textos e estudos*, 10 (1996) com texto grego e tradução da *Teologia mística*, tradução das cartas 1-3 e 5 e um importante estudo sobre a história do *corpus* e interpretação da obra traduzida.

⁵⁰⁴ A dita *nova translatio*, foi realizada por João Sarraceno, um cônego regente de Santo Agostinho da abadia de S. Victor de Paris, por solicitação de João de Salisbúria e terminada antes de 1167. No séc. XIII teria grande difusão, superando as anteriores de Hilduíno (c. 832) e de Escoto Eriúgena (c. 880-862, depois conhecida como *vetus translatio*) da qual é de facto uma revisão com recurso a um melhor manuscrito grego, cfr. H.F. DONDAINE: *Le corpus dionysien ...*, cit., p. 31 e B. FAES DE MOTTONI: *Il "corpus dionysiacum" nel Medioevo*, cit., pp. 14 e 40.

⁵⁰⁵ A primeira referência à autoria petrínica destes comentários encontra-se no catálogo da Biblioteca régia de Munique onde foi descrito o manuscrito desta biblioteca (*Catalogus codicum Manuscriptorum Bibliothecae Regis Monacensis*, T. III pars III (*Lat. 5251-8100*), Wiesbaden 1873, reimpr. 1968, p. 712), retomada por M. GRABMANN («Ps. Dionysius Areopagita in lateinischen Übersetzungen des Mittelalters», em *Beiträge zur Geschichte des christlichen Altertums und der byzantinischen Literatur. Festgabe Albert Ehrhard zum 60 Geburtstag (14 März 1922)*, Bonn-Leipzig 1922, pp. 180-199; estudo depois reeditado em *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1926, vol. I, pp. 449-468, cfr. p. 460, n. 40) que aqui duvida que este Pedro Hispano seja o que depois foi papa, mas acrescentando duas observações que faziam crescer a perplexidade: nem há outro autor escolástico com o mesmo nome, nem esta obra é mencionada pelos bibliógrafos clássicos. Nas *Hanschriftliche Forschungen...*, de 1936, p. 123, M. Grabmann, perante a descoberta de outras obras filosóficas de Pedro Hispano, já não põe em causa esta atribuição, mas assinala que a obra depende de outros autores.

⁵⁰⁶ München, BSB, lat. 7983, f. 4r, cfr. descrição do manuscrito no vol. I; PEDRO HISPANO: *Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita*, ed. Alonso, p. 9;

A discussão da autoria da obra tem dois partidos principais: os que aceitam a identificação proposta pelo manuscrito de Munique e os que tendem a desvalorizar este testemunho⁵⁰⁸. No primeiro grupo encontram-se principalmente os estudiosos portugueses que tendem a afirmar e valorizar a autenticidade petrínica⁵⁰⁹. Os estudiosos estrangeiros ora tendem a identificar outro preferível autor (e os candidatos são o próprio Tomás Gaulês e Adão de Marsh⁵¹⁰), ora a preferir designar o autor como “pseudo Pedro Hispano”⁵¹¹.

Estes comentários dependem literariamente e literalmente da *Extractio* de Tomás Gaulês⁵¹², composta cerca de 1238⁵¹³, mas também tem sido verificada a utilização (v.g. nos

⁵⁰⁷ Cfr. Clavis nº 8 e descrição do manuscrito no vol. I.

⁵⁰⁸ Sobre as teses em confronto e a principal bibliografia, cfr. J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 31-50.

⁵⁰⁹ Ver: M. MARTINS: «Os comentários de Pedro Hispano ao Pseudo-Dionísio Areopagita», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 295-314; J.M. PONTES, *A obra filosófica de Pedro Hispano...*, cit., pp. 175-186; M.A. RODRIGUES: «O pensamento teológico e místico de Pedro Hispano: intérprete e comentador do pseudo-Dionísio Areopagita», *Biblos*, 56 (1980) 95-150; J.M. BARBOSA : «A *Expositio in librum de divinis nominibus* de Pedro Hispano. (Alguns problemas)», em *Pensamento Medieval. X Semana de Filosofia da Universidade de Brasília*, São Paulo 1983, pp. 87-98; IDEM: «O legado do *Corpus Areopagiticum* no Ocidente. A *Expositio in librum de mystica theologia* de Pedro Hispano», *Cultura. História e Filosofia*, 1 (1982) 25-44; IDEM: «Pedro Hispano e a *Expositio Librorum Beati Dionysii*», em IDEM, *Estudos de Filosofia Medieval – I*, Lisboa 1984, pp. 52-98; M.L. XAVIER: «Pedro Hispano e Tomás Galo: a mística dionisiana», em *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, coord. de J.M. SOTO RÁBANOS, Madrid 1998, vol. II, pp. 1053-1066; M.S. CARVALHO: «Die Dionysius-Rezeption im portugiesischen Mittelalter», *Archiv für mittelalterliche Philosophie und Kultur* 1 (2000) 133-148, cfr. pp. 141-144 onde não se toma partido definitivo pela atribuição da obra.

⁵¹⁰ Cfr. os citados estudos de G. Théry, U. Gamba, F. Ruello e J. McEvoy citados a seguir.

⁵¹¹ M. Grabmann: *Handschriftliche Forschungen ...*, 1936, p. 123; F. RUELLO: *Les «Noms Divins» et leurs «raisons» selon Saint Albert le Grand, commentateur du «De divinis nominibus»*, Paris 1963, cfr. pp. 13, 235, 239; B. FAES DE MOTTONI: *Il “corpus dionysiacum” nel Medioevo*, cit., pp. 45-46; R. QUINTO: «‘Scholastica’ Contributo alla storia di un concetto. II: Secoli XIII-XVI», *Medioevo. Rivista di storia della filosofia medievale* 19 (1993) 67-165, cfr. p. 81. Há de facto um importante grupo de investigadores que tem atribuído a obra a “pseudo-Pedro Hispano”. Convém que nos fixemos no que esta expressão quer dizer, pois os defensores desta designação apenas parecem querer indicar que o seu autor não coincide ou não pode coincidir com o “outro” Pedro Hispano tradicionalmente considerado autor de obras lógicas, filosóficas e médicas e depois papa. Mas, nada impede que o autor se chame Pedro Hispano e não seja o mesmo que veio a ser papa.

⁵¹² Sobre Tomás Gaulês († 1246 no exílio em Ivrea), cónego regente de santo Agostinho e abade da canónica vitorina de S. André em Vercelli, ver J. BARBET: «Thomas Gallus», *Dictionnaire de spiritualité*, vol. 15 (Paris, 1995), col. 800-816, onde segue as principais conclusões de Gabriel Théry, em particular os estudos: «Chronologie des oeuvres de Thomas Gallus Abbé de Vercell, *Divus Thomas*, 37 (1934) 265-277, 365-385, 469-496 e «Thomas Gallus. Aperçu biographique», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 12 (1939) 141-204; H.F. DONDAINE: *Le corpus dionysien de l'Université de Paris*, cit., pp. 31-32. Para além de um opúsculo sobre a divisão do texto da versão de João Sarraceno do *corpus* dionisiaco em parágrafos e atribuindo a cada livro uma letra, composto em 1218, e de umas glosas sobre a *Hierarquia celeste* e a *Teologia mística*, compostas respectivamente em 1224 e 1232-1233, ambas perdidas, Tomás escreveu primeiro a *Compendiosa Extractio* das obras de Dionísio em Vercell em 1238 (mas no respectivo prólogo afirma que há mais de vinte anos as trabalha, cfr. Dondaine, cit., p. 111 n. 109) e que tiveram sucesso imediato (idem, cit., p. 115); a *Explanatio*, ou *Grande comentário*, das mesmas obras, foi composta também em Vercelli, entre 1241 e 1243. É sobre a *Extractio* que Pedro Hispano trabalha e, por isso, devemos ter presente que desde o séc. XIII esta obra faz parte do chamado “corpus dionisiano da

prólogos e no comentários dos títulos dos capítulos) da *Explanatio*, ou grande comentário, que o abade de Vercelli compôs entre 1241 e 1244⁵¹⁴. Esta dupla dependência é importante para uma possível datação dos comentários atribuídos a Pedro Hispano, como está ela própria no centro das discussões sobre quem é o seu verdadeiro autor.

De todos os comentários o mais estudado, quanto à autenticidade, mas menos quanto ao conteúdo, é, sem dúvida, o *In De mystica theologia*⁵¹⁵, porque num manuscrito de Viena o mesmo texto é atribuído a João Escoto (Eriúgena) e sob essa atribuição foi publicado no volume 122 da *Patrologia latina*, com as obras do autor irlandês do séc. IX. A atribuição da obra a Escoto Eriúgena foi desde cedo contestada e definitivamente afastada por usar a tradução de João Sarraceno e por depender directamente da *Extractio* de Tomás Gaulês⁵¹⁶. Por estas razões Umberto Gamba, confirmando uma intuição de Gabriel Théry⁵¹⁷, preferiu mesmo atribuir a *Expositio in De mystica theologia* a este mesmo autor⁵¹⁸. Segundo esta hipótese, Tomás Gaulês, para além da *Extractio* e da *Explanatio* teria ainda composto esta *Expositio*⁵¹⁹. A atribuição a Tomás Gaulês também foi defendida por James McEvoy em

Universidade de Paris” (no manuscrito Paris, BN, lat. 17341, descrito por Dondaine, op. cit., pp. 15-21), *corpus* esse que, para além de outras glosas, dá em três colunas a versão de João Escoto (*translatio vetus*), a versão de João Sarraceno (*translatio nova*) e a *Extractio* de Tomás de Vercelli (cfr. *Idem*, col. 804 e sobretudo H.F. DONDAINE: *Le corpus dionysien de l'Université de Paris*, cit.). Sobre estas questões ver também B. FAES DE MOTTONI: *Il “corpus dionysiacum” nel Medioevo*, cit., pp. 41-43).

⁵¹³ É esta dependência que explica a edição da *Compendiosa Extractio* de Tomás de Vercelli por M. Alonso, após as obras de Pedro Hispano, certamente com base da edição da obra de Dionísio o Cartuxo, de 1556 (cfr. pp. LXV e LXVIII). A *Extractio* também está publicada na *Dionysiaca*, ed. cit., passim.

⁵¹⁴ Apenas uma das partes da *Extractio* está editada: Thomas Gallus, *Grand commentaire sur la Théologie mystique*, ed. G. Théry, Paris 1934, autor que também descobriu as *Extractiones* sobre as outras três obras; os comentários sobre as 5 primeiras cartas foram entretanto identificados: cfr. D.A. CALLUS: «An Unknown Commentary of Thomas Gallus on the Pseudo-Dionysian Letters», *Dominican Studies*, 1 (1948) 58-73; A. Dondaine: «Un manuscrit de l'Expositio de Thomas Gallus sur les cinq premières lettres du Pseudo-Denys», *Recherches de Théologie ancienne et médiévale*, 17 (1950) 311-315. A *Explanatio super libris beati Dionisii* existe em alguns manuscritos, entre os quais o Wien, ÖNB, 695, que J.M. Barbosa usou no seu estudo de 1984 (outros manuscritos são indicados em J. Barbet, art. cit., col. 804-805).

⁵¹⁵ G. THÉRY: «L'inautenticité du Commentaire sur la *Théologie Mystique* attribué à Jean Scot Erigène», 7 supplément (1923) pp. 137-153; U. GAMBA: «Commenti latini al *De mystica theologia* del Pseudo-Dionigi Areopagita fino al Grossatesta», *Aevum*, 16 (1942) 251-271; F. RUELLO: «Un commentaire dionysien en quête d'auteur. Le commentaire attribué à Pierre d'Espagne», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge* 19 (1953) 141-181.

⁵¹⁶ Cfr. H. POUILLON: «La beauté, propriété transcendental, chez les scholastiques (1220-1270)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 15 (1946) 263-329.

⁵¹⁷ Cfr. G. THÉRY: «L'inautenticité du Commentaire sur la *Théologie Mystique*...», cit.; «Chronologie des oeuvres de Thomas Gallus...», cit., p. 385 n. 33; «Catalogue des manuscrits dionysiens...» p. 212, onde anuncia que estudará esta atribuição em outro estudo, o qual nunca chegou a ser publicado.

⁵¹⁸ U. GAMBA: «Commenti latini al *De mystica theologia* ...», cit., cfr. pp. 261 e 270-271.

⁵¹⁹ Note-se que no artigo de J. Barbet no *Dictionnaire de Spiritualité*, cit., col. 805, este comentário, sem outra discussão, é inserido entre os textos apócrifos, nº 3: «Gloses sur la Théologie mystique»,

estudo de 1999⁵²⁰, com base em cinco constatações: (1) a *Expositio* usa a mesma divisão de parágrafos/perícopes que a *Explanatio* de Tomás (p. 397), (2) têm em comum o recurso a abundantes referências bíblicas (pp. 397-398), (3) têm semelhanças de pensamento (pp. 398-4000), (4) têm semelhanças de vocabulário (p. 400), (5) não apresentam diferenças suficientes que justifiquem a atribuição a dois diferentes autores (pp. 400-401).

É evidente que estas constatações são em si mesmas demasiado gerais para nelas apoiar qualquer conclusão, muito menos a que aqui está em discussão. Podemos encontrar todas estas situações entre obras de autores que sabemos serem de facto diferentes, sobretudo quando um deles não faz senão compilar a partir de outro, como aqui é o caso. O único argumento textual que McEvoy fornece é a passagem de Tomás Gaulês do prólogo do seu comentário sobre o *Cântico dos cânticos* quando refere a *Teologia mística*: «*magnus Dionysius Areopagita theoricam huius super intellectualis sapientie scribit, scidut possibile est eam scribi, in libello suo De Mystica theologia, quem ante annos decem diligenter exposui*⁵²¹», concluindo imediatamente que tendo o comentário do *Cântico dos cânticos* sido composto em Ivrea em 1243, Tomás só poderá estar a referir-se ao comentário da *Teologia mística* erradamente atribuído a Escoto Eriúgena⁵²² que, relembramos, é o mesmo atribuído a Pedro Hispano. Assim, nesta cronologia, estas glossas seriam a primeira abordagem tomasiana da obra de Dionísio, ter-se-iam seguido a *Extractio* e por fim a *Explanatio*⁵²³.

Esta reconstituição de McEvoy também é forçada em vários pontos: como se explica que Tomás no comentário ao *Cântico dos cânticos* se referisse a uma primeira interpretação

onde se refere a atribuição a Tomás por G. Théry, a Adão de Marsh por F. Ruello, a Pedro Hispano por M. Alonso, a Escoto Eriúgena na edição da *Patrologia latina*, acrescentando ainda a autora que as glosas sobre todo o *corpus dionisiano* estão publicados por Alonso.

⁵²⁰ J. MCEVOY: «Thomas Gallus, *Abbas Vercellensis* and the Commentary on the *De mystica Theologia* ascribed to Iohannes Scotus Eriugena. With a concluding note on the Second Latin Reception of the Pseudo-Dionysius (1230-1250)», em J.J. Clery (ed.): *Traditions of the Platonism. Essays in Honour of John Dillon*, Aldershot 1999, pp. 389-405. Note-se que o A., para além de sumariamente rejeitar Pedro Hispano com a lacónica e não fundamentada acusação ao manuscrito de Munique que «*falsely attributes the commentary on th Mystical Theology to Petrus Hispanus*», diz em nota não ter tido acesso à edição de Alonso. O estudo de F. Ruello, que revia profundamente as conclusões de G. Théry e as de U. Gamba, não é tido em conta senão para numa nota (p. 401, n. 26) para rejeitar a atribuição do comentário a Adão Marsh.

⁵²¹ TOMÁS GAULÊS: *Commentaires du Cantique des Cantiques*, ed. J. Barbet, Paris 1967, prol. B, p. 108, itálico meu.

⁵²² Cfr. «the glosses on the *Mystical Theology* must have been finished by the year 1233», J. MCEVOY: «Thomas Gallus...», cit., pp. 401-402.

⁵²³ «The glosses discussed in the present inquiry represent his first attempt to pierce through to the sense of the work by explaining the most difficult words (...). They represent the first dateable Latin commentary on the *Mystical Theology* (...). Five years after the composition of the glosses, in 1238, Thomas produced a slightly longer work of similar kind and extended it to all four Dionysian writings: the *Extractio* [aqui parece ser ignorado que o anterior pretense comentário, a *Extractio*, também abrange todas as obras] (...). His *Explanatio* (or extended commenatry) on the *Mystical Theology* was completed by 1241.» J. MCEVOY: «Thomas Gallus...», cit., p. 404.

da *Teologia mística*, muito elementar, e não à segunda, mais recente e mais completa? Como se pode explicar que na *Expositio* petrínica sejam usados quer a *Extractio* de Tomás Gaulês, quer a *Explanatio* (o que supõe que é posterior a ambas)? Isto só seria possível se o compilador tivesse as duas obras perante si, porque não parece imaginável que Tomás (pretensso autor das três) se socorresse do primitivo texto para umas coisas na *Extractio* e para outras completamente diferentes na *Explanatio*. Por exemplo, a explicação dos títulos dos capítulos apenas aparece na *Explanatio*, mas não *Extractio*, mais antiga; por outro lado, as glosas petrínicas retomam literalmente a *Extractio*, mas acrescentam muito mais referências bíblicas, provenientes da *Explanatio* (será que ao compôr a *Extractio* Tomás desvalorizou as referências bíblicas, para as retomar depois na *Explanatio*?). Parece evidente que isto apenas é possível porque o autor da *Expositio* compilou o seu texto a partir das duas de obras de Tomás Gaulês. Nas glosas compiladas foi aliás notada a presença ocasional de uma certa linguagem escolástica, totalmente ausente dos gostos e dos textos de Tomás de Vercelli⁵²⁴.

Francis Ruello analisara já a parte final do prefácio petrínico a todo o *corpus*, concluiu que Tomás não poderia ser o seu autor destas obras, mas também recusava atribuí-la a Pedro Hispano, embora admitisse que doutrinalmente nada impedia esta atribuição⁵²⁵. A familiaridade formal, lexicológica e doutrinal deste comentário (v.g. sobre a *Teologia mística*) com os restantes atribuídos a Pedro Hispano, torna obrigatório que se conclua que todos teriam sido escritos pelo mesmo autor⁵²⁶.

A questão da autoria talvez deva ser colocada de outra forma. Dos 4 manuscritos completos conhecidos 2 atribuem a obra a Pedro Hispano, os outros 2 são anónimos. A antiguidade e a clareza do manuscrito de Munique é um elemento que joga a seu favor. Mas, o que deve ser evitado desde logo é dizer que este Pedro Hispano é o mesmo que a historiografia tradicional identifica como lógico, filósofo, médico e depois papa. Por outro lado, os críticos da atribuição o que de facto parecem fazer é considerar que este personagem não poderia ser o comentador do *corpus* dionisiano. As duas posições podem ser excessivas, nada compele à identificação de personagens, mas também nada impede que se trate de dois Pedro Hispanos distintos, porque não é de rejeitar que o autor dos comentários dionisianos se chamasse de facto Petrus Hispanus. Faltaria averiguar quem ele foi.

⁵²⁴ Cfr. J.M. BARBOSA: p. 82.

⁵²⁵ De facto, F. Ruello, tal como outros autores, entre os quais o primeiro Grabmann, parecem recusar apenas que este Pedro Hispano seja o escolástico e futuro papa.

⁵²⁶ Assim o observou e bem M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. XXVIII; J. MCEVOY: «Thomas Gallus...», cit., p. 401 reconhece apenas que está é uma investigação a empreender, mas no estudo posterior já admite que todos os comentários são de atribuir a Tomás.

Na «Introducción» à edição da *Expositio*, o padre Manuel Alonso procurou mostrar as semelhanças doutrinárias entre esta e as obras filosóficas atribuídas a Pedro Hispano⁵²⁷, em particular a *Scientia libri de anima*, analisando problemas como a possível influência de Avicena, a defesa do hilomorfismo universal, a teoria da composição da alma, os quatro princípios das coisas e o *actus estendi*, o conceito de vida, a inteligência agente separada. Ora como bem notou Morais Barbosa a maioria das passagens dos comentários a Dionísio aduzidas por Alonso eram elas próprias já copiadas da *Extractio* de Tomás de Vercelli⁵²⁸. O argumento poderia aceitar-se se essas obras lhe fossem posteriores, mas acontece que Alonso também vê semelhanças com obras anteriores. Por outro lado, Alonso aduz também algumas semelhanças com a *Expositio libri de anima*, por ele atribuída a Pedro sob cujo nome a editou⁵²⁹, mas que hoje sabemos ser de um ainda anónimo autor anglo-saxónico. Como o único denominador comuns parecem ser as expressões colhidas de Tomás Gaulês, ninguém concluiria ser este o autor de todas as obras atribuídas a Pedro Hispano, ou que o autor da *Exposito libri de anima* é ele o autor das paráfrases do *corpus* dionisiano. Torna-se apenas necessário não sobrevalorizar possíveis semelhanças, neste caso não textuais e sem autocitação, muitas vezes apenas resultantes do “ar do tempo” (para não usar o conceito mais forte de *episteme* proposto por M. Foucault).

A questão da datação também não está esclarecida, mas Alonso afirma «Las Quaestiones libri de anima parecen escritas entre la *Scientia libri de anima* y la *Expositio libri de anima*»⁵³⁰. Na sua investigação genético-crítica das obras petrínicas, A. Schlögel avança que os comentários dionisianos teriam sido escritos antes da *Scientia*, obra onde ocupam lugar de destaque as doutrinas dionisianas de hierarquia (*ordo*) e da iluminação (metafísica da luz), porque no *Comentário ao De anima* ainda não encontramos traços dessas teorias. Assim, esta exposição constituiria o elemento explicativo da passagem de uma maior proximidade à letra aristotélica no *Comentário sobre a alma* para as preferências especulativas e simbólicas da *Scientia*. Esta hipótese dificultaria a explicação do posterior regresso aos problemas, temas e

⁵²⁷ Cfr. Alonso, «Introducción», pp. XXIX-XLVIII. J.M.C. Pontes (*A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, cit., pp. 45-48) mostrou que apesar de M. Alonso nunca citar o estudo de F. Ruello («Un commentaire dionysien en quête d’auteur», 1953, cit.) é este que de facto subjaz a toda a argumentação de Alonso. J.M. Barbosa defendeu Alonso deste reparo metodológico (cfr. «O legado do corpus...», cit., pp. 27-28), afirmando que a introdução já estaria pronta antes do estudo de Ruello, apesar de só ser publicada em 1957. Note-se que Ruello ia no sentido de atribuir o *In de mystica teologia* a Adão de Marsh, tese que Alonso obviamente não cita mas pretende infirmar ao sustentar que o autor é Pedro Hispano analisando os mesmos problemas filosóficos relativamente aos quais F. Ruello se havia debruçado.

⁵²⁸ J.M. BARBOSA: «Pedro Hispano e a *Expositio Librorum Beati Dionysii*», em IDEM, *Estudos de Filosofia Medieval – I*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa 1984, pp. 52-98, cfr. pp. 56-60.

⁵²⁹ Pedro Hispano, *Expositio libri de anima*, ed. Manuel Alonso, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1953, pp. .

⁵³⁰ Cfr. Alonso, «Introducción», p. XXXIV.

terminologia que encontramos nos textos naturais e médicos, tradicionalmente considerados como a vertente final da obra escrita de Pedro Hispano. A conclusão de Schlögel confirma aquela a que chegara Manuel Alonso: «la redacción de nuestros comentarios es sin duda muy anterior a la redacción de la “Scientia libri de anima”»⁵³¹.

Data e local

A datação e localização da composição destas paráfrases é balizada por uma referência ao «imperador Frederico» em cuja posse se diz estar o *De anima* de Dionísio⁵³², o que pressupõe que o imperador ainda estaria vivo⁵³³. Como o imperador morreu em 1250 a obra teria sido escrita antes desta data. Por outro lado, como é usada a *Extractio* de Tomás Gaulês, foi composta por volta de 1238, temos aqui a data *post quem*. Alonso prefere datá-la entre 1246, data de morte de Tomás e 1250, data da morte de Frederico II, e colocana mesma época de redacção da *Expositio libri de anima* (que hoje sabemos ser de outro autor)⁵³⁴. Francis Ruello data a obra entre 1244 e 1254⁵³⁵. As diferentes propostas de datação também se distinguem por associarem a obra ou não ao Pedro Hispano futuro papa João XXI.

O modelo de comentário

No final do prómio geral, o autor estabelece a razão do seu programa de interpretação literal, onde indica que quer oferecer uma interpretação do sentido do texto de Dionísio, aconselhando o leitor a seguir o próprio texto interpretado para mais facilmente o inteligir.

O padre Gabriel Théry, no primeiro estudo publicado sobre a *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii* e quando não se conhecia o manuscrito onde é atribuída a Pedro Hispano, afirmava que o autor tinha «compilé maladroitement ces gloses primitives en y

⁵³¹ M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. XLI. Na p. XXXIV afirma: «Las Quaestiones libri de anima parecen escritas entre la Scientia libri de anima y la Expositio libri de anima».

⁵³² Comentando as palavras de Dionísio «quecumque alia nobis in sermone De anima sunt enuntiata», diz: «ab ipsa etiam divina bonitate sunt quecumque in libro De anima tractavimus, qui liber non est aput nos sed ab imperatore Frederico translatus ab eo usque nunc est occultatus, ut dicitur» *Expositio in De divinis nominibus*, c. I, p. 317, ed. cit. Na paráfrase de Tomás de Vercelli nada se diz sobre esta tradução, cfr. idem, p. 611.

⁵³³ Sobre a tradição medieval desta obra de Dionísio Areopagita ver

⁵³⁴ M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., pp. LVI-LVII.

⁵³⁵ 1244 porque é a data de conclusão da *Explanatio* de Tomás Gaulês (note-se que Ruello não adverte que o comentário depende de facto da *Extractio*, que é anterior) e 1250 é o ano da morte de Frederico II, citado como estando vivo na passagem a propósito da tradução do *De anima* de Dionísio, cfr. F. Ruello: «Un commentaire en quête...», cit., pp. 175-177.

ajoutant quelques notations personnelles»⁵³⁶, Morais Barbosa entendia que a contribuição do autor era mais extensa e que chegava mesmo à originalidade⁵³⁷.

U. Gamba considerou estes comentários como «una specie di parafrasi», acrescentando que mais que um comentário a obra se apresenta sobretudo como um conjunto de glosas, porque do texto são apenas explicadas com outros termos algumas palavras mais difíceis de compreender⁵³⁸.

O comentário comporta as seguintes partes⁵³⁹:

- *Prohemium*
- *Expositio in Epistolas Dionisii* I-VI
- *Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii*
- *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii*
- *Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia Dionysii*
- *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*

Cada um dos comentários é composto segundo um modelo de divisão e exposição mecanicamente seguido, e onde podemos localizar os seguintes tipos de textos:

a) breves prólogos. De facto encontram-se apenas em duas das obras: *In De divinis nominibus* (p. 247), *In librum De mystica theologia* (pp. 473-474). O primeiro é uma explicação do conteúdo da obra; o segundo caracteriza a *materia, intentio, utilitas* e *forma* do respectivo livro.

b) explicação dos títulos dos capítulos⁵⁴⁰. É sempre introduzida pela expressão: «Titulus huius capituli est quod/que/de...» para dar uma explicação substituindo as palavras por outras. Esta explicação é prolongada por um breve resumo do capítulo. É sabido que estes títulos não pertencem à obra original, mas que foram acrescentados por Escoto Eriúgena e João Sarraceno manteve-os na sua tradução. Os títulos e sua explicação não se encontram na

⁵³⁶ G. THÉRY: «L'inauthenticité du Commentaire sur la *Théologie Mystique*...», cit., p. 152.

⁵³⁷ A propósito de *Os nomes divinos*, assinalou mesmo estes processos de composição do comentário, relativamente à sua fonte principal a *Extractio* de Tomás Gaulês: «saltou intencionalmente palavras da mesma; substituiu palavras chave por outras; produziu teorização própria, não só nos *Nota quod* que semeiam o tratado, mas também em muitos textos que entrelaçou no contexto», J.M. BARBOSA: «A *Expositio in librum de divinis nominibus* de Pedro Hispano. (Alguns problemas)», *Pensamento Medieval. X Semana de Filosofia da Universidade de Brasília*, São Paulo 1983, pp. 87-98, cfr. p. 90

⁵³⁸ U. GAMBA: «*Commenti latini al De mystica theologia* ...», cit, p. 261 resume assim a natureza deste comentário: «è una specie di parafrasi, un po' più ampia dell'«*Extractio*» di Tommaso Gallo (...), dopo la spiegazione del titolo del capitolo, vi è una specie di parafrasi che spiega soltanto alcune parole più difficili ed esprime con altri termini, possibilmente più semplici, il pensiero di Dionigi. Piuttosto che come un vero commento, il Pseudo-Scoto si presenta come un insieme di glosse.» Note-se que U. Gamba se refere à *Teologia mística*, mas poderá dizer-se o mesmo dos restantes comentários.

⁵³⁹ Note-se que a ordem dos livros no códice de Besançon é outra apenas devido à desorganização introduzida pela encadernação, cfr. descrição no vol. I.

⁵⁴⁰ O próprio título do capítulo é transcrito no ms. de Besançon, mas no ms. de Munique, onde está na coluna central, apenas é dado o lema.

Extractio de Tomás⁵⁴¹, mas fazem parte da *Explanatio* de Tomás, que deve ser a fonte da sua explicação.

c) explicação do texto⁵⁴². Pedro introduz uma divisão dos capítulos de Dionísio em secções⁵⁴³. Após transcrição do lema e do lema seguinte para balizar o texto a explicar («Omne quod bonum etc. usque ad illud Igitur Ihesum, etc.»⁵⁴⁴), a explicação é sempre introduzida pela expressão: «Talis est sensus» a que se segue a paráfrase literal do texto de Dionísio, com abundante recurso à *Extractio* de Tomás de Vercelli e pontuais acrescentos a estes dois textos, limitando-se quase sempre a uma simplificação da obscuridade e subtileza do texto comentado. A paráfrase desenvolve-se de uma forma mecânica, como se pode ver nas passagens em que o próprio Dionísio faz enumerações, a que reponde o comentador com a simples introdução da respectiva definição⁵⁴⁵, o que aliás, através de uma análise de pormenor, pode ser uma preciosa pista para identificar o seu contexto escolar ou doutrinal.

d) excursos introduzidos por «Nota quod», «Nota breviter», «Nota», «Notandum quod»⁵⁴⁶. São 34 anotações (que não ultrapassariam a vintena de página numa obra com mais de 300, se exceptuarmos os textos de Dionísio) que se encontram distribuídas por todas as obras, excepto nos comentários das *Cartas*, e podem assumir diferentes formas, fins e conteúdos. Estas notas, que a seguir se enumeram na totalidade, podem ter a forma de textos de extensão variável, entre as duas ou três linhas e as 30 ou 40 linhas, ou então a forma de classificações em árvore.

Encontramos notas que dão complementos de hermenêutica bíblica: pp. 12, 271-273 (longa passagem que não é introduzida por «Nota quod» mas por «Item», cfr. também p. 276),

Outras aprofundam promenores do texto, em geral aduzindo curtas precisões terminológicas: pp. 16, 17-18, pp. 256-257, 259 por duas vezes, 263, 264, 266, 267, 285, 309-310, 341, 348 sobre o êxtase, p. 348 sobre a vida, pp. 387, 476.

⁵⁴¹ M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. LX.

⁵⁴² No ms. de Munique o texto de Dionísio ocupa a coluna central, em corpo maior, com o início de cada perícopo em que o comentador divide o texto assinalado com a sua primeira letra em corpo ainda maior e colorida. No ms. de Besançon apenas são dados os lemas de cada perícopo.

⁵⁴³ M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., pp. LX-LXI (nº 3), diz que esta divisão é uma novidade de Pedro, mas de facto ela encontra-se em Tomás, aliás na edição dada por Alonso ela é indicada por um travessão, cfr. o cap. I da *Hierarquia angélica*, pp. 511 lin. 13, 512 l. 5, lin. 17, lin. 34.

⁵⁴⁴ Quando o excerto comentado coincide com o fim de um capítulo, o lema de fim é substituído pela expressão «... usque in finem capituli», cfr. pp. 18 l. 21, 32 l. 33, etc.

⁵⁴⁵ Veja-se por exemplo: *Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii* IV, pp. 108, 21-109 17; *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii* IV, pp. 338, 2-339, 18; *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii* I, 476 (Nota quod), V, pp. 492, 20-494, 7.

⁵⁴⁶ Para eles chama a atenção M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. LXI e em adenda, p. 674.

Outras fornecem complementos explicativos com recurso a terminologia filosófica transferida para fins teológicos, como o conjunto de notas sobre o *motus animae* (pp. 333-334, 335, 336 por duas vezes), ou a discussão das dimensões do tempo/*saeculum* (pp. 390-391), ou sobre a perfeição da criatura (p. 399).

Outras notas, como se disse, classificam ou sistematizam conceitos, ou fazem nova divisão do excerto de excerto de Dionísio que foi comentado⁵⁴⁷. Neste caso as notas têm a formas de árvores de classificação, cfr. *Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii*: pp. 37, 42, 64, 95-96, 108-19, *In de ecclesiastica hierarquia*: p. 165 (de facto é uma redivisão do texto de Dionísio); *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii*: pp. 323, 325, 359, 361, 369. Estes esquemas, que não existem no *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii* e na *Expositio in Epistolas Dionysii* I-VI, têm invariavelmente a forma: «Commendat autem fluxum divine bonitatis dupliciter: Primo in genere ... [com mais duas divisões]; Secundo in specie ... [com mais três divisões]», logo seguido de outro esquema: «Nota quod effectus fluxus divine bonitatis sunt quattuor: Primus est ..., Secundus est ... [com mais quatro divisões], Tertius est ..., Quartus est...»⁵⁴⁸.

Estes *nota quod*, nas suas diferentes formas, são a parte da obra que não provém directamente das fontes principais e, por isso, tem sido referido que é aí que podemos encontrar o contributo mais pessoal do autor destas *Expositiones*⁵⁴⁹, mas, é bem provável que, também estas passagens, provenham de alguma fonte ainda não identificada. Convém ter presente que o autor se considera a si mesmo um compilador e designa a sua obra pelos termos «hanc meam abstractionem»⁵⁵⁰. A localização destes pedaços de textos nos manuscritos, transferidos nos manuscritos para as margens ou fora do seu lugar natural na sequência do comentário, mostra que se trata de passagens que o próprio copista teve dificuldade em organizar, provavelmente devido à própria natureza do *exemplar* que usou. Aliás os dois manuscritos usados por Alonso não coincidem na localização destes textos e foi o editor que lhes encontrou a posição em que estão impressos.⁵⁵¹ A excentricidade da posição destas partes

⁵⁴⁷ Alonso chama-lhes «quadros sinópticos» que visam penetrar mais profundamente o texto de Dionísio, M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. LXI.

⁵⁴⁸ Os dois exemplos encontram-se em *In de angelica hierarchia*, p. 13.

⁵⁴⁹ J.M. Barbosa procurou mesmo fazer um estudo da *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii* que se apoiasse em «textos do próprio Pedro Hispano», cfr. «A *Expositio in de divinis nominibus...*», cit., p. 90.

⁵⁵⁰ *Prohemium*, p. 10, 5-6. Em vez de *abstractionem*, Alonso edita *Extractionem*, embora em aparato indique o consenso dos manuscritos por *abstractionem*. O editor fundamenta nesta passagem e seu contexto, a natureza compósita da obra: «En la nueva “Expositio” hay, pues, una parte suya, y hay una parte de otro», p. LIII.

⁵⁵¹ M. ALONSO: *Expositio librorum...*, «Introducción», cit., p. LXVIII: «En cuanto a la colocación de los *Nota quod* y otras observaciones, M [o ms. de Munique] está más desorientado que B [o ms. de Besançon]. Muchas veces aparecen en los márgenes con lhamadas o sin ellas. Naturalmente los

(que, apesar de tudo, são poucas e pouco extensas se tivermos em conta a totalidade da obra), pode resultar de o próprio autor assim os ter querido distinguir das restantes glosas, ou por terem sido colhidas de um trabalho ainda em curso e por isso ainda não definitivamente integradas no resto do texto (o que explicaria também o desacordo entre os 2 manuscritos usados na edição de M. Alonso).

As extensas transcrições de obras de Tomás Gaulês, que submergem os poucos textos atribuíveis a Pedro Hispano, e a nunca abandonada dependência literal de Dionísio, tornam quase impossível reconstituir um pensamento independentemente de Pedro Hispano. A grande preocupação do autor parece ser nunca se afastar do texto de Dionísio, como se lê no final do prólogo onde pede ao leitor que queira entender a sua *abstractio* que se refira primeiro e constantemente ao texto de Dionísio:

«(...) não tomo esta obra à minha conta no todo mas, sim, em parte, eu, que, por amor do amor do Senhor, teço agora o mesmo que, há pouco tempo, foi principiado por outro. (...) Quem quer, pois, que desejás entender facilmente esta minha abstracção, percorre primeiramente o texto, muitas vezes, com cuidado, para que o áureo raio escondido brilhe aos teus olhos, espirituais, à maneira do sol meio encoberto pelas nuvens⁵⁵².»

Curiosa inversão, em que o comentador parece pedir ao leitor que recorra ao texto comentado para compreender o comentário.

As fontes

Na *Expositio* são raros os nomes citados, se não contarmos com o próprio nome de Dionísio, ou os nomes por este citados e retomados no comentário⁵⁵³. Não há dúvida que o

hemos puesto o dentro de la perícope si ambos manuscritos coincidían en ello por referirse a palabras que inmediatamente preceden, o bien al fin de la perícope a que se refieren.»

⁵⁵² Pedro Hispano, *Prohemium*, ed. Alonso, pp. 9, 24-10, 8; cito a trad. de M. MARTINS: «Os comentários de Pedro Hispano...», cit., p. 302. «Non autem in totum sed in partem mihi hoc opus arripio qui hoc ipsum dudum ab alio orditum amore amoris divini nunc intexo. Et ne legentis animus longe prolixitatis fastidio a tam dulci studio repellatur, de paragrapho in paragraphum, de amurca duri textus, educo oleum puris dumtaxat mentibus satis facilis intellectus. Quisquis ergo cupis hanc meam abstractionem {Extractionem: Alonso} leviter intelligere, potius {prius : Gamba, p. 271} textum sepius curato recurrere, ut quasi de sole sub nubilo mentalibus tuis oculis fulgeat aureus radius de occulto. Amen», ed. Alonso pp. 9-10, cfr. a proximidade com o prólogo de Tomás de Vercelli, idem, p. 509. U. Gamba, art. cit. p. 261, interpreta o início deste excerto transcrito («Non autem ... nunc intexo») e em particular a expressão «dudum ab alio orditum» como referência à tradução de João Sarraceno, mais recente que a de Escoto; F. Ruello (cit., p. 157, 176) conclui da expressão *ab alio* que o autor não poderá ser Tomás Gaulês, porque não se referiria a si mesmo desta forma; Alonso «Introducción», cit., p. L, traduz livremente «Voy a tejer de nuevo la misma urdimbre que ya hace tiempo otro iba tramando», para assim defender que o autor queria mostrar que estava a usar comentários de outros, isto é de Tomás Gaulês (idem, p. LVIII).

⁵⁵³ De entre os nomes enumerados por Alonso (cfr. índice de nomes de pessoas citadas nos comentários, p. 677, a que se acrescenta S. Inácio, p. 345), apenas são citados Filon (i.e. o livro bíblico da *Sapientia*) e Frederico II, pois Aristóteles e Boécio são apenas referidos no aparato.

comentador usa a tradução (ou revisão) de João Sarraceno do *corpus* dionisiano⁵⁵⁴. Embora ainda não tenha sido convenientemente estudado o uso da *Explanatio* de Tomás Gaulês⁵⁵⁵, é bem evidente a dependência relativamente à *Extractio* do mesmo autor⁵⁵⁶, se bem que ela não seja uniforme em todos os livros⁵⁵⁷. Francis Ruello na interpretação de algumas doutrinas interrogou-se se o autor não se poderia ter deixado seduzir pelo avicenisismo⁵⁵⁸, e pelo hilemorfismo, para além de concluir que o comentador está penetrado de temas místicos da escola de S. Victor e que maneja com destreza a linguagem vitorina (p. 175).

A extensa citação de passagens e Tomás de Vercelli é suficiente para constatar a influência da linguagem e do pensamento dos cónegos vitorinos. É também de esperar, pelo menos no sentido e nem que seja indirectamente, uma certa “ambiência” agostiniana a propósito de temas como a ordem ou o lugar da alma no mundo⁵⁵⁹, mas não basta invocar adágios gerais para daí inferir uma influência textual. De facto, o nosso autor parece trabalhar com muito poucos textos.

Morais Barbosa interrogou-se quanto à possível utilização do *corpus* dionisiano da Universidade de Paris por Pedro Hispano, em particular das glosas de João Escoto Eriúgena⁵⁶⁰, mas qualquer conclusão parece prematura⁵⁶¹.

O autor revela cuidado filológico, nomeadamente na comparação entre traduções da escritura como recurso hermenêutico (30, 1; 46, 26-27; 98, 5; 228, 14-15; 345, 4-5; 500, 6), ou na comparação entre as traduções da obra de Dionísio (156, 16; 271, 24; 276, 15-16; 345, 10), ou mesmo ao aduzir obras de Dionísio que não foram traduzidas para latim (pp. 249, 6:

⁵⁵⁴ Cfr. por exemplo, Alonso «Introducción», cit., pp. LII-LIII, p. 675, em adenda à p. 362.

⁵⁵⁵ F. Ruello conclui que o comentador incorporou no seu texto a *Extractio* de Tomás Gaulês («Un commentaire en quête...», cit., p. 162), mas. J.M. Barbosa matizou esta conclusão afirmando que merecia reconsideração e uma mais exacta determinação («Pedro Hispano e a *Expositio* ...», cit., pp. 72-73). Que a *Extractio* foi de facto usada parece evidente em alguns pontos, cfr. *In de mystica theologia* I, p. 478, 22-seg., como mostrou J.M. BARBOSA, «Pedro Hispano e a *Expositio*...» cit, p. 79.

⁵⁵⁶ Para a sublinhar Alonso publicou a *Extractio* de Tomás Gaulês após os comentários atribuídos a Pedro Hispano (cfr. pp. 507-671). F. Ruello prefere filiar o comentário na *Explanatio* do gaulês («Un commentaire en quête...», cit., p. 162), obra com a qual as semelhanças ou contaminações não são tão flagrantes a não ser quanto à explicação dos títulos. M. Barbosa fez algumas comparações e concluiu de novo pela importânica matricial da *Extractio* («Pedro Hispano e a *Expositio* ...», cit., pp. 72-77), mas não encontrou traços dos excertos eriugeneanos integrados no *corpus* dionisiano parisiense (IDEM, pp. 77-78).

⁵⁵⁷ J.M. Barbosa conclui que a dependência é maior nos comentários sobre a *Hierarquia celeste* e da *Hierarquia eclesiástica*, enquanto há mais originalidade nos da *Teologia mística* e de *Os nomes divinos*, J.M. BARBOSA: «A *Expositio in librum de divinis nominibus* ...», cit., p. 90.

⁵⁵⁸ A propósito, por exemplo, da teoria da dupla face da alma, mas admite que essa influência pode ser trabalhada a partir de autores franciscanos, F. Ruello, «Un commentaire en quête...», cit., pp. 173-174.

⁵⁵⁹ É o que faz J. MCEVOY: «Thomas Gallus...», cit., pp. 402-403, mas sem aduzir textos concretos.

⁵⁶⁰ Cfr. J.M. BARBOSA: «Pedro Hispano e a *Expositio*...», cit, repectivamente pp. 95 e 84-88.

⁵⁶¹ Ver em particular

De divinis characteribus; p. 317, 33: o *De anima* que julgava traduzido e ocultado por Frederico II). Chega a corrigir mesmo Dionísio, em um ou outro ponto sobre certas questões terminológicas⁵⁶².

O último capítulo da *Teologia mística*, que culmina a *via remotio* da teologia negativa enumerando o que Deus não é para assim sublinhar a sua incognoscibilidade, facilita a comparação textual e torna evidente as características das paráfrases de Tomás Gaulês e de Pedro Hispano⁵⁶³. No quadro seguinte os termos sublinhados pertencem a Dionísio e foram integrados nas paráfrases de Tomás e de Pedro, os termos em *itálicos* pertencem à paráfrase de Tomás e foram integrados na *Expositio* de Pedro.

Dionysius ps. Areopag. <i>De mystica theologia</i>	Thomas Gallus <i>Mysticae theologiae extractio</i>	Petrus Hispanus <i>Expositio in De mystica theologia</i>
Rursus autem ascendentes dicimus quod	Iterum etiam incipientes negationes ab altioribus, <i>dicimus quod</i> omnium causa,	Rursus autem, etc. usque in finem capituli talis est sensus: Inchoantes denuo <i>negationes ab</i> <i>altioribus</i> divinis, <i>dicimus, quod</i> Deus, qui est omnium causa,
nec anima est, nec mens;	<u>neque est anima</u> <u>neque mens,</u>	<u>nec anima est,</u> quia corpus non vivificat; <u>nec mens,</u> quia non supereminet anime, ut superior pars anime;
nec fantasiam,	<i>neque habet phantasiam</i> inferiorem aut superiorem,	<u>nec fantasiam</u> habet, divina vel spiritualia ymaginando;
nec oppinionem,	<i>neque opinionem,</i>	<u>nec oppinionem,</u> in diversas sententias diversimode declinando;
aut rationem, aut intellectum habet;	<u>neque rationem,</u> <u>neque intellectum,</u>	<u>nec rationem,</u> inter dubia discernendo. <u>nec intellectum habet,</u> circa solum creata visibilia insistendo.
nec est ratio,	<u>neque est ratio,</u>	<u>Neque est ratio,</u> inter bonum et malum discernens.
nec intellectus.	<u>neque intellectus;</u>	<u>Nec intellectus,</u> circa invisibilia creata insistens.
Nec dicitur, nec intelligitur,	<u>neque dicitur;</u> <u>neque intelligitur.</u> <i>Et ut decurramus per media ad</i> <i>extrema,</i>	<u>Nec dicitur,</u> quia non est effabilis, <u>nec intelligitur,</u> quia a nullo est comprehensibilis. <i>Ut autem decurramus per media ad extrema,</i> <i>rursus dicimus quod</i>
nec numerus est, nec ordo,	<u>neque est numerus,</u> <u>neque ordo,</u>	<u>nec est numerus,</u> quia non est multiplicabilis; <u>nec ordo,</u> quia non ad paria vel imparia non est proportionabilis;
nec magnitudo, nec parvitas, nec equalitas, nec similitudo, nec dissimilitudo;	<u>neque magnitudo,</u> <u>neque parvitas,</u> <u>neque aequalitas,</u> <u>neque similitudo,</u> <u>neque dissimilitudo,</u>	<u>nec magnitudo,</u> quia non est augmentabilis; <u>nec parvitas,</u> quia non est minorabilis; <u>nec equalitas,</u> quia non est proportionabilis ; <u>nec similitudo,</u> quia nulli rei est comparabilis; <u>nec dissimilitudo,</u> quia a nulla re est discrepabilis.
nec stat, nec movetur; nec scilicet agitur,	<u>neque stat,</u> <u>neque movetur.</u> <...>	<u>nec stat,</u> quia non est res immobilis. <u>Neque movetur,</u> quia non est res volubilis. <u>Nec scilicet agitur,</u> quia non verbo mentali vel vocali repressibilis.

⁵⁶² Como por exemplo quando repara que não há nele a suficiente distinção entre *tempus* e *aevum* (*In de divinis nominibus* V, p. 390, 13-15, cfr. J.M. BARBOSA, «Pedro Hispano e a *Expositio*...» cit, pp. 80-81).

⁵⁶³ No quadro que se segue comparam-se os textos de Dionísio (na tradução de João Sarraceno), Tomás e Pedro tais como estão editados por M. Alonso, a pp. 491-492, 670-671, 492-494, respectivamente.

	Et ut ad summa per quaedam media revertamur et in summis negationes terminemus,	Ut autem ad summa per quedam media revertamur et in summis creaturis negationes terminemus, dicimus quod
nec virtutem habet; nec virtus est, nec lumen; nec vivit, nec vita est,	<u>neque est virtus,</u> <u>neque lumen,</u> <u>neque vivit,</u> <u>neque vita est.</u>	<u>nec virtutem .habet,</u> qua ab alio solidetur. <u>Nec virtus est,</u> qua ab alio informetur. <u>Nec lumen est</u> quod ab alio mutuetur. <u>Nec vivit,</u> ut ab alio sensificetur, <u>nec vita est,</u> ad regendum aliquod corpus accommodatus.
nec substantia est, nec evum, nec tempus, nec tactus est intelligibilis,	<u>neque substantia est,</u> <u>neque aevum,</u> <u>neque tempus,</u> neque etiam intelligibiliter tangibilis secundum essentiam suam,	<u>nec substantia est,</u> materialiter substantiatus. <u>Neque evum,</u> quia non est spatium invariabile. <u>Nec tempus,</u> quia non est spatium mutabile. <u>Nec est tactus,</u> quia secundum essentiam suam non est aliquo modo tangibilis.
nec scientia, nec veritas, nec regnum, nec sapientia, nec unum, nec unitas, nec deitas, aut bonitas, nec spiritus est, sicut nos videmus,	<u>neque scientia,</u> <u>neque veritas,</u> <u>neque regnum,</u> <u>neque sapientia,</u> <u>neque unum,</u> <u>neque unitas,</u> <u>neque bonitas,</u> <u>neque deitas,</u> <u>neque spiritus,</u> secundum quod nos intelligimus spiritum,	<u>Nec est scientia,</u> quia non est cognoscibilis. <u>Nec veritas,</u> quia non est intellectui equabilis. <u>Nec regnum,</u> quia non est dominabilis. <u>Nec sapientia,</u> quia non est gustabilis. <u>Nec unum,</u> quia non est in plura augmentabilis. <u>Nec unitas,</u> quia non est materialiter indivisibilis. <u>Nec est deitas,</u> a nobis intelligibilis. <u>Nec bonitas,</u> quid non est qualitas infusibilis. <u>Nec spiritus est,</u> a nobis intelligibilis.
nec filiatio, nec paternitas,	neque filiatio, neque paternitas,	<u>Nec filiatio,</u> ab alio secundum nos generabilis. <u>Nec paternitas,</u> alterius subsistentis materialiter productibilis.
nec aliquid aliud cognitum a nobis aut ab alio quodam existentium est,	<u>neque aliquid aliud plene cognitum</u> <u>a nobis vel ab aliquo existente,</u> sicut <i>scilicet homine puro vel</i> <i>angelo.</i> Sed	<u>nec est aliquid cognitum,</u> <u>a nobis plene</u> vel ab aliquo existente, <i>scilicet homine vel angelo.</i> <u>nec est aliquid non</u> <u>existentium</u> intellectualiter <u>nec aliquid existentium</u> materialiter.
nec est aliquid non existentium, nec aliquid est existentium, nec existentia ipsam cognoscunt secundum quod ipsa est, <u>nec ipsa cognoscit ea que</u> <u>sunt existentia secundum</u> quod existentia sunt; nec ratio ipsius est,	<u>neque Deus est aliquid non</u> <u>existentium</u> aut aliquid existentium neque existentia ipsum cognoscunt secundum quod ipse est,	<u>nec existenti ipsum cognoscunt</u> <u>secundum quod ipse est.</u>
<u>necque nomen,</u> <u>nec cognitio,</u> <u>nec tenebre est,</u>	<u>neque ipse cognoscit ea secundum</u> quod ipsa sunt in se ipsis, sed secundum quod sunt in verbo, <u>neque est ipsius rationalis</u> <u>investigatio,</u>	<u>Nec ipse cognoscit ea secundum</u> quod ipsa existunt in se ipsis, set secundum quod sunt in verbo. Item <u>nec est ipsius rationalis investigatio</u>
nec lumen, nec error, nec veritas, nec ipsius universaliter positio est, nec ablatio; set eorum que sunt post ipsam, positiones et ablationes facientes, ipsam nec ponimus nec auferimus. Quoniam et super	neque nomen, neque cognitio, neque ipse est tenebrae a lumine deficientes, <u>neque est lumen</u> intelligibile, <u>neque est error</u> <u>neque veritas.</u> Et omnino nulla est ipsius <u>aut positio</u> <u>aut ablatio,</u> sed cum aliqua quaecunque sub ipsa sunt, ponimus, aut negando auferimus, ipsum <u>neque ponimus,</u> <u>neque auferimus,</u> <u>quoniam et super omnem</u>	<u>nec nominis impositio</u> <u>nec cognitionis comprehensio.</u> <u>nec est tenebre,</u> a Imine deficientes; nec est <u>lumen</u> intelligibile. Non est error, quo animus decipiatur; <u>nec veritas,</u> qua sua industria animus instruatur. Et omnino nulla <u>est eius positio</u> <u>vel ablatio.</u> <u>Set</u> cum quaecunque alia de ipso ponimus vel ab ipso auferimus, ipsum tamen nunquam <u>ponimus</u> vel <u>auferimus.</u> <u>Quoniam et super omnem</u>

omnem positionem	<u>positionem</u>	<u>positionem</u>
est perfecta et unitiva	<u>est perfecta et unica</u>	<u>est perfecta omnium causa,</u>
omnium causa	<u>omnium causa,</u>	
et super omnem	<u>et super omnem</u>	<u>et super omnem ablationem</u>
ablationem est excessus	<u>ablationem est excessus,</u>	<u>est excessus eius</u>
ab omnibus simpliciter	<u>ab omnibus absoluti</u> et super omnia	<u>ab omnibus</u>
absoluti et supra tota.	eminentis.	et super, omnia absolutus.

Constata-se a literariedade da metodologia de Pedro Hispano que não se afasta mais de Dionísio que aquilo permitido pela já literal paráfrase de Tomás Gaulês. Pedro recuperou não apenas a totalidade das ideias de Dionísio, como acolheu as ideias de Tomás em dois ou três pontos chave e acrescentou sobretudo definições dos termos que Dionísio recusava atribuir a Deus. Essas definições são dadas na negativa, são definições de bolso, correntes na época, que não exigem qualquer fonte especial para além da bagagem de um autor formado pelas escolas do início do século XIII. Por isso mesmo, se se puder verificar que são um contributo original de Pedro Hispano e que não foram colhidas textualmente de alguma fonte que tenha usado, podem ajudar a determinar o contexto doutrinal e social em que a obra foi produzida.

Uma solução definitiva das questões de atribuição deve passar por um confronto destes comentários com a *Explanatio* de Tomás Gaulês.

Sermones praedicabiles

Os *Sermões* atribuídos a Pedro Hispano (Clavis nº 35), apesar de desde há muito serem referidos na literatura secundária, nunca mereceram mais do que referências laterais, de tal modo que Daunou duvidava da sua existência⁵⁶⁴.

Os 4 manuscritos conhecidos apresentam diferentes séries ou versões de sermões⁵⁶⁵, num total de 155 homilias com uma interpretação preferencialmente moral das leituras das missas dos domingos do círculo do ano⁵⁶⁶. Há discrepâncias de texto entre os diferentes manuscritos. Segundo Schneyer o apógrafo de Florença será idêntico ao de Avignon, e

⁵⁶⁴ DAUNOU, A.: «Pierre d’Espagne ou le pape Jean XXI», *Histoire Littéraire de la France*, vol. XIX, H. Welter éditeur, Paris 1895, p. 334.

⁵⁶⁵ Barcelona, ACA, Ripoll 120; Cremona, BC, cod. 13 (anónimo); Firenze, B.N., Fondo Conventi Sopressi E.1.589; Avignon, BMC, 597.

⁵⁶⁶ Uma lista do tempo, rubrica e *incipit* de cada sermão encontra-se em J.B. SCHNEYER: *Repertorium der Lateinischen Sermones des Mittelalters, für die Zeit von 1150-1350*, Band 4: *Autoren L-P*, Münster 1972, pp. 652-663. Aqui é dada a identificação dos 55 *Sermones de Tempore* atribuídos a Pedro Hispano nos mss. Firenze, BNC, E. 1. 589 (e G. 7. 1464) e Avignon 597 (pp. 652-6), seguida da identificação dos 100 *Sermones de Tempore* (variantes) no ms. Barcelona, ACA, Ripoll 120 (pp. 656-63). Parece, assim, haver duas séries de *Sermones de Tempore*. Mas, o ms. Cremona 12 que tem o título colado numa etiqueta exterior *Sermones praedicabiles et quaedam alia petri hyspani* começa com um sermão para a festa de S. André, o que poderá indicar que se trata de sermões festivos. Haveria, assim, a considerar uma terceira série de sermões.

conterão uma série de 55 sermões). O manuscritos de Barcelona apresenta outros 100 sermões ou variantes, razão para se considerar então um total de 155 sermões..

Os manuscritos que atribuem os *Sermões* a Pedro Hispano identificam-no como dominicano: «fratris petri yspani de ordine predicatorum»⁵⁶⁷, pelo que do seu estudo poderão advir novos elementos para a identificação de um Pedro Hispano dominicano, a quem, como vimos, em alguns manuscritos e catálogos medievais também é atribuído o *Tractatus* de lógica.

Não é conhecida qualquer influência destes sermões e mesmo na literatura secundária petrínica são raramente citados e aparte o repertório que deles dá Schneyer, nunca foram estudados⁵⁶⁸ e sobre eles afirmou Cruz Pontes: «(...) il nous paraît qu'on doit chercher, chez d'autres personnes du même nom, le ou les auteurs de ces recueils de sermons»⁵⁶⁹.

Os cronistas mais antigos, todos eles escritores eclesiásticos, referem a *scientia* do papa, o que nesse contexto parece indicar a *scientia* bíblica com a qual se relaciona precisamente este tipo de textos teológico-exegéticos.⁵⁷⁰

Também aqui a questão da autoria permanece em aberto.

5. Medicina

A associação ou pelo menos o paralelo entre filosofia e medicina é um facto da literatura científica e enciclopédica antiga e medieval. Para Isidoro de Sevilha a medicina é mesmo uma segunda filosofia:

Hinc est quod medicina secunda philosophia dicitur. Vtraque enim disciplina totum hominem sibi vindicat. Nam sicut per illam anima, ita per hanc corpus curatur⁵⁷¹.

Estas palavras concluem o capítulo sobre os princípios da medicina, que é o último do livro IV das *Etimologias*, onde Isidoro defende que a medicina não é uma arte liberal porque cada uma destas se refere a causas particulares, enquanto a medicina as abarca a todas,

⁵⁶⁷ Cfr. manuscrito Firenze, BNC, Fondo Conventi Sopressi, E.1.159, f. 1.

⁵⁶⁸ A catalogadora do manuscrito München, UB, 4º Cod. 617 assinala que o sermão 67 da *Collectio sermonum*, nos ff. 4ra-141ra, tem um início semelhante ao do sermão número 144 da lista de Schneyer, mas torna-se necessária uma comparação *pari passu* entre os dois textos; cfr. M. REUTER: *Die lateinischen mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek München: Die Handschriften aus der Quartreihe*; Wiesbaden 2000, pp. 235-239, em especial a p. 236.

⁵⁶⁹ «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis...», cit., p. 228.

⁵⁷⁰ Cfr. J.F. MEIRINHOS: «Giovanni XXI», *Enciclopedia dei Papi*, cit., p. 436.

⁵⁷¹ San Isidoro de Sevilla: *Etimologias*, 2 vol., ed. bilingüe por José OROZ RETA y M.-A. MARCOS CASQUERO, introd. general por M.C. DÍAZ Y DÍAZ, Madrid 1993 (reimpr.), vol. I, Lib. IV, cap. 13, p. 506.

exemplificando mesmo o que colhe em cada uma delas⁵⁷². A relações entre filosofia e medicina são tema que habitualmente não merece grande atenção nas histórias da filosofia medieval⁵⁷³, ao passo que é um tema geralmente valorizado nas histórias da medicina. Pedro Hispano é geralmente aduzido como um exemplo medieval de conciliação entre as duas vertentes.

As obras médicas constituem a parte mais extensa no *corpus* de textos atribuídos a Pedro Hispano. Podem ser divididos em dois géneros principais: os receituários e os comentários. Não é fácil estabelecer ligações entre ambos e as questões de atribuição levantados por uns e outros são enormes.

Dado o carácter especializado desta literatura serão aqui dadas apenas algumas notas para referência dos diferentes textos.

A) Compilações e receituários

Em geral estas obras possuem uma orientação para a medicina curativa, mas o autor insiste na importância de hábitos sanitários, especialmente dietéticos, para a preservação da saúde e o prolongamento da vida. Não é possível saber em que contexto e em que época estas colecções de receitas foram escritas, mas as referências a médicos salernitanos ou a médicos imperiais, que se podem ler em algumas delas, permitem sugerir que terão sido compostas pelo Pedro Hispano médico em Siena e começadas ou compiladas antes de 1250, mas a sua natureza de receituários admite que tenham sido compostas ao longo de vários anos de recolha de receitas ou *experimenta*.

Oftalmologia

De oculo foi o título escolhido por A. M. Berger para publicar os receituários oftalmológicos de Pedro Hispano⁵⁷⁴. Trata-se de facto de três opúsculos distintos, que se encontram associados em boa parte dos manuscritos que os transmitem⁵⁷⁵.

⁵⁷² San Isidoro de Sevilha: *Etimologias*, cit., pp. 504-506.

⁵⁷³ Para uma excepção, cfr. M. FUMAGALLI BEONIO BROCHIERI, Mariateresa — M. PARODI: *Storia della filosofia medievale. Da Boezio a Wyclif*, cit., pp. 334-336, parágrafo sobre “Medicina e filosofia” onde se evoca precisamente Pedro Hispano, como um dos exemplo da íntima ligação entre as duas ciências no período medieval, em que a medicina tende a colher o seu modelo de cientificidade na filosofia.

⁵⁷⁴ A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in 's Deutsche übersetzt und erläutert*, München 1899.

⁵⁷⁵ Cfr. E. WICKERSHEIMER: *Dictionnaire Biographique des Médecins en France au Moyen Age*, reimpr. Genève 1979, p. 638b, nr. 3.

Seja pelo conteúdo, seja pela indicação explícita que o autor faz dos seus objectivos nos dois primeiros textos, tudo indica que estamos perante opúsculos distintos e não de apenas três partes de uma mesma obra. Aliás, na tradição manuscrita não ocorrem sempre sob a mesma forma ou sequência e por vezes estão mesmo separados, embora uma boa parte tenha os textos no seu conjunto, sempre na mesma ordem. David Lindberg, chamou precisamente a atenção para o facto de diversos manuscritos distinguirem dois ou três diferentes textos⁵⁷⁶, sendo o terceiro mais difícil de encontrar devidamente assinalado⁵⁷⁷. Esta distinção, que assenta na tradição manuscrita, já havia sido assinalada por George Sarton, mas com mais pormenores quanto às respectivas e possíveis fontes, porque assinala estas três partes: «(1) extract from the Kitab al-maliki of ‘Ali ibn ‘Abbas (...); 2) Tractatus mirabilis aquarum, dealing with twelve waters, the last two being the elixir of life and alcohol (aqua vite and aqua ardens) (...); 3) Zacharia’s treatise»⁵⁷⁸.

Os receituários de oftalmologia tiveram grande difusão⁵⁷⁹, por exemplo, Miguel Ângelo copiou algumas receitas para tratar as afecções dos olhos de que padeceu quando pintava o tecto da capela Sistina⁵⁸⁰. Por exemplo Iohannes de Casso, activo em 1436, escreveu um *Tractatus de conservatione visus*⁵⁸¹ onde cita Pedro Hispano.

Liber oculorum

No final do prólogo do *Liber oculorum* (Clavis nº 21), o texto que habitualmente surge em primeiro lugar nos receituários de oftalmologia, lê-se uma justificação da composição da obra, em que o autor

Ego magister petrus yspanus artis medicine {medice} professor nec non medicorum veritatis indagator hunc librum ex multis libris collegi ratione et experientia ad preces mei discipuli fabiani scil. salernitani qui liber oculorum a me est intitulus.

⁵⁷⁶ D.C. LINDBERG: *A Catalogue of Medieval and Renaissance Optical Manuscripts*, Toronto 1975, pp. 111-114 (nr. 206A), cfr. p. 114.

⁵⁷⁷ Segundo Lindberg, pode começar com as palavras «Oculi patiuntur quandoque ex simplici materia quandoque...», ou «Si oculi patiuntur in simplici modo fiant medicine simplices...», que correspondem aos incipit 14 e 15, cfr. IDEM, *Ibidem*, p. 112.

⁵⁷⁸ G. SARTON: *Introduction to the History of Science*, pp. 891-892. NO caso do tratado de Zacarias, remete para Noè SCALINCI: «L’oculistica medioevale M° Zaccaria e le fonti della sua “Sisilacera”», *Rivista di Storia delle scienze*, 22 (1931, 8-21).

⁵⁷⁹ Estas obras, transmitidas pelos manuscritos geralmente em conjunto, foram reunidas e editadas sob o título comum mas inadequado *De oculo* por A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI.)*, Text und übersetzung, München 1899, respectivamente nas pp. 1-43 e 44-82.

⁵⁸⁰ Manuscrito autógrafa, Vaticano, BAV, Vat. lat. 3211.

⁵⁸¹ Publicado em Pierre PANSIER: *Collectio ophtalmologica veterum acutorum*, Paris 1903, fasc. 1, pp. 35-35; cfr. G. SARTON: *Introduction to the History of Science*, vol. III, p. 856

Este *Liber oculorum*⁵⁸² após o brevíssimo prólogo e algumas considerações sobre a natureza do olho, reúne receitas e tratamentos para diferentes afecções do órgão, extraídas de outras obras, da prática corrente na época e de observações pessoais que o autor relata ocasionalmente. Trata-se de uma obra onde Pedro Hispano reúne «fórmulas farmacêuticas dos medicamentos aconselhados no século XIII» para doenças dos olhos⁵⁸³.

As referências explícitas a Fabiano e a Teodoro médicos do imperador Frederico II são preciosas porque nos permitem situar o contexto de composição. Ernest Kantorowicz foi talvez o primeiro a assinalar a ligação de um Pedro Hispano com os círculos científicos da corte do imperador Frederico II⁵⁸⁴.

Tractatus mirabilis aquarum

O texto seguinte desta compilação, o *Tractatus mirabilis aquarum* (Clavis nº 46) o também é facilmente identificável pelas palavras iniciais, com uma sucessão de títulos com identificação do autor que os manuscritos habitualmente repetem:

Aqua mirabilis ad visum conservandum et contra omnem maculam et defectum visus per vesperas. Tractatus mirabilis aquarum quem composuit Petrus Yspanus cum naturali industria et intellectu⁵⁸⁵.

Este curto texto agrupa de facto receitas de preparação de colírios e águas para expurgo e higiene dos olhos, algumas preparadas por destilação, concluindo as indicações preparatória de uma delas com as palavras: «et quod destilaverit reserva et lauda dominum et

⁵⁸² Publicado por A.A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus*, cit., pp. 1-43, correspondendo aos §§ 1-41 do *De oculo*.

⁵⁸³ *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, p. 365.

⁵⁸⁴ Kantorowicz, E.: *L'empereur Frédéric II*, trad. A. Kohn, (Bibliothèque des Histoires) Éditions Gallimard, Paris 1987 [ed. orig.: *Kaiser Friederich der Zweite*, Berlin 1927]. Pedro Hispano é apenas citado uma vez (p. 315 da ed. francesa, nas páginas onde se fala das traduções e da actividade científica da corte, do cap. 5 "Le tyran de Sicile" pp. 199-339) após referir as actividades científicas de Miguel Escoto e de mestre Teodoro: «Pierre d'Espagne se désigne à son tour, dans un traité de médecine, comme un disciple de maître Théodore. Nous ne savons rien d'autre de sa personne, pas plus que de celle de deux autres hommes qui portent également le titre de "philosophes de la cour", maître Jean de Palerme et maître Dominique, qui était sans doute espagnol. Presque tous ces savants de la cour se trouvaient aussi en contact étroit avec le cercle de Leonardo Fibonacci de Pise, par l'intermédiaire duquel la numération arabe fut transmise à l'occident». Kantorowicz não o diz, mas a obra de Pedro Hispano referida é o *Liber oculorum* § 8 da ed. de A.M. Berger. Nada indica que a genérica ligação a Leonardo Fibonacci inclua também Pedro Hispano. Siena é referida em várias páginas desta obra como cidade imperial, mas nunca é referido o seu *studium*. Numa comunicação apresentada em 1928 mas apenas publicada em 1936, M. Grabmann recorrendo ao ficheiro de personagens conhecidos apressou-se a identificar este Pedro Hispano: «dieser Petrus Hispanus mit dem späteren Papste Johannes XXI. ein und dieselbe Persönlichkeit ist», M. GRABMANN: «Kaiser Friederich II. und sein Verhältnis zur aristotelischen und arabischen Philosophie», *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, p. 108.

⁵⁸⁵ Edição A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus*, cit., pp. 44-47, a que corresponde o § 42.

magistrum petrum yspanum⁵⁸⁶». Este texto acompanha os receituários oftalmológicos por a primeira preparação ser um colírio, mas ele também circula separadamente, em colectâneas alquímicas porque é um dos primeiros textos que ensinam a preparação da *aqua vite* e mesmo de uma poção universal para a cura de todas as máculas, uma das ambições da alquimia destilatória medieval. É esta ambição iniciática que faz do opúsculo objecto de segredo para os que o possuem, dado o seu presumível poder curativo universal, como se lê no final de diversas cópias, como na *Aqua mirabilissima quam composuit Petrus Hispanus per quam fecit mistica seu mirabilia* do manuscrito Frankfurt am Main, S.-U.B, Germ. quart. 8 [dat. 1482], f. 51r: «Taceo vero de secretis huius aque quia timeo ne eam habentes superbia extollerentur», que também se encontra em outros manuscritos e na edição de A.M. Berger (p. 47). Na Idade Média final, a fama curativa destas receitas é ampliada pelos testemunhos sobre a sua eficácia, como o que se lê no final de uma transcrição: «Iohannes Reeps vidit cecum annorum IX qui in XL diebus recuperavit visum acutissimum»⁵⁸⁷.

Este opúsculo é uma colectânea de receitas, em número variável consoante os manuscritos (certamente porque também se prestava a supressões ou acrescentos consoante o interesse ou a oportunidade), para destilação de águas a usar predominantemente na higiene dos olhos, daí o ocorrer quase sempre a seguir ao *Liber oculorum*⁵⁸⁸, sendo em alguns manuscritos seguido de outro receituário sobre oftalmologia.

De curis oculorum

O terceiro texto, De curis oculorum (Clavis nº 3) é de mais difícil identificação, porque, não tendo um título como os restantes, fica geralmente indistinto do texto anterior, e nem todos os manuscritos o transmitem⁵⁸⁹. Trata também de patologias oftalmológicas, dando receitas para o respectivo tratamento⁵⁹⁰. Esta terceira parte, como bem notou Berger na sua

⁵⁸⁶ Cfr. ed. BERGER, p. 46.

⁵⁸⁷ Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Pal. lat. 1216, f. 226r (meados do século XV).

⁵⁸⁸ «Sometimes it appears to be the closing part of his treatise on diseases of the eyes, and its first item is “a marvelous water to preserve and clarify the sight”» L. THORNDIKE: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, p. 500

⁵⁸⁹ No ms. Wien, ÖNB, 96, f. 18rb é uma mão posterior que assinala na margem o início de um novo tratado após as águas de Pedro Hispano, mas sem indicar o autor, ao contrário do que fizera com os anteriores textos sobre os olhos, porque, convém lembrar, esses mencionam Pedro Hispano nos respectivos prólogos.

⁵⁹⁰ A.M. BERGER: *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus*, cit., ed. nas pp. 48-82, corresponde aos §§ 43-93, devendo contudo notar-se que os §§ 49-55 não existem, porque o autor segue a divisão proposta por ZAMBRINI, (*Volgarizamento del trattato...*, Firenze 1873), onde esses parágrafos têm receitas que não são de Pedro Hispano, cfr. p. VI, n. 25

introdução ocorre isolada em pelo menos um manuscrito onde está atribuída a um mestre Teófilo: «Incipit liber theophili de curis oculorum⁵⁹¹».

Dietética e regimentos de saúde

Os regimes de saúde são um género florescente no século XIII, mas com características fluidas. Dão corpo a uma tendência bem firmada na medicina antiga e medieval que vê na prevenção do equilíbrio natural do corpo, físico e espiritual, interno e externo, o modo de garantir a sua longevidade, como fica bem claro neste famoso passo de Rogério Bacon:

Ars medicinalis remedium non habet nisi regimen sanitatis. Est autem ulterior longae vitae extensio possibilis (...) regimensanitatis debeat esse in cibo et potu, somno et vigilia, motu et quiete, evacuatione et retentione, aeris dispositione, et passionibus animi⁵⁹².

Os regimentos de saúde tomam várias designação correntes, como “De conservatione sanitatis”, ou “De conservanda sanitate”, mas o seu verdadeiro modelo é o regimento dito de Salerno⁵⁹³. Integram este grupo: o *Liber de conservanda sanitate* (que inclui a *Summa de conservanda sanitate* e os opúsculos *De his que conferunt et nocent* e *Qui vult custodire sanitatem stomachi*), o *De regimine sanitatis per omnes menses*, as *Dietae super cyrurgia*,

É difícil de avaliar a influência exercida por estes textos dietéticos. Segundo Roland Hissette e Johan van Parys o regimento de saúde em prosa existente nos manuscrito Bruges, Grand Sém. 49/18 (do séculoXV) foi influenciado pela obra de Pedro Hispano⁵⁹⁴.

Summa de conservanda sanitate

Breve tratado com prefácio, que varia muito entre os diferentes manuscritos, seguido de uma introdução sobre preceitos gerais de higiene diária, a que se seguem regimentos sanitários para cada uma das quatro estações do ano. A *Summa de conservanda sanitate*

⁵⁹¹ Firenze, BNC, Conv. soppr. J.14.17, séc. XI, ff. 9r-16r (que parece terminar com o tratado sobre preparação de águas oftalmológicas), cfr. ed. Berger, cit., p. XI n. 28.

⁵⁹² *The Opus maius of Roger Bacon*, ed. John Henry Bridges, 3 vol., Clarendon Press, Oxford, 1897-1900, vol. II, p. 204; cit. em F. Getz: «Roger Bacon and Medicine», em J. HACKETT (ed.): *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*, Leiden 1997, pp. 337-364, cfr. p. 343, n. 26.

⁵⁹³ Cfr. D. JACQUART — M. NICOUD, «Les régimes de santé au XIIIe siècle» in P. GUICHART - D. ALEXANDRE-BIDON (dir.) *Comprendre le XIIIe siècle*, Lyon 1995, pp. 201-214 (na p. 206 o *De conservanda sanitate* de Pedro Hispano é aproximado de Frederico II e do seu médico Teodoro); P. GIL-SOTRES: «Les régimes de santé», em M. GRMEK (dir.), *Histoire de la médecine occidentale, I Antiquité et Moyen Age*, Paris 1995, pp. 257-281.

⁵⁹⁴ Cfr. R. HISSETTE — Johan van Parys: «Le missel manuscrit de Ter Doest: Bruges, Grand Sém. 49/18, et ses deux *Regimina Sanitatis*», *Scriptorium*, 41 (1987) 58-77.

(Clavis nº 36)⁵⁹⁵ surge isolada em três manuscritos (Colmar, London-Harley, Mainz), em dois é seguido do *De his que conferunt et nocent* (London-Royal, Paris) e nos restantes três (München 615 e 14574, Wien) é seguido do *De his que conferunt et nocent* e do *Qui vult custodire sanitatem*.

A *Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis* (Clavis nº 7) é uma versão da *Summa de conservanda sanitate*, existente em apenas um manuscrito, com um protocolo e escatocolo que lhe dão a forma de carta, dirigida a Frederico II. M.H.R. Pereira defendeu que a carta prefacial a Frederico é apócrifa, pressentindo nela «um certo sabor humanista» e o resultado de uma refundição tardia (idem, p. 438). No entanto a questão merece ser reavaliada à luz da possibilidade de o autor não ser o Pedro Hispano que veio a ser papa mas, de facto, um médico do círculo do imperador, podendo o prefácio ser resultado de uma reelaboração pelo próprio autor, empreendida, por exemplo, aquando da permanência de Frederico II em Siena. Assinale-se que um *Regimen sanitatis* com este prefácio é explicitamente atribuído a Bartholomaeus de Varignana († post 1321) no manuscrito München, BSB, lat. 363 [s. xv], ff. 75r-77r. No manuscrito Leipzig, UB, 1226 [s. XV], ff. 108r-115v surge já como *Liber magistri Petri Salernitani medici qui Compostella nuncupatur*. Não é, por isso, certo se e a que autor deve ser atribuído todo o texto ou o prefácio e se se trata de textos diferentes ou de modificações de um mesmo breve tratado.

De his que conferunt et nocent

O tema central do opúsculo sobre o que faz bem e o que faz mal (*De his que conferunt et nocent*, Clavis nº 4) é a saúde geral dos órgãos principais do corpo humano⁵⁹⁶. São apresentados alimentos, práticas, e medicamentos que fazem a cada órgão. Em parágrafos separados para cada órgão apresenta em primeiro lugar o que faz bem e depois o que faz mal. O autor invoca mesmo a autoridade de Aristóteles para justificar este método, explicando que o conhecimento de uma coisa se torna mais evidente conhecendo a sua contária:

⁵⁹⁵ Editado em M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 446-453 (tradução e texto latino defronte)

⁵⁹⁶ *De his que conferunt et nocent*, ed. M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit, pp. 454-473 (texto latino com tradução defronte). O título *De his que conferunt et nocent* ocorre no explicit do manuscrito London, British Library, Royal 13.A.VII [s. XV], ff. 149r-seg.: «Explicit summa magistri Petri de conservanda sanitate et de his quae conferunt et nocent. Finito libro reddatur gratia Christo. Amen. Rogetis Deum pro anima magistri Petri qui hunc librum composuit, Explicit liber». Este opúsculo surge em dois manuscritos a seguir à *Summa de conservanda sanitate* (London-Royal, Paris) e nos restantes três (München 615 e 14574, Wien) está entre essa obra e o *Qui vult custodire sanitatem stomachi*, devendo notar-se que, portanto, não ocorre nos três manuscritos em que a *Summa de conservanda sanitate* está isolada (ver sob este título). Ao conjunto dos três textos foi dado o título editorial comum de *Liber de conservanda sanitate*.

Experientia est singularum rerum notitia ut uult philosophus. Vnde habita notitia contrarii unius alterius notitia fit euidentior⁵⁹⁷.

Em geral o primeiro dos dois parágrafo sobre cada órgão ou começa com a respectiva definição e descrição sumária: porque, como diz, «definitio vel descriptio est sepeculum totius rei⁵⁹⁸». São explicitamente tratados desta forma os seguintes órgãos: cérebro, olhos, ouvidos, dentes, pulmões, coração, estômago, fígado, baço, mãos⁵⁹⁹. O fundamento do regime de saúde é o equilíbrio e moderação, com conselhos gerais que assentam no princípio de recusa do excesso⁶⁰⁰.

Para uma teoria das faculdades da alma e das localizações funcionais têm algum interesse algumas definições de órgãos relacionados com o conhecimento. Como a de cérebro:

Cerebrum est membrum principale, nobile, spongiosum, albi coloris, ex tribus cellulis, totius corporis fundamentum, et sedes anime a prophetis nominatur⁶⁰¹.

a dos olhos:

Oculus est membrum lucidum, rotundum ac radiosum, septem tunicis et tribus humoribus contextum. Oculi sunt fenestre anime ut uideat per eos ut per cancellos colores et figuras. Vnde Plato: Visus maximi est commodi⁶⁰².

e a de coração:

Cor est membrum concavum, cauernosum inferius, amplum superius, et est terminus omnium operationum anime rationalis, testante Galeno. Operationes anime in cerebro incipiunt et suscipiuntur cordis complementum⁶⁰³.

Para cada órgão é invocada uma autoridade diferente: os profetas, Platão, Galeno, que permitem ligá-los à diferentes escolas e posições quanto à teoria das funções da alma⁶⁰⁴.

⁵⁹⁷ *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras...*, cit., p. 457.

⁵⁹⁸ *De his que conferunt et nocent*, prol., ed. PEREIRA: *Obras...*, cit., p. 455.

⁵⁹⁹ Dentes, pulmões e mãos são os únicos órgãos de que não é dada uma definição e descrição anatómica. A definição e descrição do cérebro está no próprio prólogo e não no respectivo parágrafo.

⁶⁰⁰ Para exemplo veja-se a parte final do que diz sobre o que faz mal ao coração: «Nimium studium et multa cogitatio, coitus assiduus et quodcumque nocet spleni nocet cordi. Post cibum balneari subito et uinum bibere in balneo. Vigilia nimia, comestio, potatio superflua, leuare grauia, artes difficiles et omnis labor intolerabilis et quicquid facit animam tritari, quia cor est principium uite et terminus mortis», *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras...*, cit., p. 465.

⁶⁰¹ *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 455.

⁶⁰² *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 457.

⁶⁰³ *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, p. 463.

⁶⁰⁴ A este propósito é ainda interessante o que se diz sobre os ouvidos, considerados como «instrumenta anima quibus sonus et uoces discernuntur», *De his que conferunt et nocent*, ed. PEREIRA: *Obras...*, cit., p. 459.

Qui vult custodire sanitatem stomachi

O título editorial *Qui vult custodire sanitatem stomachi* (Clavis nº 28) retoma as primeiras palavras do texto⁶⁰⁵.

Este opúsculo ocorre apenas em três dos oito manuscritos da *Summa de conservanda sanitate*, considerado o primeiro opúsculo de um conjunto que também inclui o *De his que conferunt et nocent* (ver sob estes títulos). Ao conjunto dos três textos foi dado o título editorial comum de *Liber de conservanda sanitate*. M.H.R. Pereira deixa em suspenso a questão da autoria deste opúsculo, porque em nenhum manuscrito é explicitamente atribuído a Pedro Hispano⁶⁰⁶.

De estrutura e estilo simples, contém breve prefácio em defesa da sobriedade gastronómica e da abstinência, seguido de curtos capítulos que se ocupam primeiro de exercícios temperados que devem preceder a ingestão e depois sobre regras das dietas e outros preceitos de higiene alimentar.

Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis

Alguns dos manuscritos de receituários e obras de dietética identificam o seu autor como Petrus Iuliani, como é o caso deste *Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis* (Clavis nº 45) onde o autor se identifica no curto prólogo:

Ego Petrus Iuliani parue scientie paruique intellectus Hyspanus compendiosum tractatum dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis scribere non formido⁶⁰⁷.

O título aqui retido foi tomado do próprio prólogo: *Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis*. Curto texto dietético de que se conhece apenas 1 manuscrito é a compilação de receitas e conselhos dietéticos. Composto por um curto prólogo em que se explicam as razões de composição, seguido de doze curtos capítulos, cada um dos quais composto por um adágio sobre os dias nefastos, conselhos dietéticos e, por fim, dia de início do respectivo signo zodiacal. Os adágios sobre os dias nefastos são conhecidos versos de

⁶⁰⁵ Ed. em M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 474-491 (texto latino e trad. defronte).

⁶⁰⁶ M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 496.

⁶⁰⁷ Este é o início do prólogo no ms. Paris, BN, lat. 11420 [séc. XV], ff. 1r-5v, editado por M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 414-419 (ed. com o título *De regimine sanitatis*). O ms. London, BL, Harley 2558, ff. 224va-225va, segundo a fonte consultada começa: «Ego Petrus Yspanus parve scientie», mas poderá haver erro na leitura de Yspanus (ou então o termo deverá ter sido antecipado).

Prisciano ou de um pseudo-Prisciano, também integrados no *Libellus de mensura horologii* atribuído a Beda⁶⁰⁸.

Receituários

Os receituários reúnem preceitos extraídos da tradição popular, da prática médica e de de outras obras. O *Thesaurus pauperum* é o mais famoso dos receituários médicos de Pedro Hispano, que geralmente é seguido de um *Tractatus de febribus* que o completa. A estas obras deveriam acrescentar-se um *Tractatus de anathomia* (um manuscrito) e um *De phlebotomia* (conhecida em diversos manuscritos), as *Diete super cyrurgia* (um manuscrito).

Diete super cyrurgia

O opúsculo intitulado *Diete super cyrurgia* (Clavis nº 6), de que se conhece apenas um manuscrito, contém receitas e práticas para a cura de feridos e de mazelas que decorrem da guerra⁶⁰⁹. No título a obra é atribuída a Petrus Compostellanus também designado como Petrus Hispanus:

Incipiunt diete super cyrurgia secundum magistrum Petrum compostellanum (f. 28ra)

O início da obra dá informações sobre as razões de composição do opúsculo e menciona médicos imperiais:

Multi veterum medicorum in inermem fallaciam devenerunt propter defectum chirurgice diete (...) Petrus Yspanus parve scientie parvique intellectus videns obtenebrositatem Rogerii Salernitani⁶¹⁰, rogatus a Fantino chirurgico Senensi⁶¹¹, contemplatus est dietam morborum vulneratorum accidentium. (f. 28ra)

O mesmo Pedro Hispano de Compostela aparece no início do *Liber de conservanda sanitate*.

⁶⁰⁸ Cfr. Patrologia Latina, vol. 90, col. 955-seg.; os versos foram estudados por J. HENING: «Versus de Mensibus», *Traditio* 11 (1955) 65-90; cfr. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, 1973, p. 420

⁶⁰⁹ Ed. em K. SÜDHOFF: «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», em IDEM, *Beiträge zur Geschichte der Chirurgie im Mittelalter: graphische und textliche Untersuchungen in mittelalterlichen Handschriften*, 2 vol., Leipzig 1918, vol. II, pp. 395-398.

⁶¹⁰ Cfr. a *Chirurgia* de Ruggerus Salernitanus.

⁶¹¹ O cirurgião Fantino de Siena, que exorta Pedro Hispano a escrever este tratado para a cura de feridas de origem violenta (por isso é chamada uma dieta de feridos) é mencionado no mais antigo Estatuto de Siena, datado de 1262, sobre este personagem cfr. P. NARDI: «Comune, Imperio e papato ...», art. cit., p. 74 r n. 99, IDEM: *L'insegnamento superiore a Siena*, cit., p. 58.

Thesaurus pauperum

O *Thesaurus pauperum* (Clavis nº 42)⁶¹² é uma compilação com finalidade prática e dirigida às gentes de menores recursos, oferece milhares de receitas sobre todas as doenças, desde os cabelos até às unhas dos pés, e nele se combinam sem distinção a dietética, a farmacopeia e a magia. A grande popularidade da obra é atestada pelo número de manuscritos, que ultrapassam a centena, e as muitas dezenas de edições conhecidas, bem como as traduções medievais para italiano, português, castelhano, catalão, francês, inglês, alemão, hebraico e, um pouco mais tarde, para russo. Para alemão conhecem-se pelo menos seis traduções de diferentes partes do *Thesaurus*, que eram por sua vez integradas em outros receituários do mesmo género⁶¹³. O médico Jean Sauvage fez uma tradução versificada em octossílabos para francês. Não foi sem razão que Georges Sarton escreveu que esta obra foi «perhaps the most popular book of its kind until the sixteenth century»⁶¹⁴.

Sendo o *Thesaurus pauperum* uma compilação, prestava-se a todo o tipo de acrescentos e supressões, pelo que a sua história literária é extremamente complexa, nos manuscritos como nas edições impressas. Diversas obras de séculos posteriores dele retomam extensas passagens⁶¹⁵, ou o acrescentam, ou o criticam⁶¹⁶.

Têm sido expressas dúvidas quanto à identidade do autor, C. de Tovar afirmou mesmo: «attribué sans preuve au Portugais Pierre d’Espagne, le futur pape Jean XXI, il [le *Thesaurus pauperum*] serait peut-être l’oeuvre d’un médecin laïc, un Espagnol du XIIIe siècle»⁶¹⁷, mas, apesar da novidade da proposta, nada é avançado para fundamentar esta nova atribuição.

⁶¹² Estudos e edição crítica por M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 1-408, o *Tractatus de febribus* encontra-se nas pp. 303-323.

⁶¹³ Um estudo completo da difusão literária do *Thesaurus* em alemão antigo encontra-se nos trabalhos de J. TELLE: *Petrus Hispanus in der altendeutschen Medizinliteratur. Untersuchungen und Texte unter besonderer Berücksichtigung des “Thesaurus Pauperum”*, (Inaug.-Diss. Neuphilologischen Fakultät der Ruprecht-Karl-Universität zu Heidelberg), Heidelberg 1972; IDEM: «Petrus Hispanus (Petrus Juliani, Papst Johannes XXI)», em RUH, Kurt et al. (Hrg.): *Die deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*, b. VII, Berlin—New York 1989, col. 503-511 (oferece uma síntese sobre as principais versões estudadas na obra de 1972).

⁶¹⁴ G. SARTON: *Introduction to the History of Science*, cit., vol. II, p. 889.

⁶¹⁵ Como exemplo veja-se a *Rosa medicinae* composta cerca de 1314 pelo médico Iohannes Anglicus, de Gadesden (c. 1280-1361), que acolhe passagens do *Thesaurus*. A *Rosa medicinae* teve uma primeira edição em Pavia 1492, a que se sucederam várias reimpressões e edições; cfr. G. SARTON: *Introduction to the History of Science*, Baltimore 1948, vol. III, pp. 880-882.

⁶¹⁶ Veja-se a obra de Pedro de Tossignano (séc. XIV-XV, † 1407) e do qual foram publicadas em Antuérpia as *Additiones Petri de Tusciano ad Thesaurum pauperum Magistri Petri Yspani*, que contém de facto adições e críticas integrando ainda a obra similar e homónima de Bernardo de Gordon; cfr. G. SARTON: *Introduction to the History of Science*, vol. III, pp. 1683-1684.

⁶¹⁷ C. de TOVAR: «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage», [1ère partie], *Revue d’Histoire des textes*, 3 (1973) 115-191, cfr. p. 123.

Os manuscritos mais antigos são do final do século XIII, se não mesmo apenas do século XIV⁶¹⁸. O único manuscrito considerado do século XIII não nos dá o nome do autor⁶¹⁹. São poucos os manuscritos datados e o mais antigo é de 1309, que apresenta a obra com o título: «Thesaurus Pauperum vel summa experimentorum medicinalium», com datação no colofão: «Anno domine mil'º tricentessimo nono die tricesimo mense septembris hoc hopus complevi scripsi presbiter N. de Machia Anconitana hunc scripsit librum cui Christus filius dei et corpori. Amen», e uma mão posterior acrescentou o nome do autor: «Explicit thesaurus pauperum vel summa experimentorum medicinalium magistri Petri yspani»⁶²⁰. Note-se que o copista que assinalou com pormenor a data do seu trabalho, não menciona o nome do autor.

É estranho como uma obra de tão grande difusão não existe em manuscritos claramente datáveis do século XIII, o que poderia fazer crer que a obra é tardia e pode ser mesmo posterior à morte de Pedro Julião-papa João XXI. Enquanto algumas famílias de manuscritos transmitirão sempre o texto como anónimo, outras começarão, nas primeiras décadas do século XIV, a identificar o autor como «magister Petrus Hispanus», enquanto outras o darão como «Petrus Iuliani papa Iohannes XXI fuit»⁶²¹. A ser assim, ficaria por explicar como e porque é que a obra vem a ser, segundo uma numerosa tradição manuscrita e impressa, atribuída a Pedro Hispano. O conteúdo do texto também não fornece qualquer elemento que permita identificar o autor com o português Pedro Hispano. Aliás, uma sondagem da terminologia do *Tractatus*, realizada por Maria Helena da Rocha Pereira, permitiu mesmo concluir que as variantes lexicológicas apontam para o centro-leste de França ou norte de Itália como contexto de composição, concluindo que nenhum destes argumentos «invalida a possibilidade de autoria de Pedro Hispano, mas por outro lado, nenhum conduz à sua confirmação definitiva»⁶²². A própria natureza da obra, um receituário *a capite ad calcem*, se adequava a uma difusão contaminada pela junção de mais receitas, ou pela exclusão de outras ou pela extracção de outras para as inserir em obras similares. Daí ser extraordinariamente difícil reconstituir o texto primitivo, tais e tão variadas são as variações e as famílias textuais difundidas pelos manuscritos.

A obra é constituída por um Prólogo e 50 capítulos (mais os 5 capítulos sobre febres, que devemos considerar uma obra independente: o *De febribus*). Insere receitas extraídas de autores clássicos (Dioscórides, Galenus), medievais (Avicena, Constantino Africano, Gilberto Ânglico, Macer Floridus), um Experimentator, a *Circa instans*, para além das próprias

⁶¹⁸ Uma classificação cronológica dos manuscritos encontra-se em M.H.R. Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 40-41 e 43-44.

⁶¹⁹ Oxford, BL, Laud misc. 676, ff. 1r-24r.

⁶²⁰ London, BL, Sloane, 477, ff. 1r-79v.

⁶²¹ Cf. M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., 43-44.

⁶²² M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 45-48, cit. é da p. 48.

receitas do autor. O prólogo trata de modo de breve as precauções de diagnóstico do médico antes de prescrever, mas as receitas são apresentadas sem quaisquer informações para o reconhecimento do mal a curar.

A recolha de receitas está organizada *a capite usque ad pedes*, que encontrava o seu modelo na *Practice* de Isaac Israel⁶²³. A mesma hierarquia estrutura o livro III do *Canon* de Avicena, sobre os padecimentos dos principais órgãos e partes do corpo, seguido pelo tratamento das diferentes doenças do corpo, apresentadas no livro IV⁶²⁴. Apesar de não ser possível determinar qual terá sido o seu modelo próximo, o *Thesaurus* segue um dos esquemas expositivos comuns na medicina medieval⁶²⁵, apresentando as receitas para cura das afecções do corpo segundo as divisões ou órgãos corporais. A natureza da obra, que integra tanto receitas provenientes da literatura médica clássica e medieval, como receitas da medicina popular, não nos permite saber se provém de um meio académico e científico ou popular⁶²⁶. A análise das receitas que o autor atribui a si próprio poderia trazer alguma luz sobre o assunto.

Ainda chegou a ser sugerido por diversos autores que a obra tivesse sido escrita em vulgar italiano e depois traduzida para latim, mas essa hipótese foi liminarmente rejeitada, por os mais antigos testemunhos serem latinos, por não haver qualquer evidência de tradução no texto latino, e por algumas traduções referirem precisamente a sua natureza de tradução⁶²⁷.

O autor coloca a obra sob a égide do «Pai dos pobres», isto é Deus, o que erradamente chegou a ser interpretado como uma dedicatória ao papa Gregório X, a cujo serviço estaria quando a obra foi escrita. Diversos manuscritos expressam a atribuição desta obra ao papa João XXI:

Expliciunt febres Thesauri pauperum magistri Petri Hyspani, quondam pape⁶²⁸

⁶²³ Cfr. *Opera Omnia*, Lugduni 1515, vol. I, f. 97ra-seg.

⁶²⁴ O *Canon* de Avicena foi traduzido para latim por Gerardo de Cremona, sobre a sua estrutura e influência nas universidades do século XIII, ver N. SIRAI: *Avicenna in Renaissance Italy*, Princeton 1987, respectivamente pp. 19-40 e 43-53. Sobre a composição e estrutura, bem como sobre a entrada no ocidente latino ver também D. JACQUART — F. MICHEAU: *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, Paris 1990 (ed. ut.: 1996, respectivamente pp. 79-84 e 153-160).

⁶²⁵ Cfr. G. DELL'ANNA: *Dies critici: La teoria della ciclicità delle patologie*, cit., pp. 173-181.

⁶²⁶ Cfr. D. JACQUART — Claude THOMASSET: *Sexualité et savoir médical au Moyen Âge*, Paris 1985, p. 128

⁶²⁷ Cfr. M.H.R. Pereira, *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 48-49.

⁶²⁸ Manuscrito Kraków, Biblioteka Jagiellonska, 816, f. 154r. O manuscrito contém o *Thesaurus pauperum* (ff. 126v-151r) seguido do *De febribus* (ff. 151r-154r) e a atribuição a Pedro Hispano, mas sem referência à função papal, reencontra-se no índice do f. 155v: «Hec sunt capitula libri qui dicitur Thesaurus pauperum et Tractatus de febribus Petri Hispani». No excelente descrição do manuscrito (*Catalogus codicum Cracoviae*, vol. VI, pp. 236-242), onde o manuscrito é datado de c. 1300, não se assinala que o explicit em que se identifica o autor do *Tractatus* com o futuro papa seja escrito por mão diferente da do texto, contudo esse facto deverá ser melhor averiguado, porque há notas dos séc. XIV e XV, nomeadamente algumas de Blasius de Kazymirz que doou o manuscrito em 1489, como

Outros manuscritos, tardios, contêm atribuição similar⁶²⁹.

De febribus

O *Tractatus de febribus* (Clavis nº 44)⁶³⁰ constitui um tratado distinto do *Thesaurus pauperum*, pois em diversos manuscritos desta obra nem está presente e em outros há um *explicit* ou título a separá-los. Também por estas razões se têm levantado opiniões que recusam atribuir os dois tratados ao mesmo autor. Essa é a opinião de C. de Tovar, que, como vimos, também considera que o autor do *Thesaurus* não foi o futuro papa João XXI.

M.H. Rocha Pereira analisou os manuscritos mais antigos do *Thesaurus pauperum* e conclui que este tratado não fazia parte da versão original esta obra: «afigura-se-nos que o tratado das febres, embora se encontre já no manuscrito mais antigo dos que consultámos, o MS. Laud. Misc. 676, do séc. XIII ex., sem nenhuma indicação especial —que talvez figurasse na última página, hoje desaparecida— não fazia parte do *Thesaurus Pauperum*. Devia ser um outro tratado, possivelmente do mesmo autor, que cedo se adicionou ao nosso texto. A partir do século XV, introduzem-se noções teóricas sobre o assunto, como acontece no MS. Sloane 284 e no MS Harleian 5139, que consagram capítulos a dissertar De definitione febris, De causa interpolationis et continuationis febris, De causa longi et brevis paroxysmi, De causa angustiosi paroxysmi, etc., os quais transitarão para as edições, com excepção das italianas, que parecem mais próximas do original⁶³¹.»

Synonyma pharmacologica

Dicionário de drogas com fins terapêuticos, os *Synonyma pharmacologica* (Clavis nº 40) poderão ter sido, provavelmente, compilados a partir do *Thesaurus pauperum*. As datas dos três manuscritos conhecidos podem indicar que terá sido realizado por autor posterior. A versão existente na compilação médica do manuscrito de Sevilla foi escrita por Graciadeus de

se lê na nota do f. Ir transcrita acima (sobre anotações e data, cfr. pp. 240 e 241). Por outro lado, a tábua de conteúdo do manuscrito nem atribui a obra a Pedro Hispano: «In hoc volumine continentur libri infrascripti: (...) 13 Thezaurus pauperum» (cfr. f. de guarda anterior).

⁶²⁹ Alguns outros propuseram identificação similar. No ms do final do séc. XV: Brescia, Biblioteca Queriniana, B. VI. 25, f. 67v lê-se: «Explicit liber qui uocatur Thesaurus pauperum editus a magistro Petro Yspano qui postea fuit summus pontifex». No ms Lucca, Bib. Gov., 1077 (BB9K), f. 2v e de mão quinhentista lê-se: «M° Piero di Spagna papa fu Gio. XX della Chieça di Roma, scrisse teçurum pauperum». No recto do III f. de guarda lê-se «Thesaurus pauperum a d. Petro Hispano card. s.r.e. compositum a.D. MCCLXX» (séc XVII) (=Tesaurum pauperum a Petro Hispano compositum anno domini 1270 (cit.: De Rijk, 1972, p. xlii, n. 5.).

⁶³⁰ M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., pp. 303-323 (texto latino e tradução defronte).

⁶³¹ M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 7

Asillo («Sinonima per G. de A.»)⁶³². No manuscrito Wien, Österreichische Nationalbibliothek, 2300 aos Synonyma segue-se mesmo uma compilação de receitas do *Thesaurus*.

Há uma obra de Avicena com o mesmo nome (Synonyma) da de P.H. nos mss. Escorial f I 8, ff. 425-seg. e Toledo 47 - 19, ff. 478-485.

Outros opúsculos

Anathomia corporis

A obra *Anathomia corporis* (Clavis nº 1) é conhecida apenas em dois manuscritos do século XV⁶³³, ambos com atribuição a Pedro Hispano, mas em locais diferentes. Na *incipit* do manuscrito de Parma lê-se «Incipit anathomia magistri petri hyspani medici excellentissimi», mas o catalogador faz notar que «queste parole sono rescritte su una cancellatura». O manuscrito de Bergamo tem o *explicit*: «Explicit Anathomia corporis secundum Petrum de Yspania». Note-se que em ambos é usada a grafia Yspanum/Yspani.

Apenas a comparação dos dois apógrafos (que não foi possível realizar por impossibilidade de consulta dos manuscritos) poderá confirmar se contêm o mesmo texto. Os respectivos início e fim apontam para textos diferentes entre si. Não é impossível que se trate de um excerto de um dos comentários médicos, mas o tema da obra e a forma de a titular nos dois manuscritos parece excluir esta hipótese.

De phlebotomia

Há dois textos sobre a flebotomia atribuídos a Pedro Hispano, mas um deles apenas é conhecido em um apógrafo, relativamente tardio.

A prática cirúrgica e terapêutica da sangria teve um importante lugar na medicina medieval, quer na vertente teórica quer na vertente prática. Não é, pois, de estranhar a grande variedade de textos que se ocupam desta questão hematológica, uma boa parte deles de curta

⁶³² Graciadeus de Asiilo foi estudante em Paris, e para além de ter sido proprietário do manuscrito Ecorial f III 6 (cf. f. 198v), do qual escreveu nomeadamente as questões cirúrgicas dos ff. 185-187, cfr. Beaujouan, 1968, p. 185, reimpr. em IDEM, *Science médiévale d’Espagne et d’alentour*, (Collected studies series, 374) Variorum, Aldershot 1992 .

⁶³³ Bergamo, Biblioteca Civica A. Mai, Ma 300 [séc. XV], ff. 65v-69r; Parma, Biblioteca Palatina, 1065 [séc. XV], ff. 147-153.

⁶³⁴ Cfr. descrição do manuscrito no vol. I.

⁶³⁵ L. THORNDIKE: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, vol. II, p. 501.

⁶³⁶ J. AGRIMI: *Tecnica e scienze nella cultura medievale. Inventario dei manoscritti relativi alla scienza e alla tecnica medievale (secc. XI-XV)*. Biblioteche di Lombardia, Firenze 1976, p. 10.

dimensão, que não chega a ultrapassar poucas dezenas de linhas manuscritas, as suficientes para dar alguns preceitos quanto aos dias favoráveis ou nefastos para realizar a sangria e identificar as veias e os procedimentos cirúrgicos de incisão e evacuação hemática⁶³⁷. Um destes textos curtos é o *De phlebotomia* (Clavis nº 5) atribuído a Pedro Hispano⁶³⁸, que não chega às 30 linhas impressas⁶³⁹. Limita-se a indicar, logo na primeira frase e de um modo aforístico, a utilidade geral da flebotomia:

Si necessitas fuerit, in omni tempore flebotomus est adhibendus⁶⁴⁰,

para, no texto restante prevenir ou aconselhar os dias e épocas do ano em que a sangria deve ou pode ser praticada, bem como a assinalar os dias nefastos. Esta validade terapêutica da sangria era contestada por diversas correntes médicas, mas Pedro sublinha-a também ao indicar momentos em que a sangria pode ter uma função preventiva:

Quicumque iterum, in XVII die marcii de dextro bracio, et in XI die aprilis sanguinem minuit, nunquam oculorum lumen amittet. Qui in fine mayi, sed in quarta die sanguinem minuuntur nunquam febrem habebunt⁶⁴¹.

A sangria tinha de facto uma grande importância na medicina medieval enquanto procedimento curativo por via cirúrgica através da incisão de uma veia pela qual era evacuado sangue, fazendo reduzir de modo controlado a sua quantidade no corpo, para, segundo a teoria galénica, expulsar o seu excesso e de outros humores com ele misturados e assim restabelecer o equilíbrio em determinada parte do corpo que o havia perdido. Este procedimento cirúrgico-curativo era tido como tratamento apropriado para uma grande quantidade de doenças e maleitas⁶⁴², ao ponto de mais tarde dar origem ao aparecimento de certos práticos nela

⁶³⁷ As origens, função, variedade e difusão destes textos estão estudados por P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander-Pamplona 1986.

⁶³⁸ P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., pp. 37-44, onde o opúsculo é estudado na secção: «La variante “Si necessitas fuerit in omni tempore...” presunta producción de Pedro Hispano». Cfr. J. TELLE: «Petrus Hispanus (Petrus Juliani, Papst Johannes XXI)», cit. col. 509 e IDEM: *Petrus Hispanus in der altendeutschen Medizinliteratur*, cit., pp. 99-seg., 287-seg.

⁶³⁹ Existem pelo menos quatro edições, que se baseiam em diferentes manuscritos. A mais editada é a versão do manuscrito Paris, BN, 6988 [séc. XIV], f. 87r-v, que encontramos em S. de RENZI: *Collectio salernitana*, Napoli 1859, vol. V, pp. 121, 400-401; P. PANSIER: *Collectio ophthalmologica veterum acutorum*, Paris 1908, fasc. VI, pp. 108-109; W. WILKE: *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde*, Leipzig-Quedlinburg 1924, pp. 20-21. A edição de P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., p. 84, baseia-se no manuscrito Graz, UB, 594 [s. XV] f. 83r-v.

⁶⁴⁰ PETRUS HISPANUS, *De phlebotomia*, ed. P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., p. 84.

⁶⁴¹ PETRUS HISPANUS, *De phlebotomia*, ed. P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., p. 84. É com estes preceitos que o opúsculo termina.

⁶⁴² Sobre a hematologia medieval, cfr. P. GIL-SOTRES: «Derivation and Revulsion: the Theory and Practice of Medieval Phlebotomy», em L. GARCÍA-BALLESTER — R. FRENCH — J. ARRIZABALAGA — A. CUNNINGHAM (eds): *Practical Medicine from Salerno to the Black Death. Essays on the practical aspects of medieval European medicine*, Cambridge 1993, pp. 110-155. Na Idade Média podem ser detectadas duas atitudes perante a flebotomia: uma mais cirúrgica («Flebotomia est vene recta incisio et sanguinis emissio», que coloca o acento na vertente prática e cirúrgica) e outra mais

especializados, os sangradores, a quem os médicos foram abandonando esta prática manual. Dado este carácter prático da sangria, não é de estranhar que abundassem os textos, ora teóricos ora práticos, sobre esta especialidade médica. Mas, ao contrário de outros textos medievais similares, Pedro Hispano não dá qualquer definição da flebotomia, não identifica as veias sobre as quais operar, nem refere procedimentos cirúrgicos a adoptar.

O texto de Pedro Hispano tem afinidades com a primeira parte de outros populares opúsculos sobre a prática da flebotomia, atribuídos a Beda⁶⁴³ e a Arnaldo de Villanova⁶⁴⁴, ambos pseudo-epígrafos⁶⁴⁵, aliás, no início dos três textos encontramos as mesmas palavras *Omni tempore, si necessitas fuerit/urget*, embora com variantes. Mas, em relação a estes, fica-se pela parte inicial, relativa ao calendário, acrescentando apenas algumas observações sobre os dias egipcíacos, ou sobre as três datas atrás citadas nas quais a realização da sangria teria efeitos particularmente duradouros⁶⁴⁶. É uma obra com simples fim utilitário, eminentemente preventiva, compilando alguns preceitos de limitação da sangria em determinados dias, por razões astrológicas (invoca-se o curso da lua), de superstição (enumeram-se os dias nefastos ou “gorgores”, os três dias egipcíacos, os três dias propícios), de temperatura ambiente (aproveitar a primavera, evitar os meses de canícula), mas sem dar quais razões explicativas para estes conselhos. Essas podem ler-se nos textos mais longos de onde parece extraído com mínimos acrescentos, precisamente aqueles já referidos do pseudo Beda e do pseudo Arnaldo. O breve opúsculo petrínico é um simples calendário, elaborado certamente para uso daqueles que já têm a prática da sangria. Mesmo assim fornece algumas indicações quanto às concepções hematológicas do autor e quanto a concepções gerais, por exemplo sobre o funcionamento do corpo e a crença numa relação de influência entre os astros e o corpo, que justifica a identificação dos dias e épocas do ano em que se desaconselha a sangria..

A evacuação hemática com fins terapêuticos está aliás presente em outros textos atribuídos a Pedro Hispano. No *Thesaurus pauperum* encontram-se duas referências terapêuticas à flebotomia⁶⁴⁷: «flebotomia de uena frontis plures infirmitates capitis

terapêutica («Flebotomia est evacuatio universalis que multitudinem evacuat», na definição de Avicena), tendendo a medicalização pressuposta pela segunda a sobrepor-se a partir do século XIII; sobre as consequências intelectuais e sociais desta mudança cfr. M. MCVAUGH—: «Medical Knowledge at the Time of Frederick II», *Micrologus* 2 (1994), pp. 12-13.

⁶⁴³ Início: «Omni tempore, die ac nocte, si necessitas urget», Beda o Venerável (pseudo) *De minutione sanguinis, sive de phlebotomia*, em *Patrologia latina*, Paris 1850, col. 90, col. 959C-962C.

⁶⁴⁴ Início: «Omni tempore si necessitas urget», Arnaldo de Villanova, pseudo, em P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., editado nas pp. 82-83, sobre a obra ver as pp. 17-25.

⁶⁴⁵ Sobre estes textos ver P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit.

⁶⁴⁶ Cfr. P. GIL-SOTRES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., p. 42.

⁶⁴⁷ Cfr. M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 27.

extirpat»⁶⁴⁸, e «In squinancia primo fiat flebotomia magna»⁶⁴⁹, mas nada transparece quanto à utilidade geral da sangria que é a doutrina principal do *De flebotomia*.

A doutrina geral sobre a utilidade permanente da sangria defendida no *De flebotomia* é claramente contraditada no opúsculo *De his que conferunt et nocent* onde o autor afirma a propósito do que é nocivo aos olhos e à visão: «Nocet etiam frequens et illicita flebotomia»⁶⁵⁰.

Mas, no terceiro opúsculo do *De oculo* a doutrina sobre a utilidade da sangria para a visão é completamente diversa:

Frequens minutio sanguinis a vene que est in cubito confert oculis et minutio de saphena moderata de vena pollicis multum magis valet ut magna da calcaneo prodest. Utilis est in iuventute usque ad XLV annos. Nota quod a L annis inantea non est flebotomia utilis⁶⁵¹.

A teoria do sangue, seja na vertente humoral, seja na vertente nutricional, ocupa um lugar central no pensamento médico antigo e medieval, sendo as diferentes doutrinas motivo de controvérsia tópica e recorrente entre médicos e filósofos e mesmo entre cada um destes grupos⁶⁵². Os problemas gerais relacionados com o sangue e por extensão com a sangria são abordada de modo teórico e escolástico nos comentários a obras médicas⁶⁵³ como os *Aforismos* ou o *Regimen acutorum morborum* de Hipócrates ou o *De animalibus* de Aristóteles⁶⁵⁴, sobre as quais existem também comentários atribuídos a Pedro Hispano.

Igualmente importante para a nossa pesquisa é o modo como se identifica o autor do opúsculo, pois é atribuído a Petrus Iuliani⁶⁵⁵:

Nota {Notabile} bonum de flebotomia secundum magistrum Petrum Iuliani⁶⁵⁶

ou:

Magister Petrus Iulianus dicit quod in omni tempore⁶⁵⁷

⁶⁴⁸ *Thesaurus pauperum*, VI, 22; ed. M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 99.

⁶⁴⁹ *Thesaurus pauperum*, XIV, 1; ed. M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 159.

⁶⁵⁰ Apud M.H.R. PEREIRA: *Obras médicas de Pedro Hispano*, cit., p. 459.

⁶⁵¹ Albrecht Maria BERGER: *Die ophthalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI.)*, München 1899, p. 51.

⁶⁵² Sobre as vertentes múltiplas destas discussões, cfr. D. JACQUART: *La médecine médiévale dans le cadre parisien. XIVe XVe siècle*, Paris 1998, pp. 333-347.

⁶⁵³ Cfr. P. GIL-SOTRES: «Derivation and Revulsion: the Theory and Practice of Medieval Phlebotomy», cit., pp. 132-134.

⁶⁵⁴ Cfr. Aristóteles: *De partibus animalium* II 3, 650a.

⁶⁵⁵ Existe uma obra de astronomia em manuscrito do século XV atribuída a um «Petrus de Juliaco», que poderia ser «Petrus de Juliano?», cfr. L. THORNDIKE — P. KIBRE, *A Catalogue of Incipits...*, col. 438 e 1055, onde assinalam um *Opus astronomicum*, que começa «Distantiam igitur centri eccentrici solis a centro terre...» ou «Plurimi quidem scientie astronomie...», existente no manuscrito Bruxelles, Bibliothèque Royale des ducs de Bourgogne, 1031 [séc. XV] ff. 89va-98vb, onde está atribuído a um Petrus de Juliaco que Thorndike e Kibre se interrogam se poderá ser «Petrus de Alliaco?»; o manuscrito foi assinalado por H. SILVESTRE: «Incipits des traités médiévaux de sciences expérimentales dans les manuscrits latins de Bruxelles», *Scriptorium* 5 (1955) 145-160.

⁶⁵⁶ Esta atribuição ocorre pelo menos nos manuscritos: Graz, UB, 594 [séc. XV] f. 83r-v; London, NL, Addit. 15236 [séc. XIV] f. 25v; Paris, BN, lat. 6988 [séc. XIV] f. 87r-v.

Em todos os casos estamos perante manuscritos de finais do séc. XIV e do século XV. A atribuição não ocorre em manuscritos mais antigos, havendo por isso razões para supor a existência de um erro de atribuição. Pedro Gil-Sortes rejeita que o autor seja Pedro Julião-Hispano, porque o texto se encontra já em manuscritos do século XII e seguindo um arquétipo que parece remontar ao século XI e não ao próprio Beda a quem, como se viu, uma versão longa e aparentada é atribuído pela tradição⁶⁵⁸. Só posteriormente alguns terão associado esta abreviada variante do já curto texto ao famoso médico do século XIII, tal como outros fizeram com a versão atribuída a Arnaldo de Villanova: «ni uno ni otro autor tienen nada que ver con estos breves textos de contenido netamente empírico; sólo la fama de que ambos gozaron explica el que figuren bajo sus nombres en los códices manuscritos y que así ayan pasado a alas adiciones⁶⁵⁹».

Mas, não é aduzida nenhuma razão para excluir que tenha sido o próprio médico Pedro Hispano a modificar um texto bem conhecido aligeirando acrescentando o seu conteúdo.

Tabula phlebotomie secundum Avicennam

No manuscrito London, British Library, Sloane 3124, do século XV-XVI, encontra-se um outro opúsculo sobre a sangria, atribuída no final com a fórmula «Phlebotomia magistri Petri Yspanicii»⁶⁶⁰. Após um prólogo de cinco linhas a obra divide-se em duas partes: a dextra parte, e a parte sinistra.

Nas obras de referência este texto não é distinguido do anterior, mas deve notar-se a sua maior extensão, e um início completamente diferente (*inc.* Incipit tabula phlebotomie secundum Avicennam ut dicit quod). Daí o nome que lhe foi aqui atribuído *Tabula phlebotomie secundum Avicennam* (Clavis nº 41).

Segundo Gil-Sortes, o único a referir as características desta obra, a *Tabula* não é senão «el resumen de las indicaciones que, para las distintas venas, transmite el *Canon*» de Avicena⁶⁶¹. Mostra-se aqui um interesse de natureza anatómico-cirúrgica totalmente ausente do outro opúsculo prático, mas que está mais em linha com a medicina teórica e escolástica

⁶⁵⁷ London, BL, Sloane 405 [séc. XV], ff. 33v-36r. O manuscrito não foi verificado, mas o facto de, aparentemente e segundo o catálogo consultado, ocupar 3 fólios indica que se tratará de uma versão mais longa ou interpolada do opúsculo.

⁶⁵⁸ Cfr. P. GIL-SORTES: *Scripta minora de flebotomia*, cit., pp. 43-44.

⁶⁵⁹ IDEM, *ibidem*, p. 44.

⁶⁶⁰ A obra encontra-se nos ff. 220-222r desta compilação médica e não foi verificada directamente. Por se tratar de um manuscrito tardio, deve ter-se a devida cautela na atribuição da obra (para além de ser o único onde se encontra a forma «Yspanicii» e não «Yspani»). Corrija-se a informação dada no vol. I: o texto de Pedro Hispano não está editado em W. Wilke, Leipzig 1924.

⁶⁶¹ P. GIL-SORTES: *Scripta minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander-Pamplona 1986, p. 38.

dos comentários. Aliás, como acontece em outros casos, pode mesmo tratar-se de algum excerto dos comentários médicos, embora o *Canon* de Avicena não esteja entre as obras comentadas ou mesmo entre as fontes sistematicamente usadas.

Atribuição dos opúsculos

Estando a questão da autoria destes opúsculos longe de estar resolvida, chama-se aqui a atenção para algumas atribuições que se encontram nos manuscritos e que parecem destacar um Pedro Hispano médico, de Compostela e que poderá ser o Pedro Hispano que exerceu medicina e ensinou em Siena entre 1245 e 1250 e teve alguma ligação com os círculos científicos da corte do imperador Frederico II.

Na introdução do curto opúsculo *Diete super cyrurgia*⁶⁶², em cujo título o autor é claramente designado compostelano («Incipiunt diete super chirurgia secundum magistrum Petrum Compostellanum»), lê-se:

Petrus Yspanus parve scientie parvique intellectus videns obtenebrositatem Rogerii Salernitani⁶⁶³, rogatus a Fantino chirurgico Senensi⁶⁶⁴, contemplatus est dietam morborum vulneratorum accidentium.

O mesmo Pedro Hispano de Compostela aparece no início do *Summa de conservanda sanitate*:

Ego magister Petrus Hispanus, natione Compostellanus et expertus in tota Ytalia...⁶⁶⁵

e no *explicit* de um outro manuscrito com a mesma obra é agora designado como Pedro de Salerno, dito de Compostela:

Explicit liber magistri Petri Salernitani medici qui Compostella nuncupatur⁶⁶⁶

um outro manuscrito apresenta assim a obra e o autor da mesma *Summa de conservanda sanitate*:

Incipit liber de conseruanda sanitate secundum ingenium naturale Magistri Petri Yspani Compostellanensis medici salerni coñ {conlegii, *legit* Nardi}, senensis civis medicine professoris⁶⁶⁷.

⁶⁶² Roma, Biblioteca Casanatense, 1382, f. 28ra-vb [séc. XIII], excerto cit. é do f. 28ra. O curto texto de Pedro é precedido da *Cyrurgia* de mestre Rolando.

⁶⁶³ Cfr. a *Chirurgia* de Ruggerus Salernitanus (repete-se a nota já dada atrás).

⁶⁶⁴ O cirurgião Fantino de Siena, que exorta Pedro Hispano a escrever este tratado para a cura de feridas de origem violenta (por isso é chamada uma dieta de feridos) é mencionado no mais antigo Estauto de Siena, datado de 1262, sobre este personagem cfr. P. NARDI: «Comune, Imperio e papato ...», art. cit., p. 74 r n. 99, IDEM: *L'insegnamento superiore a Siena*, cit., p. 58 (repete-se a nota já dada atrás).

⁶⁶⁵ London, British Library, Royal 13.A.VII (séc. XV), f. 149r.

⁶⁶⁶ Leipzig, Universitätsbibliothek, 1226 (séc. XV), f. 115v.

É também o mesmo registo de relações salernitanas, de método de composição e de justificação da obra como resposta ao pedido de um discípulo que encontramos no final do curto prólogo do *Liber oculorum*:

Ego magister Petrus Yspanus artis medice professor, minimus medicorum, veritatis indagator, hunc librum ex multis libris collegi ratione et experientia, ad preces mei discipuli Fabiani salernitani qui liber oculorum a me est intitulatus⁶⁶⁸.

e na mesma obra dá ainda uma outra e preciosa informação quando refere a teoria da definição do seu mestre Teodoro, médico do imperador:

(...) veram diffinitionem dare non possum ut medicus sensitivus, sed tamen megister meus Theodorus medicus imperatoris⁶⁶⁹ consentit omnes diffinitiones artis medicine esse veraces quia quicquid cadit sub sensum verum est quia necessitas ipsa i.e. practica⁶⁷⁰.

Também o início do *Tractatus mirabilis aquarum* inclui a identificação do autor:

Tractatus mirabilis aquarum quem composuit Petrus Yspanus cum naturali industria et intellectu.

Estas obras não só relevam do mesmo estilo de compilação, como o autor tem o cuidado de se identificar a si mesmo e às razões de composição das suas obras. Parece haver boas razões para aproximar o autor destas obras médicas e o Pedro Hispano médico citado nos documentos de Siena entre 1246 e 1250 (sobre estes documentos ver o vol. I, parte I).

Paulo Nardi notou já que o atributo «compostellanus» ou «Compostellanensis», é o único indício que poderia dar corpo à hipótese de este autor ser diferente do «filosofo e medico “Portugallensis”»⁶⁷¹.

⁶⁶⁷ Mainz, Stadtbibliothek, I. 530 (séc. XIV-XV), f. 142v. Sobre este manuscrito, cfr. M.H.R. PEREIRA: «Um manuscrito inédito do *Liber de conservanda sanitate* de Pedro Hispano», *Studium Generale* 9/2 (1962) 99-105 (reed. em M.H.R. PEREIRA, *Obras Médicas de Pedro Hispano*, 1973, pp. 493-500) e P. NARDI: «Comune, Imperio e papato alle origine dell'insegnamento universitario in Siena (1240-1275)», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 90 (1984) 50-94, cfr. p. 74.

⁶⁶⁸ Editado em BERGER, *Liber de oculo*, cit., p. 2.

⁶⁶⁹ Referência explícita ao médico do imperador Frederico II, Teodoro, que chegou a Itália em 1236 e morreu entre 1248 e 1250. Uma vez que Teodoro é citado no presente, esta obra teria sido escrita antes 1248-1250, anos prováveis da sua morte, cfr. P. NARDI: «Comune, Imperio e papato ...», art. cit., p. 75 e n. 105, IDEM: *L'insegnamento superiore a Siena*, cit., p. 57. Teodoro foi ele próprio autor de um tratado de dietética dedicado a Frederico II, publicado por K. Südhoff: «Ein diätetischeer Brief an Kayser Friedrich der II von seinem Hofphilosophen Magister Theodorus», *Archiv für Geschichte der Medizin*, 9 (1915) 1-9. Sobre Teodoro pode ainda ver-se P. MARANGON, *Alle origine dell'Aristotelismo padovano (sec. XII-XIII)*, Padova 1977, pp. 41-44.

⁶⁷⁰ Editado em BERGER, *Liber de oculo*, cit., pp. 4-5.

⁶⁷¹ P. NARDI: «Comune, Imperio e papato ...», art. cit., pp. 74-75, mas para logo a seguir se conformar com a observação de Stapper (*Papst Johannes...*, cit., p. 22, n. 1) que havia notado que um português poderia assim ser designado porque a diocese de Lisboa era sufragânea de Santiago de Compostela.

B) Comentários e glosas

Os comentários a obras médicas atribuídos a Pedro Hispano integram todos a discussão de *questiones* na sua forma escolástica mais desenvolvida, mas uma boa parte tem a estrutura de simples *dubia* ou *problemata*, com a questão seguida de imediato pela resposta. As *questiones* são introduzidas e popularizadas na literatura escolar médica pelos mestres de Salerno do século XII, generalizando-se no século XIII⁶⁷². Os comentários universitários beneficiarão em grande escala desta técnica ao mesmo tempo didáctica e especulativa, dando um carácter dialéctico à compreensão dos textos clássicos, transformados assim em oportunidade para aprofundar os problemas e tomar uma posição ou encontrar uma solução sobre cada um deles.

O autor debruça-se sobre boa parte do *curriculum* de Medicina, em particular todos os textos de uma versão alargada da *Articella* e recorre a um amplo leque de fontes literárias e científicas. Estes diversos comentários, seguramente realizados em contexto universitário, tiveram difusão desigual, apesar de relativamente reduzida. **Pedro Hispano trabalha sobre as traduções greco-latinas ou arabo-latinas então disponíveis e não tem qualquer fundamento atribuir-lhe a tradução das obras que comentou⁶⁷³, ou mesmo a possibilidade de ter lido esses textos nas suas línguas originais.**

A partir do século XIII o ensino médico organiza-se em torno de um cânone de textos, traduzidos para latim no século XII⁶⁷⁴ e que incluíam autores gregos, árabes e judeus. Esse conjunto de textos, que viriam a ser conhecidos como *Articella* (ou pequena arte), constituíam uma verdadeira bíblia médica, como já alguém lhe chamou, que com o tempo de tornaria variável segundo os locais e as tradições, incluía cinco obras: a *Isagoge* de Joânico, os

⁶⁷² Sobre as questões na literatura médica ver: D. JACQUART: «La question disputée dans les facultés de Médecine», em *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les Facultés de théologie, de droit et de médecine*, (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental 44-45), Brepols, Turnhout 1985, pp. 279-315, em particular as pp. 290-293, onde se evocam também os comentários de Pedro Hispano; B. LAWN: *The Salernitan Questions. An Introduction to the History of Medieval and Renaissance Problem Literature*, Oxford 1963 (trad. ital. revista pelo A.: *I Quesiti Salernitani*, Napoli 1969), que incluiu importantes páginas sobre os *Problemata* de Pedro Hispano; IDEM: *The Rise and Decline of the Scholastic «Quaestio disputata», With Special Emphasis on its Use in the Teaching of Medicine & Science*, Leiden 1993.

⁶⁷³ Na p. 158 de F.M. POWICKE, *The Medieval Books of Merton College*, Clarendon Press, Oxford 1931 atribui a «Peter of Spain, afterwards pope John XXI a tradução da maioria das obras contidas no ms. mertoniano 521, vg textos médicos de Hipócrates, Galeno, *Urinas* de Teófilo e *De pulsibus* de Filareto, em n.º remete para «Thorndike, chapter LVIII, especialy vol. II, p. 501», mas também nisso há um equívoco.

⁶⁷⁴ Sobre a extensão e importância das traduções na renovação da ciência médica, cfr. D. JACQUART: «Principales étapes dans la transmission des textes de médecine (XI.e-XIV.e siècle)», em Jacqueline HAMESSE — Marta FATTORI (ed.), *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV.e siècle. Actes du Colloque International de Cassino, 15-17 juin 1989*, Louvain-la-Neuve—Cassino 1990, pp. 251-271.

Aforismos e os *Prognósticos* de Hipócrates, as *Urinas* de Teófilo, a *Pulsção* de Filareto. Aos poucos seriam ainda acrescentadas a este núcleo *O regime das doenças agudas* de Hipócrates, as *Dietas universais*, as *Dietas particulares*, as *Febres* e as *Urinas* de Isaac Israelita, a *Tegni* de Galeno e o *Antidotarium* de Nicolau⁶⁷⁵. A *Articella* oferecia assim um conjunto ordenado de textos que abrangiam os diversos domínios em que se exercitava o estudante de medicina⁶⁷⁶ e mantém-se utilização ao longo de toda a Idade Média, apesar da concorrência oferecida pelo tratado mais sistemático da matéria médica, também num registo hipocrático-galénico, no *Canon* de Avicena, traduzido por Gerardo de Cremona ainda no século XII.

Em estudo de 1981 Nancy Siraisi sugeriu que teria sido Pedro Hispano o introdutor da *Articella* nas Universidades do Norte de Itália, hipótese essa que foi compartilhada por Danielle Jacquart⁶⁷⁷. Contudo, parece não haver elementos factuais que a sustentem e a história dessa difusão tem de facto outros intervenientes⁶⁷⁸.

Os textos seguem de perto as obras comentadas, mas em geral acrescentam-lhe questões que vão muito para lá dos seus temas.

As obras médicas comentadas por Pedro Hispano pertencem todas ao *corpus* arabo-latino. Estas obras chegam ao mundo latino traduzidas durante os séculos XII e XIII após uma primeira etapa de tradução do grego para o árabe, que por vezes teve ainda o sânscrito ou o persa como línguas intermediárias (o que já indica muito quanto à corrupção ou degradação do texto original), percurso esse cujos traços históricos, sociais, culturais e ideológicos mais

⁶⁷⁵ O mais amplo estudo de conjunto sobre estes textos encontra-se em P.O. KRISTELLER: «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'*Articella*, con un elenco di testi e di manoscritti», em IDEM, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, Napoli 1986, pp. 97-151. Ver também: M.D. JORDAN: «Medicine as Science in the Early Commentaries on "Johannitus"», *Traditio* 43 (1987) 121-145, em particular as pp. 126-130; T. PESENTI: «Arti e medicina: la formazione del curriculum medico», em *Luoghi e metodi di insegnamento nell'Italia medioevale (secoli XII-XIV)*, Galatina 1989, pp. 155-177; P. MORPURGO: «I commenti salernitani all'*Articella*», em S. Knuuttila—R. Työrinoja—S. Ebbesen (eds.), *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.). Helsinki 24-29 August 1987*, (Acta Philosophica Fennica, 48. Annals of the Finish Society for Missiology and Ecumenics, 55), Helsinki 1990, vol. II, pp. 97-105; e as diferentes comunicações *Papers of the Articella Project Meeting. Cambridge, December 1995*, Cambridge 1998.

⁶⁷⁶ Contudo, já foi argumentado que este não é o primeiro canon de textos médicos a circular no mundo latino, porque tentativas similares, embora com outros textos, podem ser assinaladas em fragmentos que remontam ao século VI, cfr. M.D. JORDAN: «Medicine as Science in the Early Commentaries on "Johannitus"», *cit.*, pp. 128-129.

⁶⁷⁷ Cfr. N.G. SIRAI: *Taddeo Alderotti and his Pupils. Two Generations of Italian Medical Learning*, Princeton 1981; D. JACQUART: «La question disputée dans les facultés de Médecine», *cit.*, p. 292.

⁶⁷⁸ P.O. KRISTELLER: «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'*Articella*, con un elenco di testi e di manoscritti», *cit.*; T. PESENTI: «Arti e medicina: la formazione del curriculum medico», em *Luoghi e metodi di insegnamento nell'Italia medioevale (secoli XII-XIV)*, Galatina 1989, pp. 155-177.

determinantes foram já reconstituídos por Dimitri Gutas, que prefere ver este processo como intrinsecamente criativo e não como simples apropriação, porque não só produziu a literatura científica árabe e o seu vocabulário técnico, e forjou uma linguagem apta que seria o veículo das realizações intelectuais no passado do mundo islâmico e do mundo árabe actual, para além de ter garantido a preservação de parte substancial da própria literatura científica grega, que de outro modo se teria perdido⁶⁷⁹. O mesmo autor analisou a visão dos próprios autores árabes, principalmente de domínio filosófico, sobre este processo de apropriação da cultura grega⁶⁸⁰. De facto, o alto desenvolvimento da ciência médica árabe⁶⁸¹ forneceria os textos de que se construiria a renovação teórica e prática da medicina no mundo latino a partir do século XII.

Não tem sido fácil encontrar uma orientação doutrinal comum em obras tão vastas, na sua maioria inéditas e pouco estudadas. A homologia entre o homem, os elementos e a natureza acompanha os discursos interpretativos sobre a anatomia e a fisiologia do corpo, apresentando-se a medicina como a ciência que permite restabelecer preventiva ou curativamente os seus equilíbrios ou virtudes naturais. As matérias antropológicas, como a natureza da alma e as suas faculdades, o lugar e o fim do homem, ou as afecções espirituais ocupam inúmeras questões ao longo das diferentes obras.

Mais difícil ainda e por agora votadas ao fracasso, são todas as tentativas que procurem estabelecer a cronologia das obras e identificar os seus locais de composição. Piero Morpurgo iniciou recentemente uma leitura destas obras, que pretende colocá-las em relação com a escola de Salerno, ou pelo menos na continuidade de Bartolomeu Salernitano, um dos mestres salernitanos mais famosos⁶⁸².

Mas continua viva a tendência que faz de Pedro um mestre ou pelo menos um estudante de medicina em Paris, como ainda recentemente foi afirmado por Cornelius

⁶⁷⁹ D. GUTAS: *Greek Thought, Arabic Culture. The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early 'Abbasid Society (2nd-4th / 8th-10th Centuries)*, London-New York 1998 (repr. 1999), cfr. pp. 187 e 192.

⁶⁸⁰ D. GUTAS: «The “Alexandria to Bagdad” Complex of Narratives. A Contribution to the Study of Philosophical and Medieval Historiography Among the Arabs», *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale* 9 (1999) 155-203.

⁶⁸¹ Conspecto aprofundado da literatura médica medieval árabe é apresentado por F. SEZGIN: *Geschichte des arabischen Schrifttums*, Volume 3: *Medizin-Pharmazie, Zoologie-Tierheilkunde. Bis ca. 430 H*, Leiden 1986, pp. 20-171, 349-355, e estudado em M. ULLMANN: *Die Medizin im Islam*, Leiden 1970.

⁶⁸² «Enrico di Winchester, Riccardo Anglico, Pietro Ispano non sono stati mai messi in relazione con il gruppo di Bartolomeo Salernitano, anzi in qualche caso si è fatto di tutto per negare ogni tipo di collegamento tra questi autori, ma l'evidenza dei manoscritti dimostra una realtà ben diversa!», P. MORPURGO: *L'idea di natura nell'Italia Normannosveva*, Bologna 1993, pp. XXIII-XXIV e todo o cap. IV desta obra pretende sublinhá-lo, como se depreende do respectivo título: «La continuità delle “glossule” di Bartolomeo nelle “questiones” di Pietro Ispano», cfr. pp. 109-146.

O'Boyle⁶⁸³. Também Michael McVaugh, em estudo recente, defende que Pedro Hispano, após o período de ensino lógico no norte de Espanha ou sul de França, teria regressado a Paris para realizar estudos de medicina⁶⁸⁴.

Em qualquer caso pressupõe-se sempre que se trata de um autor único.

O mais importante testemunho da obra médica de Pedro Hispano é o manuscrito 1877 da Biblioteca Nacional de Madrid, em cujos 290 grandes fólios, escritos em letra pequena, se encontram 3.000 questões relativas a 10 comentários médicos e ao *De animalibus* de Aristóteles.

O número de manuscritos dos comentários médicos mostram que tiveram uma certa difusão e influência até ao início do século XVI (desigual consoante os títulos), quando foram editados os três comentários a Isaac Israelita⁶⁸⁵.

Um dos principais problemas a resolver quanto aos comentários médicos, para lá da permanente questão da autoria de cada texto, é a existência das diferentes versões para uma boa parte destas obras, aspecto a que não tem sido dada a devida atenção.

Glose et questiones super Viaticum Constantini

As *Glose et questiones super Viaticum Constantini* (Clavis nº 14) são um comentário da obra que os medievais atribuíam a Constantino Africano, mas que de facto recolhe o trabalho do médico árabe Muhammed ibn al-Jazzar em tradução de Constantino⁶⁸⁶. Usando o método das questões, Pedro Hispano coloca e responde a problemas directa e indirectamente levantados por esta obra, com uso de uma vasta gama de fontes e influências que relevam da

⁶⁸³ C. O'BOYLE: *The Art of Medicine. Medical Teaching at the University of Paris, 1250-1400*, Leiden — Boston — Köln 1998, pp. 15-16, 33-34

⁶⁸⁴ M. McVaugh: «Medical Knowledge at the Time of Frederick II», *Micrologus. Natura, scienze e società medievali. Nature, Sciences and Medieval Societies. Rivista della Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino* 2 (1994: *Le scienze della natura alla corte di Federico II*) 3-17, cfr. p. 5 n. 1, onde revê a reconstituição de de Rijk que sugere que os estudos de medicina teriam sido realizados em Salerno ou Montpellier: «In my view, however, it makes better sense to suppose that Peter returned to Paris for his medical training», não tendo outro apoio senão os comentários sobre as *Dietas*, *Febres* (sic) e *Urinas* de Isaac, obras que são mencionadas nos estatutos de medicina na Universidade de Paris em 1270-1274 (cfr. p. 5. n. 1; anote-se que de Pedro não se conhece qualquer comentário sobre as *Febres*).

⁶⁸⁵ ISAAC, *Omnia opera Ysaaci*, vol. I, Lugduni 1515, ff. 11-203. De Pedro Hispano, identificado no volume com João XXI, editam-se o *Commentarium super librum dietarum universalium Isaaci* (ff. 11-103), o *Commentarium super librum dietarum particularium Isaaci* (ff. 103-156) e o *Commentarium super librum urinarum Isaaci* (ff. 106rb-203vb). Estas versões são muito diferentes das dos manuscritos, onde, por sua vez, se conservam pelo duas ou três versões diferentes, nalguns caos talvez mais, desses comentários.

⁶⁸⁶ Fazendo fé na antiga atribuição a Pedro Hispano do texto existente em um manuscrito de Erfurt, Mary Frances WACK (*Lovesickness in the Middle Ages. The Viaticum and its Commentaries*, Philadelphia 1990) defendeu a existência de dois comentários do autor sobre esta obra, mas, apenas um dos comentários é de facto de Pedro Hispano.

medicina salernitana, e que segundo uns autores só poderiam ter sido compostas no chamado período senense, isto é, entre 1245-50⁶⁸⁷. Mas, um autor como Heinrich Schipperges chegou a defender que a obra foi composta entre 1250 e 1260 em Siena⁶⁸⁸, uma altura em que a presença na cidade do médico Pedro Hispano não está documentada.

Todos estes comentários e glosas são sob a forma de questões, introduzidas por uma breve dilucidação do texto comentado, exactamente como o comentário ao *De animalibus* do manuscrito madrileno, que pode ser aproximado destas obras médicas.

De uma versão conhecem-se nove manuscritos, para além de um outro com excertos e uma outra provável versão, em dois manuscritos, que pode pertencer a autor diferente

Da facto obra é atribuída a Johannes de Sancto Amando no manuscrito Kraków, BJ, 781 (f. 192v), mas uma nota no f. IIIr no ms. de Erfurt, apenas legível com luz negra, atribui a obra a Pedro Hispano.

As *Questiones de medicinis laxativis* (Clavis nº 26) ou *Questiones medicinales de materia hemorroidis, suffocacione matricis et de aliis multis* como também são mencionadas no manuscrito anotado pelo médico Matthia de Miechów (s. XV-XVI) e seu primeiro proprietário⁶⁸⁹, são de facto um conjunto de questões extraídas do comentário ao Viático, como se diz explicitamente numa anotação final⁶⁹⁰, pela mão do primeiro proprietário do códice, Matthiae de Miechów.

Por essa razão seria importante verificar de que versão do comentário ao Viaticum foram extraídas estas questões, porque teríamos aí um novo e importante elemento adicional de identificação e atribuição.

Glose super De pulsibus Philareti

As *Glose super De pulsibus Philareti* (Clavis nº 15), são um curto texto integrado no núcleo original da *Articella*⁶⁹¹, de que também faz parte um tratado *De urinis* atribuído ao

⁶⁸⁷ Ver a propósito o estudo da obra médica de Pedro Hispano, baseado sobretudo no manuscrito 1877 da Biblioteca Nacional de Madrid, em P. MORPURGO: *L'idea di natura nell'Italia Normannosveva*, cit., pp. 109-146.

⁶⁸⁸ H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die "Opera Ysaac" (Lyon 1515)», em Gundulf KNEIL — Reiner RUDOLF — Wolfram SCHMITT — Hans J. VERMEER (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 311-318, cfr. p. 312.

⁶⁸⁹ Kraków (Cracóvia), BUJ, 817 [s. XV, c. 1483-1493], pp. 80-90.

⁶⁹⁰ Cfr. p. 90: «Expliciunt questiones medicinales de materia hemorroidis, suffocacione matricis et de aliis multis. Et sunt tracte ab Hispano supra Viaticum».

⁶⁹¹ Para além da edição referida na n. seguinte, o texto de Filareto foi publicado a pp. 317-323 de P. MORPURGO: «Il commento al *De pulsibus Philareti* di Mauro de Salerno. Introduzione ed edizione critica dal ms. Parisinus Latinus 18499», *Dynamis. Acta Hispanica Scientiarumque Historiam Illustrandam*, 7-8 (1987-88) 307-347, cfr. o comentário de Mauro de Salerno (*inc. Intentionem habemus in presenti conscriptione de pulsuum negotio*) a pp. 324-345.

mesmo autor. As referências a Filareto na literatura médica antiga são escassíssimas, para não dizer inexistentes. O *De pulsibus*, que de facto deriva de um opúsculo pseudo-galénico⁶⁹², é uma «compendiosam traditionem» sobre a pulsação, distribuída por 22 questões e respostas definitórias, agrupadas por temas como a própria definição, causas. Na medicina galénica a auscultação das variações e estados da pulsação tem função de diagnóstico, daí que também na medicina medieval o conhecimento do sistema arterial e de circulação sanguínea, onde o coração ocupava a posição de órgão proeminente, daí que fosse muitas vezes considerado como a sede da alma. Por outro lado a circulação do sangue não estava dissociada e era mesmo veículo da circulação dos humores no corpo humano, de cujo equilíbrio resultavam a própria estabilidade e saúde do corpo humano.

O comentário de Pedro Hispano é muito mais longo que a obra comentada⁶⁹³.

Mão do séc. XV atribuiu a Pedro Hispano uma *Expositio in libros Philareti De pulsibus*⁶⁹⁴ que de facto deve pertencer a Pedro ou a Mauro de Salernos, autores dos restantes comentários médicos do manuscrito, que a mesma mão atribuiu por erro ou confusão a Pedro Hispano.

Glose super Tegni Galeni

As *Glose super Tegni Galeni* (Clavis nº 16) subsistem em quatro manuscritos.

A *Tegni* de Galeno compendia os princípios gerais da arte médica, possui um prólogo de carácter metodológico, podendo o restante ser dividido em três partes: «1) as concepções de saúde, morbidez e corpos neutrais, 2) a doutrina dos signos e 3) a doutrina das causas», concludindo com uma apresentação das outras obras de Galeno e recomendações sobre a ordem em que devem ser estudadas⁶⁹⁵. A obra, que teve duas traduções, a *translatio antiqua* atribuída a Constantino Africano, que seria a adoptada na *Articella*, e uma *translatio arabica*

⁶⁹² D. JACQUART: «La scholastique médicale», em M.D. GRMEK (dir.), *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol. I: *Antiquité et moyen âge*, Ed. du Seuil, Paris 1993, pp. 175-210, cf. p. 182 e n. 28, onde remete para a edição e tradução alemã do *De pulsibus* por J.A. PITHIS, Husum 1983.

⁶⁹³ Comentário a um dos textos da *Articella*, cf. Kristeller 1986: 112-113

⁶⁹⁴ «Petri Hispani clarissimi medici expositio in libros Philareti de pulsibus», ms. Paris, BN, lat. 6956 [s. XIII-XIV], ff. 57ra-62r: *Expositio in libros Philareti De pulsibus, inc.* Ut testatur Galienus in Tegni, quatuor sunt membrorum interiorum cognitiones.

⁶⁹⁵ P.-G. OTTOSSON: *Scholastic Medicine and Philosophy. A study of Commentaries on Galen's Tegni (ca. 1300-1450)*, Bibliopolis, Edizioni di filosofia e scienza, Napoli 1984, p. 21. Refira-se que o capítulo inicial deste estudo se ocupa do lugar da *Tegni* nos estudos médicos e a sua introdução no mundo latino medieval, centrando-se nos comentadores em universidades italianas do século XIV, que estuda nos capítulos sucessivos em torno das concepções de saúde e doença, semiologia e etiologia médicas. Pedro Hispano não é estudado, aparte um breve parágrafo na p. 32 para assinalar a sua biografia tradicional com estudos em Paris e Montpellier, ensino em Siena, colocando-o ainda em Salerno (o único comentador do século XIII «possibly associated with Salerno») e na corte de Federico II em Palermo.

realizada por Gerardo de Cremona que também traduziu o comentário de Ali ibn Ridwan (o *Commentum Haly*)⁶⁹⁶. As duas traduções divergem extensamente, sendo que a de Gerardo diverge quer do texto árabe quer do texto grego, porque poderá ter sido feita a partir de uma compilação de origem árabe. A obra de Galeno obra era acompanhada por uma introdução escrita por Hunayn ibn Ishaq, também traduzida para latim e difundida com o título *Isagoge Johanitii ad Tegni Galeni*⁶⁹⁷. A *Tegni* poderá ter sido associada ao núcleo original da *Articella* por Bartolomeu de Salerno⁶⁹⁸.

A obra atribuída a Pedro Hispano é um comentário sobre a *Microtegni* ou *Ars parva* de Galeno: «Titulis talis est Tegni vel Microtegni Galeni. Dicitur autem hec ars parva et apud diversos est controversia contra...» (f. 48rb, cit. por Pontes, 1964, p. 60).

Glose supra Pronostica Hippocratis

A obra de Hipócrates sobre os prognósticos⁶⁹⁹ teve larga difusão na medicina medieval e são inúmeros os comentários sobre esta obra.

Dos dois manuscritos conhecidos com as *Glose supra Pronostica Hippocratis* (Clavis nº 17) apenas um atribui a obra a Pedro Hispano. O manuscrito Paris, BN, lat. 6859, do século XIV, possui nos fólios 1-18 um comentário sobre os prognósticos de Hipócrates com o título «Questiones et scripta supra librum pronosticorum et supra dietas universales a Gerardo», a que uma mão do s. XVI acrescentou «Opus Girardi Cremonensis», à conclusão «Expliciunt glosule supra prognostica» a mesma mão acrescentou «quas scripsit Gerardus». Este texto começa exactamente como as glosas de Pedro Hispano: «Iste liber cuius subiectum est signum pronosticum (!) dividitur in tres partes», razão pela qual Paul O. Kristeller fez notar que «According to the Incipit, this gloss must be attributed to Petrus Hispanus»⁷⁰⁰ e a esse título tem sido de facto incluída entre as suas obras. A atribuição do comentário a Gerardo de Cremona, o mais activo tradutor de toda a Idade Média e um dos tradutores da chamada “escola de Toledo” e cónego da sua catedral entre 1157 e 1187, pode explicar-se por lhe

⁶⁹⁶ Idem, pp. 21-28

⁶⁹⁷ Idem, p. 26.

⁶⁹⁸ M.D. JORDAN: «Medicine as Science in the Early Commentaries on "Johannitius"», cit., p. 137.

⁶⁹⁹ HIPPOCRATES, *Prognostic* em *Oeuvres complètes*, ed. et trad. E. Littré, 10 vol., Paris 1839-1861 (reimpr. Amsterdam 1961), vol. II, pp. 111-191, edição crítica por Bengt ALEXANDERSON, *Die hippokratische Schrift Prognostikon*, Stockholm 1963). Para um conspecto da difusão medieval da obra e de alguns comentários, entre os quais o atribuído a Pedro Hispano no ms. Paris, BN, 6956 (mas que de facto deve ser atribuído a Petrus Musandinus), cfr. G. DELL'ANNA: *Dies critici La teoria della ciclicità delle patologie*, cit., vol II, p. 37 n. 2.

⁷⁰⁰ P.O. KRISTELLER: *Iter Italicum* III p. 220a. Nos ff. 19-59v do mesmo manuscrito existem umas *Glosas super dietas universales Isaac* que Kristeller anota serem diferentes das de Pedro Hispano.

pertencer precisamente a tradução de árabe para latim do tratado de Hipócrates⁷⁰¹. Aliás, de Gerardo apenas são conhecidas traduções, mais de 70 em múltiplas áreas do saber, e não obras pessoais como comentários médicos ou outras⁷⁰².

Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni

O comentário ou *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni* (Clavis nº 22) de Hunain Ibn Ishaq, o Iohannitius dos latinos, é o mais difundido dos comentários de Pedro Hispano sobre textos que integram a *Articella*, com 8 manuscritos conhecidos⁷⁰³..

A *Isagoge* de Joanício⁷⁰⁴ seria o núcleo a partir do qual se formou a *Articella*⁷⁰⁵. Danielle Jacquart analisou a composição da *Isagoge*⁷⁰⁶, que é seguramente uma tradução cujos originais não se conhecem, comparando-a com as *Questões sobre a medicina* de Hunain ibn-Ishaq, concluindo que a *Isagoge* é uma cuidada tradução do árabe (G. Maurach afirmara que se trata de uma tradução do grego), que não conserva qualquer termo desta língua, mas usa diversos termos gregos, com o tradutor a esforçar-se por forjar um vocabulário médico latino, o que consegue de modo bastante imperfeito⁷⁰⁷, concluindo ainda que para além de usar um método abreviativo, também trabalhou sobre um original árabe corrompido ou materialmente deteriorado⁷⁰⁸. Estas conclusões permitem à autora sugerir como hipótese que

⁷⁰¹ Sobre as obras traduzidas por Gerardo, ver R. LEMAY: «Gerard of Cremona», em *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 15, suppl. 1, New York 1978, pp. 173-192; S. VEGAS GONZÁLEZ: *La escuela de traductores de Toledo en la Historia del pensamiento*, Toledo 1997, pp. 65-74, cfr. p. 71, nr. D.2; D. JACQUART—F. Micheau: *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, Paris 1996, pp. 147-153 (sobretudo a propósito das obras médicas de autores árabes); também em M. STEINSCHNEIDER: *Die Europäischen Übersetzungen aus dem Arabischen bis Mitte des 17. Jharhunderts*, Wien 1904-1905 [reimpr. Graz 1956], nr. 32.

⁷⁰² Cfr. R. LEMAY: «Gerard of Cremona», cit. Mas, deve assinalar-se que recentemente Piero Morpurgo divulgou que no manuscrito Firenze, BNC, Conv. soppr. S. Marco I, se encontra um comentário ao Viático com a atribuição: «Constantini Afri, monachi cassinensis Viaticum libris VII, cum commentario Gerardi Cremonensis», obra que também existe no manuscrito Oxford, BL, 786, cit. por S. VEGAS GONZÁLEZ: *La escuela de traductores de Toledo*, cit., p. 189, n. 178.

⁷⁰³ Cfr. P.O. Kristeller «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, cit., pp. 97-151. Kristeller 1986, pp. 110, 122.

⁷⁰⁴ inc. Medicina dividitur in duas partes. Edição do texto latino em Gregor MAURACH, «Johannicius, Isagoge ad Technē Galieni», *Südhofts Archiv* 62 (1978) 148-177, com algumas revisões de Klaus-Dietrich FOSCHER, «Verbesserungen zur Isagoge des Johannicius», *Südhofts Archiv*, 67 (1983) 223-224; uma tradução inglesa em: E. GRANT (ed.), *A Sourcebook for Medieval Science*, Cambridge (Mass.) 1974, pp. 705-715.

⁷⁰⁵ Kristeller 1986, pp. 110, 151. *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, p. 377: «É o comentário da *Isagoge ad artem parvam Galeni de Hunaim ibn Ishaq*.»

⁷⁰⁶ D. Jacquart: «A l'aube de la renaissance médicale des XIe-XIIe siècles: l'*Isagoge Johannitii* et son traducteur», *Bibliothèque de l'École des Chartes* 144 (1986) 209-240 [reed. in EADEM, *La science médicale occidentale entre deux renaissances (XIIe s. - XVe s.)* (Variorum Collected Studies Series, 567), Variorum, Aldershot 1997, estudo I]

⁷⁰⁷ EADEM, *ibidem*, pp. 232-233

⁷⁰⁸ EADEM, *ibidem*, p. 234.

esta poderia ter sido mesmo «la première traduction que Constantin l'Africain aurait élaborée lors de son arrivée au Mont-Cassin ou avant celle-ci»⁷⁰⁹.

A *Isagoge* serviu de facto como uma introdução à medicina teórica, precisamente porque os seus capítulos iniciais esboçavam a compreensão da medicina como ciência no âmbito da *physica*⁷¹⁰.

Pedro cita o comentário de Bartolomeu de Salerno, cujo texto parece ser uma *reportatio* pelo seu discípulo Pedro Musandino⁷¹¹.

Notule super regimine acutorum Hippocratis

Dois manuscritos com as *Notule super Regimine acutorum Hippocratis* (Clavis nº 23), em ambos com atribuição a Pedro Hispano⁷¹².

É o comentário da obra de Hipócrates *De regimine acutorum*, que também integra a *Articella* no séc. XIII.

Quaestiones super libro de crisi et super libro de diebus decretoriis Galeni

O único manuscrito conhecido das *Questiones super libro De crisi et super libro De diebus decretoriis* <Galeni> (Clavis nº 27) não atribui a obra a Pedro Hispano⁷¹³, mas a atribuição tem sido deduzida do facto de alguns restantes textos que se encontram no mesmo manuscrito lhe serem atribuídos. Também não se conhece nenhum outro manuscrito em que a obra seja atribuída a autor diferente.

O título dado pelo manuscrito indica que as glosas versam sobre duas obras diferentes de Cláudio Galeno, mas de conteúdo temático convergente, o *De crisisibus*⁷¹⁴ e o *De diebus*

⁷⁰⁹ EADEM, *ibidem*, p. 235.

⁷¹⁰ M.D. JORDAN: «Medicine as Science in the Early Commentaries on "Johannitius"», *Traditio* 43 (1987) 121-145, cfr. p. 122.

⁷¹¹ Sobre o comentador, comentário e data M.D. JORDAN: «Medicine as Science ...», cit., pp. 131-132 e sobretudo as pp. 142-144 sobre a medicina no âmbito de uma discussão das ciências físicas onde Aristóteles é invocado como autoridade, com o que Bartolomeu introduz em medicina novos argumentos na discussão sobre a causalidade natural.

⁷¹² P.O. KRISTELLER: «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'Articella, con un elenco di testi e di manoscritti», cit., pp. 114, 144-145.

⁷¹³ Madrid, BN [s. XIII], 1877, ff. 248ra-250vb, num total de 11 colunas de texto, mais um terço. O título da margem superior do f. 248ra tem apenas: «Questiones super libro de crisis et super libro de diebus decretoriis». Na margem de corte inferior do mesmo f. 248ra, existe uma anotação não visível no microfilme e que parece danificada no próprio pergaminho. Poderia estar aí a indicação do autor, como acontece no início da obra do f. 251ra.

⁷¹⁴ Publicada em Claudii Galenii *Opera omnia*, ed. C.G. Kuhn, 22 vol, Leipzig 1821-1833 [3ª reimpr. Hildesheim 2001], vol. IX pp. 554-769; ed. crítica Galenos *Peri kriseon*, Ueberlieferung u. Text. (Hrsg.) von Bengt Alexanderson (Studia Graeca et Latina Gothoburgensia, 23 — Acta Universitatis, Stockholm 1967.

*decretoriis*⁷¹⁵. Também circulavam duas obras de Hipócrates sobre o tema⁷¹⁶, a mais importante das quais, o *De diebus iudicatoriis*, não é tão articulada como a de Galeno e é sobretudo constituída por uma colectânea de excertos de outras obras hipocráticas. Giuseppe dell'Anna dedicou um amplo estudo de obras médicas do século XIV, com importantes capítulos que permitem refazer o seu percurso e influência na antiguidade, no mundo árabe e nos séculos XII e XIII latinos⁷¹⁷. Curiosamente, Pedro Hispano não surge no conspecto bibliográfico inicial, que abrange muitas dezenas de comentadores medievais⁷¹⁸.

Pedro Hispano, como os autores medievais, tinham à sua disposição outros textos de autores árabes sobre estas questões, que já incorporavam a tradição hipocrática e galénica, como o *Canon* (cfr. IV, fen. 2, tr. II, os *Cantica* só seriam traduzidos no início do séc. XIV) de Avicena traduzido por Gerardo de Cremona no século XII, que também traduziu o *Liber Almansoris* de Rasis (cfr. Livr. I), o *Colliget* (cfr. IV, 40) de Averróis⁷¹⁹, ou o *Liber de febribus* e o *Pantegni* de Isaac Israelita⁷²⁰.

O tratamento medieval da ciclicidade das doenças não diverge do das suas fontes fazendo confluir elementos fisiológicos sobre o desenvolvimento das patologias com a dilucidação das influências astrológicas, em particular da lua, nesse processo.

A obra de Pedro Hispano é introduzida por um prólogo (f. 248ra-b), relativamente longo se tivermos em conta a dimensão da obra. Segue-se uma *Questio de crisi*, subdividida em diversas questões (ff. 248ra-249ra) seguida de uma *Questio de dolore* (ff. 249ra-249vb) com 4 problemas, a que segue um comentário sobre as crises e os dias críticos (ff. 249vb-250vb) com indicação de lemas dos textos comentados.

Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Iudei

Os comentários a Isaac (Urinas, Dietas universais e Dietas particulares), tiveram edição impressa em 1515 em Lyon, junto com a obra completa de Isaac. Uma comparação desta edição com os manuscritos das diferentes obras, para lá das normais semelhanças

⁷¹⁵ Claudii Galenii *Opera omnia*, vol. IX, pp. 769-941.

⁷¹⁶ V.g. o *De iudicationibus* (ver por exemplo a edição Hippocratis *Opera Omnia*, Venetiis 1595, II, pp. 21-24) e o *De diebus iudicatoriis* (Idem, II, p. 24), P. Kibre ocupou-se destas obras em *Hippocrates Latinus: Repertorium of Hippocratic Writings in the Middle Ages*, New York 1989 (2ªe impr.).

⁷¹⁷ G. DELL'ANNA: *Dies critici: La teoria della ciclicità delle patologie nel XIV secolo*, 2 vol., vol. I *Dies et crises*, vol. II *Textus*, Galatina 1999, ver em particular os capp. I e II, os cap. III se estudam os desenvolvimentos doutrinais com particular incidência em autores do século XIV, época a que pertencem todos os textos editados no vol. II.

⁷¹⁸ Sobre autores e manuscritos medievais ver a «Premessa bibliografica», sobretudo nas pp. 12-23.

⁷¹⁹ Cfr. G. DELL'ANNA: *Dies critici: La teoria della ciclicità*, cit., p. 39 n. 15.

⁷²⁰ Obras também publicadas entre os *Opera omnia* editados em Veneza em 1515, onde se encontram também os comentários de Pedro Hispano sobre as *Dietas universais e particulares* e sobre *As urinas*.

formais, revela notórias e numerosas divergências⁷²¹. Em particular o comentário sobre as Urinas apresenta-se no manuscrito de Madrid sob a forma de questões enquanto no manuscrito de Bernkaste-Kues tem a forma de comentário⁷²².

É o comentário (Clavis 32) ao *De Diaetis particularibus* de Isaak Israeli.

Também neste caso os manuscritos transmitem três ou quatro versões diferentes, se contarmos com a versão impressa.

Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac

Também existem três ou quatro versões da *Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac* (Clavis nº 31)

Sobre os comentários às dietas escreveu Lynn Thorndike o seguinte: «We came finally to Peter's Commentaries upon the works of Isaac on Universal Diets and Particular Diets. They are as full as the Thesaurus pauperum was abbreviated and as scholastic and dialectical in form as it was empirical. Where Isaac's text is clear Peter leaves its meaning to the reader's industry (in nota: fol. 12r), but it suggests to him over a thousand further questions which he takes up one after the other, listing authorities pro and con in each case and rebutting or reconciling them. Here we see the handiwork of the author of the favourite manual of logic of the later middle ages. The systematic, but abstract, sophistical, and jejune character of this method may be sufficiently illustrated by quotation of the closing passage of the "First Lecture"⁷²³»

Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac

O *Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac* (Clavis nº 32) é o comentário às Urinas de Teófilo, texto que integrava a *Articella*.

O inventário de manuscritos e a elaboração da *Clavis* mostraram a existência de quatro versões diferentes deste comentário, pelo menos quanto ao início e fim. É improvável que todas as versões, a confirmar-se a sua existência, sejam de um mesmo autor.

⁷²¹ H. SCHIPPERGES: «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die "Opera Ysaac" (Lyon 1515)», em G. KNEIL et al. (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, Stuttgart 1968, pp. 311-318

⁷²² IDEM: *Ibidem*, pp. 313-314, 317.

⁷²³ L. THORNDIKE: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, New York 1923, pp. 502-503.

Super libros aphorismorum Hippocratis

Clavis nº 38: *Super libros aphorismorum Hippocratis*, apenas um manuscrito está identificando (havendo outros dois possíveis, mas incertos) e nesse não há qualquer atribuição a Pedro Hispano. Comentário a um dos textos da *Articella* (Hipócrates, *Aphorisma*)⁷²⁴.

A atribuição a Pedro Hispano é feita no antigo catálogo dos manuscritos de Erfurt por Amplonius Ratink, com estas palavras: «78. Item commentum Petri Hispani super libris amphorismorum Ypocratis» (SCHUM, *Amplonianischen Handschriften* p. 829, cfr descrição do ms. no vol. I). Esta atribuição é depois retomada por todos os autores.

Pearl Kibre refere a obra e o manuscrito de Erfurt no repertório de manuscritos hipocráticos latinos a que depois acrescenta «The commentary with inc. “Cum omne animatum...” in Paris BN 6956, 14c, ff. 74ra-105vb, wich bears Petrus Hispanus’ name, written in a later hand than the comm. itself, is identified as the comm. on the Aphorisms attributed to Maurus of Salerno (TK 323). See Commentary of Maurus of Salerno above. / Possibly another exemplum was found in the binding of an incunabulum (Hain 1469) in late-thirteenth-century Italian minuscule “Scripta magistri Petri Hispani supra Iohannitius”, wich is followed by his Comm. on Part. III of the Aphorisms of Hippocrates: “vero tempus frigidum... sic patet quod res temperatur fit in vere quantum ad qualitatum.”»⁷²⁵

6. Alquimia e astrologia

Existe uma tradição cronística que atribui a João XXI interesses nigromantes e mesmo de se entregar com heresia a assuntos de magia e alquimia, que teriam estado mesmo na origem do castigo divino que causou a sua morte violenta em resultado da derrocada de um tecto que o atingiu⁷²⁶.

Por outro lado alguns dos textos que vimos atrás comportam orientações que estão de acordo com algumas tendências da alquimia medieval, como a medicina destilatória que encontramos no *Tractatus mirabilis aquarum* que propõe uma água destilada com poderes curativos universais. Mesmo o *De phlebotomia* releva desta tendência de encontrar um remédio universal para os males do corpo, para além de este opúsculo ser de facto uma

⁷²⁴ P.O. KRISTELLER: «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell’*Articella*...» cit., pp. 110-111, 128, 147-150.

⁷²⁵ P. KIBRE: *Hippocrates latinus*, 1975-1982, p. 276-277; Nova edição, New York 1985, pp. 88-89; ref. III.B.97),

⁷²⁶ Cfr. Mon. Germ. Hist., XVII, 202 (in *Fontes rerum Germanic.*, vol. 2 p. 11), Estugarda, 1845; Pertz, Mon. Germ. Hist., XXV, p. 708.

espécie de calendário astrológico para os momentos favoráveis ou desfavoráveis de realização da sangria, vista como método curativo universal se praticada nos momentos oportunos⁷²⁷. O *Thesaurus pauperum* também não exclui também processos curativos e preventivo que recorram a certas formas de magia ou à astrologia.

Por outro lado o papa João XXI parece ter-se interessado pelas investigações científicas então em curso, mesmo na cúria papal, sobre a *conservatio* e a *prolongatio vitae*

Esta é uma área da obra atribuída a Pedro Hispano que tem merecido muito escasso interesse. Para além destes indícios que associam Pedro Hispano à magia e à alquimia, acrescentem-se as obras que sobre o assunto lhe são atribuídas. Exactamente cinco títulos.

Devemos desde já dirigir a atenção para a data dos manuscritos, todos datáveis do século XV, o que nos vai indicar que estas obras são todas posteriores ao século XIII e devem ser do final do século XIV.

Liber de famulatu philosophie

O *Liber de famulatu philosophie* (Clavis nº 18) encontra-se em apenas um manuscrito de meados do século XV⁷²⁸, uma compilação alquimia, onde é claramente atribuído a Pedro Hispano no título⁷²⁹. Mas, como bem observou o catalogador⁷³⁰, as palavras iniciais do texto encontram-se também na invocação do início do *De consideratione quintae essentiae* de João de Rupescissa⁷³¹, como se pode comprovar num dos muitos manuscritos em que subsiste⁷³². A versão atribuída a Pedro Hispano contém as mesmas duas partes da obra de João de Rupescissa, embora o prólogo pareça ser diferente⁷³³ e o primeiro livro também se encontra

⁷²⁷ Sobre a busca do fármaco universal na alquimia medieval e as águas destiladas, cfr. M. PEREIRA — B. SPAGGIARI: *Il «Testamentum» Alchemico attribuito a Raimondo Lullo*, Firenze 1999, pp. XI-XII (sobre o fármaco para todos os males) e p. XIX n. 2 sobre as águas destiladas.

⁷²⁸ Sankt Gallen, Kantonsbibliothek (Vadiana), 390 [s. XV (c. 1420-1430)], ff. 227r-249r

⁷²⁹ «Incipit liber Petri hyspani de famulatu philosophie et euuangelio domini Ihesu Christi et pauperibus et evangelicis viris predicationibus ordinis predicatorum», f. 227r.

⁷³⁰ Cfr. Gustav SCHERER, *Verzeichniss der Manuscripte und Incunabeln der Vadianischen Bibliothek in St. Gallen*, St. Gallen 1864, p. 113.

⁷³¹ Cfr. J.H. SBARAGLIA: *Supplementum et castigatio ad scriptores trium ordinum S. Francisci a Waddingo aliisve descriptos*, 3 vol., Roma 1908-1936 (reimpr. 1978), vol. II, pp. 128-130, sobre esta obra, cfr. p. 129.

⁷³² «Primus liber de consideratione quinte essentie omnium rerum transmutabillium. In nomine domini nostri Iesu Christi incipit opus libri de famulatu philosophie euuangelio domini nostri Iesu Christi et pauperibus evangelicis viris. Iste liber est extractus a libro fratris Petri Matri prioris hospitalis Sancti Spiritus de Corneto sub anno Domini 145VII [bd ras.] scriptus manu Mathey de Boxio Novariensis (Pavia, BU, Aldini 27, f. 94r). A obra, em texto incompleto, encontra-se nos ff. 94r-167v. Cfr. *Catalogo di manoscritti filosofici nelle biblioteche italiane*, Vol. 7: *Novara, Palermo, Pavia*, Firenze 1993, pp. 122-125, cfr. p. 125 o texto citado. Os manuscritos do fundo Aldini são descritos por Carla Casagrande, Maria Antonietta Casagrande Mazzoli, Silvana Vecchio.

⁷³³ O prólogo da obra *De consideratione quintae essentiae* começa «Dicit Salomon in libro Sapientie VII. Deus dedit mihi», e o texto mesmo: «Secretum primum est quod per virtutem... Hoc est in quo laboraverunt omnes querere rem causatam».

dividido em canones, mas apenas enumera 13, o último dos quais é o mais longo, mas não alcança os 44 em que se divide este livro.⁷³⁴ Pode por isso tratar-se de alguma versão, como a realizada por Guglielmo Gratarolo Bergomate de Pádua para uso médico⁷³⁵.

Tudo indica portanto que este *Liber de famulatu philosophie* não é senão ou uma cópia ou um compêndio do *De consideratione quintae essentiae*, obra que também circulava com aquele nome, da autoria de João de Rupescissa, que a compôs em 1351-1352⁷³⁶. Assim, não é improvável que esta remodelação, cuja extensão ainda é necessário verificar, se deva a algum Pedro Hispano alquimista, até agora não assinalado, de final do século XIV, , que também compôs as restantes obras. Não é, por isso, necessário supor que é alguém que se disfarça sob um nome famoso para fazer passar as suas obras.

Liber naturalis de rebus principalibus naturarum

A única obra editada de entre os textos operativos atribuídos a Pedro Hispano é o início do *Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Clavis nº 20), fragmento inicial em um manuscrito de Wiena e publicado por M. Alonso. O texto subsistente parece corresponder sensivelmente à primeira das três partes anunciadas no prólogo⁷³⁷, obra que parece existir integral (mas talvez sob forma abreviada) num manuscrito alquímico de Londres⁷³⁸. De facto falta-lhe concluir a parte I e as partes II (sobre os minerais) e III (sobre os vegetais) que compunham a obra, como é dito no prólogo. A temática e terminologia da obra integram os princípios activos e simbologias da astrologia e da alquimia, que também encontramos em outras obras atribuídas a Pedro Hispano e que hoje são consideradas pseudónimas, porque as suas doutrinas parecem ser incompatíveis com as obras de filosofia natural. A genuinidade da obra chegou a ser recusada⁷³⁹, mas Manuel Alonso publicou-a como genuína⁷⁴⁰.

⁷³⁴ O *De consideratione quintae essentiae* teve uma edição por G. Gratarolus em Basileia 1561.

⁷³⁵ Referido por SBARAGLIA, cit. p. 129.

⁷³⁶ R. HALLEUX: «Les oeuvres alchimiques de Jean de Rupescissa» *Histoire littéraire de la France*, vol. XLI, Paris 1981, pp. 241-284., sobre o *De quinta essentia*, cfr. pp. 242-262, na lista de manuscritos das pp. 278-282 este apógrafo não é mencionado.

⁷³⁷ Ed. por M. ALONSO Pedro Hispano *Obras filosóficas* t. III, pp. 493-502.

⁷³⁸ London, Wellcome Library for the History and Understanding of Medicine, 513 [s. XV med.], ff. 41-47.

⁷³⁹ «Un *Liber naturalis re rebus principalibus naturarum* atribuído a nuestro autor en un manuscrito de Viena es considerado ordinariamente como apócrifo, por cuya razón no lo hemos mencionado en lugar oportuno», Tomás e Joaquín CARRERAS Y ARTAU: *Historia de la Filosofía Española*, vol. I *Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Madrid 1939, p. 123 n. 28.

⁷⁴⁰ Ed.: Manuel Alonso, *Expositio libri de anima - De morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vitae - Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Madrid 1953, pp. 491-502

Alonso funda-se no incipit que atribui a obra a Pedro Hispano⁷⁴¹.

Alexander Schlögel levantou as mais sérias dúvidas a propósito da possibilidade de o autor das restantes obras filosóficas ser também o autor deste escrito onde se explica o mundo natural pelas influências astrais. Cruz Pontes, que transcreve a interpretação de Schlögel, não rejeita liminarmente a atribuição petrínica⁷⁴² por encontrar alusões a influências astrais em outras obras de Pedro⁷⁴³. Maria H. da Rocha Pereira notou a contradição entre estas obras e a objurgatória contra os alquimistas, pretensos praticantes de um saber apenas acessível a Deus, que se encontra numa obra de medicina:

Et ideo pereant misserrimi alchimiste qui non nouerant planetas adquare metallis.
Solus Deus est qui nouit miscere totum per totum⁷⁴⁴

De facto a ideologia desta obra contrasta com o naturalismo ou a piedade de outras atribuídas a Pedro Hispano, mas enquadra-se bem em outras, como acabámos de ver. De qualquer forma não parece necessário manter a possibilidade de atribuir estas obras a um Pedro Hispano do século XIII.

No manuscrito London, Wellcome Library for the History and Understanding of Medicine, 513, ff. 41r-47r existe o que parece ser um extracto ou resumo de um *Liber naturalis* atribuído a Pedro Hispano no índice e no início do texto. No f. 6*r desse manuscrito está o índice daquele texto, assim descrito:

De libro magistri Petri Yspani Liber incipit in naturalibus	
In nomine summi et altissimi protectoris qui est altitudo	41
Quattuor sunt gradus perfectionis mistorum	42
Dictus est qualiter ellementa a planetis et	43
Iudicare quidem bonitatem et maliciam corporum	44
Qualiter iudicatio videtur impossibilis in eisdem	45
Sciendum est quod in mundo elementa corrumpuntur minori	45
Necesse est autem ut tallis medicina recipiat	46
Serpenctini syrupper duplex est corruptio {corr. compositio} una cum herbis	46
Explicit compendium nostri trivii viro sapientis sapientis compositum	

Operatio ad congelandum mercurium in veram lunam

Brevíssimo texto (Clavis nº 24), existente em apenas um manuscrito do final do século XIV, com cinco capítulos a que se segue desenho de alambique de destilação. Texto

⁷⁴¹ Alonso, *Expositio libri de anima* p. 21.

⁷⁴² J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano...*, cit., pp. 175-186.

⁷⁴³ J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano ...*, cit., pp. 175-196.

⁷⁴⁴ PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, 1973, p. 423.

alquímico certamente do mesmo Pedro Hispano alquimista do séc. XIV que assina outros textos.

Veni Mecum

O *Veni Mecum* (Clavis nº 47) é constituído por uma introdução e uma série de oito *operationes* (onde cita a *Turba philosophorum*, f. 5v), para preparação do *sulphur inuisibilis* e do *vitriolum romanum*. Cruz Pontes, que revelou a existência desta obra, mostrou que contém citações de Arnaldo de Vilanova, mas admitiu que se se tomar como bom o final que no manuscrito parece ser comum a este opúsculo e ao seguinte (v.g. «Explicit tractatus magistri Petri Hispani de rebus naturalibus et de rebus principalibus naturarum et de mineralibus: qui dicitur veni mecum»), então poderia admitir-se que o texto pode ser extracto da parte perdida do *Liber de rebus* no qual tivessem sido interpoladas as citações de Arnaldo⁷⁴⁵. Em estudo posterior o mesmo autor revelaria ainda que o início da obra coincide com o *Liber lucis* de João de Rupescissa⁷⁴⁶.

Não há por isso razões para manter aberta qualquer hipótese de atribuição do escrito a um Pedro Hispano do século XIII, sendo mais acertado pensar no mesmo Pedro Hispano alquimista do século XIV, que não é nunca mencionado na bibliografia especializada.

Aliás, o título longo do explicit (*Tractatus magistri Petri Hispani de rebus naturalibus et de rebus principalibus naturorum et de mineralibus, qui dicitur ueni mecum*) pode de facto fazer uma ponte de ligação, mesma que não se trate da mesma obra, com o texto operativo editado por Alonso

Verba secreta in arte Alkimie

Manuscrito não consultado⁷⁴⁷. Mas não é descabido conjecturar que estas *Verba secreta in arte Alkimie* que começam «Petrus yspanus concordat cum philosophis antiquis», serão do mesmo Pedro Hispano alquimista do século XIV.

Outros textos alquímicos

⁷⁴⁵ J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano* ..., cit., pp. 181-184, cfr. p. 184 sobre a hipótese referida.

⁷⁴⁶ J.M.C. PONTES: «Questões pendentes acerca de Pedro Hispano Portugalense (Filósofo, Médico e Papa João XXI)», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Braga 1990, vol. II/1, pp. 101-124, cfr. 120-121; cfr. também IDEM: «On Some Works Attributed in Error to Petrus Hispanus Portugalensis», em R. TYÖRINOJA. — A.I. LEHTINEN — D. FØLLESDAL (ed.): *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.). Helsinki 24-29 August 1987*, Helsinki 1990, vol. III, pp. 28-33.

⁷⁴⁷ Manchester, John Rylands Library, Western 65 [s. XV].

S. Moorat assinala que o manuscrito 140 da Wellcome Library de Londres deve conter uma citação de Pedro Hispano no fôlio 123 v: «Quinta aqua solifica est composita similiter sicut continetur in libro petri [hispani?]. Explicit», o catalogador põe mesmo a hipótese de Pedro Hispano ser o autor do texto que ocupa os ff. 116-123, que são parte de uma miscelânea de receitas e processos alquímicos que abrange os ff. 109-125.

Um manuscrito alquímico de Bamberg (Königlichen Bibliothek, L. III. 40, [séc. XVI]) contém nos fôlios 213r-216v um texto, que não foi possível consultar, com início em latim e que termina com quatro versos em alemão, que os catalogadores atribuem desde forma: «Von mayster Mercurio und seiner art Mayster Petri von hyspania des Cardinals Zart»⁷⁴⁸, referindo-se mais em particular ao conteúdo do fôlio 213r, porque os fôlios seguintes incluem provavelmente a tradução em alemão de excertos da *Summa perfectionis magisterii* do pseudo Geber. O recente editor atribui a obra, no amplo estudo introdutório, a Paulo de Taranto (Paulus de Tarento), franciscano do final do século XIII⁷⁴⁹, que chega a usar o *De mineralibus* de Alberto Magno, entre diversos outros textos. Fica assim seriamente dificultado que o autor desta selecção de excertos fosse o Pedro Hispano do século XIII que aqui nos ocupa.

Também o manuscrito Wertheim, Evangelische Kirchenbibliothek, 672 (séc. XIV-XV) contém um texto que aponta para o mesmo Pedro Hispano: *Lettura domini Alberthi Magni super dictis Petry Hyspani*, que começa: «Ut testatur Aristotelis auctoritas in primo.. e termina com a designação da obra: «Expliciunt dicta ... Petri Hispani que pulchre declantur (sic) Alberti dicta que Magistri»⁷⁵⁰. Não é improvável que aqui se encontrem novos ecos de mais algum texto de Pedro Hispano alquimista.

Os elementos aduzidos e sobretudo a datação de textos que servem de base ao autor alquimista parecem suficientes para mostrar que estas obras alquímicas não são do século XIII, nem poderiam ter sido escritos pelo Pedro Hispano das outras obras analisadas. Deve por isso admitir-se que o autor destes textos é de facto um Pedro Hispano alquimista, da segunda metade ou final do século XIV.

⁷⁴⁸ O manuscrito não foi directamente consultado, a informação foi obtida no catálogo dos manuscritos da Biblioteca Estatal de Bamberg, antiga biblioteca real, por F. LEITSCHUH — H. FISCHER, *Katalog der Handschriften der Königlichen Bibliothek zu Bamberg*, 3 vols., (Philosophische, naturwissenschaftliche und medizinische Handschriften), C.C. Buchner, Bamberg 1887-1912, Vol. I/2 (1899), pp. 415-417 (nr. 9), cfr. p. 417.

⁷⁴⁹ W.R. NEWMAN: *The Summa perfectionis of Pseudo-Geber. A Critical Edition, Translation and Study*, (Collection de travaux de l'Académie Internationale d'histoire des sciences, 35), E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1991.

⁷⁵⁰ KRISTELLER, *Iter Italicum* III p. 731, que não indica exactamente os fôlios em que o texto se encontra.

7. Cartas e bulas pontificias de João XXI

As próprias entradas da Clavis (nº 2 e nº 2b) contêm os elementos essenciais sobre as cartas redigidas ou ditadas durante o papado de João XXI, na cidade de Viterbo, em 1276 e 1277. Sobre a situação editorial do *bullarium* de João XXI e sobre o estatuto autoral das letras pontificias ver vol. I, p. 36, notas 1 e 2.

As bulas têm particular interesse para o conhecimento da política papal e curialícia⁷⁵¹.

8. Outras obras

Sobre alguns textos, nomeadamente os dois últimos da primeira secção da clavis (*Versus brevilogi urinarum* [nº 49] e *Versus de pluvia, de nive, de pruine, de rose, de prandine et de terra* [nº 50]), não há mais elementos a aduzir que os que se incluíram ali. Apesar já ter sido sugerido que são textos espúrios não há razão para rejeitar que possam ter sido escritos pelo mesmo autor que compôs outras obras sem por recolha similar, como por exemplo o *De phlebotomia*.

Quanto às obras de atribuição errada ou inexistentes (secções 5 e 6 da Clavis) os elementos incluídos em cada entrada tornam claros os motivos pelos quais não podem ser atribuídas a Pedro Hispano.

Vejamos apenas alguns outros títulos:

De formatione hominis tractatus

Louis Jacob de S. Carlos é provavelmente o primeiro a referir um tratado *De formatione hominis* (Clavis nº 60) entre as obras de Pedro Hispano: «De formatione hominis tractatum (Extat MS. Cantabrigiae in Archiviis Collegii Caii)⁷⁵²». Esta informação, dada sem referência de qualquer fonte, é retomada textualmente por Nicolau António: «*De formatione*

⁷⁵¹ Linhas de interpretação das orientações políticas e pastorais das bulas de João XXI encontram-se em: J. ANTUNES: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Braga 1990, vol. II/1, pp. 125-184; IDEM: *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Coimbra 1995, pp. 117-268; J.F. MEIRINHOS «Giovanni XXI», *Enciclopedia dei Papi*, Roma 2000, vol. II, pp.431-433.

⁷⁵² L. JACOBUS A S. CAROLO: *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta...*, Lugduni 1643, p. 138.

hominis tractatus. MS. Cantabrigiae in Archivo collegii Caji⁷⁵³» e a partir desta obra teria acolhimento nos bibliógrafos posteriores, como Barbosa Machado: «*De formatione hominis tractatus*. Existe no Archivo do Collegio Cayo de Cantoberry [Cambridge]⁷⁵⁴», ou A. Daunou no artigo sobre o papa ⁷⁵⁵. Será Ernest Wickersheimer o primeiro a assinalar a propósito desta obra: «Introuvable dans le catalogue de Peterhouse, Cambridge, où il existerait d'après Daunou⁷⁵⁶». Apesar desta chamada de atenção (que contém uma inadvertida troca de biblioteca), a obra continuará a ser atribuída a Pedro Hispano, como acontece na *Bibliografia Geral Portuguesa*, que não dá mais qualquer informação além do título e da biblioteca⁷⁵⁷.

Por alguma razão não conhecida, no século XVII Louis Jacob associou a obra a Pedro Hispano mas, de facto, não se conhece nenhum manuscrito nem na biblioteca do Gonville and Caius College (Cambridge, University Library), nem em qualquer outra, em que esta obra lhe seja atribuída.

Existe uma obra de Egídio Romano com o título *Tractatus de formatione corporis homini in utero*⁷⁵⁸, com ampla tradição manuscrita⁷⁵⁹. Não é improvável que o erro tenha origem nalguma confusão com esta obra de Egídio Romano.

De medenda podraga tractatus

O *De medenda podraga tractatus* (Clavis nº 61) aparece entre as obras de Pedro Hispano na lista de Louis Jacob de S. Carlos que a assinala deste modo: «De medenda podagra tractatum (- nihil -)⁷⁶⁰». Esta informação é retomada por Nicolau António na *Bibliotheca Hispana Vetus*, que acrescenta a fonte: «De medenda podagra tractatus. Cuius libri Petro Portugalensi, Episcopo Cardinali Tusculano, attributi Paullus Coritesius meminit lib. I. *De Cardinalatu*. quidem cum nostro est⁷⁶¹». Barbosa Machado também cita a obra com

⁷⁵³ N. ANTONIO: *Bibliotheca Hispana Vetus*..., Romae 1696, p. 51, nr. 154.IV; 2ª edição, Matriti 1788, p. 74b, nr. 154.IV.

⁷⁵⁴ D.B. MACHADO: *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica* ..., Lisboa 1747, t. II, p. 562^a.

⁷⁵⁵ A. DAUNOU: «Pierre d'Espagne ou le pape Jean XXI», *Histoire Littéraire de la France*, vol. XIX, Paris 1838, pp. 322-334, cfr. p. 328.

⁷⁵⁶ E. WICKERSHEIMER: *Dictionnaire*..., p. 639a, nr. 14

⁷⁵⁷ *Bibliografia Geral Portuguesa*, cit., vol. II, p. 373.

⁷⁵⁸ Cfr. *Compendium auctorum latinorum medii aevi (500-1500)*, Firenze 2000, fasc. 1, p. 70, nr. 58; *inc.* Post tractatum de predestinatione et presciencia et de paradyso et inferno ... rogatis a uobis domine Thanena intendimus de formacione corporis humani in materno utero.

⁷⁵⁹ Cfr. por exemplo: Città del Vaticano, BAV, Palat. lat. 1086 ff. 121r-191v, descrito por SCHUBA, *Medizinischen Handschriften*, pp. 16-seg.; ou München, BSB, lat. 28126, ff. 169ra-179v, que também contém uma obra de Pedro Hispano no f. 190r-v.

⁷⁶⁰ LUDOVICUS JACOBUS A S. CAROLO: *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta* ..., cit., p. 138.

⁷⁶¹ *Bibliotheca Hispana Vetus*, Romae 1696, p. 51a (nr. 154.II), 2ª edição: Matriti 1788, p. 74b (nr. 154.IV)]

um lacónico: «De medenda podraga [!] tractatus⁷⁶²». Já a *Bibliografia Geral Portuguesa*, dá conta dos esforços para localizar a obra, concluindo: «Não se conhece qualquer exemplar⁷⁶³».

A atribuição provém dos bibliógrafos antigos sem que tenha sido identificado qualquer exemplar ou edição. Mas, a questão da cura da gota não está ausente do corpus petrínico, porque o capítulo XLVIII do *Thesaurus pauperum* se ocupa precisamente “De gutta arthetica et podagra”⁷⁶⁴. O *Thesaurus*, para respeitar o propósito enunciado no prólogo de tratar as doenças por ordem, desde a cabeça até aos pés, deveria terminar com este capítulo sobre a cura da gota e assim acontece de facto em alguns manuscritos⁷⁶⁵. Note-se que este capítulo XLVIII, um dos mais longos da obra e com 120 receitas, é, consoante os manuscritos, seguido de mais um ou dois capítulos (49 e 50)⁷⁶⁶. O facto de o título ter sido tratado isoladamente pelos bibliógrafos poderia então ter origem em algum manuscrito que o tivesse isoladamente ou que o mencionasse nalgum *explicit* por ser a conclusão da obra.

Glose super Hippocratem De natura puerorum.

Não se conhece nenhum exemplar nem registo antigo de um comentário de Pedro Hispano sobre o *De natura pueri* de Hipócrates (Clavis nº 62). A mais antiga data a que as pistas nos conduzem é a 1643, na obra de Louis Jacob, que cita esta obra em conjunto com outro título: «Super Tegnisi et Hippocratem Glossas de natura puerorum (Extant MSS. Patavii in fol. apud Canonicos Lateranenses S. Ioannis de Viridario)»⁷⁶⁷, e Nicolau Anonio acrescentou depois referências sobre a informação: «*Super Tegnisi et Hippocratem Glossae de natura puerorum*. MS. Patavii inter libros S. Ioannis de Viridario canonicorum Lateranensium; & in bibliotheca Veneta S. Antonii, auctore Thomasino *Biblioth. Venetae* pag. 4 & *Patavinae* pag. 35»⁷⁶⁸. A partir destes dois autores as glosas foram citadas por numerosos bibliógrafos, alguns dos quais distinguem as glosas da *Tegni* das do *De natura puerorum*⁷⁶⁹. Seguindo

⁷⁶² *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica ...*, Lisboa 1747, t. II, p. 562a.

⁷⁶³ *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, p. 374.

⁷⁶⁴ *Thesaurus pauperum*, ed. M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, pp. 278-298.

⁷⁶⁵ Cfr. manuscritos Oxford, BL, Sloane 282, Vaticano, BAV, Pal. lat. 1139.

⁷⁶⁶ Sobre a questão da ordem dos capítulos e integridade da obra, cfr. M.H.R. PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, pp. 52-55.

⁷⁶⁷ *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta...*, auctore R. P. F. Ludovico Jacob a S. Carolo Cabilonensi Burgundo Ordinis Carmelitarum alumno, Sumptib. Haered. Gabr. Boissat & Laurentii Anisson, Lugduni 1643, p. 138.

⁷⁶⁸ NICOLAUS ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus...*, Ex typographia Antonii de Rubeis, Romae 1696, p. 51a-b (2ª ed.: Matriti 1788, p. 74b) nr. 154.IV.

⁷⁶⁹ Cfr. por exemplo: «In Hypocratem Glossas de natura Puerorum M. S. Patauij apud Lateranenses», *Dissertatio historica de ducentis celeberrimis augustinianis scriptoribus ex illis qui obierunt post magnam unionem Ordinis eremitici, usque ad finem Tridentini concilij...* auctore Fr. Dominico Antonio Gandolfo Genuensi, Romae, Typis Io. Francisci Buagni, 1704, p. 301; «Super Tegnisi et Hippocratem Glosas de natura puerorum: extant mss. Patavii apud Canonicos Lateranenses»,

Antonio, a *Bibliografia Geral Portuguesa* cita também os «*Super Tegnīs et Hippocratem Glosae de natura puerorum* / B. do Convento dos Cónegos Lateranenses de Pádua»⁷⁷⁰.

Contudo, nem os manuscritos nem a obra foram ainda identificados e a partir das outras obras conhecidas não é possível determinar se de facto foi escrita⁷⁷¹. Não é improvável que, também aqui, se trate de alguma confusão de autores, a não ser que se trate de uma referência defectiva ao comentário sobre a *Tegni* de Galeno, a que por erro tivesse sido acoplado também o título da obra de Hipócrates.

Consilium de tuenda valetudine

É esta obra que os historiadores e bibliógrafos antigos citaram como *Consilium de tuenda valetudine* (Clavis nº 68) que teria sido dedicado à Rainha D. Branca, mãe de Luís o Piedoso⁷⁷². A atribuição a Pedro Hispano lê-se no manuscrito lat. 7416 na Bibliothèque Nationale de Paris⁷⁷³, f. 55r: «Petri Hispani regimen sanitatis». Contudo o texto existe em diversos outros manuscritos, que nos permitem constatar que se trata da tradução de Johannes Hispalensis de parte do *Secretum secretorum* do pseudo Aristóteles relativa à preservação da saúde, antecedida de um prefácio-dedicatória à⁷⁷⁴. Dos cerca de 150 manuscritos conhecidos apenas este atribui a obra a Pedro Hispano⁷⁷⁵, certamente por erro de desdobramento do acrónimo do autor da tradução (v.g.: «I.H.» lido como «P.H.»). O *Secretum secretorum* teve

Pontificum doctum, seu vitae, res gestae, obitus aliaque scitu ac memoratu digna Summorum Pontificum Romanorum... editum per Georgium Josephum ab Eggs, Apud Davidem Ritter, Coloniae 1718, p. 480; «Glossas in Hypocratem de natura puerorum. M.S. Patavii apud Lateranenses [!]', *Bibliotheca avgvstiniana historica, critica, et chronologica in qva mille qvadrigenti avgvstiniani ordinis scriptores...* redegit P. mag. Joannes Felix Ossinger, Ingolstadii et Avgvstae Vindelicorum, impensis Joannnis Francisci Xaveri Craetz, 1768, p. 691; e muitos outros poderiam ainda ser aduzidos, sem que se acrescentasse qualquer nova informação.

⁷⁷⁰ *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, p. 375.

⁷⁷¹ Em benefício do rigor diga-se que não possível consultar as obras citadas por Nicolau António.

⁷⁷² Sobre alguns dos autores que se fazem eco desta atribuição e dela procuraram extrair dados biográficos, ver vol. I, pp. 40-42.

⁷⁷³ Sobre este ms. ver vol. I, pp. 392-393.

⁷⁷⁴ Edição e tradução do prefácio de Johannes Hispalensis, bem como um estudo com novos dados sobre a identificação deste tradutor e da dedicatória da tradução, podem ler-se em Charles BURNETT: «“Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis” and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 221-267, cfr. pp. 255-257. Sobre as traduções de João Hispano e apesar de datado ver também: M. ALONSO ALONSO, «Traducciones del árabe al latín por Juan Hispano», *Al-Andaluz*, 17 (1952) 129-151 e o estudo de Ch. BURNETT citado.

⁷⁷⁵ A obra também foi erradamente atribuída a Pedro Hispano no catálogo do fundo Sloane da British Library, por má leitura de «Johannes Ispaniensis» (ms. Sloane 420); cfr. M.^a R. PEREIRA, 1973, p. 432-433; JACQUART, *Supplément* p. 233.

uma notável difusão no ocidente e é de rejeitar qualquer ligação entre Pedro Hispano e esta obra, que, ao que é conhecido, nunca cita, pelo menos directamente⁷⁷⁶.

A atribuição no manuscrito de Paris e o facto de o protocolo referir como destinatária a «rainha das Espanhas», parece estar na origem das várias referências a um *Consilium de tuenda valetudine* de Pedro Hispano dedicado à rainha Branca de Castela, como se pode ler em Nicolao Antonio (*Bibl. Hisp. Vetus*, II, p. 74b: «VII. *Consilium de tuenda valetudine*. Ad Blancam Franciae Reginam, S. Ludovivi matrem. MS. fuit apud Gabrielem Naudaeum». Karl Sūdhoff foi ainda mais longe quando entre as obras de Pedro Hispano inclui o *Consilium* que «ainda novo, escreveu para Branca, filha do Rei Afonso IX de Castela, esposa de Luiz VIII de França⁷⁷⁷». Esta atribuição foi repetida pela *Bibliografia Geral Portuguesa* onde se lê no elenco de obras médicas: «*Concilium de tuenda valetudine* | B. N. Paris, MS. 7416 | Destinava-se à Rainha D. Branca, casada com Luís VIII de França», acrescentando a obra «*Epistola translata ad Alexandrum de sanitate tuenda ad Hispaniarum Reginam dedicatória* s.l.n.d | M.B. misc. 420, Fls 180-183⁷⁷⁸, B.N. Paris, MS. 11420, fls. 1-7»⁷⁷⁹, que de facto é o mesmo *Consilium* embora nestes manuscritos ele não esteja atribuído a Pedro Hispano.

Esta obra é a tradução arabo-latina da parte da compilação pseudo aristotélica *Secretum secretorum*⁷⁸⁰ relativa à conservação da saúde, realizada por volta de 1130 por João de Sevilha (Johannes Hispalensis, séc. XII), que também é autor do prefácio dirigido à rainha

⁷⁷⁶ Sobre o *Secretum secretorum* cfr. W.F. RYAN — C.B. Schmidt (eds.): *The Secret of Secrets. Sources and Influences*, London 1982; Mario GRIGNASCHI: «La diffusion du *Secretum secretorum* (Sirr-al'-asrâr) dans l'Europe occidentale», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 47 (1980) 1-69; S.J. WILLIAMS: «The Early Circulation of the Pseudo-Aristotelian *Secret of Secrets* in the West: the Papal and Imperial courts», *Micrologus*, 2 (1994: *Le scienze della natura alla corte di Federico II*) 127-144.

⁷⁷⁷ Cfr. K. SÜDHOFF: *Pedro Hispano, ou melhor, Pedro Lusitano...*, p. 9.

⁷⁷⁸ É o manuscrito London, BL, Sloane 420.

⁷⁷⁹ *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, p. 372).

⁷⁸⁰ Trata-se de um antepassado dos espelhos de príncipes, obra muito influente na Idade Média latina, que para além dos conselhos políticos e dietéticos transmitia conhecimentos sobre as diferentes ciências, mesmo as ocultas. Teve duas traduções, esta primeira e parcial por João de Sevilha (e Lima) e uma compata por Filipe de Tripoli no século XIII. É uma obra traduzida do árabe, língua em que foi composta a partir de diversos outros textos; cfr. os diversos estudos de M. GRIGNASCHI: «L'origine et les métamorphoses du Sirr-al-asrâr», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 43 (1976) 7-112; IDEM, «La diffusion du *Secretum secretorum* (Sirr-al'-asrâr) dans l'Europe occidentale», *ibidem* 47 (1980) 1-69; W.F. RYAN — C.B. SCHMIDT, *The Secret of Secrets. Sources and Influences*, London 1982; Steven J. WILLIAMS: «The Early Circulation of the Pseudo-Aristotelian *Secret of Secrets* in the West: the Papal and Imperial courts», *Micrologus*, 2 (1994) 127-144. Sobre os antecedentes árabes da obra: F. PETERS: *Aristoteles arabus. The Oriental Translations and Commentaries on the Aristotelian "Corpus"*, Leiden 1968, pp. 67-72. Um recente estudo sobre a influência da obra contém uma nova tradução do prólogo da versão árabe longa do *Sirr al-asrar*: R. RÁMON GUERRERO: «El pseudo-Aristóteles árabe y la literatura didáctico-moral hispana: del *Sirr al-asrar* a la Poridat de las podidas», em J.M. SOTO RÁBANOS (coord.): *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, Madrid 1998, vol. II, pp.1037-1051.

.T. das Espanhas⁷⁸¹. Devido ao seu conteúdo, esta tradução também circulou com o título *Epistola Aristotelis ad Alexandrum de observatione humani corporis*.

Richard Stapper, com base no testemunho do manuscrito Vaticano, Palat. lat. 1451, f. 152, considera como falso o “Petri Hispani de regimine principum”, de “mag. Jo. de Hispania”, que identifica com Avendeth⁷⁸², e que é ainda o mesmo texto traduzido por João Hispano.

O manuscrito de Paris é citado por Glorieux entre os que incluem o: «ac) *Regimen sanitatis* (dedié à Blanche de Castille)⁷⁸³», mas esta é uma obra diferente, de facto pertencente a um Pedro Hispano e sem atribuição à rainha Branca de Castela. Maria Helena da Rocha Pereira desfez a confusão que na diversa bibliografia confundia esta obra erradamente atribuída e o *Regimen sanitatis* de Pedro Hispano existente em diversos outros manuscritos⁷⁸⁴.

50 obras (e mais algumas) em busca de autor

Percorridas a passos largos as grandes áreas cobertas pelas obras atribuídas a Pedro Hispano é forçoso concluir que não existem elementos para, no estado actual da investigação, falar de um *corpus* petrínico. As conclusões de diferentes estudiosos que foram sendo citadas e os resultados aqui obtidos, apontam para a dissociação de cada ramo do saber, por vezes de cada obra, relativamente aos restantes. A consideração temática das obras permitiu desde já excluir do século XIII os diversos escritos de alquimia. Estas seguramente formam um *corpus* atribuível ao século XIV, a um Petrus Hispanus do século XIV.

Parece pois aconselhável prosseguir a investigação mantendo em suspenso a decisão sobre a unidade das obras. Prosseguindo nessa linha, e para sair do impasse, é possível formular uma hipótese de dissociação entre diversos autores, a qual será apresentada nas conclusões gerais. Para obter conclusões definitivas é necessário agora um trabalho de pesquisa interna, de consideração do pensamento na obra e no seu tempo, de estudo das

⁷⁸¹ O texto tem forma epistolar com este protocolo: «Domine .T. gratia dei Hispaniarum regine, Iohannes Yspalensis salutem.». Cfr. Ch. BURNETT, «“Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis” and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 221-267 (nas pp. 255-258 texto latino e tradução do prólogo de João de Sevilha ao *Segredo dos Segrados*), considera que Iohannes Hispalensis poderá ter tido ligação com o condado portugalense e que a rainha “.T.” seria precisamente D. Teresa, mãe do futuro rei Afonso Henriques de Portugal.

⁷⁸² Cfr. STAPPER 1898, p. 21 n. 4.

⁷⁸³ P. GLORIEUX: *La faculté des arts...*, p. 287.

⁷⁸⁴ M.H.R. PEREIRA, *Obras Médicas de Pedro Hispano* 1971, pp. 432-433.

fontes, preferencialmente de edição crítica das obras, pelo menos daquelas que merecem mais interesse filosófico.

É entretanto possível e necessário empreender o estudo deste *corpus* desmembrado sem lhe impor uma grelha autoral interpretativa, sem forçar os textos a um cruzamento com outros textos que não sabemos se pertencem de facto ao mesmo autor. Deveremos centrar-nos nos problemas a que cada obra procura dar resposta, identificando as estratégias de organização dos conceitos e da tradição filosófica, surpreendendo as tensões filosóficas e ideológicas que a atravessam.

III. Metafísica do homem

O conceito de *alma* é um dos vectores fundamentais do pensamento clássico (antigo, medieval e moderno) acerca do homem. A simples formulação deste conceito ora “resolve” ora “reabre” o problema do dualismo, um dos temas centrais do pensamento ocidental. A *alma* é sempre colocada em correlação com o *corpo*, como seu princípio activo, extrínseco ou concomitante, advindo daí as diferentes soluções metafísicas que justificam ou anulam este dualismo⁷⁸⁵. No início do século XIII latino o conjunto de problemas envolvidos na questão da alma suscitam acesos debates em resultado da integração de conceitos e doutrinas presentes em obras então traduzidas para latim, que eram estranhos à tradição latina cristã consolidada desde Agostinho de Hipona. Essas discussões marcariam definitivamente o pensamento ocidental acerca do homem. Entre as obras mais determinantes neste processo encontram-se, por ordem de tradução, o *De anima* de Avicena, o *De anima* de Aristóteles e o *Commentarium magnum* de Averróis sobre o próprio texto de Aristóteles. As duas obras sobre a alma atribuídas a Pedro Hispano inserem-se precisamente nesta dinâmica de recepção do pensamento greco-árabe de influência aristotélica e, por isso, em muitos aspectos revelam ainda hesitação por uma ou outra solução em problemas controversos ou mesmo a tentativa de compaginar teorias que não eram ainda percebidas como opostas.

Dadas as características da obra de Pedro Hispano e o estado actual das questões de atribuição que se discutiram atrás, esta abordagem da sua filosofia do homem terá em conta principalmente a *Scientia libri de anima*. Esta obra, que, como vimos, podemos com grande

⁷⁸⁵ O materialismo escapa a esta caracterização, uma vez que nele não cabe o dualismo alma/corpo por não aceitar uma instância causal exterior à matéria, mas o problema da alma e do intelecto não está menos presente em autores como Alexandre de Afrodísias, cujo “intelecto material” seria motivo de constantes críticas a partir do séc. XIII. Também o monismo de um Espinosa se furta à mesma caracterização, pois aqui o mental e o físico não são senão *modos* de uma mesma substância. A filosofia contemporânea da mente altera o quadro tradicional da metafísica da alma, ou da psicologia e dos processos mentais e da consciência, com a introdução de variantes e posições que apenas de modo indirecto poderão ser assinaladas na história da filosofia, razão pela qual também não se lhe aplica com propriedade a caracterização sumária do dualismo como posição típica da história dos problemas da mente, cfr. B.P. McLAUGHLIN: «Philosophy of mind» em R. AUDI (ed.): *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1995, pp. 597-606.

grau de certeza atribuir de facto a um Petrus Hispanus Portugalensis, possui um carácter sistemático e sumulista adequado à identificação de um número importante de aspectos discutidos na antropologia da primeira metade do século XIII, caracteristicamente marcada pelo recurso a conceitos metafísicos, por um forte pendor espiritualista e pelo cruzamento de várias referências e fontes doutrinárias. Mesmo assim, não se descuidará a ocasional referência a outras obras atribuídas a Pedro Hispano, seja para assinalar diferenças seja para enquadrar uma ou outra doutrina. Obviamente será dedicada alguma atenção à *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II*, considerado por muitos um dos primeiros, senão mesmo o primeiro comentário latino sobre a obra de Aristóteles, para o que aponta a interpretação do padre Gauthier, inquestionável autoridade no estudo da primeira recepção do *De anima* de Aristóteles. Contudo, no estado actual da questão e perante fortes dúvidas quanto à unidade de autoria das duas obras, considera-se metodologicamente mais prudente não interpretar as eventuais lacunas de uma obra com o recurso a afirmações que se possam ler em outra, como se estivesse definitivamente assente que são obras de um mesmo autor. Nem essas referências poderiam ser sistemáticas porque em nenhuma outra obra as questões antropológicas se encontram tratadas com a mesma completude com que se encontram na *Scientia libri de anima*, que será portanto o principal texto em estudo.

Por estas razões, a leitura que aqui se propõe dessas obras oscilará entre a descrição das posições de Pedro Hispano e a interpretação ou contextualização do pensamento do(s) autor(es) tentando determinar o sentido das próprias doutrinas que acolhe(m) ou expõe(m), recorrendo, quando possível, à identificação das suas fontes ou à aproximação a posições paralelas em outros autores contemporâneos. A atribulada história que envolve Pedro Hispano convida a uma certa prudência metodológica não se podendo maximizar ou extrapolar resultados generalizando-os de imediato a todas as obras atribuídas ao autor. A simples semelhança de vocabulário ou mesmo a partilha de certas teorias e a abordagem de certos problemas, de modo algum nos indica uma relação directa entre dois autores ou mesmo entre duas obras⁷⁸⁶, porquanto esses pontos de contacto podem resultar de fontes comuns ou mesmo da simples natureza do método escolástico de trabalho sobre textos e suas interpretações. É bem conhecida a preocupação dos medievistas contemporâneos de não se deixarem prender nas malhas de uma compreensão do pensamento medieval através das comparações lexicológicas, embora elas sejam intuitivamente solicitadas pelas características mesmas da

⁷⁸⁶ Note-se que este foi o principal recurso metodológico usado por Manuel Alonso para atribuir as diferentes obras a um mesmo Pedro Hispano, com argumentos por vezes totalmente artificiosos, como no caso da atribuição da anónima *Expositio libri de anima II-III*, que aliás publicou como de Pedro Hispano, embora nada na tradição manuscrita apontasse para aí.

literatura filosófica medieval⁷⁸⁷. Como recorda Alain de Libera a propósito da genealogia do conceito de *persona*, a filosofia não é a lexicografia⁷⁸⁸. É certamente necessário e indispensável ter presente esse nível de abordagem, mas a filosofia ultrapassa-o sempre pela inserção dos conceitos na dinâmica dos contextos discursivos, explicativos e especulativo e, como mostrou Jacqueline Hamesse a propósito de *idea*, os próprios autores medievais distinguem entre a análise lexical de um termo e a sua compreensão conceptual e só a passagem de um nível a outro permite resolver o que são contradições aparentes⁷⁸⁹.

Estas razões determinaram que sobre os diferentes temas a analisar se faça, quando necessário, uma certa contextualização que torne mais perceptível a posição doutrinal ou institucional das obras atribuídas a Pedro Hispano. As duas obras sobre a alma serão apresentadas em separado pela razão apontada, mas também pela dificuldade em estabelecer pontes entre ambas, havendo convergências, mas também pontos fulcrais onde divergem claramente (estes serão mesmo a maioria), enquanto sobre outros as posição não são mutuamente comensuráveis dada a sua ausência ora numa obra ora noutra. Em geral aborda-se primeiro a *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* e depois a *Scientia libri de anima*, não por uma razão cronológica, que se considere resolvida (e tudo aponta para que a ordem cronológica seja a inversa e que tivessem sido escritas por dois diferentes autores), mas sim porque a *Scientia* é sempre mais desenvolvida e rica de pormenores permitindo por isso ir mais longe no trabalho de interpretação.

Assim, o objectivo principal deste estudo não é a identificação de fontes das duas obras, nem mesmo o seu estudo comparativo, mas sim a compreensão da posição doutrinal de Pedro Hispano (particularmente na *Scientia*) a propósito da alma e de um núcleo de problemas relacionados com o seu estudo: a possibilidade e natureza de uma ciência da alma, a relação corpo/alma e os problemas da natureza e funções das faculdades da alma, o conhecimento e o agir humanos, os fins do homem, o homem como microcosmo. É pelo princípio explicativo adoptado, a alma enquanto substância, e porque se aponta para uma transcendência especulativa como fim do homem que aqui se fala em *metafísica do homem*.

⁷⁸⁷ L.M. de RIJK: *La philosophie au Moyen Age*, Leiden 1985, p. 68.

⁷⁸⁸ A. de LIBERA, «Une anthropologie de la grâce. Sur la personne humaine au XIII.e siècle d'É.-H. Wéber», *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 77 (1993) 241-254, p. 241.

⁷⁸⁹ J. HAMESSE: «*Idea* chez les auteurs philosophiques des 12^e et 13^e siècles», em M. Fattori — M.L. Bianchi (cura), *Idea. VI Colloquio Internazionale, Roma 5-7 gennaio 1989*, Roma 1990, pp. 117-133, cfr. pp. 120 e 135.

Cap. 1

Ciência da alma, ciência do homem

Para designar o princípio activo da vida e da racionalidade propriamente humana os latinos usaram o termo *anima*, que provém do termo grego *anemos* (vento ou sopro), mas que é o equivalente de um outro termo grego de significado mais amplo: *psyché*. O termo *anima* designa antes de mais o princípio vital ou de animação de um corpo⁷⁹⁰, o que de imediato induz a diferenciação ou mesmo oposição entre alma e corpo, indicando aquela uma natureza espiritual (de *spiritus*: sopro, que é o equivalente do termo grego *pneuma*) propriamente racional e superior à materialidade do corpo (*corpus* lat., *soma* gr.). A própria lexicologia e semântica dos termos gregos e latinos relacionados com a alma e as suas funções transportam múltiplos problemas filosóficos e não é indiferente a utilização de um ou outro termo, dadas as respectivas conotações, ora mais naturalísticas, ora mais espiritualizantes e mesmo religiosas⁷⁹¹. Convém também ter presente que o termo *psyché*/alma/alma se reveste de uma variedade de usos, sejam metafóricos, sejam extrafilosóficos (por exemplo no domínio do mito, da religião, ou da medicina) que lhe dão uma extraordinária ductilidade, mas também obrigam os filósofos de diferentes épocas a precisarem, a cada passo, o sentido com que os utilizam⁷⁹². Mesmo assim e apesar da variedade de uso destes conceitos, podemos detectar algumas constantes que se revestem de grande significado para posicionarmos as discussões a que dão origem em filosofia.

A alma (*psyché*, *anima*) desempenha na filosofia clássica⁷⁹³, medieval⁷⁹⁴ e moderna⁷⁹⁵ o papel fulcral de princípio explicativo do homem enquanto totalidade. É sabido que a

⁷⁹⁰ Dois exemplos latinos, retirados de Agostinho: «animae nomen ab eo quod corpus animat, hoc est vivificat», AGOSTINHO DE HIPONA : *De natura et origine animae* 4, 23, 37, ou nas *Confissões* III.vi.10 (p. 98 da ed. ut.) onde se lê «anima (...) quae vita est corporum» (para se afirmar que Deus é mais que isso, pois é a própria vida das almas).

⁷⁹¹ Para uma primeira abordagem da diversidade de usos dos termos poderão consultar-se os seguintes dicionários de grego (cfr. as entradas *pneuma* e *psyché*): G.W.H. LAMPE: *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford 1984 (reed.), com riquíssima informação, ou F.E. PETERS: *Termos filosóficos gregos. Um léxico Histórico*, Lisboa 1977. E os dicionários de latim (cfr. as entradas *anima* e *spiritus*): A. BLAISE: *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*, revu, pour le vocabulaire théologique par Henri Chirat, Turnhout 1954 (reimpr. 1986); J.F. NIERMEYER: *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leiden 1976.

⁷⁹² Na ausência de uma obra de conjunto sobre os problemas da alma ao longo da história do pensamento, remete-se aqui para alguns estudos gerais, nomeadamente entradas de enciclopédias especializadas: H.-D. SAFFREY: «Âme», *Encyclopaedia Universalis*, Paris 1977, vol. I, pp. 841-843; J. TEIXEIRA: «Alma», *Logos. Enciclopédia luso-brasileira de filosofia*, Lisboa 1989, vol. I, col. 151-173.

⁷⁹³ S. EVERSON (ed.): *Psychology*, (Companions to Ancient Thought, 2) Cambridge 1991, inclui uma série de estudos sobre as principais teorizações da alma/mente no pensamento grego (Heráclito, Platão, Aristóteles, Epicuro, estoicismo, pirronismo, Plotino, medicina).

existência da alma é deduzida da experiência da vida, da acção/locomoção e do conhecimento, os quais apenas poderão existir se houver um princípio que os torne efectivos e seja a sua causa. Esse princípio poderia ser a própria matéria corporal? Não, porque os corpos inanimados não possuem qualquer daquelas actividades. Portanto o seu princípio deverá ser exterior ou diferente do próprio corpo, mas com este associado uma vez que é no corpo que se manifesta a sua existência através de determinados actos. Um corolário deste raciocínio é que não sendo a alma corpo material deveria ter características que a superiorizam face à matéria, daí a ser definida como incorporeal, adimensional, imortal, etc. Ora, a inclusão da alma sob estas categorias metafísicas obrigaria a reformular o próprio problema da sua natureza, acção sobre o corpo, origem, destino, etc.

1.1. Problemas e fontes

A questão da alma ou da animação dos corpos é debatida desde os primeiros filósofos como um problema intrínseco da totalidade da natureza viva, dos vegetais, dos animais e sobretudo do homem⁷⁹⁶. Mas, foi Aristóteles que a codificou dela fazendo área de estudo no âmbito das ciências físicas, na obra *A alma* (*Peri psychés* / *De anima*) em três livros. Esta obra exerceu uma extraordinária influência ao longo da história e é certamente entre todas as de Aristóteles a mais comentada desde a Antiguidade. Sobretudo os livros II e III suscitarão interesse e estão na origem de tentativas de clarificar passos mais obscuros ou elípticos introduzindo interpretações que serão, por sua vez, polémicas. Entre os textos mais discutidos encontra-se o capítulo 5 do livro III sobre o intelecto, por muitos considerado enigmático ou

⁷⁹⁴ Sobre a questão na Idade Média, tenha-se em conta a bibliografia que será dada ao longo deste estudo.

⁷⁹⁵ Cfr. por exemplo a obra de R. MARTIN — J. BARRESI: *Naturalization of the Soul. Self and Personal Identity in the Birth of Modern Psychology*, Routledge, London 1999, centrada na constituição do conceito de alma, de Platão ao tempo presente, com ênfase no pensamento do séc. XVIII, e a formação da identidade pessoal e do *self*.

⁷⁹⁶ O mesmo princípio permitiu falar de alma do mundo, porquanto se se admite que este no seu todo é dotado de vida, esta deve provir de uma alma própria à totalidade do mundo. Pedro Hispano, rejeitando a ideia de uma alma do mundo, dirá que apenas *equivoce* o motor do movimento celeste pode ser chamado alma do mundo, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 1, q. 9 sol., ed. Alonso 1944, p. 534, 8-18, onde expressamente se contradita Avicena (cfr. *Metafísica*, IX, 1, embora em aparato se remeta para *De anima*, V, 7), sobre a questão do motor- celeste/ alma-do-mundo, ver as qq. 8 e 9, pp. 529-535. A ideia de alma do mundo tem um importante lugar quer na cosmologia, quer na psicologia do século XII, em resultado da influência do *Timeu* de Platão e do comentário de Calcidio (cfr. por exemplo: T. GREGORY: *Anima mundi. La filosofia di Guglielmo di Conches e la scuola di Chartres*, Firenze 1953), mas o tema estará ainda presente na filosofia do século XIII, como se vê nas referidas questões de Pedro Hispano, embora com outra expressão e no quadro de influência do peripatetismo neoplatónico: B. FAES DE MOTTONI: «La dottrina dell'anima mundi nella prima metà del secolo XIII: Guglielmo d'Alvernia, *Summa Halensis*, Alberto Magno», *Studi medievali* 22 (1981) 283-297. Sobre o desenvolvimento da ideia de alma do mundo como uma forma de microcosmismo antropocêntrico, cfr. as observações e referências em J. MCEVOY: *The Philosophy of Robert Grosseteste*, Oxford 1982, p. 373, n. 8.

difícil dada a brevidade com que é tratado um problema central da noética aristotélica. Deu de facto origem a uma avalanche de comentários e interpretações ao longo dos séculos, o que levou D.J. Allan a escrever: «É fácil sorrir perante esta montanha de palavras erguida sobre umas poucas frases nas quais Aristóteles pouco mais fazia que registar a sua própria perplexidade; mas, no fim de contas, não são os memorandos metafísicos de qualquer um que podem ter este peso⁷⁹⁷.» O jogo da argumentação e da exegese e sobretudo os avatares das traduções tornam a história do *De anima* de Aristóteles e arredores deveras intrincada⁷⁹⁸. A redescoberta desta obra pelos latinos no século XII alterará de forma profunda o pensamento medieval e a sua inclusão nos planos de estudos de Paris e a seguir de outras universidades, dá origem, a partir de 1250-1252, a um período de ainda mais intenso interesse e comentário da obra. Sobretudo a partir desta data discutir a questão da alma equivale ao estudo propriamente escolástico desta obra: literal, aprofundado, questionador. Dada a centralidade da obra nas teorias psicológicas e gnoseológicas desde a antiguidade e sobretudo a partir da sua redescoberta no século XIII, podemos bem refazer um pouco da estrutura desta área do saber através de uma sinopse mesmo que curta do seu conteúdo.

Antes de avançar para a exposição das suas próprias posições sobre a alma e seus actos principais (*De anima*, livros II-III), Aristóteles, confrontado com a inexistência de uma ciência da alma já constituída e de um método universal para determinar o que é uma coisa (402a10-22), delimita o campo de discussão sobre a alma em dois planos sucessivos e complementares: (1) levantando diversas aporias em que a sua discussão deveria estar envolvida (livro I, cap. 1: 402a22-403b19), propondo de seguida uma história temática das opiniões precedentes sobre a alma (livro I, capítulos 2-5, 403b20-412a5). Durante a Idade Média este livro I constituiria a principal fonte para o conhecimento de teorias anteriores a Aristóteles⁷⁹⁹, mas é certo que os diferentes comentadores não tinham tanto em vista compreender a posição de cada autor grego, mas sim, tal como o fizera Aristóteles, aproveitar

⁷⁹⁷ D.J. ALLAN: *A filosofia de Aristóteles*, trad., Lisboa 1983, p. 76.

⁷⁹⁸ Ainda a propósito da história do intelecto vejam-se os estudos E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 4 (1929/30) 5-149; C. MICHON: «L'intellect selon Averroès et ses prédécesseurs», em Thomas d'Aquin, *Somme contre les Gentils. II: La création*, Paris 1999, pp. 438-454. O grande comentário de Averróis sobre o *De anima* é uma das principais fontes para o conhecimento que os medievais tiveram dos peripatetismos, por essa razão é particularmente útil o rico comentário de A. de Libera sobre esta obra em AVERROËS: *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, trad., introd., notes A. de LIBERA, Paris 1998; J. JOLIVET: «Étapes de l'histoire de l'intellect agent», em A. HASNAWI — A. ELARAMNI-JAMAL — M. AOUD (eds.), *Perspectives arabes et médiévales sur la tradition scientifique et philosophique grecque. Actes du colloque de la SIHSPAI (Société internationale d'histoire des sciences et de la philosophie arabes et islamiques). Paris, 31 mars – 3 avril 1993*, Paris - Louvain 1997, pp. 569-583.

⁷⁹⁹ O grande comentário de Averróis sobre o *De anima*, sobretudo no livro III, teria a mesma importância de fonte para o conhecimento das teorias sobre o intelecto posteriores a Aristóteles.

as suas posições de uma forma crítica, para as rejeitar ou sobretudo para delas colher elementos e conceitos para a discussão a que a alma deve ser submetida (cfr. 403b23-24). Neste livro fica preparado o campo para a definição de alma e a sua concomitante divisão em faculdades (II, 1-3, 412a6-415a113), faculdades que Aristóteles agrupa de acordo com as suas principais acções e que correspondem à nutrição, sensação, intelecção (cfr. II 4, 415a14-22), embora ao longo da obra, como veremos, sugira outras divisões. Toda a parte restante do *De anima* será uma explicação destas faculdades: a nutritiva (II 4, 415a23-416b32), a sensitiva (II 5-III,2, 416b33-427a16) e a intelectiva (III, 3-8, 427a17-432a14), acrescentando ainda uma faculdade motora que não havia sido inicialmente enumerada (III, 9-11, 432a15-434a221), para concluir com um regresso, sem articulação aparente, a temas mais biológicos já antes abordados, como a necessidade da alma nutritiva nos seres vivos, e da sensação nos animais (III, 12-13, 434a22-435b25)⁸⁰⁰.

Ponto chave na narração de Aristóteles, porque conclui uma etapa e marca o início de outra, a definição de alma traça o quadro de problemas que envolve uma vastidão de outros que apenas ficam implícitos para os séculos vindouros:

a alma é necessariamente substância, no sentido em que é a forma de um corpo material possuindo a vida em potência⁸⁰¹

O menor desses problemas não é certamente o de saber como, de que modo e através de que faculdades é que a alma vitaliza o corpo.

Antes ainda: dentro de um discurso científico (isto é: pelas causas e demonstrativo) como poderemos ter a certeza da existência desta realidade a que chamamos alma (psykê)? Como o próprio Aristóteles defendia, a determinação da existência e da natureza da alma depende de uma análise das suas operações. Por sua vez, já que estas operações parecem ser múltiplas, consoante os seus objectos, será a partir destes que se deve dilucidar o que a alma é

⁸⁰⁰ Segue-se aqui na generalidade a interpretação da estrutura do *De anima* proposta por R. BODÉÜS (introd., trad., notes): ARISTOTE, *De l'âme*, Paris 1993, p. 26, apenas com a diferença de este autor não manter exactamente a tripartição de Aristóteles reunindo sob um mesmo grupo a faculdade sensitiva e intelectiva, designadas genericamente como “cognitiva”, e não considerar a última secção sobre a nutritiva e a sensitiva. A estrutura com que o texto é apresentado ao longo da tradução (pp. 75-256) rompe também com a divisão tradicional em livros e capítulos. Uma discussão desta interpretação estrutural encontra-se na introdução, a pp. 26-39. Discussão do pensamento de Aristóteles sobre a alma, o intelecto e o homem em D. ROSS: *Aristóteles*, trad., Lisboa 1987, pp. 137-160; D.J. ALLAN: *A filosofia de Aristóteles*, cit., pp. 61-76.

⁸⁰¹ ARISTÓTELES: *De anima*, II 1, 412a19-20, transl. vetus, ed. K. White: «Necesse est ergo animam substantiam esse, sicut speciem corporis phisici potentiam uitam habentis. Substantia huiusmodi corporis actus est.». Para compreender o exacto sentido de substância nesta definição, convém reler o que se diz a 414a14-18: «Há, com efeito, três formas de entender a substância, como disse [em 412a6-10], que são respectivamente a forma, a matéria e o composto de ambas. E, dessas, a matéria é potencialidade, enquanto que a forma é realização. Uma vez que o composto de ambas representa o ser animado, não é o corpo que é realização de alma, mas, pelo contrário, é esta que é realização de um certo corpo.» (cfr. trad. Bodéüs, p. 145).

e como actua. Ora como há múltiplos objectos então a alma terá que ter partes especificamente preparadas para a acção sobre estes diferentes objectos: são as faculdades da alma. Como agem as faculdades entre si? quais são os seus actos? Surge aí o conhecimento, algo que precisamente distingue o homem dos outros seres dotados de corpo, porquanto resulta da interacção de diversas das faculdades da alma, e ocorre numa forma superior, separada, que a eleva para lá da individualidade corporal, permitindo ao homem aceder à verdade universal, apontando uma via para a realização da sua felicidade, tema este que será mais especificado na *Ética a Nicómaco*. É desta forma que a alma se transforma em princípio de totalidade antropológica: não só garante a unidade do indivíduo, como insere no homem a transcendência das inteligências superiores, que estão acima dele.

Se Aristóteles é propriamente o pai de uma ciência da alma (etimologicamente: psicologia), o uso de *alma* enquanto princípio de totalidade e totalizador de uma realidade viva (seja vegetal, animal ou humana), não está menos presente no cerne da antropologia antiga, onde aliás o homem se define pela alma e pela função superior da alma: o *nous*, intelecto ou razão. O conjunto de problemas que a *alma* envolve torna-se uma espécie de plano articulador das diversas ciências filosóficas nas matrizes platónica, aristotélica, estoica, peripatética, , mas que com estas ou outras designações podemos encontrar na generalidade dos “sistemas” filosóficos:

- metafísica (ser e essência da alma);
- física (natureza substancial da alma e sua relação com o corpo);
- cosmologia (alma do mundo; homem como microcosmo)
- psicologia (autonomia da acção da alma, (in)dependência face a outro princípio);
- gnosiologia (como se produz o conhecimento verdadeiro e universal no homem);
- noética (natureza e modo de posse do cognoscível, relação deste com as coisas externas, superiores ou inferiores, etc.);
- agonística (relação entre o conhecimento e a vontade);
- ética (a consciência e as virtudes da acção moral);
- teologia (divinização do homem);
- escatologia (imortalidade da alma, vida da alma após a morte), estranha à ciência aristotélica, mas os autores sucessivos não terão dificuldade em compaginá-la com mais esta dimensão.

Cada um destes domínios é um nó onde se entrelaçam todos os restantes, porque qualquer programa filosófico, seja ele um novo “sistema” ou mesmo uma simples leitura diacrónica da sua história, desde que envolva uma tentativa de compreensão do homem (e

quem em filosofia não a tenta, mesmo que pela perspectiva da desconstrução?), articula necessariamente uma resposta coerente a estes problemas.

A antro-po-gnosiologia das obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano fornece-nos um exemplo de compreensão global do homem, cujos fundamentos são fornecidos pela metafísica e antropologia peripatéticas, isto é com categorias enunciadas por Aristóteles, mas reformuladas pelos seus continuadores gregos ou árabes, adaptando-as ainda às exigências doutrinárias e religiosas do cristianismo latino.

A crença na imortalidade da alma e na retribuição ou punição após a morte do corpo, posições centrais do cristianismo, influenciaram sobremaneira a psicologia medieval, desde logo pelas implicações metafísicas que introduziam em problemas como o da natureza da alma, da relação corpo-alma, da sobrevivência após a morte do corpo, etc., obrigando por exemplo a discutir e contraditar boa parte das teorias peripatéticas sobre o intelecto (rejeitando com veemência quer as teorias materialistas, quer as que postulavam a unicidade ou universalidade do intelecto). Do mesmo passo, esta discussão torna legítima a introdução na matéria psicológica e filosófica de argumentos de origem teológica.

As questões sobre a alma e o homem têm na Idade Média uma história tumultuosa e diversificada, que ainda está longe de ser satisfatoriamente reconstituída. Uma imensa quantidade de textos sobre a alma permanece inédita e, por isso, ainda não é possível reconstituir de modo consistente uma história do problema. Ademais, as diferenças entre centros culturais e académicos, o acesso a diferentes textos, a multiplicidade de escolas e abordagens, a evolução doutrinal e técnica das discussões, as variações pessoais na abordagem do problema, mostram que a questão da alma humana e os múltiplos problemas que implica, bem como o modo como foi sendo abordada não é em si homogênea e linear. Étienne Gilson na sua definitiva história da filosofia medieval iniciava o capítulo sobre Tomás de Aquino lançando um olhar retrospectivo sobre os séculos precedentes para sublinhar a diversidade intrínseca entre os autores medievais: «No two doctrines of the masters we have studied so far can be said to be identical», acrescentando que apesar disso há um lastro comum que as une: «but they hall had in common a certain number of fundamental positions or, at least, they all shared in common a limited number of possible doctrinal positions among wich they made their choice»⁸⁰². Entre essas doutrinas encontra-se precisamente a doutrina da alma como substância, de que se falará mais à frente.

Uma boa introdução aos problemas sobre a alma discutidos na Idade Média encontra-se na definição e explicação dos múltiplos sentidos de *anima* proposta no *De spiritu et anima*, definição essa que evidencia o bem amplo campo e variabilidade de aplicação do conceito:

⁸⁰² E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, New York 1955, p. 361.

Anima est spiritus intellectualis, rationalis, semper vivens, semper in motu, bonae malaeque voluntatis capax: secundum benignitatem Creatoris atque secundum sui operis officium variis nuncupatur nominibus. Dicitur namque anima, dum vegetat; spiritus, dum contemplatur; sensus, dum sentit; animus, dum sapit; dum intelligit, mens; dum discernit, ratio; dum recordatur, memoria; dum consentit, voluntas. Ista tamen non differunt in substantia, quemadmodum in nominibus; quoniam omnia ista una anima est: proprietates quidem diversae, sed essentia una⁸⁰³.

Está aqui bem presente o complexo disciplinar envolvido na questão da alma, que vai da biologia à teologia, passando antes de mais pela gnoseologia. O compilador revela também a variedade do léxico da alma, pois, segundo as suas operações ou a benignidade do Criador, a *alma* pode também ser dita *espírito*, *sentido*, *ânimo*, *mente*, *razão*, *memória*, *vontade*. De qualquer forma, estamos aqui ainda num período “pré-aristotélico” (note-se de passagem que não é usado o nome *intelecto*), pois os séculos XII e XIII enriqueceriam e renovariam a discussão sobre a alma em resultado do acesso a novas fontes amplamente discutidas e influentes.

Dentro do mesmo registo, para verificar os avanços entretanto verificados poderia ser feito um breve acareamento com a primeira parte do *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* (c. 1233) de João de Rochela, onde se discutem onze definições de alma⁸⁰⁴, dez das quais iremos depois encontrar na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano Portugalense.

Não parece necessário insistir quanto à importância da chegada e difusão das obras de Aristóteles através de traduções arabo-latinas e greco-latinas, ao longo do século XII e do século XIII, que contribui para a agitada redefinição de um novo perfil filosófico do ocidente latino⁸⁰⁵.

Está ainda por fazer a história da recepção medieval do *corpus* aristotélico em todos os seus detalhes, mas é conhecida a atenção depressa atribuída ao *De anima*⁸⁰⁶, bem como ao *Liber de anima* de Avicena, traduzido pouco antes da própria obra de Aristóteles e que tanto haveria de determinar a sua recepção, mas também ao grande comentário de Averróis

⁸⁰³ *De spiritu et anima*, cap. XIII, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 40, Paris 1887, col. 788-789. Sobre esta compilação de excertos agostinianos e de outros autores, veja-se mais à frente.

⁸⁰⁴ JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris 1964, pp. 53-68.

⁸⁰⁵ Cfr. B.G. Dod: «Aristoteles latinus» e Ch. Lohr: «The Medieval Interpretation of Aristotle», cit., pp. 45-79 e 80-98, respectivamente.

⁸⁰⁶ G. VERBEKE: «Les progrès de l'Aristote latin: le cas du *De anima*», em J. Hamesse — M. Fattori (ed.): *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV.e siècle*, Louvain-la-Neuve — Cassino 1990, pp. 187-201; G. VERBEKE — J. BRAMS: «L'Aristote latin et les commentaires latins médiévaux sur Aristote», *Bulletin de philosophie médiévale*, 35 (1992) 9-22; J. BRAMS: «The Latin Aristotle and the Medieval Latin Commentaries», *Bulletin de philosophie médiévale*, 39 (1997) 9-22.

traduzido por volta de 1220. É no meio universitário que a recepção de Aristóteles fará desenvolver toda uma dinâmica de renovação do quadro das ciências (com as quais passará a ser em boa parte identificada), que mobiliza também um vasto conjunto de outras obras filosóficas e científicas⁸⁰⁷. Como já foi referido, o *De anima* de Aristóteles, devido à natureza e implicações dos problemas que faz discutir, nomeadamente a sua inserção no quadro das ciências naturais, ou as questões da natureza e unidade do homem ou o problema do intelecto e do conhecimento, está no centro dessas discussões.

Desde o levantamento tácito, ou explícito em 1252 e 1255, do interdito sobre os *libri naturales* e a Metafísica de Aristóteles, entre outras obras, lançado em 1210-1215 na Universidade de Paris pelo cardeal e legado pontifical Roberto de Courçon, livros que Gregório IX em 1231 queria ver expurgados de erros suspeitos por uma comissão, o *De anima* haveria de se tornar um dos livros de texto mais importantes dos programas de estudos na Faculdade de Artes de Paris (e por mimetismo na generalidade das outras universidades com ensino de Artes)⁸⁰⁸. No espaço de pouco mais de três décadas os textos de Aristóteles passam da proscrição doutrinal à prescrição escolar⁸⁰⁹. Não pode, por isso, ser ignorado o seu

⁸⁰⁷ Apesar da sua importância histórica, a recepção de Aristóteles não é uniforme e também suscita reacções: «Sans qu'il soit question de céder au simplisme prétendant que la philosophie du treizième siècle parisien se résume en l'aristotélisme, un constat s'impose: l'essor des savoirs et la transformation des acquis doctrinaux à Paris sont dus à la rencontre du vaste ensemble d'ouvrages scientifiques et philosophiques grecs et arabes patronné par Aristote. Le nom même du philosophe grec symbolise à ce point le moteur de la curiosité et de l'invention générales qu'il se surcharge sans tarder à la fois d'un halo d'autorité exagérée et parfois mythique et d'un pouvoir correspondant d'irritation allergique», É.-H. WEBER: *La personne humaine au XIIIe siècle*, cit., pp. 2-3.

⁸⁰⁸ «Bien que la commission nommée pour examiner les livres défendus semble ne jamais avoir mené à bien son travail, on fit comme si elle l'avait fait: les cours sur la métaphysique et la philosophie naturelle d'Aristote, notamment sur le *De anima*, reprirent si bien que la nation anglaise en 1252 et toute la faculté en 1255 les rendirent obligatoires. / On ne s'étonnera donc pas de constater que le *De anima* figure en bonne place dans les programmes d'étude de cette époque», R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima* (Opera Omnia t. XLI*1) Roma — Paris 1984, p. 236a*.

⁸⁰⁹ Uma nova e documentada interpretação destes factos encontra-se no cap. «De la proscription à la prescription d'Aristote», a pp. 91-127 do livro de L. BIANCHI: *Censure et liberté intellectuelle à l'Université de Paris (XIIIe-XIVe siècles)*, cit. Sobre a entrada oficial do *De anima* e do *corpus* aristotélico nos planos de estudos da Faculdade de Artes de Paris de 1252 e 1255, sem que tenha sido cumprido o plano de expurgo determinado por Gregório IX, cfr. pp. 123-127, onde se realça a ruptura epistemológica que esta identificação entre essas obras e o percurso didáctico de formação científica básica dos estudantes representa na história das ciências e da filosofia do ocidente latino. O aristotelismo passava a ser a filosofia de prestígio e autoridade indisputados, havendo ainda assim a assinalar nos anos seguintes (1270, 1277) a interdição de certas teses consideradas contrárias à fé, mas sem que as obras de Aristóteles elas próprias venham a ser postas em causa. Sobre a chamada “redescoberta” de Aristóteles na primeira metade do século XIII a literatura é abundante e seria desnecessário desdobrá-la em todos os seus pormenores; para os temas antropológicos e noéticos que aqui mais nos interessam, veja-se, por exemplo: É.-H. WEBER: *La personne humaine au XIIIe siècle*, cit., pp. 2-12.

papel de primeiro plano na redefinição didáctica e epistemológica das relações entre as ciências, bem assim como do esforço de constituição de uma ciência do homem⁸¹⁰.

Contudo, convém ter presente que a história da recepção da Aristóteles também é a história dos avanços e recuos da influência de obras de outros autores como Agostinho, Avicena, Averróis ou Algazel, apenas para referir alguns nomes da letra A, como já alguém disse.

As obras psicológicas atribuídas a Pedro Hispano só podem ser compreendidas se as colocarmos no horizonte da literatura sobre a alma que circulava na primeira metade do século XIII, quando foram seguramente escritas. No breve conspecto que se segue ter-se-ão sobretudo em conta as obras que têm alguma relação com qualquer dos textos sobre a alma atribuído a Pedro Hispano e que por uma ou outra razão poderão vir a ser citados ao longo deste capítulo. Por uma questão de método será feita referência a: I. A literatura latina sobre a alma até ao século XII (pré-aristotélica); II. A entrada de Aristóteles: as traduções do *De anima*; III. O aristotelismo e os peripatetismos greco-árabes; IV. A patrística grega; V. Tratados sobre a alma após a tradução de Avicena e Aristóteles; VI. Os tratados *De anima* no âmbito das grandes sumas de Teologia; VII. Os comentários sobre o *De anima*.

I. A literatura latina sobre a alma até ao século XII (pré-aristotélica)

A reflexão sobre a alma é uma constante do pensamento cristão latino desde a sua origem patrística. É certo que da antiguidade provêm diversos textos, embora de difusão limitada, como o *De anima* de Tertuliano⁸¹¹, ou o de Cassiodoro⁸¹², mas outras obras de natureza enciclopédica, como as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha⁸¹³, carreavam abundante material sobre a alma e o homem. Assim como obras de compiladores como Rábano Mauro⁸¹⁴, que colhem abundantemente na obra de Agostinho de Hipona, que, embora não tenha escrito uma obra onde discutisse a alma por si mesma ou como tema filosófico e

⁸¹⁰ Cfr. C. LOHR «The New Aristotle and ‘Science’ in the Paris Arts Faculty (1255)», em Olga WEIJERS — Louis HOLTZ (eds.): *L’enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIIIe siècle (Paris et Oxford, XIIIe - XVe siècles)*, Turnhout 1997, pp. 251-270.

⁸¹¹ TERTULIANO: *L’anima (De anima)*, a cura di M. Menghi, pres. di M. Vegetti, (Letteratura universale Marsilio- Il convivio) Marsilio Venezia 1988, obra de c. 210, onde Tertuliano critica o dualismo platónico afirmando a corporalidade da alma, mas em sentido estóico, reafirmando simultaneamente a sua imortalidade. A influência da obra no século XIII parece ser nula, senão mesmo desconhecida.

⁸¹² CASSIODORO: *De anima*, ed. J.W. Halporn, em *Magni Aurelii Cassiodori Senatoris Opera*, pars I (Corpus Christianorum. Series latina, 96) Brepols, Turnhout, 1973, pp. 534-575.

⁸¹³ ISIDORO DE SEVILHA: *Etimologias*, 2 vol., ed. J. OROZ RETA — M.-A. MARCOS CASQUERO, introd. M.C. DÍAZ Y DÍAZ, Madrid 1993.

⁸¹⁴ RÁBANO MAURO: *Tractatus de anima*, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 110, Paris 1864, col. 1109-1120.

natural, dedicou-lhe constante atenção ao longo da sua extensa obra, que inclui diversos títulos onde a questão da alma humana constitui o seu núcleo de reflexão⁸¹⁵.

É nesta tradição que entronca o verdadeiro renascimento e renovação do estudo da alma durante o século XII⁸¹⁶, quer na sua vertente espiritual de inspiração monástica, quer mesmo no aparecimento de interesses mais marcadamente naturalísticos, por exemplo a propósito da compreensão dos seis dias da criação, onde mais uma vez, a questão antropológica é fulcral. De todos os textos escritos sobre a alma no século XII o mais influente é seguramente o *De spiritu et anima* em um livro, uma compilação de excertos de diversos autores, desde Agostinho, a Genádio, a Hugo de S. Victor, obra que os medievais atribuíam ao próprio S. Agostinho⁸¹⁷, como o faz o Pedro Hispano da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*⁸¹⁸. O opúsculo tem sido atribuído a Alcher de Claraval (cfr. a *Admonitio* da própria Patrologia latina, col. 779), mas continuam a faltar argumentos definitivos que sustentem esta atribuição. A obra exercerá uma extraordinária influência, atestada pelo número de manuscritos subsistentes e pelo prestígio de que goza entre os filósofos e teólogos dos séculos XIII e XIV, que a citaram abundantemente⁸¹⁹. Não é o único texto sobre a alma compilado em obras de Agostinho, outros tiveram menos sucesso, embora

⁸¹⁵ Vejam-se por exemplo obras de interesse espiritual, teológico ou mesmo exegético como o *De ordine*, o *De quantitate animae*, o *De libero arbitrio* e sobretudo o *De Trinitate*. Para uma tentativa recente de reconstituição de uma filosofia da alma em Agostinho, ver G. O'DALY: *Augustine's Philosophy of Mind*, Duckworth, London 1987; para uma tentativa medieval ver o *De spiritu et anima*, uma compilação que se refere a seguir e que na Idade Média era precisamente atribuída a Agostinho, tentando assim suprir o que o hiponense não havia escrito de modo sistemático.

⁸¹⁶ Uma apresentação das teorias psicológicas da alma até este período encontra-se em C.H. TALBOT: «Ailred of Rievaulx: De anima», *Mediaeval and Renaissance Studies*, Supplement I (1952) 1-164, pp. 32-47.

⁸¹⁷ *De spiritu et anima*, ed. J.-P. Migne, cit., col. 779-832.

⁸¹⁸ Cfr. as citações explícitas em Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso, pp. 61, 4-5 (Sicut dicit Augustinus in principio de anima), 64, 68, 114-115 (dicit Augustinus in libro de anima), 164 (sicut dicit Augustinus in principio de anima), 279, 385, 394 (ab Augustino in libro de anima), 451, 567, 589, 668, 710. Sobre estas citações, ver ed. Alonso, p. 779, n. 1.

⁸¹⁹ Por toda a diversa bibliografia ver É.-H. WÉBER: *La personne humaine au XIII^e siècle*, pp. 24-29, onde se estuda principalmente a questão da relação alma-corpo mostrando-se que o *De spiritu et anima*, por se basear sobretudo nas obras de juventude de Agostinho sobre a alma, transmite um dualismo sem reservas, dualismo que as obras tardias de Agostinho atenuariam, mas das quais nada é retomado na compilação a propósito desta questão (cfr. pp. 29-35). O autor assinala que a fórmula das duas substâncias, ideia fundacional do dualismo, que se encontra no cap. 3 («*Homo quibus constet. Ex duabus substantiis constat homo, anima et carne; anima cum ratione, carne cum sensibus suis: quos tamen sensus non movet caro absque animae societate; anima vero rationale suum tenet sine carne*», col. 781, que em aparato assinala: «Ex Gennadio, lib. de Dogmat. Eccles.») e no cap. 49 (onde repete «*Ex duabus substantiis constat homo, anima et carne; anima cum ratione, carne cum sensibus suis*», col. 815) é de facto retomada de Genádio, mas os autores medievais atribuí-la-ão, como o resto da obra, ao próprio S. Agostinho (cfr. p. 29 e p. 25 n. 41).

mais rigorosos na compilação como é o diálogo *De anima et de Deo*, de cerca de 1110-1122, atribuído a Honório de Autun⁸²⁰.

Diversos outros textos do século XII de tradição agostiniana têm a alma como tema principal, de entre essas alguns poucos exemplos: *O diálogo sobre a alma* de Aelredo de Rievaulx⁸²¹, a *Carta sobre a alma* de Isaac de Stella⁸²², ou o *De unione spiritus et corporis* de Hugo de S. Victor⁸²³,

Todos estes textos, embora neles possa ecoar algo de Aristóteles por longínquas fontes, são estranhos ao movimento literário e filosófico que se iniciará com a tradução para latim do *A alma* (Pery psyches) de Aristóteles e de outras obras relacionadas com a tradição peripatética do estudo da alma que, como sabemos, desde a antiguidade e sobretudo no seu percurso árabe se desenvolveu em combinação com mais ou menos profundas influências neoplatónicas.

II. A entrada de Aristóteles: as traduções do *De anima*

O de *De anima* teve três traduções: duas a partir do grego, a primeira das quais foi realizada no século XII (*translatio vetus*) por Tiago de Veneza⁸²⁴. A segunda tradução foi realizada a partir do árabe, também no século XIII, por Miguel Escoto, integrada no Grande Comentário de Averróis sobre o *De anima*⁸²⁵. A terceira tradução resulta de um novo confronto da antiga tradução de Tiago com novos manuscritos gregos por Guilherme de Moerbeke já na segunda metade do século XIII (*translatio nova*)⁸²⁶.

A *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* atribuída a Pedro Hispano é seguramente um dos primeiros, senão mesmo o primeiro, dos comentários do *De anima* escritos em latim. É, por isso, um comentário também determinado pela restante literatura que circulava anexa à obra do filósofo. A *Scientia libri de anima* revela um bom conhecimento do

⁸²⁰ HONÓRIO DE AUTUN: *De anima et de Deo, quaedam ex Augustino excerpta, sub dialogoa exarata*, ed. M.-O. Garrigues, *Recherches augustinienes* 12 (1977) 212-278.

⁸²¹ AELREDO DE RIEVAULX: *Dialogus de Anima*, em *Aelredi Rievallensis, Opera Omnia 1: Opera Ascetica* ed. A. HOSTE — C.H. Talbot, Turnhout 1971, pp. 683-754; cfr. C.H. TALBOT: «Ailred of Rievaulx: De anima», cit.

⁸²² ISAAC DE STELLA: *Epistola ad quemdam familiarem suum De anima*, ed. J.-P. Migne, *Patrologia latina*, vol. 194, col. 1875-1890.

⁸²³ Em A.M. PIAZZONI: «Il De unione spiritus et corporis di Ugo de San Vittore», *Studi medievali* 21 (1980) 861-888.

⁸²⁴ Tradução ainda não publicada na série Aristoteles latinus. Edição integral mais recente por R.-A. Gauthier: Anonymi, magistri artium (c. 1245-1250): *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata* (Ms. Roma Naz. V. E. 828), Grottaferrata 1985 (passim); para outras edições, ver aqui a Bibliografia final.

⁸²⁵ Tradução publicada em AVERRÓIS: *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. F.S. Crawford, Cambridge (Mss.) 1953 (passim).

⁸²⁶ Existe uma edição recente por R.-A. GAUTHIER, em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, (Opera Omnia t. XLI*1) Roma — Paris 1984 (passim).

De anima (por exemplo a propósito do intelecto agente ou do agir), mas prefere em geral as posições aviceneanas, devidamente enquadradas numa concepção criacionista e cristã do homem e do mundo.

III. O aristotelismo e os peripatetismos⁸²⁷ greco-árabes

Para compreendermos a recepção de Aristóteles no mundo latino, convém antes de mais recordar, como o faz Alain de Libera que «L'aristotélisme n'est pas toute la pensée médiévale» e que por isso seria um erro tentar compreender o pensamento medieval apenas à luz de um aristotelismo puro e integral que os medievais nunca conheceram. O seu lugar, importância e limites do pensamento de Aristóteles na Idade Média caracteriza-se por três factos centrais: «1) la connaissance d'Aristote par les latins est un phénomène tardif — elle commence environ sept cents ans après la chute de l'empire romain d'Occident, 2) c'est un phénomène ambigu, compte tenu des nombreux apocryphes — y compris hermétiques — incorporés par la tradition interprétative, 3) c'est un phénomène surdéterminé, compte tenu du recouvrement du texte aristotélicien par les commentaires ou les lectures du péripatétisme arabe — en vérité, in aristotélisme néo-platonisant⁸²⁸.»

A recepção latina do *De anima* de Aristóteles foi de facto antecipada ou acompanhada por uma mole de textos verdadeiramente notável, onde podemos distinguir uma orientação mais peripatética, ou seja daqueles que se pretendiam resolutamente seguidores de Aristóteles (veja-se o caso de Averróis), e uma outra de pensadores que procuravam uma via própria, embora ainda na esteira de Aristóteles mas abrindo-se a influências neoplatónicas (veja-se o caso de Avicena), uns e outros acompanhados por diversos outros textos de tradição neoplatónica que circulavam directamente atribuídos a Aristóteles, como era o caso de uma *Theologia Aristotelis*, compilação que integra uma paráfrase das *Eneadas* IV-VI de Plotino⁸²⁹, e mesmo o *Liber de causis*⁸³⁰, obra de metafísica neoplatónica, estruturada sob a forma de

⁸²⁷ Sobre a distinção, nos autores medievais, entre Aristóteles, aristotelismo e peripatetismo ver A. de Libera: «Épicurisme, stoïcisme, péripatétisme. L'histoire de la philosophie vue par les latins (XIIe-XIIIe siècle)», em A. HASNAWI — A. ELARAMNI-JAMAL — M. AOUAD (eds.), *Perspectives arabes et médiévales sur la tradition scientifique et philosophique grecque. Actes du colloque de la SIHSPAI (Société internationale d'histoire des sciences et de la philosophie arabes et islamiques). Paris, 31 mars – 3 avril 1993*, (Orientalia Lovaniensia Analecta, 79), Institut du Monde Arabe - Peeters, Paris - Louvain 1997, pp. 343-364; o *peripatetismo* é entendido, por exemplo por um Alberto Magno, como uma platonização do aristotelismo, cfr. p. 362.

⁸²⁸ A. de LIBERA: *La philosophie médiévale*, (Premier Cycle) Paris 1993, p. 363.

⁸²⁹ Sobre esta obra, a sua constituição (c. séc. VI) e seu aparecimento no mundo árabe do séc. IX (III da Hégira), cfr. A. de LIBERA: *La philosophie médiévale*, cit. n. anterior, pp. 76-78.

⁸³⁰ Obra foi traduzida do árabe por Gerardo de Cremona cerca de 1187, em Toledo, continuando a disputar-se sobre a sua autoria, por agora anónima. Texto, estudo e trad. do *Liber de causis* em P. MAGNARD — O. BOULNOIS — B. PINCHARD — J.-L. SOLÈRE: *La demeure de l'être. Autour d'un anonyme. Étude et traduction du Liber de causis*, Paris 1990, pp. 37-84 (texto lat. e trad. franc.). Para

proposições ou sentenças, cada um deles seguido de comentário, sendo o todo principalmente compilado a partir dos *Elementos de teologia* de Proclo⁸³¹, mas também com identificada influência das *Eneades* de Plotino, por um autor monoteísta que assim esbateu o que no texto de Proclo ia em sentido contrário. O *Liber de causis* é citado diversas vezes no comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano⁸³² e provavelmente também o podemos associar a algumas teses da *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano (ver à frente).

O *Liber de anima* de Avicena⁸³³ (habitualmente designado como o maior filósofo do islão oriental, 980-1037 A.D.) foi composto por volta de 1021 (412 da Hégira) e traduzido para latim pouco antes da própria obra de Aristóteles. O seu conteúdo espiritualista facilitou um rápido e generalizado acolhimento no mundo latino, que determinou profundamente a própria recepção da obra de Aristóteles e lhe granjeou uma autoridade que apenas decaiu por volta de 1250 quando o próprio *De anima* Aristóteles passa a estar livre da interdição de ser lido em público nas escolas de Paris⁸³⁴. O *Liber de anima* dos latinos é a tradução do sexto

além do estudo introdutório deste volume, vejam-se J.-L. SOLÈRE: «Livre des causes (Liber de causis)», em *Encyclopédie philosophique universelle*, Vol. III: *Les oeuvres philosophiques. Dictionnaire*, vol. I, PUF, Paris 1992, pp. 676a-682a e C. D'ANCONA COSTA: *Recherches sur le Liber de causis*, Paris 1995. Sobre a recepção da obra nos séculos XII e XIII ver A. FIDORA — A. NIEDERBERGER: *Von Badad nach Toledo. Das "Buch der ursachen" und seine Rezeption im Mittelalter*, Mainz 2001, pp. 205-247, onde nenhuma das obras atribuídas a Pedro Hispano é citada.

⁸³¹ Sobre a obra e descoberta da sua natureza por Tomás de Aquino, que identificou os excertos de Proclo usados, cfr. A. de LIBERA: *La philosophie médiévale*, (Premier Cycle) Paris 1993, pp. 78-81.

⁸³² O *Liber de causis* (sobre esta obra ver atrás, cap. 1.1) é citado no comentário sobre o *De anima* com o título *Liber de causis*, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso, p. 123, 17; 154, 24; 185, 11; 217, 6; 292, 25-26; 432, 19-22; 433, 17-21; 435, 6-7; 506, 9; o editor atribui a obra a Ibn Dawud, atribuição hoje rejeitada (cfr. estudos cit. na penúltima nota). A pp. 432, 21-22 e 433, 21 refere-se à obra com as expressões «dicit commentator ibi quod», «dicit commentator quod», expressões que me levaram outrora a sugerir que Pedro Hispano estaria a atribuir ou a associar a obra a Averróis, por antonomásia designado na Idade Média como o comentador J.F. MEIRINHOS «La antropología de Pedro Hispano Portugalense...», cit., p. 139, IDEM: «Petrus Hispanus Portugalensis? ...», cit., p. 67; de facto não se trata de referência a Averróis mas sim de um indício sobre o modo como era então interpretada a estrutura da obra, pois na Idade Média entendia-se que cada um dos capítulos, 38 ou 33 no total segundo as diferentes ordenações, era encabeçado por um axioma a que se seguia o respectivo comentário. Pedro estava portanto a citar estes comentários, pressupondo que eram de autor diferente do do próprio axioma. Nas *Questiones super libro De crisi et super libro De diebus decretoriis <Galenus>* de Pedro Hispano (ms. Madrid, BN, 1877, f. 250rb) o *Liber de causis* também é citado com referência ao *commentator*.

⁸³³ Edição crítica: AVICENA: *Liber de anima seu Sextus de naturalibus*, 2 vol., Éd. critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet. Introductions sur la doctrine psychologique d'Avicenne par G. Verbeke, (Avicenna Latinus), Louvain — Leiden 1972-1968.

⁸³⁴ Sobre o assunto existe uma obra fundamental: D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West: The Formation of a Peripatetic Philosophy of the Soul 1160-1300*, London—Torino 2000, veja-se do mesmo autor o estudo sobre o declínio da influência de Avicena na cena filosófico-psicológica a partir de meados do século XIII: IDEM: «Aristotle versus Progress: The Decline of Avicenna's "De anima" as a Model for Philosophical Psychology in the Latin West», em J.A. Aerts — A. Speer (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 25. bis 30. 1997 in Erfurt, Berlin 1998, pp. 871-880.

livro da II parte da monumental obra *as Shifa'* (*A cura*), que engloba livros sobre as ciências físicas: Física, O céu, Geração e corrupção, Meteorologia, Mineralogia, Alma, Botânica, Zoologia, todos traduzidas para latim em Toledo⁸³⁵. A *as Shifa'* tem como quarta parte a *Metafísica* (também traduzida para latim), e inclui ainda a *Lógica* (I) e a *Matemática* (III). Avicena compôs esta obra entre 411 e 418 (1020 a 1027 d.C., terminada portanto cerca de dez anos antes da sua morte) a pedido dos seus discípulos de Hamadan para suprir a carência de obras filosóficas, a que o filósofo anuiu, mas propondo-lhes, em vez de comentários, o que dele mesmo tinha na sua mente sobre essas ciências *per modum expositionis*⁸³⁶. O carácter enciclopédico da obra, o estilo directo de interlocução, sobretudo o estilo manualístico como está elaborada explicam o sucesso que teve tanto no mundo árabe como no mundo latino⁸³⁷. O *De anima* de Avicena contém partes textualmente copiadas de uma obra precedente do autor, o *Estado da alma humana* sobre o “fruto” da Física⁸³⁸, que os latinos não conheceram⁸³⁹. No prefácio de *A cura*, que também não foi traduzido para latim, Avicena apresenta o seu plano e afirma-se conscientemente como reformador da tradição aristotélica⁸⁴⁰, por isso e apesar das afinidades que com ela possa ter, é incorrecto designar esta obra como comentário ou paráfrase da homónima obra de Aristóteles. A tradução para latim, dedicada ao arcebispo João de Toledo que a havia solicitado e pagou, foi realizada em Toledo por Ibn Daoud e Gundissalino, em data incerta entre 1152 e 1666⁸⁴¹. A importância desta tradução e de outras obras filosóficas de Avicena (sobretudo a *Metaphysica* mas também a *Logica*, a que

⁸³⁵ Edição de diversos volumes por S. Van Riet na série “Avicenna latinus” onde está incluída a referida edição do *Liber de anima*.

⁸³⁶ Cfr. D. GUTAS: *Avicenna and the Aristotelian Tradition. Introduction to Reading Avicenna's Philosophical Works*, Leiden 1988, pp. 101-106. Na *Cura* Avicena segue uma ordem das ciências em acordo com a tradição aristotélica, que aliás já se encontrava na sua primeira obra filosófica, *O compêndio sobre a alma*, a propósito dos modos de aquisição pela alma racional da forma inteligível através do silogismo e da descoberta por demonstração, cfr. IDEM, *ibidem*, pp. 16-19.

⁸³⁷ «Avicenna's *Sufficiency* (*Shifa'*), as its title implied, provided a full curriculum in philosophy and, partly because it gave clear-cut answers rather than left questions hanging in the air, it was easier to manage than the several books of Aristotle's philosophy and was consequently popular», C. BURNETT : «The Translating Activity in Medieval Spain», em S.K. Janyusi (ed.), *The Legacy of Medieval Spain*, Leiden—Boston—Köln 2000 (1ª ed. 1994), vol. II, pp. 1036-1058, cfr. p. 1050.

⁸³⁸ Sobre esta obra, escrita por volta de 404 (1014 d.C.), cfr. D. GUTAS: *Avicenna and the Aristotelian Tradition*, cit., p. 108; a mesma obra também foi usada na composição de *A salvação* (*Najat*), cfr. IDEM, pp. 99-100 e 112-114.

⁸³⁹ Sobre a filosofia da alma nas principais obras de Avicena, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 3-4.

⁸⁴⁰ Avicena considerava-se a si mesmo um peripatético, mas foi ganhando consciência do seu contributo pessoal para a história da filosofia, evolução acompanhada por alterações na sua apreciação de Platão (em geral desvalorizado), Aristóteles (de uma tradicional adulação até uma apreciação respeitosa mas crítica) e à tradição aristotélica (é sempre crescente a sua demarcação relativamente aos principais autores aristotélicos). Sobre tudo isto cfr. GUTAS, cit., pp. 286-296.

⁸⁴¹ As circunstâncias, método, tradutores e difusão da tradução foram estudadas por S. Van Riet: «La traduction latine du “De anima”», em *Avicenna latinus: Liber de anima seu Sextus de naturalibus*, ed. S. Van Riet, cit., vol. I, Louvain — Leiden 1972, pp. 91*-156*.

poderíamos acrescentar as partes do *Canon medicinae* sobre a alma) e o sentido da sua influência⁸⁴² foi sublinhado por Alain de Libera ao salientar que a sua difusão é mesmo um pouco anterior à das obras de Aristóteles, mas sobretudo porque a sua orientação mais espiritualista e influenciada pelo neoplatonismo, concilia e orienta em simultâneo para a racionalidade da ciência do ser enquanto ser e para a racionalidade religiosa de uma ciência divina, isto é, de um Deus transcendente⁸⁴³. No cruzamento de ambas emergem os argumentos sobre a alma humana e a perfectibilidade realizada através do conhecimento, que encontramos por exemplo na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano na teoria aviceniana dos quatro graus do intelecto.

A *Metaphysica* de Algazel (*Intenções dos filósofos* no original)⁸⁴⁴, cujo verdadeiro objectivo de crítica da filosofia os latinos não conheciam por não ter sido traduzida a segunda parte da obra (intitulada *Refutações dos filósofos*), reproduz as grandes linhas do pensamento de Avicena, introduz-lhe alguma sistematização na apresentação das matérias e apresenta algumas diferenças terminológicas por exemplo relativamente às faculdades da alma (em parte devidas à tradução). Exerceria também decidida influência no mundo latino. De facto a *Metaphysica* latina inclui duas partes; a *Metaphysica* (nas pp. 1-129 da ed. Muckle) e a *Physica* (pp. 130-197) que inclui nos Tr. IV e V a secção *De anima vegetabili et animali et humana* (pp. 162-197)⁸⁴⁵.

O grande comentário do árabe Averróis (Córdova 1226-Marraquexe 1198) sobre o *De anima* de Aristóteles tem uma orientação completamente diversa da da obra de Avicena. Através da tradução latina por Miguel Escoto realizada por volta de 1220⁸⁴⁶, Averróis

⁸⁴² Sobre a influência de Avicena nos diferentes ramos do saber no mundo latino medieval ver os estudos reunidos em J. JOLIVET — R. RASHED (ed.): *Études sur Avicenne*, Paris 1984.

⁸⁴³ «On oublie trop souvent que les latins ont connu Avicenne avant q'Aristote n'ait été intégralement traduit. En réalité, s'il y a eu au XIII^e siècle une philosophie et une théologies dites "scolastiques", c'est d'abord parce que Avicenne a été lu et exploité dès la fin du XII^e siècle. C'est Avicenne, non Aristote, qui a initié l'Occident à la philosophie. À ce propos on ne peut se contenter de dire que l'élève a été connu avant le maître. Ibn Sina était un philosophe et un soufi. Sa pensée doit beaucoup à Aristote, elle doit aussi beaucoup à d'autres sources, religieuses ou philosophiques. Le néoplatonisme y est omniprésent. (...) C'est donc avec Avicenne que l'influence de la pensée musulmane sur le Moyen Age latin prend son premier et véritable contour: cet auteur n'initie pas seulement l'Occident à la raison, à son usage profane, en un mot à la science, il l'introduit aussi à la rationalité religieuse, à une rationalité très stricte mise, pour la première fois et rigoureusement, au service d'une religion monothéiste.», A. de LIBERA *Penser au Moyen Age*, cit., p. 112

⁸⁴⁴ ALGAZEL: *Metaphysica*, em *Algazel's Metaphysics* a Medieval Translation, ed. J.T. Muckle, Toronto 1933.

⁸⁴⁵ Uma sinopse dos capítulos da tradução latina (onde se encontra a expressão *dator formarum* para designar a inteligência agente, expressão que é habitualmente atribuída a Avicena) relativos à alma encontra-se em E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., pp. 76-79.

⁸⁴⁶ AVERRÓIS: *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. F.S. Crawford, Cambridge (Mss.) 1953; para o acesso ao texto e ao pensamento de Averróis é indispensável a tradução e

exerceria uma influência indisputada através dos seus comentários da obra do estagirita, influência não só no plano do método, mas também no da doutrina, e estaria na origem de uma orientação chamada “averroísta” do pensamento latino, particularmente activa nas faculdades de artes em partir em Paris a partir de meados do século XIII, caracterizada pelas posições em torno de dois problemas conexos: a unicidade do intelecto humano e a felicidade filosófica. O comentário de Averróis, com o texto integral de Aristóteles que comenta excerto a excerto, foi traduzido para latim por Miguel Escoto em data incerta, por volta de 1220. É o único comentário sobre a obra de Aristóteles usado na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* de Pedro Hispano.

Há uma impressionante quantidade de outras traduções que influenciam a discussão sobre a alma. Os comentários citam abundantemente estes textos seja para os rebater, seja para neles colher argumentos ou para fundamentar interpretações sobre problemas particulares. Por exemplo na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* atribuída a Pedro Hispano, para além de Avicena, Algazel e Averróis, citam-se autores como Maimónides (provavelmente a partir de uma compilação, porque não é evidente que o autor conhecesse o *Guia de perplexos*), ou obras como *A fonte de vida* de Avicibrão ou Ibn Gabirol⁸⁴⁷, obra de metafísica neoplatónica cuja teoria do hilemorfismo universal influencia de modo determinante a discussão do problema da relação corpo-alma e aposição definitiva do autor (ver mais à frente). Também é citado três vezes Alfarabi (Alfarabi), sempre sobre o mesmo tema: «*tria opera rationis scilicet dividere, diffinire, colligere*», mas, como assinala o editor, a sua fonte deve ser indirecta, provavelmente Averróis⁸⁴⁸, e também não deveria conhecer o *De intellectu et intellecto*⁸⁴⁹.

Refira-se ainda o importante escrito *De differentia animae et spiritu* ou *De differentia inter spiritum et animam* de Qusta ibn Luqa (c. 830-910 A.D.), Costa ben Luca ou Constanubilus para os latinos, obra de um cristão melquita da Síria tradutor de grego para árabe e autor prolífico. O *De differentia* acolhe diverso material de diversas proveniências, nomeadamente aristotélica, e que foi traduzido para latim em meados do século XII em Toledo por João de Sevilha (e Lima?). Era uma das poucas obras não aristotélicas de ciências

comentário de A. de LIBERA em AVERROËS: *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, Paris 1998.

⁸⁴⁷ AVICEBRÃO: *Avencebrolis (Ibn Gebirol) Fons vitae ex arabico in latinum translatus ab Iohanne Hispano et Dominico Gundissalino ex codicibus Parisinis*, Amploniano columbinum primum edidit Clemens Baeumker, Münster 1895.

⁸⁴⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso 1944, pp. 155, 24-26; 177, 17-18; 219, 15-17 (M. Alonso remete para o comentário de Averróis aos *Analíticos posteriores* I, 1, texto 1).

⁸⁴⁹ ALFARABI: *De intellectu et intellecto*, ed. E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., pp. 115-126, e trad. franc. nas pp. 126-141.

naturais que viria a integrar o curriculum das faculdades de artes, tal era o grau de estima em que era tida⁸⁵⁰.

Para não alongar a lista merece apenas uma menção o conjunto de textos médicos que mais tarde seriam reunidos pelo nome comum de *Articella* e que já se referiram atrás a propósito das obras médicas atribuídas a Pedro Hispano, entre as quais se encontra precisamente o comentário a uma versão alargada desta colecção de textos que inclui obras de Hipócrates, Galeno, Joanício e outros pseudo-epígrafos e que integravam também diversos elementos para o estudo da alma que ora convergiam ora se afastavam dos da tradição filosófica.

IV. A patrística grega

A patrística grega continuará a ter um lugar de primeira importância nas discussões a propósito da alma. Deve mencionar-se em particular a teoria da iluminação que atravessa a obra de Dionísio pseudo Areopagita, e que terá um lugar de relevo ao lado própria teoria da iluminação de Agostinho de Hipona, mas também as concepções gerais de hierarquia e ordem, tantas vezes transpostas para explicar a relação da alma com o corpo, ou a relação entre as faculdades, ou a posição da alma na ordem do mundo, ou até a contemplação mística como superação do conhecimento e do não-conhecimento. As novas traduções de João Sarraceno e de Roberto Grosseteste⁸⁵¹, manterão bem vivo este interesse de que é exemplo, aliás, o comentário a todo o *corpus* dionisiano que está atribuído a Pedro Hispano (cfr. atrás, parte II).

Há dois outros textos provenientes da patrística grega tardia, de orientação diversa da de Dionísio, também traduzidos no século e que terão um lugar importante no âmbito dos problemas de psicologia, sobretudo a propósito da natureza e das faculdades da alma, mas também da vontade.

A primeira é o *De natura hominis* de Nemésio de Emesa, um cristão do séc. V, obra que por erro os latinos atribuíam a Gregório de Nissa, traduzida por Alfano de Salerno no séc. XI e por Burgundio de Pisa no séc. XII⁸⁵².

⁸⁵⁰ Cfr. C. BURNETT: «“Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis” and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 221-267.

⁸⁵¹ Todas as traduções medievais estão incluídas em DIONÍSIO, pseudo Areopagita: *Dionysiaca. Recueil donnant l’ensemble des traductions latines des ouvrages attribués à Denys de l’Arréopage, et synopse manquant la valeur des citations presque innombrables allant seules depuis longtemps remises enfin au moyen d’une nomenclature rendue d’un usage très facile*, 2 vol., par P. CHEVALLIER, Paris 1938 e 1950.

⁸⁵² Esta tradução está editada em *Némésius d’Emèse. De natura hominis. Traduction de Burgundio de Pise*, ed. G. VERBEKE — J.R. MONCHO, Leuven 1975; sobre o autor, a obra e a fortuna das traduções

A segunda destas obras é o *De fide orthodoxa* de João Damasceno, obra de um cristão da Damasco ocupada pelos árabes († c. 675-679), que foi traduzida duas vezes no séc. XII, primeiro na íntegra por Burgundio de Pisa e parcialmente pelo húngaro Cerbanus (cap. 45-52)⁸⁵³, posteriormente Roberto Grosseteste também realizou uma tradução da obra. O *De fide orthodoxa* é a terceira parte de uma obra mais vasta intitulada *Fonte do conhecimento*, a parte traduzida para latim retoma abundantemente o *De natura hominis* de Nemésio de Emesa e o pensamento de Máximo o Confessor a propósito do acto humano e em particular da vontade e problemas conexos.

V. Tratados sobre a alma após a tradução de Avicena e Aristóteles

As traduções das obras de Avicena e de Aristóteles sobre a alma têm rápida difusão, dando origem a uma série de escritos que divulgam as novas teorias. Como estas obras serão referidas mais vezes nos capítulos seguintes assinala-se aqui apenas a sua existência, sobretudo devido à importância que viriam a ter na *Scientia libri de anima*.

Gundissalino, um dos tradutores do *De anima* de Avicena escreve ele próprio uma obra sobre a alma, onde usa abundantemente a obra do filósofo persa⁸⁵⁴. O pequeno *Tractatus de anima* de João Blund, escrito cerca de 1200 também acolhe ainda preferencialmente as posições de Avicena⁸⁵⁵. Haveria ainda lugar a mencionar outros textos que resultam da primeira assimilação latina do pensamento greco-árabe sobre a alma e o corpo, como o *De motu cordis* de Alfredo de Sareshel⁸⁵⁶.

Há diversos opúsculos anónimos, sob a forma de tratados independentes, especificamente dedicados à alma, que divulgam as novas teorias sobre a alma recorrendo quer a Avicena, quer a Aristóteles, começando a acolher o próprio comentário de Averróis, contribuindo para a constituição de um pensamento latino progressivamente mais afirmativo sobre a alma quer no campo da teologia quer no campo da filosofia. São de mencionar dois

latinas, cfr. H.B. WICHER: «Nemesius Emesanus», em F. Cranz (ed.), *Catalogus translationum et commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries*, vol. 6, Washington 1986, pp. 31-72.

⁸⁵³ Ambas as traduções estão publicadas em John Damascen: *De fide orthodoxa. Versions of Burgundio and Cerbanus*, Ed. E.M. BUYTAERT, St. Bonaventure (New York) — Louvain — Paderborn 1953

⁸⁵⁴ GUNDISSALINO: *De anima*, em J.T. MUCKLE: «The Treatise De anima of Dominicus Gundissalinus», introd. by E. Gilson, *Mediaeval Studies*, 2 (1940) 23-103; sobre a obra ver D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 13-18.

⁸⁵⁵ JOÃO BLUND *Tractatus de anima*, ed. D.A. CALLUS — R.W. HUNT, London 1970. Esta obra, provavelmente o primeiro tratado sobre a alma escrito por um mestre de artes, acolhe em simultâneo o *De anima* de Aristóteles e o *Liber de Anima* de Avicena (sobre o avicenismo da obra cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 18-23); quanto à ordenação das faculdades da alma parece ser evidente que prefere e segue Avicena.

⁸⁵⁶ ALFREDO DE SARESHEL: Des Alfred v. Sareshel (Alfredus Anglicus) schrift *De motu cordis*, Hrg. Clemens Baeumker, Münster 1922.

textos anteriores a 1230, o *De anima et de potentiis eius*⁸⁵⁷ e o *De potentiis animae et objectis*⁸⁵⁸, a que voltaremos.

João de Rochela escreveu no final do primeiro terço do século XIII duas obras que têm grande interesse para o nosso tema. O *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* está estruturado como compilação de definições da alma devidamente comentadas (Iª parte) e exposição de diferentes classificações das faculdades da alma na IIª parte⁸⁵⁹. A *Summa de anima* é um tratado que se baseia amplamente no *Tractatus* procurando construir teoria, em vez de se limitar à compilação de posições alheias. As duas obras reúnem sob a forma de tratado o pensamento de diversos autores precedentes, oferecendo assim um manancial de informações e teorias que os mestre posteriores explorariam abundantemente.

A *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano insere-se nesta tradição de tratados autónomos, para além de, como se procurará mostrar, ter nos tratados da primeira metade do século XIII uma das suas principais fontes, não lhes sendo aliás, muito posterior.

É ainda nesta orientação que se pode inserir o tratado *De anima* de Alberto Magno, uma obra de estrutura pessoal que também não pode ser confundida com um comentário⁸⁶⁰.

VI. Os tratados *De anima* no âmbito das grandes sumas de teologia

No âmbito da literatura latina merecem ainda menção as grandes sumas de teologia da primeira metade do século XIII (mas as posteriores manteriam o mesmo quadro), que incluem extensos tratados ou secções *De homine* ou *De anima*, que se fazem eco da generalidade das doutrinas então em discussão. São aliás estas obras de teologia que nos permitem obter um quadro completo das orientações então em discussão e a sua sistematicidade também permite uma outra compreensão da ligação entre os diferentes aspectos do problema da alma discutidos (sobretudo o problema da relação alma-corpo, a imortalidade, o arbítrio da acção, as virtudes morais, etc.) e quais os pontos de fricção que as teorias “pagãs” ou aristotélicas provocavam em choque com a teologia cristã, quer pendesse mais para o agostinismo, quer fosse mais aberta à recepção do aristotelismo. Uma vez que será citado de novo mais à frente, refira-se então como exemplo o tratado *De anima* do *Magisterium divinale et sapientiale* de Guilherme de Alvérnia⁸⁶¹. Guilherme de Alvérnia († 1249), foi bispo de Paris desde 1228,

⁸⁵⁷ Publicado em R.-A. GAUTHIER: «Le traité *De anima et de potentiis eius* d'un maître ès arts (vers 1225). Introduction et texte», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 66 (1982) 3-55.

⁸⁵⁸ Publicado por D.A. CALLUS: «The Powers of the Soul. An Early Unpublished Text», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 19 (1952) 131-170, texto nas pp. 146-170.

⁸⁵⁹ JOÃO DE ROCHELA: *Summa de anima*, ed. J.-G. Bougerol, Paris 1995.

⁸⁶⁰ ALBERTO MAGNO: *De anima*, ed. C. Stroick, (Alberti Magni Opera Omnia, VII, 1) Münster 1968.

⁸⁶¹ GUILHERME DE ALVÉRNIA: *Guilelmi Alverni Episcopi Parisiensis Opera Omnia*, 2 vol., ed. F. Hotot, Orléans-Paris, 1674. A parte relativa à alma está traduzida para inglês em William of

compôs o *De Anima* por volta de 1240, como parte da extensa obra *Magisterium divinale et sapientiale*. O tratado sobre a alma constitui a terceira parte, embora tudo indique que tenha sido a última parte da obra a ser escrita, cujas outras partes são: I *De trinitate*, II *De universo creaturarum*, IV *Cur Deus homo*, V *De fide et legibus*, VI *De sacramentis*, VII *De universo creaturarum*. As fontes de Guilherme talvez incluam já o *Grande comentário* de Averróis sobre o *De anima*.

VII. Os comentários latinos sobre o *De anima*

Continua por estudar ou inédita uma boa parte dos primeiros comentários ao *De anima*, embora tenham sido reunidos bastantes elementos dessa história num excelente estudo do padre Gauthier sobre os comentários da *translatio vetus*⁸⁶². Mesmo assim continua a faltar um estudo de conjunto que reuna os dados adquiridos pela investigação nas décadas mais recentes⁸⁶³, cujo conhecimento é importante mesmo se têm um interesse relativo para o estudo das obras atribuídas a Pedro Hispano apenas porque lhes são posteriores. Os primeiros comentários terão sido realizados no final dos anos 40 (o que está atribuído a Pedro Hispano é seguramente um dos primeiros, senão mesmo o primeiro comentário latino), e é na década de 1250 começa o grande movimento de comentário nos cursos universitários depois de cair em desuso o interdito que desde os anos 20 abrangia também esta obra.

Tudo indica que o *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* de Pedro Hispano seja um dos primeiros, ou mesmo o primeiro dos comentários sobre o *De anima* realizado por autores latinos, daí que neles não encontremos influência de outros comentários.

Na *Scientia libri de anima* não foi até agora possível encontrar a presença de comentários latinos sobre o *De anima*.

*

A literatura filosófica à disposição dos mestres do século XIII é já relativamente abundante e diversificada, embora alguns tendam à ousadia de a conciliar, mesmo para lá do que parece doutrinalmente aceitável. A *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano oferece-nos mesmo um bom exemplo desta tendência.

Auvergne: *The Soul*, transl. R.J. Teske, Milwaukee 2000; e parcialmente traduzida para francês em Guillaume d'Auvergne: *De l'âme* (VII, 1-9), trad. J.-B. Brenet, Paris 1998.

⁸⁶² «Les commentaires de la vetus», por R.-A. GAUTHIER pp. 235+-273* do «Préface», *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima* (Opera Omnia t. XLI*1) Roma — Paris 1984.

⁸⁶³ Por essa razão, como repertório é ainda útil, A.J. SMET: *Initia commentariorum quaestionum et tractatum latinorum in Aristotelis de Anima saeculis XIII, XIV, XV*, [edição dactilografada] Leuven 1963; aguarda-se com interesse a publicação da comunicação: B.C. BAZÁN: «13th Century Commentaries on *De anima*. From Peter of Spain to Thomas Aquinas», comunicação apresentada no colóquio *Il commento filosofico nell'occidente latino (secc. XIII-XV). The Philosophical Commentary in the Latin West (13-15th Centuries)*. Firenze-Pisa 19-22 ottobre 2000.

Nestas confluências de contributos, que não eram dissecados com o rigor do filólogo, mas eram lidos e combinados com a avidez do cientista perante uma nova descoberta, não podemos esperar encontrar teorias restituídas ao seu estado puro e original. As tradições filosóficas contaminam-se, as terminologias são lábeis e nelas se cruzam tradições antagónicas, de tal modo que em alguns pontos se atingem os limites da incompreensão, que hoje o historiador da filosofia deslinda a custo e com apoio em edições críticas de que os medievais obviamente não dispunham. A penetração no sentido do pensamento de Pedro Hispano deve por isso valer-se em primeiro lugar dos próprios textos, da sua história e fontes, inserindo-o também, dentro dos possíveis, no quadro desta literatura de múltiplas orientações.

1.2. Natureza e condições de uma ciência da alma (isto é, do homem)

A partir do século XII a redescoberta de Aristóteles e sobretudo a tradução do *De anima*, criou um novo quadro de referência para o estudo do homem, menos teológico e simbolista. Esta viragem fez-se através de uma complexa e lenta refundação conceptual da questão antropológica no quadro da ontologia (determinação do ser e da essência), da biologia (o corpo e a dinâmica do agir físico), da psico-anatomia (órgãos, funções vitais e localizações cerebrais), da cosmologia (lugar do homem na ordem do universo), da gnosiologia (sentir e conhecer), da noética (natureza do conhecimento e da relação entre o cognoscente, o conteúdo intelectual e a coisa conhecida), da ética (acção moral e fins do homem). É neste novo quadro que Pedro Hispano organizará uma ciência do homem, entendido este como ser composto de corpo e alma, cujo intelecto impõe uma específica marca de superioridade ontológica, gnosiológica e ética. Como se disse atrás, as obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano são parte do cenário de reformulação da ciência do homem no século XIII.

Na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* a principal preocupação do autor é a compreensão da própria obra de Aristóteles, com um dispositivo exegético que em cada lição mobiliza várias abordagens, e mesmo quando entra nas questões e estas parecem exceder a letra do *De anima* de Aristóteles a preocupação continua a ser a mesma, com o autor a subordinar todas as fontes a que recorre a esse mesmo desiderato prioritário que é a compreensão da própria obra de Aristóteles. A *Scientia* tem uma ambição completamente diferente, com o autor pouco sensível a seguir a obra de Aristóteles, não lhe dedicando qualquer interesse hermenêutico, seguindo resolutamente outras fontes, nomeadamente Avicena, preferindo construir uma doutrina da alma que acaba por o levar para longe de Aristóteles, centrando-se sobretudo numa classificação das faculdades da alma, sem descurar a discussão da sua própria natureza ontológica. De facto, não é apenas o interesse doutrinal, a

metodologia literária, como as próprias fontes filosóficas, e consequentemente as doutrinas defendidas, que são profundamente diferentes entre as duas obras.

O pensamento de Pedro Hispano tem sido habitualmente interpretado segundo as influências doutrinárias a que se submete. Retomando certamente a exposição dos irmãos Carreras y Artau, também Joaquín Lomba interpreta a posição doutrinária de Pedro Hispano sob o signo do sincretismo de influências: «Herederero y seguidor de Aristoteles, Boecio, Avicena, prevalece en su metodología científica lo empírico sobre lo racional, tomando de Aristoteles en el plano racional, la abstracción interpretada con la iluminación de Avicena»⁸⁶⁴. Mas, a complexidade da questão merece ser tratada mais de perto, isto, é, tendo em conta as próprias obras e a sua individualidade.

Objecto e lugar da ciência da alma

O *De anima* de Aristóteles não contribuiu só para o nascimento de uma ciência da alma. As reflexões sobre a natureza, o método e o objecto desta ciência, com as quais se inicia o tratado⁸⁶⁵ são mobilizadas no século XIII para uma inversão do quadro teórico fixado pelas sete artes liberais, esquema didáctico-espistemológico depressa ultrapassado sob a avalanche da literatura aristotélica que não se deixava encaixar nesse quadro. Um novo modelo de divisão do saber emerge com e dentro dos comentários que os mestres de artes dedicaram a estas páginas. Tratava-se não apenas de justificar as razões de estudo da obra, salientando os seus méritos como campo do saber, mas também de demonstrar que se tratava de uma ciência em sentido pleno e por isso adequada à sua inserção curricular nas faculdades de artes no âmbito das ciências naturais e das outras obras de Aristóteles. Um exemplo ilustrativo destas discussões é-nos fornecido precisamente pelas *questiones preambulae* e as 6 primeiras lições do livro I da *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* atribuída a Pedro Hispano.

A não existência na tradição de uma ciência da alma coloca Aristóteles, logo na abertura do *De anima*, perante a necessidade prévia de delimitar o seu campo e quais os problemas a que deve procurar resposta. A solução de Aristóteles reparte-se por duas estratégias: (1) enunciar as aporias com que se confronta a discussão da alma (I, cap. 1) e (2) recolher e discutir as opiniões dos antigos⁸⁶⁶ e partilhadas por muitos a propósito da alma, depurando-as e delas retendo o que de coerente e mais geral pode ser admitido (I, cap. 2-5).

⁸⁶⁴ Lomba Fuentes, J., 1974 : 179a

⁸⁶⁵ Cfr. *De anima*, I, 1, 402a1-403b19.

⁸⁶⁶ Entre os autores discutidos e citados encontram-se: Demócrito, Lêucipo, Anaxágoras, Empédocles, Platão, Tales de Mileto, Diógenes de Apolónia, Heráclito, Alcmeon, Hipon, Crítias, os pitagóricos. Sobre os locais exactos da discussão das respectivas posições cfr. R. BODÉÜS: «Présentation», em ARISTOTE, *De l'âme*, cit., p. 27.

A última das aporias sobre as afecções da alma e como devem ser estudadas leva Aristóteles à discussão de qual o objecto próprio da ciência da alma e a quem cabe o seu estudo. A resposta, construída a partir do exemplo da cólera, é que as definições relativas à alma e às suas afecções devem ter em conta quer a matéria quer a forma, pois «é evidente que as afecções exprimem o que é inerente a uma matéria⁸⁶⁷». Por essa razão conclui que «o estudo da alma diz respeito ao físico⁸⁶⁸» ou naturalista porque é ele que dá conta da forma enquanto se realiza numa matéria⁸⁶⁹. E Aristóteles dá como contra-exemplo o matemático, *mathematicus* na tradução latina *vetus*, que se ocupa de entidades ou razões não separáveis da matérias, mas que podem ser abstraídas da matéria (linha, plano, número, etc.) ou o metafísico, *primus philosophus* na tradução latina *vetus*, que se ocupa do que tem uma existência totalmente separada da matéria⁸⁷⁰.

Estas palavras de Aristóteles suscitaram verdadeiro interesse entre os mestres de artes e deram origem a vivas discussões centradas em dois conjuntos de problemas: um lógico-filosófico sobre a forma de definição mais apta a dar conta da natureza da alma⁸⁷¹ e outro metodológico, sobre o lugar a atribuir à ciência da alma no conjunto das ciências naturais, ou seja, dado que o estudo da alma cabe em primeiro lugar ao físico ou naturalista, como se articula a ciência da alma com as outras ciências naturais e qual o seu objecto específico?

Em meados do século XIII a questão é muito debatida, como o mostram as páginas dedicadas ao assunto nos comentários sobre *De anima* e nos resumos escolares de filosofia então redigidos. Discute-se sobretudo se a alma é tema da metafísica ou da filosofia natural, e admitido que faz parte da ciência natural, pergunta-se então qual é o lugar que lhe cabe no seu

⁸⁶⁷ ARISTÓTELES: *De anima* I 1, 403a25; *transl. vetus*: «manifestum est quod passionum rationes in materia sunt». Sobre esta afirmação convém notar que «Aristote ne dit pas que les passions sont l'expression de la matière, mais plutôt qu'elles correspondent à des réalités de nature formelle qui ne vont pas sans une matière corporelle», R. BODÉUS: «Présentation», em ARISTOTE, *De l'âme*, cit., p. 84, n. 3 (p. 85).

⁸⁶⁸ ARISTÓTELES: *De anima*: I 1, 403a27; *transl. vetus*: «physici est considerare de anima».

⁸⁶⁹ Cfr. ARISTÓTELES: *De anima*: I 1, 403b11-13.

⁸⁷⁰ Cfr. ARISTÓTELES: *De anima*: I 1, 403b14-15.

⁸⁷¹ Um outro problema está aqui envolvido, a saber qual a natureza da substância da alma e como forma e matéria entram na sua composição, questões a que se regressará mais à frente. Quanto ao método próprio das ciências naturais diga-se que outras obras atribuídas a Pedro Hispano oferecem uma outra caracterização. No *De animalibus*, ms. de Madrid BN 1877, é tratada a distinção entre as artes liberais e as ciências superiores, tendo em conta as diferenças entre os métodos *causarum assignativus* e *narrativus*. O método das artes é silogístico-dedutivo ou *causarum assignativus*, enquanto que as ciências (teologia, medicina, direito canónico) não possuem tais princípios e são incrementais na extensão dos conhecimentos, utilizam portanto o método narrativo onde se privilegiam não só as conclusões mas as várias passagens de discurso. Mas o *De anima* usa indistintamente os dois métodos. Cfr. S. NAGEL: «Artes, scientiae e medicina nel commento al *De animalibus* di Pietro Hispano», *Bulletin de philosophie médiévale*, 38 (1996) 53-65, a pp. 56-57; ver também T.W. KÖHLER: «*Processus narrativus*. Zur entwicklung des Wissenschaftskonzept in der Hochscholastik», *Salzburg Jahrbuch für Philosophie*, 39 (1994) 109-127, a pp. 114-seg.

interior⁸⁷². Trata-se de saber em particular se o estudo da alma vem (em termos epistemológicos, mas também didáticos) antes ou depois do estudo das plantas (*De vegetabilibus*), antes ou depois dos animais (*De animalibus*) e sobretudo que aspecto ou aspectos da alma são tratados no *De anima*.

Por exemplo, o *Compendium examinatorium parisiense*⁸⁷³, de meados do século XIII, propõe uma sequência de estudo do corpo móvel corruptível enquanto composto de matéria e forma, em que a alma é a sua substância e motor, de acordo com a espécie de cada alma: *De plantis* (anima vegetabilis), *De animalibus* (anima sensibilis), *De anima* (anima rationalis), enquanto a medicina se ocupa da complexão do corpo onde está a alma racional, e um outro conjunto de livros particulares e subalternados se ocupam das diversas paixões e operações da alma com o corpo, ora mais relacionados com a vegetativa, ora com a sensitiva, ora a racional, e que são os quatro opúsculos *Parva naturalia* e o *De motu cordis*.

No prólogo do comentário de Adenulfo de Anagni sobre os *Tópicos* de Aristóteles, de cerca de 1250, encontra-se a mesma distribuição e sequência das ciências naturais que se ocupam do corpo enquanto animado pela alma, e que se dividem segundo as próprias potências da alma: *De vegetabilibus* (corpus animatum anima vegetativa), *De animalibus* (anima sensitiva), *De anima* (anima rationalis), e é ao *De anima* que estão subalternados os 4 opúsculos naturais e sob ele devem ser compreendidos⁸⁷⁴.

Nicolau de Paris, mestre de artes que compôs uma introdução à filosofia entre 1230 e 1240, distribui o estudo do corpo animado pela ciência *De vegetabilibus* (anima vegetabilis), pela ciência *De animalibus* (anima sensibilis), e pela ciência «quae traditur Aristotile in libro *De anima*» (anima rationalis)⁸⁷⁵.

Na *Philosophia* de mestre Olivero Bretão (Oliverus Brito), escrita em Paris por volta de 1260-1270 surge-nos a mesma sequência, mas sem referência à medicina e ao *De motu cordis*, na parte da ciência natural que se ocupa do corpo anima pela alma, surgem o *De*

⁸⁷² Cfr. R.-A. GAUTHIER: «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75. Aubry de Reims et la scission des normands», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 68 (1984) 3-49, em particular as pp. 8-15.

⁸⁷³ §§ 67-72, ed. C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): *Le "Guide de l'étudiant" d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIIIe siècle*, Québec 1992.

⁸⁷⁴ <Divisio totius philosophie Adenulfi de Anagnia>, § 8, em LAFLEUR, Claude — J. CARRIER (coll.): «Le prologue "Triplex est principium" du commentaire d'Adénulfe d'Anagni sur les topiques d'Aristote (extrait)», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international édités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 421-446, sobre a data cfr. p. 422, passagem cit. da p. 438.

⁸⁷⁵ *Philosophia magistri Nicolai Parisiensis*, § 14, ed. C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): «L'Introduction à la philosophie de maître Nicolas de Paris», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international édités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 447-465, sobre a data da obra cfr. p. 448, passagem cit. a pp. 456-457.

plantis (anima vegetativa), *De animalibus* (anima sensitiva), *De anima* (anima intelectiva), a que se anexam os livros sufragâneos, ou seja os 4 opúsculos dos *parva naturalia*⁸⁷⁶.

Assim, neste grupo de autores há uma afirmação do lugar do *De anima* na hierarquia das ciências tendo em conta que esta obra se ocupa do corpo enquanto animado pela alma intelectiva, interpretação particular pois, como sabemos, a obra de facto ultrapassa em muito este estrito âmbito do intelecto, o qual é apenas tratado em alguns capítulos do livro III. Mostra-se assim uma tendência dos mestres de artes para o centramento do estudo da alma na questão do intelecto.

Uma posição diferente encontra-se na *Divisio scientiarum* de Arnulfo de Provença, de cerca de 1250, que também divide o estudo do corpo animado segundo as potências da alma, o qual deve começar pela alma vegetativa (no *De vegetabilibus* sive *De plantis*), mas introduz aí uma ligeira alteração ao considerar que o *De animalibus* se ocupa do corpo enquanto perfectível pela *sensitiva vel intellectiva*, e reserva para o *De anima* o estudo da *anima intellectiva ut est corporis actus* e uma vez que exige a presença no corpo da vegetativa e da sensitiva, estas são aí também determinadas. A este livro se reconduzem e estão subalternados os *parva naturalia*, que se ocupam de afecções de alma que emanam do corpo para a alma e vice-versa⁸⁷⁷. Aqui fica claramente afirmado que o *De anima* se ocupa da totalidade das faculdades da alma, embora à intelectiva seja reservado lugar preeminente.

É desta posição que se aproxima a *Sententia cum questionibus in libros De anima* atribuída a Pedro Hispano, que apresenta uma posição comum entre os mestres parisienses de meados do século XIII. Segundo René-Antoine Gauthier o autor defende que o *De anima* não se ocupa apenas do corpo animado pelo intelecto, como alguns defenderam, mas abarca a alma em todas as suas faculdades⁸⁷⁸.

⁸⁷⁶ *Philosophia magistri Oliveri Britonis*, § 34, ed. C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): «L'Introduction à la philosophie de maître Olivier le Breton», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, sobre a data da obra cfr. p. 472, passagem cit. na p. 483.

⁸⁷⁷ Arnulfi Provincialis, magistri artium parisienses (c. 1250), *Divisio scientiarum*, em C. LAFLEUR: *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle. Textes critiques et étude historique*, Montréal-Paris 1988, pp. 295-355, passagem cit., nas pp. 332-33.

⁸⁷⁸ «Avec Averroès [n.b.: que não é citado] Pierre insiste sur la portée universelle du traité de l'âme: le *De anima* ne traite pas du corps animé par l'âme rationnelle, mais de l'âme elle-même, et dans toute son ampleur. Avec Averroès, Pierre croit qu'il faut étudier la matière avant la forme, le corps avant l'âme. L'étude des sciences de la vie se fait donc, selon lui, en trois étapes. En premier lieu vient la science du corps animé, qui se divise en science du corps animé par l'âme végétative, c'est le *De plantis*, et science du corps animé par l'âme sensitive (que ce soit le corps de la brute ou celui de l'homme), c'est le *De animalibus*. En deuxième lieu vient la science de l'âme, et des opérations qui ont leur principe dans l'âme et leur terme dans le corps, c'est le *De anima*. En troisième lieu enfin vient la science des opérations qui ont dans le corps à la fois leur principe et leur terme, ce sont les *Parva naturalia*.» R.-A. GAUTHIER: «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., pp. 11-12. Deve notar-se que nestas páginas o padre Gauthier faz de Pedro Hispano (cuja obra considera

Utrum de anima secundum omnem sui differentiam determinatur in hac scientia. (...) [sol.] Dicendum est quod quidam posuerunt quod subiectum in hac scientia non nisi corpus animatum anima intellectiva (...). Dicendum est autem quod hic determinatur de anima secundum omnem sui differentiam. (...) [Ad 2um] Ad secundam rationem dicendum est quod in corroer animado sunt triam scilicet <Primum> complexio [compositio, *corr.* Gauthier] corporis et dispositio partium eius et ortus et occasio illarum et sic determinatur de corpore animato in *libro animalium* et *vegetabilium*. Set in *libro animalium* determinatur hoc modo de omni corpore sensibili tam bruti quam hominis. In *libro autem vegetabilium* determinatur hoc modo de omni corpore vegetabili. Secundum, <quod est in corpore animato est anima et operationes> [*corr.* Gauthier] anime que egrediuntur ab anima et terminantur ad corpus et sic determinatur in *libro De anima* de quolibet corpore animato et ideo intitulatur ab anima quia de ipso [sc. corpore] determinatur ratione anime et operationum eius. Tertium, est operationes que proveniunt corpori animato a parte corporis et habent ortum a corpore; et sic determinatur de corpore animato in *Minoribus libris*, ut in *libro de sompno et vigilia*, de *morte et vita*, de *inspiratione et respiratione*⁸⁷⁹.

Segundo R.-A. Gauthier⁸⁸⁰ a posição de Pedro Hispano quanto ao *De anima* como ciência do corpo animado pela alma e ao seu lugar na ordem de estudo das ciências biológicas, é retomada mais ou menos nos mesmos detalhes de argumentação pela *Lectura in Libro de anima a quodam discipulum reportata*⁸⁸¹, pela anónima *Philosophica disciplina*⁸⁸², pela *Divisio scientiarum* de Arnulfo de Provença, e por alguns aspectos do de *De ortu scientiarum* de Roberto Kilwardby⁸⁸³.

No entanto, assinala-o ainda o padre Gauthier, por volta de 1250 emerge uma nova doutrina quanto ao lugar do *De anima*. Para o autor de uma *Divisio scientie*, escrita talvez antes de 1250, a ciência da alma, uma vez que se ocupa precisamente da alma enquanto princípio do corpo animado, é prioritária em relação a qualquer outra ciência que se ocupe da

um curso proferido «peut-être dès 1240 à Toulouse», p. 11) o introdutor da tese do *De anima* como tratado sobre a alma em geral e não apenas do corpo enquanto animado pela alma intelectiva.

⁸⁷⁹ Comm. in *de anima*, q.p., pp. 83-84 (e pp. 177-178); inserem-se as correcções propostas por R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., p. 12.

⁸⁸⁰ R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., pp. 12-15

⁸⁸¹ Cfr. a edição em Anonymi, magistri artium (c. 1245-1250): *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata* (Ms. Roma Naz. V. E. 828), edidit Renatus A. Gauthier, O.P., Grottaferrata (Roma) 1985, pp. 2-3, 71-89.

⁸⁸² Anonymi, magistri artium parisiensis (c. 1245), *Philosophica disciplina*, em C. LAFLEUR: *Quatre introductions à la philosophie au XIII.e siècle. Textes critiques et étude historique*, Montréal-Paris 1988, pp. 255-293, passagem cit., nas pp. 264-265.

⁸⁸³ Robert Kilwardby, O.P., *De ortu scientiarum*, ed. A.G. JUDY, London 1976, pp. 26-27.

alma⁸⁸⁴. Esta anteposição do *De anima* na ordem dos livros naturais também surge em Roberto Kilwardby (op. cit., p. 25, 16-21), Alberto Magno, ou Tomás de Aquino⁸⁸⁵.

É esta a posição que parece ser seguida na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano. O último capítulo da obra, *De huius scientie nobilitate*⁸⁸⁶, é uma verdadeira *laudatio* da ciência da alma, onde é apresentada como a mais nobre de todas as ciências devido à preeminência do seu objecto, à nobreza do seu fim, à dignidade do autor (referência a Aristóteles ou a Avicena, ou ao próprio autor), razão pela qual a *scientia anime excellit alias*, e o seu conhecimento contribui para a compreensão de todas as coisas, em particular dos seres vivos, porque ela própria é o princípio de vida⁸⁸⁷. Parece aqui claro que o autor entende que a ciência da alma é primacial em relação a todas as outras que se ocupam do ser vivo.

Por outro lado, afirmará ainda que o estudo da alma é próprio do físico, ou filósofo natural, porque “examina a alma, as suas faculdades, acções, objectos, accidentes e paixões reduzindo-as à subsistência da matéria e do corpo móvel”, daí a conclusão que reencontra a preeminência antes afirmada da ciência da alma, não para fazer dela o ápice de uma ascensão através de outras ciências que se ocupassem de faculdades específicas da alma, mas para afirmar de modo claro que o estudo dos seres animados deve começar pela estudo da alma⁸⁸⁸, isto é, não pelo estudo do corpo ou do corpo enquanto animado por alguma das faculdades particulares, como pretendia uma corrente de autores onde se encontra precisamente o Pedro Hispano a quem está atribuída a *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II*. A posição da *Scientia* coincide com a de Alexandre de Afrodísias que no comentário ao *De sensu et sensato*, que Pedro não podia conhecer porque foi traduzido por volta de 1260 por Guilherme de Moerbeke, defende que, seguindo Aristóteles, o estudo das ciências biológicas, procedendo do universal para o particular, deve começar pelo *De anima*⁸⁸⁹.

Regressando à *Scientia libri de anima*, aí verificamos que o estudo dos seres animados (senão mesmo de todas as ciências) deve começar pelo *De anima*, e não pelos outros livros

⁸⁸⁴ *Divisio scientie*, ms. Paris, BN, lat. 16635, ff. 52vb-53ra, cit. por R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., p. 14.

⁸⁸⁵ Cfr. R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., p. 15.

⁸⁸⁶ É um curto (pp. 497-498) que resume e interpreta os parágrafos iniciais do *De anima* de Aristóteles (402a1-403b19).

⁸⁸⁷ «(...) propter hec igitur omnia, scientia anime excellit alias. Cuius notitia ad omnium comprehensionem prodest et precipue viventium, cuius ipsa extat principium», *Scientia*, XIII, 8, p. 497, 7-10.

⁸⁸⁸ «Animam igitur, eius virtutes, opera, obiecta, accidentia ac passiones phisicus pertractat ad subsistentiam materialis ac mobilis corporis reducendo. Tractatorum igitur animatarum rerum peritia ab anime notitia, que earum est ipsarum operum est causa, initium sumat.» *Scientia*, XIII, 8, p. 497, 27-498, 5.

⁸⁸⁹ Cfr. R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., p. 8 e S. NAGEL «Sensi ed organi nel commento al “De animalibus” attribuito a Pietro Ispano», *Micrologus* (2002) pro manuscripto, n. 52.

biológicos, mas se esta ciência trata em geral a alma como princípio de animação do corpo, também é certo que no homem o intelecto subsume e submete a si todas as outras faculdades e por isso quanto ao homem ela é sobretudo ciência do intelecto, mas de facto na obra são estudadas todas as operações do corpo enquanto dirigidas ou causadas pela alma. O autor nada nos diz sobre as outras ciências naturais que se ocupam do corpo animado, mas lembremo-nos que o *Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite* (tratado que corresponde a um dos *Parva naturalia* aristotélicos) é apresentado na continuação do *De anima*⁸⁹⁰. Em conclusão, o autor defende, portanto, uma posição que não era a do autor da *Sententia cum questionibus in libros De anima*, nem era corrente em meados do século XIII (mas que seria partilhada por outros autores à entrada do último quarto do século XIII).

Para além da discussão sobre o lugar do *De anima* no âmbito das ciências naturais biológicas, as questões preambulares da *Sententia cum questionibus*, o comentário sobre o *De anima*, têm interesse por posicionarem a ciência da alma no âmbito mais vasto das ciências. Não que o autor estabeleça explicitamente uma classificação das ciências, mas podemos de facto reconstituí-la se com esse objectivo analisarmos as questões preambulares que dedicam ao estudo do objecto e dignidade das diferentes ciências e a determinar a que título cada uma estuda a alma, bem como as diferenças de método entre as diversas ciências. Estas questões têm como pano de fundo as discussões então em curso e muito ligadas à própria estruturação dos planos de estudos nas universidades emergentes e que revelam as condições da própria recepção do corpus aristotélico em que cada obra tende a ser tomada como uma *scientia*, ao mesmo tempo que são aqui e ali inseridos textos de outras proveniências para colmatar certas “brancas” nos escritos conhecidos de Aristóteles.

O mestre que comenta Aristóteles no início do século XIII confronta-se com um problema novo que não pode evitar e que, pelo contrário, aproveita para valorizar a própria ciência de que se ocupa. O comentário das obras de Aristóteles introduz a exigência escolar de determinar qual o conteúdo próprio (*subjectum*) de cada uma, em confronto com o das outras obras. Um cuidado particular era colocado na delimitação face às obras de conteúdo vizinho, o que introduzia diversos problemas conexos: qual o contributo respectivo para o conhecimento sobre as coisas, qual a hierarquia entre as diferentes obras, que relações metodológicas e de conteúdo podem estabelecer entre si e entre quais. Neste aspecto a psicologia (ou comentário do *Peri psychés* / *De anima*) constitui-se como ciência autónoma

⁸⁹⁰ Pedro Hispano: *Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite*, ed. Alonso, p. 415, l.6-17. Alexandre de Afrodísias no comentário ao *De sensu*, um texto que Pedro não podia conhecer, propõe uma ordem que vá do universal ao particular e assim coloca em primeiro lugar o *De anima*, passando depois aos *Parva naturalia*, vindo por fim os livros sobre os animais; cfr. R.-A. GAUTHIER : «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75...», cit., p. 8.

no âmbito mais vasto das ciências naturais, como campo autónomo com localização entre as ciências biológicas, mas, devido a algumas das suas ramificações (v.g., o estudo do intelecto e da felicidade) fazendo uma ponte com a metafísica e com as ciências práticas.

O modo como as obras de Aristóteles são referidas e enquadradas nas questões preambulares que na *Sententia cum questionibus* antecedem o comentário propriamente dito, suscita uma questão que pode interessar à datação do próprio comentário. Repare-se que as obras de Aristóteles aparecem claramente citadas, nunca é mencionada qualquer doutrina menos ortodoxa que defendam, ou que estivessem sob suspeita, nem se recusa a sua utilização em qualquer campo do saber filosófico. Poderia isto ter sido uma tal obra escrita antes de 1252/1255 e o fim prático do interdito que desde os anos 20 vigorava na Universidade de Paris, impedindo a leitura pública dos *libri naturales* e da *Metafísica* de Aristóteles antes que fossem depurados dos seus erros? A própria obra poderia ter sido comentada, e é evidente que estamos perante um comentário lectivo, durante a vigência da “suspensão” do aristotelismo? Ou poderia ter sido escrita/comentada numa Faculdade onde o interdito não vigorasse, por exemplo em Toulouse, como sugeriu R.-A. Gauthier? Esta é de facto a resposta mais plausível, mas o autor demonstra um domínio da estrutura (não tanto do seu conteúdo) da obra de Aristóteles que faz supor que é ensinada num contexto onde já era bem conhecida. Por outro lado, o cuidado enquadramento do *De anima* no âmbito da enciclopédia aristotélica e sendo esta claramente vista como um todo orgânico, denotam um ambiente já bem marcado pelo conhecimento da obra do estagirita.

As questões preambulares da *Sententia cum questionibus* procuram precisamente determinar a possibilidade de uma ciência da alma a partir da consideração do seu objecto, da comparação com as outras ciências, e do seu método. As 20 questões do segundo problema (de *comparatione huius scientie ad alias scientias naturales*) no intrincado da sua argumentação deixam-nos perceber uma espécie de classificação das ciências, onde a ciência da alma ocupa um lugar de destaque a meio dos livros biológicos de Aristóteles⁸⁹¹. O quadro da página seguinte sistematiza as distinções e referências que se encontram ao longo dos três problemas preambulares e da primeira lição do comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano⁸⁹². Podemos, assim, verificar que o *De anima* é integrado num quadro geral das ciências que coincide grosso-modo com a divisão do próprio *corpus* aristotélico, que na

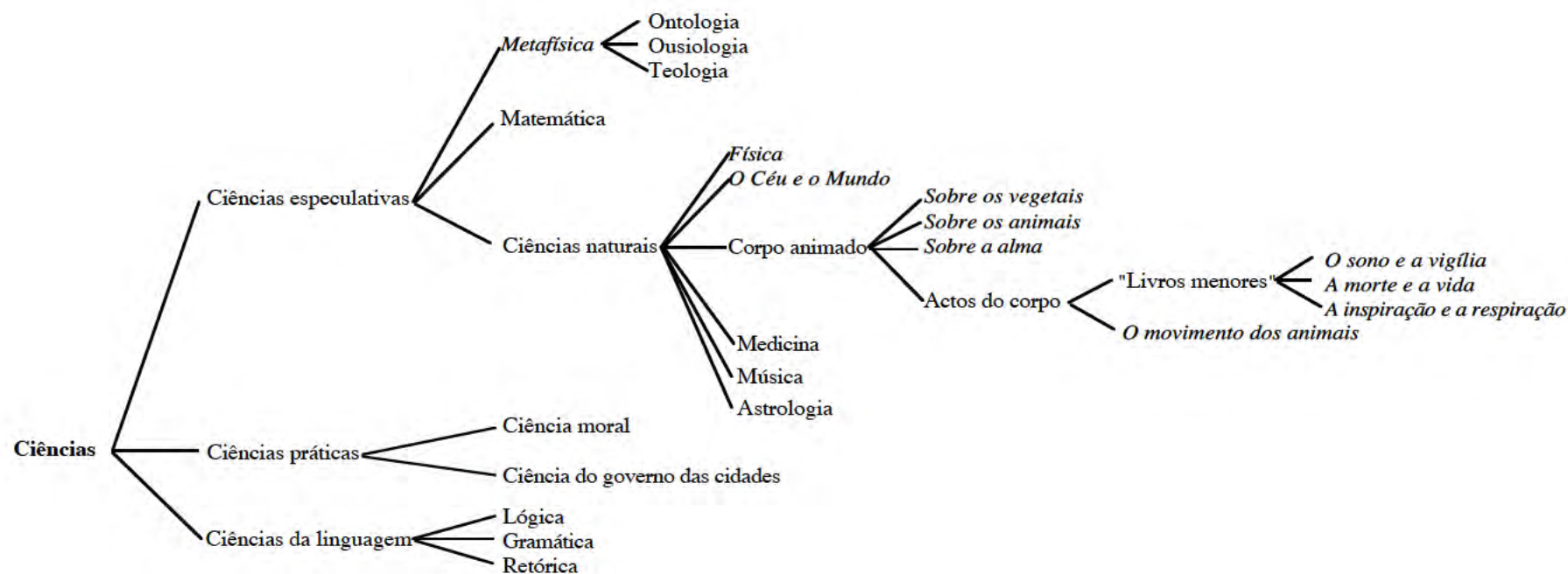
⁸⁹¹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* Probl. preamb. 1-3, ed. Alonso 1944, pp. 59-179.

⁸⁹² Para um estudo de pormenor remete-se para J.F. MEIRINHOS «Métodos e ordem das ciências no Comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano», *Veritas* 43 (1998) 593-621; alguns aspectos destas questões também foram analisados num estudo sobre outro comentário que aborda questões similares: P. BERNARDINI: «La scienza dell'anima. Le questioni epistemologiche del commento al "De anima" conservato nel ms. Siena, Biblioteca Comunale, L.III.21, ff. 134r-177ra: ff. 136ra-138va», *Studi medievali*, III serie, 40 (1999) 897-939, cfr. pp. 899-902.

universidade do século XIII vinha sendo paulatinamente adoptado como estrutura do próprio *curriculum*.

Uma classificação das ciências na *Sententia cum questionibus in libros De anima*

Pedro Hispano (séc. XIII)



Os nomes em itálico indicam títulos de obras de Aristóteles (ex: *Metafísica*, *Física*, *Sobre a alma*, etc.), as quais, segundo Pedro Hispano, coincidem com a ciência mesma.

Fonte: Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* Probl. preamb. 1-3, ed. Alonso 1944, pp. 59-179.

Para uma discussão, ver J.F. MEIRINHOS «Métodos e ordem das ciências no *Comentário sobre o De anima* atribuído a Pedro Hispano», *Veritas* 43 (1998) 593-621.

A questão da ordem e lugar das ciências é um tema a que os autores medievais regressam regularmente e que por isso também encontramos em diversas outras obras atribuídas a Pedro Hispano. Apenas três ou quatro exemplos, que se destinam antes de tudo a assinalar a questão e sem fazer qualquer juízo de valor quanto à autoria das obras em questão.

Silvia Nagel, num estudo sobre a questão do método na generalidade das obras filosóficas, médicas e naturais atribuídas a Pedro Hispano assinalou que, nos comentários médicos, é a própria medicina a ser apresentada como o fim de todas as ciências⁸⁹³.

Ainda a propósito da natureza da filosofia é interessante a posição de Pedro Hispano comentador do *De animalibus* (versão Madrid-Vaticano) defendendo a supremacia da filosofia e da autoridade de Aristóteles. Colocado deste lado da argumentação de autoridade chega a refutar a opinião dos teólogos quanto à origem das potências vegetativa e sensitiva: «digam o que se disserem, afirmo, segundo o filósofo, que a vegetativa e a sensitiva provêm da potência [da matéria]»⁸⁹⁴.

Nos comentários sobre o *corpus* dionisiano atribuídos a Pedro Hispano também ocorrem algumas interessantes referências ao estatuto das ciências. Aqui o autor, instigado pela própria obra de Dionísio, situa a discussão num plano de transcendência, que supere as próprias ciências, às quais contrapõe o conteúdo da revelação como mais fiável, como àqueles incrédulos e imperitos que se apoiam nas razões naturais e julgam que nada há para lá do ente, considerado o objecto da metafísica, lhes contrapõe a definição do Exodo (3,14) *Eu sou o que é*⁸⁹⁵, para mostrar que este saber encerra segredos que excedem a própria filosofia⁸⁹⁶. O objecto da Teologia mística e Deus, compreendido sem qualquer consideração relativa às criaturas, e por isso recomenda a saberia dos cristãos, reprovando a sabedoria dos filósofos⁸⁹⁷.

⁸⁹³ Cfr. *Glose super Tegni Galeni*, ms. Madrid 1877, f. 48ra; cit. em S. NAGEL «Artes, scientiae e medicina nel commento al *De animalibus* di Pietro Hispano», *Bulletin de philosophie médiévale*, 38 (1996) 53-65, p. 58, n. 12

⁸⁹⁴ «Quidquid dicant, dico secundum philosophum quod vegetativa et sensitiva educuntur de potentia [materie]», Pedro Hispano: *Super libro De animalibus Aristotelis*, ms. Madrid, BN, 1877, f. 287va, apud *Pedro Hispano Português e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, p. 272.

⁸⁹⁵ A interpretação da definição divina ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento da teologia durante a Idade Média.

⁸⁹⁶ «Cave ne aliquis incredulorum aut inexpertorum ista secreta audiat. Istos autem dico qui naturalibus rationibus aut amori existentium firmiter innituntur, existimantes quod nichil sit super ens quod dicitur subiectum metaphysice, tam creata quam increata continens iuxta illam opinionem. Et hoc habent ex illo verbo quod dicitur in Exodo.: Ego sum qui sum. Set hoc dictum est, ut in primo intellectu se offerret nobis, quasi quoddam memoriale, ut se computaret nobis cum habere esse, qui erat totaliter super esse. (...) Si autem doctrine divinatorum occultorum scientiam tantorum philosophorum excedunt, quanto magis excedent imperitiam illorum, qui Deum, qui est superposita causa, ex extremis materiis existentium figurant, que inferiora sunt animatis.» Pedro Hispano (adscr.): *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*, I, 3, ed. Alonso, p. 478, 21-479, 9.

⁸⁹⁷ «Titulus huius libri est De mystica Theologia. Dicitur autem mystica, idest clausa vel occulta; quia, quicquid ibi dicitur, quasi inexplicabile, totum clausum et occultum relinquitur. Est autem huius libri

A ciência da alma e a filosofia

Existindo, como ficou assente, uma ciência da alma, que se relaciona com outras ciências naturais, mas também se distingue delas, qual é o seu intuito ou método no estudo do seu objecto próprio? Como se articula a filosofia com o estudo da alma?

Para o autor da *Sententia cum questionibus* a resposta é clara: a ciência da alma é o *De anima* de Aristóteles.

A justificação do autor da *Scientia* é obviamente diferente. As primeiras palavras da *Scientia* falam do sublime intuito da *especulação filosófica*, que por uma perspicaz indagação abrange a totalidade da máquina do mundo:

Philosophice speculationis sublimis intuitus perspicacis investigationis ductu mundane machine universum ambitum comprehendens, omnium rerum essentias, proprietates, virtutes, opera, ordinem, pondus, mensuram, effectus, horumque causas, nititur indagare. (...) et in singulis primi opificis virtutis, sapiencie, bonitatis et operum eminenciam et nature secreta satagit perscrutari⁸⁹⁸.

Esta especulação sobre a totalidade das coisas (mundane machine universum) abrange portanto toda a realidade: essências, propriedades, potências, obras, ordem peso, medida, efeitos, e também as respectivas causas, e em cada coisa deve aplicar-se cuidadosa investigação sobre «a eminência da potência, sabedoria, bondade do primeiro criador e os segredos da natureza». Veremos que o binómio criador-criatura atravessa toda a obra e por isso também a filosofia, neste caso o estudo da alma, é apresentada como um tributo à eminência do criador, devendo ter sempre presente essa hierarquia de realidades e o carácter finito da natureza criada cujos “segredos” procura. O intelecto é a substância cognitiva e incorporal com que o homem foi dotado por criação e por isso cabe-lhe retribuir essa dádiva esforçando-se por se conhecer a si mesmo e às potências que lhe estão subordinadas, bem como aos corpos e seus órgãos⁸⁹⁹. É exactamente o que autor se propõe fazer ao logo da sua *Scientia*, ordenando as sentenças verdadeiras das investigações, expondo-as em “sumas certas e breves”:

materia ipse Deus, in se simpliciter consideratus, nullo habito respectu ad creata. Intentio vero eius est commendare veram sapientiam christianorum et philosophorum sapientiam reprobare.» Pedro Hispano (adscr.): *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*, prol., ed. Alonso, 473, 18-474, 4.

⁸⁹⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, prol., ed. Alonso, p. 3, 5-15.

⁸⁹⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, prol., ed. Alonso, p. 4, 35-5, 6.

Ad nostre igitur thronum mentis curiosa nec non executione digna ascendit intentio ut (...) ordinaremus traditionem (...) in hoc ergo negotio omnium inquisitionum veritatis sententie certis summis ac brevibus concludantur⁹⁰⁰.

Na *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* a posição do autor é radicalmente diferente quanto à natureza da especulação filosófica, que de modo algum é reduzida à recolha de definições ou tendendo para a glorificação da onipotência do criador. O seu ponto de vista é o do comentador, mestre de artes, que na explicação da ciência da alma como ciência física (isto é que considera a ligação entre a forma e a matéria) se coloca para lá da distinção criador-criatura, uma vez que o autor se diz apenas comprometido com a procura dos *principia rei*⁹⁰¹. Quando o autor se interroga sobre a natureza da alma, expõe seis opiniões sobre a sua composição em *quo est* e *quod est*, mas responderá de imediato aos que identificam o *quo est* com o criador e o *quod est* com a criatura: afirmando taxativamente que não falará desta distinção porque procura os *principia rei* e não a comparação entre o criador e a criatura:

Set de hac non loquimur, quia non loquimur de comparatione creatoris ad creaturas, set loquimur de principiis rei et non de comparatione creature ad creatorem⁹⁰².

O autor rejeita claramente toda e qualquer investigação da alma com cedências à distinção entre criador e criatura. Passa-se exactamente o contrário com a *Scientia*, onde a transcendência do criador ou Inteligência primeira é constantemente afirmada, para explicar pela causa eficiente e pela causa final a natureza própria dos seres compostos, mas também a presença neles de todas as faculdades e disposições que lhes permitem realizar o fim mesmo para que foram criados. Também aqui a orientação do *Comentário* é completamente diversa, pois o autor pretende sobretudo compreender o pensamento de Aristóteles, e as próprias questões, que muitas vezes vão para lá dos problemas levantados pelo texto do *De anima*, são apresentadas como dispositivo contribuindo para uma mais plena manifestação da intenção do filósofo, como se constata em expressões como esta «Ad maiorem autem expressionem eorum

⁹⁰⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, prol., ed. Alonso, p. 5, 7-13. «Portanto ao trono da nossa mente ascendeu a intenção curiosa e digna de execução para ordenarmos a tradição resumida e perfeita sobre a natureza da alma e das suas diferenças, a fim de, depois de terem sido anunciadas as discussões inquisitivas sob o exame da disputa, procedentes das outras obras editadas por nós, serem determinadas neste trabalho as sentenças da verdade de todas as inquisições, em sumas certas e breves».

⁹⁰¹ Não quer isto dizer que o autor se coloque fora da perspectiva criacionista ou assuma um laicismo anacrónico para a cultura da época. A ideia de criação é frequentemente invocada na argumentação, mas para compreender algo de outro e não propriamente o criador ou o acto de criação.

⁹⁰² Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 3, q. 3 sol., ed. Alonso 1944, p. 250, 3-6.

que philosophus intendit in parte ista, decem quereuntur questiones»⁹⁰³. Este interesse pela letra da filosofia e pelas divergentes posições que suscita é bem visível na tendência a dar as múltiplas e diferentes posições a propósito dos problemas mais debatidos e controversos⁹⁰⁴.

É certo que nas *questiones* a exposição de teorias que o autor não partilha funciona também como um dispositivo retórico que facilita a exposição da sua própria posição. Em favor da discussão, o autor não hesita mesmo, em determinado passo, em seguir uma posição que não partilha e que depois expressamente abandonará. O tema em discussão («utrum iste tres differentie anime que sunt anima vegetabilis et sensibilis <et rationalis> sint eedem in homine per essentiam, differentes autem solum in potentiis⁹⁰⁵») é um dos de mais delicadas implicações para os autores de meados do século XIII, pois envolve as questões da unidade do homem, da unidade da alma e da relação das potências com alma e desta com o corpo. Na solução, o autor apresenta quatro respostas possíveis: (1) uns defendem que há identidade de substância mas diferença de potências, (2) para outros há diferença de potências e de substâncias, (3) para outros no homem a vegetativa e a sensitiva são idênticas em substância e distintas nas potências, enquanto a intelectiva é distinta daquelas na substância e nas potências, (4) para outros há identidade de substância entre a sensitiva e a intelectiva e por isso comunicação entre si no conhecimento, mas a vegetativa é totalmente diferente dessas. Sem identificar os defensores de cada posição e sem discutir pormenores, o autor confronta os leitores-discípulos com a necessidade de uma opção, mas curiosamente não escolhe a que lhe parece mas verdadeira, mas sim a mais útil para a discussão:

Eligatur autem que istarum positionem uidebitur principalis. Et quia ueritas istius questionis perspicacius determinabitur in secundo <libro> sustineatur ad presens gratia disputationis prima positio, scilicet, quod tres anime sunt una per essentiam in homine diuerse solum in potentiis⁹⁰⁶.

⁹⁰³ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 2, prol. quaest., ed. Alonso 1944, p. 214, 5-7.

⁹⁰⁴ Entre tantos exemplos possíveis, veja-se a longa apresentação de seis teorias sobre a composição da alma intelectiva em *quod est* e *quo est* (I, lect. 3, q. 4 sol., ed. Alonso 1944, pp. 248, 30 - 252, 4).

⁹⁰⁵ Esta é o enunciado do problema no elenco de questões da p. 256; no início da questão mesma as palavras usadas são um pouco diferentes: «utrum iste tres differentie anime que sunt vegetabilis, sensibilis et rationalis, sint una substantia in hominis et diuerse potencie» (p. 261, 10-12).

⁹⁰⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 4, sol., ed. Alonso 1944, p. 263, 6-22. «As três diferenças da alma, vegetativa, sensitiva <e intelectiva> são uma mesma essência no homem, ou são diferentes nas potências? (...) Solução: A isto deve dizer-se que sobre esta questão há muitas posições. Alguns afirmam que estas almas no homem são a mesma em substância e diferentes nas potências. Outros afirmam que diferem no homem quer nas faculdades quer nas substâncias. Outros afirmam que a alma vegetativa e a sensitiva são uma mesma substância no homem, e diferentes nas potências, porque provêm de um mesmo princípio que é a natureza; e a intelectiva é diferente das outras quer em substância quer nas potências. Outros afirmam que a alma intelectiva e a sensitiva são a mesma por essência no homem e por isso há comunicação do conhecimento; e a vegetativa é totalmente diversa daquelas. Destas posições escolha-se a que parecer

Deixemos de lado a oscilação conceptual que leva o comentador a formular na primeira hipótese a unidade de *substância* da alma, que na solução transforma em afirmação da unidade de *essência* da alma. O que aqui interessa realçar é esta atitude em que é antes de tudo valorizada a discussão (*gratia disputationis*) e não propriamente a determinação da *verdade destas questões* (*ueritas istius questionis*), deixando aos discípulos leitores a opção de escolha da melhor das quatro posições enunciadas. E quando de facto no livro II, lição 4, terceira questão⁹⁰⁷, o problema voltar a ser debatido («*utrum anima vegetabilis, sensibilis et intellectiva secundum quod sunt in homine sint una substantia differentes habens potencias, an sint tres substantie, differentes habentes etiam potencias*⁹⁰⁸»), o autor escolherá outra resposta. No desenvolvimento da própria questão são apresentados primeiro 9 argumentos a favor da diferença de substâncias (as 9 *rationes* são colhidas em Avicena, Aristóteles, Averróis, e outros), seguidos de 6 argumentos contra a distinção de substâncias e a favor da unidade da alma (as 6 *rationes in contrarium* são colhidas em Avicena, Aristóteles e outros). Desta vez a solução apenas apresenta duas possibilidades de resposta: (1) a dos que defendem que as três faculdades são uma substância no homem, da qual provêm as potências que se distinguem entre si, (2) a dos que defendem que as três faculdades são distintas segundo a substância e segundo as potências. Vem a seguir a posição do próprio autor, que explica as razões da sua escolha e os motivos que antes o levaram a outra opção:

Que autem istarum opinionum videtur esse elegantior, eligatur precipue. Et nos in principio sustinemus primam opinionem causa disputationis. Via autem Aristotelis et aliorum philosophorum videtur ostendere illas differentias animae differre secundum substantiam et non solum secundum potencias et ideo illam viam sustinemus et ponimus quod ille tres differentie anime in substantiis et potentiis differunt in eisdem et in diversis. Questio autem ista querit de diversitate intellective ad alias duas et dicimus quod differt ab illis secundum substantiam et secundum potencias in eodem et in diversis. Quam autem opinionem decrevimus magis eligendam volumus dilucidare⁹⁰⁹.

melhor. E, porque a verdade desta questão será determinada com mais precisão no segundo <livro>, defende-se agora, para efeito da discussão, a primeira posição: que as três almas são uma por essência no homem e são diversas apenas nas potências» (p. 263, 6-23).

⁹⁰⁷ Cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 6, sol., ed. Alonso 1944, pp. 650, 3- 659, 9.

⁹⁰⁸ Esta é a formulação que ocorre no elenco de questões (p. 649, 25-29), no início da questão propriamente dita a formulação é: «*utrum anima vegetabilis et sensibilis et intellectiva in homine sint una substantia vel differant secundum substantias*» (p. 650, 4-6).

⁹⁰⁹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 6, q. 1, sol., ed. Alonso 1944, p. 656, 17-30. «A alma vegetativa, a sensitiva e a intelectiva são, no homem, uma substância ou são diferentes substâncias? (...) Solução: Sobre isto deve dizer-se que há muitas teses. A primeira é a que defendem os que dizem que estas três faculdades (*differentie*) da alma são uma <só> substância no homem, e esta substância existe no homem da qual provêm aquelas três potências, as quais são diferentes, porque apenas, como dizem, diferem nas potências e são idênticas na

Mantém-se a abertura doutrinal do mestre que continua a deixar a cada um a possibilidade de escolha, optando pela resposta que lhe pareça *mais elegante* (elegantior). Mas, recordando que antes, *para estimular a discussão* (causa disputationis) defendera que há unidade de substância, opta desta vez por outra posição, sem deixar de explicar as razões de escolha da opinião que considera preferível. Defende agora que aquelas três potências, vegetativa-sensitiva-intelectiva, de facto se distinguem segundo a substância e as potências quer em um quer em diversos homens. E porquê? Porque esse é exactamente o método ou *a via de Aristóteles e dos outros filósofos* (Via Aristotelis et aliorum philosophorum) e é apenas essa a razão pela qual escolhe esta solução (et ideo illam viam sustinemus e ponimus). O autor não podia ser mais claro quanto às razões da sua escolha: adere à solução que ele considera ser a posições de Aristóteles e dos outros filósofos e vimos que no corpo da questão também Avicena e Averróis são dados como partidários desta posição, mas a posição geral de Pedro Hispano a propósito da composição substancial da alma radica no hilemorfismo generalizado de Avicebraão.

Esta tergiversação doutrinal, explicada pelos interesses de discussão (podemos imaginar o quão agitadas poderiam ser as discussões numa aula medieval), não ocorre a propósito da delimitação do objecto da ciência da alma. No homem, a alma racional ou intelecto é a mais elevada das faculdades. É a forma completiva à qual se subordinam todas as outras faculdades, o que quer dizer que no ser humano cabe a esta faculdade reger e orientar todas as outras, e portanto todo o homem, daí que o estudo da *alma racional* é também a *ciência do homem*: «O mais nobre objecto de qualquer ciência é o que é completíssimo no género universal e para o qual foram feitas todas as coisas que foram feitas no universo. Ora, o homem é deste modo. Portanto, o homem é o mais nobre objecto de qualquer ciência. Portanto, a ciência do homem, ou da alma racional⁹¹⁰, é mais nobre que qualquer ciência de entre as <ciências> físicas [isto é, que se ocupam da forma enquanto ligada à matéria]»⁹¹¹.

substância. Outros afirmam que estas três faculdades da alma, diferem no homem segundo a substância e segundo as suas potências. Ora, destas opiniões a que parecer mais correcta, escolha-se como a melhor. E nós no princípio defendemos a primeira opinião, por causa da discussão. Mas, a via de Aristóteles e dos outros filósofos parece mostrar que aquelas potências da alma, diferem segundo a substância e não só segundo as potências. Por isso, defendemos aquela via [de Aristóteles e dos outros filósofos] e afirmamos que aquelas três diferenças da alma, diferem nas substâncias e nas potências, nelas mesmas e em diversos [i.e. são diferentes tanto em um só homem, como entre os diversos homens]. De facto esta questão indaga acerca da diferença da intelectiva face às outras duas e dizemos que difere delas segundo a substância e segundo as potências, no mesmo e em diferentes. Por isso quisemos justificar esta opinião, que julgamos preferível.» (p. 656, 9-30).

⁹¹⁰ Embora use aqui o termo razão (de anima rationali), podemos entendê-la como intelecto ou parte superior da alma, porque algumas linhas depois é referida como o fim da sequência: vegetativa, sensitiva.

⁹¹¹ «Illud subiectum scientie est nobilius quod est completissimum in genere universali et propter hoc facta sunt ea que facta sunt in universo. Set homo est huiusmodi. Ergo homo est nobilius subiectum

Aqui parece ecoar aquela afirmação de Aristóteles: «cada um é o seu intelecto» (*Ét. a Nic.* IX, 8: 1168b35), a racionalidade é causa e essência do homem e sem a potência racional não há homem, tese que podemos encontrar também no *Liber de causis* (I prop. 10-11). Esta racionalidade intrínseca e constitutiva é pois o fundamento e o objecto da antropologia que se afirma no *Comentário*.

Aqui estamos perante uma coincidência de posições entre a *Scientia* e a *Sententia* a ciência da alma ocupa-se do objecto mais digno de que uma ciência natural pode ocupar-se: o próprio homem, fim último da criação. Nada há de espantoso nesta posição, partilhada pela generalidade dos autores medievais que assim juntam as primeiras palavras do de anima sobre a dignidade e honoralidade de cada ciência com a ideia do géneses sobre o homem como fim último da criação. Não é o género de coincidência que possa indicar mais do que a pertença de quem a defende a um dado contexto cultural e doutrinal. Não há o género de problema sobre o qual existam divergências.

Cap. 2

A natureza humana

2.1. Corpo e alma

Referiu-se atrás a constatação de Étienne Gilson sobre as divergências que se encontram entre os autores medievais a propósito de todos os problemas, como um facto que caracteriza a época, mas que simultaneamente se podem encontrar entre eles algumas doutrinas básicas que são genericamente partilhadas. Entre essas encontra-se precisamente uma doutrina relativa à alma que, na sua opinião, todos os autores anteriores a Tomás de Aquino defenderam, precisamente a consideração da alma como uma substância espiritual: «This was the position of all. Taken in itself, the soul is a substance. Naturally, since man is one, this substance implies, in its very essence, some sort of relation to its body. Some would call it a “unibility”, others a love or inclination; still others preferred to say that soul is, secondarily, the act and perfection of the body, but not one of them would uphold the view

cuiuslibet scientie. Ergo scientia de homine vel de anima rationali est nobilior qualibet scientia physicorum. Minor patet, quia, sicut dicit philosophus, elementa sunt propter mixtum; mixtum propter vegetale; vegetale propter sensibile; sensibile propter rationale. Et in hoc est status.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 6.1.1.3, ad opp. 2, ed. Alonso 1944, p. 134, 2-11. A solução adere a esta posição por rejeição das *rationes*.

that the very essence of this substance was to be the form of a body⁹¹².» É certo que Gilson pretende sublinhar a novidade da solução de Tomás de Aquino, mas o seu resumo descreve de certo modo o “ar do tempo” filosófico até meados do século XIII sobre a alma e a sua relação com o corpo. Gilson vai mais longe recuando aos fundamentos desta teoria da substancialidade da alma, que encontra na definição de homem dada por Platão no *Alcibiades* (129e), transmitida através de Plotino (*Enneades*, I, i, 3) e Agostinho (*De quantitate animae*, XIII, 22) e popularizada na Idade Média pelo *De spiritu et anima*⁹¹³: “o homem é uma alma que usa um corpo”, razão pela qual Gilson arrisca uma etiquetagem ousada: como todos os autores referidos são directamente ou indirectamente devedores de Agostinho, quanto à noção de alma «são todos agostinianos»⁹¹⁴.

Sabemos que, precisamente aqui, o panorama começa a alterar-se com os textos de Aristóteles, sobretudo o *De anima*, onde a alma não é definida como substância, o que equivaleria a manter o dualismo platónico, mas sim como *forma* do corpo, anulando assim qualquer forma de bisubstancialismo. Mas, nem a definição foi de imediato compreendida na sua profundidade, devido à manipulação neoplatónica que é nela introduzida por Avicena, nem havia ainda o quadro teórico para aceitar as suas consequências, como se veria pelas reacções ao pensamento de Tomás de Aquino que a assumiu.

2.1.1. Natureza e definição da alma

Vejamos as posições sobre a alma e a sua definição nas duas obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano.

Na *Sententia cum questionibus*

Não é fácil reconstruir o pensamento sobre a alma do autor da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, desde logo porque, apesar das suas mais de 700 páginas, apenas conhecemos uma pequena parte da obra e porque as características literárias do comentários não se prestam elas próprias à apresentação sistemática dos inúmeros problemas abordados. Relembremos que se trata de um texto em que simultaneamente se procura dilucidar o sentido do pensamento de Aristóteles (*sententia*) e discutir questões que podem contribuir para a sua melhor compreensão (*questiones*). É nesta última parte de cada lição que de modo mais directo se surpreendem os pressupostos e posições do autor, contudo, a própria leitura de Aristóteles releva das suas posições pessoais, não só na divisão do texto mas também nos princípios que presidem à sua interpretação. Mas, mesmo nas questões não

⁹¹² GILSON, É.: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, New York 1955, p. 361.

⁹¹³ *De spiritu et anima*, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 40, Paris 1887, col. 779-832, cfr. col. 781: «Animus est substantia quaedam rationis particeps, regendo corpori accommodata.»

⁹¹⁴ GILSON, É.: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., pp. 361-362 e n. 84 na p. 707.

parece fácil determinar se há um pensamento definitivo sobre cada questão, ou se as posições vão variando *ad hoc*, conforme as necessidades da disputa, como vimos já a propósito da unidade ou pluralidade de substâncias na alma. Mesmo em outros casos vemos que o autor em muitos locais é ora mais breve, ora mais completo na abordagem de conceitos, consoante as implicações do que está em questão. Habitualmente as suas posições emergem da exposição dos múltiplos sentidos de um conceito, ou da exposição das diferentes posições a propósito de um dado problema, casos em que habitualmente assinala a definição ou a posição de que partilha.

A teoria da alma é amplamente tributária da discussão da natureza da forma e da matéria ou corpo.

Várias instâncias e observações podem mostrar que a alma é *princípio* do corpo animado⁹¹⁵, mas aqui Pedro não avança mais que com a simples constatação de “causas”, mas não se limita ao hilomorfismo estrito de Aristóteles em que a alma é definida como forma do corpo. A sua posição é claramente dualista, pois defende que a alma é também substância, partilhando o hilomorfismo universal de Avicibrão, pois defende que a alma é não só forma como substância, e mesmo uma substância individual e composta. A primeira abordagem mais detalhada sobre a natureza da alma encontra-se nas questões da lição 3 do livro II⁹¹⁶, e prossegue ao longo da obra em abordagens de pormenor. Desde logo a alma é substância e não acidente⁹¹⁷.

A alma é *forma*, mas a forma é dupla, ou tem dois sentidos. Uma é forma simples (forma tantum), outra é forma e substância. A primeira forma não tem outras operações senão as que ocorrem na matéria, enquanto a *forma et substantia* tem outras operações para além das que tem ou contrai da matéria, embora as exerça na matéria e provenham dela para lá da

⁹¹⁵ Pedro Hispano enumera quatro causas, melhor dizendo: quatro argumentos, que mostram que a alma é princípio: «Dicendum est quod anima est principium corporis animati et hoc propter plures causas: Una est is quia complet corpus animatum. Secunda est quia continet ipsum et conservat. Egremente enim anima a corpore expirat corpus et marcescit sicut habetur in fine primi de anima. Tercia causa est, quia anima movet ipsum corpus animatum. Quarta causa est quia ante actuale exitum anime in esse fit organizatio corporis secundum exigentiam anime», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 5, sol., ed. Alonso 1944, p. 147, 14-22; também em I, lect. 1, q. 5, sol., ed. Alonso, p. 204, 21-29.

⁹¹⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, ed. Alonso 1944, pp. 241-252. Uma tradução destas questões encontra-se em A.S. PINHEIRO (trad.); «Pedro Hispano. A vida no Homem», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 137-144.

⁹¹⁷ A solução da questão 1 da referida lição consta desta simples afirmação, cuja fundamentação deve ser procurada nos argumentos *ad contrarium* (porque só a substância tem potências *sibi insitas* e esse é o caso da alma, e porque a alma permanece uma e a mesma apesar das diferenças que comporta) e na resposta contra as *rationes* que defendem a sua natureza accidental. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lectio 3, q. 3, sol. e ad rat., ed. Alonso 1944, pp. 242, 31-243, 23.

matéria, por isso que «tal forma é a alma»⁹¹⁸. Pelo contexto de discussão verificamos que esta *forma et substantia* é a alma, mas a alma dotada de intelecto e de uma multiplicidade de faculdades que ultrapassam o simples ser do corpo. A mesma divisão da *forma* é repetida de seguida, mas para indicar uma outra diferença: a *forma tantum* não tem operações ou afecções que dela provenham sem matéria, enquanto a forma enquanto *forma et substantia* tem operações e paixões, sem matéria, mas na matéria⁹¹⁹. Ora esta definição de *forma* enquanto *forma et substantia* é a que melhor se adapta à alma relativamente ao corpo animado, porque não é simples forma material, mas acrescenta ao composto razões e afecções que não existem na simples matéria⁹²⁰. Uma é forma do corpo composto, outra é forma que se acrescenta ao corpo e está para lá da mistura porque não resulta dos elementos, mas mesmo esta se distingue em duas segundo a sua origem: uma provém da potência da matéria por operação da matéria e é a alma vegetal e sensível (*anima vegetabilis et sensibilis*) enquanto há outra que tem um princípio extrínseco e não tem qualquer raiz na matéria, mas é infusa na matéria⁹²¹, e que é obviamente o intelecto. É ainda a distinção das “duas formas” que serve para justificar o carácter instrumental do corpo, porque sendo a alma princípio de diversas operações, para a qual a matéria é como um instrumento, deve subjazer-lhe não uma matéria simples, mas múltipla em partes, pelas quais a forma opera e produz efeito. Portanto, é na relação com o corpo que a alma é *forma et substantia* e Pedro não tem dúvidas em radicar esta tese da instrumentalidade do corpo em Aristóteles:

⁹¹⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 1, q. 14, ad primam rat., ed. Alonso 1944, p. 83, 14-22; também na p. 177, 17-29, note-se que a primeira versão tem um texto corrompido de leitura impossível (e que o editor anotou com “?”), o qual é perfeitamente claro na segunda ocorrência, que é onde se lê a conclusão «Talis autem forma est anima».

⁹¹⁹ IDEM: *ibidem*, Quest. preamb. 1, q. 15, sol., ed. Alonso 1944, p. 84, 31-85, 3 (repetido na p. 178, 4-179, 10). Esta argumentação pretende mostrar que pode existir uma ciência da alma (que se ocupa da alma enquanto *forma et substantia*) enquanto a física se ocupa da *forma tantum*.

⁹²⁰ «Ad primam rationem in contrarium dicendum est quod duplex est forma, scilicet, forma que est forma tantum et forma que est forma et substantia. Forma que est forma tantum, nichil habet nisi illud quod habet a materia et ideo non habet alias rationes nec passiones nisi cum materia, immo quantum ad omnes dependet a materia et ideo cadit in eadem scientia cum materia. Forma autem que est forma et substantia habet alias rationes et passiones preter illas quas contrahit a materia vel cum materia, et ideo potest cadere in alia scientia quam sua materia. Talis autem forma est anima respectu corporis animati et ideo hec scientia diversa est a scientiis de corpore animato», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 2, q. 1, ad primam rat., ed. Alonso 1944, p. 88, 27-89, 4 (também repetido na p. 179).

⁹²¹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lectio 14, q. 2, ad primam rat., ed. Alonso 1944, pp. 453, 33-454, 11; cfr. II, lectio 3, q. 4, ad primam rat., ed. Alonso 1944, p. 593, 14-30, onde a distinção “duplex est forma”, com o segundo sentido a remeter para a divisão entre vegetativa-sensitiva e intelectiva, serve para explicar que a última é inextensa e não está em qualquer parte do corpo. A mesma distinção serve em outro local para explicar a natureza do acto da alma, um próprio que tem na matéria, outro comum que tem em resultado da sua união com a matéria, cfr. II, lectio 7, q. 7, ad primam rat., ed. Alonso 1944, p. 688, 14-21. Uma última ocorrência da distinção serve para distinguir entre a forma coextensa com a matéria e outra que não o é, cfr. II, lectio 11, q. 3, prima rat., ed. Alonso 1944, p. 765, 7-13.

Talis autem est anima respectu corporis, quia anima est forma et utitur corpore tanquam instrumento, sicut vult Aristoteles, et ideo diversas partes requirit anima in corpore per quas diversa operetur⁹²².

Mas, a alma é substância espiritual, e sendo substância nela há também composição. Isto fica bem evidente na última questão da mesma lição 3, livro I, sobre a natureza composta do intelecto enquanto forma individual (forma et hoc aliquid) porque nela são diferentes *aquilo pelo qual é* (quo est) e *aquilo que é* (quod est). Esta discussão vale-se da célebre distinção de Boécio sobre a composição dos entes, aqui atribuída a uns *quidem* que determinaram que em tudo que está abaixo do ser primeiro há uma diferença, ou composição, entre *quo est* e *quod est*⁹²³. A solução é uma das mais longas de todas as apresentadas na obra, porque são minuciosamente expostas seis posições a propósito da composição real da alma intelectiva. Após discutir cinco diferentes interpretações sobre a composição entre *quo est* e *quod est*, expõe aquela que aponta como a sua posição, explicitamente associada a Avicebra:

Sexta positio scribitur in libro *fontis vite*, quia in omnibus natura forme et natura materie sive sint corporalia sive spiritualia. Set triplex est materia, scilicet, materia spiritu alis, et materia corporalis, et materia media. In substantiis autem spiritualibus est materia spiritualis; in corporalibus est materia corporalis. In corporibus autem superioribus est materia media. Corporalis autem dicitur que habet naturam partitionis et dimensionis et que est subiecta transmutationi et quia hec est in elementis propter hoc in eis est materia corporalis. In corporibus autem superioribus est materia habens naturam partitionis et dimensionis, non tamen est subiecta transmutationi et propter hoc dicitur media, quia a parte illa qua habet naturam dimensionis dicitur corporalis; a parte illa qua non est subiecta transmutationi dicitur spiritualis, quia materia spiritualis nec habet dimensionem nec est subiecta transmutationi. Huic autem opinioni vel positioni adherentes, dicimus et ponimus quod in omnibus substantiis spiritualibus est materia spiritualis et forma et sic omnes composite sunt et ideo dicendum est quod in anima intellectiva est compositio ex materia et forma vel ex quo est⁹²⁴.

Pedro desloca a questão da composição do plano meramente ontológico para o da discussão da composição metafísica da substância, aderindo à teoria de Avicebra⁹²⁵ da

⁹²² Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, q. 6, ad primam rat., ed. Alonso 1944, pp. 523, 31-34.

⁹²³ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lectio 3, q. 4 ed. Alonso 1944, pp. 247-252.

⁹²⁴ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lectio 3, q. 4, ed. Alonso 1944, p. 251, 14 – 252, 4.

⁹²⁵ A questão merece ser melhor analisada, mas, neste caso, Pedro parece preferir a teoria avicbroniana da composição universal, à teoria boeciana da distinção entre *quo est* e *quod est* (em II, 1, q. 4, sol., p. 518, 8-17, esta composição equivale à composição de matéria mais forma espiritual). A teoria da substância espiritual obriga a reformular a própria teoria da forma e da matéria, que “nos seres criados não alcançam identidade de essência, mas apenas de na intensão da

distinção entre substância material e substância espiritual (para além da substância média, dos *corpos* superiores, simultaneamente divisível, extensa mas não modificável)⁹²⁶. Ora como o intelecto, que aqui se discute, é uma substância espiritual e todas estas são compostas de matéria e forma, também ele é composto de matéria espiritual e forma pela qual é o que é.

Vale a pena ler ainda a resposta “à razão contrária”, onde Pedro assinala o quanto se afasta de Aristóteles. No argumento *ad oppositum*, um *locus ab auctoritate*, como lhe chama, aduzira nada menos que a posição de Aristóteles que no *De anima* toma a definir apenas como forma do corpo. Ora, responde Pedro, a alma pode ser considerada de dois modos. Um enquanto é perfeição do corpo, e nesse caso é *forma*, como diz Aristóteles. Mas, também pode ser considerada enquanto *substância*, e é neste sentido que é composta de matéria espiritual e forma, razão pela qual não é forma simples, mas é forma e substância individual composta (*hoc aliquid composita*)⁹²⁷. Há aqui a conjugação de duas teorias que Pedro pressente como distintas, mas que claramente quer conciliar, uma que explica a animação do corpo pela alma e com a qual Aristóteles pretendia resolver o dualismo platónico, outra que toma toda a alma, mas sobretudo o intelecto, como substância porque assim assegura a sua subsistência após a separação do corpo e permite explicar certas formas de conhecimento que lhe são próprias. Só que esta posição faz regressar o dualismo, melhor dito um pluralismo e os seus problemas, porquanto é necessário explicar como se relacionam ou comunicam entre si as diferentes substâncias e como é que essas diferenças não afectam nem a unidade do homem nem a universalidade do conhecimento a que ele pode aceder. Assim, não é por acaso que o autor evita discutir abertamente a definição de aristotélica da alma como forma ou acto primeiro do corpo que tem a vida em potência em 412a26-27. Embora falte a questão onde estava anunciado discuti-la⁹²⁸, Pedro mesmo assim refere-a numa questão sobre os modos de definir a alma à, respondendo desta forma:

proporção”, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, q. 2.2, ed. Alonso 1944, pp. 506-510.

⁹²⁶ Idem: *ibidem*, q. cit.; Sobre a tripla matéria no *Fons vitae*, ver também II, 1, q. 3, sol., p. 510, 13-18.

⁹²⁷ « Ad rationes autem in contrarium dicendum est quod anima dupliciter consideratur: Uno modo in quantum est perfectio et sic est forma et sic earn accipit Aristoteles in principio secundi [Aristoteles, *De anima*, II, 1]. Alio modo secundum quod est substantia et sic est composita ex materia spirituali et forma, nec est simplex forma tantum, set est forma et substantia que est hoc aliquid composita», Idem: *ibidem*, p. 252, 5-12. Alma como *hoc aliquid*, substância individual, é frequentemente referida, cfr. pp. 245, 8-18 (as faculdades também são *hoc aliquid*); 246, 5-6; 280, 7-9; 298, 11-13 (associando-lhe o *De motu cordis* de Alfredo de Sareshel e a *Metafisica* de Algazel); etc.

⁹²⁸ De facto, a prometida última questão da lição 1 do livro II («Nona est de diffinitione anima et de eius explanatione», p. 498, 20-21) é substituída por uma continuação da questão 8, sobre a alma do mundo («utrum <celum> habeat animam tanquam sui perfectionem», pp. 531-535). O mesmo se passa na divisio textus, na relectio divisionais e na sententia lectionis, onde se limita a constatar os termos da definição e que eles se explicam pelos pressupostos antes explicados: «Sententia quarte partis in qua elicitur diffinitio anime ex suis principiis: Hoc habito concludit philosophus ex predictis

Ad hoc dicendum est quod anima nata est diffiniri et loquimur primo de anima intellectiva in qua est maior manifestatio et ratio diffiniendi; ipsa enim diffinitur secundum multiplicem viam. Habet enim aspectum ad creatorem a quo recipit influentiam et esse et conservationem; et habet aspectum ad corpus sibi subiectum quod perficit et conservat et supra quod dirigit operationes; et habet aspectum ad suam essentiam et habet comparisonem ad diversa a se respectu quorum diffinitur per privationem. Et hiis IIII modis cognoscitur quelibet substantia spiritualis, scilicet, per aspectum ad creatorem, et per comparisonem ad illud supra quod influit, et in sui essentia, et per privationem aliorum. Anima igitur per relationem ad creatorem sic diffinitur: *Anima est substantia spiritualis incorporea illuminationum que sunt a primo ultima receptione receptiva*. Et sic diffinitur per relationem ad aliquas creaturas secundum ordinem ad creatorem. Per comparisonem autem ad corpus diffinitur sic: *anima est actus corporis organici physici potentia vitam habentis*, et quia physicus considerat eam per comparisonem ad corpus. Ideo hoc modo eam diffinit [ut] in principio de anima scribitur. A parte autem sue substantie habet anima rationem diffinitionis. Set illa occulta nobis ratione sue simplicitatis, per relationem autem ad alias creaturas diffinitur per privationem earum, sicut quodlibet principium et quodlibet simplex hoc modo diffinitur⁹²⁹.

A definição que expressa a relação ao criador do qual recebe iluminação (*Anima est substantia spiritualis incorporea illuminationum que sunt a primo ultima receptione receptiva*) é retirada de Alfredo de Sareshel que a atribui à *Metafísica* de Aristóteles⁹³⁰, onde não se encontra, assim induzindo em erro os seus leitores, que são levados a associar-lhe uma definição de orientação neoplatônica. A definição que expressa a relação com o corpo (*anima est actus corporis organici physici potentia vitam habentis*) é precisamente a definição de Aristóteles⁹³¹. Apesar da sua declaração de princípio referida atrás segundo a qual lhe interessa determinar a alma em si e não a sua posição face ao criador, opta decididamente pela definição substancialista de Alfredo e da tradição filosófica latina.

É que a definição como simples forma do corpo decorre, para Pedro, da distinção entre corpos naturais que têm vida e corpos naturais que não têm vida, e é aqui que lhe introduz a

anime diffinitionem dicens quod necesse est, sicut patet ex predictis, animam esse perfectionem corporis naturalis potentia vitam habentis.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, sententia, ed. Alonso 1944, pp. 496, 30-497, 2.

⁹²⁹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, sententia, ed. Alonso 1944, pp. 227, 29-228,

⁹³⁰ ALFREDO DE SARESHEL, *De motu cordis*, ed. C. Baeumker, p. 2, 7-9; sobre a origem e influência da definição ver a nota do edito a pp. 2-3; esta é a primeira das onze definições discutidas por JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, p. 57, 24-33 e p. 59.

⁹³¹ ARISTÓTELES: *De anima*, II 1, 412a27-28; é a sexta das onze definições discutidas por JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, p. 57, 148-149 e pp. 64-65.

distinção avicebroliana de substância porque, diz, essa distinção pressupõe a distinção entre substâncias corpóreas e substâncias incorpóreas⁹³².

É um facto que Pedro prefere definir a alma como substância⁹³³:

Ad hoc dicendum est quod anima continetur in genere substantie. Est enim substantia spiritualis que corpus perficit et conservat et movet et dirigit⁹³⁴,

definição que melhor serve para afirmar o carácter instrumental do corpo. Simultaneamente a definição da alma como substância evidencia também que a alma dá o ser que completa *o corpo* e é o princípio de operação *do corpo*, mas se se disser, como fazem alguns, que a alma é natureza isso indica que é também princípio de movimento e de operação *no corpo*⁹³⁵.

Da definição de alma faz parte, portanto, a sua ligação ao corpo, que perfecciona, conserva, move e dirige. Mas, como ocorre esta ligação e que decorre dela? Em primeiro lugar ela é metafísica, isto é, *relativa ao ser e essência*, que decorre dos dois princípios da substância, a matéria e a forma, pois deles resulta o composto e a essência. Mas também se fala de princípios da substância *relativamente à geração* e aí sim há necessidade de disposições na matéria e potência para receber a forma. Mas, estas disposições não são nem essenciais nem substanciais, mas sim acidentes que adaptam a matéria para receber a forma⁹³⁶.

A teoria da alma substância tem ainda uma outra implicação: é que as próprias potências principais da alma não são idênticas entre si e se primeiro defendeu que são idênticas por essência, depois afirmará claramente que há entre as duas inferiores (vegetativa

⁹³² «Dicit [Aristoteles] igitur quod corporum naturalium quedam habent vitam; quedam autem non. Et sic subponit hanc divisionem substantiarum: quedam sunt corporee; quedam incorporee», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, sententia, ed. Alonso 1944, pp. 495, 13-16.

⁹³³ Diga-se que a substância compreende quatro aspectos: matéria, forma, composto, essência. A matéria indica o possível, a forma indica o complemento, o composto indica o que resulta daqueles dois, e o quarto é a essência da coisa, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, q. 3, sol., ed. Alonso 1944, p. 512, 32-513, 12.

⁹³⁴ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, q. 2, sol., ed. Alonso 1944, p. 504, 29-31. Sobre alma como substância incorpórea ou espiritual, ver II, lect. 2, q. 2, pp. 559-561.

⁹³⁵ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lectio 2, q. 8, sol., ed. Alonso 1944, p. 231, 16-232, 3. Neste ponto Pedro procura conciliar a *multiplex expositio* existente sobre se alma é natureza e substância

⁹³⁶ «Ad secundam dicendum est quod duobus modis est loqui de principiis substantie: uno modo quantum ad esse et essentiam; alio modo quantum ad generationem. Primo modo non sunt nisi duo principia substantie, scilicet, materia et forma et ex hiis resultat compositum et essentia. Secundo autem modo sunt dispositiones, principia et potentia materie et quia ad generationem substantie necesse est dispositiones in materia et potentiam ad formam recipiendam. Set dispositiones sunt sicut accidentia adaptantia materiam ad receptionem forme substantialis», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 1, q. 3, ad secundam rat., ed. Alonso 1944, p. 513, 24-514, 1. Na discussão das questões preambulares sobre o conteúdo dos livros biológicos, é recorrente a referência às *dispositiones corporis* que apelam uma distinção de potências na alma.

e sensitiva) e a superior (intelectiva) uma diferença de substância, de potência e de operação⁹³⁷, clara afirmação da existência no homem da pluralidade de almas, e de pelo menos três substâncias: o corpo, a alma vegetativa-sensitiva, a alma intelectiva. A teoria aviceneana da dupla face do intelecto é ainda mais um elemento a introduzir o pluralismo, agora na mais elevada das substâncias que compõem o homem.

A correspondente teoria das faculdades da alma e da sua operação, particularmente no que diz respeito ao conhecimento, é tributário desta opção pelo pluralismo.

Na *Scientia libri de anima*

A *Scientia libri de anima* propõe uma abordagem da alma em estilo e forma completamente diferentes da do comentário sobre o *De anima*. Relembremos aqui que o autor deste extenso manual de metafísica e psicologia da alma pretende elaborar uma doutrina com o que há de verdade sobre a questão, bebendo em obras suas e de outros que o precederam. As teorias de diferentes proveniências, agregadas com recurso a «escassa elaboração doutrinal» no dizer de Étienne Gilson⁹³⁸, são apresentadas sem que seja identificado o respectivo autor ou autores⁹³⁹, o que não deixa de colocar problemas sérios ao historiador do pensamento⁹⁴⁰. Com a dificuldade acrescida de este eclectismo querer conciliar e compaginar autores inconciliáveis.

A *Ciência do livro da alma* de Pedro pode ser lida precisamente como uma minuciosa explicação do homem nos seus aspectos fisiológicos e espirituais, tendo como constante horizonte a sua natureza composta de alma e de corpo. Para evidenciar que não há qualquer contacto entre a pura espiritualidade do intelecto e a materialidade do corpo, Pedro multiplica até à exaustão níveis ou potências da alma que permitem não só explicar a totalidade de todos os factos observáveis no corpo, como, sobretudo, permitem separar a parte superior da alma (o intelecto) relativamente ao corpo, enquanto que as potências inferiores da alma (sensitiva, vegetativa, e as suas múltiplas potências), essas sim estão ínsitas e dirigem o corpo com

⁹³⁷ Cfr. II, lect. 6, qq. 1-2, ed. Alonso 1944, 650-663.

⁹³⁸ É. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 231.

⁹³⁹ De certa forma este também é o procedimento de Avicena no *Liber De anima seu sextus de naturalibus*, que é uma das fontes principais da *Scientia*.

⁹⁴⁰ Richard Dales descreve assim as posições das obras acerca da alma (incluindo entre elas também a anónima *Expositio libri de anima*, que ainda atribui a Pedro): «Peter's thought is an interesting congeries of ideas from many sources, expertly but not perfectly fitted together and modified by his own mind», R.C. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, Leiden-New York-Köln 1995, p. 68. Mas, o facto de não distinguir claramente entre as obras em causa conduz o autor a concluir que as posições de Pedro são difíceis de caracterizar (idem, pp. 73-74) e diz que a sua visão da matéria claramente é a que sustenta as teorias da pluralidade das formas (de facto esta é posição do *Comentário*, descrita por Dales a pp. 68-69), mas também defende explicitamente a unidade da forma substancial (e esta é a posição da *Scientia*, cfr. pp. 70-71).

proximidade. Por esta razão, Pedro é um claro defensor da existência de uma pluralidade de faculdades alma, em que as inferiores se explicam pela ordenação para as superiores e pela orientação que delas recebem.

A alma não é corporal, não ocupa um local no corpo (está ausente do corpo mas está omnipresente no corpo enquanto totalidade), não é dotada de movimento corporal, contudo pode causar o movimento do corpo. Quais são então as diferenças entre a mutabilidade própria do corpo e a actividade própria da alma?

O primeiro capítulo da *Scientia* ocupa-se dos modos pelos quais podemos dizer ou provar que a alma existe. O dilema é conhecido: o conhecimento perfeito é conhecimento das causas, mas da alma não há percepção sensível, então tem que ser conhecida pelas acções que dela emanam e que manifestam publicamente a sua essência latente. É este princípio que permite então apontar quatro coisas (*res*) que manifestam a existência da alma: (1) pelo acto primeiro da vida, (2) pelas obras, (3) pela privação do acto primeiro e da vida, (4) pela ordem natural das coisas⁹⁴¹.

(1) A vida, acto primeiro, contínuo que flui da substância formal⁹⁴², não existe em determinados seres, portanto a vida não provém da simples *forma corporal*, como vemos por exemplos nos minerais e em muitos outros corpos mistos, mas há determinados seres, como plantas e animais, que participam na vida. Portanto o acto da vida não provém do corpo, nem da forma corporal. «Portanto, é necessário que exista *outra substância*, a que chamamos alma, copulada ao corpo, colocada acima da natureza do corpo e das formas corporais, da qual procede a vida no corpo»⁹⁴³.

(2) a existência de determinados actos mostra-nos que há corpos que carecem de vida, que não têm nutrição, crescimento, ou descendência, nem possuem apreensão, nem movimento voluntário, e são impotentes para a produção de qualquer destes actos, e são oprimidas pelo fardo da caligem corporal; mas, há outros que possuem todos aqueles actos,

⁹⁴¹ «Perfecte cognitionis integritas quamvis a causis originem contrahat, tamen anime notitia, que a sensibili perceptione distat, ex eius operibus indagatur, quippe cum eius essentia latente opera ab ea emanantia ipsam in propatulo manifestent. Assertio igitur existentie eius ex quatuor rebus declaratur: ex actu primo vite, ex operibus, ex privatione primi actus et operum, et ex rerum ordine naturali.»

Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, p. 11, 3-9.

⁹⁴²

⁹⁴³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, p. 12, 8-11. Para todo o argumento (1), cfr. pp. 11, 9-12, 11. A própria vida, que é o acto primeiro do corpo, emana da *essência da alma* e as diversas operações do corpo emanam das diferentes faculdades da alma. Pedro Hispano *Scientia*, I, 3, ed. Alonso, p. 26, 18-26: «A alma dá a vida <ao corpo> não pelas suas potências, mas pela união da sua substância <ao corpo>. De facto o ser de uma coisa, não emana pela união da forma (que é um acidente), mas da sua substância. E a vida é o acto primeiro dos seres vivos e do seu ser, e por isso a vida emana da essência da alma, e as suas operações <emanam> das suas potências. A vida é uniformidade e contínuo acto invariante, uma vez que na essência da alma não há diversidade, mas nas suas operações existe muita diversidade, devido à multiforme diversidade das faculdades.»

alguns dos quais são comuns como a nutrição, o crescimento, a geração propagativa, outros são menos comuns como a apreensão e o movimento voluntário, outros são próprios como o intelecto e a distinção do verdadeiro e do falso, do bem e do mal. Portanto, não provêm da forma corporal e, por isso, é necessário que exista uma substância que aloje as faculdades pelas quais exerça a acção nos órgãos do corpo, a qual chamamos alma⁹⁴⁴.

(3) há corpos em que ocorre uma rápida dissolução da união da forma com a matéria (nesta união consiste a conservação dos corpos), como nas plantas e outros seres mistos compostos de elementos contrários, sujeitos aos processos de geração e corrupção, enquanto nos metais e nas pedras essa união é estável e indissolúvel. Ora enquanto os seres vivos conservam aquela união ela não pode provir da simples forma corporal, porque muitos a mantêm e iniciam processos de putrefacção e dissolução. Portanto, é necessário que exista uma *substância* acima da natureza corporal, que a conserva, rege, liga os elementos e compagina as partes, cuja ausência causa a corrupção e é a ele que chamamos alma⁹⁴⁵.

(4) a ordem das coisas é o último estado de coisas que nos revela a existência da alma. O criador (*actor rerum*) organizou o universo das coisas sob a razão de ser, de viver, de conhecer. A todas atribuiu o ser, a algumas a vida, a algumas o conhecimento. Ora o criador dispôs todas estas naturezas, especialmente o conhecimento, no homem, para o qual ordenou todas as coisas, dando-lhe uma substância governadora, que é a alma intelectiva. Assim, é evidente que também a ordem das coisas mostra a existência da alma⁹⁴⁶.

A observação das coisas fornece, assim, quatro argumentos da existência da alma⁹⁴⁷. A formulação de cada um deles, em especial o último mais directamente relacionado com a alma humana e o lugar desta no mundo, revelam aspectos importantes da concepção de Pedro sobre a natureza da alma, que serão discutidos fundamentados nos capítulos seguintes.

Em si mesma a alma é substância racional, mas relativamente ao corpo é princípio formal completo:

Res igitur que anima dicitur, in genere substantie collocatur. Verum cum anima sit in se substantie rationem participans, respectu vero corporis eius est formale principium completivum⁹⁴⁸.

⁹⁴⁴ IDEM: *ibidem*, I, 1, ed. Alonso, pp. 12, 12-13, 30.

⁹⁴⁵ IDEM: *ibidem*, I, 1, ed. Alonso, pp. 13, 31-14, 17.

⁹⁴⁶ IDEM: *ibidem*, I, 1, ed. Alonso, pp. 14, 18-15, 26.

⁹⁴⁷ Note-se que o comentário também propõe quatro *rationes* que mostram a existência da alma, mas o seu conteúdo e fundamentos são diferentes: «Circa primam questionem ostenditur primo quod anima sit per quatuor rationes», cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 1, q. 1, ed. Alonso 1944, pp. 498-503: os quatro argumentos são as 4 *rationes*, com as quais o autor concorda na *solutio*.

⁹⁴⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 16, 28-17.

Como nota Richard Dales⁹⁴⁹, Pedro Hispano toma de Avicena o considerar que a alma deve ser abordada sob dois pontos de vista: em si mesma (enquanto substância que participa na razão) e na sua relação com o corpo (do qual é princípio formal, ou acto que perfecciona o corpo, caso em que se lhe aplica a definição de Aristóteles).

A substância tem quatro aspectos (*differentias*): matéria, forma, composto e essência⁹⁵⁰. Mas, diz Pedro, nem em todas as substâncias criadas, e a alma pertence a esse género, há identidade de essência entre matéria e forma, porque em algumas criaturas a matéria e a forma apenas comunicam em intenção da proporção. De facto a alma está separada da matéria (*anima a materia ratione seiungitur*). Nesta formulação, portanto a alma não aparece como tendo matéria, antes está separada da matéria por um princípio de razão⁹⁵¹ e está separada da corporalidade, o que parece ser uma clara recusa da tese da composição hilemórfica da própria alma defendida por Avicebra⁹⁵².

Enquanto forma, a alma não é forma simples, mas sim forma completa e individual (*forma completa et hoc aliud*⁹⁵³), porque só esta pode mover o seu sujeito próprio. Mas, a alma é substância incorpórea, porque lhe competem propriedades que estão totalmente ausentes da matéria, como são os actos da alma e das suas faculdades⁹⁵⁴. Mas, não sendo

⁹⁴⁹ R.C. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, cit., p. 68.

⁹⁵⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 17, 5-6. Esta caracterização encontra-se também no comentário, e baseia-se na definição da substância por Aristóteles em *De anima*, II, 1, 412a6-10, onde não se menciona a essência: «Dicamus ergo genus quoddam eorum que sunt substantiam huius autem aliud quidem sicut materia, quod secundum se non est hoc aliquid, alterum autem formam et speciem, secundum quam iam dicitur iam hoc aliquid, et tertium quod est ex his. Est autem materia quid in potentia, species autem endeluchia», *transl. vetus*, ed. K. White, p. 2.

⁹⁵¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 17, 7-17.

⁹⁵² O mesmo foi assinalado por R.C. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, cit., p. 69.

⁹⁵³ «(...) anima substantia completa que est hoc aliud de sui natura esse censetur. (...) Anima igitur substantia forma que est hoc aliud, in sua essentia esse iure censetur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 17, linhas 19-20 e 30-31. Note-se que em outro local Pedro utiliza a expressão *hoc aliquid*, utilizada para referir a individualidade da substância desde a tradução antiga do *De anima* (Aristóteles, *De anima*, II, 1, 412a6-10): «Set cum forma dans vitam sit completa in esse, ut substantia, que est *hoc aliquid*, iudicetur cui sufficiens motus exhibitio et distensionis materialis remotio et virtutum ac operationum distinctio concedetur, substantia completa est causa vite; set cum substantiarum completarum quedam sit corporalis, quedam spiritualis, corporalis ad vite collationem est impotens», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 3, ed. Alonso, p. 25, 14-21. Este é o único caso onde se usa a expressão tradicional, pois em IX, 2 (p. 304, 17) e X, 1 (p. 348, 27) volta a ser usado *hoc aliud* para referir a substância completa.

⁹⁵⁴ «Substantia vero quedam corporea, quedam autem incorporea. Substantie vero incorporee formali hec proprietates competunt que a corporea removentur; distantia a materia corporali mobili secundum essentiam, libertas a distensione secundum materie parcium protensionem, motus, sufficientia, inclinatio, motus ad partes, fines et terminos diversos, uti subiecto et partibus eius, sicut organo parcium organicarum, diversitas virtutum et operationum distinctio, multiformis multorum operum copia regimen formarum corporalium contrariarum, substantialium et accidentalium, vite ac cognitionis collatio; iste vero proprietates anime eiusque differentiis, licet secundum maioris simplicitatis debetur (?) gradus et ideo substantia incorporea merito censetur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, pp. 17, 31-18, 6.

substância separada, está associada a um corpo pela existência e potência, do qual é forma e ao qual dá o ser, e como forma confere ser específico ao sujeito, constituindo-o como algo completo e na espécie e individual⁹⁵⁵.

A alma é princípio intrínseco do corpo e raiz do seu movimento e das suas operações, que pela sua união à substância do corpo o constitui num ser específico, mas é pela suas faculdades aplicadas às partes do corpo que dela mesma emanam as operações que vemos ocorrerem no composto:

Anima vero est perfectio intrinseca, quia est principium intrinsecum corpus perficiens, et est radix motus omnis et operationis in corpore; et sic forme et perfectionis intrinsece optinet rationem. Ipsa enim per sue unionem substantie corpus in esse specifico constituit; per suas virtutes corporis partibus applicatas ab ipsa operationes emanant⁹⁵⁶.

Assim, a alma é perfeição do corpo porque lhe dá a vida e o corpo é instrumento das acções que são produzidas pelas múltiplas faculdades da alma. A alma é acto primeiro⁹⁵⁷ do corpo natural ao qual dá o ser segundo a espécie. O corpo é meramente potencial relativamente à alma e a sua matéria, por debilidade intrínseca, não tem existência em acto, mas obtém-na em resultado da sua união à alma⁹⁵⁸. Portanto a alma é perfeição do corpo porque lhe dá a vida e o corpo é instrumento das acções que são produzidas em função das múltiplas faculdades da alma.

⁹⁵⁵ «A alma não é uma substância separada, mas ligada à existência e à aptidão do corpo material. Portanto, pela sua essência pertence ao género da substância composta (*hoc aliud*) e é a forma, de certo modo completa, perfectível do corpo, ao qual dá o ser»: «Anima vero substantia separata non est, set corpori materiali existentia ac virtute coniuncta. Ipsa igitur in substantie genere collocata per essentiam suam hoc aliud et *substantia quodam modo completa* existens corporis perfectibilis est forma, ipsum in esse constituens; forma enim, specificum esse subiecto conferens ipsum hoc aliud et in specie completum constituit. Anima igitur forma ac perfectio corporum dicitur eo quod corpus perficiens subiectum, ex ipsa et corpore compositum perfectum constituit in existentia naturali et per ipsam vel per differentiam que in ipsa fundatur, genus perficitur», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 18, 6-16. Segundo R. Dales a expressão «substantia quodam modo completa» (em itálico na citação) poderia indicar que não é completa no sentido integral do termo (cfr. R. DALES: *The Problem of the Rational...*, cit., p. 69 e n. 15), mas a expressão é da própria *translatio vetus* do *De anima* Aristóteles..

⁹⁵⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 19, 1-7.

⁹⁵⁷ *Actus primus*: dá o ser a uma coisa; *actus secundus*: é a acção (*operatio*) de um ser completo existente. A alma é simultaneamente acto primeiro do corpo porque lhe dá o ser segundo a espécie (o corpo é potência e a matéria não tem ser em ato na sua espécie) e acto segundo, porque é o seu princípio e porque lhe assegura a conservação, cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, pp. 19, 8 - 20, 10.

⁹⁵⁸ «Anima igitur est actus primus corporis dans ei esse primum secundum speciem; corpus enim est potentia ad ipsam et materia ipsa non habet esse in actu in sua specie, set per unionem anime cum ipso primo esse et completionem natura participat quam ante non habet.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 2, ed. Alonso, p. 19, 32-36.

O *ser*, uma vez que é acto próprio da essência, é o acto primeiro de todas as coisas, tudo incluindo na sua extensão»⁹⁵⁹. Étienne Gilson notou a imprecisão filosófica desta formulação a propósito do *esse* enquanto “acto próprio da essência”⁹⁶⁰, uma vez que não é claro o que exactamente pretende afirmar com esta fórmula: «What does he mean by “essentia”? is it “essence”, or is it “entity”? And how should we understand “esse”? Does it mean “to be”? Or does it mean “being”? In reading that “in any living creature, its life differs from its substance”⁹⁶¹, one has the uncomfortable impression of meeting already-known formulas, which have come from elsewhere and have lost their meaning during the journey»⁹⁶².

Mas, a distinção de Pedro entre a *essentia* e o *esse*, entre a vida e a sua substância, diferenciação que apenas ocorre na criatura, tem como horizonte a teoria da simples unidade do criador (em que o seu *esse* é idêntico à sua essência), distinto da criatura em que o seu *esse* (acto próprio da sua essentia) se distingue da sua substância, havendo portanto composição de *esse*, *essentia*, *substantia*.

Desde o início da *Scientia* encontramos constantemente repetido que a matéria do corpo, a caligem da corporalidade, obscurece a espiritualidade da alma e a sua semelhança com as substâncias espirituais transcendentais⁹⁶³. O corpo e a matéria, são, no caso do homem, vistos como um certo obstáculo à realização plena da actividade própria da alma e portanto um certo obstáculo à realização dos fins últimos do homem. Paradoxalmente, esta mesma obra oferece nos tratados III-V uma minuciosa exposição da fisiologia humana e das inter-relações entre as diferentes potências da alma e os órgãos do corpo e a sua totalidade.

Neste complexo teórico em que se afirma que a alma «relativamente ao corpo é o seu princípio formal completo» (p. 17, 2-3), ou que é o acto que o realiza («forma ac perfectio corporum dicitur» p. 18, 13), embora não seja uma substância separada, mas sim conexas à própria existência material do corpo (p. 18, 7-8), e quanto à origem da intelectiva não provém do corpo, mas foi criada e infundida directamente pelo criador num corpo com a adequada

⁹⁵⁹ «Esse vero, cum sit essentie actus proprius, est omnium actus primus, omnia sua latitudine comprehendens», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 1, ed. Alonso, p. 355, 27-28

⁹⁶⁰ E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., pp. 320-321.

⁹⁶¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 1, ed. Alonso, p. 354 (Gilson cita a 1ª ed. Alonso, p. 411). É esta a demonstração de Pedro Hispano elaborada num capítulo sobre a vida das substâncias: «In omni vero creatura vivente vita ab eius differt substantia, quippe cum eius substantia non sit purus actus nec pura forma in substantia emanans ab ipsa forma cum substantia diversus, *esse vero est actus proprius essentie substantie*, essentia vero a substantia differt et esse, vita vero est actus essentia et esse naturaliter posterior ab ipsis quodam modo differens; igitur a substantia est diversa; et vita sicut esse sive a forma sit actus emanans sive ex forme et possibilis compositione resultans, naturaliter essentiam et substantiam consequitur et cum substantia in sua existentia ac diffinitione sit aggregata, multa complectens, actus ex principiis elicetus ab ea censetur differre», IDEM: ibidem, p. 354, 12-15.

⁹⁶² E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 321.

⁹⁶³ Ver por exemplo o prefácio (pp. 3-5) ou o 4º argumento da origem da alma (Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, pp. 14-15).

disposição para a receber, justifica-se plenamente a adopção de uma definição de alma como forma de um corpo:

Est igitur anima actus primus corporis naturalis instrumentalis potentiam vitam participantis⁹⁶⁴.

Mas, como lemos, é algo mais que forma do corpo. É incluído também um elemento que é estranho à definição de Aristóteles, pelo qual se sublinha o carácter instrumental do corpo relativamente à alma. O corpo não é senão um instrumento ao dispor da alma. A alma é algo que se lhe junta, que está para lá dele, que o usa. A alma habita um corpo. É assim reintroduzido o dualismo que a concepção de Aristóteles pretendia anular. Ora, a definição vai Pedro Hispano buscá-la literalmente ao *Liber de anima* de Avicena (mais concretamente à versão latina B, como é testemunhada pelo manuscrito S da edição crítica⁹⁶⁵), como podemos ver colocando em paralelo as definições de Aristóteles, Avicena e Pedro Hispano:

As definições de alma em Aristóteles, Avicena e Pedro Hispano

<i>Aristóteles</i>	<i>Avicena</i>	<i>Pedro Hispano</i>
anima est actus primus corporis phisici potentia vitam habentis	anima (...) est perfectio prima corporis naturalis instrumentalis habentis potentiam [Ms S] vitam	Est igitur anima actus primus corporis naturalis instrumentalis potentiam vitam participantis
Aristóteles, <i>De anima</i> II 1; 412a27-28 (trans. vetus)	Avicena, <i>Liber de anima</i> I 1; p. 29, 61-63	Pedro Hispano, <i>Scientia</i> , II 1; p. 22, 6-7

A concepção do corpo como instrumento da alma é o grande elemento de distinção introduzido por Avicena na definição de Aristóteles neoplatonizando-a. Esta definição é também mais facilmente harmonizável com a concepção de alma como substância.

A referência ao carácter instrumental do corpo é de facto uma aproximação ao platonismo, que encontramos na definição de Avicena, retomada por Pedro Hispano que a reforça pelo recurso a uma metáfora de tradição platónica⁹⁶⁶ que sublinha a superioridade (e mesmo exterioridade) da alma relativamente ao corpo: a alma dirige o corpo como o piloto governa o seu navio⁹⁶⁷, ou como o príncipe governa a sua cidade⁹⁶⁸. Portanto, o corpo fica

⁹⁶⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 22, 6-7

⁹⁶⁵ Sobre as duas versões (A e B) ver os estudos de S. van Riet na introdução dos dois volumes da edição do *Liber de anima*, vol. I pp. 109*-112*, II pp. 76*-82*.

⁹⁶⁶ Sobre as fontes indeterminadas desta metáfora utilizada pelos platónicos, cfr. A. de Libera (trad.) Thomas d'Aquin, *L'unité de l'intellect*, cit., pp. 208-209, n. 23.

⁹⁶⁷ Entenda-se o corpo ao qual a alma está associada, dotado de vida (o corpo inorgânico nunca poderá ser instrumento da alma neste sentido).

⁹⁶⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 17, 24. A *similitudo* é citada diversas outras ao longo da obra: p. 18, 31, p. 92, 19, p. 325, 21-22, p. 331, 20. A imagem também é recorrente no comentário sobre o *De anima* onde lhe é mesmo dedicada uma questão: «utrum anima comparetur ad corpus sicut nauta ad navem», concordando que é a mesma relação do motor com o movido, que tem três sentidos diferentes, dois dos quais são explicitamente referidos a passagens do

reduzido à simples condição de instrumento da alma (p. 22, 5-7), pela qual é dirigido e à qual é ontologicamente inferior e exterior. Pela introdução deste elemento fica também reduzido o alcance do hilomorfismo de Aristóteles enquanto solução do problema da relação alma corpo através de uma explicação que esvaziasse a necessidade de considerar o bi-substancialismo antropológico. De facto a definição e a metáfora que a descreve sublinha que a alma é um princípio extrínseco relativamente ao corpo.

Na adesão a uma ou outra definição de alma desenrola-se aqui jogo de cruzamento e exclusão de posições filosóficas em que se combinam concepções transmitidas por múltiplas fontes, num verdadeiro puzzle difícil de reconstituir.

A definição da alma como substância espiritual é por exemplo acolhida no *De anima* de Gundissalino, que a faz remontar a Platão e que a prefere à definição de Aristóteles: «Vera est igitur definitio animae secundum Platonem, quod anima est substantia incorporea corpus movens⁹⁶⁹». De facto, como assinala o editor, esta definição provém do *De differentia spiritus et animae* de Costa ben Luca, de onde provém também a definição a seguir atribuída a Aristóteles: «Aristoteles autem sic definivit animam dicens «Anima est prima perfectio corporis naturalis, instrumentalis, viventis potentialiter⁹⁷⁰» e no final da respectiva discussão Gundissalino regressa à definição da alma como substância⁹⁷¹. Nesta discussão estão presentes algumas das distinções utilizadas também na *Scientia*.

A doutrina da alma como substância, destituída de corpo, auto-movente e racional, também é atribuída a Platão no comentário de Calcidio sobre o *Timeu*: «Est igitur anima, iuxta Platonem, substantia carens corpore, semetipsam mouens, rationabilis⁹⁷²,

Outra versão da definição platónica de alma é transmitida por Nemésio de Emesa: «Plato vero <animam dixit> substantiam intelligibilem ex se ipsa mobilem secundum numerum enarmonicum⁹⁷³».

De anima de Aristóteles, o que equivale a dizer que para o autor a metáfora (que de facto expressa a concepção neoplatónica da alma que habita um corpo) é uma interpretação legítima do pensamento de Aristóteles, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 6, q. 5, ed. Alonso 1944, pp 668, 3-669, 28.

⁹⁶⁹ GUNDISSALINO: *De anima*, em J.T. Muckle: «The Treatise De anima of Dominicus Gundissalinus», *Mediaeval Studies*, 2 (1940) 23-103; a definição é introduzida no início do cap. 2, p. 37, 8-9, o qual termina com a afirmação transcrita a p. 40, 11-12.

⁹⁷⁰ IDEM: *ibidem*, ed. cit., p. 40, 13-14. As definições de Platão e Aristóteles são reenvidas para Costa ben Luca: *De differentia animae et spiritu*, ed. S. Barach, Innsbruck 1878, respectivamente pp. 131 e 134.

⁹⁷¹ IDEM: *ibidem*, ed. cit., p. 42, 5-6

⁹⁷² *Calcidii Comentarius Timaei Platonis*, em Plato latinus: *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus*, ed. J.H. Waszink, Londinii — Leidae 1975, Comm. 226, p. 241, 8-9. Mas, como nota o editor (cfr. aparato), esta definição não se encontra nos doxógrafos, que a costumam associar a Xenócrates, embora ocorra numa versão breve em Macróbio, *In somnium Scipionis*, I, 14, 19, que a partir de *Porfírio* define a alma apenas como «essenciam se moventem».

A definição de Aristóteles é também transmitida por Calcídio no comentário ao *Timeu* de Platão com esta formulação: «anima est prima perfectio corporis naturalis organici possibilitate uitam habentis»⁹⁷⁴, uma formulação com termos comuns à de Avicena. Nemésio de Emesa também transmite a definição Aristotélica: «Aristoteles <dixit animam> autem entelechiam primam corporis naturalis organici potestate vitam habentis»⁹⁷⁵.

Mesmo que não houvesse acordo quanto às respectivas interpretações, as diferentes definições de alma eram conhecidas por serem transmitidas por diversas fontes diferentes, e de algum modo a adesão a uma ou outra, como nos mostra o critério de Gilson, define já uma opção doutrinal. Por isso tem grande interesse o penúltimo capítulo da *Scientia* que remata a discussão das doutrinas dos filósofos antigos sobre a alma⁹⁷⁶. É nem mais nem menos que uma série de definições da alma, com a particularidade de nenhuma ser atribuível a qualquer dos filósofos antes estudados, todos pré-aristotélicos, pois este tratado é de facto uma síntese do primeiro livro do *De anima* de Aristóteles. Apesar disso, o início e o fim do capítulo pretendem fazer crer que se as definições se referem aos mesmos autores discutidos⁹⁷⁷.

O que é que notamos aqui? Três conclusões imediatas: (1) preferência pelas definições que sublinham o carácter substancial da alma, (2) ausência da definição adoptada antes na *Scientia*, que vimos provir de Avicena, (3) ausência da definição de Aristóteles da alma como forma do corpo.

O que é mais curioso e nos pode indicar um pouco do método de trabalho de Pedro Hispano é verificar que todo o capítulo retoma, sem o dizer, como é estilo da obra, definições que se encontram na primeira parte do *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* de João de Rochela⁹⁷⁸, onde é dada a longa definição de João Damasceno e mais onze definições explicadas uma a uma.

No quadro seguinte, onde se inclui a totalidade do capítulo da *Scientia* identificam-se todas as definições. Este confronto mostra por um lado que Pedro Hispano de facto trabalha sobre manuais que lhe fornecem as doutrinas, mas também passagens que transcreve literalmente, que o tratado de João de Rochela, escrito em 1233, está entre essas obras, o que quer dizer que a *Scientia* lhe é posterior.

⁹⁷³ NEMÉSIO DE EMESA: *De natura hominis*, ed. Verbeke — Moncho, cap. II, p. 24, 28-29; segundo os editores a fonte de Nemésio é Aécio, *Plac.*, IV, 2, 5.

⁹⁷⁴ *Calcidii Comentarius Timaei Platonis*, ed. J.H. Waszink, cit., Comm. 222, p. 235, 8-9.

⁹⁷⁵ NEMÉSIO DE EMESA: *De natura hominis*, ed. Verbeke — Moncho, cap. II, p. 24, 29-30; segundo os editores a fonte de Nemésio é Aécio, *Plac.*, IV, 2, 6.

⁹⁷⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XIII, 7, ed. Alonso, pp. 495-496.

⁹⁷⁷ Veja-se a frase final que remete directamente para os autores antes discutidos: «Ut vero prolixitas evitetur antiquorum sententiis terminus imponatur.»

⁹⁷⁸ Cfr. JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, pp. 53-68.

Quanto ao problema da natureza da alma mostra-nos também um opção muito específica. É que da lista é expressamente omitida a definição de Aristóteles que é explicada por João de Rochela. Porquê? Poderia ter sido por escrúpulo de rigor histórico porque o tratado se ocupa dos filósofos anteriores a Aristóteles e não faria sentido incluir aí a sua definição. Não parece uma boa solução, pois todas as definições incluídas no capítulo são posteriores ou alheias a esses autores. Talvez a resposta seja mais simples: Pedro conhecia bem a definição e não concordava com ela, simplesmente porque desafiava a definição aviceniana que ele tinha adoptado, a qual evidenciava o carácter instrumental do corpo, que todas as definições aqui recolhidas reforçavam.

Definições de alma na Scientia de Pedro Hispano e a sua fonte: João de Rochela

Pedro Hispano

Scientia libri de anima

De diversis anime descriptionibus (Tr. XIII, cap. 7)

{1} Diversis autem statibus et proprietatibus eius substantiam complectentes ei descriptiones varias adaptant; anima igitur humana dicitur substantia vivens, simplex, incorporea, corporalibus sensibus secundum naturam propriam inperceptibilis, rationalis, intellectualis, set figurabili organico utens. Hinc vite, nutritionis, generationis et sensus interioris et exterioris collativa, non habens extra se alium intellectum sed partem sui purissimam, ut enim oculus in corpore sic in anima intellectus, arbitrio libera, voluntaria et operativa, voluntate vertibilis et omnia hec ex creatoris virtute suscipiens, ex qua et esse et natura tale esse suscepit.

{2} Et dicitur substantia incorporea, intellectualis, illuminationum que sunt a primo, ultima relatione perceptiva

{3} Et dicitur substantia intellectualis, spiritualis a causa suprema facta non ex causa natura set potentia creature ex nichilo facta, in bonum malumque mutabilis et ideo aliquatenus mortalis aliquatenus immortalis.

{4} Et substantia intellectualis, rationalis, semper vivens, semper in motu, bone maleque voluntatis capax.

{5} Et substantia spiritualis, simplex, incorporea, indissolubilis, passibilis ac mutabilis, carens pondere, figura ac colore.

{6} Et substantia incorporea regens <corpus>.

—

{7} Et dicitur omnium similitudo.

{8} Et substantia rationis particeps, regendo corpori accomodata.

{9} et spiraculum dicitur vite

{10} et spiritus intellectualis in se et in corpore ad felicitatem ordinatus.

Eius autem ex hiis proprietatibus explicatio ad noticie substantie et nature eius apicem non attingit.
Ut vero prolixitas evitetur antiquorum sententiis terminus imponatur.

João de Rochela

Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae

<Pars Prima: De anima secundum diffinitionem>

anima est substantia vivens, simplex et incorporea, corporalibus oculis secundum secundum propriam naturam invisibilis, immortalis,, rationalis, intellectualis, infigurabilis, organico utens corpore et huic vite at augmentationis et sensus de generationis tributina non aliud habens extra se ipsam intellectum sed et partem suiipsius purissimam,(sicut enim oculus in corpore, ita in anima est intellectus), arbitrio libera, et voluntativa et operativa, vertibilis id est voluntate vertibilis quoniam et creabilis, omnia hec eius qui cindidit eam / gratia, ex qua et esse et natura a natura esse suscepit. (João Damasceno, *De fide orthodoxa*)

J. Rochela, p. 54, 24-33 [nr. 0].

Anima est substantia incorporea, intellectualis, illuminationum que sunt a primo, ultima relatione perceptiva (Deffinitio a quodam sapiente = Alfredo de Sareshel, *De motu cordis*)

J. Rochela, p. 57, 24-33. [nr. 1]

Anima est substantia rationalis, intellectualis, spiritualis, a Deo facta non ex Dei natura set potius creatua ex nichilo facta, in bonum malumque convertibilis et ideo aliquatenus mortalis aliquatenus immortalis.

(Deffinitio ab Augustino = *De spiritu et anima*, col. 784)

J. Rochela, p. 57, 130-133. [nr. 2]

Est spiritus intellectualis, rationalis, semper vivens, semper in motu, bone maleque capax voluntatis.

(Deffinitio ab Augustino = *De spiritu et anima*, 13, col. 788)

J. Rochela, p. 57, 142-145. [nr. 4]

Anima est substantia spiritualis, simplex, incorporea et indissolubilis, passibilis atque mutabilis, carens pondere, figura et colore.

(Deffinitio ab Augustino = *De spiritu et anima*, , col. 796)

J. Rochela, p. 57, 138-140. [nr. 3]

Anima est substantia incorporea movens corpus.

(Deffinitio a Remigio = Nemésio de Emesa, *De natura hominis*)

J. Rochela, p. 57, 148-149. [nr. 5]

Anima est actus primus corporis physice organici potentia vitam habentis

Aristóteles, *De anima*, II 1, 412a27-28

J. Rochela, p. 57, 151-152. [nr. 6]

Anima est omnium similitudo.

(Deffinitio ab Augustino = *De spiritu et anima*VI, col. 783)

J. Rochela, p. 57-58 [nr. 7]

Anima est substantia quedam rationis particeps, regendo corpori accomodata.

(Deffinitio ab Augustino = *De spiritu et anima*I, col. 781: «Animus est ...»)

J. Rochela, p. 58, 158-159 [nr. 8]

Anima est deiforme et spiraculum vite.

Genesis, I, 26; II, 7

J. Rochela, p. 58. 163-167 [nr. 9]

Anima est spiritus intellectualis in se et in corpore ad felicitatem ordinatus.

Sêneca, *Epistolae*, XCII, 1-2

J. Rochela, p. 58, 166-167 [nr. 10]

2.1.2. A relação alma-corpo

O problema da união da alma com o corpo é directamente abordado no plano metafísico nos capítulos 6 e 7 do livro I da *Scientia* e no capítulo 5 do tratado IX sobre o intelecto⁹⁷⁹. A questão também é expressamente abordada do ponto de vista biológico no último capítulo do tratado I e no tratado XII⁹⁸⁰. Pedro Hispano explica com minúcia a natureza e organização do corpo orgânico para dar razão da sua preparação em complexidade e composição de contrários para a educação das faculdades inferiores, a vegetativa e a sensitiva e respectivas potências, até à união da intelectual por infusão directa do criador, mas não negligencia a explicação dos meios (como o calor e o espírito) que estabelecem a ligação da alma ao corpo através do coração e do cérebro.

Para a recepção de qualquer forma concorrem as disposições e os *media* para viver no sujeito. Quanto maior é a distância de uma forma com o seu sujeito mais é necessária uma adequada conformidade de meios que os una, como acontece na união da alma com o corpo⁹⁸¹. As faculdades da alma unem-se ao corpo consoante a sua maior ou menor proximidade com a natureza corporal⁹⁸²; daí que quanto maior é a simplicidade da forma e o intelecto é a mais simples de todas, maior é o número de meios de união com a pluralidade do corpo. Pedro vê mesmo aqui um problema espacial, de distância entre extremos: o que está mais próximo do corpo precisa de menos *media* de ligação, o que está mais distante, precisa de mais meios para a sua união. Mas, é o sujeito da união, o corpo, que precisa de exhibir as disposições que tornam possível a união da forma, isto é da alma:

Vegetabilis igitur corporalibus nature nexibus vicinior extat. Sensibilis autem ab eis inviciniore est. Intellectiva vero maxima simplicitate excedens ab eis distat gradibus ultimatis. Quanto vero maior est distantia differentie ad corpus, tanto maior ad unionem mediorum requiritur multitudo, ut longitudinem diversitatis ac distancie ad uniformitatem valeat concordare. Quanto vero inter ea minor existat distantia, tanto minor concurrunt numeros mediorum; quapropter vegetabilis paucioribus, sensibilis pluribus, intellectiva plurimis mediis in sua indigent unione. Dispositiones vero ac unionis media non ex parte forme que se ipsam

⁹⁷⁹ «De unione anime cum corpore» (*Scientia* I, 5, pp. 30-35), «De existentia anime in corpore» (*Scientia* I, 6, pp. 36-38), «De eius [sc. substantie anime intellectualis] unione cum corpore» (*Scientia* XI, 5, pp. 318-322).

⁹⁸⁰ «De divisione anime secundum divisionem corporis» (*Scientia* I, 7, pp. 39-41) e «De distinctione organorum generali» (*Scientia* XII, 1-9, pp. 457-481). Discute-se a questão dos órgãos da alma sensitiva e vegetativa, porque o intelecto, dada a sua distância ontológica relativamente ao corpo, não tem órgãos próprios.

⁹⁸¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 30, 3-10.

⁹⁸² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 30, 27-31, 16

suo exhibet susceptibili, set ex parte subiecti necessario concurrunt et ideo media unionis anime cum corpore ex parte nature corporis assignentur, prout ad anime subiectum unio requiritur⁹⁸³.

De qualquer modo, são requeridos dois meios comuns (*media communia*) para a união da alma com o corpo: o calor (que resulta do temperamento dos elementos) e o espírito (que gere a efigie da substância)⁹⁸⁴, um é conforme à natureza, o outro tem uma certa conformidade celeste (mas não é celeste⁹⁸⁵, p. 34, 27-31). São estes dois meios que regem o modo de união das três faculdades da alma⁹⁸⁶. A alma, que foi criada para se unir ao corpo, requer que no corpo exista a conformidade que permite essa união de modo a haver uma homologia de complexidade entre o corpo e a máxima faculdade que lhe está unida, pelo que o intelecto pressupõe maior complexidade de disposições para se poder unir ao corpo através dos *media* e das outras duas faculdades inferiores. Apesar da presença dos dois diferentes meios de união e das várias faculdades, «a alma une-se ao sujeito como a forma à matéria, e a perfeição ao perfectível, segundo o que lhe confere o ser e une-se a ele como o motor intrínseco ao móvel, segundo o que, pelas suas faculdades, é princípio de operação nele mesmo⁹⁸⁷».

Não sendo material, a união ocorre pela substância sem continuação, contiguidade, mistura, distensão ou impressão, assim dando perfeição a todo o corpo e a cada uma das suas partes⁹⁸⁸. Em resultado da união, não é o corpo que contém a alma, mas é alma que contém, conserva, rege e liga as partes do corpo, e com a sua evicção o corpo morre⁹⁸⁹.

Qualquer uma das três faculdades principais *tota simul existit* no corpo, sem partes, nem divisões, porque é incorpórea, indivisível, destituída de dimensão, e apenas determina o corpo pela suas potências e não se dividem como o corpo. Mas há uma diferença: a sensitiva e a vegetativa não têm existência separada do corpo, enquanto o intelecto, que por essência não está conectada a qualquer órgão, pressupõe-se que pode ter existência separada (isto é pode

⁹⁸³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 31, 2-16.

⁹⁸⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 31, 24-34.

⁹⁸⁵ Notar que há elementos de uma metafísica na luz na explicação da união da alma (maxime do intelecto) com o corpo, p. 34, 19-27.

⁹⁸⁶ Vegetativa (pp. 31, 36-3214), sensitiva (p. 32, 15-35), intellectiva (pp. 32, 36-34, 32).

⁹⁸⁷ «Cum autem unionis multi sint modi, anima subiecto unitur ut forma materie et perfectio perfectibili secundum quod ei esse confert et ei unitur, ut motor intrinsecus mobili, secundum quod in ipso per suas virtutes est principium operationum», Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, pp. 34, 38-35, 4.

⁹⁸⁸ «Unitur igitur corpori per substantiam absque continuatione, contiguatione, mixtione, distensione ac impressione ut ei et cuilibet parti eius tribuat perfectionem.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 35, 7-10.

⁹⁸⁹ «Verum cum anima corpori uniatur, ipsum eam non continet. Set ipsa illud continet, conservat, regit, partes partiumque compages ligat ac in suo decore retinet et nocumenta expellit ut liberum permaneat a nocivis. Set ad eius recessum corpus expirat ac marcescit ac in corruptionem cedit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 5, ed. Alonso, p. 35, 23-28.

subsistir depois da separação), mas também existe de modo indivisível no todo corporal de que é forma⁹⁹⁰.

2.2. As faculdades da alma

A divisão das faculdades da alma é um dos aspectos mais complexos das psicologias médica ou filosófica antigas e que mais dificuldades criou na discussão entre diferentes autores, sobretudo entre os intérpretes de Aristóteles, que divergiam não só nas designações de cada faculdades, mas sobretudo nas funções e natureza de cada uma. É essa situação que justifica as tentativas filosóficas de alguns autores para elaborar um sistema mais coerente e completo de faculdades, como foi o caso com Avicena que propõe uma teoria que em muitos pontos acaba por se afastar de Aristóteles; ou como aconteceu com as tentativas de escopo mais exegético que procuravam completar o *De anima* através de uma integração das posições de outras obras do *corpus* aristotélico (sobretudo o *De sensu et sensato* ou as obras sobre os animais), ou através da discussão das interpretações a que Aristóteles tinha dado azo, como foi o caso de Averróis no grande comentário.

Ao longo do *De anima*, Aristóteles apresenta diversas divisões da alma, porque com elas pretende ilustrar os diferentes assuntos que vão sendo discutidos, sem que alguma vez submeta a discussão ao fim explícito de elaborar uma classificação definitiva e global. Como a recepção latina do *De anima* será determinada pela terminologia usada sobretudo por Tiago de Veneza, autor da chamada *translatio vetus*, apresentam-se a seguir essas diversas classificações aristotélicas das faculdades dando entre parêntesis o equivalente latino usado naquela tradução segundo a edição de Kevin White, apenas em um ou outro caso se referirá a tradução arabo-latina de Miguel Escoto. As diferenças terminológicas e interpretativas que se encontram entre estas duas traduções e em outras obras que tratavam a mesma questão⁹⁹¹, estão na base de múltiplas questões em particular o desacordo dos autores latinos quanto ao número e ordem das faculdades, mas essa é uma questão que, como vimos, vem de longe.

Em 413b10-15 Aristóteles define a alma pelas suas funções: nutritiva (*vegetabilis*), sensitiva (*sensibilis*), cogitativa (*intellectus*) e movimento (*motus*).

Um pouco mais à frente, em 413a20-25, afirma que o ser vivo é aquele em que há pelo menos um dos seguintes aspectos: a inteligência (*intellectus*), a sensação (*sensus*), o

⁹⁹⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 6, ed. Alonso, pp. 35-38.

⁹⁹¹ Veja-se um exemplo no estudo de Dag N. Hasse sobre a teoria dos quatro intelectos de Avicena no ocidente, onde o autor releva nas traduções latinas a partir do grego e do árabe nada menos que 7 designações de *intellectus* relativas à distinção entre intelecto especulativo e intelecto prático, 25 relativas à distinção entre intelecto possível e intelecto agente, 4 relativas à inteligência, cfr. D.N. HASSE : «Das Lehrstück von den vier Intellekten in der Scholastik», cit., pp. 23-26 e n. 4.

movimento local e repouso (*motus et status secundum locum*), a o movimento nutritivo de decrescimento e crescimento (*motus secundum alimentum et decrementum et augmentum*).

Em 413b10-11 afirma que a alma se define pelas funções ou princípios nutritivo (*vegetabilis*), sensitivo (*sensibilis*), cogitativo (*intellectivus*), e movimento (*motus*). Logo de seguida, em 413b20-29 a referência ao seccionamento de certos insectos, não diz quais, contém uma outra referência às partes da alma. Depois de referir os vegetais, afirma que as partes de certos insectos depois de seccionados mantêm: a sensação (*sensus*) e o movimento local (*motus secundum locum*) e especifica: a sensação implica representação (fantasia) e apetite (*appetitus*), e onde há sensação há também dor (*tristitia*), prazer (*letitia*) e desejo (*desiderium*). Aristóteles reserva para mais tarde esclarecer se a inteligência (*intellectus*) e a faculdade especulativa (*perspectiva*) seja ou não uma potência separada, enquanto é certo que as outras não são separadas, embora sejam entre si de diferente essência, e dá um exemplo: o sensitivo (*sensitivum*) é diferente do opinativo (*opinativum*).

Abrindo em 415a1-12 o exame do motivo pelo qual as faculdades se distinguem e se ordenam entre si, porque é certo que se alguma não se der a que lhe é superior também não ocorre, Aristóteles exemplifica com uma enumeração de faculdades. De facto, se não houver o tacto (*tactus*), que Aristóteles considera o sentido fundamental, nenhum outro ocorre (a saber: visão, audição, olfacto, visão, pois há animais que não os têm, mas têm o tacto), da mesma maneira que dos animais dotados de sensação (*sensitivorum*) há alguns que não têm movimento local (*motus secundum locum*), enquanto que os que são dotados de raciocínio (*mens*) possuem as outras, enquanto que os animais que possuem algumas das outras não são dotados de raciocínio (*animus*), e alguns nem mesmo de representação (*ymaginatio*). E, acrescenta Aristóteles, quanto ao intelecto especulativo (*speculativus intellectus*) trata-se ainda de outra questão. Esta descrição tem o interesse de associar claramente os cinco sentidos, o movimento local e a representação à faculdade sensitiva, enquanto que em outras passagens parecem constituir faculdades autónomas.

A enumeração mais clara das faculdades da alma encontra-se provavelmente em 414a31-32, na *translatio vetus*: «Potentias autem dicimus vegetativum, sensitivum, appetitivum, motivum secundum locum, intellectivum»⁹⁹², em alguns seres vivos existe apenas a vegetativa (*vegetativum*), em outros esta ocorre com a sensitiva (*sensitivum*), e se esta está presente também ocorre a apetitiva (*appetitivum*), e o apetite (*appetitus*) é: desejo (*desiderium*), coragem (*ira*), vontade (*voluptas*)⁹⁹³.

⁹⁹² Na tradução arabo-latina de Miguel Escoto: «Et appellamus virtutes nutritivam et sensibilem et desiderativam et moventem in loco et distinguentem» (ed. Crawford, p. 168).

⁹⁹³ Na tradução arabo-latina de Miguel Escoto: «desiderium enim est appetitus et ira et voluntas» (ed. Crawford, p. 168). Um utilíssima nota de tradução do *De anima* por Jean Tricot sobre esta passagem

Apesar de haver uma certa constância na apresentação das faculdades da alma, verificamos que há variações de uma passagem para outra e que Aristóteles não estrutura a sua obra sobre uma classificação das faculdades, apesar da importância de que o assunto se revestia no estudo da alma, porque, como diz após a referência às faculdades na passagem 415a1-12, se queremos compreender a alma devemos indagar o que é cada uma das faculdades. Mas, se queremos saber o que é o intelectivo, o sensitivo e o vegetativo, temos que dizer antes o que é inteligir e o que é sentir e isto porque de um ponto de vista de razão (*secundum rationem*) os actos (*actus*) são anteriores às faculdades (*potentiae*), mas pela mesma razão antes dos actos estão os seus objectos (*opposita*) e é então por eles que devemos começar. Segundo Aristóteles, os objectos são o alimento (objecto da nutritiva/vegetativa), o sensível (objecto da sensitiva) e o inteligível (objecto do intelecto)⁹⁹⁴. Sabemos que esta é a ordem que Aristóteles seguirá nos capítulos restantes do *De anima*, tratando em primeiro a nutrição (II, 4), depois a sensação (II, 5-III, 2), por fim o intelecto (III, 3-7).

As diversas proto-classificações estão na origem de inúmeras dificuldades com que os intérpretes se defrontaram, sobretudo aqueles que acedem à obra através de traduções, elas próprias introdutoras de novas variantes por falta de correspondência entre as terminologias usadas nas diferentes traduções⁹⁹⁵.

Não podendo colher em Aristóteles um modelo claro e porque as classificações da tradição latina, por exemplo no *De spiritu et anima*, são sobretudo enumerações sem um intuito estruturador, os autores do século XIII preferem a tripartição da alma em vegetativa, sensitiva e intelectiva, que radica em Avicena e Algazel. Esta divisão não se encontra tal qual

(p. 81, n. 1) indica-nos os equivalentes gregos da tripartição do apetite: desejo (*appétit* : *epithemia* : *desiderium*, ou apetite irracional), a coragem (*courage* : *thumos* : *ira*, ou impulso que pela sua impetuosidade ignora a razão), a vontade (*volonté* : *boulesis* : *voluptas*, desejo voluntário ou racional). Também em nota de tradução sobre esta passagem Richard Bodéüs (p. 147, n. 1) afirma que esta divisão do apetite (o tradutor usa os termos: *désir*, *ardeur*, *souhait*) corresponde à divisão da alma platónica em *Timeu* 69D e seguintes, em que o *souhait*/vontade corresponde ao desejo racional.

⁹⁹⁴ Sobre todo este parágrafo, cfr. *De anima*, 414a12-22.

⁹⁹⁵ Este é um dos aspectos simultaneamente mais criativos no trabalho dos próprios tradutores, mas também mais problemáticos para os leitores, medievais e contemporâneos, por vezes confundidos por terminologias absolutamente novas, ou levados a distinguir conceitos que na língua original correspondiam a um único termo ou unidade lexical. Um estudo da metodologia dos tradutores de filosofia dos séculos XII-XIII encontra-se em J. HAMESSE «La terminologie latine des traducteurs médiévaux, expression de la rencontre des cultures dans l'histoire de la pensée Espagnole», em J.M. Soto Rábanos (dir.), *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, CSIC, Madrid 1998, vol. I, pp. 1459-1496. A mesma autora concebeu e editou as actas de um colóquio sobre a latinidade medieval, onde se encontram diversos estudos sobre o enriquecimento da língua e do vocabulário filosófico através das traduções: J. HAMESSE (ed.), *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, Louvain-la-Neuve 1997; sobre a presente questão, relacionada com a alma e o conhecimento, são particularmente importantes os estudos de G. SPINOSA: «Neologismi aristotelici e neoplatonici nelle teorie medievali della conoscenza: alteratio, alteritas, sensitivus, scientificus, cognoscitivus», pp. 181-220; J. HAMESSE: «Un nouveau glossaire des néologismes du latin philosophique», pp. 237-254.

em Aristóteles (aproxima-se da dada em 415a1-13) e simplifica-a eliminando o movimento local que em muitas passagens Aristóteles encara como função autónoma, como em 413b10-12⁹⁹⁶. A divergência era bem conhecida pelo autor do *De anima et de potentiis eius*: «Potencie anime sunt quinque secundum Aristotilem; ait enim: “Potencias dicimus esse vegetativum, sensitivum, appetitivum, motivum secundum locum, intellectivum” [De anima, 414a31-32]. Secundum Avicenam sunt tres, scilicet vegetabilis, sensibilis, rationalis [Liber de anima, I, 5, ed. van Riet, pp. 79-80], quia sub sensibili comprehendit tres medias predictarum quinque⁹⁹⁷.»

A questão das faculdades da alma é um tópico filosófico que mereceu especial atenção durante a recepção da psicologia de Aristóteles e peripatética, sendo mesmo uma das vias privilegiadas que facilitou a compreensão das obras sobre a alma. Por um lado porque, como Aristóteles afirma, é um dos aspectos centrais do estudo da alma; mas também porque as obras de tradução recente transmitiam diferentes classificações das faculdades da alma e se tornava necessário ou ordenar essas diferenças, ou pelo menos evidenciar a natureza e a respectiva terminologia; e em terceiro lugar porque havia aí notórias diferenças relativamente às classificações latinas tradicionais, por exemplo as de orientação agostiniana. A questão é particularmente debatida nos séculos XII e XIII⁹⁹⁸. Pelo menos uma parte deste interesse tem raízes teológicas e na tradição agostiniana que no século XII e em contexto pré-aristotélico recorre à questão das faculdades para compreender o homem, o seu lugar no mundo e o mandato natural por via da criação à sua plena realização moral, através das mais elevadas faculdades, a sabedoria e a liberdade de escolha⁹⁹⁹.

⁹⁹⁶ Por exemplo a *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata*, ed. R.-A. Gauthier, Grottaferrata 1985, II, 5, q. 1, p. 199, 179-183, assinala precisamente a contradição interna de Aristóteles que num local assinala três potências (em 413b10-13, mas o mestre elimina o movimento) e noutro assinala cinco (411a26). Também as *Questiones in tres libros de anima*, ed. J. Vennebusch, Paderborn 1963, II, q. 30, atribui a Aristóteles a divisão da alma em três faculdades (cfr. p. 166, 3-5).

⁹⁹⁷ *De anima et de potentiis eius*, em R.-A. GAUTHIER: «Le traité *De anima et de potentiis eius* d'un maître ès arts (vers 1225). Introduction et texte», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 66 (1982) 3-55, cfr. p. 30, 66-70.

⁹⁹⁸ Sobre a questão vejam-se os estudos de P. MICHAUD-QUANTIN: «La classification des puissances de l'âme au XII^e siècle», *Revue du Moyen Age latin*, 5 (1949) 15-34; para os autores do século XIII tem particular interesse a parte final da obra de O. LOTTIN: *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome I: *Problèmes de Psychologie*, Gembloux 1957 (2^a ed.), pp. 427-503, onde se agrupam três estudos em torno da questão da simplicidade, unidade e identidade da alma humana antes de S. Tomás de Aquino.

⁹⁹⁹ Vejam-se como exemplo a *Sententiae in IV libris distinctae* de Pedro Lombardo (II dist. 23, cap. 3-5, ed. Grottaferrata 1971, vol. II, pp. 452-454), a *Epistola ad quemdam familiarem suum De anima* de Isaac de Stella (ed. na *Patrologia latina*, vol. 194, cfr. as col. 11877-1886), obra onde o compilador do *De spiritu et anima* também colheu excertos (cap. III-XII, ed. J.-P. Migne, cit., col. 781-788).

Por uma questão de brevidade refiram-se o *De anima* de Gundissalino¹⁰⁰⁰ e o *Tractatus de anima* de João Blund (c. 1200)¹⁰⁰¹ que embora não sejam especificamente dedicados às faculdades da alma fazem o seu estudo precisamente através da apresentação das respectivas faculdades, para além de representarem dois dos primeiros elos na recepção da psicologia de Avicena no Ocidente.

Os mestres da primeira metade do século XIII dedicam ao assunto particular importância compondo alguns tratados de pequena ou média dimensão, alguns dos quais compaginam diferentes tradições, enquanto outros são mais taxativos na apresentação de uma doutrina própria sem a preocupação de apresentar em paralelo os diversos sistemas.

Um dos primeiros opúsculos dedicados ao tema parece ser o *De potentiis animae et objectis*¹⁰⁰², composto por volta de 1230 por um autor anónimo¹⁰⁰³, provavelmente inglês e teólogo, que propositadamente ignora as potências vegetativas para se centrar na sensitiva e na racional¹⁰⁰⁴, ocupando-se a parte final do tratado exclusivamente da questão moral e teológica dos *habitus* da alma: inatos, infusos e adquiridos, no que revela os interesses teológicos do autor¹⁰⁰⁵. Já a presença da teologia no *De anima et de potentiis eius*, uma fonte do tratado anterior, é meramente incidental, porquanto se trata de um trabalho de filósofo interessado na recomposição da doutrina de Aristóteles, mas a partir de Avicena e Averróis quanto à ordenação das faculdades da alma¹⁰⁰⁶. Na sua opinião as faculdades distinguem-se *secundum rem*, ou seja segundo o seu órgão, mas também *secundum cognitionem*, ou seja segundo o acto e respectivo objecto¹⁰⁰⁷. Fazendo jus à sua orientação filosófica o autor ocupa-se das três principais faculdades, e a sua principal novidade diz respeito à natureza do intelecto que claramente e contra Avicena afirma como potência intrínseca de cada alma humana¹⁰⁰⁸.

¹⁰⁰⁰ GUNDISSALINO: *De anima*, em J.T. MUCKLE: «The Treatise De anima of Dominicus Gundissalinus», introd. by E. Gilson, *Mediaeval Studies*, 2 (1940) 23-103, ver em particular os cap. IX-XI, pp. 64-103, em que apenas as pp. finais recorrem a outras fontes que não Avicena; sobre o tratado cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 13-18.

¹⁰⁰¹ JOÃO BLUND: *Tractatus de anima*, ed. D.A. Callus — R.W. Hunt, cit., em particular as pp. 10-99.

¹⁰⁰² Foi publicado, a partir dos três manuscritos então conhecidos, nas pp. 146-170 do estudo de D.A. CALLUS: «The Powers of the Soul. An Early Unpublished Text», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 19 (1952) 131-170. Nas pp. 138-139 discute-se e rejeita-se a atribuição do opúsculo a Guilherme de Alvérnia, Filipe Chanceler e João de Rochela; sobre a data provável cfr. p. 145.

¹⁰⁰³ Esta é a datação proposta por R.-A. Gauthier no estudo citado a seguir, onde relevou as passagens em que o *De potentiis animae et objectis* depende do *De anima et de potentiis eius*.

¹⁰⁰⁴ «Dimittamus autem potentiam anime vegetabilis et dividamus potentiam anime sensibilis et rationalis», *De potentiis animae et objectis*, ed. D.A. Callus, cit., p. 147, 13-14.

¹⁰⁰⁵ *Ibidem*, pp. 160-170.

¹⁰⁰⁶ Opúsculo publicado a pp. 27-55 do estudo de R.-A. GAUTHIER: «Le traité *De anima et de potentiis eius* d'un maître ès arts (vers 1225). Introduction et texte», cit.

¹⁰⁰⁷ *De anima et de potentiis eius*, ed. R.-A. Gauthier, cit., pp. 32-33, l. 73-117, cfr. a introdução p. 10.

¹⁰⁰⁸ *De anima et de potentiis eius*, ed. R.-A. Gauthier, cit., pp. 51-52, l. 445-463, cfr. a introdução pp. 17-19, onde Gauthier defende que esta posição resulta de uma leitura particular do comentário de

Diga-se que cada um destes tratados antes de iniciar a caracterização de cada faculdade dedica breves capítulos à natureza das potências e razões da sua diversificação (o *De potentiis animae et objectis*) ou à definição de alma e às razões de distinção de potências na alma (o *De anima et de potentiis eius*).

Já se referiu que João de Rochela é autor de dois tratados particularmente importantes sobre a classificação das faculdades da alma: o *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*¹⁰⁰⁹ de cerca de 1233, e a *Summa de anima* composta por volta de 1235-1236¹⁰¹⁰.

O *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* tem três partes, sem qualquer introdução. A primeira apresenta e discute 12 definições da alma; a primeira, colhida em João Damasceno, é discutida à parte; das restantes, as cinco primeiras provêm do de *De spiritu et anima* atribuído a Agostinho, as seguintes de Alfredo de Sareshel, de Platão, de Aristóteles, de Remígio *recte* Nemésio de Emesa, do Génesis via *De spiritu et anima* e de Séneca¹⁰¹¹. A segunda parte é a que apresenta diversas teorias da divisão das faculdades da alma «secundum philosophos, secundum medicos, secundum Iohannem Damascenum et secundum Augustinum» (cfr. Tabula, p. 53). A divisão segundo os filósofos refere-se sobretudo a Avicena, segundo os médicos refere-se à *Isagoge* de Joanício e ao *Canon* de Avicena. Por fim, a terceira parte, à semelhança do *De spiritu et anima*, ocupa-se das virtudes, porque sem elas, segundo a autoridade da *Ética a Nicómaco*, não é possível alcançar a perfeição ou beatitude da alma; aqui, depois da uma discussão introdutória sobre as virtudes, são apresentadas as respectivas divisões segundo Plotino (via Macróbio), Cícero, Aristóteles, os teólogos, em especial Agostinho, e os *Dogma philosophorum*, compilação de diversos filósofos.

A *Summa de anima*, onde João de Rochela usa a sua obra precedente¹⁰¹², para além de um breve prólogo de forte ressonância bíblica, tem duas partes ou *considerationes*. Na primeira estuda a substância da alma (pp. 50-178) começando por inquirir sobre a existência

Averróis, que o autor anónimo resume na sua argumentação mas sem o nomear. A *copulatio* entre o intelecto agente e os fantasmas de Averróis, é tomada pelo anónimo como a afirmação da união ou pertença do intelecto agente à alma como sua potência própria. Esta leitura deturpada de Averróis, que serviu para contrariar a doutrina aviceniana da separação do intelecto agente, constitui o que Gauthier designa como “primeiro averroísmo”, que seria corrigido mais tarde quando Alberto Magno por volta de 1250-1252 no seu comentário sobre a *Ética* denuncia que Averróis erradamente afirma que após a morte apenas subsiste uma alma para todos os homens. Incia-se aqui uma outra leitura de Averróis.

¹⁰⁰⁹ JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris 1964, sobre a data cfr. obra citada na nota seguinte, p. 12.

¹⁰¹⁰ JOÃO DE ROCHELA: *Summa de anima*, ed. J.-G. Bougerol, Paris 1995, sobre a data cfr. p. 12.

¹⁰¹¹ Parte destas definições foram copiadas para o penúltimo capítulo da *Scientia* de Pedro Hispano, como acabámos de ver, cfr. o quadro comparativo atrás apresentado.

¹⁰¹² Sobre a correspondência entre as duas obras, cfr. a «Introduction» da *Summa de anima*, ed. J.-G. Bougerol, cit., pp. 34-36.

da alma (*an sit*) e em segundo sobre o que é (*quid sit*); a primeira questão é tratada a partir de 7 definições da alma (provenientes do de motu cordis de Alfredo de Sareshel, de Remígio *recte* Nemésio de Emesa, de Aristóteles, de a quarta a quinta e a sexta atribuídas a Agostinho provêm do *De spiritu et anima*, a sétima provêm de Séneca), já a natureza da alma é tratada tendo em conta um mais vasto conjunto de aspectos, relativos: ao devir, ao ser, à imagem, ao modo de união e relação com o corpo, à imortalidade, à passibilidade, à localização, à separação. A segunda parte da obra (pp. 181-288) começa por apresentar os critérios e razões de distinção entre potências, para depois apresentar as divisões das potências da alma segundo Agostinho de Hipona, João Damasceno e Avicena, mas de facto em nenhum dos casos o autor se limita a uma exposição técnica mas sim interpretativa, como quando analisa a teoria do intelecto agente em Avicena, ou quando ao terminar lhe agrega as faculdades motoras intelectivas onde se integram a verdade, a sindérese e o livre arbítrio, mas descritas a partir de fontes predominantemente teológicas.

Estas quatro obras exemplificam quer o interesse pela questão das potências da alma, quer o tipo de fontes a que os autores da primeira metade do século XIII tinham acesso para a discutir. Mas, convém ter presente que um grande conjunto de obras, sobretudo sumas teológicas, discutiam também a questão das faculdades da alma¹⁰¹³, como se referiu atrás, integrando-a num projecto doutrinal preciso geralmente relacionado com a salvação do homem. As enciclopédias filosóficas abordavam o assunto¹⁰¹⁴, que também não era estranho aos pequenos textos de introdução à filosofia. Os comentários sobre *A alma* de Aristóteles também viriam a enfrentar a questão, embora nem sempre se preocupassem em oferecer uma classificação das faculdades da alma¹⁰¹⁵, sendo a questão abordada ao correr do próprio texto comentado, refazendo-o com alguma das divisões então em voga ou então acompanhando as suas próprias hesitações¹⁰¹⁶. Os comentários tardios atestam uma diminuição do interesse pela

¹⁰¹³ Muitas destas *Summas* eram ora fonte, ora tributárias dos opúsculos atrás citados, como acontece com a *Summa de bono* de Filipe Chanceler, ou a *Summa fratris Alexandri* (em cuja redacção esteve envolvido João de Rochela), ou o *Magisterium divine et sapientiale* de Guilherme de Alvérnia, com o seu livro III sobre a alma, ou ainda a *Summa aurea* de Guilherme de Auxerre.

¹⁰¹⁴ Veja-se por exemplo o *De naturis rerum* (c. 1197-1204) e o *Speculum speculationum* (c. 1213) ambos de Alexandre Nequam, ou o *Speculum naturale* (c. 1245) de Vicente de Beauvais

¹⁰¹⁵ Refiram-se duas excepções, precisamente em dois dos mais antigos comentários sobre o *De anima*: o anónimo de Gauthier, de c. 1245-1250, em uma questão «ad intelligendum differentiam uirtutum et potentiarum anime» inclui duas classificações das faculdades apreensivas e motoras da alma, segundo os médicos e segundo os filósofos (*Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata*, ed. R.-A. Gauthier, Grottaferrata 1985, pp. 439-443); e o anónimo de Bazán de c. 1246-1247 (*Sententia super II et III De anima*, ed. B.C. BAZÁN, Louvain-Paris 1988) que na lição 27 do livro II apresenta de forma sintética uma classificação das faculdades da alma (pp. 362-363), cfr. «Introduction», pp. *50-*101 onde as potências apreensivas dessa classificação são interpretadas à luz das posições do autor ao longo do comentário.

¹⁰¹⁶ As *Questiones in tres libros de anima*, ed. J. Vennebusch, cit., acompanham o texto de Aristóteles, perguntando apenas no início do livro II «Qualis sit divisio anime secundum tres eius potentias,

questão da divisão das faculdades da alma¹⁰¹⁷, que parece ter sido premente na primeira metade do século XIII, precisamente o período de recepção das obras sobre a alma de Avicena, Aristóteles e Averróis. Certamente que o primeiro é o mais influente dos três quanto a esta questão, dada a sua própria classificação das faculdades da alma, divulgada sobretudo no *Liber de anima*, mas também no *Canon de medicina*.

Embora o estudo das respectivas fontes esteja ainda a um nível embrionário e sem identifições definitivas, as obras sobre a alma atribuídas a Pedro Hispano são tributárias destas obras ou pelo menos deste contexto de interesses na teoria das faculdades da alma. Como as respectivas orientações literárias são divergentes, também apresentam tratamentos diferenciados da questão. O comentário sobre o *De anima* aborda esporadicamente a questão das faculdades, sem preocupação de construir ou apresentar uma teoria. Já a *Scientia* é claramente um tratado sobre a alma que se fundamenta numa classificação das suas faculdades. Como os tratados de João Blund, ou o *De anima et de potentiis eius*, mas de uma forma muito mais desenvolvida, discute a alma e as suas funções através da apresentação ordenada e hierárquica das respectivas faculdades.

Na Sententia cum questionibus

No comentário sobre o *De anima*, Pedro Hispano mostra conhecer a tripartição da alma, em vegetativa, sensitiva e intelectiva naquela questão em que deixa ao seu auditório a escolha entre as teorias da unidade ou da pluralidade de substâncias na alma humana, mas considera preferível afirmar que o intelecto é diferentes das outras duas outras faculdades principais e inferiores, a vegetativa e a sensitiva, não apenas segundo as suas potências, mas também na sua própria substância¹⁰¹⁸.

scilicet vegetativum, sensitivum et intellectivum» (II, q. 30, pp. 166-173), para depois centrar as questões seguintes nos sentidos, sentidos internos (sensus communis, fantasia e opinio) e intelectos (possibilis e agens), de acordo com a própria sequência de Aristóteles. A *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata*, ed. R.-A. Gauthier, cit., pergunta-se «Quot sint potencie anime» (II, 5, q. 1, pp. 199-201, onde afirma que como um todo universal a alma se divide em três *potentie*, mas, enquanto todo virtual cada uma pode dividir-se *per virtutes diversas*) colocando depois as questões que o texto de Aristóteles vai suscitando, mas sem se centrar exclusivamente nos problemas relativos às faculdades e suas divisões.

¹⁰¹⁷ Como exemplo desta alteração, que parece concomitante com uma leitura mais literal da obra de Aristóteles, vejam-se as anónimas *Questiones in Aristotelis libros I et II De anima* (de c. 1270-1275), ed. M. Giele, II, qq. 6-7 (pp. 77-80), onde se retoma a divisão literalmente proposta por Aristóteles e já não na reformulação tripartida de raiz aviceniana: «<5.> Utrum unumquodque istorum: vegetativum, sensitivum, motivum secundum locum et appetitivum sit anima», a resposta do autor é que são *partes* da alma e nenhum delas é a alma e na questão 6 dirá que são uma forma em acto, uma essência, uma substância.

¹⁰¹⁸ Cfr. a passagem já transcrita: Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 6, q. 1 sol., ed. Alonso, p. 656, 9-30.

Há duas lições do livro II mais directamente associadas ao tema das faculdades da alma, a 8 «De distinctione potenciarum anime» e a 9 «De comparatione anime ad suas differentias»¹⁰¹⁹, mas em nenhuma das respectivas questões é exposta ou discutida uma classificação das faculdades. Estas lições comentam as páginas 414a29-415a13 do *De anima*, em cujo início se encontra a já referida divisão de Aristóteles: «Potentias autem dicimus vegetativum, sensitivum, appetitivum, motivum secundum locum, intellectivum» (414a31-32). Na determinação das *sententiae* desta passagem, Pedro não lhe substitui outra classificação, nem omite a apetitiva e o movimento local, como outros autores fizeram:

Deinde, <Aristoteles> cum dicit: *potencias igitur dicimus*, etc., tangit potencias principales, dicens quod predictae potencie sunt virtus vegetativa prima, appetitiva secunda, sensitiva tertia, motiva secundum locum quarta, intellectiva quinta. Sub vegetabili vero tres potencie comprehenduntur, scilicet, nutritiva et augmentativa cum sua opposita, et generativa. Per appetitivam intelligitur appetitiva cibi et separatur a motiva secundum locum cum inveniatur in animalibus que secundum locum non moventur¹⁰²⁰.

Note-se apenas a inclusão das três potências da vegetativa e uma mudança de ordem, com a apetitiva a passar para antes da sensitiva, sendo assim directamente relacionada com a função vegetativa da nutrição. Quanto ao intelecto nada mais é referido, assim como nada é dito sobre as mútuas relações entre faculdades e na explicação da *sententia* da parte seguinte (pp. 697-699), limita-se a discorrer sobre que potências existem nos diferentes seres vivos¹⁰²¹.

Não é, porém, a distinção aristotélica de 5 faculdades principais que o autor perfilha ao longo da obra. De facto, Pedro Hispano mostra conhecer e preferir a tripartição da alma em vegetativa, sensitiva e intelectiva (*vegetabilis*, *sensibilis*, *rationalis*, esta quase sempre designada como *intellectus*) quando na primeira questão da sexta lição do livro II se pergunta se são uma mesma ou várias substâncias¹⁰²², e ao longo da obra é esta divisão que regularmente aflora ou é subentendida.

Quanto à possibilidade de existência na alma de uma pluralidade de faculdades distintas entre si, a posição é clara: «anima habet multitudinem potenciarum et est partibilis per potencias per quas ad corpus applicata multas exercet operationes»¹⁰²³. Por essência as faculdades são diferentes da alma, mas consoante o seu grau de generalidade uma vez

¹⁰¹⁹ Cfr. Idem, *ibidem*: pp. 693-713 e 714-730.

¹⁰²⁰ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 8, sent., ed. Alonso, p. 695, 24-32.

¹⁰²¹ Veja-se em particular a segunda *sententia* da segunda parte da divisão do texto da lição II, 9, sobre as faculdades sensitivas no homem e no animal, pp. 717, 28-719-9.

¹⁰²² Cfr. as passagens já transcritas: Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 4, q. 3 e II, lect. 6, q. 1, sol., ed. Alonso, respectivamente pp. 261-265 e 656, 9-30.

¹⁰²³ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 4, q. 1, sol., ed. Alonso, p. 257, 24-27.

designam a substância (é o caso do intelecto) e noutros apenas a potência (como no caso da intelecção)¹⁰²⁴. Seguindo explicitamente Avicena, afirma também que as faculdades, não diferem apenas quanto ao ser, mas diferem também por essência¹⁰²⁵.

Sobre a vegetativa, são discutidas as suas três potências. Quanto às potências da alma sensitiva há uma ocasional referência às suas potências externas e internas que é muito interessante. A referência encontra-se na terceira razão a favor da identidade entre a ciência *de memoria et reminiscentia* (ou seja, o opúsculo de Aristóteles) e a ciência *de anima*:

Tercia ratio hec est: Virtutum quedam sunt exteriores; quedam interiores. Virtutes exteriores sunt quinque sensus; virtutes autem interiores sunt sensus communis, ymaginatio et fantasia; memoria et reminiscentia. Set in libro *de anima* determinat aristoteles de virtutibus interioribus et exterioribus que sunt sensus communis, fantasia, ymaginatio. Ergo debet similiter determinare in libro *de anima* de virtutibus interioribus que sunt memoria et reminiscentia. Ergo scientia *de memoria et reminiscentia* est eadem cum scientia *de anima*¹⁰²⁶.

Quanto às potências exteriores basta-lhe dizer que são cinco (os cinco sentidos corporais); já as internas são claramente enumeradas numa peculiar classificação: «sensus communis, ymaginatio et fantasia, memoria et reminiscentia». Também são cinco à semelhança da classificação aviceniana, mas Pedro ignora a estimativa (que, diga-se, nunca é referida na obra) e introduz a *reminiscência*, certamente por fidelidade ao texto de Aristóteles e para harmonizar o problema com o *corpus* aristotélico (v.g. o *De memoria et reminiscentia*), mas com o precedente do grande comentário de Averróis que incluía a *rememorativa*, embora este autor apenas considerasse a existência de três sentidos internos, em acordo com o *De sensu et sensato* de Aristóteles¹⁰²⁷. De qualquer modo, e apesar da

¹⁰²⁴ «Dicendum est autem quod anima differt per essentiam a suis potenciis. (...) Potencie ergo anime ad animam reducuntur quia sunt entis scilicet anime et non sunt anima. Et notandum est quod differentie anime quandoque nominant substantiam et quandoque potenciam. Unde intellectus potest nominare substantiam intelligentem vel potenciam intelligendi. Solum primo modo sunt idem cum anima.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 5, q. 3, sol., ed. Alonso, pp. 280-281.

¹⁰²⁵ «Omnes ergo virtutes sensibiles interiores et exteriores differunt per essentiam in genere potencie quamvis in eadem radice radicentur et omnes virtutes vegetabiles differunt per essentiam in genere potencie. Et similiter omnes virtutes intellective. Quidam vero ponunt quod potencie anime non differunt per essentiam set solum per esse; et diversitas inest ei a parte organorum et operationum et obiectorum. Nos vero ponimus secundum Avicennam quod potencie anime in eodem genere et in diversis differunt per essentiam in genere potencie.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 8, q. 1, sol., ed. Alonso, p. 704, 24-705, 3.

¹⁰²⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 2, q. 15, rat. 3, ed. Alonso, p. 101, 11-21.

¹⁰²⁷ Dicute-se se o intelecto tem um instrumentum próprio «Virtus igitur cogitativa est de genere virtutum existentium in corporibus. Et hoc aperte dixit Aristoteles in illo libro [scilicet in *De sensu et sensato*], cum posuit virtutes distinctivas individuales in quatuor dordinibus: in primo posuit sensum communem, deinde ymaginativam, deinde cogitativam et postea rememorativam. Et posuit

complexa história e importância dos sentidos internos na psicologia antiga e medieval, Pedro nunca aprofunda a discussão sobre cada um dos sentidos internos ou a sua articulação, embora sejam recorrentes as referências sobretudo à *fantasia* na explicação do conhecimento, porquanto nela residem os fantasmas sem os quais o intelecto não pode conhecer.

O intelecto é distinguido ora em intelecto possível (*intellectus possibilis et materialis*) e intelecto agente (*intellectus agens*)¹⁰²⁸, ora em intelecto com dupla face¹⁰²⁹, uma virada para as coisas superiores, outra virada para as inferiores. Menciona também o *intellectus speculativus* de Aristóteles como a mais elevada potência da alma, mas, seguindo literalmente Averróis, exclui-o da ciência natural da alma¹⁰³⁰. De qualquer modo, a fonte aviceniana de qualquer uma das descrições é reconhecível, embora nunca se aceite que o intelecto agente é exterior ao homem, pelo contrário é sublinhada a sua pertença individual. Quanto ao intelecto, a não existência de uma abordagem mais exaustiva e sistemática pode explicar-se por não subsistir o comentário ao livro III, onde o autor diz que essa faculdade é tratada de modo especial por Aristóteles¹⁰³¹.

Em resumo, o autor reconhece a teoria das faculdades de Aristóteles, mas prefere a tripartição que se havia tornado comum entre os latinos. Apesar disso, no comentário o tema nunca é abordado de forma sistemática.

rememorativam magis spiritualement, deinde cogitativam, deinde ymaginativam et post sensibilem.» *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. F.S. Crawford, III, 6, pp. 415, 67-416, 74.

¹⁰²⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, q. 3, ad rat. 2, p. 244, 19-24; Probl. 3, q. 3, rat. 4, p. 115, 12-19; sobre as respectivas operações próprias: I, 2, q. 9, sol., p. 233, 8-32 e I, 6, q. 3, sol. 302-303; respectivo papel no conhecimento de si: Probl. 1, q. 8, sol., p. 72, 7-17; funções na abstracção: Probl. 3, q. 3, rat. 4, p. 115, 12-19;

¹⁰²⁹ As duas faces ora são adscritas ao intelecto, ora se referem à alma como um todo. As duas faces (*aspectus*) da alma intelectiva, a subdivisão da mais inferior é associada ao intelecto agente (que conhece as coisas superiores) e possível (que conhece as coisas inferiores): Idem, *ibidem*: I, lect. 6, q. 1, sol. pp. 294-296; Há um local onde fala de quatro faces (*aspectus*) do intelecto: uma dirigida para o criador, outra para os corpos, outra para si mesma, outra para as restantes coisas, e que determinam os 4 modos como a alma pode ser definida (Idem, *ibidem*: I, 2, q. 7, sol., pp. 227, 29-228, 29).

¹⁰³⁰ Trata-se do comentário a Aristóteles: «De speculativo autem intellectu alia ratio est» (415a11), que Pedro lê assim: «Deinde speculativum intellectum qui est supremus inter omnes virtutes anime, excludit ab aliis virtutibus propter sui nobilitatem dicens quod de ipso est altera ratio, quia de ipso est sermo extra naturam, cum non videatur esse anima vel pars anime sed videatur habere diversitatem ad alias anime differentias et esse ex natura superiori que est supra animam» (Idem, *ibidem*: II, 9, sent., pp. 718, 29-719, 3). Esta interpretação é literalmente colhida em Averróis: «Deinde dixit Sermo autem de speculativo intelecto, etc. Idest, sermo de eo est ita quod sit extra istam naturam; existimatur enim quod non est anima neque pars anime. Et innuit nobilitatem eius, et diversitatem illius ad alias partes; opinandum est enim quod est ex natura superiori nature anime», *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. S. Crawford, Cambridge 1953, II, 32, p. 178, 32-37.

¹⁰³¹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 2, q. 19, rat. 3, ed. Alonso, p. 106, 8-17.

Na Scientia libri de anima

Como se disse, a *Scientia* apresenta uma minuciosa e sofisticada teoria das faculdades da alma. Pedro Hispano recorre a uma grande variedade de fontes que procura conciliar, resultando daí um amplo quadro que abrange cerca de 100 faculdades, potências ou actos próprios da alma, minuciosamente enumerados, ordenados e definidos.

Seguindo Avicena e Algazel, Pedro Hispano propõe também a principal divisão da alma em três faculdades: vegetativa, sensitiva e intelecto, com as duas últimas a fundamentarem os elementos centrais da explicação do que é próprio do homem: o conhecimento e o agir:

Omnes anime singulares differentie ad tres capitales differentias reducuntur. Prima est vegetabilis. Secunda sensibilis. Tertia intellectiva. Prima est corporis perfectio ei vitam et opera vitam concomitantia tribuens. Secunda est corporis perfectio cum vita et eius operibus formarum corporalium notitiam atque discretionem conferens. Tertia vero corpori perfectionem dans cum vita et eius operibus et omnium rerum tam corporalium quam incorporalium notitiam atque discretionem exhibens¹⁰³².

Desde logo estas faculdades distinguem-se entre si por não possuírem uma mesma origem, nem serem simultâneas no tempo: “a união do intelecto é precedida pela recepção da vegetativa e da sensitiva, as quais dispõem o corpo para a vida e as actividades e sem elas o intelecto não poderia inclinar-se para o corpo”¹⁰³³.

Para além de constituírem um princípio científico de explicação da vida, da acção e do conhecimento, pois são identificadas como a sua causa mesma, as faculdades têm também uma função na argumentação sobre a unidade do homem e a relação entre as duas substâncias que o compõem, alma e corpo. Não sendo possível qualquer relação entre a pura imaterialidade do intelecto e a materialidade do corpo, torna-se necessário explicar como podem coexistir num mesmo indivíduo e, mais ainda, como podem conjugar-se ou comunicar na realização das faculdades superiores, como acontece na produção ou acesso ao conhecimento universal. É aí que as faculdades têm um papel: são mediadoras e cada faculdade é um degrau de comunicação, mas também de separação entre a faculdade que está

¹⁰³² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 45, 3-12. O resto do capítulo

¹⁰³³ «Huius vero anime unionem precedit naturaliter sensibilis ac vegetabilis susceptio, cum iste corpus disponant in vita et operibus et sine ipsis intellectiva non posset excellentia corpori inclinari», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 5, ed. Alonso, p. 321, 24-27. Sobre esta questão ver em particular J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugallense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, pp. 189-190.

abaixo de si e a que está acima¹⁰³⁴. As faculdades são como que uma forma de compatibilizar num mesmo ser a presença de duas substâncias física e metafisicamente opostas.

A alma serve-se do corpo como seu instrumento através das suas faculdades, que de modo algum são acidentais, mas procedem de diferenças essenciais¹⁰³⁵. Isto é, diversificam-se em razão da essência da faculdade a que pertencem, mas também em razão dos órgãos, das operações, dos objectos, da ordem e das condições das suas operações. Mas, se ocorresse apenas pelas condições da sua acção, então essa distinção de faculdades multiplicar-se-ia até ao infinito, o que não acontece porque a distinção depende de diferenças de essência¹⁰³⁶. A diversidade exclui qualquer confusão ou sobreposição, desde logo por disposição do criador (dispositor) que destinou cada uma a diferentes acções, por isso as faculdades não se distinguem em resultado do órgão, mas são estas que se distinguem em função das faculdades e se ordenam para elas¹⁰³⁷. As faculdades inferiores são como que servas das superiores, existindo assim entre elas uma ordem e uma hierarquia que lhes dá unidade¹⁰³⁸, e finalmente é o intelecto que no homem se sobrepõe e impera sobre todas as faculdades, assim assegurando a sua unidade, embora as superiores se elevem para as realidades mais elevadas e as inferiores para o regime do inferior¹⁰³⁹, segundo o princípio metafísico de ordenação do inferior pelo superior¹⁰⁴⁰.

¹⁰³⁴ Um exemplo: nas faculdades espirituais a hierarquia (*ordo*) das faculdades depende da sua maior ou menor ligação ao corpo, Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 1, ed. Alonso, p. 155, 13-28.

¹⁰³⁵ «Omnes autem virtutes ab anime substantia emanantes ab ipsius essentia differentia essentiali differunt, quanvis in eius fundentur substantiam», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 2, ed. Alonso, p. 48, 17-19.

¹⁰³⁶ «Multiformes diversitates in virtutibus anime cadunt. Primo autem diversantur ratione differentie anime proprie a qua summit originem. Secundo ratione suarum essentialium. Tertio ratione organorum. Quarto ratione operationum. Quinto ratione obiectorum. Sexto ratione ordinis. Septimo ratione conditionum suarum operationum que in fortitudine et debilitate, velocitate ac tarditate, subtilitate et ebetudine attenduntur. Sed ipsarum distinctio non secundum accidentales set secundum essentielles differentias procedere debet. Si enim operatione conditiones considerentur eadem virtus infinitam multiplicationem reciperet quippe cum eadem quandoque in suis operibus multam variationem recipiat propter organi ac medii et aliarum rerum concurrentium dispositionem.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, p. 48, 3-16.

¹⁰³⁷ «Ipse autem ad invicem differunt differentiis essentialibus secundum quod ipsas nature distinxit dispositor et ad diversa opera destinavit. Virtutes autem que organis sunt annexe non ab organis primo distinctionem recipiunt nisi secundum naturalem existentiam. Organa vero que ad earum officia finaliter ordinantur ab ipsarum necessitate formalem recipiunt distinctionem.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, p. 48, 19-25.

¹⁰³⁸ «Cum autem virtutes emanent ab anima, superiores ei immediatius adherentes inferiores regunt, cum regimen totum ab anima procedat et semper inferiores prime ad superiores ultimas tanquam famule ordinantur», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 12, ed. Alonso, p. 75, 17-20.

¹⁰³⁹ «Intellective igitur regunt sensitivas et sensitive vegetativas et hee virtutes corporales. Cum vero superiores ad altiora officia eleventur, inferioribus a regimine iuxta ipsarum numerum desistentibus corporis machina marcescit virtutum subsidio destituta.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 12, ed. Alonso, p. 75, 24-28.

¹⁰⁴⁰ Cfr. por ex. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, p. 57, 15-16, etc.

Convém ter presente que para Pedro Hispano as faculdades não se equivalem exactamente em natureza e necessidade, pois se algumas têm de facto uma distinção por essência, outras não são senão diferenças accidentais porque apenas diferem pelo nome com que as designamos, isto é são diferenças de razão ou meramente lógico-descriptivas¹⁰⁴¹.

Para designar as faculdades e suas divisões, Pedro utiliza os termos *differentia* (diferença) e *virtus* (força), ocasionalmente também usa *pars* (parte)¹⁰⁴². Quando referidos à alma os termos designam faculdades ou potências da alma, pois esta possui em *potência* uma multiplicidade de faculdades (*multitudo virtutum*) da qual provém também uma multidão de actos (*operum multitudo*) para cuja realização foi criada¹⁰⁴³. Veja-se por exemplo o capítulo II, 12, em que o termo *virtus* é aplicado aos diferentes níveis de divisão, assim, é *virtus* a alma sensitiva, que tem virtutes interiores e exteriores, como o tacto que é também uma *virtus*. Algumas das *virtutes* possuem *differentias*, como acontece com a vontade.

Em última instância a pluralidade e a natureza de faculdades é explicada pela providência do próprio criador, do qual provém o regime, distinção e ordem na totalidade das coisas¹⁰⁴⁴. Ou seja, cada *virtus* foi criada para que dela provenha um acto (*operatio*), uma vez que não seria criada sem finalidade (*que ociosa et frustra non est*), e por isso cada faculdade se realiza no seu agir próprio¹⁰⁴⁵.

A classificação das faculdades da alma lê-se na *Scientia* em diversos locais, em resultado da metodologia expositiva adoptada na obra. O tratado II, «De distinctione differentiarum anime et virtutum», propõe uma primeira classificação seguindo o método geral (*secundum viam generalem*), isto é por divisão e definição de cada faculdade, enquanto os tratados III-XI voltam a cada uma delas segundo o método especial (*processus specialis*),

¹⁰⁴¹ Ao terminar a enumeração condensada das faculdades no capítulo «De ordinatione virtutum et habituum anime», diz: « In predictis autem distinctionibus virtutum accidit diversitas quedam essentialis et quedam accidentalis que ex solis operibus nominum differentias assumit.», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 12, ed. Alonso, p. 75, 14-16.

¹⁰⁴² A terminologia para designar as divisões da alma é fluida, sendo também comum o uso do termo *potentia* para as designar, termo que nem sempre se distingue de *virtus* como podemos ler no anónimo *De spiritu et anima*, ed. J.-P. Migne, cit., cap. XIII, final, col. 789: «Potentiae animae sunt, rationalitas, concupiscibilitas, et irascibilitas. Vires sunt, sensus, imaginatio, ratio, memoria, intellectus, intelligentia. *Potentiae tamen possunt dici vires, et vires potentiae*» (itálico meu).

¹⁰⁴³ «(...) anima cum sit una actu, habet potentiam ut secundum partium multitudinem multiplicationem recipiat, quibus multiplices vite actus tribuat et in ipsa est multitudo virtutum secundum potentiam, a quibus operum multitudinem elicere nata est.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 7, ed. Alonso, p. 39, 22-26.

¹⁰⁴⁴ «(...) virtutum distinctio a nature providentia procedit a qua est in omnibus regimen, distinctio et ordo.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 6, ed. Alonso, p. 172, 5-7.

¹⁰⁴⁵ «(...) omnia virtus creata est, ut ex ipsa aliqua proveniat operatio, quam substantia per ipsam inducit, que ociosa et frustra mm est; virtutis autem perfectio est operatio, et ideo a virtutibus sensibilibus proprias operationes emanare necesse est.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 9, ed. Alonso, p. 179, 4-8.

ou seja por explicação individual¹⁰⁴⁶. De facto, o tratado II apresenta os princípios teóricos de

¹⁰⁴⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, prol., ed. Alonso, p. 43, 3-8.

Faculdades, diferenças e actos da alma humana na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano Portugalense

distinção das faculdades (cap. I-II) e dedica capítulos separados às faculdades principais, distinguindo em particular as funções apreensivas e motoras da sensitiva e da intelectiva (cap. III-VIII) e o último capítulo do tratado apresenta um resumo do resumo das faculdades (cap. XII). Os tratados III-XI seguem então o método especial analisando cada uma das faculdades antes resumida.

O esquema das faculdades, actos e estados da alma que se apresenta na página anterior baseia-se nesta tripla apresentação que se lê na *Scientia*, indicando-se entre parêntesis quais os locais onde cada faculdade ou grupo de faculdades tem um tratamento específico.

O esquema acabado de apresentar não pôde acolher todas as hesitações do próprio autor, o que obrigou a algumas opções, uma vez que algumas delas implicam diferentes classificações de determinadas faculdades. Alguns exemplos:

— a *Nutritiva* em II 12 (p. 73, 4-14) é dividida em 12 virtudes ou faculdades, mas em II, 3 (pp. 49, 17-50, 25) tem as divisões e subdivisões apresentadas no esquema;

— a *Augmentativa* em II 3 (p. 50, 26-28) é dividida em duas *opera*: “distensio membrorum” e “additionem membrorum secundum omnes dimensiones”, mas em II 12 (p. 73, 17-19) tem a tripartição apresentada no esquema;

— as faculdades da *Nutritiva* também são ordenadas de modos diversos em II 3 (esquema anterior), II 9 (esquema seguinte) e II 12;

— a natureza e o estatuto das faculdades *Regitiva corporis* (tratado IV¹⁰⁴⁷) e *Vitalis* (tratado VI¹⁰⁴⁸) é problemático. Para além de uma possível cedência ao gosto estético das simetrias, de modo a dedicar três tratados a cada uma das três principais faculdades da alma (ficando os tratados III-V para as funções fisiológicas), parece estar aqui presente uma tentativa de conciliação entre diferentes tradições filosóficas e científicas de explicação do funcionamento do corpo. De facto, na *Scientia* nunca são apresentadas como faculdades da alma vegetativa embora sejam faculdades relacionadas com o funcionamento orgânico do corpo e sejam apresentadas entre a vegetativa e a sensitiva. A razão deste estatuto indefinido é duplo: por um lado tem a ver com a própria origem destas teorias que não é filosófica mas médica, por outro tem a ver com o facto de as suas funções dizerem respeito quer à faculdade sensitiva quer à faculdade vegetativa. A sua adopção em obras filosóficas é problemática e discutida pelos autores do século XIII. Por exemplo, na *Sententia cum questionibus* é liminarmente rejeitada a existência da faculdade *regitiva corporis*¹⁰⁴⁹, mas é admitida a *virtus*

¹⁰⁴⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IV, 1-4, ed. Alonso, pp. 123-134.

¹⁰⁴⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, V, 1-5, ed. Alonso, pp. 135-151.

¹⁰⁴⁹ «utrum sit una potencia anime immediate influens ab anima que sit ante omnes alias potencias et ad quam alie reducuntur et mediante qua ab ipsa egrediantur», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 5, q. 5, ed. Alonso 1944, pp. 277-279, «Solutio. Ad

vitalis, associada à tradição médica, e distribuindo as suas funções pela alma vegetativa e pela alma sensitiva¹⁰⁵⁰. Este lugar ambíguo pode estar na origem da hesitação, ainda mais quanto, em pelo menos um local, a *virtus vitalis* é apresentada como primeira faculdade da alma sensitiva¹⁰⁵¹, que se dividiria precisamente em vital e sensitiva¹⁰⁵², sem que o autor encontrasse um nome para distinguir esta parte do todo a que pertence. Em outro local a *virtus vitalis*, pela divisão das suas sub-faculdades coincide com o regime do corpo tal como descrito pelos médicos¹⁰⁵³; neste caso a *virtus vitalis* é textualmente equiparada à sensitiva («*vitalis vero <reducitur> ad sensibilem*», p. 67, 14). Nestes dois tratados da *Scientia* Pedro Hispano acolhe a tradição médica, sobretudo a propósito da *virtus vitalis*¹⁰⁵⁴, potência que engloba a explicação do movimento cardíaco, da respiração e da pulsação¹⁰⁵⁵. Por esta razão a *virtus vitalis* deveria ser tratada no âmbito da sensitiva, pois não existe nos vegetais, mas apenas em animais dotados de alma sensitiva; faltava também uma tradição que justificasse a integração destas potências na alma sensitiva;

— a terceira das faculdades sensitivas internas, que no homem se chama cogitativa devido ao “império” que o intelecto exerce sobre ela, não tem um nome constante: primeiro chama-lhe *ymaginativa* (em II 5), mas depois usa o nome *fantasya* (em VI 3). Mas, na

hoc dicendum est quod quidam posuerunt ante istas differentias anime que sunt vegetabilis, sensibilis et intellectiva aliam potenciam priorem regentem istas et dirigentem mediante qua alie egrediantur ab anima et hanc appellaverunt potenciam regitivam. Dicendum est autem quod non est aliqua potencia anime prima ante istas immediate fluens ab anima mediante qua alie egrediantur ab anima immo iste potencie immediate egrediuntur et concedo rationem hoc ostendentem.» (p. 278, 12-21). Os argumentos não permitem determinar quem são os *quidam* que defendem a existência desta *potentia regitiva*. A citação de Avicena neles incluída remete apenas para um adágio genérico.

¹⁰⁵⁰ Cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 9, q. 3, ed. Alonso 1944, pp. 723-724.

¹⁰⁵¹ Note-se que em Avicena *anima vitalis* e *anima sensibilis* são sinónimos: «*Hae sunt vires animae vitalis vel sensibilis*», AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, I, 5, p. 90, 60.

¹⁰⁵² «*Differentia vero sensibilis duas primas continet virtutes, vitalem predictam que ad vite caloris naturalis et spiritus custodiam et influentiam ordinatur, et sensibilem que ad actus vitam consequentes in apprehensione et motu consistentes deputatur.*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 2, ed. Alonso, p. 157, 3-7.

¹⁰⁵³ Cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 9, ed. Alonso, p. 67, 1-2 e 68, 3-15.

¹⁰⁵⁴ A natureza médica desta potência é bem explícita em João de Rochela, que no seu tratado sobre as múltiplas divisões da alma a associa a Joanício (*Isagoge*) e a Avicena (*Canon medicinae*), cfr. a *virtus spiritualis sive vitalis* em João de Rochela: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris 1964, II, ii, cap. XXVIII e XXX e XXXIV, pp. 104-108. Sobre a *virtus vitalis* e a sua correlação com a alma vegetativa e a sensitiva, ver Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 9, q. 3, ed. Alonso 1944, pp. 726-727.

¹⁰⁵⁵ Ecoa aqui algo de Alfredo de Sareshel: *De motu cordis*, ed. C. Baeumker, Münster 1922, pp. 12-37 (confrontar com a *Scientia* pp. 141-145), mas as fontes de Pedro Hispano parecem ser mais extensas embora a explicação da acção do coração não tenha assinaláveis aspectos médicos, centrando-se também na natureza do movimento que ele possui e dele emana, no calor e na produção do espírito vital. A propósito da teoria do *spiritus* pode ser feita a mesma aproximação entre Alfredo de Sareshel (pp. 37-62) e Pedro Hispano (passim e pp. 465-467, mas aqui a teoria dos três *spiritus* deverá ter também outras fontes), ou outras teorias como o calor vital e formação dos órgãos no embrião.

classificação zoológica de II 9 apresenta seis (!) sentidos internos (ver o esquema seguinte) entre os quais estão a *fantasya*, a *ymaginatio* e a *ymaginativa*. Quando mais à frente se discutirem as faculdades sensitivas internas volta-se a este assunto;

— um verdadeiro quebra cabeças ocorre com as faculdades motoras sensitivas. Sem as mencionar como tal, Pedro apresenta de facto sete diferentes classificações destas faculdades: (1ª) em II 6, p. 59, 3-5 enumera quatro faculdades; (2ª) em II 6, pp. 59, 5-60, 15 apresenta duas faculdades principais, a primeira das quais tens diversas divisões e a segunda apenas duas; (3ª) em II 6, p. 60, 20-61, 2 enumera e define oito faculdades particulares; (4ª) em II 9, p. 68, 24-25 (esquema seguinte), diz apenas que a faculdade motora sensitiva, tal como a intelectiva, tem quatro diferenças, mas não as enumera, o que poderia levar-nos à primeiras destas classificações; (5ª) em II 12, p. 74, 5-10 enumera apenas 8 faculdades, que não coincidem com as anteriores; (6ª) em VIII 1, p. 279, 29-37 distingue duas faculdades, a primeira das quais com uma subdivisão; (7ª) os cap. 2, 3 e 5 do tratado VIII constituem uma tripartição das faculdades motoras sensitivas em potências dispositivas (cap. 2, 281, 6-32), afectivas (cap. 3, que remete para as paixões do cap. 4), executivas (cap. V, p. 289, 3-14). Era difícil conseguir-se um quadro mais complicado. Provavelmente em cada caso e por razões que é preciso investigar, o autor necessita recorrer a diferentes fontes, que nunca identifica, querendo dar a impressão de estar sempre a falar do mesmo. Mas, o tratamento desta problemática revela algo sobre o estado da questão no século XIII: o autor não tem à sua disposição um quadro de estabilidade onomástica e teórica como aquele de que dispunha para as faculdades antes tratadas, obrigando a que muitas das faculdades sejam descritas com paráfrases, porque, de facto, são raros os casos em que existe um nome preciso para cada faculdade e em outros designa como faculdades o que são meras operações. Estão aqui as duas faces do mesmo problema: a questão das faculdades motoras tinha uma história muito menos densa e mais recente que as faculdades apreensoras e intelectivas, daí o próprio déficit de terminologia, optando o autor, dentro do seu espírito eclético por compaginar diferentes classificações das faculdades sensitivas internas, debilitando também a sua própria abordagem da questão, que carece de coerência entre as diferentes apresentações. No esquema anterior incluiu-se a divisão implícita nos cap. 2-3 e 5 do tratado VIII, por essa ser a mais longamente tratada. Contudo, a mais complexa e interessante, porque contém uma arborescência que a aparenta a outras partes do esquema, é a 2ª de entre as enumeradas acima;

— a apresentação mais completa das *faculdades intelectivas* apreensivas e motoras encontra-se em II 7-8 (que se segue no esquema anterior). As classificações em II 12 (pp. 74, 22-75, 13) e em X 3 (p. 363, 10-19) são abreviadas e contêm algumas diferenças, que aqui

não se tiveram em conta. A breve evocação em II 9, p. 68, 21-22 (esquema seguinte) limita-se a remeter para as classificações anteriores;

— com as *facultades intellectivas motoras* ocorre algo semelhante ao verificado com as motoras sensitivas, havendo a notar algumas diferenças de vulto entre II 8, e II 12, e XI 1, embora se mantenha o essencial quanto às divisões principais segundo o agir e sobre a vontade (o laconismo de II, 9, no esquema seguinte, não permite ver o que esta classificação trazia de novo).

Ecoam nestas hesitações e contradições internas as muitas fontes divergentes certamente usadas por Pedro Hispano, sem que tenha conseguido ou pretendido elaborar uma teoria mais depurada ou coerente. Para uma obra de elaboração tão cuidada estas divergências não deixam de causar perplexidade. Não é improvável que pelo menos a apresentação plural de classificações correspondesse no espírito do autor à adopção do que “de melhor e de mais verdadeiro” havia em cada doutrina, seguindo o princípio metodológico que anunciou no prefácio como presidindo à sua obra.

Para aquilatar do jogo entre as diferenças e a tentativa de harmonização e sobreposição entre teorias concorrentes, veja-se no quadro seguinte a classificação proposta em II 9, de clara origem médica ou zoológica pois classifica as facultades segundo o princípio de *governo do corpo*. Parece claro que por um jogo de aproximações Pedro insere nesta classificação as mesmas grandes divisões das restantes, certamente para forçar esse sentimento de concordância entre as diferentes classificações que eram bem conhecidas na época. Precisamente na segunda parte do *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* de João de Rochela é apresentada uma classificação das facultades da alma «secundum medicos»¹⁰⁵⁶ que contém diversos pontos de contacto com a classificação a seguir esquematizada, nomeadamente a provável origem da enumeração de seis facultades sensitivas internas por não distinção entre o “sensus communis” e a “fantasia”.

¹⁰⁵⁶ João de Rochela: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, II, cap. 27-36, pp. 103-113.

Faculdades que regem os corpos animados na *Scientia libri de anima* (II, 9)

(uma classificação médico-biológica?)

**Differentiae
quibus
corpora
animata
reguntur**

Natural (= <i>vegetibilis</i>)		nutritiva		aprehensio nutrimenti										
				— (?)	attractiva									
					retentiva									
					digestiva									
					expulsiva									
Vital, exercens: (= <i>sensibilis</i>)		augmentativa		recipiens										
				generativa		immutativa prima producens sperma ex humidatibus								
						exhibens		assimilationem						
								concavitatem						
								perforationem						
asperitatem														
Animal, deputata ad: (= <i>sensibilis+intellectiva aprehensivae et motivae</i>)		motum cordis		conservativa		respirativa (quattuor differentias)								
						motum arteriarum		pulsativa		(quattuor differentias)				
											duas virtutes		operativa	
													operabilis	
													actus vite influentis ad membra	
		aprehensionem rerum (aprehensiva)		ordinativa interior		exterior sensibilis (quinque sensus)								
						actum motus voluntarii (motiva)		sensitiva		sensus communis				
										fantasya				
										ymaginatio				
										ymaginativa				
estimativa														
memoria														
intellectiva (differentias in eius continentia nominatas)														
sensibilis (habet quattuor differentias)														
intellectiva (habet quattuor differentias)														

Estas diferenças de apresentação, que não são destituídas de importância científica e filosófica, mereciam por si mesmas um estudo minucioso que nos arrastaria para um plano diverso daquele que aqui nos interessa. Subjaz às diferentes classificações que as faculdades da alma são entendidas como princípio causal explicativo da vida no corpo, mas também dos actos que caracterizam os diferentes seres vivos. Servem mesmo, como acontece desde a antiguidade, para estabelecer taxonomias dentro do reino animal, tendo implícita a superioridade do homem. Interessam-nos aqui as faculdades que a este dizem mais directamente respeito e que estão envolvidas no conhecimento e na acção por este determinada ou influenciada, os dois traços que fazem a racionalidade e instituem o homem como ser único na natureza, ao mesmo tempo que revelam os seus limites.

2.3. O conhecimento

A teoria do conhecimento é um dos aspectos filosóficos mais interessantes das teorias da alma na antiguidade e medievo, pois é precisamente na alma que múltiplas tradições situam a possibilidade de conhecer ou uma das co-causas do conhecimento, ou mesmo a causa única. Há nos diferentes autores uma coerência epistemológica entre o que se entende por conhecimento, a sua possibilidade, a natureza da alma e das suas faculdades. Em termos gerais, o realismo idealista de tipo platónico tende a considerar que sendo o corpo e o mundo material da ordem do individual, instável, sujeito à mudança e deceptivo, nunca poderá ser objecto de conhecimento verdadeiro nem poderá contribuir para formar ou atingir a verdade universal, imutável e eterna, cabendo por isso exclusivamente à alma o acesso ao conhecimento da verdade; mas para o conseguir a alma tem que ter a mesma natureza ontológica da verdade conhecida e não poderá ser nunca afectada pela individualidade e mutabilidade corporais, porque essas a afastariam inexoravelmente da universalidade da verdade. É esta a raiz comum do dualismo epistemológico e ontológico. O realismo empirista de tipo aristotélico, mantendo a possibilidade humana de alcançar o conhecimento da verdade, entendida como o que é imutável na natureza e universal no conhecimento, procura ultrapassar aquele dilema mostrando que não só é possível um conhecimento verdadeiro da realidade material e da mudança, não na sua individualidade, mas por apreensão da sua forma e por abstracção do que é individual e accidental, operações realizadas precisamente pela alma que assim produz ou se conjuga com a verdade universal das coisas mesmas. A alma terá portanto de ter uma natureza ontológica que lhe permita simultaneamente receber as formas apreendidas pelo corpo e a partir delas fazer provir a forma universal, conhecimento

verdadeiro das próprias coisas materiais. A solução do dualismo platónico orienta o pensamento de Aristóteles no domínio da psicologia e da noética¹⁰⁵⁷.

Entre as duas orientações aqui esquematicamente descritas há uma pluralidade de posições que combinam elementos de uma e de outra. Em qualquer dos casos o conceito de alma é central nas respectivas teorias da ciência e do conhecimento. Trata-se sempre de explicar a possibilidade do conhecimento, a sua natureza, a relação com a coisa conhecida e o seu carácter de generalidade e universalidade numa palavra, a sua verdade. No quadro das duas posições teóricas aqui esquematizadas, o conhecimento pode ter duas origens: ou as próprias formas universais, caso em que o corpo é dispensável para conhecer, pois apenas a alma pela sua natureza pode conter ou aceder à verdade, mas de modo *receptivo* e *intuitivo*, geralmente comparado ou descrito como *iluminação*, abrindo-se agora o complexo problema de saber se a verdade reside na alma ou numa realidade transcendente, e em cada caso como é que pode aceder a ela; ou o conhecimento pode ter origem na experiência das próprias coisas, cujas formas são percebidas pelos sentidos corporais, que a alma depois fará elevar ao seu máximo grau de universalidade por abstracção, e aqui corpo e alma são pólos indispensáveis do conhecimento que é em si mesmo um *processo activo*.

Em qualquer dos casos, intervenha ou não a *sensação*, o *conhecimento* é uma certa posse do universal no singular, espécie de paradoxo que as teorias da alma e das respectivas faculdades procuram resolver.

2.3.1. *Na Sententia cum questionibus*

Nas obras sobre a alma atribuídas a Pedro Hispano o problema da origem, natureza e processo de conhecimento é obviamente tratado e em qualquer delas encontramos elementos dos dois esquemas gerais, nuns aspectos aceitando a possibilidade do conhecimento intuitivo ou *a priori*, noutros postulando o conhecimento como abstraído ou *a posteriori*. Na *Sententia cum questionibus*, onde o conhecimento é definido como “união do cognoscível com o cognoscente”¹⁰⁵⁸, é mesmo apresentada uma súpula de natureza histórico-doutrinal sobre o

¹⁰⁵⁷ « Il y a donc à l'origine l'effort d'Aristote pour abolir la séparation que Platon avait instituée entre la forme et son existence éternelle et le sensible qui est l'image fuyante : entre l'*on* et le *poion*; en cette sobre distinction on peut lire en raccourci toute l'ontologie platonicienne. Ce couple se transforme chez Aristote en celui du sensible et de l'intelligible, du côté de la noétique ; il lui correspond du côté de l'ontologie celui de *tode ti* et de la forme, et celle-ci, immanente à celui-là, en est la quiddité, ce qui le fait être par soi. L'intelligible n'a pas de demeure qui lui soit réservée, il est l'apparition à l'intellect de la forme abstraite du sensible et ils passent en quelque sorte l'un dans l'autre. » J. JOLIVET: «Étapes de l'histoire de l'intellect agent», cit., pp. 381-382.

¹⁰⁵⁸ «cognitio fit per unionem cognoscibilis cum cognoscente», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. I, q. 5, 2ª rat., ed. Alonso, p. 70, 2-3

problema da origem do conhecimento da alma na questão «*utrum cognitio de anima sit nobis innata vel acquisita*¹⁰⁵⁹», a que o autor dá a seguinte

Solutio. Dicendum est quod multiplex fuit opinio circa rerum cognitionem sicut vult Averroes. Quidam enim posuerunt quod anima creatur perfecta scientiis et virtutibus. Set propter obumbrationem carnis non habet in actu que habuit primo, set obfuscatur et obumbratur et isti posuerunt quod nichil esset aliud scire quam memorari et sic posuit Plato. Dicebant enim quod quecumque anima scit modo, prius scivit et quod memoratur. Alii posuerunt quod anima cognoscit per acquisitionem solum. Set quidam illorum posuerunt res corporaliter acquiri in anima; alii autem posuerunt res spiritualiter acquiri in anima, scilicet per species; et sic posuit Aristoteles, sicut patet. In anima enim posuit quod anima non haberet cognitionem sibi innatam, set acquisitam et hec acquisitio spiritualis est. Set tamen distinguendum est quod anima duplicem habet cognitionem: unam quam habet a suo creatore a quo exit et hanc habet naturaliter et hec est cognitio futuri boni et sui ipsius. Hec enim cognitio insita est ei naturaliter et potentia ad hoc. Et hec est ei innata. Est autem alia cognitio anime quam habet mundanorum quam per fantasmata acquirit et hec est acquisita et non innata et de hac loquuntur omnes philosophi qui dicunt quod cognitio anime est acquisita. De prima autem non est verum. Anima enim illuminata est a primo et data est ei virtus a principio ut cognoscat se ipsam et divinum bonum et de hac cognitione verum est quod est ei innata et hec non est cognitio scientifica ipsius anime. Set est cognitio sui. De cognitione autem scientifica dicendum est quod non est nobis innata. Set potius acquisita¹⁰⁶⁰.

O autor, por intermédio de Averróis, sabe perfeitamente o que está em jogo quanto ao problema da origem do conhecimento e opõe as soluções de Platão (inatismo do conhecimento) e Aristóteles (conhecimento por abstracção), mas a sua posição acaba por se afastar de qualquer um dos três autores: rejeita o inatismo de Platão (*de prima autem non est verum*) porque considera que o conhecimento é adquirido, só que, com um *distinguo*, afasta-se simultaneamente de Aristóteles e Averróis. Em consequência admite que na alma há um duplo conhecimento (*anima duplicem habet cognitionem*): o conhecimento das coisas através das imagens sensíveis (*per fantasmata*) é de facto adquirido como dizem os filósofos, mas há também um conhecimento que provém do criador que causou a alma (*a suo creatore a quo exit*) que é um conhecimento do bem futuro e de si mesma (*hec est cognitio futuri boni et sui ipsius*). Note-se que o primeiro destes tipos de conhecimento é claramente identificado com o descrito pelos filósofos, enquanto o segundo não é qualificado. Em conclusão: Pedro não

¹⁰⁵⁹ Sobre a possibilidade de a alma conhecer directamente a sua própria existência, ver o estudo de J. MOREAU: «Pedro Hispano et le problème de la connaissance de l'âme», *Arquivos de História da Cultura Portuguesa*, 1, nº3 (1967) 3-9, onde se estudam estas questões iniciais do comentário sobre o *De anima*.

¹⁰⁶⁰ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 1, q. 2, sol., ed. Alonso, p. 65, 23-66, 24.

aceita o puro inatismo de Platão, mas aceita uma espécie de aristotelismo platónico-cristão que conjuga as duas fontes possíveis de conhecimento: a iluminação pelo criador (*illuminata est a primo*) tendo para o efeito uma faculdade que lhe permite este conhecimento de si e do verdadeiro bem (*data est ei virtus a principio ut cognoscat se ipsam et divinum bonum*), acabando por reconhecer que este conhecimento é inato, mas não ao modo de Platão, só que por ser inato não é um conhecimento científico da alma, no sentido em que não é um conhecimento pelas causas nem adequado à definição e demonstração¹⁰⁶¹, porquanto o conhecimento científico não é inato, mas adquirido¹⁰⁶², ou seja é aquele tipo de conhecimento que Aristóteles descreve. Assim, mesmo quanto ao conhecimento da alma por si mesma (*cognitio sui*), Pedro admite dois tipos: um inato por reflexão sobre si mesma (*per reflexionem sui supra se*) e um outro adquirido que começa pelas coisas (*per informationem scientie acquire*)¹⁰⁶³. A alma, isto é o intelecto, conhece-se a si mesma por imediata presença a si mesma porque é uma substância espiritual e entre si mesma e a sua reflexão não se interpõe qualquer órgão corporal¹⁰⁶⁴.

Daqui resulta que a alma, não podendo conhecer as coisas restantes na reflexão de si mesma, deve ter faculdades adequadas ao conhecimento por abstracção, embora a questão não seja a florada e menos ainda respondida. Perguntando se *inteligir* é uma operação própria da alma ou se é apenas uma afecção, isto é algo que nela ocorre por acidente, Pedro desenvolve a sua teoria do intelecto numa longa solução em que recorre à teoria da dupla face da alma. A importância do texto justifica que seja aqui dado em extenso:

Solutio: dicendum est ad hoc quod anima intellectiva habet duplicem aspectum: unum scilicet ad creatorem a quo exit in esse quern cognoscit, quoniam illius est causa. Item habet aspectum ad substantias superiores sibi similes separatas a materia et ad corpus quod dirigit et ad ea que ad corpus ordinantur que sub ipsa sunt. Et secundum duplicem aspectum duplicem

¹⁰⁶¹ Sobre o conhecimento pelas causas, cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 2, q. 5b, sol. ad 2am, ed. Alonso 1944, pp. 223, 26-224, 2.

¹⁰⁶² Sobre o duplo conhecimento: pelos princípios das coisas ou intelectivo (*per vera rei principia*) e a posteriori ou sensitivo (*per posteriora*), cfr. Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. Quest. preamb. 3, q. 4, 3 ratio, ed. Alonso 1944, p. 118, 5-22.

¹⁰⁶³ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 1, q. 5, sol., ed. Alonso, p. 70, 16-27. A segunda ratio desta questão tem um interesse histórico particular porque colhe na autoridade de Boécio a afirmação do inatismo do conhecimento da alma: «Secunda ratio hec est. Sicut dicit Boethius anima se ipsam ignorare non potest, quia semper est sibi presens. Ergo sua cognitio est innata et non acquisita.» (p. 69, 6-7). Como mostrou o padre Gauthier, esta ideia não se encontra de facto nos lugares aduzidos por Alonso em aparato, mas como em outro comentário a tradução do *De anima* por Tiago de Veneza é atribuída a Boécio, Gauthier sugere que a *ratio* aduzida por Pedro não fosse mais que uma nota marginal na tradução de Tiago de Veneza, que assim também a estaria a atribuir a Boécio, cfr. R.-A. GAUTHIER: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, Roma — Paris 1984, p. 203*.

¹⁰⁶⁴ *A contrario* e sob a autoridade de Avicena, nem o órgão corporal se conhece a si mesmo, nem a alma sensitiva se conhece a si mesma, Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 1, qq. 6-7, sol., ed. Alonso, p. 71, 9-27.

habet potentiam: unam per quam comparatur ad superiora et per quam nata est separari et que est lumine ipsius anime illuminata. Et hec potentia est intellectus agens et hec ei propria. In hac enim non indiget corpore immo materia. Alia autem potentia eius est intellectus possibilis per quam cognoscit corpus et ista inferiora et regit corpus. Et quia anima intellectiva ordinatur in cognitionem creatoris duplici modo disponitur ad ipsum: uno modo per immediationem, sicut patet in anima que cognoscit primum, non est per ista inferiora set per distanciam a corpore cognoscit ipsum et dicitur quasi separata. Unde non figitur eius cognitio corpori, set cognoscit ipsum per aspectum ad ipsum et hoc est quoniam separatur a conditionibus materialibus, ita quod eis non intendit et tunc respicit primam lucem, sicut dicit Rabi Moysi et irradiatur illa lux supra animam et supra sensus, ita quod eis ostendit secreta¹⁰⁶⁵. Alio modo disponitur ad primum secundum quod cognoscit ipsum per posteriora, sicut per effectus suos et operationes et sic cognoscitur per organa et oritur illa cognitio ab intellectu potentiali. Sicut autem iste status est duplex, ita duplex est operatio anime ipsius: una communis et alia propria et una appellatur intellectus agens; alia vero intellectus possibilis. Set potentia suprema que est intellectus agens, dirigit inferiorem qui est intellectus possibilis excitando ipsam et illuminando et ducendo ipsam ad effectum et illuminare et dirigere ipsam et quantum ad hoc quodam modo a corpore dependet et quantum ad hoc non est omnino operatio anime propria. Alia est que est intelligere res separatas et quia has intelligit per distantiam a corpore et quanto plus ab ipso distat, tanto verius eas cognoscit, ideo quantum ad hoc est intellectus agens omnino proprius et operatio eius omnino propria anime intellective. Operatio autem intellectus possibilis omnino coniuncta est et communis et nullo modo propria. Set operatio dicitur communis duobus modis: uno modo quia exercetur per organum corporeum; et simul in illa operatione compatitur anima corpori et hoc modo operatio intellectus possibilis non est propria set communis. Alio modo dicitur operatio alicuius potentie communis quia illa potentia recipit a virtutibus corporalibus organis insitis que per illa organa operantur. Et sic intellectus possibilis dicitur esse communis et eius operatio quia dependet a fantasmatis et virtutibus sensibilibus quantum ad specierum receptionem non quantum ad operationem supra species receptas. Sic ergo patet quod anima intellectiva habet propriam operationem que est ipsius intellectus agentis. Operatio ipsius possibilis communis est et in quantum per potentiam potentialem habet anima respectum ad corpus et ad ea que regit et

¹⁰⁶⁵ Esta citação de Maimónides resume parte da segunda *ratio*, onde aquele filósofo é concordado com Dionísio pseudo Areopagita (em passagem não identificada pelo editor que inclui citação de S. João evangelista), para mostrar que o intelecto não pode ter relação com o corpo e que, por isso, a sua acção é iluminativa: «Ergo anima intellectiva habet operationem propriam que est intelligere suam causam. Et quod hec operatio non sit ammixta corpori, patet per Dyonisium dicentem. Intelligentia cum respicit primam lucem que illuminat omnem lucem viventem vel venientem in hunc mundum clarescit. Cum autem divertitur ab ea obscuratur et depravatur intellectus eius. Et similiter anima intellectiva quanto magis respicit suum creatorem, tanto magis clarescit; quanto vero ab eo magis divertitur, tanto magis obscuratur. Et hoc est quod dicit Rabi Moysi, quando anima separatur a conditionibus ita quod non intendit eis, respicit lucem primam et irradiatur illa lux primo supra intellectum agentem et deinde supra possibilem. Et tunc supra virtutes sensibiles irradiatur ita quod homo videt secreta.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 6, q. 1, 2^a rat., ed. Alonso, p. 293, 11-25.

ad inferiora et in quantum per illam disponitur ad cognoscendum primum per suos effectus et per posteriora¹⁰⁶⁶.

Quanto à resposta da questão, a posição de Pedro é clara: a alma tem um princípio causal intrínseco, que lhe é próprio: o intelecto agente. Contudo, a sua formulação convoca um conjunto de doutrinas de diferentes proveniências que configuram um complexo doutrinal difícil de deslindar e onde estão presentes de modo solidário diversos problemas: a origem do conhecimento, a natureza da alma, as faculdades próprias para o conhecimento, os seus diferentes objectos, e os modos como são conhecidos, a relação do intelecto com o conhecido. Vejamos alguns aspectos.

O ponto de partida é a teoria da dupla face (*aspectum*¹⁰⁶⁷) da alma, que nesta formulação tem origem em Avicena¹⁰⁶⁸ e foi popularizada pelos seus epígonos latinos¹⁰⁶⁹, mas Pedro de facto elide a intenção original da teoria, para a adaptar à sua posição, que é a seguinte: a alma tem duas faces uma virada para o criador outra para as substâncias superiores e para o corpo que ela dirige, mas, esta face inferior, a partir da compreensão dos modos de conhecer o Criador *per posteriora*, será ainda dividida em duas. Ou seja, a face inferior da alma pelo seu modo de conhecer divide-se em intelecto agente e em intelecto possível. Quanto ao conhecimento do Criador *per immediationem*, próprio da face superior, o intelecto não tem actividade própria, é totalmente passivo pois recebe o conhecimento como uma iluminação e apenas se afasta da corporalidade que é a condição natural do homem, pelo que é um conhecimento em si mesmo sobrenatural e de origem transcendente. A face inferior da alma, aquela que se dirige para as coisas criadas, sejam as substâncias separadas, sejam os corpos materiais, tem uma actividade intrínseca, embora se distingam nela actos de duas diferentes naturezas. O acto do intelecto agente quando ilumina e dirige o intelecto possível fazendo-o passar a acto é *comum* porque neste caso de certo modo (*quodam modo*) depende do corpo, subentendendo-se que é dele que recebe as formas ou fantasmas que são passados a acto, como depois explica. Mas, quando o intelecto agente considera directamente as substâncias

¹⁰⁶⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 6, q. 1, sol., ed. Alonso, pp. 294, 25-296, 22.

¹⁰⁶⁷ Traduzo aqui o termo *aspectus* (acto de olhar) por *face*, embora na obra ocorra sobretudo com o sentido de relação (per *aspectum ad*; in *aspectu*; etc.). Nas passagens de Avicena, Gundissalino e João Blund aduzidos na nota seguinte é usado o termo *facies*.

¹⁰⁶⁸ AVICENA: *Liber de Anima seu Sextus de naturalibus*, ed. S. Van Riet, I, 5, p. 94, 8-14. Com a metáfora da dupla face Avicena pretende mostra que a alma tem uma faculdade activa, causa dos costumes e da sabedoria, diferente de uma faculdade contemplativa.

¹⁰⁶⁹ GUNDISSALINO: *De anima*, em J.T. MUCKLE, cap. 10, pp. 86, 22-87, 3. Aqui surge já a a contemplação de Deus como objecto da face superior. Ver também JOÃO BLUND: *Tractatus de anima*, ed. D.A. CALLUS — R.W. HUNT, cap. XXV.i, § 336, pp. 91-92. Encontraremos a mesma metáfora na *Scientia* de Pedro Hispano. Arnulfo de Provença recoloca a teoria no âmbito da ética, a superior conduzindo à inteligência e a inferior à sapiência, e neste quadro se adquire a *froneses*, cfr. ARNULFO DE PROVENÇA: *Divisio scientiarum*, ed. C. LAFLEUR, p. 336, 542-550.

separadas (*res separatas*), conhece com total independência do corpo, sem outro auxílio para além da sua luz e esta é precisamente a actividade própria do intelecto. É por esta via que Pedro conclui que há uma actividade própria do intelecto, no sentido em que depende apenas dele mesmo, o que sublinha que o intelecto agente é uma faculdade própria da alma, de cada alma.

Em conclusão: (1) o intelecto pela sua natureza aplica-se a três tipos de cognoscíveis: Deus, substâncias separadas, formas das coisas; (2) o intelecto é simultaneamente passivo (recebe a influência da luz divina), activo (por si mesmo acede a certos cognoscíveis), abstractivo (conjuga a receptividade com a sua potência própria); (3) o intelecto pode conhecer por iluminação mas também por abstracção; (4) o intelecto, por fim, é potência auto-suficiente para o conhecimento das próprias coisas, não necessitando para tal de intermediação de uma iluminação transcendente.

O conhecimento das coisas, *cognitio scientifica* como lhe chamou atrás, é aquele que resulta de um acto comum do intelecto agente, do intelecto possível, dos sentidos, e da forma material da coisa, onde têm origem as formas sensíveis, depois fantasmas, que o intelecto agente ilumina no intelecto possível fazendo-os passar a inteligível em acto. Este é o processo a que chamamos abstracção e do qual decorre o conhecimento, que é adquirido, porque antes no intelecto nada existia. O conhecimento começa pelos sentidos, como o confirma o aforismo atribuído a Aristóteles «sicut habetur in tercio *De anima* nihil est in intellectu nisi prius fuerit in sensu»¹⁰⁷⁰. Antes da aquisição do conhecimento a alma, mais propriamente o intelecto, é uma *tabula rasa* sem nada escrito ou em acto¹⁰⁷¹. Estes dois aforismos retratam o empirismo gnosiológico, de raiz peripatética, relativo apenas ao conhecimento dos sensíveis, comum em autores medievais até à primeira metade do século XIII, pois, como vimos admite-

¹⁰⁷⁰ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 6, q. 3, 1ª rat., ed. Alonso, p. 301, 1-2. Outras formulações na mesma obra: «Sicut habetur in tercio *De anima*, nichil quod non prius fuerit in sensu, cadit in intellectu» (Quest. pream. 1, q. 1, ad opp., p. 61, 12-13) e na resposta: «quod aliquid cognoscitur duobus modis: uno modo quia per speciem accidentalem sensibilem et hoc modo omne quod cognoscitur ab intellectu prius fuit in sensu » (p. 303, 14-16). Embora o sentido do aforismo esteja de acordo com o pensamento de Aristóteles, não se encontra com esta formulação no *De anima* nem em outra obra de Aristóteles, podendo ser aproximado da afirmação «et ob hoc quidem non sentiens, nichil utique addiscet nec sciet» (ARISTÓTELES: *De anima* III, 8, 432a7-8; *transl. vetus*, ed. K. White, p. 462). Na Idade Média o aforismo é literalmente atribuído a Aristóteles.

¹⁰⁷¹ «Sicut habetur in tercio de anima, anima creata est imperfecta sicut tabula rasa et est imperfecta virtutibus et scientiis» (Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. pream. 1, q. 2, ed. Alonso, p. 65, 19); em outra redacção desta mesma questão o argumento tem formulação ligeiramente diferente: «Sicut habetur in tercio de anima, anima creata est imperfecta sicut tabula rasa et est imperfecta scientiis et virtutibus; perfectibilis tamen per ipsarum acquisitionem.» (p. 166, 4-6). Outras ocorrências: «anima una et eadem est, sicut tabula rasa in qua nichil scriptum est et tamen est possibilis ad receptionem» (p. 244, 7-9); «Sicut habetur in tercio de anima anima creata est sicut tabula rasa in qua nichil actu scriptum est» (p. 404, 14-16).

se também que há conteúdos gnosiológicos que o homem obtém por outras formas. O conhecimento científico é portanto aquele que ocorre por *abstracção*, termo polissémico que no comentário sobre o *De anima* em uma das suas acepções indica precisamente a separação da espécie sensível pelas faculdades da alma no conhecimento:

(...) abstractio est multis modis: Uno modo est abstractio specierum per virtutes anime ab ipsis rebus secundum quam abstractionem sensus abstrahit species sensibiles et ymaginatio accipit eas a sensu et intellectus ab ymaginatione et hec abstractio via est ad cognitionem¹⁰⁷².

A abstracção das espécies sensíveis apreendidas pelos sentidos nas próprias coisas é realizada pelas faculdades da alma e nela consiste o processo (via) para alcançar o conhecimento. A abstracção gnosiológica decorre da alma e das suas potências e só a podemos conhecer se as conhecermos a estas¹⁰⁷³. Mas, no sentido de adequação ou proporcionalidade entre duas realidades, entre o cognoscível e o cognoscente, a abstracção não depende apenas das faculdades, mas também da própria estrutura ontológica das coisas

(...) abstractio est in rebus secundum exigentiam anime et secundum exigentiam rerum sicut ostendunt rationes. Est enim aliquid in rebus et est principium abstractionis in ipsis quod est proportionale ipsi anime cum res per illud ab anima abstrahuntur, quod movet animam secundum ipsius statum et dispositionem. Et hec est simplex species ipsius rei. Necessitas vero

¹⁰⁷² Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 7, q. 3, ad 1^{am} rat., ed. Alonso, p. 314, 9-15; as outras três formas de abstracção são as seguintes: «Alia est abstractio que est universalis a particulari. Et hec est communis cuilibet generi et scientie. Est autem alia abstractio que est forme a materia et hec soli quantitati convenit. Est autem alia abstractio que est idem quam separatio et hec est in substantiis separatis mathematicis. In omni ergo genere est abstractio non quolibet set abstractio que est universalis a particulari. Abstractio vero que est forme a materia est in solo genere quantitatis et hec est abstractio mathematica secundum quam forme dependentes a materia abstrahuntur et ideo de aliis generibus rerum non sunt methamatice scientie» (Idem: *ibidem*, p. 314, 15-25). Uma outra formulação dos quatro sentido de abstracção: «Abstractio autem multis <modis> est: Uno modo est abstractio universalis a particulari et secundum hanc abstrahit ista scientia et quolibet scientia naturalis. Alia est abstractio que est forme a materia et secundum hanc abstrahunt scientie mathematice que sunt de quantitate abstracta. Tercia est que est separatio rerum a motu et materia que est in substantiis spiritualibus separatis. Et talem abstractionem intendit methaphysicus. Quarta vero abstractio est acceptio specierum a sensibilibus secundum representationem earum ad virtutem intellectivam. Et hec abstractio est via in cognitionem.» (Quest. preamb. 3, q. 1, sol., ed. Alonso, p. 111, 13-24; itálico meu). Na *Scientia libri de anima* encontram-se formulações-resumo com algumas diferenças, apesar dos elementos coincidentes (cfr. mais à frente). Nas formulações apresentadas nas duas obras ecoam as várias orientações e contextos em que a abstracção era discutida na Idade Média, quando o conceito assume particular importância em domínios como a classificação das ciências, a questão dos universais, a teoria do conhecimento, a ontologia. Uma longa investigação sobre as principais etapas das discussões em torno da abstracção até ao século XII e Avicena encontra-se na obra de A. de LIBERA: *L'art des généralités. Théories de l'abstraction*, Paris 1999.

¹⁰⁷³ «Omnis autem abstractio est ab anima et a potentiis eius. Ergo non potest cognosci modus abstractionis nisi cognoscatur anima et eius differentie et potentie», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 1, q. 1, 2^a rat., ed. Alonso, p. 186, 16-19. Aqui a expressão *omnis abstractio* refere-se à abstracção gnosiológica e não aos quatro sentido do termo antes referidos.

ista est propter exigentiam recipientis anime secundum quam recipit res sub esse spirituali et huic necessitati respondet exigentia in rebus a parte sui principii spiritualis. Res enim non solum habent operationem ad invicem sed ad animam. Sunt enim entes et cognoscibiles et sic habent aliquid per quod sunt et per quod cognoscuntur. Et hoc est idem differens secundum maiorem spiritualitatem, quia spirituales essentie qua sunt id quod sunt est principium vere cognitionis in ipsis sicut postea patebit [cfr. I, 11, qq. 1-6; 389-406]¹⁰⁷⁴.

Há uma conformidade ontológica entre os seres e a alma, porque a forma das coisas não só lhes dá o ser como as torna cognoscíveis (*sunt enim entes et cognoscibiles et sic habent aliquid per quod sunt et per quod cognoscuntur*) e dessa forma o princípio de entidade das coisas é o princípio de conhecimento da verdade. Há uma conjugação de necessidade do princípio de ser das coisas e do princípio de conhecer, de que resulta a proporcionalidade ou similitude das coisas na alma pela qual esta as conhece¹⁰⁷⁵.

Mas, o abstraído é singular ou é universal? O que a alma conhece é o universal ou o singular? O intelecto conhece a representação ou através dela conhece a própria coisa representada? É a este problema que são dedicadas as seis questões da décima segunda lição do livro I.

A alma conhece as coisas por representação, que é uma certa conformidade ou similitude das coisas¹⁰⁷⁶. Esta conformidade é a representação de todas as coisas na alma pela *species rerum* pela qual ela as conhece, mas num outro sentido o conhecimento é apenas proporcional (ou segundo a verdade)¹⁰⁷⁷. As coisas não são conhecidas em si mesmas mas apenas *per vera sui principia*, a conformidade é uma conformidade com os princípios das coisas¹⁰⁷⁸. Ou seja, como a alma apenas possui ou gera em si similitudes dos princípios das coisas, a alma conhece as coisas pelo universal, *universal* que pode ser designado por vários conceitos, segundo a sua relação com o que designam. Pode ser *exemplar*, *forma*, *universal*, *species*. Perguntando quais são os princípios pelos quais a alma gere as similitudes das coisas, se são universais e formas universais ou se são por exemplo formas da parte, responde com esta solução:

¹⁰⁷⁴ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 3, sol., ed. Alonso, p. 116, 17-33.

¹⁰⁷⁵ «(...) non solum abstractio est secundum exigentiam anime set secundum proportionem et exigentiam ipsarum rerum secundum quam proportionantur anime per suam similitudinem ut ab ipsa cognoscantur.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 3, ad 1^{am} rat., ed. Alonso, p. 117, 8-12.

¹⁰⁷⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 1, ed. Alonso, pp. 390-392.

¹⁰⁷⁷ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 2, ed. Alonso, pp. 393-395.

¹⁰⁷⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 3, ed. Alonso, pp. 395-398.

Dicendum quod anima gerit in se similitudines principiorum rerum et huiusmodi principia sunt universalia que dicuntur exemplaria, et per illa cognoscit anima intellectiva res ipsas et cum illis habet conformitatem et per illa cum rebus et habent ista universalia multiplicem <comparationem>. Dicuntur enim universalia *exemplaria* per comparisonem ad animam per que illa res producit. Dicuntur autem *forme* per comparisonem ad rem quam informant dando ei esse et completionem. Dicuntur autem *universalia* per comparisonem ad res quibus participantur et que in ipsis communicant que sunt singularia. Dicuntur autem *species* per comparisonem ad animam quam informant mediantibus quibus anima cognoscit res et habet conformitatem cum illis speciebus universalibus et mediantibus illis cum rebus que communicant cum ipsis¹⁰⁷⁹.

O conhecimento, é sempre conhecimento do universal, quer quando se trata de apreensão da espécie singular, quer quando esta é reconduzida aos seus princípios universais pelo intelecto¹⁰⁸⁰. Mas, adverte Pedro, segundo a verdade (*secundum veritatem*) deve dizer-se que a alma não possui em si a essência dos verdadeiros princípios das coisas, mas apenas similitudes das verdadeiras formas e dos verdadeiros princípios. Ou seja apenas conhecemos a representação das coisas, porque a alma apenas possui as *intensiones rerum*¹⁰⁸¹, que não são substâncias ou acidentes, mas o *quid* da substância ou o *quid* do acidente (*neque sunt substantie nec accidens sive accidentia set quid substantie vel accidentis*). Entre os exemplares que estão na alma e as verdadeiras formas e princípios das coisas há uma identidade não de essência, mas apenas por proporção e similitude e intensão¹⁰⁸². Esta representação das coisas é adquirida e não inata, embora o princípio de conformidade não seja

¹⁰⁷⁹ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 4, ed. Alonso, p. 399, 16-31.

¹⁰⁸⁰ «(...) duplex est cognitio intellectus: una que est apprehensio et hec fit mediante specie singularis; alia que est resolutio in causas et hoc modo cognoscit intellectus principia universalia resolvendo ipsa in materiam et formam universalem et ita cognoscit universalia per materiam et formam resolvendo in quantum materia et forma habent naturam universalis et ita per universalia semper procedit in cognitionem rerum.» Idem, *ibidem*, ad 2^{am} rat., ed. Alonso, p. 400, 15-23.

¹⁰⁸¹ Sobre o termo *intentio* ver mais à frente quando se tratar da “estimativa” e dos objectos do intelecto possível. Aqui o termo designa o conteúdo mental que refere as coisas, o conceito.

¹⁰⁸² «Dicendum est secundum veritatem quod illud quod de re est in anima non est idem per essentiam cum veris rerum principiis extra, set est sola similitudo verorum principiorum. Unde exemplaria que sunt in anima, non sunt vere forme et vera principia rerum set similitudines verarum formarum et verorum principiorum, quia eorum que fiunt quedam sunt entia, quedam entium. Entia autem sunt sicut res fixe. Ea autem que sunt entium sunt multis modis: Quedam sunt ut vie et motus; quedam autem ut privationes; quedam ut principia quedam ut intensiones. Huiusmodi autem que de rebus sunt in anima sunt intensiones rerum que neque sunt substantie nec accidens sive accidentia set quid substantie vel accidentis. Unde ponimus quod non sunt vera principia set similitudines verorum principiorum est ergo idemptitas inter exemplaria que sunt in anima et formas et principia rerum vera, non per essentiam que est natura fixa et determinata, set solum proportionem et similitudinem et intensione.» Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 5, ed. Alonso, p. 402, 1-20.

inato mas próprio da alma¹⁰⁸³. O conhecimento resulta da conjugação entre faculdades *a priori*, ou possibilidade inata de conformidade com as coisas, que é completada pelas formas inteligíveis *a posteriori*, ou representação adquirida das coisas:

(...) anima habet conformitatem cum rebus sibi innatam, non tamen completam nisi per representationem specierum que non est sibi innata. Habet enim anima potentias in se per quas nata est omnia investigare et quas per conformitatem quam habet cum rebus ducit in effectum. Habet enim potentiam qua est omnia facere et habet potentiam qua est omnia fieri et ita per suas potentias sibi innatas habet conformitatem cum omnibus sibi innatam. Completio autem illius conformitatis est per representationem specierum ipsi anime que representatio est adquisita. Dicitur autem conformitas innata, quia habet anima potentias per quas nata est omnia investigare quarum una est potentia qua est omnia facere alia est potentia qua est omnia fieri et ita conformitas anime cum rebus est ei innata. Completio autem illius est adquisita, scilicet, per representationem¹⁰⁸⁴.

Regressando ao tema do universal¹⁰⁸⁵, é ele que constitui o princípio de abstracção e é por ele que ocorre essa conformidade entre a coisa e o intelecto que possui a sua representação, por intermédio da qual a coisa é conhecida, como afirma o autor através das quatro *rationes* para as quais remete a solução da quarta questão do terceiro problema preambular¹⁰⁸⁶. Essa conformidade é uma impressão espiritual, ou *species*, ou similitude das substâncias corporais¹⁰⁸⁷. É através da *species* abstraída que as coisas são conhecidas, mas na sua universalidade. Ao afirmar que a ciência é ciência do universal o comentador reiterava Aristóteles que, precisamente numa parte do *De anima* à qual o comentário não chega, contrapunha a sensação em acto, que é relativa ao singular, à ciência que é dos universais e que, por isso, estes de certo modo residem na alma: «(...) singularium secundum actum

¹⁰⁸³ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 6, ed. Alonso, p. 404, 28-405, 27.

¹⁰⁸⁴ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 6, ed. Alonso, pp. 404, 28-405, 12.

¹⁰⁸⁵ A resposta à primeira *ratio* em contrário da q. 4, Probl. preamb. 3, evoca os três coisas do universal (será que as podemos reconduzir às canónicas formas *in re*, *ante rem*, *post rem*?) poderá fornecer uma pista para identificar as fontes aviceniano-algazelianas (aliás Algazel é citado na *ratio* 4) da teoria do universal no comentário sobre o *De anima*, questão sobre a qual são particularmente importantes as páginas de A. de LIBERA: *La querelle des universaux de Platon à la fin du Moyen Age*, Paris 1995, pp. 116-120 (Alfarabi), 176-193 (o universal em Avicena) e sobretudo as pp. 192-201 sobre a percepção do singular e a apreensão do universal por abstracção (em Avicena), que é o que mais directamente está em causa na abordagem de Pedro no comentário sobre o *De anima*.

¹⁰⁸⁶ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Quest. preamb. 3, q. 4, ed. Alonso, pp. 117-119.

¹⁰⁸⁷ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 11, q. 1, sol. e ad 1^{am} rat., ed. Alonso, p. 391, sobretudo 10-12, 16-17, 21-26, 31-33.

sensus est, scientia autem universalium. Hec in ipsa quedam modo sunt anima¹⁰⁸⁸», por isso toda a ciência é ciência do universal abstraído¹⁰⁸⁹.

Leen Spruyt dedicou duas interessantes páginas à posição de Pedro Hispano sobre a função representacional da *species* e a sua teoria da conformidade da alma com a realidade exterior considerando-a o “ele perdido” entre as teorias do inatismo do início do século XIII e a doutrina dos primeiros princípios de Tomás de Aquino, contidos na luz do intelecto agente, que proporcionam a estrutura *a priori* do conhecimento intelectual¹⁰⁹⁰, par além de afirmar ainda que as reflexões do Comentário sobre os princípios ontológicos e a *species* cognitiva «antecipam in nuce a problemática metafísica da psicologia cognitiva de Tomás» (idem, p. 133). Assim, a *species* tem um carácter instrumental na percepção da realidade material, dependendo da estrutura sensível da realidade, mas, como vimos, não é nem substância nem acidente mas o *quid* da substância ou do acidente. E esta posição, ainda segundo Spruit, talha ociosa disputas sobre o estatuto ontológico desses princípios, mostrando também que as suas posições seriam retomadas por outro importante autor de finais do século XIII: «Peter’s mild innatism, grounded in the soul’s conformity to outer reality, is championed later by Giles of Rome¹⁰⁹¹.»

2.3.2. Na Scientia libri de anima

O quadro explicativo do conhecimento é completamente diferente na *Scientia libri de anima*. Aqui a teoria das faculdades da alma ocupa o centro da discussão e a influência é nitidamente mais aviceniana. Nesta obra, a iluminação não é a única fonte de conhecimento, uma vez que o autor admite sobretudo o conhecimento abstrativo das formas materiais e o conhecimento da alma por si mesma.

A alma vegetativa, em razão da sua proximidade à matéria, não tem qualquer função no processo de conhecimento¹⁰⁹², porque este apenas é possível existindo (1) afastamento de matéria, (2) abstracção da matéria das formas que lhe são apresentadas, (3) união da forma apreendida:

¹⁰⁸⁸ ARISTÓTELES: *De anima* II, 5, 417b22-24, *transl. vetus*, ed. K. White, p. 133.

¹⁰⁸⁹ «Scientia est universalium», é justamente um aforismo que se difunde sob a autoridade do livro II do *De anima* de Aristóteles, e incluído duas vezes nas anónimas (início do séc. XIV?) *Auctoritates Aristotelis, Senecae, Boethii, Platonis, Apuleii africani, Porphyrii et Gilberti Porretani*, ed. J. Hamesse, cfr. números 59 e 96, pp. 179 e 182.

¹⁰⁹⁰ L. SPRUIT: *Species intelligibilis: From Perception to Knowledge*. Vol. I: *Classical Roots and Medieval Discussions*, Leiden-New York-Köln 1994, pp. 132-134, cit. p. 132. No muito interessante e valorizador resumo, embora breve, da epistemologia da *species* de Pedro Hispano apenas me parece que merece melhor análise a possível defesa da relação da alma com o mundo sensível como *participação* (cfr. final da p. 133), devendo ser tidas em conta não apenas a *solutio*, relativamente confusa devido às distinções introduzidas, mas também as *rationes* da questão 2 da lição 11 do livro II (pp. 392-395), de onde emerge que essa relação é apenas por *representação*.

¹⁰⁹¹ L. SPRUIT: *Species intelligibilis*, cit., vol. I, p. 134.

¹⁰⁹² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 3, ed. Alonso, p. 159, 28-29.

Cognitionis vero integritas in tribus consistit: primum est immunis libertas substantie a materia; secundum forme presentate sibi denudata abstractio a materia; tertium unio forme cum hac substantia dispositionibus utriusque concurrentibus; nam substantia simplex a materiali rete libera apprehensiva est, forma vero sub actu abstractionis ad apprehensionem ordinatur, que cum substantie cognoscitive aspectibus presentatur, ex eius presentia conversione intuitus cognoscentis concurrente resultat apprehensio in effectum; et in hiis substantiis multam recipiunt diversitatem, et ideo earum cognitio modis variis diversatur¹⁰⁹³.

A apreensão em acto resulta dessa conversão ou convergência entre a forma abstraída e a substância simples totalmente livre de matéria que a alma é. Por esta razão, há diversos graus de conhecimento consoante as combinações de separação entre a matéria e a espiritualidade da faculdade da alma que conhece e mesmo segundo o grau de pureza cognoscitiva e de proximidade ao objecto cognoscível próprio de cada faculdade. Em diversos passos se diz que quanto maior for a opacidade própria da corporalidade, menor é a porção de luz que nela penetra¹⁰⁹⁴, daí portanto o menor ou maior grau de pureza e luminosidade da que podem possibilidade ou não de conhecimento:

Sic et ipse secundum spiritualis simplicitatis maioris ac minoris puritatis gradus cognitionis recipiunt naturam, et ideo *intelligentie increate* cognitionis fulgor inest in ultima perfectione consistens, *intelligentiarum vero creatarum* collectio secundum ordinis gradus ipsum secundum minorem perfectionem participat, *anima vero intellectiva* in suarum virtutum ordinibus multiplices gradus recipiens ipsum inferiore attingit participatione. Set *sensibilis* eam infima dispositione consequitur. *Vegetabilis* vero, cum multum sit corporali materie connexa, cognitione caret, solo vite actu contenta¹⁰⁹⁵.

Há uma ordem decrescente de cognoscibilidade das substâncias: inteligência incriada, inteligências criadas, alma intelectiva, alma sensitiva. Fora deste domínio fica a alma vegetativa, que pela sua ligação à matéria, isto é devido à opacidade do corpo a que está associada não pode alcançar qualquer conhecimento. Por maioria de razão, o corpo ainda menos possibilidade tem de conhecer. Está aqui presente uma hierarquia gnosiológica das espécies de substâncias cognoscentes que existem, que inclui uma causa superior única e una, de que todas as outras esferas de realidade provêm em sucessivos graus de diferenciação por incremento de pluralidade e consequente afastamento da unidade:

In hiis igitur substantiis cognitio variationem recipit, nam *prima substantia* omnium creatrix omnia absque receptione tamquam eorum causa et exemplar et se luce sue presentie comprehendit nulla multitudine, nulla diversitate intercidente.

¹⁰⁹³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 3, ed. Alonso, pp. 160, 27 – 161, 2.

¹⁰⁹⁴ Ver a passagem que antecede a cit. seguinte e muitos outros locais, por exemplo p. 46, 3-26 sobre a luz própria de cada uma das faculdades humanas principais.

¹⁰⁹⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 1, ed. Alonso, pp. 156, 4-14, itálicos meus.

Intelligentia vero *secunda* quamdam cognitionem contrahit ex inspectione in speculo lucis prime; aliam ex sua natura per rerum representationem sortitur.

Intellectus autem per specierum receptionem a rebus extrinsecis absque organorum corporalium aminiculo cuncta cognoscit; *sensus* autem per organorum operationem formas corporales quadam abstractione recipiens cognitione perficitur.

Sensus igitur cognitionem participat, que ad res [que] materialibus dispositionibus copulantur, extenditur, et cum a materia dependeat corporali, ex operum organorum concursu ad cognitionis actum perducitur¹⁰⁹⁶.

A *primeira substância*, isto é: o criador de tudo, possui um conhecimento sem recepção, como causa e exemplar de tudo, tudo compreende por presença de si, na luz da sua presença, em absoluta unidade e sem alteridade (*nulla multitudine, nulla diversitate*).

Na *inteligência segunda*, criada, já não existe unidade do conhecer e do conhecido, porque conhece sob duas formas: por contemplação na luz da primeira inteligência, mas também por representação das coisas a partir da sua própria natureza. Sendo-lhe própria a alteridade, conhece o que está acima de si, mas também o que está abaixo de si através das formas das coisas que contém em si.

O conhecimento próprio do *intelecto* é mediado e provém do exterior, conhece todas as coisas por recepção das espécies ou formas das coisas exteriores, embora sem o auxílio de qualquer órgão. É o *sentido* que o auxilia pois este recebe as formas corporais por acção dos órgãos e por uma certa abstracção recebe as formas corporais pelas quais se realizará o conhecimento.

Por fim, para Pedro o *sentido* ainda participa no conhecimento, porque embora esteja ligado às disposições materiais através dos órgãos, pelo acto destes já dá um certo concurso ao acto do conhecimento. Os sentidos são verdadeira ponte com a natureza material.

Esta condensada doutrina em que há sobreposição dos graus da substância e dos graus de conhecimento tem uma inspiração que podemos associar ao *Liber de causis*, obra de metafísica neoplatónica, que nas proposições e respectivos comentários propõe uma resoluta coincidência entre a ordem do mundo e a ordem do conhecimento, entre a ordem do ser e os graus de composição ou alteridade do conhecimento, ordem que se estrutura numa linha de descendência do uno ao múltiplo, na sequência Causa primeira, Inteligência, Alma, matéria. As primeiras proposições do *Liber de causis* explicam a ordem de causalidade destes três graus do ser (proposições ou capítulos I-IV, VI), distinguidos depois quanto ao conhecimento próprio de cada um (prop. V, VII-XIV)¹⁰⁹⁷.

¹⁰⁹⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 3, ed. Alonso, pp. 161, 3-18, itálicos meus.

¹⁰⁹⁷ Sobre o monoteísmo do autor e a estrutura da obra, cfr. J.-L. SOLÈRE: «Livre des causes (Liber de causis)», cit., p. 677b.

O condensado doutrinal dos breves parágrafos de Pedro Hispano apresenta algumas deslocações terminológicas em relação ao *Liber de causis*, mas partilha o mesmo espírito de explicação dos níveis do ser pela unidade ou alteridade próprio de cada um. Integrando este esquema neoplatónico numa teoria do conhecimento Pedro sublinha o lugar de fronteira ocupado pela alma humana, em especial o intelecto como faculdade simultaneamente criada e apreensiva que recebe do exterior tudo o que conhece sobre as naturezas inferiores (confrontar com o cap. XIII do *Liber de causis*).

Pela sua natureza o intelecto é cognoscente, mas não depende apenas dele para conhecer. Por essa razão mesma não pode ser corpo nem ter corpo, pois o corpo apenas recebe a forma como causa do seu ser (isto é como forma material), enquanto o conhecimento é recepção das formas de outro, mas enquanto forma inteligível não enquanto forma material, isto é recebe-as sob condição intensional, indicando algo que lhe é exterior. Enquanto o corpo ou a matéria apenas pode receber uma forma essencial e um número finito de formas accidentais, o intelecto pode receber a totalidade das formas abstraindo-as pois, pela apreensão, é *omnium capax*¹⁰⁹⁸.

A descrição do intelecto como *omnium capax* sublinha outra ideia basilar da gnoseologia petrínica: relativamente ao conhecimento das coisas o intelecto é absolutamente potencial, isto é: não possui qualquer conhecimento em acto antes de o adquirir por abstracção. Rejeita-se desta forma qualquer possibilidade do inatismo do conhecimento, recusa bem sublinhada pela ideia do intelecto possível na sua origem destituído ou nú de formas impressas, mas com a faculdade de as receber a todas, explicado através da clássica metáfora da um quadro limpo de qualquer imagem onde também se pode escrever o que se queira:

Virtus autem hec [sc. intellectus possibilis] *naturali ortu specierum perfectione nuda est tamquam tabula rasa pictura nulla informata*. Inest autem ipsi naturalis *industria ad omnium intelligibilium receptionem disponens*¹⁰⁹⁹.

¹⁰⁹⁸ Este aforismo é constantemente repetido. Alguns exemplos: «intellectiva a materia non dependens a partium corporalium nexibus est libera *omnium rerum capax*, ad omnes naturas sui aspectus extendit aciem perspicacem» (II, 1, p. 46, 1-3); «ipsa <anima intellectiva> enim simplex et incorporea existens, quamvis corpori sit unita, nullam radicem sui exitus trahit a corpore, nullum membrum sue existentie ei appropriat, nullum ad suas proprias operationes requirit, et cum sit *omnium rerum corporearum et incorporearum capax* omnino sua natura et virtutum eius est impermixta, immunis a materia corporali et ipsa absque corporis officio suam existentiam, virtutum eius, operationum declarat, et propter independenciam a corpore nata est separari post corporis corruptionem propria vita fruens» (IX, 3, p. 306, 9-18). As ocorrências multiplicam-se nos tratados sobre o intelecto: IX, 6, p. 325, 14-17; IX, 8, p. 333, 4-5; X, 2, p. 359, 29; X, 3, p. 362, 32-36; X, 5, p. 374, 23-24; X, 6, p. 379, 3-5; X, 6, p. 382, 14-16, p. 384, 4; etc. Note-se que esta ideia constantemente repetida do intelecto como *omnium capax*, porque não é dotado de corpo e pode apreender todas as formas, não se encontra na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*.

¹⁰⁹⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 375, 13-15, itálicos meus. A expressão *tabula rasa pictura nulla informata*, que já encontrámos no comentário sobre o *De anima*, retoma

Como ocorre esta realização do conhecimento em acto numa faculdade que embora espiritual é meramente potencial? Ele só pode ser recebido do exterior, ou já totalmente formado ou realizando sobre ele ainda alguma actividade que o torne acto. Veremos que o conhecimento próprio do intelecto depende da apreensão das formas sensíveis realizada pelos sentidos externos e da sua abstracção pelos sentidos internos e pelo intelecto. Todas estas faculdades têm, então, a capacidade de apreensão, isto é recebem as formas mas não sob o modo como a matéria as recebe (se fosse assim, seriam essas próprias coisas e não poderiam conhecer o que lhes fosse diferente) mas abstraídas das suas condições materiais, or isso as podem receber a todas:

Nam ipsa <aprehensio> est actus in quo res non secundum suam materialem existentiam, set secundum spiritualem et immaterialem abstractionem cognoscentis virtutis aspectui presentatur, ut res que secundum suum statum materialem suarum parcium dimensionibus magni spatii dimensiones occupat, tota simul ad esse simplex redacta, una virtute et parvo organo integre comprehendatur¹¹⁰⁰.

Deve, em consequência, distinguir-se entre a apreensão própria da substância sensitiva e suas faculdades, que apenas diz respeito à formas corporais, e a apreensão própria da substância intelectual que apreende as formas já separadas da matéria (idem, p. 13, 5-15). O conhecimento é, portanto, apenas uma propriedade da substância espiritual:

Set cognitio emanat a substantia spirituali magis distans a materia corporali, in qua non est hebetudo, set perspicacitas et delectatio in se ipsa et in aspectu ad res extrinsecas, quas investigat; et non solum ad se dirigatur, sed ad alia sui aspectus acie extendatur, et hoc vegetabili non convenit et ideo a cognitione privatur. Set cum vite dispositiones et cognitionis sensibili et intellective insint, ambe utroque actu decorantur. Set quia sensibilis corporali materie multum vicina partibus inheret corporalibus, sui aspectus perspicacitas ad solas formas extenditur corporales; quia vero intellectiva a materia non dependens a partium corporalium

Aristóteles, De anima III, 4, 430a1 «sicut tabula in qua nichil est actu scriptum» (*transl. vetus*, ed. K. White, p. 401). Os tradutores de Toledo usavam o termo *nuda*, nomeadamente no *Liber de anima* de Avicena, encontrando-se *tabula nuda* em muitas obras até meados do séc. XIII. As obras atribuídas a Pedro Hispano usam a expressão *tabula rasa*, que seria consagrada, entre outros, por autores como João de Rochela, Alberto Magno, Boaventura de Bagnoregio, Tomás de Aquino que no comentário ao *De anima* só usa *tabula*; cfr. a nota à linha 466 do anónimo *De anima et de potentiis eius*, ed. R.-A. Gauthier, cit., p. 52. e o aparato às linhas 49-50 de TOMÁS DE AQUINO: *Sententia libri de anima*, ed. R.-A. Gauthier, Roma — Paris 1984, p. 215.

¹¹⁰⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, pp. 12, 31-13, 2. Outra definição: «Singularum virtutum apprehensio in solo aspectu ad ipsas perficitur set per directionem ad alteras res ad quas ordinatur, completur; nam ipsa est operatio que a virtute cognoscente progrediens, ad res dirigatur cognoscendas» (VI, 8, p. 176, 3-5.) O capítulo «De apprehensione» (*Scientia*, VI, 3, pp. 158-161), ocupa-se da determinação das substâncias que podem conhecer, isto é apreender as formas de outro e aí a apreensão também é definida: .

nexibus est libera omnium rerum capax, ad omnes naturas sui aspectus extendit aciem perspicacem¹¹⁰¹.

Abordemos o problema pelo lado da natureza das substâncias, ou quanto à sua hierarquia ontológica, ou quanto à sua capacidade de receber as formas, Pedro vai sublinhando a mesma ideia: as substâncias espirituais podem receber as formas, mas de modo diverso do da recepção material e essa recepção é tanto mais perfeita quanto maior é a separação da corporalidade, por isso a faculdade humana que mais afastada está da matéria pode receber as formas corporais de todas as coisas.

Mas, o conhecimento não é apenas apreensão, ele depende ainda de um outro processo, próprio da alma e para o qual contribuem de forma sequencial as diferentes faculdades sensitivas e intelectivas, a abstracção:

Abstractio vero est rerum materialium existentium ad statum immaterialis spiritualitatis per speciei similitudinem a materiali consistentia denudate redactarum reductio ut virtutis apprehendentis aspectibus presententur¹¹⁰².

Enquanto a apreensão é meramente passiva, a abstracção é em si mesmo dinâmica, pois esta redução (*reductio*) das formas materiais dos existentes aos seu estado de imaterialidade por similitude da *species* despojando-as dos seus apêndices materiais, representa sucessivas passagens de um estado a outro¹¹⁰³, ou em terminologia aristotélica, passagem de potência a acto, daí que sejam necessários sucessivos motores em grau de perfeição, o que equivale a necessitar de uma hierarquia de crescentes graus de actualização das formas cognoscíveis até se atingir o inteligível universal e em acto¹¹⁰⁴.

¹¹⁰¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, pp. 45, 19-46, 3.

¹¹⁰² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 4, ed. Alonso, p. 163, 12-15.

¹¹⁰³ A seguir à definição transcrita, Pedro distingue cinco modos da abstracção. As três primeiras dizem respeito à abstracção gnoseológica: (1) a realizada pelos sentidos exteriores que recebem a forma material (*forma materialis*) com a presença da matéria, embora a esta não a recebam; (2) a realizada pelos sentidos interiores que recebem as formas sensíveis (*forma sensibilis*) ainda envolvidas pelas disposições materiais, mas já sem a presença da matéria; (3) a realizada pelo intelecto que recebe a essência da coisa (*essentia rei*) separada das suas condições materiais e acidentais; as últimas duas dizem à (4) abstracção própria da matemática e a (5) e à separação (*separatio*) das coisas divinas que em nada estão associadas ou dependentes da matéria (*ibidem*, p. 163, 16-21). Quanto ao modo de recepção próprio das faculdades da alma a abstracção pode ser de seis modos diferentes, próprios (1) dos sentidos exteriores, (2) da imaginativa, (3) da estimativa, (4) da memória sensível, (5) da reminiscência, (6) do intelecto e esta realiza-se por acção do intelecto agente e recepção do intelecto possível (*ibidem*, pp. 163, 33-165, 6). Sobre a abstracção na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, onde é apresentada uma diferente classificação dos tipos de abstracção, embora com aspectos coincidentes, cfr. atrás.

¹¹⁰⁴ Diga-se que o conhecimento não é todo *abstractivo*. O Criador conhece sem recepção ou abstracção pois conhece todas as coisas em si mesmo; só os seres causados conhecem por abstracção das espécies, mas em uns, certamente nas inteligências separadas, esse conhecimento é inato, enquanto em outros o conhecimento é adquirido do exterior, pelo que só nestes há de facto a passagem do conhecimento em potência a conhecimento em acto. Cfr. «In creatore autem non est receptio similitudinum abstractarum, set ipse se ipso sibi presens se et omnium rerum existentias cognoscit,

2.3.2.1. Os sentidos e a apreensão das formas

Dentro da psicologia ou ciência da alma, fica assim aberto o campo da gnoseologia ou explicação do processo pelo qual o intelecto pode, a partir das formas recebidas do exterior, formar um conhecimento absolutamente separado da mutabilidade própria da corporalidade onde começou, mas que não é a sua causa. O assunto será tratado por ordem e com ordem, através de uma articulada doutrina das faculdades apreensivas da alma, começando pelos sentidos e terminado no intelecto agente, verdadeira causa eficiente do conhecimento.

Quanto à apreensão sensível Pedro não precisa senão retomar a doutrina clássica dos cinco sentidos (tacto, gosto, olfacto, visão e audição) e dos diferentes tipos de sensíveis, ou *próprios* a cada sentido¹¹⁰⁵, ou *comuns* (movimento, repouso, número, figura, dimensão¹¹⁰⁶) porque não pertencem a um sentido em particular mas a vários. Mas, antes de entrar no estudo especial dos sentidos exteriores, classificados pela sua finalidade, Pedro define-os e distingue-os cuidadosamente (VI, 5), analisa a necessidade de um *medium* para que haja impressão (VI, 7), a natureza dos seus objectos (VI, 8) e as operações próprias que são o *sentir* (VI, 9).

As faculdades sensitivas são entes em potência incompleta porque precisam de um motor extrínseco que as faça passar a acto, e esse motor é a *species* do próprio objecto que as altera¹¹⁰⁷. Esta concepção rompe com a doutrina agostiniana da sensação como acto da alma, que percebe a alteração provocada pelos sentidos nos órgãos corporais e se modifica em conformidade¹¹⁰⁸. Aqui há aceitação plena da acção da forma material sobre os sentidos. Para Pedro os sentidos passam a acto por impressão das *species* dos objectos. Ao ser informado pela impressão do objecto o órgão contrai semelhança actual com o objecto (p. 181, 31-32). O sentido apenas apreende os acidentes da matéria (p. 183, 7-9), não apreende os princípios das coisas ou as essências universais, nem atinge a apreensão das formas universais, mas apenas as formas particulares (10-17); cada sentido apenas apreende o sensível que lhe é próprio (23-26) e nenhum sentido erra na apreensão do seu próprio objecto (p. 184, 6-8); o sentido apenas

set in causatis est abstractio specierum, et in quibusdam ipse sunt innate, in quibusdam ab extrinseco acquisite.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 4, ed. Alonso, p. 162, 24-29.

¹¹⁰⁵ «Objecta propria secundum distinctionem propriorum sensuum diversantur; tactus autem obiectum est omne illud quod corporis machinam conmutat, salvando et corrumpendo ut calidum frigidum, siccum, rarum, densum, asperum, lene grave leve; obiectum gustus sapor; olfactus odor; visus color et lumen, et omne perspicuam naturam habens; auditus sonus», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 8, ed. Alonso, p. 178, 7-12.

¹¹⁰⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 8, ed. Alonso, p. 177, 12-19. É a classificação de Aristóteles, *De anima*, II, 418a17-18.

¹¹⁰⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 9, ed. Alonso, pp. 179, 15-180, 8.

¹¹⁰⁸ É neste sentido que a sensação tem importância gnoseológica em Agostinho porque apela a que a alma se dirija para a luz interior. Sobre a sensação em Agostinho, enquanto acto exercido pela alma, confrontada com a sensação em Aristóteles, afecção receptiva da alma que recebe algo da substância sensível, diferença a que correspondem os opostos processos de iluminação e abstracção, cfr. E. GILSON *Introduction à l'étude de S. Augustin*, Paris 1969 (4ª ed.), p. 113.

apreende o que está presente (19-20), os sensíveis não permanecem no sentido depois de desaparecerem (28-32); o sentido e o sentir não se auto-conhecem (pp. 184, 33-185, 21).

A análise dos cinco sentido externos é feita com grande minúcia (VI, cap. 10-14) e Pedro interessa-se tanto pela apreensão do objecto próprio¹¹⁰⁹, como pela sua fisiologia nervosa e muscular e pelos princípios do seu funcionamento, onde sobressai a teoria médica de conjugação entre os quatro elementos e as quatro qualidades primárias, quente e frio, seco e húmido, como se verifica pela própria definição de cada sentido¹¹¹⁰.

Os cinco sentido externos apreendem as formas corporais e apresentam-nos aos sentidos internos que as recebem através do sentido comum e produzem uma primeira abstracção dos seus apêndices de materialidade e individualidade, por comparação, composição e divisão (*collatio, compositio, divisio*). A distinção entre sentidos externos (*vis apprehendens a foris*) e internos (*virtus apprehendens ab intus*) é de origem aviceniana¹¹¹¹, embora esteja subentendida no *De anima* de Aristóteles.

A teoria dos sentidos internos da alma tem origem no *De anima* de Aristóteles (III, 1-2, 424b1-427a16¹¹¹²), onde não aparece claramente formulada, pelo que a tradição peripatética, sobretudo árabe, introduzirá novos elementos, precisando com mais sistematicidade a função de cada sentido, e recorrendo a doutrinas médicas para encontrar um fundamento fisiológico para cada uma destas faculdades apreensivas da alma sensitiva. Averróis, interpretando o *De sensu et sensato*, apenas enumerara quatro sentidos internos localizando-os em determinadas partes do cérebro¹¹¹³. Avicena havia já estabelecido a doutrina dos cinco sentidos internos e respectivas funções e localizações cerebrais onde introduzia a distinção fulcral entre apreensão das formas sensíveis (*formas sensibiles*) e apreensão das intenções dos sensíveis (*intentiones sensibilium*), para além de desenvolver a

¹¹⁰⁹ O estudo dos cinco sentido ocupa também um lugar importante no comentário sobre o *De animalibus* atribuído a Pedro Hispano no manuscrito Madrid, BN, 1877, em especial nos ff. 278vb-279rb, como assinalou Silvia Nagel, que analisou os aspectos filosóficos e médicos da teoria nesta obra, cfr. S. NAGEL «Sensi ed organi nel commento al “De animalibus” attribuito a Pietro Ispano», *Micrologus* (2002) no prelo. A partir deste estudo será possível realizar uma comparação com a *Scientia libri de anima*, mas as diferenças entre as duas obras parecem ser substanciais.

¹¹¹⁰ Definição do tacto: «Est autem tactus virtus a corde et cerebro onginem contrahens in nervis magnis in cute totius corporis insita et in omnibus carnis partibus expansa, destinata ad apprehensionem omnium qualitatum corpus salvando et corrumpendo permutantium ut discernat totum illud quod tangit corpus et afficit ipsum per contrarietatem, complexionem et compositionem eius et affectionem ipsius, est igitur tactus virtus in omnibus partibus corporis sensibilibus insita ad omnium qualitatum corpus permutantium apprehensionem ordinata.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VI, 10, ed. Alonso, pp. 186, 26-187, 8. Cfr. as definições de gosto (VI, 11, pp. 204, 23-205, 4), olfacto (VI, 12, p. 213, 18-25), visão (VI, 13, pp. 224, 18-225, 4), audição (VI, 14, p. 232, 9-16).

¹¹¹¹ AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, I, 5, p. 83, 56-57, passim.

¹¹¹² Nas traduções medievais de Tiago de Veneza e de Miguel Escoto estes capítulos faziam parte do livro II, começando o livro III em 429a10 (hoje III, 4).

¹¹¹³ *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. F.S. Crawford, III, 6, pp. 415, 67-416, 74.

análise de cada uma das faculdades para explicar o conhecimento e a acção¹¹¹⁴, doutrina que também era transmitida por Algazel de modo abreviado¹¹¹⁵ e que se tornaria canónica na Idade Média apesar de nunca deixar de ser contaminada e cruzada com outras formulações, o que torna particularmente difícil deslindar as terminologias e inter-relacionamentos entre as diferentes faculdades. Na *Scientia* Pedro confronta-se com este mesmo problema quando tem o cuidado de reordenar os usos latinos ao enumerar os termos com que cada faculdade pode ser designada por causa das respectivas funções¹¹¹⁶. O problema fica ainda mais afastado de qualquer coerência terminológica ou doutrinal pelo facto de diversas das designações já terem o seu lugar em classificações de faculdades da alma anteriores à tradução dos textos de Aristóteles e dos autores árabes¹¹¹⁷.

Para Pedro os sentidos internos são cinco : o *sensus communis* (II, 5, p. 55 e VII, 1), a *ymaginatio* (II, 5, p. 55 e VII, 2), a *imaginativa* que no homem se designa *cogitativa* (II, 5, p. 55-56 e VII, 3), a *estimativa* (II, 5, p. 56 e VII, 4), a *memoria* (II, 5, p. 56 e VII, 5)¹¹¹⁸. A teorização de Pedro Hispano é quase exclusivamente tributária das formulações de Avicena¹¹¹⁹, que, como é de estilo nesta obra, nunca é referido nem citado textualmente.

Como em Avicena os sentidos internos apreendem *formae sensibiles* mas também *intentiones*¹¹²⁰ *insensibiles* ou concomitantes às formas sensíveis porque são apreendidas nas próprias coisas:

¹¹¹⁴ AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, I, 5, pp. 85, 88-90, 60, mas sobretudo o tratado IV (vol. II, pp. 1-67). O que se encontra na *Scientia* é amplamente tributário destas duas secções.

¹¹¹⁵ ALGAZEL *Metaphysica*, ed. J.T. Muckle, IV, 4 (Dictio de sensibus interioribus), pp. 169-171.

¹¹¹⁶ Como exemplo veja-se a breve definição do *sensus communis* que justifica que essa faculdade seja também ser designada como *fantasia*, *formativa* e *ymagnatio*, nomes que recobrem outros diferentes sentidos internos; também a *imaginativa* pode ser designada também *cogitativa*, e *distinctiva*, cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, respectivamente p. 55, 3-23 e 55, 24-56, 2.

¹¹¹⁷ Ver sobre estas questões o estudo de A. de LIBERA: «Le sens commun au XIII.e siècle. De Jean de la Rochelle à Albert le Grand», *Revue de Métaphysique et de Morale*, fasc. 4: 1991, 475-496.

¹¹¹⁸ Diga-se que o tratado sobre os sentidos internos (Tr. VII) é o único que não contém capítulos de fundamentação geral, mas apenas um capítulo por cada sentido.

¹¹¹⁹ Ver a propósito as coincidências identificadas por D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 246-254, 279-291.

¹¹²⁰ Dada a problematidade deste termo optou-se por não o traduzir ou se traduzido por “intenção” usá-lo entre aspas. *Intentio*, *-nis*, traduz o termo árabe *ma'na*, que pode corresponder aos termos gregos *noema*, *dianoia*, *ennoia*, *logos*, *theoremata*. Como mostrou Gerhard Endress, na teoria dos sentidos internos de Avicena, enquanto objecto da *estimativa* os *ma'ani* / *intentiones* adquirem o sentido de objecto mental e *Averróis*, apesar de negar que os animais não racionais tenham uma faculdade *estimativa* fora da *imaginativa*, na discussão da memória desenvolve o conceito de *ma'na*. Em Avicena (*Liber de philosophia prima*, ed. van Riet, vol. I, p. 10, 73-75) os *ma'na* / *intentiones intellectae secundae*, ou conteúdo dos conceitos metalinguísticos, são o objecto da lógica, daí que o termo adquira uma extraordinária importância nas discussões metafísicas e lógicas medievais sobre as relações entre as *intentiones secundae* e os seus objectos, cfr. G. ENDRESS: «Du grec au latin à travers l'arabe: la langue, créatrice d'idées dans la terminologie philosophique», em J. Hamesse (ed.), *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, Louvain-la-Neuve 1997, nas pp. 151-157, onde remete para P. ENGELHARDT: «Intentio», *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, Basel, 1976, vol. IV, pp. 470-474. Sobre a dificuldade de tradução do conceito para

Interiores vero virtutes apprehensive sunt quinque: sensus communis, ymaginatio, ymaginativa, estimatio et memoria. Virtutum enim interiorum quedam suam exercent apprehensionem circa formas sensibiles que per se cadunt in sensum, sicut sunt color, odor, et relique. Quedam vero circa intentiones per se in sensum non cadentes set cum formis sensibilibus concurrentes, ut sunt amicitia, inimicitia, et cetere¹¹²¹.

A classificação do sentidos e a identificação das formas apreensíveis implicam a determinação do objecto e do acto próprios de cada sentido (pois é por eles que se distinguem entre si), bem como a determinação das relações mútuas e das relações com os órgãos dos quais recebem as formas apreendidas, bem como com as faculdades superiores às quais prestam serviço para a elaboração do conhecimento intelectual. Cada função é explicada pelo necessitarismo da natureza e ordem das faculdades¹¹²², mas também segundo um esquema finalista dos respectivos órgãos corporais e do seu fundamento orgânico¹¹²³.

uma língua contemporânea, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit. p. 128 e A. de LIBERA: (trad., introd., notes) AVERROËS: *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, Paris 1998, p. 27 (note-se que na tradução de Miguel Escoto "intentio" corresponde ao termo grego "logos": AVERROËS: *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, ed. F.S. Crawford, p. 568c). Uma mais completa exposição da teoria da *intentio* e da *estimativa* em Avicena (árabe e "latino") e nos autores latinos medievais encontra-se em D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit. pp. 127-153 onde o autor sublinha que a "intentio" é algo que está no objecto e não no que percebe (130, 132), sendo por isso preferível traduzi-la por "atributo conotacional" (132) e que é sobretudo uma teoria sobre o instinto (136), sendo uma das teorias de Avicena mais citadas pelos latinos 141-153 e 250-253 para um índice de citações). A teoria das *intentiones insensibiles* é várias vezes utilizada na *Scientia* (IDEM, *ibidem*, p. 252), mas não é mencionada no comentário sobre o *De anima*. Na *Scientia* está também presente a teoria das *intentiones intellectuales (universalium intentiones)*, cfr. mais à frente.

¹¹²¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, p. 53, 3-7.

¹¹²² «In operibus vero eiusdem virtutis diversis, iuxta quorum officia diversa contrahit nomina, accidit ordo consimilis ut semper primum opus posteriori ministret. Unde opus sensus communis fantasie dicitur ministrare eo quod formas sensibiles a sensibus extrinsecis susceptas ei offert, quas oblatas ipsa pertractat. Ipsa vero formative famulatur, cum ei fantasmata representat que ipsa ad diversas similitudines transformat, et ipsa ymaginationi deservit, cum ei rerum similitudines reddat, quarum ymages ipsa diiudicat et ymaginationi conservative conservandas committit. Similiter autem ymaginativa cogitative in homine famulatur, cum ei similitudines sub actu compositionis ac divisionis prius discussas tribuat circa quas iuxta intellectus nutum meditationis sollicitudinem exercet et hec distinctively subministrat simulacra meditatione confusa quorum actus ipsa distinguendo discernit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, p. 57, 13-28, ver também pp. 56, 11-57, 13, mas sobretudo os capítulos sobre cada sentido interno onde a questão volta a ser discutida com mais pormenores.

¹¹²³ «Omnes autem in cerebro site sunt, a quo omnium sensibilibus virtutum emanat origo. Set ipse, cum sint principales et interiores, in interiori parte cerebri ac principali collocantur. Sensus vero particulares exteriores in organis exterioribus que quasi rami egredientes a radice ex cerebro procellunt. Organum igitur sensus communis et fantasie est ant anterioris ventriculi cerebri pars prima, ymaginationis eius postrema, ymaginative organum est prima pars medii ventriculi, estimationis postrema pars eiusdem ventriculus vero posterior memorie deputatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 5, ed. Alonso, p. 57, 30-58, 5. Os capítulos individuais do tratado VI são mais pormenorizados também quanto às localizações cerebrais e aos fundamentos orgânicos de cada sentido.

Assim, ocorre uma primeira distinção entre os que apreendem e têm função de abstracção ou conservação das formas sensíveis (sentido comum, imaginação, cogitativa) e os que recebem ou conservam as intenções não sentidas (estimativa e memória). Integradas numa ordem de inter-relações, cada faculdade exerce sobre a forma que lhe é própria um determinado acto ou operação que pode ser de natureza abstractiva ou conservativa. A definição de cada sentido condensa precisamente estes elementos: localização, fim, acto próprio.

O *sentido comum* (*sensus communis*)¹¹²⁴, localizado no princípio do primeiro e anterior ventrículo do cérebro¹¹²⁵, recebe as formas sensíveis próprias e comuns¹¹²⁶ que os cinco sentidos lhe apresentam, sobre elas ajuizando e distinguindo:

Est autem *sensus communis* virtus interior sita in principio primi et anterioris ventriculi cerebri ordinata ad receptionem omnium formarum sensibilium propriarum ac communium que post priores apprehensiones ex quinque sensibus ad ipsum concurrunt, de quarum noticia discretione diiudicat¹¹²⁷.

Enquanto recebe as formas é receptivo, mas enquanto ajuíza e discerne entre as impressões das formas sensíveis é activo¹¹²⁸. De facto, sobre o seu objecto próprio exerce duas operações: primeiro ajuíza sobre cada um, e depois distingue-os separando entre os seus diversos géneros¹¹²⁹.

¹¹²⁴ Sobre o *sensus communis* como faculdade interna da alma ver A. de LIBERA: «Le sens commun au XIII.e siècle...», cit.

¹¹²⁵ Para além do texto citado, cfr. p. 250, onde se inclui uma explicação da distribuição das localizações: «In receptaculo vero cerebri virtutibus sensibilibus deputato tres distinguuntur cellule et in prima viget virtutum apprehensio, ergo hec virtus que est finis sensuum extenorum et initialis porta interiorum, in hac prima cellula habet situm.» (p. 250, 22-25). Em coerência com a teoria das localizações veja-se o papel da irradiação e circulação do *spiritus* entre as cavidades e os órgãos, cfr. Sobre as dificuldades introduzidas pela doutrina de Avicena, cfr. A. de LIBERA: «Le sens commun au XIII.e siècle...», cit., pp. 482-483. Para uma aproximação geral da questão no pensamento antigo e medieval: M. FATTORI — M. BIANCHI (ed.): *Spiritus. IV Colloquio del Lessico intellettuale europeo*, Roma 1984.

¹¹²⁶ Os sensíveis comuns são cinco (cfr. Aristóteles, *De anima*, II, 418a17-18): motus, quies, numerus, figura, magnitudo (Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, ed. Alonso, VI, 8, p. 177, 12-19 e 253, 33-254, 3. Seguindo Avicena (cfr. *Liber de anima* III, 8, ed. S. Van Riet, vol. I, pp. 281, 67-283, 15; cfr. o estudo introdutório de G. Verbeke, pp. 62*-63*), Pedro não atribui estes sensíveis a um órgão em particular, mas são percebidos em concomitância e simultaneidade após os sensíveis próprios (p. 254, 20-23). Sobre a questão dos sensíveis comuns cfr. A. de LIBERA: «Le sens commun au XIII.e siècle...», cit., pp. 482 e 490-493.

¹¹²⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 1, ed. Alonso, p. 249, 14-19.

¹¹²⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 1, ed. Alonso, p. 252, 16-20.

¹¹²⁹ «Duo autem opera circa hec exercet: ea enim apprehendens singulari iudicio iudicat, deinde inter eorum diversa genera distinctivam discretionem inducit, et singulorum indicium in temporibus diversis discurrit, set ipsorum discretio circa diversitatem et ydemptitatem est in uno tempore latitudinem habente.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 1, ed. Alonso, p. 253, 23-28.

A *imaginação* (*ymaginatío*), situada na extremidade da célula interior do cérebro, tem por fim *receber* as impressões das formas sensíveis do sentido comum e retê-las após o recesso dos sensíveis:

Est autem ymaginatio virtus sita in interiori extremitate anterioris cellule cerebri ordinata ad receptionem inpressionis formarum sensibilium receptarum in sensu communi ex quinque sensibus particularibus in ipsa post sensibilium absentiam permanentium¹¹³⁰.

Portanto, é uma faculdade que pela sua operação retém as formas sensíveis¹¹³¹, próprias e comuns, e sobre elas exerce um juízo e as distingue, mas só na ausência dos objectos sensíveis¹¹³². É-lhe próprio ou faz mesmo intervir um mais elevado grau de abstracção, por afastamento das coisas materiais e por um maior grau de generalidade às formas apreendidas.

Pedro tem uma hesitação onomástica quanto ao terceiro sentido interno: em II, 5 chama-lhe *ymaginativa*¹¹³³, em VI, 3 chama-lhe *fantasia*¹¹³⁴. A hesitação deve ter algo a ver com a necessidade de uma mais imediata distinção entre *ymaginativa* e *ymaginatío* e com o facto de *fantasia* ser o nome que ocorre nas traduções do *De anima*¹¹³⁵, mas não é improvável a mediação da *Metaphysica* de Algazel onde a faculdade é designada como fantasia¹¹³⁶, ou de

¹¹³⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 2, ed. Alonso, p. 260, 14-18.

¹¹³¹ A conservação é uma característica comum entre a *ymaginatío* e a memória, mas divergem quanto ao objecto que conservam, a primeira conserva as formas dos sensíveis que se imprimem no senso comum, a memória conserva as intenções insensíveis recebidas na estimativa, cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 5, ed. Alonso, p. 271, 14-22.

¹¹³² «Sunt autem obiecta ymaginationis omnium sensibilium forme tarn propriorum quam communium que sibi per operaoperationem sensus communis presentantur; et cum organo corporali sit annexa, ad nullum obiectum determinatur, nec organi natura ipsam coartat, inmo ipsum omnium est receptivum atque retentivum; ad omnia igitur sensibilia hec extenditur virtus. // Consistit autem ymaginationis operatio in retentione omnium formarum sensibilium (...). // Veritas vero dictat quod ipsa iudicat ac discernit formas, set indicium exterius sensus communis per inclinationem ad sensus particulares exercet; ymaginatio vero interius iudicium in obiectorum absentia operatur. // Est igitur eius opus conversio super rerum ymagine ipsas ut res considerando.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 3, ed. Alonso, p. 261, 16-32.

¹¹³³ Aqui, afirma mesmo que devido aos seus actos recebe diferentes nomes (per diversa officia pluribus nominibus denominatur): *ymaginativa*, *cogitativa*, *distintiva* (pp. 55, 23-56, 2), mas o termo *fantasia* não é usado. *Ymaginativa* também é o nome usado na recapitulação de II, 12, p. 74, 2.

¹¹³⁴ Cfr. a tábua do tratado (p. 245, 10) o título do capítulo (p. 263, 1) e o respectivo texto, onde primeiro começa por lhe chamar *fantastica* (p. 263, 7; cfr. p. 418, 10 e 433, 8 sobre uma “fantastica appetitiva”). Disserta também a propósito dos diversos nomes que lhe são dados em razão dos seus actos: *fantasya*, *visio*, *ymaginativa*, *cogitativa* (p. 263, 18-27).

¹¹³⁵ *Fantasia* como tradução do árabe *bantasia* (que transcreve o grego *phantasia*) ocorre uma vez no *Liber de anima* de Avicena (I, 5, p. 87, 19-20) como equivalente de *sensus communis*, mas no tratado IV onde estas faculdades voltam a ser analisadas o termo já não é usado, como anota a editora no aparato. João de Rochela no *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* (ed. P. Michaud-Quantin, p. 110, 188-190) nota com propriedade que Avicena no *De anima* toma a “fantasia” como equivalente de “sensus communis” e no *Canon* como equivalente de “ymaginatío”.

¹¹³⁶ ALGAZEL: *Metaphysica*, ed. J.T. Muckle, IV, 4, cfr. p. 170, 7 e p. 171, 21-22: «fantasia vero est ad representando ea postquam absenta fuerint». Estas contaminações e sobreposições terminológicas evidenciam que Pedro Hispano manuseava diversas fontes, que apenas é possível ir identificando de forma indirecta dado o seu conhecido silêncio quanto às autoridades a que recorria.

algum manual como o de João de Rochela¹¹³⁷. Entre as duas descrições não há diferenças de conteúdo, sendo a segunda mais completa:

Est igitur fantasya virtus sita in media cellula cerebri ordinata ad compositionem et divisionem excercendas circa formas ymaginatione presentatas secundum nutum inclinationis sue¹¹³⁸.

A fantasia, ou imaginativa ou cogitativa ocupa a célula média do cérebro e tem por fim a composição e divisão das formas que lhe são apresentadas pela imaginação. Sobre os seus objectos, que são as formas sensíveis recebidas no senso comum e que repousam na imaginação, exerce a composição e divisão através do juízo¹¹³⁹.

As duas últimas faculdades sensitivas internas têm um objecto distinto das anteriores. A *estimativa* (estimativa) tem como fim apreender as “*intenções*” não sensoriadas (intentiones non sensibiles) que não são apreendidas pelos sentidos externos mas ocorrem com as formas sensíveis:

Est igitur estimatio virtus sita in extremo medio cellule cerebri ordinata ad apprehensionem et iudicium intentionum non sensibilium que cum singulis sensibilibus occurrunt¹¹⁴⁰.

Estas formas insensíveis são de dois tipos, por exemplo, (1) a amizade ou o ódio que permite ao cordeiro pressentir o lobo, ou (2) à alma ao ver uma substância branca ajuizar que é leite doce (266, 28-34). De qualquer modo, a operação sobre estes objectos procede segundo três vias diferentes: a cautela natural, a experiência, a semelhança, pelas quais a estimativa retira as *intentiones insensatas* das formas sensíveis que vêm da imaginativa¹¹⁴¹.

¹¹³⁷ Como se viu, em II 9, que contém uma classificação de faculdades de interesse biológico (ver o segundo esquema das faculdades apresentado atrás), Pedro Hispano propõe seis sentidos internos: “sensus communis, fantasya, ymaginatio, ymaginativa, estimativa, memoria”. Esta classificação com uma faculdade adicional pode explicar-se pelo cap. II 35 do *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* de João de Rochela (ed. P. Michaud-Quantin, pp. 109-111) que contém uma descrição das faculdades apreensivas animais. Nestas páginas o mestre parisiense reporta a classificação segundo o *Canon* de Avicena e dá conta que para os filósofos o “sensus communis” e a “fantasia” são uma virtus e para os filósofos são duas, dando as respectivas descrições (p. 109, 177-187). Poderá estar aqui a origem o “erro” de Pedro Hispano.

¹¹³⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 3, ed. Alonso, p. 262, 13-16. É esta a primeira definição: «Ymaginativa vero est virtus formas sensibiles interiorum virtutum aspectibus presentatas sub actu compositionis ac divisionis conferens» (II, 5, p. 55, 25-28).

¹¹³⁹ «Eius igitur obiecta sunt omnes forme sensibiles que in sensu communi representate in ymaginatione reponuntur tarn proprie quam communes, omnes enim iudicat, distinguit, conponit ac dividit.// Operatio autem eius in harum formarum compositione ac divisione consistit, nam ipsa etiam in absentia sensibilium obiectorum has formas conponit ac dividit et circa ipsarum compositionem et divisionem inducit indicium.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 3, ed. Alonso, p. 264, 21-27.

¹¹⁴⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 4, ed. Alonso, p. 266, 3-6.

¹¹⁴¹ Cfr. Idem, *ibidem*, pp. 267, 3-268, 34.

Finalmente, a *memória* (memoria), que é como que um tesouro da estimativa, conserva as impressões que provêm das intenções insensíveis:

Est autem memoria virtus sita in posteriori cerebri cellula ordinata ad conservationem inpressionum ex intentionibus insensibilibus provenientium quas estimatio ex singulis sensibilibus accipit¹¹⁴².

Esta conservação pode ser contínua ou descontínua, mas cabe também à memória não apenas discernir as coisas do passado, como mesmo julgar o tempo e o fluxo do tempo (p. 272, 9-11). Como há diferenças de vigor e debilidade na memória, também daí decorrem diferenças entre os homens na aprendizagem e na memória (pp. 273, 3-274, 4)

Vejamos num quadro recapitulativo o contributo dos diferentes sentidos para a formação do conhecimento.

Operações e objectos das faculdades apreensivas da alma sensitiva na *Scientia*

Tr. II, 5, Tr. VI, 1-5

Sentido	Objecto	Operação
(Sentidos externos) <i>5 sentidos</i>	(<i>apreensão externa</i>) formas omnium sensibilium obiectiorum (propria et communia)	impressio
(Sentidos internos) <i>sensus communis</i> <i>ymaginatio</i> <i>imaginativa/fantasia (cogitativa)</i> <i>estimativa</i> <i>memoria</i>	(<i>apreensão interna</i>) forme sensibles forme sensibles forme sensibles intentiones insensibiles impressiones intentionum insensibilium	receptio, iudicium, discretio conservatio, iudicium iudicium: compositio, divisio receptio, iudicium conservatio vel continua vel intercisa

No âmbito de uma gnoseologia que faz começar todo o conhecimento pela percepção sensível, os sentidos internos da alma constituem uma etapa chave no processo de descrição do processo de abstracção, porque garantem uma fronteira entre o exterior e o interior, colocando ainda no nível sentivo alguns dos processos lógicos e racionais que permitirão a uma outra faculdade realizar uma definitiva aproximação ao universal e ao conhecimento verdadeiro das próprias coisas, partindo do que os sentidos experimentaram e a que os sentidos internos pelas suas operações próprias deram um grau de abstracção que não existia nas formas individuais impressas nos sentidos pelos corpos materiais.

2.3.2.2. Os intelectos e as formas inteligíveis

¹¹⁴² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VII, 4, ed. Alonso, p. 270, 10-13.

Aquela é ainda a parte representacional, chamemos-lhe assim, do processo noético de constituição das formas inteligíveis do/sobre o mundo físico, porque ainda não estamos no campo do conhecimento universal. Como é que ele pode emergir da acção dos sentidos internos? A resposta é que nos sentidos internos, demasiado próximos ainda do corpo e com as formas ainda submersas em demasiadas marcas de individualidade não pode existir conhecimento universal pois este só pode existir em acto numa substância absolutamente espiritual, como o intelecto. Este, que na origem não tem qualquer inteligível nele presente, nem nunca tem em acto e em si todos os inteligíveis, só os pode receber de fora, mas se é receptivo, para conhecer em acto precisa de um agente que faça passar o inteligível recebido a inteligível em acto. É esta a argumentação que procura demonstrar a necessidade de existência no homem de uma forma que seja causa de vida, de capacidade de apreender formas, de especular sobre as substâncias universais, de meditar, de movimento voluntário com distinção e escolha por liberdade do arbítrio. É a alma intelectiva, que apenas existe no homem:

Anima vero intellectiva est prima perfectio corporis naturalis organici potentia vitam habentis, ei vitam exhibens et omnium formarum apprehensionem et universalium rerum speculationem et meditationum inventionem est tribuens ac motum voluntarium cum discretione et electione et arbitrii libertate¹¹⁴³.

Esta “breve” formulação, mais que trazer repostas, abre problemas. Cada uma das afirmações sobre o intelecto contidas neste excerto de Pedro Hispano têm atrás de si séculos de discussões que no século XIII não cessariam de ganhar novas ramificações polémicas.

A definição acabada de citar sublinha a unidade da forma no homem, porque inclui no intelecto, isto é, na alma humana, o princípio explicativo da vida, da acção e do conhecimento, actos que não atribui a diferentes formas, mas a uma única. O intelecto dá unidade à alma e esta é a unidade do homem. A presença do intelecto subsume em si as formas inferiores, a vegetativa e a sensitiva, sem a presença das quais, aliás, não poderia ocorrer o intelecto¹¹⁴⁴, porque é uma forma espiritual e superior é para ela que se ordenam as duas outras como para um fim e por ele são realizadas¹¹⁴⁵. O intelecto é enteléquia não só das formas inferiores como da totalidade do composto.

¹¹⁴³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, pp. 46, 35-47, 2.

¹¹⁴⁴ A fonte é certamente AVICENA: *Liber de anima*, V, 7, ed. S. Van Riet, pp. 172, 10-174, 32, cfr. E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., p. 53.

¹¹⁴⁵ «Est autem inter ipsas ordo naturalis. Nam vegetabilis omnes precedit, sensibilis vero intellectivam et ideo vegetabilis inest plantis duabus non concurrentibus. Sed sensibilis absque vegetabili non inest animalibus nec intellectiva homini absque utriusque concursu. Habent autem ad invicem necessitatem ordinis. Nam vegetabilis utrique in corporis regimine ac conservatione famulatur. Sensibilis vero <et vegetabilis> intellective in suis actionibus servitutem primam amministrant.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 47, 2-10.

Para Pedro Hispano não há qualquer dúvida que o intelecto é uma faculdade da alma, numericamente distinta em cada indivíduo. Silenciam-se assim as posições dos peripatéticos, fossem eles gregos ou árabes ou mesmo latinos que fizeram do intelecto ou de alguma das suas partes um princípio que actuava a partir de fora do homem. O intelecto não é exterior à alma, mas puríssima parte de si. A alma humana é uma substância completa

(...) non habens extra se alium intellectum sed partem sui purissimam, ut enim oculus in corpore sic in anima intellectus¹¹⁴⁶.

Ou seja, *é o homem que entende e age*, é o homem que conhece, não é uma faculdade que lhe seja exterior que realiza esse acto que afinal é próprio de cada homem.

O que é conhecer

Questão complementar e muito árdua é saber como é que o homem conhece. A resposta só pode ser encontrada pela compreensão do próprio princípio de conhecimento, o intelecto. Não é destituída de significado a homologia entre a intelecção e a visão, que pressupõe um paralelismo entre o corpo e o conhecimento, fazendo do acto do intelecto um duplo de um acto do corpo, mas também porque explica o menos conhecido por comparação com o mais conhecido e sobretudo porque se inspira num acto corporal onde a luz tem papel determinante daí que também o acto de conhecimento seja tantas vezes explicado com recurso metafórico ou metafísico ao acto de iluminação.

A iluminação anímica, mental ou intelectual, embora pouco explicitada nos seus mecanismos, é central nas teorias do conhecimento medievais. Segundo E. Gilson, todos os mestres anteriores a Tomás de Aquino mantiveram a teoria da iluminação concebida ao modo de Agostinho «as a light required for the perfect cognition of necessary truth over and above the natural light of the changeable intellect of man» e mesmo os que já adoptam a distinção entre intelecto possível e intelecto agente colocam acima do intelecto humano um super agente, identificado ora com o “mestre interior” de Agostinho, ora com o sol inteligível dos *Solilóquios* do mesmo autor¹¹⁴⁷.

¹¹⁴⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XIII, 7, ed. Alonso, p. 495, 9-11.

¹¹⁴⁷ E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 362; note-se que Gilson conclui esta apreciação geral afirmando que no seu conhecimento apenas Pedro Hispano (o autor pensa certamente na *Scientia*) se dispensou de acrescentar à inteligência agente separada o Deus iluminador de Agostinho. Como se pretende mostrar neste estudo, esta interpretação é errada, porquanto nesta obra Pedro Hispano mantém a necessidade de uma iluminação superior quer ao intelecto humano, quer à inteligência agente separada.

Para além de conhecer as realidades inferiores por abstracção, a alma conhece-se a si mesma¹¹⁴⁸, não pela mediação das formas inteligíveis apreendidas, mas por auto-presença de si: «Anima vero se intelligit per presentiam suam nudam»¹¹⁴⁹. O processo de abstracção não se aplica ao conhecimento directo que a alma tem de si mesma porque, sendo uma substância espiritual, entende-se a si mesma por auto presença nua¹¹⁵⁰. O auto-conhecimento de si está para lá do conhecimento abstraído, mas enquanto conteúdo também não é inato, ou já dado *a priori*, porque é obtido na compreensão do que a alma é em si mesma, numa espécie de auto-contemplação ou reflexão sobre a sua própria natureza cognitiva e não estava dado antes da auto-consciência que está implicada na reflexão sobre si. É uma iluminação em que a luz se faz ver a si mesma, sendo clara a inspiração de Agostinho a este propósito. Mas, na reflexão sobre si apenas conclui da sua existência e da natureza causada da sua existência; pelo conhecimento de si a alma não descobre nela mesma quaisquer ideias pelas quais pudesse conhecer as coisas, como defendiam os platónicos. O conhecimento de si é vazio quanto ao conhecimento da realidade exterior, nem para ele contribui. Este conhecimento da alma por si mesma não é um conhecimento abstraído, ou de natureza epistemológica, mas intuitivo, imediato, que conduz à certeza da existência de si como algo causado, que implica o reconhecimento da existência de uma causa de tudo, à qual é inferior. Para conhecer as substâncias exteriores a alma necessita sempre de recorrer à apreensão sensível, à abstracção das formas realizada pelas potências sensitivas interiores e pelos intelectos. A alma pelo conhecimento de si descobre sobretudo a sua finitude e que possui essa luz recebida de outro que lhe permite conhecer. Por essa razão, esta descoberta de si estabelece também um dos domínios do conhecimento onde a abstracção não é necessária, nem possível.

¹¹⁴⁸ O conhecimento da alma por si mesma segundo Pedro Hispano é o tema de uma dissertação que permanece inédita A. SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre. Eine historisch-genetische Untersuchung*, Dissert., Roma 1965. As principais conclusões do estudo de A. Schlögel relativamente à questão da atribuição de obras foram divulgadas por J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Coimbra 1972, passim. Sobre a questão do conhecimento da alma por si mesma na *Scientia libri de anima* cfr. também J.F. MEIRINHOS: *A Fundamentação do conhecimento na Scientia libri de anima*, cit, Porto 1989, cap. VI; T.W. KÖHLER: «Philosophische Selbsterkenntnis des Menschen. Der Paradigmenwechsel im 13. Jahrhundert», em J.A. AERTSEN — A. SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Berlin-New York 2000, pp. 54-67 (onde a p. 60 se refere o Comentário sobre o De anima).

¹¹⁴⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, p. 387, 23-24.

¹¹⁵⁰ Ao conhecimento da alma por si mesma é dedicado um capítulo na *Scientia* (X, 9, pp. 398-401). O assunto será tratado de novo mais à frente, cfr. 2.5.

De facto, não existe na alma humana a posse actual ou mesmo potencial da totalidade dos inteligíveis¹¹⁵¹, nem é dotada de uma intelecção pura, ou imediata, ou inata do mundo inteligível¹¹⁵². É esta a lição que podemos tirar da comparação entre o intelecto, as inteligências e a inteligência primeira: ao contrário destas, o intelecto, ou seja o homem, não possui ou contempla directamente a totalidade dos inteligíveis. Apenas tem a possibilidade de tudo conhecer, mas por percepção e representação:

Intellectiva vero anima omnium rerum ex perceptionis actu capax cunctarum effigierum est receptiva et ideo ad sui perfectionem duplici eget virtute possibili et agenti. Nam cum ipsa ad omnium intelligibilium obiectorum susceptionem habeat potestativam aptitudinem, que ex seipsa ad actus non deducitur, exigit virtutem activam, que obiecta ad actum operationis et virtutem susceptivam ad actum perceptionis perducit¹¹⁵³.

A necessidade de existência de uma potência passiva (protestativa aptitudo) e de uma potência agente (virtus activa) no próprio intelecto é deduzida da própria natureza do conhecimento representacional que apenas pode ser realizado (ad sui perfectionem) pela presença desses dois princípios metafísicos. Um deles, o intelecto possível, é apenas receptivo:

Quia vero intellectiva ex sue virtutis officio est impressionum intellegibilium receptiva, ei innata est potestas intellectus possibilis, cuius receptio est omnium capax intelligibilium obiectorum. Nam cum intellectiva specierum impressiones innatas non habeat et ad earum acquisitionem naturaliter apta sit, virtutem exigit ad earum susceptionem deputatam et cum obiectis passionem suscipiens transmutetur, ad passionum acceptationem hac eget virtute¹¹⁵⁴.

O *intelecto possível* é a faculdade da alma que recebe dos sentidos interiores as impressões dos fantasmas ainda com os seus apêndices materiais e de individualidade, que, por isso, são simples inteligíveis em potência. A natureza ficaria incompleta se não passassem a inteligíveis em acto, por isso tem que existir uma faculdade em acto que lhes dê actualidade. Assim, é uma espécie de necessitarismo finalista que funda e explica a existência de um agente no próprio intelecto que realize este estado de posse actual do inteligível como conhecido em acto.

O intelecto possível, comparado a uma *tabula rasa pictura nulla informata*¹¹⁵⁵, símile de origem aristotélica que já encontrámos no comentário sobre o *De anima*, é esta faculdade

¹¹⁵¹ Posição constantemente repetida a propósito da absoluta potencialidade da alma, na esteira da gnoseologia aristotélica, será posta em causa com a teoria da memória intelectual onde se afirma o inatismo das ideias, como veremos a seguir.

¹¹⁵² Esta é uma ideia recorrente, expressa em formulações como esta: «In anima igitur intellectiva ex sua natura non videtur esse actualis formarum multitudo aut ordo.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, p. 389, 7-8; ver também X, 5, ed. Alonso, p. 369, 6-8, etc.

¹¹⁵³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p. 379, 3-10.

¹¹⁵⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 369, 3-10.

¹¹⁵⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 375, 13-15.

do intelecto, absolutamente receptiva e apreensora das formas que têm origem nos sentidos corporais, por isso está inclinada para o corpo do qual recebe os fantasmas dos inteligíveis, e sobre o qual a iluminação do intelecto agente realiza a última abstracção das formas, assim se realizando o conhecimento:

Est igitur hic intellectus virtus ab anima humana emanans ad corporis et virtutum inferiorum ordinem inclinata, inpressionum intelligibilium fantasmatum appenditiis connexarum, eius aspectui a sensitivis virtutibus oblatarum primo adventu susceptiva, in quarum susceptione, passione, discretionem, per intellectus agentis illustrationem earum segregatione distinctione facta, anima in rerum acquirenda notitia suscipit complementum¹¹⁵⁶.

Mas, previne o autor, apesar de inclinada para o corpo, não é uma faculdade do corpo, ou corporal ou ligada a qualquer órgão corporal. Pedro de facto rejeita qualquer laivo de materialismo na explicação do intelecto possível, porque enquanto aspecto do intelecto é uma substância espiritual, tem unidade de essência, conhece as formas universais, conhece o seu próprio acto, é infundida do exterior, é separável¹¹⁵⁷.

Não sendo corpo ou do corpo, o intelecto possível, pela sua posição na ordem das naturezas e pela sua função tem dois estados ou graus (*duplex status; gradus duplex*¹¹⁵⁸), porque ocupa o nível inferior entre as substâncias ou faculdades intelectivas:

Est autem virtus inter intellectivas supremas et infima ultimum gradum tenens, cum sit sensitivis virtutibus connexa, ad dependentiam corporis inclinata. Cum autem superiorem intellectum agentem supremo gradu respiciat et inferiores virtutes inno aspectu attingat, in ea *duplex distinguitur status* et in primo agentis illustratione illuminatur, in secundo ad fantasmatum susceptionem deprimitur et ideo iuxta *duos gradus videtur duplex assignari intellectus possibilis solo opere diversus*. Primus vero corporis et inferiorum virtutum non compatitur corruptelam, secundus vero cum fantasmatis et virtutibus ea ferentibus in suis operibus labitur et cum corpore perit. Et ideo primi status et operatio lesionem non suscipit. Secundi vero opus cum fantasmatis deletur et organorum et virtutum inferiorum nocumentum ei dampnum infert. Unde aliqua inferiori natura corrupta corruptionem incurrere estimatur¹¹⁵⁹.

No estado inferior o intelecto possível inclina-se para as inferiores faculdades corporais e para a recepção dos fantasmas, no estado superior olha o intelecto agente e é iluminado pela sua

¹¹⁵⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 370, 10-17.

¹¹⁵⁷ A rejeição de corporalidade ou materialidade do intelecto possível ou a possibilidade de estar associado a qualquer órgão merece uma longa discussão no capítulo sobre o intelecto possível: pp. 272, 17-374, 6.

¹¹⁵⁸ Sobre as razões desta distinção, cfr. a hipótese de J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicinizante*, cit., pp. 23-26, resumido na p. 26): evita a corrupção da totalidade do int.electo possível, está de acordo com a primeira divisão de Aristóteles, explica porque é que quando separado do corpo já não recebe mais fantasmas, dispensa a existência de um intelecto material.

¹¹⁵⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 374, 7-22.

luz. O intelecto possível está nos confins de duas regiões, embora pertença à superior é ele que faz fronteira. Esse estatuto ou posição obriga Pedro, mesmo afirmando que os dois graus se distinguem apenas pelo agir, a ceder um pouco quanto à sua natureza, admitindo que afinal a parte inferior do intelecto possível, porque está em contacto com os fantasmas, também parece quando perece o corpo. Fica sem resposta a dificuldade metafísica aqui implícita, a saber: como é que uma faculdade una por essência pode ser parcialmente perecível e parcialmente separável e subsistente? A cedência de Pedro acaba por acolher, embora de forma mitigada, as posições daqueles que, na esteira de Aristóteles, defendiam que o intelecto possível é perecível¹¹⁶⁰ e que apenas o intelecto agente é separado, separável e eterno¹¹⁶¹. Aparte estas passagens de pormenor, Pedro Hispano considera o Intelecto como imortal no seu todo¹¹⁶².

Esta teoria dos dois estados do intelecto possível não deve ser confundida com a teoria aviceniana das duas faces da alma¹¹⁶³, uma virada para o regimento do corpo e outra para a

¹¹⁶⁰ «(...) passivus vero intellectus est corruptibilis et sine hoc nihil intelligit anima», Aristóteles: *De anima*, III 5, 430a24-25. Em opúsculos psicológicos do início do século XIII para se salvaguardar a unidade do intelecto humano após a morte considera-se que há um *intelecto material* (intellectus materialis), ou “razão”, entre as potências sensitivas e o intelecto humano separável (agente e possível) que é imortal. No *De anima et de potentiis eius* (ed. R.-A. GAUTHIER, p. 49, 423-430) essa faculdade «dicitur intellectus materialis, quem vocat Aristotelis passibilem et corruptibilem». No *De potentiis animae et objectis* (ed. D.A. CALLUS, p. 155, 16-31) é *intellectus materialis* «qui ponitur in libro *De anima* passivus et corruptibilis». De facto, nestes dois textos apenas o intelecto material é inseparável do corpo e é perecível, o intelecto possível faz parte do intelecto humano separável imortal. Para compreender a natureza deste *intellectus materialis* é importante o comentário de Averróis que o associa à acção das potências sensitivas internas, cfr. o aparato do texto editado por Gauthier.

¹¹⁶¹ Em um local Pedro defende claramente que o intelecto possível no seu todo é mortal, contrariando diversas afirmações em sentido contrário: «Differt autem intellectus agens a possibili natura, statu, ordine et accidentibus. (...) Est autem hec [potentia agens] immortalis, separabilis, perpetua, inmixta. Possibilis vero has conditiones non attingit.» (*Scientia*, X, 6, 25-26). Esta descrição do intelecto agente inspira-se claramente em Aristóteles, *De anima*, III, 5, 430a17-23). É na esteira de Aristóteles que Pedro aqui afirma que o intelecto possível é corruptível. A teoria da mortalidade do intelecto possível encontra-se também em autores latinos de meados do século XIII: Rogério Bacon defendeu-a nas suas primeiras obras, assim como se lê na *Expositio libri de anima*, que a face inferior do intelecto é mortal, cfr. R. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, cit., p. 73 e n. 9.

¹¹⁶² A imortalidade (*salvatio*) da alma intelectiva é demonstrada por cinco argumentos em IX, 8 para mostrar que não se corrompe com a corrupção do corpo (pp. 330-337); a alma intelectiva é imortal por disposição do criador, regressando assim à sua condição incorruptível (IX, 9, pp. 338-341); na sua separação a alma intelectiva perde os actos inferiores relacionados com o regime do corpo, mas conserva os seus hábitos intrínsecos sem os actos extrínsecos (IX, 10; pp. 342-343). Uma análise apressada destes cap. de Pedro Hispano, “psicólogo español”, encontra-se em L.R. ALTUNA: *La inmortalidad del alma a la luz de los filosofos*, Madrid 1959, pp. 211-216, onde conclui que o autor nada acrescenta aos seus predecessores. Sobre a questão da imortalidade da alma e a sua importância teórica na época de Pedro Hispano, cfr. J.O. OGUEJOFOR: *The Arguments for the Immortality of the Soul in the First Half of the Thirteenth Century*, Leuven 1995.

¹¹⁶³ Esta teoria já foi discutida atrás no âmbito do comentário sobre o *De anima*. Martin Grabmann em 1928 lançou a associação de Pedro Hispano ao avicenisismo com edição de um excerto sobre os modos de conhecimento e a tese das duas faces do intelecto no comentário ao *De animalibus* (ms

contemplanção os seres superiores e que é informada pela forma universal desnudada de matéria¹¹⁶⁴. Pedro retoma-as numa resumida descrição como “partes do intelecto” que se distinguem em razão da ordem das coisas: uma superior que se eleva por contemplanção das coisas imateriais e outra inferior inclinada para as potências corporais da máquina do corpo e para a compreensão das coisas corporais: «Ratione ordinis intellectus *duas continet partes: superiorem* per quam ad rerum immaterialium contemplationem elevatur, et *inferiorem* per quam ad corporis machinam virtutes corporales et sensibiles et ad rerum corporalium comprehensionem inclinantur¹¹⁶⁵.»

Outras vezes as duas faces ou aspectos do intelecto são na *Scientia* descritas como intelecto agente e intelecto possível¹¹⁶⁶.

A função cognoscitiva do intelecto possível resulta da sua situação na natureza e também do seu lugar na hierarquia das faculdades: das sensitivas recebe imagens das coisas e pela *iluminação* (*illustratio*) do intelecto agente “liberta-as das *trevas* das condições materiais e despoja-as dos apêndices acidentais” e assim no intelecto possível resulta o acto de

Madrid 1877, f. 274r) atribuído a Pedro Hispano. Cfr. M. GRABMANN: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, pp. 112-113.

¹¹⁶⁴ AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, I, 5, p. 94, 8-14: «(...) anima nostra habet duas facies, faciam scilicet deorsum ad corpus, quam oportet nullatenus recipere aliquam affectionem generis debiti naturae corporis, et aliam faciem sursum, versus principia altissima, quam oportet semper recipere aliquid ab eo quod est illic et affici ab illo. Ex eo quod est infra eam, generantur mores, sed ex eo quod est supra eam generantur sapientiae; et haec est virtus activa.» Sobre a presença da teoria aviceniana das duas faces da alma em autores do séc. XII e XIII, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 254-255 e 209-210 sobre o papel da teoria na identificação latina entre o intelecto agente e Deus.

¹¹⁶⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 7, ed. Alonso, p. 63, 29-33. Poucas páginas a seguir e no contexto das faculdades motoras intelectivas introduz a uma divisão que recupera a terminologia de Avicena, embora não se trate da alma como um todo, mas de uma parte das funções motoras intelectivas: «Altera ad intellectivam respiciens eius imperio subicitur et hec duas habet facies : una ad suum supremum aspectum per quam ad creatorem elevatur et altera ad suum aspectum infimum per quam ad moralium virtutum acquisitionem inclinatur» (II, 8, p. 66, 26-30). A mesma topologia pode explicar que o *sensus communis* e a *fantasya* sejam consideradas as duas *facies* da alma sensível (VI, 2, p. 259, 23-26 e 260, 11-14 onde em vez de *fantasya* tem *ymaginatio*)

¹¹⁶⁶ Aqui trata-se de *gradus* do intelecto como um todo e não do intelecto possível: « Ex utriusque igitur officii [sc. possibilis et agentis] concursu resultat anime intelligentie complementum. // Quia vero *intellectus duos continet gradus*, unum ad inferiores virtutes corporales et animales inclinatum et alium ad sui ordinis excellentiam elevatum, iuxta utriusque varietatem varias impressiones recipiens varias consequitur apprehensiones. In primo igitur ab extremis per medias sensibiles virtutes ad ultimas et per has ad virtutem possibilem forme pervenientes virtutis agentis ductu in eius cadunt comprehensionem. In secundo vero via fit contraria processus. Nam *intellectus agens ad rerum superiorum contemplationem elevatus est*, impressiones suscipit a supremis causis rerum consistentias percipiens, omnes vero formas receptas possibili inprimit et sui splendoris ductu eum perlustrans eas ei reserat ac distinguit et sic in earum tota notitia intellectiva perficitur. *Possibilis* vero propter sui connexionem *ad illas eas formas internis sensibilibus reddit* et earum redditus a primis per medias usque ad extremas exteriores discernit et sic *in utroque gradu totius ordinis virtutum anime cognitionis perfection consummatur.*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 377, 25-378, 6, itálicos meus.

apreensão¹¹⁶⁷. Merece atenção a linguagem figurada, que pretende expressar uma realidade em que se opõem as trevas das condições materiais e a luminosidade do intelecto agente, cuja acção representa uma libertação e um despojamento, um aniquilamento da matéria: o acto de apreensão do inteligível é, pois, uma mudança quantitativa e qualitativa quer no objecto conhecido quer no sujeito do conhecimento.

O intelecto agente é substância incorpórea, separada do corpo e de qualquer faculdade sensitiva, infusa, simples, celeste, pela sua face eleva-se à apreensão das coisas separadas, pela sua luz manifesta no intelecto agente os fantasmas e as essências das coisas¹¹⁶⁸.

A acção do intelecto agente é literalmente comparada à luz que permite ver as cores, porque também a sua luz aclara as imagens ou representações sensitivas (*fastasmata*) e assim conduz à intelecção em acto (*ad actualement intelligentiam perducit*):

Agens igitur virtus omnes formas in ea [sc. virtus possibilis] receptas ductu sui luminis declarat et ad actum intelligentie adaptat. Ut enim lux colores ad actualement visus comprehensionem perducit, sic agens virtus fantasmata ad actualement intelligentiam perducit¹¹⁶⁹.

Essa luz do agente exerce-se sobre *todas as formas*. Mas, o que é a luz do intelecto agente? Pedro responde logo a seguir enquanto vai enumerando a pluralidade de formas recebidas no intelecto possível e que se tornarão inteligidas em acto, ou seja conceitos das formas universais:

[Intellectus agens] Omnium igitur intentiones *distinguit*, inter formas igitur obiectorum sensibilium et subiectorum effigies et inter eas formas ad invicem, inter intentiones insensibiles et formas et inter illas intentiones ad invicem, inter intentiones particularium substantiarum et formas ac intentiones insensatas et inter eas et ad invicem distinctionem factam *declarat*, essentialium vero universalium intentiones ab omnibus *separat* predictis et eas fantasmatum et accidentalium ac materialium appenditiarum velamentis *denudat* et ab eorum nubilosus involucris eas *absolvit*. Cum vero actu suo omnia *distinguendo discernat*, cunctas et substantiarum et accidentalium formas ad essentie absolute *reducit puritatem*, ut in statu intentionis essentie universalis omnia consistent¹¹⁷⁰.

No estilo condensado de Pedro Hispano são aqui enumeradas as acções realizadas pelo intelecto agente e mais importante ainda todas as formas que o intelecto possível recebe e que se tornarão inteligíveis em acto. Assim o intelecto agente distingue (*distinguit*), mostra (*declarat*), desnuda (*denudat*), discerne (*discernit*), reduz (*reducit ad puritatem*). Podemos dizer que a iluminação corresponde a estes actos de natureza lógica e gnosiológica de seriação

¹¹⁶⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 375, 15-23.

¹¹⁶⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, pp. 382, 1-383, 14.

¹¹⁶⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, pp. 376, 34-377, 2.

¹¹⁷⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 5, ed. Alonso, p. 377, 3-15.

e classificação de conteúdos intelectuais. A enumeração mostra algo de mais interessante: é que a actividade do intelecto agente só é possível se existir uma pluralidade de formas e de tipos de formas no intelecto possível. Nenhum destas actos “iluminativos” seria possível se no intelecto apenas existisse uma forma, ou seria incompleto e parcial se apenas existisse um tipo de formas. O acto do intelecto correlaciona e separa formas. E estas o que são? O que são os objectos do intelecto possível? O termo mais usado por Pedro para os descrever é *intentio*, termo complexo que já encontrámos a propósito da *estimativa*. Mas, aqui tem um sentido mais amplo (que também inclui aquele tipo particular) e indica um conteúdo mental, que já não é a simples imagem ou fantasma contida na imaginação ou cogitativa. Infelizmente, Pedro, que é tão prolixo sobre certos aspectos, aqui abandona-nos os termos sem os explicar. Depois de isolados os actos do intelecto agente, resta-nos enumerar as formas sobre as quais se exercem, prescindindo de mencionar os confrontos a que entre si são submetidas:

- “intenções” de todas as coisas (omnium intentiones);
- formas dos objectos sensíveis e imagens dos sujeitos (formas igitur obiectorum sensibilibum et subiectorum effigies);
- “intenções” insensíveis (intentiones insensibiles), estas sim são o objecto da estimativa;
- “intenções” das substâncias particulares (intentiones particularium substantiarum);
- “intenções” das essências universais (essentiarum universalium intentiones).

Todas elas são recebidas em estado de potencialidade e com características de individualidade ainda anexas, porque todas elas são desnudadas dos apêndices materiais dos fantasmas e acidentes e da nebulosidade do invólucro (fantasmatum et accidentalium ac materialium appenditiarum velamentis denudat et ab eorum nubilositas involucris eas absolvit). São formas inteligíveis¹¹⁷¹ e no texto citado a seguir, que é a definição de intelecto agente, serão genericamente designadas como espécies inteligíveis (intelligibiles species).

Após a iluminação realizada pelo intelecto agente estas formas não podem permanecer sob o mesmo estado de potência, a sua própria natureza é alterada atingindo um grau de generalidade mais elevado e de abstracção total. O intelecto agente, que pelo seu acto tudo discerne distinguindo, reconduz ou restitui a pureza da essência absoluta a todas as formas, quer das substâncias, quer dos acidentes (*cunctas et substantiarum et accidentium formas ad essentie absolute reducit puritatem*); portanto o objecto último do intelecto são as formas das substâncias e dos acidentes, no seu estado abstracto. Terminado o trânsito, as formas foram elevadas ao estado de “intenção” ou conceito das essências universais (in statu intentionis essentie universalis). São agora conteúdo mental no seu mais elevado grau de universalidade

¹¹⁷¹ «Intellectus vero possibilis est virtus apprehensiva formarum intelligibilium receptiva», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 6, ed. Alonso, p. 62, 25-26.

ou abstracção porque indicam a essência universal o *quid* do ente e não a sua individualidade material. Apesar de a sua formação ter começado na percepção sensível, pela acção das sucessivas faculdades da alma essa condição foi afastada. O conhecimento consiste na posse deste conceito universal.

É claro, portanto, que para Pedro Hispano o inteligível abstraído não provém do exterior. Não é uma ideia separada. O intelecto humano tem uma função causal na sua formação.

E o que é conhecido? o conceito ou a coisa que ele indica? Pedro Hispano não aborda a questão, mas por analogia poderíamos dizer que o intelecto conhece as próprias coisas na sua essência, senão não haveria distinção entre o conhecimento das realidades inferiores e o conhecimento das realidades supremas porque se conhecêssemos apenas o conceito (são da mesma forma) e não o que ele indica, entre os respectivos conceitos não haveria diferenças.

O intelecto agente dirige o intelecto possível, que lhe é inferior, iluminando-o e conduzindo-o a acto, mas aqui realiza-se o conhecimento das coisas corporais, onde ainda não se alcança a operação própria da alma, que, sendo imaterial, deverá também orientar-se para as formas puras, imateriais e separadas. É isso que nos mostra a definição de intelecto, a «potência da alma inteligível que com a sua luz ilumina (*lucis sue illustratione illuminans*) as espécies inteligíveis (*intelligibiles species*) recebidas no intelecto possível provenientes das potências sensíveis, desnudando-as dos seus apêndices materiais e accidentais, elevando-as à pureza da sua essência (*ad sue essentie puritatem*), conduzindo-as da potência à intelecção em acto, para que alcance a perfeição da faculdade intelectiva (*ut intellective differentie perfectio proveniat*) a para que dirija o cume da sua excelência ao conhecimento das substâncias supremas (*et ad res supremas aciem sue celsitudinis dirigens cognoscendas*)»¹¹⁷².

Os objectos do intelecto agente, entendido como faculdade superior da alma, consignada à compreensão espiritual ou inteligível das coisas¹¹⁷³, são de três géneros¹¹⁷⁴:

¹¹⁷² «Est igitur intellectus agens virtus anime intellective intelligibiles species in intellectu possibili a virtutibus sensitivis susceptas lucis sue illustratione illuminans, a materialibus ac accidentalibus appenditiis eas detegens, ad sue essentie puritatem redigens et de potentia ad intelligendi actum perducens, ut intellective differentie perfectio proveniat, et ad res supremas aciem sue celsitudinis dirigens cognoscendas. Hec igitur virtus pure lucis fulgore precellens ad summe cause cognitionem extendi nata est, ad eius splendorem supremum dirigens aspectum.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, pp. 379, 27-380, 8.

¹¹⁷³ «(...) virtus superior est insita ad rerum spiritualium comprehensionem deputata, que agens dicitur intellectus» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p. 379, 25-26.

¹¹⁷⁴ Agenti vero virtuti obiecta respondent, quorum triplex assignatur genus. Primum circa quod suum exercet officium, secundum proprium, cuius est capax, tertium ad quod suum elevat aspectum. Omnia igitur genera, que sensitivis virtutibus interioribus et exterioribus virtuti possibili offerentur eius sunt obiecta ut *omnes forme sensibiles, intentiones insensibiles et particularium substantiarum intentiones*. Circa eas enim in possibili receptas irradiationis, manifestationis ac distinctionis officium exercet. Verum ipsarum receptio non ei, sed possibili conpetit solo actu ei appropriato.

1) *sobre os quais exerce a sua função própria*: todas as formas sensíveis que são oferecidas ao intelecto possível pelos sentidos interiores e exteriores, “intenções” insensíveis, “intenções” das substâncias particulares; são recebidas no intelecto possível e sobre elas exerce a sua função de iluminação, manifestação, distinção;

2) *próprio*: intenções universais das primeiras essências (*primarum essentiarum universales intentiones*), que continuamente considera e as quais se considera estarem junto a ele como exemplares impressos;

3) *do qual é capaz*: res supremas separadas (*res vero supremas separatas*) para as quais eleva a sua face: a alma foi criada para as compreender na sua consistência.

Vejamos num breve quadro o resumo da hierarquia de potências intelectuais e de inteligências que têm intervenção no conhecimento humano e dos respectivos objectos:

Objectos e operações do intelecto humano e das inteligências separadas

<i>Potência</i>	<i>Objectos para o intelecto humano</i>	<i>Operação</i>
<i>Intelecto possível</i>	- (receptiva) formas inteligíveis em potência; representações das das formas sensíveis - (retentiva: memória) formas inteligíveis	- recepção - conservação
<i>Intelecto Agente</i>	1) formas sensibiles, intentiones insensibiles, et particularium substantiarum intentiones 2) conceitos (ntentiones) das essências universais, que considera continuamnete 3) essências (res) superiores separadas	1) iluminação, manifestação e distinção 2) iluminada pela inteligência separada 3) iluminada pela inteligência primeira
<i>Inteligência Agente</i>	Induz certas revelações (II, 7) (aparições, oráculos, visões <i>fantasmata</i> , sonhos e insónias revelam-se no intelecto agente: X,8)	emana/irradia as formas inteligíveis para o intelecto agente
<i>Primeira Inteligência</i>	identidade absoluta e formas absolutas das coisas	ilumina-se a si e irradia sobre o intelecto agente

É o intelecto agente que eleva o homem à transcendência, para um plano que ultrapassa a sua condição de ser dotado de corpo. É um facto que a alma humana pode atingir o conhecimento em acto das coisas existentes através das formas inteligíveis apreendidas e abstraídas a partir delas mesmas. Esse conhecimento permite ou pelo menos prepara o conhecimento das realidades superiores, não só porque, como diz Pedro Hispano, o homem foi criado para se elevar ao conhecimento das realidades superiores e do seu criador, mas

Maxime vero eius obiecta propria sunt *primarum essentiarum universales intentiones*, quas continue considerat, que ei adesse ut exemplaria inpressae censentur. Ad *res vero supremas separatas* elevat aspectum, cuius officio solo anima eas in sua consistentia comprehendere nata est. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p. 384-2-16.

também porque a alma tem a faculdade que o permite e é precisamente o intelecto agente também tem por função «transmitir ao intelecto possível as impressões que recebe da causa suprema e das substâncias separadas (*a summa causa et separatim substantiis*)»¹¹⁷⁵.

O triplo intelecto

Temos então que, para Pedro, não só o intelecto agente é próprio da alma humana, ou seja não está no seu exterior como defendiam várias correntes peripatéticas ou mesmo os defensores de um chamado “augustinismo avicenizante”¹¹⁷⁶, como de facto é triplo porque (1) por si mesmo é acto do intelecto possível, mas também porque (2) recebe influências ou é iluminado pelo Criador e (3) pelas inteligências separadas, estando assim apto para conhecer níveis de realidade e de universalidade que o conhecimento abstraído não permite alcançar.

Pedro defende precisamente que o intelecto agente é triplo:

Intellectus vero agens triplex distinguitur: primus *virtus creatoris super intellectum humanum irradians* ipsumque illuminans ei seipsum ac res ipsum excedentes, ad quarum capacitatem est inopetens declaratum. Secundus est *intelligentia separata* ei *ex sui officii influentia quasdam revelationes inducens*. Tercius *virtus anime intellective* sibi insita, ab ipsa emanans, *formas intelligibiles in potentia intellectui possibili impressas* ad actum intelligendi *reducens*, qui ad presentationem spectat intentionum¹¹⁷⁷.

¹¹⁷⁵ «Huius vero virtutis industria inpressiones a summa causa et separatim substantiis susceptas possibili intellectui reddit, a quo ad virtutes sensibiles interiores et ab hiis in exteriores secundum ordinem derivantur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 6, ed. Alonso, p. 380, 24-28.

¹¹⁷⁶ Etienne Gilson cunhou a etiqueta “agostinismo avicenizante” (a que chamou «expression facheusement pédante, mais claire») para designar os autores latinos que consideraram Deus iluminador como o intelecto agente da alma humana, e onde se incluíam autores como Guilherme de Alvérnia, João Peckham, Rogério Bacon, cfr. «Pourquoi saint Thomas a critiqué saint Augustin», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 1 (1926/7) 5-127, p. 102 e n. 3; o autor realizara a arqueologia desta “corrente doutrinal” em IDEM: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennien», cit., estudo que terminava (pp. 105-107, no final da conclusão) envolvendo Pedro Hispano nesta corrente. É citada uma passagem sobre os modos de conhecer do comentário madrileno sobre o *De animalibus* e evocando a descoberta do *De anima* por Grabmann (: *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, München 1928, pp. 112-113) colocava-se na pegada de Avicena e da teoria da iluminação, lembrando ainda o envolvimento do papa João XXI nas condenações de 1277, que considera um movimento em reacção contra o tomismo, e no qual, subentende-se, o papa estaria pessoalmente envolvido devido às suas posições doutrinais, como defendera A. Callebaut. Para perceber o percurso desta categoria historiográfica podemos refazer a sua história ao contrário: deve notar-se que no estudo de Grabmann de 1928, em que se aplica o tal excerto, se remete para o conceito de augustinismo avicenizante criado por Gilson em 1926-27. Nas conclusões do célebre estudo de Gilson (*Les sources gréco-arabes...* 1930) aprofunda-se a questão do agostinismo avicenizante, terminando com o excerto de Pedro Hispano extraído do artigo de Grabmann 1928, e a identificação do autor com o Pedro Hispano papa João XXI, pessoalmente envolvido na condenação de 1277 que pretendia atingir certas formas de aristotelismo na Universidade d Paris.

¹¹⁷⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 7, ed. Alonso, p. 62, 13-21, itálicos meus.

A teoria de um triplo intelecto agente na alma humana tem algo de estranho e não é, certamente, uma teoria muito difundida¹¹⁷⁸. O que o autor pretende afirmar é que para realizar plenamente os seus actos, imanentes e transcendentos, o intelecto humano é insuficiente e precisa do auxílio de outros agentes para conhecer certas realidades mais elevadas. E não as pode conhecer por abstracção porque não podem ser percebidas pelos sentidos e por esta via o intelecto não poderia receber as imagens que depois seriam passadas a inteligível em acto. Torna-se por isso indispensável que estas realidades transmitam directamente ao intelecto as formas que depois ele mesmo transmitirá ao intelecto possível para este conhecer em acto. Daí os três agentes do intelecto:

— Primeiro: *a potência do criador* (virtus creatoris), por vezes também designada como *Intelligentia prima*, ou outros nomes que sublinham a sua primacialidade. Irradia luz sobre o intelecto humano, iluminando o próprio criador e as realidades que excedem o intelecto assim as tornando cognoscíveis. A impotência do intelecto não teria capacidade para aceder a estas realidades sem o seu auxílio;

— Segundo: *a inteligência separada* (intelligentia separata), que pela sua influência induz no intelecto agente algumas revelações. Aqui a *intelligentia separata* é designada no singular, em outros lugares é mesmo designada como *intelligentia agente separata*¹¹⁷⁹, mas em diversas passagens subentende-se que são em número maior¹¹⁸⁰;

— Terceiro: *é a potência agente própria do intelecto* (virtus anime intellective sibi insita, ab ipsa emanans). Faz passar a acto as formas inteligíveis em potência impressas no intelecto possível, e que diz respeito à actualidade das intentiones”.

A intervenção destes três agentes na intelecção humana está de acordo com a tripla ordem de coisas que podem ser conhecidas¹¹⁸¹, a cada uma das quais corresponde um dos agentes, e que são as seguintes:

Rerum vero triplex ordo distinguitur. Primus est rerum ad *dispositiones prime essentie* omnium conditoris spectantium, que super intellectum sunt, ad quas vero, ad ipsum et eius

¹¹⁷⁸ J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano*, cit., p. 43 viu perfeitamente a natureza tripla do intelecto agente em Pedro Hispano, mas não tirou daí as devidas, pois continuou a considerar Pedro Hispano um “agostinista avicenizante”, coisa que seguramente não é com esta teoria plural do intelecto, que é radicalmente humano, embora possa receber iluminações extrínsecas.

¹¹⁷⁹ De facto esta designação apenas ocorre na tabula do tratado X (p. 345, 27) e no título do capítulo que estava na margem do manuscrito (p. 385, 1-2). No texto mesmo é usada a expressão “intelligentia separata” (p. ex. p. 385, 21)

¹¹⁸⁰ Alguns exemplos, devendo ter-se presente que nem sempre designam a mesma realidade: «primas intelligentias» I 4, p. 34, 1; «intelligentie increate» VI 2, p. 156, 6; «intelligentias creatas», V 1, p. 156, 7-8; «Intelligentia vero secunda» VI, 3, p. 161, 8; «intelligentie» IX 3, p. 309, 10; «separate intelligentie» X, 6, p. 384, 25 e XI, 1, p. 432, 3.

¹¹⁸¹ Sobre a questão, ver J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano*, cit., pp. 43-44.

proprietates cum intellectus nequeat elevari, eius *extrinseca perlustratione indiget*. *Secundus* est rerum comparium ad *factas separatas essentias* spectans, ad quas *ex create intelligentie officio elevatur*. *Tertius* in *infimis rebus* consistit, ad quarum comprehensionem *eius sufficit industria*. Sed in hiis omnibus operibus agentis virtutis interne officium necessarium est¹¹⁸².

Vejamos o texto com o pormenor que o autor lhe deu, para dilucidarmos essa homologia entre os inteligíveis e o intelecto, que se distribui a três níveis:

- (1º) *disposições da primeira essência*, que dizem respeito ao criador de tudo, estão para lá do intelecto (*super intellectum sunt*), e como o intelecto não se consegue elevar até elas, precisa de uma iluminação extrínseca (*extrinseca perlustratione indiget*);
- (2º) *essências separadas criadas*, às quais se eleva pelo auxílio da inteligência criada;
- (3º) *coisas inferiores*, para cujo conhecimento é suficiente a acção do intelecto;
- (§) mais importante ainda é o remate da enumeração: Em todos estes actos é necessária a presença do intelecto agente. Este ponto revela o cerne da doutrina: é sempre através do intelecto agente que é recebida a iluminação extrínseca, o intelecto agente é intermediário entre o intelecto possível e as substâncias superiores.

Nada na ordem do mundo fica excluído da possibilidade de ser apreendido pelo intelecto humano e em caso algum há relação directa entre o intelecto possível e as iluminações das inteligências superiores. Há aqui uma hierarquia sem confusão entre papéis ou níveis de inteligibilidade, o mesmo é dizer de unidade ou diversidade ontológica.

Quando Pedro Hispano no tratado X («De virtutibus intellectivis apprehensivis») desenvolver a questão do conhecimento, dedicará capítulos separados e sucessivos ao intelecto possível (cap. 5), ao intelecto agente (cap. 6), à inteligência agente separada (cap. 7), mas não dedica qualquer capítulo à iluminação pela inteligência primeira, ou criador. O que quer isto dizer? Que afinal no homem a iluminação transcendente é apenas recebida através da inteligência separada? Ou inteligência separada e inteligência primeira são simplesmente a mesma realidade? Ou a omissão pretenderá antes significar que a iluminação pela primeira inteligência não é da ordem da apreensão intelectual, mas de uma ordem diferente? Se a inteligência agente tem o último lugar, será que se substitui ou subsume toda a autonomia do intelecto agente humano?

Convém repetir e acentuar que Pedro Hispano, ao contrário do que pretendiam outros autores seus contemporâneos, não identifica o intelecto agente com Deus ou com a iluminação que dele irradia sobre a alma humana, nem com a inteligência separada. Na ordem dos entes a inteligência agente separada não pode ser equiparada à primeira inteligência: simplesmente porque é criada e portanto composta de essência e existência, e a presença da

¹¹⁸² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, p. 386, 19-29.

alteridade torna-a também inferior à absoluta simplicidade do criador de tudo. Por outro lado, Pedro também nunca identifica literalmente a primeira inteligência a Deus, mas isto por uma simples razão de linguagem, que pelo rigor com que é observada tem certamente um significado preciso. Embora seja uma obra radicalmente criacionista e monoteísta, nunca ao longo da *Scientia libri de anima* é usado o nome *Deus* –i. Em sua substituição Pedro exhibe um verdadeiro catálogo dos nomes de Deus, usando mais de 40 termos ou expressões para o designar. Todos eles sublinham a sua natureza criadora e transcendência¹¹⁸³. Os nomes recenseados, não deixam dúvidas que a *Prima intelligentia* é o criador de tudo (ou seja: Deus, o nome que Pedro Hispano evita em toda a obra)¹¹⁸⁴, seja na sua actividade de produtor *ex-nihilo* de tudo o que existe seja na sua função de luz do intelecto humano para a compreensão de certas coisas, e não pode ser confundida com a *Intelligentia separata*, inteligência segunda e criada.

Segundo João Ferreira¹¹⁸⁵, Pedro Hispano não diz claramente como é que ocorre a acção da primeira inteligência e da inteligência separada nas respectivas funções de agente do intelecto humano, nem mesmo se nesses casos o intelecto agente tem uma função de intelecto receptivo ou possível. Mas, de facto Pedro afirma, embora de modo lacónico, que a função do intelecto agente é transmitir ao intelecto possível as iluminações que recebe dos outros dois: «Huius vero virtutis industria inpressiones a summa causa et separatim substantiis susceptas possibili intellectui reddit, a quo ad virtutes sensibiles interiores et ab hiis in exteriores

¹¹⁸³ Há diferentes designações de Deus na *Scientia libri de anima*, muitas ocorrem mais que uma vez. Quanto à lista que se segue deve notar-se que apenas se refere uma ocorrência de cada designação e sempre que possível a primeira, em alguns exemplos o caso gramatical foi modificado: «Primus opifex» (p. 3, 13); «summus conditor» (4, 14); «actor rerum» (14, 18); «opifex» (15, 7); «universalis artifex mundi» (15, 18-19); «universalis dispositor» (21, 18); «rerum dispositor» (24, 7); «Factor primus» (36, 28); «Dispositor» (48, 21); «creator» (66, 28); «Primi conditoris providentia» (120, 7); «intelligentia increata» (156, 6); «[substantia incorporea] unica (...) omnium creatrix atque gubernatrix» (158, 20 e 25-26); «Prima substantia omnium creatrix» (161, 4); «nature providentia» (172, 5-6); «causa generante» (181, 1-2); «Rerum ordinatrix natura» (259, 5); «divina provisio» (267, 4); «natura omnium rerum provida ordinatrix» (267, 34) «Lex nature provida» (277, 1); «Supremus factor» (297, 6); «Universi opifex» (299, 8); «autor perfectus» (299, 13); «primi artificis providentia» (299, 29); «rector mundi» (300, 2); «Primo factor» (304, 10); «dator primus» (315, 33-34); «Superior actor» (316, 24); «Primus eternus et certum verum» (335, 6); «Potentia perpetua» (339, 7); «Causa prima» (339, 21); «Summum verum» (341, 16); «Prima intelligentia» (353, 21); «Prima lux omnium productrix» (357, 21-22); «essentia prima increata» (354, 20-21); «Prima intelligentia (...) omnium (...) creatrix» (389, 16-17); «Primo» (393, 31); «Prima causa» (397, 18); «Summa bonitas» (442, 2); «Summa veritas» (443, 2); «essentia omnium creatrix» (443, 28); «Primus conditor» (444, 6); «intellectus divinus supremus» [nome dado ao *nous* de Anaxágoras] (486, 3). Uma primeira versão desta lista foi publicada em J.F. MEIRINHOS: *A fundamentação...*, cit., p. 56, n. 6; cfr. J. Ferreira: «O problema de Deus...», cit., p. 175 (onde aduz também expressões provenientes das obras *De rebus principalibus naturarum* e *Questiones libri de anima*).

¹¹⁸⁴ Creio que as reservas de D.N. HASSE (*Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., p. 219 e n. 784) quanto a esta identificação são resolvidas pela terminologia de Pedro Hispano e pela estrutura da sua teoria das substâncias, por exemplo.

¹¹⁸⁵ J. FERREIRA: *Presença do agustinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano*, cit., p. 44.

secundum ordinem derivantur¹¹⁸⁶.» Iluminar o intelecto possível é a função do intelecto agente e pode fazê-lo com a sua luz própria, ou com a que recebe da Inteligência primeira ou da Inteligência separada.

Os três agentes do intelecto e a filosofia da primeira metade do século XIII

A teoria dos três agentes do intelecto humano, apresenta-se como um peculiar complexo doutrinal que parece escapar a todas as etiquetas historiográficas porque combina uma diversidade de fontes difícil de etiquetar,

O modo como Pedro Hispano a introduz a teoria dos três agentes do intelecto humano, sem qualquer preocupação fundamentadora, sem lhe dedicar mesmo uma explicação que seja, pode indicar que se trata de uma posição não invulgar ou mesmo comum no seu tempo. O seu sentido geral parece responder pelo menos três preocupações também presentes no pensamento da primeira metade do século XIII: (1) afirmação da espontaneidade da alma humana quanto ao conhecimento e à acção, no que concorda com a posição filosófica relativamente ao papel do intelecto agente, próprio do homem, no conhecimento; (2) reconhecimento da necessidade de um auxílio ou luz superior que torne possível o conhecimento e mesmo a contemplação das realidades transcendentais, no que recorre à tradição teológica cristã sobre a iluminação gratuita por Deus e outros intermediários supra-mundanos; (3) localização do homem na linha de convergência, entre as realidades superiores e inferiores e é a alma, sobretudo o intelecto, que está na linha de horizonte que partilha algo dos dois mundos. A integração destas três perspectivas ocorre numa obra filosófica sobre a alma, por isso devemos procurar em outros textos se ocorre um posicionamento similar a propósito do intelecto.

De facto no *De potentiis animae et objectis*, ed. D.A. CALLUS, obra de autor anónimo composta por volta de 1230, encontramos a afirmação simultânea da existência de um intelecto agente em cada homem e que integra a substância da alma. Rejeita-se expressamente a posição de alguns filósofos, e aqui a referência a Avicena e Algazel parece óbvia, que defenderam que o intelecto agente é uma substância separada que irradia sobre o intelecto possível e assim o faz passar a acto <de entender>, essa teoria é rejeita porque se afirma claramente que o intelecto humano por si mesmo tem a possibilidade de levar ao conhecimento das coisas materiais. Mas, é admitida a iluminação por um ente superior para as realidades inteligíveis às quais o intelecto por si mesmo é incapaz de aceder, como é o caso de tudo o que se refere à essência divina, assim como precisa do auxílio de uma luz superior da inteligência separada porque, embora as possa compreender, não atinge de modo pleno as

¹¹⁸⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p.p. 380, 24-28.

inteligências que estão acima dele, identificadas com as ordens dos anjos. Conclui reiterando que como a natureza intelectual humana está acima das coisas corporais não precisa da iluminação por uma inteligência separada para as compreender, basta-lhe a luz interior do intelecto agente com o intelecto possível¹¹⁸⁷.

Temos então aqui os três elementos: autonomia e espontaneidade do intelecto agente, necessidade de iluminação pelas substâncias superiores criadas (as inteligências) para inteligir essas realidades senão o conhecimento sobre elas não seria pleno, indispensabilidade da luz divina para alcançar a compreensão da essência divina. Esta posição simultaneamente acolhe a teoria da inteligência agente separada, com uma função limitada, mas rejeita que ela intervenha no conhecimento das realidades inferiores para as quais o intelecto humano é potência suficiente ou no conhecimento directo da essência divina.

Esta posição encontra-se já no *De anima et de potentiis eius*, de cerca de 1225 e também anónimo, que o seu editor considerou ser uma fonte do tratado anterior. Aqui o interesse do autor é distinguir entre o intelecto possível e o intelecto agente a partir dos dois actos deste: (1) abstrair as *species* a partir dos fantasmas e (2) *ordenar* no intelecto possível as *species* abstraídas. Uma tal afirmação de autonomia cognoscitiva do intelecto exige a rejeição explícita da teoria de Avicena que colocara o intelecto agente no exterior da alma. Para o autor do opúsculo não há qualquer dúvida: o intelecto agente é uma potência da alma, entende quando quer, pois os fantasmas estão sempre na sua presença e o intelecto que deles abstrai a *species* é uma potência da alma¹¹⁸⁸. Embora seja rigoroso na afirmação desta autonomia do

¹¹⁸⁷ «Post hanc virtutem [sc. intellectus passibilis] est intellectus qui est separabilis a corpore, cuius sunt due differentie: est enim intellectus agens et intellectus possibilis. Et ponitur talis comparatio intellectus agentis ad possibilem, que est comparatio lucis ad visum. Hec tamen differentia est quod lux est separata a substantia visus, intellectus autem agens non est separatus a substantia anime. Fuerunt tamen quidam philosophorum qui dixerunt intellectum agentem esse substantiam separatam a substantia anime, et per irradiationem sui super possibilem fieri intellectum possibilem in effectum. Sed oportet intelligere quod non requiritur talis irradiatio intellectus agentis et separati super intellectum possibilem, nisi quantum ad quedam intelligibilia ad que non potest intellectus ex se, sicut sunt ea que de divina essentia intelliguntur divino modo, et quibus humana ratio repugnare videtur. Et preter hec sunt alia quibus intelligendis indiget intelligentia separata, que licet possit comprehendere, non tamen ita ad plenum quemadmodum intelligentie que sunt supra ipsam, sicut accidit de ordinibus angelorum et de custodia eorum et de potestate super semina rerum corporalium. Sed quia natura intellectualis est superior rebus corporalibus et supra res incorporeales que sunt in ipsa, ideo ad hec comprehendenda non est necessarium illuminatione substantie separate, sed sufficit intellectus agens, qui est lumen interius, cum intellectu possibili.»

¹¹⁸⁸ <*De intellectu agente*> Est autem talis comparatio agentis ad possibilem qualis est comparatio lucis ad visum. Sicut enim lux facit resultare speciem coloris de ipso colorato in oculum, ita intellectus agens abstrahit species a fantasmatis, quas preparavit ei intellectus materialis, et facit eas quodam modo resultare in intellectu possibili. Unde duo sunt actus intellectus agentis: unus est abstrahere species a fantasmatis, alius est species abstractas ordinare in intellectu possibili.

Et in hoc erravit Avicenna, quia posuit intellectum agentem separatum ab anima, puto intelligenciam siue angelum, sicut sol est separatus a visu. Sed non est dubium hunc intellectum esse potentiam anime, cum in potestate anime sit intelligere quando vult: ex hoc enim sequitur quod et

intelecto agente, potência da alma humana e a rejeição radical da sua separação defendida por Avicena, após descrever o intelecto possível recorrendo à teoria aviceniana dos seus graus de posse do conhecimento (não refer quatro mas apenas três: *in actu*, *in habitu*, *adeptus*)¹¹⁸⁹, acrescenta algo que abre a aceitação de outros modos de aquisição do inteligível pela alma humana, pois admite que há alguns que não são abstraídos a partir dos fantasmas mas que a alma adquire ou pela sua recta operação, como a justiça e a prudência, ou por iluminação superior, como o que é inteligido sobre Deus e pelo modo divino¹¹⁹⁰. Note-se que aqui ainda não é ao intelecto agente que é atribuída a função de intermediar a iluminação superior recebida pela alma.

Estas duas obras mostram-nos a clara afirmação da natureza individual do intelecto agente com um intrínseco poder de abstracção do inteligível¹¹⁹¹, teoria que Bernardo Bazán mostrou ser o mais original contributo da filosofia latina da primeira metade do século XIII para a tradição aristotélica¹¹⁹². De facto ela não nos aparece aqui, nem em outros textos, como uma consequência da crítica a Avicena mediada por uma defeituosa leitura de Averróis e que teria constituído uma primeira entrada do averroísmo no mundo latino¹¹⁹³. Segundo Bazán a afirmação, introduzida pelos autores latinos, da individualidade do intelecto agente resulta da dupla consideração da alma como *substantia et hoc aliquid*, porque sendo então a alma uma substância deve ser composta de co-princípios potencial e actual, a que os latinos associaram

fantasmata sunt semper ei presentia, et intellectus agens qui abstrahit species a fantasmatis est copulatus anime sicut potencia eius. Quod patet in visu per contrarium, quia non videmus album quandocunque volumus, quia vel lux semper non est presens, vel si lux est aliquando presens, ipsum album poterit esse absens.

Hec de intellectu agente dicta sunt, scilicet quod duo sunt actus eius et quod ipse est potencia.» *De anima et de potenciis eius*, ed. R.-A. GAUTHIER, pp. 51, 446-463.

¹¹⁸⁹ *De anima et de potenciis eius*, ed. R.-A. GAUTHIER, pp. 52-53, 464-480.

¹¹⁹⁰ «Set quia diximus supra quod intellectus agens abstrahit species a fantasmatis et ordinat eas in intellectu possibili, hic notandum est quod alique forme sunt in intellectu possibili quas non abstrahit intellectus agens a fantasmatis, set anima acquirit eas per rectam operationem, sicut sunt iusticia, prudentia; et alique sunt quas acquirit per superiorem illuminationem, ut quedam que intelliguntur de Deo e diuino modo.» *De anima et de potenciis eius*, ed. R.-A. GAUTHIER, pp. 53-54, 482-487.

¹¹⁹¹ Que aliás já vinha sendo afirmada desde c. 1220, como se verifica no *Tractatus de anima*, de João Blund: ed. D.A. Callus — R.W. Hunt, cit., pp. 92 e 93, nr. 337 e 341.

¹¹⁹² B.C. BAZÁN: «Was There Ever a “First Averroism”?», em J.A. AERTSEN — A. SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Berlin-New York 2000, pp. 32-53.

¹¹⁹³ A expressão “primeiro averroísmo”, tem sido abundantemente usada para caracterizar seja a primeira entrada de Averróis no pensamento latino, seja para explicar a origem da teoria da individualidade do intelecto agente em resultado da crítica de Avicena mediada por uma leitura parcelar do grande comentário sobre o *De anima* (que a leitura mais atenta, a partir de c. 1250, poria em causa, quando se verifica que nesta obra o monopsiquismo abrange também o intelecto possível, que é único para toda a humanidade). Sobre a impropriedade da expressão, que nem descreve a primeira entrada de Averróis no mundo latino, nem pode ser aplicada ao aparecimento da teoria do intelecto agente como faculdade humana, ver o estudo de Bazán citado na nota anterior, onde se demonstra que a afirmação, corrente desde a primeira metade do século XIII, da existência de um intelecto agente humano, numericamente distinto em cada indivíduo, é uma originalidade do pensamento latino.

precisamente os intelectos receptivo e agente; trata-se portanto de uma teoria que não resulta da crítica de Avicena, mas de uma leitura eclética e neoplatónica do aristotelismo¹¹⁹⁴. De facto, nos textos aqui citados, Averróis nunca é invocado, a teoria separacionista de Avicena é simplesmente rejeitada por inapropriada à descrição da natureza do conhecimento humano, embora se admita que o intelecto agente humano não é auto-suficiente para o conhecimento de todos os inteligíveis, uma vez que *não está acima* dos inteligíveis transcendentais para sobre eles exercer o seu poder de compreensão.

Nos dois textos aqui referidos fica em suspenso uma dupla questão: como entender a inteligência agente separada e como explicar que o intelecto humano é simultaneamente agente dos inteligíveis relativos às coisas inferiores e receptivo de inteligíveis já formados relativamente às coisas superiores?

João de Rochela dará uma resposta simultânea aos dois problemas, que nos conduz directamente a Pedro Hispano e à teoria dos “três intelectos agentes humanos”. No *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, composto em 1233, a demonstração da existência do intelecto agente recorre a Avicena para mostrar que a compreensão do inteligível exige uma potência que já esteja em acto e o faça passar de potencial a inteligido em acto, pelo que é então necessário que exista *em nós* um intelecto agente com este poder causal¹¹⁹⁵. Resulta então daqui um problema a resolver: esse intelecto agente está separado da alma ou é uma potência da alma? Se está separado: é uma inteligência criada, como ao anjo? Ou é inteligência incriada, isto é, Deus¹¹⁹⁶? A resposta de João de Rochela fundamenta-se numa sucessão de argumentos que podem provar que o intelecto agente: (1) *é a inteligência incriada ou Deus*, recorre aos *Solilóquios* de Agostinho mostrando que Deus é, Deus entende, Deus faz entender as outras coisas, e esta última razão mostra que é intelecto agente, cuja iluminação (segundo a autoridade do evangelho de João) não se apropria à compreensão dos sensíveis, mas dos inteligíveis¹¹⁹⁷; (2) *é a inteligência criada ou anjo*, recorrendo à autoridade

¹¹⁹⁴ Cfr. B.C. BAZÁN: «Was There Ever a “First Averroism”?», cit., p. 53.

¹¹⁹⁵ A mesma demonstração encontra-se também textualmente na *Summa de anima* de João de Rochela, (ed. J.-G. Bougerol, cit., pp. 277, 27-280, 75, as mais significativas das raras variantes são assinaladas nas citações seguintes) mas já vimos, a propósito das definições da alma, que Pedro recorre ao *Tractatus*, razão pela qual se considera mais provável que seja esta a obra que Pedro usa. De qualquer modo esta obra também não é muito posterior, c. 1235-1236.

¹¹⁹⁶ «De intellectu autem agente, quoniam sit, sic probatur ab Auicenna: Anima humana prius est intellectus in potentia, postea intellectus in effectum; omne autem, quod exit de potentia in actum, non exit nisi per causam, que educit illud de potentia in actum; hec ergo est causa quare anime nostre in rebus intelligibilibus exeunt de potentia in effectum. Sed causa dandi formam intelligibilem non est nisi intelligentia in effectum; necessario igitur in nobis est agens <intel>lectus. Utrum autem intellectus agens sit separatus a substantia anime, vel sit anime differentia, et si separatus, an sit intelligentia creata, que est angelus, vel increata, que est Deus, querendum est.», JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P.-M. Quantin, cit., pp. 88-89.

¹¹⁹⁷ «Quod vero sit intelligentia increata, que est Deus, sic probatur:...» IDEM, *ibidem*, p. 89, 668-677.

de Dionísio sobre os anjos *manifestatores*, e outros autores, actua sem recurso a faculdades sensitivas e apenas por iluminação, numa luz proporcional à inteligência angélica e ao intelecto humano que faz daquela um agente¹¹⁹⁸; (3) *é uma faculdade não separada da alma humana*, mostra por uma autoridade colhida no *De spiritu et anima* que na parte superior da alma há uma luz impressa pela criação para conhecer os inteligíveis e que é precisamente o intelecto agente e que não é separado da substância da alma¹¹⁹⁹.

Fundamentado nestas autoridades, João de Rochela está então em condições de responder ao problema da separabilidade ou não do intelecto agente¹²⁰⁰. A sua resposta acolherá todas as possibilidades e modos de conhecimento, guiado por Agostinho (mais uma vez o *De spiritu et anima*) que classifica os tipos de inteligíveis relativamente ao intelecto humano: os que estão para lá dele (Deus), os que lhe estão acima (o anjo), os que lhe são interiores (a própria alma), e os inferiores (tudo o que se contém sob as esferas celestes). Ora, para compreender estes inteligíveis o intelecto precisa ou dispõe de diferentes princípios activos:

- precisa da iluminação de Deus mesmo para compreender de modo divino a própria essência de Deus e da Trindade, esta iluminação é a infusão da graça para compreender as próprias coisas divinas¹²⁰¹;
- precisa da iluminação do anjo para compreender as coisas que estão cima de si (a própria essência angélica), a qual não pode ser confundida com a face superior do intelecto humano, que está virada para as essências eternas e incriadas¹²⁰²;
- tem uma luz inata para se compreender a si mesma, as suas faculdades, habitus, ciência e virtudes (para isto não precisa de qualquer luz especial e exterior)¹²⁰³;

¹¹⁹⁸ « Quod autem intellectus agens sit intelligentia creata, que est angelus, probatur:... » IDEM, *ibidem*, p. 89, 678-693.

¹¹⁹⁹ « Quod autem intellectus agens non sit separatus a substantia anime, immo sit quedam differentia uirtutis partis intellective probatur per Psalmistam... » IDEM, *ibidem*, p. 90, 694-704.

¹²⁰⁰ Cfr. JOÃO DE ROCHELA: *ibidem*, cap. XX: « De responsione ad obiecta », pp. 90-91.

¹²⁰¹ « (...) dicendum ergo quod ad intelligenda ea, que sunt supra se, sicut sunt ea que de diuina essentia et trinitate personarum intelliguntur diuino modo, indiget anima irradiatione ab ipsa luce prime ueritatis eterne super supremam uim suipsius que dicitur mens uel intelligencia, de qua dicit Augustinus in libro *De spiritu et anima* quod, nulla interposita natura formatur ab ipsa prima ueritate. Respectu igitur huius summe ueritatis [cfr. *Summa*: uirtutis summe] et respectu horum intelligibilium que excedunt humanum intellectum omnino, dicitur Deus agens [cfr. *Summa*: intellectus agens] et huiusmodi illuminatio est gratie infusio ad contemplanda diuina. » JOÃO DE ROCHELA: *ibidem*, p. 90, 710-719.

¹²⁰² « Ad cognoscenda uero ea, que sunt iuxta se, ut sunt angelice essentie, uirtutes et ordines et operationes, indiget anima reuelatione angelica [ad. *Summa*: siue instructione], et in hac operatione [cfr. *Summa*: comparatione] intellectus angelicus posset dici agens respectu intellectus humani, inquantum instruens [termos permutados na *Summa*], sed hoc non respicit supremam faciem intellectus humani que est ad eterna et increata, sed uirtutem inferiorem » JOÃO DE ROCHELA: *ibidem*, p. 90, 719-724.

¹²⁰³ « Ad cognoscendum uero ea que sunt intra animam, ut est ipsa anima et potentie ipsius et habitus scientie et uirtutes, non indiget anima lumine extrinseco; sed lumine innato cognoscit se esse, se posse

- não necessita da iluminação por uma inteligência separada para compreender as coisas que estão abaixo de si, «basta-lhe a luz interior que é o intelecto agente, faculdade suprema da alma»¹²⁰⁴.

A teoria sincrética de João de Rochela, sobre os inteligíveis e os diferentes modos como são conhecidos fornece o quadro explicativo, que falta em Pedro Hispano de modo explícito, para fundamentar a natureza da tripla potência agente do intelecto humano.

Fornece também o quadro que permite compreender como se chegou à construção deste complexo doutrinal, onde são sobretudo fortes as autoridades latinas e acima de todos Agostinho, onde se compagina (1) um intrínseco poder abstractivo do inteligível existente na alma humana que o realiza através da abstracção, (2) o conhecimento da alma por presença a si mesma, (3) a inteligência agente separada, (4) e a própria iluminação directa de Deus por Deus. É exactamente esta a posição de Pedro Hispano, com a diferença de fazer reentrar a inteligência agente separada no lugar do anjo, mas respeitando a observação de João de Rochela quando adverte que a recepção desta luz não corresponde à face superior da alma, essa está virada para o que é eterno, e afinal a inteligência separada (ou o anjo) também é uma criatura. É esta prevenção que fará Pedro introduzir constantemente limitações na teoria da inteligência separada, colocando sempre acima dela a primeira inteligência, essa sim o fim último para o qual deve tender a contemplação humana.

A localização dos fundamentos da posição de Pedro Hispano nestas obras, publicadas entre 1225 e 1235, indica também claramente que pertence ao mesmo meio cultural e época, sendo-lhes pouco posterior, pois não é verosímil que a obra fosse escrita numa época em que estas posições estavam superadas e existia um interesse mais directo nos textos filosóficos e na sua interpretação rigorosa tendo em conta a identificação e distinção das respectivas posições.

A posição doutrinal da obra, as suas fontes mais directas e mesmo a ideologia cultural que preside à elaboração da *Scientia libri de anima* (veja-se à frente a secção sobre o homem microcosmo), tendem a indicar-nos uma data não posterior a 1240.

raciocinari, sentire, se scire aliquid uel ignorare, iustam uel iniustam esse, per conuersionem ad se.» JOÃO DE ROCHELA: *ibidem*, p. 90, 727-91, 731.

¹²⁰⁴ «Ad cognoscenda uero ea que sunt infra se, non indiget similiter lumine intelligentie que sit extra se. Cum enim natura intellectus humani superior sit rebus corporalibus, superior etiam incorporalibus que sunt in ipsa ut in subiecto, utpote potentie, habitus, dispositiones et affectiones, ideo ad hec comprehendenda non est necessaria illuminacio substantie separate, sed sufficit lumen internum quod est intellectus agens, uis anime suprema, de quo fit hic sermo.» JOÃO DE ROCHELA: *ibidem*, p. 91, 732-739.

A inteligência agente e a posição doutrinal de Pedro Hispano

Apesar da presença da doutrina da inteligência separada, que em Avicena é o intelecto agente do homem, separado, único para todos os homens (e que no *Liber de anima*¹²⁰⁵ e na *Metafísica* tem uma expressão cosmológica ao ser integrada na emanção das esferas celestes, cujo último lugar ocupa), e sendo o capítulo X 7 substancialmente tomado de Avicena, Pedro não deixa menos de sublinhar que o intelecto humano é dotado de espontaneidade e autonomia, possuindo um acto intrínseco suficiente para actualizar o conhecimento potencial a abstraído das coisas naturais. E essa espontaneidade intrínseca do intelecto humano é também a sua limitação, porque para se elevar às naturezas que lhe são superiores, que não pode apreender em si (ou seja, que estão para lá das coisas e da própria alma), aí sim a alma precisa de iluminação extrínseca adequada à realidade que ilumina e sobre a qual ilumina.

É essa a raiz da doutrina do “triplo intelecto agente”, cujas fontes podemos localizar em João de Rochela. Trata-se de uma combinação de doutrinas difícil de etiquetar: nem agostinismo latino¹²⁰⁶, nem agostinismo avicenizante, nem aristotelismo, nem primeiro averroísmo¹²⁰⁷, mas tudo em simultâneo.

É necessário sublinhar este aspecto porque a *Scientia* de Pedro Hispano tem sido lida a partir do capítulo 7 do livro X sobre a *Intelligentia agente separata* ignorando o modo como Pedro acolhe essa teoria de origem aviceniana, integrando-a na sua própria teorização do intelecto humano. Em 1937 no primeiro estudo sobre esta obra e que incluía a edição dos capítulos 5-7 da *Scientia*, onde se incluía o capítulo sobre a *Intelligentia agente separata*, Martin Grabmann valorizava o pensamento de Pedro Hispano integrando-a na corrente de pensamento que Gilson designara como agostinismo avicenizante, ou seja, concluía que nessa obra Pedro fazia uma dupla identificação: da inteligência agente separada com a última inteligência de Avicena e que identificaria essa inteligência agente com o Deus iluminador de Agostinho¹²⁰⁸. Mas, tendo em conta os textos, esta interpretação deve ser recusada pois nesta obra a *intelligentia agente separata* e a *Intelligentia prima* são nitidamente distinguidas. O

¹²⁰⁵ AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, I, 1, vol. I, p. 32, 86: «nonum corpus».

¹²⁰⁶ Para uma crítica da designação e a detreminação dos seus exactos limites de validade, ver BERTOLA, Emilio: «È esistito un avicennismo latino nel Medioevo?», *Sophia* 35 (1967) 313-334; 39 (1971) 278-320.

¹²⁰⁷ Como vimos, a inoperância desta designação foi demonstrada por B.C. BAZÁN: «Was There Ever a “First Averroism”?», cit.

¹²⁰⁸ «Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI», *Archives d’histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 11 (1937-38) 167-208, cfr. p. 180. Na p. 181 recorda a participação do papa João XXI na condenação de 1277 e nas pp. 174-175 cita as interpretações de Callebaut e Gilson, que fundam a opção pela designação doutrinal adoptada para caracterizar Pedro: «agostinista avicenizante»; nas pp. 175-180 interpreta os cap. X, 5-7 da *Scientia*.

certo é que este estudo determinaria nas décadas seguintes a exegese da obra e mesmo de todo o pensamento do autor.

O principal renovador dos estudos sobre a obra foi João Ferreira que com argúcia identificou num estudo de 1953 os processos narrativos usados por Pedro na *Scientia*, que de forma subtil vai expondo doutrinas introduzindo-as por uma expressão dubitativa (censetur, dicitur, videtur, etc.) as remata com outra adversativa (at vero, etc.) onde se encontra a sua posição permitindo assim uma distinção entre o que lhe perfilha e o que é mera exposição, concluindo assim que este método serve para mitigar certas posições de Avicena augustinizando-as¹²⁰⁹. É esta posição que João Ferreira transpõe para o título de um estudo de 1959 em que se evoca a *presença* do augustinismo avicenizante na teoria dos intelectos da *Scientia libri de anima*, embora Pedro nunca seja taxativamente identificado com esta corrente, mas sim com um sincretismo que integra Aristóteles, Agostinho/agostinismo e Avicena¹²¹⁰. Nos anos sucessivos é com o agostinismo avicenizante que o pensamento de Pedro Hispano é identificado¹²¹¹.

Em 1955 Étienne Gilson reorienta a discussão ao constatar que na *Scientia libri de anima* não se identifica o intelecto agente com o Deus iluminador de Agostinho, porque prefere retomar literalmente o pensamento de Avicena no que diz respeito à peculiar doutrina da inteligência agente separada, concluindo: «To our personal knowledge this is the only known case of straight “Latin Avicenism”»¹²¹². Mas, esta interpretação é apenas parcialmente correcta, pois até certo ponto caracteriza a adopção da teoria inteligência agente, mas de modo algum caracteriza o pensamento de Pedro Hispano porque este defende também que o intelecto agente humano é individual e bem distinto da inteligência separada e que necessita da dupla iluminação para compreender as realidades que o estão acima dele, ou as que dizem respeito a Deus. Parece pois errado dizer com Gilson que Pedro Hispano é o único autor latino

¹²⁰⁹ J. FERREIRA: «Introdução ao estudo do *Liber de Anima* de Pedro Hispano», *Revista Filosófica* 9 (1953) 178-198, cfr. p. 187, sobre o método, ver pp. 186-197.

¹²¹⁰ J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano (Pars dissertationis)*, Editorial Franciscana, Braga 1959, cfr. p. 50; na p. 47, mas apenas a propósito da questão da emanção das formas, afirma que a «elaboração de Pedro Hispano é uma combinação de avicenismo com augustinismo». Ver na bibliografia final a longa lista de trabalhos do autor, boa parte dos quais analisam a antropologia de Pedro Hispano e a *Scientia libri de Anima* em particular.

¹²¹¹ Alguns exemplos: N. KRETZMANN: «Peter of Spain», *The Encyclopedia of Philosophy*, VI, p. 126a associa a obra a uma «Platonist-Augustinian-Avicennian tradition»; C. TROTTMANN: «Sciences optiques et théologie de la vision béatifique a la cour pontificale de Viterbe», *Mediaevalia. Textos e estudos* 7-8 (1995) 361-401, cfr. pp. 364-369; etc.

¹²¹² E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, Random House, New York 1955, p. 681, n. 44.

anterior a Tomás de Aquino que não aceitou o papel iluminador de Deus¹²¹³. De facto aceitou-o e integrou-o na sua noética do “triplo agente da alma humana”, aliás inspirada em João de Rochela, como veremos. Pela mesma razão deve ser revista a opinião de Richard Dales, que alarga inconsideradamente a conclusão de Gilson ao afirmar que a *Scientia* apresenta «a purely Avicennian account of the agent intellect»¹²¹⁴. De facto, quanto ao intelecto agente Pedro Hispano e Avicena têm posições opostas, apesar de haver de facto inúmeros pontos de contacto e influência evidente que um recebe do outro, mas não em coincidência absoluta.

Aquando da edição em 1957 dos comentários a Dionísio pseudo Areopagita atribuídos a Pedro Hispano no manuscrito Clm 7983, Manuel Alonso procura argumentos em outras obras para provar que pertencem ao mesmo autor. Admitindo embora que «la redacción de nuestros comentarios es sin duda muy anterior a la redacción de la “Scientia libri de anima”», nela ecoam ainda as marcas dos comentários dionisianos, e é dentro deste objectivo que dedica diversas páginas ao estudo da inteligência agente separada¹²¹⁵, mostrando esse acordo que só poderia resultar do facto de serem obras todas escritas por um mesmo autor¹²¹⁶. Esta discussão de Alonso, que é mais um exercício retórico que um trabalho de rigor filológico¹²¹⁷, não se envolve na querela da determinação do tipo de avicenismo da *Scientia*, procura antes mostrar que a doutrina da inteligência agente separada não é contraditória com as posições acerca do papel de Deus como objecto e agente do conhecimento nos comentários místicos segundo a influência de Dionísio¹²¹⁸.

¹²¹³ «Peter of Spain, as far as we know, is the only one who, having expressed himself on the subject, neglected to add to the separate agent Intelligence of Avicenna the illuminating God of Augustine», E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 362.

¹²¹⁴ R. DALES: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, p. 73.

¹²¹⁵ M. Alonso (ed. e introd.): *Pedro Hispano Portugallense, Expositio Librorum Beati Dionysii*, Lisboa 1957, pp. XLI-XLIX.

¹²¹⁶ Mas, Alonso não repara que muitos dos textos que aduz para mostrar a proximidade dos comentários com a *Scientia* provêm directamente de Tomás Gaulês e isso não nos autoriza a supor que a *Scientia* foi composta pelo abade de Vercelli.

¹²¹⁷ De facto esta discussão tem como pano de fundo a refutação de um texto nunca citado de Francis Ruello onde este autor, com base precisamente na leitura da orientação geral da *Scientia* e posições sobre o intelecto e a inteligência agente, mostrava que o seu autor «ne paraît donc pas être l’auteur du commentaire dyonisien», F. RUELO: «Un commentaire dyonisien en quête d’auteur. Le commentaire attribué à Pierre d’Espagne», cit., pp. 164-169.

¹²¹⁸ De certa forma esta teoria é retomada por Alexander Schlögel segundo o qual os comentários a Dionísio são anteriores à *Scientia* (mas sem um intervalo de tempo tão grande como o sugerido por Alonso, que aliás não o quantificara), mas posteriores ao comentário sobre o *De anima*, tendo influenciado a doutrina da *Scientia* sobre a iluminação, a hierarquia dos seres, etc. Cfr. A. SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus*, cit., pp. 627-632 e 682; J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugallense*, cit., pp. 49-50.

Por fim, refira-se Van Steenberghen que prefere a interpretação de João Ferreira em 1959 sobre um «eclétisme indécis» na *Scientia*, cuja orientação doutrinal caracteriza como «un Aristotélisme teinté d’augustinisme et d’avicennisme»¹²¹⁹.

Descrever a posição da *Scientia* como “avicenista” ou como “avicenista agostinizante” negligencia um pouco os próprios textos e centra-se apenas numa interpretação do capítulo 7 do tratado X, sem ter em conta a doutrina geral dos intelectos que atravessa a obra.

Em primeiro lugar afirma a existência de um intelecto agente humano, o terceiro na sua enumeração, que é depois descrito (Tr. X, 6) sob a influência do *De anima* III, 5, nomeadamente quando define as suas características em confronto com o intelecto possível: «Est autem hec [potentia agens] immortalis, separabilis, perpetua, inmixta»¹²²⁰. Este intelecto é descrito em relações com o intelecto possível, com o qual realiza o acto de abstracção porque está sempre em acto. Mas, como o intelecto humano não tem em si a totalidade das formas inteligíveis e por si mesmo não pode ultrapassar o conhecimento das realidades inferiores, para se elevar às superiores precisa de uma faculdade que o ilumine.

Entra assim em cena a inteligência agente que contém em si e em acto os princípios das formas inteligíveis abstractas, que pela sua luz própria apresenta ao intelecto, porque tal como o sol é causa da visão, também, sem o seu acto nem os inteligíveis nem o intelecto alcançariam o conhecimento em acto¹²²¹. Como diz Dag Hasse, ao longo do capítulo que dedica a Pedro Hispano, a inteligência agente é «descrita em termos puramente avicenianos: dela emanam as formas universais se o intelecto humano está preparado para isso; as formas, contudo, não permanecem no intelecto, mas emanam para a alma sempre que ela os requer; aprender consiste na preparação para fazer contacto com a inteligência activa; após a morte o intelecto unir-se-á à inteligência»¹²²². De facto, Pedro é aqui aviceniano, no entanto não podemos esquecer que a teoria da inteligência separada, mesmo que literalmente transcrita nos seus passos essenciais, sai limitada quando integrada na teoria geral dos intelectos onde está presente um intelecto agente humano. Este parece ser outro dos sinais de uma construção filosófica inacabada em que Pedro Hispano acolhe duas teorias, do intelecto agente e da inteligência agente, que pretendem explicar o mesmo processo de conhecimento mas fazem-

¹²¹⁹ F. VAN STEENBERGHEN: *La philosophie au XIII^e siècle*, 2^e éd., Louvain 1991, p. 140.

¹²²⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p. 283, 25-26. Como notou D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., p. 219 esta passagem inspira-se em Aristóteles (*De anima*, III, 5, 430a17-27) e na mesma página desta obra onde se faz um minucioso levantamento das citações do *De anima* de Avicena até meados do século XIII, assinala que no capítulo sobre o intelecto agente «There are no traces of Avicenna's *De anima* in this chapter», ou seja quanto à doutrina do intelecto agente Pedro afasta-se de Avicena e prefere a teoria aristotélica.

¹²²¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, pp. 385, 3-8.

¹²²² D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., p. 219., onde assinala que Pedro colhe passagens no *Liber de anima* de Avicena V, 5-6, as quais são assinaladas a pp. 301-312.

no de diferentes modos e segundo processos distintos, sem que o autor tente esboçar uma explicação das relações entre ambos no acto do conhecimento (como faz para explicar o intelecto possível e o intelecto agente, discutidos em constante conjugação). Mais ainda, mesmo que Pedro afinal não aceitasse o intelecto agente ou o subsumisse na inteligência separada, ainda assim não poderia ser considerado aviceniano, pois muitas vezes ela parece multiplicar-se¹²²³, mas sobretudo porque acima da inteligência agente ainda admite um iluminador supremo: o criador, o que mostra também a finitude e os limites gnosiológicos da própria inteligência separada, porque também ela é incapaz de iluminar a alma relativamente a certas realidades

É inquestionável que a presença da teoria da inteligência agente faz da obra de Pedro Hispano uma raridade teórica, e “contamina” todas as leituras possíveis, mas é necessário enquadrá-la devidamente.

A resposta à questão pode ser encontrada se colocarmos a pergunta da seguinte forma: porque é que Pedro Hispano integra a teoria da inteligência agente separada, retomando-a de Avicena, se também defende que o intelecto agente é por si mesmo capaz de realizar o conhecimento em acto e se admite a existência da iluminação divina? Nesta situação a inteligência agente é supérflua ou desempenha exactamente a mesma função noética que nos níveis respectivos são realizadas pelo intelecto agente e pela primeira inteligência. Perante este dilema não havia a possibilidade teórica de se encontrar um solução mais simples para o problema? As perguntas podem ser ociosas e em parte inúteis do ponto de vista histórico, mas convidam-nos a procurar em obras de outros autores elementos que permitam esclarecer a razão de ser, ou mesmo a origem, da posição de Pedro Hispano.

O capítulo 7 do livro X não é apenas problemático no conteúdo, mas também na sua estrutura e estilo expositivo. Quanto às ideias há de facto uma compilação de passagens de Avicena e daí resulta algo inquestionável: Pedro Hispano aceita de facto a existência de uma inteligência separada de modelo aviceniano, entre o intelecto agente e a inteligência primeira, como aliás estava previsto desde a enunciação do *triplex intellectus agens est*. Mas, para além desta concordância convém sublinhar que em alguns aspectos mitiga e esbate as implicações da teoria de Avicena. Deve notar-se antes de mais que este capítulo deve ser lido cuidadosamente, porque é redigido seguindo aquele modelo expositivo em que algumas opiniões são introduzidas por uma expressão dubitativa, rematada por uma adversativa (*Estimatur ... Verum .. sed ... sed ... At vero*) que contém a opinião definitiva de Pedro que

¹²²³ Já atrás se referiram, mas em diversas passagens podemos constatar que Pedro Hispano aceita uma pluralidade de substâncias segundas iluminadoras; cfr. as referências às *separate substantie* (cit atrás, *Scientia libri de anima*, X, 6, p. 380, 24-25) ou às *separate intelligentie* (p. 384, 25), ou *secunda* [intelligentia] (p. 389, 17).

assim acrescenta algo ou pelo menos limita o que foi antes apresentado. Vejamos alguns exemplos.

(1) Ao definir a Inteligência separada descreve o modo como era entendida por Avicena, introduzindo essa descrição por um “pensa-se que” (*Estimatur...*) a inteligência agente é a “intelligentia ultimi et infimi ordinis” que contém todos os inteligíveis que leva ao acto de inteligir copulando-as com o intelecto, para preferir uma solução (*Verum...*) que engloba outras fontes do inteligível: criaturas inteligíveis individuais, mas também a primeira essência¹²²⁴.

Segundo exemplo: Pedro expõe a teoria da *denudatio formae*¹²²⁵ na alma por emanção a partir da inteligência agente, que como sabemos estava no centro da noética aviceniana, mas de facto mitiga-a logo ao concluir a exposição das seis possibilidades de existência das *formas nuas* pelas quais a alma conhece, afirmando que “se considera” (*censentur*) que emanam da inteligência para a alma segundo exigência da indústria da alma, “mas, de facto” (*at vero ... recte*) quanto à sua aquisição, o intelecto agente desnuda pelo seu próprio juízo as formas recebidas e impressas no intelecto possível¹²²⁶.

Terceiro exemplo: Uma restrição semelhante será introduzida a propósito do modo de emanção das formas, admite pois que essas formas nuas não existem no intelecto, mas que este depois de recebidas as formas, distingue e ordena, e de onde provirão elas? a resposta é introduzida por um “considera-se” (*putatur*) que a inteligência agente contém as formas como seu princípio e que a alma é apenas o seu princípio receptivo, mas “de facto” (*at vero*) é a primeira inteligência que as contém porque tudo criou, a segunda inteligência tem-nas impressas por participação e infunde-as “subjectivamente e receptivamente” na alma, por isso em relação a esta ambas podem ser consideradas princípio, enquanto a alma é apenas

¹²²⁴ «*Estimatur* autem illa agens substantia intelligentia ultimi et infimi ordinis, que anime intellective intimior ipsi intelligibilia sua illustratione revelat, ut lux ad colores, ad formas intelligibiles comparata. Unde dicitur substantia simplex separata formas intelligibiles ad intelligendi actum perducens, ipsas intellectui copulans et sua irradiatione ipsum illuminans, ut ad intelligendi perveniat complementum. *Verum* intellectiva a singulis creaturis intelligibiles suscipit inpressiones et quandoque ad primam essentiam, quandoque ad medias, quandoque ad infimas et a prima et a singulis intelligentiarum ordinibus influentias, inpressiones ac revelationes suscipere iudicatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, pp. 387, 21-389, 29. Sobre esta questão e as diferenças entre Pedro Hispano e Avicena, cfr. J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicenizante*, cit. pp. 39-41.

¹²²⁵ Comparar AVICENNA: *Liber de anima*, V, 5-6 e Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, pp. 387, 21-389, 29. Sobre a discussão das seis possibilidades de existência de formas nuas, que levará à conclusão da necessidade da sua emanção a partir de uma inteligência separada, cfr. pp. 387, 31-388, 35.

¹²²⁶ «*Censentur* igitur ab intelligentia in animam emanare, secundum quod industria anime requirit. *At vero* in via acquisitionis recte formas in inferioribus virtutibus inpressas agens virtus denudat in possibili receptas, de quibus anima iudicat, sibi in sua puritate presente.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 7, ed. Alonso, p. 388, 29-34.

princípio porque nela tudo pode devir¹²²⁷. A inteligência segunda apenas participa por representação nas formas contidas na inteligência primeira e é mediadora da sua emanção para a alma¹²²⁸.

Quarto exemplo: para Avicena da conjunção (*coniunctio* ou *copulatio*) da forma com a alma resulta a ciência e a aprendizagem em acto, nesta conjunção a forma nua emana da inteligência e o intelecto após a morte (*separatio*) une-se à Inteligência separada assim obtendo a felicidade perpétua, ideias que Pedro repete fielmente¹²²⁹, mas acrescentando algo que altera profundamente a posição de Avicena: a perfeita felicidade consuma-se maximamente na contemplação da primeira inteligência¹²³⁰, isto é de Deus.

Quinto exemplo: na discussão da terceira das possibilidades de existências das formas nuas, Pedro recusa estas que possam residir no intelecto como no seu tesouro, porque o intelecto é apenas receptivo, não possuindo portanto uma memória dos inteligível, ao contrário da sensitiva que possui uma memória dos fantasmas¹²³¹, o que estava de acordo com a posição de Avicena que daí concluía que o intelecto sempre que pensava um inteligível recorria à conjunção com a inteligência agente. Ora, justamente Pedro defende que o intelecto

¹²²⁷ «In anima igitur intellectiva ex sua natura non videtur esse actualis formarum multitudo aut ordo. Ab intelligentia igitur emanant forme que in intellectu inprimuntur. Intellectus igitur formas non creat, sed receptas format, distinguit et ordinat. Apprehensio enim eius suscipit similitudinem forme separate a materia et eius appenditiis ab intelligentia emanantis cuius est solum receptiva impressionis. Intelligentia vero *putatur* formas continere tamquam principium creativum et activum earum, anima vero ut principium susceptivum. At vero prima intelligentia eas continet, cum omnium sit creatrix. Secunda vero eas impressas participat easque anime subiecte et receptive infundit. Utraque vero dicitur principium, a quo factionis omnis virtus procedit ratione valde distant. Anima vero dicitur principium in quo omnia fieri nata sunt.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, pp. 389, 7-21. Na continuação a emanção é comparada a um processo de criação em que a Primeira inteligência imprime as formas na matéria pelo acto da segunda inteligência: «Est enim similis comparatio productionis formarum secundum essentialem existentiam, que actu prime intelligentie per secundam yle inprimitur ut forme exemplares in via comprehensionis ab ipsa per secundam intellectui inprimuntur. Ipse vero forme in intelligentia constitute non suarum essentiarum lapsu intellectui infunduntur, sed per suarum similitudinum multiplicationem, que in ea a sua origine emanant, recipiunt, ut eas videatur intelligentia in ea per similitudinem procreare.» *ibidem*, p. 389, 21-29.

¹²²⁸ A. SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken*, cit., pp. 632-633 defendeu que existe aqui uma influência do Liber de causis pela tripartição de ordens em que a alma ocupa o último nível e a inteligência primeira cria mediante ou através da inteligência segunda.

¹²²⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 7, ed. Alonso, p. 389, 30-390, 26 e AVICENA: *Liber de anima*, II, 5, ed. S. Van Riet, pp. 149-150.

¹²³⁰ «Post separationem igitur intelligentie iungitur et in ea apprehensionis decorem et delectationem perpetuam consequitur et maxime in prime intelligentie aspectu eius perfectio consummatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 7, ed. Alonso, p. 390, 25-29. Encepto para o inciso final relativo à primeira inteligência, equivale quase literalmente a AVICENA: *Liber de anima*, II, 5, ed. S. Van Riet, p. 150, 71-74: «Cum autem anima liberabitur a corpore et ab accidentibus corporis, tunc poterit coniungi intelligentiae agenti, et tunc inveniet in ea pulchritudinem intelligibilem et delectationem perennem, sicut dicemus suo loco [sc. *Metaphysica*, IX, 7].

¹²³¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 7, ed. Alonso, p. 387, 33-34: «aut ut in intellectu conserventur inpresse», a que responde a p. 388, 6-21.

humano possui memória dos inteligíveis, o que em boa parte supérflua inteligência agente separada ao mesmo tempo que destrui um dos argumentos de Avicena para demonstrar a necessidade de existência da inteligência agente.

Em conclusão, todas as principais afirmações relativas à natureza e função da inteligência agente são mitigadas por Pedro Hispano para as integrar na teoria do intelecto agente humano ou acima de tudo para preservar a preeminência da inteligência primeira.

Por essa razão, a propósito do intelecto agente e da inteligência agente não podemos dizer que Pedro Hispano é um agostinista avicenizante, como queriam Grabmann ou o primeiro Gilson, ou que é um aviceniano, como defendeu o segundo Gilson. À falta de melhor, é de facto preferível descrever a sua posição sem lhe atribuir um rótulo, mas dando conta das massivas influências que colhe em Avicena e das subtis ou desajeitadas limitações que lhe introduz.

Subsiste uma questão de natureza historiográfica: porque é que a teoria do intelecto de Pedro Hispano, em particular a aceitação de uma inteligência agente separada de tipo aviceniano, tem sido interpretada de modos diversos? Porque:

- (1) essas leituras tomam como centro de leitura o capítulo sobre a inteligência agente separada, negligenciando um pouco a interpretação deste capítulo em conjunto com os outros sobre o intelecto possível e sobre o intelecto agente;
- (2) a clara afirmação do *triplex intellectus* é apresentada em outro local da obra, de modo discreto, embora perpassasse toda a teoria dos intelectos;
- (3) não é geralmente advertido o método argumentativo de Pedro que vai introduzindo nuances mais ou menos evidentes nos argumentos de Avicena e sobretudo nas suas implicações, para além de ir adoptando outras teorias que concorrem ou limitam a teoria da inteligência agente separada.

Por todas estas razões é indispensável que as posições assumidas por Pedro Hispano num dado ponto sejam integradas no conjunto da obra, para podermos realçar ou a sua coerência ou a imperfeição do sincretismo para onde vai sendo empurrado pela posição conciliatória e concordista que o orienta e também limita o alcance filosófico do seu pensamento.

Os graus do conhecimento e a memória intelectual

Um dos aspectos interessantes da noética de Pedro Hispano, tão marcada pelo avicenismo, de que se afasta em pequenos passos que mudam qualitativamente as respectivas

posições, é a afirmação da existência¹²³² e a descrição de uma *memoria intellectiva*¹²³³ e de uma faculdade concomitante, a *rememorativa*¹²³⁴.

Tal como Avicena e contra o peripatetismo¹²³⁵, Pedro rejeita que no acto de apreensão intelectual a alma devém o próprio inteligível¹²³⁶. Como diz Gilson a propósito de Avicena, “uma vez que as formas inteligíveis não podem ser as formas materiais elas mesmas extraídas das suas matérias pelo intelecto agente do homem, não podem ser conservadas nele, como se fosse uma espécie de memória intelectual”¹²³⁷. De facto, Avicena nega a existência de uma memória intelectual¹²³⁸, que Aristóteles (por outras razões) aliás também tinha restringido aos sentidos internos da alma¹²³⁹, no que foi seguido pela tradição peripatética¹²⁴⁰. Para Avicena, portanto, os inteligíveis não estão no intelecto que os recebe e há, por isso, diferença entre o inteligido e o que entende. Uma das consequências desta inversão neoplatónica do aristotelismo introduzida por Avicena, tinha como consequência a necessidade de existência de uma inteligência separada, tesouro das formas inteligíveis, à qual o intelecto possível se converte, ou se refere, ou se une, sempre que preparada pelas formas sensíveis está em condições de considerar o inteligível em acto que, portanto, emana do exterior e nunca reside no intelecto possível¹²⁴¹. Neste ponto Pedro Hispano segue textualmente a posição e as conclusões de Avicena, afirmando a não identidade no sujeito entre o que conhece e o conhecido¹²⁴², e portanto a necessidade de uma inteligência agente exterior ao homem, o que

¹²³² De facto na *Scientia*, II, 7, ed. Alonso, p. 63, 34–64, 8 e em X, 11–12, ed. Alonso, 410–425 estas faculdades são incluídas entre as funções apreensivas do intelecto.

¹²³³ O título do cap. XI, 11 deveria ser precisamente *De memoria intellectiva*, como se lê prólogo e *tabula* do tratado XI (p. 346, 6), mas Alonso preferiu reter a anotação marginal onde se lê «De memoria et memorativa».

¹²³⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 11–12, ed. Alonso, pp. 410–425.

¹²³⁵ Cfr. E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., pp. 68–69.

¹²³⁶ Cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 8, ed. Alonso, pp. 393, 21–395, 8, «differt intelligens et quo intelligitur», princípio que permite distinguir o modo de conhecimento próprio da inteligência primeira (por inspecção interna, onde não ocorre diferença), das inteligências (conhecem nos “exemplares” do criador, pois possuem de modo inato as formas que receberam da inteligência), naturezas inferiores (contemplação das cosas criadas), idem, p. 395, 9–23.

¹²³⁷ E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, p. 322.

¹²³⁸ AVICENA: *Liber de Anima seu Sextus de naturalibus*, ed. S. Van Riet, V, 6, pp. 146, 95–149, 43.

¹²³⁹ Sobre a memória em Aristóteles, enquanto faculdade pela qual percebemos e tempo e é impossível sem a imagem ou fantasma, cfr. D. ROSS: *Aristóteles*, cit., pp. 151–152.

¹²⁴⁰ Alberto Magno assinalou-o nestes termos: «Thesaurum autem eius reservantem intentiones, qui memoria vocatur, in posteriori parti cerebri posuerunt [peripatetici], qui locus est siccus propter nervos motivos, qui oriuntur ab ipso.» ALBERTO MAGNO: *De anima*, ed. C. Stroick, cit., p. 158, 20–24, sendo óbvio que a designação “peripatéticos” se aplica aqui a Avicena, autor da teoria da memória descrita.

¹²⁴¹ Cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 186–187.

¹²⁴² Se tal coincidência ocorresse seguir-se-iam diversas afirmações inconvenientes: «Hanc vero sententiam hec inconvenientia consecuntur: omnium generum in unam essentiam confusio; ex omnium rerum similitudinibus anime constitutio; ymagines que non sunt natura fixa, in substantiam cedere; animam per accidentium et inferiorum substantiarum essentialem participationem vilescere; omnia, per reductionem ad substantiam intellectivam, virtutem intellectus participare; animam in

aliás já era contraditório, ou pelo menos restrito à apreensão de certos inteligíveis, com a sua outra afirmação da possibilidade intrínseca de o intelecto agente humano poder inteligir em acto e por sua força própria os inteligíveis em potência apreendidos pelos sentidos. Este papel de tesouro das formas desempenhado pela inteligência separada será limitado ainda mais porque Pedro Hispano defende justamente a existência de uma memória intelectual que retém e conserva as formas inteligíveis próprias e apreendidas pelo intelecto humano¹²⁴³ e é distinta da imaginativa, que conserva as formas sensíveis, e da memória sensitiva ou tesouro das “intenções” insensíveis¹²⁴⁴.

Se o intelecto não devém o inteligido como pode haver uma memória intelectual (e vice-versa)? O que é certo é que Pedro de facto defende a existência de uma memória intelectual (cfr. a sua integração no esquema geral das faculdades, onde se distingue da memória sensitiva essa sim de tradição aristotélica e peripatética), cuja operação própria é a conservação das formas e a rememoração quando não estão a ser consideradas em acto pelo intelecto e o intelecto necessita de as reevocar. A introdução de uma memória intelectual comporta, assim, uma solução para os problemas psicológicos da aprendizagem e da invenção, sendo particularmente importante para compreender a organização e posse do conhecimento e da ciência (no que em Pedro Hispano parece concorre e contender directamente com a teoria dos quatro graus do intelecto possível de proveniência aviceniana), porquanto a memória intervém após o acto de intelecção e consiste na conservação e recuperação das espécies inteligidas¹²⁴⁵.

omnium cognitione se solam cognoscere; cognoscibilium indistinctio; anime sue essentie assertionis et discretionis ab aliis interno alloquio privatio.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 8, ed. Alonso, p. 394, 1-10 (note-se que o último argumento, relacionado com a linguagem interna da alma, não se encontra em Avicena).

¹²⁴³ «Quoniam vero intellectiva est receptaculum omnium specierum capax, virtus ei inest receptiva que eas retinet et conservat. Generali enim materie inest virtus retentiva formarum quas sustentat; et continenti rei contente et ceteris substantiis et sensitive virtus sensibilibus inpressionum conservativa debetur; igitur intellectiva hanc virtutem participat que omnes inpressiones intelligibiles retinet, sine qua eius habituum perfectio periret. (...) Est autem retentiva virtutis intelligibilium specierum, post priores receptiones et ultimas servativa.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 11, ed. Alonso, p. 410, 3-20.

¹²⁴⁴ «Differt autem intellectiva memoria a sensitiva: origine, cum hec ab intellectiva illa sensitiva procedat differentia; subiectis, cum hec soli homini illa vero ceteris animalibus insit; et obiectis, nam hec essentialium puras intentiones conservat, illius quedam differentia sensibiles species, altera insensibiles intentiones et individuales intentiones retinere censetur; et organo, nam hec organo est expers, ille vero organo utuntur. Verum intellectiva memoria non tantam diversitatem recipit quantum sensitiva.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 11, ed. Alonso, p. 412, 8-17.

¹²⁴⁵ «Memorie vero opus est conservatio que continue specierum retinet inpressiones et rememoratio cuius ductu species et habitus amissos acceptione recuperat iterata.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 11, ed. Alonso, p. 415, 6-8

O mais inesperado da doutrina da memória de Pedro Hispano é que ela traz consigo a defesa do inatismo das formas¹²⁴⁶. Étienne Gilson notou esta flagrante contradição com outras passagens da *Scientia* onde tal hipótese é liminarmente rejeitada, porque, como vimos quanto ao conhecimento das coisas externas, concorda com Aristóteles quanto à origem experiencial e abstractiva do conhecimento¹²⁴⁷. Esta contradição, ainda segundo Gilson, poderá indicar que Pedro não encara a apreensão (abstracção) exactamente nos mesmo termos que Aristóteles, mas a razão poderá ser simplesmente a tendência a conciliar de modo sincrético e sem a necessária conjugação, teorias de diferentes proveniências. A reminiscência de que se fala no capítulo seguinte (Tr. IX, 11), e que não é concebida à maneira de Platão mas de Aristóteles¹²⁴⁸, mas é antes a faculdade apenas humana de reevocar e tornar presentes as formas adquiridas e depositadas na memória intelectual e também nas faculdades retentivas e conservativas sensitivas¹²⁴⁹, é necessária para que a alma se realize na aquisição ordenada das formas, que se concretiza plenamente na *inventio* e na *disciplina*¹²⁵⁰. como se verifica ao longo do capítulo onde se estudam em particular as variantes de relação com as faculdades

¹²⁴⁶ «Estimatur autem intellectiva in suo ortu omnium rerum species innatas habere, mole vero corporis oppressa ac eius nubis obice infecta in copula cognitionis earum discretionem amittit, set per inventionis ac discipline viam ad earum restitutionem perveniens, omnium rememorationis et reminiscencie ductu consecutionem acquirit et sic videtur adiscentia a rememoratione et reminiscencia non differre.». Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 11, ed. Alonso, p. 412, 23-29. Uma precisão: o termo *idea* não se encontra nas obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano, que usa a expressão *species* ou *species inata*. *Idea* havia sido precisamente traduzido por «species vel formae» por Escoto Eriúgena (cfr. J. HAMESSE: «*Idea chez les auteurs philosophiques des 12^e et 13^e siècles*», cit., pp. 117-133, pp. 106-107 e é durante o século XIII que o termo se integrará pouco a pouco na língua latina e no final do século será já parte integrante do vocabulário da escolástica (*idem*, p. 115) e nesse período desenvolve-se uma importante discussão em torno da distinção entre *idea*, *forma* e *species intelligibilis* que transfere o problema do terreno teológico para o da filosofia (*idem*, pp. 116-135).

¹²⁴⁷ E. GILSON: *History of Christian Philosophy*, cit., p. 320.

¹²⁴⁸ A distinção entre memória e reminiscência provém de um dos parva naturalia de Aristóteles já referido, o De memoria et remiscentia, em que esta se distingue quer da memória actual, quer do que já foi completamente esquecido, e que é «a actualização, com ou sem esforço, da memória tornada simplesmente potencial, isto é, duma recordação ausente da consciência», e nela desempenha um papel importante a associação de percepções/ideias por similitude, contiguidade ou contrariedade, cfr. D. ROSS: *Aristóteles*, cit., p. 151.

¹²⁴⁹ «Est enim reminiscencia ingenium repetendi aut revocandi preteritam acceptionem. Unde si fixa mansit, eius ductu actu recordationis per conservationem memorie salva repetitur. Si vero interventu oblivionis intercisione in memoria facta deleta, eius ductu per rememorationem revocatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 12, ed. Alonso, p. 422, 21-25.

¹²⁵⁰ «Humana vero anima cum formarum comprehensione perficiatur, innatam habet industriam ad earum acquisitionem ordinatam que inventionem et disciplinam completur. (...) huic autem officio reminiscencia deputatur, que per rememorationis actum species et intentiones preteritas investigat, ut ad presentem et actualem noticiam deducantur. Est autem hec virtus intellective differentia; ad eius enim actus sensibilis non attingit. Set cum circa fantasmata et intentiones eis connexas eius versetur intentio, eius opus ad intellectivam spectat, prout ad interiores virtutes inclinatur; est igitur reminiscencia virtus preteritarum acceptionum in formis sensibilibus, intentionibus insensibilibus eis connexis, intentionibus substantiarum particularium et intentionibus essentialium universalium consistentium ductu rememorationis inquisitio. Nam per rememorationem facta reminiscencia dicitur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 12, ed. Alonso, p. 419, 2-5.

sensitivas internas e as diversas operações próprias dos sentidos internos e o percurso das formas. As suas fontes mais prováveis serão o próprio *De memoria et reminiscencia* de Aristóteles¹²⁵¹ e o respectivo *Compendium* de Averróis¹²⁵². Mas, tendo em conta o que se verifica com outros casos, não é de rejeitar que Pedro recorra aqui a um cruzamento de fontes e a formulações em linguagem mais platónica e agostiniana para provar o que pretende: há uma memória própria do intelecto humano, sem cuidar de eventuais contradições com outras afirmações da mesma longa obra¹²⁵³.

A afirmação da existência de uma memória intelectual é um dos aspectos que distinguem os aristotelismos latinos, embora não seja evidente nem clara em todos os autores¹²⁵⁴. Não lhe é certamente estranha a influência de Agostinho que afirmava como constitutiva da alma humana no seu mais alto grau a tríade *memória, entendimento, vontade*, que constituía aliás vestígio e prefiguração da própria Trindade divina¹²⁵⁵. Não é por isso estranho que mesmo os mais avicenianos dos autores, como Pedro Hispano ou Gundissalino¹²⁵⁶, que acolhem e adaptam a doutrina de Avicena sobre a alma, dele divirjam quanto à questão da memória. A introdução de uma memória intelectual verifica-se por exemplo no *Tractatus* de João de Rochela, precisamente no capítulo da segunda parte sobre “as potências da alma segundo os filósofos, especialmente segundo Avicena”, onde invocando Agostinho e por intermédio do *De spiritu et anima*¹²⁵⁷, se afirmava a existência da tríade

¹²⁵¹ Traduzido também por Tiago de Veneza, por volta de 1125-1150, cfr. B.G. Dod: «Aristoteles latinus», cit., pp. 55 e 76.

¹²⁵² Traduzido por Miguel Escoto, por volta de 1220-1235, cfr. B.G. Dod: «Aristoteles latinus», cit., pp. 59 e 76; edição: *Compendium librorum Aristotelis De memoria et reminiscencia*, em *Compendia librorum Aristotelis qui parva naturalia vocantur*, ed. A.L. Shields, adiuv. H. Blumberg, Cambridge (Mss.) 1949, pp. 45-72.

¹²⁵³ Refira-se que a parte do capítulo da memória sobre o inatismo das formas está redigido segundo aquele método peculiar de exposição dubitativa (“Estimatur... Censetur... Putant... Videtur...”) que nos deve prevenir quanto à sua aceitação como contendo o pensamento próprio de Pedro. Dada a referida natureza do texto aduzido, é necessário analisar com mais detenção a questão da coerência e redacção do capítulo sobre a memória, verificando quais são as fontes em que poderá basear-se, uma vez que, como vimos a propósito da abstracção e da contemplação, Pedro rejeita o inatismo das formas, o qual nem se enquadraria em nenhuma das três variantes do intelecto agente. Embora aqui, talvez por insuficiência de conceitos que lhe permitissem compaginar a função dos intelectos e a memória intelectual, acaba por adoptar uma linguagem e concepções de origem platónica, nomeadamente o inatismo das formas inteligíveis, em que a afirmação da existência dessa memória se torna mais fácil.

¹²⁵⁴ Por exemplo, no *Tractatus de anima* João Blund (ed. D.A. CALLUS — R.W. HUNT) e nos anónimos *De anima et de potentiis eius* (ed. R.-A. GAUTHIER) e no *De potentiis animae et objectis* (ed. D.A. CALLUS) não é mencionada a existência de uma memória intelectual, mas apenas descrita a memória sensitiva.

¹²⁵⁵ AGOSTINHO DE HIPONA: *A Trindade*, ed. cit., X, 3.

¹²⁵⁶ Gundissalino no *De anima* (ed. cit., p. 103, 10) considera que apenas a memória e a faculdade contemplativa da alma são imortais

¹²⁵⁷ A memória como uma faculdade superior da alma é um tema recorrente nesta obra, onde está precisamente presente a teoria agostiniana do *De Trinitate* sobre a memória como uma dos vértices da tríade referida, cfr. *De spiritu et anima*, ed. J.-P. Migne, cit., col. 805-806.

memoria, intelligentia, voluntas, o que de certa maneira autorizava a que mesmo num contexto de filosofia avicenana se admitisse a existência da memória, como instância intrínseca do acto intelectual¹²⁵⁸. Aí se afirma pacificamente a existência de memória conservativa das formas na alma intelectual,. Sobre a questão é bem conhecida a crítica que Tomás de Aquino fará a Avicena na *Suma contra os gentios* e na *Suma de Teologia*, onde estabelece definitivamente a existência de uma memória intelectual, não sobre o passado enquanto passado (que é memória sensitiva), mas sim memória «conservativa specierum»¹²⁵⁹, exactamente como em Pedro Hispano. Falta contudo em Pedro Hispano uma teoria harmonizada com o papel da inteligência agente, mas a memória intelectual e a memória sensitiva são indispensáveis para a compreensão do acto intelectual de conhecimento das coisas abstraídas, através de recollecção de experiências passadas e das imagens que sobre elas foram formadas e se conservam na imaginação e na estimativa.

*

Ainda no domínio da noética, Pedro retoma de Avicena a descrição dos graus de perfeição de informação ou de actualização do inteligível no intelecto, que de facto era uma consequência da teoria da *coniunctio* da forma nua no acto de intelecção, da qual resulta o conhecimento intelectual (v.g. a ciência e a aprendizagem)¹²⁶⁰. Por essa razão Pedro insere-os no âmbito das faculdades do intelecto possível¹²⁶¹, e depois apresenta-os no capítulo X, 10 sobre a distinção dos graus hábitos e virtudes da alma¹²⁶². Tal como em Avicena são quatro e Pedro Hispano retoma-os à sua maneira:

¹²⁵⁸ JOÃO DE ROCHELA: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris 1964, pp.

¹²⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO: *Summa Theologiae*, I, q. 79, a. 6, ed. ut., p. 381a: «Sic igitur, si memoria accipitur solum pro vi conservativa specierum, oportet dicere memoriam esse in intellectiva parte».

¹²⁶⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 7, ed. Alonso, p. 63, 17-28; e X 10, pp. 405-406, ver também as referências ao *intellectus adeptus* no âmbito da discussão da *coniunctio*, X, 7, p. 390.

¹²⁶¹ «Distinctio vero eius [sc. intellectus possibilis] ratione ordinis graduum sue informationis quatuor continet differentias. Prima est *intellectus materialis*, qui est virtus ab actu receptionis formarum nuda solam aptitudinem potestativam ad ipsarum susceptionem participans. Secunda est *intellectus existens in habitu* que est virtus ad formarum receptionem, dispositus, ut rerum essentias ac scientiarum principia generalia comprehendens. Tertia est *intellectus adeptus* actum perfectum scientie attingens principia ac conclusiones cognitae conferens ac discernens. Quarta est *intellectus accommodatus* qui est virtus in scientie formatione, perfectus, ad actum considerationis progrediens.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 7, ed. Alonso, p. 63, 17-28.

¹²⁶² «Quoniam ergo intellectiva anima ex opere intellectus in susceptiones specierum et habituum perficitur, in sue perfectionis acquisitione quatuor gradus participat: Primus eius statui primo respondet, in quo nullius impressione intelligibilis informatur. Set omnium obiectorum capax ad cunctorum susceptionem eius extenditur aptitudo, ut sicut yle per suam susceptivam potentiam omnium formarum est receptaculum inmensum, nullam tamen ex propria natura possidet, sic ipse omnium obiectorum receptibilis nullius ex eius propria industria formam gerit et in hoc gradu *intellectus materialis aut possibilis* nominatur et consistit in aptitudine acceptionis formarum intelligibilium et habituum absque eorum actuali consecutione

1º) *intelecto material ou possível* (*intellectus materialis aut possibilis*): absoluta aptidão de recepção das formas inteligíveis e dos hábitos sem a sua consecução actual; tal como a matéria por sua natureza nada possui; não possui qualquer inteligível impresso (X 10);

2º) *intelecto em hábito* (*intellectus existens in habitu*): é o conhecimento adquirido (notitia) ou capacidade de recepção das formas, dispostas para a compreensão das essências das coisas e dos princípios gerais das ciências (II 7); consiste já na recepção das espécies (res) para as quais tem aptidão e já há nela conhecimento adquirido dos primeiros princípios (X 10);

3º) *intelecto adquirido* (*intellectus adeptus*): atinge o acto perfeito da ciência, conferindo e discernindo os princípios e as conclusões conhecidas; distinção e colação das espécies, consistindo na obtenção a partir das causas e dos princípios¹²⁶³. Ao contrário do que entendia Avicena, para quem no acto de intelecção o intelecto possível necessita sempre de se unir à inteliênica agente, o *intellectus adeptus* em Pedro Hispano, pela sua capacidade e depois de obtidas as formas inteligíveis a partir da inteligência separada, retém-nas e pode examiná-las, formá-las e ordená-las, sem necessidade de se unir de novo à inteligência?

4º) *intelecto acomodado e em acto* (*intellectus accomodatus et in effectum*): completo, sobre o discernimento e separação das coisas, dos princípios, das causas, dos efeitos e das conclusões, pelo pensameno actual.

Secundus in susceptione rerum ad quas extenditur eius aptitudo, consistit cum iam ei simplices species offeruntur et in ea principiorum primorum est noticia acquisita et ab hac *intellectus in habitu* vocatur.

Tertius est in specierum discretionem et collationem et conclusionum ex causis ac principiis extractione consistens cum iam in rerum discretionem deliberat et effectus ex causis conclusionesque ex principiis elicit conferendo et ob hoc *adeptus dicitur intellectus*.

Quartus est circa rerum discretionem, collationem, principiorum, causarum, effectuum ac conclusionum actuali consideratione completus, cum iam circa scientiam actu considerat ad habitus ductus exercitium actuale et ob hoc *intellectus accomodatus et in effectum* vocatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, pp. 405, 28-40618.

¹²⁶³ «At vero rectum est [intellectus adeptus] formas sibi ab ea impressas ex sua industria retinere, quas absque conversione ad eam potest pertractare, distinguere, formare et ordinare sicut et ei formas in inferioribus virtutibus presentatas et reservatas inferiore aspectu reducit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 7, ed. Alonso, p. 390, 17-21.

Graus do intelecto possível em Avicena e Pedro Hispano

<i>Avicena</i>	<i>Pedro Hispano</i>
<i>intellectus materialis</i> : absoluta potencialidade de adquirir o inteligível, que ainda não é possuído	<i>intellectus materialis aut possibilis</i> : recepção das formas nuas
<i>intellectus in effectum</i> (i.e. <i>em acto</i>): tem a forma inteligível, conhece e sabe que conhece	
<i>Intellectus in habitu</i> : com o inteligível já adquirido, mesmo quando não o está a usar, embora possa fazê-lo	<i>intellectus existens in habitu</i> : recepção das formas; compreende a essência das coisas e os princípios gerais ou primeiros das ciências
<i>intellectus adeptus seu accomodatus</i> (em potência perfeita): orientado para o inteligível recebido da inteligência agente (<i>accomodatus ab extrinseco</i>) e considerando-o directamente	<i>intellectus adeptus</i> : reúne e discerne princípios e conclusões conhecidos <i>intellectus accomodatus</i> : completo, sobre a discernimento e separação das coisas, dos princípios, das causas, dos efeitos e das conclusões, pelo pensamento actual. (cfr. <i>intellectus communis et excelsus</i>)

Mas, como notou João Ferreira¹²⁶⁴, Pedro introduz algumas modificações no esquema de Avicena: suprime o seu segundo grau (o *intellectus in effectum*) e divide o último de Avicena (*intellectus adeptus seu accomodatus*) nos seus dois últimos. A razão parece ser a mesma que em outros casos em que transpôs as posições de Avicena: limitar a dependência do intelecto possível em relação à inteligência separada e, ao mesmo tempo deixar aberta uma possibilidade para a iluminação do criador ou inteligência primeira.

Esta distinção dos graus de actualidade do intelecto possível é para Pedro, como para Avicena, uma «classificação das aptidões individuais»¹²⁶⁵ para a aquisição do conhecimento, o qual pode apresentar uma grande diversidade segundo as diferenças verificáveis entre os homens, como, demoradamente o demonstra. São estes graus que explicam que entre os homens há grande diversidade no que diz respeito à aquisição da ciência, na subtilidade, engenho, invenção, doutrina, e mesmo aprendizagem/disciplina¹²⁶⁶. Esta diversidade resulta do estado elevado da alma relativamente à inteligência, depende da sua maior ou menor, mais esporádica ou permanente conjunção com a inteligência agente (p. 406, 31-33). Quando a alma perfeita (*anima perfecta*) tem o hábito da sua conjunção com a própria inteligência sem muito esforço ou exercício, em que quase atinge a perfeição de todas as formas, de tal modo que o seu intelecto está quase sempre em hábito completo, e em que imediatamente alcança a

¹²⁶⁴ Ver sobretudo J. FERREIRA: *Presença do augustinismo avicenizante*, cit., pp. 26-33.

¹²⁶⁵ E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., p. 73 (onde aproxima Avicena e Alberto Magno). Sobre os quatro graus do intelecto possível ver a exposição de Gilson a pp. 70-74 do mesmo estudo. Vejam-se ainda e sobretudo os dois estudos onde se analisa não só a teoria de Avicena como a sua recepção na Idade Média latina: D.N. HASSE: «Das Lehrstück von den vier Intellekten in der Scholastik: von den arabischen Quellen bis Albertus Magnus», *Recherches de théologie et philosophie médiévales*, 66 (199) 21-77; IDEM: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp.

¹²⁶⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, p. 406, 118-20.

certeza de todas as questões, então nesse estado chama-se intelecto comum e excelso (*intellectus communis et excelsus*) e consiste na contemplação ou olhar supremo¹²⁶⁷. Pedro acolhe assim integralmente a teoria dos quatro estados do intelecto possível e algumas das suas consequências enquanto explicação dos estados místicos. Contudo também aqui é introduzida uma pequena grande diferença relativamente a Avicena, pois o grau mais perfeito não consiste na conjunção com a inteligência agente; a aptidão mais sublime da alma perfeita é aquela em que «a alma recebe da primeira inteligência a certeza e em cuja contemplação o intelecto se realiza na santidade¹²⁶⁸.» É certo que também aqui estamos perante uma teoria aviceniana: o intelecto santo (*virtus sancta*¹²⁶⁹), só que convém notar uma vez mais que em Pedro Hispano se trata da contemplação da primeira inteligência, o criador de tudo, e não de uma inteligência inferior ou criada e, por outro lado, Pedro nada diz sobre a restrição elitista de Avicena para quem nem todos os homens podem atingir este elevado grau de perfeição do intelecto, seguramente porque não lhe pareceria aceitável coarctar a possibilidade de qualquer homem aceder à contemplação de Deus, embora também seja certo que nem todos ascendem a esse grau de felicidade. Mas, essa é uma questão que terá resposta mais completa no domínio da razão prática.

2.4. O agir humano

A *Scientia libri de anima*, possui um inteiro tratado sobre as faculdades motoras intelectuais: «De virtutibus motivis intellectivis»¹²⁷⁰ em dez capítulos, onde o conceito de vontade ocupa um dos pólos organizadores da discussão, ao qual corresponde um tratado

¹²⁶⁷ «Censetur autem hec diversitas ex statu anime elevato ad aspectum intelligentie provenire. Nam cum anima perfectam habeat aptitudinem in sui coniunctione cum ipsa (intelligentia) sine multo exercitio et labore discipline aut inventionis, tunc quasi ad omnium formarum perfectionem attingit, ut eius intellectus quasi semper in habitu completo; cum enim anime est aspectus clarus et intelligibilis, affixus principiis, quasi ipsa sit in luce intelligentie inspirata ac accensa in festinatione ingenii ut fere omnium questionum certitudinem attingit, ei ab intelligentium (?) subito omnium noticia concurrente et in tali statu intellectus communis dicitur et excelsus; at vero aptitudo in supremo aspectu consistit» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, pp. 406, 31-407, 6; ver a continuação deste texto na nota seguinte. Note-se o ritmo da frase «Censetur..., at vero..., Verum...» segundo o modelo argumentativo em que Pedro Hispano propõe uma teoria de modo opinativo (“censetur”) para depois se afastar dela, ainda que ligeiramente.

¹²⁶⁸ (Continuação do texto da nota anterior:) «Verum altera [aptitudo] sublimior est in qua anima ex prima intelligentia certitudinem accipit et in cuius contemplatione intellectus in sanctitate perficitur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, p. 407, 7-9.

¹²⁶⁹ «Possibile est ergo ut alicuius hominis anima eo quod est clara et cohaerens principiis intellectibilibus, ita sit inspirata ut accendatur ingenio ad recipiendum omnes questiones ab intelligentia agente, aut subito, aut paene subito, firmiter impressas, non probabiliter, sed cum ordine qui comprehendit medios terminos (probata quae sciuntur ex suis causis non sunt intelligibilia). Et sic est unus modus prophetiae qui omnibus virtutibus prophetiae altior est. Unde conjure vocatur virtus sancta, quia est altior gradus inter omnes virtutes humanas.» AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, V, 6, vol. II, p. 153, 10-18.

¹²⁷⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 1-10, ed. Alonso, pp. 427-455.

homólogo relativamente à acção sensitiva: «De virtutibus sensibilibus motivis»¹²⁷¹ em sete capítulos, onde obviamente a vontade não tem lugar pois esta é uma faculdade intelectual. Na *Sententia cum questionibus in libros De anima* encontramos os conceitos de *motus* e *actio* constantemente invocados para a determinação da essência da alma e das suas funções, os quais reaparecem uma e outra vez como elementos de articulação no conceito de *voluntas* e das funções volitivas e intelectivas da alma, mas falta uma discussão coerente destes problemas, que talvez se encontrasse no comentário ao livro III, onde a propósito dos capítulos 9-11 do *De anima* de Aristóteles (432a15-434a22) se esboçava uma teoria da acção segundo o modelo da marcha, que os medievais aproveitavam para discutir o problema da acção livre e da vontade. Em outras obras atribuídas a Pedro Hispano a questão da acção determinada pelo intelecto parece ser apenas ocasional. Por essas razões será aqui dada atenção particular à *Scientia libri de anima*, mas também porque esta obra tem o interesse particular de o estudo da acção humana culminar numa teoria da máxima realização humana.

Pedro Hispano, na esteira de um tratamento que vinha sendo dado à questão desde o século XII, distingue claramente a acção sensitiva da acção intelectual. O quadro temático de estudo do agir humano, englobando a locomoção, o desejo, o exercício da vontade e do arbítrio, a consciência moral e a máxima felicidade possível ao homem, decorre na *Scientia libri de anima* numa confluência de problemas específicos de psico-bio-patologia, de gnoseologia e mesmo de teologia, senão mesmo da mística. É certo que um dos problemas a que a definição de vontade responde é o da existência de uma disposição ou apetite de um fim identificado ao bem, que é co-extensiva à própria existência de liberdade de desejo e de juízo no homem, culminando esse apetite em faculdades próprias da natureza humana que a inclinam para o bem, a saber a *synderesis* e a *ecclesis* ou *theophilosia*. Assim, na *Scientia* há pelo menos quatro planos problemáticos abertos pela explicação da acção determinada pelo intelecto: (1) a relação entre o conhecimento e a acção, (2) a natureza da própria vontade, (3) a liberdade do arbítrio, (4) o papel das paixões da alma intelectual, (5) a realização da máxima felicidade humana, e por fim (7) a teoria gnosiológica da linguagem interior da alma. Estas posições trazem consigo alguns dos mais importantes problemas filosóficos em discussão no século XIII.

É certo que a teoria da acção não suscitou a mesma intensidade de debate que outros problemas antropológicos, como a natureza da relação alma-corpo, ou o papel dos sentidos e da abstracção no conhecimento universal, ou a natureza do intelecto, nem tem merecido tanta atenção dos historiadores da filosofia como algumas das questões particulares que lhe estão associadas, como a liberdade do juízo ou a felicidade intelectual. Mesmo assim, o problema

¹²⁷¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1-7, ed. Alonso, pp. 275-293.

não deixa de conhecer importantes desenvolvimentos durante o século XIII¹²⁷². A complexidade do quadro filosófico da acção não é comparável ao dos problemas da alma relacionados com a questão do conhecimento, por várias razões, em particular porque a literatura filosófica greco-árabe traduzida nos séculos XII-XIII trazia poucas novidades ao tema da vontade e da liberdade do arbítrio, que, pelo contrário, tinham uma consistente tradição especulativa na cultura latina cristã desde a patrística. Aliás, são também patrísticos os textos traduzidos que mais elementos trazem para a discussão, como o *De natura hominis* de Nemésio de Emesa¹²⁷³ e o *De fide orthodoxa* de João Damasceno¹²⁷⁴. Na tradição latina sobressai o legado agostiniano, onde ocupam lugar de relevo obras influentes como o *De liberum arbitrium* e mesmo o *De Trinitate*. Por outro lado, a avalanche de traduções filosóficas com que o século XIII vê renovar os quadros da reflexão filosófica não são portadores de doutrinas novas que obriguem a uma intensificação do debate quer para aprofundar essas doutrinas quer para as refutar como aconteceu em relação a outros problemas antropológicos. É mesmo conhecido o lamento de Guilherme de Alvérnia que se escandalizava por os filósofos antigos terem negligenciado o estudo da vontade que, pelo seu lado, considerava a mais importante de todas as faculdades da alma humana:

«É contudo fonte de não pouca admiração que Aristóteles e os seus seguidores, os filósofos gregos e árabes, tenham investigado com maravilhoso interesse e cuidado a potência intelectiva, que é muito menos nobre. Mas, eles parecem não só ter negligenciado esta faculdade [isto é, a vontade], com não se preocuparam com ela, uma vez que nem consideraram que a deveriam mencionar, excepto talvez naqueles livros que se diz que eles escreveram sobre a moral e as virtudes. Mas, nos livros que escreveram sobre a alma e as suas faculdades e operações, nada deixaram para a posteridade sobre esta faculdade, embora estivessem em condições de a conhecer, uma vez que a beleza e dignidade da vida humana consiste sobretudo na sua rectidão e perfeição¹²⁷⁵.»

Há, assim, problemas que suscitam alguma perplexidade nos filósofos e teólogos do XIII, o menor dos quais não deixa de ser a necessidade de colmatar a ausência de uma doutrina aristotélica sobre a vontade, pois o que é dito no *De anima* quase reduz a vontade a uma espécie de apetite e o tratado de Avicena ou o comentário de Averróis pouco mais adiantam para lá do desejo e da acção sensitiva. Pedro Hispano, que considerava a *Scientia*

¹²⁷² E.-H. WÉBER, *La personne humaine*, cit., p. 449.

¹²⁷³ NEMÉSIO DE EMESA: *De natura hominis. Traduction de Burgundio de Pise*, ed. G. Verbeke — J.R. Moncho, cit., ver sobretudo os cap. XV-XLII, pp. 92-170.

¹²⁷⁴ JOÃO DAMASCENO: *De fide orthodoxa*, ed. E.M. Buytaert, cit., ver sobretudo os cap. 26-45, pp. 112-170.

¹²⁷⁵ GUILHERME DE ALVÉRNIA: *De anima*, III, 7, traduzido a partir de Guilherme de Alvérnia: *The soul*, transl., intro. Notes R.J. Teske, Milwaukee 2000, p. 125; cfr. *Guilelmi Alverni Episcopi Parisiensis Opera Omnia*, Orléans-Paris 1674, vol. II: *De anima*, VI, 1, 7, f. 95A.

libri de anima uma obra de filosofia, oferece-nos um interessante exemplo ao incluir na sua summa sobre a alma o referido tratado sobre o agir das faculdades intelectuais onde a vontade ocupa lugar de destaque, embora diga-se tratada de modo muito sumário.

Como Guilherme de Alvérnia intuía na passagem citada, a lacuna detectada no quadro aristotelizante da doutrina da alma obrigava a uma reformulação harmonizadora e a uma transferência de campo das doutrinas agostinianas e outras sobre a vontade ou a liberdade, provocando uma significativa mudança conceptual com a passagem das discussões outrora mantidas em campo espiritual e teológico (característico por exemplo das discussões dos séculos XI e XII, ou das *Sentenças* de Pedro Lombardo e das grandes sùmulas teológicas do século XIII) para um campo psico-filosófico, que não escusavam amplos recursos à medicina e à ética aristotélica.

Retrospectivamente, as condenações parisienses de 1270 e em 1277 podem indicarnos algo sobre os problemas em discussão nas décadas precedentes. Embora Pedro Hispano escreva muito antes destes acontecimentos, ele está bem no centro do movimento intelectual que sob o impulso dos novos textos faz abalar os fundamentos de uma doutrina que os teólogos pretendiam que fosse inquestionada.

Na condenação de 13 teses filosóficas em 10 de Dezembro 1270 pelo bispo de Paris, é atingida a defesa do necessitarismo da vontade, tese 3: «A vontade humana quer e escolhe por necessidade», mas também a passividade do livre arbítrio, tese 9: «O livre arbítrio é uma potência passiva, não activa, que é movida pela necessidade do desejo»¹²⁷⁶, ambas com evidentes repercussões na doutrina cristã da responsabilidade individual, cujos fundamentos minavam, segundo os teólogos. As duas teses referidas poderiam ainda ser associadas ao fatalismo astral da tese 4: «Tudo o que ocorre aqui em baixo [no mundo sub-lunar] está submetido à necessidade dos corpos celestes», e à limitação da providência divina da tese 12: «As acções do homem não são regidas pela providência divina». O que parece estar em causa parece ser o equilíbrio entre o determinismo e a liberdade da acção, que torna o homem responsável e passível de retribuição ou punição pelos seus actos.

Seis anos e poucos meses depois, em 17 de Março de 1277, o âmbito da condenação alarga-se a 219 teses reunidas por uma comissão e de novo a questão da espontaneidade da acção e da vontade está presente pelo menos em 19 delas¹²⁷⁷. No édito de 1277 as teses

¹²⁷⁶ E.-H. WÉBER, *La personne humaine au XIII.e siècle*, cit., p. 459; tradução das 13 teses em A. de LIBERA: *La philosophie médiévale*, (Premier Cycle) Paris 1993, p. 414.

¹²⁷⁷ Edição do libelo e comentário das teses condenadas em R. HISSETTE: *Enquête sur les 219 articles condamnés à Paris le 7 mars 1277*, Louvain-Paris 1977; nova edição crítica, tradução defronte e bibliografia sobre cada tese, seguida de estudo doutrinal em D. PICHÉ: *La condamnation parisienne de 1277. Édition critique, traduction française et commentaire historique-philosophique*, Paris 1999; tradução integral das teses em L.A de BONI: *Filosofia medieval. Textos*, Porto Alegre 2000: «As 19

relativas à vontade relevam da condenação do necessitarismo da acção e do determinismo astral¹²⁷⁸, que anulavam ou reduziam a espontaneidade e mesmo a autonomia da vontade na determinação da acção humana, fosse através do intelectualismo ou defesa de uma certa superioridade do intelecto sobre a vontade¹²⁷⁹, fosse pela sobredeterminação exercida pelo objecto apetecível¹²⁸⁰, ou pela força do desejo-apetite¹²⁸¹, ou por imposição das paixões/afecções da alma¹²⁸². Como sobre outros assuntos, as teses seleccionadas pelos censores dão-nos um quadro doutrinal que carece de coerência, porque as posições são díspares quanto à proveniências, não sendo necessariamente concordantes e convergentes, para além de, como têm referido os diferentes estudiosos, também não ser certo que algumas delas tenham sido defendidas por alguém sob estas exactas formulações. Mesmo assim, pelas razões da própria condenação, mostram-nos que em torno da acção humana se confrontavam posições díspares, a maioria das quais relacionadas com a questão da vontade, tendo como pano de fundo os problemas da liberdade e da responsabilidade individuais, quer ela fosse teoricamente limitável pelas paixões da alma, pela supremacia do intelecto, pela necessidade do apetecível, ou pela influência dos astros. Curiosamente, não é condenada nenhuma teoria sobre a acção corporal, embora esta fosse também objecto do interesse dos filósofos. É que, de facto, no dissídio entre filósofos e teólogos apenas a vontade e a liberdade do arbítrio estão em questão no que diz respeito à psicologia da actividade.

teses condenadas em 1277», pp. 271-294, onde se opta pela ordenação temática outrora proposta por P. Mandonnet, enquanto as duas edições anteriores adoptam a ordem dos manuscritos, segundo a qual são também a seguir citadas.

¹²⁷⁸ Incluem-se aqui as teses 132, 133, 161, 162, 195, 206, 207, 209; cfr. D. PICHE: *La condamnation parisienne de 1277*, cit., p. 160, n. 4. À margem, diga-se que Pedro Hispano na *Scientia* rejeita que as conjunções dos astros determinem o sexo do feto humano, cfr. *Scientia*, III, 5, ed. Alonso, p. 121, 5-11. Para uma interpretação ampla da questão da “influência astral” na filosofia dos séculos XIII-XIV, cfr. A. de LIBERA: *Penser au Moyen Age*, Paris 1991, pp. 246-298: «Le philosophe et les astres».

¹²⁷⁹ Vejam-se em particular as teses 30: «Se a razão é recta, também a vontade é recta» (segundo a explicação do *syllabus* a tese é errónea sobretudo porque vai contra uma glosa de Agostinho sobre os *Salmos* e porque este princípio dispensaria o auxílio da graça para a rectidão da razão, uma vez que lhe bastaria a ciência, o que equivale ao erro de Pelágio); 158: «Após ter decidido sobre algo que deve ser feito, a vontade não permanece livre (...)»; 159: «A vontade do homem é necessitada pelo seu conhecimento, tal como o apetite do animal», 163: «A vontade perssegue necessariamente aquilo em que a razão acredita firmemente e não pode abster-se do que a razão lhe dita. Esta necessidade não é uma coacção mas a natureza da vontade»; cfr. R. Hissette, ed. cit., e D. PICHE, ed. cit., nos locais respectivos das teses citadas (o mesmo para as notas seguintes).

¹²⁸⁰ Ver as teses 135 e 194.

¹²⁸¹ Ver as teses 134 e 164.

¹²⁸² Ver as teses 129 e 136.

2.4.1. Psicologia da actividade

Directa ou indirectamente é de Aristóteles e de Avicena que a *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano retirará a teoria do agir humano, mas agregando-lhe elementos de outras proveniências que a enriquecem.

Como vimos, a alma é causa primeira da vida do corpo do qual é. A definição aristotélico-aviceniana adoptada por Pedro Hispano tem directa relação com a explicação do fenómeno biológico, pois em primeiro lugar descreve a *vida* enquanto o que é próprio apenas dos seres animados, isto é dotados de alma. A alma, *actus primus*, é causa de algo que se manifesta no modo de existência de um dado corpo, a vida, mas também na sua acção. E os corpos manifestam a acção própria do mais alto grau de perfeição da alma que neles exista.

Anima igitur vegetabilis est prima perfectio corporis naturalis organici potentia vitam habentis, ei actum vite primum tribuens, opus conservationis per nutrimentum, opus perfectionis per augmentum, opus multiplicationis per generationem conferens. Anima vero sensibilis prima perfectio corporis naturalis organici potentia vitam habentis, ei actum primum vite conferens, ei formarum corporali materie particulari subiacentium apprehensione discretionem et indicium exhibens ac voluntarium motum. Anima vero intellectiva est prima perfectio corporis naturalis organici potentia vitam habentis, ei vitam exhibens et omnium formarum apprehensionem et universalium rerum speculationem et meditationum inventionem est tribuens ac motum voluntarium cum discretionem et electionem et arbitrii libertate¹²⁸³.

Pedro Hispano quer aqui sublinhar a hierarquia entre as três faculdades e que as faculdades inferiores se submetem à superior, por isso no homem todas obedecem ao império do intelecto¹²⁸⁴. Veja-se o ritmo de passagem, mas também a circularidade dos participios que descrevem o acto próprio de cada faculdade: *vegetativa*: tribuens / conferens; *sensitiva*: conferens / exhibens; *intelectiva*: exhibens / tribuens, em que o participio verbar que numa faculdade designa o princípio activo designa na seguinte o princípio cognitivo. Circularidade e hierarquia também sublinhadas pelo facto de cada faculdade incluir na sua definição a definição aristotélica de alma¹²⁸⁵.

¹²⁸³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, pp. 46, 27-47, 2.

¹²⁸⁴ A citação anterior prossegue com as seguintes palavras que concluem o capítulo sobre a distinção entre a vegetativa, a sensitiva e a intelectiva: «Est autem inter ipsas ordo naturalis. Nam vegetabilis omnes precedit, sensibilis vero intellectivam et ideo vegetabilis inest plantis duabus non concurrentibus. Sed sensibilis absque vegetabili non inest animalibus nec intellectiva homini absque utriusque concursu. Habent autem ad invicem necessitatem ordinis. Nam vegetabilis utrique in corporis regimine ac conservatione famulatur. Sensibilis vero [et vegetabilis] intellective in suis actionibus servitute primam amministrant.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 47, 2-10.

¹²⁸⁵ «(...) anima est actus primus corporis phisici potentia vitam habentis», ARISTÓTELES: *De anima* II 1; 412a27-28 (*transl. vetus*). Note-se que aqui Pedro prescindiu da referência à instrumentalidade do corpo.

Mas sobressai neste excerto uma espécie de classificação das faculdades da alma, construída sobre a homologia de estrutura de cada uma, onde convém reter o lugar da acção e a vontade como sempre paralela à apreensão e ao conhecimento.

Tripartição e hierarquia das faculdades da alma (*Scientia*, II, 1)

Anima vegetalis	tribuens —>	actum primum vite
	conferens	conservatio per nutrimentum perfectio per augmentum multiplicatio per generationem
Anima sensibilis	conferens —>	actum primum vite
	exhibens	discretionem et iudicium apprehensione formarum voluntarium motum
Anima intellectiva	exhibens —>	vitam
	tribuens	apprehensionem et speculationem et inventionem omnium formarum et universalium rerum motum voluntarium cum discretionem et electionem et arbitrii libertate.

Assim, as plantas ou vegetais possuem e manifestam a actividade que lhes é proporcionada pela alma vegetativa (vida, mas também nutrição, crescimento, reprodução); os seres dotados de sensibilidade possuem e manifestam a actividade que lhes é proporcionada pela alma sensitiva (vida, apreensão, movimento voluntário¹²⁸⁶); o homem, único ser composto dotado de intelecto, manifesta a actividade que por ele lhe é proporcionada (vida, conhecimento movimento voluntário). Este esquema pode ser completado ou pelo menos comparado com as classificações de faculdades da alma estudadas atrás, Mas, é importante notar mais uma vez que a alma do homem, sendo forma completa, determina todas as funções inferiores. Todas as disposições vegetativas e sensitivas se orientam quer para o conhecimento da verdade, quer para a execução ou busca de um bem superior, conhecimento e acção nos quais o próprio intelecto encontra a sua máxima realização. Como veremos, há, assim, um ponto onde conhecimento da verdade e realização do bem convergem.

O paralelismo e concomitância entre conhecimento e acção sublinhados com exuberância por este excerto, são constantemente sublinhados na *Scientia libri de anima*, seja ao nível sensitivo, seja ao nível intelectual, seja nas classificações de faculdades, seja nas respectivas definições.

De facto, Pedro Hispano descreve o agir sensitivo ou intelecto, após estudar as faculdade de apreensão e conhecimento, o que desde logo mostra uma certa dependência da acção relativamente ao conhecimento, que, por exemplo é integrado na causa do agir do

¹²⁸⁶ É motivo de perplexidade que Pedro Hispano atribua “movimento voluntário à alma sensitiva,

homem que tem domínio de si, da mesma forma que as formas e as “intenções” sensíveis são integradas na causa do agir sensitivo. Mas, esse paralelismo exige que se estabeleça uma conexão entre conhecer e agir, ou através de alguma faculdade, ou verificando qual depende de qual e sob que razão há comunicação entre o nível apreensivo-cognitivo e o activo, sob o risco de ser impossível explicar as causas da acção deliberada ou a própria responsabilidade em que se funda o agir do homem enquanto animal que vive em sociedade. São diversas as tentativas de explicação pondo em paralelo os planos activo e cognoscitivo, mas acaba-se sempre por ter de dar a primazia a um deles.

Esse paralelismo é mesmo justificado por uma certa necessidade natural, porque se há uma faculdade que dá a possibilidade de tudo conhecer, abranger e compreender, se não existisse a possibilidade de tudo querer, acabaria por tornar supérfluo e destituído de finalidade o conhecimento das próprias coisas, o que não poderia acontecer porque como o autor repete constantemente o criador ou a natureza não são ociosos, ou seja nada existe que não tenha um fim próprio que é realizar de modo completo o seu ser. Daí que, numa reentrada em cena do argumento do finalismo da natureza, seja necessário admitir que há na alma uma faculdade que dispõe à acção: a *virtus motiva*, ou faculdade que permite escolher ou recusar e que portanto é consecutiva ao conhecimento:

Nam ut ipsa [anima] cognitione omnium capax est, omnia circuit, omnia comprehendit, sic motu interni aspectus ad omnia movet hec eligens, hec refutans; ex perceptione enim affectio, ex affectione appetitus, ex hoc vero motus executio procuratur. Habet igitur ipsa motivam virtutem a qua emanat motus¹²⁸⁷

e no caso da alma intelectual a conexão é estabelecida seguindo o percurso da *percepção*, que provoca uma *afecção* à qual se segue o *apetite*, e é a partir deste que a alma busca a *realização do movimento*, que conduza à satisfação do apetite.

A compreensão do próprio movimento que emana desta faculdade é que fornecerá a chave da relação entre o conhecimento e a acção, identificando afinal qual é a sua origem ou causa.

2.4.1.1. Actividade vegetativa e actividade sensitiva

O primeiro nível de acção ou actualidade explicado por Pedro Hispano através da alma é a própria existência de vida num corpo atribuída pela presença da alma vegetativa enquanto sua forma, que concomitantemente o conserva pela nutrição, o perfecciona pelo crescimento, o multiplica pela geração:

¹²⁸⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI.1, ed. Alonso, p. 429, 6-11.

Anima igitur vegetabilis est prima perfectio corporis naturalis organici potentia vitam habentis, ei actum vite primum tribuens, opus conservationis per nutrimentum, opus perfectionis per augmentum, opus multiplicationis per generationem conferens¹²⁸⁸.

Esta descrição da alma vegetal ou vegetativa implica pois o tratamento separado das suas potências próprias, que Pedro Hispano fará no tratado III¹²⁸⁹.

A alma vegetativa é “forma do corpo vivo”, porque “lhe dá o acto de viver”, e viver é nos seres vivos o ser que provém da forma produtiva, ou seja provém da alma vegetativa¹²⁹⁰. Mas, para além de ser causa formal da vida, também é causa final do corpo, porque «o corpo e todos os seus órgãos se ordenam para ela e para as suas faculdades e operações, como para um fim (*finaliter*)», daí que possa ser retomada a ideia da instrumentalidade do corpo: «de facto, o corpo e todos os seus membros são seus instrumentos»¹²⁹¹.

A faculdade vegetativa tem três potências principais (*virtutes principales*): a nutritivas (III, 3), a aumentativa (III, 4), a generativa (III, 5), que entre si mantêm esta ordem ou hierarquia natural¹²⁹². A sua acção é explicada através de processos fisiológicos mais ou menos reflexos, verificáveis no funcionamento dos órgãos corporais, onde portanto não pode estar presente qualquer tipo de deliberação e menos ainda de conhecimento. Um suficiente panorama sobre a actividade fisiológica pode obter-se no grande quadro sobre as faculdades da alma apresentado atrás na secção 2.2. Aqui Pedro recorre a teorias médicas para explicar o funcionamento do corpo enquanto elemento natural, por isso explicado através da composição dos quatro elementos (terra, ar, água e fogo), dos temperamentos (combinações dos elementos primários: quente frio, seco e húmido), dos fluxos ou humores (sangue, espíritos), dos nervos e órgãos, dos membros, etc.¹²⁹³. Algum interesse merece a primeira das quatro (ou cinco consoante as diferentes classificações) operações pelas quais a nutritiva realiza o seu fim: é a “apetitiva” que deseja o alimento necessário e útil (*concupiscibilis*) e que procede por uma

¹²⁸⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 1, ed. Alonso, p. 46, 27-31.

¹²⁸⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 1-5, ed. Alonso, pp. 77-122.

¹²⁹⁰ «Est autem ipsa corporis viventis forma, cum ei det vivendi actum. Set vivere viventibus est esse quod a forma productiva procedit», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 2, ed. Alonso, p. 79, 27-28.

¹²⁹¹ «Set causa finalis dicitur eo quod corpus et omnia eius organa ad ipsam et ad virtutes et ad operationes eius finaliter ordinantur; corpus enim et omnia eius membra eius sunt instrumenta», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 2, ed. Alonso, p. 80, 6-9.

¹²⁹² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 2, ed. Alonso, p. 83, 8-28.

¹²⁹³ Pedro Hispano trata ainda como um nível elementar, comum e propriamente biológico do composto alma-corpo as potências *regitiva do corpo* (Tratado IV) e *vital* (Tratado IV) que apesar de não serem consideradas faculdades da alma vegetativa (ver a propósito o que disse atrás aquando da exposição de algumas anomalias na grande classificação das faculdades da alma) se enquadram nos princípios fisiológicos de explicação da acção do corpo.

modificação dos membros e que pela resolução deseja restaurar o que falta¹²⁹⁴. Nada mais é dito, mas o processo de *apetite* que conduz o corpo à obtenção do apetecido, sendo um *appetitus naturalis* pode enquadrar-se num sentido básico de apetite como a tendência de um ser para conservar o seu ser. Satisfeito o apetite, isto é alcançado o nutrimento, as sucessivas faculdades terão que desempenhar a respectiva função. É deveras significativo que a explicação da mais básica das acções realizadas pelo corpo resida no *appetitus*, ou desejo que orienta para um fim a obter ou a evitar. Exactamente o mesmo princípio que encontraremos na actividade sensitiva e intelectiva.

Pedro Hispano trata ainda como um nível elementar, comum e propriamente biológico do composto alma-corpo as potências *regitiva do corpo*¹²⁹⁵ e *vital*¹²⁹⁶, embora não sejam consideradas faculdades da alma vegetativa¹²⁹⁷. Para além de uma possível cedência ao gosto estético das simetrias, de modo a dedicar três tratados a cada uma das três principais faculdades da alma, parece estar aqui presente uma tentativa de conciliação entre diferentes tradições filosóficas e científicas de explicação do funcionamento do corpo. Diga-se que no comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano é liminarmente rejeitada a possibilidade de existência de uma *potentia regitiva* que precedesse e de onde procedessem as outras três principais¹²⁹⁸. Nestes dois tratados da *Scientia* Pedro Hispano acolhe a tradição médica, sobretudo a propósito da *virtus vitalis*¹²⁹⁹, potência que engloba a explicação do movimento cardíaco, da respiração e da pulsação¹³⁰⁰. Por esta razão a *virtus vitalis* deveria ser

¹²⁹⁴ «Appetitiva igitur nutrimentum desiderat, eius autem desiderium ex membrorum mutatione procedit, ipsa enim per resolutionem manca appetit restaurari.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 3, ed. Alonso, p. 93, 9-11. A definição em II, 3: «Appetitiva vero est virtus nutrimentum naturali animali desiderio concupiscens ut membrorum deperditionem patientium satisfaciat detrimento.», p. 50, 2-4.

¹²⁹⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IV, 1-4, ed. Alonso, pp. 123-134.

¹²⁹⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, V, 1-5, ed. Alonso, pp. 135-151.

¹²⁹⁷ De facto, estas funções não aparecem enumeradas na apresentação das «virtutes vegetativas» em II, 3, pp. 49-59, nem no resumo final das «virtutes et habitus anime» em II, 12, pp. 73-75.

¹²⁹⁸ Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 5, q. 5, sol., ed. Alonso 1944, p. 278, 12-21; cfr. acima as observações que se seguem ao esquema maior sobre as faculdades da alma.

¹²⁹⁹ A natureza médica desta potência é bem explícita em João de Rochela, que no seu tratado sobre as múltiplas divisões da alma a associa a Joanício (*Isagoge*) e a Avicena (*Canon medicinae*), cfr. a *virtus spiritualis sive vitalis* em João de Rochela: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, Paris 1964, II, ii, cap. XXVIII e XXX e XXXIV, pp. 104-108. Sobre a *virtus vitalis* e a sua correlação com a alma vegetativa e a sensitiva, ver Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lectio 9, q. 3, ed. Alonso 1944, pp. 726-727.

¹³⁰⁰ Ecoa aqui algo de Alfredo de Sareshel: *De motu cordis*, ed. C. Baeumker, Münster 1922, pp. 12-37 (confrontar com a *Scientia* pp. 141-145), mas as fontes de Pedro Hispano parecem ser mais extensas embora a explicação da acção do coração não tenha assinaláveis aspectos médicos, centrando-se também na natureza do movimento que ele possui e dele emana, no calor e na produção do espírito vital. A propósito da teoria do *spiritus* pode ser feita a mesma aproximação entre Alfredo de Sareshel

tratada no âmbito da sensitiva, pois não existem nos vegetais mas apenas em animais dotados de alma sensitiva, mas faltava também uma tradição que justificasse a integração destas potências na alma sensitiva. De qualquer modo defende que todo o movimento nos animais nasce do coração¹³⁰¹.

A existência do movimento local nos corpos dotados de sensibilidade, coloca um novo problema que é saber o que causa este movimento e como é que ele pode ser executado. Questão central para a compreensão da relação corpo-alma e alma-corpo, porque se é o corpo que age, é impossível que o possa fazer autonomamente, pois nesse caso não só a alma seria dispensável como seria necessário explicar essa causalidade autónoma da matéria corporal; por outro lado, se é a alma a determinar a acção, torna-se necessário explicar como é que a alma é primeiro afectada pelo corpo de maneira a verificar que precisa de executar alguma acção para obter o que está em falta ou para evitar o que poderia ser nocivo; seria ainda necessário explicar como é que a alma no seu interior pode decidir quanto a uma ou outra possibilidade de acção e, por fim, como é que a alma pode ordenar ao corpo a execução do movimento ou de uma determinada acção e como é que este o executa.

Há aqui um complexo de questões, cuja resposta apenas é possível decompondo os diversos níveis de movimento e de acção, que vão da simples acção reflexa e biológica, como os movimentos de sístole e diástole, que dependem da própria natureza do coração e nos quais não há a intervenção do apetite ou de uma decisão intelectual, mas o simples desejo natural das coisas para perseverarem no seu ser¹³⁰². Há também o movimento próprio dos animais dotados de sensibilidade, com muito maior diversidade, consoante o grau de perfeccionamento dos seus órgãos corporais e dos seus sentidos internos, podendo ser constatada já alguma deliberação prévia a certas acções, determinadas em geral para a satisfação sensual. Por fim, há o movimento ou acção orientado para um bem não sensual mas superior, de natureza intelectual cuja obtenção depende de uma decisão livre do agente.

Do cruzamento destes dois planos da acção (sensitivo e intelectual) nasce uma nova miríade de problemas. Por exemplo: Podemos dizer que ao nível corporal existe acção voluntária? Se não, o que é que determina o seu agir próprio? No homem o corpo age independentemente do intelecto ou sempre sob a sua orientação? Pode o corpo determinar a acção humana? Há afecções da alma que podem determinar o agir? O corpo pode afectar a

(pp. 37-62) e Pedro Hispano (passim e pp. 465-467, mas aqui a teoria dos três *spiritus* deverá ter também outras fontes), ou outras teorias como o calor vital e formação dos órgãos no embrião.

¹³⁰¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, V, 3, ed. Alonso, p. 144, 11-12.

¹³⁰² O apetite para perseverar no ser é próprio das criaturas: «Omni autem creature inest appetitus sui regiminis et conservationis ex industria naturali», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 3, ed. Alonso, p. 437, 3-4.

liberdade do arbítrio (Pedro Hispano nunca usa a expressão liberdade da vontade, mas apenas liberdade do arbítrio)?

Na *Scientia libri de anima* Pedro Hispano formula respostas a estas e outras questões, implícita ou explicitamente, não de uma forma autónoma mas no quadro da teoria geral das faculdades da alma. Na *Sententia cum questionibus*, o estilo literário-académico da obra e porque ao texto falta o comentário das partes onde Aristóteles trata mais directamente a questão da acção¹³⁰³, esses problemas apenas são tratados ocasionalmente e não nos autorizam a reconstituir com exactidão o pensamento do autor a propósito da acção, do movimento e da vontade. De facto, Pedro Hispano no *Comentário ao De anima* aborda de modo breve e lateral a questão da acção da alma¹³⁰⁴ e da relação da alma com o corpo no agir humano, numa perspectiva aristotélica, reduzindo ao mínimo a explicação da causa da acção.

Mas, a posição do autor é um pouco desconcertante, porque admite um certo movimento espacial da alma, embora um movimento espiritual, que é o que transmite o movimento ao corpo: «a alma move o corpo pelo movimento local e como move o corpo pelo movimento local e de algum modo, segundo a *apreensão*, move-se para o local para o qual move o corpo; move-se dirigindo-se a si mesma e dirigindo-se a si dirige o corpo para um determinado local, e assim move-se desde um local para outro por tendência (*per intensionem* / tendendo para) e desse modo move também o corpo. De facto, o movimento corporal e o local [ou posição] (*locus*) atribuem-se ao corpo, não à alma. Ora, deste modo, o movimento pelo qual a alma tem o movimento corporal não é propriamente um movimento, mas é um movimento de tendência (*intensionis*) e é espiritual. Além disso, [em sentido próprio] o movimento corporal apenas pertence ao corpo. Daí que a alma, antes de mover o corpo para um local, estima (estimat: ajuíza) aquela local e estima-se (estimat se: ajuíza-se) a si mesma naquele local antes mesmo de lá estar e por esta estimativa (estimatione: juízo) dirige o corpo para o lugar, por exemplo: se alguém quer ir a Roma, a sua alma primeiro estima (estimat: ajuíza) aquele local de Roma e move-se para ele tendendo (intendendo) e estimando ele mesmo e depois move o corpo para ele».¹³⁰⁵

Temos então esta sequência que conduz ao movimento corporal: a alma ajuíza (estimat) e em consequência dessa estimativa faz mover o corpo, movendo-se com ele. Ou seja, a alma usa o corpo para se mover. Este movimento da alma não é corporal (este é apenas próprio do corpo), é sim um «movimento espiritual» isto é segundo a *intensionem*

¹³⁰³ O texto conhecido deste comentário incompleto não abrange o livro III do *De anima*, pelo que não são directamente discutidos os problemas sobre o agir dos respectivos cap. 9-11.

¹³⁰⁴ «utrum anima moveatur aliquo modo motu locali», Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. I, lect. 15, q. 6, ed. Alonso 1944, pp. 481-483.

¹³⁰⁵ Idem, *ibidem*, sol., p. 482, 11-28.

(intenção/vontade) e a apreensão que é o que é próprio da alma quando se move e dirige. «De facto, assim que apreende o lugar imediatamente estima (estimat: ajuíza) o modo da via para o lugar e dirige-se por estimativa (per estimatione: pelo juízo) para ele e estima-se estar naquele lugar antes de lá estar e segundo esta estimativa *dirige* e *move* o corpo para o lugar e por isso se diz que move localmente o corpo segundo esta estimativa» (Ad rationes, 482,34-483,4). Portanto, o movimento corporal local compete ao corpo enquanto seu sujeito no qual existe (subiecto in quo est) e compete à alma enquanto princípio que regula, concretiza e intende (sicut principio regulanti, et effectivo et intendenti) (idem, 7-10). Portanto a alma apenas participa do movimento local na medida em que move o corpo localmente. Esta explicação enquadra-se perfeitamente na concepção platónica da do home como “alma que habita um corpo”, sendo este um mero instrumento da alma.

A questão do movimento e da acção é muito mais desenvolvida na *Scientia libri de anima*, onde, para além do estudo do regime orgânico e reflexo do corpo, é dedicado todo o tratado VIII ao agir animal ou sensitivo (*De uirtutibus sensibilibus motivis*)¹³⁰⁶, enquanto o tratado XI se ocupa das faculdades motoras intelectivas (*De uirtutibus motiuis intellectiuis*) integrando a discussão do agir humano no plano da vontade enquanto relacionada com a liberdade e a responsabilidade, que consuma a acção própria do homem¹³⁰⁷.

O *Liber de anima* de Avicena, uma das fontes preferenciais de Pedro Hispano, na questão das faculdades motoras é muito breve¹³⁰⁸, apesar de a sua obra ser sobretudo um estudo da sensibilidade¹³⁰⁹. Desde logo as potências motoras apenas se encontram no homem na medida em que a alma está unida ao corpo (V 4; 59-61), podendo daí dizer-se segundo Gérard Verbeke que, neste autor, a presença das faculdades mostra como a matéria pode ser colocada ao serviço da alma. O acto motor não resulta das potências apreensivas (que apenas ajuízam e apreendem), mas decorre do querer (*velle*) que se segue à percepção que o animal ou o homem têm de que querem algo. É a potência apetitiva. Assim, a acção decorre em três etapas: (1º) o desejo, que se pode manifestar sob duas formas: appetite concupiscível¹³¹⁰ e appetite irascível¹³¹¹; (2º) o “concurso unânime” ou “concentração de forças” (a que o tradutor

¹³⁰⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1-7, ed. Alonso, pp. 275-293.

¹³⁰⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1-10, ed. Alonso, pp. 427-455.

¹³⁰⁸ AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, IV, 4, vol. II, pp. 54-67, cfr. a exposição sintética em I 5, vol. I, pp. 82-83.

¹³⁰⁹ Cfr. G. VERBEKE: «Le *De Anima* d'Avicenne: une conception spiritualiste de l'homme», em Avicenna latinus, *Liber de Anima*, ed. S. Van Riet, Vol. 2:, IV-V, 1968, pp: 1*-73*, em particular as pp. 58*-59* de onde é retomado o resumo que aqui se dá sobre as potências motoras sensitivas em Avicena.

¹³¹⁰ *Vis concupiscibilis*: que compele (imperans) ao movimento para obter o que considera necessário ou útil (I 5; p. 83)

¹³¹¹ *Vis irascibilis*: que compele (imperans) ao movimento para repelir o que considera nocivo ou corruptor.

chama em latim *desiderium* ou *voluntas*, mas parece bem distinto do que a tradição cristã teorizava sob este conceito; a sua presença indica apenas que não há uma relação directa entre o desejo e a execução); (3º) a execução do movimento pelos músculos. A potência motora sensível (vis motiva) está infusa nos nervos e nos músculos que contrai ou relaxa para a realização da acção (p. 83, 52-55). A terminologia usada pelos autores dá azo a que surjam referências a uma vontade sensitiva, quando tradicionalmente a vontade é considerada um acto do intelecto

Para retomar a *Scientia libri de anima* e depois de termos visto atrás em que consiste o regime do corpo pela vegetativa, recapitulemos num breve quadro as funções activas e motoras da alma nesta obra:

As faculdades da alma e a acção na *Scientia libri de Anima*

<i>Faculdade</i>	<i>Natureza</i>	<i>Função</i>
Vegetativa / Regitiva (Tr. III-V)	biológica	regime do corpo
Sensitiva motora (Tr. VIII)	sensitiva	determina o movimento local
Intelectiva motora (Tr. XI) (vontade, livre arbítrio, sindérese)	intelectiva	ordena o homem para o sumo bem

Em primeiro lugar centremo-nos na volição sensitiva, ou acto apetitivo sensitivo, aquele onde o corpo se impõe como motor e beneficiário do agir e que no caso do homem, pelo menos por vezes, parece furtar-se ao império do intelecto e da vontade, faculdades da alma que no homem determinam a possibilidade do acto livre.

A acção é compreendida e teorizada não como o simples resultado de disposições naturais, ou de instintos, ou a resposta a estímulos que dada situação ou estados de natureza possam provocar, mas sim como resultado de uma decisão ou escolha do agente. Deste modo no centro do problema não é colocada a natureza ou a necessidade, mas sim a identificação dos princípios psicológicos em que se joga a deliberação e a escolha. A este propósito colocam-se diversas perguntas: como é que é possível uma tal acção? Como é que as normas ou regras ou princípios se podem sobrepor a, ou contrariar, disposições naturais? Quais são esses princípios ou regras? Há situações em que a escolha está totalmente livre de constrangimentos? Qual é o seu fim? É possível agir contra a melhor deliberação do intelecto? Começando no plano da natureza, somos conduzidos a terminar a resposta no domínio da ética.

Numa primeira abordagem, a questão discute-se no quadro das faculdades motoras sensitivas, que, sendo características da faculdade da alma humana que precede o intelecto, colocam directamente o problema da possibilidade da existência de uma vontade pré-racional, que implicaria a existência paradoxal de uma certa escolha, não determinada por princípios e

pelo apetite racional, mas por exemplo apenas pela distinção entre o agradável e o desagradável, o útil e o nocivo. Indirectamente coloca-se o problema da existência de autonomia volitiva ou deliberativa do corpo ou das suas faculdades sensitivas face ao intelecto. Antes de alcançar estes problemas que permitirão estabelecer uma ponte com a parte relativa à vontade, será necessário percorrer os elementos basilares da psicologia petrínica da actividade.

Nos capítulo 10 (433b13-434a21) do livro III do *De anima* de Aristóteles, a locomoção, o andar, é o modelo explicativo da acção que se segue a um desiderato, é da compreensão do movimento que se conclui uma ligação entre uma certa apreensão e a acção determinada pela alma. A análise do movimento permite apreender a presença de actos deliberativos no nível sensitivo do homem, oferecendo ainda a oportunidade para traçar os diferentes níveis ontológicos e epistemológicos de compreensão do movimento, passando-se da análise e descrição do *motus* (movimento físico) para o *motus progressivus* (a marcha), entrando-se assim no domínio da biologia, cuja relação com a filosofia é relevante, mas também da anatomia e claro da psicologia. Pedro Hispano adopta o mesmo método para explicar a acção humana? Não, pelo contrário o movimento processivo, a marcha, é apenas um exemplo explicável a partir de definições previamente dadas¹³¹². Assim, como nos restantes casos, o ponto de partida de Pedro é a determinação da existência de uma dada faculdade, fazendo decorrer dos seus pressupostos a explicação finalista do tipo de acto que dela resulta.

É também assim que Pedro descreve a causalidade motora sensitiva: para que o acto de apreensão não seja frustrado ou fique incompleto, é necessário que exista nos animais uma potência motora para que com o seu concurso sejam alcançadas as coisas apetecíveis (i.e. as que devem ser escolhidas) e repelidas as que se devem evitar¹³¹³. Seguindo a posição aristotélica, a alma define-se pelo conhecimento e pelo movimento (p. 278). Ora, há três movimentos que nos animais emanam da alma: (1) a vida, movimento primeiro e universal,

¹³¹² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 6, ed. Alonso, pp. 290-291 e também aqui se explica a locomoção, que apenas existe nos animais perfeitos, não pela tentativa de compreensão da sua fenomenologia mas em resultado da sua definição ou das características da faculdade de que depende.

¹³¹³ «Apprehensio vero est actus aliena investigans obiecta, que ex cognitionis iudicio prosequenda aut fugienda censentur. Ut non sit apprehensionis actio frustratoria, necesse est virtutis motive opus concurrere eius intentionem complens eligenda prosequens ac fugienda repellens.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1, ed. Alonso, p. 277, 14-16. O capítulo abria com uma solução criacionista: a alma tem uma faculdade motora porque assim foi determinado pela providente lei da natureza (p. 277, 3-4)

contínuo e uniforme; (2) a inclinação própria de cada faculdade e de cada órgão para o seu acto próprio; (3) o que procede da faculdade motora regida pela vontade¹³¹⁴.

A apreensão não consegue por si causar o movimento, porque se realiza na simples recepção das “impressões dos objectos”, pelo que existe uma potência motora dela distinta.

Contudo não estão separadas, pelo contrário: «O acto das faculdades apreensivas ordena-se para a tarefa a realizar (*officium*) pelas motoras, em cujas obras (*operibus*) se realizam as acções (*actiones*) delas; de facto, o conhecimento, de cujo acto provém o desejo (*desiderium*), completa-se plenamente na execução das obras», que se concretizam pela obtenção da coisa desejada e a recusa da horrível¹³¹⁵.

Portanto, o conhecimento tem sempre como fim a acção e a acção realiza plenamente o conhecimento. A ordem das coisas indica que o conhecimento precede a acção e que não há acção ou movimento sem um conhecimento ou afecção que suscite um desejo, o qual desencadeia a sequência de actos internos da alma que conduzem à deliberação e consequente activação das disposições que provoquem a sua execução. Temos aqui a explicação da co-causalidade do movimento e da acção sensitiva, e dado o modo como é formulada não é ilegítimo extrapolá-lo desde já para a compreensão da relação entre o conhecimento intelectual e a acção correspondente, embora haja a esperar diferenças significativas, porque há aqui um nível de absoluta não materialidade e o intelecto não tem órgãos para realizar a sua acção, ao contrário da alma sensitiva. Tal como para Aristóteles, o órgão fundamento primeiro desta potência é o coração, mas, acrescenta Pedro, o cérebro é a sua sede imediata, do qual, por intermédio dos nervos motores, emanam as operações dos sentidos e do movimento, difundindo-se depois aos membros, onde se exerce depois o movimento por dilatação e contracção (279, 20-28), daí que a faculdade motora sensitiva tenha duas diferenças ou faculdades: (1ª) a imperativa do movimento, é causa do movimento em direcção às coisas desejadas concebidas pela apreensão e (2ª) a executiva do movimento, que produz o movimento executado pelos órgãos e membros.

Pedro descreve a acção sensível como resultado de uma perfeita coordenação entre as faculdades apreensivas interiores e as faculdades motoras interiores. Propondo mesmo a duplicação de funções dos sentidos internos, na esteira do que fizera Avicena¹³¹⁶. Assim, a *imaginativa* (o sentido interior receptivo das formas sensíveis) e a *estimativa* (o sentido

¹³¹⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1, ed. Alonso, p. 278, 8-14.

¹³¹⁵ «Virtutum vero apprehensivarum opus ad motivarum officium ordinatur, in quarum operibus earum actiones suscipiunt complementum, nam cognitio ex cuius actu provenit desiderium, in operis executione completur, cum res desiderata acquisitionis et res horribilis fuge et expulsionis effectui mancipatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1, ed. Alonso, p. 279, 5-11.

¹³¹⁶ Sobre a decisão e a causa do movimento corporal no quadro da teoria dos sentidos internos, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 139-140.

interior receptivo das “intenções” insensíveis conexas aos sensíveis) quando ajuízam (por composição e divisão) sobre as formas e as intenções são apreensivas; mas, quando deliberam a escolha ou a rejeição e levam a agir são motoras. Daí a existência de duas faculdade motora dispositiva dupla:

— a imaginativa (no homem é cogitativa porque está sob a direcção do intelecto) que considera as formas sensíveis, da qual se segue o prazer, o horror e o apetite (localiza-se na parte anterior superior da célula média do cérebro)¹³¹⁷.

— a estimativa (no homem é estimativa racional porque está sob a direcção do intelecto) que sobre o seu objecto exerce a escolha ou a rejeição (localiza-se na extremidade da célula média do cérebro e a sua acção exerce-se por influência nos nervos motores)¹³¹⁸.

Há, portanto, uma homologia entre a imaginativa apreensiva e a imaginativa motora, como entre a estimativa apreensiva e a estimativa motora.

Desta faculdade dispositiva resultam muitos actos nos animais: edificação de ninhos pelas aves, constituição do mel e do domicílio das abelhas, constituição dos celeiros das formigas, etc. De facto ela dirige toda a acção nos animais, e os exemplos são todos de acções instintivas dos animais, mas como no homem é a intelectiva que governa sobre esta faculdade, também o seus actos deverão ser diversos.

Sem entrar neste pormenor, convém ter presente que existe ainda na alma sensitiva uma faculdade afectiva, relacionada com as afecções ou paixões da alma, as quais resultam quer de impressões das coisas exteriores, quer das concepções das interiores, e que geram movimentos internos, por isso essa faculdade ocupa um lugar intermédio entre diversas faculdades sensitivas¹³¹⁹. Como as afecções advêm ao corpo pela apreensão são próprias de ambas (i.e. do composto e não apenas de um deles). As paixões são de diverso tipo: *espirituais*: imaginação, desejo, ira, gáudio e restantes acidentes da alma; *corporais*: sono, vigília, etc; *comuns*: dor, riso, choro, etc. Mas, se algumas existem em todos os animais, outras só estão presentes nos mais perfeitos, como as que no homem se coadunam ao intelecto¹³²⁰.

A realização das potências motoras ocorre na acção (ou sua execução actual), daí que exista a potência motora executiva do movimento, enxertada/ínsita nos membros e que concretiza as inclinações e disposições e realiza as escolhas e rejeições. O seu fundamento é o coração, a sua origem segunda é o cérebro, mas na execução da acção intervêm todos os

¹³¹⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 2, ed. Alonso, p. 281, 6-28

¹³¹⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 2, ed. Alonso, p. 281, 19-282, 6.

¹³¹⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 3, ed. Alonso, pp. 283-284.

¹³²⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 4, ed. Alonso, pp. 285-287, que termina com uma minuciosa lista das afecções da alma sensível (*passiones animae*), definidas uma a uma e acrescentando o autor que existem muitas outras que se reduzem às que foram expostas.

componentes do corpo: nervos, veias, artérias, carne, ossos, cartilagens; move-se toda a máquina (tota machina) por distensão e contracção pelo coração e ligamentos¹³²¹. A locomoção ou marcha apenas existe no animais mais perfeitos, e como se disse atrás surge aqui como o exemplo de acção sensitiva¹³²². Nos animais imperfeitos, apenas dotados de tacto e talvez de gosto, o movimento ocorre por por dilatação e contracção¹³²³. Encontramos aqui elementos retirados provavelmente dos escritos zoológicos de Aristóteles, de literatura médica, mas também do *Liber de anima* de Avicena. De qualquer modo, nestes capítulos é mais breve que em outros sobre as funções orgânicas e propõe um encadeamento de definições, mesmo de excertos ou resumos cujas origens talvez venha a ser possível detreminar com mais rigor no âmbito de uma pesquisa das fontes.

2.4.1.2. Da vontade à liberdade do arbítrio

A *vontade* é o conceito chave para a compreensão da acção dos seres racionais, nos quais é concomitante ou determinada pelo intelecto.

O termo vontade (*voluntas*) recobre nos autores latinos antigos e medievais uma série de diferentes sentidos, consoante os contextos. Édouard-Henry Wéber, numa breve entrada de enciclopédia, distinguiu três: 1) faculdade de agir própria do homem e que o torna livre; 2) acto desta faculdade, em referência a um objecto de volição; 3) disposição latente que orienta para um tipo determinado de fim ou bem¹³²⁴. Embora o mesmo termo *voluntas* sirva para recobrir diferentes factos e estados de coisas, o que desde logo origina múltiplas dificuldades, o vocabulário da vontade não deixa de possuir uma complexidade desconcertante, que está na origem de não poucos diferendos e discussões. Os contextos de discussão e as tradições doutrinárias estão na origem destas diferenças de vocabulário que se prolongam em diferenças filosóficas.

A própria integração da questão da vontade numa teoria da alma e do homem tem as suas dificuldades, como mostra o pensamento cristão desde a antiguidade patrística mais remota. No século XIII a integração do problema nas obras sobre a alma é lenta, ao passo que era um tema abundantemente tratado nas obras de teologia, sob a influência tutelar de Agostinho de Hipona. Enquanto que é uma constante da filosofia latina cristã, a integração da vontade entre as faculdades da alma, ela está ausente das classificações aristotélica e peripatéticas. Em geral era sempre tratada em correlação com a liberdade do arbítrio e em

¹³²¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 5, ed. Alonso, pp. 288-289.

¹³²² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 6, ed. Alonso, pp. 290-291.

¹³²³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 7, ed. Alonso, pp. 292-293.

¹³²⁴ É.-H. WÉBER: «Voluntas (volonté)», em S. AUROUX (dir.), *Les notions philosophiques. Dictionnaire*, Paris 1990, t. 2, p. 2761a.

desde o século XII em alguns autores aparecia em conjunto com a *sindérese*, ou inato desejo do bem no homem. Pedro Hispano pertence a este grupo.

Como em outras questões há a habitual diversidade entre autores medievais a propósito da vontade, mas as suas formas de abordagem do problema não são assim tão diversificadas. Robert Pasnau num breve artigo sobre Pedro de João Olivi (1247/8-1296) esquematiza as duas vias usadas pelos filósofos para abordar o problema da vontade livre e que estão na base dos debates que o envolvem. Uns tratam o problema “de cima para baixo” (*from top-down*), isto é, preocupam-se em primeiro lugar com a determinação da natureza da liberdade humana e depois com a compreensão das condições a que acção humana deve corresponder enquanto acção livre e moralmente responsável. Outros tratam a questão “de baixo para cima” (*from ground-up*), isto é explicam a acção humana descrevendo as diferentes faculdades nela envolvidas e as mútuas relações causais, de modo a explicar como o ser humano age livremente, em função da causalidade inerente a cada faculdade¹³²⁵.

Na *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano, a acção (e, no fundo, tudo o que é tratado na obra) é explicada “de baixo para cima”, isto é, determinando as faculdades envolvidas na acção e qual a sua função causal, através de um complexo de relações entre as diferentes faculdades e os seus actos e objectos próprios. Segundo o padrão de Pasnau isto também quer dizer que no modelo *down-top* a elaboração doutrinal e a especulação são ténues pois não há aqui tanto um processo a compreender, mas sobretudo um esquema a aplicar. Isso é, como temos visto, o que ocorre de facto ao longo de toda a obra.

O Tratado XI ocupa-se, então, das faculdades motoras intelectivas, onde, para além da vontade surgem outros temas. Poderíamos dividir o Tratado XI nas seguintes partes, sem que

¹³²⁵ «Philosophers who take the ground-up approach provide comprehensive accounts of the various faculties involved in human action, and the causal relationship between those faculties. With their intricate theory established, these philosophers crown their efforts by explaining how all of this allows human beings to be free. Other philosophers take a top-down process to construct theories that ensure these requirements. They begin by declaring what human freedom requires and proceed to construct theories that ensure these requirements are satisfied. Philosophers who work from the bottom-up take as fundamental certain causal assumptions, and certain principles of explanation. For them, any theory of human freedom must meet these fundamental constraints. Top-down philosophers take as fundamental the experience of freedom, and the reality of moral responsibility. For these philosophers, the details of action theory must be worked out in such a way as to honor the moral and experimental data», R. PASNAU, «Olivi on Human Freedom», em A. — S. PIRON (ed.): *Pierre de Jean Olivi (1248-1298). Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société. Actes du Colloque de Narbonne (mars 1998)*, Paris 1999, pp. 15-25, cfr. p. 15. Pedro Olívio procede “from top-down” e defende que a vontade se determina a si própria, porque é primeiro motor da acção (*first mover*), que no seu acto não necessita de qualquer outra causa eficiente senão ela própria e nem necessita de um prévio acto volitivo, mas apenas do seu próprio poder (cfr. pp. 17, 22-25). Daí que Pasnau defenda mesmo que a característica mais marcante das teorias medievais “top-down” não é apenas o destacado lugar da vontade na acção humana, mas sim que aí «the will functions as an unmoved mover, a first cause that is entirely sufficient as an explanation of free choices» (idem, p. 22).

se encontre solução de continuidade entre elas, para lá da articulação entre a primeira e a segunda: a volição intelectual (cap. 1-2) // vontades (cap. 3-5) // virtudes teológico-morais (cap. 6-9) // paixões do intelecto (cap. 10) // discurso interno da alma (cap. 11). É um facto que o autor já havia tratado e com relativo desenvolvimento a acção sensitiva, que é também uma parte importante da acção humana e por isso era redundante voltar a esses actos, bastando enquadrá-los com uma breve descrição da vontade, que é a faculdade que no homem impera sobre a acção sensitiva e para isso parecem bastar os breves enunciados e classificações dos três lacónicos capítulos dedicados aos três tipos de vontade. De qualquer modo, a leitura deste tratado XI deixa uma impressão de insuficiente articulação entre os seus capítulos, ao contrário do que sucede em todos os outros onde há em geral grande cuidado nas ligações entre partes e capítulos. Se compararmos o conteúdo do tratado com a grande classificação das faculdades da alma do capítulo II 2, também verificamos que ele está longe de corresponder àquilo que ali se havia anunciado, ao mesmo que lhe acrescenta temas que não estavam ali inseridos. De qualquer modo, sobressai do tratado XI uma evidente intenção de tratar estas faculdades já no plano da realização do homem.

Na *Scientia* a faculdade da *vontade* está no centro da explicação da acção determinada pelo apetite do intelecto ou das suas escolhas, para além de tender a transformar em faculdade o que outros autores consideram um *habitus* ou um *status*. É em seu redor que gravita também a compressão do livre arbítrio, mas é também o conceito que está no horizonte da acção instintiva e animal, que também existem no homem.

Se bem que já ao nível sensitivo e em relação à deliberação da acção haja sempre uma precedência do conhecimento ou da “agitação prévia” da alma suscitada pelas afecções, não se segue daí que esse princípio seja suficiente para compreender a acção própria do homem, porque ela não está sujeita às mesmas determinações biológicas ou instintivas, ou se está consegue contrariá-las. Mas, de onde vem ao homem este poder de se furtar na sua acção aos instintos ou ao determinismo sensitivo?

O intelecto humano realiza-se plenamente no concurso da apreensão e do movimento: pela apreensão eleva-se ao *conhecimento* das coisas e à contemplação e embeleza-se pela ciência, pelo movimento prolonga-se na *acção* e completa-se na aquisição das virtudes, pelas quais se ganha o dote ou a recompensa da felicidade¹³²⁶.

Como já vimos, pelo facto de pelo conhecimento a alma tudo poder devir, tudo poder abranger e compreender, também pelo seu movimento interno move relativamente a todas as coisas, escolhendo umas, rejeitando outras: da percepção resulta uma afecção, da afecção resulta o apetite, e deste a execução do movimento. Esta a razão pela qual na alma deve existir

¹³²⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, prol., ed. Alonso, p. 427, 3-7.

uma faculdade motora, da qual provém o movimento. Ora, como ela existe em todos os animais, não é própria do intelecto pois é também comum à sensitiva, embora o movimento esteja reservado aos animais mais perfeitos. Trata-se então de saber de que faculdade provém o movimento existente nos animais. Concluirá sucessivamente que (1) não provém da faculdade vegetativa porque esta carece de apreensão; também (2) não provém da sensitiva, porque há animais que dele carecem e permanecem imóveis; (3) “a intelectiva também não é princípio deste movimento, porque esta faculdade discerne o verdadeiro (*verum discernit*) e especulando não ajuíza sobre o que deve ser elegido [*corr*: *elligendum*, *non intelligendum*] ou evitado, nem prescreve (*precipit*) a execução, nem realiza (*adimplet*) nem move o membro destinado a agir, uma vez que o movimento se dirige para o bem actual com eleição ou fuga pela execução do acto”; (4) também não provém do intelecto especulativo, porque este ao prolongar-se na acção devém intelecto prático e neste estado a sua função é apenas discernir o bem do mal, mas não causar o movimento¹³²⁷.

A argumentação de Pedro Hispano, é uma paráfrase muda da própria argumentação de Aristóteles sobre a determinação da causa do movimento¹³²⁸. E tal como Aristóteles, Pedro concluirá que o movimento provém do apetite, mas com o concurso da sensitiva e do intelecto: «Procedit autem ipse ab appetitu. (...) Est autem appetitiva intellective et sensitive communis que hominibus et brutis inest, principium huius motus.» (430, 27-29). Pedro acrescenta apenas a demonstração de que no homem devem ser distinguidas a apetição sensitiva e a apetição intelectiva. Esta distinção é fulcral porque fará da apetição intelectiva, portanto apenas existente no homem, uma outra faculdade: precisamente a vontade. As faculdades motoras sensitiva e intelectiva, embora coexistam no homem, são distintas se bem que o movimento convenha a ambas, mas convém-lhes através de duas diferentes faculdades: *a)* uma *afectiva*, que já encontrámos nas faculdades sensitivas motoras (431, 17-20); *b)* outra *voluntária* que é própria do intelecto e que, como veremos, exerce a sua acção sobre as sensitivas. A *vontade* pode ser débil (*debilis*) ou robustecida (*roborata*), em que apenas é diferente a execução do acto. É o desejo de execução que robustece e consoma a vontade, mas por vezes a vontade não deseja a execução da coisa. Para mover ao acto a vontade tem duas faculdades: (1) a *concupiscível*, orienta-se para a obtenção do útil, verdadeiro ou aparente, e dela provém a tensão (*intensio*) da vontade para a concupiscência; (2) a *irascível*, orienta-se para a recusa do que é verdadeira ou aparentemente nocivo e dela procede a tensão da vontade

¹³²⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, pp. 429, 11-430, 25.

¹³²⁸ Aristóteles: *De anima*, III, 9, 432b7-433a6. Sobre a psicologia do movimento em Aristóteles, cfr. D. ROSS: *Aristóteles*, cit., pp. 152-153; são também particularmente úteis e ricos os comentários de R. Bodéüs à sua tradução do *De anima*.

para vingar/castigar (ad vindicandum)¹³²⁹. Pedro termina este excursus inserido na argumentação de Aristóteles evocando a opinião daqueles que dizem que é ofício da inteligência separada dirigir o movimento e as afecções das faculdades motoras, para dizer que na verdade a alma parece receber auxílio de todas as inteligências, e na verdade beneficia principalmente (potissime) da direcção da primeira inteligência em cuja bondade se realiza¹³³⁰.

Pedro regressa então à consideração do objecto natural, chamemos-lhe assim, das faculdades motoras. Esse objecto próprio das faculdades motoras que operam pelo apetite é o bem, porque é desejado por todas e no homem o desejo do bem está inscrito no apetite que atrai o verdadeiro bem:

Commune vero obiectum motive virtutis bonum est. Nam cum illud ab omnibus desideretur, primo in appetitum cadit; eius vero desiderium humano appetitu est insertum quern verum bonum allicit. Set ipsum se ad apparentia bona devius error obvolvitur. Ad verum igitur bonum appetitus rationis certitudine ductus, ad apparens virtutum obliquitate devians inclinatur; appetitus igitur generale principium bonum est¹³³¹.

O apetite é o princípio geral da acção e o bem é o seu objecto geral. Ou seja: toda a acção resulta de um apetite que tem como objecto um bem. E no apetite próprio ao homem está mesmo inscrito o desejo do verdadeiro bem. Pedro Hispano, que acompanha a argumentação de Aristóteles que, repita-se, procura explicar a acção através do modelo do movimento, alarga o seu campo pois o que o autor latino pretende é determinar qual a diferença própria da acção humana e não apenas a causa do movimento corporal. E aqui abre-se o campo da moral ao considerar que o erro ocorre quando se afasta ou desvia do verdadeiro bem preferindo os bens aparentes. Pelo contrário, a procura do verdadeiro bem é conduzido pela certeza do apetite racional, enquanto que as faculdades declinam ao procurar o bem aparente. Mas em qualquer dos casos o bem é o princípio geral do apetite, exactamente a conclusão a que Aristóteles também chegara, embora não mencionasse neste contexto um verum bonum ou o bonum que determina a acção humana, mas simplesmente o bonum para que tende o movimento e o causa como seu princípio que excita o apetite.

No entanto e apesar de estar inscrita na apetição intelectual o apetite do verdadeiro bem, ela pode declinar, uma vez que pode decair do seu estado, atraída pelas faculdades inferiores, isto é por cedência à sensualidade, enfraquecida pelo desejo do bem aparente:

¹³²⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, pp. 430, 30-432, 2.

¹³³⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 432, 3-13.

¹³³¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 432, 14-20.

Quoniam vero appetitiva intellectiva in suo statu ad bonum simpliciter verum et fixum dirigitur, semper in desiderium rectitudine perseverat. Verum cum a suo statu labitur et inferiorum virtutum aut proprio defectu ducitur, in apparentis boni desiderium afficitur¹³³².

Introduz-se aqui o conflito interno que determina a acção moral, única que realiza plenamente a apetição do bem no seu estado próprio, sem se desviar para o que é inferior, que degrada a sua natureza, pois contraria a lei natural segundo a qual tudo o que é inferior é regido pelo que lhe é superior e não o contrário, mas pela sobreposição do desejo do bem aparente, isso pode de facto acontecer no domínio da apetição intelectual.

Deve notar-se aqui a introdução da ideia de *rectitudo* ou perseverança no desejo do puro bem, como a regra a observar pela apetição intelectual. Embora tal possa ocorrer por mera coincidência terminológica, a posição de Pedro Hispano pode ganhar outro sentido se evocarmos brevemente Anselmo de Cantuário, que definia a *verdade* como “rectidão da vontade percebida apenas pela mente” e a *justiça* como “rectidão da vontade observada por si mesma”¹³³³, para no *De libertate arbitrii*, ao falar da condição de Adão e Eva antes do pecado, escrever: «foi-lhes concedido o livre arbítrio para a rectidão da vontade. Enquanto quiseram o que deviam, tiveram rectidão da vontade»¹³³⁴.» A introdução da ideia de rectidão do desejo ou apetite intelectuais (Pedro Hispano aqui não usa ainda o termo vontade) não parece apenas um efeito de assonância, mas a questão do livre arbítrio ainda será tratada por Pedro Hispano.

Por fim, Pedro Hispano conclui este importante capítulo sobre a existência e distinção das potências intelectivas motoras elas de facto distinguem das potências motoras sensitivas, mostrando que apesar terem em comum o apetite e o movimento, de facto distinguem-se pelo objecto, pelo apetite, pelo estado e mesmo pelo regime. E essas diferenças equivalem a uma diferença de ordem, pois a faculdade superior orienta-se para um fim perpétuo e a inferior para o seu contrário, o deleitável corporal (433, 18-33), mas também aqui a ordem da natureza reclama que o inferior seja regido pelo superior. Por todas estas razões a concupiscível e a irascível (faculdades sensitivas motoras) são dirigidas pela actividade (industria) da vontade. Em conclusão há uma apetição sensitiva diversa da apetição intelectual e ambas não podem ser reduzidas a uma só.

¹³³² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 432, 33-433, 1.

¹³³³ «(...) veritas est rectitudo mente sola perceptibile» e «Iustitia igitur est rectitudo voluntatis per se servata», Anselmo de Cantuária: *De veritate*, cap. XI e cap. XII, cfr. L’oeuvre de S. Anselme de Cantorbery, vol. 2, Paris 1987, pp. 160 e 166 [pp. 191 e 194 da ed. Schmitt].

¹³³⁴ «Ergo ad rectitudinem voluntatis habuerunt libertatem arbitrii. Quamdiu namque voluerunt quod debuerunt, rectitudinem habuerunt voluntatis.» Anselmo de Cantuária: *De libertate arbitrii*, cap. 3, cfr. L’oeuvre de S. Anselme de Cantorbery, vol. 2, Paris 1987, p. 216 [p. 211 da ed. Schmitt].

Deve ser realçado que este capítulo primeiro do livro XI da *Scientia libri de anima* é de facto um comentário dos capítulos 9 a 11 do livro III do *De anima* de Aristóteles, sem que como é habitual na obra disso seja feita qualquer menção. Tudo indica que Pedro trabalha à sua maneira directamente sobre o texto do filósofo, de quem retoma mesmo os exemplos que vão sendo dados. Poderá ter usado alguma obra em apoio desta interpretação, mas por exemplo não se notam traços do grande comentário de Averróis, que poderia ser útil pelo menos para questões terminológicas. E também aqui é bem claro o método de Pedro Hispano, que vai acompanhando os argumentos de Aristóteles, mas no final de cada conclusão insere algum excuro, ou alarga o estrito campo em que Aristóteles trata o movimento. Tem assim oportunidade de expor posições estranhas a este texto de Aristóteles, como a existência de um bem supremo que é o objecto último do apetite humano para o qual se orienta a acção humana como seu fim próprio, ou para determinar a distinção entre um apetite intelectual propriamente humano e um apetite da sensitiva, que também está presente no homem e por isso pode desviá-lo do desejo do bem supremo que lhe é próprio.

Pode assim ser iniciado o estudo propriamente dito da apetição intelectual que, tal como o movimento atrás explicado, é uma sequência de percepções e juízos que conduzem à execução do acto. Da descrição das suas etapas é mesmo extraída a definição de vontade:

Cum igitur res delectabilis offertur intellectui, eius *perceptio* allicit ipsum, ex cuius affectione oritur *desiderium* appetitive, desiderii vero executionem *consensus* inclinatio confirmat et sic nutus *voluntatis* insurgit. Est igitur voluntas virtus appetitiva desiderio rei delectabilis consensum inclinans, ad eius executionem disponens¹³³⁵.

A coisa deleitável desencadeia o processo intelectual que conduzirá a alma à sua obtenção, mas através de uma sucessão de afecções e de actos, onde podemos dizer que cada acto é uma afecção para o acto sucessivo («A percepção da coisa deleitável que se oferece ao intelecto, sedu-lo e dessa afecção nasce o desejo da apetitiva, o consenso confirma a execução do desejo pela inclinação, e assim se ergue o sinal da vontade»), numa sequência que poderíamos decompor em:

percebe (a coisa deleitável) —> seduz (o intelecto) —> deseja (na apetitiva) —>
—> (consenso) —> confirma (a execução) —> emerge (o sinal da vontade).

Na sua descrição, Pedro Hispano enumera as etapas da psicologia do acto voluntário, sem entrar em pormenores explicativos, porque o objectivo da descrição parece ser apenas afirmar a existência da vontade como momento final e decisão intelectual última que conclui

¹³³⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 2, ed. Alonso, p. 434, 3-8.

a volição e a transforma em ordem de execução¹³³⁶. Quando descrever a vontade activa Pedro Hispano enumerará sete actos da vontade que participam na consecução de um um acto volitivo de um bem exterior possível.

Seria interessante perguntarmos se no seu agir a vontade é livre ou é necessitada pelos actos anteriores, ou mesmo pela coisa deleitável que seduz o intelecto, e a descrição parece subentender que não porque a vontade não é autónoma nem absoluta, depende dos momentos precedentes, mas sobretudo do primeiro momento é cognitivo pois o intelecto percebe ou compreende como agradável o que se lhe apresenta e é esse juízo que o agita e o seduz à sua obtenção. O objectivo da descrição é outro: definir a vontade: «a vontade é a faculdade apetitiva que faz pender o consenso da coisa deleitável pelo desejo, dispondo para a sua execução». A definição dada em II, 8 (p. 65, 9-10) havia sido mais incisiva «voluntas est virtus motus anime ad res desideratas iudicans», onde o juízo é a capacidade propriamente deliberativa da vontade que por ele ordena o movimento da alma.

Pedro prescinde de explicar a diversidade de actos volitivos intelectivos, para apresentar a distinção das cinco ordens de apetecíveis externos para as quais a vontade se ordena e segundo os quais eles se distinguem. E como estamos no capítulo 2 do tratado, não poderia faltar uma classificação das faculdades motoras intelectivas, que são também cinco, em correspondência com os cinco géneros de coisas que movem a vontade¹³³⁷.

Segundo a estrutura mesma da acção, o homem é dotado de cinco faculdades (no excerto a acabado de citar em nota não são designadas como *virtutes*, mas em outros contextos sim, por exemplo em II, 8), faculdades essas que pela acção intelectual se ordenam para as coisas apetecíveis externas que permitem a realização activa e autónoma da sua essência e que podemos esquematizar assim:

¹³³⁶ Sobre o acto humano, tema predominantemente discutido em contexto teológico, cfr. O. LOTTIN: «La psychologie de l'acte humain chez Jean Damascène et les théologiens du XIII^e siècle occidental», Idem: *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome I: *Problèmes de Psychologie*, J. Duculot Editeur, Gembloux 1957 (2^a ed.), pp. 393-424.

¹³³⁷ «Quia voluntas ad res externas appetibiles ordinatur, iuxta earum diversitatem suscipit distinctionem. Rerum vero voluntatem moventium quinque sunt genera: primum in rebus homini necessariis. Secundum in ordinatis delectationibus. Tertium in humanis actibus. Quartum in rectis ordinationibus. Quintum in summi boni desiderio consistit. Voluntas igitur naturalis proprie dicta circa ea que nature humane sunt necessaria. Sensualitas vero bestialis circa illicitas delectationes. Voluntas activa circa humana negocia. Sinderesis circa honestas affectiones. Heclesis vero circa summi boni delectationem sollicitudinem gerit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 2, ed. Alonso, p. 434, 9-19.

Faculdades motoras intelectivas e seus objectos

<i>Faculdade</i>	<i>Coisas externas apetecíveis</i>	<i>Cap.</i>
Vontade natural (voluntas naturalis)	o que é necessário à natureza humana	XI, 3
vontade sensual (sensualitas)	os prazeres indevidos	XI, 4
vontade activa (voluntas activa)	as acções humanas	XI, 5
sindérese (sinderesis)	rectidão / afecções honestas	XI, 6
heclesis (cfr.: theophilosia, em XI, 7)	desejo do sumo bem	XI, 7

Notem-se as diferenças com a grande classificação das faculdades da alma (ver quadro), onde a função intelectual motora inclui a *ratio* e o *liberum arbitrium* e onde as três distinções da vontade são uma divisão do movimento natural para os objectos de apetite da alma. Estas diferenças são significativas porque mostram a hesitação entre identificar o acto intelectual e a vontade (como acontece neste contexto) ou em considerá-la apenas uma parte daquele (como acontece na classificação referida). As outras faculdades, como o livre-arbítrio ou a “theophilosia”, aparecem com um estatuto ainda mais indefinido

Como as faculdades serão individualmente estudadas nos capítulos indicados no quadro, Pedro passa à discussão da natureza do acto que procede da faculdade motora (é esse aliás o tema do cap. 2), que pode ser voluntário, ou involuntário, ou misto, em cada caso consistindo numa acção e numa afecção. O voluntário resulta de um conhecimento certo ou da indústria natural, o involuntário resulta de violência ou de ignorância. Destes actos uns são procurar (tudo o que é louvável), outros a evitar (uns são dignos de pena em absoluto, como o homicídio voluntário; outros consoante a ocasião, como a fornicção que provoca ebriedade; e os involuntários não merecem punição). É claro que a distinção entre voluntário e involuntário aplicado aos actos humanos fundamenta uma teoria da culpa¹³³⁸. Esta discussão do voluntário e do involuntário inspira-se seguramente em *De natura hominis* de Nemésio de Emesa¹³³⁹, ou no *De fide orthodoxa* de João Damasceno¹³⁴⁰ que depende daquele, mas está mais distante da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles¹³⁴¹, onde a obra de Nemésio colhera a distinção entre voluntário, involuntário e misto, bem como os conceitos fundamentais para a sua análise.

Os três capítulos sobre os três tipos de vontade encontram-se entre os mais curtos de toda a *Scientia libri de anima*, embora seja difícil vislumbrar porque é que um autor tão

¹³³⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 2, ed. Alonso, p. 434, 20-436, 5.

¹³³⁹ NEMÉSIO DE EMESA *De natura hominis*, ed. G. VERBEKE - J.R. MONCHO, cit., cap. 28-31, pp. 119-126.

¹³⁴⁰ JOÃO DAMASCENO: *De fide orthodoxa*, ed. E.M. BUYTAERT, cit., cap. 38, pp.144-147.

¹³⁴¹ ARISTÓTELES: *Ethica ad Nichomacum*, III, 1; 1109b30-1111b4.

loquaz trata com tanta parcimónia um tema sobre o qual havia já significativa literatura nas primeiras décadas do século XIII, mesmo que em obras teológicas. Poderia até aventar-se que essa reserva se deve ao facto de o autor veja a sua obra como um empreendimento de especulação filosófica (vejam-se as palavras de abertura do prólogo) e que por isso não terá pretendido entrar em um campo alheio ao da sua compilação. Mas, esse argumento não colhe se tivermos presente que os três capítulos seguintes (capp. 6-8) se ocupam de *habitus* ou de faculdades que essas sim têm nítida origem teológica: a sindérese, o desejo do supremo bem, o livre arbítrio.

A vontade natural é uma faculdade adequada ao regime natural do homem¹³⁴², garantindo a sua subsistência e conservação: «Est igitur activa voluntas appetitus ad prosecutionem exteriorum negotiorum inclinatus¹³⁴³». A vontade natural possui um aspecto para o corpo e outro para a alma. A que se ocupa dos desejos naturais da alma tem três aspectos:

- relativo à vida e sua conservação;
- relativo à direcção certa da apreensão e do movimento;
- relativo aos hábitos adquiridos, como os conhecimentos e as virtudes.

Também a vontade natural do corpo possui três aspectos:

- conservação e conservação e manutenção da vida do corpo
- relativo à perfeição das acções naturais e animais
- relativo à prossecução de toda as coisas que se ordenam para a constituição e conservação da máquina humana (comida, bebida, etc.).

Como o apetite intelectual tem uma estreita relação com as coisas sensíveis inclina-se também para as coisas sensíveis agradáveis e a vontade sensual inflama o apetite intelectual para o assentimento e desejo dessas coisas. Quando o intelecto dá esse assentimento desvia ou inclina alma para o amplexo das coisas temporais. A *vontade sensual* é um apetite intelectual inclinado para os deleites sensuais, desviando-se do intelecto satisfaz-se no amplexo das coisas temporais e que traz um deleite ilícito¹³⁴⁴. É portanto uma vontade que cede ao bem

¹³⁴² Corresponde à *thelesis* (*voluntas naturalis* na trad. lat.) de João Damasceno: «Bulisis (id est voluntas) autem est qualitativa naturalis thelesis (is est voluntas), scilicet naturalis et rationalis appetitus alicuius rei» (*De fide orthodoxa*, ed. cit., cap. 36, p. 136, 71-73). Ao contrário do que acontece com outras passagens a fonte do damasceno não é Nemésio de Emesa, mas sim Máximo Confessor, ele próprio um leitor de Nemésio, mas que reelaborara o problema da vontade para combater o monetelismo afirmando que Cristo (1) possui uma vontade humana, (2) não possui uma vontade pecadora, introduzindo assim a distinção entre o querer natural (*thelema physikon*) que corresponde à vontade humana que Cristo deve, e o querer gnómico (*thelema gnomikon*) vontade pecaminosa que não possuía, cfr R.-A. GAUTHIER: «Saint Maxime le Confesseur et la psychologie de l'acte humain», cit., pp. 77-78.

¹³⁴³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 3, ed. Alonso, p. 437, 7-9.

¹³⁴⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 4, ed. Alonso, p. 438, 8-11.

aparente e mutável, porque destrói a recta face do intelecto para os prazeres corporais que a precipitam para baixo. Mas, o vigor da razão eleva-a para o desejo do imutável e sempre eterno bem¹³⁴⁵.

A alma, que rege a constituição humana e as coisas a ela submetidas, procura activamente a consecução dos bens exteriores. Assim, «est igitur activa voluntas appetitus ad prosecutionem exteriorum negotiorum inclinatus¹³⁴⁶». A *vontade activa* é um apetite inclinado para a prossecução do que é apetecível e cabe no âmbito da acção humana. Há apetites são possíveis de alcançar, outros são impossíveis e estão para lá das capacidades humanas. Os apetites possíveis dividem-se entre os que tendem para um fim, e os que são ordenados para um fim. A vontade enquanto se inclina para estes possíveis que tendem para um fim, realiza-se através de sete faculdades que apenas se distinguem pelo agir: *consilium* (apetite inquisitivo das coisas que estão ao alcance da possibilidade humana, que devem ser distinguidas ou procuradas), *iudicium* (inquisição e perscrutação da coisas que devem ser examinadas), *dispositio* (deliberação de execução, com base no *consilium*), *sententia* (consentimento determinado da coisa julgada e disposta), *electio* (aceitação por escolha entre duas coisas distintas), *impetus* (inclinação actual para a actuação e execução da coisa escolhida), *usus* (acção de execução da coisa pelo ímpeto)¹³⁴⁷. Por estes elementos podemos concluir provisoriamente que esta vontade activa integra os elementos constitutivos do acto humano¹³⁴⁸. Contudo, estes elementos apenas nos são dados sob a forma de definição e sem estarem integrados numa sequência ou em algum exemplo de acto humano. Não temos como tentar determinar qual a posição do autor sobre a vontade.

¹³⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 438.

¹³⁴⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 5, ed. Alonso, p. 439, 8-10.

¹³⁴⁷ «Hec autem naturali ordine consequuntur indicium, consilium, dispositio, sententia, electio, impetus atque usus. Est autem *consilium* appetitus inquisitivus eorum que in potestate humana sunt, discernendorum atque prosequendorum et virtus procurans consiliativa dicitur. *Iudicium* vero est rerum consilii inquisitione ac perscrutatione pertractarum ad melius deducta consideratio, illud ver iudicativa procurat. *Dispositio* vero est rei ex consilio considerata ad exequendum deliberatio. Hanc vero dispositiva pertractat. *Sententia* vero est rei indicate ac disposite determinatus consensus quam sententiativa procurat. *Electio* vero est duarum preiacentium rerum ex sententie pondere discretarum preeminentis acceptatio quam efficit electiva. *Impetus* vero est ad rei electe operationem aut executionem inclinati actualis quam impetitiva efficit. *Usus* vero est rei per impetum aggresse inquisitionis industria quam executiva procurat.», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 5, ed. Alonso, p. 399, 15-440, 6, sublinhados meus.

¹³⁴⁸ Odon Lottin retracou os principais momentos da história desta teoria, cuja fonte principal é João Damasceno, mas com múltiplas variantes e diversas inovações até à reformulação da questão por Tomás de Aquino, cfr. O. LOTTIN: «La psychologie de l'acte humain chez Jean Damascène et les théologiens du XIIIe siècle occidental», cit. Entre os autores estudados não se encontra algum que descrevam o acto da forma ou com as potências da vontade aduzidas por Pedro. Ver também R.-A. GAUTHIER: «Saint Maxime le Confesseur et la psychologie de l'acte humain», *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, 21 (1954) 51-100, onde se inclui também o estudo do acto humano em Aristóteles, nos estoicos e no peripatetismo

A sequenciação dada por Pedro Hispano às operações da vontade que intervêm no processo do acto humano, bem como as respectivas definições, têm seguramente como fonte alguma obra anterior¹³⁴⁹, não sendo de excluir alguma remodelação mais pessoal. É de notar que as definições são relativamente diferentes das dadas em II 8, onde são enumeradas apenas seis, embora não integradas como actos da vontade activa, e numa ordem algo diferente, para além de diferenças nos nomes de alguns actos (cfr. quadro de classificação das faculdades da alma)¹³⁵⁰, provavelmente devido ao uso de diferentes fontes.

Um dos temas de grande controvérsia entre os teólogos, mas também entre os filósofos, do final do século XIII foi sem dúvida o de saber qual a posição da vontade em relação ao conhecimento no acto humano e sobretudo na deliberação. A vontade depende do conhecimento? ou é o conhecimento que depende da vontade? ou são independentes? ou são interdependentes? As duas primeiras são as posições mais extremas e extremadas, havendo dessoros para ambas. Para uns o intelecto determina a vontade, para outros a vontade é causa suficiente e independente da acção humana e sobretudo da acção livre. No debate entre intelectualistas¹³⁵¹ e voluntaristas¹³⁵², particularmente intenso no último quarto do século XIII

¹³⁴⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 5, ed. Alonso, p. 439-440.

¹³⁵⁰ «Voluntas vero ad possibilia inclinata sex generales continet differentias: consiliativam, sentenciativam, iudicativam, electivam, ad opus processivam, operis executivam. *Consiliativa* est virtus inquisitiva ac discretiva rerum que ad humanum conveniunt appetitum. *Sententiativa* est virtus rerum que ex consilio rerum disposite sunt cum certitudine acceptiva. [*Judicativa*: deficit ed.] *Electiva* est virtus ad rerum appetitui occurrentium alterius determinate preceptiva. *Ad opus processiva* est virtus ad optatam rem affectuosum motum precipitans. *Operum executiva* est operis exercitium actu pertractans.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 8, ed. Alonso, pp. 65, 23-66, 5.

¹³⁵¹ Tomás de Aquino baseia o livre arbítrio na razão (cfr. *Quaestiones de veritate*, 24, 2c) e em diversas das suas obras defende que a liberdade de escolha (*liberum arbitrium*) depende da própria escolha realizada pelo intelecto (cfr. *Summa theologiae* I, q. 80, 2c) de tal maneira que se pode dizer que o intelecto é precedente face à vontade, e que é mesmo uma potência mais nobre que a vontade (*Summa theologiae* I^a, q. 82, a. 3), cfr. J. HAUSSE: «Thomas Aquinas and the Voluntarists», *Medieval Philosophy and Theology* 6 (1997) 167-182. É esta posição que caracteriza melhor o chamado “intelectualismo” de Tomás de Aquino e que está na base das críticas que lhe endereçaram alguns dos seus contemporâneos, como Guilherme de Mare que no art. 34 do *Correctorium fratris Thomae* considera esta tese falsa, embora admita que não se trata de uma posição contrária à fé e à boa conduta (cfr. R. PASNAU, «Olivi on Human Freedom», cit., p. 19). Na *Summa theologiae* (I^a II^{ae}, quaestio 9) que Tomás discute o que é que pode mover a vontade (De motivo voluntatis): o intelecto (art. 1), os apetites sensíveis (a. 2), a própria vontade (a. 3), um princípio exterior (a. 4), o corpo celeste (a. 5), Deus (a. 6). Apenas Deus e a vontade podem ser considerados causas eficientes, mas Deus não o poderia ser sem aniquilar radicalmente o carácter voluntário da acção. De facto, R. Pasnau no artigo citado e que aqui está a ser resumido concluirá, com base na *Summa theologiae* (I^a II^{ae}, q. 50 a. 5), que «a vontade não pode repudiar completamente a razão, mas a vontade molda a razão tanto como a razão molda a vontade», querendo assim contestar a etiquetagem de Tomás como intelectualista, devido à afirmação da capacidade autónoma da vontade para ser causa dos seus actos enquanto requisito para a existência do livre arbítrio, como quando afirma: «A vontade é senhora dos seus actos, e nela há querer e não querer. Isto não aconteceria se não tivesse o poder para se mover a si própria para querer» (S.T. I^a II^{ae}, q. 9, art. 3, sed contra, cfr. S.T. I^a, q. 105, a. 4, ad 3um), «in terms of psychological motivation, it looks as if Aquinas gives the will at least as large a role as he does the intellect» (cfr. R. PASNAU, «Olivi on Human Freedom», cit., p. 22). A bibliografia sobre a posição de

e início do século XIV, há a assinalar uma grande diversidade de variantes, quase uma para cada autor que intervém na discussão, à qual aliás não são alheias diversas censuras e condenações¹³⁵³. A questão pode mesmo caracterizar determinadas tradições ou “escolas de pensamento”¹³⁵⁴. E não é raro haver mudança de posição ao longo das obras de cada um, embora elas não sejam de fácil identificação¹³⁵⁵.

Tomás nesta questão é imensa, preferiu-se aqui recorrer ao estudo de R. Pasnau porque de certo modo revê as interpretações tradicionais.

¹³⁵² Por exemplo, Henrique de Gand, no *Quodlibet* I, q. 4, defende que a vontade é «a mais elevada potência em todo o governo da alma, e por isso, mais elevada que o próprio intelecto», cfr. R. MACKEN: «La volonté humaine, faculté plus élevée que l'intelligence selon Henri de Gand», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 42 (1971) 5-51.

¹³⁵³ Sigério de Brabante chegou a ser considerado defensor do determinismo porque em vez de valorizar o livre arbítrio e a responsabilidade que é o seu corolário, teria preferido sublinhar, em particular nos *Impossibilia*, a influência do motivo sobre o acto de vontade (cfr. F. van STEENBERGHEN, *Maître Siger de Brabant*, Louvain-la-Neuve – Paris 1977, p. 94; O. LOTTIN, *Psychologie et morale aux XIIe et XIIIe siècles*, vol. I, 1ª ed. 1942, p. 264), evoluindo de seguida para a defesa de uma posição mais ortodoxa. Mas, como mostram Imbach e Putallaz que há aqui um duplo erro, nem Siger é determinista, nem muda quanto a esta doutrina particular após a condenação de 1270 (nono erro condenado: «O livre arbítrio é uma faculdade passiva, não activa; ela é movida de maneira necessária pelo objecto desejável»). Pelo contrário, Sigério opõe-se aos que defendem que nenhum acto humano deve ser punido porque tudo acontece necessariamente, mas como o faz defendendo «o axioma aviceniano (“todo o efeito é necessário relativamente à sua causa”) e insistindo no papel primordial da razão ou defendendo uma doutrina intelectualista da liberdade», acaba por se colocar sob o erro 9 condenado em 1270, mas sem que desvalorize o livre arbítrio ou a responsabilidade, cfr. R. IMBACH — F.-X. PUTALLAZ: *Profession: philosophe. Siger de Brabant*, (initiations au Moyen Age), Ed. du Cerf, Paris 1997, pp. 70-71, onde se citam as duas obras referidas antes.

¹³⁵⁴ A chamada mística renana, que entronca no pensamento de Alberto Grande, tem como característica o primado do intelecto sobre a vontade, do conhecimento sobre o amor, cfr. A. de LIBERA: *Introduction à la mystique rhénane. d'Albert le Grand à Maître Eckhart*, Paris 1984.

¹³⁵⁵ Qual a posição que João Duns Escoto defendeu a propósito da vontade? Segundo alguns autores Duns Escoto teria sempre defendido que a vontade é causa total da volição, recusando qualquer intervenção do intelecto no acto próprio da vontade, para outros. Contudo, investigações recentes de Stephen Dumont, com base na crítica das opções editoriais e de leitura dos manuscritos proposta na recente edição da parte final do livro II do comentário das *Sentenças* [Doctoris subtilis et Mariani B. Iohannis Duns Scoti, *Lectura in librum secundum Sententiarum dd. 7-44*, Studio et cura Commissionis Scotisticae, (Opera Omnia, XIX) Commisio Scotistica Civitas Vaticana 1993], apontam exactamente no sentido contrário e evidenciam uma radical mudança de posição: nas suas lições oxonienses Duns Escoto defendeu que a vontade é, com o intelecto, co-causa da volição, rejeitando as posições voluntaristas de Henrique de Gand e outros franciscanos. É aquando das lições parisienses que Escoto muda de posição, assumindo agora a posição voluntarista, que tinha rejeitado em Oxford, indo mesmo ao ponto de responder aos argumentos que ele próprio tinha usado contra essa posição (remetendo para a dist. 25 sobre a causalidade da vontade, editada no volume referido) cfr. Stephen D. DUMONT: «Did Duns Scotus Change his Mind on the Will?», em AERTSEN, Jan A. — Kent EMERY — Andreas SPEER (Hrsg.): *Nach der Verurteilung von 1277 / After the Condemnation of 1277. Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts. Studien und Texte / Philosophy and Theology at the University of Paris in the Last Quarter of the Thirteenth Century. Studies and Texts*, Berlin-New York 2001, pp. 719-793, para os aspectos aqui resumidos cfr. pp. 791-4, 721, 774-776. Ver também T. HOFFMANN: «The Distinction Between Nature and Will in Duns Scotus», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 66 (1999) 189-224: As potências activas repartem-se em vontade e natureza; distingue uma causalidade livre e auto-determinate de outra natural e necessária: esta distinção está na base da psicologia, da doutrina moral, da metafísica e da teologia de Duns Escoto.

Apesar do interesse de que o tema se revestia para a época, tendo em conta o laconismo dos capítulos sobre a vontade, não nos é possível dizer muito sobre a posição exacta de Pedro Hispano neste debate, ou mesmo se ele lhe é estranho. Mas se tivermos em conta também a apetição sensível parece claro que Pedro se coloca entre os “intelectualistas” porque é um acto de percepção e reconhecimento interno ou intelectual que desencadeia o acto¹³⁵⁶, mas também é o intelecto ou a cogitativa que ajuíza sobre o acto a realizar ou a evitar¹³⁵⁷.

Estreitamente relacionada com a questão da vontade e do acto humano, e directamente envolvida na questão da relação com o conhecimento, estava a questão do livre arbítrio¹³⁵⁸. Por razões que não são evidentes, Pedro intercalou dois capítulos entre o estudo da vontade e o do livre arbítrio, ao qual passamos deixando aqueles dois capítulos para a secção seguintes.

O livre arbítrio é uma característica do homem porque «os actos próprios do homem provêm da alma pela vontade livre¹³⁵⁹», mas recusa Pedro que o homem tenha esta faculdade porque é uma criatura feita do nada e por isso está condenado ao erro porque as suas escolhas e actos são em si mesmos mudança. Pelo contrário, a liberdade do arbítrio não revela um defeito: «A liberdade consiste na dignidade e perfeição da faculdade, do afecto e da acção, por ela a alma conforma-se ao seu criador, do qual não provém qualquer defeito¹³⁶⁰». A liberdade não poderá ser causa de qualquer corrupção e de qualquer mal, por si mesma apenas pode ser origem do bem, e é o seu uso defeituoso que é causa de ruína e de mal, pela mesma razão a liberdade não provém de um defeito, mas é absolutamente conforme e apenas própria das substâncias imateriais. Tal como a faculdade intelectual de apreensão em nada está dependente da matéria e por isso “é capaz de todas as coisas”, do mesmo modo a faculdade

¹³⁵⁶ Recorde-se a conexão entre a apreensão e o acto, entre o conhecimento, o desejo e a execução do acto: «Virtutum vero apprehensivarum opus ad motivarum officium ordinatur, in quarum operibus earum actiones suscipiunt complementum, nam cognitio ex cuius actu provenit desiderium, in operis executione completur, cum res desiderata acquisitionis et res horribilis fuge et expulsionis effectui mancipatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, VIII, 1, ed. Alonso, p. 279, 5-11.

¹³⁵⁷ Cfr. em particular o cap. 2, Tr. VIII, pp. 280-282, estudadas atrás.

¹³⁵⁸ A bibliografia sobre o assunto é abundante, apenas alguns estudos gerais: O. LOTTIN: «Libre arbitre et liberté depuis saint Anselme jusqu'à la fin du XIII^e siècle», Idem: *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome I: *Problèmes de Psychologie*, Gembloux 1957 (2^a ed.), pp. 11-389; N.W. GILBERT: «The Concept of Will in Early Latin Philosophy», *Journal of the History of Philosophy*, 1 (1963) 17-35; J.B. KOROLEC: «Free Will and Free Choice», em N. KRETZMANN et al. (eds) *The Cambridge History of Later medieval Philosophy*, Cambridge 1982, pp. 629-641; F. PIRONET: «Libre arbitre et déterminisme au Moyen Age», *Memini. Travaux et documents publiés par la Société des Etudes Médiévales du Québec* 1 (1997) 119-131;

¹³⁵⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 444, 16-17.

¹³⁶⁰ «Et hec libertas in dignitate et perfectione virtutis, affectus et operis consistit et per eam anima suo conditori a quo defectus non provenit, conformatur», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 444, 25-28.

motora, devido à liberdade, inclina-se para todos os actos que dela procedem livremente¹³⁶¹. O homem pode conhecer tudo porque possui essa faculdade espiritual de apreensão, o homem tudo pode fazer (ou pretender) porque dispõe da liberdade.

Podemos então perguntar-nos: a escolha é o *acto próprio* do livre arbítrio? Ou a escolha é um acto do juízo? Na primeira metade do século XIII parecem perfilar-se duas respostas a esta questão, que entroncam em distintas tradições. Uma delas perfila-se no pensamento de Agostinho de Hipona que faz da escolha um acto da vontade, enquanto que a outra, de raiz aristotélica, considera a escolha como um acto do juízo¹³⁶². Nos debates que a questão suscita há, como seria de esperar, os defensores de cada uma das teses, mas também os que pretendem superar as suas diferenças.

A resposta de Pedro insere-o na tradição agostiniana.

A faculdade onde existe a liberdade (*virtus vero in qua libertas existit*¹³⁶³) não existe na potência vegetativa, nem na sensitiva (porque estão envoltas em nexos materiais), daí que os seres vivos não tendem livremente para os seus objectos, mas sim por compulsiva inclinação natural (*naturali inclinatione compulsa*)¹³⁶⁴. A liberdade está apenas na potência intelectual, faculdade que caracteriza e distingue o homem, porque de entre as criaturas apenas ele a possui, o seu fim não é a apreensão, mas sim os actos que procedem da capacidade humana (*ad opera ex nostra industria procedencia destinata*)¹³⁶⁵.

Pedro está aqui a reflectir sobre o cerne da relação do livre arbítrio com a liberdade, mas também do livre arbítrio com a faculdade de conhecer. “O discernimento (*discretio*) do arbítrio é atribuído à escolha da razão, de facto a livre inclinação da vontade proporciona a liberdade”. Daí que então seja claro que para o autor a “o livre arbítrio não é uma faculdade principal, mas uma disposição anexa da faculdade”, com o que se coaduna a definição de vontade, onde se indica quer a sua dependência da razão, quer da acção da vontade:

Arbitrii vero discretio electioni ascribitur rationis, libertatem vero procurat libera inclinatio voluntatis. Liberum igitur arbitrium non virtus principalis sed virtutis annexa

¹³⁶¹ «(...) *virtus apprehensiva cum a materiali ac naturali dependencia libera sit, omnium per industrias capax est et propter consimilem libertatem motiva ad omnes actus qui ab ipsa procedunt libere inclinatur.*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 445, 15-18.

¹³⁶² O *De libero arbitrio* de Agostinho e o livro III da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles são neste particular os textos em torno dos quais a questão é debatida.

¹³⁶³ Esta expressão (p. 445, 19) indica que para Pedro Hispano a liberdade é dependente de uma faculdade na qual existe, o que quer dizer também que não tem identidade de essência com essa faculdade.

¹³⁶⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 445, 19-24, ver também p. 446, 8-12.

¹³⁶⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 445, 16-26.

dispositio iudicatur. Est igitur liberum arbitrium rei rationis indagazione discusse prosecutionis ac repudiationis voluntaria industria, non coacte¹³⁶⁶.

Ou seja, o livre arbítrio é uma disposição da vontade e não uma faculdade¹³⁶⁷ (o que explica o facto de não ter sido mencionado na enumeração das faculdades que fazem tender para a obtenção das coisas apetecíveis¹³⁶⁸). Por essa razão todos os seus actos procedem com liberdade. Nada no acto decorre sem intervenção da liberdade, não havendo qualquer coacção ou constrangimento externo que determine o acto de escolha e de decisão realizado pelo intelecto. Não é quando está ausente a coacção que há liberdade, é a liberdade que impede que a vontade seja coagida no seu acto:

Omnia vero opera voluntatis ut appetitus, consensus, arbitrium, inquisitio, electio, impetus, operis executio, cum libertate procedunt, maxime vero actus in humana consistentes potestate¹³⁶⁹.

Na realização daquilo que dele depende¹³⁷⁰ a liberdade retira o homem da contingência e do determinismo. O máximo poder humano existe quando os actos da vontade (apetite, consenso, arbítrio, indagação, escolha, ímpeto, execução do acto) decorrem com liberdade, isto é quando não são condicionados, nem se submetem a qualquer tipo de coacção.

É portanto a presença da liberdade que determina a natureza humana do acto. Há uma co-extensão entre ser humano e ser livre. Sendo a liberdade própria de todos os actos da vontade, como vimos neste último excerto, podemos dizer que para Pedro Hispano há liberdade do apetite, liberdade do consenso, liberdade do arbítrio, liberdade da indagação, liberdade da escolha, liberdade do ímpeto, liberdade da execução do acto. A liberdade não divide entre si os diferentes actos, porque todos dela participam, nem parece separar o conhecimento da acção, nem por ela não passar qualquer linha de divisão entre a razão teórica e a razão prática.

Pela liberdade voluntária (a voluntaria libertate) há uma natural ordenação do homem para o bem. Em si a liberdade não pode escolher o mal, não há uma a liberdade de querer o mal. É a liberdade decaída que arrasta para a servitude, é a liberdade decaída que escolhe o

¹³⁶⁶ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 445, 27-32.

¹³⁶⁷ Note-se que em II 8 o *liberum arbitrium* é definido como uma faculdade, mas como uma faculdade motora que se distingue da vontade pelo acto. Aí é dada a esta outra definição: «*Liberum arbitrium est virtus volendi nolendique liber optinens potestatem.*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 8, ed. Alonso, p. 66, 6-7.

¹³⁶⁸ Cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 2, ed. Alonso, p. 434, 9-19.

¹³⁶⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 445, 33-36.

¹³⁷⁰ A liberdade do homem de modo algum o equipara a um ser com absoluta liberdade de produzir ou criar, mas dá ao homem um lugar próprio entre os cinco princípios dos quais procede a produção dos actos (criador, natureza, arte, fortuna, vontade humana), cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 444, 2-17.

mal¹³⁷¹, por isso mais do que uma potência das coisas más deve ser considerada uma impotência. De acordo com a concepção agostiniana e cristã, o mal e a escolha do mal são uma deficiência. Por isso a mais digna e perfeita liberdade da vontade é a que não pode ser coarctada. Há um poder próprio da razão que impede a liberdade de decair¹³⁷²: «a rectidão da razão restringe (stringit) o lapso da liberdade, coarctando-a ao verdadeiro bem livremente¹³⁷³». Reencontramos assim, embora que de modo discreto, a ideia anselmiana de rectidão, comum à verdade, à justiça e ao livre arbítrio. O exercício da liberdade, da liberdade que não claudica, a liberdade rectamente dirigida pela razão e que se orienta para o bem, resulta no mérito e nas virtudes que devem ornar o homem, porque são o seu sinal distintivo, uma vez que não existem nos seres que carecem de liberdade do arbítrio.

Mesmo assim há na acção humana algo que concorre com o império da vontade, tal como na alma sensitiva se verificara a existência do mesmo tipo de acidentes ou afecções que possuem uma realização diferente da do acto natural. As paixões da alma intelectual¹³⁷⁴, são determinações acidentais de certos actos, não afectando portanto a totalidade da acção voluntária nem a acção que se desenrola sob o perfeito império da liberdade da vontade.

Como a vontade se realiza quando alcança o seu fim, após cuja obtenção se aquietam todos os apetites, realiza portanto a satisfação no bem externo desejado, mas não pode aspirar a uma satisfação a uma felicidade superior. Por outro lado, a observância da recta liberdade garante o mérito e as virtudes da acção humana. Mas não são ainda a vontade ou o livre arbítrio que permitem ao homem a realização de uma felicidade superior, que é o fim último do homem.

¹³⁷¹ «Verum ad malum lapsa libertas in servitutem corrui, malorum enim potentia inpotentia iudicatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 446, 4-6.

¹³⁷² Não se encontra em Pedro Hispano uma reflexão sobre a debilidade da vontade, a *incontinentia* ou *akrasia*, ou seja a discussão das razões que podem levar a agir contra o melhor juízo ou escolha da razão. Sobre esta questão, cfr. R. SAARINEN: *Weakness of the Will in Medieval Thought. From Augustine to Buridan*, Leiden — Köln — New York, 1994.

¹³⁷³ «Rectitudo vero rationis libertatis lapsum stringit ad verum bonum libere eam coartans. Et in libertatis regimine consistit meritum et virtutes.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 446, 6-8.

¹³⁷⁴ Pedro Hispano dedica o cap. XI, 9 às paixões da alma intelectual («Est autem passio motus appetitive virtutis cum estimatione boni aut mali procedens, boni autem suspicio concupiscentiam, mali vero suspicio movet iram.» p. 447, 5-7), que podem ser causadas por impressões de movimentos internos da alma, por impressões espirituais, ou por oposição dos objectos corporais, as quais possuem uma sequência de realização diversa da do acto voluntário («Intelligibilis igitur presentatio apprehensionem, hec autem indicium, hoc vero motum, hic vero passionem, hec autem affectionem, hec autem internam operationem que est motus affectivus, hec autem impetum, hic vero prosecutionem, hec vero rei acquisitionem inducit.» p. 447); podem ser concupiscíveis ou irascíveis (são apresentadas e definidas 18 da primeira e 26 da segunda, pp. 447-450). Todos estes acidentes da alma estão relacionados com o prazer e com a dor (assunto que ocupa a parte final do cap., pp. 450-452).

2.5. Conhecimento, contemplação e felicidade: os fins do homem

Pierre Hadot tem sublinhado insistentemente que a filosofia antiga é sobretudo um modo de viver, ou de aprender a viver, e menos uma orientação teórica e sistemática, entendendo-se desde logo que ao amante da sabedoria se oferecem diferentes modelos de vida, a que por simplificação chamamos “escolas”, cada uma dos quais implica e se desenvolve em diferentes modos de ver e explicar racionalmente o mundo¹³⁷⁵. Dentro desta orientação, a filosofia propunha-se e era praticada como uma preparação existencial para a sabedoria, onde o discurso filosófico fazia ele próprio parte deste modo de vida, que o determina¹³⁷⁶. A emergência do cristianismo propõe-se ainda dentro deste regime como um certo modo de vida filosófico, assente na palavra revelada, que os apologetas mas também Agostinho, sob a influência das escolas filosóficas em que se haviam formado, definiram precisamente sobretudo como um modo de vida, orientado em algumas propostas para o abandono do corpo e do mundo (cfr. o monaquismo como prática social e individual, e o mosteiro como pequeno universo, espaço utópico construído para a união ao divino pela oração e a contemplação), maximamente realizada na aspiração da união a Deus inteligível e transcendente¹³⁷⁷. Ainda segundo Pierre Hadot, é esta espiritualidade cristã, que colhe múltiplas influências das escolas antigas gregas e romanas, que se transmitirá à Idade Média, durante a qual, sobretudo com o aparecimento das universidades no século XIII, se instituirá um «processo de “teorização”» (cit., p. 381) que atenuará e quase fará desaparecer esta antiga concepção da filosofia como modo de vida, doravante submergida pela euforia sistematizadora em teorias e definições que caracteriza a escolástica, e onde a filosofia quase fica reduzida a uma auxiliar propedêutica e metodológica da teologia¹³⁷⁸. Em benefício do

¹³⁷⁵ Cfr.: «une école philosophique correspond alors avant tout au choix d’une certaine manière de vivre, à un certain choix de vie, à une certaine option existentielle, qui exige de l’individu un changement total de vie, une conversion de tout l’être, finalement à un certain désir d’être et de vivre d’une certaine manière. Cette option existentielle implique à son tour une certaine vision du monde, et ce sera la tâche du discours philosophique de révéler et de justifier rationnellement aussi bien cette option existentielle que cette représentation du monde.» P. HADOT: *Qu’est-ce que la philosophie antique*, Paris 1996, p. 18; autor que em diversas outras obras abordou este tema: *Exercices spirituels et philosophie antique*, Editions augustiniennes, Paris 1981; *La Citadelle intérieure. Introductions aux Pensées de Marc Aurèle*, Fayard, Paris 1992; *La Philosophie comme manière de vivre. Entretiens avec Jeannie Carlier et Arnold I. Davidson*, Albin Michel, Paris 2001. Ver ainda: J. DOMANSKI: *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses du Moyen Âge et du début de la Renaissance*, préf. de P. Hadot, Fribourg-Paris 1996; A.-J. VOELKE: *La philosophie comme thérapie de l’âme. Étude de philosophie hellénistique*, Fribourg-Paris 1993.

¹³⁷⁶ P. HADOT: *Qu’est-ce que la philosophie antique*, cit., p. 21

¹³⁷⁷ Cfr. IDEM: *ibidem*, pp. 355-378.

¹³⁷⁸ IDEM: *ibidem*, pp. 381-383. Carlos Steel, retomando precisamente as teses de P. Hadot, constatou a presença em diversos autores medievais desta vertente prática da filosofia, o que sublinha, também neste aspecto, a continuidade com a Antiguidade: C. STEEL: «Medieval Philosophy: an Impossible Project? Thomas Aquinas and the “Averroïstic” Ideal of Happiness», em AERTSEN, Jan A. — Andreas SPEER (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu’est-ce que la philosophie au Moyen Âge? What*

rigor histórico, Pierre Hadot matiza esta leitura do esvaimento da filosofia em “pura teoria”, reconhecendo que é ainda em certas franjas das Faculdades de Artes do século XIII que reaparecem as concepções antigas da filosofia como modo de vida, quando mestres como Albérico de Reims ou Boécio de Dácia, mas também Dante e mestre Eckhart, recuperam da *Ética a Nicómaco* (X, 7) de Aristóteles o ideal ético da contemplação da verdade como fim último da vida filosófica¹³⁷⁹.

De facto a entrada de Aristóteles da *Ética a Nicómaco*¹³⁸⁰ no meio universitário de artes teria enormes consequências para a reflexão sobre a moral e os fins do homem¹³⁸¹. A

is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt, Berlin 1998, pp. 152-174, cfr. pp. 153-154. Ver também as observação de Jan Aertsen sobre os limites da tese de Hadot, em J.A. Aertsen: «Mittelalterliche Philosophie: ein unmoögliches Projekt? Zur Wende des Philosophieverständnisses im 13. Jahrhundert», em J.A. AERTSEN,— A. SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Berlin-New York 2000, pp. 12-28, cfr. pp. 12-15.

¹³⁷⁹ P. HADOT: *Qu'est-ce que la philosophie antique*, cit., pp. 381 e 392-395, remetendo em particular para as obras de J. DOMANSKI: *La philosophie, théorie ou mode de vie?*, cit., e A. de LIBERA: *Penser au Moyen Age*, Paris 1991.

¹³⁸⁰ A *Ethica ad Nichomacum* (*Ética a Nicómaco*) é conhecida no ocidente latino desde o início do século XIII, mas não esteve disponível na íntegra desde a primeira tradução (cfr. a introdução ao vol. XXVI do *Aristoteles latinus*, conclusões que o mesmo autor sintetiza em R.-A. GAUTHIER, René-Antoine: «Introduction», ARISTOTE, *L'Éthique a Nicomaque*, Louvain - Paris 1970, vol. I.1, pp. 111-120, que aqui se segue mais de perto). A primeira tradução greco-latina, a *antiquior translatio*, foi realizada em duas etapas: um primeiro tradutor anónimo no final do séc. XII traduziu os livros II e III (até 1119a34), trabalho continuado no início do século XIII, por um outro tradutor, que traduziu o livro I, o que faltava do livro III (isto é: 1139a34-b18) e os livros IV-X; desta tradução subsistem apenas alguns fragmentos dos livros VII e VIII, ao contrário do livro I que teve uma vasta difusão, passando a ser designado como *Ethica nova*, enquanto os livros II e III recebiam a designação de *Ethica vetus*, e o conjunto era designado pelo nome *Liber Ethicorum*, dividido em três ou quatro livros, porque numa das versões os capítulos 9-15 do livro III eram de facto apresentados como constituindo o livro IV. Desde o início do século XIII a *Ética a Nicómaco* torna-se um texto escolar, estando atestado o seu ensino em curso facultativo nos dias de festa na Universidade de Paris com o estatuto promulgado em 1215 e é neste contexto que serão realizados os seis primeiros comentários das *Ethica vetus e nova*, todos de mestres anónimos. Entretanto fora realizada a tradução arabo-latina do texto completo da *Ética a Nicómaco* com o comentário de Averróis, por Hermano alemão, terminada em Toledo em 3 de Junho de 1240, seguida alguns anos depois, também a partir do árabe do chamado *Resumo Alexandrino* (*Summa Alexandrinorum*). Mas, é com as traduções greco-latinas realizadas em 1247-1247 por Roberto Grosseteste e o seu círculo que a *Ethica Nicomachea* passa a estar disponível numa extensão que abrange a correcção da anterior tradução integral, a tradução de uma extensa recolha de comentários gregos, as próprias *Notulae* marginais de Roberto, que se perderam quase na totalidade. Note-se que a *Ética a Nicómaco* não estava abrangida pelos diferentes interditos que impediam a leitura pública em Paris das obras naturais de Aristóteles e da *Metafísica*.

¹³⁸¹ De entre a literatura relativamente abundante foram particularmente úteis: L. LANZA: «Il “finis hominis” nell'*Etica* e nella *Politica* di Aristotele. Note su alcuni commenti del secolo XIII», *Medioevo e Rinascimento*, n.s., 12 (1998) 143-181; LAMBERTINI, Roberto: «Felicità, virtù e “regione pratica”: aspetti della discussione sull'etica», em L. BIANCHI (ed.), *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, Firenze 1997, pp. 305-343, pp. 324-9 sobre conhecimento e vontade, com bibliografia final; A.J. CELANO: «Act of the Intellect or Act of the Will: the Critical Reception of Aristotle's Ideal of Human Perfection in the 13th and Early 14th Centuries», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* 57 (1990) 93-119; IDEM: «The finis hominis in the Thirteenth Century Commentaries on Aristotle's Nicomachean Ethics», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*, 53 (1986) 23-53; IDEM: «The Understanding of the Concept of *felicitas* in

repercussão da obra é tal que Alain de Libera afirma mesmo que «L'interprétation d'*Éth. Nic.*, X, 7, est le centre organisateur de toute la théorie médiévale de l'intellect, et donc de la psychologie comme science humaine. C'est aussi par elle que la psychologie, science du vivant animé communique avec la théologie: en tant qu'elle est, dans sa partie suprême, science de l'homme et, plus précisément, selon les termes même d'Aristote "science de la partie fondamentale et la meilleure de l'être de l'homme"»¹³⁸², ressalve-se a generalização a toda a Idade Média, e temos aqui uma caracterização do contexto universitário de discussão sobre a alma e a felicidade a partir de pouco depois de 1250. De facto, a partir de meados do século XIII a definição de um ideal de felicidade filosófica torna-se paulatinamente um dos traços distintivos dos mestres de artes parisienses, ao qual os teólogos se opunham com tenacidade, porque viam aí não só um desafio à superioridade epistemológico e institucional da sua ciência, como a consideravam oposta à felicidade descrita na revelação cristã e por isso a anatematizaram, abrangendo-a por exemplo na condenação parisiense de 1277. No domínio filosófico, põe-se o problema de saber como é possível alcançar o desiderato de realizar a felicidade própria ao homem (ou serão apenas a teologia e a revelação que lha podem proporcionar?). As palavras iniciais das *Metafísicas* de Aristóteles, «naturaliter homines desiderant scire (Os homens desejam por natureza conhecer, 980a20)», são constantemente repetidas desde o século XIII, para fundamentar uma visão natural do homem e do intelecto humano que se afirmava no *De anima*, mas que exigia em complemento um programa também natural para compreender o conhecimento, a acção, a virtude e a felicidade humanas. Esse era fornecido precisamente pela *Ética a Nicómaco* onde desde as páginas iniciais se incitava a procurar o fim do homem, o seu bem máximo, nas actividades que lhe são próprias e não na consideração de um bem transcendente, cuja importância para a ética desvalorizava, porque se ele existe, deve ficar reservado para outro ramo da filosofia¹³⁸³. Esta dissociação entre a ética e a teologia é feita em benefício de um centramento no fim último do homem que é a vida segundo o intelecto, admitindo como verdadeiro que *homo inquantum homo solus est intellectus*¹³⁸⁴.

Para o cristianismo o fim da existência humana é a contemplação de Deus¹³⁸⁵, preceito que aponta um fim de beatitude, mesmo que se coloque para lá da vida terrena¹³⁸⁶, sendo certo

the pre-1250 Commentaries on the *Ethica Nicomachea*», *Medioevo. Rivista di Storia della Filosofia Medievale*, 12 (1986) 29-53.

¹³⁸² A. de LIBERA: *La philosophie médiévale*, (Que sais-je 1044) Paris 1993 (2ª ed.), p. 101.

¹³⁸³ ARISTÓTELES: *Ethica ad Nichomacum*, I, 6, 1096b28-35; cfr. A.J. CELANO: «The finis hominis in the Thirteenth Century Commentaries on Aristotle's Nicomachean Ethics», cit., pp. 23-24.

¹³⁸⁴ ARISTÓTELES: *Ethica ad Nichomacum*, IX, 8 (1168b30-1169a3), X, 7, (1178a9-10)

¹³⁸⁵ Cfr. Mateus 5,8: «Beati mundo corde quoniam ipsi Deumj videbunt (Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus)».

que para ela deve tender toda a acção humana, porque os eleitos ainda nesta vida alcançarão o desiderato da contemplação pelo êxtase e a visão directa de Deus, contemplação essa que prefigura a que será possível face a face na vida futura¹³⁸⁷. Na linguagem dos místicos esta contemplação é mesmo uma deificação do homem, porque o realiza na máxima possibilidade, só que, como os mesmos autores místicos ensinam, ela faz-se mais pela remoção do conhecimento¹³⁸⁸, do que pela realização do mais alto de actualidade ou perfeição do intelecto a que aspiravam os filósofos.

A matriz da filosofia grega antiga é estranha a esta concepção do fim último do homem como contemplação de um Deus criador, e por isso não causa perplexidade que quando nos séculos XII e XIII uma avalanche de textos filosóficos gregos chegam ao ocidente latino, a filosofia seja submetida a duras provas. Alguns rejeitam-na liminarmente por temerem a própria subversão da esperança cristã, ou por entenderem que a via da sabedoria cristã é suficiente para realizar o homem; outros procurarão pura e simplesmente integrar as novas posições mostrando a sua coerência com o cristianismo; outros, chamemos-lhe radicais ou heterodoxos, bem conscientes da diferença entre as doutrinas, não hesitam em partilhar as posições que identificam como filosóficas, reivindicando autonomia epistemológica para a sua disciplina (são estes os directamente visados na condenação de 1277). De qualquer forma a questão de uma felicidade filosófica entra na ordem das discussões no século XIII¹³⁸⁹. Entre os diferentes autores há a multiplicidade de soluções que é possível conceber.

¹³⁸⁶ A mensagem vetero e neo-testamentária situa também a realização universal desta esperança na a vida depois da morte, prometendo a sua eminente realização («impletus est tempus et adpropinquavit regnum Dei», Marcus 1,15).

¹³⁸⁷ «Videmus nunc per speculum in enigmate tunc autem facie ad faciem», 1 Cor. 13,12.

¹³⁸⁸ É mesmo de deificação do homem que fala Pedro Hispano autor do comentário sobre a Teologia mística de Dionísio pseudo Areopagita: «Utilitas vero [libri *Theologiae mysticae*] est inducere ad apicem perfectionis in via, idest uniri Deo per superintellectualem cognitionem et affectionem, sive, ut uno vocabulo dicatur utrunque, per deificationem», Pedro Hispano: *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*, prol. ed. Alonso, p. 474, 4-7, a que se segue um pouco mais à frente a explicação: «deificatio, idest de humanis in divina transmutatio» (Idem, p. 475, 7-8). Esta ascensão que corresponde a uma total remoção do conhecimento natural: «Et illud quod est ignotum per investigationem rationis et intellectualis operationis, fit ignotius per excessum unionis. Ita tamen quod talis ignorantia summa est aput viatorem scientia» (Idem, p. 475, 8-11). A deificação não é absoluta, mas condicionada à natureza da criatura: «Deificatio autem est assimilatio et unio ad Deum secundum possibilitatem creature» (*Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia Dionysii*, I, ed. Alonso, p. 133, 5-7), por isso, a via negativa é a mais apropriada para alcançar esta união afectivo-cognitiva, que mais se alcança por ignorância («Unde tales cognitio dicitur fieri per ignorantiam», idem p. 482, 14-15), porque a incompreensibilidade de Deus, a divina treva (divina caligine), está para lá de todo o ente, e é oculta à ciência própria das criaturas (idem). Sobre a teologia negativa em Pedro Hispano comentador de Dionísio, cfr. J.M. BARBOSA: «O legado do *Corpus Areopagiticum* no Ocidente. A *Expositio in librum de mystica theologia* de Pedro Hispano», *Cultura. História e Filosofia*, 1 (1982) 25-44.

¹³⁸⁹ G. WIELAND: *Ethica - Scientia practica. Die Anfänge der philosophischen Etik in der 13. Jahrhundert*, Münster 1981; L. BIANCHI: «La felicità intellettuale come professione nella Parigi del Duecento», *Rivista di filosofia* 73 (1987) 181-199.

Henrique de Gand, um dos teólogos que integrava a comissão que preparou o elenco de teses que o bispo de Paris condenaria em 1277, criticava Aristóteles e outros filósofos por, apesar de rectamente considerarem a ordenação da vida humana para um fim (no que coincidem com a fé católica), errarem ao reduzir a ordenação dos fins da vida do homem à realização da felicidade na vida presente. Bem pelo contrário a fé católica, como o sublinha citando a autoridade de Agostinho, ordena o fim do homem para a beatitude que é percebida na vida futura¹³⁹⁰.

As oposições não são assim tão esquemáticas e há propostas filosóficas associadas ao aristotelismo que foram integradas com relativa facilidade, tendo até contribuído para a sua rápida assimilação. O peripatetismo árabe, em particular a obra de Avicena, integrava a realização da felicidade humana num plano de perfeccionamento gnoseológico pelas faculdades intelectuais, conduzindo a uma forma mais elevada de sabedoria, e mesmo à identidade ou conjunção com o intelecto agente extrínseco e universal¹³⁹¹, ideia adaptada à própria tradição cristã por alguns autores da primeira metade do século XIII, através da associação deste estado último de perfeição e sabedoria com a visão beatífica do próprio Deus, e não de uma inteligência intermédia¹³⁹².

A questão da máxima realização do homem está, portanto, no centro dos debates, particularmente os que envolvem a questão do conhecimento intelectual e da acção virtuosa. Estamos pois na intersecção da psicologia, da ética e da teologia.

E Pedro Hispano? Ocupado em obras de filosofia sobre a alma, portanto sobre o homem, como é que aflora a questão da realização plena do homem que é sujeito da alma? Como é que a alma, forma perfectiva, se realiza plenamente e com ela realiza o corpo do qual

¹³⁹⁰ «(...) etsi Philosophus circa ea quae sunt ad finem, multa secundum rectam rationem sentiebat et illa quae sentit fides catholica, circa illa tamen in ordinando ipsa ad finem, et circa ipsum finem vitae humanae in multis errabat, sicut et alii philosophi quia, ut dicit Augustinus, sibi ipsi fabricabant quandam felicitatem percipiendam in vitam praesenti, quae est finis operum virtutis, et sic ad alium finem ordinabant virtutum opera quam ordinet fides catholica quae ordinat illa ad beatitudinem percipiendam in vita futura. Et sic erravit» (Henricus de Gandavo, *Quodlibet* XII, q. 13, f. 493r X) cit. por M.A.S. de CARVALHO: «Homem e natureza em Henrique de Gand: uma mudança de rumo na antropologia agustiniana», *Veritas*, 44, fasc. 3 (1999) 679-694, cit. p. 681, n. 2.

¹³⁹¹ Cfr. A. de LIBERA : *Penser au Moyen Age*, cit., p. 140: «Les médiévaux doivent à Farabi et à Avicenne l'idée que l'activité de la pensée est aussi une croissance de l'âme dans l'être, thèse nouvelle que, laissant au travail intellectuel sa double dimension de labeur et de contemplation, imposait une redéfinition de l'idéal de la sagesse, une nouvelle conception de l'aristocratie».

¹³⁹² «En lisant chez Avicenne que la pensée pouvait être un progrès quotidien, une assimilation progressive, autrement dit un travail et ultimement une sanctification, les penseurs latins apprenaient ainsi à considérer l'exercice de la pensée comme une ascèse, à "spiritualiser" l'idéal aristotélicien de la sagesse contemplative en une spiritualité du travail intellectuel. En apprenant des Arabes en général l'existence d'une "espérance philosophique", la *fiducia philosophorum* de Farabi, ils accédaient à l'idée qu'il y avait place sur terre pour une *vie bienheureuse*, une vie de pensée anticipant la vision béatifique promise aux élus dans la patrie céleste», A. de LIBERA: *Penser au Moyen Age*, cit., p. 141.

é forma? A questão não faz parte do roteiro do *De anima* de Aristóteles¹³⁹³, mas é central em obras filosóficas como a *Ética a Nicómaco* e no *Liber de anima* de Avicena. Bastava esta razão para a questão não poder ser ignorada. Por isso, de uma forma ou de outra poderemos encontrar ideias que nos permitam saber se o homem se realiza maximamente através do conhecimento, ou em algum estado especial do intelecto, ou se essa felicidade dispensa na sua formulação o recurso à transcendência.

Para Pedro Hispano, o homem, último ser e finalidade da criação, terá que realizar no mais alto grau a sua própria natureza, pra isso não poderá ter apenas conhecimento das coisas materiais, que são inferiores a si, mas só o poderá fazer se se elevar pela compreensão e mesmo pela acção até um estado próximo do do criador¹³⁹⁴. Este é um argumento da existência do intelecto humano a partir da consideração dos seus actos próprios, demonstrada pela necessidade de o homem possuir uma faculdade que o realizasse no seu mais alto grau de perfeição, senão seria sempre uma criatura imperfeita e sem possibilidade de ultrapassar o nível da animalidade. O argumento, mais do que provar a existência do intelecto mostra-nos a concepção de Pedro Hispano sobre o homem e o seu fim último, que consiste na felicidade obtida pela alma na contemplação do criador (e na felicidade eterna após a separação da alma).

A alma procura conhecer-se não apenas a si mesma, e às coisas inferiores, mas também a sua causa mesma, e neste caso mais do que conhecimento falamos de contemplação, porque não é do domínio do conhecimento científico, isto é obtido por apreensão e abstracção. A alma deverá então ter em si mesma a possibilidade e como realizar este seu estado de superior perfeição. A realização do homem pressupõe o poder e o dever de exercer as suas faculdades mais elevadas, pelo que a felicidade não estará na simples realização das tarefas que a vida ou a rotina quotidiana propõem, mas está, como se mostra pelo argumento referido, para lá do simples conhecimento das coisas materiais ou da acção dirigida pela razão. Não está ao nível da imanência, deverá estar mesmo na superação de cada um destes aspectos do homem.

O conhecimento de si

A alma, que não realiza o seu mais alto grau de perfeição no conhecimento das próprias coisas, porque são materiais e por isso inferiores à sua própria natureza, talvez possa

¹³⁹³ Mas, como já se referiu, é central na *Ética a Nicómaco*. Sobre a questão continua indispensável o pequeno livro de R.-A. GAUTHIER: *Introdução à moral de Aristóteles*, trad., Lisboa 1992 [ed. orig.: *La morale d'Aristote*, Paris 1963], bem como o vol. I da sua edição comentada (com J.Y. Jolif) da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, o qual contém aliás abundante material relativo à exegese da obra na Idade Média.

¹³⁹⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 1, ed. Alonso, p. 297, 8-298, 25.

realizar-se no que lhe está mais próximo. E o que está mais próximo da alma é a própria alma, mas não é possível apreender a alma porque ela não tem corpo e nem é perceptível pelos sentidos. O tema do conhecimento da alma por si mesma merece na *Scientia* um inteiro capítulo¹³⁹⁵ que se inicia afirmando que por indústria própria a alma intelectiva conhece a sua própria essência: «Ipsa vero intellectiva ductu proprio suam essentiam comprehendit» (p. 398, 3-4) e tal como a luz corporal brilha em si e ilumina as restantes coisas, revelando-se a si mesma e às restantes coisas, também pelo acto da sua luz intelectiva espiritual mostra-se a si mesma e às restantes coisas¹³⁹⁶. A transparência da apreensão de si é uma permanente iluminação interna pela luz espiritual da própria alma¹³⁹⁷. A alma que tudo pode conhecer, como está por essência presente a si mesma não poderia ignorar-se a si mesma¹³⁹⁸. A alma que se descobre a si mesma por intuição imediata, conhece-se de modo directo, ao contrário do que defendem outros autores, por exemplo Tomás de Aquino, para os quais a alma apenas se pode conhecer indirectamente ou por analogia, reflectindo sobre as outras coisas. Em Pedro Hispano o conhecimento de si, a apreensão da essência da alma por si mesma, revela simultaneamente a superioridade da alma no mundo criado, a existência de uma iluminação própria que é afinal o único meio de que necessita para se conhecer a si mesma, a transparência da auto-intuição. A submissão à corporalidade pode desviar a alma deste seu desígnio mais elevado, como quando algo inferior desvia ou corrompe algo superior, mas quando se liberta e se dirige para a face superior por um regresso interno (a *apex mentis* de Agostinho e dos agostinianos, de que fala Gilson¹³⁹⁹), então “pensa, considera e conhece a sua essência por reflexão interna da sua luz”¹⁴⁰⁰. Neste estado a alma pelo seu olhar obtém a compreensão e o domínio de si e das suas faculdades. Nesta sublime revelação do

¹³⁹⁵ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 9, ed. Alonso, pp. 398-401.

¹³⁹⁶ «Semper igitur proprio lumine perlustrante in suo interno reflexa suam essentiam sui presentia contemplatur, aut luminis sui actu sue essentie speciei intentionem abstrahens peream suam essentiam comprehendit; ut enim lux corporalis lucet in se et reliqua illuminat, se sibi et alia detegens, sic intellective sue spiritualis lucis actu sibi lucens se sibi et alia manifestat.» *ibidem*, p. 399, 33-400, 7; «(...) et ut lux corporalis lucendo se sibi detegit illuminando se et alia sibi et aliis manifestat, sic spiritualis substantia luce propria spirituali se sibi et alia declarat.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 9, ed. Alonso, p. 398, 13-16

¹³⁹⁷ Cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 9, ed. Alonso, pp. 399, 31-400, 7.

¹³⁹⁸ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 9, ed. Alonso, pp. 398, 16-22 e 399, 27-31. Sobre a atribuição a Boécio do argumento de que alma não pode ignorar-se a si mesma porque está presente a si mesma, na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* de Pedro Hispano que dessa autoridade conclui que alma tem conhecimento inato de si mesma, ver atrás, secção 2.2.1.

¹³⁹⁹ E. GILSON *L'esprit de la philosophie médiévale*, cit., p. 230.

¹⁴⁰⁰ «Similiter autem et aspectus inferior superiorem retrahit ac pervertit, ut anima nequeat suam essentiam contemplari. Cum igitur aspectu infimo cessante ad supremum aspectus culmen ascendit, sui aspectus acie, interno reditu collecta, interna sue lucis reflexione suam essentiam respicit, considerat ac cognoscit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 9, ed. Alonso, p. 400, 26-31.

conhecimento de si e do seu acto, como *reditus* total das potências¹⁴⁰¹, a alma reconhece a sua condição como criatura e reconhece o mérito do criador pelo qual foi criada e que é o termo de todas as coisas¹⁴⁰². No seu interior a alma transporta uma imagem do seu criador. É bem evidente a orientação agostiniana deste “socratismo cristão”, como lhe chamou Étienne Gilson¹⁴⁰³. O mandato do conhece-te a ti mesmo é a imposição de um reconhecimento da identidade entre todos os entes enquanto seres causados. O conhecimento da alma por si mesma proporciona a elevação intuitiva à sua essência, mas implicitamente o conhecimento de si descobre a necessidade do fundamento da existência *ab alio*. De facto este conhecimento da essência da alma por si mesma pode ser afectado e impedido pela submissão às faculdades inferiores e à corporalidade, mas quando se liberta, ascende ao seu cume mais elevado.

O auto-conhecimento da alma não é um dado externo, é a própria apercepção imediata do sujeito que ao conhecer reflecte que é a substância que conhece. Nesse acto conhece a individualidade da sua existência, a sua ipseidade:

Verum cum anima sue essentie sit comprehensiva, non ex inferioris virtutis opere super sui comprehensionem elevatur eo quod corporalis inclinatio et corporis ac organis aspectus materialis anime ingerunt a sui ipsius contemplatione distantiam. Hec sola virtus anime maxime cuncta et ad eius essentiam elevata per quandam spiritualem reflexionem eius naturam et existentiam comprehendit¹⁴⁰⁴.

A doutrina do conhecimento por imediata presença da alma a si mesma era bem conhecida dos filósofos medievais, obviamente relacionada com o pensamento de Agostinho sobre a *mens*, em particular o *De Trinitate* X, cap. 8-10, passagens que foram compiladas no cap. XXXII do *De spiritu et anima*: «Nihil enim tam novit mens, quam id quod sibi praesto est: nec menti quidquam magis praesto est, quam ipsa sibi. Nam cognoscit se vivere, se meminisse, se intelligere, se velle, cogitare, scire, judicare. Haec omnia novit in se»¹⁴⁰⁵. A ideia do imediato conhecimento da alma por si mesma é também um dos esteios do

¹⁴⁰¹ A. SCHLÖGEL: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken*, cit., pp. 664-668.

¹⁴⁰² «In hoc vero statu post omnium notitiam et sue essentie iudicium suam conditionem discernens suum conditorem merito recognoscit, a quo se sciens sumpsisse initium, se contraxisse originem non ignorat, ad quem omnia comprehensa reducit, postquam nichil reperit cognoscendum, cuius notitia acceptionum finalis terminus est cunctarum.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 9, ed. Alonso, p. 401, 7-12.

¹⁴⁰³ Ver o cap. «La connaissance de soi-même et le socratisme chrétien», E. GILSON *L'esprit de la philosophie médiévale*, Paris 1948 (2ª ed.), pp. 214-233.

¹⁴⁰⁴ Note-se que este texto faz parte da demonstração da necessidade de existência do intelecto agente. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, p. 381, 6-13.

¹⁴⁰⁵ *De spiritu et anima. Liber unus*, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 40, col. 801-802, cit. na col. 801.

pensamento de Avicena¹⁴⁰⁶, defendia também a transparência cognitiva da alma no acto de conhecer¹⁴⁰⁷, mas aqui Pedro Hispano socorrer-se claramente de Agostinho ou pelo menos da tradição agostiniana sobre a iluminação e o conhecimento da alma por si mesma.

Desta descoberta da luz do criador na essência mesma da alma criada, Pedro não extrai qualquer valorarão de tipo existencial, nem transforma em programa ou imperativo moral o conhece-te a ti mesmo enquanto descoberta do homem e do que de humano há no homem. A descoberta de si é algo co-extensivo à alma que não é perturbada pela submissão à corporalidade. Não é ainda a máxima realização do homem.

Linguagem interior e racionalidade humana

Ainda por outra via (que de facto é uma conjugação de duas teorias diferentes) a alma descobre em si um certo acto interior que lhe manifesta a racionalidade própria do homem, lhe permite comunicar ou anunciar interiormente as suas disposições interiores, ao mesmo tempo que a dispõe a agir.

No final do tratado sobre as faculdades motoras intelectivas Pedro insere um capítulo *De sermone interno* que se prende em simultâneo com o tema do conhecimento da alma por si mesma e com a realização do homem, através do que nele há de mais humano e universal: a racionalidade. O aparecimento da teoria neste ponto pode causar algum embaraço, até porque Pedro nas centenas de páginas anteriores não integra a linguagem interna da alma nas suas operações próprias¹⁴⁰⁸, e aparentemente estaria deslocado no final das faculdades motoras intelectivas. Esta objecção não colhe porque o discurso interno é simultaneamente cognitivo e activo.

O *sermo internus* é introduzido para mostrar a continuidade entre a apreensão das coisas que informa a intelectiva, a qual, assim agitada ou afectada, dispõe de um movimento interno para a sua execução, e pelo movimento externo conduz as afecções humanas interiores a um acto externo. Esta disposição para a acção é justamente o discurso interior (*sermo*

¹⁴⁰⁶ Cfr. M. SEBTI: *Avicenne. L'âme humaine*, Paris 2000, pp. 92-124: capítulo dedicado à “intellection et aperception de soi”; esta obra é sobre o “Avicena-árabe”, portanto abrangendo a totalidade do seu *corpus* filosófico, cuja parte mais substancial não era conhecida pelos latinos.

¹⁴⁰⁷ «Anima autem intelligit seipsam, et hoc quod intelligit seipsam, facit eam intelligere se esse intelligentem et intellectam et intellectum», AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, V, 6, p. 134, 45-46. Sobre o conhecido “argumento do homem voador” pelo qual a alma intui a sua própria essência imaterial, ver mais à frente.

¹⁴⁰⁸ Podemos encontrar três referências à linguagem interior da alma: quando se define a lógica enquanto operação do intelecto possível: «Logica est virtus in rebus se ipsam disceptans sermone intrinseco ratiocinando procedens» (*Scientia libri de anima*, II, 7, p. 63, 13-15); entre as diversas metáforas (similitudines) que mostram que a alma é perfeição do corpo onde se refere o *sermo spiritualis* da alma como independente do movimento do corpo (*Ibidem*, IX, 6, p. 325, 23-27); e como a última consequência inconveniente da afirmação da coincidência entre o cognoscente e o cognoscível, porque se tal ocorresse a alma não poderia pelo *interno alloquio* afirmar a sua essência e distinguir-se das outras (*Ibidem*, IX, 8, p. 394, 8-9).

internus), que não é vegetativo nem sensitivo, mas diz respeito às faculdades apreensoras e motoras, porque está envolvido com o conhecimento e com a execução das afecções internas¹⁴⁰⁹. Este *discurso* é um movimento interno raciocinativo (*motus internus ratiocinativus*) dispondo as afecções à sua execução e que consiste numa cogitação mas sem prolação, sem pronúncia vocal ou exterior¹⁴¹⁰. E a sua existência é clara para a própria alma. Mas como?

Pedro introduz um ponto inovador nesta teoria já clássica, como veremos, ao demonstrar a existência da linguagem interior da alma recorrendo à famosa experiência de pensamento proposta por Avicena no *Liber de anima*¹⁴¹¹, que Gilson designou argumento do “homem voador”¹⁴¹². O argumento é bem conhecido dos autores medievais¹⁴¹³, que o integram no seu pensamento ou o utilizam na argumentação de questões relativas à existência da alma¹⁴¹⁴.

Coube a João Ferreira o ter identificado a utilização do argumento do “homem voador” na *Scientia libri de anima*¹⁴¹⁵, num contexto tão inesperado. Tudo indica que esta

¹⁴⁰⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, pp. 453, 2-17.

¹⁴¹⁰ «Est igitur hic sermo motus internus ratiocinativus affectiones earumque executiones disponens in cogitatione consistens sine extrinseca enuntiatione». Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, pp. 453, 17-19.

¹⁴¹¹ O argumento é exposto duas vezes: primeiro de modo breve e de modo mais longo já no final da obra com um desenvolvimento que explora todos os seus pormenores. AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, Tr. I, 1, vol. 1, pp. 36, 49-37, 68; Tr. V, 7, pp. 162, 51-167, 13. Sobre o mesmo argumento em outras obras de Avicena ver nota de S. Van Riet à p. 162.

¹⁴¹² Cfr. E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., pp. 40-43 onde interpreta a versão longa do argumento, transcrito na nota 1 da p. 40, no final de cuja transcrição (já na p. 41) lemos «On pourrait appeler cet argument l'argument de l'homme volant. Nous n'en connaissons pas l'origine», sugerindo depois alguma semelhança com um argumento de Agostinho e indicando alguns dos autores medievais que retomam o argumento.

¹⁴¹³ Sobre o argumento em Avicena (árabe e latino) e a sua recepção no pensamento medieval veja-se a secção “The flying man” da obra de D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 80-92, 236, 310-311.

¹⁴¹⁴ Interessa-nos aqui sobretudo o caso do Pedro Hispano da *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, onde o argumento aparece duas vezes. Primeiro como *ratio* para demonstrar *modo imaginandi* a existência da alma intelectiva no corpo (II, lect. 4, q. 10, rat. 2, ed. Alonso 1944, pp. 622, 26-623, 17). Depois como *ratio* para demonstrar que a alma intelectiva difere das outras duas segundo a substância (II, lect. 6, q. 1, rat. 1, ed. Alonso 1944, p. 650, 7-24). Estas duas utilizações do argumento do “homem voador” foram devidamente identificadas na citada obra de D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, que na p. 90 (ver n. 59 e n. 64 da p. 91) mostrou como neste comentário o argumento é usado para concluir algo completamente diferente do pretendido por Avicena. Pelo contrário a utilização do argumento na *Scientia* (que Hasse não localizou) evidencia uma correcta compreensão do pensamento de Avicena, embora seja utilizado num contexto totalmente inabitual.

¹⁴¹⁵ Cfr. J. FERREIRA: «Esboço sumário das ideias antropológicas de Pedro Hispano», *Itinerarium* 4 (1958) 326-341, estudo também publicado em francês com o título «L'homme dans la doctrine de Pierre d'Espagne», em *L'homme et son destin d'après les penseurs du Moyen Age. Actes du premier Congrès International de Philosophie médiévale: Louvain-Bruxelles, 28 août-4 septembre 1958*, Louvain-Paris 1960, pp. 445-461, cfr. 453-454. A questão é retomada em diversos estudos posteriores do mesmo autor.

utilização do argumento enquanto prova da existência do *sermo internus*, que de modo algum faz parte da narrativa aviceniana, é uma originalidade de Pedro Hispano.

Resumidamente, o argumento é o seguinte: imaginemos uma alma criada de novo e infundida no corpo, mas que nada nem no exterior nem no interior afectaria os membros do corpo provocando-lhe sensações, e que desse modo ela não percepcionaria nada do que ocorre no exterior, então (1) se ela fosse agitada pela interrogação interna do discurso interior ela afirmaria a essência da sua existência (*sue essentie existentiam assereret*); (2) se ela pudesse imaginar um dos seus membros, negaria que ela fosse esse membro (*se illud esse negaret*); (3) se algo se apresentasse perante ela, distingui-la-ia da sua essência, diferenciando-se de todas as coisas (*ipsam a sua essentia distingueret, eam ab omnibus discernendo*), (4) do mesmo modo poderia pensar todas as coisas¹⁴¹⁶. As afirmações nucleares correspondem a conclusões de Avicena¹⁴¹⁷: (1) certeza da existência da essência da alma, (2) a alma não é corpo ou um órgão corporal (o argumento não fornece uma prova da existência do corpo), (3) a essência da alma é a sua independência de um corpo¹⁴¹⁸.

Pedro está menos interessado nas consequências metafísicas do argumento, que aliás reproduz fielmente¹⁴¹⁹. Interessa-lhe o que a alma faz no argumento e que lhe permite chegar àquelas conclusões. Interessa-lhe essa conversação interna, *internum alloquium* ou *sermo internus*¹⁴²⁰, que é o pensamento, “raciocinação” ou acto da razão, sem verbalização

¹⁴¹⁶ «Unde si novam creationem cum nova infusione aliqua anima susciperet et nullus intra nec extra corporalis motus strepitus inmineret membrorum motu ac concussionem penitus cessante et exteriorum corporum ut aeris continentis incursu remoti, et ipsam nichil extra occurreret prepediens perciperet. Si tunc interrogatione interna concitaretur interno alloquio, sue essentie existentiam assereret; si aliquod membrorum ymaginari posset, se illud esse negaret, et si quolibet res sibi offerretur ipsam a sua essentia distingueret, eam ab omnibus discernendo. Similiter autem et ipsa ad omnia suos extendens aspectus de supremis ac infimis rebus ratiocinatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, pp. 453, 21-454, 4.

¹⁴¹⁷ Para uma análise dos objectivos de Avicena e o modo como transparecem na tradução latina, cfr. D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit. pp. 86-86. O autor afirma que na *Scientia libri de anima* não é usado o argumento do homem voador (apesar de na bibliografia ser citado o estudo de J. Ferreira de 1960), devendo por isso acrescentar-se esta obra na p. 236, alínea m).

¹⁴¹⁸ Como se disse, a última conclusão inconveniente da afirmação da coincidência entre o cognoscente e o cognoscível, seria a impossibilidade de a alma pelo *internum alloquium* conseguir concluir a sua essência e distinguir-se das outras coisas (*Scientia*, IX, 8, p. 394, 8-9), daí que o discurso interno pressuponha a alteridade no interior do próprio intelecto, sem a qual não poderia haver pensamento no homem.

¹⁴¹⁹ Comparem-se as conclusões com o que se disse algumas notas atrás sobre a “defeituosa” compreensão ou utilização do argumento no comentário sobre o *De anima* atribuído a Pedro Hispano.

¹⁴²⁰ Sobre a teoria lógica e filosófica do discurso interior ver o estudo de C. PANACCIO: *Le discours intérieur: de Platon à Guillaume d'Ockham*, Paris 1999, onde a *Scientia* de Pedro Hispano é referida a pp. 169 e 307; cfr. também A. Maierù: «Il linguaggio mentale tra logica e grammatica nel medioevo: il contesto di Ockham», em C. Guetti — R. Pujia (eds.), *Momenti di storia della logica e di storia della filosofia. Atti del convegno, Roma 9-11 novembre 1994*, Roma 1996, pp. 69-94, nas pp. 79-84 sobre o séc. XIII.

externa¹⁴²¹, que *faz brotar o esplendor da verdade* através do cuidadoso exame das coisas¹⁴²², e rege a acção distinguindo o bem do mal¹⁴²³, assim conduzindo à realização exterior o que é concebido interiormente.

Pedro colhe esta teoria directa ou indirectamente em João Damasceno¹⁴²⁴. Mais pelas ideias que pela expressão está próximo mais uma vez da *Summa de anima* de João de Rochela¹⁴²⁵. Nemésio de Emesa, de onde provém a linhagem que abrange João Damasceno, João de Rochela e Pedro Hispano, sublinhara a existência de um discurso interno (*logos endiathetos*) da alma, que é, num segundo momento, exteriorizado pela voz, mas é dela independente: «Est autem mente conceptus sermo: motus anime qui in excogitativo fit sine aliqua voce». O homem caracteriza-se mais pela posse deste discurso interior que pela existência do discurso oral, uma vez que os próprios mudos, que não possuem a fala, possuem também a racionalidade. O discurso interno é a marca própria da racionalidade e o que identifica a espécie humana¹⁴²⁶. É o sentido geral destas ideias que Pedro Hispano recolhe, desde logo pela afirmação de que é pela posse deste pensamento interno e inato que o homem pertence ao género racional¹⁴²⁷. O discurso interior / *ratiocinatio* pertence portanto à totalidade dos homens, não é a linguagem vocalizada¹⁴²⁸, nem está dependente de qualquer

¹⁴²¹ «sine extrinseca enuntiatione», p. 453, 19, cfr. a definição citada atrás.

¹⁴²² «Rerum igitur compositiones ac divisiones format, verum ac falsum continentes. Has autem ordinat, ordinationes confert, ex collationibus acceptiones elicit multiformes et in hiis omnibus varias disceptationes exercet, ut splendorem eliciat veritatis.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, p. 454, 4-7, itálico meu.

¹⁴²³ «In boni ac mali discretionem procedit et omnes affectiones liberat, opera disponit circa executiones rerum preeminentias utrumque allegans motus ordinat atque regit.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, p. 454, 7-11.

¹⁴²⁴ Para as fontes prováveis, cfr. NEMÉSIO DE EMESA: *De natura hominis*, ed. Verbeke — Moncho, cap. XIII, pp. 90-91; João Damasceno: *De fide orthodoxa*, cap. 35, p. 131. Para C. Panaccio, *Le discours intérieur*, cit., p. 169, a expressão de Pedro Hispano equivale ao *logos endiathetus* de João Damasceno. A associação entre João Damasceno e Pedro Hispano já havia sido defendida por A. Maierù: «Il linguaggio mentale tra logica e grammatica nel medioevo: il contesto di Ockham», cit., p. 81, n. 54.

¹⁴²⁵ JOÃO DE ROCHELA: *Summa de anima*, ed. J.-G. Bougerol, cit., p. 205, 62-70; C. PANNACIO, loc. cit., também aproxima os dois autores. Recorde-se que esta passagem em João de Rochela faz parte da apresentação das faculdade da alma segundo João Damasceno.

¹⁴²⁶ «Secundum hoc autem maxime logici (id est rationales) omnes sumus; non enim ita sumus rationales secundum prolativum sermonem sicut secundum hunc. Etenim qui ex nativitate sunt muti et qui propter passionem vel aegritudinem vocem amiserunt, non minus rationales sunt.» NEMÉSIO DE EMESA: *De natura hominis*, ed. Verbeke — Moncho, cap. XIII, p. 90, 42 e 43-49.

¹⁴²⁷ «Ex hac quidem ratiocinatione maxime homo rationalis generaliter dicitur; etenim loquela naturaliter aut accidentaliter homo privatus tamquam actu rationali hoc utitur sermone, et sepe in silentio ipsum format homo, et intra se ipsum pertractat, et eius opere in sompno sepe disceptat. Videtur autem anime hic sermo esse innatus ex prima ac naturali industria ei insertus, set per apprehensiones, iudicia, affectiones ac operum deliberationes rationis ductu ad exercitium ducitur actuale.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, p. 454, 11-16.

¹⁴²⁸ Sobre a voz nos comentários ao *De animalibus* atribuídos a Pedro Hispano, cfr. «La vox come medium fra anima e corpo: annotazioni in margine ai commenti al *De animalibus* attribuiti a Pietro Hispano», em Carla CASAGRANDE — Silvana VECCHIO (cura): *Anima e corpo nella cultura*

língua convencional, porque mesmo quando o homem natural ou acidentalmente perde a linguagem externa, conserva a linguagem interna¹⁴²⁹.

Mas esta linguagem não se encerra em si mesma. Dispondo ao acto também se exterioriza. O movimento do *sermo internus* é ele sim comunicado pela prolação externa, para que a sua perfeição migre para o exterior. É pela linguagem que o homem comunica exteriormente o que interiormente pensa. Se uma prolonga a outra, não é menos verdade que tudo as distingue¹⁴³⁰. A locução anuncia a intenção do intelecto, voluntariamente¹⁴³¹ e por essa via a linguagem vocal torna partilhável o que é do domínio interior, pela sua manifestação física através da voz.

A descoberta do pensamento (*ratio tinatio*) em todos os homens encerra a discussão sobre o intelecto na *Scientia libri de anima*¹⁴³². Tendo sobretudo um carácter instrumental e de abertura à intersubjectividade, o discurso interior, sendo próprio do homem, não o realiza enquanto tal. É um movimento racional interno que dispõe a alma para a acção exterior permitindo-lhe manifestar voluntariamente o pensamento através da fala (per locutionem est intentionis intellective annunciativus), mas não é apresentada como a realização do fim último do homem.

medievale. *Atti del V convegno di studi della Società italiana per lo studio del Pensiero Medievale (Venezia, 25-28 settembre 1995)*, Firenze 1999, pp. 191-206, cfr. pp. 202-203 onde se faz uma referência a este capítulo da *Scientia*; e J.M.C. PONTES: «Quelques problèmes sur la voix et la signification dans le commentaire inédit de Petrus Hispanus Portugalensis sur le *de Animalibus*», em J.P. BECKMANN et al. (Hrg.): *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter. Acten des VI. Internationalen Kongresses für Mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'étude de la Philosophie Médiévale. 29. Auguste bis 3. September 1977 in Bonn*, Berlin -New York 1981, vol. I, pp. 398-402.

¹⁴²⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, p. 454, 13-16.

¹⁴³⁰ Repare-se no Pedro Hispano comentador da *Teologia mística* de Dionísio que para indicar o caminho da deificação do homem a que a teologia mística (negativa) pode conduzir dentro da sabedoria cristã, portanto removendo pelo excesso as limitações naturais, diz: «Et latitudo verbi vocalis vel mentalis restringitur in simplicitatem verbi eternalis. Ibi fit etiam deificatio, idest de humanis in divina transmutatio» Pedro Hispano, *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*, prol., ed. Alonso, p. 475, 5-7. Aqui a *dimensão* da linguagem verbal e a da linguagem mental surgem associadas, diferenciando-se ambas da *simplicidade* do verbo eternal, a linguagem de Deus, cfr. «Cuius splendor occultus est verbum eternum, quod pater inaudibiliter ab eterno loquitur» (Idem p. 476, 7-9). Deus é ele próprio inexprimível por ambas as linguagens humanas: «Ubi enim deficit verbum mentis, deest et verbum oris. Ideo autem nec mente capitur nec ore exprimitur, quia [Deus] omnibus supersubstantialiter superponitur» (Idem p. 480, 18-21).

¹⁴³¹ «Interior vero actus ab exteriori executione suscipit complementum et ideo interni sermonis motus externe prolationi communicatur, ut ad exteriorem migret perfectionem; ut enim ceteri actus interni in vocibus corporeis adimplentur, sic et hoc internum alloquium in extrinseci sermonis prolatione completur; et ideo intrinsece anime affectiones extrinseco copulantur. Qui per locutionem est intentionis intellective annunciativus. Unde dicitur vox corporeis organis formata intentionis proferentis sibi copulate voluntarie signativa.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 10, ed. Alonso, p. 455, 20-29.

¹⁴³² Os dois tratados seguintes ocupam-se da ordenação e distinção dos órgãos (Tr. XII) e das opiniões dos antigos sobre a alma (Tr. XIII).

A conjunção com a inteligência agente

Dos três níveis do intelecto agente e dos respectivos objectos e operações, já vimos que o conhecimento das coisas materiais não pode proporcionar a sua máxima realização, porque é conhecimento de corpo material, algo inferior. E nos outros dois níveis, pode o homem aí obter alguma realização última e mais perfeita? Quem e como pode chegar alcançá-la? Pedro não se coloca directamente estas questões, mas parece responder-lhes.

Vimos atrás que, de facto, para além de admitir a existência de um intelecto agente, descrito segundo o modelo de Aristóteles e com o poder de iluminar as formas sensíveis do intelecto possível, para além de o declarar sempre como individual, Pedro acolhe a doutrina Aviceniana da inteligência agentes separada e única, que ilumina o intelecto no momento de formação do inteligível. Entender é então receber o inteligível que emana para o intelecto possível no acto de intelecção, ou melhor conjugar-se com a inteligência agente que possui todos os inteligíveis em acto. A inteligência agente segundo Avicena concorre de facto com a teoria do intelecto agente pessoal e suficiente para a abstracção. Mas Pedro pode tê-la acolhido porque a Inteligência também é, como vimos, fonte de uma luz que dá conhecimento sobre certas realidades, mas a teoria tinha ainda como elemento sedutor o ser uma explicação das diferenças de graus de conhecimento verificáveis entre os homens, que, neste quadro, resulta de uma maior ou menor *coniunctio* pela intelecção com a inteligência agente, de um maior ou menor hábito e facilidade de conjunção. Daí que a alma humana, o intelecto, se realiza, em quatro distintos graus (*intellectus materialis aut possibilis, intellectus existens in habitu, intellectus adeptus, intellectus accomodatus et in effectum*), que representam também uma ascensão até à mais perfeita união possível, o *intellectus accomodatus* (que, como vimos, ocupa o lugar do *intellectus adeptus* de Avicena).

Em Avicena o *intellectus adeptus* é a realização intelectual da máxima felicidade ou beatitude possível ao homem no estado presente, porque é a conjunção com o princípio e tesouro dos inteligíveis, e deixa de lhe ser necessário continuar a recorrer às imagens sensíveis para conhecer. O *intellectus adeptus*, no sentido de adquirido do exterior, enquanto último e mais perfeito grau do intelecto possível na sua conjunção com a inteligência agente prefigura a beatitude perpétua que é o fim da alma após a separação do corpo que então poderá unir-se à inteligência agente onde encontrará e se unirá à beleza inteligível e ao deleite perene¹⁴³³. Mas,

¹⁴³³ «Cum autem anima liberabitur a corpore et ab accidentibus corporis, tunc poterit coniungi intelligentiae agentis, et tunc inveniet in ea pulchritudinem intelligibilem et selectionem perennem, sicut dicemus in eo loco [sc. Metaphysica, IX, 7].» AVICENA: *Liber de anima*, ed. S. Van Riet, V, 6, vol. II, p. 150, 71-14.

no estado presente o intelecto de alguns homens tem uma *virtus sancta*, faculdade de profecia que realiza o intelecto no seu mais alto grau.

Para Pedro Hispano o intelecto na sua actualidade plena, a alma perfeita (*anima perfecta*), a que está quase sempre em hábito completo e alcança a certeza sem esforço e de modo imediato, chama-se *intellectus communis et excelsus*. Também consiste na contemplação ou olhar supremo da alma¹⁴³⁵, mas para Pedro não seria suficiente que se tratasse da união ou contemplação de uma criatura. Apenas a contemplação do ser absoluto poderia realizar o máximo estado noético do intelecto, por isso introduz esse deslocamento na tese de Avicena, afirmando taxativamente que o grau mais perfeito da alma é aquele em que «a alma recebe da primeira inteligência a certeza e em cuja contemplação o intelecto se realiza na santidade¹⁴³⁶». No seu máximo grau de realização o intelecto é iluminado pelo criador mesmo

Pedro Hispano mantém a *coniunctio* aviceniana como cume contemplativo do intelecto quando a alma recebe a certeza, com a diferença radical de se tratar da primeira inteligência (para Avicena, neoplatónico mais consequente, seria inaceitável que o homem pudesse aceder à contemplação do uno que pela intelectiva). Mas para Pedro Hispano é indubitável que a máxima perfeição do intelecto se realiza na iluminação e contemplação do primeira inteligência ou criador de tudo.

¹⁴³⁴ Sobre o *intellectus sanctus* e a profecia ver a nota de S. van Riet em AVICENA: *Liber de anima*, V, 6, vol. II, p. 153 linha 17, onde remete para os outros locais onde a teoria da profecia é afluída no *De anima*: IV, 2, p. 19, 61 e IV, 4, p. 66, 59-64 (por gralha a autora remete para o livro I). Pedro Hispano refere-se também à união com a inteligência agente separada e do que dela decorre tornando possível a prognosticação e a adivinhação, *Scientia*, X, 8, p. 397, 16-23. A mesma teoria aviceniana é referida no comentário ao *De animalibus* relativamente ao quinto modo de conhecimento, *per elevationem et abstractionem ipsius anime*, modo de elevação “de que não fala Aristóteles mas Avicena”, e que decorre «per relationem ad intelligentiam influentem» porque quando a alma está assim *elevata* descobre muitas coisas, cfr. Pedro Hispano: *Super libro De animalibus Aristotelis*, ms. Madrid, BN, f. 274r, ed. da questão por M. GRABMANN *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen*, cit., pp. 494-495 (parcialmente citado por E. GILSON: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», cit., p. 106). Sobre a profecia em Avicena (árabe e latino) e a sua recepção pelos autores latinos, ver também D.N. HASSE: *Avicenna's De Anima in the Latin West*, cit., pp. 154-174, mas não á a detecção ou estudo das passagens correlativas da *Scientia*.

¹⁴³⁵ «*Censetur autem hec diversitas ex statu anime elevato ad aspectum intelligentie provenire. Nam cum anima perfectam habeat aptitudinem in sui coniunctione cum ipsa (intelligentia) sine multo exercitio et labore discipline aut inventionis, tunc quasi ad omnium formarum perfectionem attingit, ut eius intellectus quasi semper in habitu completo; cum enim anime est aspectus clarus et intelligibilis, affixus principiis, quasi ipsa sit in luce intelligentie inspirata ac accensa in festinatione ingenii ut fere omnium questionum certitudinem attingit, ei ab intelligentium (?) subito omnium noticia concurrente et in tali statu intellectus communis dicitur et excelsus; at vero aptitudo in supremo aspectu consistit*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, pp. 406, 31-407, 6. Este texto foi já citado atrás, onde se chamava a tenção para a estrutura do argumento.

¹⁴³⁶ «*Verum altera [aptitudo] sublimior est in qua anima ex prima intelligentia certitudinem accipit et in cuius contemplatione intellectus in sanctitate perficitur.*» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, p. 407, 7-9.

A exploração da doutrina aviceniana dos quatro graus intelecto não é levada tão longe como por Alberto Magno que na segunda parte do *De intellectu et intelligibili* descreve, segundo as palavras de Alain de Libera, «les étapes de la montée vers cette conjonction totale qui à travers la sanctification et l'assimilation mène l'intellect acquis vers la divinisation», divinização do intelecto que é, para o mesmo autor, a mais péripatética das suas doutrinas¹⁴³⁷. Esta divinização do homem pela realização do intelecto decorre também do acolhimento da doutrina aristotélica da felicidade como contemplação da *Ética a Nicómaco*, onde o estagirita afirma que «se o intelecto, relativamente ao homem é uma actividade divina, então a actividade segundo o intelecto será divina relativamente à vida humana¹⁴³⁸.»

Do *intellectus in sanctitate* Pedro não extrai uma posição quanto à máxima realização do homem enquanto modelo ético de vida perfeita, porque parece tratar-se apenas da realização do intelecto na sua vertente cognitiva de compreensão da verdade e da certeza dos princípios, não da realização da totalidade do homem, ser que conhece e que age, e que portanto é determinado simultaneamente pela verdade e pelo bem.

Por isso não é de estranhar que voltemos a encontrar no tratado sobre as faculdades motoras intelectivas a questão da mais alta realização possível ao homem, onde se combinam duas vertentes: o conhecimento da verdade e a realização do bem.

A "theophilosia" e a consumação da suprema felicidade da alma

A alma está por natureza inclinada para o conhecimento e a acção. Por um princípio de economia da natureza a alma não carece de princípios para se realizar no mais alto grau, de facto se os não tivesse seria de certo modo inútil, o que é absurdo na natureza. Por essa razão, afirma Pedro, a alma tem um inato desejo do verdadeiro bem, ideia que se repete ao longo da história da filosofia¹⁴³⁹. Pedro não diz como é que a alma se apercebe desse desejo, teria sido até interessante se a certeza da sua existência tivesse sido argumentada, por exemplo, a partir do auto-conhecimento da alma por si mesma que se refriu atrás. Mas não. Pedro tem à sua disposição um conceito que os teólogos vinham desenvolvendo e integrando na teoria das faculdades e dos hábitos da alma desde há algumas décadas: a sindérese (*synderesis*), colocando-a ora em conjunção com a vontade racional ora com o livre arbítrio; fazendo dela ora uma faculdade, ora um *habitus* da mente.

À sindérese é dedicado o mais curto capítulo da *Scientia*:

¹⁴³⁷ A. de LIBERA: *Albert le Grand et la philosophie*, cit., pp. 265 e 262, respectivamente.

¹⁴³⁸ ARISTÓTELES: *Ética a Nicómaco* X, 7, 1177b30-31.

¹⁴³⁹ Por exemplo, na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II*, Lib. II, lect. 2, q. 5, ad illud..., ed. Alonso 1944, p. 550, 22-24: é atribuída a Boécio: «sicut vult Boetius in libro de consolatione philosophie est enim in mentibus hominum veri boni inserta cupiditas»

Veri boni anime humane desiderium est insertum. Cum igitur eius aspectus currit ordine naturali, in eius desiderio figitur. In boni igitur veri appetitu sinderesis consistit que malorum consensui innumuratur. Est autem sinderesis veri boni rectum ac firmum desiderium malis affectionibus repugnans, ipsa vero rectitudine ducitur rationis. Ex eius igitur operibus procedunt recti mores ut eius ductu in vita laudabili anima dirigatur¹⁴⁴⁰.

A sindérese é o apetite inato do verdadeiro bem, que rejeita a anuência ao que é mal, melhor definida como «desejo recto e firme do verdadeiro bem, e que se opõe às afecções do mal, conduzindo-se pela rectidão da razão. De facto, dos seus actos procedem os costumes rectos, para que a alma, sob a sua orientação, se conduza na vida de modo louvável.»

Esta explicação condensa certamente uma fonte ou um mesmo um conjunto doutrinal mais vasto e que exigiria aqui uma mais pormenorizada explicação que o autor não dá. Cada termo e de cada afirmação têm uma história aqui difícil de reconstituir. O próprio conceito de *sunderesis* nasce, como se sabe, da corrupção paleográfica do termo grego *suneidesis*, consciência, que na exposição de interpretações de “certas platónicos” sobre os quatro seres vivos da visão de Ezequiel por S. Jerónimo se transforma em *synteresis*, assim se distinguindo da consciência nessa passagem, na qual por outro lado é descrita como “*scintilla conscientiae*”¹⁴⁴¹. A passagem causaria perplexidade e seria interpretada em toda a minúcia, e acolhida a questão nas *Sentenças* de Pedro Lombardo no âmbito da discussão sobre se e como pode a vontade ser má (II, dist. 39), no contexto de cujos comentários daria origem a tratados separados sobre a *sunderesis* e a *conscientia*. É desta forma que os medievais tomam a sindérese como uma faculdade, enquanto tal ausente de quaisquer fontes antigas, e procuram-lhe um estatuto, embora haja divergência se deva ser colocada entre as cognitivas ou entre as afectivas, ou se não será um simples *habitus* da alma¹⁴⁴². De qualquer maneira ela é descrita

¹⁴⁴⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 10, ed. Alonso, p. 441, 2-9. Capítulo transcrito na íntegra.

¹⁴⁴¹ «(...) Quartamque ponunt quae super haec et extra haec tria est, quam graeci vocant syntéresin, quae scintilla conscientiae in Cain quoque pectore, postquam ejectus est de paradiso, non extinguitur, et qua victi voluptatibus vel furore, ipsaque interdum rationis decepti similitudine, nos peccare sentimus.» S. Hieronymi, *Commentarium in Ezechielem*, Lib. I, cap. 1 (Patrologia latina, vol. 25, col. 22), cit. em O. LOTTIN: «Syndérèse et conscience aux XII^e et XIII^e siècles», IDEM, *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome II-1: *Problèmes de Morale*, cit., pp. 103-349, cit. na p. 103.

¹⁴⁴² Sobre a sindérese ver o amplo dossier textual, histórico e doutrinal coligido no estudo de Odom Lottin referido na nota anterior, ver também T.C. POTTS: «Conscience», em N. KRETZMANN et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 687-704. Um interpretação filosófica do conceito ético de sindérese encontra-se em C. TROTTMANN: «*Scintilla synderesis*. Pour une auto-critique médiévale de la raison la plus pure en son usage pratique», em Jan A. AERTSEN — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Berlin-New York 2000, pp. 116-130, traçando sobretudo a distinção de posições entre voluntaristas (a sindérese relava da vontade, cfr. Boaventura) e intelectualistas (p. ex., identificação da sindérese com o intelecto prático em Alberto Magno) no século XIII.

como fonte de moralidade (*ex eius igitur operibus procedunt recti mores*) e o homem é dito merecedor de louvor se na sua vida se conduz segundo essas regras que emanam da *sindérese*.

Não há dúvida que para Pedro Hispano é uma faculdade (*differentia* e *virtus*) motora intelectiva que ordena a alma para o bem por um processo recto, claramente distinta das outras faculdades activas¹⁴⁴³. Pela curta descrição mais seria de entendê-la como uma disposição natural, porque não fica claro qual é o seu objecto pelo qual se deveria distinguir como faculdade¹⁴⁴⁴. E também aqui Pedro insiste na rectidão da razão quando se orienta para o verdadeiro bem, embora ainda não nos diga como se realiza no homem, se pelo conhecimento, se na acção.

O capítulo seguinte traz a chave para algumas destas questões, embora a complique ainda um pouco mais ao introduzir uma nova *virtus* que precisamente consuma a disposição inata para o sumo bem. No capítulo «De summe desiderio bonitatis» Pedro expõe que alma humana, enquanto ser criado conserva em si o desejo inato do bem supremo (*summum bonum*) do qual teve a origem¹⁴⁴⁵, o autor não o diz mas essa é a definição de *sindérese*, deverá ter então um modo de se realizar. Como os filhos amam os pais, ou como o discípulo reconhece o mestre com quem aprendeu, ou como o que recebeu alguma oferta tem afecto por quem lha concedeu, assim a alma deverá ter como reconhecer (*recognoscat*) o autor da sua origem que com generosidade dispensou os seus bens e que mesmo se aperfeiçoe (*elaboret*) no desejo dele: «de facto, [a alma] tem nela uma faculdade inata para realizar o amor no cimo mais elevado da suprema bondade. A *theophilosia* é de facto o desejo consumado da suprema bondade»¹⁴⁴⁶. Se a *theophilosia* é a consumação da *sindérese* (que seria uma simples

¹⁴⁴³ Veja-se a sua classificação no quadro das faculdades motoras intelectivas: «Ex parte ergo operum quatuor differentie assignantur: *sinderesis*, *ratio*, *voluntas*, <*liberum arbitrium*. *Sinderesis* est *virtus* motiva affectus *ms., lac. ed. Alonso*> anime regens et recto processo ad verum et summum ordinans bonum.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 8, ed. Alonso, p. 65, 4-7.

¹⁴⁴⁴ A posição de Pedro está perto do mestre contemporâneo de Filipe Chanceler, identificado por Lottin no manuscrito Douai 434, que considera a *sindérese* uma *potentia habitualis*, que tem por função garantir a rectidão das duas faculdades motoras do homem, a razão prática e a vontade, sendo simultaneamente «*naturale iudicatorium*» e «*naturalis voluntas boni*», cfr. O. LOTTIN: «*Syndérèse et conscience aux XII^e et XIII^e siècles*», cit., pp. 157-163 e 341. De facto, não podendo exercer qualquer determinação sobre o livre arbitrio, a *sindérese* apenas poderia ter relação com as outras duas faculdades activas, a razão e a vontade.

¹⁴⁴⁵ «Summe bonitatis a qua trahit ortum huic anime desiderium est innatum, quippe cum ad existentiam producta et decoris eius dono dotata in noticiam et dilectionem eius naturaliter elevetur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 442, 3-4.

¹⁴⁴⁶ «Non est ergo mirum si anima sue originis actorem et bonorum suorum largitorem agnoscat atque in eius desiderio elaboret et ideo est ei *virtus* insita ad summe bonitatis fastigii [*fastigium* > la partie supérieure] amorem complectendum. Est autem *theophilosia* summe bonitatis desiderium consummatum.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 442, 18-22.

inclinação para a contemplação do bem) numa contemplação ou visão de Deus, horizonte de máxima realização da alma humana¹⁴⁴⁷.

Chegámos a um ponto inovador do pensamento de Pedro Hispano, mas também muito problemático. O que é esta *theophilosia*? De onde vem o termo e o que significa? Refere uma faculdade? O que representa para a realização do homem? O que é a consumação deste desejo? É equiparável a algum dos outros modos e realização intelectual já encontrados?

Em primeiro lugar o conceito: Em toda a obra o termo *theophilosia* é usado esta única vez e no manuscrito¹⁴⁴⁸ está grafado com todas as letras. Mais curioso ainda: esta termo não é conhecido em nenhum outro texto, seja antigo, seja medieval, seja patrístico¹⁴⁴⁹. Perante a inexistência de outros testemunhos e não sendo um termo que pareça corresponder totalmente a um conceito grego, ou formada segundo as regras mais exactas desta língua, poderemos suspeitar de um erro de copista. Mas, como nem disto podemos ter a certeza, resta-nos tentar compreendê-lo

João Ferreira, o único autor que notou a originalidade do termo e sobre ele escreveu¹⁴⁵⁰, sugeriu que ele pode ser compreendido através da decomposição em três termos: *theos*-Deus + *philia*-amor + *ósia*-justiça, culto. Literalmente significaria «o culto ou o serviço do amor de Deus». Como se fosse uma retribuição prestada pela criatura ao amor do criador.

O sentido desta interpretação pode sair reforçado se tivermos em conta que quando em XI, 2, enumera os cinco géneros de coisas que movem a vontade (já vimos que neste ponto enumera cinco e não quatro faculdades), o último é descrito com estas palavras: «Heclesis vero circa summi boni delectationem sollicitudinem gerit¹⁴⁵¹». *Heclesis*, evoca de imediato o termo grego *ekklesia*, com o sentido etimológico de assembleia, reunião, ou união, transposto para latim como *Ecclesia*, termo com que os primeiros cristão designavam a assembleia de celebração do culto divino e que por extensão passou a designar a comunidade de crentes cristãos e mesmo o edifício onde se desenrola o culto.

¹⁴⁴⁷ Sobre a sindérese e a visão beatífica ver C. TROTTMANN: «*Scintilla synderesis*. Pour une auto-critique ...», cit., pp. 129-130. Hipótese interessante seria encontrar elementos que mostrassem que esta *theophilosia*, que equivale em Pedro Hispano a uma autêntica visão mística de Deus, embora insuficientemente explicitada e tematizada, comporta também uma crítica dos limites da razão, que não eleva o homem à sua realização máxima.

¹⁴⁴⁸ Relembre-se que apenas o manuscrito de Madrid, editado por Alonso, é completo, o manuscrito de Paris não chega a este ponto.

¹⁴⁴⁹ Cfr. G.W.H.LAMPE: *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford 1984 (rred.); A. ERNOUT — A. MEILLET: *Dictionnaire étimologique de la langue latine. Histoire des mots*, Paris 1967; J.F. NIERMEYER: *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leiden 1976; A. BLAISE: *Lexicon Latinitatis Medii Aevi praesertim ad res ecclesiasticas investigandas pertinens (Dictionnaire Latin-Français des Auteurs du Moyen Âge)*, Turnholt 1986.

¹⁴⁵⁰ Cfr. J. FERREIRA: «O problema de Deus em Pedro Hispano», *Filosofia* 7 (1955) 164-176, p. 169.

¹⁴⁵¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 2, ed. Alonso, p. 434, 18-19.

A *theophilosia* pode então tratar-se de um tributo ao criador (no sentido que *osia* também tem de serviço que os homens prestam aos deuses¹⁴⁵²) no reconhecimento do seu poder criador, mas também união facilitada pelo desejo do bem que ele próprio doou com generosidade (*largitas*) à alma humana.

Poderá o termo ter sido criado por Pedro Hispano? A não existência de outras fontes leva a crer que sim, e nem parecem ser necessários mais que uns rudimentares conhecimentos de algumas palavras gregas para o fazer, sendo que *theo-philía* é uma palavra bem conhecida e nem anda longe de outras compostas como *philosophia*; aliás *theophilosophia* seria mais óbvia, mas na faculdade inventada ou proposta por Pedro Hispano o último termo é bem *ósia*. É sabido o gosto de autores do século XII pela criação de neologismos a partir do grego, e não é improvável que também aqui Pedro Hispano prolongasse tendências de pensamento do século anterior ao seu.

Como se integra esta faculdade ou estado de consumação da suprema bondade na dinâmica intelectual e activa da alma humana?

Note-se desde logo que estamos no domínio afectivo-activo do desejo (*desiderium*) do bem. A alma é dinamizada nesta aspiração ao bem supremo pelo desejo inato, não por um conhecimento inato, e o desejo ou apetite de um bem solicita requer uma acção. A capacidade de realizar o amor da suprema bondade, embora seja algo próprio da alma, não parece relevar em primeiro lugar e principalmente do domínio especulativo. Pertence antes ao domínio da razão prática porque é a satisfação de um desejo¹⁴⁵³ em razão do seu bem. Esta interpretação pressuporia a distinção entre um domínio especulativo, que não considera a acção a realizar e nada indica quanto ao que deve ser alcançado ou evitado, porque se ocupa apenas da verdade/do verdadeiro¹⁴⁵⁴ e um domínio da acção ou inteligência que raciocina em vista de um fim adequado de modo a suscitar a acção, domínios entre os quais há portanto uma intrínseca continuidade e não uma separação, como se constata pela co-causalidade do apetite e da inteligência na acção¹⁴⁵⁵.

Tendo Aristóteles afirmado no *De anima* III, 9-10 esta continuidade entre o especulativo e o prático, entre o cognitivo e o apetitivo (continuidade que se constata nos homens prudentes que obedecem à inteligência e não ao apetite na execução da acção), Pedro segue-o afirmando que é ao mesmo intelecto que cabe abranger a totalidade do ente sob os seus aspectos de verdade e de bem. Quando este cabe sob o conceito de verdade o intelecto é

¹⁴⁵² R.S. LIDDELL: *A Greek-English Lexicon* (WWW): «“Hosia”: II. the service or worship owed by man to God, rites, offerings», etc.

¹⁴⁵³ Relembremos que o movimento procede do apetite, Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 430, 25.

¹⁴⁵⁴ ARISTÓTELES, *De anima*, III, 9, 432b27-28.

¹⁴⁵⁵ ARISTÓTELES, *De anima*, III, 9-10, 432a28-432b18

especulativo, quando sob o conceito de bem é prático, distinguindo-se apenas em razão da perspectiva sob a qual o mesmo ente é entendido: ou a verdade ou o bem¹⁴⁵⁶.

Assim, o intelecto especulativo pela sua extensão ao domínio do agir devém intelecto prático e neste estado a sua função é precisamente mover e distinguir o bem e o mal:

At vero intellectus speculativus per sui extensionem ad opus efficitur practicus; et in hoc statu ei motus ac boni malive discernendi industria¹⁴⁵⁷.

Relembremos que a acção humana não pode fugir a este duplo limite, por um lado o desejo do verdadeiro bem, do outro o desejo do bem inferior ou bem aparente, em que há um lapso, enquanto que «uma vez que a apetitiva intelectual no seu estado se dirige simplesmente para o verdadeiro e fixo bem, persevera sempre no desejo pela rectidão¹⁴⁵⁸».

Como é que o intelecto pode consumir o desejo da suprema bondade, pelo intelecto especulativo ou pelo prático?, ou aqui de novo a distinção de razão introduzida entre ambos deixa de ter sentido devido à unidade de essência do seu objecto?

Na suprema face da alma há duas faculdades uma apreensiva que olha (*aspiciens*) a verdade, a outra motora que afecta (*affectans*) a suprema bondade. O vestígio (*vestigium*) da primeira verdade impresso na alma dispõe à indagação da suprema verdade, o vestígio impresso da suprema bondade inflama para abraçar a sua doçura¹⁴⁵⁹.

Nova distinção: a alma adquire o *conhecimento* da suprema verdade por dois métodos: (1) especulando a disposição ou ordem das criaturas, elevando-se a ele através de muitos meios, e (2) elevando a face livre à sua pura luz¹⁴⁶⁰. Da mesma forma o *amor* da suma bondade ascende: (1) desde a doçura das criaturas conduzindo até ao supremo prazer (*iocunditas*), e (2) de modo imediatamente ao seu amplexo (*amplexu*). E conclui Pedro: «tal como o primeiro conhecimento é mais certo, também o primeiro amor é mais perfeito e

¹⁴⁵⁶ «Quoniam vero intellectus omnium capax est, communis vero natura entis videtur esse ratio, cum sit suo ambitu omnia comprehendens, videtur eius generale obiectum ens constitui; at vero et speculativo et practico est commune, igitur utrique competit ratione diversa. *Sub intentione igitur vero speculativo sub intentione vero boni practico adaptatur. Nam speculativo quidem veritas, practici vero bonitas finis est.* Sed tam veritas quam bonitas omnibus virtutibus est communis; veritas igitur intentionis essentie pure naturalis speculativo intellectui, bonitas vero ac absoluta intellectui practico respondet. Veritas vero materialibus circumstantiis involuta inferioribus virtutibus apprehensivis, bonitas vero temporalibus circumstantiis ac singularibus motivis inferioribus coaptatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 3, ed. Alonso, pp. 362, 32-363, 9.

¹⁴⁵⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 430, 14-16.

¹⁴⁵⁸ Repete-se o texto já citado atrás a propósito da vontade e da liberdade do arbítrio: «Quoniam vero appetitiva intellectiva in suo statu ad bonum simpliciter verum et fixum dirigitur, semper in desiderium rectitudine perseverat. Verum cum a suo statu labitur et inferiorum virtutum aut proprio defectu ducitur, in apparentis boni desiderium afficitur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 1, ed. Alonso, p. 432, 33-433, 1.

¹⁴⁵⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, pp. 442, 28-443, 1.

¹⁴⁶⁰ «Set veritatis summe noticiam dupplici tramite anima acquirit, creaturarum dispositionem speculando et ad ipsum multis mediis ascendendo et altero ad eius puram lucem aspectum liberum elevando.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 443, 2-5.

realiza-se na sua contemplação¹⁴⁶¹.» Aqui certamente “primeiro” refere-se à ordem de perfeição (e não à ordem de enumeração). É a coincidência do conhecimento e do amor em um mesmo acto que constituiu a mais elevada perfeição da vida e do agir, apenas possível pela elevação (elevatio): «Nam vite et operis summa perfectio est eius cognitio ac dilectio, ad hoc vero opus summa exigitur elevatio¹⁴⁶².» Estado de elevação este que pode ser ofuscado e cair nas trevas quando a alma cede às coisas inferiores, tal como o conhecimento da verdade das coisas inferiores pode afastar do supremo bem ofuscando a mente, do mesmo modo que o apetite dos bens transitórios ex-orbita a alma do centro que é a suma bondade¹⁴⁶³. Mas, esta é apenas a possibilidade negativa de um estado mais perfeito e que este lado obscuro mais permite valorizar.

Quoniam vero et summi boni essentia omnium creatrix supremum desiderium allicit, et ipsa desiderium sue bonitatis donum infundit, appetitus naturaliter eam complectitur diligendo et summam felicitatem ad quam opera dirigit, adipiscitur, in cuius perficitur acquisitione¹⁴⁶⁴.

«Uma vez que a essência criadora de todas as coisas (essentia omnium creatrix) seduz o supremo desejo do sumo bem, infunde o dom (donum infundit) da sua bondade ao que deseja, o apetite naturalmente amando, abraça-a e assim é atingida a suprema felicidade (summam felicitatem) para a qual a acção se dirige e em cuja aquisição se realiza.» Estas palavras, com que conclui o capítulo sobre o desejo da suprema bondade, condensam mais uma vez variados elementos de doutrinas cujas origens exactas não é fácil de despistar. Sobressai a ideia do amor ao criador como um dom do próprio criador à criatura, sem este auxílio nunca a alma poderia desejá-lo. Por sua vez este apetite pode ser realizado, pela contemplação directa do criador, amplexo imediato, simultaneamente cognitivo da verdade e afectivo do amor. É nesta coincidência do conhecimento e do amor, de novo um tema agostiniano e que o pensamento franciscano não abandonaria, que se realiza a máxima felicidade e em cuja aquisição a alma se realiza. A *theophilosia* é um estado de plenificação da alma, que se realiza maximamente no conhecimento e no amor do supremo bem, não é um estado de superação da mente, um *excessum mentis*, com que os místicos significavam essa anulação do sensitivo e do intelectual que tornava possível a contemplação do criador¹⁴⁶⁵.

¹⁴⁶¹ «Similiter autem dilectio summe bonitatis insurgit ex creaturarum dulcedine ad summam iocunditatem perducente et ex immediato eius amplexu; et sicut prima notitia certior, sic prima dilectio est perfectior. In eius igitur contemplatione perficitur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 443, 5-9.

¹⁴⁶² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 443, 11-13.

¹⁴⁶³ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 443, 13-27.

¹⁴⁶⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 7, ed. Alonso, p. 28-32.

¹⁴⁶⁵ Veja-se o que diz Pedro Hispano comentador de Dionísio sobre o conhecimento de Deus por ignorância mística: «Status unionis non potest aliter obtineri nisi per ferventissimum desiderium mentalis orationis et per virtutem supermentalis affectionis ad quam non attingit oculus intellectualis

Na *Scientia* o fim do homem, ou seja aquele acto em que se realiza (perficitur), é a elevação e consumação da contemplação do criador, contemplação simultaneamente *prima notitia* e *prima dilectio*. Esta união contemplativa é cognitiva e afectiva, não se reduz apenas a uma das vertentes, é perfeita porque num mesmo acto coincidem a verdade e o bem, o conhecimento e a acção. A contemplação realiza o homem enquanto seu fim último, porque é um amplexo no qual a alma de certa forma se diviniza, se desprende da sua condição, fazendo coincidir num mesmo plano de presença (mas não em essência, evidentemente) o amado e o amante, o que deseja e o objecto de desejo, coincidência plena porque também faz coincidir os planos do conhecer e do amor. É a repleta consumação do desejo da suprema bondade: a *theophilosia* é a suprema felicidade da alma, maximamente realizada por um acto de elevação à visão do criador.

Não se trata, por isso, de simples elevação psicológica, porque há aí uma máxima plenificação ontológica, em que a alma está ainda dentro da sua natureza, mas na união ao absoluto realiza de modo absoluto as suas possibilidades¹⁴⁶⁶. Aliás, defende Pedro noutra local, é exactamente para isso que o homem possui uma forma superior de alma, o intelecto, para se poder elevar *ad statum proximum conditori* onde e por cujo intermédio adquire a felicidade¹⁴⁶⁷. A alma que tudo pode conhecer e foi criada para se unir ao criador,

cognitionis. Unde talis cognitio dicitur fieri per ignorantiam», ou sobre o conhecimento por superação do intelecto «Toto mentis affectu exoptamus nos fieri in caligine superlucanti, idest in statu superintellectuali qui lucidior est quam intellectualis, ut per mentis excessum, in quo intellectus non videt nec aliquo modo cognoscit, possumus Deum cognoscere et videre superintellectualiter, per remotionem videlicet intellectualis cognitionis, cum ipse Deus visu intellectuali nullatenus attingatur.» Pedro Hispano: *Expositio in librum De mystica theologia Dionysii*, prol., ed. Alonso, p. 481, 11-15 e p. 484, 2-8. A união a Deus supera o intellectus theoricus, faculdade pela qual a mente conhece os inteligíveis: «Notandum autem quod mens nostra habet virtutem ad intelligendum quam dicere possumus theoricum intellectum per quem mens intelligibilia inspicit. Hec insuper mens nostra unionem quam intelligimus summum affectionis apicem, quem proprie perficit dilectio Dei, excedentem mentis naturam per exercitium, per quem etiam summum apicem vel unionem mens iungitur theoriis tam naturam suam quam exercitia sua excedentibus. Per hanc ergo unionem oportet nos cognoscere divina non secundum sobrietatem intelligentie nostre set statuendo nos supra nos ipsos tota virtute Deo unitos.» Pedro Hispano: *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii*, VII, ed. Alonso, p. 411, 11-20. A designação *intellectus theoricus* foi assinalada na tradução latina da *Epistola de intellectu* de Averróis júnior (cfr. D.N. HASSE: «Das Lehrstück von den vier Intellekten in der Scholastik», cit., p. 23) não é improvável que o comentador a tenha encontrado em alguma outra fonte, provavelmente em Tomás Gaulês, sua fonte principal.

¹⁴⁶⁶ Francis Ruello, sem fazer qualquer referência à *theophilosia*, traçou bem as divergências entre a visão mística das faculdades da alma dos comentários a Dionísio (sobretudo da *mens*, que na *Scientia* nem tem qualquer função relevante) e a noética unitiva e de perfectionamento das faculdades presente na *Scientia*, que o leva a concluir «Pierre d’Espagne auteur du de anima, ne paraît pas être l’auteur du commentaire dyonisien», cfr. F. RUELLO: «Un commentaire dyonisien en quête d’auteur. Le commentaire attribué à Pierre d’Espagne», cit., pp. 166-168, a afirmação citada encontra-se na p. 168.

¹⁴⁶⁷ «alia vero opera in praxi fundata soli homini appropriata creduntur ut creatori operumque eius dilectionis affectus atque operum regnum quo felicitas acquiritur et ascensus ad statum proximum

penosamente realiza a felicidade na condição terrena, embora nela adquira a felicidade que o criador retribuirá após a separação da alma consoante o mérito ou o castigo merecido¹⁴⁶⁸. Parece estarmos dentro da tentativa de formação de uma ascese natural e filosófica, que retém todos os elementos de uma teologia cristã, embora transferindo a sua explicação para o domínio de uma teoria das faculdades da alma através da inserção desta faculdade ou estado mais perfeito que corresponde à sua felicidade. Tendo em conta estas raras referências à felicidade na *Scientia*¹⁴⁶⁹, podemos dizer que a *theophilosia* representa uma tentativa de elaboração conceptual da ideia religiosa e bíblica da contemplação divina como prefiguração da vida eterna prometida pela revelação cristã. É revelador da mentalidade de Pedro Hispano que a *theophilosia* seja apresentada com as características de uma faculdade da alma, ou pelo menos de consumação de uma faculdade, a sindérese. Sendo uma faculdade, daí decorre uma naturalização da contemplação, ou pelo menos uma tentativa de a compreender e explicar no âmbito das causas naturais, isto é, das faculdades da alma estudadas pela filosofia¹⁴⁷⁰.

Na ideia de consumação de um desejo da suprema bondade, pelo conhecimento e pelo amor, reencontramos o tema longamente meditado por Agostinho de Hipona sobre o homem como ser dirigido para Deus no qual busca o repouso da sua realização contemplativa¹⁴⁷¹, e que atravessa toda a teologia cristã.

A *theophilosia* é a mais elevada faculdade que encontramos na alma, o seu objecto é o ente mais sublime e inefável, e o seu acto é o mais nobre de todos os que podem ser realizados pela alma (note-se que nunca é aqui usado o termo intelecto), a ascensão mística é

conditori, ad que sensibilis non ordinatur differentia in homine, nisi ex superioris virtutis dominio dirigatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 1, ed. Alonso, p. 298, 15-20.

¹⁴⁶⁸ «(...) set ipsa omnium capax exemplari primo simillima eius et in ipso contentorum est receptiva, set cum per extranea ipsum cognoscat sui presentiam ipsum est cognoscere nata separata et ei per presentiam presentari, set summum bonum quod virtutibus acquirit nata est recipere cui munera corporis contradit set merita virtutum felicitatem, demerita penam exigunt. Hec autem conditor post vitam largitur. Set premium ac penam iudicii libra dictat quod in vita non datur set vita hec multis laborat angustiiis et virtutes ad felicitatem ducentes in mundanis miseriis roborantur. In huius igitur vite angustiiis felicitas non confertur, set ea anime post vitam donatur, set virtutes ad felicitatis statum perfectum ac perpetuum dirigunt, quod hec vita non prestat» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 1, ed. Alonso, p. 333, 11-17.

¹⁴⁶⁹ O termo *beatitudo* não ocorre na *Scientia*, onde é usado o conceito *felicitas* em quatro locais: nas duas passagens acabadas de citar, na p. 427, 7 (prólpgo do Tr. XI) e na p. 443, 31 exactamente o final do cap. *De summe desiderio bonitatis*.

¹⁴⁷⁰ Posição diferente é a do místico que coloca Deus para lá da mente e por isso também de todas as formas de ciência, de saber e de sabedoria: «Nam Deus non tantum est superplenus sapientia quo ad habitum intelligendi. Et sapientie eius non est numerus [Ps. 416, 5], quo ad scita. Set collocatur super omnem mentem, idest intelligentiam angelicam et super omnem rationem, idest humanam industriam, et super omnem sapientiam, idest scientiam philosophicam.» Pedro Hispano: *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii*, VII, ed. Alonso, p. 410, 3-8. Por isso, a união da mente a Deus é suspensão de toda a operação intellectuum, Idem: ibidem, I, p. 267, 1-11.

¹⁴⁷¹ «Feciste nos ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te», Agostinho de Hipona: *Confissões* I, 1, 1, ed. A. Espírito Santo et al., Lisboa 2000, p. 4.

de toda a alma, mas ela não realiza a totalidade humana, porquanto neste estado máximo de felicidade o corpo é ignorado (aliás, é taxativamente apresentado como um obstáculo). Por isso poderemos também dizer que esta felicidade é um estado que prefigura a felicidade eterna em que a alma estará definitivamente separada do corpo.

Como é que na *Scientia libri de anima* a *theophilosia* se relaciona com as outras teorias sobre a realização da alma humana? Não encontramos grande integração entre as diferentes teorias afluídas ao longo da obra:

- Nada nos autoriza a supor que para Pedro tenha pensado em alguma proximidade entre o *intellectus sanctus*, o mais elevado grau do intelecto possível, que caracteriza a alma dos perfeitos, e a *theophilosia*. Esta, como acabamos de ver, é mais que um simples acto cognitivo e envolve a vertente afectiva do amor, tão valorizada por Agostinho, que não encontrámos na teoria aviceniana dos graus do intelecto.
- Ao ser descrita a *theophilosia* também não é usado qualquer outro termo da psicologia árabe, nomeadamente os relacionados com a conjunção (*emanatio*, *conjunctio*, *continuatio*) com as inteligências agente ou primeira.
- Também não é mencionada a teoria das duas faces da potência motora do intelecto, uma das quais ordena o progresso da alma para o sumo bem, e tem ela própria dois aspectos: o primeiro ordena-se para a imediata contemplação do primeiro bem, etc.¹⁴⁷² Apesar da divisão parecer ter alguma proximidade com os dois métodos da alma para atingir a suprema verdade, Pedro não faz ele próprio essa associação.

Em conclusão, nada mostra que Pedro tenha tentado integrar estes diferentes níveis de realização da alma em uma visão de progressiva perfeição de potências que conduziriam a um grau último e pleno de consumação todas as faculdades e graus inferiores da alma, à semelhança do que foi realizado, por exemplo, por Boaventura de Bagnoregio no *Itinerarium mentis in Deum* em que a progressão especulativa da alma através de todos os sinais ou imagens de Deus é uma *elevação* desde a consideração das coisas naturais, passando pela especulação sobre as próprias faculdades da alma, até ao Bem último e puro, alcançado por um *excessus mentis* no arrebatamento e repouso místico da contemplação, trânsito que se for

¹⁴⁷² «Ex ratione graduum ordinis hee virtutes secundum duplicem earum statum duas continent differentias : prima ad primum et summum bonum ordinat anime processum. Secunda ad infimum eius aspectum inclinatur. Set prima duas habet differentias: prima ad primi boni immediatam contemplationem ordinatur et propter ipsum ad creaturarum dilectionem procedit. Secunda autem creaturarum amore incipiens ad summi boni affectionem dilectionem consummat.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 8, ed. Alonso, p. 66, 8-14.

completo «é necessário que abandone todas as operações intelectivas e que todo o ápice do amor se transfira e transforme em Deus¹⁴⁷³.»

Não há em Pedro uma doutrina da realização ética do homem que integre numa ordem de progressiva realização ou de continuidade os diferentes graus de actualidade que fomos encontrando na alma ou no intelecto, nomeadamente o conhecimento abstraído das coisas, o conhecimento intuitivo de si pela alma, a conjunção com a inteligência agente separada através da emanção das formas, ou nem mesmo entre a felicidade obtida pelo intelecto addeptus e esta *theophilosia*. A não existência de pontos de contacto entre as diferentes teorias mostra que têm origens distintas e que o autor não tenta assimilá-las entre si sob um denominador comum único, limitando-se a expô-las em pontos diferentes da obra, para conseguir um efeito de completude reunindo as diferentes teorias que considera verdadeiras, seu objectivo enunciado desde o prólogo da *Scientia*¹⁴⁷⁴.

Mas, a outro título, devemos regressar atrás à questão dos “três intelectos”, para verificarmos que na *theophilosia* encontra justificação a via deixada aberta a uma iluminação recebida directamente da primeira inteligência (para além da luz própria do intelecto humano e da luz da inteligência separada¹⁴⁷⁵). É porque a primeira inteligência ilumina directamente a alma humana que ela, com este auxílio, pode inflamar-se e elevar-se à contemplação. Se não existisse o dom desta luz da primeira inteligência apenas lhe restaria a possibilidade de ascender à causa primeira de tudo especulando sobre a disposição das criaturas ou amando a sua doçura para ser levado ao supremo prazer. A luz da primeira inteligência que em noética não desempenha qualquer função especial para além de suprir a insuficiência da própria inteligência separada (e nem é por acaso que nunca é tratada de modo individual), tem um papel definitivo neste domínio da razão prática, porque é condição da possibilidade de realização da máxima felicidade humana.

Em conclusão, a doutrina da *summa felicitas* de Pedro Hispano na *Scientia libri de anima*, que tem este aliciante teórico de ser introduzida por um conceito absolutamente desconhecido em outros autores, está directamente ligada à revelação cristã, à teologia agostiniana e à cultura monástica do século XII e não acolhe minimamente a orientação proposta pela *Ética a Nicómaco* de que se falou atrás e que caracteriza ou de algum modo começa a estar presente na filosofia dos mestres de artes pelo menos a partir das primeiras

¹⁴⁷³ BOAVENTURA DE BAGNOREGIO: *Itinerário de mente para Deus [Itinerarium mentis in Deum]*, ed. lat., trad. e notas A.S. Pinheiro, Braga 1973, a passagem citada é do cap. VII, 4, p. 188.

¹⁴⁷⁴ É esta não organicidade entre as diversas teorias que permite que a sua ordem possa ser alterada, como aqui se fez, tentando encontrar algum grau de continuidade dentro daquilo que é a concepção geral do autor acerca do homem. Se seguirmos a sequência dos capítulos da *Scientia* encontramos esta ordem: a conjunção com a inteligência agente (X,7 e 10), o conhecimento de si (X, 9) a *theophilosia* (XI, 7) e a linguagem interior (XI, 10).

¹⁴⁷⁵ Cfr. Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, II, 7, ed. Alonso, p. 62, 13-21, e atrás o cap. 2.3.2.2.

décadas do século XIII. Em Pedro Hispano a *summa felicitas* não é a realização do intelecto humano enquanto humano, é a realização da alma enquanto vestígio do criador a ele regressando por contemplação e amplexo directo, numa visão face a face, cognitivo e afectivo. Neste sentido é perfeitamente coerente com a concepção de homem veiculada pela *Scientia* e que entronca na antropologia do século XII, a um tempo simbolista e naturalista, que tem no seu cerne a ideia filosófica do homem como microcosmo e a ideia bíblica do homem como fim da criação.

Cap. 3

O homem microcosmo na *Scientia libri de anima*: uma antropologia situada

Percorridos alguns problemas relativos à alma, ao conhecimento e à actividade humanas nas obras psicológicas atribuídas a Pedro Hispano que conclusões poderiam ser daí retiradas? Desde logo, que não há elementos que permitam afirmar que foram escritas por um mesmo autor. Não foram assinaladas citações mútuas, como seria de esperar em obras sobre o mesmo tema escritas pelo mesmo autor. Mesmo na sua ausência e tendo o autor da *Scientia libri de anima* afirmado no prólogo que se apoiaria em outras obras antes por si disputadas¹⁴⁷⁶, seria de esperar alguma ressonância temática, terminológica, conceptual, mesmo doutrinal, mas em vão. Há mesmo desacordo em questões pontuais, embora não tenha sido feito ainda um confronto sistemático para se chegar a uma conclusão definitiva. Aliás, como em muitos pontos esse confronto é impossível porque são poucas as matérias comuns cobertas por ambas as obras, apenas a edição crítica das duas obras, que urge encetar, poderia ajudar a traçar um panorama mais completo e talvez definitivo sobre a questão.

A *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* é um comentário onde se pretende, antes de mais, clarificar a própria obra comentada, para o que o autor mobiliza um dispositivo de múltiplas abordagens, como vimos (II.1). As fontes aduzidas mostram que o seu autor é um grande frequentador da literatura filosófica que no seu tempo entrava no ocidente, como Averróis e Avicena, mas acima de todos Aristóteles, a quem dá o maior crédito e cujas posições diversas vezes identifica com *a verdadeira filosofia*. O comentário caracteriza-se antes de mais por determinar o estatuto epistemológico da ciência da alma, no seu método e no quadro das ciências, e interpreta a natureza da alma ao abrigo da teoria

¹⁴⁷⁶ «(...) ut, postquam sermones inquisitivi sub disputationis examine procedentes in aliis operibus a nobis editis sunt premissi (...)» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, Prol., ed. Alonso, p. 5, 10-13, para uma inclusão no contexto, verificar o próximo texto citado.

avencebroliana da pluralidade das formas, com uma ou outra mudança de posição, mas apenas para efeitos de discussão. O corpo é instrumento da alma, relação várias vezes explicada pelo símile do marinheiro que dirige a sua nave, é pois um princípio substancial extrínseco agregado ao corpo para o reger, mas dele separável, concepção onde perpassa o dualismo platónico e neoplatónico que é corrente na psicologia da primeira metade do século XIII, partilhada pela generalidade dos autores e obras. A noética do *Comentário* desenvolve a tese aristotélica segundo a qual o intelecto, pelo conhecimento, pode devir todas as coisas. Esta aptidão é especificada através do processo de apreensão, constituição e actualização dos inteligíveis através do trabalho próprio e encadeado das várias faculdades que, como vimos, não são objecto de atenção particular nesta obra. No homem apenas é inata a faculdade de conhecer, tudo o que é conhecido provém do “exterior”, pois a alma não possui qualquer conteúdo inato, e adquire por representação o conhecimento das coisas externas. Podemos ainda encontrar nesta obra uma teoria do intelecto solidária com esta concepção de alma e de conhecimento, pois aquele é dotado de duas faces ou dois olhares, equiparados aos intelectos agente (orientado para a cognoscibilidade das coisas superiores) e possível (orientado para a cognoscibilidade das coisas inferiores), sendo que o intelecto é numericamente distinto em cada homem e cada intelecto possui estas duas faces, não havendo aqui qualquer cedência a algum avicenismo que separasse o intelecto agente, ou a algum monopsiquismo averroísta que separasse de cada homem ambos os intelectos. Aliás, o autor afirma a imortalidade individual do intelecto (admitindo a mortalidade da parte do intelecto possível associada às imagens sensíveis).

A *Scientia libri de anima*, como se sublinhou por diversas vezes, tem uma orientação completamente diversa e caracteriza-se pela sua sistematicidade, uma vez que não discorre ao ritmo de uma série de lições ou de um texto a comentar. Obedece a um plano claramente enunciado pelo autor desde o prólogo:

Ad nostre igitur thronum mentis, curiosa nec non executione digna ascendit intentio, ut de natura anime differentiarumque eius compendiosam ac perfectam ordinaremus traditionem, ut, postquam sermones inquisitivi sub disputationis examine procedentes in aliis operibus a nobis editis sunt premissi, in hoc ergo negotio omnium inquisitionum veritatis sentencie certis summis ac brevibus concludantur. In hac igitur sciencia tradetur perfecta notitia substantie anime, differentiarum, virtutum, operum, proprietatum et omnium dispositionum, que ei insunt ex natura propria et corporis subiecti, et procedet hystoria circa animam intellectivam separatam et circa eius perpetuam et inmortalem existenciam et organorum distinctiones assignabuntur. Antiquorum vero opiniones in fine operis proferentur¹⁴⁷⁷.

¹⁴⁷⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, Prol., ed. Alonso, p. 5, 7-20.

Está aqui claramente estabelecido o modo de execução do projecto: reunir as sentenças da verdade de todas as inquisições, próprias mas também certamente alheias, em sumas certas e breves (*in hoc ergo negotio omnium inquisitionum veritatis sentencie certis summis ac brevibus concludantur*). Os seus temas ou partes previstos também aqui são claramente indicados e correspondem de facto à estrutura da obra. Mas, a ideia chave do projecto é essa ordenação compendiosa e perfeita sobre *a alma e as suas faculdades* (*ut de natura anime differentiarumque eius compendiosam ac perfectam ordinaremus traditionem*). É pois evidente que Pedro quer fazer um compêndio, não para expor doutrinas de diferentes autores, mas sim uma doutrina perfeita, integrada, sustentada em si mesma, sem recurso a autoridades e sobre *as faculdades da alma*. Se o seu princípio fosse a exposição de autoridades estaria sempre salvaguardada a homogeneidade da intenção e do conteúdo, elas suceder-se-iam por si mesmas como acontece em diversos tratados, como por exemplo os de João de Rochela.

Abdicando claramente de se apoiar na autoridade de quem quer que seja, que princípio orientador, então, acolhe Pedro para se guiar na agregação das diferentes *sentenças de verdade* que vai reunindo? Olhando para trás tememos que a ausência de um princípio e o ignorar deliberadamente quem é o autor de cada doutrina, tenham levado o autor ao excesso de compilar uma sequência de posições inconciliáveis. De facto, como se pode aceitar que se afirme que o homem possui um intelecto agente por si mesmo suficiente para conhecer por abstracção as coisas sensoriadas e ao mesmo tempo se afirme a necessidade de existência de uma inteligência agente de onde emanam as formas inteligíveis de facto conhecidas? Como se pode afirmar que sempre que entende, o intelecto necessita unir-se a esta inteligência agente, mas logo à frente se afirme que o intelecto possui uma memória intelectual onde ficam depositadas as formas inteligidas que depois o intelecto pode rememorar ou reevocar por reminiscência? Como pode Pedro afirmar que o intelecto é como uma tábua lisa sem qualquer sinal escrito que recebe todas as formas pelos sentidos e depois aceita, ainda que de modo não totalmente claro, que a alma tem a totalidade das formas das coisas de modo inato? Como é possível que o autor que quer realizar um tratado sobre as faculdades da alma apresente tantas e tão variadas classificações, sem se fixar definitivamente em uma, em alguns casos oscilando mesmo na terminologia das faculdades?

Estas constatações suscitam uma tremenda perplexidade, que não deixou de confundir os historiadores da filosofia, dada a dificuldade sentida em determinar a posição doutrinal de Pedro Hispano na *Scientia libri de anima*. Estaremos perante o protótipo do filósofo desatento que comete a imprudência de ser distraído com a própria filosofia? Ou, pior ainda, alguém que não compreende de facto as teorias que está a compilar? Que não se apercebe das

contradições que resultam da adopção destas teorias e que retiram qualquer possibilidade de rigor e coerência ao pensamento que as exprime? Nada disso, porque, como se pode constatar nas secções onde vimos que Pedro segue esta ou aquela fonte, estamos perante alguém que lê as suas fontes com minúcia, rigor e sentido ora de síntese ora de desenvolvimento, consoante os casos, sem abdicar de as alterar em proveito da sua própria posição.

Vejam-se, a título de exemplo, o aristotelismo da teoria do intelecto agente, o avicenismo da teoria da inteligência agente, o aristotelismo da explicação da causa do movimento, a fidelidade aos três aspectos do intelecto agente que encontramos em João de Rochela, ou o argumento aviceniano do “homem voador”, ou a rigorosa síntese das doutrinas dos antigos sobre a alma, ou, para ir a uma obra que complementar da *Scientia*, concretamente o *Liber de morte et vita*, o modo como acolhe o compêndio de Averróis sobre a longevidade e a brevidade da vida.

Estes exemplos mostram que de modo algum podemos ver em Pedro Hispano um leitor ou um compilador distraído. Podemos certamente dizer também sobre Pedro Hispano o que foi dito, com textos em apoio e a propósito da teoria das ideias, sobre os autores do seu século: «les auteurs du 13^e siècle avaient une connaissance très précise des doctrines de leurs prédécesseurs¹⁴⁷⁸.»

O que pode então explicar o eclectismo aparentemente excêntrico de Pedro Hispano? Certamente a sua posição teórica de partida acerca do homem e do seu lugar no mundo. Porque, no fundo o que está em questão na teoria da alma e das suas faculdades é responder à questão “o que é o homem?”. A *Scientia libri de anima*, mais que um estudo sobre a alma por si mesma é um tratado onde se procura encontrar e glorificar o lugar do homem no mundo, mostrando a posição dinâmica e privilegiada que ele aí ocupa¹⁴⁷⁹. Essa ideia de homem é-nos dada em diversos locais e desde o prólogo da *Scientia* se torna evidente uma visão do lugar do homem na ordem criada do mundo, onde o homem é magnificado pela alma intelectual, substância espiritual que lhe permite tudo conhecer, que o equipara às substâncias separadas apesar de anexa a um corpo, que foi criada à imagem do autor de tudo, podendo por isso receber a sua imagem por divino auxílio, que deve conhecer-se a si mesma se não for enegrecida e decair sob o peso da corporalidade¹⁴⁸⁰. Esta imagem claramente dualista,

¹⁴⁷⁸ J. HAMESSE: «*Idea* chez les auteurs philosophiques des 12^e et 13^e siècles», cit., p. 120.

¹⁴⁷⁹ Esta é também a interpretação de F. RUELLO: «Un commentaire dyonisien en quête d’auteur. Le commentaire attribué à Pierre d’Espagne», cit., p. 166.

¹⁴⁸⁰ «Inter quas anima intellectiva extat precipua, cui ex spiritualis lucis decore cognitionis collata est potestas; que spiritualibus substantiis naturali conformitate coequatur, licet corporalis subiecti materie sit coniuncta; que ad summi conditoris exemplar ab ipso procreata, sapientie eius effigiem ex divina collatione dicitur optinere; que suiipsius notitiam merito inquirat, nisi corporalis nubis umbraculo prepedita labi in sui ignorantiam compellatur, et se presentem tamquam absenti et distancia positam, corporalis molis involucris interpositis, se velut extraneam laboret cum

simultaneamente pessimista sobre a situação decaída do homem, além disso afectado pela corporalidade que o arrasta em direcção ao aniquilamento do seu ser, mas também optimista na valorização dessa parte superior do homem que é o intelecto e da iluminação espiritual que traz às coisas do mundo. Por esta razão, pelo lugar que ocupa no todo criado, a alma, na sua capacidade cognoscitiva, não poderia ignorar-se a si mesma e às suas disposições o que justifica a elaboração de um estudo que inclua a alma na totalidade das coisas¹⁴⁸¹.

É esta situação privilegiada do homem no mundo que é demonstrada logo no primeiro capítulo da obra através das provas da existência da alma. Conhecer o homem é conhecer a alma humana, mas, se todo o conhecimento tem origem na experiência sensível e a alma é uma "substância oculta" (isto é, não acessível aos sentidos) ela deve ser estudada nas operações do corpo que rege e pelas quais se manifesta à experiência. É deste princípio gnoseológico que Pedro Hispano extrai quatro provas da existência da alma¹⁴⁸². O último destes argumentos ilustra o entrelaçamento do aristotelismo¹⁴⁸³, do neoplatonismo e do criacionismo na antropologia petrínica na demonstração da existência de uma alma da qual emana a vida e de uma outra forma da qual emana o conhecimento, o qual é duplo, sensitivo e intelectualivo:

Patet igitur quod sit in natura forma a qua vita emanat, quam animam vocamus, et alia que cognitionem conferat. Set cum cognitio sit duplex, quedam est absque discretione rationis; hec emanat ab anima sensitiva, et altera rationis discretione informata, que ab anima intellectiva procedit; et *has formarum differentias opifex distinctas constituit et ipsas in homine aggregavit*, in quo omnium proprietates consistunt, quem *ad sui similitudinem dicitur produxisse*, et non cessavit eius actio quousque secundum circularem processum qui summam perfectionem optinet, ad huius creature ultime productionem sua opera terminavit, *in qua omnium naturas coniunxit*, ad quam *omnia finaliter ordinavit*, ut *mundus minor dici mereatur* eo quod quecumque mundi maioris machina sub distinctione comprehendit, ipsa ea omnia sub

inquisitione sollicita invenisse.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, Prol., ed. Alonso, p. 4, 10-21.

¹⁴⁸¹ «Dignum igitur est ut anima sui cognitionem non negligat; nec inepto sopore submersa suam existentiam non retractet neque ad exteriora vagans sui intraneam discretionem omittat; set se viva luce succensa, ad suum interiorem collecta thalamum, percipere non desistat, et alias anime differentias sibi secundum naturalem ordinem subiectas atque connexas earumque dispositiones, corpora et organa cognoscere sit parata.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, prol., ed. Alonso, pp. 4, 35-5, 6.

¹⁴⁸² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, pp. 11-15: «De stabilimento existentie anime», (1) pelo acto primeiro da vida, (2) pelas acções, (2) por privação da vida e das acções, (4) pela ordem natural das coisas.

¹⁴⁸³ Como acontece na época, este aristotelismo é muito contaminado por outras influências, como se pode ver na espantosa atribuição, que se encontra em outra obra, do criacionismo exemplarista a Aristóteles: «dicit philosophus in XIIº et XIIIº prime phylosophie quod primum creat per exemplar» (*Super libro De animalibus Aristotelis*, ms. Madrid, BN, 1877, f. 287vb, cit. por J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinais do século XIII*, pp. 274-275). Na realidade este criacionismo exemplarista inspira-se no *Liber de causis*.

aggregatione complectatur et ipsi substantiam gubernatricem exhibuit que est anima intellectiva, quam ad sue ymaginis exemplar formasse dicitur, que sicut ipse universalis artifex mundi maioris fabricam regit, continet ac conservat, sic hec substantia eius gerens effigiem mundum hunc minorem perficiens, ei et partibus eius regimen ac conservationem prebeat et cum ipsa alie differentie, vegetabilis ac sensibilis, concurrunt ad eius susceptionem corpus disponentes et eius operibus famulantes et corporis necessitatibus ministrantes. Palam igitur est animam eiusque differentias et distincte et coniunctim in rerum ordine stabiliri¹⁴⁸⁴.

Este texto, pelo que concentra e revela do pensamento de Pedro Hispano, deve ser lido com pormenor. As duas formas de que provém o conhecimento, sensitivo e intelectual, existem no homem por decisão do criador; nele «se reúnem todas as propriedades, uma vez que foi produzido à sua semelhança», para além de ser o último criado, isto é o fim último da criação, o ponto onde a criação atinge a sua méxima perfeição, porque, nesse acto livre o criador reuniu nesta criatura «as naturezas de todas as coisas, e para a qual ordenou todas as coisas como um fim». Adoptando a explicação bíblica do lugar do homem na natureza, Pedro introduz-lhe então a descrição do homem como um microcosmo, um *minor mundus*, porque na sua natureza está reunido o que está distinto no macrocosmo, «a máquina do *mundo maior*». Ficaria incompleta a analogia se o próprio homem não tivesse algo que o distinguísse do resto dos seres elementais e mesmo do resto do macrocosmo. Vem então o ponto fulcral do símile que está a ser descrito: o homem foi ele próprio dotado de algo que o torna superior ao todo criado, ou o distingue no interior do todo criado, e que lhe determina um fim próprio e único para transcender a própria natureza material do mundo criado: o criador infundiu nele «uma substância governadora, que é a alma intelectual, a qual foi criada segundo o modelo da sua imagem», o que permite uma comparação de segundo nível entre o homem e o mundo, e entre o homem e o criador: assim como «o artífice universal [i.e., o criador] rege, abarca e conserva a fábrica do mundo maior, também esta substância que gere e realiza este *mundo menor*, rege-o e conserva-o e às suas partes». A conclusão de Pedro Hispano tem o maior significado porque dá também um sentido espiritual à natureza humana e, no seu entendimento, torna o homem responsável pela realização do seu fim último que apenas poderá ser o regresso ao criador pela contemplação, através precisamente desta faculdade superior de que o homem foi dotado. É pelo princípio que o torna superior no mundo criado e semelhante ao criador que o homem se realiza de modo perfeito. Pedro partilha assim de uma compreensão do homem como microcosmo, associada à ideia de um lugar preeminente em resultado da natureza especial da sua criação.

¹⁴⁸⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, I, 1, ed. Alonso, p. 15, 1-26, itálicos meus.

É esta ideia geral do homem como microcosmo e fim último da criação que parece de facto orientar o eclectismo filosófico de Pedro Hispano que concilia e acolhe todas as teorias que possam magnificar e sublinhar a centralidade do homem no cosmo e na criação. Se repararmos bem, aquelas teorias que parecem ser opostas entre si deixam de o ser se nos colocarmos na posição do autor que quer mostrar o lugar médio e intermédio do homem no mundo e podem servir para explicar a sua acção e o seu fim último. Desde os três tipos de intelecção ou três vertentes do intelecto agente que concilia os três tipos de objectos cognoscíveis, desde a aceitação de um conhecimento das formas sensíveis mediado pelos sentidos, ao conhecimento por iluminação das substâncias transcendentais, da defesa da continuação com a inteligência agente separada à aceitação de uma memória que conserva os inteligíveis adquiridos pela abstracção, passando pelas diversas classificações de faculdades da alma, é sempre a mesma ideia que procura concretização: acumular explicações que possam dar conta da natureza polifacetada, plural, mediadora e intermediária do homem no cosmos. Homem que se realiza precisamente na acção da sua faculdade mais elevada, o intelecto, que, portanto, também terá que ser uma actividades poli-orientada, para as substâncias inferiores e para as substâncias superiores, para o conhecimento e para a acção, para a verdade e para o bem. É neste sentido que para o autor não deverá haver contradição entre Agostinho, Aristóteles, Avicena, pois de todos é possível recolher sumas certas e verdadeiras que permitem explicar a natureza da alma e das suas faculdades.

Também aqui Pedro se integra numa longa tradição, que havia despontado com todo o seu esplendor e marcado de forma indelével a antropologia do século XII, onde a ideia do homem microcosmo é uma das “ideias envelope” do novo humanismo, que se encontra expresso em múltiplas formas e atravessa a generalidade dos autores da época. Pedro retoma por sua conta uma longa tradição, à qual dá expressão elevando-a a princípio estruturador de uma obra sobre a alma, em pleno século XIII, num período em que ela começa a ser abandonada.

A comparação do homem a um microcosmo, como Deus se compara ao macrocosmo, encontra apoio em alguns dos pressupostos da religião cristã. Desde as suas origens o cristianismo é marcado pela afirmação de uma radical transcendência do criador, expressa através de múltiplas formas, mas usando esquemas retomados em múltiplas correntes do pensamento clássico, desenvolvendo uma dialéctica entre criador e criatura, que, no dizer de Maria Cândida Pacheco, ao nível antropológico se equaciona numa «relação privilegiada entre o homem-criatura-razão e o Absoluto-Espírito. A razão confere ao homem, entre todos os seres cósmicos, a possibilidade única de assumir, consciencializando-a, a relação criador-

criatura-semelhança que recobre, afinal uma radical dissemelhança¹⁴⁸⁵.» É nesta matriz que ganha todo o sentido a metáfora do homem-microcosmo, de origens pré-socráticas mas com uma extraordinária fortuna na cultura greco-romana e cristã¹⁴⁸⁶.

A antiga metáfora tem expressão em diversas linguagens e múltiplas variantes. Encontramo-la desenvolvida a um primeiro nível de figura naturalístico-metafórica dos elementos de que o homem é constituído, por exemplo em Isidoro de Sevilha, que aliás faz a análise lexical do termo, citado num sermão de António de Lisboa: «Mundus graece cosmos, homo vero microcosmos, idest minor mundus, nominatur. Sicut enim mundus ex quattuor concreat est elementis, ita hominem ex quattuor constare humoribus, uno temperamento commixtum veteres dixerunt¹⁴⁸⁷.». A antiga metáfora era explorada em diversas analogias que sublinhavam a continuidade entre os elementos e o homem, mas também entre o homem e o mundo, e as suas versões mais literais e naturalísticas merecerão crítica, por exemplo, de Gregório de Nissa¹⁴⁸⁸ por a considerar insuficiente como descrição da dignidade do homem: «<Filósofos> pagãos imaginaram coisas mesquinhas e indignas da magnificência do homem na tentativa de engrandecer o momento humano; disseram, de facto, que o homem é um microcosmo composto dos mesmo elementos do todo e com este esplendor do nome pretenderam elogiar a natureza esquecendo que desse modo tornavam o homem igual aos caracteres próprios do mosquito e do rato, porque de facto também nesses há mistura dos quatro elementos»¹⁴⁸⁹. Para Gregório este nível de compreensão do homem é inferior, apesar do poder sugestivo da metáfora, porque o que de facto mostra a grandeza do homem é o facto de ser à imagem e semelhança de Deus: «em que consiste, segundo a Igreja, a grandeza do homem? Não na semelhança com o cosmo, mas no ser à imagem do Criador¹⁴⁹⁰».

Esta crítica do padre grego foi incorporada em desenvolvimentos posteriores da metáfora do «homem microcosmo», como vimos exactamente pelo texto de Pedro Hispano

¹⁴⁸⁵ M.C.M. PACHECO: *Ratio e Sapientia. Estudos de Filosofia Medieval*, cit., p. 131.

¹⁴⁸⁶ A primeira ocorrência desta imagem parece verificar-se no fragmento 34 de Demócrito, cfr. F.E. PETERS: *Termos filosóficos gregos. Um léxico Histórico*, p. 132 («Kosmos», nr. 1). Também no *Filebo* de Platão, para além de passagens do *Timeu*, foi assinalado um diálogo centrado na analogia entre o homem e o cosmo, cfr. J.C. GONÇALVES: *Homem e mundo em São Boaventura*, Braga 1970, p. 232 e n. 39, sobre a utilização da imagem em Boaventura para definir o lugar do homem no universo, cfr. pp. 232-242.

¹⁴⁸⁷ SANTO ANTÓNIO DE LISBOA: *Obras Completas. Sermões dominicais e festivos* (ed. bilingue), Porto 1987, *Dominica IV post Pascha*, 8; vol. I, p. 420; trata-se de uma citação de Isidoro de Sevilha: *De natura rerum*, 9, 1-2, Patrologia latina, vol. 83, 877-878; a analogia entre os humores e os quatro elementos é mais desenvolvida em ISIDORO DE SEVILLA: *Etimologias*, IV, 5, 3, ed. cit., p. 484.

¹⁴⁸⁸ M.C.M. PACHECO: *S. Gregório de Nissa, criação e tempo*, Braga 1983, p. 94 e n. 4.

¹⁴⁸⁹ GREGÓRIO DE NISSA: *De hominis opificio*, 16; cit a partir da ed. italiana; Gregorio di Nissa, *L'uomo*, Roma 1991, pp. 72-73. O tema microcosmo é tratado por Gregório de Nissa também no *De anima et resurrectione*, Patrologia graeca, vol. 46, col. 28B e em *In Psalmos*, ibidem vol. 44, col. 440C (cit. em *L'uomo*, p. 73, n. 85).

¹⁴⁹⁰ GREGÓRIO DE NISSA: *De hominis opificio*, trad. cit., p. 73.

acabado de destacar, onde a regência do mundo pelo criador é comparado ao lugar do intelecto no todo humano e onde a analogia é levada até à afirmação da sua criação à imagem e semelhança do criador.

A ideia do homem microcosmo é central na filosofia do século XII¹⁴⁹¹, tem uma longa história que continua para lá da Idade Média¹⁴⁹², embora tenha naquele período assumido uma expressão mais vasta, mesmo nos domínios da estética e das artes¹⁴⁹³ e no imaginário poético ou popular¹⁴⁹⁴.

Para Etienne Gilson, a descrição do homem como um mundo em redução, um microcosmo semelhante a um macrocosmo é um exemplo clássico do raciocínio por analogia «qui consistait à expliquer un être ou un fait par sa correspondente à d'autres êtres ou d'autres faits», método que os medievais usaram «moins en savants que en poètes»¹⁴⁹⁵. E o século XII caracteriza-se precisamente pelo privilégio dado a este tipo de explicação, juntamente com o recurso à etimologia das palavras e a interpretação simbólica, no que se revela um século constantemente dividido entre a imaginação dos seus artistas e a razão raciocinante dos seus dialéticos¹⁴⁹⁶.

Alguns exploraram-na sobretudo pelo seu poder de evocação naturalística¹⁴⁹⁷. O neo-agostiniano *De spiritu et anima* também propõe uma dupla analogia cosmológica-psicológica

¹⁴⁹¹ Ver em particular: M.-D. CHENU: *La théologie au XII^e siècle*, Paris 1976 (3^a ed.), pp. 34-43: «L'homme microcosme», no capítulo sobre a natureza e o homem no quadro do renascimento do século XII; e É.-H. WÉBER: *La personne humaine au XIII^e siècle*, cit., pp. 61-73: «L'homme microcosme», no capítulo sobre as principais doutrinas antropológicas do século XII, indispensáveis para conhecer o estado da questão sobre o homem, a alma e a corpo por volta de 1250.

¹⁴⁹² Cfr. R. ALLERS: «Microcomus. From Anaximandros to Paracelsus», *Traditio* 2 (1944) 319-407, estudo que não consegui consultar.

¹⁴⁹³ F. SAXL: *La vida de las imágenes*, trad. F. Zaragoza, Madrid 1989, pp. 59-71: «Macrocosmos y microcosmos en las pinturas medievales».

¹⁴⁹⁴ DAVY, M.-M.: *Initiation a la symbolique romane (XII^e siècle)*. Nouvelle édition de l'«Essai sur la symbolique romane», Paris 1977, passim, e em particular as pp. 39-41, onde a terminar a secção sobre o homem microcosmo a autora afirma que essa imagem plasma a descoberta da identidade do homem com a natureza e que «dans ce sens il existe au Moyen Age une redécouverte de la nature et de l'homme au sein de la nature. Cette connaissance trouvera sa pleine expression dans l'art» (p. 41).

¹⁴⁹⁵ E. GILSON *La philosophie au Moyen âge, des origines patristiques à la fin du XIV^e siècle*, Paris 1947 (ed ut.: Paris 1976) p. 327.

¹⁴⁹⁶ IDEM: *ibidem*, p. 328.

¹⁴⁹⁷ Para além dos exemplos já citados e dos inúmeros autores do século XII que se encontram citados nos estudos de M.-D. CHENU e É.-H. WÉBER acabados de citar, veja-se, por exemplo, o fragmento de Roberto Grosseteste, da primeira metade do século XIII, intitulado precisamente *Quod homo sit minor mundus*: «Magnus Deus in semetipso ad semetipsum hominem fecit. Corpus hominis ex carnibus et ossibus constat. Dividitur enim in quattuor elementa. Habet enim in se aliquid ignis, aliquid aeris, aliquid aquae, aliquid terrae. Ratio terrae in carne est; aquae in sanguine; aeris in spiritu; ignis in caliditate vitali. // Siquidem et quadripartita corporis humani ratio quattuor elementorum designat species. Caput namque ad caelum refertur; in quo sunt duo oculi tanquam lumina solis et lunae. Pectus aeri coniungitur, quia sicut inde emittitur spiraminis flatus, sic ex aere ventorum spiritus. Venter autem mari assimilatur propter collectionem omnium humorum quasi congregationem aquarum. Vestigia postremum terrae comparantur. Sunt enim ultima membrorum

entre Deus e a alma: tal como Deus está na totalidade do criado, assim a alma está na totalidade do corpo, embora com mais propriedade no coração e no cérebro, tal como Deus está principalmente no céu¹⁴⁹⁸. Mas a metáfora é de facto, ao longo do século XII elevada a pedra de toque de uma nova visão do homem, integrado na natureza¹⁴⁹⁹, mas aspirando à sua transcendência, a que não é estranho o n¹⁵⁰⁰ovo interesse pela cosmologia induzido pelo *Timeu* de Platão e pelo comentário de Calcídio¹⁵⁰¹. Apesar de a ideia não desempenhar qualquer papel no desenvolvimento da obra, Guilherme de S. Teodorico apresenta, no prólogo da sua obra sobre o corpo e alma, a prescrutação do microcosmo que o homem é, no seu exterior e no seu interior, como um plano de estudo integral que tende a elevá-lo até ao autor ou causa de todas as realidades¹⁵⁰².

Como realçou o padre Chenu, a visão do homem como microcosmo, nos diversos autores do século XII que a usam de modo consistente¹⁵⁰³ e ultrapassando um primeiro nível de conteúdo físico, «comporte une vision organique de l'homme et du monde prégnante de science et de contemplation.» Esta orientação e a imagem que lhe dá corpo pervade todos os

arida sicut terra, sive sicca sicut terra.» Roberto Grosseteste: *Quod homo sit minor mundus*, em Ludwig Baur, *Die Philosophischen Werke des Robert Grosseteste, Bischofs von Lincoln. Zum erstenmal vollständig in Kritischer Ausgabe*, Münster i.W. 1912, p. 59. Sobre este fragmento cfr. J. MCEVOY: *The Philosophy of Robert Grosseteste*, Oxford 1982, pp. 371-373, onde se inclui a tradução destas 14 linhas, que o autor considera de pobre bagagem científica proveniente totalmente na literatura cristã clássica (Isidoro e Beda), admitindo por isso que seja totalmente extraído de uma fonte anterior.

¹⁴⁹⁸ «Sicut enim Deus ubique est totus in toto mundo, et in omni creatura sua: sic anima ubique tota in toto corpore suo, tanquam in quodam mundo suo, intensius tamen in corde et in cerebro, quemadmodum Deus praecipue dicitur esse in coelo.» *De spiritu et anima*, ed. J.-P. Migne, cit., col. 794. É esta passagem que parece ser aduzida em Pedro Hispano: *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II II*, lect. 3, q. 3, sol., ed. Alonso 1944, p. 589, 11-20, aplicando-lhe exactamente a distinção microcosmo / macrocosmo: «Hoc modo etiam intellexit Augustinus cum dixit auctoritatem predictam et cum comparavit existenciam anime intellective in minori mundo ad existenciam dei in maiori mundo ad existenciam dei in minori mundo intellexit quantum ad hoc quod deus existit in maiori mundo per essentiam non approprians partem regens mundum totum per essentiam et omnes partes eius, non applicans alicui set per indifferentiam ad omnes se habens et omnes per indifferentiam regens. Et similiter anima intellectiva respectu corporis et sic non erit hoc contrarium Aristoteli dicenti quod ita est in toto quod non in qualibet parte. Hoc enim dixit quia nulli applicatur set toti et per totum operatur.»

¹⁴⁹⁹ «Vt igitur microcosmon nostrum, Cfr. M.-D. CHENU: *La théologie au XII^e siècle*, cit., p. 37, para as diferenças de utilização da metáfora em autores do século X até ao XII, nos quais não tem a mesma força de refelexão filosófica e religiosa, nem alimenta a contemplação da natureza, limitando-se a ser a repetição de um lugar comum, cfr. p. 37, n. 3.

¹⁵⁰⁰

¹⁵⁰¹ IDEM, *ibidem*, p. 38,

¹⁵⁰² «Vt igitur microcosmon nostrum, id est minorem mundum, hominem scilicet, ex aliqua parte intus perscrutemur et foris, id est anima et corpore, ut per uisibilia uel inuisibilia nostra intellecta ad uisibilia et inuisibilia omnium surgamus autorem primum», *De natura corporis et anime*, em Guillaume de Saint-Thierry: *De la nature du corps et de l'âme*, text établi par M. Lemoine, Paris 1988, p. 67, sobre a pouca importância da imagem do homem microcosmo em Guilherme, cfr. p. 66, n. 4.

¹⁵⁰³ São citados autores como Guilherme de S. Teodorico, Bernardo Silvestre, Alano de Lille, os vitorinos e os chartrenses.

ramos do saber, em particular a antropologia e o estudo da alma: «(...) c'est toute une psychologie, enraciné dans la contexture même des éléments du monde, qui est mise en éveil. Les nombreux traités *De anima* qui honorent le XII^e siècle, même saturés d'interiorité augustinnienne, amalgament ces donnés physiques et ces perespectives “matérialistes”» e sob a sua influência provocam uma evolução do estudo das faculdades da alma¹⁵⁰⁴. Numa sinopse dos diferentes autores do século XII onde a metáfora do homem microcosmo tem lugar de relevo, o padre Wéber preferiu destacar que ela não só valoriza o lugar do homem no mundo, como sublinha o sujeito humano enquanto realidade una, e se todas as interpretações estão de acordo quanto à solidariedade entre o homem e o mundo físico, há grande disparidade nas diferentes acepções em que a metáfora é usada. Desde a visão do médico ou do filósofo interessado pelo registo fisiológico, ao teólogo mais preocupado com as realidades transcendentais que o levam por vezes a rejeitar a analogia. Num extenso dossier que não vale a pena repetir aqui, constata-se que a metáfora ora exprime o paralelismo alma corpo, ora sublinha o dualismo intrínseco e mesmo um certo pessimismo devido à inferioridade deste¹⁵⁰⁵.

O que é interessante é que nos autores do século XIII e ao contrário do que sucede em Pedro Hispano, o uso da metáfora torna-se mais raro, reduzida a uma figura literária como em Alberto Magno, ou lembrando-a pela sua imprecisão, como faz Tomás de Aquino. Esta desafeção do século XIII por um dos temas que havia sido central no despertar filosófico e científico do século XII, já havia sido notada por Chenu que assinalava que a chegada do aristotelismo submergeria o platonismo do *Timeu*, a metafísica de Escoto Eriúgena e o simbolismo dos vitorinos, reconhecendo que se o tema do microcosmo sobrevive está doravante envolto numa física e numa antropologia naturalista com uma densidade totalmente diversa¹⁵⁰⁶. Por volta de 1240-1250 generaliza-se um consenso de que as especulações microcosmistas do século precedente eram ingénuas e apressadas, que não resistiram a tentativas de transplantação para um clima científico mais diversificado e consistente¹⁵⁰⁷. A nova literatura filosófica também desactualizara uma forma de descrever o homem que quase tornara método.

¹⁵⁰⁴ M.-D. CHENU: *La théologie au XII^e siècle*, cit., p. 41.

¹⁵⁰⁵ São sucessivamente mencionados e brevemente analisadas as ocorrências do microcosmismo, entre outros em: Agostinho, Isidoro, Gregório de Nissa, Nemésio de Emesa, Escoto Eriúgena, Dionísio pseudo Areopagita, Bernardo Silvestre, Gilberto de Poitiers, Honório de Autun, Ricardo de S. Vitor, Godofredo de S. Vitor, Guilherme de S. Teodorico, Bernardo de Claraval, Aelredo de Rievaulx, Pedro Lombardo, Alano de Lille e, já do século XIII, Roberto Grosseteste, Alexandre de Hales, Boaventura de Bagnoregio, a *Summa* dita de Alexandre de Hales, Alberto Magno e Tomás de Aquino, cfr. É.-H. WÉBER: *La personne humaine au XIII^e siècle*, cit.,

¹⁵⁰⁶ M.-D. CHENU: *La théologie au XII^e siècle*, cit., p. 40.

¹⁵⁰⁷ Cfr. J. MCEVOY: *The Philosophy of Robert Grosseteste*, cit., pp. 372.

Também por esta razão tem um interesse histórico e filosófico acrescido constatar a presença desta ideia de um modo tão determinante na *Scientia* de Pedro Hispano¹⁵⁰⁸. É que a força que o microcosmismo tem ainda nesta obra pode dizer-nos muito quanto à época e ao contexto cultural em que foi escrita. Porque seria improvável que uma obra com esta envergadura e sob esta orientação, ademais pretendendo-se como uma obra de filosofia, fosse escrita numa época em que as suas ideias centrais (o homem microcosmo e o “triplo intelecto”, onde se inclui uma inteligência agente separada) eram submetidas a crítica e sem que mesmo se esboçasse uma defesa contra essas críticas.

E não se pense que a ideia do homem microcosmo ocorre apenas no prólogo ou em uma das provas da existência da alma. De facto atravessa toda a obra. Incorporando a poderosa crítica de Gregório de Nissa sobre as limitações da metáfora filosófica do homem como microcosmo quando confinada à simples consideração dos elementos naturais, Pedro explora-a, menos pela sua evocação naturalística, mas sobretudo na sua projecção antropológica e teológica, para sublinhar quer a natureza criada do homem e a sua unidade, quer para sublinhar a sua eminência no trânsito para o absoluto da contemplação, realizando assim o intelecto, sua faculdade superior, e mesmo como evocação do que há de divino no homem, ou pelo menos de imagem e semelhança com o divino.

Encontramos a mesma ideia em novo argumento, agora da existência do intelecto:

Ex rerum autem mundanarum distincta ordinatione eius existentia sic astruitur: omnium enim rerum quas mundi corporalis capacitas comprehendit, in mundi spatio sub distinctis ac ordinatis consistentiis, statum divina providentia collocavit, quibus ipsa suis virtutibus influentia spiritualiumque substantiarum officio eis regimen, conservationem, motum ac vitam operumque varios effectus continua infusione transmittit; ut autem rerum corporalium ordo summum

¹⁵⁰⁸ Na *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* atribuída a Pedro Hispano o símile microcosmo /macrocosmo também é citado ocasionalmente, embora com uma função mais limitada: — na segunda *ratio* da questão sobre se a concórdia e a discórdia são princípios «sicut in maiori mundo ita est in minori mundo» e aqui o microcosmo é a alma, para admitir que no mundo maior a concórdia e a discórdia são princípios das coisas (I, lect. 14, q. 4, rat. 2; p. 456, 25-457, 15); — surge na primeira razão da questão sobre se a alma é perfeição do corpo simples ou misto, mostrando que há composição do corpo em quatro elementos, tal como o mundo é constituído de quatro elementos, por isso a alma é perfeição do corpo misto (II, 2; p. 554, 2-12); — é usado na solução da questão sobre se o intelecto pode ser associado e restringido a uma parte do corpo, recorrendo à autoridade de Agostinho (isto é do *De spiritu et anima*) para mostrar que tal como Deus existe por essência na totalidade do mundo maior sem ser coarctado por nenhuma das suas partes, assim o intelecto existe em todo o mundo menor (II, q. 3, sol.; p. 589, 12-24, texto transcrito atrás); — na resposta à segunda *ratio* da questão sobre se na alma as três faculdades são uma ou várias substâncias, para mostrar que como há uma ordem que mantém e conserva as formas das coisas no *maior mundus*, assim há uma ordem no *minor mundus* (II, lect. 6, q. 1, ad 2am; p. 657, 30-32); — na terceira *ratio* da questão sobre se a alma está para o corpo como o piloto para o navio, remetendo para a mesma autoridade de Agostinho (de novo o anónimo *De spiritu et anima*), porque como Deus está em todo o mundo, a alma está em todo o corpo, por isso o símile do piloto e do marinheiro não se lhe pode aplicar porque o piloto está num local e não em todo o navio (II, lect. 6, q. 4, rat. 2; p. 668, 18-29).

atingat complementum, ipsarum omnium naturas quas in mundi capacitate separatas constituit, in uno corpore quod **minor mundus** dicitur, concordi federe aggregavit; igitur et idoneum censuit illi perfectionem ac motorem tribuere cui virtus vite et regiminis insit propter sui conformitatem ad summum ipsum factorem et ad divinas substantias, ut ipsum perficeret velut proprium mundum atque cum suis virtutibus regeret ac moveret. Hec autem est substantia, anima intellectiva dicta, corpus humanum perficiens, movens, dirigens et gubernans.¹⁵⁰⁹

Mas, vejã-se todos os outros argumentos da existência do intelecto, em particular o terceiro e o quarto, onde se sublinha precisamente quer centralidade do homem na criação, quer a sua excelência pela posse de intelecto, decidida e concedida livremente pelo Criador.

A existência da alma no corpo é comparável à relação entre deus e o mundo:

Comparatur autem existentie factoris primi **in suo maiori mundo**, nam sicut ipse mundum maiorem regens in qualibet parte totus est simul, quamvis eius opera in quibusdam ut in celestibus clarius elucescant, similiter anima **in suo minori mundo** tota simul in qualibet parte existit, licet sua opera in principalibus manifestius vigeant¹⁵¹⁰.

A mesma ideia é recuperada no segundo argumento sobre a origem do intelecto na alma, por criação:

Ex universi ordine eius creatio declaratur: Ipsa enim omnium rerum differentias participat, nam essentiam, vitam, sensum et intellectionem perfecte communicat, **minorem mundum** regens, in quo omnes nature maiores concurrunt et est ubstantiis separatis in omnibus conditionibus conformis, omnium exemplarium similitudines gerens ad similitudinem prime et summe sapientie facta, et ideo primo factori existit simillima et ei proximius adheret. Igitur ab eo propinquiorem contrahit originem et sic per creationem procedit ad ortum¹⁵¹¹.

Como vimos (*Scientia* I, 1, p. 15, 3-24), o homem é microcosmo, é o último criado no qual concorre a natureza de todas as coisas como defende numa demonstração da existência da alma, onde se mostra que o intelecto, próprio do homem, é criado à imagem de Deus, que rege o mundo maior, assim o intelecto actualiza (perficit) o *minor mundus*, ideia que voltamos a encontrar como prova da imortalidade da alma: IX, 8: 332, 6-31.

Ex quarto autem genere sic eius conservatio confirmatur. Nam omnium rerum status qui non ad rem corruptibilem terminatur, ad ipsam per quam omnes sunt conserte, ordinatur, set et omnium rerum genera : in entibus, viventibus et cognoscentibus, constitutum, in omnibus rebus diffusa, creator in ipsa univit quam sibi similem in hiis constituens, sicut ipsa **rebus mundi maioris** exhibuit, sic ea per ipsam **minori** cuius est perfectio dispensatur et in ipsa suorum operum finem constituit, set ipsa omnium capax exemplari primo simillima eius et in ipso

¹⁵⁰⁹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 1, ed. Alonso, p. 298, 26-299, 6.

¹⁵¹⁰ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 1, ed. Alonso, pp. 36, 28-37, 5..

¹⁵¹¹ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 2, ed. Alonso, p. 307, 14-22.

contentorum est receptiva, set cum per extranea ipsum cognoscat sui presentiam ipsum est cognoscere nata separata et ei per presentiam presentari, set summum bonum quod virtutibus acquirit nata est recipere cui munera corporis contradit set merita virtutum felicitatem, demerita penam exigunt¹⁵¹².

Vemos por esta selecção de exemplos que de facto o microcosmismo de Pedro Hispano é uma ideia que orienta a compreensão da alma, quase sempre em consonância com a teoria da criação e da ideia do homem enquanto ser à imagem e semelhança do criador¹⁵¹³. Mas, da imagem resulta que apesar da constituição natural e elementar o homem é uma unidade. Aliás a sua perfeição física torna-o o mais certo padrão para o conhecimento todo o mundo vivo: «in homini qui omnium regula viventium certior»¹⁵¹⁴.

Vimos que a ideia de criação¹⁵¹⁵, a evocação do poder do criador, são argumentos constantes, usados com uma insistência que podemos considerar pré-filosófica, seja para dar como definido o lugar do homem no mundo, seja para justificar a existência de uma faculdade, ou para apontar o fim moral da acção humana. E porque é que a ideia de homem microcosmo (minor mundus) pode ser tão relevante na arquitectura filosófica da *Scientia libri de anima*? De facto, aqui, a doutrina da essência e dos fins do homem está interpenetrada pelo microcosmismo criacionista: no homem tudo coexiste e o sentido do universo ressoa no próprio homem, que é a finalidade da criação e onde o mundo atinge o seu estado de perfeição última. Ora é no cruzamento destas duas tradições, a da metáfora de tradição filosófica e a do criacionismo bíblico, que Pedro se colocará ao evocar a imagem do homem como microcosmo, mas retomando-a a partir de uma tripla relação: entre o criador e o mundo criado, entre a alma e o mundo corporal, entre o homem e Deus.

¹⁵¹² Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, IX, 8, ed. Alonso, pp. 332, 32-333, 10 (quarto argumento da subsistência da alma após separação do corpo).

¹⁵¹³ Em um ou outro caso a imagem do mundo serve também para explicar processos fisiológicos: «Nam ymaginationis vigor spiritum et calorem commovet, in eis sue intentionis impressionem informans; substantie enim spirituales super statum corporalium elevate virtutem optinent imprimendi suos effectus in eis et ipse earum impressiones recipientes earum nutibus et actibus obediunt et ideo **anima maxime in suo minore mundo quem regit**, suas efficit impressiones et corpus ei obediens secundum eius exigentiam diversis motibus adaptatur, et ideo ymaginatio ad actum coitus cum diligenti sollicitudine devoluta menbra generativa ad eius preparat exercitium et ad eius nutum calor, spiritus, ventositas et sperma ad virgam et testiculos concurrunt et tota corporis machina ex eius imperio ad hoc opus cum diligentia preparatur.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, III, 5, ed. Alonso, p. 120, 19-31.

¹⁵¹⁴ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XII, 7, ed. Alonso, p. 477, 22-26.

¹⁵¹⁵ A criação a partir de nada revela o poder absoluto e a anterioridade do criador, criação que nada induz de defeituoso. No caso da acção humana é a liberdade da vontade que pode causar a queda, mas a liberdade da vontade não é um defeito, é o que mais assemelha o homem a Deus: «(...) ex nichilo facta productio non in ea defectum existentie et operationis inducit set conditoris prioritatem et summam potentiam ostendit», Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, XI, 8, ed. Alonso, p. 444, 22-24.

A teoria do intelecto humano presente na *Scientia* é determinada pela ideia do homem criado, do seu lugar na criação e do seu necessário regresso ao criador.

O intelecto agente, pelo seu acto iluminativo sobre o intelecto possível, actualiza as espécies inteligíveis na pureza da sua essência, realizando assim a perfeição da faculdade intelectiva (ut intellective differentie perfectio proveniat), para poder dirigir a face da sua parte superior para as substâncias supremas cognoscíveis (et ad res suppremas aciem sue celsitudinis dirigens cognoscendas). É evidente que para Pedro a realização do conhecimento das coisas tem como fim último a elevação para o conhecimento do transcendente, para o que não pode ser conhecido por abstracção. É essa precisamente a natureza íntima e inata do intelecto: “alcançar o conhecimento da causa mais elevada, dirigindo a sua face para o seu esplendor supremo”. A “actividade (indústria) da alma intelectiva não termina no conhecimento das criaturas”, porque “pode conhecer-se a si mesma” e “elevar-se pela sua excelência acima de todas as coisas.” O intelecto, “faculdade pura, próxima e conforme ao criador, ordena-se para o seu conhecimento”, não pelo declive da corporalidade, mas pela sua livre e luminosa faculdade porque “foi criada para contemplar a sua excelência”. De facto esta faculdade “foi criada para compreender as substâncias separadas, às quais a própria alma é conforme”¹⁵¹⁶.

Torna-se claro que em Pedro Hispano é a ideia do lugar do homem no mundo que determina a sua concepção das faculdades da alma. De facto, esta teoria e as suas classificações, procuram a cada passo dar conta do lugar do homem no mundo e da sua aspiração a superar a corporalidade e a unir-se ao que lhe é superior, para o que lhe foram dadas, pelo criador, como afirma, as faculdades adequadas.

A própria ordem da criação exige a existência no homem de um intelecto agente que o realize no seu mais alto grau, em regresso ao absoluto com o qual tem alguma conformidade. Pela mais elevada faculdade ou disposição, a *theophilosia*, o intelecto causado, regressa à sua origem, e ainda neste estado de união ao corpo, por contemplação da sua causa, simultaneamente cognitiva e afectiva, alcança a sua realização máxima, em que se

¹⁵¹⁶ «Est igitur intellectus agens virtus anime intellective intelligibiles species in intellectu possibili a virtutibus sensitivis susceptas lucis sue illustratione illuminans, a materialibus ac accidentalibus appenditiis eas detegens, ad sue essentie puritatem redigens et de potentia ad intelligendi actum perducens, ut intellective differentie perfectio proveniat, et ad res suppremas aciem sue celsitudinis dirigens cognoscendas. Hec igitur virtus pure lucis fulgore precellens ad summe cause cognitionem extendi nata est, ad eius splendorem supremum dirigens aspectum. Cum enim intellectiva anima notitie eius capax sit, in cuius solis aspectu supremum suscipit complementum, neque in creaturarum comprehensione eius sistit industria, cum sua excellencia super omnia sublimetur. Ipsa virtute sublimi pura et creatori propinqua et conformi ad eius notitiam ordinatur non virtute ad corporalem nexum declivi ad ipsum elevatur, sed simplici et libera et lucida virtute eius est nata excellentiam contemplari. Eadem vero virtus substantias separatas comprehendere nata est, quibus ipsa anima est conformis.» Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, X, 6, ed. Alonso, pp. 379, 27-380, 17.

perfecciona por proximidade e em amplexo afectivo e conformidade com o criador. É certo que este estado se realiza nas e pelas próprias faculdades naturais da alma, chamemos-lhe assim, não sendo pois o *excessum mentis* dos místicos. Trata-se antes da concretização de uma visão espiritual do homem assente na dupla ideia do lugar central da alma e no mundo da sua conformidade com o criador, o que lhe permite não só regressar a ele, como fixar-se nele como seu fim último.

A conceptualização das faculdades da alma mais do que determinar e construir uma concepção homogénea do homem submete-se e serve a uma visão global do homem entendido como criatura de um mundo também criado e sobredeterminado pelo acto criador. A teorização do homem como corpo e alma, da alma e das suas faculdades, do conhecimento e dos modos de o alcançar, da acção e da realização da felicidade, são outros tantos aspectos particulares em que o autor vai dando conta do seu modo de entender o homem e o seu lugar no mundo.

A finitude humana não se mostra apenas na geração, corrupção e mortalidade do corpo, mas também na própria natureza composta do homem (alma+corpo), de que resultam todas as outras limitações constitutivas da natureza humana, no âmbito do conhecimento e da acção moral. A este finitude fica garantida a possibilidade de transcendência, seja pela ciência com a realização da máxima capacidade do intelecto seja pela contemplação activa do supremo bem. Em qualquer dos casos exige-se uma disposição activa do próprio homem para as realizar.

Neste movimento de identificação da alma com o mundo, do interior com o exterior, de regresso à causa suprema, fecha-se o círculo que levava das faculdades inferiores e sensitivas às faculdades interiores e intelectivas, passando pela totalidade das coisas (as inferiores, as médias, as superiores) às quais, como diz Pedro, se deve aplicar a especulação filosófica, que em cada coisa deve indagar «a eminência da potência, sabedoria, bondade do primeiro criador e os segredos da natureza»¹⁵¹⁷.

É sob a orientação deste princípio, o homem como microcosmo, central no humanismo herdado da cultura monástica do século XII, que a *Scientia libri de anima*, talvez a obra filosófica mais importante de todas as atribuídas a Pedro Hispano, nos propõe uma visão integral do homem, onde é analisado em todas as vertentes acessíveis à ciência anterior a meados do século XIII. Por isso, é também um belo exemplo do saber deste século e uma obra cimeira da filosofia medieval, ademais escrita por um autor português. Mas, parece evidente que o facto de Pedro partir de uma visão simultaneamente cosmológica, estética e religiosa do lugar do homem, impõe a toda a obra uma predeterminada grelha que serve de

¹⁵¹⁷ Pedro Hispano: *Scientia libri de anima*, prolog., ed. Alonso, p. 3, 9-15, texto já transcrito atrás.

estrutura a uma teoria psicológica e antropológica, abdica de partir da discussão de problemas e das suas dificuldades para chegar à sua solução. Ou seja: ou ponto de partida permite ir acumulando diferentes teorias que o vão comprovando, como se fosse uma grande maré que tudo vai abrangendo mas onde os diferentes pontos que vão sendo absorvidos não são sempre homogêneos com os restantes. É este procedimento que impõe limites ao eclectismo filosófico de Pedro Hispano, uma vez que lhe falta quer um posicionamento teórico interno, pois a ideia orientadora é ela própria estranha e exterior à questão antropológica. Em vez da simples acumulação, falta-lhe ainda aquele posicionamento crítico e separador de águas que começa a despontar na escolástica universitária. Também estas razões apontam para a composição da obra antes de 1240, mas depois de 1233, devido à utilização do *Tractatus* de João de Rochela. O autor descreve-se no colofão como universitário, mas não é improvável que a obra saia directamente do meio monástico¹⁵¹⁸, de onde talvez nunca tenha saído, dada a sua reduzida difusão.

Apesar da sua intenção simultaneamente piedosa e filosófica e do seu esforço de compilação no limite de excessos doutrinários, Pedro Hispano não parece ter tido sucesso. Apenas conhecemos um manuscrito completo da *Scientia libri de anima* e a obra não parece ter sido utilizada por algum autor que a cite. De qualquer modo a *Scientia* é uma boa e exaustiva montra ou exposição de doutrinas sobre a alma, o intelecto, e o conhecimento em torno das quais se pensava o homem antes de meados do século XIII. A sua doutrina do intelecto, que acolhe três distintas tradições, mostra-nos o quão arriscado é fazer dele um representante de qualquer das posições doutrinárias ou de escola que os historiadores da filosofia habitualmente usamos para tornar compreensível um tempo outro, que é sempre mais diverso e complexo que o que essas etiquetas fazem transparecer.

Obra de filosofia com uma vincada visão da alma e das suas faculdades, interpretadas a partir da ideia de homem como microcosmo e fim último da criação orientado para o regresso ao criador, a *Scientia libri de anima* não parece ter tido qualquer influência no seu tempo ou nos tempos imediatamente posteriores. Escrita antes de meados do século XIII no momento de declínio do interesse pela obra psicológica de Avicena, não consegue evitar ou

¹⁵¹⁸ Relembremos a importante observação de Etienne Gilson sobre o tom do prólogo da obra, que remete directamente para o que aqui se está a discutir: «The prologue of the treatise unmistakably recalls the pious and rhetorical psychology of the twelfth century. Created unto the image of God, the soul is obscured by the darkness of corporeal clouds. Forgetful of itself, of its natural conformity with the spiritual substances, and desirous to recover its pristine resemblance to God, this soul reveals at once its Cistercian origin.» E. GILSON: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, cit., p. 320.

contrariar as tendências que agora orientam a filosofia noutras direcções. A partir de meados do século XIII há uma mudança de atitude perante a filosofia. Doravante, e por muito tempo, escrever sobre ou estudar a alma será aprofundar o conhecimento da obra fundadora de Aristóteles. Ao mesmo tempo diminui o interesse por determinados aspectos da psicologia fisiológica, que caracterizava a obra de Avicena¹⁵¹⁹. A obra de Pedro Hispano, que extensivamente se inspirava na de Avicena e com ela tem numerosos pontos de contacto, como o facto de não ser um comentário do *De anima*, mas um tratado de composição e estrutura independente e pessoal, estava eivado de matérias agora tratadas em outras ciências, como a medicina e mesmo a ciência dos animais. A *Scientia libri de anima*, com o seu estilo rebuscado, que certamente soaria excessivamente ornamentado para os ouvidos treinados no rigor esquemático da escolástica, e com uma exposição onde por vezes era difícil deslindar quais as posições claramente assumidas pelo autor, para além de conter doutrinais filosóficas que rapidamente perderam actualidade, e sobretudo por compagnar outras que pouco depois se percebe que são inconciliáveis. Um pouco de todas estas razões pode ter contribuído para o diminuto interesse que a obra, apesar da sua ambição sumulista, suscitou ainda durante a Idade Média.

¹⁵¹⁹ Sobre estas razões do declínio do interesse pelo *Liber de anima* de Avicena, de entre as quais se excluem as outrora referidas incompatibilidades com o cristianismo, cfr. D.N. HASSE: «Aristotle versus Progress: The Decline of Avicena's "De anima" as a Model for Philosophical Psychology in the Latin West», em J.A.Aertsen — A. Speer (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages?*, Berlin 1998, pp. 871-880.

Conclusões

A primeira das conclusões desta investigação poderia ser que o dossier “Pedro Hispano/Pedro Julião-papa João XXI” não admite simplificações. Um estudo sobre Pedro Hispano, geralmente considerado um dos mais importantes pensadores do século XIII devido à vastidão da sua obra, e figura proeminente da vida institucional da época por ter sido entronizado papa, apresentava os seus aliciantes intrínsecos. Não faltavam mesmo aspectos que davam a Pedro Hispano a aura de personagem enigmático e obscuro, refugiado até na nigromância, cuja vida é escassamente conhecida. A atribuição de uma grande quantidade de obras em variadas áreas científicas acrescentava o fascínio que uma tal figura exerce.

O estado dos estudos sobre Pedro Hispano foi tornando evidente que demasiadas questões permaneciam em aberto ou sem resposta, impedindo um acesso directo e sem entraves maiores às obras para interpretar o pensamento do autor, como se já todas as questões estivessem resolvidas e fosse possível trabalhar com um *corpus* textual bem delimitado. A situação revelou-se exactamente a oposta: não se sabia exactamente que obras teriam sido escritas por Pedro Hispano, a tradição manuscrita dessas obras estava longe de ser satisfatoriamente conhecida para a maioria dos textos, a vida de Pedro Hispano onde essas obras iam sendo inseridas estava reconstituída através de conjecturas, abundantemente contraditórias entre os historiadores, ainda mais arrevesada aparecia a questão fulcral da datação das obras e a determinação do contexto académico ou cultural onde haviam sido escritas. Perante esta situação havia apenas duas possibilidades de estudar Pedro Hispano: ou ignorar o problema escolhendo um ou outro texto para o analisar independentemente das questões históricas que suscitasse, ou então retomar o conjunto dos problemas sem lhes impor a grelha de respostas construídas pela tradição. A primeira hipótese conduziria inevitavelmente a resultados falíveis por não conseguir a inserção histórica da obra no seu tempo e na dinâmica das discussões em que participa, aos problemas que se coloca e a que procura dar resposta e mesmo por correr o risco de enlaçar obras que poderiam nada ter em

comum entre si. Apesar das dificuldades e dos desvios e circunvoluções a que obrigaria, a segunda hipótese foi emergindo como a única que poderia ser trilhada.

Justificava-se, assim, que numa investigação em história da filosofia fossem convocadas todas as hipóteses e indícios que fosse possível reunir, sobretudo por se estar perante um conjunto de obras sobre cuja unidade não há qualquer certeza. Devido à pluralidade de caminhos seguidos não se chega ao fim desta investigação com apenas uma conclusão, mas com diversas conclusões em torno dos diferentes tópicos abordados no seu decurso: sobre a natureza criativa dos erros próprios do trabalho de historiador e a *validade dos erros ou hipóteses* para a historiografia da filosofia, como o mostra a rica e abundante *bibliografia sobre Pedro Hispano*; sobre *as lições dos manuscritos* que nos obrigam a considerar com mais discernimento e prudência a ousadia das hipóteses sem fundamento, para além de serem o solo privilegiado para a *definição do corpus escrito petrínico*; sobre *as obras e as doutrinas psicológicas* que se apresentam com estranhas contradições que é necessário compreender. Vejamos então que conclusões é possível tirar em cada um desses campos e que *desiderata* daí poderão resultar quanto ao futuro de “*Pedro Hispano*”.

Os manuscritos com obras atribuídas a Pedro Hispano

O volume I foi dedicado à compilação e descrição de todas as informações que foi possível reunir sobre os manuscritos com obras atribuídas a Pedro Hispano. Resultou daí um inventário com 798 registos (cerca de 750 manuscritos identificados), que fornecem uma massa de material de estudo codicológico, aqui sobretudo valorizado como instrumento para a definição de um possível corpus textual petrínico.

A análise dos manuscritos revela desde logo a existência de diferentes tradições na difusão das obras. Por exemplo, as obras de lógica nunca são transmitidas com as de filosofias, nem estas com as de medicina, nem as de medicina com as de lógica, nem as de alquimia com as restantes. Há uma separação total entre os diferentes tipos de obras, de tal modo que mesmo os receituários médicos nunca aparecem associados aos comentários médicos. Se poderemos ter aqui um indício sobre diferenças de autoria entre as áreas científicas do “corpus”, é assunto que merece análise posterior.

A sistematização do conteúdo dos manuscritos permitiu avaliar na sua maior extensão algo que já se sabia: a maioria dos manuscritos petrínicos não contém obras de Pedro Hispano, mas sim comentários sobre o *Tractatus* de lógica, a maioria dos quais não contém o texto comentado mas dele apenas dão alguns lemas. Embora haja já diversos estudos sobre comentadores ou escolas de comentadores, falta ainda um estudo de conjunto sobre os comentários, comentadores e edições desta obra lógica de Pedro Hispano. O seu interesse é

inquestionável porquanto permite refazer uma parte significativa da própria história da lógica continental dos séculos XIII-XVI, bem como das constantes dos programas de estudos universitários ao longo deste período. A elaboração do inventário de manuscritos de Pedro Hispano e o trabalho sobre a bibliografia secundária correspondente permitiu constituir uma base bem desenvolvida com estas informações, que se espera vir a completar e a publicar proximamente.

Historiografia e bibliografia sobre Pedro Hispano

A análise da documentação coetânea e da literatura posterior sobre Pedro Julião-João XXI / Pedro Hispano, ilustram alguns mecanismos históricos sobre a recepção do autor ao longo do tempo, mas antes de mais mostrou quão desprovida de certezas ficava a hipótese de um autor único e, mais ainda, quão vago e aproximativo era o conhecimento dos limites da obra atribuída a Pedro Hispano. Os elementos fornecidos por essas tradições e sobretudo pelos manuscritos inventariados no volume I compeliavam a uma tentativa de sistematização que, deveria ter no seu cerne a tradição manuscrita, mas que não poderia negligenciar os testemunhos da literatura secundária. Esse princípio presidiu à elaboração de uma bibliografia exaustiva sobre Pedro Hispano (completada por uma recolha de documentos e da literatura historiográfica até ao século XVIII, que aqui não se publicam, mas que poderão ser objecto de edição separada), bibliografia essa que se apresenta no final do volume e constitui por si só um outro instrumento de pesquisa e introdução na “questão petrínica”. A bibliografia é aliás esclarecedora quanto à evolução dos “paradigmas” interpretativos sobre Pedro Hispano (cfr. Antelóquio, no início deste vol.).

A história da atribuição de obras e o interesse de alguns erros e lacunas da historiografia

Num segundo momento da pesquisa tornou-se evidente que as obras que a tradição atribuía a um único Pedro Hispano, por impossibilidade de as inserir num percurso coerente, tinham grandes hipóteses de ter sido de facto escritas por diferentes autores de épocas sensivelmente próximas. Esta primeira constatação justificava já a proficuidade do caminho seguido. Pareceu por isso importante constatar o silêncio dos documentos relativos a Pedro Julião sobre a sua vida académica, o que parece incompatível com uma obra tão extensa; ao que se acrescenta a também verificada evolução na construção biográfica pelos historiadores pontifícios, sempre prontos a associar uma nova obra ao papa João XXI, movimento que se prolonga no entusiasmo dos estudiosos já deste século, em especial dos grandes editores de textos filosóficos e médicos atribuídos a Pedro Hispano: o espanhol Manuel Alonso Alonso, a portuguesa Maria Helena da Rocha Pereira e o holandês Lambert Marie de Rijk.

Como se pôde ver, o silêncio dos documentos relativamente à formação ou à carreira académica de Pedro Julião, contrasta claramente com a tradição bibliográfica posterior, onde, desde muito cedo, lemos apreciações ora laudatórias, ora menos entusiastas dos méritos do papa João XXI. Contraste suplementado pelo facto de as poucas referências documentais onde a sua formação académica parece ser mencionada poderem associá-lo mais com o direito que com outras ciências, ao passo que os escritores seus contemporâneos ou pouco posteriores, o louvam sobretudo por obras de lógica ou de medicina. Este silêncio dos documentos poderia ter várias causas: Pedro Julião deveria ser ou muito bem conhecido no seu tempo e nos meios em que se movimentava o que dispensava que sobre ele se dessem mais informações, ou então era um perfeito desconhecido, ou, terceira hipótese, nada haveria de especial a dizer sobre Pedro Julião, e por essa razão os autores posteriores tendem a efabular uma biografia para o papa João XXI que de certo modo explicasse retrospectivamente que tinha sido eleito papa pela sua sabedoria e prestígio científico. Mas, se o autor fosse deveras conhecido, seria normal o aparecimento de alguma nótula biográfica contemporânea ou algum *accessus* que desvendasse algo mais sobre o autor, e não as simples e lacónicas referências em textos cronísticos. Nada encontramos que se assemelhe a um *accessus ad auctorem* em qualquer dos quase 760 manuscritos recenseados no volume I, se exceptuarmos os *incipit* ou *explicit*, ou mesmo as ocasionais referências nos comentários sobre o *Tractatus*, onde, por tradição, se discutem as 4 causas da obra e Pedro Hispano é muitas vezes referido como causa eficiente, sem que sejam dadas outras informações de tipo biográfico ou literário. Estranha-se que sobre um tão importante personagem com uma tão vasta obra não exista uma lista de títulos feita por algum discípulo, ou por algum bibliotecário mais informado. Isto para já não falar da inexistência de qualquer tentativa de reunir durante a Idade Média num projecto manuscrito a totalidade das obras, como aconteceu com outros autores medievais.

Problema mais interessante e que não deve ser negligenciado, ao contrário do que tem sido suposto pelos trabalhos até agora realizados, não é possível estabelecer uma ligação ou continuidade entre os documentos relativos a “Pedro Hispano médico” em Siena e os documentos portugueses ou da cúria papal que mencionam o português Pedro Julião detentor de vários benefícios eclesiásticos, mas nunca mencionado como médico.

A definição de um corpus petrínico

A literatura secundária e sobretudo os manuscritos solicitavam uma clarificação sobre que obras podem de facto ser atribuídas a Pedro Hispano. Por essa razão a constituição de uma *Clavis operum* constitui um dos mais determinantes resultados desta investigação, porque introduziu uma separação sistemática de natureza das obras associáveis a Pedro

Hispano e permitiu: (1) desfazer alguns erros, (2) eliminar definitivamente alguns títulos que andavam erradamente atribuídos, (3) identificar que obras estão de facto atribuídas a um Pedro Hispano, (4) constituir o núcleo de títulos que podem ser integrados num *corpus* petrínico. A detecção de erros grosseiros de atribuição, que dera elementos que compeliavam à reabertura do dossier, também acabou por fornecer elementos muito importantes que mostram, como disse atrás, o quão instrutiva pode ser a análise de erros em história da filosofia.

Relembra-se que a *Clavis* nesta fase da investigação pretendia identificar as obras que nos manuscritos estão *atribuídas a* Pedro Hispano, sendo portanto uma etapa de investigação, cujo fim esperado é a constituição da *Clavis* das obras *de* Pedro Hispano, ou *dos* diferentes Pedro Hispanos que seja possível identificar.

A *Clavis* permitia pois avançar para um estudo geral desse *corpus*, o que se tentou na parte II deste volume, através de uma primeira caracterização das obras segundo a sua área temática. Os resultados desta abordagem são ainda necessariamente parcelares, mas permitem desde já tornar mais claras as lacunas de continuidade entre as diferentes áreas científicas, o que corrobora a verificada separação temática das famílias de difusão manuscrita das obras. Se há obras em que o autor se cita a si mesmo, como os *Syncategoreumata* que citam textualmente os *Tractatus*, ou se o autor do comentário ao *De anima* cita diversas obras suas, nenhuma das quais conhecidas, faltam contudo outras referências que permitam ligar entre si as diversas outras obras atribuídas. Verifica-se mesmo que há obras da mesma área que se ignoram mutuamente e até divergem em pontos fulcrais (veja-se o caso das obras de filosofia da alma, estudadas mais em pormenor na parte III). Têm até fracassado as tentativas de estabelecer uma ligação entre os comentários médicos e os receituários.

Subsiste então um problema: é possível que estas obras tenham sido todas escritas na mesma época e por diferentes autores, todos eles chamados Pedro Hispano? Esta possibilidade, embora plausível, não deixaria de ter o seu quê de estranho pelas excessivas coincidências que implica. Mas, talvez estes Pedros não sejam todos exactamente contemporâneos, podem operar em distintos meios culturais e geográficos, podem ser provenientes de diferentes zonas da Península Ibérica. E temos aí o caso das obras de alquimia, certamente do século XIV, provavelmente de um Pedro Hispano sobre o qual nada sabemos e que por comodidade foi sendo identificado com o Pedro Hispano do século XIII.

Mas, se se constatasse que há apenas um e só um Pedro Hispano, haveria sempre lugar a falar em “diferentes” Pedros Hispanos tais são as diferenças entre as obras. O fenómeno pessoano da heteronomia, sendo pouco provável para o século XIII, obriga-nos a pensar que estamos de facto perante diversos autores.

Ficou propositadamente fora desta investigação a identificação de *quem é* ou *quem são* estes Pedros Hispanos, porque esse tem sido o erro metodológico cometido pelos estudos petrínicos, preocupados em encontrar um personagem histórico que suporte as obras, descurando aquilo que nelas há de próprio e de diverso ou que pode desafiar essa identificação de um personagem histórico único.

As obras e doutrinas psicológicas

Nos séculos XII-XIII a nova literatura filosófica e em especial os textos de Aristóteles como o *De anima* e a *Ética a Nicómaco* provocam um alargamento notável a propósito da compreensão da alma e do homem, afinal o mesmo problema já bem desenvolvido na tradição cristã (grega e latina) numa vertente mais espiritual, enquanto campo de discussão do problema teológico do pecado e da imputabilidade da responsabilidade do homem nos actos que realiza deliberadamente.

De facto, se tivermos em conta as fontes de que os autores dispõem e os contextos epistemológicos e institucionais em que reflectem, podemos dizer que na Idade Média há duas psicologias: uma *psicologia teológica*, herdeira da tradição monástica e integrando uma reflexão sobre o lugar do homem na criação e uma *psicologia filosófica*, mais recente, reflectindo sobre a alma como princípio natural, herdeira do aristotelismo e desenvolvida no âmbito das novas escolas universitárias que surgem no final do século XII e atingem toda a sua pujança em meados do século XIII. Numa caracterização esquemática, quase caricatural porquanto não encontramos nenhuma delas em estado puro pelo menos neste século que nos interessa, podemos dizer que a *psicologia teológica* se desenvolve a partir da ideia cristã da esperança na vida futura da alma imortal do homem, que será premiada ou castigada consoante os méritos ou deméritos adquiridos durante a vida terrena, aqui a alma é necessariamente individual e estudada a partir do lugar do homem no mundo, procurando mostrar que é nela que estão os princípios que permitem ao homem aspirar à beatitude contemplativa nesta vida e à beatitude eterna da alma após a separação do corpo. A componente criacionista e escatológica é fundamental nesta psicologia teológica, como o mostram as muito debatidas questões sobre a visão de Deus, ou sobre a possibilidade de a alma continuar a conhecer e a pensar após a separação do corpo. Do ponto de vista dos conceitos usados, esta psicologia teológica é particularmente devedora do pensamento de Agostinho de Hipona e da patrística latina e grega, explicando o conhecimento e o acesso à verdade eterna através da iluminação própria e interior de que a alma é portadora por dom do criador ou mesmo por iluminação directa de Deus. Esta psicologia visa alcançar uma descrição da alma e do homem que esteja primeiramente em acordo com a mensagem da

revelação. Já a *psicologia filosófica* descreve a alma como princípio natural de vida, conhecimento e acção, dentro da tradição aristotélica, portanto com uma componente predominantemente filosófica de construção conceptual, procurando explicar a natureza na sua imanência e pelos processos intrínsecos da alma, onde por exemplo o conhecimento é explicado através da abstracção realizada pelas faculdades da alma. Esta psicologia, ora mais espiritualista ora mais “fiscalista”, desenvolve-se num ritmo hermenêutico de interpretação dos textos, dominada sobretudo pelo *Liber de anima* de Avicena até meados do séc. XIII e pelo *De anima* de Aristóteles sensivelmente a partir dessa data, e onde sobressai como método discursivo o confronto e diálogo questionador entre as diferentes tradições para dele fazer emergir a verdade ou a coerência lógica de cada posição. Esta distinção de duas psicologias apenas é possível como generalização, porque de facto vemos que cada autor combina elementos de cada uma à sua própria maneira. As obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano são um bom exemplo do carácter pessoal de cada teorização da alma. O estudo realizado na parte III permitiu atravessar algumas das suas teorias mais características.

A *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* insere-se claramente na segunda tradição, como psicologia universitária ou escolástica desenvolvida na hermenêutica do texto aristotélico.

A *Scientia libri de anima*, embora se pretenda uma obra de filosofia e de facto aí tenha as suas principais fontes doutrinárias, pela linguagem e pelos objectivos insere-se numa psicologia teológica de finalidade piedosa que tenda à contemplação salvífica, mas que se exprime já pelos conceitos da psicologia aristotélico-aviceniana da escolástica da primeira metade do século XIII. Na *Scientia*, Pedro procura construir uma antropologia unitária a partir do dinamismo e da hierarquia das faculdades da alma, cuja unidade como ciência resulta também da própria superioridade ontológica da faculdade humana superior, o intelecto, que integra todas as faculdades que lhe são inferiores, através das quais rege ou impera sobre o próprio corpo que lhe é conexo e que não é senão seu instrumento. Da mais básica e humilde das funções corporais à realização da máxima felicidade, eis o compendioso percurso de Pedro Hispano na sua *Scientia libri de anima*, onde nos propõe uma teoria do homem, ou seja: do intelecto, simultaneamente aristotélica, agostiniana e aviceniana que acolhe todos estes contributos, e muitos outros, numa espécie de novo peripatetismo sem futuro. Até certo ponto, a teoria ecléctica do “triplo” intelecto é uma figura da dialéctica “fé-razão” em que o autor adopta a filosofia para exprimir a sua visão de um mundo orientado para a unificação a Deus, através das faculdades anímicas naturais do homem. A antropologia da *Scientia* é nitidamente mais dualista que a de Aristóteles, não só por influência de toda a tradição cristã em leitura agostiniana ou de influência da patrística grega neoplatonizante, mas sobretudo de Avicena.

Apesar de referir em abundância a actividade corporal e moral, Pedro não retira daí uma nova imagem da acção humana, que pudesse servir de programa a uma ideia de homem enquanto criador do seu próprio destino. O seu projecto é descrever o homem enquanto natureza *media*, isto é situada num plano intermédio entre a corporalidade material e a pura espiritualidade da causa absoluta. Natureza *media* que pelo conhecimento e pela recta razão prática se orienta para a contemplação da verdade e do bem. Emerge aí o uso da imagem do homem como microcosmo, que determina toda a visão do homem na *Scientia*.

A compreensão da posição doutrinal de Pedro Hispano nas obras psicológicas (particularmente na *Scientia*) centrou-se na análise de um núcleo temático restrito para estabelecer uma certa continuidade entre problemas como a possibilidade de uma ciência da alma, a relação corpo/alma, a natureza e funções das faculdades da alma, as classificações das faculdades da alma, o conhecimento e o intelecto, o agir humano e a vontade, os fins do homem e a felicidade, o homem como microcosmo. Não era, por isso, o contexto para realizar um estudo de fontes das duas obras, nem, pelas razões apontadas, esta abordagem geral poderia avançar por um estudo comparativo entre esta e outras obras. Mesmo assim, foi possível ir encontrando algumas das fontes usadas mas não citadas por Pedro Hispano na *Scientia*, o que nos autoriza a estabelecer alguns limites temporais para estas obras, os quais propõem de certo modo uma ruptura com as datações tradicionais.

As divergências entre as duas obras de psicologia podem ser lidas de duas formas diversas: (1) procurando estabelecer ligações e integrando as divergências ou na génese de um pensamento (*leitura genética*), estabelecendo uma certa complementaridade entre as teorias divergentes (*leitura sistemática*), em qualquer dos dois casos assume-se que pertencem a *um mesmo autor*; ou (2) procurando os fundamentos de *cada obra por si mesma* e confrontando-os, para mostrar que as teses divergentes não poderiam ser defendidas pelo mesmo autor sem uma grave inconsistência filosófica, e neste caso tende-se a pressupor que as duas obras pertencem a *autores diferentes*. Até agora os estudos petrínicos têm desenvolvido a primeira possibilidade. Mas sem resolver as exigências da segunda possibilidade.

Tudo permite confirmar que a *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* é um dos primeiros comentários, senão mesmo o primeiro dos comentários sobre o *De anima* escritos em latim. Não é seguramente anterior a 1240, mas as suas orientações, como o conhecimento que revela da literatura filosófica, a ausência de ecos de outros comentários sobre a alma, a preocupação com a definição de um estatuto da ciência da alma, e o género de questões debatidas indica que também não é posterior a 1250, nem é de origem parisiense, o que levanta a questão do local onde o comentário poderia ter sido leccionado, sabendo-se que em Paris não há a inclusão do *De anima* no curriculum antes de 1250-1252. A solução do

padre René-Antoine Gauthier situando a sua origem em Toulouse mantém a sua plausibilidade, mas não são de descartar outros locais possíveis, nomeadamente Nápoles. Aliás, o seu autor revela-se um prolixo mestre de artes, não apenas pela minúcia e extensão do seu comentário de que apenas conheceremos cerca de um terço, mas porque cita outras obras suas (sobre o embrião, sobre a matemática, sobre a física, etc.), nenhuma delas conhecida, nenhuma delas fazendo parte das que nos manuscritos estão atribuídas a Pedro Hispano (cfr. II. 2), o que faz pensar que a atribuição desta obra a Pedro Hispano, que se encontra em um dos dois manuscritos conhecidos, pode ser errada. Faltaria então identificar quem é o autor deste comentário anterior a 1250 que, simplesmente, pode não ser “um Pedro Hispano” mas seguramente era um mestre de artes.

O destino da *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano Portugalense é também ele peculiar, pois já foi considerado (ajuizando a partir daquilo que de facto se conhece sobre a literatura psicológica medieval) o mais vasto e minucioso compêndio sobre a alma de toda a Idade Média, mas é também certamente um dos mais problemáticos pelo seu ousado eclectismo com a junção de doutrinas de orientações opostas. Este peculiar posicionamento teórico pode ser explicado quer pela posição doutrinal do autor que quer compor uma obra onde reúne todas as sentenças de verdade, quer pela sua visão do homem e do conhecimento que permite acolher diferentes formas de os explicar, quer pela própria dinâmica do trabalho científico durante a Idade Média. Esta exposição orgânica e articulada do problema da alma, à semelhança de outras várias tentativas na primeira metade do século XIII, não conseguiu destronar a preferência pela metodologia da *questio* e do comentário, que de facto se impõem progressivamente, ao contrário do que aconteceu com a lógica em que o uso das sùmulas nas universidades se sobrepõe ao trabalho de comentário das obras aristotélicas que elas compendiavam. Mas, isto também resultava da própria natureza a-ideológica das sùmulas, o que não acontecia com a *Scientia*, marcada doutrinalmente por orientações (v.g. o seu “avicenismo de princípio”, quer quanto aos sentidos internos, quer quanto à teoria das localizações e mesmo quanto a alguns aspectos da teoria do intelecto) rapidamente ultrapassadas pelo desenvolvimento das polémicas e avanços da discussão em torno da alma. A importância de Avicena nesta obra também nos indica algo quanto à sua data, porque não é crível que alguém no centro das discussões filosóficas (veja-se como o autor se descreve no colofão do único manuscrito completo) defendesse após 1250 teorias que estavam a ser abandonadas ou severamente criticadas, por exemplo a propósito do intelecto, sem esboçar o menor conhecimento dessas polémicas. A obra deve pois ser anterior ao declínio da influência de Avicena, que se começa a verificar por volta de 1250. O estudo das suas posições doutrinárias e a identificação de algumas fontes mudas que usa, indicam que a obra terá sido

escrita provavelmente em contexto monástico, ainda influenciado pela cultura do século anterior, e seguramente após 1233, data de composição do *Tractatus* de João de Rochela, que vimos ser usado em pontos nucleares da *Scientia*. Não temos razões para duvidar que o autor da obra é o Petrus Hispanus Portugalensis que a si mesmo se identifica no colofão. Questão diferente é saber exactamente quem é este mestre que também escreveu o *Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite*.

As diferenças entre as duas obras sobre a alma, o facto de se ignorarem mutuamente, o possuírem vocabulários e orientações completamente diferentes, indicam que são de diferentes autores. O que em nada diminui a respectiva importância.

O futuro de “Pedro Hispano”

Qual é o futuro de Pedro Hispano? A resposta não é dissociável da questão mais vasta “qual é o futuro da filosofia medieval?”. Certamente no pensamento futuro há um lugar para o pensamento do passado e para o conhecimento da sua história. O confronto com as formulações históricas dos problemas e um conhecimento mais rigoroso das suas especificidades, faz sempre parte do processo de compreensão do próprio presente, e não apenas porque a filosofia incluir por definição a reflexão sobre si mesma. Por outro lado, os estudos sobre filosofia medieval têm actualmente uma pujança e uma consistência que trazem constantemente novos contributos que ajudarão a clarificar a “questão petrínica”, cuja discussão pode dar também um pequeno contributo para a definição de caminhos a percorrer pela historiografia da filosofia medieval. Neste âmbito, o conhecimento de uma obra datada, ou de um conjunto de obras, mesmo que algumas se situem nas fronteiras da filosofia, ganha expressão de intemporalidade e justifica-se por si mesma. A quantidade de questões em aberto sobre Pedro Hispano é mesmo motivo de atracção e interesse suplementares. Por outro lado, a diversidade de especialidades envolvidas e a dimensão do trabalho a realizar exige que ele seja desenvolvido em trabalho de equipa, de preferência multinacional. A cosmética das hipóteses só pode ser substituída por uma grande cirurgia reconstitutiva que lance mão dos próprios documentos e textos criando as bases de trabalho para uma edição crítica da totalidade das obras. Há pois um imenso trabalho de investigação e edição a retomar ou a prosseguir.

Na área documental é desejável a edição das fontes biográficas mas também historiográficas sobre “Pedro Hispano”, isto é sobre o personagem referido como único pela tradição, porque é daí que poderão vir elementos definitivos para distinguir as diferentes biografias e percursos de outros tantos Pedros que expliquem a diversidade de obras, ou a inexistência de continuidade entre elas, ou as divergências quanto ao pensamento sobre

problemas filosóficos centrais, questões que não encontram explicação satisfatória na hipótese da evolução de pensamento, ou de uma ainda não explicada mudança de contextos institucionais, que poderiam ter influenciado essa evolução de pensamento, caracterizada pela quase amnésia da linguagem e das referências usadas na área científica anterior.

Quanto à obra, é agora desejável e necessário prosseguir um trabalho de pesquisa alargada e sem o constrangimento das ideias feitas, mas sob novas bases heurísticas, porque é possível:

a) partir de um inventários de manuscritos (cfr. vol. I), que poderá ser completado e revisto, sendo em particular necessário o estudo *in situ* e a descrição directa de um maior número de manuscritos, pelo menos daqueles que contêm obras que não se encontram em outros apógrafos;

b) utilizar a descrição dos textos (cfr. *Clavis*) para identificar novos apógrafos e as diferentes versões de certas obras, interagindo sempre com o inventário de manuscritos, para resolver de imediato, pelo menos a questão das diferentes versões em que algumas obras se apresentam;

c) clarificar a separação ou unidade entre autores. A título de hipótese propõe-se a distinção metodológica entre os seguintes autores entre os quais seriam distribuídas as 58 obras das três primeiras secções da *Clavis operum*:

- Petrus Hispanus, logicus (fl. c. 1250): autor dos *Tractatus* e dos *Synkategoreumata*, devendo analisar-se a relação destas obras com as *Summulae antiquorum* e o *Opus puerorum*,
- Anonymus, magister artium (fl. c. 1245): autor da *Sententia cum questionibus in Aristotelis De anima I-II* e das obras aí citadas: *De mathematicis*, *De motu celorum*, *Questiones Physice*, *Tractatus de embrione*. Poderá ser também o autor do *Super libro De animalibus Aristotelis* (versão de Veneza),
- Petrus Hispanus Portugallensis (ante 1240): autor da *Scientia libri de anima* e do *Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite*,
- Petrus Hispanus Compostellanus, medicus: autor dos receituários e compilações dietéticas ou curativas (pode ser o Petrus Hispanus medicus),
- Petrus Hispanus medicus, magister Senensis: autor dos comentários médicos (pode ser o Petrus Hispanus Compostellanus),
- Petrus Hispanus O.P.: autor dos *Sermones* (poderá ser também o autor da *Expositio librorum beati Dionysii* ?),
- Petrus Juliani Ulixbonensis (Iohannes XXI, papa 1276-1277): apenas se lhe pode associar o *Bullarium* (poderá ser algum dos Petrus Hispanus canonistas do século XIII?),
- Petrus Hispanus, alchemista (s. XIV): autor dos opúsculos de alquimia.

d) retomar o estudo das obras à luz dos pontos anteriores, com uma metodologia mais atenta às diferentes tradições textuais, terminológicas ou mesmo doutrinais;

e) editar criticamente e de modo progressivo as obras filosóficas e também pelo menos alguns dos comentários médicos.

Estas cinco vertentes de continuação de pesquisa impõem-se para os textos filosóficos, mas também pelo menos para as partes teóricas dos comentários médicos, para determinar as filiações entre apógrafos, mas também para classificar com exactidão as respectivas variantes, base indispensável para a elaboração das edições críticas que urge empreender, para tentar assim remontar às linhas de pensamento que os textos veiculam. Essa renovada base textual possibilitará em simultâneo a abordagem filológica, lexicológica, conceptual e sistemática que trará novos argumentos para a compreensão das obras e, então, com mais rigor, será possível empreender o estudo comparativo e recíproco das obras, desimpedindo assim a abordagem dos problemas filosóficos, já sem as perturbações que os mitos sobre “Pedro Hispano” têm vindo a impor.

Obviamente mantém-se no horizonte a necessidade de identificar quem foi historicamente o autor de cada obra, mas insiste-se que não é da busca de qual é o melhor candidato para assumir essa paternidade que se podem esperar grandes resultados quanto às questões levantadas pelos textos.

*

Da complexa e variada tradição manuscrita, até à tortuosa história da atribuição de obras a Pedro Hispano, das lacunas no conhecimento da sua biografia, até às variadas reconstruções mais ou menos fantasiosas, mais ou menos documentadas sobre o personagem, desde a fama e influência de certas obras que lhe estão atribuídas, até à inexistência de outras, desde o *corpus* literário de limites indeterminados, até à inexistência de continuidade ou contactos entre as suas partes, desde a banalidade de alguns textos, até à complexidade doutrinal das obras de psicologia, eis outros tantos domínios onde a discussão aqui retomada pretendeu mostrar que há perspectivas que precisam de ser revistas, que sobre “Pedro Hispano” há um dossier muito vasto que não pode ser simplificado. De facto, as simplificações devem ser simplesmente evitadas porque, provavelmente, o Pedro Hispano, filósofo e papa do século XIII, que a tradição foi construindo, nunca existiu. Em seu lugar emergem diversos personagens, e um conjunto exuberante de obras de conteúdo filosófico e científico, onde se destaca a *Scientia libri de anima*, que nos dão também uma imagem da Idade Média científica e cultural ainda mais rica, dinâmica e diversificada.

Bibliografia

Nota explicativa

A bibliografia está organizada em duas partes distintas, de modo a facilitar a sua utilização como instrumento de trabalho independente.

Assim, a primeira é uma bibliografia o mais completa possível e comentada sobre “Pedro Hispano” e as obras que lhe estão atribuídas. Foi-lhe dada uma estrutura que permite lê-la e utilizá-la de modo independente e autónomo, estando dividida em duas secções, uma sobre fontes e outra sobre estudos, cada uma delas com as subdivisões que se consideraram oportunas. Procurou-se em cada caso dar uma breve síntese ou pelo menos apontar o conteúdo de cada estudo relativo a Pedro Hispano (em alguns casos foram aqui retomadas e adaptadas as notícias relativas a estudos recentes que redigi para o boletim bibliográfico *Medioevo latino*). Sempre que possível ou tal seja aplicável, junto de cada obra ou estudo indicam-se as referências de recensões sobre esses existentes. Os catálogos e repertórios onde se encontrem descritos manuscritos com obras de Pedro Hispano estão incluídos na bibliografia e no inventário de manuscritos do vol. I, pelo que pareceu despiciendo inseri-los de novo aqui. Não se incluem nesta bibliografia os estudos relativos a outros “Pedros Hispanos” bem identificados e que não coincidem com aquele que a tradição tendeu a identificar com “o” Pedro Hispano lógico, filósofo, médico e depois papa (sobre esta questão, cfr. vol. I, pp. 31-33).

Para tornar a sua consulta mais cómoda, as entradas bibliográficas foram distribuídas pelas seguintes secções:

I. Fontes

1. Documentos

(Incluem-se estudos onde sejam publicados ou sumariados documentos biográficos)

2. Narrativas (séculos XIII-XVIII)

(Incluem-se as narrativas biográficas, insertas geralmente em obras historiográficas ou bibliográficas, sem pretender à exaustão, mas retendo pelo menos os passos e autores mais significativos e influentes)

II Edições das obras

(Excluem-se as edições anteriores a 1900, excepto para as obras entretanto não reeditadas)

III. Estudos

1. Repertórios e bibliografias

(Excluem-se os catálogos de manuscritos, que podem ser verificados na Bibliografia do vol. I e nas notas e bibliografia de cada manuscrito aí descrito

Os artigos assinados em enciclopédias e obras de referências encontram-se na secção monografias sob o nome do respectivo autor).

2. Monografias

(Foram incluídos os estudos que tratem explicitamente P.H., incluídos artigos de enciclopédias e obras de referência,, e outros que no título refiram Pedro Hispano/João XXI, mesmo que o seu conteúdo em pouco ou nada o(s) abranja)

Na segunda parte da bibliografia incluem-se as publicações citadas no vol. II. Também aqui pareceu útil distinguir duas partes: primeiro as fontes filosóficas e, depois, a bibliografia secundária.

Nas fontes (2.I) incluem-se por ordem alfabética de autor as obras que poderiam ter constituído fonte nos textos atribuídos a Pedro Hispano, bem como as obras de autores medievais seus contemporâneos ou algo posteriores e que são citados enquanto pertencentes ao mesmo quadro teórico-cultural. As obras anónimas estão todas agrupadas sob o lema ANÓNIMOS, porque é assim que são citadas ao longo desta dissertação.

A bibliografia secundária (2.II) inclui as restantes obras citadas. Uma vez que se destina sobretudo a fornecer dados bibliográficos mais completos que os dados nas notas, optou-se por não distinguir em secções separadas a bibliografia filosófica e a bibliografia histórica.

*

As referências bibliográficas são o mais completas possível, excepto em alguns poucos casos em que não foram oportunamente anotados todos os dados relevantes ou necessários para uma correcta identificação dos textos ou dos estudos.

Bibliografia sobre Pedro Hispano

I. Fontes

1. Documentos

a) Registos biográficos

ANTUNES, José: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Ed. da Universidade Católica Portuguesa - Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga 1990, vol. II/1, pp. 125-184.

(ver o resumo na secção III.2) Edita em apêndice 5 documentos (quatro dos quais já se encontravam no estudo de A.M. de Sá (cfr. aqui abaixo), entre os quais o de 12 de Maio de 1272 com uma doação de Afonso III em que é citado como confirmante o «Magister Petrus Juliani electus Bracarensis».

CAEIRO, Francisco da Gama: «Novos elementos sobre Pedro Hispano. Contribuição para o estudo da sua biografia», *Revista Portuguesa de Filosofia* 22 (1966) 157-174. [Reed. em IDEM, *Dispersos*, (Estudos gerais) Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1998, vol. I, pp. 115-131].

Inclui a edição de oito documentos, de 1260, 1261, 1263 e 1264 onde P.H. figura como testemunha ou como parte dos processos que decorriam na cúria, e que confirmam quer a sua presença em Portugal, quer o seu envolvimento em altos cargos eclesiásticos.

CAETANO, Marcelo: *As cortes de 1254. Memória Comemorativa do VII centenário*, Academia Portuguesa de História, Lisboa 1954.

Edita 5 documentos (pp. 63, 71-73, 75) que atestam a presença de Pedro Hispano nas Cortes de 1254.

COSTA, António Domingues de Sousa *Um mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus. Vida e obras*, Editorial Franciscana, Braga 1957, pp. 35-38, e ed. de documentos: 165-170, 180-183 (doc. VI, VII, VIII, XV, XVI).

Edita pela primeira vez diversos documentos relativos à participação de Pedro Julião em querelas jurídicas, como parte ou testemunha, o que atesta a sua presença em Portugal em 1260-1261. Estes documentos foram depois publicados em F.G. CAEIRO: «Novos elementos...» e A.M. de SÁ: *Primórdios da Cultura Portuguesa*, vol. I.

Chartularium studii Senensis, a cura di Giovanni CECCHINI e Giulio PRUNAI, vol. I: 1240-1357, Università degli studi di Siena, Siena 1942, doc. 5-8.

Edição de quatro documentos relativos à presença de P.H. em Siena, mencionado na dupla qualidade de médico prático e de mestre de medicina no *Studium comunale*.

LAURENT, Marie-Hyacinthe: «Il soggiorno di Pietro Hispano a Siena», *Bolletino Senese di Storia Patria*, n.s., 16 (1938) 42-47 [separata, pp. 1-6].

Artigo apenas destinado à publicação (p. 44) do documento de 11 de Janeiro de 1245 (1244 no estilo de Siena) em que P.H. se compromete a não ofender a viúva Maria Ruberti, e que é o mais antigo documento a atestar a presença de PH em Siena. Inclui breve nota bibliográfica.— *Le bienheureux Innocent V (Pierre de Tarantaise) et son temps*, (Studi et testi, 129) Biblioteca Apostolica Vaticana,

Città del Vaticano 1947 [reimpr. 1972], cfr. sub indicem p. 533, em particular as pp. 134-135, 250-253, 493-496.

Diversas referências a fontes históricas sobre a vida e actos de João XXI (Pedro Julião), sobre a colecta de dízimos para a cruzada (pp. 250-253) e registo de documentos papais (pp. 493-496).

MARQUES, Maria Alegria Fernandes: *O papado e Portugal no tempo de Afonso III (1245-1279)*, Dissertação de Doutoramento em História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra 1990, pp. 83-84, 149, 157, 163-164, 163 e respectivas notas; documentos nas pp. 499-521, 526-529.

Diversas referências à carreira política e eclesiástica de Pedro Julião, no contexto das relações conflituais do rei Afonso III com a Igreja. São mencionadas em particular as ligações à cúria papal e as razões que aí levaram Pedro Julião. O documento anexo I, “Queixas do clero português contra o Rei Afonso III” (pp. 499-521), de Março-Junho de 1268, menciona P.H. três vezes (pp. 512, 517, 520), numa delas como presente no acto de elaboração do documento. O documento anexo III (pp. 525-573) é o relato dos actos da segunda legacia de frei Nicolau Hispano a Portugal, entre 7 de Fevereiro e 8 de Outubro de 1277, que inclui a bula *Felicitis recordacionis*, ao rei de Portugal, de 15 de Outubro de 1276 (pp. 526-529).

MENGOZZI, G.: «Documenti danteschi nel R. Archivio di Stato», *Bolletino Senese di storia Patria*, 28 (1921) 87-182.

A pp. 179-180 publica o doc. de Abril de 1249 dos *Libri della Bicherna*, relativo a Pedro Hispano.

NICOLINI, Ugolino: «Documenti su Pietro Ispano (poi Giovanni XXI?) e Taddeo degli Alderotti nei loro rapporti con Perugia», em *Filosofia e cultura in Umbria tra Medioevo e Rinascimento. Atti del V Convegno di Studi Umbri. Gubbio, 22-26 Maggio 1966*, Perugia 1967, pp. 271-284.

Inclui a edição de dois documentos/éditos da cidade de Perugia, que em 23 e 24 de Março de 1262 citam perante a justiça e condenam, entre outros, um «magister Petrus medicus Yspanus», por falsificação de moeda e alquimia.

SÁ, Artur Moreira de: *Primórdios da Cultura Portuguesa*, vol. I e II, (Arquivos de História da Cultura Portuguesa, 1/1, 2/1) Lisboa 1966 (pp. 59-93) e 1968 (pp. 104-107).

Os doc. 39-46, 49-56 e 58-59 publicados no vol. I atestam a presença de P.H. em Portugal entre 11.06.1250 e 19.11.1261. O doc. 104 do vol. II também contém uma referência a P.H. (é o testamento de João Martins, testamenteiro de Gil Rebolo, que se dizia parente de João XXI, legando em 1316 bens à Catedral de Lisboa para serem rezadas missas por ambos).

— «Pedro Hispano e a crise de 1277 da Universidade de Paris», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 22 (1955) 223-241.

Procura situar a intervenção de João XXI na condenação de 1277; inclui a edição do texto e tradução (por M.P. de Meneses) das 2 bulas papais relacionadas com as condenações parisienses.

— «Pedro Hispano, Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Arcebispo da Sé de Braga», *Biblos* 30 (1954) 1-24.

Defende que o *Tractatus* foi composto em Lisboa entre 1250 e 1253 (pp. 2-3). O estudo ocupa-se da reconstituição do conflito em torno da apresentação para prior, desencadeado em 1257 e cujo desfecho ocorreria apenas em 1275. Em apêndice são publicados 5 documentos relacionados com a questão (pp. 10-24, os quatro primeiros com trad. de M.P. de Meneses).

STAPPER, Richard: «Pietro Hispano (papa Giovanni XXI) ed il suo soggiorno a Siena», *Bullettino Senese di Storia Patria* 5/3 (1899) 424-431.

Publica nas pp. 430-431 e pela primeira vez o documento notarial de venda de uma Bíblia a frei Fantino por P.H. em 5 de Fevereiro de 1248 (e não 1247, porque o A. não adverte que no estilo de Siena o ano começava em 25 de Março). Apoiado no *Regestum* de João XXI, assinala favores que o papa concedeu a naturais de Siena.

b) *Bulas papais*

BERARDUS CARACCIOLUS DA NAPOLI: *Dictamina*.

Compilação de cartas exemplares redigidas por este importante notário da cúria. Encontram-se bulas e cartas que terá elaborado, ou reelaborado, a serviço do papa João XXI. Ver, por exemplo, os mss. Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 3977 ou ASV, Reg. Vat. 29A (de que existe agora edição electrónica em CD-ROM).

pelo ASV), para outros mss. ver vol. I *sub indicem*: Berardus Caracciolus Neapolitanus e o estudo de F. Kaltenbrunner citado a seguir.

CADIER, Léon: *Le Registre de Jean XXI (1276-1277). Recuei des Bulles de ce Pape, publiées ou analysées d'après le manuscrit original des Archives du Vatican*, fasc. 3 de: *Les registres de Grégoire X (1276-1277)*, (coll. de la Bibliothèque des Écoles Française d'Athènes et de Rome, 12, 3) Éditions E. de Boccard, Paris 1898 (55 pp.). [existe agora uma edição digital do ms. em CD-Rom realizada pelo próprio ASV]

Edição parcial do ms. Città del Vaticano, Archivio Segreto, Reg. Vat. n° 38, ff. 1-60. Nem todas as bulas e breves são publicadas na íntegra, de outras apenas é dado o destinatário, data e um resumo. Cadier editou as cartas na sequência com que surgem no ms., não as reordenando por datas; cartas papais: 1 a 159 (pp. 1-51), cartas curiais: 160-165 (pp. 51-55).

—: *Tables des Registres de Jean XXI (1276-1277)*, em GUIRAUD, Jean — Léon CADIER: *Les registres de Grégoire X (1272-1276) et de Jean XXI (1276-1277). Tables. Recueil des Bules de ces papes publiées ou analysées d'après les manuscrits originaux des Archives du Vatican*, (Bibliothèque des Écoles Française d'Athènes et de Rome) Éditions E. de Boccard, Paris 1960 (pp. 43-59).

Índices analíticos do *regestum* papal, editado por Cadier, nesta mesma colecção em 1898: Tábuas de *incipit*, cronologia das bulas, index notabilium rerum, nominum personarum et locorum.

JOANNIS VECCI *Epistola ad Joannem Papam cum professione fidei et recognitione primatus* [anno 1277], em *Joannis Vecci, Cp. Patriarchae, Opera omnia*, ed. J. P. MIGNE, *Patrologia Graeca*, Paris 1865, vol. 141, col. 943-950.

Carta de João Bekk, patriarca de Constantinopla, a papa João XXI. [Sendo a mesma de 1277 quando chegou a Viterbo já o papa tinha morrido?]

KALTENBRUNNER, F.: *Römische Studien*, III/1: *Die Briefsammlung des Berardus de Neapoli*, III (2): *Die Sammlung des Berardus als historische Quelle*, (Mittheilungen des Instituts für österreichische Geschichtsforschung, 7) Wagner, Innsbruck 1886, pp. 21-118, 555-635.

Estudo dos *Dictamina Berardi*, com lista numerada de todas as cartas, entre as quais se encontram diversas do papado de João XXI. A *Flumen aquae vivae*, por exemplo, tem o nr. 472.

POTTHAST, A.: *Regesta Pontificum Romanorum*, vol. II, R. Decker, Berolini 1875, pp. 1710-1719.

Resumos de bulas publicadas em diversas obras.

RAYNALDUS, Odoricus — Johannes Domenicus MANSI: *Annales ecclesiastici, ab anno MCXCVIII ubi desinit cardinalis Baronius*, Typis Leonardi Venturini, Luca 1748: t. III, pp. 403-436. Publica diversas bulas de João XXI.

Ver também:

ANTUNES, José: «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano...»

(ver o resumo na secção III.2) Inclui a edição (pp. 159-161), tradução (161-163) e estudo da bula não datada de João XXI *Jucunditatis et exultationis*, com base no ms. Roma, Bibl. Vallicelliana, Litt. C 49, p. 66.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes: *O papado e Portugal no tempo de Afonso III...*

(ver na secção anterior).

2. Narrativas (séculos XIII-XVIII)

ALONSO DE VENERO: *Enchiridion de los tiempos*, Juan de Junta, Burgos 1529 [no f. 63 tem o ano 1526], f. 90r.

HERRERA, Alphonsus (O.P.): *Disputatio adversus Aristotelis Aristotelisque secuaces*, Compluti - Salmanticae 1517.

Não é uma obra com referências biográficas mas um livro de diálogos, no primeiro dos quais disputam Diogo de Herrera e Pedro Hispano, que defende o conceito aristotélico de oração (como espécie determinada da quantidade discreta) no tratado *De categoriae et Predicamenta*, IV. .

Annales Basilienses, ed. Pertz, Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, t. XVII, p. 202.

Annales Forlivienses, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. XXII, col. 139.

ANDREAS DANDULUS: *Chronicon Venetum a pontificatu Sancti Marci ad annum usque 1339*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. XII, col. 392.

ANTONINUS FLORENTINUS, O.P.: *Divi Antonini archiepiscopi florentini, et doctoris s. theologiae, prastantissimi Chronicorum opus, in tres partes divisum ... Opus omni eruditione ac pietate refertum, nunc quidem quanta fieri potuit diligentia emendatum & auctum, atque annotationibus illustratum, adiectis etiam, vt plurimum locis, ex quibus omnia desumpta fuerant, opera & studio Petri Matvri ... Tribus insuper indicibus locupletum*, Lugduni, ex officina Iuntarum, et Pauli Guttii, *Tertia pars*: p. 204b.

ANTONIO, Nicolás: *Bibliotheca Hispana Vetus, sive Hispanorum, qui usquamve scripto aliquid consignaverunt, notitia. Complectens scriptores omnes qui ab anno M. usque ad MD. floruerunt tomus secundus (...)* opus postumum nunc primum prodit iussu et expensis (...) D. Josephi Saenz, Ex typographia Antonii de Rubeis, Romae 1696 [1ª edição], pp. 50-54.

[2ª edição] *Bibliotheca Hispana Vetus, sive Hispani scriptores qui ab Octaviani Augusti aevo ad annum Christi MD. floruerunt*, (...) curante Francisco Perezio Bayerio, *Tomus secundus: Ab anno M. ad MD*, Apud viduam et heredes D. Ioachim Ibarrae, Matriti 1788, pp. 73-79.

Desenvolvida notícia biográfica e bibliográfica sobre P.H., onde defende que o P.H. papa, médico e filósofo é diferente do «Petrus Hispanus Summularum auctor, Ordinis Praedicatorum», para além de aduzir um terceiro Petrus Hispanus, Junior, de facto Pedro Ciruelo Darocense. Na segunda edição, p. 75 n. 1 são pela primeira assinaladas a *Scientia libri de anima* (ms. Madrid, BN, 3314) e as obras médicas do ms. Madrid, BN, 1877.

BARLEZIO, Marino: *Compendium vitarum Summorum Pontificum usque ad Marcellum II*, Roma 1555, pp. 98-99.

BENVENUTO DA IMOLA, *Commentum super Dantis Alighierii Comoediam*, ed. J.F. Lacaíta, Firenze 1887, vol. V, p. 89.

BERNARDUS GUIDONIS (O.P.): *Flores Chronicorum seu Catalogus pontificum Romanorum*, Ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, t. III, pars I, Mediolani 1723, col. 606-607.

BRANDI, Giovanni Antonio: *Cronologia de Sommi Pontefici*, Roma 1608, col. 189.

CARRANZA DE MIRANDA, Bartolomeu (O.P.): *Summa Conciliorum et Pontificum aliorumque sanctorum patrum, succinte compkctens omnia quae alibi sparsim traditus sunt*, ad signum Spei, Venetiis 1549, f. 268v.

CARDOSO, Jorge: *Agiologio lusitano, e varoens illustres em virtude do Reino de Portugal*, Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, Lisboa 1669, vol. III, pp. 313-315, 322-323..
Lista das fontes na p. 323b.

Catalogus Pontificum et Imperatorum Romanorum, ed. apud Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum XXII, p. 363.

Compilatio chronologica, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores IX*, Mediolani 1726, col. 251.

CHACÓN, Alfonso: *Vitae et gesta Summorum Pontificum, a Christo Domino usque ad Clementem VIII necnon S.R.E. cardinalium cum eorundem insignibus, M. Alfonsi Ciaconii Biacensis Ord. Praedicatorum, & Apost. Paenitenciarum*, Expensis haeredum Petri Antonii Lanceae, Romae 1601, *Liber secundus*: Pedro Julião / João XXI: cardeal (pp. 596-597, 602, 604) e papado (pp. 605-607).

— ver infra : OLDOINO, A: *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum...*

Chronicon Parmense ab anno MXXXVII usque ad annum MCCCIX, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores IX*, Mediolani 1726, col. 789.

Cronica S. Petri Erfordensis Moderna, II pars, p. 363, III pars, p. 417; ed. O. Holder-Egger, Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum XXX/1.

Cronica Reinhardsbrunensis, p. 629; ed. O. Holder-Egger, *Monumenta Germaniae Historica, Scriptorum* XXX/1.

CONRADUS DE HALBERSTADT O.P.: *Responsorium curiosorum* [ou *Mensa philosophica*], Lübeck 1476.

No prólogo, f. 15, inclui entre as suas fontes as *Questionis Petri Hispani Super Viaticum*; cit. em B. Lawn, *Salernitan Questions* (1963, p. 105, n. 1), e o mesmo autor assegura que de P.H. são ainda usados comentário sobre a *Tegni* de Galeno e mesmo os *Problemata* extraídos do comentário sobre o *De animalibus*.

CORELLA, Lopez de: *Secretos de filosofia y astrologia y medicina y de las quatro mathematicas sciencias, collegidos de muchos y diversos auctores y divididos en cinqu quinquagenas de preguntas*, Saragoza 1547.

O A., professor de Medicina em Tarragona, usa P.H. como fonte em medicina (notar que na óptica são utilizados João Pecham e Witelo), referido por B. Lawn, 1963, p. 136.

CUNHA, Rodrigo da: *Tractatus de Primata Bracharensis Ecclesiae in Universa Hispania*, , Bracarae 1632, p. 212.

— *História ecclesiastica dos arcebispos de Braga, e dos Santos, e dos Varoens illustres, que floreceraõ neste Arcebispado*, Manuel Cardozo impressor, Braga 1635 [reimpr. fac-similada, com apresentação de José Marques, Braga 1989], Segunda parte, capp. 35-36, pp. 152-160.

DANTES ALAGHERII): *Commedia*, III: *Paradiso*, canto XII, versos 134-135 (múltiplas edições).

DUCHESNE, André : *Histoire des papes et souverains chefs de l'Eglise*, Chez Jacques Villery, Paris 1645 («cette dernière edition»), p. 681

EGGS, Georg Josef: *Pontificium doctum, seu Vitae, res gestae, obitus, aliaque scitu ac memoratu digna summorum pontificum romanorum ... a s. Petro apostolo ... usque ad Clementem XI, Coloniae*, apud Davidem Ritter, & Francofurti ad Moenum, apud Frid. Wilh. Foerster, Coloniae 1718, pp. 478-481.

ELOY, Nicolas-François-Joseph : *Dictionnaire historique de la médecine, contenant son origine, ses progrès, ses révolutions, ses sectes, et son état chez différents peuples, ce que l'on a dit des dieux ou héros anciens de cette science, l'histoire des plus célèbres médecins... et le catalogue de leurs principaux ouvrages*, en foire chez J.F. Bassompierre, Liège-Francfort 1755 (2 vol.), nova ed. em 4 vol. em Mons 1778, cfr. vol. I, pp. 534-536.

FRANCISCUS PIPINUS (O.P.): *Chronicon ab anno MCLXVI usque ad annum circiter MCCCXIV*, L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores* IX, Mediolani 1726, col. 723.

GANDOLFO, Domenico Antonio (O.E.S.A.): *Dissertatio historica de ducentis celeberrimis augustinianis scriptoribus ex illis qui obierunt post magnam unionem Ordinis eremitici, usque ad finem Tridentini concilij ... Addita sunt aliqua ad D. Nicolaum Tolentinatem, beatos quosdam, ac Venerabiles ejusdem Ordinis spectantia...* auctore Fr. Dominico Antonio Gandolfo Genuensi, Romae, Typis Io. Francisci Buagni, 1704, pp. 299-301.

GESSNER, Conrad: *Bibliotheca Universalis, sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus, em tribus linguis, Latina, Graeca et Hebraica ... authore Conrado Gesnero Tigurino doctore medico*, Apud Christophorum Froscherum, Tiguri 1545, pp. 549-550.

— *Elenchus scriptorum omnium, ... a clarissimo viro D. Conrado Gesnero medico Tigurino editus, ..., auctus per Conradum Lycosthenem Rubeaquensem*, Basilea 1551, col. 863.

GESNER, Conrad — Iosias SIMLERUS — Iohannes IACOBUS FRISIUS: *Bibliotheca, instituta et collecta, primum a Conrado Gesnero, deinde in Epitome redacta, et novorum librorum accessione locupletata* (...), Apud Christophorus Froschoversus, Tiguri 1583, p. 673b.

GUILLELMUS DE NANGUIS: *Chronicon Guillelmi de Nangis*, ed. Lucas d'Achery, *Spicilegium, sive Collectio veterum aliquot Scriptorum qui in Galliae bibliothecis delituerant*, olim

editum opera et studio D. Lucae d'Achery, ediderunt Edm. Martene et L. F. J. de la Barre, t. III, Paris 1723, p. 44.

Hispaniae bibliotheca, seu de Academiis ac bibliothecis. Item Elogia et Nomenclator clarorum hispaniae Scriptorum, qui latine disciplinas omnes, illustrarunt philologiae, philosophiae, medicinae, Jurisprudentiae, tomis III distincta. In primo, hispaniae religio academiae, bibliothecae, episcopi, concilia, reges, etc. In secundo, Elogia scriptorum veterum, recentium, theologorum, religiosorum, jurisconsultorum, medicorum, historicorum, poetarum. In tertio, Elogia et nomenclator diversarum nationum hisp. Baeticorum, lusitanorum, carpetanorum aragonum, ac Valentinorum, apud Claudium Marnium et haeredes Ioanni Aubrii, Francoforti 1608, pp. 243, 333.

IACOBUS DE VARAGINE: *Chronicon Genuae (ab origine urbe usque ad annum MCCXCVII)*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1726, t. IX, col. 52.

IACOBUS PHILIPPUS BERGOMENSIS (O.E.S.A.): *Iacobi Philippi Bergomensis Ordinis Fratrum Eremitarum Divi Augustini in omnimoda historia novissime congesta. Supplementum Chronicarum appellata*, Venezia 1483, ff. 131r-v.

ILLESCAS, Gonzalo de: *Primera parte de la Historia Pontifical catolica (...) compuesta y ordenada por el doctor Gonzalo de Ilescas, Abad de San Frontes y Beneficiado de Dueñas*, Madrid 1652, p. 507b.

IOHANNES AEGIDIUS ZAMORENSIS (O.F.M.): Fray Juan Gil de Zamora O.F.M., *De preconiis Hispanie*, ed. Manuel de CASTRO Y CASTRO, Madrid 1955, p. 152.

IOHANNES CABBART (?): < *Vitae Pontificum* >, ms. Bergamo, Biblioteca Cívica, Delta IV, 34 [s. XV], ff. 38v-39r; ed. L.M. de RIJK: *PETER OF SPAIN, Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales. First Critical Edition from the Manuscript*, Assen 1972, p. XLI, n. 6 [texto transcrito por H.G. Braakhuis].

IORDANUS: *Excerpta ex Jordani Cronico*, L.A. Muratori, *Antiquitates...*, IV, col. 948, 1008.

JACOB, Louis: *Bibliotheca Pontificia duobus libris distincta ... Cui adjungitur catalogus Haereticorum qui adversus Romanos Pontifices aliquid ediderunt ... Accedit fragmentum libelli S. Marcelli Romani Martyris ... hactenus ineditum de disputatione B. Petri Simonios Magi auctore R. P. F. Ludovico Jacob a S. Carolo Cabilonensi Burgundo Ordinis Carmelitarum alumno*, Sumptib. Haered. Gabr. Boissat & Laurentii Anisson, Lugduni 1643, pp. 137-139.

LAET, Joannes de: *Portugallia sive de Regis Portugalliae regnis et opibus commentarius*, ex officina Elzeviriana, Lygduni Batavorum 1641, p. ? [transcrito em L. THOMAS: *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*, vol. I, Lisboa 1944, p. 81, n. 55].

LAURENTIUS PIGNON (O.P.): *Catalogus fratrum qui claruerunt doctrina* nr. 91; ed. G. MEERSEMAN: «Laurentii Pignon Catalogi et Chronica. Accedunt Catalogi Stansensis et Uppsalensis Scriptorum OP», *Monumenta ordinis fratrum praedicatorum historica*, vol. 18, Roma 1936

Liber Pontificalis, ed.: *Le Liber Pontificalis*, Texte, introduction et commentaire par l'abbé L. Duchesne, E. de Boccard Éditeur, Paris 1955 vol. II, pp. 457-458 (cfr. Martini Oppaviensis *Cronicon pontificum et imperatorum*, ed. L. WEILAND, *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores* t. XXII, Hannoverae 1872, p. 443).

LUDOVICUS VALLISOLETANUS: *Tabula scriptorum Ordinum Praedicatorum*, em H.C. SCHEEBEN: «Die Tabulae Ludwigs von Valladolid im Chor der Predigerbrüder von St. Jacob in Paris» *Archivum Fratrum Praedicatorum* 1 (1931) 223-263, cfr. p. 255; *Chronica*, ed. M. Canal, Roma 1932, p. 39.

MACEDO, Antonio de (S.J.): *Lusitania Infulata et Purpurata seu Pontificibus et Cardinalibus Illustrata*, Sebastianum Cramoisi, Parisius 1663, cfr. pp. 36-58: «Ioannes XXI P.P. Max».

- MACHADO, Diogo Barbosa: *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica*, t. II, Na officina de Ignacio Rodrigues Lisboa 1747, pp. 559-561 [reimpr. Ed. Atlântida, Coimbra 1966].
- MALASPINA, Saba: *Chronica*, ed: *Die Chronik des Saba Malaspina*, Walter KOLLER — August NITSCHKE (eds.), (Monumenta Germaniae Historica. Scriptores, t. XXXV) Monumenta Germaniae Historica, Hannover 1999.
- MARIANA, Iohannes: *Historiae de rebus Hispaniae Libri XXV*, Typis Petri Roderici, Toleti 1592, Liber XIV, cap. 2 (Iacobi Aragoni Regis obitus), p. 660.
- MARINEUS Siculus, Lucius: *De Hispaniae laudibus*, Burgos, c. 1497, f. LXv [obra não localizada; cfr. N. ANTONIUS: *Bibliotheca Hispana Vetus*, 1ª ed., p. 52b n. c; 2ª ed., p. 76a n. n.; um dos dois cap. sobre Petrus Hispanus, o da p. LXv, é cit. e transcrito em A. D'ORS: «Petrus Hispanus...», 1997, p. 57, n. 91].
- MARTINUS OPPAVIENSIS: *Chronicon Pontificum et Imperatorum*, Eddid Ludewicus Weiland, (Monumenta Germaniae Historica. Scriptorum XXII) Hannoverae 1872 (reed. 1963) , pp. 397 e 443.
- [Continuatores Martini]:
- *Continuatio Pontificum Italica I*, ed. O. Holder-Egger, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, (Monumenta Germaniae Historica. Scriptorum, XXX/1), Hannoverae 1896, p. 711.
 - *Continuatio Pontificum Italica II*, ed. O. Holder-Egger, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, ibidem, p. 711.
 - *Continuatio Romana brevis*, ed. O. Holder-Egger, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, ibidem, p. 712.
 - *Cronicae minoris Continuatio VII*, edidit O. HOLDER-EGGER, *Continuationes breves Chronici Martini Oppaviensis*, ibidem, p. 719.
- MASSON, Jean Papire: *Libri sex de episcopis Urbis, qui Romanam Ecclesiam rexerunt*, Parisiis 1586, 251v.
- MIRAEUS, Aubertus: *Auctarum de scriptoribus ecclesiasticis*, in: *Bibliotheca Ecclesiastica sive Nomenclatores VII. veteres*, Antwerp 1639, p. 253.
- Monumenta Erphurfurtiensia saec. XII-XIV*, ed. HOLDER-EGGER, Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, Hannoverae 1896, p. 689.
- NAUDÉ, Gabriel: *De Antiquitate et dignitate Scholae medicae parisiensis panegyricus, cum orationibus encomiasticis ad novem iatrogenistas laurea medica donandos*. Auctore Gabr. Naudeo,..., Lutetiae Parisiorum, apud J. Moreau, 1628, p. 39.
- NICOLAUS TREVET (O.P.): *Chronicon Nicolai Trivetti Dominicani, ab anno mcxxxvi ad annum mcccvii*, em Lucas D'ACHERY, *Spicilegium sive collectio veterum aliquot scriptorum qui in Galliae Bibliothecis delituerant*, t. III, Paris 1723. p. 207a.
- Notae S. Martini Lemovicensis* (Monumenta Germaniae Historica, Scriptores t. XIV), Hannoverae 1882, p. 438.
- OLDOINO, A.: *Vitae et res gestae Pontificum Romanorum et S.R.E. cardinalium ab initio nascentis Ecclesiae usque ad Clementem IX. P.O.M. Alphonsi Ciaconii (...) Ab Augustino Oldoino societatis Iesu recognitae*, cura et sumptibus Philippi et Antonii de Rubeis, Romae 1677, col. 209-214.
- OSSINGER, Johann Felix: *Bibliotheca avgvstiniana historica, critica, et chronologica in qua mille qvadrigenti avgvstiniani ordinis scriptores, eorumque opera tam scripta, quam typis edita invenivntvr, simvlqve reperitvr, qvo saecvlo vixerint, et de plvrimis, qvo anno obierint, nec non cvivs nationis, patriae, provinciae, et coenobii fverint qvos e variis, et plvsqvam dvcentis ac sptvaginta octo scriptoribvs tam exteris, quam hvivs ordinis, e*

- diversis bibliothecis, catalogis, atque manuscriptis collegit, et in ordinem alphabeticum secundum cognomen et nomen a religione impositum redegit* P. mag. Joannes Felix Ossinger, Ingolstadii et Avgvstae Vindelicorum, impensis Joannis Francisci Xaveri Craetz, 1768, pp. 690-691, 998-999.
- PALATIO, Iohannes: *Gesta pontificum romanorum*, vol. III: *Ab Innocentio IV. Romano Pontifice CLXXX usque ad Leonem X. P.O.M. CCXIX*, Ioanem Pare, Venetiis 1688, col. 73-78.
- PANVINIO, O.: *Romani Pontifices et Cardinales S.R.E.*, Romae 1557, pp. 158, 163-164.
- PETRARCA, Francesco: *Chronica delle vite de pontefici et imperatori romani, composta per M. Francesco Petrarca alla quale sono state aggiunte quelle che da tempi del Petrarca insino alla eta nostra mancavano*, Venetia, Per maestro Iacomo de pinci, 1507 [A. d'Ors, 1997, p. 56, n. 85 cita uma edição de Venezia 1526, p. ?].
- PHILIPUS DE BARBERIUS (O.P.): *Chronica Fratris Philippi de Barberiis Siracusii Suculique Ordinis Praedicatorii artium et theologiae interpretis*, Hispali 1480, ff. 74v-75r cit. por [A. d'Ors, 1997, p. 56, n. 88]
- PLATINA, Bartholomaeus: *Vitae pontificum*, Nuremberga 1481, p. 184^a [nova ed.: *Platynae Historici Liber de Vita Christi ac Omnium Pontificum*, ed. L.A. Muratori, Rerum Italicarum Scriptores, t. III/I, p. 248].
- *Le vite de pontefici ...* con le annotazioni del Panvinio, Presso Steffano Monti, Venezia, 1715.
- PTOLOMEU DE LUCA, ver Tholomaeus de Fiadonis Lucanus (O.P.).
- PURIFICAÇÃO, António da: *De viris illustribus antiquissime provinciae Lusitanae Ordinis Eremitarum...* Authore P.F. Antonio a Purificatione, Ulysippone, Ex. Offic. Dom Lopes Rosa, 1642.
- RESENDE, André de, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, ed., introd. e notas de Artur Moreira de Sá, trad. de M.P. de Meneses, Instituto de Alta Cultura Lisboa, Lisboa 1956, p. 52 (trad. na p. 53).
- RICCOBALDUS FERRARIENSIS: *Pomarium Ravennatis Ecclesiae sive Historia universalis ab anno circiter DCC usque ad annum MCCXCVII*, ed. Iohannes Georgius Echardus, em L.A. MURATORI, Rerum Italicarum Scriptores, vol. IX, Mediolani 1727, col. 139-140, 181.
- *Chronica summorum pontificum imperatorumque*, Romae 1474, Giovanni Filippo da Legname [Iohannes Philippus de Lignamine], ff. 99r-v [texto muito diverso do contido na ed. anterior].
- SALIMBENE DE ADAM: *Cronica*, edidit Giuseppe SCALIA, 2 vol. (Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalis, 125-125A), Brepols, Turnholti 1998-1999, vol. I: *a. 1168-1249*, pp. 317, 465-466; vol. II: *a. 1250-1287*, pp. 752-753, 754.
- *Cronica fratris Salimbene de Adam, ordinis minorum*, Edidit Oswaldus Holder-Egger, Monumenta Germaniae Historica, scriptorum XXXII, Impensis Bibliopolii Hahniani, Hannover et Lipsiae, 1905-1913, pp. 210, 304, 496-497.
- SIFRIDI PRESBYTERI DE BALNHUSIN *Historia universalis et Compendium historiarum*, ed. O. Holder Egger, Monumenta Germaniae Historica, t. XXV, Hannover 1880, p. 708.
- SPONDE, Henri de: *Annalium ecclesiasticorum eminentiss. cardinalis Caesaris Baronii continuatio, ab anno MCXCVII. quo is desiit, ad finem MDCXLVI*, Ex typographia haeredum BartoliTicini 1675, vol. I, pp. 297-298.
- STEPHANUS DE BORBONE: *Tractatus de diversis materiis praedicabilibus* [saec. XIII], ed. A Lecoy de la Marche: *Anecdotes historiques, légendes et apologues du recueil inédit d'Étienne de Bourbon, dominicain du XIII.e siècle*, Librairie Renouard, Paris 1877, pp. 217 e 349.

SYMON DE PHARES: *Recueil des plus Célèbres Astrologues et Hommes Doctes faict par Symon de Phares du temps de Charles VIII^o*. Publié d'après le manuscrit unique de la Bibliothèque Nationale par Ernest Wickersheimer, Librairie ancienne Honoré Champion, Paris 1929, p. 204. [Nova ed.: SIMON DE PHARÈS, *Le "recueil des plus célèbres astrologues" de Simon de Phares*, vol. 1, ed. Jean-Patrice Boudet, Honoré Champion, Paris 1997].

Tabula scriptorum Ordinis Predicatorum [Stams Catalogue], ed. H. DENIFLE: «Quellen sur Gelehrten-geschichte de Predigerordens», *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte* 2 (1886) pp. 165-248, cfr. p. 233.

TARAF, Franciscus: *De origine ac rebus gestis Regum Hispaniae*, 1553, p. 170.

THOLOMAEUS DE FIADONIS LUCANUS (O.P.): *Annales* [1^a versão], Hrg. Bernhard SCHMEIDLER, *Die Annales des Tholomeus von Lucca in doppelter Fassung nebs teilen der Gesta Florentinorum und Gesta Lucanorum*, (Scriptores rerum germanicarum, Nova series, t. VIII) Monumenta Germaniae Historica, Berolini 1930, 1984 (nova ed.), p. 183-184.

— [Annales, 2^a versão] *Breves Annales ab anno MLXI. ad annum MCCCIII*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1727, t. XI, col. 1291.

— [Historia Ecclesiastica Nova] *Historia Ecclesiastica a nativitate Christi usque ad annum circiter MCCCXII*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1727, t. XI, col. 1176, 1178-1179.

TRITHEMIUS, Iohannes: *Chronicon insignis Monasterii Hirsaugiensis, ordinis S. Benedicti* per Ioannem Trithegium abbatem Spanheimensem..., Basileae, apud Iacobum Parcum, s.d., p. 255.

— *Annales Hirsaugienses*, t. II, 1690, p. 32.

— *De scriptoribus ecclesiasticis*, Basilea 1494, f. CVIir; Paris 1518, f. CVIir. [Nova ed.: Dn. Iohannis Tritthemii Abbatis Spanheimensis, *De Scriptoribus Ecclesiasticis*, [. . .] Liber Unus: à mendis innumeris quibus hucusque scatuisset, sedulo purgatus, multisque passim Additiunculis signo + tali notatis illustratus et auctus, [. . .] authore Balthazaro Werlino Colmariense. [...], Coloniae, ex officina Petri Quentel, mense Martio anni MDXLVI, p. 201].

VILLANI, Giovanni: *Istorie Fiorentine*, ed. L.A. Muratori, *Rerum Italicarum Scriptores*, Mediolani 1726, t. XIII, col. 267.

II. Edições das obras atribuídas a Pedro Hispano

Commentarium super librum dietarum particularium Isaaci

in *Omnia opera Ysaaci*... curavit ea imprimi ... Barthomoneus trot bibliopola ... in officina ... Iohannis de Platea calcographi, Lugduni 1515, vol. I, ff. CIII-CLVI: *Diete particulares, cum uberrimis excelentissimi viri Petri hispani commentariis*.

Commentarium super librum dietarum universalium Isaaci

em *Omnia opera Ysaaci*, Lugduni 1515, ed. cit., vol. I, ff. XI-CIII: *Commentarium singulare doctissimi viri Petri hispani olim pontificis maximi Iohannis vicesimiprimi super librum dietarum universalium Isaaci*.

3 questões de P.H. editadas nas pp. 34, 54-55, 100-101 de Arnaldi de Villanova *Aphorismi de Gradibus*, Ed. praef. et comm. Michael R. McVaugh, (Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia II) Seminarium Historiae Medicae Granatensis, Granada - Barcelona 1975.

Commentarium super librum urinarum Isaaci

in *Omnia opera Ysaaci*, Lugduni 1515, ed. cit., vol. I, ff. CLVI-CCIII: *Liber urinarum eiusdem, cum non modice frugis doctissimi viri Petri hispani commentariis*.

De febribus: ver *Thesaurus Pauperum*.

De phlebotomia

RENZI, Salvatore de: *Collectio salernitana*, Napoli 1859, vol. V, pp. 400-401;

WILKE, Walter: *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde*, Inaug.-Dissert., Leipzig 1924, pp. 20-21 (e no *Auszug*, publicado em Quedlinburg 1924, pp. 5-6);
 GIL-SOTRES, Pedro: *Scripta Minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, Santander-Pamplona 1986, p. 84.

De regimine sanitatis ou De dieta (Pseudo) Hippocratis per singulos menses anni observanda
 Em PEREIRA, Maria Helena da Rocha: *Obras Médicas de Pedro Hispano*, (Acta Universitatis Conimbrigensis) Universidade de Coimbra, Coimbra 1973, pp. 414-419.

Diete super chirurgia

SÜDHOF, Karl: «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», em IDEM, *Beiträge zur Geschichte der Chirurgie im Mittelalter*, Leipzig 1918, vol. II, pp. 395-398.

Expositio librorum Beati Dionysii / Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagita, fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso Alonso, pref. A.M. de Sá, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957.

Edição das obras com base no ms. München, BSB, corrigido por Besançon, BM, são editados: *Prologi* (pp. 1-7); *De angelica Hierarchia* (9-121); *De ecclesiastica Hierarchia* (123-242); *De divinis nominibus* (243-469); *De mystica theologia* (471-494); *Epistolae ad diversos* (495-505); *Thomae Galli Extractio* (507-671; não indica a fonte, mas parece usar a edição impressa de Dionísio o Cartuxo, de 1556).

Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite, ed. Manuel Alonso, *Expositio libri de anima - De morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vitae - Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1952, pp. 403-490.

Liber de oculo = Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI), hrsg., üb., erläut. A.M. BERGER, München, 1899, 6*+XL+136 pp.].

Introdução erudita (pp. I-XXXIX) fundamentada em fontes antigas e bibliografia passiva. São evocadas as referências a P.H. nos vários volumes dos *Monumenta Germaniae Historiae* e apresentação da vida de P.H., com transcrição de fontes antigas; influências e fontes de P.H. Lista e descrição dos 26 mss. usados e apresentação dos critérios de edição. Nas pp. 1-82 edição crítica e tradução do *De oculo* que o A. considera uma única obra (mas que de facto reúne o *Liber oculorum*, o *Tractatus mirabilis aquarum* e uma parte III sem título), dividida em 92 §§, com base no ms. München, BSB, lat. 40, ff. 111v-115v, com as variantes de outros mss. em aparato. Comentário nas pp. 83-114, com explicação do texto de P.H. em 262 notas devidamente assinaladas nas respectivas passagens do tratado. Nas pp. 115-135 encontram-se os índices: de termos e nomes médicos (115-125), de doenças e sintomas (126-127), de autores que citam o *De oculo* de P.H. (128); de autores citados no *De oculo* (129), de termos não latinos (130), de particularismos ortográficos (131), de nomes citados no texto e na introdução (132-134), corrigenda (135).

Liber naturalis de rebus principalibus naturarum (frag.), ed. Manuel ALONSO, *Expositio libri de anima - De morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vitae - Liber naturalis de rebus principalibus naturarum* (Pedro Hispano, Obras Filosóficas III), Madrid 1952, pp. 491-502.

Notule super Iohanniciu (ms. Madrid, BN, 1877, ff. 24r-47v)

Edição das questões com "controvérsia entre médicos e filósofos", em ASÚA, M.J.C. de: «El comentario de Pedro Hispano sobre la Isagoge de Johannitius. Transcripción de las quaestiones sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 17 (1996) 59-66, cfr. pp. 61-66.

Problemata: em Miguel J.C. de ASÚA: «Los Problemata o Quaestiones de animalibus de Pedro Hispano. Transcripción del texto», *Stromata* 54 (1998) 267-302, cfr. pp. 279-302.

Outra edição em M.J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, 1991, pp. 359-403.

Questiones libri De anima I-II Aristotelis: ed., introd., not. Manuel Alonso Alonso, *Comentário al de anima de Aristóteles*, (Pedro Hispano, Obras Filosóficas II) Madrid 1944, 784 pp.

- ver a tradução de diversas questões: A.S. PINHEIRO (vários estudos); também M.M. BERGADÁ.

Questiones et sententia super libro De animalibus Aristotelis (Firenze, BNC, Conv. soppr., G. 4.853, ff. 79ra-187rb)

Lista das *questiones* em Miguel J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, 1991, pp. 291-358.

Edição das questões sobre a origem da alma (ff. 161vb-162ra): J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Coimbra 1964, pp. 279-282.

Questiones super libro De animalibus Aristotelis (ms. Madrid, BN, 1877, ff. 256r-290v)

Lista das *questiones* em Miguel J.C. de ASÚA: *The Organization of Discourse on Animals...*, 1991, pp. 244-290

Edição das questões sobre a origem da alma (ff. 286ra-288ra): J.M.C. PONTES: *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias ...*, cit., pp. 255-278.

Edição das questões com "controvérsia entre médicos e filósofos", em ASÚA, M.J.C. de: «El comentario de Pedro Hispano sobre el *De animalibus*. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos» 1995, cfr. pp. 53-66.

Questiones supra Viaticum Constantini

Edição das questões sobre o mal de amor em Mary Frances WACK: *Lovesickness in the Middle Ages. The Viaticum and Its Commentaries*, Philadelphia 1990, cfr. pp. 230-251 e 305-310, com a edição, tradução inglesa defronte e notas da autora designada versão *B* [note-se que a versão *A* é de facto anónima e apenas foi atribuída a P.H. no séc. XVI pelo proprietário do ms).

Scientia libri de anima: ed., introd. notas Manuel Alonso Alonso (Pedro Hispano, Obras Filosóficas I), Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1941; 2ª ed.: Juan Flors editor, Barcelona 1961, XLVII+503 pp.

Summa de conservanda sanitate, em PEREIRA, Maria Helena da Rocha: *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra 1973, pp. 444-491.

Summulae logicales: ver *Tractatus*

Syncategoreumata. First Critical Edition with an Introduction and Indexes by L.M. De Rijk, with an English Translation by Joke Spruyt, (Studien und Texte zur geistesgeschichte des Mittelalters, 30) E. J. Brill, Leiden-New York-Köln 1992, 619 pp.

Thesaurus Pauperum e De febris, em PEREIRA, Maria Helena da Rocha: *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra 1973, pp. 76-408.

Tractatus

Ed. I. Bochenski

Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scripto Reg. Lat. 1205 edidit Iuri M. BOCHENSKI, Marietti, Torino 1947.

TRADUÇÕES

WŁODARCZYK, T. (trad.): Piotr Hiszpan, *Traktaty logiczne*, przeł. i wstępem opatrzył Tadeusz Włodarczyk, (Biblioteka Klasyków Filozofii) Państw. Wydaw. Naukowe, Warszawa 1969, XXV+210 pp. [em polaco]

Ed. L.M. de Rijk

Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales, First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction by L.M. de Rijk, (Philosophical Texts and Studies, 22) Van Gorcum, Assen 1972, CXXXVIII+303 pp.

Traduções

TRADUÇÕES

BEUCHOT, Mauricio: (trad.): *Tractatus (llamado después «Summulae logicales»)*, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México 1986, 206 pp.

DINNEEN, Francis (transl.): Peter of Spain, *Language in Dispute. An English Translation of Peter of Spain's Tractatus Called Afterwards Summulae Logicales on the basis of the Critical Edition Established by L.M. De Rijk*, trad. Dinneen, Francis P. (S.J.), Amsterdam Studies in the Theory and History of the Language Sciences, 39, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam-Philadelphia 1990, XXXIX+271 pp.

PONZIO, Augusto: (trad.): Pietro Hispano, *Tractatus. Summule logicales*, trad. italiana a cura di Augusto Ponzio, Introd. Lucia MICCOLI (Segni di segni, 21), Adriatica editrice, Bari 1986.

Comentários

Marsilius de Inghen, *Commentum in primum et quartum tractatum Petri Hispani*, Haguenau 1495 [reimpr. Minerva, Frankfurt a.M., 1967]

III. Estudos

1. Repertórios e bibliografias

BUCHWALD, Wolfgang — Arnim HOHLWEG — Otto PRINZ : *Dictionnaire des auteurs grecs et latins de l'Antiquité et du Moyen Age*, trad. J.D. Berger et J. Billen, Brepols, Turnhout 1991 [Trad. revista e actualizada de *Tusculum: Lexicon griechischer und lateinischer Autoren des Altertums und Mittelalters*, Artemis Verlag, München 1948], p. 688.

Breve notícia bio-bibliográfica, com referência às obras editadas.

Bibliografia Geral Portuguesa, vol. II: *Século XV*, introd. de Queiroz VELOSO, Imprensa Nacional de Lisboa, Lisboa 1941-1944, cfr. pp. X-XIV, CIX-CX, 166-394.

Inclui lista de obras indexadas de 14 a 20, seguida da lista de outras obras (pp. 272-385) e de uma síntese biográfica (pp. 385-90) com bibliografia (pp. 390-4).

«Bibliografia sobre Pedro Hispano», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 340-343.

CANTELLI BERARDUCCI, Silvia: «Bibliografia della letteratura mediolatina», em Guillelmo Cavallo, — C. Leonardi — E. Menestò (dir.): *Lo spazio letterario del medioevo*, 1. *Il medioevo latino*, vol. V: *Cronologia e bibliografia della letteratura mediolatina*, Salerno editrice, Roma 1998, pp. 281-725, cfr. pp. 676-677.

Bibliografia geral, seguida de breve notícia biográfica e bibliografia das edições de obras (mas entre estas inclui-se a *Summa super Priscinum* (de um P.H. do séc. XII) e uma *Summa medicinae*, que de facto é o nome dado por H. Schipperges ao conjunto de obras médicas no ms. Madrid, BN, 1877).

Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale, Bibliothèque Nationale, Paris 1923, vol. 77, col. 568-574.

Descrição de edições impressas de Pedro Hispano no acervo da BNF.

CHEVALIER, Ulysse: *Répertoire des sources historiques du moyen âge. Bio-bibliographie*, 2 vol., Paris 1905-1907 (reimpr. Kraus Corporation, New York 1960), vol. II, pp. 2465 («Jean XXI») e 3713 («Pierre d'Espagne»).

Na segunda notícia inclui, entre outras obras o *De lingua arabica libri duo* de Pedro de Alcalá.

Clavis scriptorum graecorum et latinorum. Répertoire des auteurs grecs et latins..., R. LARUE (dir.); G. VINCENT — B. St-ONGE (coll.), 4 vol., Université du Québec à Trois-Rivières, Québec 1985, vol. III, p. 2041

A entrada e data referem-se ao «Petrus Hispanus Presbyter» do séc. V, mas as restantes formas do nome e a menção de tradução para grego, remetem para o Petrus Hispanus / Iohannes papa XXI.

DÍAZ DÍAZ, Gonzalo: *Hombres y documentos de la filosofía española*, vol. VI: *O-R*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1998, pp. 308-315.

Síntese biográfica, académica e eclesiástica, com bibliografia de obras manuscritas e impressas (nrs. 6564 a 6666) e de estudos (nrs. 6667 a 6755), embora contenha diversas imprecisões.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio: *Index scriptorum latinorum medii aevi hispanorum*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1959 [também publicado com a mesma paginação em 2 vol. dos *Acta Salmaticensia*, 13 (1959)], pp. 290-295 (nn. 1379-1406): «Petrus Hispanus, postea Iohannes papa XXI».

Referência das obras atribuídas a P.H. com indicação dos incipit e de manuscritos.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel Cecilio — Aires Augusto NASCIMENTO — José Manuel DÍAZ DE BUSTAMANTE — M.I. Rebelo GONÇALVES — José Eduardo LÓPEZ PEREIRA — Arnaldo ESPÍRITO SANTO: *HISLAMP. Hispanorum Index Scriptorum Latinorum Medii Posteriorisque Aevi. Autores latinos peninsulares da Época dos descobrimentos (1350-1560)*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses — Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1993.

Inclui alguns dos comentadores peninsulares de P.H.

- ELOY, Nicolas-François-Joseph: *Dictionnaire historique de la médecine, contenant son origine, ses progrès, ses révolutions, ses sectes, et son état chez différents peuples, ce que l'on a dit des dieux ou héros anciens de cette science, l'histoire des plus célèbres médecins... et le catalogue de leurs principaux ouvrages*, en foire chez J.F. Bassompierre, Liège-Francfort 1755 (2 vol.), nova ed. em 4 vol. em Mons 1778, cfr. vol. I, pp. 534-536.
- EUBEL, Conrad: *Hierarchia Catholica Medii Aevi sive Summorum pontificum, S.R.E. cardinalium, ecclesiarum antistitum series. Ab anno 1198 usque ad annum 1431 perducta*, Libraria Regensbergiana, Münster 1913 (ed. altera), p. 9.
- FABRICIUS LIPSIENSIS, Johannes Albertus: *Bibliotheca Graeca sive Notitia scriptorum graecorum*, 2ª ed: XI, 337; Ed tertia ab auctore recognita, Hamburgi 1718.
- *Bibliotheca Latina mediae et infimae aetatis* ed 1735-1736, vol. IV pp. 121-122 [2ª ed., p. 45], vol. V, pp. 771-772 [2ª ed., p. 260], cfr. nova ed: *Bibliotheca Latina mediae et infimae aetatis* cum supplemento C. Schoettgenii, 6 vol., Firenze 1858-1859 [reimpr. Graz 1962].
- GANHO, Maria de Lourdes Sirgado — Mendo Castro HENRIQUES: *Bibliografia Filosófica Portuguesa (1931-1987)*, Editorial Verbo Lisboa 1988, passim.
Inclui alguma bibliografia primária e secundária sobre P.H.
- GESNER, Conrad: *Bibliotheca Universalis, sive Catalogus omnium scriptorum locupletissimus, em tribus linguis, Latina, Graeca et Hebraica ...* authore Conrado Gesnero Tigurino doctore medico, Apud Christophorum Froscherum, Tiguri 1545, pp. 549-550: «Petrus Hispaus Portugalensis».
- GESNER, Conrad — Iosias SIMLERUS — Iohannes IACOBUS FRISIUS: *Bibliotheca, instituta et collecta, primum a Conrado Gesnero, deinde in Epitome redacta, et novorum librorum accessione locupletata (...)*, Apud Christophorus Froschoversus, Tiguri 1583, p. 673b: «Petrus Hispnus Portugalensis».
- GLORIEUX, Palémon: *La faculté des arts et ses maîtres au XIII.e siècle*, (Études de Philosophie Médiévale, 59), Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1971, pp. 284-286.
Repertório de obras atribuídas a P.H. Pela sua inclusão neste repertório, P.H. é considerado mestre de artes liberais da Universidade de Paris, ou pelo menos a ela associável.
- HEUSCH, C.: «Index des commentateurs espagnols médiévaux d'Aristote (XIIe-Xve siècles)», *Atalaya* 1 (1991) 157-75 [pp.171-2]
- In Principio. Incipit Index of Latin Texts - Incipitair des textes latins* [CD-ROM], Institut de Recherche et d'Histoire des Textes, Brepols, Turnhout 1993 [diversas edições actualizadas posteriores].
- IMBACH, Ruedi — Doris NIENHAUS: «Von Alcuinus bis Nicolaus Cusanus. Bio-bibliographisches Repertorium der Philosophie im lateinischen Mittelalter», em Peter SCHULTHESS — Ruedi IMBACH, *Die Philosophie im Mittelalter. Ein Handbuch mit einem bibio-bliographischen Repertorium*, Artemis und Winckler, Zürich—Düsseldorf 1996, pp. 353-605, cfr. p. 549.
Brevíssima ficha com referências biográficas e bibliográficas.
- Iter Italicum* ver: KRISTELLER, Paul Oskar: *Iter Italicum*.
- JACQUART, Danielle: *Supplément a Ernest WICKERSHEIMER, Dictionnaire Biographique des Médecins en France au Moyen Age*, Nouvelle édition sous la direction de Guy Beaujouan (Hautes études médiévales et modernes, 35) Librairie Droz, Genève 1979, pp. 232-236: «Pierre Hispanus» [ver WICKERSHEIMER, *Dictionnaire Biographique*].
- KIBRE, Pearl: «Hippocrates Latinus: Repertorium of Hippocratic Writings in the Latin Middle Ages», *Traditio*, I: 31 (1975) 99-126; II: 32 (1976) 258-292; III: 33 (1977) 253-295; IV: 34 (1978) 193-226; V: 35 (1979) 273-302; VI: 36 (1980) 347-372; VII: 37 (1981) 267-289; VIII: 38 (1982) 165-192; ed. revista: EADEM: *Hippocrates latinus. Repertorium of Hippocratic Writings in the Latin Middle Ages, Revised Edition*, Fordham University

Press, New York 1985 (reimpr. 1989).

Inclui 3 comentários atribuídos a P.H.: *De regimen acutorum*, I.B.21 (1975, p. 122), *In liber Aphorismorum*, III.B.97 (1977, p. 276), *In prognostica* XLV.B.36 (1981, p. 288), ou na ed. de 1983, respectivamente, pp. 24, 88-89, 220. Note-se que o comentário sobre os prognósticos não é de P.H.

KRISTELLER, Paul Oskar: *Iter Italicum. A Finding List of Uncatalogued or Incompletely Catalogued Humanistic Manuscripts of the Renaissance in Italian and other Libraries*, The Warburg Institut - E.J. Brill, London - Leiden 1963-1992, passim: vol. I: *Italy (Agrigento to Novara)* 1963; vol. II *Italy (Orvieto to Volterra)*, Vatican City, 1967; vol. III *Alia Itinera I (Australia to Germany)* 1983; Index to vol. 3 (compiled by Kristeller et al.) 1987; vol. IV *(Alia Itinera) Great Britain to Spain*, 1989; vol. V *Alia Itinera 3 and Italy 3*, 1990; Index and Addenda to vol. 5, 1993; vol. VI *Italy III and Alia Itinera IV. Supplement to Italy (G-V), Supplement to Vatican and Austria to Spain*, 1992; vol. supl.: *A cumulative Index to volumes I-VI of Paul Oskar Kristeller's Iter Italicum. Accedunt alia itinera. A Finding List...*, E.J. Brill, Leiden 1997.

Em todos os volumes são descritos mss. com obras atribuídas a P.H.; extensamente utilizado no volume com a *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani*.

LINDBERG, David C.: *A Catalogue: A Catalogue of Medieval and Renaissance Optical Manuscripts*, The Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1975, pp. 84, 93, 111-114 (nr. 206), 119-120, etc..

Sobre o *Liber oculorum* e o *Tractatus mirabilis aquarum*, com lista de 34 manuscritos.

LOHR, Charles H.: *Commentateurs d'Aristote au Moyen-Âge Latin. Bibliographie de la littérature secondaire récente*, (Vestigia. Etudes et documents de philosophie antique et médiévale. 2), Éditions Universitaires - Éditions du Cerf, Fribourg (Suisse) - Paris 1988, cfr. pp. 200-203.

Bibliografia secundária sobre P.H., em complemento da oferecida em «Medieval Latin Aristotle Commentaries. Authors».

— «Medieval Latin Aristotle Commentaries. Authors: Narcissus - Richardus», *Traditio* 28 (1972) 281-396, cfr.: «Petrus Hispanus (Petrus Juliani; Johannes XXI)», pp. 356-361.

Resumo biográfico, extensa bibliografia e enumeração (com extremos de texto e manuscritos) de 9 obras e mais 2 duvidosas.

MACHADO, Diogo Barbosa: *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica e Cronologica, na qual se comprehende a noticia dos authores Portuguezes, e das Obras, que compuzeraõ desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, Officina de Ignacio Rodrigues, Lisboa 1747, t. II., pp. 559-562: «Joaõ XX, ou XXI».

Esboço biográfico, seguido de uma recolha dos principais juízos sobre o papa, terminando com a lista de obras (recolhida em A. de Macedo e Luís de S. Carlos), mas intercalando a discussão do problema da autoria do *Tractatus*, referindo os que defendem ser esta obra de um dominicano, o que Barbosa não aceita.

Medioevo latino. Bolletino bibliografico della cultura europea dal secolo VI al XIII, Spoleto, 1 (1980)-seg.; a partir do vol. 15 (1995) alargou o seu âmbito passando a ter como subtítulo *Bolletino bibliografico della cultura europea da Boezio a Erasmo (secoli VI-XV)*, desde o vol. XIX (1998) é publicado em Florença.

Bibliografia e sinalização de manuscritos, sob a entrada: «Petrus Hispanus Portugalensis», para a qual remete também a entrada «Johannes XXI papa».

MOHAN, Gaudens E.: «Incipits of logical wrightings in latin (XIII-XVth cent.)», *Franciscan Studies* 12 (1952) 349-489.

Incipitário de textos lógicos medievais, alguns dos quais de P.H.; incluído em *In principio*.

MUÑOZ DELGADO, Vicente: «Logica Hispano-Portuguesa hasta 1600 (Notas bibliográficas-doctrinales)», *Repertorio de história de las las ciencias eclesiasticas en España*, 4 (1972) 9-130, cfr. .

— «Fuentes impresas de lógica hispano-portuguesa del siglo XVI», *Repertorio de las Ciéncias Eclesiásticas* 1 (1967) 444-464, cfr. .

Influência e difusão de P.H., com bibliografia de comentadores e edições.

NIEDLING, Justus: *Die mittelalterlichen und frühneuzeitlichen Kommentare zur Techne des Galenus*, diss. Leipzig 1924.

Lista de comentadores (em mss. e *incunabula*) à *Tegni* de Galeno. Fazendo fé nos copistas, atribui a P.H. o comentário de Pedro Musandino (cfr. Kristeller 1986, p. 103 n. 1).

QUÉTIF, J. — J. ECHARD: *Scriptores ordinis praedicatorum*, Apud Ballard et Simart, Lutetiae Parisiorum 1719, t. I, pp. 485-6.

Seguindo N. Antonio, defende-se a distinção entre o papa João XXI e Pedro Hispano autor das *Summulae logicales*, mas é afastada a hipótese de este ser dominicano, por ser hábito da Ordem dos pregadores designar os seus membros como *frater* e não como *magister*, forma que corre naquela obra.

Rassegna di letteratura tomistica, Roma-Napoli, 1 (1966) — [olim *Bulletin thomiste*].

Resenhas de edições e estudos sobre Tomás de Aquino, seus contemporâneos e a tradição tomista.

RAEDEMAKER, Jozef de: «Une ébauche de catalogue des commentaires sur le *De anima* parus aus XIII.e et XIV.e et XVe siècles», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale* 5 (1963) 149-183, 6 (1964) 119-134.

A primeira parte inclui a referência a mss. que contêm obras atribuídas a P.H.; cfr. n° 157 [Cracóvia 726: *Comm. in De anima*], n° 202 [Madrid 3314: *Scientia libri de anima*] e n° 513 [Veneza lat. Z. 253: *Comm. in De anima*].

— «Une ébauche de catalogue des commentaires sur les *Parva naturalia*, parus aux XIII.e et XIV.e et XVe siècles», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 7 (1965) 95-108.

Comentários medievais aos opúsculos naturais de Aristóteles. N° 182 é o ms Oxford 253 que contém obra de P.H.

Repertorium fontium historiae medii aevi, Istituto storico italiano per il medioevo, Roma 1990, vol. VI, 380-383: «Iohannes XXI papa».

RISSE, Wilhelm: *Bibliographia Logica. Verzeichnis der Druckschriften zur Logik mit Angabe ihrer Fundorte*, Bande I-IV, (Studien und Materialien zur Geschichte der Philosophie, 1-4), Georg Olms, Hildesheim - New York, 1965-1979.

Bibliografia de história da lógica. Sobre Pedro Hispano: vol. I, 282-283 (edições de comentadores); vol. III, 268-269 (bibliografia); vol. IV, 117-119 (incipit de manuscritos).

ROBLES, L.: «Escritores dominicos de la corona de Aragon: siglos XIII-XV», *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiasticas en España* 3 (1972) pp. 273-seg.

Refere P.H. entre os escritores dominicanos, e de Aragão

RUH, Kurt et al. (Hrg.): *Die deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*, Walter de Gruyter, Berlin—New York 1972-, band VII (1989), col. 503-511: ver na secção seguinte: TELLE, Joachim: «Petrus Hispanus (Petrus Juliani, Papst Johannes XXI)».

SANTIAGO-OTERO, Horacio: «Manuscritos de teólogos medievales españoles en el "Fondo Reginense latino" de la Biblioteca Vaticana (siglos XII-XV)», *Repertorio de historia de las ciencias eclesiásticas en España*, 1 (1967) 353-376 [Reed em IDEM, *Manuscritos de autores medievales hispanos*, t. I, (Medievalia et Humanistica, 3) Centro de Estudios Historicos - Consejo Superior de Estudios Científicos, Madrid 1987, pp. 9-31, cfr. nr. 6, pp. 24-28].

Inclui 2 mss de P.H., um deles com cota errada.

SCHNEYER, Johannes-Baptist: *Repertorium der Lateinischen Sermones des Mittelalters, für die Zeit von 1150-1350*, (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. Text und Untersuchungen, 43, Vol. 1-11) Aschendorf Verlagsbuchhandlung, Münster i. Westfalen 1969-1990; cfr. Band 4 : *Autoren L-P*, 1972, pp. 652-663: «Petrus Juliani Hispanus (Johannes XXI)».

Identificação dos 55 *Sermones de Tempore* atribuídos a Pedro Hispano nos mss. Firenze, BNC, E. 1. 589 (e G. 7. 1464) e Avignon 597 (pp. 652-6), seguida da identificação dos 98 *Sermones de Tempore* (variantes) no ms. Barcelona, ACA, Ripoll 120 (pp. 656-63).

SCHÖNBERGER, Rolf — Brigitte KIBLE (Hrg.): *Repertorium edierter Texte des Mittelalters aus dem Bereich der Philosophie und angrenzender Gebiete*, Akademie Verlag, Berlin 1994,

pp. 607-610 (nn. 16628-16655).

Referência a edições modernas de obras atribuídas a P.H.

SMET, A.J.: *Initia commentariorum quaestionum et tractatum latinorum in Aristotelis de Anima saeculis XIII, XIV, XV* [edição dactilografada] Leuven 1963.

Transcreve os incipit da *Scientia libri de anima* (nr. 136, 237) e das *Questiones libri de anima*, mss. de Veneza e Cracóvia (nrs. 1, 2, 17, 73, 149, 334, 342, 350, 419, 478).

THIRRY, Anne: «Recherches relatives aux commentaires médiévaux du De anima d'Aristote», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 13 (1971) 109-128.

Referências a Pedro Hispano: p. 110, nº 8: ed. Alonso t. III Expositio ... «avant 1245»; p. 111, nº 9: Alonso t. II Com. de anima «(avant 1260) (expositio per modum questionis)»; p. 111, nº 10: Alonso t. I (2.e ed.) *Scientia*... «(postérieure aux oeuvres médicales et aux autres oeuvres philosophiques) (paraphrase)».

THORNDIKE, Lynn — Pearl KIBRE: *A Catalogue of Incipits of Mediaeval Scientific Writings in Latin*, Revised and enlarged edition, The Mediaeval Academy of America, London 1963.

Múltiplas referências a Petrus Hispanus e Petrus Iulianus (cfr. índice, col. 1882-1883).

TOTOK, Wilhelm (Mitarbeit von Hiltraut HEIDERICH und Helmut SCHRÖER): *Handbuch der Geschichte der Philosophie. II – Mittelalter und Frühe Neuzeit*, Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main 1973, pp. 464-466.

ÜBERWEG, F. — B. GEYER: *Grundriß der Geschichte der Philosophie, II: Die Patristische und Scholastische Philosophie*, Berlin 1928, pp. 455-456.

Verfasserlexikon. ver: RUH, Kurt et al. (Hrg.): *Die deutsche Literatur des Mittelalters. Verfasserlexikon*.

WEIJERS, Olga, *Le travail intellectuel à la Faculté des Arts de Paris: textes et maîtres (c. 1200-1500)*, fac. 1: A-B; fac. 2: C-F; fasc. 3: G; (Studia artistarum, études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales, 1, 3), Brepols, Turnhout 1994-.

Inclui diversos comentadores do *Tractatus* de P.H.

WICKERSHEIMER, Ernest: *Dictionnaire Biographique des Médecins en France au Moyen Age*, 2 vol., Paris 1936 [reimpr.: (Hautes études médiévales et modernes, 34,1 e 34,2) Librairie Droz, Genève 1979] pp. 638-640: «Pierre Hispanus» [ver suplemento em JACQUART: *Supplément* Genève 1979].

Notícia biográfica, para além da referência a outras obras, elenca as 5 obras médicas impressas e outras 15 obras médicas conhecidas em manuscrito, cujas cotas ou fontes literárias são referidas. Note-se como facto mais relevante que o A. ainda desconhece as obras médicas do ms. Madrid, BN, 1877.

2. Monografias

ABRANCHES, Cassiano: «Pedro Hispano e as *Summulae logicales*», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 243-259.

AGRIMI, Jole: «La ricezione della Fisiognomica pseudoaristotelica nella Facoltà delle arti», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge* 64 (1997) 127-188, cfr. pp. 143-146: «3.2 Pietro Ispano: fisiognomica e fisiologia».

Estuda-se a fisiognomia no comentário ao *De animalibus* (versão de Madrid).

AGRIMI, Jole — Chiara CRISCIANI: *Edocere medicos: medicina scolastica nei secoli XIII-XV*, (Hippocratica civitas, 2) Istituto Italiano per gli studi filosofici, Napoli 1988, passim.

Diversas obras de P.H. são citadas ao longo do livro, v.g.: o ms. Madrid 1877, os comentários a Ysaac (*Opera Omnia* Ysaac, Lyon 1515), a *Scientia libri de anima*, o *Thesaurus pauperum*.

— «Per una ricerca su *Experimentum-experimenta*: riflessione epistemologica e tradizione medica (secoli XIII-XV)», em P. JANNI — I. MAZZINI (cura), *Presenza del Lessico greco e latino nelle lingue contemporanee. Ciclo de lezioni tenute all'Università di Macerata nell'a.a. 1987/88*, Pubblicazioni della Facoltà di Lettere e Filosofia. Università degli Studi di Macerata, Macerata 1990, pp. 9-49.

De P.H. são analisados os *Comentários às Dietas Universais* de Isaac (ed. de Lyon 1515, f. 20 r) e também o *Thesaurus pauperum*.

ALONSO ALONSO, Manuel: «Una edición de Pedro Hispano poco conocida», *Razón y fe*, 122 (1941) 357-370.

Estudo da edição não datada das *Summulae* por Guillelmus Regis em Lyon, que têm duas particularidades destacadas pelo A.: inclui no final o *De exponibilibus* e no colofão a obra é atribuída: «Petri Hispani viri doctissimi ordinis predicatorum». O autor, por analogia com outras edições da mesma tipografia encadernadas no mesmo volume, considera 1488 como o ano de edição das *Summulae*. A identificação do autor é tratada com mais demora, aduzindo-se um manuscrito e outras 3 edições onde P.H. é designado como dominicano, em uma das quais (de 1474) é nomeado «Petri Alfonci Hispano». (Corrija-se que os manuscritos citados na p. 364 são da Biblioteca Universitaria de Salamanca e não da Biblioteca Nacional de Madrid). Mostra que o *De exponibilibus* não é de Pedro Hispano, não faz parte das *Summulae*, que só têm 12 tratados, e que só tardiamente foi anexado àquela obra (365-369). Alonso sugere que Pedro Afonso poderá ser o autor deste *De exponibilibus* (diga-se que a conjectura não tem qualquer elemento a suportá-la) e que daí teria nascido a confusão que levou a que as *Summulae* lhe fossem atribuídas na totalidade (cfr. pp. 365, 369-370).

— (ed. e introd.): *Pedro Hispano Portugallense, Expositio Librorum Beati Dionysii*, Fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957.

[inclui a edição de: *De angelica Hierarchia* (pp: 1-121); *De ecclesiastica Hierarchia* (123-242); *De divinis nominibus* (243-469); *De mystica theologia* (471-494); *Epistolae ad diversos* (495-505); *Thomae Galli Extractio* (507-671)].

Na «Introducción. Autenticidad, manuscritos y estudios» (pp. XIX-LXIX) Alonso procura sobretudo demonstrar a autenticidade petrínica da obra, comparando-a com outras atribuídas ao mesmo autor do séc. XIII. Estranhamente, Alonso omite toda a bibliografia anterior sobre esta questão, excepto Grabmann 1926 e um estudo de G. Théry (cfr. p. L), mas, defendeu J.M.C. Pontes (1972, pp. 45-48), os seus argumentos visam passo a passo desfazer as conclusões de F. Ruelló que, em estudo de 1953 sobre a *Teologia mística*, contestava essa atribuição (J.M. Barbosa (1982) viria a argumentar que Alonso não conhecia de facto o estudo de Ruelló); nas pp. L-LIII responde à sugestão de G. Théry de atribuir a obra ao próprio Tomás Gaulés, mantendo que de facto as respectivas obras são diferentes e que Pedro usa extensivamente Tomás, mas também o glosa e acrescenta. Recensão de O. Lottin (*Bulletin de théologie ancienne et médiévale*, 8, 1961, pp. 974-975, nº 3139) que corrobora a atribuição dos comentários a P.H.

— (ed. e introd.): *Pedro Hispano, Obras Filosóficas*, vol. I: *Scientia Libri de Anima*, Ed., introd. y Notas: Manuel Alonso Alonso (Libros Pansamiento, serie Colaboración, 4), Juan Flors Editor, Barcelona 1961 [2ª ed.].

— (ed. e introd.): *Pedro Hispano, Obras Filosóficas*, vol. III: Edición, introducción y notas, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1952 (508 pp.).

Inclui edição da *translatio vetus* dos *Libri de Anima* de Aristóteles intercalada na edição de um comentário que o editor atribui a Pedro Hispano, cuja atribuição, longamente justificada na «Introducción», a crítica posterior viria a rejeitar liminarmente (pp: 87-401); *Tractatus bonus de Longitudine et Brevitate Vite* de Pedro Hispano (pp: 403-490); e o fragmento inicial do *De rebus principalibus naturarum* de Pedro Hispano (pp: 491-502).

— (ed. e introd.): *Pedro Hispano, Obras Filosóficas*, vol. II: *Comentário al "De anima" de Aristóteles*, Edición, introducción y notas por el P. Manuel Alonso, S.I. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filosofía "Luís Vives", Madrid 1944, 784 pp..

— (ed. e introd.): *Pedro Hispano, Scientia libri de anima*, lo publica y anota P. Manuel Alonso, S.I., Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1941 (570pp.) [1ª ed.] [Rec.: H. POUILLON, *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale* 5 (1946) 70-71 (nº 205)].

ALTUNA, Luis Rey: *La inmortalidad del alma a la luz de los filosofos*, (Biblioteca Hispanica de Filosofia) Editorial Gredos, Madrid 1959, pp. 211-216.

Segundo o A., para lá de um desdobramento didáctico do problema da imortalidade (em *separatio* e *immortalitas*, cfr. 212) a obra de P.H. nada tem de inovador e não contribuiu para «acrescentar la doctrina de sus predecesores» (p. 215). Na p. 212 chama a P.H. «psicólogo español», embora na p. 215 traduza correctamente o colophon da SLA: «Pedro Hispano de Portugal».

AMANN, E.: «Jean XXI», em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Librairie Letouzey et Ané, Paris 1924, vol. VIII/1, col. 632-633.

Análise do papado (fundando-se sobretudo em Potthast). Do artigo é famosa a afirmação de P.H. ser o tradutor ou adaptador de Miguel Psellos. Termina com as palavras: «Il semble n'avoir pas laissé beaucoup de regrets».

ANÓNIMO, *João XXI* (Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa, em virtudes, letras, armas e artes, assim nacionaes como estranhos, tanto antigos como modernos, offerecidos aos portugueses. Tomo I, fasc. 10), Lisboa, 1817. Pequeno opúsculo de 4 pp. acompanhado pela efígie que se encontra nas edições da obra de Platina.

ANTUNES, José: *A cultura erudita portuguesa nos séculos XIII e XIV (Juristas e Teólogos)*, Dissertação de Doutoramento em História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra 1995, pp. 117-268 [cap. 3: «Poder e sociedade nos escritos de Pedro Hispano e papa João XXI († 1277)»].

Estudo sobre o percurso político de João XXI. Discute-se em primeiro lugar a questão da sua provável origem familiar, tomando-se como "segura" a informação do seu parentesco com a família dos Rebolos (p. 139), mas fica sem comprovação a tese da sua filiação no chanceler Julião Pais, embora se aceite que com ele pudesse ter algum laço de parentesco (p. 145); quanto aos diferentes lugares de Lisboa onde poderia ter nascido, nada confirma as diferentes sugestões que têm sido feitas. Analisa-se a seguir o percurso académico e político de Pedro Hispano e o seu "papel activo no xadrez político-eclesiástico em Portugal" (pp. 149-205). Em primeiro lugar a sua ligação e proximidade com Afonso III e a questão da sua apresentação pelo rei para o priorado de Santa Maria de Guimarães, vindo a ser preterido pela nomeação de Fernando João de Portocarrero, com o favorecimento de Afonso III, o que estaria na origem das posteriores divergências com o rei (ver quadro dos documentos, de 1257 a 1276, relacionados com a questão nas pp. 176-177). Analisam-se ainda outros factos biográficos: não confirmação de Pedro para arcebispo de Braga, apesar de eleito; relações com Mestre João de Deus. A ascensão e carreira eclesiástica entre 1260 e 1273 é resumida num quadro das pp. 202-205, onde se reúnem as referências documentais mais importantes. Segue-se o capítulo "O teólogo e o Pontífice João XXI: a doutrina subjacente em alguns dos seus escritos", onde se analisam sobretudo as bulas do papa relacionadas com Portugal: *Jucunditatis et exultationis* (trad. pp. 217-220), de que se extraem elementos indicativos do posicionamento político do papa. Termina com dois quadros comparativos, um sobre testemunhos dos historiadores contemporâneos do papa (p. 263) e outro sobre a identidade de Pedro Hispano e a apreciação histórica que mereceu por parte dos diferentes autores que dele se ocuparam (pp. 264-268).

— «O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, Arcebispo eleito de Braga e Papa João XXI», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Ed. da Universidade Católica Portuguesa - Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga 1990, vol. II/1, pp. 125-184.

Reconstituição do percurso eclesiástico e actividades "políticas" de Pedro Julião em Portugal, entre 1250 e 1258, e na cúria pontifícia, a partir de 1260. A teoria e acção políticas de João XXI são analisadas no quadro das suas relações com o rei Afonso III de Portugal, analisando-se aí a bula *Jucunditatis et exultationis* (publicada com tradução a pp. 159-163, com base no ms. Roma, Bibl. Vallicelliana, Litt. C 49, p. 66). No final são publicados outros 5 documentos relacionados com os factos estudados, quatro dos quais já se encontravam no estudo de A.M. de Sá (cfr. nesta secção), e um outro de 12 de Maio de 1272 com uma doação de Afonso III em que é citado como confirmante o «Magister Petrus Juliani electus Bracarensis» (pp. 176-184).

— «O testamento de Fernando Joanes de Portocarreiro, deão da Sé de Braga e prior de Guimarães (de 1272)», *Theologica*, 28 (1993) 407-32.

O A. evoca, entre outros factos relacionados com o personagem em estudo, o conflito de interesses que manteve com P.H., futuro papa J. XXI, a propósito do priorado de Santa Maria de Guimarães.

— «Posição de alguns mestres antes e depois da fundação da Universidade face aos direitos dos povos», *Universidade(s). História, memória, perspectivas. Actas do Congresso "História da Universidade" (No 7º centenário da sua fundação)*, Comissão Organizadora do Congresso, Coimbra 1991, vol. IV pp. 11-37.

Analisam-se também as posições de P.H. que enquanto papa J. XXI defendeu a organização de uma cruzada através de diversas bulas às quais subjaz o conceito de guerra justa.

— «Dos direitos do homem aos direitos dos povos. (Do Portugal medieval à época moderna)», *Revista de História das Ideias* 14 (1992) 23-56.

João XXI está entre os diversos autores estudados a propósito da génese medieval de algumas posições sobre os direitos de liberdade de religião, de propriedade e dominial.

- «Testemunhos dos historiadores contemporâneos de Pedro Hispano, o Papa João XXI», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 1 (2001) 213-222.
Análise das principais fontes coevas e dos juízos dos seus autores sobre a acção de João XXI, em particular, Martinho Polono O.P., e Salimbene de Adam O.F.M.; no final, um quadro comparativo reúne os mais antigos testemunhos cronísticos.
- ASÚA, Miguel J.C. de: «El comentario de Pedro Hispano sobre el *De animalibus*. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 16 (1995) 45-66.
Edição das 22 questões com "controvérsia entre médicos e filósofos" do comentário de P.H. sobre o *De animalibus* no ms. único Madrid, BN, 1877. Com uma apresentação geral da obra e da importância da controvérsia entre médicos e filósofos na filosofia natural medieval.
- «El comentario de Pedro Hispano sobre la *Isagoge* de Johannitius. Transcripción de las *quaestiones* sobre la controversia entre médicos y filósofos», *Patristica et Mediaevalia*, 17 (1996) 59-66.
Edição das 8 questões com "controvérsia entre médicos e filósofos" do comentário de P.H. sobre a *Isagoge* de Joanício, no ms. Madrid, BN, 1877.
- «Los *Problemata* o *Quaestiones de animalibus* de Pedro Hispano. Trascriptión del texto», *Stromata* 54 (1998) 267-302.
Inclui a edição integral dos *Problemata* (127 problemas ou quesitos), com base no ms. Firenze, BNC, Conv. soppr. J.IX.26, ff. 1-12, confrontado com os mss. Venezia, BM, lat. f. a 534, ff. 26-31 (para os problemas 1-91) e Milano, BA, N.9.sup., ff. 115-128 (para as questões 92-127). Lista de outros ms. na p. 367 n. 2.
- «Medicine and Philosophy in Peter of Spain's Commentary on *De animalibus*», em STEEL, Carlos — G. GULDENTOPS — P. BEULLENS (eds.): *Aristotle's Animals in the Middle Ages and Renaissance*, (Mediaevalia Lovaniensia. Studia, 27) Leuven University Press, Leuven 1999, pp. 189-211.
- «Peter of Spain, Albert the Great and the *Quaestiones de Animalibus*», *Physis. Rivista internazionale di storia della scienza*, 24 (1997) 1-30.
- *The Organization of Discourse on Animals in the Thirteenth Century. Peter of Spain, Albert the Great, and the Commentaries on "De animalibus"* (Phi. Dissert.), University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana) 1991.
- «The Relationships Between Medicine and Philosophy in Peter of Spain's Commentary on *Articella*», em *Papers of the Articella Project Meeting. Cambridge, December 1995*, (Articella Studies. Texts and Interpretations in Medieval and Renaissance Medical Teaching, 3) Cambridge Wellcome Unit for the History of Medicine — CSIC Carcelona Department of History of Science, Cambridge 1998, pp. 13-27.
- BARBADO, Manuel: *Estudios de psicologia experimental*, 2 vol., Madrid 1946, 1948, cfr. vol. I, pp. 451-455.
No cap. «Estudio historico de la doctrina acerca de las localizaciones cerebrales» (pp. 414-626) analisa P.H. enquanto representante da tradição galénica. O A. cinge-se à *Scientia libri de anima* com extensas notas de transcrição de textos, resumindo no corpo do texto a que os excertos citados concretizam em pormenor. Refere que quanto aos cinco sentidos internos a fonte é Avicena, mas não adverte que o autor árabe também é a fonte quanto às localizações cerebrais. No vol. II P.H. não é citado
- BARBOSA, João Morais: «A *Expositio in librum de divinis nominibus* de Pedro Hispano. (Alguns problemas)», em *Pensamento Medieval. X Semana de Filosofia da Universidade de Brasília*, Edições Loyola, São Paulo 1983, pp. 87-98.
A mística de P.H., elaborada neste comentário com recurso à filosofia, consiste não na desvalorização do humano, mas na deificação do homem, alcançada na união mística com Deus.
- «O legado do *Corpus Areopagiticum* no Ocidente. A *Expositio in librum de mystica theologia* de Pedro Hispano», *Cultura. História e Filosofia*, 1 (1982) 25-44.
A teologia negativa (*theologia apofatica*) em P.H., percurso para o *status unitonis* como *deificatio* do homem, por remoção de todo o conhecimento.
- «Pedro Hispano e a *Expositio Librorum Beati Dionysii*», em IDEM, *Estudos de Filosofia Medieval – I*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa 1984, pp.52-98.

Procura nos comentário de P.H. os pontos de convergência entre o racionalismo escolástico e o “anti-racionalismo” da mística. Apesar de concordar com a atribuição da obra a P.H., mostra que algumas das passagens com que M. Alonso quis mostrar a semelhança entre outras obras também atribuídas a P.H. e a *Expositio*, essas são quase literalmente provenientes da *Extractio* de Tomás Gaulês (pp. 56-60). Inclui o estudo doutrinários dos seguintes aspectos. Deus e tempo; eternidade, ser e bem; iluminação e sabedoria; filosofia mística.

BARDUZZI, Domenico: «Di un maestro dello Studio Senese nel Paradiso Dantesco», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 28 (1921) 415-429.

O estudo tem sobretudo a intenção de valorizar a importância do *studium* de Siena, o que explica algumas das conclusões do A., construídas sem base que as sustente, como a cronologia para as obras médicas: *Dietetica nelle malattie chirurgiche*, *De oculo* (escrito em Siena), *Thesaurus pauperum* («scrito pure quasi certamente a Siena», p. 426) e mesmo as *Summulae logicales* teriam sido escritas em Siena, segundo o A. por razões de penúria económica e para corresponder ao desejo do *Studium*, que pretendia também dispensar ensino filosófico (p. 428). Por fim, considera que P.H. apenas sobreviveu ao esquecimento porque é citado por Dante na *Commedia*.

— «Di Pietro Spano, lettore di medicina del eschole XIII nello studio senese (Papa Giovanni XXI)», *Rivista di storia delle scienze mediche et naturali*, 14 (1923) 118-121.

BAZÁN, Bernardo Carlos: «13th Century Commentaries on *De anima*. From Peter of Spain to Thomas Aquinas», comunicação apresentada no colóquio *Il commento filosofico nell'occidente latino (secc. XIII-XV). The Philosophical Commentary in the Latin West (13-15th Centuries)*. Firenze-Pisa 19-22 ottobre 2000.

Estudo ainda não publicado, pelo título publicado no programa indica-se que Pedro Hispano deverá ser estudado.

BEAUJOUAN, Guy: «Fernand Colomb et l'Europe intellectuelle de son temps», *Journal des Savants*, (oct.-déc. 1960) 145-159 [reimpr. em IDEM, *Science médiévale d'Espagne et d'alentour*, (Collected studies series, 374) Variorum, Aldershot 1992, estudo III].

Sobre a Biblioteca Colombina de Sevilha, refrindo a aquisição de alguns dos mss. com obras de P.H.

— «Fernand Colomb et le marché du livre scientifique à Lyon en 1535-1536», *112e Congrès national des sociétés savantes (Lyon, 1987), Histoire des Sciences et des Techniques*, vol. 1 (53-63), C.T.H.S. Paris 1988. [reimpr. em IDEM, *Science médiévale d'Espagne et d'alentour*, (Collected studies series, 374) Variorum, Aldershot 1992, estudo VII].

Sobre a Biblioteca Colombina de Sevilha, refrindo a aquisição de alguns dos mss. com obras de P.H.

— «Manuscripts médicaux du moyen âge conservés en Espagne», *Mélanges de la Casa Velázquez* 8 (1972) 161-221. [reimpr. em IDEM, *Science médiévale d'Espagne et d'alentour*, (Collected studies series, 374) Variorum, Aldershot 1992, estudo V]

Inclui referências a mss. com obras de P.H.

BECK, A.: Recensão de M. GRABMANN, *Handschriftliche Forschungen...* (München 1936), em *Byzantinisch Zeitschrift*, 41 (1941) pp. 455-458.

BERGADÁ, María Mercedes: «Un comentario de Pedro Hispano al "Tratado del alma" de Aristóteles», *Ciencia y Fé* 11-12 (1947) 86-107.

Texto e tradução das 15 questões preambulares iniciais do comentário ao de anima de Aristóteles atribuído a P.H.

BERGER, Albrecht Maria: *Der von Michel Angelo Buonarrotti eigenhändig geschriebene Augentraktat*, München, 1897.

Sobre o mss. de Miguel Ângelo que contém receitas de oftalmologia, algumas das quais copiadas ddo De oculo de P.H.

— *Die ophtalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI). Nach Müncher, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Malen herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert*, Verlag von J. F. Lehmann, München 1899.

BERNARDINI, Paola: «La scienza dell'anima. Le questioni epistemologiche del commento al "De anima" conservato nel ms. Siena, Biblioteca Comunale, L.III.21, ff. 134r-177ra: ff. 136ra-138va», *Studi medievali*, III serie, 40 (1999) 897-939, cfr. pp. 899-902.

Inclui o estudo de algumas das quaestiones praeambulares do Comentário sobre o De anima atribuído a Pedro Hispano.

BEUCHOT, Mauricio: «La filosofía del lenguaje de Pedro Hispano», *Revista de Filosofía, Mexico*, 12 (1979) 215-230.

— (trad.): *Tractatus (llamado después «Summulae logicales»)*, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México 1986, 206 pp.

BILANCIONE, G.: «Pietro Spano», *Rivista Critica di Scienze Mediche e naturali*, 11 (1920) 49-67 [reimpr. em *Veteris vestigia flammae*, Roma 1922, pp. 25-45].

BOCHENSKI, Iuri M.: *Petri Hispani Summulae Logicales, quas a manu scripto Reg. Lat. 1205 edidit I.M.B. (O.P.)*, Marietti, Torino 1947 [Rec. mais importantes: *Revue d'histoire ecclésiastique* 43 1-2 (1948) 230-232; *Revue du Moyen Age latin* 4, 3 (1948) 292-294; *Latomus* 8, 3-4 (1949) 328; *Bulletin de théologie ancienne et médiévale* 6 (1951) 252 (nº 861); P. Boehner, *Franciscan Studies* 10 (1950) 74-77; POZZI, Lorenzo: «Nota sull'edizione Bochenski delle *Summule logicales* di Pietro Spano», *Rivista critica di storia della Filosofia*, 23 (1968) 330-342].

Edição do *Tractatus (Summulae logicales)* com base num manuscrito com algumas particularidades, como por exemplo o tratado sobre as falácias ser na sua versão curta, que é uma redacção apócrifa.

BOEHNER, Philotheus: *Medieval Logic. An Outline of its Development from 1250-c. 1400*, Manchester University Press, Manchester 1952 [reimpr. 1966], pp. 32-36, 77-79 e passim [cfr. sub indicem p. 129].

Nestas pp. estuda-se a lógica dos *Tractatus*, em particular a teoria da suposição e o conteúdo geral da obra com o a. a rejeitar a genuinidade do *De exponibilibus* (p. 78).

BOH, Ivan: *Epistemic Logic in the Later Middle Ages*, (Topics in Medieval Philosophy), Routledge, London-New York 1993, cfr. pp. 18-20, 137-138 notas (e cfr. sub indicem p. 186).

P.H. é incluído entre os precursores da lógica epistémica. Sobre a teoria das condições de verdade no *Tractatus*, e a noção de consequência, que parece fazer coincidir com a proposição condicional, definida em termos estritamente sintáticos. P.H. considera que apenas as modalidades em sentido composto são genuínas proposições modais e aceita os seis modos aléticos como relevantes para a lógica.

— «John of Glogovia's Rejection of Paradoxical Entailment Rules», em PLUTA, O. (Hrg.): *Die Philosophie im 14. und 15. Jahrhundert. In Memoriam Konstanty Michalski (1879-1947)*, (Bochumer Studien zur Philosophie) B.R. Grüner, Amsterdam 1988, pp. 373-383.

Na primeira parte estuda-se o comentário de João de Glogovia ao *Tractatus* de P.H.

BÖLE, K.: *Arpadhazi Boldog Margit szentléavatasi üggye és a legösibb latin Margitlegenda*, Budapest 1937, pp. 4-5.

Sobre a canonização da beata Margherita da Hungria por J. XXI.

BOYLE, Leonard E.: «Pierre Dubois and the *Summulae Logicales* of Peter of Spain», *Mediaeval Studies*, 34 (1972) 468-470.

O A. demonstra que uma pretensa citação de Pedro Dubois das *Summulae* de P.H. é de facto uma citação das *Sentenças* de Pedro Lombardo. A interpretação anterior baseava-se numa má leitura paleográfica que via *sma* (summa) onde está *snia* (sententia).

BRAAKHUIS, Henk A. G.: *De 13de Eeuwse Tractaten over syncategorematische Termen I. Inleidende Studien; II. Uitgave van Nicolaas Parijs' Syncategoremata*, Ed. Krups Repro Meppel, Leyden 1979 [rec.: A. de LIBERA, *Archives de Philosophie* 44 (1981) 137-141].

No vol. I, dedicado aos desenvolvimentos teóricos dos tratados sobre os termos syncategoremáticos nos séculos XII e XIII, o cap. 2 (pp. 305-373) compara os *De syncategorematibus* de P.H. (então inéditos, com base no ms. Napoli, BN, VIII E 17) e Henrique de Gand. Edita também excertos de Roberto Bacon, João o Pagem e integralmente os *Syncategoremata* de Nicolau de Paris.

— «School Philosophy and Philosophical Schools. The Semantic-Ontological View in the Cologne Commentaries on Peter of Spain and the *Wegstreit*», em A. ZIMMERMANN (Hrg.): *Die Kölner Universität im Mittelalter. Geistige Wurzeln und Soziale Wirklichkeit*, (Miscellanea Mediaevalia, 20) W. de Gruyter, Berlin-New York 1989, pp. 1-18.

- «The Views of Peter of Spain on Propositional Composition», em *Logos and Pragma. Essays on the Philosophy of Language in Honour of Professor Gabriel Nuchelman* (Artistarium, Supplementa 3) Ingenium Publishers, Nijmegen 1987, pp. 99-110. Estudo da teoria dos sincategoremas de P.H.
- BRASÃO, Eduardo: «João XXI, o único papa português (1276-1277)», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II^a série, 26,2 (1980) 381-404. Centra-se no estudo dos testemunhos sobre a tumba e a acção de João XXI, com reconstituição (na p. 395, n. 35) da lista de 9 cardeais que participaram no conclave que em Viterbo elegeu o papa J. XXI.
- BUZZETTI, Dino: «Blasius Pelacani, the Paradoxes of Implication and the Notion of Logical Consequence», em Ignacio ANGELELLI — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (Philosophische Texte und Studien, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 97-135.
Após uma introdução sobre problemas historiográficos a propósito da relação entre as teorias lógicas dos tópicos e da consequência, analisa-se a posição de B. Pleacani nas *Quaestiones dialectice*, um comentário ao *Tractatus* de P.H. Em apêndice (pp. 129-135) são publicados o art. 2 da q. 6 e o art. 2 da q. 7 sobre o *Tractatus* IV.
- CAIRES, Álvaro de: «O perfil psicológico do Papa João XXI», *Acção médica* 11, 42 (1946) 148-165.
Texto de exaltação literária da obra e acção papal de P.H., que vê como expoente dos portugueses do seu tempo.
- CALLEBAUT, André P.: «Jean Pecham, O.F.M. et l'augustinisme. Aperçus Historiques (1263-1285)», *Archivum Franciscanum Historicum*, 18 (1925) 441-472.
Inclui a edição das duas bulas de João XXI relacionadas com a condenação parisiense de 122.
- «La date du cardinalat de S. Bonaventure (28 mai 1273)», *Archivum Franciscanum Historicum* 14 (1921) 401-407.
Estudo sobre os mesmos factos e a mesma bula que elevou Pedro Julião ao cardinalato.
- CAPPARONI, Pietro: «Commentaires sur une rare traduction Italienne du XIV^e siècle du *Thesaurus pauperum* de Pierre Ispanus», em *VI^{ème} Congrès International d'Histoire de la médecine. Leyde-Amsterdam 1927*, Antuerpen 1929, p. 309.
Sobre o manuscrito estudado também no estudo seguinte. Citado e resumido com a lista de capitulos em *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II, Lisboa 1944, pp. 351-353.
- «Di una rara traduzione italiana del secolo XIV del *Thesaurus pauperum* di Pietro Ispano», *Rivista di storia delle scienze mediche e naturali*, 19 (1928) 55-62. Descreve um pequeno códice, propriedade do próprio autor, com tradução italiana do *Thesaurus pauperum* que termina: «Explicit thesaurus pauperum composto per mastro (!) petro yspano ad tempo del papato de papa Johanni». Do texto, a que faltam os cap. iniciais, é dada a ordem dos cap. (15-79) e editado o texto dos cap. 40 e 35.
- CARACCI, Pier-Carlo: «Il *Thesaurus pauperum* nel codice¹⁸ della biblioteca arcivescovile di Udine», *Atti del XXI congresso internazionale di storia della medicina*, Roma 1970, vol. II, pp. 1037-1056.
- «Il *Tesoro de' poveri* di Pietro Ispano in un codice miscellaneo del secolo XV in volgare», *Pagine di storia della medicina* 15 (1971) 59-79.
Descrição do ms. Siena, Biblioteca Comunale degli Intrinati, L.VI.11 que nos ff. 52r-60r contém uma tradução italiana do *Thesaurus pauperum*.
- CAROLUS-BARRÉ, Louis: «Essai de reconstitution d'une liste nominative des pères du II^e Concyle de Lyon», 1274 - *Anée charnière - Mutations et continuités (Actes du Colloque International 558)*, CNRS, Paris 1977, pp. 377-421.
Pedro Julião, elevado a bispo cardeal de Túsculo, é convocado e participa no Concílio de Lyon II, 1274 (cfr. p. 393, nr. 3).

CARRERAS Y ARTAU, Joaquín: «Pierre d’Espagne, Pape Jean XXI», em CARRERAS ARTAU, Joaquín — Juan TUSQUETS TERRATS, *Apports hispaniques a la philosophie chrétienne de l’occident*, Publications Universitaires de Louvain-Éditions Béatrice-Nauwelaerts, Louvain-Paris 1962, pp. 13-29.

Estudo geral sobre a vida, obras (comentários a Aristóteles, medicina, lógica, mística) de P.H., com referência ao seu agostinismo e relação com a condenação de 1277; causas do esquecimento de P.H.

— «Rectificación histórica. La nacionalidad portuguesa de Pedro Hispano», *Las Ciencias*, 1, fasc. 2 (1935) 378-384.

Crítica do artigo de Simonin «Les *Summulae logicales* de Petrus Hispanus», de 1930, a que Simonin respondeu com «Magister Petrus Hispanus O.P.», de 1935. O A. defende a identidade entre o lógico, o filósofo, o médico Pedro Hispano com o papa João XXI, considerando-o «uno de los maiores prodigios de su tiempo».

CARRERAS Y ARTAU, Tomás — Joaquín CARRERAS Y ARTAU: *Historia de la Filosofía Española*, vol. I *Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Asociación Española para el progreso de las Ciencias, Madrid 1939, pp. 101-144.

Importante e pioneiro estudo sobre a personalidade, vida, obras, lógica, doutrinas e metodologia de P.H., que colhe as principais conclusões da bibliografia anterior, em especial as orientações de M. Grabmann.

CARVALHO, Augusto da Silva: «Pedro Hispano e Arnaldo de Villanova na Educação Médica», *Anais da Academia Portuguesa de História*, IIª série, 3 (1951).

CARVALHO, Joaquim de: «Cultura filosófica e científica [Período medieval]», em Damião PERES (dir.) *História de Portugal*, vol. IV: *Segunda época (1411-1557) (continuação)*, Portucalense Editora, Barcelos 1932, pp. 475-528, cfr. pp. 493-512 [reimpr. em Idem: *Obras Completas*, vol. III: *História da Cultura: 1922-1948*, Ed. Calouste Gulbenkian, Lisboa 1982, pp. 221-305, cfr. pp. 249-281].

Discute a originalidade das *Summulae logicales*, contrariando a hipótese Ehinger-Prantl, na esteira de Thurot, Rose. E Stapper, para concluir pela identidade entre o seu autor e o papa João XXI. Retoma ainda os testemunhos antigos. Quanto à acção papel centra-se no problema da condenação de 1277. As então recentes descobertas de Grabmann levam o A. a concluir pela unidade de autor dos escritos lógicos, médicos e filosóficos, valorizando sobretudo o sucesso das *Summulae*, que atribui ao facto de o seu autor ter sido papa.

CARVALHO, Mário Santiago de: «Die Dionysius-Rezeption im portugiesischen Mittelalter», *Archiv für mittelalterliche Philosophie und Kultur* 1 (2000) 133-148, cfr. pp. 141-144.

Com base nos estudos publicados, reflecte sobre a questão da autenticidade petrínica (e sobre as dúvidas quanto a quem seja este Pedro) dos comentários a Dionísio editados por M. Alonso, concluindo que qualquer solução do problema é prematura sem uma edição crítica da obra.

CASTRO, José Acácio: «Sobre a teoria da suposição em Pedro Hispano», *Humanística e Teologia*, 10 (1989) 345-364.

Inclui a tradução do *Tractatus* VI, com recurso à versão inglesa de J. Mullally.

CENTO, Fernando: *Giovanni XXI (Pietro Ispano). Discorso commemorativo tenuto in Viterbo il 4 settembre 1960 da Sua Eminenza Reverendissima il Cardinale Fernando Cento*, Sgopel, Roma s/d. [1960], 14 pp.

Trata-se do discurso pronunciado aquando da recolocação do mausoléu de João XXI na sua posição original, Empresas notáveis como papa: –tentou conciliar Rodolfo de Absburgo com Carlos de Anjou e Afonso X de Castela com Filipe III de Espanha; –tentou organizar uma cruzada; –tentou conciliar as igrejas grega e romana; –interveio directamente na censura parisiense de 1277.

— *João XXI, cientista, filósofo e pastor. Discurso pronunciado por S. E. o Card. Fernando Cento em Viterbo no dia 4 de Setembro de 1960*, Sgopel, Roma, s/d. [1960].

Trad. defeituosa do opúsculo de F. Cento publicado em italiano na mesma data [ver referência anterior].

CHOJNACKI, Piotr: «L’essor de la logique au XIIIe siècle», *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge. Actes du 4.e Congrès International de Philosophie Médiévale. Montréal, 27 août - 2 septembre, 1967*, Institut d’Études Médiévales-Librairie Philosophique J. Vrin, Montréal -Paris 1969, pp. 887-894, cfr. pp. 888-892.

Também se refere ao lugar de P.H. (*Tractatus*) nas discussões sobre a proposição e as propriedades lógicas dos termos e sobre a lógica da consequência.

- CONSOLI, Domenico: «Giovanni XXI Papa (Pietro Spano o Ispano)», *Enciclopedia Dantesca*, dir. Umberto Bosco, 5 vol.+1, Istituto della enciclopedia italiana, Roma 1970-1978, vol. III: *FR-M* (Roma 1971; 2ª ed.: 1981) pp. 188-189.
- CORRADINI BOZZI, Maria Sofia: *Ricettari medico-farmaceutici medievali nella Francia meridionale*, (Accademia Toscana di Scienze Lettere “La Colombaria”. Studi 159) L.S. Olschki, Firenze 1997.
 Estudo de receituários médico-farmacêuticos medievais em línguas vulgares. Inclui a edição (pp. 253-322.) de uma versão em occitano do *Thesaur de pauvres* seguido dos *Rimedi per le febri*, ambos de P.H., existentes no ms. Chantilly, Musée Condé, 330 (ff. 1r-33r) descrito a pp. 21-24.e estudado a pp. 47-58.
- CORSTEN, Severin: «Universities and Early Printing», transl. S. Hanger, em Lotte HELLINGA — John GOLDFINCH (ed.), *Bibliography and the study of 15th-Century Civilization. Papers Presented at Colloquium at British Library, 26-28 Sept. 1984*, (British Library Occasional Papers, 5) British Library, London 1987, pp. 83-123..
 Exemplifica a natureza e funcionamento da imprensa universitária e seu público no séc. XV através do estudo de edições das *Summulae logicales* de P.H. A partir de meados de 1480 o número de edições de comentários passa a exceder claramente o número de edições apenas com o texto, o que pode ser explicado pelo facto de a obra ser sobretudo usada nas aulas “extraordinárias” dadas aos novos alunos. Por outro lado, as edições de comentários, impressas nos locais onde os professores ensinavam, destinavam-se também a uma circulação mais vasta. Em apêndice, pp. 99-123, são descritas 135 edições e comentários do *Tractatus* registadas na base ISTC, que também inclui as já descritas na edição de J. Mullally e na *Bibliografia Geral Portuguesa* vol. II (cfr. p. 97, n. 26)
- COSTA, António Domingues de Sousa: «Presenza di Alessandro di Hales e di Vincentius Hispanus al I Concilio di Lione», *Antonianum* 58 (1984) 181-183.
 Também foca a presença de P.H. em Portugal após 1250.
- COXITO, Amândio: «As doutrinas da *suppositio* e da *significatio* em Pedro Hispano», *Biblos*, 62 (71-90) 1986 [= A. Coxito, 1989].
 — «Las doctrinas de la 'suppositio' y de la 'significatio' en Pedro Hispano», *Pensamiento. Revista trimestral de investigación y información filosófica*, 45 (1989) 227-237 [= A. Coxito, 1986].
- CRISCIANI, Chiara: «History, Novelty, and Progress in Scholastic Medicine», *Osiris*, II series, 6 (1990) 118-139.
- CRISTOFORI, Francesco: «Di Pietro Ispano ricordato da Dante e dell'identità di lui con il Papa Giovanni XXI provata», *Nuovo Giornale Arcadico*, 3 (1890) [separata 44 pp.].
 — *Le tombe dei papi in Viterbo e le chiese di S. Maria in Gradi, di S. Francesco e di S. Lorenzo - Memorie e documenti sulla Storia Medioevale Viterbese*, Siena 1887, pp. 320-351.
 Sobre a tumba de João XXI.
- CUNHA, Rodrigo da: *História ecclesiástica dos arcebispos de Braga, e dos Santos, e dos Varoens illustres, que floreceraõ neste Arcebispado*, vol. II, Manuel Cardozo impressor, Braga 1635 [reimpr. fac-similada, com apresentação de José Marques, Braga 1989], cfr. capp. 35-36, pp. 152-160.
 Páginas pouco fiáveis sobre P.H./João XXI, com informações imprecisas e inverosímeis; principais fontes: Platina, Giacon, Brandão, Zovius.
- DALES, Richard C.: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, (Brill's Studies in Intellectual History 65), E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1995, pp. 65-74, passim.
 As obras psicológicas de P.H. (para além da *Scientia* e do *Commentarium in de Anima* o A. continua a considerar a *Expositio libri de anima*) são situadas nas décadas de 40 e 50 do séc. XIII e estudadas no capítulo «Twenty years of confusion: Paris», na secção relativa aos mestres de Artes. Particular atenção é dada à defesa do hilomorfismo e às doutrinas dos intelectos, bem como à influência aviceniana.
- D'ALVERNY, Marie-Thérèse: Recensão a J.M.C. PONTES: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, *Scriptorium* 30 (1976) 124-126; reimpr. em M.-

- Th. D'ALVERNY, *La transmission des textes philosophiques au Moyen Age* (Collected Studies Series, 463) Variorum, Aldershot 1994 [estudo XX].
- D'AMICO, Diego: «Un oculista divenuto papa: Giovanni XXI», *Archivio d'Ottalmologia* 10 (1931) 564-572.
- D'ORS, Angel: «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum*», *Vivarium* 35 (1997) 21-71.
Reabertura do dossier sobre a identificação do P.H. autor das *Summulae*. O A., apoiado num tardia tradição literária e creditando uma também tardia lápide funerária no convento dominicano de Estella, em Navarra-Espanha, defende que o autor foi dominicano e originário daquela região. Apresenta um extenso levantamento e estudo das fontes literárias sobre esta tradição de atribuição. Propõe sucessivamente seis Pedros Hispanos que poderiam ter sido o autor das *Summulae*. Quatro destes nomes propostos foram depois rejeitados em estudo crítico de S. Tugwell (*Vivarium* 1999).
- «Petrus Hispanus O.P., *Auctor Summularum* (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254.
Recoloca-se o problema da autoria das *Summulae*, discutindo os argumentos de S. Tugwell (*Vivarium* 1999) contra 4 dos seis candidatos a autor sugeridos no estudo anterior. O A. aceita excluir da lista o *Petrus, natione Gallus, in Francia Prior provincialis*, que é de facto Pedro de Reims O.P. (†1247), mantendo todos os outros. Abandona também a hipótese da relação do *auctor summularum* sepultado em Estella, mas mantém abertas todas as outras hipóteses aduzindo novas interpretações para documentos já conhecidos e provenientes dos comentários à *Commedia* de Dante, às histórias da Ordem dominicana, à historiografia portuguesa e papal, à tradição manuscrita do *Tractatus*. Abandona a hipótese da relação do *auctor summularum* com a corte do reino de Navarra, preferindo agora a hipótese de uma relação com a corte de Fernando III de Leão e Castela, o que, conjugado com uma nova interpretação do exemplo de *exemplum* (*Tractatus* V.3) leva-o a sugerir a data de 1230-1231 para a composição do *Tractatus* (pp. 243-248). Resolve ainda a questão do *Petrus Hispanus recentior* (expressão com que Pedro Sánchez Ciruelo se designa a si mesmo, humor que N. Antonio não percebeu, inventando assim um Petrus Hispanus distinto do autor das *Summulae*, mas que não é senão o autor do século XVI).
- DAUNOU, A.: «Pierre d'Espagne ou le pape Jean XXI», *Histoire Littéraire de la France*, vol. XIX, Librairie universitaire, H. Welter éditeur, Paris 1895, pp. 322-334.
P. H. é incluído nesta obra porque, segundo o A.: 1) estudou e ensinou em França, 2) aí compôs parte dos seus tratados, quer de Filosofia quer de Medicina, 2) devido à difusão e influência dos seus livros no país (p. 334). Referência dos principais factos culturais que marcam o papado de J. XXI e a preocupação com a pacificação da Europa. Sistematização e análise da importância das obras médicas e de lógica, das bulas e dúvidas sobre a existência do sermonário.
- DINNEEN, Francis (transl.): Peter of Spain, *Language in Dispute. An English Translation of Peter of Spain's Tractatus Called Afterwards Summulae Logicales on the basis of the Critical Edition Established by L.M. De Rijk*, trad. Dinneen, Francis P. (S.J.), Amsterdam Studies in the Theory and History of the Language Sciences, 39, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam-Philadelphia 1990, XXXIX+271 pp. [rec. muito crítica da introdução e da tradução, por E.J. ASHWORTH, em *Vivarium* 30 (1992) 277-281].
Tradução da obra de P.H., com estudo preliminar nas pp. xvii-xxxi, sobre a relação da obra com os modistas e a linguística, as teorias da significação e suposição, o estatuto científico do *Tractatus*, e outros aspectos de teoria lógica.
- «Suppositio in Petrus Hispanus: Linguistic Theories and Models», em Geoffrey L. BURSILL-HALL — Sten EBBESEN — Konrad KOERNER (eds.), *De ortu grammaticae. Studies in Medieval Grammar and Linguistic Theory in Memory of Jan Pinborg*, (Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science. Series III. Studies in the History of the Language Sciences, 43) J. Benjamins, Amsterdam-Philadelphia (Penn.) 1990, pp. 69-85.
Sobre os conceitos de *significatio* e *suppositio* no *Tractatus* de P.H.
- «Supposition in Petrus Hispanus' *Summulae Logicales*», em AARSLEFF, Hans et al. (ed.) *Papers in the History of Linguistics. Proceedings of Third International Conference on History of Language Sciences (ICHoLS III), Princeton, 19-23 Aug. 1984*, (Amsterdam Studies in the Theory and History of the Language Sciences, 3) John Benjamins Publ. Comp., Amsterdam-Philadelphia (Penn.) 1987, pp. 117-127.

DIONÍSIO, Sant'Ana: «Filósofo e teólogo, psicólogo e médico, genuinamente portugalense [sic] vivente há oito séculos», *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães 1982, vol. V, pp. 61-66.

— «Pedro Hispano e o seu tratado *De Anima*. Rectificação do conceito de “psicologia escolástica” feita à luz dessa obra recentemente descoberta», *Seara Nova*, 32 [n.os 1264-1265] (1952) 168a-171b.

Estudo da *Scientia libri de anima*.

— «Petrus Hispanus et son traité *de Anima*», *Actes du XIème Congrès International de Philosophie, Bruxelles, 20 - 26 août 1953*, vol. XIV: *Volume complémentaire et communications du colloque de logique*, North-Holland Publ. Co., Amsterdam 1953, pp. 297-303.

DOWNING, Thomas Jefferson: *A pope as a physician*, New York 1925.
Cit. por A.M. de Sá: André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, Lisboa 1956, p. 86; estudo não localizado.

DUCROT, Oswald: «Quelques implications linguistiques de la théorie médiévale de la supposition», H. PARRET (ed.), *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*, Walter de Gruyter, Berlin-New York 1976, pp. 189-227, cfr. pp. 193-201.

DUFOUR, Carlos A.: *Die Lehre der Proprietates terminorum. Sinn und Referenz in mittelalterlicher Logik*, (Analytica. Untersuchung zu Logik, Ontologie und Sprachphilosophie) Philosophia Verlag, Munich-Hamden-Wien 1989.
P.H. e a sua distinção entre *significatio* e *suppositio*, está entre os autores estudados.

DUMITRIU, Anton: *History of Logic*, Abacus Press, Tunbridge Wells (Kent), 1977, vol II, part IV pp. 45-49.

DUNNE, Michael (ed. and introd.): *Magistri Petri de Ybernia: Expositio et quaestiones in Aristotelis librum de longitudine et brevitate vitae (ex cod. Vat. lat. 825, ff. 92r-102r)*, (Philosophes médiévaux, 30) Ed. de l'Institut Supérieur de Philosophie — Peeters, Louvain-la-Neuve — Paris 1993, pp. 28-31.

O A. assinala em particular a dependência do *De longitudine et brevitate vite* de P.H. relativamente comentário de Averróis, de onde são retiradas extensas passagens, razão que poderia levar a pensar que se trata de um dos mais antigos textos latinos sobre o tema.

EBBESSEN, Sten: ver ROSIER-CATACH, Irène — Sten EBBESSEN.

EBBESSEN, Sten — Jan PINBORG: «Gennadios and Western Scholasticism. Randulphus Brito's "Ars Vetus" in Greek Translation», *Classica et Mediaevalia* [Kobenhavn] 33 (1981-82) 263-324.

Exemplificam a técnica de Genádio na tradução do *Tractatus* de P.H. para grego.

EBBESSEN, Sten — Irène ROSIER-CATACH: «Robertus Anglicus on Peter of Spain», em Ignacio ANGELELLI — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (Philosophische Texte und Studien, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 61-95.

Nos manuscritos Vaticano, BAV, Vat. lat. 3049 ff. 1-81 e Todi, BC, 54 ff. 1-56v subsistem dois comentários son a forma de questões ao *Tractatus* de P.H., que L.M. de Rijk divulgou e editou parcialmente (cfr. «On the Genuine Text... III», de 1969). Estudam-se aqui, de novo, estes dois testemunhos. Na primeira parte procura-se a identificação do seu autor. Os A. concordam que, de facto, os textos foram produzidos em Montpellier nas décadas de 50 ou 60 do século XIII, mas, apesar de algumas semelhanças e ocasionais coincidências de texto, atribuem-nos a dois diferentes autores, ambos “Robertus” e ambos provenientes de Inglaterra mas qualquer deles diferente dos outros “Robertus” conhecidos para essa época, sendo que o texto do ms. Vat. é o mais antigo dos dois. Na segunda parte estudam-se aspectos doutrinais que evidenciam a oposição dos comentadores a P.H., a propósito da equivocação, da *suppositio naturalis* e da teoria da ampliação e restrição, discussões que se inserem na oposição entre as tradições lógicas medievais continental e inglesa, sobre a qual trazem novos elementos. Os A. publicaram excertos destes comentários em I. ROSIER-CATACH — S. EBBESSEN: «Two Roberts and Peter of Spain...», de 1997.

EHINGER, EL.: *Synopsis organi Aristotelis Michaelis Psello auctore, EIS TEN ARISTOTELOUS LOGIKEN SYNOPSIS graeco-latina nunc primum edita* Augustae Vindelicorum 1579.

A *Synopsis* aqui publicada não é senão a tradução do *Tractatus* para grego, realizada por Georgios Scolarios. Mas, com base no testemunho do manuscrito editado (que é agora o München, BSB, graec. 548), Ehinger considera que a obra é do filósofo bizantino Miguel Psello e que P.H. não é senão o seu tradutor para latim, língua em que corria com o título *Summulae logicales*. Esta edição está na base do “equivoco bizantino” a propósito da autoria e traduções do *Tractatus*. Entre os AA. que seguiram Ehinger o mais notável foi C. Prantl na sua obra *Geschichte der logic im Abendland*, vol. II-IV, 1865-1870 (ver). De Rijk, na introdução à sua edição crítica do *Tractatus*, reconstitui e refuta este erro historiográfico, recolhendo os argumentos dos que haviam mostrado definitivamente que é Georgios Scolarios que traduz a obra de P.H. para grego.

FAES DE MOTTONI, Barbara: *Il “corpus dionysiacum” nel Medioevo. Rassegna di studi: 1900-1972*, Il Mulino, Bologna 1977, pp. 13-14, 30-31, 45-46, 69, 107, 130, 224-225.

Análise dos estudos publicados no período considerado sobre o *corpus* dionisiano e os comentadores medievais latinos. Resumo das discussões sobre a atribuição da *Expositio* a P.H., a propósito de cuja efectiva autoria subsistem dúvidas.

FEDERICI VESCOVINI, Graziella: *Astrologia e scienza: la crisi dell'aristotelismo sul cadere del Trecento e Biagio Pelacani da Parma*, Vallecchi, Firenze 1974.

Estuda também as *Questiones dialectice*, comentário ao *Tractatus* I-V, de Pedro Hispano, publicando a pp. 414-418 o elenco de 68 questões que compõem a obra.

— «Le *Questioni dialettiche* di Biagio Pelacani da Parma sopra i trattati di logica di Pietro Ispano», *Medioevo* 2 (1976) 253-287.

Publica o elenco de 68 questões e respectivos *incipit*.

— «Opere di Biagio Pelacani da Parma», em Graziella FEDERICI VESCOVINI — Francesco BAROCELLI (cur.), *Filosofia, scienza e astrologia nel Trecento europeo. Biagio Pelacani parmense. Atti del Ciclo di lezioni “Astrologia, scienza, filosofia e società nel Trecento Europeo” Parma, 5-6 ottobre 1990*, (Percorsi della scienza. Storia, testi, problemi, 2) Il Poligrafo, Padova 1992, pp. 183-216.

Inclui-se a descrição e lista de questões das *Quaestiones dialecticae*, comentário sobre as *Summulae logicales* de P.H.

FELTRIN, Paola — Massimo PARODI: «Il problema del primo e ultimo istante in Walter Burley», *Medioevo* 9 (1983) 137-178.

Os *Syncategoreumata* de P.H. são um dos primeiros textos onde se começa a estabelecer uma ligação entre lógica e física na análise dos problemas lógicos e semânticos dos verbos *incipit* e *desinit*.

FERREIRA, José Augusto: *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga (sec. III-sec. XX)*, Mitra Bracaraense, Braga 1928-1935; vol II, 1931, pp. 62-65.

Sobre a eleição de P.H. como bispo de Braga e depois como papa João XXI.

FERREIRA, João: «A relevância de Pedro Hispano na Filosofia medieval», *Bracara Augusta* 16-17 (1964) 80-93 [= J. Ferreira 1984].

— «As *Súmulas Logicas* de Pedro Hispano e os seus comentadores», *Colectânea de Estudos*, IIª série, 3 (1952) 360-394.

— «Esboço sumário das ideias antropológicas de Pedro Hispano», *Itinerarium* 4 (1958) 326-341 [A versão original deste artigo é J. Ferreira, 1960].

— «Importância histórico-filosófica de Pedro Hispano no contexto da escolástica», *Leopoldianum. Revista de estudo e comunicações* 11, nº31 (1984) 99-110 [= J. Ferreira, 1964].

— «Introdução ao estudo do *Liber de Anima* de Pedro Hispano», *Revista Filosófica* 9 (1953) 178-198.

Identificação do *modus exponendi* usado por P.H. na *Scientia libri de anima* que consiste, em determinadas passagens, em expor doutrinas que não partilha introduzindo-as por uma expressão dubitativa (*censetur*, *dicitur*, *videtur*, etc.) para concluir com outra introduzida por uma adversativa (*at vero*, etc.) onde expõe a sua posição. A detecção deste procedimento permite distinguir entre que Pedro critica e as suas próprias posições. A sua conclusão é que tende a «mitigar a doutrina de Avicena augustinizando-a» (p. 187)

— «John XXI», *New Catholic Encyclopedia*, New York 1962, vol. VII, p.

- «L’homme dans la doctrine de Pierre d’Espagne», em *L’homme et son destin d’après les penseurs du Moyen Age. Actes du premier Congrès International de Philosophie médiévale : Louvain-Bruxelles, 28 août-4 septembre 1958*, Ed. Nauwelaerts, Louvain-Paris 1960, pp. 445-461 [versão em português: J. Ferreira, 1958].
 - «Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano», em Pedro Calafate (org.): *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Ed. Caminho, Lisboa 1999, pp. 299-329.
 - «O Papa João XXI e o priorado de Santo André de Maфра», *Studium Generale* 1, 3-4 (1955) 359-364.
 - «O problema de Deus em Pedro Hispano», *Filosofia* 7 (1955) 164-176.
 - «Os estudos de Pedro Hispano», *Colectânea de Estudos* 5/3 (1954) 195-210.
 - «Pedro Hispano (c. 1210/1215-1277)», em Joel Serrão (dir.), *Dicionário da História de Portugal*, Iniciativas Editoriais, Lisboa 1971, vol. II, pp. 441-442.
 - *Presença do augustinismo avicenizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano (Pars dissertationis)*, Editorial Franciscana, Braga 1959, 50 pp. [também publicado em: *Itinerarium* 5 (1959) 29-68]; [Dissertação de *laurea* no Ateneo Antoniano de Roma, 1953]. Estudo da doutrina dos intelectos (possível, agente e inteligência separada) na *Scientia libri de anima* concluindo que há aí um sincretismo onde se associam Aristóteles, Agostinho/agostinismo e Avicena (p. 50)
 - «Temas de cultura filosófica portuguesa. Sobre a posição doutrinal de Pedro Hispano», *Colectânea de Estudos* 5/1 (1954) 48-56.
Rejeita a interpretação, outrora corrente, do tomismo de P.H.
 - «Um grande português nas cortes de Leiria de 1254: Mestre Pedro Julião (†1277)», *Revista Filosófica* 10 (1954) pp. 92-97 [este estudo reproduz com correcções o publicado em *O Mensageiro*, Leiria, 03.04.1954].
- FLICHE, Augustin: «Un pape portugais: Jean XXI (1276-1277)», *Congresso do Mundo Português, II Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História Medieval. IIº Congresso - Secção de Congressos*, Lisboa 1940, pp. 664-674.
- FRAILE, Guillermo: *Historia de la filosofía española. Desde la época romana hasta fines del siglo XVII*, rev. por T. Urdañoz, Biblioteca de Autores Cristianos; Madrid 1971, pp. 161-164.
Apresentação biográfica, conteúdo e influência das *Summulae*; indica o título de outras obras atribuídas a P.H.
- GAMBA, Ulderico: «Commenti latini al *De mystica theologia* del Pseudo-Dionigi Areopagita fino al Grossatesta», *Aevum*, 16 (1942) 251-271, cfr. pp. 259-261, 270-271.
Mostra que o comentário atribuído a P.H. é o mesmo que foi publicado na *Patrologia latina*, vol. 122, onde está atribuído a João Escoto Eriúgena. Discute a atribuição a P.H. do comentário *De mystica teologia*, considerando que o “pseudo-Escoto” deve ser atribuído de facto a Tomás Gaulês, por lhe parecer que Pedro Hispano é demasiado tardio. Conclui também que o comentário é uma paráfrase amplificada da *Extractio* de Tomás, mas anterior (cfr. p. 271). Em anexo edita o prólogo geral dos comentários de P.H., com base no ms. de Munique, lat. 7938, f. 4.
- GAMBRA, José Miguel: «The Fallacy of the Accident in Peter of Spain’s *Tractatus* and in other Thirteenth-Century Works», em Ignacio ANGELELLI — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (Philosophische Texte und Studien, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 21-60.
A falácia do acidente constitui o núcleo doutrinal de uma investigação que procura determinar: 1) o grau de dependência ou independência entre as súmulas lógicas de P.H., de Lamberto de Auxerre e de Guilherme de Sherwood; 2) se as versões curta e longa do tratado VII (sobre as falácias) pertencem a um mesmo autor ou se são de diferentes autores; 3) qual a relação da obra de P.H. com textos similares de ambiente dominicano, onde ocorre a primeira difusão daquela obra. Conclui o A. que: a obra de P.H. é independente da dos outros sumulistas, embora existam pontos de contacto com textos anteriores comuns à tradição dita parisiense,

sendo que Guilherme se distingue por pertencer à tradição dita oxoniense; as *Fallaciae maiores e minores* não são de um mesmo autor e P.H. será apenas autor das Maiores (tal como de Rijk já havia concluído); por outro lado, Tomás de Aquino, que provavelmente conhecia a obra de P.H., será o autor do *De falaciis*, que em alguns manuscritos ocupa o lugar do Tratado VII, e Raimundo Lúlio copiou também ele o *De falaciis* de Tomás quando escrevia a sua *Logica nova*. Para além de alguns elementos partilhados com outros autores sobre a falácia do acidente, a exposição de P.H. contém elementos que a diferenciam das outras: distingue dois tipos de acidente na falácia; o *principium motivum* é a diversidade *secundum rationem* do termo médio quando este é repetido; também possui uma divisão em modos, segundo os predicáveis (cfr. pp. 51-52).

GIL-SOTRES, Pedro: *Scripta Minora de flebotomia en la tradición médica del siglo XIII*, (Cuadernos de Historia de la Medicina. Cátedra de Historia de la Ciencia), Universidad de Cantabria, Facultad de Medicina—EUNSA, Ediciones Universidad de Navarra, Santander—Pamplona 1986, pp. 37-44 [estudo], 84 [edição do *De phlebotomia*].

No parágrafo 3 do cap. 2 («La variante “Si necessitas fuerit in omni tempore...”, presunta producción de Pedro Hispano»), mostra-se a semelhança deste curto texto atribuído nos mss. a Petrus Juliani, com os atribuídos a Beda (pseudo) e a Arnaldo de Villanova (pseudo), todos dependentes de um arquétipo comum do século XI. A edição do *De phlebotomia* baseia-se no ms. Graz, UB, 94, f. 83r-v.

GAUTHIER, René-Antoine: «Préface», *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima*, (Opera Omnia t. XLI*1) Commissio Leonina — Librairie Philosophique J. Vrin, Roma — Paris 1984, cfr. pp. 236*-242*.

No capítulo da introd. relativo às fontes de S. Tomás, na secção sobre os comentários da translatio vetus do *De anima*, são sucessivamente abordados a *Expositio librorum II-III De anima* outrora editada por Alonso como de Pedro Hispano e aqui atribuída a um pseudo (pp. 236*-238*), a *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II* que o autor data de c. 1240 em Toulouse, enquanto a *Scientia libri de anima* é datada de Portugal, c. 1250-1260 (pp. 239*-242*).

— «Préface», *Sancti Thomae de Aquino, Expositio libri Peryermenias*, editio altera retractata (Opera Omnia t. I*1), Commissio Leonina — Librairie Philosophique J. Vrin, Roma — Paris 1989, pp. 1*-86*, cfr. pp. 52*-53*, 56*-64*.

Sobre a data dos *Tractatus* de P.H. (Midi da França, antes de 1245) e primeira difusão (por volta de 1270). Analisa também as *Fallaciae* atribuídas a Tomás de Aquino a partir da primeira década do século XIV, mostrando que dependem do próprio *Tractatus VII* (p. 58*-seg.) e que não podem ser obra de Tomás.

GEYER, Bernhard: «Zu den *Summulae logicales* des Petrus Hispanus und Lambert von Auxerre», *Philosophisches Jahrbuch der Görresgesellschaft*, 50 (1937) 511-513.

Contra a tese de H.-D. Simonin que, em artigos de 1930 e 1935, considerava que o autor das *Summulae logicales* foi Dominicano.

GHIBELLINI, M.: «Il libro degl'occhi di Pietro Hispano», *Atti del XXI Congresso internazionale di storia delle medicina. Siena, 22-28 settembre 1968*, 2 vol., Arti Grafiche Cossidente, Roma s/d [1969], t. II pp. 139-147. GIACON, Carlo: «La *suppositio* in Guglielmo di Occam e il valore reale delle scienze», *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge. Actes du 4.e Congrès International de Philosophie Médiévale. Montréal, 27 août - 2 septembre, 1967*, Institut d'Études Médiévales - Librairie Philosophique J. Vrin, Montréal - Paris 1969, pp. 939-948.

P.H. (lógica) é citado como émulo de Lambert de Auxerre (cfr. p. 940, n. 1 fim).

GIARD, Luce: «Pierre Crockaert lecteur de Pierre d'Espagne», em *Logique et théologie au XVI.e siècle aux sources de l'argumentation de Martin Bucer*, (Cahiers de la Revue de Théologie et de Philosophie, 5) Genève-Lausanne-Neuchâtel 1980, pp. 3-26.

Para além de fixar a biografia e obras de Pedro Crockaert (ou de Bruxelas, c. 1470-1514), analisa em leitura comparada de P.H. e P.Cr. o estatuto da lógica e a doutrina da forma e natureza da proposição.

GILSON, Étienne: *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, Random House, New York 1955 (Ed. ut.: Sheed and Ward, London 1989, 3ª reimp.), pp. 319-323, 680-682 (notas 40-44).

Nestas pp. o A. oferece uma síntese da *Scientia libri de anima*, analisando as suas posições doutrinárias e concluindo que a obra é o único testemunho de “Avicenisimo latino” conhecido.

— «Les sources greco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 4 (1929/30) 5-149 [reimpr.: Vrin Reprise, Paris 1986, que inclui Louis MASSIGNON: «Notes sur le texte original du De intellectu d'Al Farabi», *Archives*

d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge, 4 (1929/30) 151-158]

Nas pp. 105-107 (com que o estudo termina) Gilson evoca a teoria das duas faces da alma no *Comentário* sobre o de Animalibus, pouco antes divulgado por Grabmann (mas que Gilson parece confundir com as obras sobre a alma), teoria essa expressamente referida a Avicena. Gilson declara esperar que as obras de Pedro Hispano a publicar tragam «une preuve décisive de la généralité et de l'importance du mouvement d'idées que nous avons essayé de définir» (p. 107). Ao mesmo tempo associa as posições avicenianas de P.H., e augustinianas, com a reacção anti-tomista de 1277, de que João XXI «est pour une part responsable».

GLORIEUX, Palémon: *La faculté des arts et ses maîtres au XIII.e siècle*, (Études de Philosophie Médiévale 59), Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1971. [ver acima secção repertórios]

GODDU, André L.: «Consequences and Conditional Propositions in John of Glogovia's and Michael of Biertrzykowa's Commentaries on Peter of Spain, and their Possible Influence on Nicholas Copernicus», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age*, 62 (1995) 137-188.

A recusa dos paradoxos da implicação estrita e a discussão da relação lógica entre antecedente e consequente nos comentários sobre o *Tractatus* de P.H. por João de Glogów (Iohannes Glogoviensis) e por Miguel de Biertrzykowa (Michael Parisiensis, Michal Twaróg z Bystrzykova), professores na Universidade Jagielônica de Cracóvia em 1468-1507 e sua influência em Nicolau Copérnico. Inclui em anexo a edição de excertos de dois comentários sobre o *Tractatus* por Iohannes (um deles no ms. Kraków, BJ, 25) e excertos de outros dois comentários por Michael.

— «The Logic of Copernicus's Arguments and His Education in Logica at Cracow», *Early Science and Medicine. A Journal for the Study of Science, Technology and Medicine in the Pre-modern Period*, 1 (1996) 28-68, cfr. pp. 35-42, passim.

Os comentários de João de Glogóvia e Michael de Biertrzykowa sobre o *Tractatus* de P.H., nomeadamente sobre os paradoxos da implicação estrita e sobre a lógica das consequências, indiciam que os ensinamentos destes dois mestres de lógica na Universidade de Cracóvia terão sido seguidos e acolhidos por Nicolau Copérnico na construção de argumentos que exigem a relação real entre antecedente e consequente como condição de validade dos condicionais hipotéticos.

GOLDSTEIN[-PRÉAUD], Tamara Myriam: «Albert le Grand et les questions du XIII.e siècle sur le *De animalibus* d'Aristote», *History and Philosophy of the Life Sciences*, 3 (1981) 61-71.

— *Gérard du Breuil et la zoologie aristotélicienne au XIII.e siècle*, Dissertation, École Nationale des Chartes, Paris 1969, 353 pp.

Após o estudo da zoologia na universidade medieval e do comentário de Gerardo de Breuil, a terceira parte (pp. 67-126) é dedicada aos comentários atribuídos a P.H. nos mss. de Madrid (BN, 1877) e de Florença (BL, Conv. soppr. 4835), que a autora conclui pertencerem ao mesmo autor por possuírem certas questões e temas em comum, apesar de também encontrar neles posições divergentes (pp. 74-91). O mesmo se passa em relação às fontes, umas vezes coincidentes outras divergentes (cfr. pp. 99-102). Encontra ainda semelhanças entre estes dois comentários e os comentários sobre as Dietas de Isaac (p. 94). O estudo inclui nas pp. 74-91 transcrições de excertos de ambos os manuscritos. Em apêndices são publicadas questões do ms. de Madrid (pp. 149-152, 158-161, 164-167, 170-172, 176-179) e do de Florença (pp. 152-155, 160-162, 167-168, 172-174, 180-182) e as respectivas listas de questões (pp. 213-262 e 263-340).

— «Gerard du Breuil et la zoologie aristotélicienne au XIII.e siècle», *Position des thèses soutenues par les élèves de la promotion de 1969 pour obtenir le diplôme d'archiviste paleographe*, École des Chartes, Paris 1969, pp. 61-68.

Principais conclusões da dissertação com o mesmo título. No que se refere a P.H. a autora conclui ser ele o autor dos comentários nos mss. de Madrid (BN, 1877) e de Florença (BL, Conv. soppr. 4835), com base na semelhança de certas soluções. A versão florentina existiria ainda em duas versões modificadas nos mss. Firenze, BL, LXXXIII 24 e Venezia, BM, Cl. VI 234. Sugere que o comentário madrileno foi realizado por P.H. aquando do ensino de Artes em Paris e o de Florença quando iniciou os seus estudos em medicina.

GRABMANN, Martin: *Bearbeitungen und Auslegungen der aristotelischen Logik aus der Zeit von Peter Abaelard bis Petrus Hispanus. Mitteilungen aus Handschriften deutscher Bibliotheken*, (Abhandlungen der Preußischen Akademie der Wissenschaften, Jahrgang 1937, Phil.-hist. Klass, 5), Akademie der Wissenschaften, Berlin 1937 [reimpr.: Martin Grabmann, *Gesamelte Akademieabhandlungen*, b. I, Ferdinand Schöningh V., Paderborn 1979, pp. 1361-1417].

Apesar de referido no título, P.H. é apenas um limite cronológico, não sendo particularmente estudado.

- «Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 11 (1937-38) 167-208.
Inclui a primeira edição de excertos da *Scientia* (X, cap. 5-7; XIII, cap. VIII; índice de cap.). Este estudo determinaria as interpretações seguintes da obra, porquanto a incluiria dentro agostinismo avicenizante (cfr. p. 180). Note-se que no índice dos AHDLMAs este artigo é anunciado com o título "Johannes XXI Liber de Anima".
- «Ein ungedrucktes Lehrbuch der Psychologie des Petrus Hispanus (Papst Johannes XXI. † 1277) im Cod. 3314 der Biblioteca nacional zu Madrid», *Spanische Forschungen der Görresgesellschaft*, 1 (1928) 166-173 [Rec.: J. Koch, *Theologisch Revue*, 7 (1928) 268-269].
Primeiro estudo sobre a *Scientia libri de anima* de P.H., com algumas sugestões relativas aos outros textos do ms. que levariam à sua (errada) atribuição a P.H.
- *Gesammelte Akademieabhandlungen (1922-1944)*, Einleitung M. SCHMAUS, 2 Band, (Veröffentlichungen des Grabmann-Institut, N.F., 25, 1-2) Ferdinand Schöningh, Paderborn-München-Wirm-Zürich 1979.
- *Guglielmo di Moerbeke O. P. il traduttore delle opere di Aristotele*, t. II: *I papi del duecento e l'Aristotelismo*, trad. Alfredo Parisella, (Miscellanea Historiae Pontificiae, 11) Pontificia Università Gregoriana, Roma 1946, pp. 48-54.
Nas pp. referidas o A. ocupa-se da relação entre J. XXI e G.M., penitencial papal.
- *Handschriftliche Forschungen und Funde zu den philosophischen Schriften des Petrus Hispanus, des späteren Papstes Johannes XXI. († 1277)* (Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-historische Abteilung, 9), Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, München 1936, 132 pp. [repr.: Martin Grabmann, *Gesammelte Akademieabhandlungen*, Ferdinand Schöningh V., Paderborn 1979, II pp. 1123-1254].
- «Kaiser Friederich II. und sein Verhältnis zur aristotelischen und arabischen Philosophie», *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1936, vol. II, pp. 103-137, cfr. pp. 108, 114, 124-128.
O A. reúne todos os elementos conhecidos para sustentar a identidade entre o lógico, o filósofo e o médico com o papa João XXI. [Comunicação apresentada ao Internationales Historikerkongreß, em Oslo, Agosto de 1928, apenas publicada em 1936, mas actualizada, como se verifica pelas notas bibliográficas].
- *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, 3 vol., Max Hueber Verlag, München, 1926, 1936, 1956, cfr. vol. II pp. 108, 114, 124-128, vol. III: pp. 201-203.
- *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*, (Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, Philosophisch-philologische und historische Klasse, 5) Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, München 1928, 114 pp., cfr. pp. 63-65, 98-113 [reimpr.: M. Grabmann, *Gesammelte Akademieabhandlungen*, Paderborn 1979, I pp. 383-495].
Dá conta da descoberta de obras de P.H. em manuscritos da BN de Madrid, em particular o *De animalibus* e no ms. 1877 (cfr.: § 11. «Medizinische Traktate und der Kommentar des Petrus Hispanus zur aristotelischen Tiergeschichte im Cod. 1877 der Biblioteca nacional zu Madrid», pp. 98-113), mas também sugere que a *Expositio* e os comentários sobre os *parva naturalia* do ms. 3314 também pertencem a P.H., para além da *Scientia* sobre cuja autenticidade não tem dúvidas (cfr. pp. 63-65).
- «Ps. Dionysius Areopagita in lateinischen Übersetzungen des Mittelalters», em *Beiträge zur Geschichte des christlichen Altertums und der byzantinischen Literatur. Festgabe Albert Ehrhard zum 60 Geburtstag (14 März 1922)*, Schroder, Bonn-Leipzig 1922, pp. 180-199 [estudo depois reeditado com o título: «Die mittelalterlichen lateinischen Übersetzungen der Schriften des Pseudo-Dionysius Areopagita», em *Mittelalterliche Geistesleben*, München 1926, vol. I, pp. 449-468, cfr. p. 460, n. 40].
Este estudo de 1922 contém a primeira referência (catálogos excluídos) ao comentário sobre as obras de Dionísio Areopagita, com base no ms. München, BSB, lat. 7983. Grabmann tem algumas reservas sobre a

identificação deste P.H. com o que depois foi papa, acrescentando que não se conhece outro autor escolástico com o mesmo nome, mas que a obra não é mencionada pelos bibliógrafos clássicos entre as que lhe são atribuídas.

- «Reciente descubrimiento de obras de Petrus Hispanus (Papa Juan XXI † 1277)», *Investigación y Progreso*, 2 (1928) 85-86.

GREEN-PEDERSEN, Niels Jorgen: Nicolaus Drukken de Dacia's Commentary on the Prior Analytics-with Special Regard to the Theory of Consequences», *Cahiers de l'Institut du Moyen Âge Grec et Latin*, 37 (1981) 42-69

Refere a influência do Tractatus de P.H., entre outros autores, sobre este comentário.— *The Tradition of the Topics in the Middle Ages*, (Analytica. Untersuchung zu Logik, Ontologie und Sprachphilosophie) Philosophia Verlag GmbH, Munich-Viena 1984.

GREGOROVIVUS, F.: *History of the City of Rome*, London 1897, pp. 475-477 [trad. ital.: *Storia della città di Roma nel medioevo*, trad. Luigi Trompeo, Roma 1942, vol. IX, pp. 233-234].

Cit. no art. de Hauck, talvez estas pp. se ocupem de factos políticos em que o papa se envolveu.

- *Le tombe dei papi*, 2ª ed. riv. C. Huelsen, Roma 1931, pp. 47 e 133.

GRUMEL, V.: «Les ambassades pontificales à Bizance après le II. concile de Lyon, 1274-1280», *Echos d'Orient* 27 (1924) 437-447.

Inclui o período do papado de J. XXI.

HANST, Michael: «Johannes XXI. (Petrus Hispanus)», *Biographisches-Bibliographisches Kirchengeschichte*, Verlag Traugott Bautz, Herzberg 1992, Band III, col. 224-228 [Disponível na internet: http://www.bautz.de/bbkl/j/Johannes_XXI.shtml].

Data as *Summulae* "de 1250" e refere que esta obra influenciou Martinho Lutero e Melanchton.

HASKINS, Charles Homer: «Science at the Court of Frederick II», em IDEM, *Studies in The History of Mediaeval Science*, Cambridge 1924.

Refere-se a ligação do médico P.H. à corte de Frederico II.

- *Studies in Mediaeval Culture*, Frederick Ungar Publishing Co. New York 1929.

No capítulo/artigo «Latin Literature under Frederick II» o A., entre os autores que dedicaram obras a Frederico II, inclui P.H., mas de um modo cauteloso: «13 (?). Petrus Hispanus (later Pope John XXI), if we accept the doubtful ascription in Harleian Ms 5218, f. 1: Epistola magistry Petri Hyspani missa ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis» (p. 131); remete de seguida para a fonte da informação: Thorndike 1923 II 489 e Grabmann 1928 98-113.

HASSE, Dag Nikolaus: *Avicenna's De Anima in the Latin West: The Formation of a Peripatetic Philosophy of the Soul 1160-1300*, (Warburg Studies and Texts, 1) The Warburg Institute—Nino Aragno Editore, London—Torino 2000, pp. 55-60, passim.

Análise das obras psicológicas de P.H. (comentário ao *De anima* e *Scientia*) no âmbito da recepção e influência de Avicena. A *Scientia* é considerada «perhaps the most Avicennian work written in the West» (p. 55). Embora no comentário também seja assinalada importante presença de Avicena, essa é constante na *Scientia* («there is hardly a single chapter in Avicenna's book wich is not quoted or somehow adopted by Petrus», p. 59) e o autor assinala mais de 110 citações [que são sempre citações mudas] do *De anima* de Avicena na *Scientia* de P.H., cfr. p. 59, n. 274 e o «Index locorum» das pp. 234-314 onde essas citações são identificadas.

HAUCK, A.: «John XXI. (Pedro Juliani)», *New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, Based on the third edition of the Realencyklopädie founded by J. J. Herzog, and edited by Albert Hauck*, 13 vol., Funk & Wagnalls Co., New York — London, 1908-1914, Vol. VI *Innocents – Liudger*: p. 201 [fac-simile desta página disponível em: <http://www.ccel.org/php/disp.php3?a=schaff&b=encyc06&p=201>].

Brevíssimo artigo, mas indicando explicitamente que é no séc. XIV que começa a crença que faz coincidir o papa João XXI com o Petrus Hispanus médico e autor de lógica.

HEATH, T.: «Logical Grammar, Gramatical Logic and Humanismus in Three German Universities», *Studies in the Renaissance*, 17 (1971) 9-64 [rec.: R. PAQUÉ, *Revue d'histoire ecclésiastique* 68, 1973, p. 264].

Estuda o declínio do recurso às *Summulae* logicales no final do séc. XV-início do XVI, em três universidades

alemãs: Tübingen, Ingolstadt e Fribourg-en-Brisgau, suplantadas por obras de humanistas italianos como o *De inventionem dialecticam* de Rudolfo Agrícola.

HEIDINGSFELDER, F.: «Johann XXI», *Lexikon für Theologie und Kirche*, Band V, Freiburg i. B. 1933, col. 472-473.

HENRY, Desmond Paul: *Medieval Mereology*, (Bochumer Studien zur Philosophie 16), B.R. Grüner, Amsterdam-Philadelphia (Penn.) 1991.

O *Tractatus* de P.H. é uma das obras estudadas entre o grupo das que primeiro se ocuparam da lógica das partes e do todo.

HIRTH, Wolfgang: «Corpusbildung in der deutschsprachigen medizinischen Fachliteratur des Mittelalters», *Südhofts Archiv* 66 (1982) 239-275.

HISSETTE, R. — Johan van PARYS: «Le missel manuscrit de Ter Doest: Bruges, Grand Sém. 49/18, et ses deux *Regimina Sanitatis*», *Scriptorium*, 41 (1987) 58-77.

O regimento de saúde em prosa que se encontra na primeira parte deste ms. do séc. XV é influenciado pela obra de Pedro Hispano.

JACOBI, Klaus: *Die modalbegriffe in den logischen Schriften des Wilhelm von Shyreswood und in aanderen Kompendium 12. und 13. Jahrhundert. Funktionsbestimmung und Gebrauch in der logischen Analyse*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters 13), E.J.Brill, Leiden-Köln 1980.

Neste imponente estudo sobre a lógica da modalidade na Idade Média, conduzido a partir das obras de Guilherme de Shyreswood, P.H. é um dos autores estudados e por diversas vezes aduzido.

— «Dialectica est ars artium, scientia scientiarum», em Ingrid CRAEMER-RUEGENBERG — Andreas SPEER (Hrsg.): *Scientia und ars im Hoch- und Spätmittelalter*, (Miscellanea Mediaevalia 22) Walter de Gruyter, Berlin-New York 1994, pp. 307-28.

P.H. e o *Tractatus*, que começa com as palavras do título do estudo, está entre os autores estudados.

JACQUART, Danielle: «Pietro Hispano (Petrus Hispanus)», em A. VAUCHEZ (dir.), *Dizionario enciclopédico del Medioevo*, 3 vol., trad., Città Nuova, Roma 1999, vol. III, pp. 1478-1479.

KANTOROWICZ, E.: *Kaiser Friederich der Zweite*, Berlin 1927 [ed. ut.: *L'empereur Frédéric II*, Trad. Albert Kohn (Bibliothèque des Histoires) Éditions Gallimard, Paris 1987].

Referências ao círculo médico e científico da corte do imperador, onde aparece P.H.

KEIL, Gundolf: «Randnotizen zu Danielle Jacquarts Wickerheimers-Supplement», *Südhofts Archiv*, 66 (1982) 172-185, cfr. p. 184.

KELLY, J.N.D.: *The Oxford Dictionary of Popes*, Oxford University Press, Oxford 1986, pp. 200-201: «John XXI».

KIRCH, J.P.: «Pope John XXI (XX)», *The Catholic Encyclopedia: an international work of reference on the constitution, doctrine, discipline, and history of the Catholic Church*, 17 vol., Robert Appleton Company, New York 1907-1918, vol. VIII (1910) [ed. electrónica por Kevin Knight, URL Dez. 2000: <http://newadvent.org/cathen/08429c.htm>].

Embora se aceite como boa a identificação do papa com o filósofo, o A. apresenta a actividade de João XXI com base na documentação do seu registo, mostrando a sua ampla actividade diplomática e de governo da Igreja, sendo por isso levado a questionar as críticas dos cronistas contemporâneos, não encontrando as razões que justifiquem as opiniões negativas que esses cronistas exprimiram acerca do papa.

KOCH, J.: Recensão a: «Grabmann, M. Eine unbekannte und ungedruckte 'De anima' des Petrus Hispanus (Papst Johannes XXI. 1277) im Cod. 3314 der Biblioteca nacional zu Madrid», *Teologish Revue*, 7 (1928) 268-269.

Curtíssima recensão sobre a descoberta da *Scientia libri de anima* de P.H.

KÖHLER, Johann Tobias: *Vollständige Nachricht von Pabst Johann XXI. welcher unter dem Nahmen Petrus Hispanus als ein gelehrter Arzt und Weltweiser berühmt ist*, Victorinus Bossiegel, Göttingen 1760, 68 pp.

Obra dividida em duas partes. Na primeira parte apresenta a origem, ciência e obras de Pedro Hispano, onde se inclui um elenco das obras filosóficas e médicas (pp. 1-29). Na segunda parte ocupa-se mais em particular

do papado e dos juízos de que foi alvo pelos cronistas e historiadores, ascensão ao sólio pontifício, governo da igreja, morte e carácter (pp. 29-68).

KÖHLER, Theodor Wolfram: *Der philosophisch-antropologische Diskurs im dreizehnten Jahrhundert. Die Erkenntnisbemühungen um den Menschen im zeitgenössischen Verständnis* (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 71) E.J. Brill, Leiden 2000 [cfr. sub indicem].

— «Die wissenschaftsteoretische und inhaltliche Bedeutung der Rezeption von *De animalibus* für den philosophisch-antropologischen Diskurs im 13. Jahrhundert, em Carlos STEEL — G. GULDENTOPS — P. BEULLENS (eds.): *Aristotle's Animals in the Middle Ages and Renaissance*, (Mediaevalia Lovaniensia. Studia, 27) Leuven University Press, Leuven 1999, pp. 249-274, cfr. pp. 251-259 e seg.

— «*Processus narrativus*. Zur entwicklung des Wissenschaftskonzept in der Hochscholastik», *Salzburg Jahrbuch für Philosophie*, 39 (1994) 109-127, cfr. pp. 123-125.

— KOHLMEIER, Johann: «*Vita est actus primus*. Ein Beitrag zur Erhellung der Geschichte der Philosophie der ersten Hälfte des 13. Jahrhunderts anhand der Lebensmetaphysik des Petrus Hispanus», *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 16 (1969) 40-91, 287-320.

KOKOSZYNSKA, M.: «Nauka o supozycji terminow wedlug Piotra Hiszpana», *Przegląd Filozoficzny*, 37 (1934) 235-261. Sobre a teoria da suposição nas *Summulae*.

KOPP, C.: «Tractatus, später: *Summulae logicales*», *Lexikon der philosophischen Werke*, Kröner, Stuttgart 1988, p. 715.

Constata a diferença e relação entre a *logica antiquorum* e a *logica modernorum*.

KRETZMANN, N.: «Peter of Spain», em P. EDWARDS (ed.) *The Encyclopedia of Philosophy*, vol. VI, Macmillan Publishing, New York-London 1967 (reprint 1972), pp. 125-126.

KRETZMANN, N. — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DIJK: «L. M. de Rijk on Peter of Spain», *Journal of the History of the Philosophy*, 16 (1978) 325-333.

Recensão da edição de de Rijk do *Tractatus* de P.H., com revisão de algumas leituras paleográficas e opções editoriais; discute-se também a relação com as *Summulae antiquiores*, consideradas anteriores ao *Tractatus*.

KRETZMANN, N. — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DIJK: Review : «Peter of Spain *Tractatus*», ed. L. M. de Rijk, *Philosophical Review* 84 (1975) 560-567.

Recensão da edição de de Rijk do *Tractatus* de P.H., com revisão de algumas leituras paleográficas e opções editoriais.

KRETZMANN, Norman — Eleonore Stump (eds.): *The Cambridge Translations of Medieval Logical Texts*, vol. I: *Logic and the Philosophy of Language*, Cambridge University Press, Cambridge 1988, pp. 79-101, 216-261.

Após uma breve nota biográfica (pp. 79-80) editam-se traduções de partes do *Tractatus*: tratados II (pp. 80-88), III (pp. 88-101), IV (pp. 216-226), V (pp. 226-244), VII §§ 57-76, 150-163 (pp. 245-261).

KRISTELLER, Paul Oskar: «Bartholomaeus, Musandinus and Maurus of Salerno and Other Early Commentators of the *Articella* with a Tentative List of Texts and Manuscripts», *Italia Medioevale e Umanistica* 19 (1976) 57-87 [edição revista em P.O. KRISTELLER 1986, citado a seguir].

— «Bartolomeo, Musandino, Mauro di Salerno e altri antichi commentatori dell'*Articella*, con un elenco di testi e di manoscritti», em P.O. KRISTELLER, *Studi sulla Scuola medica salernitana*, Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, Napoli 1986, pp. 97-151.

Estudo sobre o corpus de textos que integram a *Articella*, seu uso nos meios médicos e universitários, com abundantes elementos sobre os comentários médicos de P.H., sua difusão e manuscritos. Edição revista do estudo publicado em 1976.

KUKSEWICZ, Zdzislaw: «Averroistic 14th Century Bolognese Texts in the Ms BJ 742», *Mediaevalia Philosophica Polonorum* 29 (1988) 9-48.

Estudo de um manuscrito que contém um comentário ao *Tractatus / Summulae logicales* de P.H.

- LAMBERTINI, Gastone: «Giovanni XXI, il Pontefice che in gioventù fu docente di medicina», *Osservatore Romano*, 10 maggio 1989, p. 3.
- LAURENT, Marie-Hyacinthe: «De Petro Hispano et Summulis logicalibus», Roma 1938 [texto nunca publicado].
Na bibliografia a «Il soggiorno...» (ver estudo seguinte, p. 46) o A. anuncia este estudo como introdução à edição de Bochenski, *Petri Hispani Summulae logicae*, com edição prevista para 1938, mas que só seria de facto publicado em 1947, mas sem esta introdução e com o autor a explicar: «R.P.H.D. Laurent benevolentissime doctam ad hanc editionem praefationem olim scripserat. Dolet me illam hic typis dare non posse post tantos annos elapsos» (p. VI).
- «Il soggiorno di Pietro Ispano a Siena», *Bolletino Senese di Storia Patria*, n.s., 16 (1938) 42-47 [separata, pp. 1-6].
(ver acima: I. Documenta).
- «Maître Pierre d'Espagne fût-il Dominicain?», *Divus Thomas* 39 (1936) 35-45.
Contra a tese de H. Simonin, para quem o P.H. autor das *Summulae logicae* foi Dominicano. Nas pp. 39-43 expõe e discute os testemunhos de Salimbene e de Ptolomeu de Luca.
- LAWN, Brian: *The Salernitan Questions. An Introduction to the History of Medieval and Renaissance Problem Literature*, Clarendon Press, Oxford 1963, pp. 76-78, 207-208 [trad. ital. revista pelo A.: *I Quesiti Salernitani. Introduzione alla storia della letteratura problematica medica e scientifica nel Medio Evo e nel Rinascimento*, trad. A. Spagnuolo, Di Mauro, Napoli 1969, pp. 98-100, 112, 180-184].
As relações de P.H. com a escola médica salernitana e com a corte de Frederico II são postas em relevo através de indícios recolhidos nas próprias obras médicas e em especial nos *Problemata* extraídos do *Comentário sobre o De animalibus* (ms. de Madrid), identificaos em 9 manuscritos (mais 1 na trad. italiana revista, cfr. p. 98 n. 27).
- LEVET, Jean-Pierre: «Pierre d'Espagne et la tradition scientifique greque (logique et médecine)», *Gengo Bunka* [=Linguagem e Culturas], Tóquio, 9 (1992) 1-62.
O estudo filológico e científico das fontes do *Tractatus* e do *Thesaurus pauperum* permite verificar o modo como P.H. as utiliza segundo os seus interesses particulares. Nas pp. 6-32 é analisada a teoria do silogismo categórico (no *Tractatus* IV), nas suas particularidades e recurso às fontes aristotélicas. São depois estudadas as fontes clássicas e medievais do *Thesaurus pauperum* e do seu complemento *Tractatus de febribus*, em particular da presença da *Materia medica* de Dioscórides.
- LIBERA, Alain de: «Pierre d'Espagne (Petrus Hispanus Portugalensis)», em Geneviève HASENOHR— Michel ZINK (dir.): *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age*, (Dictionnaire des lettres françaises) Le livre de poche, Paris 1992 (2e éd.), p. 1171.
Breve notícia com elementos biográficos e sobre os aspectos de semântica lógica nas obras de P.H.
- «Pierre d'Espagne, XIII.e siècle (Petrus Hispanus Portugalensis)», em HUISMAN, Denis (dir.): *Dictionnaire des philosophes*, vol. II: (K-Z), PUF, Paris 1984, pp. 2064-2065; 2ª ed. revista: Paris 1993, pp. 2259-2260 (sem alterações).
Vida, obras (realce para o *Tractatus* e a semântica dos termos). No final, oposição esquemática entre Sigério de Brabante filósofo e P.H./papa J. XXI não-filósofo, a propósito da intervenção deste na condenação parisiense de 1277.
- Recensão de «H.A.G. Braakhuis, De 13de eeuwse Tractaten...» 1979, *Archives de Philosophie* 44 (1981) 137-141.
- LOBATO, Abelardo: «El Papa Juan XXI y los dominicos», *Mediaevalia. Textos e estudos* 7-8 (1995) 303-327.
Analisam-se: 1) as duas bulas papais de João XXI relacionadas com as condenações parisienses de 1277 pelo bispo Tempier e suas consequências no processo doutrinal que abrangeu doutrinas tomistas; 2) os juízos pejorativos sobre João XXI, nos historiadores dominicanos seus contemporâneos: Ptolomeu de Luca, Bernardo Gui, os cronistas anónimos de Colmar e de Rotweil, Francesco Pipino, Tiago de Varazze; 3) o limitado papel do papa João XXI na condenação de 1277, que terá cedido a influências e movimentos dentro cúria, que hoje não é possível conhecer em pormenor. Para o A., a atitude crítica dos dominicanos contra João XXI é explicada como uma reacção aos processos ou suspeitas levantadas contra Tomás de Aquino.
- LOMBA FUENTES, Joaquín: «Pedro Hispano», *Gran Enciclopedia Rialp*, Rialp, Madrid 1974, vol. 18, pp. 178-179.

Afirma que nos tempos livres do pontificado, J. XXI se ocupou a escrever algumas das suas obras (179a). Refere-o como autor de *Sermones praedicabiles* (179a). Conclia a abstracção de Aristóteles com a iluminação agostiniana (179b, final do artigo).

MACK, Peter: «Valla's Dialectic in the North. A Commentary on Peter of Spain by Gerardus Listrius», *Vivarium* 21 (1983) 58-72.

Estudo do comentário de G.L. sobre o *Tractatus* de P.H.

MACKENZIE, Jim: «Confirmation of a Conjecture of Peter of Spain Concerning Question-Begging Arguments», *Journal of Philosophical Logic* 13 (1984) 34-35.

Desenvolvimento axiomático de uma conjectura de P.H.

MAIERÙ, Alfonso: «Antonio de Scarperia's Commentary on Peter of Spain's Tractatus», em Ignacio ANGELELLI — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (Philosophische Texte und Studien, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 137-156.

Após a identificação do autor das *Recolectiones*, caracteriza-se este comentário, que deve provir do período em que o seu autor ensina em Perugia (após 1386-97). Nas terceira e quarta partes analisam-se as posições de Antonio sobre a natureza da lógica e sobre a linguagem mental, aspecto que testemunha o debate italiano a propósito desta questão. Em apêndice (pp.153-156) são editados excertos sobre as definições com que começa o *Tractatus*.

— «I commenti bolognesi ai Tractatus di Pietro Hispano», em BUZZETTI, Dino. — Maurizio FERRIANI — Andrea TABARRONI (ed.), *L'insegnamento della Logica a Bologna nel XIV secolo*, (Studi e memorie per la storia dell'Università di Bologna, n.s. 8), Istituto per la storia dell'Università di Bologna, Bologna, 1992, pp. 497-543.

O A: analisa um importante conjunto de comentários relacionados com a obrigação estatutária da Universidade de Bolonha que obrigava o mestre de artes a ler seis dos tratados das *Summulae* de P.H. Entre esses são examinados a *Expositio tractatus Petri Yspani* anónima (ms. Cremona, BC, 27), as *Expositiones tractatum secundum lecturam magistri Thomasii de Cremona* (ms. Bologna, BU, 2683), a *Expositio* de Chellino de Bologna (ms. Firenze, BML, Plut. LXXI. 28), o comentário de Tiago de Piacenza sobre os tratados I-VI (ms. Padova, BA, 391), as *Recolectiones super tractatus Petri Yspani* atribuídas a mestre Tiago de Udine (ms. Oxford, BL, Canon. misc. 203) e, por fim, ed infine as *Quaestiones super Tractatus* de Biagio Pelacani (mss. Venezia, BNM, lat. VI 63 (2550) e Oxford, BL, Canon. misc. 421). Segundo o A. os textos de Tomás de Cremona e de Chellino não podem ser directamente associados a Bolonha, embora seja neles evidente a influência desse ambiente. Em apêndice é publicada a lista dos sofismas inseridos nas *Quaestiones* Biagio Pelacani de Parma.

— «L'insegnamento della logica a Bologna nel secolo XIV e il manoscritto Antoniano 391», em ROSSETTI, L. (ed.): *Rapporti tra le Università di Padova e Bologna. Ricerche di filosofia, medicina, e scienza. Omaggio dell'Università di Padova all'«Alma Mater» bolognese nel suo nono centenario*, Edizioni Lint, Trieste-Padova 1988, pp. 1-24 [cfr. *University Training in Medieval Europe* cap. IV].

Entre as obras analisadas encontra-se o comentário de Tiago de Piacenza sobre o *Tractatus* de P.H.

— «Lo speculum puerorum sive terminus est in quem di Ricardo Billingham», *Studi medievali*, 10 (1969) 297-397.

Inclui descrição de manuscritos com comentários ao *Tractatus* de P.H. (Cracóvia).

— «Ralph Strode nel Ms Toledo- Cabildo 94-28», *Bulletin de Philosophie Médiévale*, 26 (1982) 156-164.

Descrição de ms. medieval que contém texto das *Summulae logicales* de P.H.

— *Terminologia logica nella tardo scolastica*, (Lessico intellettuale europeo, 8) Edizioni dell'Ateneo, Roma 1972 (cfr. sub indicem, p. 631).

Estuda também a influência de P.H. na lógica do final da Idade Média, sobretudo nas teorias das propriedades dos termos (*appelatio*, *ampliatio-restrictio*, *copulativo*, *confusio*) da lógica modal, da prova da proposição, do *sensus compositus-sensus divisus*.

— *University Training in Medieval Europe*, Transl. and. Ed. by D.N. Pryds (Education and Society in the Middle Age and Renaissance, 3) E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1994.

A obra reúne 5 estudos previamente publicados em italiano. O cap. 4 (sobre os programas de lógica em Bolonha no séc. XIV e o manuscrito Padova, antonianus 391, que contém comentários ao *Tractatus* de P.H.)

e o cap. 5 (sobre os métodos de ensino da lógica) fornecem novos elementos sobre o *Tractatus* e a sua difusão e influência, sobretudo no contexto universitário italiano.

MANEKIN, Charles H.: «When the Jews Learned Logic from the Pope. Three Medieval Translations of the Tractatus of Peter of Spain», *Science in Context* 10 (1997) 395-430.

Estudo das cinco traduções, dois comentários e uma abbreviatio do Tractatus em hebraico, que contribuíram para a difusão do valor prático da lógica, mesmo após o declínio do estudo de Aristóteles neste meio intelectual. Caracteriza-se cada uma das traduções, seu autor, contexto e difusão. Em nenhuma das versões hebraicas a obra de P.H. é intitulada *Summule logicales*, mas antes *Dialectica*, de acordo com a sua primeira palavra (cfr. n. 2). Apesar do título deste estudo, o A. afirma que em nenhum dos cerca de 40 ms. tidos em consideração, o *Tractatus* é atribuído ou associado a João XXI e que apenas 3 manuscritos referem o nome de P.H.. Por contraste, o A. observa que nas traduções hebraicas do *Thesaurus pauperum* se faz explicitamente a identificação entre Pedro e o papa João XXI.

— «Scholastic Logic and the Jews», *Bulletin de philosophie médiévale*, 41 (1999) 123-147.

O A. estuda a presença da lógica latina entre os judeus durante o final da Idade Média em três regiões distintas: sul de França, Espanha, Itália. O domínio da lógica latina é assinalável e o A. destaca as seis traduções para hebraico do Tractatus de P.H. e uma abbreviatio da mesma obra, nos séculos XIV-XV. O apêndice A (pp. 10-143) oferece a lista dos cerca de 40 manuscritos onde aqueles textos subsistem e que correspondem a cerca de metade do total de manuscritos hebraicos com traduções de obras filosóficas latinas (cfr. p. 124).

MANN, Horace K.: *Lives of the Popes in the Middle Ages*, London 1902, vol. XVI, pp. 31-56.

Cit. por A.M. Sá: André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, Lisboa 1956, p. 84.

MARENBO, John: *Later Medieval Philosophy (1150 - 1350). An Introduction*. Routledge and Kegan Paul, London-New York 1987, pp. 42-47.

Ocupa-se sobretudo das teorias lógicas, com breves referências a outros aspectos do pensamento de P.H.

MARKOWSKI, Mieczyslaw: «L'influence de Jean Buridan sur les universités d'Europe Centrale», em Zénon KALUZA — Paul VIGNAUX (org.): *Peuve et raisons a l'Université de Paris. Logique, Ontologie et théologie au XIV.e siècle*, (Études de philosophie médiévale, hors série) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1984, pp. 149-163.

Cita alguns manuscritos com comentários a Pedro Hispano de buridanistas, e um de Buridano.

MARMO, Costantino: *Semiotica e linguaggio nella scolastica: Parigi, Bologna, Erfurt 1270-1330. La semiotica dei modisti*, (Nuovi studi storici, 26) Istituto Storico Italiano per il Medioevo, Roma 1994, passim, cfr. sub indicem, p. 520.

Diversas referências ao Tractatus de P.H., em particular as *Falácias*, a propósito da generalidade dos problemas tratados nesta investigação sobre a lógica modal (necessário, possível e impossível), nomeadamente sobre a voz e a significação, a equivocidade, a sintaxe e a ambiguidade dos enunciados.

MARTINELLI, Lucien: *Thomas d'Aquin et l'analyse linguistique*, Institut d'Études Médiévales, Montréal 1963, pp. 21-24.

Sobre a provável influência de P.H. em Tomás de Aquino (apenas deduzida do facto de o Tractatus ser muito difundido).

MARTINS, Diamantino: «O De Anima de Pedro Hispano», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 260-294.

Apresentação *pari passu* da *Scientia libri de anima* de P.H., que interrompe sem entrar nos dois últimos tratados. Os estudos de J. Ferreira, de 1953 e 1959, são uma refutação de passos desta leitura proposta por D. Martins.

MARTINS, Mário: «Os comentários de Pedro Hispano ao Pseudo-Dionísio Areopagita», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 295-314 [reed. como cap. XXVIII de IDEM, *Estudos de literatura medieval*, Livraria Cruz, Braga 1956, pp. 359-378].

Inclui a edição e tradução do prólogo geral de P.H. sobre o *corpus* dionisiano.

— «Pedro Hispano, um Mestre da arte de pensar», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa - Classe de Letras* 18 (1977) 181-192.

MCCANLES, Michael: «Peter of Spain and William of Ockham: From Metaphysics to Grammar», *The Modern Schoolmann*, 43 (1966) 133-141.

Relação pensamento - linguagem (real e inteligível) na lógica de ambos os autores.

McEVOY, James: «John Scottus Eriugena and Thomas Gallus, Commentators on the *Mystical Theology*», em James McEvoy — Michael Dunne: *History and Eschatology in Eriugena and His Age. Acts of the Tenth International Colloquium of SPES*, (Ancient and Medieval Philosophy), Peeters, Leuven, no prelo [2002], pp. 181-200.

Na primeira parte, que inclui uma breve descrição dos 5 mss. onde a obra é conhecida, é estudado o comentário sobre a *Teologia mística* atribuído a Escoto Eriúgena no ms. Wien, ÖNB, 574, f. 33r, mas que em dois outros mss. (München, BSB, lat. 7983 e Dublin, JL, s.n.) é atribuído a Pedro Hispano com os comentários à totalidade do resto do *corpus* dionisiano. O A. defende que o comentário à *Teologia mística* é de facto a primeira das três obras de Tomás Galo sobre este texto de Dionísio, baseando-se para tal numa afirmação deste que no Comentário sobre o Cântico dos Cânticos se refere à «mystica theologia, quem ante annos decem diligenter exposui». Este indício coloca a redacção da *Expositio* em 1233 (cfr. pp. 181, 183). O A. inclina-se mesmo para a atribuição a Tomás Galo da totalidade das glosas que nos mss. de Munique e Dublin são atribuídas a P.H., quando refere como peculiaridade do manuscrito de Besançon que «the glosses of Gallus on the four writings are presented divorced from the text of the MT» (cfr. p. 184).

— «Thomas Gallus, *Abbas Vercellensis* and the Commentary on the *De mystica Theologia* ascribed to Iohannes Scotus Eriugena. With a concluding note on the Second Latin Reception of the Pseudo-Dionysius (1230-1250)», em John J. CLERY, (ed.): *Traditions of the Platonism. Essays in Honour of John Dillon*, Ashgate, Aldershot 1999, pp. 389-405.

Defende que o comentário, publicado na PL 122 como sendo de João Escoto Eriúgena, é de facto de Tomás de Vercelli. O A. considera que o ms. München, BSB, 7983 «falsely attributes the commentary on the *Mystical Theology* to Petrus Hispanus», não supeitando que a ed. de M. Alonso, a que não teve acesso, inclui precisamente este texto (cfr. p. 391 e n. 11; mas curiosamente logo na p. 389 o A. diz que o comentário já foi publicado no séc. XX; ora, a única edição é a de Alonso!).

McVAUGH, Michael: «Conoscenze mediche», em Pierre TOUBERT - Agostino PARAVICINI BAGLIANI, pref. Georges Duby, *Federico II e le scienze*, Sellerio Ed., Palermo 1994, pp. 109-121.

P.H., enquanto médico em Siena, é um dos cinco personagens da primeira metade do século XIII analisados (juntamente com Gerardo de Berry, Gualter Agilon, mestre Cardinalis, Teodorico Borgognoni), sobretudo quanto ao que diz respeito à influência do *Canon* de Avicena. [estudo não consultado e que parece semelhante ao artigo seguinte].

— «Medical Knowledge at the Time of Frederick II», *Micrologus. Natura, scienze e società medievali. Nature, Sciences and Medieval Societies. Rivista della Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino* 2 (1994: *Le scienze della natura alla corte di Federico II*) 3-17.

Caracterização da medicina na primeira metade do século XIII através da influência de Avicena na obra de diversos autores, entre os quais P.H. (e também Gerardo de Berry, Gualter Agilon, mestre Cardinalis, Teodorico Borgognoni), cfr. em particular as pp. 4-6, onde defende que P.H. terá realizado os seus estudos de medicina em Paris.

MEIRINHOS, José Francisco: «A atribuição a Petrus Yspanus das *Sententie super libro de physonomia* de Guillelmus Hispanus, no manuscrito Vaticano, Urb. lat. 1392», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995: M.A.S. CARVALHO (ed.), J.F. MEIRINHOS (adiuv.), *Quodlibetaria. Miscellanea studiorum in honorem Prof. J.M. da Cruz Pontes anno iubilationis suae, Conimbrigae MXMXCV*) 329-359.

Por uma sucessão acrítica de identificações, o «Petrus Yspanus» a quem por erro no manuscrito do fundo urbinense Vaticano (e só nesse) é atribuído o comentário à *Fisiognomia* pseudo-aristotélica, foi depois identificado com «Petrus Hispanus» a quem andavam atribuídas uma série de obras de lógica, filosofia e medicina, por sua vez identificado com o papa «Iohannes XXI». Mostra-se que este jogo de identificações infundamentadas tem origem nos bibliógrafos e historiadores pontifícios com o objectivo de provar a extensão da ciência do papa João XXI. Põe-se a hipótese de o mesmo erro ocorrer com outras obras que têm sido atribuídas a Pedro Hispano. A segunda parte é dedicada a «Guillelmus Hispanus vel de Aragonia», que em meados do séc. XIV compôs a obra em causa. Em anexo, breve censo dos manuscritos das *Sententie super libro de physonomia* de Guilherme de Aragão.

— *A fundamentação do conhecimento na Scientia libri de anima de Pedro Hispano Portugalense*, Dissertação de Mestrado em Filosofia Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 1989.

O estudo mostra, pela primeira vez, a dependência estrutural e textual (que não apenas doutrinal e filosófica) desta obra em relação ao *Liber de anima* de Avicena. A questão do conhecimento (triplemente considerado:

das coisas por abstracção, de si mesmo por proximidade, e das coisas superiores por iluminação) é determinante na teoria das faculdades da *Scientia*, enquanto princípio organizador da explicação da natureza humana. O conhecimento tem como complemento a acção, na qual se realiza a natureza humana.

- «Giovanni XXI», trad. Vittoria Lo Faro, em *Enciclopedia dei Papi*, 3 vol., Istituto dell'Enciclopedia Italiana, Roma 2000, vol. II, pp. 427-436.

A carreira eclesiástica de Pedro Julião, a eleição papal e a política eclesiástica e curial de João XXI. Apresentam-se também as obras que lhe estão atribuídas, sugerindo-se como hipótese plausível que o futuro papa não seja o autor de nenhuma delas.

- «La antropología de Pedro Hispano Portugalense: fuentes árabes y judías en su pensamiento», em *Actes del Simposi internacional de Filosofia de l'Edat Mitjana. El pensament antropològic medieval en els àmbits islàmic, hebreu i cristià. Vic-Girona, 11-16 d'abril de 1993*, (Sèrie Actes, 1) Patronat d'Estudis Osonencs, Vic 1996, pp. 134-143.

As obras atribuídas a P.H. e a acção do papa João XXI sugerem duas orientações contraditórias: por uma lado a aceitação entusiástica do pensamento árabe, que chega mesmo à paráfrase literal de Avicena em partes da *Scientia libri de anima*, e o combate político contra o mundo árabe para reconquista de Jerusalém que marcou o papado de João XXI, permanentemente empenhado na defesa da nova cruzada. Esta duplicidade de orientações numa mesma pessoa é explicada pela irredutibilidade dos campos (a ciência e a acção política e militar) em que operam.

- «Métodos e ordem das ciências no *Comentário sobre o De anima* atribuído a Pedro Hispano», *Veritas* 43 (1998) 593-621 [reed. em Luís Alberto DE BONI (org.): *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média*, (Filosofia, 112) EDIPUCRS, Porto Alegre 2000, pp. 219-252].

Estudo dos três problemas preambulares do *Commentarium in De anima*, sobre a questão do estatuto da ciência da alma, sua comparação com as outras ciências naturais e definição do seu método próprio. Os elementos colhidos permitem esboçar uma classificação das ciências.

- «Pedro Hispano e as *Summulae logicales*», em Pedro CALAFATE (dir.), *História do pensamento filosófico português*, vol. I: *Idade Média*, Ed. Caminho, Lisboa 1999, pp. 331-376 [versão corrigida: sob o título «Pedro Hispano e a lógica», Círculo de Leitores, Lisboa 2002, no prelo].

Nas partes I e II apresenta-se a lógica do *Tractatus* e dos *Synkategoreuma* e uma breve história da sua influência; a parte III apresenta separadamente as obras atribuídas a “Pedro Hispano”. [N.B.: o texto impresso na primeira edição apresenta erros e gralhas devido a não revisão de provas; em uma folha solta aparecem corrigidos 2 dos esquemas que integram o estudo; os 4 esquemas corrigidos foram publicados em errata no final do vol. II desta *História do pensamento filosófico português*; assim, remete-se para a edição em separata, ou para a 2ª edição da obra].

- «Petrus Hispanus et la philosophie (le cas des oeuvres sur l'âme et de son prétendu rôle dans la censure du 7 mars 1277)», em: Jan A. AERTSEN - A. SPEER (Hrg.), *Qu'est-ce que la philosophie au moyen âge? Der 10. Internationaler Kongreß für mittelalterliche Philosophie vom 25. bis 30. August in Erfurt in Kurzfassungen*, em *Acta Academiae Scientiarum* 4 (1997) 143-144 [Resumo da comunicação].

Defende-se a possibilidade de o *Commentarium in De anima* e a *Scientia libri de anima* pertencerem a diferentes e autores e que o papa João XXI (que não é qualquer deles) não teve qualquer relação doutrinal com a condenação parisiense de 1277.

- «Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores», *Revista Española de Filosofía Medieval*, 3 (1996) 51-76.

Tomando em consideração a tradição historiográfica, o percurso conhecido de “Pedro Hispano” e o conteúdo das obras, distinguem-se diversos autores com o mesmo nome, entre os quais devem ser distribuídas as obras tradicionalmente atribuídas a Pedro Hispano, futuro papa João XXI (a saber: Petrus Hispanus O.P., Petrus Hispanus Portugalensis, Petrus Hispanus medicus, outros anónimos).

- MENDES, Maria Adélia S. Carvalho: *Pedro Hispano, Tesoro de proves. Versão em judeu-castelhano aljamiado (séc. XV)*, em *Mediaevalia, Textos e estudos* 15-16 (1999).

Inclui a edição integral de uma versão traduzida do *Thesaurus pauperum* existente no códice Porto, Biblioteca Pública Municipal, Azevedo 14, ff. 1r-79r.

MERLE, Hélène: «Ars», *Bulletin de Philosophie Médiévale* 28 (1986) 95-133.

Cita uma definição atribuída a P.H. (cfr. p. 119): o Comentário ao De anima II 3, p. 140; mas, trata-se da *Expositio libri de anima* outrora atribuída e editada como de P.H., mas de facto de um autor anglo-saxónico.

MICCOLI, Lucia: «La prima diffusione del *Tractatus*», em PIETRO HISPANO, *Tractatus. Summule logicales*, trad. Augusto Ponzio, (Coll. Segni di segni, 21) Adriatica editrice, Bari 1986, pp. 11-18.

MICHAEL, Bernd: *Johannes Buridan: Studien zu seinem Leben, seinen Werken und zur Rezeption seiner Theorien im Europa des Späten Mittelalters*, 2. Teil, Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Grades eines Doktors der Philosophie des Fachbereichs Geschichtswissenschaften der Freien Universität Berlin, Berlin 1985, cfr. vol. II, pp. 500-532.

O cap. 14 (pp. 500-532) trata do comentário às *Summulae* de P.H. e da *Summa logicae* do próprio João Buridano.

MICHALSKI, Konstanty: *Les courants philosophiques à Oxford et à Paris pendant le XIVe siècle*, Bulletin de l'Académie Polonaise, Cracovie 1921, pp. 61-63 [reimpr. em IDEM: *La philosophie au XIVe siècle. Six études*, Hrg. K. Flash, Minerva, Frankfurt 1969, pp. 1-32].

Defende que no *Tractatus* é usada a *Summa Lamberti*, tese contrariada por De Rijk, «On the Genuine text... VIV...», 1969, em particular nas pp. 160-161 e na introdução à edição do *Tractatus*, pp. LXXX-LXXXIV, onde afirma que Lamberto não teve qualquer conhecimento do *Tractatus*.

MICHAUD-QUANTIN, Pierre: «L'emploi des termes *logica* et *dialectica* au Moyen Âge», *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge. Actes du 4.e Congrès International de Philosophie Médiévale. Montréal, 27 août - 2 septembre, 1967*, Institut d'Études Médiévales - Librairie Philosophique J. Vrin, Montréal - Paris 1969, pp. 855-362.

MIGNE, Jacques-Paul: «De Petri Hispani Logices et S. Thomae sophismatibus a Georgio Scolario in Graecum versis», em *Georgius Scholarius opera omnia* (Patrologia Graeca, vol 160), Paris 1866, col. 1211-1212 [cfr. col. 7-8 e 215].

Breve nota editorial onde são identificados três mss (Madrid, Graec. CIV, o agora Vat. 235 e outro de Wien) onde é dito que G. Scolarios traduziu para grego as *Summulae logicales* de P.H. e o *De falaciis* atribuído a Tomás de Aquino. Este pequeno texto de 2 meias colunas foi aqui incluído, por certo, para justificar a não edição da *Sinopse* de lógica entre as obras de Scolarios, afirmado-se que a obra permanece inédita, ignorando assim a edição realizada por Ehinger em 1579.

MONIZ, António Caetano de Abreu Freire Egas: «O papa João XXI. Conferência pronunciada no terceiro jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, em 9 de dezembro de 1929», *Biblos*, 6 (1930) 1-17.

Discurso de elogio da figura de PH. Embora o tome como um «tomista afamado» (p. 4), divulga já as descobertas dos textos filosóficos por M. Grabmann no ano anterior. Refere em particular as *Summulae* e as obras médicas, *Thesaurus peuperum* e *De oculo*, nos seus contributos para o «progresso das ciências médica e filosófica».

MONTEL, Robert: «Les chanoines de la Basilique de Saint-Pierre de Rome des Statuts capitulaires de 1277-1279 à la fin de la papauté d'Avignon. Étude prosopographique. I. Du pontificat de Jean XXI à celui de Benoît XII», *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*, 43 (1988) 365-450.

Contém a lista de cônegos da Basílica de S. Pedro em Roma, de 1276 a 1376. Estudo com interesse prosopográfico que pode permitir rastrear contemporâneos e "familiares" de João XXI. A II parte do estudo, publicada no vol. 44??? (1989???) 1-49, 413-479, contém errata e corrigenda.

MOREAU, Joseph: «Pedro Hispano et le problème de la connaissance de l'âme», *Arquivos de História da Cultura Portuguesa*, 1, nº3 (1967) 3-9.

O conhecimento da alma por si mesma, nos problemas preambulares das *Quaestiones libri de anima*.

— «Un pape portugais: Jean XXI, dénomé Pierre d'Espagne», *Teoresi* 34 (1979) 391-407.

MORPURGO, Piero: *L'idea di natura nell'Italia Normannosveva*, introd. di Alexander Murray, Ed. CLUEB, Bologna 1993, pp. 109-146.

Destaca-se aqui o capítulo sobre P.H. e os seus comentários zoológicos e médicos do ms. Madrid 1877,

considerados como um comentário dos comentários de autores salernitatos, em particular o de Bartolomeu Salernitano, com desenvolvimentos e acesso a novas fontes médicas e aristotélicas.

- «The Salernitan School Between Hippocrates, Aristotle and Magic», *Quaderni Catanesi* 6 (1984) 197-218.

P.H. encontra-se entre os autores estudados e citados, para além do comentário sobre a *Articella* atribuído a mestre Bartolomeu.

- MULLALLY, Joseph Patrick (introd., ed., trad.): *The Summulae logicales of Peter of Spain*, (Publications in Mediaeval Studies, 8) The University of Notre Dame, Notre Dame (Indiana) 1945 (reimpr. 1960), CIV+172 pp. [Rec.: *Revue du Moyen-Age latin* 4 () 292-295; *Revue Bénédictine* 58, 3-4 (1948) 284-285; *Bulletin de théologie ancienne et médiévale* 6 (1951) 251-252, nr. 860].

Edição e tradução dos tratados VI, VIII, IX, X, XI, XII (segundo a nova ordenação de De Rijk) das *Summulae logicales* e do *Tractatus exponibilibus* de um [pseudo-] P.H.; o conjunto é dado como constituindo o tratado VII das *Summulae logicales*. A edição é feita da colação de 2 edições, de 1500 e 1494, descritas nas pp. CI-CIV. Na introdução, para além de um esboço biográfico de P.H. é traçado um panorama geral sobre as *Summulae*, I-V e VII e uma análise dos antecedentes da *logica moderna*, a que corresponde a parte editada, bem como da influência de Pedro Hispano na lógica subsequente. Em apêndice (pp. 132-158) são descritas 166 edições das *Summulae* publicadas entre 1474 e 1639. Bibliografia e índice no final.

- (trad.): Peter of Spain "*Tractatus Syncategorematus*" and *Selected Anonymous Treatises*, trad. Joseph P. Mullally, Introd. Joseph P. Mullally and Roland Houde, (Mediaeval Philosophical Texts in Translation, 13) Marquette University Press, Milwaukee (Wis.) 1964, pp. 3-16 (estudo), 17-116 [Rec.: *Revue d'histoire ecclésiastique* 60 (1965) 267-268]. Tradução realizada sobre duas edições incunabulares de Pedro Hispano: de Colónia por Henrique Quentell, 1489 e de Colónia em 1494 (cfr. p. 8).

- MÜLLER, Paola: «The *descensus ad inferiora* in William of Shyreswood and Peter of Spain», em Simmo KNUUTTILA — R. TYÖRINOJA — S. EBBESEN (ed.): *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.). Helsinki 24-29 August 1987*, (Acta Philosophica Fennica, 48. Annals of the Finish Society for Missiology and Ecumenics, 55) Helsinki 1990, vol. II, pp. 599-608, cfr. 604-608.

- MUÑOZ-DELGADO, Vicente: «La enseñanza de la lógica en Salamanca durante el siglo XVI», *Salmanticensis* 1 (1974) 133-167.

Inclui referências ao comentário das *Summulae logicales* na Universidade de Salamanca.

- «La lógica de Bernardo Jordan. Estudio de su *Explanatio in Petrum Hispanum* (Florença, 1514)», *La ciudad de Dios* 185 (1972) 439-462.

- MUÑOZ GARCÍA, Angel: «Es la determinada una suposición distributiva?», *Medioevo. Rivista di storia della filosofia medievale* 17 (1991) 309-346.

P.H. é um dos autores estudados. NAGEL, Silvia: «Antropologia e medicina nei *Problemata* di Pietro Ispano», *Medioevo*, 17 (1991) 231-248.

Análise do opúsculo de questões zoológicas, com menção dos 10 mss. conhecidos, extraído do comentário de P.H. sobre o *De animalibus* no ms. Madrid, BN, 1877.

- «*Artes, scientiae* e medicina nel commento al *De animalibus* di Pietro Ispano», *Bulletin de philosophie médiévale*, 38 (1996) 53-65.

Em diversos pontos do comentário sobre o *De animalibus* (no ms. Madrid, BN, 1877) P.H. usa a distinção entre *artes* (liberais) e *scientie* (i.e., teologia, medicina, direitos) as primeiras usam um método *causarum assignativus* o das segundas é *narrativus*, entre ambos os grupos de disciplinas há uma hierarquia, as que se ocupam do *signum* (as *sermocinales*) são menos válidas que as que se ocupam da *res* (as *naturales*: quadrívio e metafísica). A medicina é a ciência mais elevada, com um duplo *optimum finem*: o conhecimento e a conservação.

- «Sensi ed organi nel commento al "De animalibus" attribuito a Pietro Ispano», *Micrologus* 10 (2002) no prelo.

Estudo sobre o *Super libro De animalibus Aristotelis* (mss. de Madrid e Vaticano), em especial a secção *De V sensibus* (ms. Madrid, BN, 1877, ff. 278vb-279rb).

- «La vox come *medium* fra anima e corpo: annotazioni in margine ai commenti al *De animalibus* attribuite a Pietro Ispano», em Carla CASAGRANDE — Silvana VECCHIO (cura): *Anima e corpo nella cultura medievale. Atti del V convegno di studi della Società italiana per lo studio del Pensiero Medievale (Venezia, 25-28 settembre 1995)*, Edizioni del Galluzzo, Firenze 1999, pp. 191-206.
- «Scienze de rebus et discipline de vocibus nella tradizione delle classificazioni del sapere (secoli VII-XIII)», *Medioevo*, 20 (1994) 77-113, cfr. pp. 108-113.
Ampla caracterização da evolução das classificações do saber ao longo da Idade Média, estando P.H. entre os autores estudados.
- «Testi con due redazioni attribuite ad un medesimo autore: il caso del *De animalibus* di Pietro Ispano», em C. STEEL — G. GULDENTOPS — P. BEULLENS (eds.): *Aristotle's Animals in the Middle Ages and Renaissance*, (Mediaevalia Lovaniensia. Studia, 27) Leuven University Press, Leuven 1999, pp. 212-237.
- NANNIZZI, A.: «Il *Thesaurus Pauperum* di Pietro Spano nei codici della comunale di Siena», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 31 (1924) 107-120.
Sugere que a obra foi primeiro escrita em vulgar (p. 108) e que revela a influência de Alberto Magno, de quem teria sido aluno em Paris, cujo ensino estaria exposto de modo breve e empírico no *Thesaurus*, juntamente com preceitos dos médicos judeus e árabes. Identifica a *Bíblia* vendida por P.H. a Frei Bandino em 5.2.1247 (cota F.I.1 da Com. de Siena), mas M.-H. Laurent (1938, p. 43 n. 4) contesta esta identificação. Defende que o *Thesaurus* foi escrito em Siena quando leitor (remete para Barduzzi, 1921) ou quando arquiatra de Gregório X (remete para Bilancione, 1920). Descrição completa de 4 mss. do *Thes. Paup.* existentes na Bibl. Com. de Siena (114-120). Nannizzi desfaz o erro de atribuição a P.H. de um tratado dos venenos (p. 119).
- NARDI, Paolo: «Comune, Imperio e papato alle origine dell'insegnamento universitario in Siena (1240-1275)», *Bolletino Senese di Storia Patria*, 90 (1984) 50-94, cfr. pp. 70-76.
O A. é muito cauteloso na identificação de P.H. com João XXI, também é cauteloso em considerar como de um mesmo P.H. todas as obras médicas que os mss. lhe atribuem. Quanto ao Studium Senensis, considera que o período 1240-1252 é o de maior desenvolvimento e importância, assistindo-se de 1252 a 1275 a um período de “decadência”.
- *L'insegnamento superiore a Siena nei secoli XI-XIV. Tentativi e realizzazioni dalle origini alla fondazione dello Studio generale*, (Saggi e documenti per la storia dell'Università di Siena, 2) Giuffrè, Milano 1996, cfr. pp. 56-63.
Entre os mestres de medicina no Studium de Siena encontra-se entre 1245 e 1250 o médico Petrus Hispanus, identificado com o futuro papa João XXI, mas ao A. relembra que ela não é evidente.
- NEBBIAI-DALLA GUARDA, Donatella: *I documenti per la storia delle biblioteche medievali (secoli IX-XV)*, (Materiali e ricerche, 15. Coll. della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Venezia in San Sebastiano. Sezione di studi storici, 8), Jouvence, Roma 1992.
Recolhe duas referências em catálogos italianos que registam a posse de obras de Pedro Hispano: *Liber de anima* e *Comentário ao De animalibus*.
- NERY, J. de Castro: «Um papa lusitano na história do nominalismo», *Revista eclesiástica brasileira*, 6 (1946) 649-653.
- NEVES, A.J. de Gouvêa: *História da Filosofia Medieval*, vol. II: *Desde o período do apogeu da escolástica até ao fim da Idade Média. Com um estudo sobre o pensamento filosófico português nos séculos XIII-XV*, (Biblioteca Histórico-filosófica), ed. do A., Porto 1967, pp. 696-705.
Breve ficha esquemática e superficial, incluída no apêndice final (intitulado “O pensamento filosófico português nos séculos XIII-XIV”), baseada em literatura secundária, onde elenca as obras e dá alguma bibliografia.
- NICOLINI, Ugolino: «Documenti su Pietro Ispano (poi Giovanni XXI?) e Taddeo degli Alderotti nei loro rapporti con Perugia», em *Filosofia e cultura in Umbria tra Medioevo e Rinascimento. Atti del V Convegno di Studi Umbri. Gubbio, 22-26 Maggio 1966*, Perugia 1967, pp. 271-284.

- O'BOYLE, C.: *The Art of Medicine. Medical Teaching at the University of Paris, 1250-1400*, (Education and Society in the Middle Ages and Renaissance, 9) E.J.Brill, Leiden 1998.
- OBER, William B. — Alvin J. CONWAY: «Johnn XXI - Ophtalmologist, Professor of Physics, Pope», *The New England Journal of Medicine* 273 (1965) 39-.
- ONG, Walter O.: *Ramus, Method and the Decay of Dialogue. From the Art of Discourse to the Art of Reason*, Harvard University Press, Cambridge (Mass.) 1958 (1ª ed.), 1983 (2ª ed.).
Influência do *Tractatus* de P.H. nos séc. XV e XVI, cfr. sbd. pp. 55-74 (1ª ed.).
- ORTURAZ, M.: «El ser y la acción en la dimensión humana (segun las teorías de S. Buenaventura, S. Alberto Magno y Pedro Hispano)», *Estudios* 40 (1958) 3-31.
- PANACCIO, Claude: «Supposition naturelle et signification occamiste», em Geoffrey L. BURSILL-HALL — Sten EBBESEN — Konrad KOERNER (eds.), *De ortu grammaticae. Studies in Medieval Grammar and Linguistic Theory in Memory of Jan Pinborg*, (Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science. Series III. Studies in the History of the Language Sciences, 43) J. Benjamins, Amsterdam-Philadelphia (Penn.) 1990, pp. 255-269.
A suposição natural, entendida na sende de L.M. de Rijk como suposição não contextual, está presente no *Tractatus* de P.H., como em outros autores, sendo uma importante noção da semântica do século XIII, que, defende o A., a partir de Ockham não desaparece mas surge com a designação de “significatio”.
- PANSIER, Pierre: *Collectio ophtalmologica veterum acutorum*, 8 fasc., ed. J.-B. Bailliére et fils, Paris 1903-1933, fasc. 2 (1908) pp. 97-115 [Anonymi *Tractatus de egritudinibus oculorum ex dictis sapientium veterum compilatis ejusdem Tractatus de quibusdam dubiis circa oculorum concurrentibus*. Précédés d'un aperçu sur la pratique de l'oculistique au moyen âge]; fasc. V(1907), p. 62; fasc. VI (1908) pp. 108-109: edição do *De phlebotomia*.
Inclui referências aos tratados oftalmológicos de P.H. O *De phlebotomia* é editado (no fasc. VI) com base no ms. Paris, BN, 6988.
- PAQUÉ, Ruprecht: *Das Pariser Nominalistenstatut. Zur Entstehung des Realitätsbegriffs der neuseitlichen Naturwissenschaft (Occam, Buridan und Petrus Hispanus, Nicolaus von Autrecourt und Gregor von Rimini)*, (QSGgP, 14) W. de Gruyter, Berlin 1970 [trad. franc. utilizada: *Le statut parisien des nominalistes. Recherches sur la formation du concept de réalité de la science moderne de la nature. Guillaume d'Occam, Jean Buridan et Pierre d'Espagne, Nicolas d'Autrecourt et Grégoire de Rimini*, trad. Emmanuel Martineau, (Épiméthée, essais philosophiques) PUF, Paris 1985].
Na segunda parte, onde o A. faz uma detalhada análise das 6 partes do Estatuto parisiense de 29 de Dezembro de 1340, encontra-se a análise de partes da doutrina lógica de P.H. (*suppositio* nas pp. 65-77, 331-6; *distingere* nas pp. 125-7, etc. [na trad. franc.])
- PARAVICINI BAGLIANI, Agostino: «A proposito dell'insegnamento di medicina nello *Studium Curiae*», em Alfonso MAIERÙ — A. PARAVICINI BAGLIANI (ed.): *Studi sul XIV secolo in memoria di Annelise Maier*, (Storia e Letteratura. Racolta di studi e testi, 151) Edizioni di Storia e Letteratura, Roma 1981, pp. 395-413 [reimpr. em: A. PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi...*, pp. 391-408].
Com referências à eleição e papado de João XXI.
- «Federico II e la corte dei papi: scambi culturali e scientifici», em IDEM: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi...*, pp. 53-84.
P.H. é um dos autores que permite estabalecer a relação entre as duas cortes, geralmente silenciada pela historiografia.
- *Il corpo del Papa* (Biblioteca di cultura storica, 204), Giulio Einaudi ed., Torino 1994.
Inclui referências à morte e rituais funerários de J. XXI.
- «Medici e ricette mediche alla corte papale del duecento», em A. PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi...*, pp. 1-51, cfr. pp. 28-29, 32.
É pela primeira vez assinalado não ser possível verificar documentalmente que P.H. tenha sido médico pessoal de Gregório X ou lhe tenha dedicado o *Thesaurus pauperum*.

- *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi nel duecento*, (Biblioteca di medioevo latino, 4) Centro italiano di studi sull'alto medioevo, Spoleto 1991.
Recolha de textos de diferentes épocas, onde João XXI/Pedro Hispano é várias vezes estudado (cfr. sub indicem, p. 473 «Giovanni XXI» e p. 479: «Pietro Ispano»).
- «Pour une approche prosopographique de la cour pontificale du XIII.e siècle. Problèmes de méthode», em *Medieval Lives and the Historian*, Medieval Institute Publications, Michigan 1986, pp. 113-121.
É feita uma referência às razões de pertença de Pedro Julião à Cúria Papal.
- «Witelo et la science optique à la cour pontificale de Viterbe (1277)», *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen Age et Temps Modernes*, 87 (1975) 425-453 [reimpr. em: A. PARAVICINI BAGLIANI: *Medicina e scienze della natura alla corte dei papi...*, pp. 117-140].
Ciência e cientistas na corte pontificiana tempo de João XXI / P.H.
- PARK, Seung-Chan: *Die Rezeption der mittelalterlichen Sprachphilosophie in der Theologie des Thomas von Aquin. Mit besonderer Berücksichtigung der Analogie*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 65) E.J. Brill, Leiden-Boston-Köln 1999 [passim, cfr. sub indicem].
As teorias lógicas de P.H. no contexto do século XIII.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha: «A obra médica de Pedro Hispano», *Memórias da Academia das Ciências - Classe de Letras*, 19 (1976) 193-208.
Estudo de síntese sobre as obras médicas de Pedro Hispano.
- «Considerações à margem do texto do *Thesaurus Pauperum*», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 315-325.
Reed. em M.H.R. PEREIRA: *Obras Médicas de Pedro Hispano...* 1973, pp. 1-11.
- «Die Überlieferungsgeschichte des *Liber de conservanda sanitate* von Petrus Hispanus», em *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der Altercristlichen Literatur*, 125 (1981) 488-494.
- «Notes lexicographiques sur le *Thesaurus pauperum*», *Archivum latinitatis medii Aevi (Bulletin du Cange)* 24/3 (1954) 227-270
Reed. em Maria H.R. Pereira: *Obras Médicas de Pedro Hispano ...*, pp. 13-35.
- *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Prefácio, introduções, traduções e notas, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra 1973.
Inclui, para além das introduções e da reedição de alguns estudos previamente publicados, a edição (em alguns casos também já antes publicada) das seguintes obras: *Thesaurus Pauperum* e *Tractatus de Febris* (pp. 76-408); *De Regimine Sanitatis* ou *De Dieta* (Pseudo) Hippocratis per singulos Menses anni observanda (pp. 414-419); *Summa de conservanda sanitate* (pp. 444-491).
- «Pedro Hispano, Livro sobre a conservação da saúde», Texto latino, prefácio, tradução e notas; com "Introito" do Prof. Luis de Pina pp. [137-146], *Studium Generale* 6 (1959) 147-223.
1ª edição do *De conservanda sanitate* de P.H. Reed. em M.H.R. PEREIRA: *Obras Médicas de Pedro Hispano* 1973, pp. 427-491, sem o «Introito» de Luís de Pina, pp. 137-146.
- «Petri Hispani Thesaurus Pauperum. Edição crítica com tradução e notas», *Studium Generale* 1, 3/4 (1954) 161-299; 2, 1/2 (1955) 182-247; 3, 1 (1956) 68-173; 3, 2 (1956) 310-349; 4 (1957) 54-139; 5 (1958) 255-283.
Primeira edição crítica do *Thesaurus pauperum*, com tradução. Reed. em M.H.R. PEREIRA: *Obras Médicas de Pedro Hispano*, 1973, pp. 77-408, sem o «Prefácio» de Luís de Pina, *Studium Generale* 1, 3/4 (1954) pp. I-XXX.
- «Um manuscrito inédito do *Liber de conservanda sanitate* de Pedro Hispano», *Studium Generale* 9/2 (1962) 99-105.
Notícia da descoberta e respectivo estudo do ms. Mainz I 530 com o *Liber de conservanda sanitate*. Reed. em M.H.R. PEREIRA: *Obras Médicas de Pedro Hispano*, 1973, pp. 493-500.

- «Um opúsculo médico de Pedro Hispano», *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz 1960, vol. 3, pp. 293-302.
Edição do opúsculo *De regimine sanitatis* de P.H. Reed. em M.H.R. Pereira, *Obras Médicas de Pedro Hispano*, 1973, pp. 409-425.
- PEREZ BOTERO, Luis: «Semantics in Petrus Hispanus' *Tractatus*», em Jonathan D. EVANS (ed.): *Semiotica Mediaevalia*, (Semiotica, 63, 1/2) Mouton de Gruyter, Amsterdam-Berlin 1987, pp. 83-87.— «Semiotics Behind the *Summulae logicales* of Peter of Spain», em DEELY, John (ed.): *Semiotics*, University Press of America, 1985, pp. 505-510.
- PESENTI, Tiziana: «Arti e medicina: la formazione del curriculum medico», em *Luoghi e metodi di insegnamento nell'Italia medioevale (secoli XII-XIV)*, Congedo Editore, Galatina 1989, pp. 155-177.
A formação do curriculum universitário de ensino e prática da medicina na Idade Média, com referência a P.H. e o seu comentário à *Articella*.
- PETELLA, Gian Battista: «Les connaissances oculistiques d'un médecin philosophe devenu pape», *Janus. Archives internationales pour l'histoire de la médecine et pour la géographie médicale*, 2 (1897-1898) 405-420, 570-596 (ed. ut.: tiré à part, 43 pp.).
Resumo sobre o percurso parisiense de P.H. e sua identificação com J. XXI. Rejeita que este seja o autor do *Thesaurus pauperum*, preferindo atribuí-lo a seu pai ou ao seu próprio arquiata. Identificação de fontes do *De oculo*. Inclui a edição da 5ª questão, cap. II ao *Super Viaticum Constantini* (Ms Vaticano, Palat, 1085, f. 83v).
- «Sull'identità di Pietro Spano medico in Siena e poi papa col filosofo dantesco», *Bullettino Senese di Storia Patria* 6 (1899) 277-329.
Inclui uma análise da presença de PH nos cronistas e comentadores seus contemporâneos. Propõe uma cronologia das obras de medicina: primeiro escreveu as compilações, depois o comentário a Ysaac, a composição do *Degli occhi* estaria no meio. Toca ainda o problema dos homónimos de P.H. e rejeita que fosse dominicano.
- «Un medico filosofo del secolo XIII divenuto Papa», *Annali di medicina navale e coloniale*, 28 (1922) 149-163.
- PETRACCI: «Dedicato da un Pontefice agli indigenti un prontuario di cure empiriche per tutti i mali», *Biblioteca e società. Rivista del Consorzio per la gestione delle Biblioteche comunali degli Ardenti e provinciale "Anselmo Anselmi" di Viterbo* 1 (1979) 25-26.
Breve nota sobre o *Thesaurus pauperum* de P.H.
- PICARD, L.: em *Gazette médicale de Paris*, (Paris 1901) pp. 377-379, 385-386, 393-394.
Referências bibliográficas, em particular às edições do *Thesaurus pauperum*.
- PICARD, N.: «Johannes XXI», *Lexikon für Theologie und Kirchen*, vol. V, Verlag Herder, Freiburg 1960, col. 992-993.
- PICOTTI, Giovanni Battista: «Giovanni XXI, Papa», *Enciclopedia Cattolica*, vol. V, Città del Vaticano 1951, coll. 590-592.
Depois de afirmar que P.H. é autor das *Summulae logicales*, o A. comete um erro e uma contradição, dizendo primeiro que é «un manuale di dialettica, per il quale si servi della *Summa* di Lamberto di Auxerre e dell'opera de Michele Psello» (col. 591), dizendo pouco depois que essa obra «fu tradota anche in grego» (col. 592).
- «Giovanni XXI, Papa», *Enciclopedia italiana*, vol. XVII, Istituto della Enciclopedia italiana, Roma 1951, p. 255.
Perfil e acção papal, com breve nota sobre as obras e a referência à trad. grega dos *Tractatus* por Georgios Scolarios.
- PIMENTA, Alfredo: «O problema de Pedro Hispano», em IDEM: *Novos estudos filosóficos e críticos*, Imprensa Nacional, Lisboa 1935, pp. 208-214.
Sobre o estudo de de H.D. Simonin (AHDLM, 1930). Admite que P.H. é o autor das *Summulae* e que o português P.H. foi o papa João XXI (p. 209). Mas, com Nicolao Antonio e Simonin, discute e tende a rejeitar que os dois coincidam., questão que permanece em aberto. Sugere que as *Sumulae* foram compostas c. de 1311 (p. 214, n. 1). Na p. 443 do mesmo vol., volta ao assunto devido à atribuição das *Summulae* a PH por Riccobaldo de Ferrara, mas considera que ainda faltam provas apodícticas da coincidência dos dois nomes.

PINA, Luís de: «Os portugueses na História da geroatria (Pedro Hispano — Francisco Sanches)», *Studium Generale* 5, 1-2 (1958) 163-202.

Estudo sobre a tradição do *De longitudine et brevitare vite*, dedicando algum espaço à obra de P.H., que Luís de Pina considera um comentário (p. 171 e p. 172); comparação entre Aristóteles e P.H. nas pp. 179-181; resumo das 75 páginas do tratado de P.H. nas pp. 181-184.

— «Pedro Hispano e Arnaldo de Vilanova na educação médica popular Hispânica», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, 3 (1951) 241-337.

Estudo sobre o *Thesaurus pauperum* com referência à tradição manuscrita e edições antigas, ilustrando a complexa difusão da obra e as contaminações que sofreu. Conclui que o texto original nada tem que ver com o de algumas edições posteriores e aventa a hipótese (pp. 335-336) de P.H. não ser o autor do *Thesaurus*, «sem dúvida alguma tratado bastante inferior a outros da época. (...) Admitimos a autoria de P.H. apenas como resultado de atitude caridosa para com os pobres, aos quais a dedicaria. Esta indicação parece-nos lendária, contudo» (p. 335-336).

— «Pedro Hispano. Alguns subsídios para a sua Biobibliografia», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 326-339.

— «Pedro Julião ou Pedro Hispano (papa João XXI)», *Arquivo Histórico de Portugal* 1 (1932) 27-46.

Apresentação da vida e obras de PH., com destaque para as obras médicas e sua difusão.

PINBORG, J.: «Anonymi Quaestiones in Tractatus Petri Hispani I-III traditae in codice Cracoviensi 742 (anno fere 1350)», *Cahiers de l'Institut du Moyen Âge Grec et Latin*, 41 (1982) 1-170.

Inclui a edição deste comentário anónimo, precedido de uma descrição do manuscrito onde ocupa os ff. 130ra-141va. Em apêndice uma lista das fontes citadas no comentário. ♦

PINHEIRO, António Soares: «Pedro Hispano. A inteligência e a tríplice vitalidade», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990) 513-536.

Tradução de *Quaestiones libri de anima* I, lect. 6, qq. 1-3 e II, lect. 6, qq. 1-5 (só são traduzidas as questões, sem o resto da lição).

— «Pedro Hispano. A vida no Homem», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 137-144.

Tradução de *Quaestiones libri de anima*, I, lect. 3, qq. 1-4 (note-se que só são traduzidas as questões, sem o resto da lição).

— «Pedro Hispano. A vitalidade e a existência da Alma», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 179-184.

Tradução de *Quaestiones libri de anima* II, lect. 1, q. 1 e II, lect. 4, qq. 7-8 (só são traduzidas as questões, sem o resto das lições).

— «Pedro Hispano. Pluralidade de dinâmias», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 48 (1992) 349-357.

Tradução de *Quaestiones libri de anima* II, lect. 8, qq. 1-4 (só são traduzidas as questões, sem o resto da lição).

— «Pedro Hispano. Primado da psiconoética», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 569-584 [reed. com uma nota preliminar em PINHEIRO, António Soares (trad.): Tertuliano, s. Agostinho, s. Anselmo, s. Tomás de Aquino e Pedro Hispano, *Opúsculos selectos da Filosofia Medieval*, pref. José Gama, Faculdade de Filosofia, Braga 1991³, pp. 243-278].

Tradução de *Quaestiones libri de anima* I, lect. 1, qq. 1-5 (note-se que só são traduzidas as questões, sem o resto da lição).

— «Pedro Hispano. Questões de teonoética», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 469-485.

Tradução de *Quaestiones libri de anima* I, lect. 10, qq. 1-9; I, lect. 13, q. 1; I, lect. 14, q. 5 (só são traduzidas as questões, sem o resto das lições).

— «Pedro Hispano. Vitalidade e discrimines», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 46 (1990) 391-399.

Tradução de *Quaestiones libri de anima* II, lect. 5, qq. 1-5 (só são traduzidas as questões, sem o resto da lição).

- (trad.): Tertuliano, s. Agostinho, s. Anselmo, s. Tomás de Aquino e Pedro Hispano, *Opúsculos selectos da Filosofia Medieval*, pref. José Gama, Faculdade de Filosofia, Braga 1990³, pp. 243-278 [publicado anteriormente em: PINHEIRO, António Soares: «Pedro Hispano. Primado da psiconoética», trad. P[inheiro], A[ntónio] S[oares], *Revista Portuguesa de Filosofia*, 45 (1989) 569-584].

Tradução de Pedro Hispano, *Questiones libri de anima*, I, lect. 1, qq. 1-5 (só são traduzidas as questões, sem o resto da lição), com uma breve nota preliminar.

- PINTO, Sérgio da Silva: «A propósito de Pedro Hispano. Apresentação da conferência do Professor Doutor Moreira de Sá na Câmara Municipal de Braga em 7 de Junho de 1945», Edições Bracara Augusta, Braga, 1956.

Apresentação do conferencista, sem referências relevantes a P.H.

- PIRES, Celestino: «Logica et methodus apud Petrum Hispanum», em *Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge. Actes du 4.e Congrès International de Philosophie Médiévale. Montréal, 27 août - 2 septembre, 1967*, Institut d'Études Médiévales - Librairie Philosophique J. Vrin, Montréal - Paris 1969, pp. 895-900.

O A. analisa posições das obras *Summulae logicales*, *Scientia libri de anima*, *Quaestiones libri de anima*.

- «Petrus Hispanus et problema metaphisicae», em Paul WILPERT — Willehad P. ECKERT (Hrsg.): *Die Metaphysik im Mittelalter. Ihr Ursprung und ihre Bedeutung. Vorträge des 2. Internationalen Kongress für mittelalterliche Philosophie, Köln 31.8.-6.9. 1961. Im Auftrage der Société internationale pour l'étude de la philosophie médiévale*. (Miscellanea mediaevalia, 2), Walter de Gruyter, Berlin-New York 1963, vol. I, pp. 172-179.

- POUILLON, Henri: «La beauté, propriété transcendente, chez les scholastiques (1220-1270)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 15 (1946) 263-329, cfr. pp.

Assinala que os comentários de PH ao *corpus* dionisiano dependem da *Extractio* de Tomás Gaulês, ora copiado literalmente, ora acrescentado com glosas.

- PONTES, José Maria da Cruz: *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra, Coimbra 1972, 212 pp. [Recens.: por C.H.C. SILVA, *Euphrosyne* 6 (1973-1974) 299-306; por M.-Th D'ALVERNY, *Scriptorium* 30 (1976) 124-126, reed. em M.-Th. d'Alverny, *La transmission des textes philosophiques au Moyen Âge* (Collected Studies Series) Variorum, Aldershot 1994, estudo XX].

Capítulos dedicados às seguintes obras: *Summulae logicales* (consideradas genuínas, pp. 15-27), *Expositio librorum beati Dionysii* (genuína, mas aponta as lacunas da metodologia do editor M. Alonso, pp. 29-50), duas versões do comentário sobre o *De animalibus* (genuínas, pp. 51-102, onde também se referem os *Problemata*), *Scientia libri de anima* (genuína, pp. 103-115), *Quaestiones libri de anima* (genuínas, pp. 117-158), *Expositio libri de anima* (erradamente atribuída por M. Alonso, pp. 159-173), *De rebus principalibus naturarum* (autoria rejeitada por A. Schlögel, permanece em aberto para o A., pp. 175-196, onde também é referido o *Veni mecum* como elemento adicional que poderá conduzir à atribuição das duas obras como genuínas). O estudo analisa as respectivas tradições manuscritas e discute a bibliografia anterior.

- «A propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis, le pape Jean XXI (†1277) est-elle nécessaire?», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 44 (1977) 220-230.

São referidas as biografias de Köhler e de Stapper e considerados da "questão petrínica": a) os diversos Petrus Hispanus (pp. 221-226); b) o autor das *Summulae* (226); c) os sermões (227-228); d) autenticidade das obras (229-230), concluindo: «Les recherches textuelles et doctrinales sur l'oeuvre de Petrus Juliani sont loin d'être considérées comme terminées. Mais ce qui a déjà ajouté de notre temps aux éléments dont ont a disposé R. Stapper rend nécessaire et justifie une nouvelle monographie sur le philosophe-médecin mort il y sept siècles.».

- «As traduções dos tratados zoológicos aristotélicos e as inéditas "Quaestiones super libro de animalibus" de Pedro Hispano Portugalense», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 19 (1963) 243-263.

- «In memoriam P. Manuel Alonso S.J. A propósito da 2^a ed. da *Scientia libri de anima* de Pedro Hispano», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 22 (1966) 78-80.
O A. propõe um "confronto ocasional" entre a 2^a ed. de Alonso e o ms. da *Scientia libri de anima*, propondo algumas novas leituras de e correcções de algumas passagens. A parte do artigo relativa à *Scientia* está disseminada em Pontes 1972 nas pp. relativas a esta obra, faltando apenas a correcção a *Scientia* p. 330 l. 10.
- «L'intérêt philosophique de deux commentaires inédits sur le *De animalibus* et le problème de leur attribution à Petrus Hispanus Portugalensis», *La filosofia della natura nel medioevo - Atti del III Congresso internazionale di filosofia medioevale. Trento 1964*, Milano 1966, pp. 493-501.
- «La division du texte des *Quaestiones super libro de animalibus* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 4 (1962) 118-126.
- «Les *Questiones libri de Anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Mediaevalia Philosophica Polonorum*, 19 (1974) 127-139.
Comparação entre os ms. de Cracóvia e de Veneza que contêm as *Questiones*, incluindo as principais conclusões do estudo que viria a se publicado em 1976 («Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima*...»). Apresentam-se variantes de leitura e complementos textuais aduzidos pelo manuscrito de Veneza em relação ao manuscrito de Cracóvia editado por M. Alonso em 1944.
- «Nouveaux problèmes textuels de l'œuvre philosophique de Petrus Hispanus Portugalensis», em *Actas del V Congreso internacional de Filosofía Medieval*, Editora Nacional, Madrid 1979, vol. II, pp. 1115-1119.
- «O papa português João XXI – filósofo e médico», *Síntese. Revista de actualidades eclesiais*, 70 (Julho-Agosto 1979) 5-9 [antes publicado em *O Primeiro de Janeiro* de 1 de Dezembro de 1978].
- «On Some Works Attributed in Error to Petrus Hispanus Portugalensis», em R. TYÖRINOJA. — A.I. LEHTINEN — D. FØLLESDAL (ed.): *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.). Helsinki 24-29 August 1987*, (Acta Philosophica Fennica, 48. Annals of the Finish Society for Missiology and Ecumenics, 55) Helsinki 1990, vol. III, pp. 28-33.
Discutem-se as obras atribuídas por erro a P.H.: *Veni mecum*, *Versus brevilogi urinarum*, *Sententia super Phisionomie Aristotelis* [sobre esta obra o A. duvida da atribuição e anuncia um futuro estudo onde clarificará a questão], *Expositio libri de anima*. [Partes deste estudo foram retomadas em «Questões pendentes acerca de Pedro Hispano Portugalense (Filósofo, Médico e Papa João XXI)», 1990].
- «Para situar Pedro Hispano Portugalense na história da Filosofia», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 24 (1968) 21-45.
Na primeira parte: ecos da carreira pontifical e filosófica na literatura medieval; na segunda parte: biografia de P.H.; terceira parte: as obras de P.H. e as opiniões dos estudiosos.
- «Pedro Hispano Portugalense», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Editorial Verbo, Lisboa 1973, vol. 5, col. 1591-1593.
- «Pedro Hispano Portugalense», em L. Salvino — S. Privitera — J.T. Cunha (coord.), *Dicionário de bioética*, Ed. Perpétuo Socorro — Ed. Santuário, Vila Nova de Gaia — Aparecida (São Paulo), no prelo, pp. 825-833.
Breve informação sobre a biografia, seguida de uma apresentação das principais obras relacionadas com matéria médica, em particular a *Scientia*, e os comentários médicos e biológicos do ms. Madrid, BN, 1877, e as compilações médicas.
- «Pedro Hispano, comentador de Aristóteles», *O Primeiro de Janeiro*, 28 de Setembro de 1978.
- «Pedro Hispano Portugalense», *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Editorial Verbo, Lisboa 1992, vol. 4, col. 18-29.
- *Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma*, Instituto de Estudos Filosóficos, Universidade de Coimbra, Coimbra 1964, 304 pp.

(também publicado na revista *Biblos*, 39, 1963). [Rec.: *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale* 12 (1978) nr. 358; *Medioevo latino* 1 (1980) 210, nr. 1820].

Estudo centrado nas duas versões de comentário ao *De animalibus*, incluindo em anexo a edição de excertos das duas versões.

- «Pedro Hispano Portugalense (o Papa João XXI) comentador de Aristóteles no século XIII», *Presença Filosófica*, 10, n.º 3-4 (1984) 241-248 [também publicado em *Pela Filosofia. Pour la Philosophie. Homenagem a Tarcísio Meireles Padilha*, Rio de Janeiro 1984, pp. 484-491].
- «Pedro Hispano, um português do século XIII, de projecção europeia», *Colóquio* 39 (Junho 1966) 36-40.
- «Pierre d'Espagne, le pape Jean XXI, commentateur d'Aristote au XIII^e siècle», *Proceedings of the World Congress on Aristotle (Thessalonik, August 7-14, 1978)*, Publication of the Ministry of Culture and Sciences, Athens 1981, vol. II, pp. 318-323.
- «Quelques problèmes sur la voix et la signification dans le commentaire inédit de Petrus Hispanus Portugalensis sur le *de Animalibus*», em Jan P. BECKMANN et al. (Hrg.): *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter. Acten des VI. Internationalen Kongresses für Mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'étude de la Philosophie Médiévale. 29. Auguste bis 3. September 1977 in Bonn*, (Miscellanea Mediaevalia, 13), Walter de Gruyter, Berlin -New York 1981, vol. I, pp. 398-402.
- «Questões pendentes acerca de Pedro Hispano Portugalense (Filósofo, Médico e Papa João XXI)», em *IX centenário da dedicação da Sé de Braga. Congresso Internacional - Actas*, Universidade Católica Portuguesa - Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, Braga 1990, vol. II/1, pp. 101-124.

Síntese sobre as questões em aberto relativamente à vida e obra de P.H.: a) vida pré pontifícia, onde estudou e que obras escreveu; b) P.H. e os seus homónimos; c) a obra escrita, no âmbito da história da Filosofia; d) obras erradamente atribuídas. São referidas quatro obras sobre as quais ainda não está determinada a autenticidade de autoria: 1) o *Tractatus Petri Ispani de rebus principalibus naturarum qui dicitur veni mecum* (ms. Firenze, BN, Conv. soppr. H.IX.1521, ff. 1r-3r), onde se encontram três citações de Arnaldo de Villanova e tem um início coincidente com o *Liber Lucis* de João de Rupescissa, composto cerca de 1350; 2) os 25 versos leoninos sobre as urinas (ms. Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 2661, f. 26) pertencentes ao *Corpus Salernitanum*; 3) as *Sententiae magistri Petri Yspani super libro Phisonomie Aristotelis* (ms. Città del Vaticano, BAV, Urb. lat. 1392, ff.44r-65r), sobre as quais o A. Lança dúvidas devido ao modo de citação do *De animalibus*; 4) Os *Sermones dominicales* (ms. Cremona, BC, 13 e ms. Firenze, BNC, Conv. soppr. E.I.589). O A. integrou neste estudo partes substanciais da sua comunicação «On Some Works Attributed in Error to Petrus Hispanus Portugalensis» publicada em 1990.

- «Un nouveau manuscrit des *Questiones libri de anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 43 (1976) 167-201.

tentativa ecuménica de PH (167);

Reposição dos principais aspectos da “questão petrínica”: A autoria das *summulae* (pp. 168-170), a pretensa profissão de fê dominicana (171-173), a relação com a condenação de 1277 (173).

Estudo sobre os dois manuscritos das *Questiones libri de anima* (Cracóvia 726 e Venezia, cod. lat. Z. 253), em que o ms. de Venezia é pela primeira vez descrito e utilizado para corrigir lacunas do texto editado por Alonso com base no ms. de Cracóvia. Crítica às reservas de Gilson (*History...*, 1955, 681, n. 43) quanto à autoria da obra (175-178); correcções à ed. Alonso (179-180); Manuscrito de Venezia: descrição (181-183); minuciosa identificação dos “brancos” (183-184); truncagem das *quaestiones preambulae* do ms. de Cracóvia (185-186). Comparação dos ms. e correcção do Cracóvia (186-193; 195-196) = divergências e coincidência de lacunas; ms. de Venezia serve para corrigir o de Cracóvia (198); edição do texto do final do ms. de Venezia que já não existe no Cracóvia (197-198); O texto do Venezia é incompleto mas deveria ter continuação que faltou ao copista, Alonso, p. 48, pensava que era o próprio texto do Hispano que era incompleto (198-199), mas o original das *Questiones* era mais extenso que o texto de qualquer um dos mss. existentes (199-200).

Conclusão: os ms. existentes não dependem um de outro, facto que após a descoberta de um segundo ms. por De Rijk também se verifica com a SLA, terá existido pelo menos um outro ms em cada um dos casos [ou pelo menos três : o original e cada uma das cópias que deu origem aos ms existentes : é possível provar esta tese provando que não dependem de um mesmo ms?]: «A elle seule l'existence de ces deux copies de la *Scientia libri de anima* et des *Quaestiones libri de anima* permet la conclusion que ces deux oeuvres ont

connu une divulgation plus large que celle qu'on aurait pu supposer quand on ne connaissait de chacune d'elles qu'un seul manuscrit.» (200 – fim do artigo)

PONZIO, Augusto: «La semantica di Pietro Ispano», AAVV, *Linguistica medievale. Anselmo d'Aosta, Abelardo, Tommaso d'Aquino, Pietro Ispano, Gentile da Cingoli, Occam*, (Col Segni di Segni, 9) Adriatica editrice, Bari 1983, pp. 123-156.

Os problemas do significado e da suposição nos *Tractatus* de P.H.

— (trad.): Pietro Ispano, *Tractatus. Summule logicales*, trad. italiana a cura di Augusto Ponzio, Introd. Lucia MICCOLI (Segni di segni, 21), Adriatica editrice, Bari 1986 [Rec.: *Quaderni medievali*, 22 (1986) 234].

Tradução italiana do *Tractatus* de P.H., com um estudo introdutório de Lucia Miccoli sobre «La prima diffusione del Tractatus» nas pp. 11-18.

POUILLON, H.: recensão da ed. M. Alonso, Pedro Hispano Obras Filosóficas I, Comentário al De anima de Aristóteles, *Bulletin de Théologie Ancienne et Médiévale* 5 (1946) 70-71 (nº 205).

POZZI, Lorenzo: «Nota sull'edizione Bochenski delle *Summule logicales* di Pietro Spano», *Rivista critica di storia della Filosofia*, 23 (1968) 330-342.

Recensão da edição Bochenski do *Tractatus* de P.H., mostrando as suas lacunas e limitações. O A. anuncia que está a preparar uma nova edição, acompanhada por tradução italiana e um amplo comentário (mas, este trabalho nunca veio a ser publicado).

PRAÇA, José Joaquim Lopes: *Historia da philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da filosofia*, Imprensa da Universidade, Coimbra 1868, pp. 35-38 [reed preparada por J. Pinharanda Gomes, (Filosofia & ensaios) Guimarães Editora, Lisboa 1974, pp. 45-51; 3ª ed. 1989)]

Assinala a carreira de P.H. e alguns aspectos e influência do *Tractatus*, de acordo com os dados disponíveis em meados do século XIX.

PRANTL, Carl: *Geschichte der logic im Abendland*, vol. II (Leipzig 1865, 2ª ed. 1885), pp. 262-301; vol. III (Leipzig 1867); vol. IV (Leipzig 1870), [Reimpr.: Buchhandlung Gustav Foch G.M.B.H., Leipzig 1927] [rec.: Charles THUROT, «De la logique de Pierre d'Espagne», *Revue archéologique*, n.s., 10 (1864) 267-281, cfr. IDEM: *Comptes rendus de l'Academie des Inscriptions et des Belles-lettres* 8 (1864) 217-218; Valentin ROSE: «Pseudo-Psellus und Petrus Hispanus», *Hermes. Zeitschrift für classische Philologie*, 2 (1867) 146-147; Charles THUROT: *Revue critique d'histoire et de littérature*, 2 (1867) 194-203 (fasc. nº 3)].

Esta obra monumental está definitivamente marcada pela tese de Elias Ehinger (*Synopsis organi Aristotelici, Michael Psello auctore*, Wittenberg 1597), acolhida por Prantl, segundo a qual as *Summulae logicales* são uma obra original do filósofo greco-bizantino Miguel Psello, do século XI, que P.H. teria plagiado/traduzido para latim. Em diversos pontos da obra é abordada a questão de Pedro Hispano (*Summulae logicales*) “plagiador de Miguel Psellos”: vol. II (cap. XV: “Einfluss der Byzantiner”, em particular as pp. 267-301 sobre a “lógica de M. Psellus”); vol. III (cap. XVII: “Erstes auftreten des Byzantinischen, Aristotelischen und Arabischen stoffes im Lateinischen Abhandlande”, sobretudo as pp. 33-74); vol. IV (cap. XXII: “Reiche Nachblüthe der Scholastischen logic”, em particular as pp. 211-219: “Ergänzungen zu Petrus Hispanus”). Toda a visão de Prantl sobre a lógica medieval resulta deformada devido a esta errada interpretação e de imediato diversos autores (nomeadamente Rose e Thurot) contestaram a interpretação de Prantl, que respondeu em estudo de 1867, insistindo na sua tese inicial.

— *Michael Psellus und Petrus Hispanus. Eine Rechtfertigung*, bei S. Hirzel, Druck von C.P. Melzer, Leipzig 1867, 22 pp. [rec.: Charles THUROT, *Revue critique d'histoire et de littérature*, 2 (1867) 4-11 (fasc. nº 27)].

Contra os seus críticos V. Rose e Ch. Thurot (cfr. obra anterior) defende de novo que as *Summulae* de P.H. não são senão um plágio da *Synopse* de Miguel Psellos, procurando mostrar através de uma refutação passo a passo dos fortes argumentos de Thurot que o texto latino depende do texto grego e não o contrário (cfr. p. 21). Mas, a construção de Prantl seria definitivamente minada com a colação de diversos outros mss. gregos em que a obra é claramente atribuída a P.H. no título, que falta no ms. de Munique editado por Ehinger e que está na base do equívoco de atribuição a Psellos, de que depois Prantl foi o principal defensor.

RENZI, Salvatore de: *Collectio salernitana, ossia Documenti inediti, e trattati di medicina appartenenti alla scuola medica salernitana*, raccolti ed illustrati da G. E. T. Henschel, C.

Daremberg e S. de Renzi; premessa la storia della scuola, e pubblicati a cura di S. de Renzi, 5 vol., tip. del Filiatre-Sebezio, Napoli 1852, vol. V, pp. 121, 400-401.

Edição do *De phlebotomia*, com base no ms. Paris, BN, 6988.

RIBEIRO, Ilídio de Sousa: «Nota a propósito de Pedro Hispano e de Álvaro Pais», *Colectânea de Estudos* 5 (1949) 81-88.

RIESMAN, D.: «A Physician in the Papal Chair», *Annals of Medical History* 5 (1923) 291-300.

RIJK, L.M. de: *La philosophie au Moyen Age*, trad. P. Swiegggers, E.J.Brill, Leiden 1985 [ed. orig.: *Middeleewse wijsbegeerte. Traditie en vernieuwing*, Van Gorcum, Assen 1981 (2 ed.)], cfr. pp. 185-188.

No cap. 8, «La supposition naturelle: une pierre de touche pour les points de vue philosophiques», encontra-se a análise das posições de P.H. (cfr. § 8.31, pp. 185-188), revendo os artigos publicados em *Pensamiento* (1969) e *Vivarium* (1973). Este cap. Foi traduzido em italiano em: «La supposizione naturale: una pietra di paragone per i punti di vista filosofici», em Riccardo Federiga - Sara Puggioni (eds.): *Logica e linguaggio nel medioevo*, praef. Mariateresa Fumagalli Beonio-Brocchieri, (Esedra 9), LED, Milano 1993, pp. 185-220.

— «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — I. General Problems Concerning Possible Interpolations in the Manuscripts», *Vivarium* 6 (1968) 1-34.

Nas pp. 9-24 inclui a edição das *Summulae antiquorum*, consideradas uma primeira versão dos tratados sobre as propriedades dos termos.

— «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — II. Simon of Faversham (d. 1306) as a Commentator of the Tracts I-V of the *Summule*», *Vivarium* 6 (1968) 69-101.

— «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — III. Two Redactions of a Commentary upon the *Summule* by Robertus Anglicus», *Vivarium* 7 (1969) 8-61.

No edição do *Tractatus* (p. LVII) o A. re-datou este comentário, que «should be dated in the early 1240's at the latest», remetendo para o seu estudo «On the Genuine Text... V», p. 18.

— «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* — IV. The *Lectura Tractatum* by Guillelmus Arnaldi, Master of Arts at Toulouse (1235-44). With a Note on the Date of Lambert of Auxerres's *Summule*», *Vivarium* 7 (1969) 120-162.

Análise dos manuscritos e ed. de excertos do comentário. Note-se que, posteriormente, R.-A. Gauthier na introdução ao volume I*-1 da edição Leonina das obras de Tomás de Aquino desmontou o erro de datação de de Rijk, recolocando o comentário de Guilherme Arnaldo no final do século XIII, porquanto possui mesmo citações de obras de Tomás. Note-se que foi com base na sua datação do comentário de G.A., que L.M. de Rijk antecipou para a década de 1230' a data de composição do *Tractatus*.

— «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* (Conclusion) — V. Some Anonymous Commentaries on the *Summule* Dating from the Thirteenth Century», *Vivarium* 8 (1970) 10-55.

— «On the life of Peter of Spain, the Author of The *Tractatus*, Called Afterwards *Summule logicales*», *Vivarium* 8 (1970) 123-154.

Ensaio de reconstituição biográfica de P.H./João XXI, reutilizado na introdução de de Rijk à sua edição do *Tractatus*, de 1972, em particular nos cap. I e II.

— *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis) Syncategoreumata. First Critical Edition with an Introduction and Indexes* by L. M. De Rijk, with an English Translation by Joke SPRUYT, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 30), E. J. Brill, Leiden - New York - Köln 1992. [Rec.: E.J. ASHWORTH em *Vivarium* 32 (1994) 267-271; E. MANNING em *Scriptorium* 46 (1992) 89*; P. Müller; em *Cristianesimo nella storia. Ricerche storiche, esegetiche, teologiche* 16 (1995) 647-648; G. SILAGI em *Deutsches Archiv für Erforschung des Mittelalters* 51 (1995) 606.

Primeira edição crítica desta obra. Na breve introdução (pp. 9-28) discute-se a autenticidade (confirmando-se Pedro Hispano como seu autor), datação (entre 1235 e 1245, após a composição dos *Tractatus*, talvez também no norte da Espanha ou no sul de França), motivos de composição (o uso da “lectio” denuncia situação de ensino). Por fim, são descritos os manuscritos usados na edição: Tarragona, BC, 2; Praha, MK, 1380; Napoli, BNVE, F VIII 29, mais quatro “minus allati”: Ivrea, BC, 79; Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1731; Cordoba, BC, 158; Milano, BA, H 64 inf.

— *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portugalensis), Tractatus, Called Afterwards Summulae logicales*. First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction by L.M. de Rijk,

- (Philosophical Texts and Studies, 22) Van Gorcum & Comp. B.V., Assen 1972 (CXXXVII+303 pp.). [Rec.: R.H. em *Bulletin de théologie ancienne et médiévale* 12 (1978) 357; L.-J. Bataillon, em *Revue des sciences philosophiques et théologiques* 63 (1979) 99; G. Schenk, *Deutsche Literaturzeitung* 94 (1973) 762-765; N. KRETZMANN — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DIJK *Philosophical Review* 84 (1975) 560-567; N. KRETZMANN — J. LONGEWAY — E. STUMP — J. VAN DIJK: «L. M. de Rijk on Peter of Spain», *Journal of the History of the Philosophy*, 16 (1978) 325-333].
- Primeira edição crítica da obra de P.H., longamente preparada por uma série de artigos publicados na revista *Vivarium* (1968-1970), assente nos manuscritos mais antigos. A introdução constitui um longo estudo sobre a estrutura e a história do texto, com descrição dos manuscritos usados, oferecendo ainda uma reconstituição da biblografia de P.H. Agumas novas interpretações emergem: desde logo a restituição do título original da obra e da ordem dos tratados, a hipótese quanto ao local de composição, a independência relativamente a outros textos similares da mesma época.
- «Significatio y suppositio en Pedro Hispano», *Pensamiento* 25 (1969) 225-234.
- «The Developpment of *Suppositio naturalis* in Mediaeval Logic. I: Natural supposition as non-contextual supposition», *Vivarium*, 9 (1971) 71-107, cfr. pp. 72-80 [reimpr. em L.M. de RIJK, *Through Language to Reality...*, 1989, study IX].
- Para além da interpretação de P.H. da *suppositio* (pp. 72-80), o A. estuda outros lógicos medievais como Guilherme de Sherwood, o anónimo *De proprietatibus sermonum*, Lamberto de Auxerre. Alguns aspectos da interpretação de Pedro Hispano seriam corrigidas no cap 8 de L.M. de Rijk, *La philosophie au Moyen Age*, 1985, cfr. n. 4, p. 233.
- «The Developpment of *Suppositio naturalis* in Mediaeval Logic. II: Fouteenth Century natural Supposition as Atemporal (Omnitemporal) Supposition», *Vivarium*, 11 (1973) 43-79. [reimpr. em L.M. de RIJK, *Through Language to Reality...*, 1989, study X].
- Importante para o estudo da influência de P.H. sobre as teorias da *suppositio naturalis*.
- *Through Language to Reality. Studies on Medieval Semantics and Metaphysics*, Ed. by E.P. BOS (Collected Studies Series, 302) Variorum, Northampton 1989.
- Nesta recolha não estão incluídos os estudos sobre P.H., excepto o trabalho sobre a *suppositio naturalis* onde também é estudada a sua teoria: «The development of *suppositio naturalis* in mediaeval logic, I e II» (publicado em *Vivarium*, 1973, e referido atrás).
- ROBERG, B.: «Johannes XXI», *Lexikon des Mittelalters*, Artemis Verlag, München-Zürich 1991, vol. V, col. 544.
- «Subsidium Terrae Sanctae. Kreuzzug, Konzil und Steuern», *Annuario historiae Conciliorum. Internationale Zeitschrift für Konziliengeschichtsforschung* 15 (1983) 96-158. [O II concílio de Lyon, em 1274 e onde participa P.H., tem como principal objectivo a intervenção na Terra Santa e não a união ecuménica das igrejas grega e latina. Edição crítica do documento central do concílio *Zelus fidei*]
- ROBISON, Elaine Golden: «Peter of Spain (Petrus Hispanus)», *Dictionary of the Middle Ages*, vol IX (p. 519a-520b), Charles Scribner's sons, New York 1987.
- Pequeno artigo sobre 3 Pedros Hispanos: 1. O decretalista que em 1193-8 escreveu o aparato e a glossa à *Compilatio prima* de Bernardo de Pavia; 2. O prof. de direito canónico em Bolonha e Pádua; 3. O filósofo, médico e papa.
- ROBLES, O.: «Fray Tomás de Mercado, O.P., traductor de Aristóteles y comentador de Pedro Hispano en la Nueva España del siglo XVI», *Revista de Filosofía*, 9 (1950) 549-559.
- RODRIGUES, Manuel Augusto: «O pensamento teológico e místico de Pedro Hispano: intérprete e comentador do pseudo-Dionísio Areopagita», *Biblos*, 56 (1980) 95-150.
- Só as pp. 99-105 tratam de P.H.; as pp. 105-144 são sobre Dionísio; bibliografia no final, quase toda sobre Dionísio.
- ROSE, Valentin: «Pseudo-Psellus und Petrus Hispanus», *Hermes. Zeitschrift für classische Philologie*, 2 (1867) 146-147.
- Polémica contra a tese de defendida por C. Prantl na *História da lógica*, sobre P.H. (*Summulae logicales*) “plagiador” de Miguel Psello, em que defende a origem latina da obra e que a versão grega é que é uma tradução.

- «Pseudo-Psellus und Gregorius Monachus», *Hermes. Zeitschrift für classische Philologie*, 2 (1867) 465-467.
Continuação da polémica contra a tese de C. Prantl sobre P.H. (*Summulae logicales*) “plagiador” de Miguel Psello.
- ROSENBERG, Sh.: «“Barbara Celarent” be-libbus ‘ivri», *Tarbiz* 48 (1978-1979) 74-98 [em hebraico]
Sobre as traduções medievais do *Tractatus* de P.H.
- *Logiqah we-ontologiyah ba-filosofiyah ha-yehudit ba-me’ah ha-Y”D*, Dissert. Ha-Universitah ha-‘ivrit b-Yerusalayim 5737 [A.D. 1974], pp. 40-43, 102-104 [em hebraico]
Sobre as traduções medievais do *Tractatus* de P.H.
- ROSIER-CATACH, Irène — Sten EBBESEN: «Two Roberts and Peter of Spain. Exerpts from the Vatican and Todi Commentaries», *Cahiers de l’Institut du Moyen Age Grec et Latin*, 67 (1997) 200-288.
Inclui a edição de excertos de dois comentários provenientes de Montpellier, atribuídos a dois diferentes «R(obertus) Anglicus contemporâneos e do final do séc. XIII, que se encontram nos mss. Vaticano, BAV, Vat. lat. 3049 ff. 1-81 (pp. 202-240) e Todi, BC, 54 ff. 1-56v (nas pp. 241-288). Os textos possuem algumas semelhanças e de algumas partes comuns, os dois comentários, pertencem de facto, segundo os A., a dois diferentes “Pedros” de Inglaterra, nenhum dos quais pode, por outro lado, ser identificado com qualquer dos «Robertus Anglicus» dos quais subsistem obras no campo da lógica e da gramática. Os excertos editados pretendem servir de ilustração ao estudo sobre os mesmo dois manuscritos publicado pelos A. em outro volume e onde se revê a análise de L.M. de Rijk (cfr. «On the Genuine Text... III», de 1969) que tinha dado conhecer estes comentários e deles publicara extensas porções.
- ROSSI, P.: «Pietro Ispano nel giudizio dei cronisti contemporanei», *Estudos italianos em Portugal*, 14-15 (1955-56) 4-17.
A imagem do papa João XXI nos cronistas contemporâneos, concluindo o A. que «Nel complesso i contemporanei e i cronisti immediatamente successivi furono piuttosto ingiusti verso il papa medico e filosofo e l’ingiustizia dura per alcuni secoli fino agli umanisti Tritemio e Platina» (p. 14).
- ROY, Bruno: «Trois regards sur les aphrodisiaques», em Carole LAMBERT (ed.): *Du manuscrit à la table. Essais sur la cuisine au Moyen Age et répertoire des manuscrits médiévaux contenant des recettes culinaires*, (Etudes médiévales) Les Presses de l’Université de Montréal-Champion-Slatkine, Montréal-Paris 1992, pp. 285-292.
P.H. (*Thesaurus pauperum*) está entre os autores evocados a propósito dos princípios presentes na medicina medieval quanto às propriedades afrodisíacas das substâncias, reveladas ora por analogia das sensações físicas, ora pela implicação dos quatro humores galénicos.
- RUELLO, Francis: «Étude du terme ÁGADÓTIS dans quelques commentaires médiévaux des Noms divins», *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, 24 (1957) 225-226, 25 (1958) 5-25.
Ed. de excertos do comentário atribuído a PH no ms. München 7983, f. 73v, cfr. pp. 18-19.
- «La *Divinorum nominum reservatio* selon Robert Grosseteste et Albert le Grand», *Archives d’histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* 26 (1959) cfr. pp. 174, 179-180.
- «Un commentaire dyonisien en quête d’auteur. Le commentaire attribué à Pierre d’Espagne», *Archives d’histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* 19 (1953) 141-181.
Análise do ms. de Besançon, BM, 167, comparado com o ms. München, BSB, 7983, que contém versões integrais da *Expositio librorum beati Dionisii*, atribuída no ms. de Munique a Petrus Hispanus, enquanto que a *Theologia mystica* correspondente é atribuída no ms. Wien, ÖNB, a Johannes e por essa razão foi publicada na PL 122 como pertencendo a P.H. Para determinar quem seja o A., Ruello analisa sucessivamente Tomás Gaulês (a comparação é feita com a *Explanatio* e não com a *Extractio*, da qual de facto depende, verificando que há semelhanças embora sendo de autores diferentes), João Escoto Eriúgena (liminarmente rejeitado como autor, por razões cronológicas), Pedro Hispano (a comparação de doutrinas sobre a *substantia*, a *intelligentia* e outras entre a *Expositio* e a *Scientia libri de anima*, levam a rejeitar a hipótese P.H., apesar de ela ser tida como plausível; assim, o que o A. rejeita é a atribuição ao P.H. da “historiografia”). Conclui que o comentador está penetrado de temas místicos da escola de S. Victor e maneja com destreza a linguagem vitorina (p. 175). Datando a *Expositio* entre 1244 e 1250 e rejeitadas as hipóteses anteriores, o A. recupera uma antiga tradição atestada em certas alusões sugerindo que o comentador poderá ser Adão de Marsh, discípulo de Tomás Gaulês em Vercelli.

SÁ, Artur Moreira de (introd., notas): André de Resende, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, trad. de M.P. de Meneses, Instituto de Alta Cultura Lisboa, Lisboa 1956, pp. 52-53, 80-87 (n. 36).

André de Resende faz uma referência a um João que se distingui na medicina e depois ascendeu ao papado (p. 52, trad. p. 53), que M. de Sá identifica como Pedro Julião/J. XXI, numa longa nota sobre a sua biografia e obras, com bibliografia. Considera que os *Tractatus* foram redigidos em Lisboa antes de 1253 (p. 81).

— «O papa João XXI, filósofo e político», *Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto*, 3-4 (1949).

— «Um grande filósofo europeu, Arcebispo eleito da Sé de Braga, que ocupou a cadeira de S. Pedro», *Bracara Augusta* 6 (1955-6) 5-16.

— (ver acima, secção I.1.a: Registos biográficos)

SAINATI, Vittorio: *Il problema della teologia nell'età di S. Tommaso*, Casa Editrice G. D'Anna, Messina-Firenze 1977, pp. 31-33 e 43.

No cap. 1, “La teologia agostiniana fra simbolismo e intellettualismo” é, entre outros temas e autores, analisada a teoria da *intelligentia* de PH. (pp. 31-33 e 43), colocada no âmbito do agostinismo aviceniniano, corrente onde se integram outros autores, que, com o agostinismo místico-simbólico, também faz parte do movimento de oposição ao aristotelismo emergente.

SALMÓN, Fernando: *Medical Classroom Practice: Petrus Hispanus' questions on Isagoge, Tegni, Regimen Acutorum and Prognostica (c. 1245-50) (MS Madrid B.N. 1877, fols 24rb-141vb)*, (Articella Studies. Texts and Interpretations in Medieval and Renaissance Medical Teaching, 4) Cambridge Wellcome Unit for the History of Medicine — CSIC Carcelona Department of History of Science, Cambridge 1998.

Trabalho inserido num projecto conjunto da Cambridge Wellcome Unit for the History of Medicine e Departamento de Historia de la Ciencia do CSIC de Barcelona, que visa constituir uma base de dados sobre os comentários medievais da Articella, incluindo para cada obra identificada e inserida, o título de cada questão, sua classificação por palavras chave de cada questão, para além de indicar o manuscrito e fôlio onde se encontra. Este volume publica os resultados da primeira inclusão de obras de Pedro Hispano nesta base de dados. Foram tratados os seguintes comentários existentes no ms. Madrid, BN, 1877 (séc. XIII): *Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni* (ff. 24ra-47vb), *Glose super Tegni Galeni* (48ra-109ra), *Notule super Regimine acutorum Hippocratis* (110ra-123va), *Glose supra Pronostica Hippocratis* (124ra-141vb). O volume inclui o elenco de 1417 questões, elaborado com base na tabula do início do ms. (ff. 1-24) e no próprio corpo do texto, com indicação do f. e coluna (pp. 7-62), segue-se a lista das palavras chave (pp. 63-68) e o elenco das questões segundo a ordem das palavras chave (pp. 69-258). Nesta última série dentro de cada palavra chave as questões estão ordenadas por obras e sobre cada questão é dada a fórmula da pergunta e o contexto do problema onde se insere e a sua localização no fôlio.

SÁNCHEZ DEL BOSQUE, Manuel: «Pedro Hispano. “Vita fluit ab anime substantia”», *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 15 (1988) 59-72.

SANTOS, Delfim: *O pensamento filosófico em Portugal* [ed. original: 1941], em *Obras Completas*, Vol. I (pp. 437-454), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1971.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos: «Portugal na História da metodologia das ciências filosóficas e teológicas: Pedro Hispano e Cristóvão Gil», *XIII.º Congresso para o Progresso das Ciências*, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Porto 1951 vol. VII 181-194.

SANTOS, Gil: «Ontologia e predicação na teoria lógico-semiológica dos “modos de aceção dos termos” em Pedro Hispano», *Humanística e Teologia*, 22 (201) 309-352.

Estudo da lógica dos termos nos *Tractatus* e *Syncategoreumata* de P.H., a partir das relações entre o plano do lógico do discusso e o plano ontológico do real, cuja intersecção é situada ao nível da aceção dos termos (acceptio pro)

SANTOS, Manuel António Filipe dos: *As obras filosóficas e teológicas de Pedro Hispano. Estudo histórico-crítico*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 1994, 576 pp.

Estudo da vida (cap. I), personalidade (cap. II) e obras de Pedro Hispano (cap. III). As obras são depois estudadas separadamente: psicologia (cap. IV, quase inteiramente dedicado à *Scientia libri de anima*), lógica (cap. V, sobre o *Tractatus*) e teologia (cap. VI, sobre os comentários a Dionísio pseudo Areopagita). Em cada

capítulo o A. procede a uma exposição dos estudos publicados sobre o respectivo tema (“estudo histórico”) e a seguir retoma os mesmos temas na sua perspectiva (“estudo crítico”). O trabalho é fundamentalmente uma compilação das diversas opiniões sobre cada assunto, com fichas por vezes extensas sobre os estudos analisados, os quais pretende rever, numa exposição nem sempre fácil de seguir e com os mesmos assuntos a reaparecerem em diferentes pontos da dissertação. Inclui em apêndice a tradução do prólogo e do cap. VIII do tratado XIII da *Scientia libri de anima* e a tradução do prólogo geral sobre os comentários a Dionísio pseudo Areopagita e de excertos da *Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii* (prólogo de João Sarraceno; prólogo de P.H.; excertos dos capp.: II, IV, VII, e os capp. IX e XII na íntegra). Bibliografia no final, por ordem alfabética e por ordem cronológica.

SARANYANA, José Ignacio: *Historia de la Filosofía Medieval*, Ed. Universidad de Navarra SA, Pamplona 1985 (pp. 234-5), 1989² (pp. 246-8).

No que diz respeito a P.H. não há diferenças entre as 2 edições. Resumo com imprecisões e onde segue Mullally para as *Summulae* (ed. que aliás não cita, e embora cite a ed. de de Rijk 1972 não segue as suas conclusões biográficas) e J. y T. Carreras y Artau 1939 para o resto.

SARTON, George: *Introduction to the History of Science*, vol. II: *From Rabbi Ben Ezra to Roger Bacon*, Baltimore 1931, pp. 889-892.

Apresentação geral da obra de P.H., com ênfase no percurso biográfico e nos tratados médicos e lógicos, com bibliografia. No vol. III da mesma obra (publicado em 1948) encontram-se várias referências sobre a influência de obras médicas e lógicas de P.H. ao longo do séc. XIV.

SEPPELT, Franz Xaver: *Geschichte der Päpste. Von den Anfängen bis zur Mitte des zwanzigsten Jahrhunderts. Band III: Die Vormachtstellung des papsttums im Hochmittelalter. Von der Mitte des elften Jahrhunderts bis zu Coelestin V.*, Kösel, München 1956, pp. 539-542.

SCALINCI, Noè: «Il contenuto “salernitano” negli scritti su le malatie oculari di Pietro Hispano e di Arnaldo Villanova», *Atti e memorie della Accademia di storia dell'arte sanitaria* (1937, marzo-aprile). Estudo não localizado, cit. na bibliografia do estudo de M.-H. Laurent 1938.

SCHEFFER, Hans: *Ein therapeutischer «Thesaurus pauperum» des 14. Jahrhunderts in lateinischen Versen nach einer Leipziger und zwei Münchener Handschriften*, [Dissert. Leipzig, Institut für Geschichte der Medizin] Leipzig 1921 [31 pp.].

SCHIPPERGES, Heinrich: *Arzt im Purpur. Grundzüge einer Krankheitslehre bei Petrus Hispanus (ca 1210- bis 1277)*, (Veröffentlichungen aus der Forschungsstelle für Theoretische Pathologie der Heidelberger Akademie der Wissenschaften), Springer Verlag, Berlin - Heidelberg - New York 1994.

— «Arzt im Purpur. Leben und Werk des Petrus Hispanus», *Materia Medica Nordmark*, 13 (1961) 591-600.

— «Der Stufenbau der Natur im Weltbild des Petrus Hispanus», *Gesnerus*, 17 (1960) pp. 14-29.

Medicina, natureza e antropologia em P.H. (vida, obras).

— *Die Assimilation der arabischen Medizin durch das Lateinische Mittelalter*, (Südoffs Archiv) Franz Steiner Verlag GMBH, Wiesbaden 1964, cfr. pp. 177-185.

— «Eine noch nicht veröffentlichte "Summa Medicinæ" des Petrus Hispanus in der Biblioteca Nacional zu Madrid», *Südoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften*, 51 (1967) 187-189.

— «Grundzüge einer scolastischen Anthropologie bei Petrus Hispanus», em *Portugiesische Forschungen der Görresgesellschaft*, Hrg. Hans FLASCHE, *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 1/7 (1967) 1-51.

Medicina, natureza e antropologia em P.H. (com apresentação da sua vida e obras).

— «Handschriftliche Untersuchungen zur Rezeption des Petrus Hispanus in die “Opera Ysaac” (Lyon 1515)», em KNEIL, Gundulf — Reiner RUDOLF — Wolfram SCHMITT — Hans J. VERMEER (Hrg.), *Fachliteratur des Mittelalters, Festschrift für Gerhard Eis*, J.B. Metzler, Stuttgart 1968, pp. 311-318.

Propõe a datação dos comentários incluídos no ms. Madrid, BN, 1877 (onde se incluem os comentários sobre

Isaac) entre 1250 e 1260 em Siena, uma data em que de facto não está registada da presença de P.H. na cidade.

- «Handschriftenstudien in spanischen Bibliotheken zum Arabismus des lateinischen Mittelalters», *Archiv für Geschichte der Medizin*, 52 (1968/1969) 3-39.
Também refere mss. de P.H.
- «Makrobiotik bei Petrus Hispanus», *Südoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften*, 44/2 (1960) 129-155.
- «Petrus Hispanus», em FASSMANN, Kurt et al. (Hrg.): *Die Grossen der Weltgeschichte*, 11 vol., Kindler, Zürich 1971-1977, vol. III: *Harun ar-Raschid bis Petracca*, 1973, pp. 679-681.
- «Zur Psychologie und Psychiatrie des Petrus Hispanus», *Confinia Psychiatrica*, IV, 3/4 (1961) 137-157.

SCHLÖGEL, Alexander: *Die Erkenntnispsychologie und ihre Voraussetzungen in den dem Petrus Hispanus zugeschriebenen Werken mit besonderer Berücksichtigung der selbsterkenntnislehre. Eine historisch-genetische Untersuchung*. Inaugural dissertation der Hohen Philosophischen Fakultät des Pontificium Athenaeum Sancti Anselmi de Urbe, Pontificium Athenaeum Sancti Anselmi, Roma 1965, 688 pp.

Estudo histórico-genético da obra atribuída a P.H., centrado-se no problema da conhecimento da alma por si mesma. Esta obra permanece inédita, mas algumas das suas conclusões mais substanciais foram divulgadas em J.M.C. Pontes *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense. Novos problemas textuais*, passim. O A. rejeita a autoria petrínica da *Expositio libri de anima* (ed. Alonso 1952). Conclui que o *Commenatrium in De anima* é de cerca de 1245-1250 e portanto anterior às obras de medicina e à *Expositio librorum beati Dionysii*. A *Scientia libri de anima* (onde, para lá de maiores conhecimentos de medicina, detecta a presença de doutrinas dionisianas da processão exitus-reditus aplicada às potências da alma, e iluminação) foi a última destas obras a ser escrita. São dedicados capítulos individuais ao problema do auto-conhecimento da alma na *Expositio libri de anima*, nas *Questiones* ou *Commenatrium in De anima* e na *Scientia libri de anima*.

SCHOOT, Henk J.M.: «Aquinas and Supposition: The Possibilities and Limitations of Logic “in divines”», *Vivarium* 31 (1993) 193-225.

P.H. é um dos autores evocados, na terceira parte, onde se faz a distinção entre *suppositio*, *significatio* e os diversos *modi supponendi*.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo: *Les portugais à l'Université de Montpellier (XIIe-XVIIe siècles)*, (Memórias e documentos para a história luso-francesa, 8) Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, Paris 1971, pp. 28-29.

Refere a existência de um documento datado de Montpellier, 5 de Outubro de 1259, em que um «Magister Petrus Julianus archidiaconus» é testemunha da venda de uma casa por mestre Florencius, reitor de Saint-Juste, ao bispo de Maguelone (editado em J. Roquette — A. Villemange, *Cartulaire de Maguelone*, t. II, Montpellier 1913, p. 817, doc. DCXLI.), embora nenhum documento ateste que tenha estudado ou ensinado medicina no *studium* de Montpellier, admitindo que a presença prolongada nesta cidade apenas poderia ter ocorrido «avant 1250» (mas o doc. aduzido refere-se de facto ao Petrus Juliani, futuro bispo do Porto).

SILVA, Carlos Henrique do Carmo: Recensão a J.M.C. PONTES, *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense* (Coimbra 1972), *Euphrosyne* 6 (1973-1974) 299-306.

SILVA, Lúcio Craveiro da: «Pedro Hispano (1277-1977) à luz dos últimos estudos», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 33 (1977) 113-123 [reed. em IDEM: *Ensaio de Filosofia e Cultura Portuguesa*, (Filosofia) Faculdade de Filosofia, Braga 1994, pp. 39-48].

Revisão da literatura petrínica (biográfica, edição de textos e estudos sobre o pensamento), valorizando como sua originalidade a simbiose entre filosofia e teologia com a ciência médica.

SIMONIN, H.-D.: «Les *Summulae logicales* de Petrus Hispanus», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge*, 5 (1930) 267-278.

Defende que P.H. autor das súmulas foi Dominicano e não é o P.H. que foi futuro papa João XXI.

- «Magister Petrus Hispanus O.P.», *Archivum fratrum praedicatorum*, 5 (1935) 340-343.
Resposta ao artigo de J. Carreras y Artau «Rectificación histórica. La nacionalidad portuguesa de Pedro Hispano», de 1934. Reitera que o P.H. autor das *Summulae logicales* foi Dominicano e não é o P.H. que viria a ser o papa João XXI. Também M.-H. Laurent (em «Maître Pierre d'Espagne fût-il Dominicain?», de 1936)

e B. Geyer («Zu den *Summulae logicales* des Petrus Hispanus und Lambert von Auxerre», de 1937) viriam a rejeitar a tese de Simoni.

SIRAISI, Nancy G.: *Medieval and Early Renaissance Medicine: an Introduction to Knowledge and Practice*, The University of Chicago Press, Chicago 1990, pp. 131-133. Nestas pp. é tido em conta o *Thesaurus pauperum* de P.H.

— *Taddeo Alderotti and his Pupils. Two Generations of Italian Medical Learning*, Princeton 1981.

Defende aqui que Pedro Hispano foi o introdutor da *Articella* no norte de Itália (cfr. D. Jacquart, 1985, p. 292). Esta opinião seria depois contestada, por ex por Kristeller, v. também o estudo de Tiziana Pesenti.

SOARES, Luís Ribeiro: «Pedro Hispano na corte do rei sábio?», *Anais da Academia Portuguesa de História*, II série, 33 (1993) 67-76.

Uma conjectura, sem qualquer base documental, sobre a presença de P.H. na corte de Afonso X de Castela, tendo como único suporte alegados interesses comuns pela ciência e pela astrologia.

— «Tempo e mundo de Pedro Hispano. Esboço de uma revisão crítica» [inédito, 61 pp.: Arquivo do Gabinete de Filosofia Medieval].

SOUTO, A. Meyrelles do: «As nossas razões: o Papa João XXI e a sua obra científica», *Acção médica* 11, 42 (1946) 131-147.

Texto de louvor sobre a vida, acção e obras de P.H.

SPRUIT, Leen: *Species intelligibilis: From Perception to Knowledge*. Vol. I: *Classical Roots and Medieval Discussions*, (Brill's Studies in Intellectual History, 48) E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1994, pp. 132-134.

A função representacional da "species intelligibilis" abstraída, que actualiza a conformidade entre o intelecto e as coisas, na noética petrínica (*Comm. in de Anima*). Segundo o Autor a posição de P.H. é o "missing link" entre o inatismo do início do séc. XIII e a teoria dos primeiros princípios de Tomás de Aquino que fornecem a estrutura *a priori* do conhecimento intelectual. Sob a perspectiva da conformidade entre o intelecto e a realidade exterior a posição de P.H. seria mais tarde defendida ("championed") por Egídio Romano.

SPRUYT, Joke: *Peter of Spain on Composition and Negation. Text. Translation. Commentary*, Ingenium Publisher, Nijmegen 1989.

Estudo aprofundado da lógica dos dois primeiros tratados dos *Syncategoremata* de P.H., sobre a composição (tr. I) e negação (tr. II), com a respectiva edição e tradução (pp. 65-93). P.H. é comparado com João Págem, Tomás de Aquino, Henrique de Gand, Roberto Bacon.

— «Peter of Spain (Petrus Hispanus)», em ZALTA, Edward N. (ed.): *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (April 2001 Edition), URL = <http://plato.stanford.edu/entries/peter-spain/>

— «Thirteenth-Century Discussions on Modal Terms», *Vivarium* 32 (1994) 196-225.

P.H. (*Syncategoremata*) é estudado a propósito dos advérbios modais.

— «Thirteenth-Century Positions on the Rule "ex impossibile sequitur quidlibet"», em Klaus JACOBI (Hrg.), *Argumentationstheorie. Scholastische Forschungen zu den logischen und semantischen Regeln korrekten Folgerns* [são as Acts of the 8th European Symposium of Medieval Logic and Semantics, Freiburg im Br. 1988], (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 38), E.J. Brill, Leiden - New York 1993, pp. 161-193, cfr. pp. 170-172.

Entre as obras estudadas encontram-se os *Syncategoremata* de P.H.

STAPPER, Richard: «Die Summulae logicales des Petrus Hispanus und ihr Verhältniss zu Michael Psellus», em Stephan EHSES (hrg.): *Festschrift zum 11hundertjährigen Jubiläum des Deutschen Campo Santo in Rom, dem derzeitigen Rector monsignore De Waal gewidmet von Mitgliedern und Freunden des Collegiums*, Herder'sche Verlagshandlung, Freiburg i.B. 1897, pp. 130-138.

Refutação da tese de Ehinger retomada por Prantl, sobre a origem bizantina das *Summulae logicales*, aduzindo uma lista de 9 mss. gregos na maioria dos quais a obra é atribuída a P.H., e mostrando a impossibilidade de a obra pertencer a Miguel Psello.

- *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, Westfälische Vereinsdruckerei Vormalis Coppenrathsche Buchdruckerei, Münster i. W. 1898, 38 pp.
Estudo organizado em cinco capítulos: juventude e estudos, P.H. como lógico, P.H. como médico, ocupações eclesiásticas até à entronização, eleição e coroação. É edição parcial (apenas a primeira parte, mas exactamente com a mesma paginação) da obra com o mesmo título publicada neste mesmo ano. No verso da folha de rosto indica-se que a versão completa será publicada nos *Kirchengeschichtliches Studien* vol. IV fasc. 4.
- *Papst Johannes XXI. Eine Monographie*, (Kirchengeschichtliche Studien, IV/4), Verlag von H. Schöningh, Münster i.W. 1898, VIII+128 pp. [recens.: L. Zdkauer 1898; G.B. Petella 1898]
Edição integral da dissertação do A. com o mesmo título. Obra em duas partes: 1. Vida (pp. 1-38, em cinco capítulos: juventude e estudos, P.H. como lógico, P.H. como médico, ocupações eclesiásticas até à entronização, eleição e coroação), 2. Pontificado (pp. 39-114, cap. 6-17: a suspensão do ordenamento sobre o conclave, a primeira encíclica e a oposição entre Rudolfo de Absburgo e Carlos de Anjou, a organização da cruzada, o dízimo da cruzada, o conflito entre França e Castela, as relações com Inglaterra e Portugal, a união com a Igreja Grega, o governo interno da Igreja, o amor às ciências e a posição face à ordens religiosas, o cardeal Cajetano Orsino e a chancelaria papal, por fim: a morte do papa e os juízos dos contemporâneos). Inclui em anexo a edição do texto grego da carta do Patriarca de Constantinopla Iohannes Beccus a João XXI. A parte I teve edição em opúsculo separado (mas exactamente com a mesma paginação).
- «Pietro Hispano (papa Giovanni XXI) ed il suo soggiorno a Siena», *Bullettino Senese di Storia Patria* 5/3 (1899) 424-431.
(ver acima: I. Documenta).
- STEINSCHNEIDER, Moritz: *Die Hebraeischen Uebersetzungen des Mittelalters und die Juden als dolmetscher*, Kommissionsverlag des Bibliographischen Bureaus, Berlin 1893 [reimpr. Graz 1956], cfr. pp. 470-474, 717, 772-775, 816-818.
São referidos os manuscritos contendo traduções hebraicas de P.H. (*Summulae logicales* e *Thesaurus*).
- STUMP, Eleonore: «Peter of Spain on the Topics», em EADEM: *Boethius's De topicis differentis*, Cornell University Press, Ithaca-London 1978, pp. 215-236 [reimpr. com o mesmo título, mas com nova introdução em: MASI, Michael (ed.): *Boethius and the Liberal Arts: A collection of Essays*, (Utath Studies in Literature and Linguistics, 18), P. Lang, Bern-Frankfort/M.-Las Vegas 1981, pp. 35-50].
- SÜDHOFF, Karl: «Eine Kurze Diätetik für Verwundete von Petrus Compostellanus (Petrus Hispanus)», em IDEM, *Beiträge zur Geschichte der Chirurgie im Mittelalter: graphische und textliche Untersuchungen in mittelalterlichen Handschriften*, 2 vol. (Studien zur Geschichte der Medizin und Heilkunde, 11-12), Barth, Leipzig 1918, vol. II, pp. 395-398.
Edição das *Diete super chirurgia* de P.H. do ms. Roma, BC, 1382, ff. 28ra-28vc.
- «Pedro Hispano ou, melhor, Pedro Lusitano, professor de medicina e filosofia e, finalmente, Papa João XXI», *Biblos*, 11 (1935) 1-10 [trad. do estudo seguinte].
Sustenta que P.H. escreveu, ainda novo, as *Summulae* em Siena, na altura em que começava a comentar também os textos médicos da *Articella*, que enumera com outros textos médicos (anuncia para breve a edição do *De phlebotomia* em outro estudo) e a *Scientia libri de anima*. O *Thesaurus pauperum*, obra cujo prólogo e alguns excertos edita, teria sido composto em Roma. Por fim, referência à carreira eclesiástica e ao papado.
- «Petrus Hispanus, richtiger Lusitanus, Professor der Medizin und Philosophie, schließlich Papst Johannes XXI. Eine Studie», *Die medizinische Welt*, 24 (1934) 1-10 [versão original do estudo anterior].
- TAVARES, Severiano: «Pedro Julião. Vida e Obra», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 8 (1952) 235-242.
- TELLE, Joachim: *Petrus Hispanus in der altendeutschen Medizinliteratur. Untersuchungen und Texte unter besonderer Berücksichtigung des "Thesaurus Pauperum"*, (Inaug.-Diss. Neuphilologischen Fakultät der Ruprecht-Karl-Universität zu Heidelberg), Heidelberg 1972.
Estudo da tradição da tradução alemã do *Thesaurus pauperum*, com descrição e análise dos manuscritos conhecidos. Reconstituição biográfica de P.H. (pp. 7-32); tradição textual alemã do *Thesaurus* na Idade Média tardia (33-128); fontes e conteúdo do "Nürnberger Arzneibuchs" (129-286); recepção alemã dos textos

de flebotomia e oftalmologia de P.H. (287-301); com índice de vocábulos médicos (302-442) inclui ainda lista de fontes e bibliografia (443-465).

- «Petrus Hispanus (Petrus Juliani, Papst Johannes XXI)», em RUH, Kurt et al. (Hrg.): *Die deutsche Literatur des Mittelalters: Verfasserlexikon*, Walter de Gruyter, Berlin—New York 1972-, band VII (1989), col. 503-511.

Resenha biográfica e bibliográfica sobre P.H., com apresentação da difusão manuscrita das traduções alemãs das obras: a) *Thesaurus pauperum* (6 trad. recolhidas em várias copilações e *Arzneibuch*), 2) *Phlebotomia*, 3) *Liber de oculo*.

- THÉRY, Gabriel: «Catalogue des manuscrits dionysiens des Bibliothèques d'Autriche», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 10 (1935-36) 163-224, 11 (1938) 87-130, cfr. pp. 210-212.

Nessas pp. descreve-se o ms. Viena, NB, 574 que contém uma parte do comentário de P.H. a Dionísio pseudo Areopagita.

- «Inautenticité du Commentaire de la *Théologie mystique* attribué à Jean Scot Erigène», *La vie spirituelle*, 8 (1923) suppl. pp. 137-153.

Estudo publicado antes de se conhecer o ms. de Munique onde o comentário é atribuído a P.H. O A. mostra que nele é usada a trad. de João Sarraceno e a *Extractio* de Tomás Gaulês. Como os utiliza, conclui que lhes é posterior, sugerindo que poderia ter sido escrito por um monge dos Escoceses de Viena (cidade onde se encontrava o manuscrito onde é atribuído a Johannes e que serviu para a edição na Patrologia latina, vol. 122, onde é atribuído a Johannes Scotus).

- THIJSEN, J.M.M.H.: «1277 Revisited: A New Interpretation of the Doctrinal Investigations of Thomas Aquinas and Giles of Roma», *Vivarium* 35 (1997) 72-101.

Re-análise das razões que desencadearam a condenação em que é envolvida a bula de João XXI ao bispo de Paris.

- *Censure and Heresy at the University of Paris 1200-1400*, (The Middle Ages series) University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1998, pp. 43-46.

A condenação de Tempier é independente da carta de João XXI (e a 2ª carta, que considera apenas uma especificação da 1ª, não mostra que o papa já conhecesse a condenação de 7 de Março), relacionando-se com processos que então já decorriam em Paris.

- «What Really Happened on 7 March 1277? Bishop Tempier's Condemnation and its Institutional Context», em Edith D. SYLLA — M. MCVAUGH (eds): *Texts and Contexts in Ancient and Medieval Science. Studies on the Occasion of John E. Murdoch's Seventieth Birthday*, (Brill's Studies in Intellectual History, 78) E. J. Brill, Leiden 1997, pp. 84-114.

Sobre as condenações parisienses e o eventual papel de João XXI no desencadear do processo.

- THIRRY, Anne: «Recherches relatives aux commentaires médiévaux du "De anima" d'Aristote», *Bulletin de philosophie médiévale* 13 (1971) 109-128.

- THOMAS, Lothar: *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*, vol. I: *A História da Filosofia Portuguesa desde o seu começo até ao final do século XVI (exceptuada a restauração da escolástica)*, trad. António J. Brandão, Livraria Clássica Editora, Lisboa 1944, pp. 79-103. [ed. alemã: *Geschichte der philosophie in Portugal*, b. I, Imprensa Barreiro, Lisboa 1944, pp. 62-79].

Retoma a bibliografia sobre P.H. para reafirmar a identidade entre o autor das *Summulae* e o português Petrus Juliani, futuro João XXI. Toma como mestres de P.H. em Paris: Guilherme de Sherwood em lógica, Alberto Magno em filosofia natural, João de Parma em teologia (pp. 83-84). Dá largo espaço à *Scientia libri de anima*, com transcrição dos prólogos e índice de todos os tratados (pp. 91-100, seguindo a ed. de M. Alonso de 1941) e conclui com as apreciações de M. Grabmann sobre o carácter cimeiro e original desta obra no âmbito da escolástica.

- THORNDIKE, Lynn: *A History of Magic and Experimental Science During the First Thirteen Centuries of our Era*, Columbia University Press, New York 1923, vol. II, cap. 58: pp. 488-516.

- THUROT, Charles: «De la logique de Pierre d'Espagne», *Revue Archéologique ou Recueil des documents et des mémoires relatifs à l'étude des monuments, à la numismatique et à la philologie de l'antiquité et du moyen âge*, n.s., 10 (1864) 267-281.

Refutação da tese de C. Prantl (vol. II da *Geschichte der Logik im Abendland*) segundo a qual Miguel Psellos teria sido plagiado/traduzido por P.H., mostrando as debilidades da tese da origem bizantina do *Tractatus*.

- (recens. da obra de C. PRANTL, *Michael Psellus und Petrus Hispanus. Eine Rechtfertigung*, Leipzig 1867), *Revue critique d'histoire et de littérature*, 2 (1867) 194-203 (fasc. nº 3), 4-11 (fasc. nº 27).

Refuta de novo a tese da origem bizantina do *Tractatus*, argumentando inclusivé com a falta de fiabilidade da atribuição do texto grego a Miguel Psello no ms. editado por Ehinger.

- TINÈ, Antonino (ed., introd.): *Il "De predicabilibus" nel Commento ai Trattati I-V di Pietro Ispano attribuito a Simone Anglico o di Faversham*, Istituto Dipartimentale di Studi Antichi e Tardo-Antichi, Sezione Filosofica, Catania 1983, 53 pp.

Edição parcial do comentário sobre o *Tractatus* I-V atribuído a Simão de Faversham, com base nos mss. Milano, BA, F. 56 sup.; München, BSB, lat 14697; Padova, BA, XX 429; Paris, BN. lat. 16126. — (ed., introd.): *Simone di Faversham e il suo commento al capitolo De Nomine nei Tractatus di Pietro Ispano*, Catania 1994.

- TOMÁS DE MERCADO: *Comentarios lucidissimos al texto de Pedro Hispano*, Universidad Nacional Autónoma, México 1986.

- TORRES, Rui Abreu: «Pedro Julião ou Pedro Hispano», em *Dicionário biográfico universal de autores*, Artis-Bompiani, s.l., 1970 [trad. de *Dizionario biografico degli autori*], vol. IV, pp. 2590-2591.

Vida, obras e bibliografia de P.H.

- TOVAR, C. de: «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage» [1ère partie], *Revue d'histoire des textes*, 3 (1973) 115-191.

Estudo da tradução francesa em versos octossílabos do *Thesaurus pauperum* de P.H. e dos 3 manuscritos conhecidos. Sugere-se que o Petrus autor do *Thesaurus* é um laico espanhol e não o português futuro papa João XXI (p. 123). Para além de se propor que o *De febris* não é do autor do *Thesaurus* (p. 126).

- «Contamination, interférences et tentatives de systématisation dans la tradition manuscrite des réceptaires médicaux français. Le réceptaire de Jean Sauvage» [2ème partie], *Revue d'histoire des textes*, 4 (1974) 239-288.

Continuação do estudo sobre a tradução do *Thesaurus pauperum* de P.H.

- TROTTMANN, Christian: «Sciences optiques et théologie de la vision béatifique a la cour pontificale de Viterbe», *Mediaevalia. Textos e estudos* 7-8 (1995) 361-401, cfr. pp. 364-369.

O A. estuda sucessivamente os principais temas e protagonistas do intenso interesse pela ciência natural e pela noética na corte pontificia, que teria um importante papel nas disputas sobre a visão beatífica. A esse propósito é analisado o agostinismo avicenisante da teoria dos intelectos da *Scientia libri de anima* de P.H.

- TUGWELL, Simon: «Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Identifications», *Vivarium*, 37 (1999) 103-113.

Refuta as sugestões de possíveis Petrus Hispanus, dominicanos e espanhóis, que poderiam ter sido autores do *Tractatus* e que haviam sido sugeridos no estudo de 1997 de A. d'Ors.

- URMENETA, F. de: «Correlaciones entre los lenguajes filosóficos griego y latino (ecos silogísticos olvidados de Aristóteles en Pedro Hispano)», *Actas del III Congreso Español de Estudios Clásicos*, Madrid 1968, vol. II, pp. 201-206.

Aristóteles como fonte das regras do silogismo em P.H.

- VAN DEN ABEELE, Baudouin: «Le "De animalibus" d'Aristote dans le monde latin: modalités de sa réception médiévale», *Frühmittelalterliche Studien. Jahrbuch des Instituts für Frühmittelaltersforschung der Universität Münster*, 33 (1999) 287-318, cfr. pp. 300-301.

- VAN MOE, E.: «L'envoi de nonces à Constantinople par les papes Innocent V et Jean XXI (1276)», *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire* 47 (1930) 39-62.

- VAN STEENBERGHEN, Fernand: *La philosophie au XIII^e siècle*. Deuxième édition mise à jour, (Philosophes médiévaux, 28) Institut Supérieur de Philosophie — Peeters, Louvain la Neuve — Louvain 1991, pp. 138-140, 338-339 [1^a ed.: na mesma colecção, nr. 9, Paris

1966].

Breve reconstituição biográfica, baseada em De Rijk 1972, revendo algumas deduções cronológicas (mas sem documentos ou outros argumentos que não a organização do ensino em Paris): P.H. ter-se-ia tornado mestre de Artes em Paris em 1227 iniciando estudos de teologia em 1227-1229, mas também poderia ter ensinado lógica em 1229; entre os estudos realizados em Paris poderiam estar a gramática, a lógica e a ética, talvez também a teologia. Breves referências às obras, onde destaca a *Scientia*, que integra em um «aristotélisme teinté d'augustinisme et d'avicennisme» (p. 141).

VELÁSQUEZ, Lorena: «Nota sobre una *Explanatio* de Iodocus Trutvetter», *Bulletin de Philosophie Médiévale*, 33 (1991) 206-214.

Estudo do comentário (62 questões) de Iodocus de Trutvetter (professor em Erfurt, onde foi mestre de Lutero, séc. XVI) às *Summulae logicales* de P.H. existentes no incunábulo BAV IV, 644, único exemplar conhecido.

VENTURA, Leontina: *A nobreza de corte de Afonso III*, Dissertação de Doutorado em História, Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra 1992, vol. II, pp. 771-772.

Dá conta das incertezas quanto à identificação da ascendência e família de P. Julião, e assinala o seu percurso eclesiástico, documentado após 1250.

VITALE, Vito: «Giovanni XXI, il papa portoghese», *Relazioni storiche fra l'Italia e il Portogallo*, pp. 113-122.

VONES, Ludwig: «Jean XXI», em Philippe LEVILLAIN (dir.), *Dictionnaire critique de la papauté*, Libr. Arthème Fayard, Paris 1994, pp. 942-943 [tra. ital.: *Dizionario storico del papato*, 2 vol., Bompiani, Milano 1996, vol. II, pp. 652-654].

WACK, Mary Frances: *Lovesickness in the Middle Ages. The Viaticum and Its Commentaries*, (Middle Ages Series) University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1990, cfr. pp. 83-125 (estudo), 212-251 (edição de textos), 283-289 (notas dos cap. 5-6), 303-310 (notas de edição).

O cap. 5 (pp. 83-108) apresenta as *Questões sobre o Viaticum de Constantino* atribuídas a P.H., que a A. considera subsistirem em 2 versões: a versão *A* em um manuscrito de Erfurt e outro de Krakow [de facto esta versão é anónima e não de P.H., resultando de uma atribuição no antigo catálogo de Amplonius Ratynck do séc. XV (e não do séc. XIV como escreve M.F. Wack), cfr. p. 212]; a versão *B* sobrevive em 4 códices, 2 dos quais com atribuição a P.H. O cap. 6 estuda as 2 versões na parte relativa à medida do prazer e ao mal de amor (pp. 109-125, que são uma revisão do estudo da A. publicado em 1986). Edição da parte das 2 “versões” relativas ao tema em estudo, com tradução inglesa defronte e notas (*A*: pp. 212-229, 303-305; *B*: pp. 230-251, 305-310).

— «The Measure of Pleasure: Peter of Spain on Men, Women, and Lovesickness», *Viator. Medieval and Renaissance Studies*, 17 (1986) 173-196. [este estudo foi revisto e incluído na obra da autora: *Lovesickness in the Middle Ages*, 1990, cfr. pp. 109-125, 286-289].

WALSH, J.J.: «John XXI, philosopher, physician, Pope», *American Ecclesiastical Review*, 39 (1908) 379-395.

WEDECK, H.E. (transl.): «Petrus Hispanus. Suppositions and Distributions», em *Classics in Logic. Readings in Epistemology, Theory of Knowledge and Dialectics*, Peter Owen, London 1963, pp. 378-392.

Tradução dos tratados VI e XII do *Tractatus (Summulae logicales)*, mas não indica o texto base da tradução

WILKE, Walter: *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde*, Inaugural-Dissertation, Universität Leipzig 1924 [resumo: *Der Arzt Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde. Auszug*, Aus dem Institut für Geschichte der Medizin an der Universität Leipzig, Gebler & Strauß, Quedlinburg 1924, 6 pp.].

[Apenas foi consultado o resumo] A introdução biográfica sobre o médico Pedro Hispano, identificado com o futuro papa João XXI, é seguida da apresentação das principais obras médicas: *Thesaurus pauperum*, *Liber de oculo*, *Regimen sanitatis*, os comentários sobre as obras da *Ars medicinae* ou *Articella*, e o breve *De phlebotomia* (inclui a edição deste texto nas pp. 20-21 da dissertação e pp. 5-6 do resumo). A dissertação discute ainda o capítulo «De dolore dentium» do *Thesaurus pauperum* (cap. XI da ed. de M.H.R. Pereira).

WINGATE, Sybil D.: *The Medieval Latin Versions of the Aristotelian Scientific Corpus with Special Reference to the Biological Works*, The Courier Press, London 1931, cfr. pp. 16, 79-81, 105 (notas).

Os comentários sobre o *De animalibus* nos mss. de Madrid e de Florença (este é aqui pela primeira vez revelado como contendo uma atribuição a «P. hisp.»), são atribuídos a um mesmo P.H. que os teria composto em momentos diferentes da sua carreira, a qual é associada à corte científica de Frederico II.

WŁODARCZYK, T. (trad.): Piotr Hiszpan, *Traktaty logiczne*, przel. i wstępem opatrzył Tadeusz Włodarczyk, (Biblioteka Klasyków Filozofii) Państw. Wydaw. Naukowe, Warszawa 1969, XXV+210 pp. [em polaco]

Tradução polaca do *Tractatus (Summulae logicales)* com introdução, aparentemente baseia-se na edição Bochenski. [cit. em Risse Bibli. logica II p. 377].

WOLTERS, G.: «Petrus Hispanus», em Jürgen MITTELSTRAß (hrg.), *Enzyklopädie Philosophie und Wissenschaftstheorie*, J.B. Metzler, Stuttgart-Weimar 1995, pp. 105-106.

Perfil biográfico e académico, com referência às obras e em particular à filosofia da alma, marcada pelo agostinismo e pelas teorias do hilemorfismo e da iluminação. Com bibliografia.

XAVIER, Maria Leonor: «Pedro Hispano e Tomás Galo: a mística dionisiana», em SOTO RÁBANOS, J.M. (coord.): *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas — Consejería de Educación y Cultura de la Junta de Castilla y León, Diputación de Zamora, Madrid 1998, vol. II, pp. 1053-1066.

YRJÖNSUURI, Mikko: «Words and Things in Peter of Spain's *Syncategoreumata*», em Ignacio ANGELELLI — Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (Philosophische Texte und Studien, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 3-19.

A discussão do estatuto ontológico de cada uma das expressões sincategoremáticas é uma das características dos *Syncategoreumata* de P.H. Se algumas delas não possuem significado, mas, são, antes, operadores linguísticos, há outras que, de facto, possuem significado(s) que pertence(m) a um tipo especial de coisas reais que precisam de ser discutidas. Estuda-se a composição (Tr. I), a negação (Tr. II), a exclusão, excepção e limites temporais (Tr. III-VI), consecução (Tr. VII), conjunção e disjunção (Tr. VIII).

ZAMBRINI, F.: *Volgarizzamento del trattato della cura degli occhi di Pietro Spano (Codice Laurenziano citato degli accademici della crusca)*, (Scelta di curiosità letterarie inedite o rare dal secolo XIII al secolo XVII, 130), Presso Gaetano Romagnoli, Bolonha 1873 [reimpr: (col. Documenta historica medicinae, 1) Ferro, Milano 1966].

A utilização pelos “académicos da crusca” referida no título é referência ao uso deste texto em italiano antigo como fonte de ocorrências para o *Vocabolario italiano editado pela Accademia della Crusca*. O livro é editado enquanto «texto de língua e como antigo documento histórico de arte», quanto ao conteúdo, nota que devem ser tidos em conta os seis séculos de idade do tratado (p. XXVII). A pp. XVI-XVII Zambrini refere que o dicionário, então em curso de 5^o edição, nos três volumes publicados citava este texto de P.H. em 17 entradas: Accubito, alapisia, amato, anare, apprendere, aranea, arrostrito, arrosto, benedetta, cadimento, calzato, campana, canapaccia, carnalmente, cateratta, cefalico, chiarificare. Estes termos estão todos nos três primeiros volumes, o dicionário viria a ter dez, no total as citações desta obra elevar-se-iam a 300. Neste volume de XXX+95 pp (em edição limitada de 206 exemplares) Zambrini faz a edição do Ms Firenze, BM Laurenziana, 186, 88, que contém versão em italiano antigo que o editor crê ter sido realizada por Messer Zuccherio Benciveni no início do século XIV. Na Introdução o A. evoca a tradição que considera o *De oculo* como o 8^o capítulo do *Thesaurus Pauperum* (VIII-XIII) e o cáustico juízo de Vincenzo Monti acerca do Tesouro, que considera «il più meschino e ridicolo libricciolo». Zambrini lamenta que não se conheça a língua original em que PH escreveu a sua obra, pois se perdeu o original (p. XXI), juízo que parece mostrar que Zambrini não conhece o original em latim. A edição não distingue as duas partes da obra: o *De oculo* (41 capítulos; pp. 1-35) e o *Tractatus mirabilis aquarum* [14 cap.; pp. 36-52). Como anexo, Zambrini publica ainda outros textos de medicina oftalmológica (pp. 53-89), um dos quais é uma colação de receitas do *Tesouro dos pobres*, extraída de uma edição veneziana de 1494 (pp. 53-67); outras receitas, de outro manuscrito (pp. 68-75); um capítulo sobre a cura dos olhos de um livro de Aldobrandino de Siena (pp. 77-83). No final (pp. 85-90), Zambrini publica uma «Nota di alcune medicine, erbe e piante, etc. oggi per la maggior parte cadute in desusi, che leggonsi in questo LIBRO DEGLI OCCHI», seguida de uma lista de 19 vocábulos errados ou de significado incerto. Índice geral (pp. 91-94) e errata (p. 95).

ZANOLLI, Laura: «La dottrina delle “fallaciae in dictione” in Pietro Hispano», *Revista di filosofia neoscholastica*, 91 (1999) 205-228.

Estudo das seis “fallaciae in dictione” no *Tractatus* VII de P.H.: “de equivocatione”, “de amphibolia”, “de compositione”, “de accentu”, “de figuris”.

ZDEKAUER, L. : «A proposito di una recente biografia di Papa Giovanni XXI (Pietro Spano)», *Bolletino Senese di storia Patria*, 5 (1898) 283-287.

Recens. da obra de R. Stapper, 1898, corrigindo a pp. 284-285 a errada identificação entre Fantino e Mestre Mordente di Faenza, que Stapper havia feito.

ZONTA, Mauro: «Fonti antiche e medievali della logica ebraica nella Provenza del trecento», *Medioevo*, 23 (1997) 515-594, cfr. pp. 529-531, 577-594.

A tradução hebraica do *Tractatus* de P.H., entre outras obras de outros autores, tem um papel importante nos meios filosóficos provençais do séc. XIV. O A. refere em particular o uso por Hezekiah/Hizqiyyah bar Halafta da glosa *Cum a facilioribus* [de que se conhecem pelo menos 8 mss., cfr. DE RIJK, «On the Genuine Text...» V, pp. 11-1, IDEM: *Tractatus*, 1972, p. XLIX, autor que considera esta glosa um dos primeiros comentários sobre o *Tractatus*, mas a questão da datação tem sido discutida], ou um texto dela muito próximo, no seu próprio comentário dos *Tractatus* I-VII composto na Provença c. de 1320. Sobre o comentário de Hizqiyyah inclui ainda a identificação de fontes (pp. 593-594) e a comparação de excertos com a glosa *Cum a facilioribus* (pp. 585-592).

Bibliografia geral

(*Bibliografia citada no vol. II*)

I. Fontes

AELREDO DE RIEVAULX [Aelredus Rievallensis]

Dialogus de Anima, em *Aelredi Rievallensis Opera Omnia 1: Opera Ascetica*, ed. A. HOSTE — C.H. Talbot, (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 1) Brepols, Turnhout 1971, pp. 683-754.

AGOSTINHO DE HIPONA [Augustinus Hipponensis / Aurelius Augustinus]

Confessionum libri tredecim

Santo Agostinho, *Confissões*, Edição bilingue, Trad. e notas de A. Espírito Santo, J. Beato, M.C.C.-M.S. Pimentel, introd. de M.B.C. Freitas, notas de âmbito filosófico de M.B.C. Freitas e J.M.S. Rosa, (Estudos Gerais. Série universitária. Clássicos da Filosofia) IN-CM, Lisboa 2000.

De Trinitate

La Trinité, texte de l'édition bénédictine et traduction; 2 vol.: (*Livres I-VII*) 1. *Le mystère*, introd. E. HENDRIKX, trad. et notes M. MELLET, Th. CAMELOT; (*Livres VIII-XV*) 2. *Les images*, texte de l'édition bénédictine et trad. par P AGAËSSE, notes avec la collaboration de J. MOINGT, (Bibliothèque Augustinienne. Oeuvres de Saint Augustin, 15-16), Desclée de Brower, Paris 1955.

San Agustín, *Tratado sobre la Santísima Trindade*, Texto, verrino esp., introd., notas por L. ARIAS (Obras completas de San Agustín, V) Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1968.

De libero arbitrio

Saint Augustin, *De libero arbitrio*: Oeuvres de Saint Augustin, *De magistro*, *De libero arbitrio*, texte, trad., introd. notes para F.J. Thonnard, (Bibliothèque augustiniennne, 6: Dialogues philosophiques, III: De l'âme a Dieu) Desclée De Brower, Paris 1952 (2^a ed.).

AGOSTINHO (pseudo), ver: Anónimo: *De spiritu et anima. Liber unus*.

ALBERTO MAGNO [Albertus Magnus]

— *De anima*, ed. Clemens Stroick, (Alberti Magni Opera Omnia, VII, 1) Monasterii Westfalorum in aedibus Aschendorf, 1968.

ALGAZEL [Ibn Gazali]

Metaphysica, em *Algazel's Metaphysics a Medieval Translation*, ed. by J.T. Muckle, (St. Michael's Mediaeval Studies) St. Michael's College, Toronto 1933 [parte I: *Metaphysica*, pp. 1-129; parte II: *Physica*, pp. 130-197, inclui nos Tr. IV e V: *De anima vegetabili et animali et humana*, pp. 162-197].

ALFARABI [Alpharabius]

De intellectu et intellecto, ed. E. Gilson: «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 4 (1929/30) 5-149, pp. 115-126, com trad: pp. 126-141.

ALFREDO DE SARESHEL [Alfredus de Sareshel vel Anglicus]

Des Alfred v. Sareshel (Alfredus Anglicus) schrift *De motu cordis*, Hrg. Clemens Baeumker, (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, 22, 1-2) Aschendorf, Münster 1922.

ANÓNIMOS [Anonymi auctores]

Auctoritates Aristotelis, Senecae, Boethii, Platonis, Apuleii africani, Porphyrii et Gilberti Porretani, em Jacqueline HAMESSE: *Les Auctoritates aristotelis. Un florilège médiéval. Étude historique et édition critique*, (Philosophes médiévaux, 17) Publications Universitaires — Éd. Béatrice-Nauwelaerts, Louvain — Paris 1974.

Compendium examinatorium parisiense, em Claude LAFLEUR (ed.) — Joanne CARRIER (coll.): *Le "Guide de l'étudiant" d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIIIe siècle*, (Coll. Publications du laboratoire de Philosophie ancienne et médiévale de la Faculté de Philosophie de l'Université Laval, 1) Université Laval, Québec 1992 [edição provisória].

De anima et de potentiis eius, em René-Antoine GAUTHIER: «Le traité *De anima et de potentiis eius* d'un maître ès arts (vers 1225). Introduction et texte», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 66 (1982) 3-55.

De potentiis animae et objectis, em D.A. CALLUS: «The Powers of the Soul. An Early Unpublished Text», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 19 (1952) 131-170, texto nas pp. 146-170.

De spiritu et anima. Liber unus, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 40, Paris 1887, col. 779-832.

Lectura in Ethicam Novam, em René-Antoine GAUTHIER: «Le cours sur l'*Ethica Nova* d'un Maître ès arts de Paris (1235-1240)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire sur le Moyen-Age*, 42 (1975) 71-140.

Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata, em Anonymi, magistri artium (c. 1245-1250): *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata (Ms. Roma Naz. V. E. 828)*, edidit Renatus A. Gauthier, O.P. (Specilegium Bonaventurianum, 24), Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Roma) 1985.

Liber de causis

— FIDORA, Alexander — Andreas NIEDERBERGER: *Von Badad nach Toledo. Das "Buch der ursachen" und seine Rezeption im Mittelalter* (excerpta classica, 20) Dietrich'sche Verlagsbuchhandlung, Mainz 2001, pp. 33-149 (texto lat, e trad. alemã).

— MAGNARD, Pierre — Olivier BOULNOIS — Bruno PINCHARD — Jean-Luc SOLÈRE: *La demeure de l'être. Autour d'un anonyme. Étude et traduction du Liber de causis*, (Philologie et Mercure), Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1990, pp. 37-84 (texto lat. e trad. franc.)

Philosophica disciplina, em «Anonymi, magistri artium parisiensis (c. 1245) *Philosophica disciplina*», ed. C. LAFLEUR: *Quatre introductions à la philosophie au XIII.e siècle. Textes critiques et étude historique*, Montréal-Paris 1988, pp. 255-293.

Questiones in Aristotelis libros I et II De anima, ed. M. GIELE: «Un commentaire Averroïste sur les livres I et II du traité De l'âme (Oxford, Merton College 275, ff. 108-121)», em GIELE, Maurice — Fernand VAN STEENBERGHEN — Bernard BAZÁN (eds.): *Trois commentaires anonymes sur le traité De l'âme d'Aristote*, (Philosophes médiévaux, 11) Publications Universitaires — Béatrice-Nauwelaerts, Louvain — Paris 1971, pp. 11-120.

Questiones in tres libros de anima, em *Ein Anonymer Aristoteleskommentar des XIII. Jharhunderts Questiones in ter libros de anima (Admont, Stiftsbibliothek, cod. lat. 367)*, textedition und philosophisch-historische Einleitung von Joachim Vennebusch, Verlag Ferdinand Schöningh, Paderborn 1963, pp. 92-313.

Sententia super II et III De anima, em ANONYMI, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, édition, étude critique et doctrinale par B.C. BAZÁN, text du *De anima* établi para Kevin WHITE, (Philosophes médiévaux, 37) Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie- Ed. Peeters, Louvain-Paris 1988.

ARISTÓTELES [Aristoteles]

De anima

- *Translatio arabo-latina* (Michaelis Scoti)
 - Lib. I-III: apud *Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros*, Recensuit F. Stuart Crawford, (Corpus Commentariorum Averrois in Aristotelem, VI, 1) The Mediaeval Academy of America, Cambridge (Mss.) 1953 (passim).
- *Translatio Vetus* (Iacobi Venetici)
 - Lib. I-III: ed. M. Alonso, em Pedro Hispano, *Obras Filosóficas III*, Madrid 1952, pp: 89-115 passim.
 - Lib. I-III: ed. R.-A. Gauthier: em Anonymi, magistri artium (c. 1245-1250): *Lectura in librum de anima a quodam discipulo reportata (Ms. Roma Naz. V. E. 828)*, Grotaferrata 1985 (passim).
 - Lib. II-III: ed. Kevin White, em ANONYMI, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, ed. B.C. Bazán, Louvain-Paris 1998 (passim).
- *Translatio nova* (Guillelmi de Moerbeke)
 - ed. M. Alonso, em Pedro Hispano, *Obras Filosóficas II* (passim).
 - ed. R.-A. GAUTHIER em *Sancti Thomae de Aquino Sententia libri de anima* (Opera Omnia t. XLI*1) Commissio Leonina - Librairie Philosophique J. Vrin, Roma - Paris 1984 (passim).
- Trad. Bodéüs: ARISTOTE, *De l'âme*, trad. inédite, présentation, notes et bibliographie par Richard Bodéüs, (GF 711) Flammarion, Paris 1993.
- Trad. Tricot: ARISTOTE, *De l'âme (Pery Psychês / De Anima)*, traduction nouvelle et notes par Jean Tricot (col. Bibliothèque des Textes Philosophiques), Librairie Philosophique J. Vrin., Paris 1959.
- Trad. Hett: ARISTOTLE, *On the Soul. Parva Naturalia. On Breath*, with an english translation by W.S. Hett, (Loeb Classical Library. Aristotle, vol. VIII), Harvard University Press-William Heinemann Ltd., Cambridge (Mass.)-London 1936 (ed. ut. 1986).

De animalibus [Historia animalium; De partibus animalium; De generatione animalium]

- *Translatio arabo-latina* (Michaelis Scoti)
- [Historia animalium] *Histoire des animaux*, 3 tomes, Texte établi et traduit par Pierre Louis, (Coll. des Universités de France) Société d'Éditions les Belles Lettres, Paris 1964, 1968, 1969 [texto grego e trad. franc.].
- [De partibus animalium] *Les parties des animaux*, Texte établi et traduit par Pierre Louis, (Coll. des Universités de France) Société d'Éditions les Belles Lettres, Paris 1956 [texto grego e trad. franc.].

- [De generatione animalium] *De la génération des animaux*, Texte établi et traduit par Pierre Louis, (Coll. des Universités de France) Société d'Éditions les Belles Lettres, Paris 1961 [texto grego e trad. franc.].

De generatione et corruptione

- De la génération et de la corruption*, Texte établi et traduit par Charles Mugler (Coll. des Universités de France) Société d'Éditions les Belles Lettres, Paris 1966 [texto grego e trad. franc.].

De progressu et de motu animalium

- Marche des animaux. Mouvement des animaux. Index des traités biologiques*, Texte établi et traduit par Pierre Louis, (Coll. des Universités de France) Société d'Éditions les Belles Lettres, Paris 1973 [texto grego e trad. franc.].

Ethica ad Nichomacum

- L'Éthique à Nicomaque*, 4 Volumes : I.1: *Introduction* (René-Antoine GAUTHIER). I.2: *Traduction* (J.Y. JOLIF — R.A. GAUTHIER) ; II.1-II.2: *Introduction, traduction et commentaire* par René-Antoine GAUTHIER et Jean Yves Jolif, (Aristote, Traductions et études) Publications Universitaires - Béatrice Nauwelaerts, Louvain - Paris 1970 (2^a ed.).

Methaphysicorum libri

- Metafísica*, Edición trilingüe por Valentín García Yebra, Editorial Gredos, Madrid 1987 (reimp. da 2^a ed.) [texto grego, traduções: latina de Moerbeke e castelhana].

Parva Naturalia

- Trad. Hett: *On the Soul. Parva Naturalia. On Breath*, with an english translation by W.S. Hett, (Loeb Classical Library. Aristotle, vol. VIII), Harvard University Press-William Heinemann Ltd., Cambridge (Mass.)-London 1936 (ed. ut. 1986) pp. 205-481.
- *Aristotelis ... omnia quae extant opera cum Averrois commenariis*, 9 vol. + 3 suppl., Venetiis 1562-1574 [reimpr. Minerva, Frankfurt a.M. 1962].

ALBÉRICO DE REIMS [Aubricus Remensis]

- Philosophia Magistri Aubrici Remensis*, em GAUTHIER, René-Antoine: «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75. Aubry de Reims et la scission des normands», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 68 (1984) 3-49, cfr. pp. 29-48.

ANSELMO DE CANTUÁRIA [Anselmus Cantuariensis ep.]

- De veritate*, introd., trad. et notes para M. Corbin, em Anselme de Cantorbery: *Le grammairien, De la vérité, La liberté du choix, La chute du diable*, (L'oeuvre de S. Anselme de Cantorbery, 2), Ed. du Cerf, Paris 1987, pp. 124-177 [texto latino e trad.. franc. defronte].
- De libertate arbitrii*, introd. et notes para M. Corbin, trad. R. Ravinel, em Anselme de Cantorbery: *Le grammairien, De la vérité, La liberté du choix, La chute du diable*, (L'oeuvre de S. Anselme de Cantorbery, 2), Ed. du Cerf, Paris 1987, pp. 204-247 [texto latino e trad.. franc. defronte].

ANTÓNIO DE LISBOA, santo [Fernandus Martini; Antonius Ulixboneneis / Patavinus]

- SANTO ANTÓNIO DE LISBOA, *Obras Completas. Sermões dominicais e festivos* (ed. bilingue), Introd., trad. e notas de Henrique Pinto REMA, 2 vol., (Tesouros da literatura e da história) Lello & irmão Ed., Porto 1987.

ARNULFO DE PROVENÇA [Arnulfus Provincialis]

- Divisio scientiarum Arnulfi Provincialis, magistri artium parisiensis* (c. 1250), em C. LAFLEUR: *Quatre introductions à la philosophie au XIII.e siècle. Textes critiques et étude historique*, (Publications de l'Institut d'Études Médiévales, 23) Institut d'Études Médiévales-Librairie Philosophique J.Vrin, Montréal-Paris 1988, pp. 295-355.

AVICEBRÃO : AVINCEBROL / IBN GABIROL [Avencebrolis]

Avencebrolis (Ibn Gebirol) Fons vitae ex arabico in latinum translatus ab Iohanne Hispano et Dominico Gundissalino ex codicibus Parisinis, Amploniano columbinum primum edidit Clemens Baeumker, (Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters, 1, 2-4) Aschendorf, Münster 1895.

— Salomon Ibn Gabirol: *Livre de la source de vie (Fons vitae)*, Trad. introd. et notes par Jacques Schlanger, (Bibliothèque philosophique) Aubier Montaigne, Paris.

AVERROÍS DE CÓRDOVA [Abu'l Walid Mohammad ibn Ahmad ibn Mohammad IBN ROSHD; lat.: AVERROIS]

Aristotelis ... omnia quae extant opera cum Averrois commenatriis, 9 vol. + 3 suppl., Venetiis 1562-1574 [reimpr. Minerva, Frankfurt a.M. 1962].

Comentario al libro sobre el alma de Aristoteles [Taljîs Kitab al-Nafs (Epítome De Anima)], em: Averrois Cordubensis, *La psicología de Averroes*, trad. introd. y notas de Salvador Gomez Nogales, prólogo de Andrés Martínez Lorca, (Aula Abierta, 26) Universidad Nacional de Educacion a Distancia, Madrid 1987.

Commentarium magnum in Aristotelis de anima libros, Recensuit F. Stuart Crawford, (Corpus Commentariorum Averrois in Aristotelem, VI, 1) The Mediaeval Academy of America, Cambridge (Mss.) 1953.

— AVERROËS: *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, trad., introd., notes par Alain de LIBERA (GF, 974) Flammarion, Paris 1998.

Compendia librorum Aristotelis qui parva naturalia vocantur, Recensuit Aemilia Ledyard Shields, adiuv. Henrico Blumberg, (Corpus Commentariorum Averrois in Aristotelem, VII), The Mediaeval Academy of America, Cambridge (Mss.) 1949.

AVICENA [Abu 'Ali al-Husayn ibn 'Abd Allah ibn al-Hasan ibn 'Ali IBN SĪNA; lat.: AVICENNA]

Liber de anima seu Sextus de naturalibus, 2 vol., Éd. critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet. Introductions sur la doctrine psychologique d'Avicenne par G. Verbeke, (Avicenna Latinus) Éditions Orientalistes — E.J. Brill, Louvain — Leiden 1972-1968 [vol. 1: Livros I-II-III, 1972; vol. 2: Livros IV-V e Apêndice: *De medicinis cordialibus*, 1968].

Biblia

Biblia Sacra iuxta Vulgatam versionem, ed. R. Weber, adiuv. B. Fisher, J. Gribomont, H.F.D. Sparks, W. Thiele, ed. quartam emendatam praeparavit R. Gryson, cum sociis, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart 1994.

BOAVENTURA DE BAGNOREGIO [Bonaventura de Balneoregio]

Itinerário de mente para Deus [Itinerarium mentis in Deum], ed., introd. trad. e notas A.S. Pinheiro, (Textos filosóficos), Universidade Católica, Braga 1973.

CALCÍDIO [Calcidius]

Calcidii Comentarius Timaei Platonis, em Plato latinus: *Timaeus a Calcidio translatus commentarioque instructus*, ed. J.H. Waszink, (Plato latinus. Corpus platonicum medii aevi) In aedibus Instituti Warburgiani et E.J. Brill, Londinii — Leidae 1975, pp. 53-346.

CASSIODORO [Cassiodorus]

De anima, ed. J.W. Halporn, em *Magni Aurelii Cassiodori Senatoris Opera*, pars I (Corpus Christianorum. Series latina, 96) Brepols, Turnhout, 1973, pp. 534-575.

COSTA BEN LUCA [Costa ben Luce; Constanubilus (Qusta ibn Luqa, arab.)]

De differentia animae et spiritu [ou *De differentia inter spiritum et animam*], em Costa ben Lucae, *De differentia animae et spiritu Liber translatus a Johanne Hispalensi*, Hrg. C.S. Barach, Innsbruck 1878, pp. 120-139.

DIONÍSIO, pseudo Areopagita [Dyonisius Areopagita]

Dionysiaca. Recueil donnant l'emsemble des traductions latines des ouvrages atribués à Denys de l'Arréopage, et synopse manquant la valeur des citations presque innombrables allant seules depuis longtemps remises enfim au moyen d'une nomenclature rendue d'un usage très facile, 2 vol., par P. CHEVALLIER, Desclée de Brouwer, Paris 1938 e 1950 (reimpr. em 4 vol.: Frommann-Holzboog, Stuttgart 1989).

PSEUDO DIONÍSIO AREOPAGITA, *Teologia mística*, versão do grego, e estudo complementar de M.A.S. Carvalho, em *Mediaevalia. Textos e estudos*, 10 (1996), [texto grego e tradução defronte; inclui a tradução das cartas 1-3 e 5].

GEORGIOS SCOLARIO [Georgiou tou Scolariou]

GEORGIOU TOU SCOLARIOU *APANTA TA EYRISKOMENA / Oeuvres complètes* de Georges Scolarios, publiées pour la première fois par Louis Petit — X. A. Siderides — Martin Jugie, 8 vol., Maison de la bonne presse, Paris 1928-1936, Vol. VIII: *Fin des oeuvres et des traductions philosophiques-Grammaire-Varia-Appendices divers*.

GREGÓRIO DE NISSA

De hominis opificio; ed. italiana: Gregorio di Nissa, *L'uomo*, trad., introd., note Bruno Salmona, (Testi patristici, 32) Roma 1991.

GUILHERME DE ALVÉRNIA [Guillelmus Alvernus]

Guilelmi Alverni Episcopi Parisiensis Opera Omnia, 2 vol., ed. F. Hotot, Orléans-Paris, 1674.

— Guillaume d'Auvergne: *De l'âme (VII, 1-9)*, Introd., trad. et notes par Jean-Baptiste Brenet, (Sic et non), Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1998.

— William of Auvergne: *The Soul*, Translated from the Latin with an Introduction and Notes by Roland J. Teske, (Mediaeval Philosophical Texts in Translation, 37) Marquette University Press, Milwaukee 2000.

GUILHERME DE S. TEODORICO [Guillelmus de Sancto Theodorico]

De natura corporis et anime, em Guillaume de Saint-Thierry. *De la nature du corps et de l'âme*, text établi par Michel Lemoine, (Collection A.L.M.A.) Société d'Édition "Les Belles Lettres", Paris 1988.

GUNDISSALINO [Dominicus Gundissalinus]

De anima, em J.T. MUCKLE: «The Treatise De anima of Dominicus Gundissalinus», introd. by E. Gilson, *Mediaeval Studies*, 2 (1940) 23-103.

HONÓRIO DE AUTUN [Honorius Augustodunensis]

Honorius Augustodunensis: *De anima et de Deo, quaedam ex Augustino excerpta, sub dialogoa exarata*, ed. M.-O. Garrigues, *Recherches augustiniennes* 12 (1977) 212-278.

HUGO DE S. VICTOR [Hugo de Sancto Victore]

De unione spiritus et corporis em: Ambrogio M. PIAZZONI: «Il De unione spiritus et corporis di Ugo de San Vittore», *Studi medievali* 21 (1980) 861-888.

JOÃO BLUND [Iohannes Blund]

Iohannes Blund: *Tractatus de anima*, ed. D.A. CALLUS — R.W. HUNT, (Auctores Britannici Medii Aevi, 11) The British Academy—Oxford University Press, London 1970.

ISAAC DE STELLA [Isaac Abbas de Stella, O. Cist.]

Epistola ad quemdam familiarem suum De anima, ed. J.-P. Migne, Patrologia latina, vol. 194, Paris 1855, col. 1875-1890.

ISIDORO DE SEVILHA [Isidorus Hispalensis]

San Isidoro de Sevilla: *Etimologias*, edición bilingüe, 2 vol., texto lat., versión española y notas por José OROZ RETA y Manuel-A. MARCOS CASQUERO, introd. general por Manuel C. DÍAZ Y DÍAZ, (Biblioteca de Autores Cristianos, 433 e 434), La editorial católica, Madrid 1993 (reimpr.).

JOÃO BURIDANO [IOHANNES BURIDANUS]

PATAR, Benoît: *Le traité de l'âme de Jean Buridan [De prima lectura]*, éd., étude critique et doctrinale, (Philosophes médiévaux, 29) Éditions de l'Institut supérieur de Philosophie — Éditions du Préambule, Louvain-la-Neuve — Longueuil (Québec) 1991.

JOÃO DE ROCHELA (LA ROCHELLE) [Iohannes de Rupella]

Jean de la Rochelle: *Summa de anima*, ed. J.-G. Bougerol, (Textes philosophiques du Moyen Age, 19) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1995.

Jean de la Rochelle: *Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae*, ed. P. Michaud-Quantin, (Textes philosophiques du Moyen Age, 11) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1964.

JOÃO DAMASCENO [Iohannes Damascenus]

John Damascen: *De fide orthodoxa. Versions of Burgundio and Cerbanus*, Ed. by Eligius M. BUYTAERT, The Franciscan Institut — E. Nauwelaerts — F. Schönungh, St. Bonaventure (New York) — Louvain — Paderborn 1953.

NEMÉSIO DE EMESA [NEMESIUS EMESANUS]

Némésius d'Emèse. De natura hominis. Traduction de Burgundio de Pise, ed. G. VERBEKE - J.R. MONCHO (Corpus latinum commentariorum in Aristotelem graecorum. Supplementa 1), Peeters, Leuven 1975.

NICOLAU DE PARIS [Nicolaus Parisiensis]

Philosophia magistri Nicolai Parisiensis, em C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): «L'Introduction à la philosophie de maître Nicolas de Paris», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 447-465, texto nas pp. 454-465.

OLIVERO BRETÃO [Oliverus Brito]

Philosophia magistri Oliveri Britonis: ed. C. LAFLEUR — J. CARRIER (coll.): «L'Introduction à la philosophie de maître Olivier le Breton», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du "Guide de l'étudiant" du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, (Studia artistarum, 5) Brepols, Turnhout 1997, pp. 467-487, texto nas pp. 474-487.

PLOTINO [PLOTINUS]

Plotino: *Enneadi*. Porfirio, *Vita di Plotino*, Trad. con testo greco a fronte, introd., note e bibl. di Giuseppe Faggin, Presentazione e iconografia plotiniana di Giovanni Reale, Rev. dei testi, appendici et indici di R. Radice, (Classici del pensiero. Sezione I: Filosofia classica e tardo-antica) Rusconi, Roma 1992.

PEDRO HISPANO gramático [Petrus Hispanus, non papa]

Summa "Absoluta cuiuslibet", em C.H. KNEEPKENS: *Het "Iudicium Constructionis". Het Leerstuk van de constructio in de 2de Helft van de 12de Eeuw. Een Verkennende en Inleide Studie gevold door kritische uitgaven van Robertus van Parijs*, Summa 'Breve

sit' en Robert Blund, *Summa in arte grammatica en door een werkuitgave van Petrus Hispanus (non-papa)*, *Summa 'Absoluta cuiuslibet'*, 4 vol., Ingenium Publisher, Nijmegen 1987 (Dissert. Leiden 1987), vol. IV.

PEDRO DA IRLANDA [Petrus de Hibernia]

Magistri Petri de Ybernia: *Expositio et quaestiones in Aristotelis librum de longitudine et brevitate vitae (ex cod. Vat. lat. 825, ff. 92r-102r)*, ed. and introd. Michael Dunne, (Philosophes médiévaux, 30) Ed. de l'Institut Supérieur de Philosophie — Peeters, Louvain-la-Neuve — Paris 1993.

PEDRO LOMBARDO [Petrus Lombardus]

Magistri Petri Lombardi: *Sententiae in IV libris distinctae*, ed. tertia ad fidem codicum recognita, 3 vol. (Specilegium Bonaventurianum, 4) Editiones Colegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Romae) 1971.

RÁBANO MAURO [Hrabanus Maurus]

Tractatus de anima, ed. J.-P. Migne, *Patrologia latina*, vol. 110, Paris 1864, col. 1109-1120.

ROBERTO GROSSETESTE [Robertus Grosseteste, Lincolniensis ep.]

Quod homo sit minor mundus, em Ludwig Baur, *Die Philosophischen Werke des Robert Grosseteste, Bischofs von Lincoln. Zum erstenmal vollständig in Kritischer Ausgabe* (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, 9) Aschendorf, Münster i.W. 1912, p. 59

ROBERTO KILWARDBY [Robertus Kilwardby vel Kildewardeby]

Robert Kilwardby, O.P., *De ortu scientiarum*, ed. by A.G. JUDY (Auctores Britannici medii aevi, 4) The British Academy, London 1976.

ROGÉRIO BACON [Rogerius Bacon]

The Opus maius of Roger Bacon, ed. John Henry Bridges, 3 vol., Clarendon Press, Oxford, 1897-1900.

TOMÁS DE AQUINO [Thomas Aquinas]

Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia, iussu Leonis XIII P.M. edita, Roma 1882- segg. (em curso de publicação).

Thomae Aquinatis Opera Omnia cum hypertextibus in CD-ROM auctore Roberto Busa S.J., editio altera, Editoria Elettronica Editel — Frommann-Holzboog, Milano — Stuttgart 1996.

De unitate intellectus contra averroistas

— São Tomás de Aquino: *A unidade do intelecto contra os averroístas (edição bilingue)*, trad., apresent. Glossário, quadro cronológico, índice onomástico Mário Santiago de CARVALHO:, (Textos filosóficos, 45) Ed. 70, Lisboa 1999.

— THOMAS D'AQUIN: *L'unité de l'intellect contre les averroïstes, suivi des Texts contre Averroès antérieurs à 1270*, texte latin, trad., introd., bibliographie, chronologie, notes et index par Alain de LIBERA, (GF, 713) Flammarion, Paris 1994 (2^a ed. corrigida, 1997).

Sententia libri de anima, (Sancti Thomae de Aquino Opera Omnia t. XLI*1) Cura et studio fratrum praedicatorum, [René-Antoine GAUTHIER], Commissio Leonina — Librairie Philosophique J. Vrin, Roma — Paris 1984.

Summa contra gentiles

— Thomas d'Aquin, *Somme contre les gentils*, 4 vol., Cerf, Paris 1993.

Summa Theologiae

— Sancti Thomae de Aquino, *Summa Theologiae*, 1 vol., Ed. Paulinae, Torino 1988 (2^a ed.).

TOMÁS GAULÊS [Thomas Gallus]

Thomae Galli *Extractio*, em *Pedro Hispano Portugalense, Expositio Librorum Beati Dionysii*, Fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1957, pp. 507-671.

Thomas Gallus: *Commentaires du Cantique des Cantiques*, ed. Jeanne BARBET, préf. André Combes (Textes philosophiques du Moyen Age) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1967.

II. Estudos

AERTSEN, Jan A. .: «Mittelalterliche Philosophie: ein unmoögliches Projekt? Zur Wende des Philosophieverständnisses im 13. Jahrhundert», em Jan A. AERTSEN — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, (Miscellanea Mediaevalia 27) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2000, pp. 12-28, cfr. pp. 12-15.

AERTSEN, Jan A. . — Kent EMERY — Andreas SPEER (Hrsg.): *Nach der Verurteilung von 1277 / After the Condemnation of 1277. Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts. Studien und Texte / Philosophy and Theology at the University of Paris in the Last Quarter of the Thirteenth Century. Studies and Texts*, (Miscellanea Mediaevalia 28) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2001.

AERTSEN, Jan A. — Andreas SPEER (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt*, (Miscellanea Mediaevalia, 26) Walter de Gruyter, Berlin 1998.

AERTSEN, Jan A. — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, (Miscellanea Mediaevalia 27) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2000.

AERTSEN, Jan A. — Andreas SPEER (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt*, (Miscellanea Mediaevalia, 26) Walter de Gruyter, Berlin-New York 1998.

AGRIMI, Jole: *Tecnica e scienze nella cultura medievale. Inventario dei manoscritti relativi alla scienza e alla tecnica medievale (secc. XI-XV). Biblioteche di Lombardia*, La Nuova Italia, Firenze 1976.

ALLAN, D.J.: *A filosofia de Aristóteles*, trad. R.G. Amado, (Biblioteca de tetos universitários, 59) Lisboa 1983.

ALONSO, C.: «Agostinhos», em *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I: A-C, Círculo de Leitores, Lisboa 2000, pp. 27-32.

D'ALVERNY, Marie-Thérèse: *La transmission des textes philosophiques et scientifiques au Moyen Age*, (Collected studies series) Variorum, Aldershot 1994.

— «Translations and Translators», em Robert L. BENSON — Gilles CONSTABLE (eds.) — and Carol D. LANHAM, *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, Clarendon Press, Oxford 1982, pp. 421-462.

ASHWORTH, E.J.: «Les manuels de logique à l'Université d'Oxford aux XIVe et XVe siècles», em J. HAMESSE, *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les*

- universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, (Textes, Études, Congrès, 16) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve 1994, pp. 351-370.
- AUDI, Robert (ed.): *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, Cambridge University Press, Cambridge 1995.
- BATAILLON, Louis-Jacques: «Pietro di Tarantasia (Innocenzo V, papa)», em A. VAUCHEZ (dir.), *Dizionario enciclopédico del Medioevo*, 3 vol., trad., Città Nuova, Roma 1999, vol. III, p. 1477.
- BAZÁN, Bernardo Carlos (édition, étude critique et doctrinale): ANONYMI, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, par B. Carlos Bazán, text du *De anima* établi para Kevin White, (Philosophes médiévaux, 37) Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie - Ed. Peeters, Louvain-Paris 1998.
- «Les questions disputées, principalement dans les Facultés de Théologie», em *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les Facultés de théologie, de droit et de médecine*, (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, 44-45), Brepols, Turnhout 1985, pp. 13-149.
- «Was There Ever a “First Averroism”?», em Jan A. AERTSEN — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, (Miscellanea Mediaevalia 27) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2000, pp. 32-53.
- BENSON, Robert L. — Gilles CONSTABLE (eds.) — and Carol D. LANHAM, *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*, Clarendon Press, Oxford 1982.
- BERTOLA, Emilio: «È esistito un avicennismo latino nel Medioevo?», *Sophia* 35 (1967) 313-334; 39 (1971) 278-320.
- BIANCHI, Luca: *Censure et liberté intellectuelle à l'Université de Paris (XIIIe-XIVe siècles)*, (L'âne d'or) Les Belles Lettres, Paris 1999.
- «La felicità intellettuale come professione nella Parigi del Duecento», *Rivista di filosofia* 73 (1987) 181-199.
- (ed.): *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, (Biblioteca di cultura, 216), La Nuova Italia ed., Firenze 1997.
- BLAISE, Albert: *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*. Revu, pour le vocabulaire théologique par Henri Chirat, Brepols, Turnhout 1954 (reimpr. 1986).
- *Lexicon Latinitatis Medii Aevi praesertim ad res ecclesiasticas investigandas pertinens (Dictionnaire Latin-Français des Auteurs du Moyen Âge)*, (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis) Brepols, Turnholt 1986.
- BODÉÜS, Richard (introd., trad., notes): ARISTOTE, *De l'âme*, (GF 711) Flammarion, Paris 1993.
- BOEHNER, Philotheus — GILSON, Étienne, *História da filosofia cristã. Desde as origens até Nicolau de Cusa*, trad. Raimundo Vier, Ed. Vozes, Petrópolis 1970.
- BONI, Luís Alberto de: *Filosofia medieval. Textos*, (Filosofia, 110) EDIPUCRS, Porto Alegre 2000.
- BOUDET, Jean-Patrice: «Simon de Phares et les rapports entre astrologie et prophétie à la fin du Moyen-Âge», *Mélanges de l'École Française d'Athènes et de Rome*, 92 (1990) 617-648.
- BRAMS, Jozef: «The Latin Aristotle and the Medieval Latin Commentaries», *Bulletin de philosophie médiévale*, 39 (1997) 9-22.

- BURNETT, Charles: «“Magister Iohannes Hispalensis et Limiensis” and Qusta ibn Luqa’s *De differentia spiritus et animae*: a Portuguese Contribution to the Arts Curriculum?», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 7-8 (1995) 221-267.
- «The Translating Activity in Medieval Spain», em S.K. JAYYUSI (ed.), *The Legacy of Medieval Spain*, (Brill’s Scholars List) E.J. Brill, Leiden—Boston—Köln 2000 (1ª ed. 1994), vol. II, pp. 1036-1058.
- CALLUS, Daniel A.: «The Origins of the Problem of the Unity of Form», *The Thomist* 24 (1961) 257-288.
- «The Powers of the Soul. An Early Unpublished Text [*De potentiis animae et obiectis*]», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale* 19 (1952) 131-170.
- CARVALHO, Mário Avelino Santiago de: «Homem e natureza em Henrique de Gand: uma mudança de rumo na antropologia augustiniana», *Veritas*, 44, fasc. 3 (1999) 679-694
- «Introdução à analética diaporética. Da (in)actualidade das “Quaestiones” como método filosófico», *Cadernos de Filosofias* 6-7 (1994) 39-108.
- CAVALLO, Guillemo — Claudio LEONARDI — Enrico MENESTÒ (ed.): *Lo spazio letterario del medioevo, I. Il medioevo latino*, 5 vol., Salerno editrice, Roma 1992-1998.
- CELANO, Anthony J.: «Act of the Intellect or Act of the Will: the Critical Reception of Aristotle’s Ideal of Human Perfection in the 13th and Early 14th Centuries», *Archives d’histoire doctrinale et littéraire du Moyen Age* 57 (1990) 93-119.
- «The finis hominis in the Thirteenth Century Commentaries on Aristotle’s Nicomachean Ethics», *Archives d’Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age*, 53 (1986) 23-53.
- «The Understanding of the Concept of *felicitas* in the pre-1250 Commentaries on the *Ethica Nicomachea*», *Medioevo. Rivista di Storia della Filosofia Medievale*, 12 (1986) 29-53.
- CHENU, Marie-Dominique: *La théologie au XII^e siècle*, (Études de Philosophie médiévale, 45) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1976 (3ª ed.).
- COLLINGWOOD, Robin George: *An Autobiography*, (Pelican books, A136) Penguin Books, London 1943 (1ª ed.: 1939).
- CONTAMINE, Geneviève (dir.): *Traduction et traducteurs au Moyen Âge. Actes du Colloque international du CNRS organisé à Paris, Institut de recherche et d’histoire des textes, les 26-28 mai 1986*, (Documents, études et répertoires) Institut de recherche et d’histoire des Textes, Ed. du CNRS, Paris 1989.
- COUSIN, V.: «Description d’un manuscrit inédit de Roger Bacon qui se trouve dans la Bibliothèque d’Amiens», *Journal des Savants* (1848) 459-472.
- D’ALATRI: *La Cronaca di Salimbene. Personagi e tematiche*, Roma 1988.
- DAIBER, H.: «Lateinische Übersetzungen arabischer Texte zur Philosophie und ihre Bedeutung für die Scholastik des Mittelalters. Stand und Aufgaben der Forschung», em J. HAMESSE — M. FATTORI (org.), *Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale. Traductions et traducteurs de l’antiquité tardive au XIV^e siècle* (Publications de l’Institut d’études médiévales - Textes, études, congrès, 11 / Rencontres de philosophie médiévale, 1), Louvain-la-Neuve - Cassino 1990, pp. 203-250.
- D’ANCONA COSTA, Cristina: *Recherches sur le Liber de causis*, (Études de philosophie médiévale, 72), Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1995.
- DALES, Richard C.: *The Problem of the Rational Soul in the Thirteenth Century*, (Brill’s Studies in Intellectual History 65), E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1995.

- DAVY, M.-M.: *Initiation a la symbolique romane (XIIe siècle). Nouvelle édition de l'«Essai sur la symbolique romane»*, (Champs Flammarion, 19) Flammarion, Paris 1977.
- DEKKERS, Eligius (cur.) — E. GAAR (adiuv.): *Clavis patrum latinorum*, (Corpus Christianorum-Series latina) ed. Brepols — Sint Petersabdij, Turnhout — Steenbrugge 1995 (3^a ed.).
- DELL'ANNA, Giuseppe: *Dies critici: La teoria della ciclicità delle patologie nel XIV secolo*, 2 vol., vol. I *Dies et crises*, vol. II *Textus*, (Università degli Studi di Lecce. Dipartimento di Filologia classica e di scienze filosofiche. Testi e studi, 11) Congedo Ed., Galatina 1999.
- DENIFLE, Heinrich: *Les universités françaises au Moyen Age*, Paris 1892.
- Dictionary of the Middle Ages*, dir. J.R. STRAYER, 13 (+1) vol., Scribner's & Sons, New York 1982-1989.
- Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique: doctrine et histoire*, 16 vol., Beauchesne, Paris 1937-1997.
- Dictionnaire de théologie catholique*, 30 vol., Ed. Letouzey, Paris 1903-1972.
- Dictionnaire des philosophes antiques*, dir. R. GOULET, Ed. du CNRS, Paris 1989-2000 (em curso de publicação, 3 vol. publicados).
- Dictionnaire des philosophes*, dir. Denis HUISMANN, PUF, Paris 1993 (2^a ed.).
- DISTELBRINK, Balduinus: *Bonaventurae scripta authentica, dubia vel spuria critice recensita*, (Subsidia scientifica Franciscalia, 5) Istituto storico Cappuccini, Roma 1975.
- DOD, Bernard G.: «Aristoteles Latinus», em N. KRETZMANN, — A. KENNY — J. PINBORG (ed.), E. Stump (assoc. ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 45-79.
- DOMANSKI, Juliusz: *La philosophie, théorie ou manière de vivre? Les controverses du Moyen Âge et du début de la Renaissance*, préf. de P. Hadot, (Vestigia 18) Éditions universitaires-Cerf, Fribourg-Paris 1996.
- DONDAINE, Antoine: «Les “Opuscula fratris Thomae” chez Ptolomée de Lucques», *Archivum fratrum praedicatorum* 31 (1961) 142-203
- DONDAINE, Hyacinthe F.: *Le corpus dionysien de l'Université de Paris*, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma 1953.
- DOUCET, Victorin: «Commentaires sur les Sentences. Supplément au Répertoire de M. Frédéric Stegmüller», *Archivum Franciscanum Historicum*, 47 (1954) 88-170, 400-427.
- DUMONT, Stephen D. : «Did Duns Scotus Change his Mind on the Will?», em Jan A. AERTSEN — Kent EMERY — Andreas SPEER (Hrsg.): *Nach der Verurteilung von 1277 / After the Condemnation of 1277. Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts. Studien und Texte / Philosophy and Theology at the University of Paris in the Last Quarter of the Thirteenth Century. Studies and Texts*, (Miscellanea Mediaevalia 28) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2001, pp. 719-793.
- EBBESSEN, Sten — Irène ROSIER-CATACH: «Le trivium à la Faculté des arts», em OLGA WEIJERS — Louis HOLTZ (ed.): *L'enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIIIe siècle (Paris et Oxford, XIIIe - XVe siècles)*, (Studia artistarum, 4), Brepols, Turnhout 1997, pp. 97-128.
- ENDRESS, Gerhard: «Du grec au latin à travers l'arabe: la langue, créatrice d'idées dans la terminologie philosophique», em J. Hamesse (ed.), *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, (Textes et études du Moyen Âge, 8), Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, Louvain-la-Neuve 1997, pp. 137-163.
- ERNOUT, A. — A. MEILLET: *Dictionnaire étimologique de la langue latine. Histoire des mots*, Librairie Klincksieck, Paris 1967.

- ESCOBAR CHICO, Ángel: «Sobre la fortuna de Aristóteles en España», *Revista Española de Filosofía Medieval* 1 (1994) 141-148.
- EVERSON, Stephen (ed.): *Psychology*, (Companions to Ancient Thought, 2) Cambridge University Press, Cambridge 1991.
- FAES DE MOTTONI, Barbara: «La dottrina dell'*anima mundi* nella prima metà del secolo XIII: Guglielmo d'Alvernia, *Summa Halensis*, Alberto Magno», *Studi medievali*, 22 (1981) 283-297. Ø fotoc.
- FITZGERALD, Allan D. (ed.): *Augustine Through the Ages. An Encyclopedia*, William B. Eerdmans Publ. Comp., Grand Rapids – Cambridge 1999.
- FLASH, Kurt: *Agostino d'Iponna. Introduzione all'opera filosofica*, trad. C. Tugnoli, Il Mulino Ed., Bologna 1983 [ed. orig.: *Augustin. Einführung in sein Denken*, Reclam Verlag, Stuttgart 1980].
- FLASH, Kurt: *Introduction à la philosophie médiévale*, trad. J. Bourgknecht, (Vestigia, 8) Ed. Universitaires -Ed. du Cerf, Fribourg-Paris 1992; ed. ut.: (Champs, 419) Flammarion, Paris 1998 [ed. orig.: *Einführung in die Philosophie des Mittelalters*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt 1987].
- FLØISTAD, G. — R. KLIBANSKY (eds.): *Philosophy and Science in the Middle Ages*, 2 vol. (Contemporary Philosophy. A new Survey, v. 6) Kluwer Ac. Publ., Dordrecht 1990.
- FOLLON, Jacques: «Le “néo-médiévisme” d'Alain de Libera», *Revue philosophique de Louvain*, 90 (1992) 75-81.
- FOLLON, Jacques — James MCEVOY (eds.): *Actualité de la pensée médiévale. Recueil d'articles*, (Philosophes médiévaux, 31) Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie — Ed Peeters, Louvain-la-Neuve — Paris 1994.
- FOSCHER, Klaus-Dietrich: «Verbesserungen zur Isagoge des Johannicius», *Südhofts Archiv*, 67 (1983) 223-224 [ver MAURACH, Gregor: 1978].
- FRENZ, T.: *I documenti pontifici nel medioevo e nell'età moderna*, ed. italiana a cura di Sergio Pagano, (Littera Antiqua, 6) Scuola Vaticana di Paleografia, Diplomatica e Archivistica, Città del Vaticano 1998.
- FUMAGALLI BEONIO BROCHIERI, Mariateresa — Massimo PARODI: *Storia della filosofia medievale. Da Boezio a Wyclif*, (Manuali Laterza) Laterza, Roma-Bari 1989 (reed. na col. Economica Laterza, 77; Roma-Bari 1996).
- GADAMER, Hans-Georg: «Texto e interpretação», trad. I. Borges-Duarte—R. Furtado, em Irene BORGES-DUARTE — Fernanda HENRIQUES—Isabel Matos Dias (org.), *Texto, leitura e escrita. Antologia*, (Mundo de saberes, 25) Porto ed., Porto 2000, pp. 63-94.
- *Verdad y método. Fundamentos de una hermenéutica filosófica*, trad. Ana Agud Aparicio — Rafael de Agapito, (Hermeneia 7) Ed. Sígueme, Salamanca 1984 [ed. orig.: *Wahreit und Methode*, J.C.B. Mohr, Tübingen 1975, 4ª ed.].
- GARFAGNINI, Gian Carlo: «La nuova immagine del mondo», em P.B. ROSSI —C.A. VIANO (cur.): *Storia della filosofia*, 2. *Il Medioevo*, (Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma-Bari 1994, pp. 235-257.
- GATTO: «Francesco d'Assisi e i francescani nella “Cronaca” di Salimbene de Adam», *Frate Francesco*, 68 (2002) 137-170.
- GAUTHIER, René-Antoine: «Arnoul de Provence et la doctrine de la *Fronesis*, vertu mystique suprême», *Revue du Moyen Âge Latin* 19 (1963) 129-170, 196.
- *Introdução à moral de Aristóteles*, trad. Maria José Ribeiro, (col. Saber 222) Ed. Europa América, Lisboa 1992 [ed. orig.: *La morale d'Aristote* (2.e ed.), Col. Initiation philosophique 34, PUF, Paris 1963].

- «Introduction», vol. I.1 de: ARISTOTE, *L'Éthique à Nicomaque*, par René-Antoine GAUTHIER et Jean Yves JOLIF, 4 volumes, (Aristote, Traductions et études) Publications Universitaires - Béatrice Nauwelaerts, Louvain - Paris 1970 (2^a ed.).
- «La date du commentaire de S. Thomas sur l'Éthique à Nicomaque», *Recherches de théologie ancienne et médiévale* 18 (1951) 76-94.
- «Le cours sur l'Ethica Nova d'un Maître ès arts de Paris (1235-1240)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire sur le Moyen-Age*, 42 (1975) 71-140 [inclui edição de: Anónimo, *Lectura in Ethicam Novam*].
- «Le traité *De anima et de potentiis eius* d'un maître ès arts (vers 1225). Introduction et texte», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 66 (1982) 3-55.
- «Note sur les débuts (1225-1240) du premier 'Averroïsme'», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 66 (1982) 321-374.
- «Notes sur Siger de Brabant. I - Siger en 1265», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 67 (1983) 201-232.
- «Notes sur Siger de Brabant. II - Siger en 1272-75. Aubry de Reims et la scission des normands», *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 68 (1984) 3-49 [Inclui a edição da *Philosophia Magistri Aubrici Remensis* (pp. 29-48)].
- «Préface», in: Sancti Thomae de Aquino, *Expositio libro peryermeneias*, (Opera Omnia t. I*1) Commissio Leonina — Librairie Philosophique J. Vrin, Roma - Paris 1989 pp. 1*-86*.
- «Préface», in: Sancti Thomae de Aquino *Sententia libri de anima* (Opera Omnia t. XLI*1) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1984, pp. 1*-294*.
- «Saint Maxime le Confesseur et la psychologie de l'acte humain», *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, 21 (1954) 51-100.
- *Saint Thomas d'Aquin. Somme contre les Gentils. Introduction*, (coll. Philosophie européenne) Éditions universitaires, s.l. 1993.
- «Trois commentaires averroïstes sur l'Éthique à Nicomaque», *AHDLMA* 16 (1946-47) 187-336.
- GETZ, Faye: «Roger Bacon and Medicine», em J. Hackett (ed.): *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 57) E.J. Brill, Leiden 1997, pp. 337-364.
- GIL-SOTRES, Pedro: «Derivation and Revulsion: the Theory and Practice of Medieval Phlebotomy», em Luis García-Ballester — Roger French — Jon Arrizabalaga — Andrew Cunningham (eds): *Practical Medicine from Salerno to the Black Death. Essays on the practical aspects of medieval European medicine*, Cambridge University Press, Cambridge 1993, pp. 110-155.
- GIELE, Maurice — Fernand VAN STEENBERGHEN — Bernard BAZÁN (eds.): *Trois commentaires anonymes sur le traité De l'âme d'Aristote*, (Philosophes médiévaux, 11) Publications Universitaires — Béatrice-Nauwelaerts, Louvain — Paris 1971.
- GILBERT, Neal W.: «The Concept of Will in Early Latin Philosophy», *Journal of the History of Philosophy*, 1 (1963) 17-35.
- GILSON, Étienne *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, Random House, New York 1955 (Ed. ut.: Sheed and Ward, London 1989, 3^a reimpr.).
- *Introduction à l'étude de S. Augustin*, (Études de philosophie médiévale, 11) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1969 (4^a ed.). — *La philosophie au Moyen âge, des origines patristiques à la fin du XIVe siècle*, Payot, Paris 1947 (3^a ed.); ed ut.: (Petite bibliothèque Payot, 274-275), Ed. Payot, Paris 1976 (reimpr.) [trad.: *A filosofia na Idade Média*, trad. E. Brandão, Martins Fontes, S. Paulo 1995].

- *L'esprit de la philosophie médiévale. Gifford Lectures (Université d'Aberdeen)*, (Études de Philosophie Médiévale, 33) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1948 (2^a ed.).
- «Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 4 (1929/30) 5-149 [reimpr.: Vrin Reprise, Paris 1986, suivi de Louis MASSIGNON: «Notes sur le texte original du *De intellectu* d'Al Farabi» *AHDLMA*, 4 (1929/30) 151-158].
- «Pourquoi saint Thomas a critiqué saint Augustin», *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen-Âge*, 1 (1926/7) 5-127, [ed. ut.: Vrin Reprise, Paris 1986 (seguido de Gilson 1927)].
- GLORIEUX, Palémon: *La faculté des arts et ses maîtres au XIII^e siècle*, (Études de philosophie médiévale, 59) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1971.
- *Répertoire des maîtres en théologie à l'Université de Paris au XIII^e siècle*, Paris 1934.
- GOFF, Jacques le — Jean-Claude SCHMITT (dir.): *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*, Ed. Fayard, Paris 1999.
- GONÇALVES, Joaquim Cerqueira: *Homem e mundo em São Boaventura*, Editorial franciscana, Braga 1970.
- *Humanismo medieval*, Editorial franciscana, Braga 1971.
- GRABMANN, Martin: *Die Geschichte der scolastischen Method*, 2 vol., Freiburg i.B. 1909-1911 (trad. ital.: *Storia del metodo scolastico*, La Nuova Italia, Firenze 1970).
- *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, 3 vol., Max Hueber Verlag, München 1926, 1936, 1956.
- GRANT, Edward (ed.): *A Sourcebook for Medieval Science*, Harvard University Press, Cambridge (Mass.) 1974.
- GREGORY, Tullio: Gregory: *Anima mundi. La filosofia di Guglielmo di Conches e la scuola di Chartres*, Sansoni ed., Firenze 1953.
- «Conclusion», em Ruedi IMBACH — Alfonso MAIERÙ (cur.): *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento. Contributo a un bilancio storiografico. Atti del convegno internazionale, Roma, 21-23 settembre 1989*, (Storia e letteratura. Raccolta di studi e testi, 179) Ed. di Storia e Letteratura, Roma 1991, pp. 391-406.
- GRIGNASCHI, Mario: «La diffusion du *Secretum secretorum* (Sirr-al'-asrâr) dans l'Europe occidentale», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge*, 47 (1980) 1-69.
- GUTAS, Dimitri: *Avicenna and the Aristotelian Tradition. Introduction to Reading Avicenna's Philosophical Works*, (Islamic Philosophy and Theology, 4) E.J. Brill, Leiden 1988.
- *Greek Thought, Arabic Culture. The Graeco-Arabic Translation Movement in Baghdad and Early 'Abbasid Society (2nd-4th / 8th-10th Centuries)*, Routledge, London - New York 1998 (repr. 1999).
- «The "Alexandria to Bagdad" Complex of Narratives. A Contribution to the Study of Philosophical and Medieval Historiography Among the Arabs», *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale* 9 (1999) 155-203.
- GUYOTJEANNIN: *Salimbene de Adam, un croniqueur franciscain*, (Témoins de notre histoire) Brepols, Turnhout 1995
- HACKETT, Jeremiah (ed.): *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 57) E.J. Brill, Leiden 1997.
- «The published works of Roger Bacon», *Vivarium* 35 (1997) 315-320.
- HADOT, Pierre: *Qu'est-ce que la philosophie antique*, (Folio. Essais 280) Gallimard, Paris 1996.

- HALLEUX, R.: «Les oeuvres alchimiques de Jean de Rupescissa» *Histoire littéraire de la France*, vol. XLI, Paris 1981, pp. 241-284.
- HAMESSE, Jacqueline (ed.): *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, (Textes et études du Moyen Age, 8) Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, Louvain-la-Neuve 1997.
- «Idea chez les auteurs philosophiques des 12^e et 13^e siècles», em M. FATTORI — M.L. BIANCHI (cura), *Idea. VI Colloquio Internazionale, Roma 5-7 gennaio 1989*, (Lessico intellettuale europeo, 51) Edizioni dell'Ateneo, Roma 1990, pp. 117-133.
- «La terminologie latine des traducteurs médiévaux, expression de la rencontre des cultures dans l'histoire de la pensée Espagnole», em J.M. Soto Rábanos (dir.), *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, CSIC, Madrid 1998, vol. I, pp. 1459-1496.
- (ed.) *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, (Textes, Études, Congrès, 16) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve 1994.
- «Un nouveau glossaire des néologismes du latin philosophique», em EADEM (ed.): *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, (Textes et études du Moyen Age, 8) Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, Louvain-la-Neuve 1997pp. 237-254.
- HAMESSE, Jacqueline — FATTORI, Marta (ed.): *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV^e siècle. Actes du Colloque International de Cassino, 15-17 juin 1989*, (Rencontres de Philosophie Médiévale, 1) Publications de l'Institut d'Études Médiévales-Université Catholique de Louvain / Università degli Studi di Cassino., Louvain-la-Neuve-Cassino 1990.
- HASENOHR, Geneviève - Michel ZINK (dir.): *Dictionnaire des lettres françaises. Le Moyen Age*, Le livre de poche, Paris 1992 (2e éd.).
- HASKINS, Charles Homer: *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge (Mass.) 1927.
- HASNAWI, Ahmad — Ali ELARAMNI-JAMAL — Maroun AOUAD (eds.), *Perspectives arabes et médiévales sur la tradition scientifique et philosophique grecque. Actes du colloque de la SIHSPAI (Société internationale d'histoire des sciences et de la philosophie arabes et islamiques). Paris, 31 mars – 3 avril 1993*, (Orientalia Lovaniensia Analecta, 79), Institut du Monde Arabe - Peeters, Paris - Louvain 1997.
- HASSE, Dag Nicolaus: «Aristotle versus Progress: The Decline of Avicenna's "De anima" as a Model for Philosophical Psychology in the Latin West», em Jan A.Aertsen — Andreas Speer (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt*, (Miscellanea Mediaevalia, 26) Walter de Gruyter, Berlin 1998, pp. 871-880.
- «Das Lehrstück von den vier Intellekten in der Scholastik: von den arabischen Quellen bis Albertus Magnus», *Recherches de théologie et philosophie médiévales*, 66 (199) 21-77.
- HAUSSE, Jeffrey: «Thomas Aquinas and the Voluntarists», *Medieval Philosophy and Theology* 6 (1997) 167-182.
- HEERS, Jacques: *A Idade Média, uma impostura*, trad. A. Gonçalves, (Sinais) Ed. ASA, Porto 1994 (ed. orig.: Librairie Académique Perrin, Paris 1992).

- HISSETTE, Roland: *Enquête sur les 219 articles condamnés à Paris le 7 mars 1277*, (Philosophes médiévaux 22), Publications Universitaires — Vander-Oyez, Louvain-Paris 1977.
- HOFFMANN, Tobias, «The Distinction Between Nature and Will in Duns Scotus», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 66 (1999) 189-224.
- HYMAN, A. : «The Liberal arts and the Jewish Philosophy», em *Actes du IV.e Congrès International de Philosophie Médiévale*, Paris-Montréal 1969, pp. 102-103.
- IMBACH, Ruedi — Alfonso MAIERÙ (cur.): *Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento. Contributo a un bilancio storiografico. Atti del convegno internazionale, Roma, 21-23 settembre 1989*, (Storia e letteratura. Raccolta di studi e testi, 179) Ed. di Storia e Letteratura, Roma 1991.
- IMBACH, Ruedi — F.-X. PUTALLAZ: *Profession: philosophe. Siger de Brabant*, (Initiations au Moyen Age) Ed. du Cerf, Paris 1997.
- INGLIS, John: *Spheres of Philosophical Inquiry and the Historiography of Medieval Philosophy*, (Brill's Studies in Intellectual History, 81) E.J. Brill, Leiden 1998.
- JACQUART, Danielle: «A l'aube de la renaissance médicale des XIe-XIIe siècles: l'*Isagoge Johannis* et son traducteur», *Bibliothèque de l'École des Chartes* 144 (1986) 209-240 [reed. em EADEM, *La science médicale occidentale entre deux renaissances (XIIe s. - XVe s.)* (Variorum Collected Studies Series, 567), Variorum, Aldershot 1997, estudo I].
- *La médecine médiévale dans le cadre parisien. XIVe XVe siècle*, (Penser la médecine), Arthème Fayard, Paris 1998.
- «La question disputée dans les facultés de Médecine», em *Les questions disputées et les questions quodlibétiques dans les Facultés de théologie, de droit et de médecine*, (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental 44-45), Brepols, Turnhout 1985, pp. 279-315.
- «La scholastique médicale», em Mirko D. GRMEK (dir.), *Histoire de la pensée médicale en Occident*, vol. I: *Antiquité et moyen âge*, Ed. du Seuil, Paris 1993, pp. 175-210.
- «Principales étapes dans la transmission des textes de médecine (XIe-XIVe siècle)», in: Jacqueline Hamesse — Marta Fattori (ed.), *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIVe siècle. Actes du Colloque International de Cassino, 15-17 juin 1989* (Rencontres de Philosophie Médiévale, 1) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain—Università degli Studi di Cassino, Louvain-la-Neuve—Cassino 1990, pp. 251-271.
- JACQUART, Danielle — Françoise MICHEAU: *La médecine arabe et l'Occident médiéval*, Maisonneuve & Larose, Paris 1990 (ed. ut.: 1996).
- JACQUART, Danielle — Claude THOMASSET: *Sexualité et savoir médical au moyen âge*, (Les chemins de l'histoire), PUF, Paris 1985.
- JEUDY, C.: «Remigii autissiodorensis opera (Clavis)», em D. Iogna-Prat — C. JEUDY — G. Lobrichon: *L'école carolingienne d'Auxerre, de Murethach à Remi, 830-908* (Entretiens d'Auxerre), Beauchesne, Paris 1991, pp. 457-500.
- JOLIVET, Jean — Roshdi RASHED (ed.): *Études sur Avicenne*, (coll. Sciences et philosophie arabe. Études et reprises) Les Beles Lettres, Paris 1984.
- JOLIVET, Jean: «Étapes de l'histoire de l'intellect agent», em A. HASNAWI — A. ELARAMNI-JAMAL — M. AOUAD (eds.), *Perspectives arabes et médiévales sur la tradition scientifique et philosophique grecque. Actes du colloque de la SIHSPAI (Société internationale d'histoire des sciences et de la philosophie arabes et islamiques). Paris, 31 mars – 3 avril*

- 1993, (*Orientalia Lovaniensia Analecta*, 79), Institut du Monde Arabe - Peeters, Paris - Louvain 1997, pp. 569-583.
- *La philosophie médiévale en Occident*, em PARAIN, B. (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. 1 (*Encyclopédie de la Pléiade*) Ed. Gallimard, Paris 1969, pp. 1198-1563, 1717-1726.
- JORDAN, Mark D.: «Medicine as Science in the Early Commentaries on “Johannitus”», *Traditio* 43 (1987) 121-145.
- JUGIE, Martin: *Georges Scholaries professeur de philosophie*, s.e., Roma 1936. JULLIEN, M.-H. — F. PERELMAN(ed.): *Clavis scriptorum latinorum Medii Aevi. Auctores galliae 735-987*, 2 vol., cur., (*Corpus Christianorum-Contiuatio mediaevalis*) ed. Brepols, Turnhout 1995-1999 (em curso de publicação).
- KALTENBRUNNER, F.: *Römische Studien*, III/1: *Die Briefsammlung des Berardus de Neapoli*, Innsbruck 1886.
- KNEEPKENS, C.H.: «The *Absoluta cuiuslibet* Atributed to P.H. Some Notes on its Transmission and the Use Made of it by Robert Kilwardby and Roger Bacon», em Ignacio ANGELELLI— Paloma PÉREZ-ILZARBE, *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on Medieval Logic and Semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, (*Philosophische Texte und Studien*, 54) Georg Olms V., Hildesheim-Zürich-New York 2000, pp. 373-403.
- KÖHLER, Theodor W.: «Philosophische Selbsterkenntnis des Menschen. Der Paradigmenwechsel im 13. Jahrhundert», em Jan A. AERTSEN — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, (*Miscellanea Mediaevalia* 27) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2000, pp. 54-67.
- KOROLEC, J.B.: «Free Will and Free Choice», em N. KRETZMANN et al. (eds) *The Cambridge History of Later medieval Philosophy*, Cambridge Univ. Press, Cambridge 1982, pp. 629-641.
- KRETZMANN, Norman — A. Kenny — J. PINBORG (Eds.) — E. STUMP (Ass. Ed.): *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the desintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982.
- LAFLEUR, Claude: *Quatre introductions à la philosophie au XIII.e siècle. Textes critiques et étude historique*, (*Publications de l'Institut d'Études Médiévales*, 23) Institut d'Études Médiévales-Librairie Philosophique J.Vrin, Montréal-Paris 1988.
- LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (coll.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du “Guide de l'étudiant” du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, (*Studia artistarum*, 5) Brepols, Turnhout 1997.
- LAFLEUR, Claude — J. CARRIER (coll.): «L'Introduction à la philosophie de maître Nicolas de Paris», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du “Guide de l'étudiant” du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 447-465
- — : «Le prologue “*Triplex est principium*” du commentaire d'Adénulfe d'Anagni sur les topiques d'Aristote (extrait)», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (colab.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du “Guide de l'étudiant” du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un complément d'études et de textes*, Turnhout 1997, pp. 421-446.
- — : «L'Introduction à la philosophie de maître Olivier le Breton», em LAFLEUR, Claude (ed.) — J. CARRIER (coll.): *L'enseignement de la philosophie au XIIIe siècle. Autour du “Guide de l'étudiant” du ms. Ripoll 109. Actes du colloque international edités avec un*

- complément d'études et de textes*, (Studia artistarum, 5) Brepols, Turnhout 1997, pp. 467-487.
- — : *Le "Guide de l'étudiant" d'un maître anonyme de la faculté des arts de Paris au XIIIe siècle. Édition critique provisoire du ms. Barcelona, Arxiu de la Corona d'Aragó, Ripoll 109, ff. 134ra-158va*, (Coll. Publications du laboratoire de Philosophie ancienne et médiévale de la Faculté de Philosophie de l'Université Laval, 1) Université Laval, Québec 1992 [edição provisória].
- LAMBERTINI, Roberto: «Felicità, virtù e "region pratica": aspetti della discussione sull'etica», em L. BIANCHI (ed.), *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, (Biblioteca di cultura, 216), La Nuova Italia ed., Firenze 1997, pp. 305-343.
- LAMPE, G.W.H.: *A Patristic Greek Lexicon*, Clarendon Press, Oxford, 1984 (reed.).
- LANZA, Lidia: «Il "finis hominis" nell'Etica e nella Politica di Aristotele. Note su alcuni commenti sel secolo XIII», *Medioevo e Rinascimento*, n.s., 12 (1998) 143-181.
- LAPORTA, Jorge: *La destinée de la nature humaine selon Thomas d'Aquin*, (Études de Philosophie Médiévale, 55) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1965.
- LAWN, Brian: *The Rise and Decline of the Scholastic «Quaestio disputata», With Special Emphasis on its Use in the Teaching of Medicine & Science* (Education and Society in the Middle Ages and Renaissance, 2) E. J. Brill, Leiden 1993.
- LEMAY, Richard: «Gerard of Cremona», em *Dictionary of Scientific Biography*, vol. 15, suppl. 1, New York 1978, pp. 173-192.
- LEONARDI, Claudio — Michael LAPIDGE (eds.): *Compendium Auctorum Latinorum Medii Aevi (500-1500)*, SISMEL-Edizioni del Galuzzo, Firenze 2000 (em curso de publicação).
- LIBERA, Alain de — *Albert le Grand et la philosophie*, (A la recherche de la vérité) Librairie Philosophique J. Vrin., Paris 1990.
- (trad., introd., notes) AVERROËS: *L'intelligence et la pensée. Grand commentaire du De anima, Livre III (429a10-435b25)*, (GF, 974) Flammarion, Paris 1998.
- «Épicurisme, stoïcisme, péripatétisme. L'histoire de la philosophie vue par les latins (XIIe-XIIIe siècle)», em A. HASNAWI — A. ELARAMNI-JAMAL — M. AOUD (eds.), *Perspectives arabes et médiévales sur la tradition scientifique et philosophique grecque. Actes du colloque de la SIHSPAI (Société internationale d'histoire des sciences et de la philosophie arabes et islamiques). Paris, 31 mars – 3 avril 1993*, (Orientalia Lovaniensia Analecta, 79), Institut du Monde Arabe - Peeters, Paris - Louvain 1997, pp. 343-364.
- *Introduction à la mystique rhénane. d'Albert le Grand à Maître Eckhart*, (Sagesse chrétienne, 3) O.E.I.L.P., Paris 1984; ed. ut.: (Points. Sagesse, 68) Ed. du Seuil, Paris 1994.
- *L'art des generalités. Théories de l'abstraction*, (Philosophie) Aubier, Paris 1999.
- *La philosophie médiévale*, (Premier Cycle) P.U.F., Paris 1993 [trad. *A filosofia medieval*, trad. Nicolás N. Campanário, Yvone M.C.T. da Silva, Ed. Loyola, São Paulo 1998, 532 pp.].
- *La philosophie médiévale*, (Que sais-je 1044) P.U.F., Paris 1993 (2^a ed. [1^a ed. 1989]) [trad., J. Zahar Ed., Rio de Janeiro 1989].
- *La querelle des universaux de Platon à la fin du Moyen Age*, (Des travaux) Ed. du Seuil, Paris 1995.
- «Le relativisme historique: théorie des "complexes questions-réponses" et "traçabilité", *Les études philosophiques* (1999) fasc. 4, pp. 479-494.
- «Le traité 'De appellatione' de Lambert de Lagny (Lambert d'Auxerre)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 48 (1981) 227-285.

- «Les Abstractiones d'Hervé le Sophiste (Hervaeus sophista)», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 52 (1985) 163-230.
- «Les 'Appellationes' de Jean le Page», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 51 (1984) 193-255.
- «Le sens commun au XIII^e siècle. De Jean de la Rochelle à Albert le Grand», *Revue de Métaphysique et de Morale*, fasc. 4: 1991, 475-496.
- «Les Summulae dialectices de Roger Bacon. I-II. De termino. De enuntiatione», *Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge* 53 (1986) 139-288.
- «Médiévale (Pensée)», em *Encyclopaedia Universalis*, Corpus, vol. 14, Paris 1994, pp. 841-853 [reimpr. em: *Dictionnaire du Moyen Âge. Littérature et philosophie*, (Encyclopaedia Universalis), Albin Michel, Paris 1999, pp. 618-652].
- *Penser au Moyen Âge*, (Chemins de pensée) Ed. du Seuil, Paris 1991 [reimpr.: (coll. Points, Essais, 329) Ed. du Seuil, Paris].
- (ed., trad. introd.) PORPHYRE, *Isagoge*, Texte grec et latin, trad. par A. de LIBERA et A.-Ph. Segonds, Introduction para A. de LIBERA, (Sic et non) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1998.
- «Roger Bacon et la logique», em J. HACKETT (ed.): *Roger Bacon and the Sciences. Commemorative Essays*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 57) E.J. Brill, Leiden 1997, pp. 103-132.
- «Textualité logique et forme summuliste», em Brind'Amour, Lucie - Eugene Vance (org.), *Archéologie du signe. Colloque du 2 au 12 août 1977 au Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle*, (Recueilles d'études médiévales, 3) Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1983, pp. 213-234.
- (trad., introd., notes) THOMAS D'AQUIN: *L'unité de l'intellect contre les averroïstes, suivi des Texts contre Averroès antérieurs à 1270*, texte latin, trad., introd., bibliographie, chronologie, notes et index, (GF, 713) Flammarion, Paris 1994 (2^a ed. corrigida, 1997).
- «Une anthropologie de la grâce. Sur la personne humaine au XIII^e siècle d'É.-H. Wéber», *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, 77 (1993) 241-254.
- LIDDELL, Robert Scott: *A Greek-English Lexicon* (WWW).
- LITTLE, A.G. (ed.): *Roger Bacon. Essays: Contributed by Various Writers on the Occasion of the Commemoration of the Seventh Centenary of his Birth*, Clarendon Press, Oxford 1914
- Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 5 vol., Ed. Verbo, Lisboa 1989-1992.
- LOHR, Charles: «The Medieval Interpretation of Aristotle», em N. KRETZMANN — A. KENNY — J. PINBORG (ed.), E. Stump (assoc. ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 80-98.
- «The New Aristotle and 'science' in the Paris Arts Faculty (1255)», em Olga WEIJERS — Louis HOLTZ (eds.): *L'enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIII^e siècle (Paris et Oxford, XIII^e - XV^e siècles)*, (Studia artistarum, 4) Brepols, Turnhout 1997, pp. 251-270.
- LÓPEZ LÓPEZ, Pablo: «Revolution and Continuity in Philosophy: "Medievalism" and "Modernity"», *Veritas* 46 (2001) 467-474.
- LOTTIN, Odon: *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome I: *Problèmes de Psychologie*, J. Duculot Editeur, Gembloux 1957 (2^a ed.).— *Psychologie et morale aux XII^e et XIII^e siècles*, Tome II-1: *Problèmes de Morale*, J. Duculot Editeur, Gembloux 1948.
- MACKEN, Raymond: «La volonté humaine, faculté plus élevée que l'intelligence selon Henri de Gand», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 42 (1971) 5-51.

- *Medieval Philosophers of the Former Low Countries. Bio-bibliography and Catalogue*, 2 vol., Editions Medieval Philosophers of the Former Low Countries, Leuven 1997.
- MAGNARD, Pierre — Olivier BOULNOIS — Bruno PINCHARD — Jean-Luc SOLÈRE: *La demeure de l'être. Autour d'un anonyme. Étude et traduction du Liber de causis*, (Philologie et Mercure), Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1990.
- MAIERÙ, Alfonso: «Il linguaggio mentale tra logica e grammatica nel medioevo: il contesto di Ockham», em em C. Guetti — R. Pujia (eds.), *Momenti di storia della logica e di storia della filosofia. Atti del convegno, Roma 9-11 novembre 1994*, Società Filosofica Italiana, Aracne editrice, Roma 1996, pp. 69-94.
- *University Training in Medieval Europe*, transl. D.N. Pryds, E.J. Brill, Leiden-New York-Köln 1994.
- MANSELLI, Raoul: «Adam Ognibene (Salimbene) de», *Dizionario biografico degli italiani*, Istituto dell'enciclopedia italiana, Roma 1973, vol. I, pp. 225-231.
- MANTELLO, F.A.C. — RIGG, A.G. (eds.): *Medieval Latin. An Introduction and Bibliographical Guide*, The Catholic University of America Press, Washington D.C. 1997.
- MARENBOON, John (ed.): *Medieval Philosophy*, (History of Philosophy, vol. III) Routledge, London 1995.
- *Later Medieval Philosophy (1150-1350). An Introduction*, Routledge, London 1987.
- MARMO, Costantino: «Psicologia e conoscenza», em L. BIANCHI (ed.), *La filosofia nelle università. Secoli XIII-XIV*, (Biblioteca di cultura, 216), La Nuova Italia ed., Firenze 1997, pp. 163-183.
- MARTIN, Raymond — BARRESI, John: *Naturalization of the Soul. Self and Personal Identity in the Birth of Modern Psychology*, (Routledge Studies in Eighteenth Century Philosophy, 1) Routledge, London 1999.
- MARTINEZ CASADO, Angel: «Aristotelismo hispano en la primera mitad del siglo XIII», *Estudios filosóficos* [Valladolid] 33, nº 94 (1984) 59-84.
- MATOS, Luís de: *Les portugais à l'Université de Paris, entre 1500-1550*, (Universitatis Conimbrigensis studia ac regesta), Universidade de Coimbra, Coimbra 1950.
- MATTHEWS, Gareth B. (ed.), *The Augustinian Tradition*, (Philosophical Traditions, 8) University of California Press, Berkeley 1999..
- MAURACH, Gregor: «Johannicius, Isagoge ad Techne Galieni», *Südoffs Archiv* 62 (1978) 148-177. [ver: FOSCHER, Klaus-Dietrich].
- MCEVOY, James: *The Philosophy of Robert Grosseteste*, Clarendon Press, Oxford 1982.
- Medioevo latino. Bolletino bibliografico della cultura europea dal secolo VI al XIII*, Spoleto, 1 (1980)-seg.; a partir do vol. 15 (1995) alargou o seu âmbito passando a ter como subtítulo *Bolletino bibliografico della cultura europea da Boezio a Erasmo (secoli VI-XV)*, desde o vol. XIX (1998) é publicado em Florença.
- MEIRINHOS, J.F.: «A filosofia no século XII. (1) Renascimento e resistências, continuidade e renovação», *Mirandum* [São Paulo, Brasil] 9 (2000) 51-74 [versão on-line: <http://www.hottopos.com.br/mirand9/meirin.htm>].
- MENDONÇA, Manuela: «Portugueses na Unversidade de Siena. Contribuição para a sua história», em J.M. Soto Rábanos (dir.), *Pensamiento Medieval Hispano. Homenaje a Horacio Santiago-Otero*, CSIC, Madrid 1998, vol. I, pp. 831-860
- MICHAUD-QUANTIN, Pierre: «La classification des puissances de l'âme au XII^e siècle», *Revue du Moyen Age latin*, 5 (1949) 15-34.

- MICHON, Cyrille: «L'intellect selon Averroès et ses prédécesseurs», em Thomas d'Aquin, *Somme contre les Gentils. II: La création*, introd., trad., notes C.M., (GF, 1046) Flammarion, Paris 1999, pp. 437-454.
- MONLEONE, Giovanni : *Iacopo da Varagine e la sua Cronaca di Genova dalle origini al MCCXCVII*. Studio introduttivo e testo critico commentato di Giovanni Monleone, (Fonti per la storia d'Italia pubblicate dall'Istituto storico italiano per il Medio Evo. Scrittori. Secolo XIII, 84-86) Tipografia del Senato, Roma 1941.
- MORIANI, L.: *Notizie sulla Università di Siena*, Siena 1873.
- MORPURGO, Piero: «I commenti salernitani all'Articella», em S. Knuuttila—R. Työrinoja—S. Ebbesen (eds.), *Knowledge and the sciences in Medieval Philosophy. Proceedings of the Eighteen International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.). Helsinki 24-29 August 1987*, (Acta Philosophica Fennica, 48. Annals of the Finish Society for Missiology and Ecumenics, 55), Helsinki 1990, vol. II, pp. 97-105.
- «Il commento al *De pulsibus Philareti* di Mauro de Salerno. Introduzione ed edizione critica dal ms. Parisinus Latinus 18499», *Dynamis. Acta Hispanica Scientiarumque Historiam Illustrandam*, 7-8 (1987-88) 307-347.
- MULCHAHEY, M. Michèle: «The Dominican *Studium* System and the Universities of Europe in the Thirteenth Century. A Relationship Redefined», em J. HAMESSE, *Manuels, programmes de cours et techniques d'enseignement dans les universités médiévales. Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve (9-11 septembre 1993)*, (Textes, Études, Congrès, 16) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve 1994, pp. 277-324.
- MUÑOZ GARCÍA, Angel: «Albert of Saxony, bibliography», *Bulletin de Philosophie Médiévale* 32 (1990) 161-190.
- NIERMEYER, J.F.: *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, E.J. Brill, Leiden 1976.
- O'DALY, Gerard: *Augustine's Philosophy of Mind*, Duckworth, London 1987.
- OGUEJOFOR, J. Obi: *The Arguments for the Immortality of the Soul in the First Half of the Thirteenth Century*, (Recherches de théologie ancienne et médiévale. Supplementa 5), Peeters, Leuven 1995.
- PACHECO, Maria Cândida M.: *Ratio e Sapientia. Estudos de Filosofia Medieval*, Livraria Civilização, Porto 1985.
- «A razão escolástica como recusa do círculo», *Mediaevalia. Textos e estudos* 2 (1992) 103-121.— *Santo António de Lisboa. Da ciência da Escritura ao livro da natureza*, (Temas portugueses) IN-CM, Lisboa 1997.
- *S. Gregório de Nissa, criação e tempo*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga 1983.
- PANACCIO, Claude: *Le discours intérieur: de Platon à Guillaume d'Ockham*, (Des travaux) Seuil, Paris 1999.
- Papers of the Articella Project Meeting. Cambridge, December 1995*, (Articella Studies. Texts and Interpretations in Medieval and Renaissance Medical Teaching, 3) Cambridge Wellcome Unit for the History of Medicine — CSIC Carcelona Department of History of Science, Cambridge 1998.
- PASNAU, Robert: «Olivi on Human Freedom», em Alain BOUREAU — Sylvain PIRON (ed.): *Pierre de Jean Olivi (1248-1298). Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société. Actes du Colloque de Narbonne (mars 1998)*, (Études de philosophie médiévale, 79) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1999, pp. 15-25.
- PATAR, Benoît: *Le traité de l'Âme de Jean Buridan [De prima lectura]*, éd., étude critique et doctrinale, (Philosophes médiévaux, 29) Éditions de l'Institut supérieur de Philosophie — Éditions du Préambule, Louvain-la-Neuve — Longueuil (Québec) 1991.

- PETERS, F.E.: *Termos filosóficos gregos. Um léxico histórico*, Fundação Clouste Gulbenkian, Lisboa 1977.
- PERINI, Davide Aurelio: *Bibliographia Augustiniana, cum notis biographicis, Scriptores italici*, 4 vol., Firenze 1929-1937, disponível em: <http://web.tiscali.it/ghirardacci/perini/perini.htm> (URL Abril de 2002).
- PICHÉ, David: *La condamnation parisienne de 1277. Édition critique, traduction française et commentaire historico-philosophique*, (Sic et Non) Librairie Philosophique J. Vrin, Paris 1999.
- PINCHARD, Bruno: «Une nouvelle génération de philosophes face à la pense médiévale», em *Universalis* 1990, Encyclopaedia Universalis, Paris 1990, pp. 452-454.
- POTTS, Timothy C.: «Conscience», em N. KRETZMANN et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 687-704.
- POWICKE, F.M., *The Medieval Books of Merton College*, Clarendon Press, Oxford 1931.
- PUTALLAZ, François-Xavier: *Insolente liberté*, (Vestigia 15) Cerf — Editions universitaires de Fribourg, Paris — Fribourg 1995.
- QUINTO, Riccardo «‘Scholastica’ Contributo alla storia di un concetto. II: Secoli XIII-XVI», *Medioevo. Rivista di storia della filosofia medievale* 19 (1993) 67-165.
- RASHDALL, Hastings: *The Universities of Europe in the Middle Ages*, 3 vol., New rev. edition by F.M. POWICKE — A.B. EMDEN (eds.), Oxford University Press, Oxford 1936 [reimpr. 1997].
- RIJK, L.M. de: *La philosophie au Moyen Age*, Trad. Pierre Swiggers, E.J. Brill, Leiden 1985 [Ed. orig.: *Middeleeuws wijsbegeerte. Traditie en vernieuwing*, 1981, 2.^a ed.].
- «The Origins of the Theory of the Property of Terms», em N. KRETZMANN et al. (eds.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy. From the Rediscovery of Aristotle to the Disintegration of Scholasticism, 1100-1600*, Cambridge University Press, Cambridge 1982, pp. 161-173
- *Through language to reality: studies in Medieval Semantics and Metaphysics*, Variorum Reprints, Northampton 1989.
- ROSEMAN, Philipp W.: «Pourquoi et comment étudier la philosophie médiévale?», *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie*, 43 (1996) 19-29.
- ROSS, David: *Aristóteles*, trad. Luís F. Teixeira, (Opus - Biblioteca de Filosofia, 3), Publicações D. Quixote, Lisboa 1987 [tít. orig.: *Aristotle*; 1923].
- ROSSI, Pietro B. : «Note sulla tradizione della *Translatio Guillelmi* del *De partibus animalium*», em R. BEYERS et. al. (eds.), *Tradition et traduction. Les textes philosophiques et scientifiques grecs au Moyen Age latin. Hommage à Fernand Bossier*, Leuven 1999, pp. 167-199
- «La nuova biblioteca», em P. ROSSI — C.A. VIANO (cur.), *Storia della filosofia, 2. Il Medioevo* (Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma-Bari 1993, pp. 159-179.
- ROSSI, Pietro B. — C.A. VIANO (cur.): *Storia della filosofia, 2. Il Medioevo*, (Enciclopedia del sapere) Ed. Laterza, Roma-Bari 1994.
- Routledge Encyclopedia of Philosophy*, 10 vol. e CD-ROM, London — New York, 1998.
- RUDOLPH, E. (ed.): *Die Renaissance und ihre Antike. Die Renaissance als erste Aufklärung I* (Religion und Aufklärung, 1) Mohr Siebeck V., Tübingen 1998.
- RUËG, Walter (coord. geral): *Uma História da Universidade na Europa*, vol. I: Hilde de RIDDER-SYMOENS (ed.), *As Universidades na Idade Média*, trad. M.G. Torre — A. Costa —

- C. Maia – J.A. Mesquita – J. Pinho, praef. L.A.O. Ramos, (Estudos gerais. Série universitária) Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1996.
- RYAN, W.F. — C.B. Schmidt (eds): *The Secret of Secrets. Sources and Influences*, Warbourg Institut, London 1982.
- SAARINEN, Risto: *Weakness of the Will in Medieval Thought. From Augustine to Buridan*, (Studien und Texte zur Geistesgeschichte des Mittelalters, 44) E.J. Brill, Leiden — Köln — New York 1994.
- SAXL, Fritz: *La vida de las imágenes*, trad. F. Zaragoza, (Alianza Forma, 89) Alianza Ed., Madrid 1989 [tit. orig.: *Lectures*, London 1957].
- SCHULTHESS, Peter — IMBACH, Ruedi: *Die Philosophie im Mittelalter. Ein Handbuch mit einem bibio-bliographischen Repertorium*, Artemis und Winckler, Zürich—Düsseldorf 1996.
- SEBTI, Meryem: *Avicenne. L'âme humaine*, (Philosophies) PUF, Paris 2000.
- SERGI, Giuseppe: *L'idée de Moyen Âge. Entre sens commun et pratique historique*, trad. C. Paul-Maïer, collab. P. Michon (Champs, 448), Flammarion, Paris 2000 [ed. orig.: *L'idea di medioevo*, Donzelli Ed., Roma 1998].
- SEZGIN, Fuat: *Geschichte des arabischen Schrifttums*, Volume 3: *Medizin-Pharmazie, Zoologie-Tierheilkunde. Bis ca. 430 H*, E.J. Brill, Leiden 1986, pp. 20-171, 349-355
- SHARP, R.: *A Handlist of the Latin Writers of the Great Britain and Ireland Before 1450*, Brepols, Turnhout 1997.
- SILVESTRE, H.: «Incipits des traités médiévaux de sciences expérimentales dans les manuscrits latins de Bruxelles», *Scriptorium* 5 (1955) 145-160.
- SIRAISI, Nancy G.: *Avicenna in Renaissance Italy*, Princeton University Press, Princeton (N.J.) 1987.
- SOLÈRE, Jean-Luc : «Livre des causes (Liber de causis)», em *Encyclopédie philosophique universelle*, Vol. III: *Les oeuvres philosophiques. Dictionnaire*, vol. I, PUF, Paris 1992, pp. 676a-682a.
- SPINOSA, Giacinta: «Neologismi aristotelici e neoplatonici nelle teorie medievali della conoscenza: alteratio, alteritas, sensitivus, scientificus, cognoscitivus», J. Hamesse (ed.), *Aux origines du lexique philosophique européen. L'influence de la latinitas*, (Textes et études du Moyen ge, 8) Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, Louvain-la-Neuve 1997, pp. 181-220.
- STEEL, Carlos: «Medieval Philosophy: an Impossible Project? Thomas Aquinas and the "Averroistic" Ideal of Hapiness», em AERTSEN, Jan A. — Andreas SPEER (Hrg.): *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X. Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, 25. bis 30. 1997 in Erfurt*, (Miscellanea Mediaevalia, 26) Walter de Gruyter, Berlin 1998, pp. 152-174.
- STEGMÜLLER, Friedrich: *Repertorium Commentariorum in Sententias Petri Lombardi*, 2 vol., Würzburg 1947.
- STEINSCHNEIDER, Moritz: *Die Europäischen übersetzungen aus dem Arabischen bis Mitte des 17. Jharhunderts*, Sitzungsberichten der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien, philosophisch-historische Klasse, Wien 1904-1905 [reimpr. Graz 1956].
- TALBOT, C.H.: «Ailred of Rievaulx: De anima», *Mediaeval and Renaissance Studies*, Supplement I (1952) 1-164.
- THIJSEN, J.M.M.H.: *Censure and Heresy at the University of Paris 1200-1400*, (The Middle Ages series) University of Pennsylvania Press, Philadelphia 1998.

- TORRELL, Jean-Pierre: *Initiation à saint Thomas d'Aquin. Sa personne et son œuvre*, (Vestigia 13) Cerf - Editions universitaires de Fribourg, Paris - Fribourg 1993.
- TROTTMANN, Christian: «*Scintilla synderesis*. Pour une auto-critique médiévale de la raison la plus pure en son usage pratique», em Jan A. AERTSEN — Andreas SPEER (Hrsg.): *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, (Miscellanea Mediaevalia 27) Walter de Gruyter, Berlin-New York 2000, pp. 116-130.
- ULLMANN,,: *Die Medizin im Islam*, (Handbuch der Orientalistik, Ergänzungsband VI,1) E.J. Brill, Leiden 1970.
- VAN RIET, Simone: «La traduction latine du “De anima”», em Avicenna latinus: *Liber de anima seu Sextus de naturalibus*, ed. S. Van Riet, Éd. critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet. Introduction par G. Verbeke, (Avicenna Latinus), Louvain — Leiden 1972, vol. I, pp. 91*-156*.
- VAN STEENBERGHEN, Fernand: *Histoire de la philosophie (Période Chrétienne)*, Louvain [trad.: *História da Filosofia (Período cristão)*, trad. e prefácio de J. M. da Cruz Pontes (Trajectos, 3) Gradiva, Lisboa, s/d.].
- *La philosophie au XIII.e siècle*. Deuxième édition mise à jour, (Philosophes médiévaux, 28) Institut Supérieur de Philosophie — Peeters, Louvain la Neuve — Louvain 1991.
- *Maître Siger de Brabant* (Philosophes médiévaux, 21), Publications Universitaires — Vander-Oyez, Louvain-la-Neuve — Paris 1977.
- VEGAS GONZÁLEZ, Serafin: *La escuela de traductores de Toledo en la Historia del pensamiento*, (Premio Nacional de temas toledanos "San Ildefonso"), Ed. del Exmo Ayuntamiento de Toledo, Consejería de Cultura, Toledo 1997.
- VERBEKE, Gérard: «Le *De Anima* d'Avicenne: une conception spiritualiste de l'homme», em Avicenna latinus, *Liber de Anima*, ed. S. van Riet, Vol. 2: *IV-V*, Louvain-Leiden 1968, pp. 1*-73*.
- «Les progrès de l'Aristote latin: le cas du *De anima*», em Jacqueline HAMESSE — Marta FATTORI (ed.): *Rencontres de Cultures dans la Philosophie Médiévale. Traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIV.e siècle. Actes du Colloque International de Cassino, 15-17 juin 1989*, (Rencontres de Philosophie Médiévale, 1) Publications de l'Institut d'Études Médiévales—Université Catholique de Louvain / Università degli Studi di Cassino, Louvain-la-Neuve — Cassino 1990, pp. 187-201.
- «Science de l'âme et perception sensible», in: Avicenna latinus, *Liber de Anima*, ed. S. van Riet, Vol. 1: *I-III*, Louvain-Leiden 1972, pp. 1*-90*.
- VERBEKE, Gérard — BRAMS, Jozef: «L'Aristote latin et les commentaires latins médiévaux sur Aristote», *Bulletin de philosophie médiévale*, 35 (1992) 9-22.
- VERBEKE, G. — J.R. MONCHO (eds.): *Némésius d'Emèse. De natura hominis. Traduction de Burgundio de Pise*, (Corpus latinum commentariorum in Aristotelem graecorum. Supplementa 1), Peters, Leuven 1975.
- VERGER, Jacques: *La Renaissance du XIIIe siècle*, (Initiations au Moyen Age) Ed. du Cerf, Paris 1996.
- VIAN, Paolo: «Innocenzo V, beato», em *Enciclopedia dei Papi*, 3 vol., Istituto dell'Enciclopedia Italiana, Roma 2000, vol. II, pp. 423-425.
- VIGNAUX, Paul: *A Filosofia na Idade Média*, trad. Maria J.V. Figueiredo, (Biblioteca de textos universitários, 1) Ed. Presença, Lisboa 1994 [ed. orig.: *Philosophie au Moyen Âge, précédé d'une Introduction nouvelle et suivi de Lire Duns Scot aujourd'hui*, Les Éd. Castella, Albeuve (Suiça) 1987.

- *A Filosofia na Idade Média*, trad. A. Pinto de Carvalho, revisão de A. Martins de Carvalho, (Studium, 24), Arménio Amado Ed., Coimbra 1959 [tít. orig.: *Philosophie au Moyen Age*, Paris 1958 (3^a ed. orig.)].
- VOELKE, André-Jean: *La philosophie comme thérapie de l'âme. Étude de philosophie hellénistique*, (Vestigia 18) Éditions univeristaires — Cerf, Fribourg-Paris 1993.
- WÉBER, Édouard-Henri: *La personne humaine au XIII^e siècle. L'avènement chez les maîtres parisiens de l'acception moderne de l'homme*, (Bibliothèque thomiste, 46) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1991.
- *L'homme en discussion à l'université de Paris en 1270 et son retentissement sur la pensée de S. Thomas d'Aquin*, (Bibliothèque thomiste, 40) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 1970.
- «Voluntas (volonté)», em S. AUROUX (dir.) *Les notions philosophiques. Dictionnaire* (Encyclopédie philosophique universelle, II) PUF, Paris 1990, t. 2, pp. 2761a-2762b.
- WEIJERS, Olga: *La «disputatio» à la Faculté des arts de Paris (1200-1350 environ)*, (Studia artistarum. Études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales, 2) Brepols, Turnhout 1995.
- *Le travail intellectuel à la Faculté des Arts de Paris: textes et maîtres (c. 1200-1500)*, fac. 1: A-B; fac. 2: C-F; fasc. 3: G; (Studia artistarum, études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales, 1-3), Brepols, Turnhout 1994- (em curso de publicação).
- *Le maniement du savoir. Pratiques intellectuelles à l'époque des premières universités (XIII^e-XIV^e siècles)*, (Studia artistarum. Études sur la Faculté des arts dans les Universités médiévales. Subsidia) Brepols, Turnhout 1996.
- WEIJERS, OLGA — Louis HOLTZ (ed.): *L'enseignement des disciplines à la Faculté des arts de Paris au XIII^e siècle (Paris et Oxford, XIII^e - XV^e siècles)*, (Studia artistarum, 4) Brepols, Turnhout 1997.
- WEISHEIPL, James A.: *Albertus Magnus and the Sciences: Commemorative Essays 1980*, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, Toronto 1980.
- WENIN, Christian (Org.): *L'homme et son univers au Moyen Âge. Actes du septième Congrès de Philosophie Médiévale (30 août-4 septembre 1982)*, (Philosophes médiévaux, 27) Institut Supérieur de Philosophie, Louvain-la-Neuve, 1986.
- WICHER, Helen Brown: «Nemesius Emesanus», em F. Cranz (ed.), *Catalogus translationum et commentariorum: Mediaeval and Renaissance Latin Translations and Commentaries*, vol. 6, Washington 1986, pp. 31-72.
- WIELAND, Georg: *Ethica - Scientia practica. Die Anfänge der philosophischen Etik in der 13. Jahrhundert*, (Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, N.F. 21) Aschendorf, Münster 1981.
- WILLIAMS, Steven J.: «The Early Circulation of the Pseudo-Aristotelian *Secret of Secrets* in the West: the Papal and Imperial courts», *Micrologus*, 2 (1994) 127-144.
- ZANELLA, Gabriele: «Riccobaldo e Seneca», em C. LEONARDI (cura), *Gli umanesimi medievali. Atti del II Congresso dell' "Internationales Mittellateinerkomitee" (Firenze, Certosa del Galluzzo, 11-15 settembre 1993)*, Ed. del Galluzzo, Firenze 1998, pp. 827-890.
- *Riccobaldo e dintorni. Studi di storiografia medievale ferrarese*, Ferrara 1980.
- RICCOBALDO DE FERRARA, *Chronica parva Ferrariensis*, introd., trad., note G. ZANELLA, (Dip. prov. di storia patria. Monumenti, 11) Ferrara 1983.
- O'SHAUGHNESSY, Brian: *The Will : A Dual Aspect Theory*, 2 vol., Cambridge University Press, Cambridge 1981, 1980.

Índices

I. Manuscritos citados

Amiens, Bibliothèque Municipale, 406.....	188, 241
Angers, Bibliothèque Municipale, 1582.....	156
Augsburg, UB, fol. cod. 42. III.1.....	160
Auxerre, Bibliothèque Municipale, 22.....	183
Avignon, Bibliothèque Municipale, 311	156, 165, 196
Avignon, BM, 597.....	148
Avignon, BM, 597.....	297
Baltimore, Eisenhower Library (Johns Hopkins University), MSB 22.....	167, 196, 204
Bamberg, Staatsbibliothek (Königlichen Bibliothek), L. III. 40.....	344
Bamberg, SB, H. J. IV 2.....	156
Barcelona, Archivo de la Corona de Aragon, Ripoll 120.....	148, 297
Barcelona, ACA, Ripoll 216.....	165
Barcelona, ACA, Ripoll 109.....	241
Basel, Universitätsbibliothek, A. X. 58.....	158
Basel, UB, D. II. 21.....	187
Basel, UB, D. III. 10.....	127, 180
Basel, UB, F. III. 12.....	156, 204
Bergamo, Biblioteca Cívica Angelo Mai, Delta IV, 34.....	611
Bergamo, BCAM, Ma 300.....	107
Berlin, Staatsbibliothek zu Berlin-Preußischer Kulturbesitz, Hamilton 407.....	162
Berlin, SBB-PKB, Lat. fol. 623.....	156
Berlin, SBB-PKB, Theol. lat. qu. 26.....	156
Berlin, SB-PK, Lat. fol. 623.....	165, 167
Berlin, SB-PK, Lat. qu. 70.....	49
Berlin, SB-PK, Lat. qu. 291.....	48
Berlin, SB-PK, Lat. qu. 520.....	165
Bernkastel-Kues, Bibliothek des St. Nikolaus-Hospitals, 306.....	
Bernkastel-Kues, B.St.N.-H, 306.....	122, 129, 142
Bernkastel-Kues, BSt. N-H, 307.....	119
Besançon, Bibliothèque Municipale, 167116, 117, 118.....	
Bordeaux, Bibliothèque Municipale, 761.....	108
Brescia, Biblioteca Queriniana, B. II. 12.....	131
Bruges, Grand Séminaire, 49/18.....	304
Bruxelles, Bibliothèque Royale des ducs de Bourgogne, 1031.....	319
Budapest, Magyar Tudományos Akadémia Könyvtára, A. 279.....	170
Cambridge, Gonville and Caius College, 379 / 599.....	127
Cambridge, GCC, 413 (630) III.....	111
Cambridge, GCC, 86.....	129
Cambridge, University Library, Mn.VI.24.....	170
Capparoni, (?).....	163
Cesena, Biblioteca Comunale Malatestiana. Plut. sin. VII 5.....	245
Cesena, BM, Plut. sin. VIII 2.....	276
Chantilly, Musée Condé, 330.....	163
Chantilly, MC, 330.....	179
Chantilly, MC, 331.....	181
Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, Reg. Vat. 29A.....	108, 109
Città del Vaticano, ASV, Reg. Vat. 38.....	44, 108
Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Hebr. 507.....	169
Città del Vaticano, BAV, Pal. graec. 235.....	171
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1085.....	119, 120
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1087.....	121
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1139.....	178
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1166.....	119, 120
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1192.....	142
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1251.....	110, 149
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1253.....	142
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1259.....	159
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1293.....	119
Città del Vaticano, BAV, Pal. lat. 1086.....	347
Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1731.....	156, 165
Città del Vaticano, BAV, Reg. lat. 1205.....	165, 196
Città del Vaticano, BAV, Urb. lat. 1392.....	204, 662
Città del Vaticano, BAV, Vat. gr. 2223.....	171
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 366.....	162
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 2159.....	276
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 2661.....	183, 662
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 3977.....	108

Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 4425	159
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 4455	138, 140
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 5334	163
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 6735	45, 108
Città del Vaticano, BAV, Vat. lat. 6758	150, 270
Colmar, Bibliothèque Municipale, 1339	149
Cordoba, Biblioteca del Cabildo, 158	156, 165
Cremona, Biblioteca Statale, cod. 13	148, 297, 662
Dublin, Jesuits Library, <i>unnumbered</i> (olim Philipps 2800)	114, 116, 117, 118
El Escorial, Real Biblioteca de San Lorenzo de El Escorial, gr. 76	171
Erfurt, Wissenschaftliche Allgemeinbibliothek, Amplon. Folio 172	137, 139
Erfurt, WAB, Amplon. Folio 236	180
Erfurt, WAB, Amplon. Folio 271	178
Erfurt, WAB, Amplon. 4° 193	133
Erfurt, WAB, Amplon. 4° 195	119, 140
Erfurt, WAB, Amplon. 4° 212	120, 197, 203
Erfurt, WAB, Amplon. 4° 221	119, 129
Erfurt, WAB, Amplon. 4° 294	198
Erfurt, WAB, Amplon. 8° 62	154
Firenze, Biblioteca Medicea Laurenziana, Antinori 14 / 237	163
Firenze, BML, Fiesolano 145	156
Firenze, BML, Gaddianus reliq. 14	127
Firenze, BML, Plut. LXXI 33	171
Firenze, BML, Plut. LXXI 34	165
Firenze, BML, Plut. LXXXIII 55	170
Firenze, BML, Plut. LXXXIII. 24	152
Firenze, BML, Plut. LXXXIX sup. 118	169
Firenze, BML, Redi 88 (186)	128, 181
Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, (...) II.VI.62	163
Firenze, BNC, Conv. soppr. E. 1. 589	147, 297, 662
Firenze, BNC, Conv. soppr. E. 4. 784	108
Firenze, BNC, Conv. soppr. G. 4853	152, 241, 245, 272, 615
Firenze, BNC, Conv. soppr. G. 7. 1464	147
Firenze, BNC, Conv. Soppr. J.IX.26	131
Firenze, BNC, Conv. soppr. J.XIV.17	110, 269
Firenze, BNC, Conv. soppr. S. Marco I	333
Firenze, BNC, Conv. soppr., G. 4.853	
Firenze, BNC, Conv. soppr., H. IX. 1521	182, 662
Firenze, BNC, Conv. soppr., E.1.159	297
Firenze, BNC, Magl. XV 92	163
Firenze, BNC, Palat. 543	163
Firenze, BNC, Palat. 1072	130
Firenze, Biblioteca Riccardiana, 2359	163
Genova, Archivio di Stato, ... (?)	108
Gerona, Biblioteca Capitular, 76	138, 141
Gießen, Universitätsbibliothek, 610	160
Göttingen, Niedersächsische Staats- und Universitätsbibliothek, Hist. nat. 42	160
Graz, Universitätsbibliothek, 216	111
Graz, UB, 594	317, 320
Günzburg, (...?), 165	162
Halberstadt, Dom- Gymnasium, 84	156
Hamburg,, Staats- und Universitätsbibliothek, 265 170	

Heidelberg, Universitätsbibliothek, cpg 214	160
Ivrea, Biblioteca Capitolare, cod. 79	156
Ivrea, BC, cod. 79	165
Jerusalem, Jewish National and University Library, 8°3607	169
Karlsruhe, Badischen Landesbibliothek, St. Peter perg. 40	119
Kassel, Gesamthochschul-Bibliothek Kassel, Murhard'sche Bibliothek der Stadt und Landesbibliothek, Quart. Med. 8	111
Kraków, Biblioteka Jagiellonska, 726	145
Kraków, BJ, 781	120, 328
Kraków, BJ, 796	149
Kraków, BJ, 817	119, 132
Kraków, BJ, 825	127
Kraków, BJ, 2093	156
Leiden, Bibliotheek der Rijksuniversiteit, Or. 4780	168
Leipzig, Universitätsbibliothek, 1156	198
Leipzig, UB, 1183	149
Leipzig, UB, 1226	149
Lisboa, Biblioteca da Ajuda, <i>Rerum Lusitanicarum</i> , vol. LI - <i>Symmicta Lusitana</i> , t. 44	109
Livorno, Biblioteca del Talmud Torah, 6	169
London, Beth Din and Beth Hamidrash Library, 38	169
London, British Library, Additional 15078	161
London, BL, Additional 15236	111, 320
London, BL, Additional 18227	169
London, BL, Additional 27087	169
London, BL, Additional 27153	169
London, BL, Harley 2558	179, 308
London, BL, Harley 5139	163
London, BL, Harley 5218	114, 149
London, BL, Or. 10617	170
London, BL, Royal 13.A.VII	110, 149
London, BL, Royal, 8. A. VI	188
London, BL, Sloane 405	111, 320
London, BL, Sloane 420	192, 349, 350
London, BL, Sloane, 477	311
London, BL, Sloane 568	183
London, BL, Sloane 1124	183
London, BL, Sloane 2218	127
London, BL, Sloane 2268	180
London, BL, Sloane 3124	112, 158, 320
London, BL, Royal 8. A. VI	225
London, Lambeth Palace Library, 444	154
London, Montefiore Library, 305	169, 170
London, Wellcome Library for the History and Understanding of Medicine, 513	125, 341
London, WLHUM, 533	163
London, WLHUM, 617	112
London, WLHUM, 618	110
Lübeck, Bibliothek der Hansestadt Lübeck, Méd. Quarto 10	111
Lucca, Archiio di Stato, Ospedale di S. Luca 180	261
Madrid, Biblioteca Nacional, 1877	82, 89, 121, 120, 122, 123, 129, 130, 133, 137, 139, 141, 142, 150,

185, 186, 208, 269, 270, 326, 380, 389, 462, 577, 608, 615, 616, 653, 668		New York, Jewish Theological Seminary of America Library, 2304	169
Madrid, BN, 3314 82, 136, 185, 186, 193, 201, 260, 267, 608		New York, JTSAL, 2308	170
Madrid, BN, gr. 76 olim	171	New York, JTSAL, 2314	169
Madrid, BN, gr. 109	171	New York, JTSAL, 2399	169
Manchester, John Rylands Library, Western 65... 182, 344		New York, JTSAL, 2471	169
Memmingen, SB, 2. 40. quart.	161	Nürnberg, Germanisches Nationalmuseum, 34389	179
Metz, Bibliothèque Municipale, 296	131	Nürnberg, Stadtbibliothek, Amb. 55. Quart	161
Metz, BM, 642	156	Oxford, All Souls College, 68	138
Milano, Biblioteca Ambrosiana, ...	82	Oxford, Bodleian Library, 786	333
Milano, BA, D.27 sup.	171	Oxford, BL, Ashm. 1472	131
Milano, BA, H.64 inf.	156, 165	Oxford, BL, Ashmole 1435	129
Milano, BA, N.158 sup.	171	Oxford, BL, Ashmole 1475	122, 129
Milano, BA, N.9.sup.	131	Oxford, BL, Barocc. gr. 76	171
Milano, Biblioteca Trivulziana, 708	163	Oxford, BL, Laud misc. 676	159, 311
Modena, Biblioteca Estense, graec. 50	171	Oxford, BL, Laud. 98	170
Modena, BE, lat. 480	60	Oxford, BL, Mich. 195	170
Montecassino, Archivio e Biblioteca dell'Abbazia, 791	156	Oxford, BL, Mich. 280	169
Montpellier, Bibliothèque interuniversitaire, 474 .	163	Oxford, BL, Mich. 314	177
Moskva, Gosudarstvenny istoricheski muzei, Sinodal. 324	171	Oxford, BL, Mich. 335	170
Moskva, Rossiiskaia Gosudarstvennaia Biblioteka, Günzberg 1061	170	Oxford, BL, Opp. 579	169
Mühlhausen Thomas-Müntzer-Stadt, Kreisarchiv, 60/19	131	Oxford, BL, Rawl. 34	169
München, Bayerische Staatsbibliothek, 8951	130	Oxford, BL, Reggio 42	170
München, BSB, germ. 317	127	Oxford, CCC, 243	125
München, BSB, germ. 407	161	Padova, Biblioteca del Convento dei canonici	
München, BSB, germ. 591	161	Lateranenses ?	122
München, BSB, germ. 592	161	Padova, Biblioteca Universitaria, 1026	163
München, BSB, germ. 720	161	Padova, BU, 647	165
München, BSB, germ. 725	161	Paris, Bibliothèque de l'Arsenal, 2889	163, 164
München, BSB, germ. 822	161	Paris, BA, 3174	162
München, BSB, germ. 3724	181	Paris, Bibliothèque Nationale, fr. 1357	65
München, BSB, germ. 3896	161	Paris, BN, fr. 1319	162
München, BSB, germ. 4214	193	Paris, BN, fr. 1630	112
München, BSB, germ. 4543	161	Paris, BN, fr. 19994	163, 164
München, BSB, germ. 4667	161	Paris, BN, gr. 1941	171
München, BSB, germ. 5146	161	Paris, BN, hebr. 767	170
München, BSB, graec. 548	171, 233	Paris, BN, hebr. 926	169
München, BSB, hebr. 307	169	Paris, BN, hebr. 928	169
München, BSB, hebr. 45	170	Paris, BN, hebr. 929	169
München, BSB, lat. 40... 110, 127, 143, 144, 180, 615		Paris, BN, hebr. 971	170
München, BSB, lat. 161	127	Paris, BN, lat. 4311	108
München, BSB, lat. 615	110, 133	Paris, BN, lat. 1668	241
München, BSB, lat. 7983114, 116, 117, 118, 286, 494		Paris, BN, lat. 6433	136
München, BSB, lat. 8951	121	Paris, BN, lat. 7349	82
München, BSB, lat. 12304	204	Paris, BN, lat. 7416	192
München, BSB, lat. 14458	167, 223	Paris, BN, lat. 6859	123, 332
München, BSB, lat. 14574	111, 133, 149	Paris, BN, lat. 695684, 121, 185, 194, 195, 196, 198, 331	
München, BSB, lat. 14647	157	Paris, BN, lat. 6988	111, 320, 317
München, BSB, lat. 28126	347	Paris, BN, lat. 7416	349
München, Universitätsbibliothek, 4° Cod. 617	297	Paris, BN, lat. 7798	131
München, Universitätsbibliothek, 4° Cod. 802	148	Paris, BN, lat. 11420	179
Napoli, Biblioteca Nazionale	156	Paris, BN, lat. 14716	202
Napoli, BN, F. VIII 29	237	Paris, BN, nouv. acq. fr. 11649	163, 164
		Paris, Bibliothèque Sainte-Geneviève, 2235	159
		Paris, École de Pharmacie, I	161
		Parma, Biblioteca Palatina, 1065	316
		Parma, BP, 1065	107
		Parma, BP, Parm. 2100	169

Parma, BP, Parm. 2264.....	169	Wien, ÖNB, 2300.....	158
Parma, BP, Parm. 2906.....	169	Wien, ÖNB, 2967.....	161
Parma, BP, R. 339	162	Wien, ÖNB, 3011.....	111, 133
Parma, BP, R. 624	162	Wien, ÖNB, 3405.....	163
Pavia, Biblioteca Universitaria, Aldini 27.....	340	Wien, ÖNB, 4751.....	125
Perugia, Archivio di Stato, Giudiziario, Podestà [Liber Petri Parenti], an. 1262	38	Wien, ÖNB, 5305.....	111
Pistoia, ACG, I.G.6.....	131	Wien, ÖNB, 5370.....	158
Porto, Biblioteca Pública Municipal, Azevedo 14 ..	161	Wien, ÖNB, Hebr. 43.....	169
Praha, Archiv Prazského Hradu, M.XXVII (cod. 1380).....	156	Wien, ÖNB, olim gr. V 128	171
Praga, Knihovna Metropolitní Kapituli 1380 (=M27)	237	Wolfenbüttel, Herzog-August-Bibliothek, 18. 5. Aug.	60
Praha, MK, G. 78.....	49	Wolfenbüttel, HAB, 1054 Helmst.....	167
Praha, Národní Knihovna České Republiky, XIX.E.33	156	Wolfenbüttel, HAB, 295 Extravagantes.....	143
Reims, Bibliothèque Municipale, 897	156	Wrocław, Biblioteka Uniwersytecka, IV. Q. 7	156
Roma, Biblioteca Casanatense, 806	156	Wrocław, BU, IV.Q.158	131
Roma, BC, 1382	113	Würzburg, Universitätsbibliothek, M.p.med.f. 2 ...	131
Roma, BC, 1798	163	Zürich, Zentralbibliothek, C. 362.....	118
Roma, BC, 3082	169	Zwettl, Bibliothek der Zisterzienserstift, 257	156
Roma, BC, 4226	156		
Roma, Biblioteca Vallicelliana, Litt. C 49	109		
San Marino (California), Henry E. Huntington Library and Art Gallery, HM 64.....	181		
Sankt Florian, Bibliothek der Augustiner- Chorherrenstift, XI.587.....	156		
Sankt Gallen, Kantonsbibliothek (Vadiana), 390..124, 340			
Sankt Petersburg, Rossiskaya natsionalnaya biblioteka, Evr. I.411	169		
Sélestat, Bibliothèque Humaniste et Municipale, 102	172		
Sevilla, Biblioteca Capitular Colombina, 5.6.14....	125		
Sevilla, BCC, 7-4-25	158		
Sevilla, BCC, 7-4-30	129		
Siena, Biblioteca Comunale degli Intronati, I.VII.11	163		
Siena, BCdI, L.III.21	387		
Siena, BCdI, L.VI.3	163		
Siena, BCdI, L.VI.11	163, 205		
Soissons, Bibliothèque Municipale, 48	129		
Solothurn, Zentralbibliothek, S 386	161		
Steinschneider, (?), 30	162		
Tarragona, Arxiu historic arxidiocesà, 2	165		
Tarragona, AHA, 2	156, 237		
Toledo, Archivo y Biblioteca Capitular, 97-8	141		
Torino, Biblioteca Nazionale Universitaria, G. IV. 26	50		
Toulouse, Bibliothèque Municipale, 220	131		
Venezia, Biblioteca Nazionale Marciana, CI VI. 234	152		
Venezia, BNM, lat. VII. 11	122		
Venezia, BNM, lat. F. a 534.....	131		
Venezia, BNM, lat. Z. 253 (1826).....	145		
Vorau, Chorherrenstiftsbibliothek, 190 (CXLIII) ..	149		
Wertheim, Evangelische Kirchenbibliothek, 672...345			
Wien, Österreichische Nationalbibliothek, 574.....	118		
Wien, ÖNB, 695	284		

II. Índices Pedro Hispano

1. Quadros e esquemas

Sinopse da atribuição de obras a Pedro Hispano / João XXI (séculos XIII – XIX).....	83
A atribuição de obras a Pedro Hispano e a respectiva difusão manuscrita	92
A divisão do <i>De anima</i> de Aristóteles no comentário de Pedro Hispano	227
A tradução do <i>De anima</i> usada na <i>Sententia cum questionibus</i> de Pedro Hispano.....	234
Estrutura da <i>Scientia libri de anima</i> comparada com as obras de Aristóteles e Avicena	239
Uma classificação das ciências na <i>Sententia cum questionibus in libros De anima</i>	348
As definições de alma em Aristóteles, Avicena e Pedro Hispano.....	369
Definições de alma na <i>Scientia</i> de Pedro Hispano e a sua fonte: João de Rochela.....	373
Faculdades, diferenças e actos da alma humana na <i>Scientia libri de anima</i> de Pedro Hispano	
Portugalense	391
Faculdades que regem os corpos animados na <i>Scientia libri de anima</i> (II, 9)	396
Operações e objectos das faculdades apreensivas da alma sensitiva na <i>Scientia</i>	421
Objectos e operações do intelecto humano e das inteligências separadas	432
Graus do intelecto possível em Avicena e Pedro Hispano	457
Tripartição e hierarquia das faculdades da alma (<i>Scientia</i> , II, 1)	464
As faculdades da alma e a acção na <i>Scientia libri de Anima</i>	471
Faculdades motoras intelectivas e seus objectos	483

2. Índice da *Clavis operum*

Clavis operum Petro Hispano adscriptorum (Elenco das obras atribuídas a Pedro Hispano)

1. Obras transmitidas como de Pedro Hispano.....	99
1. Anathomia corporis	99
2. Bullarium Iohannis XXI	99
2b. Bullarium Iohannis XXI (apud Dictamina Berardi)	100
3. De curis oculorum	101
4. De his que conferunt et nocent	101
5. De phlebotomia.....	102
Traduções.....	103
Tradução francesa: Aucuns bons notables et vrais	103
Tradução italiana: Libro della flebotomia	103
6. Diete super cyrurgia.....	103
7. Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen sanitatis	104
8. Expositio librorum beati Dionysii <Prohemium>	105
9. Expositio in Epistolas Dionysii I-VI	106
10. Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii	107
11. Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii	107
12. Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia Dionysii.....	108
13. Expositio in librum De mystica theologia Dionysii	108
14. Glose et questiones super Viaticum Constantini	109
I. <Versão comum>	109
II. <Excerpta>	110
III. <Alia versio ? Petri Hispani vel Iohanni de Sancto Amando?>	110
15. Glose super De pulsibus Philareti.....	111
16. Glose super Tegni Galeni	112
17. Glose supra Pronostica Hippocratis.....	113
Liber de conservanda sanitate	113
18. Liber de famulatu philosophie	113
19. Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite.....	114
20. Liber naturalis de rebus principalibus naturarum	115
Liber de oculo	115
21. Liber oculorum	116
Tradução italiana: Libro degli occhi	117
22. Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni	117
23. Notule super Regimine acutorum Hippocratis	118
24. Operatio ad congelandum mercurium in veram lunam	119
25. Problemata	119
26. Questiones de medicinis laxativis.....	121
27. Questiones super libro De crisi et super libro De diebus decretoriis <Galeni>	121
28. Qui vult custodire sanitatem stomachi.....	122

29.	Scientia libri de anima	122
30.	Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Iudei	125
	I. <Versão de Madrid>	125
	II. <Versão com glosas de outro autor>	126
	III. <Versão de Oxford>	126
	IV. <Versão impressa (ed. Lugduni)>	126
	V. <Versão não identificada>	127
31.	Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac	127
	I. <Versão de Madrid-Erfurt (Folio 172)>	127
	II. <Versão de Vaticano>	127
	III. <Versão impressa (ed. Lugduni) e ms. Erfurt 4º 195>	128
	IV. <Versão não identificada>	129
32.	Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac	129
	I. <Versão de Madrid-Vaticano>	129
	II. <Versão de Bernkastel-Cues>	130
	III. <Versão de Wolfenbüttel>	130
	IV. <Versão impressa (ed. Lugduni 1515)>	130
33.	Secretum pro amico suo ad oculos	131
34.	Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis	132
35.	Sermones	134
	I. Sermones dominicales	134
	II. Sermones dominicales (variantes)	135
	III. Sermones predicabilis (vel de sanctis?)	135
36.	Summa de conservanda sanitate	135
37.	Super libro De animalibus Aristotelis	137
	I. <Versão de Madrid-Vaticano>	137
	II. <Versão de Veneza>	139
38.	Super libros aphorismorum Hippocratis	140
39.	Syncategoreumata	141
	Comentários	143
40.	Synonyma pharmacologica	143
41.	Tabula phlebotomie secundum Avicenam	144
42.	Thesaurus pauperum	145
	Traduções	146
	Tradução catalã	146
	Traduções alemãs	146
	Tradução em castelhano-aljamiado	146
	Tradução dinamarquesa	147
	Tradução escocesa por Jhon ap Ifan	147
	Tradução francesa de Jean Pitard	147
	Tradução francesa de Jean Sauvage	147
	Traduções hebraicas	147
	Traduções italianas	148
	Tradução em língua d'Oc: Thesaur de pauvres	149
	Tradução em língua d'oit	149
	(verificar as diferenças com a língua d'oc)	149
43.	Tractatus	149
	43b. Tractatus maiorum fallaciarum	152
	I. As traduções medievais do Tractatus	153
	I. 1. Traduções hebraicas	153
	A) Tradução de Shemaryah b. Elia ha-Ikriti	153
	B) Tradução de Abraham Abigdor	153
	C) Tradução de Judah b. Samuel Shalom	154
	D) Tradução anónima (versão A)	154
	E) Tradução anónima (versão B)	154
	F) Tradução anónima (versão C)	155
	G) Adbreviatio anonyma	155
	I.2. A tradução grega de Georgios Scolarios	155
	I.3. A tradução greco-latina de Iohannes Cono	156

II. Os comentários.....	156
1. Comentários latinos de autores anónimos	156
2. Comentários latinos de autor conhecido	159
3. O comentário hebraico de Hezekiah / Hizqiyyah bar Halafta (Bonenfant de Millau)	161
44. Tractatus de febribus	162
Tradução em língua d'Oc: Contra febres.....	162
45. Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis	163
46. Tractatus mirabilis aquarum	163
Traduções.....	164
Tradução alemã: Experiment fur alle mayl der augen	164
Tradução francesa: De aquis	164
Tradução inglesa: The 9 marvelous waters	164
Tradução italiana: Trattato meraviglioso di certe acque	165
47. Veni Mecum	165
48. Verba secreta in arte Alkimie	165
49. Versus brevilogi urinarum	166
50. Versus de pluvia, de nive, de pruine, de rose, de prandine et de terra.....	Error! Bookmark not defined.
2. Obras citadas pelo autor mas desconhecidas.....	167
51. De mathematicis	167
52. De motu celorum	167
53. Questiones Physice	168
54. Supra librum De sensu et sensato	169
55. Supra secundum librum De anima.....	169
56. Tractatus de embrione	170
3. Obras de autoria não determinada.....	171
57. De apostemate maturando, de morsu canis rabidi, de naturis quarundam herbarum	171
58. Opus puerorum (de Rogério Bacon?).....	171
59. Summule antiquorum	172
4. Obras não localizadas, citadas por outros autores.....	172
60. De formatione hominis tractatus (de Egídio Romano?)	172
61. De medenda podraga tractatus (do Thesaurus pauperum?).....	173
62. Glose super Hippocratem De natura puerorum	173
63. Lectiones in primum librum Physicorum	174
64. Secretum	174
5. Obras atribuídas a (um) Pedro Hispano mas de outros autores conhecidos ou anónimos.....	174
65. Carta à Câmara de Braga (papa João XXII ?)	174
66. Carta ao infante D. Afonso (papa João XXII)	174
67. Carta ao infante D. Pedro (papa João XXII ?).....	174
68. Consilium de tuenda valetudine (pseudo-Aristóteles, pref. e trad. de João de Sevilha)	175
69. De lingua arabica libri duo (Pedro de Alcalá)	175
70. De partibus corporis humani, de coitu, de honesta et mala muliere (mestre Pispani).....	176
71. Expositio libri De anima II-III (Anónimo)	176
72. Expositio in Isagogas Ioannitii (Mauro de Salerno).....	177
73. Expositio in libros Aforismorum Hyppocratis (Mauro de Salerno)	177
74. Expositio in libros De pulsibus Philareti (anónimo)	178
75. Expositio in libros De urinis Theophili (Bartolomeu de Salerno, recensio II).....	178
76. Expositio in Pronostica Hippocratis (anónimo).....	178
77. Fallacie minores (Anónimo).....	179
78. Glose et questiones super Viaticum Constantini (Anónimo)	179
79. Glose super libris De febribus Ysaac (Anónimo).....	179
80. Glose super libro tegni Galeni (Bartolomeu de Salerno)	179
81. In arithmetica et geometria Thomae Bravadini (Pedro Ciruelo).....	180
82. In perspectivam Canturiensis (Pedro Ciruelo).....	182

83.	In spheram Iohannis de Sacrobosco (Pedro Ciruelo)	182
84.	Notitia super librum de morte et vita (Adam de Buckfield)	182
85.	Notitia super librum de sensu et sensato (Adam de Buckfield, recensio I)	183
86.	Notitia super librum de sompno et vigilia (Adam de Buckfield, Recensio I)	183
87.	Quaestiones de Metaphysica (João Buridano)	184
88.	Questiones de Antidotario Nicolai (Anónimo)	184
89.	Sententia cum quaestionibus in <Pseudo> Aristotelis physonomiam (Guilherme de Aragão)....	185
90.	Tractatus exponibilium (Anónimo)	185
91.	Tractato dei veleni (Pedro de Abano)	186
92.	Tractatus de conceptione deiparae Virginis (Anónimo? ou João Sobrinho Hispano?)	187
93.	Tractatus syncategorematum (Anónimo)	187
	6. Obras não existentes	188
94.	Canones medicinae	188
95.	De universalibus	188
96.	Tractatus theologicus	188
97.	Parva naturalia	189
98.	Scripta magistri Petri Juliani Yspani	189
99.	Summa medicinae	189
100.	Tratado de Astrologia	189

3. Obras atribuídas a Pedro Hispano citadas

Anathomia corporis 98, 107, 316
 Aqua mirabilis ad visum conservandum et contra
 omnem maculam et defectus visus per vespas
*Ver* Tractatus mirabilis aquarum
Bullarium Iohannis XXI (apud *Dictamina* Berardi)
98, 108
Bullarium Iohannis XXI.. 64, 66, 67, 72, 74, 76, 80,
 81, 88, 98, 107, 536
Canones medicinae (obra inexistente)..64, 66, 67, 69,
 72, 74, 76, 88, 207
 Carmen de urinis..... *Ver* Versus brevilogi urinarum
 Comentário sobre o De anima*ver* Sententia cum
 questionibus in libros De anima I-II Aristotelis
 Commentaria super dietas particulares Ysaac*Ver*
 Scriptum et questiones super libro de dietis
 particularibus Isaac Iudei (Versão IV)
 Commentaria super libro De urinis Ysaac *Ver*
 Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac
 Commentarium in Aphorismos Hippocratis 85
 Commentarium super librum dietarum universalium
 Isaac *Ver* Scriptum et questiones super libro De
 dietis universalibus Isaac (*Versão III*)
Consilium de tuenda valetudine..... *Ver* Aristóteles,
 pseudo, *Secretum secretorum*, pref. e trad. de João
 de Sevilha
De apostemate maturando, de morsu canis rabidi, de
naturis quarundam herbarum (?).....98, 187
 De aquis oculorum...*Ver* Tractatus mirabilis aquarum
De curis oculorum 98, 110
 De duodecim aquis ..*Ver* Tractatus mirabilis aquarum
 De febribus..... *Ver* Tractatus de febribus
 De formatione hominis tractatus. *Ver* Egídio Romano
 (?), De formatione hominis tractatus
De his que conferunt et nocent 98, 110, 306
De mathematicis (?).....183, 226, 539
De medenda podraga tractatus (?).....72, 75, 88, 189,
 347
De motu celorum (?) 184, 226, 254, 539
 De partibus corporis humani, de coitu, de honesta et
 mala muliere (erro de atribuição)..... *Ver* PISPANI,
 mag., De partibus corporis humani...

De phlebotomia 18, 94, 98, 111, 317
 De regimine sanitatis bene utilis *Ver* Summa de
 conservanda sanitate. *Ver* Qui vult custodire
 sanitatem stomachi
De universalibus (obra inexistente)..... 207
Diete super cyrurgia.....88, 98, 112, 309, 321
Epistola ad imperatorem Fridericum super regimen
sanitatis.....98, 113, 305
Expositio in Epistolas Dionysii I-VI 289, 291.
 Expositio in Isagogas Ioannitii (erro de atribuição),
 *Ver* Mauro de Salerno, Expositio in Isagogas
 Ioannitii
 Expositio in libros Aforismorum Hippocratis (erro
 de atribuição), *Ver* Mauro de Salerno, Expositio in
 libros Aforismorum Hippocratis
 Expositio in libros De pulsibus Philareti (erro de
 atribuição),...*Ver* Anônimo, Expositio in libros De
 pulsibus Philareti
 Expositio in libros De urinis Theophili (erro de
 atribuição),..... *Ver* BARTHOLOMAEUS
 SALERNITANUS, Expositio in libros De urinis
 Theophili
Expositio in librum De angelica hierarchia Dionysii
 116, 289, 290, 291
Expositio in librum De divinis nominibus Dionysii
 117, 289, 290, 291, 568, 570, 668
Expositio in librum De ecclesiastica hierarchia
Dionysii..... 117, 289, 548
Expositio in librum De mystica theologia Dionysii
 .. 118, 288, 289, 290, 291, 389, 390, 548, 558, 568
 Expositio in Pronostica Hippocratis (erro de
 atribuição),..... *Ver* ANONYMUS, Expositio in
 Pronostica Hippocratis
Expositio libri De anima II-III (erro de atribuição)
 186, 193, 267, 270
Expositio librorum beati Dionysii <Prohemium> .99,
 114, 289, 539
Expositio librorum beati Dionysii 207
 Fallacie minores (erro de atribuição),..... *Ver*
 ANONYMUS, Fallacie minores
Felicitis recordationis (bula).....42

Flumen aquae vivae (bula) 109
 Glosa super libro Ysaac de dietis universalibus *Ver*
 Scriptum et questiones super libro De dietis
 universalibus Isaac (*Versão III*)
Glosas super Hippocratem De natura puerorum (?)
 72, 76, 80, 81, 88
Glose et questiones super Viaticum Constantini ... 99,
 119, 327
Glose in Artem parvam Galeni *Ver* *Glose super Tegni*
Galeri
Glose super De pulsibus Philareti 99, 121, 330
Glose super Hippocratem De natura puerorum (?)
 190, 348
Glose super libris De febribus Ysaac (erro de
 atribuição), *Ver* ANONYMUS, *Glose super libris De*
febribus Ysaac
Glose super libro tegni Galeni (erro de atribuição),
 *Ver* BARTHOLOMAEUS SALERNITANUS, *Glose*
super libro tegni Galeni
Glose super Phylaretum. *Ver* *Glose super De pulsibus*
Philareti
Glose super Tegni Galeni .. 86, 88, 99, 122, 190, 331,
 389, 668
Glose supra Pronostica Hippocratis 99, 123, 332,
 668
Glosule super Iohannicium. *Ver* *Notule super Isagoge*
Iohannicii in Artem parvam Galeni
In arithmetica et geometria Thomae Bravadini
 (erro de atribuição), ... *Ver* Ciruelo, P.S., *In*
arithmetica et geometria Thomae Bravadini
In libros Dionysii expositiones *Ver* *Expositio*
librorum beati Dionysii
In perspectivam Canturiensis (erro de atribuição), *Ver*
 Ciruelo, P.S., *In perspectivam Canturiensis*
In spheram Iohannis de Sacrobosco (erro de
 atribuição), *Ver* Ciruelo, P.S., *In spheram Iohannis*
de Sacrobosco
Jucunditatis et exultationis 108
Lectiones in primum librum Physicorum (?) ... 77, 88,
 185, 190, 255
Liber de anima *Ver* *Scientia libri de anima*
Liber de conservanda sanitate *Ver* *Summa de*
conservanda sanitate, De his que conferunt et
nocent, Qui vult custodire sanitatem stomachi
Liber de famulatu philosophie 99, 124, 340
Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac
brevitatis vite 99, 124, 261, 266, 385, 539, 600
Liber de oculo *Ver* *Liber oculorum, Tactatus*
mirabilis aquarum, De curis oculorum
Liber naturalis de rebus principalibus naturarum 85,
 88, 99, 125, 185, 255, 341
Liber oculorum 72, 75, 88, 99, 126, 322
Notabile bonum de flebotomia ... *Ver* *De phlebotomia*
Notitia super librum de morte et vita (erro de
 atribuição), *Ver* Adam de Buckfield, *Notitia super*
librum de morte et vita
Notitia super librum de sensu et sensato (erro de
 atribuição), *Ver* Adam de Buckfield, *Notitia super*
librum de sensu et sensato

Notitia super librum de sompno et vigilia (erro de
 atribuição), *Ver* Adam de Buckfield, *Notitia super*
librum de sompno et vigilia
Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam
Galeri 77, 99, 128, 185, 186, 269, 333, 668
Notule super Regimine acutorum Hippocratis 99,
 129, 334, 668
Notule super Tegni Galeni *Ver* *Glose super Tegni*
Galeri
Operatio ad congelandum mercurium in veram
lunam 99, 130, 343
Opus parvorum logicalium *Ver* Syncategoreumata
Opus puerorum (?) 99, 188, 215, 241, 539
Parva naturalia (obra inexistente) 208
Problemata . 56, 57, 58, 64, 65, 66, 67, 69, 74, 76, 88,
 90, 270, 271, 278. .
Prognostica .. *Ver* *Glose supra Pronostica Hippocratis*
Quaestiones de Metaphysica (erro de atribuição), *Ver*
 João Buridano, *Quaestiones de Metaphysica*
Questiones de Antidotario Nicolai (erro de
 atribuição), *Ver* *Questiones de Antidotario Nicolai*
Questiones de medicinis laxativis 99, 120, 132, 330
Questiones de pulsibus Filareti *Ver* *Glose super De*
pulsibus Philareti
Questiones libri De anima *ver* *Sententia cum*
questionibus in libros De anima I-II Aristotelis
Questiones medicinales de materia hemorrhoidis,
suffocacione matricis et de aliis multis *Ver*
Questiones de medicinis laxativis
Questiones Physice (?) 184, 228, 254, 539
Questiones super libro De animalibus Aristotelis
 (*Versão de Madrid*) 132, 150
Questiones super libro De crisi et super libro De
diebus decretoriis <Galeri> 99, 132, 334, 369
Questiones super libro De urinis Ysaac *Ver* *Scriptum*
et questiones super libro De urinis Ysaac (*Versão*
I)
Questiones super Viaticum Constantini 119, 132
Qui vult custodire sanitatem stomachi 99, 133, 307
Regestrum *ver* *Bullarium Iohannis XXI*
Regimen sanitatis 85
Scientia libri de anima . 16, 32, 82, 88, 100, 134, 187,
 201, 260, 263, 264, 278, 354, 355, 390, 391, 407,
 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 418, 419, 420,
 432, 433, 434, 435, 437, 438, 456, 457, 459, 460,
 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 470, 471,
 472, 473, 474, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482,
 483, 485, 495, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503,
 504, 505, 507, 508, 512, 513, 515, 516, 517, 518,
 520, 521, 523, 524, 525, 528, 529, 530, 533, 534,
 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 550,
 551, 552, 554, 556, 557, 558, 560, 562, 563, 564,
 565, 566, 567, 569, 571, 572, 573, 574, 575, 576,
 577, 585, 586, 587, 588, 589, 597, 599, 622, 648,
 668, 674
Scripta magistri Petri Juliani Yspani 208
Scriptum et questiones super libro De dietis
particularibus Isaac Iudei ... 70, 72, 74, 76, 79, 80,
 86, 88, 100, 137, 336

- Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus..... Ver Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus Isaac Iudei (Versão I)
- Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac* ..70, 72, 74, 76, 79, 80, 86, 88, 100, 139, 336
- Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac* 70, 72, 74, 76, 79, 80, 86, 88, 100, 141, 337
- Scriptum petri yspani super dietis Isaac Ver Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac (*Versão II*). Ver Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus Isaac Iudei (*Versão III*)
- Scriptum super dietis particularibus Ysaac Ver Scriptum et questiones super libro de dietis particularibus Isaac Iudei (*Versão II*)
- Scriptum super libro De dietis universalibus..... Ver Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac (*Versão I*)
- Scriptum super libro Regiminis acutorum Hippocratis..Ver Notule super Regimine acutorum Hippocratis
- Scriptum super librum prognosticorum Ver Glose supra Pronostica Hippocratis
- Secretum (?).....190
- Secretum pro amico suo ad oculos 100, 143
- Sententia cum quaestionibus in <Pseudo> Aristotelis physonomiam (erro de atribuição), Ver Guilherme de Aragão, Sententia cum quaestionibus in <Pseudo> Aristotelis physonomiam
- Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* 16, 32, 100, 144, 183, 184, 187, 244, 248, 249, 250, 253, 254, 255, 256, 257, 270, 278, 354, 355, 357, 366, 367, 369, 372, 373, 377, 378, 379, 382, 385, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 395, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 408, 413, 428, 429, 430, 431, 438, 444, 445, 446, 447, 448, 450, 451, 452, 453, 454, 458, 461, 508, 517, 519, 539, 551, 555, 561, 573, 582, 584, 597, 599, 622
- Sermones* 72, 74, 76, 80, 81, 85, 88, 100, 147, 539, 662
- Summa de conservanda sanitate*.....88, 100, 113, 148, 305, 321, 322
- Summa experimentorum medicinalium Ver Thesaurus pauperum
- Summa medicinae* (obra inexistente) 208
- Summa pauperum ... Ver Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac
- Summule antiquorum* (?) 188, 539
- Summule logicales Ver Tractatus Super libro De animalibus Aristotelis 58, 89, 100, 150, 270, 389, 462, 482, 560, 577, 653
- Super libros aphorismorum Hippocratis* 88, 100, 154, 337
- Super libros Aphorismorum Ypocratis* (erro de citação?)..... 154
- Supra secundum librum De anima* (?)..... 186, 270
- Syncategoreumata* .. 72, 74, 85, 88, 94, 100, 155, 207, 215, 236, 240, 539, 671
- Synonyma pharmacologica* 100, 158, 315
- Tabula phlebotomie secundum Avicenam* 100, 112, 158, 321
- Thesaurus pauperum* 56, 57, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 79, 80, 81, 85, 88, 90, 94, 100, 158, 159, 189, 207, 310, 319, 658, 667
- Tractato dei veleni (erro de atribuição), Ver PEDRO DE ABANO, Tractato dei veleni
- Tractatus* 58, 66, 67, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 90, 94, 100, 164, 185, 189, 204, 215, 216, 217, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 228, 230, 243, 255, 539, 642, 647, 648, 663, 668
- Tractatus bonus de longitudine et brevitate vite.... Ver Liber de morte et vita et de causis longitudinis ac brevitatis vite
- Tractatus de conceptione deiparae Virginis (erro de atribuição), ... Ver ANÓNIMO, Tractatus de conceptione deiparae Virginis
- Tractatus de embrione* (?) 187, 228-9, 255, 539
- Tractatus de febribus* 100, 178, 314
- Tractatus dietarum totius anni* 100, 179, 308
- Tractatus exponibilium (erro de atribuição), ... Ver ANONYMUS, Tractatus exponibilium
- Tractatus maiorum fallaciarum* (Tractatus VII) .. 167, 223
- Tractatus mirabilis aquarum* 82, 85, 88, 100, 180, 322
- Tractatus syncategorematum (erro de atribuição), Ver ANÓNIMO, Tractatus syncategorematum
- Tractatus theologicus (obra inexistente)..... 207
- Tratado de Astrologia* (obra inexistente) 209
- Veni Mecum* 100, 182, 343, 661, 662
- Verba secreta in arte Alkimie* 100, 182, 344
- Versus brevilogi urinarum* 100, 182, 346, 661, 662
- Versus de pluvia, de nive, de pruine, de rose, de prandine et de terra* 100, 183, 346

III. Obras anónimas e autores citados

- Abranches, C. 558
Abranches, J.S. 100
Adam Bocfeldius *Ver* Adam de Buckfield
Adam de Bockfeld 166
Notitia super librum de morte et vita 92, 178
Notitia super librum de sensu et sensato 93, 179
Notitia super librum de sompno et vigilia ...93, 179
Adão de Marsh.....252, 253, 254
Adenulfo de Anagni.....213, 335
Adriano V 42
Aécio.....364, 365
Aelredo de Rievaulx 322, 520, 606
Aertsen, J.A. 10, 324, 417, 432, 480, 485, 500, 526, 614, 615, 617, 621, 623, 629, 630
Afonso de Herrera 545
Afonso Henriques 306
Afonso III 37, 39, 41, 42
Agostinho de Hipona12, 197, 309, 312, 320, 321, 328, 350, 376, 416, 434, 447, 481, 484, 488, 490, 491, 492, 493, 507, 508, 520, 521, 534, 606
Agrimi, J. 248, 279, 558
Alano de Lille 519, 520
Albérico de Reims 485
Alberto Magno 19, 20, 60, 188, 330, 375, 405, 444, 450, 500, 520, 601, 606
Alcher de Claraval 321
Alcméon.....333
Alexanderson, B. 291
Alexandre de Afrodísias 309, 338, 339
Alexandre de Hales.....19, 520
Alexandre IV 39, 40
Alexandre Nequam 376
Alexandre-Bidon, D.....270
Alfano de Salerno 328
Alfarabi.....327, 400, 488, 607
Alfredo de Sareshel329, 354, 355, 367, 375, 376, 386, 460, 607
Algazel.....320, 326, 354, 372, 381, 409, 412, 607
Alighieri Dante *Ver* Dante
Allan, D.J. 314, 315, 614
Allers, R. 518
Alonso Alonso, M.16, 34, 96, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 135, 136, 140, 143, 148, 150, 161, 164, 165, 166, 167, 172, 176, 179, 180, 216, 218, 226, 227, 228, 231, 237, 238, 240, 249, 250, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 298, 305, 310, 438, 531, 552, 553, 558, 559, 562, 565, 580, 589, 590, 591, 592, 598, 608, 614
Alonso de Venero 545
Alonso, C.....68, 614
Altuna, L.R.....420, 559
Amann, E.....559
Amplonius Ratinck.....139, 175
Anaxágoras.....333
André Dandulus 546
Angelelli, I.....191, 203, 564, 568, 570, 578, 604
Anselmo de Cantuária 472
Antonino de Florença 546
António de Lisboa 517, 609
Antonio, N.72, 74, 77, 78, 86, 112, 168, 169, 170, 229, 232, 302, 546
Antunes, J.38, 39, 40, 47, 100, 301, 543, 545, 560, 561
Aouad, M.....314, 323, 621, 622, 624
Aristóteles12, 20, 131, 136, 196, 216, 223, 233, 240, 242, 309, 310, 315, 316, 317, 319, 325, 326, 329, 333, 334, 335, 338, 340, 342, 355, 360, 363, 367, 370, 375, 376, 377, 379, 396, 401, 407, 420, 438, 446, 456, 464, 467, 473, 476, 481, 485, 486, 487, 488, 489, 499, 503, 535, 559, 608
— *De partibus animalium* 281
Aristoteles, pseudo
— *Secretum secretorum*, cfr. *Consilium de tuenda valetudine* 69, 70, 71, 72, 84, 171, 304
Arnaldo de Villanova 188, 299, 591
Arnaldo de Villanova, pseudo 280
Arnulfo de Provença 336, 395, 609
Arrizabalaga, J.....619
Arsitóteles
Articella.....328
Ashworth, E.J. 205, 593

- Asúa, M.J.C. de 17, 117, 119, 120, 242, 244, 247, 248, 552, 561
- ASÚA, M.J.C. de 137, 138, 244
- Auctoritates Aristotelis, Senecae, Boethii, Platonis, Apuleii africana, Porphyrii et Gilberti Porretani* 401, 607
- Audi, R. 309, 615
- Averróis 226, 237, 294, 309, 314, 320, 322, 326, 327, 331, 370, 375, 377, 380, 410, 420, 446, 473, 513, 610
- Averróis júnior 506
- Avicebrão 327, 610
- Avicena 120, 235, 276, 283, 309, 313, 318, 320, 324, 333, 325, 326, 329, 363, 370, 372, 375, 376, 377, 381, 386, 397, 400, 405, 408, 409, 410, 412, 415, 420, 435, 444, 451, 460, 463, 466, 467, 488, 489, 492, 493, 498, 508, 535, 580, 610, 630
- Baumker, C. 327, 329, 607, 610
- Barbado, M. 561
- Barberio, F. 550
- Barbet, J. 251, 252, 253, 614
- Barbosa, J.M. 251, 252, 487, 559, 561
- Barduzzi, D. 21, 35, 36, 61, 562
- Barlezio, M. 546
- Barresi, J. 313, 626
- Bartholomaeus Salernitanus
— *Expositio in libros De urinis Theophili*,
recensio II 84, 92, 174
— *Glose super libro tegni Galeni* 92, 175
- Bartolomeu de Luca *Ver* Ptolomeu de Luca
- Bataillon, L.-J. 51, 166, 615
- Baur, L. 518, 613
- Bazán, B.C. 220, 331, 376, 432, 436, 562, 608, 615, 619
- Beato, J. 606
- Beaujouan, G. 142, 562
- Beck, A. 562
- Beckmann, J.P. 496, 591
- Beda o Venerável 273, 518
- Beda o Venerável, pseudo 280
- Benedito Faventino 51
- Benson, R.L. 11, 27, 614, 615
- Benvenuto da Imola 546
- Berardo Caracciolo de Nápoles 44, 544
- Berardus Neapolitanus, Dictamina 100
- Bergadá, M.M. 132, 562
- Berger, A.M. 101, 115, 116, 130, 161, 266, 267, 268, 269, 281, 284, 562
- Bernardini, P. 340, 562
- Bernardo de Claraval 520
- Bernardo de Gordon 275
- Bernardo Gui 48, 546
- Bernardo Silvestre 519, 520
- Bertola, E. 436, 615
- Beuchot, M. 553, 563
- Beullens, P. 242, 576, 584
- Bianchi, L.
- Bianchi, M. 411
- Bianchi, M.L. 11, 13, 311, 319, 488, 615, 621, 626
- Bíblia 26
- Bilancione, G. 563
- Blaise, A. 312, 502, 615
- Blumberg, H. 237, 446, 610
- Boaventura de Bagnoregio 51, 60, 405, 500, 508, 517, 520, 610
- Bochenski, I.M. 175, 192, 198, 553, 563
- Bodéüs, R. 315, 333, 334, 470, 608, 615
- Boécio 333
- Boécio de Dácia 485
- Boehner, Ph. 563
- Boh, I. 563
- Böle, K. 563
- Boni, L.A. de 454, 615
- Borges-Duarte, I. 22, 618
- Boudet, J.-P. 63, 615
- Bougerol, J.-G. 330, 375, 433, 495, 612
- Boulnois, O. 323, 607, 626
- Boureau, A. 469, 627
- Boyle, L.E. 563
- Braakhuis, H.A.G. 207, 213, 563, 548, 564
- Brams, J. 318, 615, 630
- Branca de Castela 171
- Brandi, G.A. 546
- Brasão, E. 22, 564
- Brenet, J.-B. 331, 611
- Buchwald, W. 554
- Burgundio de Pisa 328, 329
- Burnett, C. 28, 171, 305, 306, 325, 328, 616
- Bursill-Hall, G.L. 567, 585
- Buytaert, E.M. 329, 452, 476, 612
- Buzzetti, D. 564
- Cadier, L. 43, 99, 545
- Caeiro, F.G. 37, 39, 543
- Caetano, M. 37, 543
- Caires, Á. 564
- Calafate, P. 188, 193, 204, 239, 570, 581
- Calcídio 12, 117, 364, 365, 610
- Callebaut, A.
- Callebaut, A. 44, 46, 100, 426
- Callebaut, A.P. 564
- Callus, D.A. 252, 329, 330, 374, 395, 420, 430, 432, 447, 607, 611, 616
- Cantelli Berarducci, S. 185, 554
- Capparoni, P. 564
- Caracci, P.-C. 564
- Cardoso, J. 546
- Carolus-Barré, L. 564
- Carranza de Miranda, B. 546
- Carreras y Artau, J. 178, 188, 237, 238, 333, 565
- Carreras y Artau, T. 178, 188, 237, 238, 333, 565
- Carrier, J. 204, 335, 336, 607, 612, 623, 624
- Carvalho, A.S. 565
- Carvalho, J. 22, 68, 565
- Carvalho, M.A.S. 11, 181, 249, 488, 565, 580, 611, 613, 616
- Casagrande, C. 241, 496, 584
- Cassiodoro 320, 610, 611
- Castro y Castro, M. 548

- Castro, J.A. 565
 Castro, M. 29
 Cavallo, G. 12, 185, 554, 616
 Cecchini, G. 543
 Celano, A.J. 486, 616
 Celestino III 39
 Cento, F. 565
 Cerbanus 329
 Chacón, A. 50, 66, 71, 546
 Chenu, M.-D. 8, 517, 518, 519, 520, 616
 Chevallier, P. 172, 249, 328, 554, 611
 Chirat, H. 312
 Chojnacki, P. 565
 Cícero 110, 375
 Ciruelo, P.S. 73, 176
 — *In arithmetica et geometria Thomae*
 Bravadini 73, 176, 178
 — *In sphaeram Iohannis de Sacrobosco* 73, 178
 Clery, J.J. 580
 Collingwood, R.G. 23, 24, 25, 616
Compendium examinatorium parisiense 607
 Conrad de Halberstadt 547
 Consoli, D. 566
 Constable, G. 11, 27, 614, 615
 Constatino Africano 109
 Contamine, G. 27, 616
 Conway, A.J. 585
 Corbin, M. 609
 Corella, L. 547
 Corradini Bozzi, M.S. 160, 566
 Corsten, S. 148, 566
 Costa ben Luca 327, 364, 611
 Costa, A.D.S. 38, 543, 566
 Coulon, A. 40
 Cousin, V. 215, 616
 Coxito, A. 566
 Craemer-Ruegenberg, I. 575
 Cranz, F. 329, 631
 Crawford, F.S. 322, 326, 379, 408, 608, 610
 Crisciani, C. 558, 566
 Cristofori, F. 566
 Crítias 333
Cum a facilioribus 193
 Cunha, J.T. 590
 Cunha, R. 202, 547, 566
 Cunningham, A. 619
 d'Achery, L. 549
 d'Alatri, M. 49, 616
 d'Alverny, M.T. 589
 d'Alverny, M.-T. hérèse 27, 614566
 d'Amico, D. 567
 d'Ancona Costa, C. 324, 616
 d'Achery, L. 547
 d'Ors, A. 17, 47, 61, 62, 64, 65, 73, 85, 177, 209, 210,
 549, 567
 Daiber, H. 27, 616
 Dales, R.C. 13, 239, 357, 360, 361, 420, 437, 566, 616
 Dante 60, 195, 485, 547
 Daunou, A. 21, 79, 80, 169, 264, 302, 567
 Davy, M.-M. 518, 617
De anima et de potentiis eius 330, 373, 374, 377, 405,
 420, 431, 432, 447, 607
De exponibilibus *Ver* Tractatus exponibilium
De potentiis animae et objectis 330, 374, 420, 430,
 447, 607
De regimine principum *Ver* Aristóteles, pseudo,
 Secretum secretorum, pref. e trad. de João de
 Sevilha
De spiritu et anima 367, 372, 373, 375, 376, 434, 447,
 521
 Dekkers, E. 95, 617
 Delisle, L. 44, 45, 100, 180
 Dell'Anna, G. 174, 291
 Delorme, F. 243
 Demócrito 333
 Denifle, H. 10, 43, 551, 617
 Deslile, L. 204
 Dias, I.M. 22, 618
 Díaz de Bustamante, J.M. 554
 Díaz Díaz, G. 174, 180, 184, 239, 554
 Díaz y Díaz 10, 95, 96, 99, 101, 104, 105, 109, 111,
 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 123, 125,
 126, 127, 129, 130, 132, 135, 136, 140, 143, 148,
 150, 161, 166, 172, 179, 96, 265, 320, 554, 612
 Dinneen, F. 553, 567
 Diógenes de Apolónia 333
 Dionísio o Cartuxo 252
 Dionísio, pseudo Areopagita 26, 105, 107, 108, 249,
 328, 433, 487, 520, 611
 Dionísio, S.'A. 231, 568
 Distelbrink, B. 96, 617
Divisio scientie 338
 Dod, B.G. 226, 318, 446, 617
Dogma philosophorum 375
 Domanski, J. 484, 485, 617
 Dondaine, A. 55, 251, 617
 Dondaine, H.F. 249, 250, 617
 Doucet, V. 7, 617
 Downing, T.J. 568
 Duby, G. 580
 Duchesne, A. 67, 547
 Duchesne, L. 48
 Ducrot, O. 568
 Dufour, C.A. 568
 Dumont, S.D. 480, 617
 Dunne, M. 237, 568, 613
 Duns Escoto *Ver* João Duns Escoto
 Ebbesen, S. 203, 205, 567, 568, 583, 585, 595, 617
 Echard, J. 78, 557
 Eckert, W.P. 589
 Eckhart de Hoheim, mestre 485
 Edwards, P. 19, 576
 Egeas de Lourenço 41
 Eggs, G.J. 71, 72, 547
 Egídio Romano 169, 203, 599
 De formatione hominis tractatus 69, 72, 84, 168,
 302
 Ehinger, E. 565, 569, 602

- Ehrle, F. 207
 Ehses, S. 80, 599
 Elaramni-Jamal, A. 314, 323, 621, 622, 624
 Eloy, N.-F.-J. 79, 547, 555
 Emden, A.B. 205, 628
 Emery, K. 480, 614, 617
 Empédocles. 333
 Endress, G. 409, 617
*Epistola Aristotelis ad Alexandrum de observatione
 humani corporis* Ver Aristóteles, pseudo, Secretum
 secretorum, pref. e trad. de João de Sevilha
 Ernout, A. 502, 617
 Escobar Chico, Á. 219, 618
 Escoto Eriúgena. 445, 520
 Espírito Santo, A. 507, 554, 606
 Estêvão de Borbon. 550
 Estêvão Tempier (Stephanus Temperius) 43
 Eubel, C. 555
 Everson, S. 312, 618
Expositio in libros De pulsibus Philareti 92, 174
Expositio in Pronostica Hippocratis ... 81, 84, 92, 174
Expositio libri de anima II-III 92, 166, 172, 238,
 240310, 420, 590
Leitschuh 300
 Fabianus Salernitanus 115, 267
 Fabricius Lipsiensis, J.A. 555
 Faes de Mottoni, B. 241, 249, 251, 313, 569, 618
 Faggin, G. 612
Fallacie minores 92, 175, 191
 Fattori, M. 27, 285, 311, 411, 318, 616, 621, 630
 Federici Vescovini, G. 569
 Federiga, R. 593
 Feltrin, P. 569
 Ferreira, J. 6, 19, 46, 197, 231, 236, 239, 419, 426,
 427, 429, 437, 441, 449, 493, 502, 569, 570
 Ferreira, J.A. 569
 Fidora, A. 324, 607
 Filareto. 110, 286
 Filipe Chanceler. 374, 376, 501
 Fischer, H. 300
 Flash, K. 8, 582, 618
 Fliche, A. 570
 Fløistad, G. 7, 618
 Flüeller, C. 241
 Føllesdal, D. 299, 590
 Follon, J. 8, 9, 618
 Foresti, I.F. 68
 Foscher, K.-D. 618
 Foucault, M. 255
 Fraile, G. 570
 Francisco Pipino 48, 547
 Frederico II 37, 267
 Freitas, M.B.C. 606
 French, R. 619
 Frenz, T. 39, 618
 Fumagalli Beonio Brochieri, M. 9, 265, 618
 Furtado, R. 22, 618
 Gaar, E. 95, 617
 Gadamer, H.-G. 22, 23, 618
 Galeno 111, 117, 120, 286, 293, 328
 Gamba, U. 252, 257, 570
 Gamba, J.M. 199, 200, 570
 Gandolfo, D.A. 68, 75, 76, 547
 Ganho, M.L.S. 555
 García-Ballester, L. 619
 Garfagnini, G.C. 12, 618
 Garlando Compotista. 192
 Garrigues, M.-O. 322, 611
 Gatto, L. 49, 51, 618
 Gauthier, R.-A. 56, 133, 198, 199, 201, 203, 218,
 231, 236, 239, 310, 319, 322, 330, 331, 335, 336,
 337, 338, 339, 340, 373, 374, 376, 377, 393, 405,
 420, 432, 447, 476, 478, 485, 489, 571, 593, 607,
 608, 613, 618, 619
 Geerard, M. 95
 Genádio 321
Genesis 367
 Georgios Scholarios (Georgiou tou Scholariou) 78,
 152, 208, 569, 582, 611
 Gerardo de Cremona 28, 112, 113, 276, 291, 294
 Gerardo Listrio 64
 Gesner, C. 64, 65, 547, 555
 Getz, F. 269, 619
 Geyer, B. 558, 571, 599
 Ghibellini, M. 571
 Giacon, C. 571
 Giard, L. 571
 Giele, M. 377, 608, 619
 Gil de Roma Ver Egidio Romano
 Gilbert, N.W. 480, 619
 Gilberto de Poitiers. 520
 Gilson, É. 6, 13, 17, 25, 217, 219, 234, 314, 326,
 327, 357, 362, 407, 415, 416, 426, 437, 443, 446,
 450, 490, 491, 493, 498, 518, 571, 607, 620
 Gil-Sotres, P. 17, 102, 270, 279, 280, 281, 283, 552,
 571, 619
 Giraldo Ot. 192
 Girardus 109
 Glauning, O. 577
 Glorieux, P. 96, 97, 99, 102, 104, 105, 106, 107,
 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117,
 118, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 127, 129, 132,
 135, 136, 139, 140, 142, 143, 148, 150, 161, 166,
 167, 170, 172, 175, 178, 179, 180, 241, 306, 555,
 572, 620
Glose super libris De febribus Ysaac 92, 175
Glose supra Prognostica Hyppocratis 81
 Goddu, A.L. 207, 572
 Godofredo de S. Vitor 520
 Goff, J. le 8, 620
 Goldfinch, J. 148, 566
 Goldstein[-Préaud], T.M. 136, 137, 138, 244, 572
 Gomes, J.P. 592
 Gomez Nogales, S. 610
 Gonçalves, J.C. 12, 516, 620
 Gonçalves, M.I.R. 554
 Grabmann, M. 6, 16, 34, 35, 78, 85, 86, 124, 136,
 150, 165, 202, 231, 232, 233, 238, 240, 241, 242,

- 250, 251, 420, 426, 436, 498, 559, 562, 565, 572, 573, 574, 575, 582, 601, 620
- Grant, E. 620
- Green-Pedersen, N.J. 574
- Gregório de Nissa 517, 520, 611
- Gregorio de Pistoia 232
- Gregório IX 43, 319
- Gregório X 43
- Gregório XI 10
- Gregorovius, F. 574
- Gregory, T. 8, 313, 620
- Grignaschi, M. 305, 620
- Grmek, M.D. 270, 290, 622
- Grumel, V. 574
- Gualterius Agilor 129
- Guetti, C. 494, 626
- Guichart, P. 270
- Guilherme de Alvérnia 19, 20, 330, 374, 376, 453, 611
- Guilherme de Aragão, *Sententia cum quaestionibus in <Pseudo> Aristotelis physonomiam* 6, 69, 71, 73, 76, 84, 93, 181
- Guilherme de Auxerre 376
- Guilherme de Curis 142, 193
- Guilherme de Moerbecke 20, 230, 226338
- Guilherme de Nanguis 547
- Guilherme de S. Teodorico 519, 520611
- Guilherme de Sherwood 19, 196, 200, 601
- Guillelmus Arnaldi 202
- Guillelmus de Curis 182, 217
- Guiraud, J. 40
- Guldentops, G. 242, 576, 584
- Gundissalino 28, 235, 329, 364, 374, 395, 447, 611
- Gutas, D. 287, 325, 620
- Guyotjeannin, O. 49, 620
- Hackett, J. 188, 216, 269, 619, 620, 625
- Hadot, P. 484, 485, 620
- Halleux, R. 298, 621
- Halporn, J.W. 320, 610
- Hamesse, J. 12, 27, 205, 206, 220, 285, 311, 318, 372, 401, 409, 445, 513, 607, 614, 616, 617, 621, 627, 630
- Hanger, S. 566
- Hanst, M. 574
- Hasenohr, G. 217, 577, 621
- Haskins, C.H. 11, 574, 621
- Hasnawi, A. 314, 323, 621, 622, 624
- Hasse, D.N. 235, 324, 325, 329, 370, 374, 409, 420, 429, 438, 439, 444, 450, 466, 493, 494, 498, 506, 526, 574, 621
- Hauck, A. 85, 574
- Hausse, J. 478, 621
- Heath, T. 207, 574
- Heers, J. 8, 621
- Hegel, G.W.F. 27
- Heiderich, H. 558
- Heidingsfelder, F. 575
- Heitzmann, C. 69, 70, 77
- Hellinga, L. 148, 566
- Hening, J. 273
- Henrique de Gand 213, 479, 488
- Henriques, F. 22, 618
- Henriques, M.C. 555
- Henry, D.P. 575
- Heráclito 333
- Hermano alemão 485
- Hervaeus Brito *Ver* Herveu Bretão
- Herveu Bretão 19, 200
- Hett, W.S. 608
- Heusch, C. 555
- Hezekiah bar Halafata 192
- Hezekiah ou Hizqiyyah bar Halafta (Bonenfant de Millau) 158
- Hilduino 250
- Hipócrates 71, 112, 117, 118, 138, 281, 286, 295, 328
- Hipon 333
- Hirth, W. 575
- Hissette, R. 43, 45, 270, 454, 575, 622
- Hoffmann, T. 480, 622
- Hog, T. 48
- Hohlweg, A. 554
- Holder-Egger, L. 49, 549
- Holtz, L. 205, 320, 617, 625
- Honório de Autun 322, 520, 611
- Hoste, A. 322, 606
- Houde, R. 141
- Hugo de S. Victor 60, 321, 611
- Hunt, R.W. 329, 374, 395, 432, 447, 611
- Hyman, A. 159, 622
- Iacobus de Varagine *Ver* Tiago de Varagine
- Iacobus Frisius, I. 555
- Iacobus Philippus Bergomensis 548
- Ibn Dawud 324
- Ibn Gabirol *Ver* Avicibrão
- Illescas, G. 548
- Imbach, R. 6, 8, 479, 555, 620, 622, 629
- Inglis, J. 6, 622
- Inocêncio V 51, 53
- Iogna-Prat, D. 95, 622
- Iohannes Aegidius Zamorensis *Ver* João Gil de Zamora
- Iohannes Anglicus 274
- Iohannes Cono 153
- Iohannes de Sancto Amando 110
- Iohannes Trithemius 30
- Iohannicius 618
- Iordanus 548
- Isaac 71, 286, 288
- Isaac de Stella 322, 373, 612
- Isaac Israelita 124, 126, 128, 294
- Isidoro de Sevilha 265, 320, 517, 518, 520, 612
- Jacob, J. 64, 547
- Jacob, L. 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 86, 112, 168, 169, 302, 303, 548
- Jacobi, K. 575, 599
- Jacopo Coluccini da Bonavida 232
- Jacquart, D. 173, 174, 270, 276, 281, 285, 286, 290, 291, 292, 555, 558, 575, 622
- Janni, P. 558

- Jayyusi, S.K. 28, 325, 616
 Jeudy, C. 95, 622
 Joanício 117, 286, 328, 375, 386, 460
 João Bekk. 545
 João Blund 329, 374, 395, 432, 447, 611
 João Buridano 205, 612
 — *Quaestiones de Metaphysica* 93, 180
 João Cabbart 548
 João Damasceno 329, 367, 376, 452, 476, 478, 495, 612
 João de Deus 38
 João de Glogów (Iohannes Glogoviensis) 572
 João de Parma 19, 51, 601
 João de Rochela 236, 318, 330, 355, 365, 374, 375, 376, 386, 388, 405, 412, 413, 433, 434, 435, 447, 460, 495, 512, 526, 537, 612
 João de Rupescissa 591
 João de Salisbúria 250
 João de Sevilha 171, 327
 João Duns Escoto 12, 479, 480
 João Escoto Eriúgena 108, 250, 252, 261
 João Gil de Zamora 548
 João o Pagem 19, 213
 João Sarraceno 250, 251, 252, 597
 João Sobrinho Hispano 183
 — *Tractatus de conceptione deiparae Virginis* 183
 João XXII 185, 186
 João XXII (?)
 — *Carta à Câmara de Braga* 170
 — *Carta ao infante D. Afonso* 170
 — *Carta ao infante D. Pedro* 170
 João, evangelista 433
 Joaquim de Flora 51
 Iohannes Venator Anglicus 192
 Jolif, J.Y. 489
 Jolivet, J. 8, 9, 26, 27, 314, 326, 391, 622, 623
 Jordan, M.D. 286, 290, 292, 623
 Jordão, card. de S. Cosme e S. Damião 40
 Jorge de Bruxelas 64
 Juan Gil de Zamora 29
 Judy, A.J. 337, 613
 Jugie, M. 623
 Jullien, M.-H. 95, 623
 Kaltenbrunner, F. 44, 100, 545, 623
 Kaluza, Z. 579
 Kant, I. 189
 Keil, G. 575
 Kelly, J.N.D. 575
 Kenny, A. 623, 625
 Kible, B. 97, 132, 557
 Kibre, P. 97, 103, 113, 116, 117, 139, 142, 282, 296, 555, 558
 Kirch, J.P. 575
 Klibansky, R. 7, 618
 Kneepkens, C.H. 191, 612, 623
 Kneil, G. 126, 128, 129, 294
 Knuuttila, S. 583
 Koch, J. 575
 Koerner, K. 567, 585
 Köhler, J.T. 78, 79, 80, 575
 Köhler, T.W. 242, 334, 417, 576, 623
 Kohlmeier, J. 576
 Kohn, A. 575
 Kokoszynska, M. 576
 Koller, W. 549
 Kopp, C. 576
 Korolec, J.B. 480, 623
 Kretzmann, N. 19, 149, 168, 196, 201, 217, 226, 437, 480, 576, 594, 623, 625, 628
 Kristeller, P.O. 139, 173, 174, 176, 286, 291, 292, 293, 295, 556, 557, 576
 Kuksewicz, Z. 577
 Laet, J. 548
 Lafleur, C. 204, 335, 336, 337, 395, 607, 609, 612, 623, 624
 Lambert, C. 595
 Lambertini, G. 577
 Lambertini, R. 485, 624
 Lamberto de Auxerre 196, 197
 Lampe, G.W.H. 312, 502, 624
 Lanham, C.D. 11, 615
 Lanza, L. 205, 485, 624
 Lapidge, M. 96, 188, 205, 624
 Laporta, J. 624
 LaRue, R. 554
 Laurent, M.-H. 21, 35, 36, 61, 543, 577, 599
 Lawn, B. 119, 242, 248, 249, 285, 577, 624
Lectura in Ethicam Novam 607
Lectura in Libro de anima a quodam discipulum reportata 337, 373, 376, 377, 607
 Lehmann, P. 577
 Lehtinen, A.I. 299, 590
 Lemay, R. 291, 624
 Lemoine, M. 519, 611
 Leonardi, C. 12, 58, 96, 185, 188, 205, 554, 616, 624
 Lêucipo 333
 Levet, J.-P. 577
 Levillain, P. 603
Libellus de mensura horologii 273
Liber de causis 323, 349, 403, 404, 442, 607, 616
Liber Pontificalis 47, 548
 Libera, A. 43, 217, 326, 363, 454, 488
 Libera, A. de 8, 11, 23, 24, 32, 168, 197, 200, 215, 216, 247, 311, 314, 323, 324, 327, 397, 400, 409, 410, 411, 454, 479, 485, 486, 499, 577, 610, 613, 618, 624, 625
 Liddell, R.S. 503, 625
 Lilla, S. 249
 Lindberg, D.C. 97, 116, 130, 131, 161, 162, 266, 556
 Little, A.G. 216, 625
 Lobato, A. 47, 54, 577
 Lobrichon, G. 95, 622
 Lohr, C. 97, 114, 119, 123, 132, 136, 138, 148, 166, 172, 178, 179, 180, 181, 226, 318, 320, 556
 Lohr, C.H. 625
 Lohrmann, D. 44, 46
 Lomba Fuentes, J. 333, 578
 Longeway, J. 168, 201, 576, 594

- López López, P. 8, 625
 López Pereira, J.E. 554
 Lottin, O. 373, 474, 478, 479, 480, 500, 501, 559, 625
 Lourenço Pignon.....548
 Ludovicus Iacobus a S. Carolo *ver* Jacob, Louis
 Luis de Valladolid 548
 Macedo, A. 71, 78, 548
 Machado, D.B. 78, 169, 229, 302, 549, 556
 Mack, P. 578
 Macken, R. 95, 479, 625, 626
 Mackenzie, J. 578
 Macróbio 364, 375
Magisterium divinae et sapientiae 376
 Magnard, P. 323, 607, 626
 Maierù, A. 6, 8, 206, 207, 494, 495, 578, 579, 585, 620, 622, 626
 Maimónides 327
 Malaspina, S. 549
 Mandonnet, P. 454
 Manekin, C.H. 150, 151, 152, 159, 193, 208, 579
 Mann, H.K. 579
 Manning, e. 593
 Manno, L. 246
 Manselli, R. 49, 626
 Mantello, F.A.C. 12, 626
 Marangon, P. 284
 Marcos Casquero, M.-A. 265, 320, 612
 Marenbon, J. 579
 Mariana, J. 66, 549
 Marineo, L. 74, 549
 Marini, A. 43
 Markowski, M. 579
 Marmo, C. 13, 626
 Marques, J. 547
 Marques, M.A.F. 41, 544
 Martin, R. 313, 626
 Martineau, E. 585
 Martinelli, L. 579
 Martinez Casado, A. 219, 626
 Martinez Lorca, A. 610
 Martinho de Troppau 47, 53, 549, 561
 Martins, D. 579
 Martins, M. 251, 260, 579, 580
 Massignon, L. 572, 620
 Masson, J.P. 549
 Matos, L. de 10, 626
 Maurach, G. 292, 626
 Mauro de Salerno 111, 173
 Expositio in Isagogas Ioannitii 81, 84, 92, 173
 Expositio in libros Aforismorum Hyppocratis 92, 173
 Máximo Confessor 476
 Mazzini, I. 558
 McCanles, M. 580
 McEvoy, J. 9, 109, 252, 253, 254, 261, 313, 518, 520, 580, 618, 626
 McLaughlin, B.P. 309
 McVaugh, M.R. 128, 280, 288, 551, 580, 601
 Medonça, M. 36
 Meerseman, G. 548
 Meier, A. 245
 Meillet, A. 502, 617
 Meirinhos, J.F.P. 10, 19, 27, 39, 43, 46, 47, 98, 124, 181, 188, 193, 204, 209, 231, 235, 265, 301, 324, 340, 342, 417, 429, 580, 581, 626
 Mendes, M.A.S.C. 582
 Mendonça, M. 626
 Meneses, M.P. 43, 44, 100, 544
 Meneses, M.P. de 550, 596
 Menestò, E. 12, 185, 554
 Mengozzi, G. 544
 Merle, H. 582
 Miccoli, L. 204, 553, 582, 592
 Michael, B. 582
 Michalski, K. 582
 Michaud-Quantin, P. 318, 355, 365, 373, 375, 386, 388, 412, 413, 447, 460, 582, 612, 626
 Micheau, F. 276, 291, 622
 Michon, C. 314, 627
 Migne, J.-P. 318, 320, 321, 322, 350, 373, 383, 492, 519, 582, 607, 613
 Miguel de Biertrykova (Michael Parisiensis, Michal Twaróg z Bystrykova) 572
 Miguel Escoto 226, 230, 242, 370, 371, 408, 446
 Miguel Psello 80, 602
 Miraeus, A. 549
 Mittelstraß, J. 604
 Mohan, G.E. 556
 Moncho, J.R. 328, 364, 365, 452, 476, 495, 612
 Moniz, A.C.A.F.E. 582
 Monleone, G. 53, 627
 Montel, R. 582
 Moreau, J. 392, 582, 583
 Moriani, L. 36, 627
 Moroni 43
 Morpurgo, P. 87, 286, 287, 289, 290, 583, 627
 Muckle, J.T. 326, 329, 364, 374, 395, 409, 412, 607, 611
 Mulchahey, M.M. 206, 627
 Mullally, J.P. 141, 148, 182, 183, 184, 192, 197, 202, 217, 565, 566, 583, 597
 Müller, P. 583, 593
 Muñoz Delgado, V. 158, 556, 583
 Muñoz García, A. 207, 583, 627
 Muratori, L.A. 48, 53, 550
 Murdoch, J.E. 601
 Nagel, S. 241, 244, 248, 334, 338, 343, 408, 496, 583, 584
 Nannizzi, A. 182, 584
 Nardi, P. 22, 35, 36, 285, 584
 Nascimento, A.A. 554
 Naudé, G. 70, 79, 549
 Nebbiai-Dalla Guarda, D. 232, 246, 584
 Nemésio de Emesa 364, 365, 367, 375, 376, 452, 476, 495, 520, 612
 Nery, J.C. 584
 Neves, A.J.G. 584
 Newman, W.R. 300

- Nicolao Antonio..... *ver* Antonio, N.
 Nicolao Trevet 48, 549
 Nicolau Copérnico 572
 Nicolau de Paris..... 335, 612
 Nicolau Hispano 41
 Nicolau Trivet.....
 Nicolini, U. 37, 544, 585
 Nicoud, M. 270
 Niederberger, A. 324, 607
 Niedling, J. 557
 Nienhaus, D. 555
 Niermeyer, J.F. 312, 502, 627
 Nitschke, A. 549
 Noret, J. 95
 O'Boyle, C. 288, 585
 O'Daly, G. 321, 627
 Ober, W.B. 585
 Oguejofor, J.O. 420, 627
 Oldoino, A. 71, 80, 549
 Olivero Bretão 335, 612
 Ong, W.O. 585
 Oroz Reta, J. 265, 320, 612
 Orturaz, M. 585
 Ossinger, J. 68
 Ossinger, J.F. 76, 77, 549
 Ottobono Fieschi..... 37, 42
 Pacheco, M.C.M. 7, 8, 516, 517, 627
 Pagano, S. 39, 618
 Palatio, J. 71, 72, 550
 Panaccio, C. 494, 585, 627
 Paniagua, J.A. 188
 Pansier, P. 102, 279, 585
 Panvinio, O. 65, 68, 550
 Paqué, R. 574, 585
 Parain, B. 9, 26
 Paravicini Bagliani, A. 42, 43, 44, 183, 580, 585, 586
 Paris, BN, lat. 6956..... 81
 Park, S.-C. 586
 Parodi, M. 9, 265, 569, 618
 Parret, H. 568
 Parys, J. van 270, 575
 Pasnau, R. 469, 478, 479, 627
 Patar, B. 205, 612, 627
 Pedro Abelardo 192
 Pedro Afonso O.P. 216
 Pedro Comestor 60
 Pedro Crockaert 571
 Pedro da Irlanda..... 613
 Pedro de Abano, *Tractato dei veleni* 93, 182
 Pedro de Alcalá..... 171
 Pedro de João Olivi..... 468
 Pedro de Musanda..... 176
 Pedro de Salerno..... 111
 Pedro de Tarantésia..... *Ver* Inocêncio V
 Pedro de Tossignano..... 275
 Pedro Hispano..... *Ver* índices próprios
 Pedro Hispano canonista..... 78, 84
 Pedro Hispano gramático..... 191, 217, 612
 Pedro Julião *Ver* índices Pedro Hispano
 Pedro Lombardo 7, 373, 520, 613
 Peirce, C.S. 150, 175, 182
 Pereira, M. 296
 Pereira, M.H.R. 102, 104, 121, 135, 143, 144, 146,
 159, 160, 169, 171, 270, 271, 272, 273, 274, 275,
 276, 277, 278, 281, 306, 531, 586, 587
 Perelman, F. 95, 623
 Peres, D. 22, 68, 565
 Pérez Bayer, F. 77, 546
 Perez Botero, L. 587
 Pérez-Ilzarbe, P. 191, 203, 564, 568, 570, 578, 604
 Perini, D.A. 77, 628
 Pesenti, T. 286, 587
 Petella, G.B. 21, 36, 60, 110, 587
 Peters, F. 306
 Peters, F.E. 312, 516, 628
 Petracci, L. 587
 Petrarca, F. 550
 Petrus de Juliaco 282
 Phares, S. 185
 Phares, S. de 70
 Philosophica disciplina..... 337, 607
 Piazzoni, A.M. 322, 611
 Picard, L. 587
 Picard, N. 587
 Piché, D. 45, 454, 628
 Picotti, G.B. 587
 Pietro Parenti 37
 Pimenta, A. 587
 Pimentel, M.C.C.-M.S. 606
 Pina, L. 586, 588
 Pina, L. de 237
 Pinborg, J. 568, 588, 617, 623, 625
 Pinchard, B. 11, 323, 607, 626, 628
 Pinheiro, A.S. 132, 133, 351, 508, 588, 589, 610
 Pinto, S.S. 589
 Pires, C. 589
 Piron, S. 469, 627
 Pironet, F. 480
 Pispani, mag., *De partibus corporis humani, de coitu,*
de honesta et mala muliere 92, 172
 Pithis, J.A. 290
 Platão 12, 313, 325, 333, 350, 364, 372, 516
 Platina 63
 Platina, B. 550
 Platina, B. 62, 66
 Plotino 323, 324, 350, 375
 Pontes, J.M.C. 17, 19, 35, 46, 124, 132, 137, 138, 164,
 172, 218, 219, 220, 228, 231, 239, 241, 243, 250,
 254, 265, 298, 299, 343, 381, 416, 438, 496, 514,
 559, 566, 589, 590, 591, 598
 Ponzio, A. 204, 553, 582, 592
 Porfírio 24, 625
 Potthast, A. 545
 Potts, T.C. 500, 628
 Pouillon, H. 124, 252, 559, 589, 592
 Powicke, F.M. 205, 628
 Pozzi, L. 592
 Praça, J.J.L. 592

Prantl, C.	565, 569, 592, 602	Roy, B.	595
Prinz, O.	554	Rudolfo Agrícola	207
Privitera, S.	590	Rudolph, E.	12, 628
Proclo	324	Ruëg, W.	27, 628
Prunai, G.	543	Ruello, F.	251, 252, 254, 255, 438, 506, 513, 595
Ptolomeu de Luca	53, 54, 55, 62, 63, 551	Ruh, K.	557
Puggioni, S.	593	Ryan, W.F.	305, 629
Pujia, R.	494, 626	Sá, A.M.19, 22, 37, 38, 40, 43, 44, 100, 105, 202, 544, 550, 552, 596	
Purificação, A.	67, 68, 75, 76, 550	Saarinen, R.	483, 629
Putallaz, F.-X.	9, 479, 622, 628	Sacchi, B.	Ver Platina
<i>Questiones de Antidotario Nicolai</i>	84, 180	Saffrey, H.-D.	312
<i>Questiones in tres libros de anima</i>	373, 376, 608	Sainati, V.	596
Quétif, J.	78, 557	Salimbene de Adam	29, 49, 50, 51, 550, 561
Quinto, R.	251, 628	Salmón, F.	112, 113, 118, 596
Rábano Mauro	320, 613	Salvino, L.	590
Raedemaker, J.	557	Sánchez del Bosque, M.	596
Raimundo Lúlio	188, 199, 571	Santiago-Otero, H.	251, 557
Rámon Guerrero, R.	306	Santos, D.	596
Rashdall, H.	205, 628	Santos, D.M.G.	596
Rashed, R.	326, 622	Santos, G.	596
Rasis	294	Santos, M.A.F.	105, 107, 124, 597
Remigio	375, 376	Saranyana, J.I.	597
Renzi, S.	102, 279, 593	Sarton, G.	266, 267, 274, 275, 597
Resende, A. de	202, 550, 596	Saxl, F.	518, 629
Reuter, M.	265	Sbaraglia, J.H.	297
Ribeiro, I.S.	593	Scalia, G.	29, 49, 52
Ricardo de S. Vitor	520	Scalinci, N.	267, 597
Ricardo Rufo da Cornualha	173	Scheeben, H.C.	548
Ricardo, cantor da Sé de Lisboa	39	Scheffer, H.	597
Riccobaldo de Ferrara	48, 56, 58, 85, 550, 631	Schipperges, H.	126, 128, 129, 130, 185, 289, 294, 597, 598
Ricœur, P.	15, 16	Schlögel, A.	17, 172, 239, 416, 438, 442, 491, 589, 598
Ridder-Symoens, H.	27, 628	Schmidt, C.B.	305, 629
Riesman, D.	593	Schmitt, J.-C.	620
Rigg, A.G.	12, 626	Schneyer, J.-B.	134, 264, 557
de Rijk, L.M.6, 10, 14, 17, 18, 19, 141, 168, 175, 192, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 214, 288, 311, 531, 548, 553, 567, 568, 569, 571, 576, 582, 583, 592, 593, 594, 628		Schönberger, R.	97, 132, 557
Risse, W.	557	Schoot, Henk J.M.	598
Roberg, B.	594	Schröer, H.	558
Roberto de Courçon	319	Schulthess, P.	555, 629
Roberto Grosseteste ..20, 109, 329, 485, 518, 520, 613		Sebti, M.	492, 629
Roberto Kilwardby	337, 338, 613	<i>Secretum secretorum</i> Ver Aristóteles, pseudo, <i>Secretum secretorum</i>	
Robertus Anglicus	202	Segonds, A.-Ph.	625
Robison, E.G.	594	Séneca	367, 375, 376, 631
Robles, L.	557	Sententia super II et III De anima	376, 608
Robles, O.	594	Seppelt, F.X.	597
Rodrigues, M.A.	251, 594	Sergi, G.	8, 629
Rogério Bacon	188, 191, 215, 269, 420	Serrão, J.	570
Rogério Bacon (?), <i>Opus puerorum</i> .93, 167, 191, 215		Serrão, J.V.	598
Rolando de Cremona	20	Sezgin, F.	287, 629
Rose, V.	565, 592, 595	Sharp, R.	95, 178, 206, 216, 629
Rosemann, P.W.	8, 628	Shields, A.L.	237, 446, 610
Rosenberg, Sh.	150, 595	Sifrido, presb. de Balnhusi	550
Rosier-Catach, I.	203, 205, 568, 595, 617	Sigério de Brabante	60, 479
Ross, D.	315, 444, 446, 470, 628	Silagi, G.	593
Rossi, P.	46, 595	Silva, C.H.C.	589, 598
Rossi, P.B.	12, 27, 618, 628	Silva, L.C.	598
Rotschild, J.P.	152		

- Silvestre, H. 282, 629
 Simão de Faversham..... 205, 602
 Simão de Pharès..... 63, 551
 Simler, I. 64, 547, 555
 Simonin, H.-D..... 571, 598, 599
 Siraisi, N.G. 276, 286, 599, 629
 Sisto IV 62
 Smet, A.J..... 331, 558
 Soares, L. R..... 16, 599
 Solère, J.-L- 323, 324, 403, 607, 626, 629
 Soto Rábanos, J.M. 36, 251, 372, 621, 626
 Sousa Costa, A.D..... *Ver* Costa, A.D.S.
 Souto, A. 599
 Souto, A.M. 22
 Spaggiari, B. 296
 Speer, A. 10, 324, 417, 432, 480, 500, 526, 575,
 614, 615, 617, 621, 623, 629, 630
 Spinosa, G. 372, 629
 Sponde, H. 550
 Spruyt, J. 141, 210, 213, 401, 599, 599
 Stapper, R. 35, 43, 51, 80, 86, 139, 306, 544, 599, 605
 Steel, C. 241, 242, 485, 576, 584, 629
 Stegmüller, F. 7, 629
 Steinschneider, M. . 145, 146, 150, 152, 291, 600, 629
 Stephanus de Claveto/Chaveto 117
 St-Onge, B. 554
 Stroick, C. 330, 444, 606
 Stump, E. 149, 168, 201, 576, 594, 600, 617, 623, 625
 Südhoff, K. 104, 145, 273, 284, 305, 600
Summa fratris Alexandri 376
Summule antiquorum 168
 Sylla, E.D. 601
 Taddeo degli Alderotti 37
 Talbot, C.H. 321, 322, 606, 629
 Tales de Mileto 333
 Tarafa, F. 551
 Tavares, S. 600
 Teixeira, J. 312
 Telle, J. 279, 600, 601
 Teodoro 267
 Teófilo 269
 Teresa 306
 Tertuliano 320
 Teske, R.J. 331, 453, 611
 Thedeus Parisiensis 136
 Theologia Aristotelis 323
 Théry, G. 251, 252, 256, 559, 601
 Thijssen, J.M.M.H. 43
 Thijssen, J.M.M.H. 13, 601, 629
 Thirry, A. 558, 601
 Thomas, L. 232, 233, 548, 601
 Thomasset, C. 276, 622
 Thorndike, L. 103, 116, 128, 142, 143, 163, 269, 279,
 282, 295, 558, 601
 Thurot, C. 565, 592, 601, 602
 Tiago de Varazze 29, 52, 53, 246, 548
 Tiago de Veneza 226, 230, 370, 408, 446
 Tiago, card. de Santa Maria in Cosmedin 40
 Tinè, A. 602
 Tomás Bricot 64
 Tomás de Aquino 19, 40, 46, 53, 55, 60, 133, 199,
 213, 324, 349, 373, 405, 416, 437, 447, 478, 490,
 520, 571, 599, 613
 Tomás de Aquino, pseudo, *De fallaciis* 175
 Tomás de Mercado 158, 602
 Tomás de Portugal 10
 Tomás Gaulês 251, 252, 253, 259, 260, 261, 438,
 506, 559, 614
 Torrell, J.-P. 55, 629
 Torres, R.A. 602
 Totok, W. 558
 Toubert, P. 580
 Tovar, C. de 145, 275, 602
Tractatus de conceptione deiparae Virginis 72, 84,
 93, 183
Tractatus exponibulum 93, 18, 1216
Tractatus syncategorematum 183, 217
 Tricot, J. 371, 608
 Tritémio, J. 62
 Tritémio, J. v, 30, 62, 184, 551
 Trittenheim, J. *ver* Tritémio, J.
 Trottmann, C. 437, 500, 502, 602, 630
 Tugwell, S. 17, 209, 602
 Tusquets Terrats, J. 565
 Työrinoja, R. 299, 583, 590
 Überweg, F. 558
 Ullmann, M. 287, 630
 Urbano IV 40, 42
 Urbano VI 38
 Urdañoz, T. 570
 Urmeneta, F. 602
 Van den Abeele, B. 242, 247, 602
 Van Dijk, J. 168, 576, 594, 201
 Van Moe, E. 602
 van Riet, S. 630
 Van Riet, S. 324, 325, 386, 395, 408, 409, 411, 415,
 420, 435, 442, 444, 451, 463, 492, 493, 498, 610,
 630
 Van Steenberghen, F. 6, 216, 233, 438, 479, 602, 608,
 619, 630
 Vauchez, A. 51, 575, 615
 Vecchio, S. 241, 496, 584
 Vegas González, S. 28, 291, 630
 Velásquez, L. 603
 Veloso, Q. 554
 Vennebusch, J. 373, 376, 608
 Verbeke, G. 318, 324, 328, 364, 365, 411, 452, 463,
 476, 495, 610, 612, 630
 Verger, J. 11, 630
 Vian, P. 51, 630
 Viano, C.A. 12, 27, 618, 628
 Vicente de Beauvais 376
 Victorelli, A. 72
 Vignaux, P. 5, 8, 12, 579
 Villani, G. 551
 Vincent, G. 554
 Vitale, V. 603
 Voelke, A.-J. 631

Voelke, A-J.....	484	Wieland, G.	488, 631
Vones, L.....	603	Wilke, W.	102, 139, 279, 603
Wack, M.F.....	603	Williams, S.J.	305, 631
Wailly, N.	48	Wilpert, P.	589
Walsh, J.J.....	603	Wingate, S.D.	243, 603
Walter, H.	148	Wlodarczyk, T.....	553, 604
Waszink, J.H.....	364, 365, 610	Wolters, G.	604
Wéber, É.-H....	319, 321, 452, 454, 468, 518, 520, 631	Wood, R.	173
Wedek, H.E.....	149, 603	Xavier, M.L.	251, 604
Weijers, O....	11, 12, 205, 220, 320, 558, 617, 625, 631	Xenócrates.....	364
Weiland, L.	47, 548	Yrjönsuuri, M.	604
Weisheipl, J.A.....	188, 631	Zambrini, F.....	117, 182, 604
Wenin, C.....	631	Zanella, G.	58, 631
Werlin, B.	65	Zanolli, L.	604
White, K.....	315, 370, 396, 401, 608	Zdekauer, L.	21, 605
Wicher, H.B.....	329, 631	Zimmermann, A.	563
Wickersheimer, E.	63, 96, 99, 102, 104, 115, 120, 126, 127, 129, 135, 136, 143, 160, 167, 168, 169, 171, 172, 186, 266, 302, 558	Zink, M.....	217, 577, 621
		Zonta, M.....	150, 158, 159, 605

IV. Índice geral

Tábua geral	5
Nota sobre as citações	6
Antelóquio. Pedro Hispano e as diversidades rebeldes	5
I. Panorama sobre a atribuição de obras a Pedro Hispano	33
Cap. 1. Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano	34
1. O silêncio dos documentos	35
2. Ruído dos historiadores e bibliógrafos	46
Cap. 2. As lições dos manuscritos	87
1. Sinopse da atribuição de obras nos manuscritos	88
2. Clavis operum Petro Hispano adscriptorum (Elenco das obras atribuídas a Pedro Hispano)...	95
II. Há um corpus petrínico ?	191
1. Lógica	195
O Tractatus, o Tractatus maiorum fallaciarum e as Summule antiquorum	195
Os Syncategoreumata e o Opus puerorum	214
Obras espúrias de lógica	220
2. Filosofia natural	221
A Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis e as outras obras alegadas pelo autor	221
A Scientia libri de anima e o Liber de morte et vita	235
Outras obras, inexistentes ou erradamente atribuídas	242
3. Zoologia	245
Os comentários sobre o De animalibus	246
Problemata	252
4. Teologia e apologética	253
Os comentários a Dionísio pseudo Areopagita	253
Sermones praedicabiles	268
5. Medicina	269
A) Compilações e receituários	270
Liber oculorum	271
Tractatus mirabilis aquarum	272
De curis oculorum	273
Summa de conservanda sanitate	274
De his que conferunt et nocent	275
Qui vult custodire sanitatem stomachi	277
Tractatus dietarum totius anni ad utilitatem humani corporis	277
Diete super cyrurgia	278
Thesaurus pauperum	279
De febribus	282
Synonyma pharmacologica	282
Anathomia corporis	283
De phlebotomia	283
Tabula phlebotomie secundum Avicenam	287
---Atribuição dos opúsculos	288
B) Comentários e glosas	290

Glose et questiones super Viaticum Constantini.....	293
Glose super De pulsibus Philareti	294
Glose super Tegni Galeni.....	295
Glose supra Pronostica Hippocratis	296
Notule super Isagoge Iohannicii in Artem parvam Galeni	297
Notule super regimine acutorum Hippocratis	298
Quaestiones super libro de crisi et super libro de diebus decretoriis Galeni	298
Scriptum et questiones super libro De dietis particularibus Isaac Iudei	299
Scriptum et questiones super libro De dietis universalibus Isaac	300
Scriptum et questiones super libro De urinis Ysaac	300
Super libros aphorismorum Hippocratis	301
6. Alquimia e astrologia	301
Liber naturalis de rebus principalibus naturarum.....	303
Operatio ad congelandum mercurium in veram lunam.....	304
Veni Mecum.....	305
Verba secreta in arte Alkimie.....	305
7. Cartas e bulas pontificias de João XXI	307
8. Outras obras	307
De formatione hominis tractatus	307
De medenda podraga tractatus	308
Glose super Hippocratem De natura puerorum.....	309
Consilium de tuenda valetudine	310
50 obras (e mais algumas) em busca de autor	312
III. Metafísica do homem	315
Cap. 1 Ciência da alma, ciência do homem	318
1.1. Problemas e fontes.....	319
1.2. Natureza e condições de uma ciência da alma (isto é, do homem)	338
Objecto e lugar da ciência da alma	339
A ciência da alma e a filosofia	350
Cap. 2 A natureza humana	355
2.1. Corpo e alma	355
2.1.1. Natureza e definição da alma	356
Na Sententia cum questionibus	356
Na Scientia libri de anima	363
2.1.2. A relação alma-corpo	374
2.2. As faculdades da alma.....	376
Na Sententia cum questionibus	383
Na Scientia libri de anima	387
2.3. O conhecimento	397
2.3.1. Na Sententia cum questionibus	398
2.3.2. Na Scientia libri de anima	408
2.3.2.1. Os sentidos e a apreensão das formas	414
2.3.2.2. Os intelectos e as formas inteligíveis	421
O que é conhecer	423
O triplo intelecto	433
Os três agentes do intelecto e a filosofia da primeira metade do século XIII.....	437
A inteligência agente e a posição doutrinal de Pedro Hispano.....	443
Os graus do conhecimento e a memória intelectiva	450
2.4. O agir humano.....	458
2.4.1. Psicologia da actividade	463
2.4.1.1. Actividade vegetativa e actividade sensitiva.....	465
2.4.1.2. Da vontade à liberdade do arbítrio	475
2.5. Conhecimento, contemplação e felicidade: os fins do homem	492
O conhecimento de si.....	497
Linguagem interior e racionalidade humana.....	500
A conjunção com a inteligência agente.....	505
A “theophilosia” e a consumação da suprema felicidade da alma.....	507

Cap. 3 O homem microcosmo na Scientia libri de anima: uma antropologia situada	518
Conclusões	537
Bibliografia	549
Nota explicativa	549
1 Bibliografia sobre Pedro Hispano	551
I. Fontes	551
1. Documentos	551
a) Registos biográficos	551
b) Bulas papais	552
2. Narrativas (séculos XIII-XVIII)	553
II. Edições das obras atribuídas a Pedro Hispano	559
III. Estudos	562
1. Repertórios e bibliografias	562
2. Monografias	566
2 Bibliografia geral	614
I. Fontes	614
II. Estudos	622
Índices	641
I. Manuscritos citados	642
II. Índices Pedro Hispano	646
1. Quadros e esquemas	646
2. Índice da Clavis operum	647
3. Obras atribuídas a Pedro Hispano citadas	651
III. Obras anónimas e autores citados	655
IV. Índice geral	667

